DICIONARIO BIBLIOGRAFICO PORTUGUÊS

ESTUDOS

DE

INOCENCIO FRANCISCO DA SILVA

APLICAVEIS

A PORTUGAL E AO BRASIL

CONTINUADOS E AMPLIADOS

POR

BRITO ARANHA

EM VIRTUDE DE CONTRATO CELEBRADO COM O GOVERNO PORTUGUÊS

e com amplo estudo critico acêrca da obra monumental de Alexandre Herculano

POR

J. J. GOMES DE BRITO

TOMO XXI

(14.º do suplemento)

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

M CM XIV

DICIONARIO

BIBLIOGRAFICO PORTUGUÊS

DICIONARIO
BIBLIOGRAFICO PORTUGUÊS

ESTUDOS

DE

INOCENCIO FRANCISCO DA SILVA

APLICAVEIS

A PORTUGAL E AO BRASIL

CONTINUADOS E AMPLIADOS

POR

BRITO ARANHA

e com amplo estudo critico acêrca da obra monumental de Alexandre Herculano

POR

J. J. GOMES DE BRITO
Da Sociedade de Bibliofilos «Barbosa Machado»

TOMO VIGESIMO PRIMEIRO

(Decimo quarto do suplemento)

A

LISBOA
NA IMPRENSA NACIONAL
M CM XIV

A. Herculano

ALEXANDRE HERCULANO

Algumas notas acêrca da sua vida, das suas obras historicas, criticas e politicas, e do seu centenario em 1910

Bibliografia

I

Escrevi no tomo antecedente que destinaria os meus trabalhos e estudos do seguinte, o XXI, que ia entrar no prelo da Imprensa Nacional, ao grande cidadão, benemerito patriota e insigne historiador, Alexandre Herculano, á sua obra, á sua biografia com pormenores pouco divulgados e agora quasi desconhecidos; á sua constante e tenaz propaganda liberal, que provarei, em prol dos pequenos e humildes, em beneficio dos que necessitam de protecção, de luz e de justiça, contra as invasões dos poderosos em detrimento dos fracos, atacando a hipocrisia onde se aninha para iludir os incautos, derrubando preconceitos e superstições que são alimentadas para enganar os ingenuos; deixar enfim nestas paginas elementos para se formar ideia mais completa e perfeita do caracter do egregio escritor.

A sua vida não foi infelizmente muito longa, porém foi abundante de exemplos que devem imitar-se e a sua doutrina derramada tão brilhantemente por esse varão insigne não é de certo muito conhecida, ou, antes, perfeitamente conhecida nas suas linhas mais correctas pelas gerações que se lhe seguiram e os dados biograficos e as apreciações criticas não são de molde a fixar bem a estatura gigantéa d'esse grande homem privilegiado, que teve muitos detractores a amargurarem-lhe a existencia, apesar de ter procurado, para se afastar das calumnias vis e das invejas baixas, local ermo onde se conservasse alheio ao bulicio, ás intrigas e ás vaidades mundanas, mas rodeado da exuberancia vegetativa dos campos e dos perfumes das plantas nos jardins e nas praias, e gozando dos triunfos alcançados nos processos da cultura a que se dedicara com amor.

O trabalho não é facil e parece-me superior ás minhas debeis forças. Anima-me a ideia de que dos apontamentos coligidos e dos materiaes que desde muito entesouro para este fim, aproveitarão por sem duvida mais vigorosos e mais bem preparados do que eu para o efectuar em beneficio das boas letras e dos bons

principios liberaes tão postos de lado, tão esquecidos e tão depreciados, pelos que teem desejado viver e teem procurado medrar no meio de trevas, fazendo retrogradar a civilização que é a luz penetrante dos povos. Seja-me pois levado em conta a minha singeleza em o declarar.

II

Começarei por dar maior vulgarização a documentos, que viram a luz ha 55 anos, resultado de um dos maiores desgostos que feriram na sua dignidade e no seu pundonor o homem e o escritor, e Alexandre Herculano foi obrigado a afastar-se então dos seus estudos predilectos e da efectividade dos trabalhos academicos em que era considerado o primeiro de todos. O que então ocorreu conhecer-se-ha melhor e o conceito a fazer-se assentará em bases mais seguras e dará maior fulgor á justiça recta. A historia integra e imparcial não poderá ter outros alicerces. Estes ficarão assim fortes, inabalaveis e incorrutiveis.

A sua grande obra consta da bibliografia registada já neste *Diccionario*, nos tomos I e XX, e será acrescentada com os volumes publicados, depois do centenario ou que a ele se refiram, e poderá ser novamente apreciada á vista dos estudos feitos para a comemoração gloriosa d'esse centenario. Foi extraordinario o numero de publicações avulsas escritas de proposito e não é menor a colecção de periodicos de toda a ordem em que se fazia lisongeiramente e com brilhantismo essa comemoração. Viu-se com efeito neles a anciedade da glorificação, mas em alguns apareceu nota dircordante, que não me preocupa porque é de grande injustiça e de gravissimo erro naquele momento pretender lançar alguma sombra sobre o vulto de Alexandre Herculano. Ele, na sua estatura herculea, ficará superior a todos e a tudo. Não lhe perdoavam que ele desfizesse lendas que a hipocrisia e a ignorancia queriam que passassem como factos historicos e que do alto da sua filaucia e do seu poder, que declina, o ultramontanismo, inspirado e guiado pelos dirigentes de Roma, entenebrecessem os clarões da civilização. Mas, não o esmagaram, nem o aviltaram, creiam-no!

III

Para que se possam conhecer bem as razões que levaram Alexandre Herculano a separar-se da Academia das Sciencias de Lisboa, como o seu procedimento foi apreciado nas sessões da segunda classe e da assembleia geral da mesma douta agremiação, o que ele teve de escrever na despedida e o que a Academia entendeu que devia relatar ao Governo para que este pudesse providenciar, pareceu-me necessario e conveniente transcrever alguns documentos de uma publicação, pouco vulgarizada e á qual naquela epoca tambem não foi dada larga publicidade. É a *Conta dirigida ao Ministerio do Reino pela segunda classe da Academia das Sciencias de Lisboa sobre os trabalhos relativos á publicação dos monumentos historicos de Portugal e sobre a suspensão d'eles*. Lisboa, na typografia da Academia, 1856, 4.º de XVIII–91 pag. e mais 1 de errata.

Na primeira parte d'este opusculo vem o oficio que o presidente interino da classe, Antonio de Oliveira Marreca, endereçou ao ministro Julio Gomes da Silva Sanches dando-lhe conta do que ocorrera na Academia, e d'ele basta copiar o seguinte:

«Tendo resolvido a classe de Sciencias Moraes, Politicas e Bellas Letras da Academia Real das Sciencias de Lisboa, que eu, na qualidade

de seu presidente interino, fizesse subir ao conhecimento do Governo de Sua Majestade os motivos por que a mesma classe entendeu que não podia proseguir na publicação dos Monumentos Historicos de Portugal desde o VIII até ao XV seculo, cumpro este dever, expondo o que tem ocorrido acêrca da referida obra, cujos progressos, adiantamento e despesa constam do relatorio junto, participando ao mesmo tempo a V. Ex.ª que a classe julgaria faltar a todas as obrigações de probidade se continuasse a receber o subsidio, votado em Côrtes, para uma obra que se acha suspensa, e que não depende do zelo de nenhum dos seus membros continuar, porque todos, á excepção de um, se escusaram de a dirigir, declarando faltarem-lhes as habilitações especiaes que para ela se requerem.

As tres actas da assembleia geral, inscritas sob os n.ºs 1, 2 e 3, na colecção dos documentos anexos ao presente oficio, indicam as razões por que o socio Vice-Presidente, o Sr. A. Herculano, se despediu da direcção dos Monumentos Historicos, e da Academia, e as instancias da corporação para o demover de uma resolução tão delicada da sua parte, quanto fatal para o interesse das letras; bem como os oficios marcados com os n.ºs 4, 5, 6 e 7 mostram como a classe, antes de ser obrigada a resignar o encargo na presença do Governo de Sua Majestade, não poupou esforços para conseguir que tão grandioso trabalho não ficasse apenas nos alicerces.

Infelizmente o unico socio, d'aqueles a quem oficiou, que se ofereceu para tomar a si a empresa, recusando-se a expor o seu plano de execução e a provar as habilitações especiaes que para ela se exigiam, não fez senão demonstrar que a sua bôa vontade lhe disfarçava talvez os obstaculos».

No relatorio, que acompanhava o oficio citado, tambem com a assinatura de Antonio de Oliveira Marreca, dá-se plena conta dos trabalhos realizados por Alexandre Herculano até a data indicada, d'este modo (pag. III a VIII):

«Intentando a publicação dos Monumentos Historicos de Portugal desde o VIII até o XV seculo a Classe de Sciencias Moraes, Politicas e Belas Letras começou por distribuir em epocas os trabalhos de indagação e catalogação dos mesmos monumentos. A primeira epoca devia abranger os do seculo VIII até quasi os fins do XIII (reinado de Afonso III).

Ao socio A. Herculano foi encarregado o exame dos archivos publicos e bibliotecas manuscritas do reino, como especialmente habilitado para um trabalho que requeria pratica de archivos e conhecimentos mais que vulgares de diplomatica, e nomeadamente de paleografia. Os outros membros da secção de Historia e Antiguidade foram incumbidos de examinar e apontar tudo quanto se encontrasse nos livros impressos nacionaes e estrangeiros que devesse entrar na coleção.

Examinados os archivos e bibliotecas de Lisboa, especialmente a Torre do Tombo, o socio A. Herculano, na qualidade de comissario da Academia, correu as provincias do norte do reino em cujos archivos eclesiasticos e seculares restam as principaes riquezas neste genero, sobretudo em relação aos tempos mais antigos. D'aí trouxe notas da existencia de mais de doze mil monumentos de toda a especie pertencentes á 1.ª epoca, que deviam ser chamados a Lisboa para se examinarem detidamente, e transcreverem-se aqueles que se reputassem dignos de entrar na coleção, não sendo menor talvez o numero dos existentes na capital, a respeito dos quaes era necessario fazer a mesma seleção. Estes trabalhos preliminares realizaram-se no decurso de 1853

e 1854, sendo ajudado o socio A. Herculano por um unico amanuense da Torre do Tombo, que o acompanhou nas suas viagens, com uma gratificação modica[1]. Entretanto os socios Costa de Macedo, Canaes e Cunha Neves, começavam as indagações nos livros impressos que lhes haviam sido cometidos. Para empreender os trabalhos definitivos da publicação era necessario que os monumentos apontados nas provincias viessem a Lisboa, e que ao menos se obtivesse a cooperação de outro amanuense, tão habil paleografo e inteligente como o que já se achava em serviço da Academia. O socio A. Herculano indicou o que reputava com as qualificações requeridas, qualificações raras, porque são pouquissimos os que se dão a este genero de estudos tediosos e dificeis. O individuo indicado, antigo amanuense da Torre do Tombo, ocupava um logar numa repartição dependente do Ministerio da Justiça. A Academia pediu as ordens necessarias para se realizarem á sua custa as remessas dos monumentos provinciaes para a Torre do Tombo, onde por maior segurança desejava fossem depositados, e para ser posto á sua disposição o empregado de cuja cooperação carecia.

O Ministerio do Reino mostrou a melhor vontade em satisfazer ás reclamações da Academia; mas o da Justiça opoz a resistencia possivel a que fossem atendidas. Esta resistencia inexplicavel vinha dos empregados subalternos. O ministro deu provas dos mais sinceros desejos de associar os seus esforços á realização de uma empresa em que interessavam a gloria e o pundonor nacional. Mas nem sempre a vontade dos ministros pode vencer as resistencias dissimuladas e astutas dos chefes das repartições. É para isso muitas vezes necessaria uma vontade de ferro, que nem todos teem. Obteve-se o amanuense depois de porfiada luta: obteve-se a expedição de ordens para o bispado de Coimbra; mas a expedição de iguaes ordens relativamente ao de Lamego ainda até hoje não póde alcançar-se, e o mesmo provavelmente sucederia com outras dioceses, se a Classe não julgasse oportuno esperar algum tempo para solicitar do Parlamento mais energicas providencias.

No meio dos trabalhos preliminares de inventario, e depois de concluidos estes, começaram-se os de exame, transcrição e disposição de materiaes para a obra. Sendo ela dividida em tres corpos (segundo o plano adoptado), de Escritores — Legislação — Diplomas e Actos varios — reconheceu-se, á vista das notas e apontamentos coligidos, que cumpria recomeçar a impressão pelo corpo dos monumentos legislativos. O reconhecimento geral dos archivos do Reino provára que á excepção de um limitado numero do documentos de direito publico municipal, os archivos das provincias nada conservavam em relação á 1.ª epoca, que pudesse aproveitar-se para este corpo. Em Lisboa existiam todos os materiaes necessarios para começar a impressão. Assim procedeu-se imediatamente a esta debaixo da direcção do socio A. Herculano.

Entretanto obtinha-se coligir os monumentos narrativos, que deviam abrir a serie dos Escritores. O uso dos que a Academia não podia

---

[1] Este solicito amanuense, já conhecido e apreciado pela sua dedicação á Torre do Tombo, onde depois subia gradnalmente por serviços e merecimentos, em cnjas elevadas funções está desde muito aposentado, é o Sr. José Manuel da Costa Basto, o mesmo ilustre funcionario que na sua amizade filial e na sua admiração constante e bem fundada pelo gigante Mestre o acompanhou em todas as vicissitudes da sua perigrinação literaria até o fim da vida, como direi adeante.

Disse-se e saiu algures que esse amanuense ganhara em tal comissão 30$000 réis anuaes. Não é bem assim. O serviço de Alexandre Herculano no periodo notado foi de 3 meses em 1853 e de 3 meses em 1854 e o Sr. Costa Basto recebia 10$000 réis em cada mês, o qne dá 30$000 réis pelo trimestre. A gratificação de 10$000 réis em cada mês para andar por montes e vales, separar manuscritos quasi indecifraveis e receber carradas de poeira que lhe prejudicavam a saude, era de regalar!...

José Manuel da Costa Basto

alcançar pelos seus proprios esforços, dependia quasi unicamente de ordens do Ministerio do Reino. Assim a secção de Historia e Antiguidades póde facilmente desfrutá-los. Apenas faltava o Chronicon Lamecense, conservado na Sé de Lamego. Interpunha-se entre ele e a Classe, a malevolencia vandalica da Secretaria da Justiça. Foi preciso recorrer ao artificio, cousa incrivel no meio da Europa neste seculo civilizado, para adquirir uma copia rigorosamente exacta d'essa pequena mas importante memoria historica. Se ainda faltavam alguns monumentos para prosseguir por muito tempo a impressão da serie dos Escritores, havia comtudo bastantes para ela começar e progredir até certo ponto sem quebra da disposição e ordem da mesma serie, emquanto se não removiam de um modo ou de outro os obstaculos suscitados pela ignorancia e desprezo das cousas publicas. Apenas, portanto, se achou terminada a impressão do 1.º fasciculo da serie de Legislação, encetou-se a das memorias e narrativas ou dos Escritores. É o 1.º Fasciculo d'esta serie que se acha actualmente no prelo, tendo-se obrigado a concluir a sua impressão o socio A. Herculano, encarregado dos trabalhos da publicação, posto que haja dado a sua demissão de Vice-Presidente e de membro efectivo da Academia.

Alem das copias dos monumentos ineditos, ou publicados que foi preciso transcrever de novo, existem na Academia as de muitos outros, que abaixo serão enumerados. Todas foram tiradas com o maior esmero, e quasi todas se acham já escrupulosamente conferidas com os originaes. Estas copias devem entrar nos subsequentes fasciculos da 1.ª e da 2.ª serie, e nos primeiros da 3.ª, quando se tenham reunido das provincias os diplomas e actos da 1.ª epoca, sobretudo os que pertencem aos seculos VIII, IX, X e XI, que, tendo de ser dispostos por ordem chronologica, só podem começar a imprimir-se depois de integralmente coligidos.

O 1.º fasciculo de legislação, que se acha prompto para ser publicado, encerra os corpos legaes que provadamente constituiam o direito geral do país no berço da Monarchia. São o Codigo Wisigothico, e as resoluções dos concilios ou côrtes de Leão de 1020, de Coiança de 1050, e de Oviedo de 1115. Estes monumentos, dos quaes é esta a primeira edição portuguesa, vão precedidos de uma introducção em que se demonstra a sua autoridade legal entre nós, e se expõe as condições e caracteres da nova edição. Para as actas das côrtes de Coiança aproveitou-se, além dos textos das edições espanholas, o apografo da Sé de Coimbra, um dos mais antigos e autenticos.

As folhas já impressas do 1.º fasciculo da serie dos Escritores, além da introducção geral, onde se expõe a razão e o plano da obra, e de um prologo especial relativo ao primeiro volume d'esta serie, abrangem a 1.ª parte do Chronicon Conimbricense, transcrito do Ms. original, que, distraido de Santa Cruz de Coimbra, foi descoberto em poder de um particular pelo socio comissario da Academia, e adquirido para esta. Seguem-se as *Cronica Gothorum* impressas novamente pelos textos manuscritos de Brandão, e os Chronicons Complutense, Lamecense, Laurbanense, Alcobacense, bem como algumas breves chronicas ineditas e em vulgar, relativas aos tempos primordiaes da Monarchia, pertencentes ao Archivo Nacional e à Biblioteca Publica do Porto. Depois d'esses chronicons acha-se impressa a vida de S. Rosendo, tão importante para a historia do reinado de Afonso I, e cuja edição é feita principalmente sobre os codices antigos de Alcobaça, aproveitando-se apenas das edições dos Bolandistas e de Flores o que não se póde suprir pelos Mss. A esta segue-se a agiografia de Santa Senhorinha de Basto, que ilustra o estado das nossas provincias septentrionaes nos seculos imediata-

mente anteriores áquele em que nos separamos de Leão, e a do arcebispo de Braga S. Giraldo, onde se pinta ao vivo a primeira metade do seculo XII. Todos estes monumentos são precedidos de noticias relativas não só á importancia de cada um d'eles, mas tambem á critica dos textos, e acompanhados de notas e variantes.

Os monumentos que estão promptos e que se vão sucessivamente imprimindo até onde couberem no 1.º fasciculo, de cujo complemento o primitivo editor se quis encarregar, são as agiografias de S. Teotonio, de S. Martinho de Soure, e dos Martyres de Marrocos, as fundações de Tarouca, Santa Cruz e S. Vicente, a Narrativa da Tomada de Santarem aos sarracenos, o Poema sobre a conquista de Alcacer, o Livro da Calenda da Sé de Coimbra, vasto obituario, onde se lêem memorias de muitos personagens dos seculos XII e XIII, e tres obituarios igualmente importantes de Santa Cruz e Alcobaça. Este primeiro fasciculo é acompanhado de fac-similes xiloglyphicos, por meio dos quaes se combina a economia com a perfeita representação do texto manuscrito dos codices.

Para a serie de Legislação é que existe a maior porção de materiaes. Não era só a facilidade relativa de coligir os monumentos d'esta ordem que aconselhava o dar-se lhes o possivel impulso: eram tambem as solicitações particulares de alguns lentes da Faculdade Juridica, os quaes nesta coleção esperavam encontrar valiosos subsidios para a ainda tão incompleta e obscura historia do direito patrio. Além d'isso, a publicação dos foraes, que constituem uma secção d'esta serie, era de uma utilidade material evidente nas questões sobre os antigos bens da corôa que diariamente se agitam no foro; devendo-se acrescentar que no estado actual das sciencias historicas o estudo das fontes do direito merece consideração especial, e quaesquer que sejam os continuadores da coleção teem de dedicar-se com preferencia a aproveitar os materiaes d'esta serie, que se acham reunidos ou já em via de imprimir-se.

As leis geraes do Reino e os costumes da *Curia Regis*, que se puderam descobrir, pertencentes á epoca que termina com o reinado de Afonso III, sobem a mais de duzentos e cincoenta monumentos legislativos. Redigidas em parte, no latim barbaro d'aquele tempo, essas leis não chegaram até nós senão em versões dos seculos XIV e XV. Comparando-se os varios textos d'esta legislação ofereciam-se, não raro, versões diversas da mesma lei feitas em diferentes logares e tempos, apresentando de continuo variantes, mais ou menos essenciaes, que cumpria aproveitar. Foi um trabalho longo e tedioso, em que depois de feitas as minutas da transcrição paleografica, se tornou necessario o auxilio temporario de um simples copista para transcrever de novo essas minutas com a conveniente distinção e clareza. A publicação d'esta parte dos monumentos, a que só faltam as observações e notas do editor, devidamente ordenada, seria uma das mais uteis para alargar os horizontes das origens da nossa jurisprudencia.

As cartas constitutivas de mais de duzentos concelhos de Portugal acham-se promptas para a impressão, faltando só conferir bem poucas com os originaes e acrescentar-lhes as variantes que se possam descobrir num ou noutro apografo antigo que d'elas reste. Para economizar espaço e não repetir inutilmente certas formulas e disposições comuns a um determinado grupo de concelhos, transcreveram-se integralmente só aqueles foraes que se devem considerar como typos ou subtypos, e os que, não se achando cartas municipaes analogas a eles, se podem considerar como singulares. Os que teem um typo ou norma comum distribuiram-se pelas suas disposições, que em geral constituem o direito publico municipal, indicando-se em cada uma d'elas as variações

de concelho para concelho, não se omitindo as variantes das palavras e frases não só de foral para foral, mas até dos diversos exemplares antigos da mesma carta municipal. Para completar esta secção é, porém, indispensavel que se verifique a remessa das provincias. Nos archivos das Sés de Coimbra e de Viseu e nos dos mosteiros de Lorvão e Arouca existe ainda um certo numero de foraes anteriores ao reinado de D. Diniz, que faltam na Torre do Tombo.

Para a 3.ª serie, a dos Diplomas e Actas, está já transcrito o Livro dos Testamentos de Lorvão, o mais antigo cartolario do Reino, contendo quasi exclusivamente documentos dos seculos IX, X e XI. Estão igualmente extraidos da excelente copia do Livro Preto da Sé de Coimbra, que existe entre os Mss. da Academia, 164 documentos do seculo XI e anteriores, faltando só conferi-los com o cartolario original quando houver de vir a Lisboa ou com os primitivos diplomas originaes, transcritos no Livro Preto durante o seculo XII ou principios do XIII, muitos dos quaes ainda existem no archivo da Catedral. Perto de duzentos diplomas originaes do mosteiro de Moreira, incorporados no cartorio de S. Vicente de Fora, se acham tambem já copiados. A impressão d'esta serie tarde poderá começar. Tendo resolvido a Classe que os documentos que se encontrassem anteriores ao seculo XIII fossem impressos sem excepção por ordem cronologica, cumpre esperar para se principiarem a imprimir que sejam remetidos á Torre do Tombo todos os diplomas d'essas eras remotas, espalhados pelos archivos do Reino e cuja existencia consta das notas tomadas durante as visitas de 1853 e 1854».

Citam-se no oficio do ministro Silva Sanches as actas n.os 1, 2 e 3, entre os documentos que era necessario conhecer para que pudessem ver-se nitidamente como procedera Alexandre Herculano, ofendido na sua dignidade literaria pondo-se-lhe em frente um funcionario deslocado da Academia com o qual não trabalharia decorosamente na mesma repartição. Os documentos falam e não precisam de comentarios. Vamos pois a ler as tres actas como se encontram no opusculo (pags. 1 a 8):

Documento n.º 1

Copia da acta da sessão da assembleia geral da Academia de 31 de março de 1856

Abertura da sessão ás 8 horas da noite

Presidencia do Sr. Alexandre Herculano.

Presentes os Srs. Herculano, Figueiredo, Viale, Levi, Felner, Corvo, Thomás de Carvalho, Marreca, Rebelo da Silva, Mendes Leal, Lopes de Mendonça, Carlos Ribeiro, Bocage, Baptista, Magalhães Coutinho, José Estevão, e o Vice-Secretario Latino Coelho.

Leu-se a acta da Sessão antecedente, que foi aprovada.

Leu-se um officio da Camara Municipal de Lisboa, pedindo á Academia o favor de lhe enviar a coleção das suas Memorias, e um exemplar de cada uma das obras publicadas pela Academia.

O Sr. A. Herculano disse que era já sabido de todos que o Governo acabava de nomear Guarda-mór da Torre do Tombo ao Sr. Macedo, Secretario perpetuo da Academia, e que em vista d'esta nomeação, ele (Sr. Vice-Presidente) ficava inhabilitado de poder frequentar, como até

agora, o Archivo Nacional, onde pelo decurso de tantos anos havia entrado, para seguir as suas investigações historicas, sem que para isso tivesse jamais tido autorização official. Que pelos motivos, que expendeu, não podia d'aqui em diante frequentar a Torre do Tombo. Que aceitára ser membro da Academia, na intenção de lhe ser util, trabalhando em assuntos que reclamavam uma frequencia livre e assidua no Archivo Nacional. Disse que o trabalho dos *Monumentos Historicos* estava já adiantado, e relatou o progresso, e o actual estado d'esta importantissima publicação. Que não podendo entrar mais na Torre do Tombo, não podia continuar no trabalho dos *Monumentos*, e que desde então, não podendo servir, como desejava, por se lhe tolherem os meios indispensaveis de investigação e de estudo, não podia continuar a figurar na lista dos seus socios. Disse que para a conclusão do trabalho que se achava pendente, se oferecia a continuar, até que se acabasse o que estava na imprensa. Pediu depois á Academia a permissão de obter certidões de varias passagens das actas, as quaes lhe haviam de ser ao depois necessarias. E finalmente rogou á Academia que o substituisse na Presidencia pelo socio mais antigo dos que estivessem presentes.

O Sr. Mendes Leal disse, que o Sr. Vice-Presidente só podia ser substituido, quando a Academia lhe aceitasse a demissão, que ele pedia.

O Sr. Thomás de Carvalho, depois de apreciar devidamente o golpe profundo que a Academia haveria de sofrer com a demissão do Sr. Herculano, e de comemorar os eminentes serviços que ele tem feito á literatura portuguesa, e o que tão dignamente havia já começado a fazer á Academia, ponderou que não se tratava agora de uma demissão ordinaria, mas da retirada de um socio, que estava encarregado de trabalhos tão importantes por aquela corporação, e que aqueles trabalhos tinham de cessar necessariamente com a demissão do Sr. Herculano. Propôs que a Academia instasse com o Sr. Vice-Presidente, para que desistisse da resolução que anunciou.

O Sr. Mendes Leal disse, que se conformava com o Sr. Thomás de Carvalho para que a Academia instasse com o Sr. Herculano para que cedesse do seu proposito — que tinha poucas esperanças de que ele anuisse facilmente aos votos da Academia. Que em sua opinião entendia que a saida do Sr. Vice-Presidente era um golpe profundo e irreparavel vibrado áquela corporação. E declarou que se o Sr. Herculano se retirasse, ele (Sr. Mendes Leal) se julgaria obrigado a resignar tambem o seu logar de socio da Academia.

O Sr. Marreca disse, que confrontando a consulta, em que se participara ao Governo a suspensão do Sr. Secretario Macedo, e os motivos que nela se expenderam, com o acto da sua nomeação para Guarda-mór da Torre do Tombo, era sua opinião que havia neste despacho uma ofensa á Academia.

O Sr. Rebelo da Silva disse que a Academia tivera motivos muito justificados e muito imperiosos para suspender o Sr. Secretario Macedo. Que na representação que sobre isto enviara ao Governo havia exposto muitos d'eles. Que o Governo, apesar d'isso, havia nomeado o Secretario, depois de suspenso, para Guarda-mór de um archivo de que a Academia estava dependente para poder prosseguir importantissimos trabalhos. Que a coleção dos *Monumentos Historicos*, com a saida do Sr. Vice-Presidente, ficava de necessidade interrompida. Que a Academia tinha uma obrigação contraída com o país, e com as Côrtes que lhe haviam votado um subsidio anual para a publicação dos *Monumentos Historicos*. Era pois necessario que a Academia dissesse ao publico, e ao parlamento, as razões por que não podia desempenhar aquele importante trabalho literario. Concluiu mandando para a Mesa a seguinte

proposta: «Proponho que seja eleita uma Comissão de inquerito para examinar todos os factos da administração da Academia, dando conta com a maior úrgencia de quaesquer irregularidades, que appareçam na gerencia da mesma Academia, desde 1834 até hoje. = Rebelo da Silva».

O Sr. Levi opinou no mesmo sentido dos precedentes academicos.

O Sr. José Estevam disse que havia de acompanhar a Academia em todas as suas resoluções de honra, reservando-se comtudo a faculdade de fazer todas as observações que lhe parecessem justas. Que por espirito de camaradagem subscrevia a todas as resoluções da Academia, mas desejava que a questão do secretario perpetuo acabasse por uma vez; que a sua opinião como individuo era diametralmente oposta ás que vogavam na Assembleia. Que o seu parecer era que o Sr. Vice-Presidente não se devia retirar da Academia; que a Academia não devia representar contra a nomeação do antigo Secretario perpetuo para Guarda-mór da Torre do Tombo, ficando a todos os academicos, como cidadãos, o direito de protestar na imprensa contra o despacho do Guarda-mór.

O Sr. Thomás de Carvalho disse que votava contra o inquerito, porque poderia tomar-se por uma vingança, não só contra o funcionario de que se tratava, mas tambem contra o Ministro que o despachava. Que era evidente que a Academia não podia continuar nas suas funções; e era esta a razão fundamental por que os seus membros deveriam resignar as suas cadeiras. Lembrou que antes de se tratar do inquerito seria mais conveniente uma comissão oficiosa que fosse expor a situação e as razões da Academia ao Ministro do Reino, e a resolução que esta corporação havia de tomar, no caso que se mantivesse o despacho do Governo.

O Sr. Marreca pediu que se lesse a representação em que se participava ao Governo a suspensão do Secretario perpetuo.

O Sr. Felner declarou que tendo, pelos deveres que a Academia lhe havia incumbido, de frequentar a Torre do Tombo, não podia desde agora entrar naquele Archivo; e ficando impossibilitado de trabalhar nos assuntos historicos de que estava encarregado, era obrigado a retirar-se da Academia.

O Sr. Rebelo, pediu á Academia que não concedesse a demissão pedida pelo Sr. Vice-Presidente, e que primeiro que tudo se resolvesse a sua proposta da Comissão de inquerito.

O Sr. José Estevam disse que se a Academia não adoptasse a ideia da Comissão de inquerito, ele iria provocar um inquerito parlamentar.

O Sr. Thomás de Carvalho pediu que se pusesse á votação a proposta do Sr. Rebelo.

O Sr. Vice-Presidente pôs á votação a proposta do Sr. Rebelo. — Foi aprovada.

A Academia decidiu que se não aceitasse a demissão do Sr. Vice-Presidente.

O Sr. Thomás de Carvalho pediu que se elegesse desde logo a Comissão, e que esta fosse de cinco membros.

O Sr. Vice-Presidente disse que retirava o pedido que fizera das certidões de varias passagens das actas da Academia.

Corrido o escrutinio — sairam eleitos para a Comissão de inquerito os Srs. Rebelo. Thomás de Carvalho, Julio Pimentel, Bocage e Felner.

O Sr. Vice-Presidente encerrou a Sessão eram pouco mais de onze horas. = O Vice-Secretario da Academia, José Maria Latino Coelho.

Documento n.º 2

Copia da acta da sessão da assembleia geral da Academia de 10 de abril de 1856

«Abertura da Sessão ás 8 horas.

Presidencia do Sr. José Maria Grande.

Presentes os Srs. Grande, Mendes Leal, Figueiredo, Pulido, Felner, Levi, Marreca, Thomás de Carvalho, Rebelo da Silva, Valente, Corvo, Bernardino, Mendonça, Carlos Ribeiro, Baptista e Latino Coelho.

Leu-se a acta da Sessão antecedente, sobre a qual falaram os Srs. Felner, Figueiredo, Thomás de Carvalho, Rebelo e Baptista.

Aprovou-se depois a acta com algumas modificações.

O Sr. José Maria Grande participou á Academia que o Sr. Bocage não podia comparecer á Sessão da Academia por incomodo de saude.

O Sr. Corvo disse que o Sr. Monny de Mornay, Director da secção de agricultura no Ministerio da Agricultura e do Comercio em França, lhe tinha enviado, para as apresentar á Academia, as ultimas publicações do Ministerio da Agricultura e do Comercio em França.

A Academia decidiu que se agradecesse ao Sr. Monny de Mornay.

Leu-se um oficio em que o Sr. Costa de Macedo participava á Academia que resignava o seu logar de socio effectivo e de Secretario geral perpetuo.

O Sr. Figueiredo declarou que, se tivesse estado presente á ultima parte da anterior sessão, teria votado contra a eleição da Comissão de inquerito.

O Sr. Valente disse, que a Academia havia nomeado um tesoureiro que não havia aceitado este cargo; que o Sr. Bocage, o qual fôra designado pelo Conselho administrativo para exercer interinamente as funções daquele oficio, não quisera aceitá-lo, por se achar doente. Que desejava que a Academia tomasse alguma resolução, e providenciasse sobre este assunto, porque estava impaciente de entregar o cofre cometido á sua responsabilidade.

O Sr. Rebelo disse, que o Sr. Roma se escusara das funções de tesoureiro, que o Sr. Bocage, sendo nomeado pelo Conselho administrativo, não quisera ser tesoureiro, e que em vista d'isto era urgente proceder á eleição d'este cargo.

O Sr. Valente disse, que a Academia mandara recolher as medalhas que possuia no cofre a cargo do tesoureiro; que havia uma relação em que estavam descritas as medalhas de ouro e prata, que se nomeasse uma comissão que tomasse entrega d'elas pelo catalogo.

O Sr. Vice-Presidente propôs que se passasse á eleição de tesoureiro. Assim se resolveu.

Entraram na urna quinze listas, e saiu eleito com onze votos o Sr. Levi Maria Jordão.

O Sr. Levi disse, que não podia aceitar o cargo de tesoureiro, e pedia á Academia que o absolvesse d'este encargo.

O Sr. Vice-Presidente disse, que a Academia resolveria o que deveria fazer-se neste caso.

O Sr. Thomás de Carvalho pediu ao Sr. Levi, em nome da Academia, que aceitasse o cargo para que acabava de ser eleito.

O Sr. Pulido propôs que a Academia convidasse o Sr. Valente a continuar exercendo as funções de tesoureiro.

O Sr. Valente disse, que depois que a Academia julgava não estar satisfeita com o serviço que ele desempenhava, nomeando para o cargo de tesoureiro um outro academico, ele (Sr. Valente) não podia agora de modo algum aceder ao convite que lhe era dirigido.

O Sr. Thomás de Carvalho disse, que a Academia tinha eleito o Sr. Roma na esperança de que ele prestasse á Academia o serviço importante de reformar e organizar a contabilidade; que o Sr. Roma não correspondera ás esperanças da Academia neste ponto, que não soubera que o Sr. Valente se havia ofendido com esta nomeação, e que d'aqui por diante não havia de votar para tesoureiro senão no Sr. Valente.

O Sr. Rebelo da Silva disse, que o sr. Valente não podia tomar o que se passara como uma ofensa á sua dignidade; porque era aquela a condição dos cargos electivos, o serem temporarios e amoviveis. Propôs á Academia que desse ao Sr. Valente um voto de que nunca deixara de ter nele plena confiança.

O Sr. Vice-Presidente propôs á Academia se entendia dever consignar-se na acta o que propusera o Sr. Rebelo. Assim se resolveu.

O Sr. Valente declarou, que não aceitaria o cargo de tesoureiro, no caso em que um só voto lhe fosse contrario na eleição.

Procedeu-se á eleição. Entraram na urna quatorze listas, e saiu unanimemente eleito tesoureiro o Sr. Valente, que agradeceu á Academia esta sua nova eleição.

O Sr. Presidente propôs que se nomeasse uma comissão que fosse convidar o Sr. Herculano a vir tomar de novo a presidencia da Academia.

Foi unanimemente aprovada esta proposta.

A mesa nomeou para comporem esta comissão os Srs. Baptista, Corvo, Rebelo da Silva, e decidiu-se que a mesa fizesse tambem parte desta comissão.

O Sr. José Maria Grande disse, que se devia resolver o pedido da Camara Municipal, para obter as Memorias e as obras publicadas pela Academia.

Decidiu-se que se mandassem todas as obras que a Camara pedia.

O Sr. Rebelo da Silva propôs, que se pedisse á Camara Municipal, que facultasse o seu archivo aos academicos que o quisessem visitar e consultar.

O Sr. Levi disse, que tendo sido nomeado director do archivo municipal, estava autorizado a facultar a frequencia dele a quem o quisesse consultar.

O Sr. Rebelo da Silva disse, que em todo o caso era necessaria uma autorização que servisse para o futuro.

O Sr. Levi disse que se encarregava de obter a autorização pedida.

O Sr. Rebelo da Silva propôs que se nomeasse uma comissão encarregada de organizar um uniforme academico, tomando por modelo o do Instituto de França. Que segundo os Estatutos a Academia estava autorizada a fazer os seus regulamentos, e que por isso podia adoptar, e propôr ao Governo o uniforme que lhe parecesse conveniente.

O Sr. Pulido disse que da outra vez em que se nomeara uma comissão para tratar do uniforme não achara a minima repugnancia da parte do Sr. Ministro do Reino. Lembrou como modelo dos uniformes o da Academia das Sciencias de Madrid.

O Sr. Vice-Presidente nomeou para formarem a comissão encarregada do uniforme os Srs. Pulido, Rebelo da Silva, Corvo e Mendes Leal.

O Sr. Vice-Presidente encerrou a sessão ás dez horas. = O Vice-Secretario da Academia, José Maria Latino Coelho».

Documento n.º 3

Copia da acta da sessão da assembleia geral da Academia de 2 de maio de 1856

«Abertura da sessão ás oito horas da noite.

Presidencia do Sr. Grande.

Presentes os Srs. Grande, Figueiredo, Levi, Beirão, Ferrão, Tavares de Macedo, Baptista, Thomás de Carvalho, Pulido, Marreca, Felner, Mendes Leal, Mendonça, Corvo, José Estevam, Julio Pimentel e Latino Coelho.

Leu-se a acta da sessão antecedente sobre a qual disse o Sr. Felner que não podia deixar de fazer algumas importantes reflexões. Que na ultima sessão, ao ler-se a acta, ele, e alguns academicos haviam entendido que nela havia algumas omissões na parte em que se referiram os motivos por que o Sr. Herculano apresentara a sua demissão de Vice-Presidente e de socio da Academia; e que se haviam indicado outros pontos em que ele (Sr. Felner) entendia que a acta estava igualmente omissa.

O Vice-Secretario disse, que se empenhava sempre em ser na redação da acta o fidelissimo narrador do que ocorria nas sessões academicas; que muitas vezes se via na dificuldade de saber se algumas opiniões, que se proferiam, deveriam ou não ser consignadas na acta; que entendia que muitas vezes, durante a sessão, se soltavam como que familiarmente algumas expressões que lhe não parecia conveniente inserir na acta; mas que a Academia tinha o direito de mandar que a acta se corrigisse, e que ele Vice-Secretario não era mais do que um funcionario obediente, disposto a alterar, e acrescentar a acta, segundo o decidisse a assembleia. Que as correcções que lhe haviam sido indicadas as fizera fielmente, como se poderia observar pela leitura da acta que se havia suposto omissa.

Depois de algum debate pediu o Sr. Felner que se lesse a acta a que se havia referido. Leu-a o Vice-Secretario, e depois de mais alguma discussão, poz-se á votação a acta da sessão de dez de abril, e foi unanimemente aprovada.

O Sr. Corvo propôs que de futuro a acta seja apenas a narração laconica dos factos que se passarem nas sessões, incluindo-se nela apenas as notas scientificas, que não tiverem as proporções de memorias, e as opiniões individuaes, que a Academia decidir que nela se consignem.

O Sr. Mendes Leal leu uma carta particular que o Sr. Herculano lhe dirigira, encarregando-o de apresentar á Academia a carta que ele (Sr. Herculano) envia a esta corporação em resposta ao pedido que a Academia, por meio de uma sua comissão, lhe fizera para assumir de novo a Vice-Presidencia d'este corpo.

Por esta ocasião disse o Sr. Mendes Leal, que o Sr. Herculano havia solicitado da Academia certidões das actas de 30 de março, e de 10 de abril d'este ano, e que renovava o pedido para que a Academia lh'as mandasse expedir.

O Vice-Secretario disse, que recebera um oficio em que o Sr. Herculano lhe pedia as certidões, e que lh'as não tinha ainda enviado, porque da acta de 10 de abril não se podia passar certidão, por não estar ainda aprovada até hoje á noite. Disse mais que a Comissão nomeada para convidar o Sr. A. Herculano a retomar a Vice-Presidencia, convidara o Sr. Herculano a que indicasse o dia, a hora, e o local em que a desejava receber. Que o Sr. Herculano mandara dizer o dia e hora, em que para este fim se acharia no edificio da Academia. Que ele (Vice-Secretario) recebera o oficio de S. Ex.ª num domingo á tarde, a hora em que a Academia estava fechada. Que no dia seguinte ás oito horas da manhã mandara uma ordem urgente á secretaria para se fazerem imediatamente os avisos aos membros da comissão, para que se achassem ao meio dia no nosso edificio, visto ser aquele dia e hora, os que o Sr. Herculano havia designado. Que apesar da expressa recomendação que ele (Vice-Secretario) fizera, os avisos só haviam chegado a casa de alguns socios, membros da comissão, depois de eles haverem saido de suas casas. Que dos membros da comissão só haviam comparecido o Sr. Rebelo da Silva e ele (Vice-Secretario). Que o Vice-Secretario perguntara ao Sr. A. Herculano se queria que a comissão fosse avisada para outro dia e local que ele designasse; e que o Sr. Herculano dissera que muito o lisonjeara a deliberação que a Academia tomara a seu respeito, mas que o facto material de se dirigir a ele a comissão era indiferente, tanto mais quanto ele (Sr. Herculano) só poderia responder por escrito ao pedido que lhe fizera a Academia.

O Vice-Secretario leu depois a carta em que o Sr. Herculano participava á Academia as razões por que não podia continuar a ser seu Vice-Presidente e socio.

O Sr. Figueiredo expôs o motivo legitimo, que por objecto de serviço o tinha impedido de concorrer, como membro da comissão, á hora e local designado.

O Sr. Baptista disse, que só havia recebido o aviso á uma hora da tarde.

O Sr. Vice-Presidente (J. M. Grande) disse, que a Academia recebia com grande sentimento a renuncia do Sr. Herculano.

O Sr. Corvo propôs que a carta do Sr. Herculano fosse lançada na acta.

Pondo-se á votação esta proposta, foi aprovada.

Em seguida foi lida a carta do vice-presidente Alexandre Herculano. É a seguinte, que eu tenho visto copiada em artigos consagrados ao centenario:

Copia da carta do Sr. Vice-Presidente A. Herculano

Senhôres. — Uma comissão vossa acaba de me fazer saber que me quisestes dar um novo testemunho de apreço, pedindo-me por intervenção d'ela que volte ao vosso gremio, e reassuma o cargo de Vice-Presidente, de que me demiti na sessão de 31 de março.

Subsistindo ainda as causas que me inspiraram aquela resolução, eu era constrangido a resistir, não só aos desejos manifestados pela Academia, mas tambem aos impulsos do meu coração; era constrangido a deixar completo um d'esses asperos sacrificios, que, nas epocas de grande devassidão, e dadas certas circunstancias, ao homem de bem cumpre fazer, ao menos como um protesto de que no seu país não ex-

piraram de todo as tradições moraes e o sentimento da dignidade humana.

Resolvido a manter a demissão que dera da Vice-Presidencia da Academia, precisava comtudo de explicar o meu procedimento. Devia-o a essa corporação, de quem tenho recebido demonstrações de benevolencia taes, que o zelo com que creio havê-la servido está longe de me libertar de uma grande divida de agradecimento. Em semelhante presuposto pedi licença á comissão para me abster de uma resposta vocal, e para a dirigir por escrito ao ilustre gremio, ao qual, depois da sua ultima reforma, tanto me ufano de ter pertencido.

É necessario que eu comece por uma advertencia indispensavel. Compelido a justificar-me perante os meus antigos colegas de desobedecer pela segunda vez á sua vontade, manifestada já unanimemente na sessão em que me demiti, e a mostrar que não podia sem deshonrar-me tolerar em submisso silencio os recentes actos do Governo em relação á Academia, terei de examinar e julgar esses actos conforme as minhas ideias e ajudado pela maior ou menor capacidade que Deus me deu para apreciar as cousas. Quem de entre vós as aferir por outras ideias, e com mais subido grau de inteligencia, chegará, acaso a conclusões diversas. Taes conclusões serão tão legitimas como as minhas; e d'essa legitimidade derivará a do procedimento de cada um dos membros da Academia. Em materias de honra e dignidade não desejaria que alguem aceitasse a minha opinião sem a avaliar, nem eu aceitaria sem isso nenhum voto alheio, por mais autorizado que fosse, para me guiar por ele.

Que se me permita resumir aqui o negocio que me forçou a tomar uma resolução extrema, resolução talvez a mais custosa que na minha vida me tenha imposto a voz da consciencia.

Eis os factos:

O Secretario Geral Perpetuo da Academia recebera d'esta um voto de censura por falta voluntaria no cumprimento dos seus deveres. Irritado por aquela censura, ele reincidiu, recusando exercitar seu oficio nas assembleias geraes e nas sessões no conselho administrativo, mas reservando as outras atribuições do seu cargo. A Academia não toleraria tão insolita resolução em qualquer socio que exercesse funcções gratuitas: menos a podia tolerar ao socio que era ao mesmo tempo funcionario pago. Procurou chamá lo á razão, e não foi escutada. Era, portanto, indispensavel completar a meia suspensão que o secretario impuzera a si proprio. Fê-lo por uma votação unanime. Todavia não privou o empregado suspenso do seu vencimento, porque procedia sem paixão. Se obrara severamente, fôra a isso compelido pela necessidade de manter as leis e a disciplina da corporação.

Seguia se dar conta d'este grave sucesso ao Governo pelo Ministerio do Reino. A Academia fê-lo tambem. A representação de 10 de julho de 1855 expunha lealmente o que havia ocorrido e pedia providencias decisivas que terminassem por uma vez oa continuos embaraços que lhe suscitava o secretario perpetuo. Á vista dos factos ponderados nessa representação, se o Ministro quisesse respeitar um Instituto que em todas as epocas foi tido na mais subida consideração pelos poderes publicos, e a quem ele devera a honra de ser admitido no seu seio, a unica resolução possivel era a aposentação do secretario. A sua provecta idade, os longos anos que exercera o secretariado, e os conflitos que diariamente se alevantavam entre aquele funcionario e o corpo academico tornavam não só plausivel, mas tambem necessaria semelhante providencia. A perpetuidade do oficio importava vantagens e encargos para o secretario: a aposentação conservava-lhe as primeiras e libertava-o

dos segundos. O corpo academico satisfazia-se com isto: comprava a paz com um sacrificio pecuniario, e podia dedicar aos trabalhos literarios o tempo que consumia em coibir um empregado absolutamente incorrigivel.

Alguns membros da Academia em relações mais estreitas com o Ministro do Reino parece terem-no aconselhado a assim proceder. Ignoro o que a este respeito se passou. O que sei é que, por uma grosseria singular, a representação de 10 de julho ficou sem resposta ou decisão durante alguns meses, bem como o ficou a de 3 de dezembro, em que a Academia dirigia ao Governo novas e vivas instancias sobre o assunto.

Uma circunstancia digna de notar-se dava, porém, uma tendencia ofensiva ao proceder do Ministro.

Havia muito que circulavam boatos pouco honrosos para o caracter moral do secretario perpetuo. Falava-se acêrca de abusos praticados no exercicio das atribuições demasiado amplas que lhe facultavam os estatutos e regulamentos academicos Nunca eu tinha dado credito a taes boatos: eleito, porém, Vice-Presidente da Academia, e achando-me por isso membro do Conselho Administrativo, conheci que esses boatos não careciam de fundamento. Membro como eu do Conselho, o digno Presidente da Primeira Classe tambem sabia das circunstancias que justificavam as suspeitas. Amigo pessoal e politico do Ministro do Reino, e havendo-se encarregado de solicitar extra-oficialmente uma resposta á representação de 10 de julho, falou-lhe com a lealdade e franqueza que o caracterizam, e ponderou-lhe as particularidades que forçavam o Governo, por seu proprio decoro, a tomar uma resolução acorde com os desejos da Academia. Evitava-se assim um escandalo e que a deshonra viesse a cair algum dia sobre a cabeça encanecida de um homem de letras, consequencia que a necessidade de obstar para o futuro aos desconcertos passados mais tarde ou mais cedo havia de produzir. O Ministro pareceu tomar em conta essas considerações amigaveis, e S. Ex.ª o Sr. Presidente da Primeira Classe referiu numa reunião de academicos o que se passara. É por isso que cito aqui semelhante facto. Pela sua elevada jerarchia como Par do Reino, S. Ex.ª tinha direito a esperar que as palavras do Ministro houvessem sido graves e sinceras: como membro da maioria de uma das Camaras tinha ainda maior direito a fazer ouvir os seus conselhos, visto que diante do país aceita um quinhão de responsabilidade moral pelos actos do poder. Não sucedeu, porem, assim. Contra a razão, contra todas as indicações da decencia, o secretario perpetuo da Academia, suspenso por ela com justos fundamentos numa votação unanime, manchado por suspeitas pouco honrosas, conhecidas do Ministro do Reino, e que o Ministro do Reino tinha obrigação de verificar, se é que o individuo que lh'as comunicava não merecia a sua plena confiança; o secretario perpetuo, que, colocando-se numa posição ilegal, respondera com o desprezo ás advertencias moderadas da sua corporação, e se mostrara alheio ao sentimento do proprio dever; esse homem, para quem a Academia desejava, na sua imensa indulgencia, a obscuridade e a paz dos ultimos dias da vida, foi nomeado Guarda-mór da Torre do Tombo, cargo importante, porque presupõe, não só elevados dotes literarios, mas tambem inconcussa probidade. Era a unica e definitiva resposta do Governo ás respeitosas representações de 10 de julho e de 3 de dezembro, e aos conselhos prudentes e amigaveis de um homem que o Ministro devera respeitar. Honrado com a confiança do supremo poder, vingado do desar que recebera, o sucessor de Gomes Eanes de Azurara, de Rui de Pina, de Damião de Goes, de João Pinto Ribeiro, de José de Seabra, de D. Francisco de S.

Luis, atirou á Academia com os seus diplomas de secretario e de socio. O Governo tinha-lhe dado outro que para ele, e talvez para o mundo, era de maior valia.

Pelas minhas faces não roçaram esses diplomas; porque na sessão da vespera depusera perante a Academia o cargo de Vice Presidente, convertido agora numa cruz de vilipendio com que os meus hombros não podiam: não roçaram pelas minhas faces, nem pelas dos numerosos membros d'esse respeitavel Instituto, que na mesma sessão declararam estarem resolvidos a retirarem-se como eu, se a corporação a que pertenciam não fosse plenamente desagravada de uma ofensa imerecida.

Sei que houve quem dissesse que essa demissão voluntaria do secretario perpetuo, despachado pelo Ministro na constancia da sua suspensão, importava um desagravo para a Academia, como se a injuria do poder acumulada ao desprezo do agraciado equivalessem a uma reparação! Disse-se tambem, creio eu, que não havia lei para a aposentação do secretario perpetuo, como se não valessem nesta hipotese os principios geraes de justiça e as regras de administração; senão houvesse por um lado a perpetuidade do cargo e por outro a impossibilidade fisica ou moral do individuo, e se emfim, o Governo, nimiamente escrupuloso, não pudesse obter sobre isso do Parlamento qualquer declaração legislativa. Não qualificarei taes desculpas: só direi que deploro tamanha aberração de espirito.

Havia, porem, no acto do Governo uma circunstancia que particularmente feria a Segunda Classe. Sabe a Academia quão vasto e dificil trabalho ela empreendeu na publicação dos Monumentos Historicos do País, e que a parte principalissima d'esse trabalho tem sido e deveria continuar a ser feita na Torre do Tombo. O Ministro, colocando á frente d'aquele estabelecimento o empregado suspenso pela Academia, fechava as portas do Archivo Geral do Reino, não só a mim, que mais particularmente estava encarregado da empresa, mas tambem a qualquer socio que houvesse de suceder-me; porque creio firmemente que todos eles teem bastante dignidade e amam assás a propria reputação, para nunca mais cruzarem os umbraes do Archivo Nacional emquanto o ex-secretario da Academia se achar á frente daquela repartição.

O Governo pode entregar a quem quiser a guarda dos documentos do Estado, e de outros, em que se estriba a fortuna de muitas familias, conservados na Torre do Tombo. Livre é a sua ação administrativa; sua a responsabilidade perante o Parlamento e perante o País. Sem o agravo que lhe foi feito, a Academia nada teria com esse acto. Os membros, porem, da Segunda Classe, e nomeadamente os da Secção de Historia, alem da ofensa comum, receberam outra mais grave; foram virtualmente expulsos do Archivo Publico. O Governo condenou-os á inacção; porque, no estado actual dos conhecimentos humanos, nenhuns estudos serios sobre a historia de Portugal, sobre a sua jurisprudencia, e ainda sobre um certo numero de questões economicas e literarias relativas ao nosso País se podem fazer dignamente sem o exame dos monumentos acumulados naquele vasto repositorio, que hoje se acha ainda mais enriquecido pelos esforços e até á custa da Academia. Ha perto de oitenta anos que todos os Governos se teem mostrado solicitos em favorecer taes estudos, e em facilitar aos membros da primeira sociedade literaria do reino os meios de cultivarem as letras patrias. É o actual o primeiro que quebra essas tradições, e que os força pelos sentimentos mais nobres do homem, pelo pundonor, e ainda mais pelo receio de comprometer a propria honra em qualquer extravio, que possa ocorrer de documentos publicos, a considerarem como vedado para eles o acesso da Torre do Tombo.

Este procedimento é na verdade inexplicavel. O Ministro do Reino, socio da Academia Real das Sciencias, homem de letras, e entendimento claro, avaliava bem quão doloroso devia ser para os seus consocios, não só a demonstração de desprezo, que o Governo lhes dava, mas tambem o verem-se em parte banidos da republica das letras pela coacção moral. Entre eles ha amigos pessoaes e politicos do Ministro, ha homens inofensivos, exclusivamente dedicados á sciencia, ha individuos cujas propensões os impelem para trabalhos literarios sem conexão com as indagações historicas; mas em outros não se davam nenhumas d'essas condições. O Ministro sabia-o, calculava o alcance do que fazia, a consciencia não podia deixar de acusá-lo, e apesar d'isso não recuou diante de uma nomeação, deploravel em si, e evidentemente hostil á Academia.

Se a razão nos assegura, que o Ministro obrava mal deliberadamente, um facto significativo vem confirmar de mais directo modo a indução do raciocinio. Se lançardes os olhos para as colunas do *Diario do Governo*, onde se lêem a cada passo os diplomas de nomeação dos empregados ainda mais obscuros, não busqueis lá o do novo Guardamór da Torre do Tombo, porque não o haveis de encontrar. Sabeis o que é este silencio? É a voz da consciencia do Ministro.

E depois não ouvistes segredar pelos cantos não sei que intervenções da Corôa neste deploravel negocio? A deslealdade e a inconstitucionalidade parece terem substituido a doutrina que faz responsaveis só os ministros. Acaso nesta quadra que vamos atravessando, e que tantas vezes nos recorda as paginas mais tristes da historia do Baixo Imperio, deixou de acatar-se já, não direi a personificação de um supremo principio politico, impecavel e santo, mas, ao menos, a inocencia e a probidade dos dezoito anos, em que ainda todos cremos na justiça publica e na lealdade dos homens? Nem sequer uma fronte pura escapará ao lodo, que para nós espadana do charco das paixões politicas? A calunia, murmurada em voz baixa, ha de negar-se a si propria. Bem o sei; porque sei que a certos individuos falta até o esforço das grandes covardias. Mas que me importa isso, se o murmurio da calunia nem só por mim foi ouvido?

O que me parece evidente é que se praticou um acto mau com determinada intenção; que a injuria que recebestes foi friamente dirigida, e que, tanto por dignidade propria, como por dignidade de corporação a que tive a honra de presidir, não posso aceitar o vosso tão apreciavel convite.

Custa-me, e muito, pensá-lo assim. Acordes em geral numa só vontade forcejavamos todos para restituir á Academia o seu primitivo esplendor. Pela minha parte não poupei incomodos e esforços de mais de um genero para que Portugal pudesse associar-se ao resto da Europa, de um modo digno de nós, no empenho da publicação dos seus monumentos historicos. Se o alcancei ou não, em quanto m'o consentiram, di-lo-ha a Academia: o que eu sei dizer é que a nenhum outro pais, nem ao nosso em casos analogos, foi tão pouco despendioso tanto trabalho como o que se acha feito. Levo saudades d'esta empresa, porque era um documento de pundonor academico e de patriotismo. Outros a continuarão melhor algum dia, posto que não com maior zelo. Como sabeis, ahi fica impressa a legislação do berço da monarchia, e ficá-lo-ha igualmente, conforme vos prometi, o primeiro fasciculo das antigas chronicas e memorias de Portugal, que neste momento se imprime. Estão promptos para entrarem no prelo muitos monumentos narrativos, toda a legislação patria até os fins do seculo XIII, os foraes primitivos do reino e o seu direito consuetudinario, alem de muitos

centenares de diplomas importantes do seculo VIII até o XI. Dos socios da Segunda Classe que entenderem ser-lhes licito continuar a pertencer ao quadro efectivo da Academia, os que se houverem de encarregar da empresa acharão sempre em mim boa vontade para lhes subministrar as especies de que carecerem relativas a esse assunto.

Não me moveu á resolução que tomei, não me move a mantê-la agora nenhum capricho pueril, nenhum sentimento de malevolencia para com pessoa alguma. Move-me a convicção de que cumpro os deveres de homem honesto que preza o proprio caracter. Não abandono sómente por estes deveres a honra de vos ajudar nos vossos encargos academicos; abandono os meus interesses privados, materiaes e literarios. Para mim a carreira de historiador cessou, e o mais provavel é que cessasse definitivamente; porque quando uma vez nos afastamos de certa ordem de ideias, de certos estudos, que requerem sobretudo paciencia e constancia, é dificil e raro que voltemos depois a eles. Esses em que mais me comprazia ahi ficam truncados, incompletos. Se o poder se gloria com isso, que folgue: é gloria que ha de durar mais do que eu e do que ele.

Estareis lembrados do que vos disse depondo em vossas mãos a dignidade de que me havieis revestido por duas vezes, erro que, a meu ver, vos acarretou os dissabores do insulto oficial. Se o receio de um comprometimento de honra me não fechasse as portas da Torre do Tombo, fechava-m'as a minha situação especial. O accesso dos Archivos do Reino só pode ser franqueado ou pela benevolencia e confiança do seu chefe responsavel, ou por ordem expressa do Governo. Como membro da Academia e para serviço publico poderia aceitar e até solicitar essa ordem: como individuo particular nem tão insignificante mercê receberia dos homens que nos regem. Do chefe actual do Archivo, d'esse é obvio que não posso desejar nem a confiança nem a benevolencia.

O sacrificio que impus a mim mesmo como simples cidadão abona a sinceridade do que faço como membro da Academia. Debaixo da afronta colectiva senti a agressão individual contra o adversario politico; agressão dissimulada, tortuosa, mesquinha, e todavia pungente como cumpria que fosse vinda de quem vinha; porque os habeis são sobretudo os que sabem aproveitar bem e em todas as relações as conjunturas propicias. Inutil á Classe por inactividade forçada, a minha conservação na Vice-Presidencia não seria senão a origem de novos agravos a uma corporação tão respeitavel como inofensiva. Bastava esta consideração para me afastar da Vice-Presidencia da Academia.

Terminarei fazendo votos pela prosperidade d'esse Instituto; para que haja de contribuir poderosamente para o progresso do espirito humano e para a gloria literaria e scientifica da terra, em que nasci. O que não sei é se isto vos será possivel numa epoca e numa situação em que por caminhos tenebrosos se ferem os adversarios leaes, não no corpo, mas na alma; em que se calcula de antemão que a honestidade e o pundonor da propria victima a ageitará á ferida; em que para punir as opiniões se mutilam ou atrofiam as inteligencias. É a grande diferença que vai da decadencia das sociedades antigas á decadencia das sociedades actuaes. Os Sejanos de Tiberio, servidos pelo ferro e pelo veneno, acordes com o Cesar numa só vontade, eram materialistas e grosseiros na satisfação dos seus odios. Hoje a falta de um Tiberio não incomoda os Sejanos modernos: ser-lhes-ia inutil o velho de Caprea. Tem horror ao sangue: são tolerantes, espiritualistas, delicados, subtis. Ou corrompem, ou assassinam o espirito. Não vai mais longe a sua tirania. Depois, os Sejanos de outr'ora acompanhavam com rir feroz os gemidos dos martires: os de hoje respondem ao grito que nos arranca

a dor da angustia moral, com espremer duas lagrimas sobre as faces, e com murmurar queixumes, com voz sentida e flebil, contra os que caluniam as suas intenções mais inocentes e puras.—Ajuda, 30 de abril de 1856.—*A. Herculano*».

O Sr. Thomás de Carvalho propôs que a Academia declarasse, que continuava a considerar o Sr. A. Herculano como seu socio, e Vice-Presidente.

O Sr. Figueiredo propôs que se adiasse a resolução d'esta proposta.

O Sr. Vice-Presidente (J. M. Grande) propôs á Academia se devia admitir-se á discussão o adiamento proposto pelo Sr. Figueiredo.—Foi rejeitado o adiamento.

Foi logo depois aprovada a proposta do Sr. Thomás de Carvalho.

Completarei a serie dos documentos relativos á suspensão dos trabalhos dos *Monumentos Historicos* e á saida de Alexandre Herculano da Academia das Sciencias de Lisboa com a carta que o insigne historiador entendeu dever mandar publicar no *Jornal do Comercio*, em cuja redacção contava amigos e antigos camaradas na imprensa. Dava assim cabal explicação dos seus actos, punha mordaça na calunia e mostrava a *Conta* que a mesma Academia enviara ao ministerio, como ficou registado nas paginas anteriores. É bom que taes documentos tenham a devida vulgarização. E a este deve-se dar logar primacial.

Transcreverei essa carta por extenso. Ei-la sob a data: Ajuda, 31 de dezembro de 1856:

«Sr. redactor:—Desde que a Academia mandou distribuir pela imprensa a conta dada ao Ministerio do Reino sobre a cessação do trabalho dos *Monumentos Historicos*, e desde que a imprensa tomou a si a apreciação dos motivos que o faziam cessar, eu previ desde logo o resultado d'isso. As consequencias moraes que d'ahi provinham para um ex-ministro da corôa eram assás graves para que ele não houvesse de deixar em silencio debater a questão. Tinha jornaes e amigos de que podia valer-se: contei desde logo com os comicios, com as alusões, com as injurias grosseiras, com a reprodução de acusações pueris, plenamente refutados: mais de uma vez contei com tudo o que o despeito pode aconselhar á malevolencia, e até que se me atribuissem, como se me acabam de atribuir, os juizos desfavoraveis da mesma imprensa, embora não precisasse d'isso, porque tudo é menos eloquente do que os factos que revela a publicação da Academia. Estava tranquilo. São as borrascas da vida com que devem contar aqueles que, em certas epocas das sociedades, não sabem, para viver em paz, fazer calar a voz da sua consciencia. Compreendo essas coleras implacaveis, essas afrontas, esses escritos desvariados em que transluz o rancor cego. Estimo-o até, porque provam que em certos corações gastos e quasi mortos pode vibrar ainda a fibra do pudor. Deus me livre de irritar-me com isso. E quem sabe até se eles teem razão em parte? Se a minha vida passada está cheia de manchas que eu não tenha percebido? Quem sabe se o meu nome não é um dos que envergonham moralmente esta terra? É possivel. Mas não sou eu, nem os que me detestam, que havemos de

julgá-lo. É a opinião do país, que me conhece a mim e que os conhece a eles.

«A imprensa livre é a mais bela das instituições; é-o até muitas vezes quando a transformam as paixões; porque dos seus desvarios das lutas que suscita resulta não raro brilhar a luz da verdade. Nunca o experimentei como agora. Sabia que a indignação que em mim produzira o modo como fôra tratada uma corporação respeitavel, cuja honra era do meu dever sustentar, se atribuia em voz baixa ao despeito de não ser nomeado guarda-mor da Torre do Tombo. Era uma acusação grave, que, murmurada pelas costas, eu não podia refutar. Ha homens cujo furor extremo é necessario excitar para os fazer depor o manto e o punhal, e agredirem pela frente. A imprensa, sem o querer, sem o saber talvez, fê-lo. Ainda bem. Era grave a acusação, porque durante os ultimos cinco anos em que tantos cairam aos pés da devassidão politica, em que ambições e ás vezes cobiças bem pequenas foram fataes a tantos, não era de espantar que eu, mais fraco talvez do que todos, sacrificasse tambem um dia a propria dignidade á ambição. Os que acreditaram essa insinuação perfida, não me ofenderam. Partiam do conhecido para o incognito e raciocinavam bem. Havia, demais, na acusação certa plausibilidade. Parece que ha quem pense que eu tinha uma certa competencia superior para aquele cargo, e que o voto nacional m'o daria, se fosse consultado. A minha opinião é, todavia, outra. Se o voto nacional me entregasse as chaves do archivo do reino, praticaria uma injustiça, contra a qual desconfio que seria eu o primeiro a protestar.

«Ha ahi um homem, veneravel pelos seus anos, pelos seus conhecimentos especiaes, pela benevolencia para com todos os que o consultam, que ha mais de vinte anos dirige da facto o Archivo Geral do Reino, e que, no meio dos sucessos de 1834, salvou, pelo seu zelo e á custa da propria saude, muitos d'esses cartorios que então caiam no dominio do estado, e de que se perderam quasi todos os que não foram confiados á vigilancia d'este empregado, tão digno como modesto. Este homem era, havia doze ou quinze anos, o guarda-mor verdadeiro da Torre do Tombo, porque o nominal, o Visconde de Santarem, desde a sua nomeação até á sua morte jámais cruzou os umbraes d'aquela casa. O proprio governo tratava oficialmente esse empregado como guarda-mor interino. Se, vagando a efectividade, o ministro lh'o desse, não teria praticado senão o seu dever, recompensando o zelo modesto e a sciencia util, e buscando, ao mesmo tempo, para aquela situação, o mais digno que não a solicitava[1].

«Sei que estas considerações não eram das que ordinariamente influiam nos despachos da regeneração. Havia outros a que costumava atender e que ela sabe se eram piores ou melhores. Se a preferencia que se deu a outrem, esquecido o que só tinha por si Deus e a sua justiça, não viesse ferir a Academia, não importasse para ela um insulto oficial, contentar-me-ia com deplorar mais uma vergonha publica e em afastar-me em silencio de frequentar essas salas, onde consumi os melhores dias da minha vida, e dos quaes, confesso a fraqueza, me restam saudades, mas onde tambem tinha suspeitas e hoje tenho provas de que a minha reputação de probidade podia perigar.

---

[1] Alexandre Herculano referia-se ao oficial-maior da Torre do Tombo, João Pedro da Costa Bastos, já falecido, a quem dedicara particular estima, como o provou até no seu testamento. Era o irmão primogenito de José Manuel da Costa Basto, a quem já me referi em nota anterior.

«Eis a verdade singela. Peço que a creiam sob a minha palavra? Não, por certo. Tem-se abusado tanto neste país de apelar para a propria honra; os criminosos, os maus teem tomado tantas vezes o tom solene, a frase austera do homem confiado em si, que não creio seja decente a este empregá-lo. O publico já se ri d'esse tom, d'essa frase que se tornaram uma cousa sem sentido. Quer provas e tem razão. Provarei que não podia pretender o logar de guarda-mor e que a regeneração ordena se me diga que eu ambicionava.

«A regeneração, tempos antes, havia-me nomeado para um cargo publico honorifico e gratuito, sem me consultar, com razão ou sem ela, eu acreditava que possuia tudo o que vinha do poder que nos regia: rejeitei com desprezo a mercê que se me fazia. Crê-me, não digo o país, digo o mais ardente dos meus inimigos, caido tão fundo que, tempo depois, aceitasse d'esse mesmo poder, cujo favor rejeitara com desdem, um cargo honorifico e retribuido? Não peço a resposta á consciencia publica: aceito a da primeira que quiser dá-la. Não exijo d'ela que compreenda a honestidade: basta-me que compreenda o orgulho do coração humano.

«Mas ha mais. Existe neste país um homem, que viveu durante dois anos na região irresponsavel do poder, hoje o primeiro depois do monarca. Trouxeram-no tambem para esta questão e recordaram certas calunias absurdas de que por minha causa foi victima. Era regular. Depois do filho, o pai. Devo a esse homem a situação que me permitiu não sei se honrar se envergonhar a literatura do meu país. Disse-o já em paginas que suponho menos fugitivas que as de um jornal. Mas devo-lhe mais do que isso; devo-lhe uma amizade inalteravel de dezeseis anos, amizade que mais de uma vez foi porventura até o sacrificio. Não sei se a democracia compreende esta afeição pura entre um principe e um homem do povo. Os principes compreendem-a. Sei que ha mais de um que não se envergonham dela.

«Em deseseis anos nunca pedi a esse homem, a quem não receio chamar verdadeiro amigo, graças uteis ou honras para mim, ou para os meus. Póde sucessivamente alcançá-las e fazê-las na aparencia. Na realidade não podia. Tinha-me dado a sua palavra de cumprir uma promessa que solicitei d'ele, mercê de um genero que excluia todos os outros, mas que para mim tinha maior valia.

«Era no ministerio do Sr. Conde de Thomar, se bem me recordo, Almeida Garrett deixara a inspecção dos teatros. Estava eu no paço em ocasião que o ministro entrava a propor-me á soberana para o substituir. Disse-m'o: recusei: insistiu, a ponto de me obrigar a proferir algumas palavras cortezes, como cumpria que fossem perante o chefe do Estado, mas severas. O ministro mostrou-se pouco disposto a ceder de uma resolução que não posso deixar de qualificar de nobre, porque se tratava de honrar um adversario que jámais curvou a cabeça diante d'ele, nem antes nem depois. Deixei-o partir. A El-Rei D. Fernando, que presenciara esta scena, pedi então o unico favor que lhe tenho pedido: o seu voto preponderante nos conselhos da corôa para ali ser rejeitada qualquer mercê, util ou honorifica, proposta em relação a mim ao chefe do Estado, de presente ou de futuro, pelos ministros de então ou por outros quaesquer ministros. Prometeu-m'o como rei e como cavalheiro. Não creio que tenha tido ocasiões sobejas de desempenhar a sua palavra; mas estou certo que a todo o tempo saberia cumpri-la.

«O pretendente ao logar de guarda-mor sabia que a pretensão iria encontrar junto ao trono uma promessa de honra que a repelia. É possivel que fosse assás baixo para aceitar as graças de um governo que desprezara. O que não é possivel hoje neste genero? Não é, porem, de

crer que tentasse lutar com uma impossibilidade que ele proprio havia criado, porque seria acreditar o absurdo.

«Eis o que importava dizer. Nas minhas circunstancias, o silencio em relação a este ponto era inadmissivel. No resto não vejo senão o favor que injuría. Nada tenho com isso.

«Permita-se-me, todavia, que eu recorde em resumo o que se está passando de roda de nós; que, actor neste drama estranho, me coloquei fora d'ele para o contemplar. Ha ali o que quer que seja profundamente triste. É ver o individuo que ha quinze anos dedicou a existencia a revocar o que o passado do seu pais tem verdadeiramente grande, a repetir as lições que a liberdade antiga dá á liberdade moderna, e a restaurar o sentimento de nacionalidade, que deve um dia salvar-nos, privada, por uma d'essas vinganças sem nome, dos meios de prosseguir na sua laboriosa tarefa; ver esse homem que, curvado sob o trabalho, nunca pensou em recompensas, ou, se pensou, não as quis, nem as quer, não as solicita, nem as aceita; para quem nunca da boca dos poderes publicos houve sequer uma palavra de animação e que não a pede; ver esse individuo, a quem se nega o direito do trabalho, se não o comprar pela humilhação e descredito, insultado e caluniado, porque não bebeu em silencio o calix da perseguição e da injuria; porque lhe escapou um gemido ao assassinarem-o na sua vida intelectual, e porque, sentinela avançada da dignidade de uma corporação ilustre, cumpriu com o que devia a si e a ela! Homem de letras humilde, não tinha o direito de queixar-se porque os poderosos, os chefes de partido o haviam esmagado. Era o progresso e a civilização que passavam. D'essa lição dada á mocidade para servir e sofrer, para prostituir quando o poder lh'o ordenar.

«Oh, não, mancebos, que ainda vos não corrompestes! Lembraivos de que no céu ha Deus e no mundo a posteridade.

«Agora, sr. redactor, só me resta pedir que o documento junto, que dirijo á Academia, seja publicado. Depois d'ele, as injurias contra aquele corpo, obrigado pela minha declaração a pôr termo ás suas demonstrações de simpatia para comigo, devem cessar. Não ferem o alvo. Seria, de ora avante, o luxo da atrocidade»[1].

IV

A ideia da comemoração do primeiro centenario de Alexandre Herculano nasceu em Lisboa, em Coimbra, no Porto ou em outra qualquer povoação do querido Portugal? Sabe-se e é certo que um grupo de estudantes da Academia dos Estudos Livres, de Lisboa, soltou a ideia com fervoroso entusiasmo, que a mocidade aquecia e que se divulgou desde logo sendo abraçada por grande numero de consocios e condiscipulos; e que, pelo mesmo tempo quasi, outro grupo de estudantes de Coimbra, tendo por orgão a *Revista Coimbrã*, lembrava e defendia a comemoração do centenario para honrar a memoria de Alexandre Herculano. Estava-se em novembro 1909 e a data consagrada era 28 de março 1910.

As adesões apareceram logo calorosas na imprensa. Numa cronica de Coimbra, sob data de 29 de novembro 1909 e com a assinatura de um talentoso

---

[1] Esta honrosa carta, que saiu no *Jornal do Comercio*, foi agora reproduzida no tomo I das *Cartas*. É o ultimo dos documentos ahi transcritos de pag. 287 a 296.

estudante de direito na Universidade de Coimbra, o Sr. Hipolito Raposo (que já é ao presente bacharel formado), lia-se o seguinte:

«Não precisa de encomios de ninguem para se impor a figura austera do autor da Historia de Portugal.

«Nunca a patria recusará á sua memoria a gratidão que lhe deve, e qualquer que seja o juizo final que sobre a sua obra historica venha a cair — bastará para redimi-la a revelação de toda a serie de esforços, traições, heroismos, batalhas de que saiu a nação-constituida.

«No seu tempo, Herculano compreendeu a sua missão, aceitou-a e tratou de exercê-la nobremente, multiplicando-se, como Garrett, quasi por milagre. Á renovação politica juntava-se a revolução literaria e os homens do pensamento obrigados a ser tambem homens de estado: despir a farda da academia para vestir a farda de ministro; uma dissertação historica e um projecto de lei; uma discussão filosofica e um combate de oposição parlamentar.

«Foi neste periodo de romantismo constitucional que a vida activa de Herculano decorreu, prestando aos negocios publicos o alto concurso da sua inspiração e conselho durante anos e trabalhando pacificamente na sua obra de investigação, fora das frivolidades da vida dos salões.

«A luta por um mais perfeito ideal de justiça começou-a ele de armas na mão e continuou-a no jornalismo e no livro, sempre robusto e indomavel, como o português de velha tempera.

«Viriam depois invejas, vaidades, ambições dos homens, e Herculano que sustentara os impetos da guerra civil e nela se batera como um dos bravos do Mindelo e ao lado de recrutas analfabetos, não resistia aos vicios do seu tempo e fugia do seu posto, desertando covardemente para os olivaes de Valle de Lobos».

....

«A correspondencia de Alexandre Herculano devia ser publicada: exige-o a verdade historica em busca da qual ele chegou á imortalidade e a memoria ilustre de uma das inteligencias mais honestas e ilustradas que Portugal tem tido[1].

«E da trindade romantica a quem coube em destino fazer a transição de uma idade para outra — é Herculano que mais admiro e é o aspecto moral que nele mais me seduz.

«Sem a nobre fisionomia moral de Herculano não teria a sua Historia conquistado a autoridade de um canon religioso, nem os seus ossos estariam nos Jeronimos expostos á veneração publica.

«Na sua epoca e no seu país, aquela vida foi um exemplo no meio da desorganização politica e na crise de caracteres que nos conduziu ao estado presente».

Poucos dias depois estava organizada em trabalhos uma comissão de estudantes da Universidade e decidia por unanimidade um programa, que seria cumprido pontualmente em diferentes dias do mês de março e que teria por fecho a publicação de um livro *In Memoriam* com a colaboração de escritores nacionaes e estrangeiros, principalmente brasileiros e espanhoes, cuja cooperação não seria recusada.

---

[1] Está em parte satisfeito o desejo d'este e de outros escritores que pediam a publicação da correspondencia de Alexandre Herculano, que devia de ter a maior importancia para a historia nacional e para a vida limpida do historiador.

No dia 4 de dezembro aparecia o primeiro artigo de patriotica e vibrante propaganda no periodico *O Dia*, e d'ele reproduzo com prazer estas linhas inspiradas no mais puro patriotismo e no mais devotado afecto a Alexandre Herculano:

«Passa a 28 de março o centenario do grande historiador Alexandre Herculano. Era um homem cheio de simplicidade e de virtudes austeras, que buscava descobrir a verdade limpida e nua para mostrá-la em seguida sem afectações e sem vaidades.

«Possuia aquela bondade caracteristica das grandes almas e tinha no maior grau o culto da dignidade. Perguntando-se-lhe um dia se podiam apresentar alguem na sua Thebaida de Vale de Lobos, Herculano respondeu: «Se é honrado pode vir; do contrario, não, que não dou coito a marotos».

«Durante o seu exilio em França, o historiador adquiriu aqueles nobres e levantados ideaes, que tanto influiram depois na sua vida e na sua obra. Em Paris estudara linguas e sciencias politicas, e o clarão de reforma que então irradiava do cerebro do mundo, iluminou-o em cheio. Foi ali que conviveu e tratou com as primeiras individualidades da Europa, e ali ainda que fortificou o seu espirito na verdade.

«Herculano foi lutador, mas lutador gigantesco e cheio de energia; e só quando completamente desiludido dos homens, é que retirou de todo o convivio para o fundo do seu vale, onde raros amigos o visitavam de longe em longe.

«Ali encontrou o repouso, após a fadiga dos seus anos de incessante labuta. Vale de Lobos ficará sendo um santuario respeitado e visitado com veneração, porque os grandes homens como que comunicam aos logares em que viveram alguma cousa do seu espirito e da sua personalidade.

«Na epoca em que morreu, passava pela Europa um vendaval de morte sobre os historiadores. Thiers acabava apenas de expirar[1] e já a noticia da morte de Herculano corria veloz.

«E não se julgue que a comoção do triste acontecimento encontrou nas fronteiras barranco inexpugnavel.

«*La Epoca*, de Madrid, transcreveu dos *Debates* o seguinte trecho, escrito poucos dias depois da morte do grande escritor:

«Recente ainda no coração da Europa liberal a dor causada pela morte do grande estadista, do eminente republicano, do celebre historiador, o Sr. Thiers, anuncia-nos o telegrafo o triste fim de outro personagem não menos ilustre, e sempre lembrado: Herculano, legitima gloria da patria do cantor dos *Lusiadas*. Dir-se-ia que tambem no reino sombrio da morte a poderosa lei da atracção exerce a sua magica influencia, e que os astros do saber e da inteligencia se atraem da mesma sorte que os soes imensos do espaço.

«Esta morte é uma perda irreparavel, não só para o seu país, mas tambem em geral para a Europa ilustrada, porque os grandes genios são cosmopolitas, e, como o astro do dia, iluminam todos os horizontes.

«Portugal perde um dos seus filhos mais ilustres, a Europa um dos seus maiores luminares».

«Volvidos alguns anos depois da sua morte, teve maior consagração, que traduzia o sentimento da patria reconhecida. As cinzas do Mi-

---

[1] O celebre estadista e historiador francês, Luis Adolfo Thiers, finou-se em 1877 com 80 anos de idade.

chelet português, as venerandas cinzas do grande historiador foram recolhidas em sumptuoso sarcofago, dando-se-lhes repouso condigno no Panteon dos Jeronimos. E um orador eloquentissimo, o conego Alves Mendes, cuja perda a patria já hoje deplora tambem, foi quem teceu, em reptos de coruscante eloquencia, o elogio funebre do nobilissimo cidadão, alçando-o ao glorioso pedestal que Herculano conquistou nos labores do seu peregrino talento.

«Naquele templo, que parece feito com a espuma do mar e com o eter do espaço, dizia o inspirado panegirista, e ao lado de D. Manuel, que foi a grandeza da patria, e do Gama, que foi a força da patria, e de Camões, que foi o estro da patria, nenhumas outras cinzas eram mais dignas de figurar que as de Alexandre Herculano, que foi a pena diamantina, honra e gloria da patria. E como os factos cristalizam as ideias, e os monumentos cristalizam as ideias e os factos, aquela consagração no marmore artisticamente rendilhado representava e atestaria aos vindouros o sincero e elevado culto que todos os portugueses votavam ao inconcusso escritor em cujas obra rebrilha o mais puro aticismo».

No dia 7 *O Dia* publicava uma carta endereçada ao director d'essa folha, Sr. Moreira de Almeida, pelo Sr. Gomes de Brito, que fôra amigo de Alexandre Herculano e com ele mantivera relações intimas, e o qual, agradecendo a referencia que se fizera ao seu nome, recordava que em 3 de julho de 1906, mencionando a verdadeira data do nascimento do egregio historiador apelara para o povo de Lisboa lembrando-lhe que, completando-se a 28 de março de 1910 cem anos que nascera dentro d'essa cidade Alexandre Herculano, ficara desde então no seu entender feito o convite para que celebrassem como era justissimo esse centenario. O Sr. Gomes de Brito escreveu:

«Por extremo folgo, como V. bem compreenderá, que o povo de Lisboa haja emfim alcançado, dentro e fora da capital do reino, ao cabo de mais de tres longos anos, e tambem á falta de mais directa e natural — direi até — legal e legitima iniciativa, quem se quisesse encarregar da celebração centenaria do cidadão ilustre que tanto se vangloriava de vir do povo, que tanto se afadigou por esmerilhar-lhe as origens, e tanto quis, em suma, «ficar com o povo, até a morte», segundo as proprias expressões, por Herculano firmadas, em carta particular que está presente.

«E já agora, se V. m'o permite, aproveitarei a sua bondade, para mais uma lembrança. Projecta-se para o proximo futuro 28 de março, segundo leio, a colocação de uma lapide comemorativa «na casa do pateo do Gil, onde Herculano nasceu».

«Tomo a liberdade de lembrar que a «casa que hoje se vê sobre o grande portal que tem aquele numero (o 458, da Rua de S. Bento) ... *não é aquela em que ele nasceu*, e em que foi criado. Essa ficava mais a dentro do pateo (do Gil) e *foi destruida* quando se fez a casa nova».

«Taes são as expressões empregadas por Xavier Rodrigues Cordeiro, na biografia de Herculano, publicada (em 2.ª edição) no *Almanac de Lembranças* para o ano de 1879.

«Será bom ter em vista estas circunstancias, para a redacção epigrafica da projectada lapide, podendo-se com facilidade adoptar expediente semelhante ao que se praticou em Paris, para assinalar o sitio *onde esteve a casa* em que faleceu Molière:

«Maison battie sur l'emplacement de celle où Molière est mort, le 17 février 1673».

«Declaro que cito de memoria, tendo perdido o nome da rua de Paris onde, ha trinta e tres anos, vi esta lapide.

«Em suma, e para terminar, com toda a satisfação declaro a V. que tenciono, com efeito, associar-me á «apoteose do Mestre», pelo unico modo que me é possivel: — publicando no dia 28 de março de 1910 algumas impressões do que para mim foi o coração afectuoso do grande escritor português e lisbonense, como V. e eu o somos, e se chamou Alexandre Herculano».

A promessa do Sr. Gomes de Brito cumpriu-se. Nas vesperas da grandiosa celebração era distribuido impresso um tomo de recordações intimas, a que me referirei adiante quando registar outras publicações, e não são em pequeno numero, que se deram ao prelo nessa epoca e mais realçaram as solenidades do centenario.

A seguir tenho nas minhas colecções do centenario o *Diario de Noticias*, que dedicou o seu artigo principal, do dia 8 de dezembro, em aplauso da comemoração do centenario tambem em obediencia a iguaes sentimentos patrioticos e á ideia da justa homenagem devida ao egregio mestre. D'esse artigo transcrevo as seguintes linhas:

«O talento de Alexandre Herculano, como joia finissima, é um talento facetado, e se a faceta literaria é a mais brilhante de todas, não é ela a unica a despertar o nosso entusiasmo, a impor-se á nossa admiração.

Um dia Alexandre Herculano divorciou-se com as letras, ou mais propriamente com a sociedade e retirou-se para a sua tebaida de Vale de Lobos, solidão agreste e melancolica, tão compativel com o seu genio. Esta resolução, que pareceu a alguns desarrazoada e que a muitos magoou profundamente, explica-se todavia pelo temperamento do grande escritor, que tinha o quer que fosse de misantropo, especie de Diogenes, a quem as miserias humanas causavam ao mesmo tempo pesar e tedio. Afavel para com o pequeno numero de amigos que gravitavam em volta d'ele, saudando-o ao mesmo tempo com fraternidade e respeito, Herculano apreciava mais o convivio da natureza e dos livros do que o convivio dos homens, cujas intrigas e ambições mesquinhas tão desconsoladoramente o impressionavam».

. . . .

«Apesar de ter nascido numa cidade populosa, a *rainha do oceano*, como ele proprio lhe chamava, apesar de ter recebido uma educação perfeitamente urbana, apesar da sua mocidade ter desabrochado nas lutas politicas e nos campos de batalha, Alexandre Herculano tinha uma propensão inata para a vida campestre, não simplesmente como Theocrito ou como Virgilio, para cantar as delicias bucolicas da Arcadia, mas para se entregar á cultura e amanho das terras. A sua «hegira» das letras, a sua retirada para os suburbios de Santarem, não deve surpreender, porquanto muito antes d'isso, já ele se tinha entregado a trabalhos identicos. O *azeiteiro* de Vale de Lobos já tinha feito em outras partes a sua iniciação agricola.

«Não deve portanto causar-nos maravilha o vê-lo transformado exclusivamente em lavrador. O novo Cincinato revela, neste genero especial, a força da sua inteligencia, a variedade das suas aptidões. O lavrador não desce do seu pedestal de literato, antes se pode dizer que ficam a um mesmo nivel aproximadamente. Herculano não é um lavrador comum e rotineiro. Para alguma cousa lhe devia servir o seu amor ao estudo e a profusão dos seus conhecimentos.

«Alexandre Herculano dedica-se especialmente ao preparo do azeite e adquire foros de mestre nesta especialidade. Na livraria que pertenceu a Fernando Palha, existe um maço de cartas subscritas pelo poeta da *Harpa do Crente*, em que descreve os processos que empregava no fabrico d'aquele precioso oleo e a prensa que adotava para tal fim, prensa inventada, ou pelo menos modificada por ele.

«Estas cartas seria de toda a vantagem que se publicassem agora, dando ensejo a avaliar-se de um modo mais amplo os extraordinarios merecimentos de Alexandre Herculano. Á celebração do centenario do eminente historiador não devem concorrer sómente a mocidade estudiosa, as corporações e homens de letras, mas tambem as escolas agricolas e a lavoura nacional, a quem ele deu tão salutares exemplos e prestou tão relevantes serviços.

«Alexandre Herculano, alem de eximio cultor do Belo, dedicou-se tambem a trabalhos praticos de reconhecida utilidade e vantagem e sob todas estas faces deve ser por conseguinte considerado, para que seja completa e justa a homenagem que Portugal lhe prestará no proximo anno».

A proposito da oposição, que se entrevia por parte de elementos reacionarios e veio a descoberto sem mascara, uma folha portuense, de tradições muito liberaes, saiu com energia em favor da ideia do centenario, o *Primeiro de Janeiro*, e em um dos artigos principaes escreveu, entre outras cousas, o seguinte:

«Está proximo o primeiro centenario do nascimento do grande historiador português.

«A consagração que se lhe prepara não pode deixar de revestir um alto significado de civismo e de se converter numa elevada lição de justiça e de nobreza intelectual. É forçoso, portanto, que o povo, chamado, nesta hora amarga da vida portuguesa, a descobrir-se perante a sua memoria, comprehenda nitidamente quanto deve ao esforço do extraordinario pensador.

«Em Herculano não ha somente a admirar a beleza de uma obra artistica incomparavel, porque o seu talento não produziu apenas maravilhas de imaginação. A imortalidade conquistou-a ele legitimamente, sobretudo na enobrecedora tarefa de historiador. A *Historia de Portugal*, apesar de incompleta, é um monumento imperecivel. É forçoso que atentemos na seriedade com que ela foi realizada. Antes de Herculano, a historia da nossa nacionalidade era um tecido inconcebivel de lendas, enredando-se inextricavelmente em factos verdadeiros. As chronicas da edade media constituiam ainda o evangelho dos estudiosos que amavam verdadeiramente a sua patria e tinham prazer em recordar os feitos ilustres que nobilitaram os seus heroes.

«Alexandre Herculano, familiarizado com os trabalhos modernos, compreendeu que a historia era uma verdadeira sciencia, e que, para enobrecê-la, indispensavel se tornava expurgá-la de tudo o que podia tirar-lhe esse caracter. Lançou-se, portanto, num trabalho extenuante mas dignificador, no intuito de estudar profundamente as origens das instituições nacionaes, desenrolando depois, com uma imparcialidade severa, todos os acontecimentos em que tomou parte o povo português, e que mereciam ser perpetuados».

....

«De longe, atraía-o o remanso da sua casa de Vale de Lobos, onde, na intimidade da natureza, vestido de burel grosseiro, como o mais humilde dos camponios, Herculano esperou que a morte viesse cerrar-lhe os olhos.

«Em Portugal, onde tantas vezes se faz a consagração de criaturas sem valor, chega a ser irrisorio ver como o fanatismo estupido ainda tem a coragem de impugnar a legitimidade do culto, prestado ao seu grande nome.

«A imortalidade ganhou-a ele em vida com as suas obras; mas é indispensavel que, nos tempos que vão correndo, de *apagada e vil tristeza,* a celebração do seu centenario sirva de lição civica ao povo português, que muito e muito terá de aproveitar com ela.

«Uma tal homenagem é uma divida de gratidão que se paga á sua memoria. Na frase justa de Pinheiro Chagas, Herculano levou Portugal ao convivio dos grandes pensadores, e deu á nacionalidade portuguesa a consciencia de si propria.

«Que o país reconheça esta grande verdade, e a lição do centenario não será totalmente perdida».

Ao mesmo tempo, noutra folha portuense, a mais antiga em o norte da nação, das mais consideradas na imprensa por se ter conservado alheia inteiramente ás lutas da politica e dedicando-se com patriotismo a transcendentes assuntos que interessam ao desenvolvimento, ao progresso e ao resurgimento da patria portuguesa, *O Comercio do Porto* escrevia num numero de janeiro o seguinte:

«Nunca deve esquecer-se que a celebração do centenario de Camões representa o começo de uma epoca de ressurgimento da alma nacional. D'essa comemoração partiu o despertar do espirito publico, até então quasi absolutamente desinteressado ou antes desconhecedor dos melhores titulos que constituem a honra da nossa raça».

«A ignorancia que avassala e deprime o povo português não só o trazia alheio aos factos mais nobres da sua Historia, como o fazia estranho aos nomes dos seus homens mais notaveis e mais prestimosos.

«Depois do centenario de Camões, veio o de Pombal, o de Santo Antonio, o de Gama, o do Infante D. Henrique e outros.

«Agora, prepara-se o de Alexandre Herculano, a quem as letras portuguesas devem obras memoraveis como a *Harpa do Crente*, o *Eurico*, e o *Monge de Cister*, e em quem a historia de Portugal encontrou um dos mais seguros investigadores.

«Prosador e poeta, investigador e politico, em todas as manifestações da sua inteligencia e do seu caracter, Herculano é uma grande e nobre figura, que é preciso reverenciar e que todo o português deve enaltecer em nome do prestigio da sua raça.

«A obra de Herculano é d'essas que por si só constituem a gloria de uma literatura; não a teem melhor outras nações e, todavia, os nomes de Lamenais, de Thiers, de Guizot, de Hugo e de tantos outros são mais conhecidos do que o do nosso grande historiador.

«Acabam de constituir-se na Sociedade de Geografia de Lisboa a grande comissão do centenario de Herculano e a respectiva comissão executiva. A tarefa que lhes cabe é das mais generosas e mais simpaticas; é de esperar que encontrem por toda a parte o apoio caloroso que se deve á comemoração de um grande vulto, cujas opiniões podem ser discutidas, mas cuja grandeza como cultor das letras patrias não pode, de maneira alguma, ser posta em duvida.

«Como soldado valoroso que foi no cêrco do Porto, deve-lhe esta cidade um duplo preito: o preito ao combatente de Ponte Ferreira; o preito ao paciente investigador dos seus codices.

«Ao mesmo tempo que se rende a homenagem justificada a um grande português, ensina-se ao povo quanto vale o culto da inteligencia e quanto merecem aos seus concidadãos, aqueles que, como Herculano,

legaram aos vindouros verdadeiros monumentos de saber, de integridade de caracter e de amor dá patria».

Nessas ideias, acompanhando a imprensa portuguesa, apareciam na do reino vizinho algumas noticias de incitamento em favor do centenario de Alexandre Herculano, e parece-me que será bom registar o apêlo que li em *El Liberal,* de Madrid, porque o que se anunciava poder-se-ia traduzir num facto muito lisongeiro para Portugal. Eis a noticia da gazeta madrilena citada:

«Ao convite que o Sr. D'Ayot, como delegado-representante, em Espanha, da comissão organizadora da referida homenagem, dirigiu aos intelectuaes espanhoes, teem respondido eminentes individualidades e corporações importantes, enviando aqueles magnificos trabalhos literarios que serão publicados no monumental livro *In Memoriam,* cuja publicação se fará em Lisboa, em louvor do insigne autor da *Historia de Portugal* e prometendo estes a celebração de brilhantes veladas, festas e conferencias, que serão vivas demonstrações de afecto para com a nação irmã a seu preclaro filho.

«*In Memoriam* terá um magnifico prologo de Unamuno, figurando tambem no mencionado livro a reprodução do trecho, referente a Herculano, do canto x «Portugal», do inspirado poema em prosa *La Iberiada,* original do Sr. D'Ayot, recentemente publicado com extraordinario exito».

V

Na primeira reunião da segunda classe da Academia das Sciencias de Lisboa, logo após as primeiras manifestações na imprensa diaria e de começarem os trabalhos dos estudantes, a que me referi, em a noite de 9 de dezembro o Sr. Teixeira de Queiroz propôs que a mesma classe tomasse a iniciativa da comemoração do centenario de Alexandre Herculano. A este respeito falaram os Srs. Consiglieri Pedroso, Henrique Lopes de Mendonça, Cristovam Aires, e o presidente Sr. Veiga Beirão, que declarou que, na proxima sessão da assembleia geral da Academia, participaria a resolução da segunda classe para que ahi fosse decidida a melhor forma de efectuar-se uma sessão solene de homenagem devida ao grande escritor e criador do *Portugaliae Monumenta.*

A sessão da assembleia geral, isto é, reunidas as duas classes, a que se aludira na segunda classe da Academia, realizou-se alguns dias depois em harmonia com os estatutos, e ahi o Sr. Veiga Beirão relatou o que ficara decidido nessa classe em virtude da proposta do Sr. Teixeira de Queiroz, e propôs que a comemoração de Herculano, como a de Cervantes, constasse de uma sessão solene em que tomassem parte os academicos que para ela desejassem inscrever-se.

O Sr. Conde de Sabugosa recordou o que passara na Academia em 1877 lendo nas respectivas actas das sessões o que então se decidira e não fôra cumprido, como o colocar um busto de Alexandre Herculano na grande sala da biblioteca da Academia, cunhar-se uma medalha comemorativa e fazer uma edição critica e popular das obras do mestre.

O Sr. Teixeira de Queiroz modificou a sua proposta dizendo que, não havendo o tempo necessario de reunir os elementos para uma condigna manifestação nacional, a participação da Academia devia limitar-se á sessão solene.

Nessa sessão tambem falaram os Srs. Consiglieri Pedroso, que aprovou a ideia da edição popular e critica das obras de Alexandre Herculano; dr. Virgilio Machado, que opinou por que se confiasse á segunda classe o honroso encargo de redigir o programa da celebração do centenario; Lopes de Mendonça, que lem-

brou que devia aderir-se ao proposito da Sociedade de Geografia de Lisboa para o acordo intelectual de Portugal e do Brasil, em que tão patrioticamente trabalhava o presidente d'essa sociedade, Sr. Consiglieri Pedroso; o Sr. Carlos Bocage, que pediu que se mandasse uma mensagem á Academia a pedir a sua valiosa cooperação na comemoração do centenario de Alexandre Herculano; o Conde de Valenças, que lhe parecia de alta significação que, em vez de uma só sessão academica, se realizassem outras de propaganda scientifica e patriotica, para corresponder ao altissimo valor de Herculano.

O que, porém, não deve passar, sem especial registo, é o que disseram os Srs. Julio de Vilhena e Moreira de Almeida, em discursos calorosos que podem considerar-se como brilhantissimos preliminares do centenario.

O Sr. Julio de Vilhena falou comovido. Traçou com relevo o perfil literario do ilustre historiador, de quem se declarou discipulo e a quem deveu os primeiros estimulos nos estudos historicos com que iniciou a sua carreira; declarou que não concordava na restrição a uma sessão solene das manifestações que a Academia fizesse em homenagem a Alexandre Herculano, o mais egregio vulto de todos os que teem nome na contemporanea literatura portuguesa. Fazer uma sessão solene é pouco, exclamou: era mister que a Academia, como o primeiro instituto scientifico do país, figurasse á frente do movimento que no reino inteiro já se desenhava, por modo que se faça uma apoteose nacional e não só uma celebração academica. Chamem-se todas as agremiações, venha a imprensa de todos os partidos, venha a mocidade das nossas escolas, colaborar num unico programa de festa nacional.

O Sr. Moreira de Almeida disse que o vulto de Alexandre Herculano era de grandeza tal que não cabia dentro das paredes da Academia, por maiores e mais nobres que sejam as tradições d'este instituto: Herculano pertence ao país e já conquistou a imortalidade na Historia. A Academia não podia, quanto á sua homenagem, regulá-la pela que, tão justa e brilhante, prestára a Cervantes, porque se este foi notavel vulto na literatura, aquele era uma gloria inconfundivel na historia de Portugal. Não receava do insucesso de um movimento nacional para tal comemoração; só quem não for português, pela inteligencia e pelo coração, poderá recusar-lhe o seu aplauso. E com vivo prazer ouvira as palavras do Sr. Carlos Bocage, herdeiro de um nome que tem na Academia tambem honrosa tradição, para que se apele para o Brasil intelectual. Far-se-ia assim não já uma solenização nacional como a justificara o Sr. Julio de Vilhena, mas a manifestação da nossa raça, unindo-se na glorificação suprema de Herculano os que, àquem e alem do Atlantico, tem a mesma origem etnica, falam a nossa lingua, teem a nossa historia, professam as nossas crenças.

«O movimento nacional em honra de Herculano, concluiu o orador, será uma afirmação imponente e singular da nossa vida intelectual e da nossa gratidão nacional. Sê-lo-ha tambem a glorificação de uma bela figura moral, porque a não houve em terra portuguesa mais nobre do que a d'esse homem, que podendo ter neste país honras mais do que magestaticas, sendo o maior de entre os maiores do seu tempo, apenas quisera repousar no modesto jazigo de Azoia de onde houve que trasladá-lo, numa hora de justiceira consagração, para o mausoleu monumental dos Jeronimos, onde se lhe escreveu no marmore tumular este singelo epitafio que o historiador para si proprio ditara:

Aqui jaz um homem que conquistou para a historia, a grande mestra do futuro, algumas importantes verdades

O Sr. Moreira de Almeida concluiu o seu patriotico e vibrante discurso dizendo que Portugal devia no dia 28 de março render a maxima homenagem áquele que nos será sempre através os seculos, imerecivel gloria e que esse dia seja, para o coração de milhões de portugueses, irmanados comnosco os que for-

mam hoje a gloriosa nacionalidade brasileira, o dia luminoso e grande da festa da nossa raça».

Depois, na sessão da segunda classe da Academia das Sciencias de Lisboa, realizada no dia 14, tratou-se novamente do centenario de Alexandre Herculano, e Brito Aranha apresentou uma proposta para que se realizasse uma sessão solene, destinada á leitura de um ou dois discursos adequados ao assunto; para que a Academia das Sciencias se fizesse representar em todas as manifestações; e para que se publicassem todos os trabalhos que os socios enviassem relativos ao grande genio que se comemorava.

Acêrca d'esta proposta falaram varios socios, sendo substituido o primeiro ponto por uma proposta do Sr. Henrique Lopes de Mendonça, isto é, que a mesa ficasse incumbida de escolher os oradores para a sessão solene consagrada a Alexandre Herculano, de fixar o seu numero e o limite da duração da sessão.

Em seguida, foram aprovadas sem discussão os restantes alvitres da proposta de Brito Aranha. Presidia a esta sessão o Sr. Julio Marques de Vilhena.

Em a noite de 20 reuniu de novo a assembleia geral da Academia das Sciencias de Lisboa sob a presidencia do Sr. Dr. Virgilio Machado, e na ordem da noite o Sr. Cristovam Aires, como secretario da segunda classe, deu conhecimento das resoluções d'essa classe com respeito ao programa da celebração do centenario de Alexandre Herculano, as quaes eram (como se viu na sessão da segunda classe, já extratada):

a) Sessão solene, que estava já determinada nos seus delineamentos geraes;

b) Publicação, por conta da Academia, dos trabalhos que os socios, ou algum escritor estranho, enviassem como contribuição para essa solenidade; e

c) Participação da Academia em todas as demonstrações que se realizassem na comemoração oficial.

VI

Na segunda quinzena de dezembro 1909 e nos primeiros dias de janeiro 1910 continuaram os trabalhos nos diversos grupos de estudantes de Lisboa e de Coimbra, procurando a adesão da mocidade academica de outras cidades, recebendo-se respostas muito satisfatorias, e na Sociedade de Geografia o seu ilustre presidente, Sr. Consiglieri Pedroso (hoje infelizmente falecido), pensava e executava com serenidade e energia, de acordo com a benemerita direcção da mesma sociedade, a ligação de todas as iniciativas e de todas as vontades para a mais perfeita realização da celebração do centenario de Alexandre Herculano. Com esse elevado intuito redigiu e mandou endereçar a diversos cidadãos e colectividades a seguinte circular:

> «Começando a acentuar-se por diversas iniciativas isoladas o patriotico movimento de uma condigna solenização do centenario do nascimento do grande escritor Alexandre Herculano, e sendo conveniente no interesse d'essa consagração nacional que se unam harmonicamente todos os esforços e se orientem de acordo com um plano unico todas as colaborações até este momento dispersas, tem a Sociedade de Geografia a honra de convidar V. Ex.ª (ou os seus representantes) para uma reunião que se realizará na séde da mesma Sociedade no proximo sabado 8, pelas 8 horas e meia da noite, a fim de se assentar na melhor forma de unificar o trabalho das diversas entidades que se estão ocupando do assunto, e de assegurar por consequencia o maior brilho ao grande acto de justiça que se projecta á memoria de um dos mais ilustres filhos de Portugal.

«A Sociedade de Geografia tomando esta deliberação nem desconhece a prioridade e a importancia de outras iniciativas já manifestadas, nem pretende pelo facto do presente convite ter direito a qualquer preeminencia, que está longe da sua intenção reivindicar. Unicamente pensou que, oferecendo o campo neutro das suas salas a este primeiro encontro dos que estão empenhados em celebrar a recordação de um grande nome português, prestaria serviço á nossa patria, que só pode engrandecer-se pelo culto desinteressado e ferveroso dos que em vida deram nobre exemplo de grandes virtudes civicas, sem as quaes não ha sciencia ou saber que logrem o respeito da posteridade.

«Conseguido o fim de pôr em contacto os valiosos elementos que estão promovendo a celebração do centenario de Alexandre Herculano, a Sociedade de Geografia passará a tomar apenas na comissão, que resultará naturalmente da reunião que vae realizar-se, o modesto logar de uma simples associação portuguesa que entusiasticamente adere ao movimento, que outros mais qualificados e mais competentes do que ela serão chamados a dirigir.

«Sociedade de Geografia de Lisboa, 3 de janeiro de 1910. = O Presidente, *Consiglieri Pedroso*.

D'este modo, seguindo a sensata orientação indicada na circular bem pensada da Sociedade de Geografia, e centralizando nesta a boa vontade e os esforços de todos, tornar-se-ia de certo mais deslumbrante e mais grandiosa a projectada manifestação de caracter nacional, para a qual era pedida a cooperação de todos sem distinção de partidos. E conseguiu-se em reuniões sucessivas na Sociedade de Geografia, nas quaes foi recebida e aceita com geral aplauso a coadjuvação sincera e entusiastica dos delegados das escolas de Lisboa, em que entravam lentes e estudantes com iguaes sentimentos; e logo na primeira sessão foi votada por unanimidade uma proposta que serviu de base dos futuros trabalhos. Essa proposta, assinada por um dos membros da direção da mesma sociedade, o Sr. José Augusto Moreira de Almeida, prescrevia o seguinte:

1.º Nomear uma grande comissão que devia de realizar a comemoração do centenario de Alexandre Herculano, delegando-se a sua escolha na mesa que presidia á sessão preliminar e d'ela faria parte.

2.º Essa grande comissão nomearia, entre os seus membros, uma comissão executiva, á qual seria incumbido redigir o programa do centenario, ao qual seria dado o caracter de celebração nacional.

3.º A grande comissão daria á comissão executiva os poderes necessarios para a melhor execução dos seus trabalhos.

4.º A grande comissão receberia todos os programas e alvitres apresentados nessa primeira sessão e quaesquer outros para serem apreciados oportunamente.

Os trabalhos regulares da comissão executiva na Sociedade de Geografia, sob a solicita e luminosa direcção do presidente Consiglieri Pedroso, começaram regularmente em a noite de 30 de janeiro e prosseguiram sem interrupção e com grande realce nas votações, que ligavam propositos e vontades, sem ideias de sectarismo.

Na constituição definitiva da grande comissão foram indigitados e ficaram aprovados: como presidente efectivo, Consiglieri Pedroso, professor de historia e director do Curso Superior de Letras e presidente da Sociedade de Geografia; presidente de honra, o Sr. Henrique da Gama Barros, continuador dos estudos historicos de Alexandre Herculano; vice-presidente de honra, Duque de Palmela, apaixonado admirador do grande Mestre; Bulhão Pato, amigo intimo do histo-

riador e poeta consagrado; Gomes de Brito, outro amigo intimo de Herculano e investigador historico; e Brito Aranha, que, na sua qualidade de periodista, esteve em Vale de Lobos nos ultimos dias da doença do Mestre para assistir aos seus derradeiros momentos.

Á tenacidade no trabalho util e á amizade profunda que consagrava a Alexandre Herculano se devera a Gomes de Brito a iniciativa e a prosecução solicita em todos os trabalhos que levaram a erecção da capela sepulcral no claustro manuelino do extinto convento dos Jeronimos e a trásladação das preciosas cinzas do venerando Mestre para essa capela, o que se realizou, como se sabe, com a maxima solenidade e com a representação de todas as classes da sociedade portuguesa. Este e outros pormenores interessantissimos, constam, como registarei adiante, do livro publicado pelo mesmo erudito escritor.

Na reunião da comissão executiva, em 2 de fevereiro, foi votado e mandado publicar o aviso do concurso para a composição da marcha triunfal Herculano, a que só deviam concorrer os artistas compositores nacionaes. O aviso era do teor seguinte:

Concurso para a marcha triunfal Herculano

1.º Fica desde a presente data aberto concurso para a composição de uma marcha-hino Herculano destinada a ser executada por bandas e tunas academicas.

2.º O tempo de duração d'esse concurso é o decorrido desde a presente data até o dia 28 do corrente.

3.º Todas as composições serão recebidas até as 6 horas da tarde do dia 28 do corrente, sobscritadas á Comissão Executiva na sede da Sociedade de Geografia.

4.º A composição que for julgada melhor pelo juri que oportunamente fôr nomeado será premiada com um objecto de arte.

Serão conferidos aos tres concorrentes imediatamente classificados menções honrosas.

5.º A comissão reserva-se o direito de reproduzir a composição musical pela forma que julgue mais conveniente, tendo o concorrente premiado direito a metade dos exemplares que forem impressos.

6.º A distribuição dos premios será feita em sessão da grande comissão, especialmente convocada para esse fim e em que serão executadas as quatro composições premiadas. — *A Comissão Executiva.*

Dos projectos apresentados foi aprovado pelo juri e mandado executar nas oficinas da Companhia Nacional Editora a marcha de composição do Sr. Silveira Paes, da qual foi logo dada copia ao mestre da antiga guarda municipal, Taborda (hoje falecido), para que se encarregasse de a ensaiar de acordo com os mestres das outras bandas regimentaes.

VII

A serie de conferencias historico-literarias e criticas, em homenagem a Alexandre Herculano, iniciada pelas deliberações da comissão executiva, foi inaugurada na Sociedade de Geografia pelo lente do antigo curso superior de letras e oficial superior do corpo do estado maior do exercito, Sr. Manuel de Oliveira Ramos, que se propôs desenvolver a tese seguinte:

«Qual o valor da obra de Herculano na evolução da historiagrafia?».

Seguirei o conferente num extracto do seu discurso publicado no dia seguinte, e que nos dá a conhecer o modo brilhante como cativou a atenção do auditorio.

Começou por declarar que dividia essa conferencia em dois terrenos: a historia antes e depois de Alexandre Herculano. As sciencias historicas diferem das sciencias constituidas pelo meio de conhecimento que é uma sciencia critica e não de observação. A historia tem de reduzir o estudo dos documentos ao tipo da observação perfeita das sciencias constituidas: a historia tem de estudar factos pelos vestigios. Quando Herculano apareceu, uma historiagrafia nacional appareceu tambem.

«A historia de Portugal, diz o conferente, estava num periodo não infantil, mas rudimentar. As historias de Portugal eram quasi todas estrangeiras, e a unica cómpleta até o seu tempo era a de Schaeffer e ainda assim fundada sobre cronistas, pois não consultara documentos originaes.

«Sobre partes da historia de Portugal já havia espirito critico, haja em vista as *Dissertações* de João Pedro Ribeiro, apontado como mestre de diplomatica, os trabalhos do cardeal Saraiva, Fr. Fortunato de São Boaventura e Fr. Antonio Brandão na *Monarchia Lusitana*. Entre este ultimo e os primeiros ha muita diferença; assim aos primeiros censurava Herculano com toda a energia, a Brandão exaltava-o com todo o entusiasmo, admirava, ele, o grande trabalhador, a constancia e persistencia de trabalho decenal na consulta de documentos.

«Mas Herculano não foi estranho á influencia estrangeira, e entre outros aponta como seus mestres Ranke, Thierry e Guizot, com quem confessa que aprendeu historia.

«A nação que deu o sinal no inicio dos estudos historicos modernos foi a Alemanha, o que em parte deve á politica de Napoleão, que despertou o sentimento das nacionalidades.

«Stein foi o paladino da historia moderna, seguido de perto por Grimm, Perthes e Weitz. Perthes com entusiasmo e paciencia lançou mãos á obra de compilação de documentos, seguindo um plano que serviu depois de modelo a Herculano. O seu trabalho está dividido em diferentes volumes: Scriptores, em que procurou o escritor no mais contrario á arte, isto é, a literatura narrativa; Leges et consuetudines; Epistolae, Diplomata et Antiquitates, entendendo por esta palavra tudo que designamos por archeologia.

«Á frente de uma compilação identica de documentos portugueses esteve Herculano por mais de 20 anos, e os seus sucessores Soromenho, Carrilho e João Basto, que foi quem realizou a interpretação das fontes e desdobrou a secção das Inquirições, não fizeram mais que aproveitar os trabalhos de busca do nosso grande historiador.

«Trabalhou Herculano em historia o melhor de 42 anos, nos quaes examinou perto de 12:000 documentos, e muito mais poderia trabalhar e produzir se não fosse a inveja e a politiquice rasteira de então

«Como trabalhador é uma das figuras mais superiores do seu tempo no dominio historico, porque teve de fazer tudo, visto que nada estava feito. Viu-se forçado a ser filologo, teve que exigir ao seu espirito uma penetração e empregar um esforço de comparação e discriminação que com dificuldade se pode igualar. Conheceu quasi tudo que a Espanha produziu em historia.

«Herculano é em toda a acepção um feudal, o seu Portugal terminou com o primeiro ramo da dinastia de Aviz, levado como foi pela corrente «comtista» que reabilitou a Idade Media julgada como um periodo letargico de 10 seculos, mostrando-a como uma epoca de liberdade, de elaboração e actividade; alem d'isso era um liberal de uma forma de liberalismo que se não compreende hoje. A coerencia, a unidade que

reveste os seus 40 anos de vida activa são um belo exemplo para todas as gerações; era um catolico a quem repugnava tudo quanto se tinha feito desde o concilio de Trento; para ele, Inquisição, absolutismo e reacção, são forças que concorrem no mesmo sentido.

«Herculano desde os primeiros artigos do «Panorama» mostrou-se irreconciliavel com o voltairianismo.

«Foi o unico que se levantou contra a apropriação dos fundos das ordens religiosas, sustentando com energia tradições do catolicismo antigo; e, quasi no fim da carta ácerca das conferencias do casino, faz ainda a sua profissão de fé.

«Era um elemento raro da unidade de caracter no seu tempo e muito mais perante o constitucionalismo moderno. Todos os vicios do constitucionalismo repugnavam áquele homem feito de um só jacto, e foi quando roçou por eles que, desgostado, se retirou para a vida particular, ele que quasi não tinha saido d'ela.

«Entre os mestres de Herculano deve-se citar um que se esquece sempre — Coelho da Rocha.

«Depois de anunciar um trabalho sobre as fontes arabes, a que se reportou o nosso grande historiador, que o distinto lente do Curso Superior de Letras, o Sr. David de Melo Lopes, prepara [1], o Sr. Oliveira Ramos encerrou a sua interessantissima conferencia».

A segunda conferencia realizou-a o Sr. José de Sousa, professor da Escola Nacional e do Colegio Arriaga, na sede da Academia de Estudos Livres, discursando sobre algumas particularidades da sua vida publica, politica e literaria, desde que ele teve de emigrar para Inglaterra; apontando a parte briosa e patriotica que lhe coube nas lutas liberaes para combater o absolutismo; os seus primeiros passos na carreira das letras colaborando no *Panorama*, onde ficaram os primeiros estudos historicos que o levaram para estudos mais importantes como os que ficaram na *Historia de Portugal*, e dando á luz o bom fruto procurando em fastidiosas investigações os elementos que lhe eram necessarios entre documentos que se conservavam cobertos de pó, virgens nos archivos monasticos

Por ultimo, o Sr. Sousa referiu-se ás intrigas ultramontanas, aos importantes trabalhos para o codigo civil, á controversia relativa ao casamento civil, elogiando os seus vastos conhecimentos de jurisprudencia que causaram a admiração de abalisados jurisperitos, e louvou com entusiasmo a academia portuguesa que ia consagrar um dos maiores portugueses. Se este grande cidadão pudesse voltar ao mundo e visse o ardor dos moços estudantes na realização do seu centenario, quando a morte lhe batesse no hombro para voltar ao tumulo, Herculano diria o que escrevera:

> E eu que existo e penso e falo e vivo,
> Irei tão cedo repousar na terra?

A terceira conferencia, da serie votada, coube ao esclarecido professor, Sr. Dr. Reis Santos, que pôde realizá-la na aula de fisica na Escola Politecnica de Lisboa, na presença de extraordinaria concorrencia de estudantes que enchiam completamente a sala e prestaram a maior atenção ao conferente. Este desenvolveu o tema: *O centenario de Herculano e os estudantes*.

---

[1] É uma Memoria a que o Sr. David de Melo Lopes deu o titulo *Os arabes nas obras de Alexandre Herculano*. Está publicada em diversos fasciculos do *Boletim da segunda classe* da Academia das Sciencias de Lisboa. Acêrca da batalha de Ourique cito adiante um trecho do interessantissimo trabalho do erudito professor.

Seguirei, como nas anteriores conferencias, o extracto a que se deu publicidade e que demonstra bem a sua importancia, e faço-o com tanta maior vontade quanto posso afirmar que, em alguns pontos como se verá no decorrer d'este meu trabalho, o conferente seguiu no seu discurso orientação critica quasi igual ao que se me figura dever ser a mais razoavel na apreciação imparcial e severa dos sentimentos patrioticos e da tenaz propaganda de Alexandre Herculano, sem desfalecimentos, em favor das ideias de liberdade sem licença e de emancipação do pensamento.

O esclarecido conferente começou a sua oração expondo as tradições da academia e do quinhão que tem tido em factos importantissimos da vida nacional, factos que terão porventura influido no seu desenvolvimento para a regeneração patria, e foi apontando o protesto academico de 1862, cuja redacção foi confiada a Antero de Quental, o centenario do egregio cantor dos *Lusiadas* e o do Marquês de Pombal, em que tão brilhante papel desempenhou a mocidade academica; depois no protesto contra o ultimatum britanico, na Federação Academica e por ultimo na organização da Liga da Educação Nacional, cujo programa, em sintese, era fazer um Portugal moderno.

Acarreta sem duvida — proseguiu o ilustre conferente — graves responsabilidades a participação num centenario como o de Herculano. O seu «desideratum» é que a academia de Portugal, a academia de Lisboa, sobretudo, faça d'esse centenario o que ele deve ser; o seu exito depende da maneira como for encarado, não se limitando a academia, a quem, naquele momento, especialmente se está dirigindo, a meras manifestações de entusiasmo, sem resultados proficuos, que fiquem.

É nesta altura que o Sr. Dr. Reis Santos traça o perfil de Herculano, como uma das grandes figuras, senão a maior de todas no Portugal moderno. Antes, porem, estuda a civilização geral e a civilização portuguesa da epoca em que viveu o eminente historiador, as caracteristicas reaccionarias e revolucionarias d'essa epoca, a influencia da invasão napoleonica, a separação do Brasil e a revolução no modo de ser do povo português, ao começo do seculo XIX, moral e literariamente definhado; economicamente vivendo á custa do Brasil, e politicamente sujeito ao protectorado inglês — revolução realizada com formulas importadas do estrangeiro, a primeira das quaes preparada por Mousinho da Silveira.

O ilustre conferente aprecia sucessivamente as ideias e os intentos de Herculano, tendentes a criar em Portugal alguma cousa que se assemelhasse ao espirito moderno, que ele havia bebido na Europa, durante o seu exilio; como que o lançamento das bases de uma consciencia nacional, de mistura com uma solida intervenção nas questões politicas, economicas e religiosas; a sua obra em que avulta a *Historia de Portugal,* um trabalho colossal; e, finalmente, a sua personalidade, de um cunho harmonico, coerente, a dar a nota plena de um caracter perfeito. Ha ideias suas, que são de uma actualidade flagrante, como demonstrará em outra conferencia.

O centenario de Herculano deve pois ser, na opinião do conferente, não uma apoteose do catolico ou do livre pensador, do monarchico ou do republicano, mas uma consagração da obra grande e sagrada que ele tentou fazer e da sua personalidade no que tem de nobre e de belo.

No Porto proseguiam animadamente os trabalhos para a celebração do centenario naquela cidade. A comissão academica ali tomara varias resoluções e, entre elas tambem conferencias preparatorias, para as quaes foram convidados os Srs. Dr. João de Barros e Manuel Monteiro, devendo ser a primeira no dia 6 de fevereiro no Centro Comercial, a segunda no dia 12 no mesmo Centro, e no dia 13 efetuar-se-ia no teatro Aguia de Ouro uma sessão literaria, á qual deviam concorrer poetas e prosadores. No mesmo teatro se realizaria a recita de gala.

Alem d'isso, no Porto seria impressa uma folha comemorativa, com colaboração especial, em homenagem ao egregio historiador.

Na primeira conferencia realizada no Porto presidiu o aluno da Escola Medico-Cirurgica, Sr. Amadeu da Encarnação, que apresentou o conferente, Sr. João de Barros, como publicista e professor, e elogiou as suas aptidões muito conhecidas e apreciadas. O conferente principiou a sua oração elegante dizendo que Alexandre Herculano não só fôra um escritor genial, mas um escritor supremo, de estilo forte, solido e massiço como o seu caracter de português antigo; não foi só um poeta de nobre inspiração no qual não predominava a sensualidade que arrasta o artista nas horas tormentosas da criação, mas que soube fazer da sua poesia a mais alta expressão do seu pensamento, que era o pensamento de um elevadissimo cristão; e foi tambem, e integralmente, magnificamente, um tipo superior da humanidade.

O conferente, proseguindo, disse que decerto o professor Carlyle não o incluiria em o numero dos seus heroes, faltar-lhe-ia para isso o gesto interior que leva até o fim uma obra longamente meditada ou a que realiza com a mesma continua decisão e com uma fé sempre viva que desapareceria se alguma vez esmorecesse; porem teve a qualidade primordial dos heroes de Carlyle, o que nelles é verdadeiramente indispensavel e sem a qual os seus actos não teriam grandeza nem a sua influencia duração — a sinceridade, a veracidade, em frente dos factos e em face da propria consciencia.

Notou que o egregio escritor tivera sempre a coragem de apresentar as suas opiniões com desassombro, quando muitos homens de hoje falam em nome de outros. Cita alguns trechos dos prefacios da *Historia de Portugal*, dos *Opusculos* e de outras obras em que se patenteia a coragem e a inteireza do caracter do autor. No final da conferencia, o sr. João de Barros exclama com entusiasmo: «Alexandre Herculano disse um dia, pensando na sua patria decaida onde não encontrara a liberdade de ser como desejava: «Isto dá vontade de morrer!».

Nesse momento tinha razão. Agora talvez já não repetisse a mesma frase triste, visto que já se esboça na sociedade portuguesa um salutar movimento de renascença.

Mas ainda estamos longe da perfeição sonhada. E eu quereria que este centenario, tão generosamente celebrado pela gente nova do meu país, fosse o primeiro sintoma de que outro Herculano, que porventura aparecesse entre nós, não pudesse dizer de novo «Isto dá vontade de morrer»; mas que fosse forçado a exclamar, mesmo na hora da morte e relembrando então o povo forte, audaz e progressivo entre o qual vivera: «Isto dá vontade de começar a viver outra vez», com mais fé e mais entusiasmo, com maiores esperanças e mais seguras realizações».

VIII

Passados alguns dias a comissão executiva dava á publicidade os numeros principaes do programa das festas a realizar, que se consubstanciavam no seguinte:

No dia 27 de março (vespera do centenario) — Inauguração da exposição diplomatica referente á obra de Alexandre Herculano, pela Associação Academica do Curso Superior de Letras, bem como de uma exposição bibliografica herculaniana.

Dia 28 — Grande cortejo de homenagem ao tumulo de Herculano nos Jeronimos, e colocação de uma coroa de bronze por iniciativa da Academia de Lisboa.

Á noite, sessão literaria e artistica na Camara Municipal de Lisboa, em honra de Alexandre Herculano.

Dia 29 — Colocação de uma lapida na casa da Biblioteca da Ajuda, por iniciativa da Camara Municipal de Lisboa.
Á noite sessão comemorativa na Escola Politecnica, e «marcha aux flambeaux» pelos estudantes para descerrar a lapida comemorativa no Pateo do Gil, onde nasceu Herculano.
Dia 30 — Romagem a Vale de Lobos e Azoia de Baixo.
Colocação de uma placa de bronze no tumulo do General Gorjão, onde repousaram os restos do grande historiador.
Lançamento da primeira pedra para o monumento, que uma comissão local pretende levar a efeito.
Sessão comemorativa na Escola Alexandre Herculano, em Azoia.
Visita á quinta e casa de Vale de Lobos onde viveu e faleceu Herculano.
Á noite, sarau em um dos principaes teatros de Lisboa.

E tambem resolvia o seguinte:

Solicitar do Governo para decretar como de grande gala o dia 28 de março; pedir ao Governo e á Camara Municipal a iluminação dos edificios sob a sua dependencia durante as noites de festejos; solicitar das empresas teatraes què comemorem pela forma mais conveniente o centenario e conseguir da empresa do Coliseu dos Recreios a realização de uma festa infantil no dia 30 de março; constituir comissões locaes para a iluminação das principaes ruas; solicitar do Governo que todas as bandas disponiveis da guarnição de Lisboa abrilhantem as festas do centenario; convidar os clubs de sport nautico para que realizem uma festa nocturna no Tejo em 28 de março; pedir ao Governo e á Companhia dos Caminhos de Ferro a redução do preço dos bilhetes durante as festas do centenario; realizar conferencias preparatorias.

Para depois ficou indicar os itinerarios do cortejo da homenagem e da marcha nocturna com fachos, lanternas, archotes e musicas, ou populares ou regimentaes. Tambem a comissão executiva aprovou:

Conceder, de tres em tres anos, dois premios com o nome «Herculano» aos autores das melhores memorias sobre a historia de Portugal, fundadas no estudo de documentos originaes. O 1.º premio seria constituido pela importancia dos juros de 4:000$000 réis, e o 2.º premio pela importancia dos juros de réis 1:000$000.
O juri para organização dos programas e concursos seria constituido pelos professores de historia do Curso Superior de Letras e dois delegados da Academia das Sciencias, sendo um d'eles o vice-presidente da Academia, que serviria de presidente do juri, com voto de qualidade.
A Academia das Sciencias ficaria com a administração do fundo dos premios «Herculano».
A primeira concessão d'estes dois premios seria feita aos autores das duas melhores memorias sobre «Herculano e a sua epoca».
Os autores dos trabalhos premiados ficariam com a propriedade das suas obras.

IX

Pela Direcção Geral de Instrução Primaria, no respectivo ministerio, fôra expedida, no interesse da propaganda da comemoração do centenario, uma circular ás inspecções das tres circunscrições escolares, Lisboa, Coimbra e Porto, para que nas escolas primarias se determinassem os actos convenientes de realce áquela

solenidade em que se empenhava o país e que traduzisse bem a homenagem devida ao cidadão preclaro da estatura de Alexandre Herculano.

D'essa circular da direcção geral transcrevo o seguinte:

«Incumbindo tambem à escola primaria a educação civica, deve ela associar-se ás grandes festas nacionaes e á homenagem de justiça e gratidão prestada pela patria aos seus filhos mais ilustres.

«Alexandre Herculano, cujo centenario o país vai celebrar, constitue uma gloria nacional; é um grande historiador, é o nosso primeiro historiador e foi tambem o primeiro que deu á historia a feição scientifica em Portugal.

A sua obra não é d'aquelas que está condenada a desaparecer ou a morrer. Viverá sempre como a nação cujas origens ele narrou.

O primeiro periodo da nossa historia, que foi o da conquista do territorio e o da afirmação da nacionalidade, envolvido em lendas até Alexandre Herculano, foi reconstituido pelo grande escritor o estudo paciente dos factos e dos documentos, o exame dos archivos, a coordenação dos trabalhos, dispersos, o improbo trabalho associado a uma extensa cultura permitiram essa obra de ressurreição.

«Notavel como romancista e como poeta é sobretudo grande como historiador.

«Celebrando o seu centenario, o país paga uma divida de gratidão e de justiça.

«O professor chamará á escola os alunos e as familias. Explicar-lhes-ha o que é Portugal, como ele nasceu e se formou, as lutas e os sacrificios que custou a conquista do territorio e a afirmação do nosso sentimento nacional. Dir-lhes-ha que a historia d'esse tempo foi narrada por Alexandre Herculano. Contar-lhes-ha a paciencia do escritor, a analise penetrante e consciencIosa que fez dos documentos e dos factos para a reconstituição do nosso passado, o trabalho que pôs em acção para levar a termo a sua obra. Explicará o que é o municipio, a importancia que ele teve na nossa vida historica, a resistencia e a vitalidade d'esse organismo social através dos seculos; os deveres que nos competem como cidadãos e como municipes. Dirá que Herculano foi tambem o historiador dos nossos municipios.

«Ainda sobre outro aspecto, deve o professor considerar Alexandre Herculano. Estudando o passado e evocando-o admiravelmente com todo o relevo, nos seus romances, Herculano soube amar como ninguem os velhos monumentos, que são a afirmação corporea da nossa vida e da nossa alma na epoca que foram realizados.

«E, em mais de um dos seus livros, ou seja na *Historia de Portugal*, ou seja nas novelas ou nos *Opusculos*, a sua alma de patriota e de artista revolta-se a cada passo contra o vandalismo a que a ignorancia das gerações modernas teem votado essas afirmações em que a nossa alma, outr'ora, se traduziu e se afirmou. O amor de Herculano aos monumentos é ainda hoje um exemplo salutar.

«A obra de arte, ou se revele no campanario humilde de uma aldeia, de linhas simples, mas de proporções harmoniosas, ou se exprima mais orgulhosamente, nas grandes basilicas, deve merecer sempre o respeito e a veneração de que são dignas as acções nobres e os sentimentos elevados que essas obras exprimem.

«Procedendo assim, associando a escola á festa do centenario, o professor contribue para a grande obra da educação nacional, cria o sentimento de admiração e respeito pelos grandes homens do nosso país, fortalece o sentimento nacional e inspira o amor pelo nosso passado e

pela nossa patria. Pode tambem o professor associar os seus alunos ás manifestações festivas que na localidade se façam, dando assim mais relevo e mais brilho á comemoração e homenagem prestada pela patria a um dos seus filhos mais distintos».

Os inspectores, assim que receberam a circular expedida pela direcção geral, mandaram outra circular aos sub-inspetores seus subordinados, para que transmitissem as salutares prescrições recebidas aos professores primarios, contando com o zêlo e a boa vontade de todos na execução d'ela, e que os professores e os alunos prestariam assim condigno preito de admiração a Alexandre Herculano, sem duvida o maior e o mais eminente dos historiadores portugueses.

Em Coimbra progrediam, num crescendo admiravel, os trabalhos do grupo academico ao qual o mestre compositor espanhol, Varela Silvari, ofertara a sua *Marcha triunfal a Alexandre Herculano*, que seria executada pela banda de infantaria 28, de guarnição naquela cidade, dando grande realce ás festas ali projectadas e delineadas. Ao mesmo tempo recebiam-se informações minuciosas do que ia passando na Figueira da Foz, onde o entusiasmo era intenso.

O grupo de estudantes, em Coimbra, a que me referi, reunia igualmente os elementos para a publicação de um livro com a colaboração de diversos escritores, assim d'aquela cidade como de Lisboa, do Porto, Evora, Madrid, Barcelona, Rio de Janeiro, Pernambuco, Santos e outras cidades dos Estados Unidos do Brasil, onde se fizera propaganda activa em prol do centenario de Alexandre Herculano, e onde se contavam aos milhares no Brasil o numero dos seus admiradores. A esse livro dar-se-ia o significativo titulo *In Memoria*, que seria como o fecho radiante dos festejos comemorativos na formosa cidade do Mondego. Por circunstancias varias, que não posso avaliar, porque as desconheço, o ultimo ponto do programa ainda não pôde realizar-se. (Dezembro 1911).

Por causa da controversia ocorrida a proposito da data do nascimento do Mestre, porque alguns se fundaram no erro de uma certidão de batismo, que todavia ficara destruido e aclarado pelo proprio Alexandre Herculano, pois não devia supor-se que ele ignorasse a data exacta do seu nascimento, a comissão executiva em Lisboa, obedecendo não á verdade declarada mas a um melindre de delicadeza, resolvera que a celebração do centenario se realizasse desde 28 de março até 28 de abril. As festas solenes, que poderiam denominar-se oficiaes, deviam comtudo efectuar-se em março, como adiante se verá.

Assim preparara-se em Lisboa a sessão literaria no Gremio Literario, para a qual seria convidado o escritor e dramaturgo, Dr. Marcelino Mesquita; a exposição bibliografica no Archivo Nacional da Torre do Tombo; a sessão comemorativa na Camara Municipal de Lisboa, onde devia orar o então vereador, Sr. professor Agostinho Fortes, e a exposição bibliografica no archivo da mesma camara, sob a direcção do erudito archivista, Sr. Freire de Oliveira, benemerito coordenador e anotador dos *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, de cujos primeiros nove tomos fiz extracto ou roteiro no tomo XVIII d'este *Dicc.*, de pag. 372 a 392. D'esta obra correm já impressos XVI tomos compreendendo valiosas e importantissimas notas. No arranjo d'essa exposição seria auxiliado pelo primeiro oficial da camara e escritor, Sr. Gomes de Brito, que fora, como já indiquei, um dos amigos intimos de Alexandre Herculano.

No Porto, o Ateneu Comercial organizara o programa das festas a que daria o maior brilhantismo pela concorrencia das colectividades que a elas aderissem. O programa votado foi o seguinte:

Descerramento da lapida comemorativa do centenario de Alexandre Herculano na casa onde ele morou em 1837, na Travessa de S. Sebastião n.º 63, dando-se ao cortejo o itinerario seguinte:

... Ruas de Passos Manuel, Santa Catarina, Batalha (lado ocidental), Cativo, Chã, Largo do Corpo da Guarda e Travessa de S. Sebastião.

Finda aquela cerimonia, o cortejo regressaria á sede do Ateneu Comercial

pela Rua da Guarda, Praça de Almeida Garrett, Ruas do Bonjardim, Sá da Bandeira e Passos Manuel.

Á noite realizar-se-ia, nas salas do mesmo Ateneu, sessão solene comemorativa, á qual havia de presidir o Sr. Luis de Magalhães, que fora ministro no antigo regime, era escritor e filho do grande tribuno José Estevam Coelho de Magalhães.

Estava a findar o mês e ia raiar a hora para as maiores manifestações do centenario. No dia 25 o Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, o primeiro naquela grande capital em todas as demonstrações patrioticas, adiantou-se em mandar á comissão executiva em Lisboa o telegrama seguinte de adesão:

> «Comissão dos festejos do centenario Alexandre Herculano. Lisboa. A directoria do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro associa-se jubilosa ás merecidas homenagens prestadas á maior mentalidade da patria portuguesa».

X

Os corpos co-legislativos apressaram-se em se declararem a favor da celebração do centenario de Alexandre Herculano. Na Camara dos Pares foi o então presidente, Sr. Conde de Bertiandos, quem apresentou á assembleia a ideia de adesão, baseando-se no convite que recebera da Academia das Sciencias de Lisboa. Correu mui interessante e muito patriotica a sessão no dia 29 de março 1910, e por isso vou transcrever o que ali ocorreu segundo o extracto oficialmente publicado nos *Anaes* da mesma camara, sessão n.º 5, pag. 1 a 5:

O Sr. Presidente: — Cumpre-me participar á Camara que a mesa d'esta casa do Parlamento foi convidada para assistir na Academia Real das Sciencias á sessão solene em homenagem á memoria do grande escritor Alexandre Herculano.

A mesa cumpriu o seu dever associando-se a esse acto.

Como a Camara sabe, a nação está comemorando o centenario do nascimento d'esta gloria portuguesa e certamente desejará que se exare na acta um voto, que represente alto respeito e consideração por esse grande vulto, notabilissimo historiador e homem de letras de superior distinção, associando-se por esta forma ás manifestações do país. (*Apoiados*).

O Sr. Presidente do Conselho de Ministros (Francisco Beirão): — Sr. Presidente: Pedi a palavra para declarar que por parte do Governo me associo á proposta que V. Ex.ª acaba de fazer.

O nome de Alexandre Herculano é tão conhecido e respeitado em todo o país, que não julgo necessario acompanhar com mais considerações o voto do Governo sobre a proposta de V. Ex.ª

O Sr. Sebastião Telles: — Pedi a palavra a fim de me associar, em nome do partido progressista, á proposta de V. Ex.ª para que esta Camara preste a devida homenagem á memoria de Alexandre Herculano no centenario do seu nascimento.

É justa esta homenagem, como justa é a homenagem que o país inteiro lhe presta.

Para nos convencermos d'isto bastaria lembrar a vida de Alexandre Herculano, que aliás todos os meus dignos colegas muito bem conhecem.

Mas permita-me a Camara que recorde apenas um facto, qual foi o de, recusando todas as condecorações que lhe eram oferecidas, ele só ter aceitado o

grau de Cavaleiro da Torre Espada, porque entendeu que essa a tinha ganho pela maneira como se batera em defesa da liberdade.

Foi justa sem duvida aquela condecoração, mas com a mesma justiça Alexandre Herculano poderia aceitar todas as outras que lhe foram oferecidas, porque tambem relevantes serviços prestou á patria como escritor insigne.

Sr. Presidente: Em meu nome, e do partido progressista me associo do melhor grado á proposta de V. Ex.ª

O Sr. Teixeira de Sousa: — Sr. Presidente: Não pensava ao entrar nesta sala que viria cumprir a obrigação de juntar algumas palavras ás que V. Ex.ª proferiu em homenagem á memoria d'esse eminente escritor que se chamou Alexandre Herculano.

Ha deveres muito dificeis de cumprir, como é este, porque a minha palavra modesta não pode traduzir a grande, a profunda admiração que tenho por a obra monumental de Alexandre Herculano, quer como romancista, quer como historiador, sobretudo como historiador, especialidade em que Alexandre Herculano pelos seus estudos e investigações se elevou á maior altura, explicando as origens de Portugal e os factos mais notaveis dos primeiros reinados em harmonia com a grandeza epica do nosso passado.

É que, dentro d'aquele peito, batia um ardente coração de bom português.

Alexandre Herculano foi, alem de um grande talento, um grande propagandista e um grande patriota, que muito trabalhou pelo engrandecimento moral e intelectual da sua patria. Foi, tambem, um grande liberal, e um caracter independente, ainda quando os seus actos e as suas palavras pudessem acarretar-lhe, como acarretaram, combates e desgostos, como na famosa questão da batalha de Ourique.

Se outras circunstancias o tivessem favorecido, ele poderia ser o primeiro entre os historiadores modernos da Europa.

Pena foi, Sr. Presidente, que um homem, tão notavel por sua alta valia, resolvesse refugiar-se num recanto do pais, abandonando a vida publica.

Todavia, já então podia legar á sua patria os alicerces de uma obra colossal, que bem justifica as homenagens que neste momento se estão prestando á sua memoria.

Aplaudo, portanto, de todo o coração, as palavras que ha pouco V. Ex.ª proferiu.

O Sr. Campos Henriques: — Sr. Presidente: Pedi a palavra simplesmente para me associar ás palavras justissimas, eloquentes e sentidas que V. Ex.ª proferiu relativamente a Alexandre Herculano, o qual, pelo seu talento, caracter, estudo e saber, é considerado como um benemerito da patria, que tão estremecidamente amou.

Pensador e poeta, romancista, historiador, escritor de combate, legista e sabio, a sua obra atesta uma poderosa envergadura moral e mental, que muito engrandeceu a patria e merece as homenagens de todos nós.

Liberal sem ser demagogo, crente e religioso sem ser fanatico, amigo sincero e dedicado de um Rei bem intencionado e bom, Alexandre Herculano é para todos nós uma lição e um exemplo.

O Parlamento honra-se, portanto, prestando homenagem ao grande português que se chamou Alexandre Herculano.

O Sr. Sebastião Baracho: — Permitam-me o Sr. Presidente e a Camara que preste a minha modesta homenagem ao grande historiador e emerito cidadão, cujo centenario se está comemorando.

Não tenho a pretensão de fazer uma circunstanciada biografia de Herculano. Tudo o que d'ele se poderia dizer, e muito é, está escrito e proferido. Limitar-me-hei, pois, a recordar alguns dos traços mais caracteristicos da sua opulenta

existencia de cidadão exemplar, de liberal convicto, e de pensador de eleição. Como liberal e cultor de esmeradas virtudes cívicas, a sua privilegiada situação é atestada pelos factos que sucintamente vou narrar.

Em 1831, emigrava em virtude do estado intoleravel em que o absolutismo miguelista tinha colocado o país. Em 7 de julho de 1832, desembarcava no Mindelo, fazendo parte dos 7:500 bravos que iniciaram a sangrenta luta pela causa do constitucionalismo. Como soldado voluntario, entrava, dias depois, nas acções de Valongo e de Ponte Ferreira, que se feriram em 22 e 23 do mesmo mês e ano.

Finda a campanha, dedicou-se á cultura das letras, que versou superiormente em todas as suas modalidades; e, por assim dizer, nas suas horas de ocio, passou como um meteoro pelo parlamentarismo. Nestes termos, eleito Deputado em 1840, tomou assento na Camara entre os oposicionistas, o que dá a nota de ele ser um liberal conservador, visto presidir ao Ministerio d'essa epoca o Conde de Bomfim, cujo sucessor, em 1842, foi o Duque de Palmela, sendo ambos, como é sabido, de origem setembrista.

Não obstante a sua orientação conservadora, o clericalismo não o poupou. Alexandre Herculano não se prostrara, como historiador, perante a lenda de Ourique, que representa Cristo aparecendo a D. Afonso Henriques.

Esse acto de são criterio valeu-lhe, por parte dos reaccionarios, os mais desbragados doestos, que ele soube esmagar com os poderosos recursos de que dispunha, de argumentador implacavelmente caustico.

Mais tarde, em 1865, renovava-se a campanha reaccionaria e jesuitica contra o gigante das letras patrias. Herculano praticara o delito de leso-clericalismo de pugnar pela adopção do registo civil, tão recomendado a todos os respeitos.

D'esta, como da primeira vez, Herculano levou de vencida os seus reaccionarios detractores. A victoria, porem, não o curou do desgosto que lhe causava, em geral, a politica dominante, mormente a que se abrigava no Parlamento.

Nesse estado de alma, renunciou ao pariato, para que foi nomeado em 1861, como renunciara anteriormente o mandato de Deputado, que lhe conferiram espontaneamente os eleitores de Cintra.

Refugiado em Vale de Lobos, no esmerado cultivo das suas propriedades, a morte ali o foi encontrar em 13 de setembro de 1877. O seu enterro, junto á igreja da pitoresca Azoia, constituiu verdadeira e merecida apoteose. Fui um dos romeiros nessa piedosa homenagem. Dos membros actuaes d'esta Camara, só me lembro de ali ter encontrado o Digno Par Duque de Palmela.

Cêrca de trinta e tres anos após o seu passamento, celebram-se as cerimonias concernentes ao centenario. Para lamentar é que as suas obras não tivessem agora uma edição especial, a fim de serem derramadas utilmente por uma geração que já o conheceu, e que é de supor que pouco o tenha lido. Identica omissão se deu quando se comemorou o centenario de Bocage. Sob mui diferente aspecto, as obras d'este original bohemio mereciam tambem a mais ampla vulgarização.

Camões foi, nesta parte, mais feliz. Os seus imortaes *Lusiadas* foram abundantemente editados, com assinalado proveito da cultura popular.

É para sentir, repito, que as obras de Herculano não tivessem merecido analoga distinção, o que — bom é acentuá-lo — se não diminuiu a homenagem ao seu autor, prejudicou, sem a menor duvida, o derramamento de boa e sadia leitura.

Mencionei já a acção pestifera do clericalismo perante a repulsa de Herculano pela lenda de Ourique.

Recordei igualmente a hostil atitude da seita negra, contrariando os esforços de Herculano em beneficio da implantação do registo civil. Agora os noitibós jesuiticos dão de nóvo agoirentas noticias suas, em presença das manifestações centenarias.

Não carecia Herculano, dada a sua gigantesca estrutura, de mais essa consagração; e, em taes circunstancias, para sentir é esse pungente quadro, tão comprometedor da mentalidade nacional.

Em todo o caso, o que fica incontroversamente assente é que a luz resplandecente da verdade não se apaga com o sopro pestifero da intolerancia.

O Sr. João Arroyo: — Sr. Presidente: Pedi a palavra para me associar á manifestação da Camara em homenagem ao grandioso vulto literario que foi Alexandre Herculano.

A minha impressão é que este homem notavel, para ser entendido e interpretado em toda a pujança da sua individualidade e acção como historiador, como romancista, como poeta e ainda como caracter, necessita que o vejamos por uma forma que me parece não ter sido considerada pelos comentadores e pelos criticos.

Afigura-se-me que ha no vulto de Herculano tanto de grande como de misterioso, no homem, no escritor, no politico ou no cidadão.

Sr. Presidente: no dia de hoje em que nós, membros da Camara dos Pares, fazemos a comemoração centenaria do seu nascimento, seja-me permitido dizer, na modestia da minha palavra, aquilo que imagino ser absolutamente original e absolutamente claro nas variadas manifestações do espirito e, portanto, do procedimento de Herculano.

Porque é que, tendo sido ele um historiador de primeira grandeza, identificado com os processos scientificos de fazer historia e orientado pelo criterio moderno, porque é que ele, possuindo prodigiosas faculdades de trabalho e amplissima capacidade intelectual, porque é que ele parou no fim do reinado de Afonso III, facto este que nunca vi explicar de um modo convincente?

Porque é que Alexandre Herculano, ao corrente da evolução que no seu tempo renovou com o maximo brilho as literaturas europeias, conservou sempre os seus versos na fria atmosfera do periodo anterior, sendo neles mais filosofo e cristão do que poeta romantico?

Porque é que Alexandre Herculano, que tinha andado no meio das lutas liberaes, onde encontrara como colaboradores tantos homens ilustres, com os quaes travou relações de convivencia ou de amizade, desde Costa Cabral até Fontes, desde Passos Manuel até Rodrigo da Fonseca, porque é que ele tão cedo abandonou a vida parlamentar e os embates da acção politica?

Sr. Presidente, para explicar este estranho fenomeno do caracter do escritor e do homem publico, parece-me que nada mais conveniente a fazer do que atentamente considerar as capitaes scenas historicas que ele descreveu e pintou com a sua privilegiada mestria.

O que é que Alexandre Herculano nos pintou e descreveu em prosa e em verso?

No *Eurico*, a transformação, as lutas da sociedade e da igreja iberica na transição do imperio gotico para as nacionalidades modernas da Peninsula.

No *Monge de Cistér*, a monarquia de D. João I, com todos os seus pitorescos usos e costumes e as suas figuras abalisadamente notaveis.

Na poesia, Alexandre Herculano pintou o cristianismo com a fé, a singeleza, a unção dos primeiros tempos e dos primeiros crentes.

O que é que Alexandre Herculano nos pintou na Inquisição?

Estudou-a através dos seculos e nas epocas em que ela atingiu a maxima ferocidade, como foram os seculos XVI e XVII?

Estudou esse odioso tribunal ao ser esmagado sob o peso e a força das ideias modernas?

Não. Foi estudá-lo nas suas origens, foi estudá-lo no seu estabelecimento.

É que Herculano era acima de tudo, caracterizadamente, principalmente, intimamente, um admirador do mundo medieval.

Na administração portuguesa foi o municipalismo o assunto que lhe mereceu uma especial atenção no periodo organico dos concelhos e da elaboração dos foraes.

Na vida politica as garantias constitucionaes encarou-as sob o ponto de vista das instituições inglesas como um contemporaneo de João *sans terre*.

Assim como Herculano estudou a historia até o desenvolvimento dos municipios e parou ai, assim tambem ao ver revolucionarem-se os processos de fazer politica, ao encontrar junto de si individuos que se desviavam da escola das concepções classicas e doutrinarias, foi levado a atribuir a baixeza de caracter o que não era senão o progresso das ideias, a evolução dos costumes.

Do seu gosto apaixonado pelo ciclo medieval, que lhe educou e fortaleceu o espirito, nasceu não só a côr historica dos seus livros, a sua orientação filosofica e literaria, mas tambem o relevo especial do seu caracter, que o levou a isolar-se em Vale de Lobos numa descrença e num tedio, que ele mesmo sintetizou numa frase celebre: «Isto até dá vontade de morrer».

Sr. Presidente: Terminando estas rapidas considerações, que deixo apenas esboçadas, direi que inteiramente me associo á manifestação d'esta Camara em homenagem á memoria do grande português que se chamou Alexandre Herculano.

(*Vozes*: — Muito bem).

O Sr. Sebastião Baracho: — O Digno Par Sr. João Arroyo foi indubitavelmente brilhante, como sempre, na oração que acaba de proferir. Afigura-se-me, porem, que menos apropriadamente classificou Herculano de medieval.

Não faz, na verdade, sentido, apresentá-lo contaminado de feudalismo — a ele, ao voluntario das campanhas da Liberdade; a ele, ao propugnador estrenuo dos foros e regalias municipaes; a ele, ao evangelizador da descentralização administrativa.

O Sr. João Arroyo: — Pois é por isso mesmo. Em homenagem aos municipios.

O Orador: — Em homenagem aos municipios ser feudalista? Repito, não faz sentido. Em holocausto aos municipios sem tutela ferrea, evangelizou ele a descentralização mais ampla.

Neste convencimento se patenteava numa sua carta, escrita na ultima fase da sua vida, e cuja publicação se deve a um dos seus panegiristas. Para ele, para Herculano, a descentralização, isto é, a administração do povo pelo povo, levar-nos-ia a porto de salvamento. Mas as oligarchias não o consentiram nunca, porque vivem e dominam pela esterilizadora centralização absolutista.

Decorridas algumas dezenas de anos, a observação de Herculano prevalece, como quando ele a formulou.

Por varias vezes tenho posto em relevo esse mau estar, cuidadosamente mantido pelo perturbativo poder moderador, em cuja vigencia campeia desafogadamente o Governo pessoal, com todos os seus deleterios atributos.

Brevemente — assim o espero — tornarei a versar a questão Neste momento, limitar-me-hei a convidar o Sr. Presidente a consultar a Camara sobre se ela entende que deve levantar-se a sessão, em homenagem a Herculano.

Bem o merece, no meu conceito, o mais exuberante e portentoso escritor português do seculo XIX.

O Sr. Sebastião Telles: — Sr. Presidente: Pedi a palavra para dizer a V. Ex.ª e á Camara que, em nome do partido progressista, me associo á proposta do Digno Par Sr. Baracho, por isso que entendo, como S. Ex.ª, que, para se dar maior relevo á nossa homenagem, deve ser encerrada a sessão.

O Sr. Ayres de Ornellas: — Pedi a palavra para, em nome do partido a que tenho a honra de representar nesta casa, me associar ás propostas apresentadas por V. Ex.ª e pelo Digno Par Sr. Baracho.

Ouvi com toda a atenção o brilhante discurso do Digno Par Sr. Arroyo, e confesso francamente que na sua eloquente oração eu encontrei a explicação da causa por que Alexandre Herculano não continuou os seus estudos historicos.

Mas para lamentar é que, atentas as raras faculdades intelectuaes, o espirito investigador e analitico de Alexandre Herculano, ele não houvesse dado sequencia e desenvolvimento á sua *Historia de Portugal.*

E para deplorar é tambem que os estudos historicos iniciados por ele, com um metodo eminentemente superior, não tenham encontrado até hoje sequazes.

Nada mais digo, e, unindo o meu voto ao da Camara, em homenagem ao inclito escritor, lamento mais uma vez o retraimento a que Alexandre Herculano voluntariamente se condenou.

O Sr. Conde de Arnoso: — É-me facil, neste momento, cumprir a tarefa de me associar aos preitos e homenagens que esta Camara está rendendo á memoria do grande historiador e distintissimo escritor, que foi Alexandre Herculano.

A Camara, votando as propostas de V. Ex.ª e do Digno Par Sr. Baracho, demonstra que quer obras, e não palavras.

Associo-me, portanto, á manifestação da Camara, desejando que ela, no seguimento dos nossos trabalhos, continue a preferir ás palavras as obras.

O Sr. José de Alpoim: — Sr. Presidente: Imaginei não haver hoje sessão. Soube, por um amigo meu que telefonara para a Camara dos Pares, que esta já abrira. Ao chegar á porta encontrei o Digno Par Sr. Eduardo Coelho, que me disse ser a sessão consagrada á memoria de Herculano. Cheguei a dar passos para me ir embora, confesso-o francamente, porque a minha posição de chefe de um partido impunha-me a obrigação de celebrar a memoria de um dos maiores portugueses do nosso tempo, e era uma falta de respeito o falar, em frases banaes e sem uma coordenação de ideias organizada como um culto, de quem iluminou a historia patria com os resplendores do seu talento e as claridades altivas do seu caracter.

Mas, se eu não aparecesse na Camara, se aqui não falasse, poder-se-ia julgar que praticara um acto de fraqueza: andaria nos dentes da reacção clerical, nos seus dentes de falsidade e de insidia. Por isso vim e estou usando da palavra.

Sr. Presidente: É conhecida a mocidade de Herculano, e como vestigio d'ela o gilvaz que lhe cortara o rosto e que a tradição dizia ter-lhe sido entalhado na face por um rapaz do seu tempo, liberal, e depois, um dos seus maiores amigos e seu cunhado. Herculano teve a força de libertar a sua alma do preconceito e das velhas ideias da educação familiar. Por um conjunto de circunstancias, que me parece ser Teofilo Braga quem as refere, foi forçado a emigrar: são as perseguições do absolutismo que, muitas vezes, recrutam soldados para a liberdade.

Tambem é conhecida a sua estada no Porto, quando, como soldado do imperador, entrou em muitos combates nas margens do Rio Douro, rio de que ninguem como ele soube compreender a alma, na majestade das montanhas que o sobranceiam e no fragor das torrentes que ele rola até o oceano.

Como homem de letras, como historiador, Herculano evocou eloquentemente algumas das mais belas figuras da historia portuguesa, especialmente o vulto de D. João I, o monarca em cujo espirito houve a tenacidade e o bom senso do sangue plebeu de sua mãe, sangue que temperou os excessos nevroticos de D. Pedro I, seu pae, e lhe poupou tambem as efeminadas molezas do Rei formoso e inconstante.

Nas suas lutas com o ultramontanismo, Herculano derribou as falsidades, geradas nos mosteiros, que manchavam de erro e de ridiculo a heroica historia do nosso país.

Foi apodado de impio e de hereje, ele que escreveu a maravilhosa poesia da *Cruz*, dando-nos a emoção intensissima d'esse emblema de piedade e de perdão, que os padres rancorosos transformavam em instrumento de ferocidade e de odio.

Ele tracejou, em paginas suavissimas, o vulto do *Paroco de aldeia*, numa obra cujo prologo é o trecho de prosa mais eloquentemente cristão da lingua portuguesa.

Para em tudo ser grande, Alexandre Herculano até teve a suprema ventura e a grande gloria dos ataques de todas as negras legiões da reacção.

Inclino-me com o maior respeito, com toda a minha fé de democrata, com toda a minha paixão de liberal, cada vez mais ardente e profunda, perante essa grande memoria.

O meu espirito curva-se diante d'aquele que repousa nos Jeronimos, nesse monumento das nossas glorias, majestoso na sua mole de marmore e belo nas laçarias das suas abobadas e das suas colunas com a alma do grande português, alma tambem doce de piedade e emoção como são delicados e finos os arabescos entalhados na pedra d'esse enegrecido padrão das nossas glorias. Herculano repousa ali, perto do paço dos nossos reis, onde encontrou aquele espirito gentilissimo de D. Pedro V, cuja morte lhe arrancou, á pena embebida em lagrimas, a carta ternissima e formosissima que escreveu por ocasião da morte d'esse principe que tanto amou o seu povo, que tão chorado foi d'ele, porque disse, e praticou, a frase de outro rei desgraçado e grande, o triste D. Duarte: — «o oficio de reinar!».

Perdoe-me a Camara estas desataviadas palavras que me irrompem do coração, sem preparo, na simplicidade de um preito comovido e sincero.

O Sr. Presidente: — Como não ha mais nenhum Digno Par inscrito, considero aprovadas por aclamação a proposta do Digno Par Sr. Dantas Baracho e a minha. (*Apoiados geraes*).

Na sessão de 15 de fevereiro, da camara popular, o deputado Sr. Almeida de Eça apresentara um projecto de lei autorizando o Governo a mandar cunhar e emitir uma moeda comemorativa do centenario de Alexandre Herculano, de prata com o toque e peso legal, do valor de 1$000 réis, até a importancia de trinta contos, pedindo a urgencia na apreciação e votação.

A camara admitiu a urgencia, mas houve quem lembrasse ao Governo que não era necessaria a cunhagem da moeda para exaltar a memoria de Alexandre Herculano, e bastava que o Governo ficasse autorizado a concorrer com dez contos de réis para a celebração do centenario. Apareceram outras divergencias de opinião e afinal foi aprovada a proposta de autorização ao governo para conceder o subsidio.

O credito especial pois concedido á comissão executiva do centenario para auxiliar as despesas com as solenidades votadas, que se realizarem, veio no *Diario do Governo* de 29 de abril expresso no seguinte decreto com a assinatura de todos os ministros:

> «Com fundamento no § unico do artigo 1.º da carta de lei datada de hoje e no n.º 1.º do artigo 34.º da carta de lei de 9 de setembro de 1908, guardadas as prescrições consignadas no § 3.º do mesmo artigo; hei por bem, tendo ouvido o conselho de ministros, determinar que no Ministerio dos Negocios da Fazenda, e a favor do Ministerio dos Negocios do Reino, seja aberto um credito especial da importancia de réis 10:000$000, devidamente registado na Direcção Geral de Contabilidade Publica, para ocorrer ás despesas com a celebração do centenario do grande historiador Alexandre Herculano, importancia que deverá ser entregue á respectiva comissão executiva.

A referida importancia será inscrita na tabela da despesa extraordinaria do Ministerio do Reino, onde constituirá o capitulo 15.º, sobre a rubrica: «Despesas com a celebração do centenario do grande historiador Alexandre Herculano».

O Tribunal de Contas, em virtude da lei, declarou achar-se este credito nos termos legaes de ser decretado».

A Camara dos Deputados tambem se associou á homenagem da nação, como era do seu dever tratando-se do grande cidadão português Alexandre Herculano. Foi na sessão de 1 de abril, a 11.ª d'esse ano, presidindo o Sr. Conde de Penha Garcia, que teve de referir-se, como na outra Camara, ao convite recebido da Academia das Sciencias de Lisboa. Os discursos proferidos de homenagem ao egregio historiador são igualmente dignos de registo especial e engrandecem as notas que vou coligindo no tomo presente.

Eis o extracto da sessão conforme as notas taquigraficas insertas no *Diario da Camara dos Deputados*, d'esse dia, de pag. 3 a 10:

O Sr. Presidente: — Devo comunicar á Camara que a mesa foi convidada a assistir á sessão solene realizada na Academia Real das Sciencias em homenagem a Alexandre Herculano. A mesa compareceu a essa solenidade, promovida pela mais alta instituição scientifica do pais, associando-se assim mais uma vez á homenagem a esse grande vulto da literatura portuguesa.

Já antes a Camara, votando os meios necessarios para se realizar condignamente essa festa nacional, manifestou qual era o seu sentir, tendo ensejo de se associar á manifestação em honra do grande literato, do grande historiador.

A Camara manifestou bem claramente o apreço em que tinha esse vulto notabilissimo das letras patrias nos multiplices aspectos da sua individualidade, porque, sob qualquer aspecto em que se encare a sua personalidade, Herculano é realmente um homem de alto destaque no meio de uma geração em que tantos se fizeram notar.

Assim, se o considerarmos como poeta, encontraremos em Alexandre Herculano um poeta de alta inspiração com rasgos verdadeiramente extraordinarios.

Se lembrarmos Herculano como literato, vemo-lo como criador do romance historico, brilhante e varonil, e no genero literario faz honra á literatura portuguesa, e se porventura é igualado, não é com certeza excedido em nenhuma das literaturas estrangeiras.

Se o encararmos como publicista e jornalista, encontramos-lhe uma notavel aptidão e os seus escritos são brilhantes e vigorosos.

Se o considerarmos como historiador a sua individualidade assombra-nos verdadeiramente pela pujança da obra realizada, e que custa a conceber que um só homem a pudesse ter feito, não só pela grandeza da sua inspiração, mas tambem pelo metodo historico que ele pela primeira vez introduziu no nosso pais.

Se o considerarmos como sociologo e estadista vemos que a sua obra é verdadeiramente notavel e revela-nos um espirito superior, um espirito moderno e aprendendo na nossa historia a bem definir o caracter do povo português o habilitou a compreender qual deve ser a evolução do nosso povo. (*Muitos apoiados*).

Como homem, o seu caracter é de tal tempera que eu, para não cansar a atenção da Camara demasiadamente com as minhas desataviadas considerações, direi apenas: se alguma cousa eu posso desejar de bom para o futuro do país, esse desejo será de que a sociedade, os homens do futuro de Portugal sejam da mesma tempera.

Eu desejaria propor para que se levantasse a sessão em homenagem a Alexandre Herculano, mas, como os nossos trabalhos estão infelizmente muito atrasados, sem perda do brilho da nossa homenagem ao grande vulto das letras patrias, eu limitar-me-hei a propor que esta manifestação fique consignada na acta

da sessão de hoje, como prova de que nos associamos á comemoração que em todo o pais tem sido feita em honra de Alexandre Herculano.

O Sr. MINISTRO DA JUSTIÇA (Artur Montenegro): — Sr. Presidente: em nome do Governo associo-me ao voto que V. Ex.ª acaba de propor. A Camara dos Senhores Deputados deve, mais que nenhuma outra assembleia, prestar o preito da sua homenagem á memoria de Alexandre Herculano.

Alexandre Herculano foi um grande romancista, um grande poeta e um grande historiador; quer dizer, o primeiro, pelo rigor do seu metodo.

Todos os escritores servem a sociedade, pelo desenvolvimento da inteligencia humana, pela educação dos sentimentos, pela forma por que aperfeiçoam a lingua. Todos servem a sociedade, mas á patria serve-a, sobretudo, o historiador. (*Apoiados*).

Uma nação não é uma união de raças diferentes; pode ter a mesma aspiração; não a distingue uma lingua: em linguas diferentes pode, em formas variadas, exprimir a mesma ideia.

Não a distingue a religião, porque, na liberdade bem entendida, as mais diversas crenças cabem na plenitude da consciencia de cada um.

Não a distinguem os acidentes naturaes do terreno, porque sempre os esforços humanos os vencem e as maravilhas da sciencia os fazem tornar quasi despercebidos.

Mas distingue-a, sim, um sentimento que nasce e se desenvolve pouco a pouco, assenhoreando-se completamente de um grupo de homens que habitam um territorio comum e fazendo com que eles tenham, acima de todas as suas doutrinas, o amor do solo que lhes pertence, como corpo social autonomo.

Esse sentimento é, numa palavra, o que se chama o patriotismo. (*Vozes*: — Muito bem).

Esse patriotismo, nenhum escritor o pode frisar melhor como o escritor que, apertando os elos do desenvolvimento de uma nação, liga o presente ao passado e mostra á geração em que escreve, e ás futuras, para as quaes escreve, o que foram os seus antepassados, o que eles sofreram, os seus esforços, o que eles conseguiram, para constituir, afinal, a nação, para constituir, afinal, a patria. (*Vozes*: — Muito bem).

Por isso eu disse que a Camara dos Senhores Deputados, a mais genuina e directa representação da nação, deve, mais do que nenhuma outra assembleia, o preito da sua homenagem a Alexandre Herculano (*Apoiados*), ao grande obreiro, que tantos elementos juntou para a personificação da patria portuguesa.

Tenho dito. (*Vozes*: — Muito bem, muito bem).

O Sr. ANTONIO CABRAL: — Em nome da maioria progressista d'esta casa do Parlamento associo-me á homenagem que esta Camara presta á memoria de Alexandre Herculano.

Quer como historiador, quer como romancista, quer como poeta, quer como polemista, o vulto de Alexandre Herculano sobreleva de tal maneira na historia da literatura do seculo passado que, até hoje, não encontrou quem se lhe aproximasse ou atingisse.

Eu li ha pouco, num jornal francês, uma noticia, na qual se dizia que o Governo Português prestava ao grande historiador a homenagem que lhe era devida, e vi nesse jornal que se compara Herculano com Michelet.

Muitos pontos de contacto encontramos entre esses grandes homens que honraram respectivamente essas nações.

Sr. Presidente: o caracter de Herculano, como V. Ex.ª disse ha pouco, é tambem a qualidade que nele mais admiro.

É aquele caracter intransigente, respeitador de tudo aquilo que ele achava nobre e supremo, e desprezador d'aquilo que reputava baixo (*Apoiados*), caminhando sempre pela estrada da dignidade e do brio.

É por isso que eu digo que admiro o caracter de Alexandre Herculano, como sendo a aresta mais saliente da sua nobre e grande individualidade e porque me enoja cada vez mais o ver as transigencias rasteiras, as curvaturas de espinha que diante de factos e de homens se fazem. (*Apoiados*).

É por isso que ponho acima da sua individualidade como historiador, literato, romancista e polemista, o seu caracter inquebrantavel, que não se curvava perante ninguem e perante facto algum que ele não entendesse digno de si.

Alexandre Herculano foi não só um grande amigo de um grande rei de Portugal, D. Pedro V, como tambem seu mestre.

Nele, encontrou sempre conselhos e lição D. Pedro V, que, sendo uma figura digna dos respeitos e veneração de todos os portugueses, é possivel e pode-se dizer que é certo que ao seu ensinamento deve parte de haver sido um rei modelo. (*Apoiados*).

No seculo passado avultam na historia da nossa literatura quatro grandes vultos: Alexandre Herculano, Garrett, Castilho e Camilo Castelo Branco.

Cada um, dentro da sua forma e da sua individualidade, honraram o país.

De entre eles distinguimos aqui, hoje, a figura de Alexandre Herculano, que é um dos vultos mais queridos do nosso país como se reconhece pelas homenagens que se lhe teem prestado.

Disse V. Ex.ª ha pouco que não propunha, para não atrasar os nossos trabalhos, que esta sessão se encerrasse, ás palavras proferidas pelos representantes de todos os lados da Camara sobre a memoria de Alexandre Herculano.

Não farei tambem eu a proposta, mas espero, ainda, que haja alguem que a faça, que esta sessão se encerre, como uma prova de que esta casa do Parlamento tem pela memoria de Alexandre Herculano o respeito que ele impõe a todos os portugueses e aquela veneração que um vulto d'aquela altura deve merecer a todos aqueles que o apreciaram. (*Vozes:* — Muito bem).

O Sr. Rodrigo Pequito: — Sr. Presidente: em nome dos Deputados regeneradores meus amigos e em meu nome associo-me á proposta que V. Ex.ª acaba de fazer.

Sr. Presidente: eu não sei, em meia duzia de palavras apenas, nem teria, por certo, merito para o fazer, pôr em relevo os grandes serviços prestados ao seu país pelo egregio escritor que se chamou Alexandre Herculano.

Os seus estudos historicos, os seus profundos trabalhos sobre a historia de Portugal, afirmam a existencia de uma nacionalidade.

Os seus romances, as suas poesias, ao mesmo tempo que revelam o engenho d'aquele eminente homem de letras, são tambem verdadeiros monumentos que manifestam a pujança e a riqueza da lingua portuguesa.

É por isso que os meus amigos e eu prestamos a nossa homenagem a quem honrou tanto a sua patria e nos associamos á proposta de V. Ex.ª

Tenho dito. (*Vozes:* — Muito bem, muito bem).

O Sr. Pereira dos Santos: — Em nome do partido regenerador associo-me á proposta que V. Ex.ª acaba de fazer.

São sempre merecedoras de aplauso todas as manifestações que se refiram á consagração de todos os grandes homens publicos.

Em Alexandre Herculano encontramos salutares exemplos e modelo para nos orientarmos, tanto mais que, como representantes do país, prestando esta homenagem, patenteamos a nossa gratidão aos serviços relevantes que esse homem ilustre prestou.

Ninguem mais do que o grande português que se chamou Alexandre Herculano merece as nossas consagrações.

Não me proponho fazer uma sintese, nem sequer pretendo traçar o perfil intelectual e moral d'essa grandissima individualidade, nem para isso eu tenho

competencia, nem realmente seria capaz de procurar, no belissimo idioma português, palavras que traduzissem tão alta e elevada missão.

Tambem julgo desnecessario, não só pelas vozes eloquentes que se teem ocupado deste nobre assunto da tribuna parlamentar nas assembleias e ainda pelas penas brilhantes de muitos dos nossos escritores que teem feito o elogio de Alexandre Herculano tão digna e tão nobremente; tambem julgo desnecessario, repito, acrescentar mais algumas palavras, porque tudo quanto eu pudesse dizer ficava muito abaixo de tudo quanto se tem produzido.

Todavia, Sr. Presidente, eu não quero deixar de, ao prestar a minha homenagem, fazer ligeiras referencias ás circunstancias que principalmente em mim dominam para que eu renda verdadeiro, completo culto, a essa grande individualidade.

Eu presto culto e homenagem ao nobilissimo e alevantado caracter de Alexandre Herculano, que procurou sempre, através de tudo, orientar a sua vida pelo caminho do dever; presto culto e homenagem á independencia e integridade d'esse elevado caracter que, durante toda a sua vida, soube afastar todos os embaraços que se lhe opunham, para só seguir o que ele considerava cumprimento estricto do seu dever; presto culto e homenagem á independencia e altanaria d'esse caracter, que soube prestar relevantes serviços á literatura do seu país, com um desinteresse absoluto, repudiando até as honrarias que lhe eram oferecidas e que por tantos são apetecidas.

Presto igualmente culto e homenagem á superior devoção civica do cidadão ilustre que para a sustentação das ideias que julgava necessarias para o progresso do seu país, o estabelecimento das liberdades publicas, se sujeitou a sofrer as agruras do exilio, e mais tarde, por acto espontaneo seu, arriscou a vida em batalhas em pró do desejo superior de bem servir o seu país.

E, ao mesmo tempo que presto esta devida homenagem ao caracter e devoção civica de Alexandre Herculano, eu não posso tambem deixar de testemunhar homenagem aos altos serviços que ele prestou ás letras patrias com as suas notabilissimas obras primas, cujo superior quilate cada vez vae sendo mais e melhor apreciado.

Citarei apenas a sua *Historia de Portugal*, que ele estudou sob um ponto de vista inteiramente moderno, desfazendo as lendas com que andava obscurecida e fazendo resaltar a verdade pura e nitida dos factos.

Assim consagro minhas homenagens e as do partido que represento á memoria do ilustre cidadão que se chamou Alexandre Herculano.

Eu estou de acordo com V. Ex.ª, Sr. Presidente, no que respeita ao encerramento da sessão. Sem duvida poucas vezes se terá encerrado uma sessão do Parlamento com razão tão superior como agora, mas os trabalhos parlamentares estão por tal forma atrasados que eu, apesar do meu desejo de prestar mais essa homenagem á memoria de Alexandre Herculano, não faço essa proposta simplesmente por atender a essa consideração.

O Sr. João de Menezes: — Em nome da minoria republicana associa-se ao voto proposto pelo Sr. Presidente, e desde já declara que não proporá o encerramento da sessão, como esperava o Sr. Antonio Cabral.

É justissima a homenagem prestada pelo Parlamento á memoria de Alexandre Herculano; é um dever que ele cumpre, e honra os parlamentares o associarem-se ás manifestações que se estão produzindo em homenagem a esse grande homem.

No periodo de decadencia em que nos encontramos é justo que se comemore aquele que na historia portuguesa ficou como um nobre exemplo de caracter para os que se encontram gozando das relativas liberdades que hoje existem.

Os que se encontram elevados acima da obscuridade em que nasceram devem-no a Alexandre Herculano, que arriscou a sua liberdade e vida em defesa

de principios que naquela epoca constituiam generosa aspiração dos bons portugueses.

Alexandre Herculano, desde criança que, a bem dizer, combateu pela liberdade. Dizer-se que Alexandre Herculano em moço fôra partidario das ideias reaccionarias é uma mentira, porque aos 18 annos de idade já era encarregado por dois oficiaes do exercito, organizadores da revolta de infantaria 4, de ir lançar fogo á esquadra miguelista, e, se não levou por deante esse intento, não foi por fraqueza de animo, mas por terem hesitado no momento do perigo aqueles que entravam na conspiração.

Alexandre Herculano foi sempre um homem liberal, dedicado ao regime da Carta. Foi por isso que em 1836, discordando da revolução que se fez, escreveu as paginas violentas e injustas que mais tarde repudiou, da *Voz do Profeta.*

Não aceitava a Constituição de 1820, por a achar progressiva de mais nesse momento, para o pais, mas aceitou a constituição de 1838 como base de conciliação entre cartistas e setembristas.

Portanto se Alexandre Herculano condenou o movimento de 1836, não condenou os revolucionarios de 1838.

Alexandre Herculano, depois de ter entrado em 1840 e 1841 no Parlamento, onde pouco falou e muito se aborreceu, abandonou-o. Compreende-se perfeitamente que um homem daquela envergadura moral e alta intelectualidade não se compadecia com as mentiras parlamentares.

É uma mentira dizer-se que Alexandre Herculano desanimou e sucumbiu em certo momento da sua vida. Entrou em plena actividade politica na revolução de 1851, a que se chamou regeneração.

Saldanha conferenciou com ele; foi Alexandre Herculano que fez o programa de 1851. Mostra-se isto especialmente no livro do Sr. Dr. Silva Cordeiro. No programa de 1851 reformava-se a lei eleitoral e reformavam-se varios artigos na Carta Constitucional, e realizava-se uma verdadeira revolução economica. Mas a Alexandre Herculano sucedeu o mesmo que a Mousinho: foi ludibriado pelos aventureiros. Saldanha abandonou-o, como abandonou outros, em cujas ideias se inspirara. Foi então que Alexandre Herculano afirmou mais uma vez o soberano desdem com que encarou esses homens, mostrando a superioridade do seu caracter e a grandeza da sua inteligencia. Mas embora se retirasse da actividade politica, nunca deixou de trabalhar pelo seu país.

E, quando a reacção religiosa começou a afirmar-se, foi Alexandre Herculano que falou no comicio no teatro de D. Maria, e quem, em nome dos liberaes, redigiu o admiravel programa da Associação das Escolas de Ensino Popular. Foi Alexandre Herculano quem lançou o alarme, quem mostrou o perigo ás gerações futuras.

Alexandre Herculano mostrou-se contrario á existencia dos exercitos permanentes. Foi sempre partidario da nação armada.

Quando, em polemica com o jornal *A Nação,* este periodico foi querelado, Alexandre Herculano declarou que, apesar de pobre, punha á disposição do colega inimigo a sua bolsa. Este procedimento faz contraste com o de outros que hoje seguem normas diversas.

Quando foram expulsas as irmãs da caridade, sabendo que as senhoras da aristocracia que dirigiam os asilos os abandonavam, e que centenas de crianças se veriam obrigadas a ir para a rua, Alexandre Herculano promoveu um belo movimento de caridade em favor d'esses asilos, fazendo com que em todos os quarteis se abrissem subscrições, os oficiaes de marinha e os comerciantes concorressem com donativos, de maneira que conseguiu que se arranjassem 54 contos de réis. Eram outros tempos. Esses homens, que falavam em liberdade, tinham aprendido essa palavra debaixo da chuva do chumbo das balas e invocavam os maiores sofrimentos. Esses que tinham fugido para o exilio sabiam perfeitamente que tinham escapado de espernear na forca do Caes do Sodré, e que, se tivessem sido presos, o eram por anos na Torre de S. Julião.

É por isso que não pode deixar de admirar esses homens, embora discorde de muitos dos seus actos.

Alexandre Herculano recusou sempre gran-cruzes e não aceitou a nomeação de Par do Reino.

Alexandre Herculano foi o primeiro que salientou o papel do povo nos fastos da historia, e, ao contrario do que se pretende dizer, ele nunca abandonou o povo.

Alexandre Herculano sempre defendeu as regalias municipaes e a instrucção popular obrigatoria.

O Sr. Joaquim Pedro Martins: — Sr. Presidente: em nome da minoria progressista dissidente, associo-me com vivo entusiasmo á enternecida homenagem de respeito e saudade rendida pelo Sr. Presidente á memoria de Alexandre Herculano.

Glorificar os mortos que bem mereceram da sua patria e foram a encarnação poderosa do seu genio e da sua alma enaltece a geração que o faz, porque, do mesmo passo que é a afirmação da solidariedade afectiva d'esta com eles, e, portanto, a prova consoladora de que ainda palpita a consciencia da nação, é nobre homenagem de reconhecimento pelo tesouro do saber, da honra e de gloria que o seu labor prodigioso generosamente transmitiu ás gerações do porvir. E o grande gigantesco português que foi Alexandre Herculano bem mereceu da patria portuguesa e justissimos titulos se criaram para que a sua memoria seja invocada pela alma nacional como a de uma d'aquelas figuras grandiosas, que são o desvanecido orgulho de uma raça, porque da sua nobreza são a expressão sintetica e culminante.

A personalidade de Herculano é de hontem, mas parece antiga, já quasi legendaria, — tão elevada foi a sua figura de intelectual, tão gigantesca a sua estatura de cidadão, tão austera a sua vida, tão divinamente fanatico o seu culto e tão heroico o seu esforço pela patria, pela liberdade e pelo direito.

Da gloriosa trindade romantica, que no seculo ultimo resgatou as letras portuguesas do classicismo esterilizante, convencional e já ridiculo, é Herculano o que mais concita o meu respeito e veneração. Porque, se Garrett foi mais gracioso, mais elegante, mais harmonioso, e mais espiritual o seu engenho, Herculano foi mais forte, mais solemne e mais profundo. Se aquele foi o divino Rafael do romanticismo, Herculano foi o seu assombroso Miguel Angelo.

Tão grandiosa e complexa foi a personalidade de Herculano, que ela se desdobrou em varias personalidades, e todas de acentuado e gigantesco relevo.

Poeta, foi o de inspiração impetuosa e relampagueante no *Soldado*, fremente de patriotismo e da nobre generosidade na *Victoria e piedade*, majestoso, solemne e empolgante nesse assombroso e quasi epopeico himno a Deus.

Romancista, levado por inclinação de espirito, por tendencia da epoca e por encanto de estudos, para assuntos historicos, sobretudo da Idade Media, criou entre nós a novela historica, e compôs as mais formosas e sugestivas telas do viver, das ideias, das paixões, dos interesses e aspirações que ferveram e se degladiaram nalguns dos periodos mais atraentes e mais emocinantes da nossa historia, ou naquele em que a nacionalidade portuguesa se agitava no anseio nervoso da sua constituição, ou quando, forte da sua independencia, da sua energia indomita, em breve ia mergulhar o seu olhar profundo nas vastidões do Atlantico.

Polemista, foi de vigor assombroso e sem par. Senhor de uma erudição pasmosa e conhecendo admiravelmente esta nossa lingua portuguesa, de formas tão belas e tão energicas, a frase irrompia-lhe quente, solemne, vigorosa, candente, e o conceito forte, masculo e sempre triunfante. Ou uma vehemente e nobre paixão de desfôrço e de vingar a verdade o comovesse, como no *Eu e o clero*, ou a uma profunda e serena convicção se amparasse, como no escrito sobre o feudalismo, sempre a sua pena foi grande e victoriosa.

Herculano foi ainda economista notavel, que em varios escritos deixou assinalado o seu valor; e jurista liberal e erudito que nos *Estudos sobre o casamento civil* patenteou a sua solida cultura e orientação liberal e progressiva.
Ele foi o nobre e cavalheiroso intelectual que pôs sempre a eloquencia poderosa da sua palavra vehemente e autorizada ao serviço das causas mais humanas e enternecedoras, ou fosse para valer á desgraça e á miseria dos pobres egressos e das tristes monjas, que a criminosa imprevidencia e cinico desdem do constitucionalismo votara impiedosamente ao sofrimento e á morte, ou para, em defesa dos inviolaveis direitos do pensamento, erguer seu vigoroso protesto contra a estupidez e prepotencia de um Governo reaccionario, que despotica e vilãmente proibiu as celebres conferencias do Casino.
Mas, sobre e acima de tudo isto, que já era sobejo para sagrar Herculano como astro de primeira grandeza das letras patrias, ele foi o grande e até hoje inigualado historiador que, em paginas soberbas e immorredouras, reconstruiu, á luz austera e impassivel da verdade, a formação da nacionalidade portuguesa, iluminou muitos e obscuros problemas da nossa vida colectiva e pôs a nu, com flagrante e flageladora verdade, a historia da origem e estabelecimento em Portugal d'essa instituição sombria, cruel e barbara que foi a Inquisição.
O velho Portugal, que a pia e ingenua crendice de uns, a invenção autuciosa de outros e o falso e ridiculo patriotismo de quasi todos, envolvera e desfigurara em lendas e tradições ridiculas e sem veracidade, resurgiu, na monumental obra de Herculano, belo e sincero na sua simplicidade e energia real e mascula.
A lenda dissipou-se; e a verdade, fria, austera, imparcial e bela, a unica que pode dourar as paginas da Historia, tomou o logar de honra que a crendice e a fantasia, a lisonja aduladora e o artificio classico lhe haviam usurpado.
Era colossal e aspera a empresa. E outro, que não fosse Herculano, teria sossobrado ao ensaiar os primeiros passos. Porem, ele, quasi só, num terreno que por um lado era preciso desbravar de invenções e lendas, a muitas dos quaes a alma nacional se apegara com fervor, e por outro revolver e lavrar com a verdade, tendo de por si mesmo coligir e joeirar muitos materiaes recolhidos em manuscritos antiquissimos e barbaros, não sossobrou, antes alcançou a mais gloriosa victoria da sua vida de intelectual. Exhumou a verdade; e como que de um jacto, criou entre nós a historia humana, scientifica e social, a historia da realidade e não a da fantasia ou da crendice, a historia do povo, e não a cronica lisonjeira dos reis ou das classes privilegiadas.
Como historiador foi tão herculea a sua estatura, que, se quisermos apontar-lhe irmãos de armas, ha que transpor as fronteiras e pedir á Inglaterra Macauly, á França Thiers e Guizot, ou á Alemanha Savigny, Niebuhr, Ranke e Mommsen, isto é, as mais grandiosas figuras de cultores da historia.
A sua *Historia de Portugal,* ainda que incompleta, é tão bela, tão profunda, ergue Herculano num tão luminoso pedestal de gloria e de superioridade, que arrancou ao eminentissimo Macauly este brado eloquente de admiração que, no dizer de um nosso grande orador, corta todos os discursos: «A Espanha devia esforçar-se por conquistar Portugal só para possuir Herculano».
O homem e o cidadão não desmaiam no confronto com o intelectual.
Portuguès de lei, a austeridade moral do seu caracter, a fidalga generosidade e o humano enternecimento do seu coração são de um relevo grandioso e antigo.
Cartista intransigente em 1836, renuncia ao logar de segundo bibliotecario do Porto, só para não perjurar a fidelidade á Carta, selada com o seu sangue e com as torturas do exilio. Tinha então vinte e seis anos e o abandono do lugar era a falta de recursos.
A desgraça e a miseria dos egressos e dos monges acordaram na sua alma generosissima o mais condolente, vibrante e amarissimo protesto.
Redactor do *Paiz,* em 1851, quando em polemica violenta com a *Nação,* o ministerio publico interveio contra esta, por haver menoscabado a memoria de D. Pedro IV, Herculano reprovou a intervenção e escreveu estas memoraveis pa-

lavras, que deveriam ser o sagrado evangelho de solidariedade jornalistica: «A perseguição santificou e tornou para nós inviolaveis os nossos adversarios politicos. Os redactores do *País* são em geral pobres e os recursos de um jornal nascente são sempre limitados. Se, todavia, os gastos de um processo, ou o seu resultado na hypothese de ser desfavoravel, colocarem a *Nação* em embaraços pecuniarios, nós rogamos singela e sinceramente aos seus redactores que não se esqueçam de que no escritorio do *País* hão de encontrar alguns dos seus irmãos na imprensa, posto que seus inimigos, e provavelmente inimigos irreconciliaveis, em opiniões politicas».

Como cidadão, ele pertenceu á familia liberal; foi um estrenuo batalhador pela liberdade, pelas regalias municipaes e pelos direitos do poder civil.

Se durante muito tempo foi um cartista ferrenho e o amor á Carta o levou a trovejar indignado contra a revolução de setembro, jámais entendeu que o culto pela carta fosse compativel com a adulação ou servilismo ante o rei, e que este pudesse, á sombra d'ella, resuscitar, claro ou disfarçado, o antigo absolutismo.

A Carta interpretava-a num sentido liberal e olhava-a como paladio das liberdades publicas, sem o que esta não poderia nem deveria subsistir.

Quando porem os acontecimentos o convenceram de que ela podia ser protectora da violencia e do despotismo como foi do cartismo de Costa Cabral, Herculano renunciou ao seu antigo fanatismo e avançou para o movimento da regeneração, que, entre os seus compromissos, trazia a reforma da Carta.

E, tanto antes como após este movimento, nunca a sua palavra eloquente deixou de estar ao serviço da defesa dos direitos da humanidade, impugnando a pena de morte; dos direitos do pensamento, profligando a estupidez da proibição das conferencias do Casino: das regalias municipaes e dos direitos da nação contra a reacção ultramontana.

O municipio, instituição que, no conceito de um escritor, parece saido das mãos de Deus, e Alexandre Herculano tão amorosamente descreveu na sua *Historia de Portugal,* teve nele o mais denodado e carinhoso apostolo. E a reacção ultramontana o mais poderoso e implacavel adversario.

Cristão profundo e sincero, foi em propria defesa do cristianismo que ele despediu valentemente o seu montante, feito de saber, de luz e de verdade, contra a horda negra e vil dos reaccionarios e jesuitas, ensinando-nos, com a logica e com a historia, que eles são inimigos jurados e inconvertiveis do progresso, da civilização, e do verdadeiro cristianismo, e que a vida de uma nação corre perigo de morte, quando a sociedade ou o Estado sejam aliados ou cumplices da reacção ultramontana.

Por isso, Sr. Presidente, o centenario que acaba de celebrar-se, havendo sido a glorificação de uma individualidade, que se fabricou a golpes de genio e de saber a propria imortalidade, deve tambem soar para nós como brado de álerta, para que todos os liberaes cerrem fileiras, a fim de que, na luta inevitavel, que se avizinha, entre a luz e a treva, entre o progresso e a reacção, esta seja para sempre derrotada, porque a sua derrota é a derrota da maldade, da estupidez e da hipocrisia.

Tenho dito.

O Sr. Zeferino Candido: —Tomará á Camara poucos momentos porque vê com grande satisfação que o que havia a dizer, ou o que se devia dizer, ou ainda, o que cumpria dizer de Alexandre Herculano, está dito com elevado entusiasmo, como era justo que fosse.

O Sr. Presidente com a sua lucidez de espirito, presciencia e saber que o carateriza, tracejou o caracter de Herculano em todas as suas variadas e complexas manifestações, e não esqueceu — como era justo que não espuecesse — um dos culminantes pontos da sua afirmação intelectual e scientifica e principalmente da sua afirmação patriotica, quando S. Ex.ª o pintou como um grande sociologo, como um grande politico, como um grande patriota.

Teve ele, orador, a infelicidade de ler num jornal que merece a maior consideração pelas fulgurantes penas que nele colaboram, um artigo dizendo que a ação politica de Alexandre Herculano havia sido nula. Isto é desconhecer a extraordinaria ação, a intensa e fecunda atividade d'esse grande espirito em todos os periodos das mais acentuadas crises politicas.

Bem fez o seu amigo e colega o Sr. João de Menezes, reivindicando o valor enorme da sua afirmação politica e sociologica, nas belas palavras que proferiu, e em que S. Ex.ª lembrou que, embora vencido num momento, e esmagadas e abandonadas as suas ideias, elas não deixavam de produzir efeito, inoculando nos espiritos das gerações futuras grandes principios, estabelecendo privilegios e concessões que hoje se estão gozando á sombra do influxo das suas grandes ideias.

Relembrou o Sr. João de Menezes, com uma sinceridade que o comoveu, largos factos, vastos episodios, que demonstram bem como a ação politica de um grande homem foi, porventura, se não a mais brilhante, sob o ponto de vista intelectual, com certeza a mais extraordinaria e a mais fecunda sob o ponto de vista patriotico.

Ha ainda outro ponto sobre o qual ele, orador, quer chamar a atenção da Camara, porque merece bem ser considerado e que respeita á probidade scientifica de Herculano e ao seu caracter moral.

Disse-se qne Alexandre Herculano tinha abandonado a vida scientifica e filosofica quando se retirou para Vale de Lobos. Isto não é verdade.

Em primeiro lugar é preciso acentuar bem que nas complexas manifestações d'aquela individualidade, a vida do campo, a cultura, os trabalhos agricolas que ele imaginava ser a principal fonte de riqueza do país, dominavam o seu excepcional espirito. Ele não podia viver sem o campo, sem a cultura, sem a agricultura.

Até mesmo na Ajuda, ele não se separou d'esse seu prazer, d'essa sua necessidade espiritual, e possuia na Calçada do Galvão um quintal que arrendou, onde cultivava a sua horta.

Não se passava um dia sem que Herculano, com aquela sua regularidade, não fosse ao retiro da Calçada do Galvão passar umas duas horas nos trabalhos agricolas. Foi ele o primeiro criador da magnifica manteiga de Portugal. Foi na Calçada do Galvão que começou a fabricá la, e mais tarde, querendo desenvolvê-la, alugou um estabelecimento em Calhariz, de sociedade com uns seus amigos, e ali ia passar longas horas da sua vida e dos seus estudos, no convivio com a natureza, que sempre amou. Depois, com os 3 contos de réis que lhe rendeu a sua *Historia*, comprou a quinta em Vale de Lobos, onde continuou com o exercicio de cultura e nos seus melhoramentos.

Herculano escreveu os seus quatro volumes de *Historia de Portugal* sobre o que ela tinha de mais dificil. Dizer-se que não acabou a *Historia de Portugal* é um equivoco. Alexandre Herculano fez uma obra completa, que deve chamar-se a historia da origem e do estabelecimento da nacionalidade portuguesa. Coligiu, ainda, Herculano, 12:000 documentos, e, com uma grande dotação, uma generosa dotação — 1 conto de réis por ano! — que foi concedida á Academia Real das Sciencias pelas Côrtes Portuguesas, publicou a colecção dos *Monumentos Historicos de Portugal*, que fez honra ao país.

Se é grande a *Historia de Portugal* de Herculano, se é necessario esse valiosissimo trabalho da origem e fundação da nacionalidade portuguesa para o consagrar, a publicação dos *Monumentos Historicos de Portugal* faz honra ao nosso pais.

Alexandre Herculano, em 1855, era vice-presidente da Academia Real das Sciencias. Trabalhava continuamente, constantemente, na fabricação dos elementos para a continuação da sua historia e para a publicação dos *Monumentos Historicos*. Verificou, então, que dentro da Academia, na sua administração, havia irregularidades de varias especies e que implicaram com a probidade dos empre-

gados d'essa administração. Fez-se um inquerito, procedeu-se á analise das provas e reconheceu-se que o secretario perpetuo da Academia Real das Sciencias, Joaquim José da Costa Macedo, estava implicado e era certamente o principal autor d'essas irregularidades. Herculano foi implacavel para com o secretario perpetuo e em sessão da Academia, e por unanimidade, Joaquim José da Costa Macedo foi suspenso. O inquerito foi levado ao conhecimento do Ministro do Reino em minucioso relatorio, com o extracto, a sumula, de todos os motivos que afirmaram a sua improbidade de funcionario.

E qual foi a resposta do Ministro do Reino? Foi nomear Joaquim José da Costa Macedo guarda-mor da Torre do Tombo, casa onde Alexandre ia todos os dias, ou quasi todos os dias, para trabalhar, manuseando os varios documentos existentes lá dentro.

Alexandre Herculano compreendeu perfeitamente que esta afronta feita á Academia vinha incidir sobre a sua pessoa, porquanto Rodrigo Magalhães não podia perdoar a Herculano esses suplicios que lhe inflingiu, esse azorragar continuo dos 88 numeros do jornal que Alexandre Herculano criou para desagravar-se do ultraje que lhe tinha sido feito. Essa afronta repeliu-a Herculano com honra, sacudindo-a do seu capote com toda a dignidade.

Reuniu se a Academia Real das Sciencias e Herculano apresentou a sua demissão de vice-presidente e de socio, declarando que jamais podia entrar na Torre do Tombo e não podia, portanto, continuar a publicação dos *Monumentos Historicos*. Não podia servir a Academia, não podia por isso ficar.

Passou se o ano de 1856, e a breve trecho caiu o Ministerio Saldanha-Rodrigo ou Rodrigo-Fontes, e subiu o Ministerio do Marquês de Loulé.

Esperava a opinião publica, esperava a Academia e esperava Herculano que lhe fosse dada imediata satisfação ou reparação. Pois só em outubro de 1857 é que apareceu reformado Joaquim José da Costa Macedo, de guarda-mor da Torre do Tombo, quando Herculano já tinha manifestado as suas ideias numa celebre carta á Academia Real das Sciencias, que é manifestamente um dos maiores padrões de gloria e a afirmação do seu extraordinario caracter, carta que ele, orador, lê á Camara.

Apesar d'essa carta, Herculano voltou, apenas o guarda-mor foi reformado, para a Academia, dizendo que o fazia no desempenho de um encargo e como satisfação de um compromisso que tinha para com o publico, mas que voltou sem fé, sem alma, a exercer esse lugar.

Trabalhou na continuação da publicação dos *Monumentos Historicos* até 1873, bem como continuou o quinto volume da *Historia de Portugal*. Outras obras, ainda, deixou esboçadas ou completas.

Não se retirou para Vale de Lobos fugindo ao trabalho. Continuou sempre trabalhando pela paixão da sua vida. Não fugiu, trabalhou e acabou a sua obra até o ponto em que a morte o veio surpreender.

Concluindo, declara que eram estes dois factos que queria fazer resaltar, e afirma sentir-se satisfeito, perfeitamente rejubiloso por ver que a Camara dos Deputados de Portugal soube nobremente e grandemente compreender o seu dever.

O Sr. João Pinto dos Santos: — Na altura em que vae a sessão, eu procurarei ser o mais resumido possivel, e, se pedi a palavra depois do Sr. Pedro Martins já ter falado em nome do partido a que pertenço, e porque sendo eu o *leader* não queria que se dissesse que eu não associava o meu nome a esta comissão.

Centenarios dos grandes homens celebram-se em todos os paises, e nós já alguns temos celebrado, mas se alguem tem necessidade de comemorar os seus grandes homens somos sem duvida nós que, atravessando uma grave crise, carecemos de lembrar o exemplo d'esses grandes homens a fim de incutir no nosso espirito a fé necessaria para podermos lutar contra todas as dificuldades que nos

assoberbam, e parece-me que nenhum outro exemplo poderiamos buscar melhor do que o de Herculano, que ás brilhantes qualidades de talento reunia uma grande firmeza de caracter e uma notavel energia, qualidades tão precisas nestes tempos de fraqueza, tibieza e pusilanimidade.

Sr. Presidente: Alexandre Herculano, como muito bem disse o meu colega, ainda novo associou-se á manifestação liberal não para defender o absolutismo como alguem lhe atribue, mas para defender a obra liberal, e associou se não simplesmente com palavras, mas tomando parte no grande movimento d'essa epoca, em que ele já desempenhava uma função importante naquela conjuntura, e se não a realizou foi porque não exigiram o cumprimento da sua palavra.

Veja V. Ex.ª, Sr. Presidente, como as cousas são. O homem que nessa conjuntura dificil estava a realizar um acontecimento que seria um crime tem hoje aqui a glorificação da Camara, é considerado como um dos vultos mais importantes e dos mais notaveis, e todos aqueles grandes homens que eram os mantenedores da ordem e que em nome da ordem representavam todos os actos de força, são considerados figuras miseraveis! Homens como Herculano, que estiveram do lado da liberdade e do progresso, que sofreram as consequencias da atitude que tomaram, que eram considerados como libertarios, teem depois a consagração ainda mesmo d'aqueles que se dizem ser mantenedores da ordem.

Este grande homem, com esta envergadura depois dos seus combates, veio ao país e começou o periodo dos trabalhos historicos.

Alexandre Herculano trabalhou extraordinariamente para fazer uma historia. Por todo este trabalho, que alem d'isto custou uma luta titanica, porque a reacção se levantou contra ele e o considerou hereje, vejam todas as polemicas que ele teve que sustentar contra a classe clerical, polemicas cheias de saber, vejam o esforço que era preciso dispensar para todas essas lutas!

Mas não foram essas lutas, esse grande esforço que o fizeram afastar Alexandre Herculano tinha dado provas de que era um grande lutador, e tanto que até o acusavam de caceteiro. Mas então, porque é que esse homem, relativamente novo aos cincoenta e sete anos, se retirou para Vale de Lobos?

Diz-se que ele não quis servir mais o seu país, que se retirou porque receou a resposta ás suas polemicas. Ora eu creio que um homem que tinha feito uma obra tão colossal até os cincoenta anos, podia muito bem retirar-se naquela idade, sem que isso lhe pudesse servir de censura. Alexandre Herculano era um homem de um temperamento excepcional, que tinha sustentado ideias contra a opinião geral dominante naquela epoca e por consequencia era natural que ele estivesse fatigado. Alexandre Herculano foi para Vale de Lobos, porque tinha uma grande paixão pela agricultura e ahi foi aperfeiçoar a fabricação do azeite.

O Sr. Zeferino Candido: — Aperfeiçoar o azeite, não; fabricar o azeite de mesa em Portugal, que ainda o não havia.

O Orador: — O que é certo é que ele ainda lá contribuiu para o engrandecimento do seu país.

Pois um homem nestas condições, tendo trabalhado tanto, era de admirar que fosse repousar tranquilamente d'essas longas fadigas! Não admirava nada, não se podia censurar um homem porque se retirou exactamente depois de ter feito uma grande obra.

Eu aprecio os homens que, quando chegam a uma certa altura, sabem deixar a politica, as letras, a arte; sabem, emfim, deixar tudo, nesse momento, não são senão um *entrave* á marcha dos negocios publicos, do progresso e da civilização.

Sabemos todos nós que os homens publicos, até uma certa altura, estão dispostos para todos os grandes cometimentos e progressos; e depois, quando passam dos quarenta anos, quando as nossas celulas cerebraes já não teem a elasticidade dos primitivos tempos; quando nós, por assim dizer — permita-se a frase — já não temos os conhecimentos...

O Sr. Zeferino Candido: — V. Ex.ª dá-me licença? Ouço a V. Ex.ª com tanto entusiasmo, que lhe peço licença para uma interrupção. É tanto como V. Ex.ª diz que na Ajuda, no conluio com o Marechal Saldanha, Herculano impôs, como condição, não entrar no Ministerio senão gente nova.

O Orador: — De acordo. Considero que isso foi um serviço relevantissimo que ele prestou, porque o homem, depois de uma certa altura, já não é capaz de acompanhar o progresso moderno. São raros os espiritos que assim aparecem, e, nas raças latinas, poucos são os que, depois de uma certa idade, são capazes de assimilar, e como, ao mesmo tempo, se querem considerar como representantes do seu tempo, fazem esforços para que as cousas se realizem como se devem realizar.

Ora, o homem com as qualidades que aquele tinha, vigor fisico, valor e coragem, mostrando talento extraordinario em todos os campos, nas suas novelas, nos seus romances e na sua historia; um homem com estas qualidades de caracter acêrca do qual ninguem ha que não faça justiça, um homem d'estes é rarissimo na conjuntura que atravessamos.

O ilustre Deputado Sr. João de Menezes fez já uma referencia a um discurso que Alexandre Herculano proferiu, creio que em 1858, quando, a proposito das irmãs de caridade e do receio da introdução dos lazaristas em Portugal, houve uma assembleia no Teatro de D. Maria II, presidida pelo Bispo de Viseu, e em que Alexandre Herculano apresentou o programa d'essa especie de comicio ou reunião.

O Sr. João de Menezes tocou ligeiramente o assunto, mas permita-me a Camara que eu leia as palavras que tenho transcritas, pronunciadas por Alexandre Herculano.

Dizia ele:

«Nós vimos aqui porque vemos o futuro do partido liberal ameaçado. Não precisamos disfarçá-lo. A onda da reacção tenta invadir o que ha mais sagrado nas nossas instituições. Não nos iludamos: deixemos as mascaras hipocritas para os adversarios. Cumpre que este pensamento seja manifestado em toda a sua plenitude».

Não ha palavras que tenham maior oportunidade, quando a onda da reacção trabalha para invadir não só as altas esferas e situações, mas ainda as mais obscuras, querendo impor a opinião em tudo e por tudo. E assim, a nós compete, numa situação d'estas, quando comemoramos o centenario d'esse homem, que tanto se enobreceu nas lutas contra os ultramontanos; a nós compete aplaudir as palavras d'esse homem e dizer á Camara, ao Governo e á sociedade portuguesa que estejam convencidos de que nós todos não seremos suficientes ainda para combater a reacção.

O Sr. Augusto do Vale: — Diz que depois da forma nobre, levantada e eloquente como foi apresentada a figura de Herculano pelo Sr. Presidente, e depois dos discursos primorosos que se teem pronunciado, não será ele, orador, que vae roubar tempo á Camara.

Herculano foi talvez um dos vultos mais importantes da nossa historia. Por qualquer dos aspectos que se encare esse homem, reconhece-se-lhe a sua grandeza e, sobretudo, a alta qualidade que ele, orador, muito mais aprecia: o seu caracter.

Debaixo d'este ponto de vista seria bom que todos os politicos baseassem o seu proceder nesse carater, e de futuro reconhecessem a absoluta necessidade para que esse caracter não deixe de existir neste desgraçado pais.

Propositadamente disse que não queria cansar a atenção da Camara, porque as suas palavras são singelas demais para tratar de um vulto como Alexandre Herculano, e limita-se a associar-se em nome do partido regenerador-liberal á proposta da Presidencia.

O partido regenerador-liberal — acrescenta — é um partido de principios, e ele, orador, não segue, nem nunca seguiu, homens, segue principios; é por isso que qualquer que seja o chefe politico d'esse partido, ele, orador, não deixa de ser regenerador-liberal, emquanto no programa d'esse partido estiverem bases definidas que entende que são necessarias para o bem da nossa patria.

Tem a hombridade de declarar que nunca pediu nada a ninguem; tem a sua posição na marinha de guerra e nunca andou pelas arcadas do Terreiro do Paço a pedir o quer que fosse.

Termina, declarando associar-se em nome do partido regenerador-liberal á proposta do Sr. Presidente.

O Sr. Almeida de Eça: — Serei breve, Sr. Presidente, pois, certamente, depois da memoria de Herculano ter sido comemorada nesta Camara, na sessão de hoje, de tantas maneiras e por palavras tão eloquentes, poderia até parecer contraproducente que eu me atrevesse a aumentar qualquer cousa.

A unica razão que a isso me leva é a de ter tido eu a honra de apresentar em uma sessão anterior, e por delegação de diversos membros d'esta Camara, o projecto de lei destinado a fornecer á comissão do centenario de Alexandre Herculano os meios necessarios para ocorrer ás despesas da celebração. Nesse dia, por motivo da propria urgencia do projecto, não devia eu demorar-me em considerações, aliás desnecessarias, para o justificar. Mal parecia, porem, que na sessão de hoje, destinada a glorificar Herculano, eu não acrescentasse a minha homenagem individual á de todos os agrupamentos partidarios que tão calorosamente se manifestaram agora.

Ha pouco mais de quarenta anos eu vinha do Porto para Lisboa a seguir os meus estudos da marinha militar.

Trazia o espirito e a memoria cheios da palavra de Emilio Dantas, o professor de português, que com tanto entusiasmo nos recitou trechos da *Voz do Profeta*, da palavra de Delfim Maya, o professor de literatura, que com a sua analise arguta e subtil nos mostrava as belezas da *Harpa do Crente* e do *Eurico*. E assim, cheio do nome de Herculano, o meu grande anseio era poder contemplar essa personalidade, cuja obra tanto me impressionou.

Uma tarde, em Lisboa, mostraram-me á porta da livraria Bertrand Alexandre Herculano; e eu confesso que tive uma decepção no primeiro momento. Em minha imaginação tinha criado para o autor de tantas maravilhas uma figura imponente, forte, uns olhos coruscantes, qualquer cousa que deveria dar-me a impressão que eu ouvira que produzia a contemplação do *Moysés*, de Miguel Angelo, em Roma, ou de *S. Pedro*, de Grão Vasco, em Viseu.

E não. Eu vi um homem baixo, modesto, que não tinha nos olhos um brilho fulgurante, que não fazia gestos, nem ademanes d'esses que eu erradamente supunha que deixam exteriorizar os grandes homens; mas vi tambem. que esse homem de aparencia modesta era ouvido com respeito, com veneração quasi, pelos que o rodeavam, e que como lhe bebiam extasiados as palavras; a breve trecho pareceu-me que se iluminara aquela fronte espaçosa e que em verdade dos olhos lhe saiam efluvios avassaladores.

Mais tarde criei familia e eduquei os meus filhos no respeito e admiração pela obra de Herculano. Eram para mim das melhores horas aquelas em que eu lhes podia ler os trechos favoritos d'essa obra colossal.

Ultimamente, ha poucos dias. assisti á celebração feita em honra de Alexandre Herculano pela Academia Real das Sciencias em sessão solene a que V. Ex.ª, Sr. Presidente, se referiu no brilhante discurso com que iniciou a sessão de hoje.

Casualmente fiquei junto do busto do grande escritor, obra primorosa de Anatole Calmels. Ia eu ouvindo os louvores de Herculano pronunciados pelos notaveis academicos que se sucediam na tribuna.

De repente, olhando para o busto, pareceu-me que aquela cabeça de marmore se animara e se inclinara um pouco como para melhor escutar, pareceu-me que os seus labios, delgados e finos, se desfranziam num sorriso levemente ironico, que me parecia dizer: «Bons amigos, conheço que me estimaes; agradeço-vos; vejo que vos esforçaes por entender a minha obra; mas quanto poderieis ainda dizer, se vos fosse possivel conhecer tudo o que se agitava no meu espirito quando escrevia, tudo quanto eu deixei de formular por escrito...». E aquela vasta fronte apareceu-me, num relance, transfigurada, e deu ao meu espirito dominado a visão momentanea do genio.

Muito mais me pediria a minha admiração pela obra de Herculano que eu dissesse ainda. Não devo porem fatigar a Camara por mais tempo com a minha palavra sincera mas descolorida, sendo certo que a minha intenção foi apenas, como disse no principio, a de prestar, neste unanime concerto de louvores a Herculano, a minha homenagem individual, pois que, em consequencia de circunstancias que noutra ocasião exporei, eu me encontro atualmente nesta casa separado de qualquer compromisso partidario.

E assim, falando só em meu nome, e tendo acrescentado apenas uma nota essencialmente pessoal ao côro de justos louvores enunciados tão brilhantemente, terminarei dizendo que me associo com todo o entusiasmo ao voto proposto por V. Ex.ª, Sr. Presidente, pois que a homenagem aqui prestada hoje á memoria de Alexandre Herculano representa a homenagem de toda a nação portuguesa, da qual certamente o grande escritor na hora do seu passamento poderia ter dito, parafraseando o poeta:

> «Eu d'esta gloria só morro contente
> que á *minha terra* quís e á minha gente».

O Sr. Anselmo Vieira: — Diz que é a primeira vez que na sua vida parlamentar, que não é das mais curtas, pede a palavra numa sessão d'esta natureza, e confessa que por um impulso do seu espirito esteve para desistir d'ela, mas lembrou-se que foi Alexandre Herculano quem primeiro refulgira na sua alma com todo o seu brilho, com todo o seu poder e com toda a sua sugestão. Arrependeu-se — sinceramente o confessa — de ter pedido a palavra, em virtude da insuficiencia de recursos para, embora individualmente, se associar a uma homenagem tão justa e tão merecida a um vulto proeminente da historia portuguesa. Com essa homenagem nobilita-se, enaltece-se, alevanta-se o Parlamento português, e assim se glorifica dignamente o professor insigne, o escritor poderoso, o romancista inigualavel, o poeta luminoso, o historiador imorredoiro. Mais alto e mais grandioso patriota jámais Portugal teve. Tinha o coração e a alma portugueses, como portuguesa foi a sua obra.

É justo, pois, que o Parlamento Português faça essa comemoração e se encha de bençãos o nome de Herculano.

Emquanto a luz da civilização indicar o destino d'este país, Herculano ha de ser coberto pelas bençãos de todos os homens de alma limpida e que em seu peito concentrem todo o puro amor da patria.

Não acha o momento oportuno para traçar o perfil de Herculano e a camara já decerto está cansada, mas não existe ninguem que não admire o gigante poderosissimo da ideia.

O orador alonga-se ainda em considerações, apreciando a obra monumental de Alexandre Herculano.

Termina, porque sente necessidade de terminar, sentindo ao mesmo tempo que a estreiteza do tempo, que o cansaço e fadiga da Camara não lhe permitam continuar a fazer a analise da obra do grande mestre.

O Sr. Presidente: — Está esgotada a inscrição. Em vista da manifestação da Camara, julgo interpretar os seus sentimentos, considerando a minha proposta aprovada por aclamação.

X

Ao passo que na Sociedade de Geografia a comissão executiva continuava, sem desfalecimentos, o seu trabalho patriotico, algumas municipalidades e corporações particulares auxiliavam igualmente com fervor esse esforço tomando deliberações que mereciam o consenso geral. Em algumas localidades foi dado o nome de Alexandre Herculano a ruas e largos como homenagem ao grande historiador, e houve colectividades, como a antiga sociedade de Lisboa que tem o titulo «Gremio Literario» e ahi teem reunido alguns milhares de socios das classes mais cultas e mais preponderantes na capital, que deveria inaugurar o busto do egregio escritor com uma conferencia historico-literaria, como em outro tempo eram realizadas no mesmo Gremio, confiando-a a um ilustre homem de letras e orador.

Em Evora diversas sociedades recreativas preparavam-se activamente para as festas do centenario. Em Torres Novas, em S. Tiago do Cacem e em outros concelhos tambem se aprontavam para que as solenidades do centenario revestissem brilho digno de menção. Elvas, Santarem e Figueira da Foz, seguiam-lhe briosamente o exemplo. Na Figueira da Foz far-se-hia a inauguração de uma exposição bibliografica, na qual estava empenhado um ilustre membro da nobre familia de Fernandes Thomás. Para esta exposição foi expedida uma circular do teor seguinte:

> «Tendo a comissão organizadora da biblioteca municipal da Figueira da Foz resolvido realizar na sua sala de leitura, por ocasião da inauguração da mesma biblioteca, uma exposição bibliografica das obras de Herculano e ainda das que a ele se refiram, comemorando assim a abertura de mais um estabelecimento de instrução popular que o eminente historiador tanto apreciava e tambem a data do primeiro centenario do seu nascimento, vem, por esta forma, solicitar de todas as pessoas que tenham especies bibliograficas que possam figurar na supra mencionada exposição, como são todos os escritos de Alexandre Herculano; obras quer impressas ou manuscritas que a ele digam respeito, documentos originaes, cartas familiares, autografos, retratos, exemplares de jornaes ou revistas que contenham artigos acêrca da vida e obra do glorioso autor do *Eurico* e do *Monge de Cister*, a fim de por essa forma ser aumentado o peculio bibliografico existente na mesma biblioteca.
>
> «As obras enviadas devem ser entregues até ao fim do mês corrente na séde da biblioteca, Praça Nova, das 9 ás 11 horas da noite, e vir acompanhadas de uma lista em duplicado, assinadas pelo expositor. Um dos exemplares d'essa relação fica em poder do bibliotecario e outro, assinado por qualquer membro da comissão e devidamente autenticado com o carimbo da biblioteca, será entregue ao expositor, e em troca d'esse documento lhe serão restituidas as especies no fim da exposição, que durará, o maximo, uma semana.
>
> «Atendendo ao fim altamente educativo d'esta exposição, a comissão espera a aquiescencia de todos aqueles que nas suas estantes teem obras relativas a Herculano, pelo que, desde já, se confessa sumamente grata.
>
> Figueira da Foz, 9 de março de 1910. — Pela comissão, *Pedro Fernandes Thomás, Eloi do Amaral, Francisco Martins Cardoso*».

O então governador civil de Santarem, Sr. Visconde da Silva Anachoreta, mandava distribuir ás autoridades, corporações e pessoas mais gradas do seu distrito, a seguinte circular:

«Promovidas por uma grande comissão, constituida por representantes de classes e corporações, que em si concretisam as mais elevadas aspirações da Alma Nacional, vão celebrar-se, este mês, no nosso país, as solenes festas de comemoração do 1.º centenario do nascimento de Alexandre Herculano, o grande e glorioso historiador português.

Constitue um numero do respectivo programa a romagem a Azoia de Baixo, em 30 do corrente, para, num culto de fervoroso civismo, visitar a casa onde o sabio, o patriota e incorruptivel cidadão viveu e acabou os seus dias; casa que, embora refugio de um desiludido, foi, por dilatados anos, a oficina de um genio, que ainda d'ali dotou a patria com as inigualaveis joias de seu profundo saber.

Não posso nem devo eu, como cidadão português e filho de Santarem, deixar de entusiasticamente e devotadamente acompanhar os que tão calorosamente se propõem pagar divida tão sagrada, e menos posso e devo, investido, como estou, nas funções de primeiro megistrado do distrito, deixar de corresponder, com toda a minha boa vontade, ao apelo que, em abono d'esta merecida e alta consagração, me acaba de ser feito pela Grande Comissão promotora das festas d'este centenario.

Solidamente convencido, como estou, de que as nações se nobilitam quando, num expontaneo acto de justiça, engrandecem a memoria dos seus grandes homens, trazendo-a á luz da historia, —que é lição e ensinamento dos presentes e futuros— a este acto me voto, de alma e coração, tanto mais que o nome gloriosissimo de Alexandre Herculano deve congraçar todas as opiniões e a todos reunir numa sincera apoteose.

Assistem ao concelho de Santarem, e mui particularmente a esta cidade, circunstancias especiaes, que de forma alguma desculpariam uma abstenção ou sequer afrouxamento nos actos festivos da consagração que se projecta, e por honra propria impende-lhe o dever de se solidarizar com a Grande Comissão, contribuindo de sua parte —individuos e corporações— para que, aqui nesta cidade e em Azoia de Baixo, tenham aquelas festas uma carateristica local que muito lhe realçará o significado.

Alem das manifestações festivas, que porventura possam e devam ter logar, por iniciativa de individuos, comissões e corporações, convem unificar propositos e esforços para dar unidade e grandiosidade á romagem a Azoia de Baixo.

É este, por assim dizer, o numero do programa cuja responsabilidade a todos nós, habitantes do concelho de Santarem pertence; cumprindo, por isso, a todos nós contribuirmos para que ele se revista de solenidade e luzimento de modo a honrar-se o nome da nossa terra, tornando simultaneamente brilhante a homenagem que ao Mestre se vae prestar.

Neste exposto a V. Ex.ª rogo a sua apreciavel e valiosa interferencia e cooperação em todos os actos que proficuamente conduzam aquele fim, esperando mais que, para completo e eficaz exito d'esta civica manifestação, se dignará exercer a sua actividade e esforços, dignando-se outrosim, tomar parte no preito, que, em romagem á Azoia de Baixo, Santarem vae prestar ao grande historiador português.

Deus guarde a V. Ex.ª —Governo Civil de Santarem, 16 de março de 1910. = O Governador Civil, *Visconde da Silva Anachoreta*».

Na sessão da comissão executiva realizada em a noite de 15, sob a presidencia de Consiglieri Pedroso, ficara resolvido publicar-se o seguinte:

A grande comissão, reconhecendo a vantagem de uniformizar a comemoração em todo o pais e facultar a realização de todas as manifestações que se projectam, resolveu por unanimidade que a comemoração se fizesse desde 28 de março, data do centenario do nascimento de Herculano, até 28 de abril iniciando se no primeiro d'estes dias, solicitando-se do Governo que seja considerado de grande gala, a sessão solene na Academia das Sciencias e na qual farão o elogio do grande historiador os academicos Consiglieri Pedroso, Teixeira de Queiroz e Cristovam Aires.

Nesse mesmo dia seria inaugurada a exposição diplomatica da obra de Alexandre Herculano, nas salas da Torre do Tombo.

Seguidamente, durante o mês do centenario far-se-hia uma serie de seis conferencias na Sociedade de Geografia organizada por iniciativa da comissão executiva, com os seguintes conferentes e temas:

Dr. Reis Santos, *O centenario de Herculano e a sua significação;* Manuel de Oliveira Ramos, *Herculano historiador*; Fidelino de Figueiredo, *Herculano literato;* Agostinho Fortes, *Herculano publicista;* Dr. José de Magalhães, *Herculano* o *homem.*

A romagem a Vale de Lobos realizar-se-hia no domingo 24 de abril; no dia 26 a marcha *aux flambeaux* e descerramento da lapida no Pateo do Gil; no dia 27, sarau em S. Carlos, e no dia 28, grande cortejo civico de homenagem a Herculano aos Jeronimos.

As sessões solenes na Escola Politecnica e Camara Municipal, bem como a colocação da lapida na Ajuda, de iniciativa do municipio de Lisboa seriam realizadas nos dias que brevemente seriam fixados.

Pensou-se realizar, durante o mês centenario, festas desportivas e uma festa nocturna no Tejo; nesse mesmo periodo seria aberto o primeiro concurso literario para a adjudicação do premio Herculano, segundo o programa que oportunamente seria indicado.

A comissão executiva informou que ia fornecer ás bandas e tunas que o requisitassem partituras e respectivas partes da marcha triunfal Herculano».

No dia 23 realizara-se uma sessão solene no antigo teatro Principe Real no Porto. Presidiu o vereador municipal Sr. Antero de Araujo, ao lado do qual se viam os representantes da autoridade superior do distrito, funcionarios civis e militares de todas as graduações, professores, industriaes e periodistas. Assistencia selecta e numerosa.

Como a comemoração era da iniciativa dos estudantes, cinco proferiram discursos comemorativos e tambem falaram os Srs. Drs. Pedro Martins e Alexandre Braga, que receberam muitos aplausos.

Á noite viam-se iluminados o edificio da camara municipal e outros particulares. Na Praça de D. Pedro tocou uma banda regimental.

Eis como foi celebrado o dia 28 em Evora. Realizaram-se tres sessões comemorativas. A primeira na escola central, a segunda no Colegio Bartolomeu Dias e a terceira no salão de espectaculos, e todas concorridas. No colegio falou o Sr. Dr. Vasques de Mesquita, que se dirigiu ás criancinhas elogiando o valor de Alexandre Herculano como poeta e como romancista, e citando algumas passagens da vida do egregio escritor. No salão falou novamente o Sr. Dr. Vasques de Mesquita, que foi brilhante e eloquente, prendendo a atenção da assembleia mais de uma hora, e então referiu-se á vida de Herculano como politico e como liberal.

XI

Alguns dias antes do primeiramente marcado para a geral comemoração do centenario em Portugal um notavel e estimado miniaturista portuense, Sr. Alfredo Brandão lembrou-se de destinar dois dos seus apreciaveis trabalhos a essa festa patriotica e literaria, pintando em uma folha natural de vide espalmada versos de Alexandre Herculano, que mandou emoldurar com elegancia e ofertou ao Ateneu Comercial do Porto. Na miniatura lê-se:

O secar das folhas

(Millevoye)

Cae, oh passageira folha,
Vem esta senda cobrir:
Esconde ao pranto materno
Lugar onde vou dormir.

A. HERCULANO.

Na mesma ocasião o estimado miniaturista pintava nas petalas de um botão de rosa artificial, com dedicatoria ao seu amigo Sr. Francisco Bernardino Pinheiro de Meireles, que demonstrara o mais caloroso entusiasmo pelas festas do centenario promovidas pelo Ateneu Comercial do Porto, os seguintes versos:

Ao centenario de Herculano

Pura em sua inocencia,
Entre a sarça espinhosa
Purpurea esplende inda botão intacto
Na madrugada a rosa.

A. HERCULANO.

28 de março de 1910.
Salvè! Ateneu Comercial do Porto.

Esta lembrança delicada e mimosa devia registar-se aqui com louvor para o artista amador, o que faço de boa mente.

Agora interrompo as notas relativas ao centenario para deixar outras mais extensas, que pude coligir relativas á vida e ás obras de Alexandre Herculano, principalmente aquelas que eu considero como expressão da propaganda fogosa, mas justa, em prol dos seus ideaes democraticos de liberdade contra a reacção e em favor do progresso da instrucção do povo, de que jámais conscienciosamente se afastou, alheio a todas as combinações e a todas as intrigas da politica partidaria, que via desenvolverem-se em volta, porque acima de tudo estavam os altos interesses da patria.

XII

Disse-se algures que Alexandre Herculano não era homem popular, não o fôra nunca; e todavia na minha sincera e singela opinião poucos escritores o igualariam na demonstração dos seus sentimentos populares, isto é, em favor do povo, em prol da instrução das classes populares, em defensa dos sagrados e legitimos direitos dos que trabalham e padecem. Quem se aproximasse d'ele e fi-

tasse aquela fisionomia carregada e sombria e visse aquele aspecto de misantropo, julgá-lo-hia fora de todos os centros de convivencia, fora da atracção que traz comunidade de interesses e de ideias para o bem geral. E enganar-se-hiam.

Naquela aparente rudeza estavam ocultos os melhores e os mais valiosos quilates de um coração nobre, o genio do fogo intenso que explodia em ocasiões oportunas e sempre em beneficio dos pequenos. De ao pé d'ele não podia sair-se descontente, nem amargurado, nem aflito. Para os ignorantes ele tinha palavras de ensino, para os fracos frases de animação, para os pequenos ditos de conforto, sem azedumes, sem ofensas, sem recriminações, sem vexames. Delicado em todas as ocasiões. Mas livrassem-se de algum momento de justa indignação. Não poupava pessoa alguma, porém tambem não ofendia, nem ofuscava, nem vexava.

A instrução de Alexandre Herculano era muito variada, principalmente em assuntos historicos, archeologicos e juridicos.

XIII

Em 1850 um nucleo de sacerdotes guiados por falsas ideias e pela sua ignorancia supina, e patrocinados ou incitados por alguns prelados mal avisados, agrediu conscientemente, grosseiramente, Alexandre Herculano, a proposito do trecho da sua *Historia de Portugal* que se referia á lenda do *milagre de Ourique*, que lisonjeava e acariciava a fantasia do povo inculto, ingenuo e seduzido pelos predicas grosseiras e insultuosas; o grande Mestre desafrontou-se do soez ataque castigando, com a sua prosa mascula e vibrante, a vilania, numa serie de opusculos que na colecção da sua obra colossal, tomo I, tem o titulo generico *A batalha de Ourique*. Começa pela carta ao patriarca de Lisboa. Ahi ficaram desfeitas a lenda milagreira e a importancia da batalha, que, ao que parece, segundo se lê em escrituras arabes, não passou de uma escaramuça ou recontro que se davam amiude entre as hostes agarenas e as forças agrupadas na peninsula iberica para as combater e dispersar. Ahi ficaram confundidos, na sua audacia e na sua ignorancia, os que o agrediram[1].

Ele conhecia muito bem os seus inimigos e avaliava-os pela importancia que lhes davam certas classes, das consideradas abastadas e privilegiadas, e viu que o esforço empregado para o combater nessa questão teria de revigorar-se e

---

O erudito academico e professor do antigo Curso Superior de Letras (hoje Faculdade de Letras), Sr. David Lopes, pôs remate glorioso para tapar de vez a boca aos maledicos, ainda estremunhados com os beatificos ecos das patranhas sobre o «milagre de Ourique», escreveu um extenso e bem fundamentado estudo acêrca dos arabes nas obras de Alexandre Herculano, e nele dedicou um capitulo que intitulou: *Nome e batalha de Ourique*. Pode ler-se no *Boletim da segunda classe da Academia das Sciencias de Lisboa*, distribuido em novembro 1911.

Esse capitulo divide-se em dois trechos: um tem o titulo: *Ourique, nome do lugar; Ourique, batalha*; e um apendice que designa: *Alexandre Herculano, Antonio Caetano Pereira e a batalha de Ourique*.

O Sr. David Lopes prova que, com efeito, a batalha não teve importancia nem podia ter por falta de gente armada; que esta, segundo os documentos arabes dignos de serem citados, nem teve influencia alguma na independencia de Portugal nem na sua constituição em reino. Havendo lugares ou terras com a denominação de *Ourique*, onde é que se deu a batalha, sobre a qual não existe duvida? Atendendo á dificuldade de reunir forças numerosas sob o comando de D. Afonso Henriques, que então estava distante, o mais provavel é que a escaramuça, a que teve o pomposo nome de *grande batalha* para iludir os ingenuos, ocorreu num *campo* ou *chão de Ourique*, não longe do Cartaxo. Assim ficará tudo nas devidas proporções e sem ofensa da seriedade historica.

O erudito autor, depois de provar a má fé e a charlatanaria com que o professor Antonio Caetano Pereira discutia com Alexandre Herculano, rematou o seu estudo com estas palavras:

> «... Pereira mostrou-se, nesta questão que ele levantou malevolamente, de uma ignorancia e de uma incapacidade critica inaudita, e a sua inconsciencia de instrumento, que deve ter sido nas mãos dos adversarios de Herculano, toca as raias da infamia. Herculano

reproduzir-se sempre que elas, mascaradas ou ostensivamente, aparecessem a contrariar a corrente das ideias modernas, a reforçar o arsenal da sua malefica propaganda com o intuito de tornar mais carregadas as nuvens do obscurantismo em que operam ás vezes com exito favoravel aos seus diabolicos designios.

Assim, em 1858, a questão da educação do sexo feminino, para a qual eram chamadas mestras estrangeiras sem entenderem a linguagem portuguesa, educação que se prendia com o desenvolvimento de um ensino religioso que ia minar as familias tornando-as comparticipantes dos intuitos do jesuitismo; e depois, em 1871, a supressão das conferencias do Casino, acendeu de novo no animo de Alexandre Herculano o desejo de desabafar contra esses propositos que eram como veneno derramado no seio das classes populares e atraso certo no incremento da sua educação, isto é, o entravamento ruinoso da marcha da civilização ao lado dos povos mais cultos na Europa.

A sua voz repercutiu longe, ouviu-se bem, chegou onde devia soar, mas não desarmou os inimigos. Estes viam que tinham ante si adversario gigante para temer e que não puderam desarmar nem vencer nas primeiras e atrevidas arremetidas na questão da *batalha de Ourique*, tornada celebre por causa d'eles, e trataram de assediá-lo por diversos modos com o proposito de o aniquilar. A sua guerra tornou-se mais persistente e mais acintosa, apoiando-se em influencias nefastas, de sacristia e de beaterio, que tambem se lhes figurava que lucrariam exaurindo o tesouro dos seus cofres pelas malhas das suas teias.

Ora, como sob esse ponto de vista, a propaganda de Alexandre Herculano tem e terá alcance apreciavel e de bom fruto, porque ela pôs em evidencia os fins da seita, a subserviencia dos seus adeptos e o oceano de mentiras em que se debatem e hão de naufragar sem que lhes valham quaesquer boias milagreiras que vão implorar á Senhora da Rocha ou á Senhora de Lourdes reclamadas persistentemente por beneficios discutiveis e pelas manhas canalizadas do Vaticano, no dizer de pessoas doutas, sinceras e desempoeiradas, fabrica de santos e de milagres, industria que poderia considerar-se muito rendosa para a qual contribuiam os ingenuos e os hipocritas.

Julgavam que ele ficaria estacionario, que lhe faltariam as forças. Enganaram-se redondamente. No remanso do seu gabinete de trabalho, alheado de questinculas mesquinhas, observando com perspicacia e estudando com agudeza de vidente a marcha dos acontecimentos e o progresso das sciencias que trazia novos e mais radiantes clarões á civilização, ele poude dizer a quem o interrogou e increpou acêrca das suas opiniões antigas que parecia estarem em contradição com

---

teve de descer a discutir, diante de uma galeria a gargalbar alvarmente, como um mentecapto que merecia o desprezo, e opôr a sua sã razão a um espirito obcecado e em delirio: são percalços dos que erguem alto a sua individualidade e teem convicções e as querem afirmar.

«Perdõe-se-nos esta crueza de apreciação, porque quem como nós seguiu passo a passo toda a questão, — e não só o episodio que acabamos de estudar —, viu a má fé dos seus adversarios e o insulto baixo; e viu tambem como a injuria feriu a alma de Herculano, lhe quebrou todas as energias e fez o solitario do Vale de Lobos, não pode exprimir de outro modo a sua indignação; e, na verdade, é duro que a reputação de um homem, o seu saber e a paz do seu espirito estejam á mercê da truanice de um fariseu. Mas, ás vezes, a historia faz justiça; é por isso que ela só regista o nome de Antonio Caetano Pereira para lhe marcar na fronte o seu acto indigno».

Em nota o Sr. David Lopes declara que a parte que, neste seu estudo; se refere á controversia de Alexandre Herculano com o professor Antonio Caetano Pereira, é um resumo da critica que, sob o mesmo titulo, escreveu e foi publicado no *Boletim da Sociedade de Geografia*, n.º 5, de 1898-1899.

Note-se tambem que *rei* entre os arabes era o que nós podemos chamar *chefe, capitão, comandante*, o equivalente ao *soba* entre os africanos, grupo de homens que obedece ao eleito chefe. Eis em que veio a parar por essas gerações fora e durante seculos na pena de escribas hipocritas ou ignaros!

Até ficou provado que o pobre Antonio Caetano Pereira, na sua ansia de agressão contra o egregio historiador, falsificava documentos. Veja-se o que vem no estudo do Sr. David Lopes, no *Boletim da segunda classe da Academia das Sciencias de Lisboa*, pag. 356.

as que divulgava após anos de recolhimento, de benigna e demorada concentração:

—Não deve estranhar-se, respondia o Mestre, serenamente; no longo periodo dos 25 ou 26 anos de idade, até agora que cheguei aos 66, tenho estudado e aprendido alguma cousa sobre materias que me obrigaram a modificar as minhas opiniões. A quem não terá sucedido isso?

Só quem não vê, nem estuda, podia ter acrescentado o Mestre. As lutas politico-religiosas agravadas em 1858 e 1871 provaram que se ia fazendo modificação sensivel nas opiniões de Alexandre Herculano, ou antes, segundo o meu humilde criterio, estavam firmadas no portentoso cerebro do Mestre as ideias que ele advogou até o fim da sua preciosa existencia em favor da liberdade e da emancipação do povo contra o fanatismo, contra o beaterio, contra a hipocrisia, contra a reacção ultramontana minada e protegida com as armas envenenadas e odientas do jesuitismo com, e sem, balandraus.

XIV

Quando, em 1858, houve necessidade de reunir esforços e de ligar boas vontades para combater a propaganda prejudicial para a familia portuguesa, que se fazia para meter nas escolas primarias o ensino por mestras francesas, na ideia da fundação de uma associação protectora da educação do sexo feminino, pediram a Alexandre Herculano que redigisse um manifesto contra tal ensino e ele não se recusou. Esse documento, energico, extenso, poderosamente masculo e patriotico, foi impresso em separado e profusamente distribuido. Chegou ás cidades, ás vilas e ás aldeias. Entrou em todos os lares. Foi lido com avidez no seio das familias e foi sensacional. Não haja duvida. Está reproduzido nos seus *Opusculos*, tomo II, de pag. 245 a 339.

Foi impresso e distribuido com o titulo *Manifesto da Associação popular promotora da educação do sexo feminino ao partido liberal português, 1858.* Este e outros documentos do egregio escritor desejavam os reaccionarios de todas as ordens, grandes e pequenos, nobres ou plebeus (estes na onda por sua ignorancia supina), destruir e suprimir, mas não o conseguiram. Ha de ficar e permanecer como documento da boa e sã doutrina, indiscutivel, saudavel e duradouro! Era travão vigoroso na roda dos desvarios reaccionarios.

Nesse manifesto ficou a claro os meandros da reacção, dentro e fora da nação, vindos de longe e aproveitando-se sempre que ela surgia nitida para o enrolar da meada, em que o iludido seria o povo e vitorioso o hipocrita. Vou tirar alguns breves trechos d'esse importantissimo documento. São de fogo. Queimam como ferro em brasa e lançam-se na terra contaminada para a purificar.

Leiam-se com atenção:

> «... o progresso da educação em intensidade e em extensão não ha de nem pode vir de se entregar o magisterio ás corporações religiosas, cuja impotencia no meio da liberdade de ensino que se lhes concedeu, sem garantias sequer para a sociedade, os factos estão demonstrando. Pode e ha de vir de institutos seculares, liberal e fortemente organizados. A civilização gradual e crescente da sociedade pela educação popular é uma intriga de sacristia. Se ha paises onde as paixões politicas a reduzissem a essas dimensões, deploremos os seus destinos, mas abstenhamo-nos de os imitar.
>
> «Assim, considerada pelo lado pedagogico, a introdução das irmãs de caridade francesas não correspondeu a nenhuma ideia de progresso;

não satisfez a nenhuma necessidade da educação popular. Fugir-se-ha d'esta questão suprema para a de simples caridade? Dir-se-ha que o estabelecimento que serviu de pretexto á introducção d'esses frades e d'essas mulheres não é propriamente um instituto de ensino, mas de beneficencia? Todos os absurdos se podem dizer quando se defende uma ruim causa; mas, em tal caso, porque excluir a mulher portuguesa? Porque reputá-la incapaz de carinho, de asseio, de religião, de moralidade? É licito, porém, admitir-se que o asilo entregue ao lazarismo seja apenas um abrigo para a indigencia material? As casas de asilo são essencialmente institutos de educação. O mais superficial exame da sua indole o está provando ...»[1].

Mais adeante, Alexandre Herculano escreveu e evangelizou:

«A reacção é o catolicismo posto ao serviço dos interesses mundanos; é uma parte importante do clero que se deixou assoldadar pelo absolutismo com a esperança de que, fazendo retroceder os povos até o estado social que precedeu a liberdade, poderá um dia reinar ainda mais longe e restabelecer a supremacia clerical sobre o poder civil. É, por outro lado, o absolutismo, que, servindo-se d'essa parte do clero, e da poderosa arma de religião, procura restaurar o proprio predominio, persuadido de que, depois de obtido o triunfo, conterá o seu perigoso aliado pelos mesmos meios que outr'ora empregou para o domar, a resistencia energica ás suas pretenções e a participação generosa nos proventos dos abusos, violencias, espoliações e vexames com que por seculos flagelou a humanidade. A reacção é o abraço refalsado de dois poderes que se hostilizaram, que se perseguiram, que alternadamente se esmagaram muitas vezes durante seculos e cuja paz nos ultimos tempos era apenas uma tregua que tacitamente ajustara a corrupção...»[2].

Sigamos o Mestre:

«Por muito tempo foi esta (a reacção) apreciada mal entre nós, porque as suas manifestações eram desconexas, intermitentes. Apareceram, desapareceram, renovaram-se certas imitações peregrinas, certas confrarias e associações do sexo feminino, nas quaes um singular perfume de misticismo se acomoda aos habitos e costumes luxuarios que dá a opulencia. A devoção é ahi diversão de certas classes, a quem o berço e a fortuna habilitavam para se esquivarem á dura cominação do trabalho imposta no Genesis. Publicações devotas e quasi romanticas, traduzidas do francês, e onde nem sempre a pureza severa da crença catolica é respeitada, feitas com a elegancia tipografica dos prelos franceses vieram expulsar do mercado aristocratico o antigo livro de resas português, grosseiro na forma, rude no aspecto, singelo na frase. A reação civilizou-se. Alguns dos refugiados em Paris, que vertiam ou architetavam, em lingua proximamente portuguesa, essas maravilhas do misticismo francês, já foram recompensados por prelados nossos dos seus serviços á boa causa politica e á boa causa religiosa. Aqueles varões apostolicos não recusaram o amplexo fraterno á igreja lusitana arre-

---

[1] *Opusculos*, tomo II, pag. 269.
[2] Ibid., pag. 279.

pendida. Esperemos que os mais colericos e pertinazes não continuem a negar ao arrependimento o osculo de paz. O povo não esqueceu á reacção: a caridade d'esta estende-se a todos e a tudo. Trovejando contra a sociedade moderna, missionarios analfabetos sobem aos pulpitos dos povoados e dos campos, e ora se ocultam, ora resurgem como fogos fatuos. Os milagres tinham militado no campo da reacção em França, na Alemanha e na Italia: não podiam por isso dispensá-los. Os milagres, porem, entre nós foram de mau gosto: os fabricantes eram inexpertos e a impiedade da sciencia inutilizou a obra...»[1].

Mais:

«O nexo aparente que une esta vasta associação (referindo-se á associação francesa da propagação da fé) é a contribuição para as missões francesas e a leitura dos *Anaes da propagação da fé*[2], tecidos de embustes, já desmacarados por um missionario, o padre Gabet, e por outros escritores. Os *Anaes*, especie de Carlos Magno da reacção, servem para manter com patranhas a confiança dos adeptos na influencia da associação, na grandeza dos seus recursos e no zelo dos seus missionarios, mas ainda mais lhe devem servir para calcular as forças de que pode dispor em cada país e para manter sem custo por toda a parte uma jerarchia de agentes, cujos serviços utilize nas ocasiões oportunas, como, por exemplo, em grangear assinaturas a favor de alguma tentativa reaccionaria».

Não é mester carregar as côres no quadro dos serviços da reacção contra a liberdade, nem apresentar os variados meios empregados para a aniquilar. Mas ainda porei aqui mais estas linhas elucidativas. O Mestre não desanimou, nem afrouxou no seu estilo claro e incisivo:

«Temendo... a irritação publica[3], o partido ultramontano apelava para a imprensa, não só para a imprensa ignobil e para a imprensa politica, mas tambem para a literaria. Apoteoses das irmãs de caridade e dos lazaristas franceses precediam e acompanhavam a sua entrada... e essas apoteoses pelas colunas dos jornaes tomavam ás vezes a forma de livros, e apresentavam-se ao mundo com pretensões de estilo e de filosofia. Ahi o liberalismo, verberado despiedosamente, era confundido e aniquilado. Ponderaram-se os serviços das irmãs de caridade nos tumultos de Paris e nos arraiaes da Crimeia e d'essas premissas concluiase, com logica admiravel, que ninguem era mais apto do que elas para educar a infancia e regenerar a mulher em Portugal. Taes escritos não passavam de um tecido de puerilidades; mas provavam ao menos, pela data em que começaram a aparecer, e pela epoca em que se espalharam debaixo de outra forma, que, se á reacção faltavam recursos intelectuaes para tornar plausiveis as suas doutrinas, não lhe faleciam bons desejos de os inculcar.

«Apesar de ter esse lado ridiculo, a questão não perdia nem a sua importancia, nem a sua gravidade. Certas associações, compostas de

---

[1] *Opusculos*, tomo II, pag. 279.

[2] Ibid., pag. 281. Alexandre Herculano calculava que, na epoca em que escrevia o *Manifesto*, havia pouco mais ou menos em Portugal 14:000 ou 15:000 devotos (de ambos os sexos), beatos, que contribuiam para a «propagação», subindo em alguns anos esse rendimento a mais de *oito contos de réis!*

[3] Ibid., pag. 296.

pessoas respeitaveis pela pureza das suas intenções, mas altamente incompetentes para apreciarem o valor dos factos á luz dos grandes interesses sociaes, tinham experimentado subitamente, sincronicamente, e em lugares assaz remotos entre si, um sentimento, uma convicção profunda e irresistivel da urgentissima necessidade da introdução do lazarismo em Portugal. Se não supusermos quasi um milagre, como acreditar na espontaneidade d'esta inspiração simultanea? Evidentemente na penumbra d'essas diversas associações havia uma entidade, uma ideia, um designio, que os iludia e os inspirava? E o que podia ser senão a reacção, já em tantas questões e por tantos modos manifestada?...».

Vamos ás ultimas paginas do *Manifesto*. Estou quasi no fim. Transcreyo ainda o seguinte acêrca dos intuitos da «Associação popular» para defender a mulher portuguesa dos ardis da reacção:

«Agredida, não só desde o primeiro dia da sua existencia, mas, até, ainda antes de se constituir, a Associação Popular Promotora da Educação do Sexo Feminino precisava de mostrar a sua oportunidade, a sua indole e os seus fins. Para isto cumpria traçar rapidamente a historia da reacção nos ultimos dez anos. Essa historia revela o progresso constante da ideia reaccionaria, a sua pertinacia e as suas vitorias. Os factos provam que o partido liberal necessita, enfim, de acordar do seu longo torpor, e essa necessidade justifica a existencia d'esta associação. Os anteriores triunfos dos sectarios de toda a especie do despotismo teem sido d'aqueles que um governo firme e esclarecido pode facilmente inutilizar em qualquer tempo. A perversão, porem, das gerações novas, sobretudo a perversão do espirito das mulheres, produz consequencias fataes, duradouras e diticeis de extirpar. No homem, a instrução superior e a experiencia de mundo corrigem ás vezes as ideias falsas, as más tendencias da primeira educação. Á mulher faltam de ordinario esses dois auxilios. Veiculo seguro da peçonha que lhe inoculou no entendimento a maldade, vae sem o saber nem o querer, propiná-la no seio da familia aos que entranhamente ama. Persuadida uma vez de que os abusos e os actos mais contrarios á indole grave e severa do cristianismo são condições da vida religiosa, não ha superstição, nem crendice que não imprima, com a quasi indestructibilidade das primeiras impressões, em animos inocentes, que ela, na sinceridade do seu coração, crê guiar pelo caminho do céu. Corrompe, logo a dois passos do berço, o infante regenerado pelo baptismo; torna moralmente raquitico o que, como cristão e como homem social, deve ser moralmente forte. Da juventude até a velhice vae semeando na terra o mal e o erro, e morre tranquila. Morre tranquila de razão; porque foi apenas o baculo na mão do cego, a lima na mão do obreiro, o punhal na mão do assassino...»[1].

Que exemplos de civismo, que propaganda em favor do povo, nos legou o grande Mestre! Ainda juntemos as linhas que vão ler-se, ás que ficaram já transcritas. Fixemo-las, gravemo-las no coração. Que as leiam e decorem os nossos filhos:

«Não temos a pretensão de havermos inventado a escola; não temos mais entusiasmo pelas escolas do que por qualquer meio de civilização

---

[1] *Opusculos*, tomo II, pag. 328.

moral ou material. Não nos associamos até aqui para as fundar, pela mesma razão porque não nos associamos para construir estradas, ou caminhos de ferro, ou caixas economicas, ou bancos ruraes, ou presepes da infancia no berço. A lei do país impõe a todos os cidadãos o dever de mandar seus filhos á escola e obriga, portanto, o estado a subministrar-lh'a. Pagamos os tributos, e nunca proibimos aos nossos mandatarios que votassem amplamente os recursos pedidos para quaesquer institutos de educação publica que reputassem necessarios ou uteis. Fiamo-nos nas leis, nos governos, nos parlamentos. Podiamos instituir escolas como especulação: não quisemos especular no genero. Se intentamos fundá-las hoje é como instrumento politico; é porque a reacção caminha ha dez anos de conquista em conquista, e agride agora a liberdade por um lado perigosissimo. O procedimento dos poderes publicos durante dez anos e as suas tristes hesitações na actual conjuntura legitimam, santificam a nossa resolução; porque se trata do envenenamento moral da sociedade pelo envenenamento moral da familia. Uma lei d'esta terra, uma lei de sete seculos, uma lei cuja duração representa um profundo sentimento de honra, diz que se pode ser homicida sem crime quando a prostituição do adulterio vae enodoar o seio da familia[1]. É que a familia é a molecula social, e gangrenada ela a sociedade esfacela-se num monte de podridão. Vamos menos longe que a lei. E todavia o perigo é maior; porque nos seminarios da reacção não se hostiliza só a liberdade: ensina-se tambem a revelar á donzela e á mãe de familia delitos mais monstruosos que o adulterio. Defendemos nossas mulheres, nossas irmãs, nossas filhas: defendemos as mulheres, as irmãs e as filhas dos que hão de vir depois de nós. Onde estará aqui o crime, a violencia, o erro, o motivo sequer de suspeição? Não dissimulamos, não tergiversamos; a nossa linguagem é simples e explicita como as nossas intenções.

«E diz-se-nos que eduquemos por educar, e instruiamos por instruir; que instituamos cidadãos aptos para todas as formas de governo; que ensinemos a ler e escrever e a doutrina cristã e não careceinos de mais nada. Todos esses conselhos não chegam a ser absurdos: ficam áquem; na demencia. Educar por educar! Instruir por instruir! Só ha uma cousa nas obras humanas que tenha em si mesma a sua causa final; é a arte. Tudo o mais tem por objecto a sociedade ou o individuo. A educação não é nenhum poema, nenhum quadro, nenhuma partitura: a educação e a instrução são o acto pelo qual uma geração transmite a outra os tesouros do progresso moral e intelectual que herdou e aumentou; são uma grande questão social e é por isso que o estado exerce neles intervenção tão ampla. Se não fosse assim, a lei que, em todos os paises cultos, força os individuos a receberem na escola esse baptismo da civilização, fôra tirania; fôra tirania a inspecção do estado na educação livre. Criar cidadãos aptos para todas as formas de governo! Mas ha formas de governo que nos pedem vassalos, que nos pedem servos, que nos pedem escravos, mas que não nos aceitam cidadãos. Se quereis subministrar-lhes o que eles pedem, fazei-o: nós não queremos. Nós forcejamos para que a geração que vier após nós seja uma nobre raça de homens livres: que odeie, não o reaccionario, que pode estar involuntariamente no erro, mas o despotismo e a servidão; queremos afeiçoar uma geração nova rancorosa, mais rancorosa do que nós...

Opusculos, tomo II, pag. 334, nota: *Ord.*, liv. V, tit. 38.

«... O ensino voluntario e previsto é, sem comparação, menor do que o involuntario e despercebido, que da educação ou do mestre recebe o educando ou o discipulo. As preocupações e os erros de facto ou de apreciação passam, com a mesma facilidade que as ideias sãs, de um para outro espirito, e passam, a cada hora, a cada momento, com uma autoridade, com um prestigio, que não teem as transmitidas pelos outros individuos que revelam ao homem na infancia o mundo em que vão viver. Estas verdades triviaes, elementares, só as ignora quem as quer ignorar. A reacção pode fazer com que as apaguem em frases ôcas e em paradoxos; mas prova de sobejo pelos seus actos que sabe o que elas valem. Tambem nós o sabemos; e nessas frases e nesses paradoxos não vemos senão uma injuria á recta razão do país.

«No meio das puerilidades, das afrontas, das calunias, das maldições, nós proseguiremos ávante nesta cruzada santa da civilização e da liberdade. Chamamos a ele todos os homens sinceramente liberaes, que não estão resolvidos a transigir em genero algum do absolutismo, nem no estado, nem na igreja...»[1].

As palavras finaes do *Manifesto* foram:

«Esta Associação (Promotora da Educação do Sexo Feminino)... constitue-se para fundar escolas e asilos; pode ámanhã alargar a esfera da sua acção ou transformar-se. As fases da luta determinarão o seu proceder. Se por emquanto só trata de atalhar o perigo presente porque é gravissimo, não se infira d'ahi que cruzará os braços quando qualquer outro perigo igualmente grave ameaçar a sociedade nova e a agredir nas suas tendencias, na sua indole, ou nas suas tradições. Se a agressão é ainda mais social que politica, a defesa ha de ter os mesmos caracteres.

«...Vamos plantar as nossas tendas de guerra junto aos marcos que dividem os dominios da reacção dos dominios da liberdade. Vigiaremos emquanto outros dormem: combateremos emquanto outros disputam. Quando algum de nós cair, os seus companheiros perguntarão quem rege os arraiaes da liberdade; perguntá-lo-hão para pedir sete palmos de terra livre que dê asilo ao que caiu. Se os houver para no-los darem, não indagaremos como se chamam os que no-los concederam. Sabemos que esses sete palmos não podem estar encravados em terra de servos. Eis o facto importante e o fim supremo d'esta Associação. É o titulo da melhor herança que temos de legar a nossos filhos»[2].

Alexandre Herculano não estudara apenas os maleficos efeitos da reacção ultramontana que se alastrava na Europa e invadira Portugal, vira-a e estudara-a nos seus meandros e nas suas maldades no Oriente, onde se empregaram todos os esforços para se tirar a importancia e a influencia que nessas vastas regiões tivera o nosso país. Ligando os esforços agora lançados com algum exito na metropole para a destruição das ideias liberaes e do desenvolvimento da civilização que não podia nem devia retrogradar, o *Manifesto* entra nesse gravissimo assunto e apresenta-o com clareza em paginas seguidas e elucidativas, mostrando o que passava no Oriente por sugestão dos agentes das congregações religiosas protegidas pela curia romana, na qual predominavam evidentemente os interesses da

---

[1] *Opusculos*, tomo II, pag. 333 a 336.
[2] Ibid., pag. 338.

companhia de Jesus. O fim ostensivo era expulsar da Asia o clero português e substitui-lo pelos membros d'essa companhia e seus conhecidos aliados, lazaristas e outros, que aos centenares se prestavam á propaganda na Asia. O Mestre verbera com indignação a fraqueza e a conivencia dos governos em taes manejos.

Este conluio da reacção não era fantasia. Era a verdade publicamente confirmada em documentos vulgarizados no Oriente e na Europa[1].

XV

A publicação de algumas cartas particulares de Alexandre Herculano, que se conservavam ineditas, dá perfeitamente a conhecer os seus sentimentos liberaes. Ele não fazia propaganda de comediante nem de hipocrita. E acompanhava um apostolado patriotico cercando-se de amigos a cuja boa fé e em cuja lealdade tinha confiança. Nos trabalhos para a organização da Associação Popular Promotora da Educação do Sexo Feminino teve quinhão principal, mas, na sua delicadeza, queria repartir o esforço a que se empenhara e a gloria que lhe resultasse d'ela. Quem o impelia para esses trabalhos que representavam para ele um sacrificio e o desviava dos estudos da terra em que se votara com tanto amor? A fé no futuro da patria, as convicções nas ideias liberaes sem exagerações, a sua dedicação ao aperfeiçoamento e desenvolvimento da instrução popular que podia trazer melhores dias a Portugal e purificaria a alma nacional em enfraquecimento sensivel pelos maleficios da reacção. Nada mais; porem era bom e bem nobre o que pensava em constante preocupação.

Assim realça nessa correspondencia, como um grande liberal, que padecera bastante e a sua familia nos sucessos politicos após a revolução denominada da Maria da Fonte, Manuel de Jesus Coelho, e cita com interesse ao seu lado os nomes de Luis Filipe Leite, Sousa Brandão, Oliveira Marreca, Vicente Ferrer, Luis de Almeida e Albuquerque, e outros, que desejava a seu lado, contando com as suas luzes e com a sua dedicação.

Citando Sousa Brandão e Oliveira Marreca sabia que teria a acompanhá-lo dois cidadãos conhecidos por suas ideias avançadas em assuntos sociaes e economicos. O engenheiro Sousa Brandão, depois que viera de França onde se associara ao movimento revolucionario de 1848, não deixara nunca de alargar a sua propaganda democratica em reuniões publicas, particulares e até secretas, na maçonaria, e ninguem o podia convencer da evangelização de doutrinas contrarias ao seu sentir. Mas com a energia aliava a cordura. Ia desempenhando leal e honradamente os encargos oficiaes de que o investiam. Conheci-o bem e tive o prazer de o acompanhar nessa propaganda, embora em humilde logar, sobretudo na organização de associações operarias, conjuntamente com Francisco Vieira da Silva, o apostolo das associações populares que depois o malsinaram.

Numa carta a Manuel de Jesus Coelho, a proposito dos trabálhos contra a reacção e da redacção do *Manifesto*, que Alexandre Herculano acabara de escrever com a maior elevação e o mais vivo entusiasmo, dizia com calor:

> «Pela minha parte tenho feito o que tenho podido, apesar da repugnancia com que sabe que entrei nestas cousas, porque conheço o país em que vivo. Era tolo se não o conhecesse aos 48 anos. Desejo que os outros façam alguma cousa. Pelo amor de Deus vejam se organizam e dão vida ao partido liberal. Eu tenho uma grande ambição, e

---

[1] *Opusculos*, tomo II, de pag. 288 a 296.

por isso, um grande interesse na sua manutenção. É a de poder, d'aqui a tres ou quatro anos, ir sumir-me numa aldeia, com a certeza de que a reacção me não irá lá buscar algum dia para me enforcar, ou queimar vivo. Se dormirem, estejam certos de que, quando eu for enforcado ou queimado, os outros não hão de ficar de muita saude»[1].

Alexandre Herculano ia indicando a Manuel de Jesus Coelho o modo de organizar e tornar legal e permanente a Associação projectada em prol das mulheres portuguesas, ás quaes dedicava o *Manifesto* notabilissimo de que deixei nestas paginas apreciaveis trechos.

—Não me deixem só! exclamava ele. É trabalho superior ás minhas debeis forças e com o auxilio que me prestarem dedicados amigos sairá bem e proveitoso.

XVI

Quando se realizaram as «conferencias democraticas» do Casino, em Lisboa, promovidas por um grupo de mancebos estudiosos e de talento, que estavam associados para fazerem propaganda de ideias novas e de principios liberaes, conhecidos, apregoados e defendidos, pelos que os estudam com o intimo desejo de acertar, mandaram a Alexandre Herculano uma noticia do que passara nessas conferencias pedindo-lhe a sua opinião acêrca da propaganda que se fazia e da ordem arbitraria que se dera á policia para intimar a suspensão d'elas.

O Mestre comoveu-se com a ocorrencia e logo se convenceu que em tal ordem andavam envolvidos e satisfeitos os amigos da reacção e os inimigos da liberdade, os seus mais encarnecidos inimigos. Tinham feito bem em o consultar. Apresentava-se-lhe novo ensejo de desabafar. Veriamos que a pena viril que traçara tão sensatas, tão eloquentes e tão patrioticas paginas como as que se encerravam no admiravel *Manifesto* em prol do ensino do sexo feminino não se quebrara, e no coração do escritor vibrava a mesma nota de desafronta contra as intrigas do jesuitismo. O Mestre conservava-se no mesmo campo. Acompanhava como liberal e como amigo da patria querida a evolução das ideias modernas, cujo triunfo plenamente o satisfazia. Não debandavá para outras fileiras em que via figuras com as quaes ao seu nobre caracter repugnava conviver e associar-se.

Nos trechos seguintes, que vou copiar do opusculo *A supressão das conferencias do Casino, 1871,* a J. F. (José Fontana)[2], mostra a sinceridade e a firmeza com que ele sustenta as suas opiniões como de necessidade para que não sejam abalados e destruidos os principios liberaes em que devem assentar as sociedades civilizadas. Bastam os seguintes. Ha nessas linhas muito boa lição:

> «... Quanto á proibição das conferencias, que quer que lhe diga? É peor que uma ilegalidade, porque é um desproposito; e na arte de governar os despropositos são ás vezes peores que os atentados. O que seria escutado e em grande parte esquecido por cem ou duzentos ouvintes seria agora lido e meditado por milhares, talvez, de leitores. Diz-me que se tomou por pretexto da supressão das conferencias o desagravo da religião ofendida. Erro deploravel. Ideia perseguida, ideia propagada: lei perpetua do mundo moral, perpetuamente esquecida pelo poder...

---

[1] V. no tomo I das *Cartas,* de pag. 180 a 182.
[2] *Opusculos,* tomo I. *Questões publicas,* pag. 256.

«... O discurso oral é manifestação da ideia, como o é o discurso escrito. Não se pode suprimir o orador, como se não pode suprimir o escritor. Para um, e como para outro, ha a responsabilidade e a punição.

«... grande parte das conquistas da civilização moderna são apenas velhas conquistas do cristianismo transferidas para a sociedade temporal...

«... durante a idade média grande numero de abusos se tinham introduzido na disciplina, no mecanismo da sociedade catolica. Houve sempre homens grandes e virtuosos que lutassem contra esses abusos, mas nem sempre alcançavam moderá-los e mormente vencê-los. Na epoca dos concilios de Constança e de Basileia[1], os dois ultimos concilios sinceros e livres que a historia eclesiastica memora, sorriu para a igreja uma esperança de reforma; mas essa esperança desvaneceu-se em breve. Os abusos adquiriram novo vigor quando o renascimento veio substituir as tendencias cristãs pelas tendencias pagãs, e se tornavam possiveis papas como Alexandre VI e Leão X, mais devotos da trindade de Momo, Venus e Baco do que da trindade evangelica. Então, em lugar da reforma, veio a revolução: veio Lutero. O catolicismo, mutilado, tornou-se fragmento, embora grandioso fragmento. A resistencia á revolução gerou, porem, a assembleia de Trento...

«Disse o legislador que a religião catolica ... *continuaria* a ser a religião do reino: não disse que essa instituição seria uma cousa nova, flutuante, mudavel, conforme aprouvesse aos jesuitas ir suprimindo ou anexando dogmas á doutrina catolica, mediante o apenso ou inconsciente ou incredulo do papa e do episcopado. O que continua não é o que vem de novo; é o que existe no acto de continuar...

«... Com assombro da gente ilustrada e sincera, vimos transformar em dogma uma superstição dos seculos de trevas, rendoso mealheiro de franciscanos, tintura de pelangionismo, aproveitado hoje para aviar receitas na botica de S. Inacio, a imaculada Conceição de Maria, dogma que forçadamente conduz á ruina do cristianismo pela base, tornando inconcebivel a Redenção ou á deificação da mulher, da mulher-deus, á mulher redentora, recurso tremendo nas mãos do jesuitismo, que, lisonjeando a paixão mais energica do sexo fragil, a vaidade, o converte em instrumento seu para dilacerar e corromper a familia e pela familia a sociedade. Depois, ludibrio d'esses homens de trevas, vemos o papa, celebrando uma especie de concilio disperso, mandar perguntar pelas portas dos bispos que tal acham aquele pendiculo á fé catolica. Os bispos, pela maior parte, encolhem os ombros ou riem-se, dizem-lhe que está vistoso, e vão jantar. Depois os que falam em nome do pontifice, tendo tornado virtualmente absurdo, por inutil, o sacrificio do Golgota para a redenção da humanidade, ou dando ao Cristo um adjunto na sua obra divina, divertem-se em negar no *Syllabus* os dogmas, um pouco mais verdadeiros, da civilização moderna, e tendo elevado o erro, apenas tolerado, e ainda mal que tolerado, nos dominios do opinativo, a dogma indisputavel e santificado assim essa opinião peor que ridicula, convidam a sociedade temporal á guerra civil. É a Companhia de Jesus na sua manifestação mais carateristica...

«... Ao concilio vagabundo segue-se então o concilio parado. É que falta ao *Syllabus* a sanção divina. Dar-lha-ha infalibilidade indossada pelo episcopado ao papa ou á sua ordem. Ajuntam-se não sei quantos

---

[1] *Opusculos*, tomo I, pag. 261. Nota. Emquanto ecumenico.

bispos, muitos bispos; uns reaes, outros pintados: agremiam-se; e o papa pergunta ao gremio, em vez de o perguntar a si mesmo, se é infalivel. Os bispos tornam a encolher os ombros ou a rir-se, dizem-lhe que sim, e vão cear. O papa infalivel, que não sabia se era falivel, fica enfim descansado, e os bispos ceiados, dormidos e desapressados do *visum est Spiritui Sancti et nobis* do concilio apostolico de Jerusalem, transferido definitivamente para a Casa-professa, voltam a anunciar aos respectivos rebanhos essa nova correcção das erroneas doutrinas da primitiva igreja.

«Taes são os deploraveis e incriveis sucessos que temos presenciado. O jesuitismo converte o infeliz Pio IX num Liberio ou num Honorio, induzindo-o a subscrever heresias, e a grande maioria dos bispos, criando na igreja uma situação analoga á dos tempos em que o arianismo dominava por toda a parte, e abandonando a maxima sacrosanta da imutabilidade da fé, tornam-se em arautos e pregoeiros dos desvarios de Roma. As novidades religiosas veem perturbar as consciencias, e o marianismo e o infabilismo quasi levam o cristianismo de vencida na igreja catolica. Ninguem vê isto, ninguem sabe d'isto ...[1].

«... O governo ... vê só o Casino, ouve só os discursos do Casino ... A voz do abismo são aqueles quatro ou cinco mancebos que vão falar de cinco ou seis questões desconexas a cem ouvintes, metade dos quaes provavelmente não entendem a maior parte do que eles dizem, o que tambem é muito possivel me sucedesse a mim.

«Isto é simplesmente, maciçamente, indisputavelmente ridiculo.

«O que é grave em si, e como tendencia, e como sintoma, é a intervenção da policia preventiva nessa questão: é a policia violando um direito anterior á lei positiva, o direito da livre manifestação das ideias, direito exercido por individuos que se apresentam franca e lealmente adversarios do catolicismo e aceitam sem tergiversar a responsabilidade e a penalidade que possam corresponder ao seu acto. O governo parece ignorar que o bom ou mau uso dos direitos absolutos está acima e alem das prevenções da policia. Diz-se que se respeita a liberdade do pensamento, sob a condição de não se manifestar, é pueril. Na manifestação é que reside a liberdade, porque só os actos externos são objecto do direito, e a liberdade de pensar em voz alta é um direito originario, contra o abuso do qual não pode haver prevenção, mas unicamente castigo ...[2].

«... Altera-se o dogma e busca-se alterar a disciplina. Nas pastoraes, nos pulpitos, na imprensa infabilista inculcam-se novidades no regime da igreja e novidades de crença. Os missionarios e uma parte do clero curado repete ao povo quantas sensaborias se espreguiçam por essas vastas charnecas das alocuções que os jesuitas assinam com o pseudonimo de *Pio nono*. Os principios que são hoje condições essenciaes da existencia politica da nação portuguesa apontam-se ao povo ignorante como invenções do diabo. Missões dos agentes do jesuitismo, umas ineptas, outras astuciosas, instilam por toda a parte o veneno do ultramontismo extremo, e corrompem o elemento social, a familia, sobretudo pela fraqueza mulheril. Vemos bispos que protegem esses agentes e que os aplaudem; parochos que os aceitam para que eles façam o que, em diverso sentido, fôra dever seu fazer. É uma conspiração permanente, implacavel contra a sociedade...[3].

---

[1] *Opusculos*, tomo I, pag. 265.
[2] Ibid., pag. 267.
[3] Ibid., pag. 274.

«...Tem o governo imposto aos prelados a obrigação de lhe submeterem as suas palestras antes de serem publicadas, de modo que quaesquer novidades religiosas ou politicas não sejam propagadas pela autoridade do alto clero? Tem o governo advertido este de que os pulpitos dos templos fundados pela reacção, em eras mais ou menos remotas, protegidas pelas leis e mantidos á custa do Estado, não podem servir de instrumento para a ruina do mesmo Estado? Se tem feito isto e não tem sido obedecido, o governo é responsavel por não haver coagido os seus funcionarios eclesiasticos a respeitarem as instituições e as leis do país ...»[1].

«... Num país, onde, por ignorancia do clero inferior e má fé ou desleixo dos prelados, as maiorias incultas crêem nas bruxas, nos feitiços, nas mulheres de virtude, nas almas penadas, na permutação dos milagres por ex-votos de cera, e onde, falando geralmente, as minorias inteligentes e instruidas buscam estontear-se, suprimir uma voz interior que fala de Deus, com a indiferença ou com o scepticismo, o clero, jesuita ou não jesuita, ha de forçosamente exercer certa influencia, que por mais que ele se considere ou desconsiderem, não será facil destruir ...»[2].

«... radicalmente, a questão não é nem com os governos de hoje, nem com os homens de hoje. Na escrituração da primeira entre as companhias comerciaes do mundo, a Companhia de Jesus, nós os velhos, e ainda uma ou duas gerações das que teem nascido depois de nós, fomos já levados, como perda redonda, como valores incobraveis, ao livro de conta de ganhos e perdas. Do que se trata seriamente nas especulações da Casa-professa é da infancia; d'aqueles que hão de receber as primeiras impressões moraes e religiosas de mães filiadas nas associações de diversos feitios e nomes, sob qualquer das epigrafes da mulher-Deus, da mulher-redentora. Decorridos mais alguns anos, os sintomas do mal serão cada vez mais visiveis. Então a iminencia do perigo ha de coagir os homens novos a tratarem de por serias barreiras a esse imenso lavor subterraneo que tende a converter a Europa, sobretudo a Europa latina, numa vasta copia das Missões do Paraguai. Se, pois, esta carta sair das suas mãos, é aos homens de quinze até vinte e cinco anos, cuja educação o jesuitismo, aninhado entre os afagos maternos, não tenha já viciado, que as precedentes ideias poderão, porventura, aproveitar ...»[3].

XVII

No seu livro *Alexandre Herculano e o ensino publico*, de que darei conta adeante, o erudito professor sr. Adolfo Coelho traz extensa referencia critica aos trabalhos das *Conferencias democraticas* do Casino, das pessoas que nellas intervieram, e até dá breves extractos, analisando-os, dos discursos proferidos, incluindo o do proprio autor acêrca do *Ensino*, que depois foi impresso no Porto. Esta exposição com certas minucias corre de pag. 206 a 245.

---

[1] Ibid., pag. 278.
[2] Ibid., pag. 294.
[3] Ibid., pag. 295.

É interessante o que o sr. Adolfo Coelho narra do processo então empregado pela policia para suprimir as conferencias, que não agradavam ao governo. Copio de pag. 223 a 225 do livro citado o que vae ler-se:

> «O governo, a cuja frente estava em 1871 o marquês (depois duque) de Avila e Bolama, reconheceu que as *Conferencias democraticas*, a de Antero e a minha, constituiam o ensino de proposições condenadas pela Igreja do Estado, e quando dias depois da minha conferencia, feita 20 dias após a de Antero, nos dirigiamos para o *Casino*, estando anunciada outra conferencia, se não me falha a memoria, a de Saragga sobre *A vida de Jesus*, achamos a porta fechada, estando nela afixada copia da portaria que proibia a continuação d'essas conferencias...
>
> «A portaria baseava-se num relatorio do commissario de policia Rangel, em que de modo muito estupido se pretendia reproduzir algumas das minhas afirmações, e foram estas que com as de Antero deram evidentemente logar á proibição. O relatorio aludido foi publicado no *Diario do Governo*.
>
> «Na epoca das conferencias democraticas, era empregado na casa dos Bertrands, editores de Alexandre Herculano, um sobrinho d'esses honrados livreiros, José Fontana, propagandista do socialismo e especialmente da Internacional. Relacionara-se ele com Antero e levara o poeta a fazer-se momentaneo apostolo das mesmas ideias. Herculano era amigo de Fontana, apesar da divergencia das ideias, que não impedia tambem que o socialista admirasse o mestre e velho amigo dos seus tios. Fontana enviou a conferencia de Antero a Herculano, logo que ela foi impressa, dizendo-lhe, sem duvida, alguma coisa sobre a portaria, e pedindo-lhe o seu parecer sobre o caso.
>
> «Foi isso que deu logar a escrever o nosso historiador o opusculo da carta a J. F. (José Fontana)».

As conferencias democraticas do Casino foram conhecidas por um programa distribuido em maio de 1871, o qual era assinado pelos cidadãos (um grupo de moços escritores, poetas e periodistas, que, pelo assim dizer, alguns saindo de escolas superiores, ou em termo de completar os seus cursos, entravam na vida activa e publica), Antero de Quental, Jaime Batalha Reis, Joaquim Pedro de Oliveira Martins, Adolfo Coelho, Manuel de Arriaga, Teofilo Braga, Germano Vieira de Meireles, Augusto Fuschini, Eça de Queiroz, Augusto Soromenho, Guilherme de Azevedo e Saragga.

O programa, na essencia, anunciava que os intuitos dos signatarios era fazer propaganda de ideias sãs e generosas, que levassem «á transformação politica, economica e religiosa da sociedade portuguesa».

Alguns dos signatarios entraram com efeito na vida publica e até depois subiram a logares elevados. Não pertencem infelizmente á lista dos vivos e deixaram de prestar serviços, que por sem duvida seriam uteis á patria, Antero de Quental, Augusto Soromenho, Oliveira Martins, Augusto Fuschini, Saragga, Meireles, Guilherme de Azevedo e Eça de Queiroz. Foi grande perda!

Oliveira Martins aprovara com entusiasmo a ideia das conferencias, que então se harmonizava com os principios democraticos, que abraçara e defendia com calor, mas nessa epoca fôra obrigado a afastar-se da patria em serviço de uma empresa de minas em Cordova, na Espanha, de que só regressou a Portugal passados uns tres anos, segundo nota dada por ele.

Saragga, mui estudioso e erudito, fôra em Paris discipulo e amigo intimo de Renan, acompanhando-o nos seus estudos de hebraico e filologicos, e dava-lhe lições da lingua e da literatura portuguesas.

XVIII

Como notei, a carta a José Fontana acêrca das «Conferencias do Casino» foi escrita em 1871. Alguns anos depois, isto é, em 1876, o egregio Mestre firmava com energia a controversia que manteve com B. Barros Gomes, o qual, tendo completado com vantagem o curso de agronomia no respectivo instituto e estando no desempenho de uma comissão da sua classe no grande pinhal nacional de Leiria, ahi foi visto repetidas vezes ajoelhado na terra entre os pinheiros como a impetrar a inspiração divina que o levou a desamparar os trabalhos scientificos e uteis, de que fôra encarregado, para se entregar nas mãos dos lazaristas e recebendo d'eles as ordens sacras e as instruções para se lhes associar na propaganda da seita. Dentro de pouco estava filiado na ordem.

O padre Barros Gomes (já é falecido), na sua alucinação de crendices, e dadas as relações particulares que manteria por causa do irmão Henrique de Barros Gomes[1] (antigo membro saliente do partido progressista, de que então era chefe Anselmo Braamcamp, tambem falecido), lembrara-se de consultar Alexandre Herculano sobre a «resolução divina» que o levara a preferir a carreira eclesiastica e monacal para fugir das seduções mundanas. É curiosissima esta correspondencia, e poder-se-ha avaliar pelos documentos agora vindos á luz publica e que eu em parte já conhecia por informações de um dos mais intimos amigos de Herculano.

O intuito das cartas do padre era visivel. Queria contrariar a propaganda liberal e sensatissima do Mestre. Estonteava-o essa ideia, exercitava-se numas confidenciaes e piedosas missivas. Era uma parenese ao divino. O *hereje* é que não podia converter-se. Ele o disse: — «Estou já muito duro para mudar de religião e fazer-me adepto do beaterio de carruagem». A importancia das respostas de Alexandre Herculano vem, principalmente, da afirmação dos principios estabelecidos e defendidos em anteriores escritos. A opinião do amigo, que citei, com respeito a essa correspondencia, era de que o Mestre aplicara uma das maiores sovas que poderia merecer como correctivo um visionario ou hipocrita. Pena é que as cartas do padre não acompanhassem as das respostas do Mestre para se apreciar melhor o valor da reprimenda que tão justamente lhe infligiu.

A primeira carta ao padre lazarista Barros Gomes começa d'este modo:

> «Ha dias recebi uma carta de V. Ex.ª que me maravilhou. É, sem duvida, escrita numa d'estas horas de exaltação de espirito que ás vezes nos traz uma ideia actuando fortemente na nossa imaginação. E uma cousa vulgar, que não me admiraria noutra pessoa e noutro assunto; admira-me a exaltação religiosa num homem de sciencia, em quem, parece, os sentimentos deveriam ser tranquilos e desassombrados. Deus não nos deu inutilmente a razão. A revelação, completa-a, não a exclue. Este é o degrau para chegarmos áquele. Brahma, Zoroastro, Cristo, Mafoma, e tantos outros fizeram revelações. Suprima V. Ex.ª a critica, que nada mais é do que uma formula da razão, e diga-me depois qual d'essas revelações é a comunicação directa de Deus com as inteligencias, e qual o romance de alguns embusteiros. O cristianismo, e especialmente o catolicismo, não temem a razão: precisam d'ela. Ora, é o ca-

---

[1] V. *Diccionario bibliographico*, tomo x, pag. 5 e 6.

tolicismo, estribado na razão, que me afasta invencivelmente da nova religião do marianismo e do infalibismo, heresias recentes, heresias de especulação, e que hão de passar como tem passado outras; como ha de passar o protestantismo, consequencia fatal das corrupções de Roma. O arianismo foi muito mais importante, muito mais persistente, menos afastado da verdade, e, sobretudo, convicção e não negocio. E, todavia, passou . . .»[1].

Referindo-se ao ultimo concilio, em que fôra votada a infalibilidade do papa, Alexandre Herculano responde clara e nitidamente:

«Pede-me V. Ex.ª que me reconcilie com o ultimo concilio. E, todavia, duvida se isto poderá ser: Não pode: sinto dizê-lo. Para mim aquela assembleia não passou de um conciliabulo, de uma especie de latrocinio de Epheso, que poderia ser fatal ao catolicismo . . . Ponha V. Ex.ª nas minhas mãos os meios que o papa tem para fazer prevalecer, uma assembleia constituida pelo modo d'aquela, a sua opinião ou a de qualquer amigo a quem queira servir, que eu me comprometo a fazer declarar num sinodo não menos notavel que o do Vaticano, a missão divina de Mafoma como dogma catolico. O padre Beck, vulgo o papa, meteu lá cento e tantos bispos *in partibus*, que ele fabrica segundo o que precisa (eu, no negocio de Mafoma, talvez tivesse de fabricar 300 ou 400; confesso-o), reforçou-os com 48 cardeaes, parte dos quaes simples diaconos julgando em materia de fé com os bispos, e enfileirou ao pé d'eles 46 chefes de corporações monasticas ou regulares, que o papa pode pôr ou tirar quando quiser. Já V. Ex.ª vê que, numa assembleia assim, não é dificil fazer triunfar quaesquer intuitos de Roma. Acrescente a isto que cento e tantos bispos, quasi todos reaes e não pintados, exercendo o episcopado no seio das nações mais civilizadas da Europa, da America e do Oriente, suplicaram instantemente a Pio IX que não consentisse que a questão da infalibilidade fosse levada ao concilio; nota por fim que, na ultima congregação geral, 88 bispos votaram redondamente contra a infalibilidade, 62 votaram com declarações (*juxta modum*) e que 70 se abstiveram de votar, ao passo que outros desertaram antes, a pretexto de doença ou das necessidades das respectivas dioceses Onde está aqui a unanimidade moral indispensavel num concilio ecumenico, quando define materias de fé?»[2].

Noutra carta o padre lazarista Barros Gomes diz ao Mestre com admiravel *ingenuidade*, que, para se não errar na fé, o melhor era — como ele decerto o fazia — ser humilde e não indagar se era bom ou mau o que ensinavam os prelados, e assim nem os bispos indagavam se o que ensinava o papa era bom ou mau, ou o que ensinava o papa era verdade ou mentira. Ao que Alexandre Herculano serenamente respondeu:

«É uma doutrina como qualquer outra que V. Ex.ª tem o direito de seguir, direito que eu profundamente respeito, com a reserva de que tenho de dizer porque não o sigo. É que ha uma virtude cristã, celebrada pelo S. S. P. P. dos seculos primitivos, não inferior á humildade, nem a humildade consiste no que V. Ex.ª quer: na renuncia completa da razão e da consciencia do homem perante outro homem que se tem esquecido de se declarar impecavel. Essa virtude chama-se a toleran-

---

[1] Vid. *Cartas*, tomo I, pag. 5.
[2] Ibid., pag. 8.

cia. Respeitando o seu modo do pensar, exerço-a. Agora compreendo-o, e se não o compreendi desde logo foi sua a culpa. Na carta anterior falava-me V. Ex.ª do *nosso mundo religioso liberal*. D'esta frase inferi que V. Ex.ª entendia ter jus a insurgir-se contra as doutrinas do seu bispo, porque naquelas palavras estava virtualmente em insurreição contra o sumo pontifice, diante do qual é cousa bem pouca na escola que V. Ex.ª segue. Mundo religioso liberal é a conciliação da sociedade religiosa com a sociedade temporal moderna, com o liberalismo; conciliação que foi o sonho dourado de tantos catolicos mais ou menos ilustres, mais ou menos obscuros; que foi o sincero empenho dos Gioberti, dos Ventura de Rolier, dos Montalemberts, dos Lamartine, e, se é licito citar um nome insignificante no meio de tantas celebridades, que foi o meu sincero empenho neste cantinho do mundo, e de cuja impossibilidade, por emquanto, me desenganei ...

... quando ... o papa declarava erro doutrinal a proposição de que o pontificado devia transigir com o progresso e conciliar-se com o liberalismo, não sei se falava de cadeira ou de tamborete, porque os ultramontanos ainda nos não disseram precisamente quaes são os caracteres que distinguem essa diversidade de proveniencia. Sei só que declarava impossivel a conciliação ... Com a abdicação completa da razão, deante do oraculo de Roma, que, pelos modos, constitue a perfeição da humildade, V. Ex.ª não pode ser ao mesmo tempo liberal e catolico da moda...

... Convidou-me a converter-me ás suas ideias. Um *non possumus* sêco é bom para o papa: em mim era grosseiro ...

Ha dois incentivos que me levariam a associar-me ás suas doutrinas, se isso me fosse licito. É o primeiro a comodidade, porque essas doutrinas são comodas para o espirito; e ver, examinar, reflectir, julgar, moe, devora a vida. Segundo, a enorme vantagem de seguir o padre Étienne. O lucro é certo. O padre Étienne teve em França uma reputação colossal de homem pratico; de homem que via as cousas pelo lado solido; que conhecia perfeitamente a superioridade de um negocio que rende 20 a um que apenas renda 10 por cento As companhias monetarias, nos anuncios dos jornaes, quando tinham a honra de possuir no seu seio o padre Etienne, como accionista ou como director, nunca se esqueciam de advertir d'isso o publico. Tenho na lembrança uma companhia que especulava na substituição de recrutas, companhia de permutações de oiro e de sangue, de que era director aquele varão apostolico. V. Ex.ª não é capaz de fazer mais elevada conceito do acumen do então procurador geral dos lazaristas do que eu faço. Era a aguia de vista agudissima. Dir-se-ia que, na sua ansia de ajuntar milhões para os cofres da congregação, descortinava na escuridão do futuro a ultima rebelião carlista, destinada a salvar na Espanha a religião de caridade e de amor entre os homens. A guerra não se faz com palavras. É preciso dinheiro, muito dinheiro, e o neo-catolicismo não deve abandonar os seus defensores. O neo-catolicismo precisa dos mais por cento possiveis. O dinheiro de S. Pedro não pode chegar para tudo. O que me torna agora perplexo a respeito do padre Etienne é a historia que V. Ex.ª me contou de ele meter um bispo a caminho. Não desdirá isso da humildade lazarista e da boa doutrina? Um bispo doutrinado por um simples clerigo que o confirma na fé da infalibilidade pontificia?...»[1].

Vid. *Cartas*, pag. 27.

E basta do extracto das cartas de Alexandre Herculano ao padre Barros Gomes, que já é falecido. Teve morte tragica. Foi vitima dos tiros dados por um grupo de populares contra o asilo lazarista em que se refugiara, ou estava já lá abrigado, em Arroios, por ocasião da gloriosa revolução de 5 de outubro 1910, que implantou a Republica em Portugal. Ele ia a fugir ou tentava opôr-se á entrada do povo em furia revolucionaria. Não poderia vencer essa onda. Era loucura. Encontrou a morte[1].

XIX

Alexandre Herculano escrevia a Oliveira Martins como quem desabafa num seio amigo e como quem deseja manter a familiaridade compativel com o afecto intimo, paternal. Numa das cartas leio expressões que revelam amizade e confiança. Apesar da divergencia de opiniões que se davam, e que o Mestre não ocultava, nunca as combateu com azedume. Não acreditava que o país estivesse, pela sua cultura insuficiente e mal dirigida, preparado para receber a propaganda avançada que se esboçava então com fogo nos escritos de Oliveira Martins. Eis como o Mestre o tratava :

> «Eu, meu caro democrata e republicano, nunca fui muito para as ideias que mais voga teem hoje entre os moços, e que provavelmente virão a predominar por algum tempo no seculo xx, predominio que não as tornará nem peores, nem melhores do que são. A liberdade humana sei o que é : uma verdade de consciencia, como Deus. Por ela chego facilmente ao direito absoluto; por ela sei apreciar as instituições sociaes. Sei que a esfera dos meus actos livres só tem por limites naturaes a esfera dos actos livres dos outros, e por limites ficticios restrições a que me convem submeter para a sociedade existir e para eu achar nela a garantia do exercicio das mesmas outras liberdades. Todas as instituições que não respeitarem estas ideias serão, pelo menos, viciosas . . .».

O Mestre, quasi meio seculo antes, advinhara o que havia de suceder no primeiro quartel do seculo xx! O que não previa decerto era a transformação que se operaria em Oliveira Martins para se afastar nos seus ultimos estudos historicos das ideias avançadas que advogara calorosamente e com entusiasmo, apresentando-se como defensor de outros principios anti-liberaes e reaccionarios que o Mestre não abraçara, nem abraçaria, por serem inteiramente contrarias aos que preconizara com seriedade e firmeza, como crente leal e convicto! Ahi deixo bem patentes as provas.

---

[1] Tratei, após a tragica ocorrencia, de averiguar o que passara ali. Julgava que se encontrava naquele refugio dos lazaristas um moço português que conheci na Beira Baixa e com cuja familia me relacionara e me contou que ele, para satisfazer a mãe, que adorava, pois é sabido que em as nossas provincias onde ha aldeias quasi sem cultura intelectual, as mães em geral desejam que um de seus filhos sigam a carreira eclesiastica na crença de que ele poderá aplanar-lhes o caminho celeste para o lado dos bemaventurados, crença que não faz mal a pessoa alguma porém que a civilização deve corrigir. Ora esse mancebo, saindo da casa paterna, recebeu os primeiros estudos num seminario da sua provincia, e depois, considerando a sua esperteza teve quem o aconselhasse a ir para França e ahi completar a instrução eclesiastica, o que conseguiu filiando-se ali num dos institutos dos lazaristas. Recebendo as ordens, que o sujeitavam a obediencia rigorosa ao superior da ordem, mandaram-no para Portugal em missão de propaganda como se estivesse num sertão. Aqui, na patria, empregou-se nesse serviço, e diziam que tinha dias em que pregava duas e tres vezes. Havia de ganhar muito porque os sermões eram pagos. Sem duvida. Mas ele era obrigado a tirar do produto do seu trabalho só o que lhe fosse necessario para as despesas quotidianas e os saldos devia entregá-los no cofre da ordem. Já se vê. Não era um sacerdote livre. Era um instrumento.

XX

Ha um facto culminante na sua vida literario-scientifica, testemunhado de vista por um dos mais eminentes lentes da Universidade de Coimbra, por um dos mais abalisados jurisconsultos do seu tempo e colega dedicado de Alexandre Herculano nos trabalhos do codigo civil. Esse lente, que teve o nome luminoso de Vicente Ferrer, discursando em Coimbra após a morte do egregio historiador, afirmou, com voz comovida de gratidão, que Alexandre Herculano, que gostava de questionar e discutir, entrara em todas as questões que se ventilavam no seio d'essa comissão e com toda a proficiencia que parecia estar se em frente de um jurisperito de grandes recursos e longa pratica forense, apesar de complicadas e dificeis as soluções dos problemas apresentados durante as sessões; e veja-se o arsenal de argumentos solidos e convincentes na controversia celebre que ele sustentou com um dos mais notaveis jurisconsultos portugueses, o Visconde de Seabra, autor do projecto do codigo civil. Foi o egregio Alexandre Herculano quem sustentou com vigor o casamento civil, sem que este facto contrariasse as leis do reino, pois se respeitavam essas leis e a ampla liberdade de consciencia dos cidadãos mantendo-se legalmente a familia; e foi ele tambem quem fez a ultima revisão de todo o codigo harmonizando-o, dando-lhe redacção, clara e correcta, dentro das formulas restritas da escritura juridica.

Impulsionado pelo seu coração, subjugado pelas suas ideias humanitarias e de solidariedade, abalado pelas dores que padeciam umas pobres senhoras enclausuradas, privadas de todos os recursos, quasi desprezadas pelos poderes publicos, vergadas á maior das desgraças, a fome! Foi ele, o gigante das letras nacionaes, que, com a sua voz potente e angustiosa quis valer-lhes, despertando para o bem os que não deviam nunca tê-lo esquecido. Foi o caso das freiras de Lorvão, que não pode esquecer-se e que é grato recordar-se pelo que ele representa no caracter de Alexandre Herculano. É um traço largo e correcto da bondade e da filantropia que decerto atenuaria erro ou desvio em alguma linha acaso incorrecta que pudesse notar-se no seu perfil.

Veremos adeante como ele as quis amparar com a sua palavra quente e vibrante.

XXI

Ponhamos em limpo e em breves linhas o que me referiram ha dias e eu desejo que fique registado neste livro. Foi demorada e extensa a correspondencia de Alexandre Herculano com o falecido Visconde de Seabra a proposito de varios assuntos literarios e scientificos e principalmente da questão palpitante do «casamento civil». Isto foi divulgado. O que não se sabia é o que os dois, ambos de vulto, diriam para fazer triunfar as suas opiniões colocados em muitos pontos em terrenos opostos.

O Visconde de Seabra falleceu. A correspondencia de Herculano apresentava-se em um volumoso maço. Daria impressa razoavel volume. Falou-se nisso a um considerado editor que nessa epoca representava a respeitavel casa Bertrand, preferida por ser aquela por onde corriam as obras do Mestre. Tudo fazia prever exito lisongeiro.

Estava por esse tempo em Lisboa e relacionado com muitas das principaes familias um sacerdote brasileiro, bem colocado na sua patria e que adquirira certa fama por trabalhos na tribuna sagrada e na imprensa, e por consequencia gozando dos beneficios do prelo. Não sei como ele soube que, após a morte do emi-

nente jurisconsulto, a sua viuva se partira para uma sua propriedade longe de Lisboa e levara na bagagem todos os papeis do marido.

O sacerdote, a que me referi, correu lá e convenceu a viuva a que lhe cedesse a correspondencia inedita e de suma importancia de Alexandre Herculano, afirmando-lhe decerto que se tratava de prestar mais esta homenagem ao egregio historiador com a impressão de mais um volume de cartas, e a ilustre dama confiou-lhe o maço que guardava.

Regressando a Lisboa ele apresentou as cartas na casa editora citada, porem declarou para logo que nem todas poderiam ser reproduzidas porque Alexandre Herculano pusera nelas afirmações contrarias á doutrina prescrita pela igreja em Roma, o que não devia consentir. Apagadas essas afirmações os autografos poderiam dar-se á estampa. A impressão portanto não pôde efectuar-se, o sacerdote brasileiro retirou-se de Lisboa e voltou para o Brasil, lá morreu e os seus papeis não se sabe ao certo a quaes mãos foram parar. Perderam-se? Ou seriam aproveitados de qualquer modo? Não posso dizê-lo.

Ponho de lado outros apontamentos, que guardo na minha carteira, onde ficam mais notas ineditas e os nomes das pessoas que figuravam neste e em outros incidentes desagradaveis, porque não ha necessidade de trazer para o publico, avido de escandalos, sujeitos já falecidos, que não podem explicar e defender os seus actos, embora com bom fundamento possam merecer repulsa e correcção.

Os que ainda vivem teem a desculpa na ingenuidade com que foram logrados, e os mortos não respondem pelos seus maleficios dentro das covas em que apodreceram os seus cadaveres. Pessoa alguma com juizo são vae flagelar um morto. É uma cobardia repugnante.

XXII

A sensibilidade do coração do Mestre ficou, pois, muitas vezes demonstrada em actos da sua vida publica e particular. O modo como ele impetrou o auxilio caritativo em favor das freiras de Lorvão, que diversas vicissitudes tinham lançado nos abismos da miseria, e que consta de uma carta endereçada ao então conselheiro de estado Serpa Pimentel[1], é um documento gloriosissimo e honrosissimo para a memoria veneranda de Alexandre Herculano. É datada de 1853. Nela escrevia o que vou transcrever. Ao ler esse trecho ainda hoje, passados tantos anos e ao avaliar tão diversas ocorrencias nesse lapso de tempo, ainda sentimos um estremecimento fundo de compaixão e de indignação pelo desarranjo mental dos homens na satisfação de seus interesses particulares.

Leia-se:

> «Escrevo-lhe com o coração apertado de dó e repassado de indignação. Descendo a examinar o archivo das pobres cistercienses, penetrei no claustro por ordem da autoridade eclesiastica. Lá dentro, nesses corredores humidos e sombrios, vi passar ao pé de mim muitos vultos, cujas faces eram palidas, cujos cabelos eram brancos. Esses cabelos nem todos os distingiu o decurso dos anos: a amargura embranqueceu os mais d'eles. Quasi todas essas faces tem-nas empalidecido a fome. Morrem aqui lentamente umas poucas de mulheres, fechadas numa tumba de pedra e ferro ...

---

[1] V. *Opusculos*, 3.ª edição, *Questões publicas*, tomo I, pag. 195 a 197.

«Imagina, meu amigo, uma noite de inverno, no fundo d'esta especie de poço perdido no meio da turba de montes que o rodeiam: imagine dezoito ou vinte mulheres idosas, metidas entre quatro paredes humidas e regeladas, sem agasalho, sem lume para se aquecerem, sem pão para se alimentarem, sem energia na alma, e sem forças no corpo, comparando o passado, sentindo o presente e antevendo o futuro. Imagine as poucas vidraças que ainda restam no edificio; imagine essas orgias tempestuosas da natureza que passam por cima das lagrimas silenciosas das pobres cistercienses, e as horas eternas que batem na torre. Imagine tudo isto, e sentirá acender-se-lhe no animo uma indignação reconcentrada e inflexivel».

Sempre que vou a Coimbra, cidade encantadora á qual me prendem muitas recordações de longos anos, desejo passar pelo tesouro da Sé onde se tem acumulado os mais preciosos objectos da arte religiosa em Portugal e onde se encontram realmente muitos especimens de altissimo valor. Entre elas figuram algumas capas de asperges, de notavel riqueza de desenho e bordados, em que se vêem artisticamente enlaçados ouro e perolas. Notei que em uma faltavam grande numero de perolas. Ouvi então referir que, quando alguns objectos foram mandados de Lorvão para Coimbra, foi notada essa falta e responderam ali que, numa das aflitivas ocasiões em que as pobres freiras se viram sem comer, quando a fome lhes batia horrivelmente á porta, foram-se á capa, tiraram-lhe as perolas que mandavam vender pelas povoações mais proximas onde encontrariam apreciadores e compradores. Creio que sucederia isso.

XXIII

Ao concluir a impressão do tomo II das minhas *Memorias de um jornalista (Factos e homens do meu tempo)*, tive o cuidado de avistar-me com o meu bom amigo Sr. José Manuel da Costa Basto, a quem já me tenho referido, para que ele conhecesse o meu humilde trabalho Ahi o citava pelos serviços que prestara com tão profundo amor filial a Alexandre Herculano nos ultimos dias da sua existencia, e o parecer d'ele tinha para mim a importancia da confirmação de algum facto, que, passados muitos anos e á falta de apontamentos que não tomara, não o expusesse com verdade.

Interrogado a esse respeito, acudiu com resposta que me tranquilizou, dizendo-me que não me enganara nos pormenores essenciaes, dando-me outros em adicionamento que me satisfizeram plenamente e de que me servi para o artigo com que contribuí para o livro dos estudantes de Coimbra.

Mas eu não me contentei com o que averiguara. Deparando-se-me depois o sobrinho e testamenteiro, meu ilustre amigo, João Galhardo, lente jubilado da Escola Naval, interroguei-o tambem acêrca da vida do egregio historiador e do que escreviam d'ele varios biografos e panegiristas e ouvi esta resposta:

— Ha pontos obscuros na vida de meu tio, que os biografos e criticos não conseguiram deslindar, mas que eu conto escrever com clareza e exactidão. Não deixarei no escuro minucias, para que a luz seja feita sobre factos que em nada desmerecerão o alto conceito em que todos o devemos considerar. Essas falsidades relativas a Herculano ralam-me.

— Quando aparecerão tão preciosos elementos da sua elegante pena? tornei.

— Logo que tenha coligido os meus apontamentos, mas demorarão algum tempo. Sinto-me cansado, aborrecido e muito doente. O que puder escrever ou servirá de introdução a alguns dos volumes dos opusculos, que estão na forja, ou dará materia para um tomo em separado e não será dos menos lidos. Tenho

vontade de rectificar alguns factos referidos com inexactidão grave e que ainda não consegui apurar.

Trocámos ainda algumas palavras afectuosas e saudosas com relação ao falecimento do egregio historiador e separámo-nos, oferecendo-me de novo Galhardo a sua casa.

— A minha casa ainda é na Rua da Palma. Receberá noticias minhas.

Essas noticias não vieram, infelizmente.

Note-se que me pareceu que a voz do meu amigo não era clara e algumas palavras proferia com dificuldade, indicando com efeito doença impertinente e grave, e a fadiga de que se acusara.

Passados alguns dias li nos periodicos a noticia do falecimento do ilustre João Galhardo, por tal sinal acompanhada de singelos, escassos e incompletos dados biograficos. Nem uma palavra sequer referente ao trabalho que lhe havia dado a impressão dos preciosos tomos dos opusculos com as interessantes notas que os enriquecem, após o obito de Alexandre Herculano; nem relativos a quaesquer ineditos que fosse necessario divulgar. Só li no *Diario de Noticias*, ao que me lembra, um breve registo d'esse lutuoso facto, mas sem outros esclarecimentos porque não os tinha naquela ocasião o redactor que escrevera a noticia.

Em vista da sã consciencia com que fazia os seus trabalhos, do parentesco que o ligava a Alexandre Herculano, do afecto que lhe dedicava, das confidencias de que seria certamente depositario, e da arrecadação e exame do seu espolio scientifico e literario, que lhe coube no testamento do tio e Mestre de todos, era natural conjecturar-se que a nova obra biografica que o ilustre professor João Galhardo confessara que escreveria para elucidar pontos não perfeitamente conhecidos, ou não descritos com fundamento seguro, da biografia de Alexandre Herculano, ficaria senão completa, quando menos em notavel adiantamento e em termos de se entregarem á impressão, salvando-se d'esse modo de perda lastimosa e irreparavel.

Assim se ampliaria e aperfeiçoaria o formoso livro que o Conselheiro Antonio de Serpa Pimentel consagrara ao Mestre, sob o titulo *Herculano e o seu tempo*.

Sabia que João Galhardo, na introdução do tomo X dos *Opusculos*, se denunciara. No final, a proposito da grave questão que incomodara Herculano quando saiu da sua brilhante, fogosa, viril e conscienciosa pena a *Historia da Inquisição*, escrevera (pag. VIII e IX):

> «Igualmente ligada ás graves questões que temos apontado e uma outra singularmente notavel, estava desde muito discorrendo... Mas tão longa, complexa e cortada de incidentes ela foi, que a sua narrativa não caberia no estreito espaço de que nos é licito dispor para estas advertencias. Temos, pois, de a deixar adiada para oportunidade e logar em que possamos expô-la com a clareza que requer, por ser um dos episodios mais notaveis da epoca em que sucedeu e o mais impressionante da tempestuosa vida do nosso historiador».

Depois ainda fiz novas investigações relativas ao destino que tiveram as minutas das cartas de Alexandre Herculano, que ele ia guardando, mas o resultado não fôra lisongeiro. O proprio representante da antiga casa editora Bertrand, Sr. José Bastos, nada então podia informar-me a esse respeito.

Sabia, por exemplo, que entre essas minutas haveria as da correspondencia com o padre Barros Gomes, que, quando resolvera trocar a sua carreira de agronomo pela de beatices nos coios do lazarismo, lembrou-se de consultar Alexandre Herculano, ou antes, teve o prurido da conversão do egregio historiador para as «novas doutrinas» divulgadas pelos arautos da curia romana; assim como as da correspondencia com o escritor Oliveira Martins que por então estava evangelizando ideias democraticas e de regeneração para as classes laboriosas, evangeli-

zação em que o Mestre não acreditava muito pelo estado de atraso em que via, infelizmente, a instrução em Portugal, de que os governos, que se iam sucedendo, não cuidavam por absorvidos pelos manejos da politica interesseira e de grupos alheios aos grandes interesses nacionaes. Já me referi em outro lugar a essa correspondencia.

D'ahi nasceu um triste desengano, que julgava que não pudesse reparar-se. E ao mandar para a imprensa algumas d'estas linhas[1], sinceramente pensadas e escritas, abrira o livro de Antonio de Serpa, estadista, poeta e escritor considerado, e lia no final do volume estas palavras memoraveis:

> «Tres seculos depois da morte de Camões morre Alexandre Herculano. Neste longo intervalo não ha um só nome em Portugal que aos dois se possa igualar. Estes dois nomes sós dão uma literatura e uma nacionalidade»[2].

D'este modo se justificava, superiormente, o centenario do egregio historiador, erguendo-o á altura de Luis de Camões, o assombroso cantor dos *Lusiadas*, o evangelho do povo português, dando á nossa querida patria momentos de bonança e de equilibrio mental para que a considerem e respeitem como em tempos aureos.

Felizmente, a lacuna notada vai desaparecer, porque está já em publicidade o primeiro tomo das *Cartas*, e nele se encontram muitos documentos necessarios e indispensaveis para a apreciação de Alexandre Herculano como homem e como caracter, até particularidades da sua vida intima, que interessam a todos como exemplares.

XXIV

Já provei que no coração de Alexandre Herculano havia fibras apreciaveis dos mais nobres sentimentos. Não desprezava pessoa alguma honrada. Animava e socorria os pobres, sem aviso prévio nem noticia reclamo posterior á acção. Causavam-lhe dó os ignorantes e era frequente vê-lo amparar os humildes. Só dos vis e abjectos se desviava como de leprosos, com receio da infecção contagiosa. Colocou-se acima em tudo. Agigantado em todos os actos. Conservava as mais belas proporções da escultura antiga.

Fique registado mais um facto da sua vida de patriota e democrata:

Ocorreu vai para cincoenta anos. Quantas estranhas coisas teem passado neste meio seculo! Não me esqueceu nunca. Posso ir buscar esse facto aos meus apontamentos, muitos dos quaes ainda ineditos. Fui quasi nele testemunha presencial, se assim é que deva registar-se, porque tive participação no processo, na inquirição, ou como seja melhor escrever-se mais consoante, mais adequadamente, nesta escritura com o estilo dos tribunaes.

Já passa muito mais do meio seculo que existia num primeiro andar da Rua Augusta da nossa capital, com alfaiataria, o mestre Feliciano de Andrade Moura, cidadão inteligente e honrado, independente e gozando do credito e da consideração que lhe dava numerosa e selecta freguesia, a que ele desejava cor-

---

[1] Parte d'este artigo saiu em o numero da revista ilustrada *O Ocidente* comemorativo do centenario.

[2] *Alexandre Herculano e o seu tempo. Estudo critico*, por Antonio de Serpa Pimentel, Lisboa 1881, 2.ª edição da Casa Bertrand.

responder com a perfeição do trabalho que mandava executar pelos melhores dos seus oficiaes, que sabiam acrescentar-lhe a fama e mantinham o primor e a elegancia nas modas correntes nos seus caprichos e nas suas exigencias.

O Moura era português de lei e amava deveras a sua patria. Todos o conheciam na cidade baixa, onde estanceia e se concentra a parte mais laboriosa da população lisbonense. Ali andava direito, correcto e sem cuidados de maior, porque não os podia ter, na sua desafogada e isenta existencia. As suas prisões só vinham da atenção acertada que prestava zelosamente ao engrandecimento da sua classe e da sua industria.

Nessa epoca, por um sopro desnorteado de insofridos politicos e periodistas e por diversas causas, dentro e fora de Portugal, que não veem a proposito recordar e esmiuçar, mas que não é dificil referir em ocasião mais asada, porque as ambições nascem de subito, desenvolvem-se, multiplicam-se, são muitas vezes indomitas e indoutas, — nessa epoca, repito, surgiu a questão iberica que produziu abalo na sociedade portuguesa, sem distinção de parcialidades politicas, pois é inegavel e está indelevelmente registado na Historia que é necessario a todo o custo manter a integridade da terra natal. Só se afastarão d'este preceito os que vivem e se alimentam de principios negativos e de falso patriotismo.

Numa reunião de caracter intimo em casa do Feliciano de Andrade Moura, á qual assistiram seis ou oito pessoas, cujos nomes não me ocorrem, como desejava; exposto o fim a essa limitada assembleia, pequena em numero mas grande nos intuitos que a deviam guiar; logo ficaram combinados alguns meios de acção contra a propaganda danosa que se alastrava como a agua de um rio que em estação tempestuosa salta do seu leito enfurecida para causar inundações de gravissimos resultados. Ficou pois aprovada a organização de uma comissão executiva, á qual incumbiria proseguir com actividade e energia os trabalhos auspiciosamente encetados. D'ahi nasceu a ideia da eleição popular para uma grande comissão central, com o titulo sugestivo *Primeiro de dezembro*, e a distribuição por todo o reino de milhares de exemplares de um manifesto, de cuja redacção seria encarregado um dos membros da comissão popularmente eleita. Ensaio valioso de plebiscito.

Conseguiu-se tudo como fôra planeado e que teve exito lisonjeiro, como se esperava das simpatias e das adesões que coroavam com esplendor a ideia patriotica. O primeiro nome lembrado foi o de Alexandre Herculano, aplaudido em votação unanime. O Feliciano de Andrade Moura, no aprumado do seu patriotismo sincero e integro, que posso jurar que o conheci e avaliei muito bem, bradou inflamado:

— Será este o primeiro na comissão! É homem de caracter, o que vemos já a escassear, infelizmente. A Herculano deve a nação muito e a liberdade muitissimo. Não tenho posses intelectuaes para formar juizo seguro a seu respeito, nem m'o aceitariam por ser humilde o meu parecer, mas tenho coração e sinto o que digo.

Os trabalhos preliminares d'essa comissão preparatoria correram bem. Fez-se a eleição popular dentro do palacio dos Condes de Almada, a S. Domingos, onde está hoje o Quartel General, e sairam tranquilamente e com grande votação, unanime, expontanea, entusiasta, na qual não interveio nenhum elemento politico, partidario, faccioso, dos que se envolvem, ás vezes dolosamente, diga-se baixinho para não termos de nos envergonhar, e sairam, repito, os nomes que foram apresentados ao povo eleitor, e nesses nomes, como foi publico e notorio e consta de documentos impressos e de larga tiragem, estavam representadas todas as classes e todos os partidos politicos, em que então se dividia a familia portuguesa, sem protestos, sem reclamações, de especie alguma.

O egregio Alexandre Herculano foi informado de tudo. Estava na comissão um bom amigo e admirador d'ele e muito apreciado, o erudito academico Antonio da Silva Tulio, a quem se dera o honroso encargo de dar conhecimento ao Mestre do que se ia passando nesses trabalhos, a que se ligara a alma do povo.

Foi redigido o manifesto. Lembra-me, por não ter na minha mão os documentos que redigi como um dos secretarios da comissão preparatoria, que a redacção fóra confiada ao ilustre poeta e jornalista José da Silva Mendes Leal, que abraçara a ideia da propaganda com entusiasmo. Quando apresentaram o manuscrito a Alexandre Herculano e este o leu demoradamente pareceu que o seu rosto se iluminava com um clarão de sensibilizadora intensidade. E exclamou, como se a voz lhe saisse do coração:

— Assino. Estou de acordo com estas manifestações em que se concretizam as ideias da integridade da nossa patria. Amo-a muito. Não contem comigo para as reuniões porque não irei. Não posso, faltam-me a saude e o animo para sair d'esta solidão a que me dediquei. Mas se a patria ainda necessitasse de mim erguer-me-hia com vigor, ainda sei apontar e engatilhar uma espingarda, aqui me encontrariam com o mesmo fogo com que tenho combatido em prol da liberdade!

E assinou sem fazer qualquer outra observação, ou apresentar qualquer emenda ao que estava escrito e a comissão central anteriormente aprovara para ser submetido á sanção do Mestre.

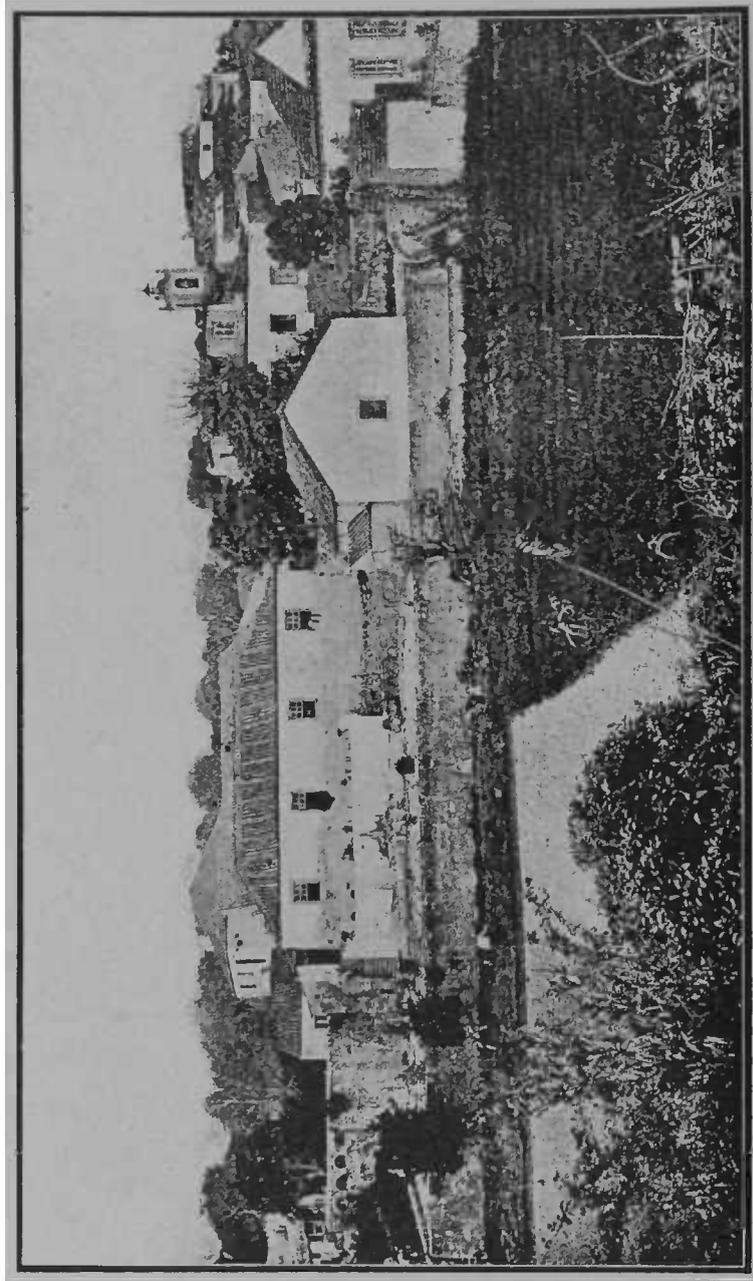
XXV

Proseguirei nestas notas de caracter intimo que servirão como de radiante pedestal ao busto do Mestre. Pena é que o humilde artista, que escreve estas linhas, não tenha nas suas mãos debeis o cinzel prodigioso de Phidias ou de Canova. Então é que os seculos passariam sem lhe tocar e as multidões se conservariam ahi para sempre atonitas e embevecidas.

Alexandre Herculano era intimo na casa dos Marqueses de Sabugosa, familia da velha aristocracia, em destáque na mais selecta sociedade portuguesa, pelos sentimentos nobilissimos, pelo caracter sem macula e pelo patriotismo exemplar. Quando ali aparecia o Mestre, e isso dava-se a miude e até para comparticipar das refeições que aceitava alegremente, era sempre saudado com jubilo de todos naquela nobre e ilustre casa. Associavam-se todos nos testemunhos do mais acrisolado afecto. Nessas relações todavia não entrava a politica partidaria, de que Herculano fugia como de um inimigo que lhe causasse nauseas. Com o mestre presente os coloquios, as conversações, os incidentes eram simples e risonhos. Os assuntos mais graves a discutir e a apreciar referiam-se com singeleza encantadora mas instrutiva, ás artes, ás sciencias e não raro ás industrias, e especialmente á agricultura, que no seu desenvolvimento interessariam Portugal e contribuiriam para o aumento da riqueza publica.

Haveria muito sobre que raciocinar e discutir acêrca do que ia ocorrendo, e até de factos consumados, que era natural e licito pôr na tela da discussão familiar e tudo se evitava quando Alexandre Herculano jubiloso, prazenteiro e grato, ali estava como em familia, rejuvenescendo em convivencia respeitosa e carinhosa, chamando ao coração os alvores da mocidade crente e despreocupada.

Mas o Marquês de Sabugosa, honrado e querido chefe patriarcal d'aquela nobre familia, estava ligado por estreitos laços politicos a vultos salientes, que nos anaes da historia contemporanea e em factos um tanto convulsionados das pugnas da liberdade, tinham paginas brilhantissimas, taes como Joaquim Antonio de Aguiar, o Duque de Loulé, o Marquês de Sá da Bandeira e alguns outros de tambem elevada estatura, mas todos de boa feição ao serviço activo em favor dos interesses nacionaes.

Em 1865, salvo erro, instado por esses amigos, aos quaes era dificil recusar em hora tormentosa a cooperação que se lhe pedia com instancia, o Marquês de Sabugosa não pôde resistir ás solicitações que o obrigavam até na solução de graves problemas da administração publica e aceitou o convite de Joaquim Antonio de Aguiar, ouvindo o Duque de Loulé, amigo e correligionario predilecto.

Azoia de Baixo, onde residiu Alexandre Herculano

Indagando quaes seriam os seus companheiros no gabinete, o Conselheiro Joaquim Antonio de Aguiar informou-o dos nomes dos cidadãos que o acompanhavam, gabando as qualidades e os merecimentos que se davam em Joaquim Thomás Lobo de Avila, depois Conde de Valbom; Mathias de Carvalho e Vasconcelos; Salvador Pinto da França; Julio Gomes da Silva Sanches e o Visconde da Praia Grande de Macau. Este ultimo muito conhecedor de assuntos coloniaes. O Sr. Mathias de Carvalho e Vasconcelos desempenhou, por muitos anos, com brilhantismo o alto cargo de ministro plenipotenciario de Portugal na côrte do Rei de Italia, e ali faleceu.

Alexandre Herculano soube essa noticia, a que faltaram decerto alguns pormenores particulares que não foram denunciados nos boatos, que seriam essenciaes para a cabal apreciação d'este facto. O seu desgosto, porem, vendo entrar o amigo na vida activa e agitada da politica, foi grande, e não se conteve que o dissesse numa carta de significativo azedume ao Marquês de Sabugosa.

Não póde ficar aqui impressa a carta a que me referi, porque não a possuo nem devia dar-se á publicidade por ser de caracter mui intimo; mas sei que nela ia o desafogo da alma de um honrado filho do povo, de um democrata, como ele dizia com orgulho que o nobilitava.

Representava-se-lhe que, na casa de um ministro em efectivo serviço não faltariam a assediá-la importunos, suplicantes, impertinentes, de toda a especie, e até parasitas emeritos, que alardeiam serviços para iludir os incautos, figurando-se como ilhargas sem valor moral nem intelectual, e o mestre sentia com dôr intima que tinha de afastar-se da grata convivencia que se lhe proporcionara na intimidade sincera da familia Sabugosa.

Alexandre Herculano não queria ofender o grande amigo. Queria lançar no seu coração um desabafo e ficava aliviado. Não queria tambem entrar em apreciações de simulada conformidade com acções alheias, de que discordava, para não afivelar no seu rosto a mascara da hipocrisia com que, umas vezes por conveniencia, outras por necessidade não justificada, se escondem e apagam muitas maculas na sociedade.

XXVI

Vai entrar agora uma pagina que poderia figurar entre as «mais intimas» e enternecedoras na vida particular do Mestre e que pôs em verdadeira e fulgurante luz o amoravel coração do Mestre:

Em Azoia de Baixo, Herculano recebera e mantinha afectuosamente junto de sua mulher, D. Mariana Meira, sua gentil sobrinha, joven na flor da vida, de 17 ou 20 anos, e ali adorada, porque era o encanto de todos. Mas, como as alegrias domesticas teem interrupções que cortam amargamente as horas de paz e felicidade, a estremecida sobrinba adoeceu.

Rodeou-a logo exemplar solicitude, e o carinho dos tios não a desamparou. Todavia, o medico, que tambem era uma das visitas e dos amigos desvelados da familia de Herculano, não pôde ocultar a gravidade da doença. Foi como um golpe fundo no sensivel coração do Mestre. Conteve-se na expansão da sua dôr, mas sentiu que alguma grande desgraça lançaria o luto naquela mansão cercada de flores e de perfumes, sob a vigilancia e os cuidados do solitario de Vale de Lobos.

Na desventurada menina declarara-se uma tisica, cujos estragos eram visiveis e não se ocultavam de pessoa alguma. O facultativo assistente declarou a sentença. Os dias da joven estavam contados e não se demoraria o desenlace fatal.

Nos pequenos passeios, que podia dar á roda da casa, onde acaso a animariam as flores e a abrigariam a sombra das arvores, em que o Mestre, mudado

em aprimorado cultivador, empregava os seus estudos e já a sua experiencia agricola, porém essas simples e consoladoras diversões não a melhoravam, infelizmente.

Ansioso por noticias directas do Mestre, e desejando indagar do estado da joven, ali tão estimada, o Sr. José Manuel da Costa Basto, a quem já me tenho referido em outros lugares d'este livro, foi á Azoia de Baixo. Ao contar-me este facto, comovido, o meu bom e ilustre amigo acrescentou:

— Não faz ideia do triste quadro a que assisti! Não o esquecerei nunca.

E proseguiu:

— A joven acabara de passar por um d'aqueles momentos proprios da terrivel enfermidade, de que padecia e que trazem horriveis sufocações. Asfixiava. Herculano, junto d'ela, e aconchegando-a ao peito, como pai estremoso que vela pelos preciosos dias da filha amada, amparava-a e guiava-a na mudança do quarto para outro aposento, persuadido de que recebendo melhor ar lhe suavizaria os pulmões em destruição. O Mestre fitou-me. No seu olhar turbado entendi que a menina estava perdida e que a dôr do Mestre lhe dilacerava o coração.

O Sr. José Basto parou, como para descansar ou respirar melhor, e concluiu:

— Alguns minutos depois de entrar em Vale de Lobos a joven expirava nos braços de Herculano. Não esquecerei jamais aquele desolador quadro, que tanto me comoveu. Tambem não posso expressar a aflição que vi em Herculano, quando ele, em vez de amparar a sobrinha querida, reparou que tinha um cadaver nos braços!

Pobre flor! Apesar dos carinhos e dos afagos, de que te rodeavam; apesar da vitalidade que a tua idade prometia; apesar da seiva vigorosa que devia alimentar-se nos teus verdes anos; a doença traiçoeira assaltou-te e foi minar-te a haste e obrigá-la a curvar-se para a terra e ali buscar a transformação que ela se reserva na sua eterna elaboração!

O luto entrara em espessas nuvens na pacifica e patriarcal vivenda de Vale de Lobos, que fôra bafejada e perfumada pelas brisas da aldeia e recebia em suavissimos arrobos os canticos variados e harmoniosos das avesinhas que ali deixavam como os seus cumprimentos não isentos de poesia. As saudades jamais emurcheceram de entre os seus doloridos moradores!

Aquela desventurada menina foi a enterrar no cemiterio da freguesia, onde, algum tempo depois, ficaram os restos mortaes de Francisco Romano Gomes de Meira. Recordo sempre saudoso o nome d'este cidadão, que foi honrado, bemquisto e mui ilustrado, porque o conheci e tratei quando tinha 17 anos de idade e já lá vão transcorridos mais 62!

XXVII

Nas manifestações do seu entusiasmo por um ideal, em que ele presupunha estar com o bem da patria, a sua regeneração, e o seu afastamento de males que podiam perde-la, como se vê, havia a harmonia na expressão, homogeneidade nos sentimentos, equilibrio nas aspirações, firmeza nas convicções, sem desvio que levasse o desanimo aos que o ouvissem e lessem, e sem que pensasse em ganhar a popularidade facil para os que se servem da politica rasteira e ignobil como os histriões á porta das barracas de feira para atrair e iludir os concorrentes.

Não ha um acto unico da sua vida em que se note a queda d'esses preceitos que se impusera na rigidez do seu caracter.

Ele sabia muito bem o que valia a politica de certos grupos de ambiciosos que lançam vozes altas e gritos retumbantes para chamarem a atenção das multidões ignaras.

Na casa da Ajuda, proximo da biblioteca, ele reunia, como se sabe, alguns dos seus amigos mais intimos e alguns já em posições elevadas e que tinham nome brilhante na literatura portuguesa, taes como Antonio de Serpa Pimentel, José Maria de Casal Ribeiro, Luis Augusto Rebelo da Silva, Raimundo Antonio Bulhão Pato, Jaime Constantino de Freitas Moniz, Antonio da Silva Tulio, Dr. Vicente Ferrer Neto Paiva, Gomes de Brito e outros, com os quaes trocava ideias e discutia assuntos historicos, economicos e literarios, que mais o interessavam; porem se esta luminosa convivencia intelectual o satisfazia e o animava, ele procurava desabafar em amigo mais intimo, a quem se ligava com laço fraternal antes de o ter dentro da sua familia. Esse amigo, de quem não posso deixar de lembrar-me com saudade porque convivi com ele, era mui instruido e muito dedicado a Herculano e fôra seu auxiliar poderoso, sem basofias, nos primeiros passos da antiga empresa do *Panorama;* porem estava fora da alta sociedade, apesar de respeitado por ela, porque o seu caracter concentrado, a sua bonhomia, a sua instrução sem francesismos, o seu desprendimento de certos usos, afectações e banalidades nessa sociedade, o afastavam. Esse amigo foi sempre um confidente para Alexandre Herculano, em amizade irreprehensivel, e foi depois seu cunhado modelar.

Estou convencido de que ele tinha por vezes maiores alegrias na intimidade d'esse bom amigo, apesar da distancia que intelectualmente o separava dos demais que o rodeavam e lhe formavam uma côrte de aduladores e lhe davam o afectuosissimo nome de Mestre para lhe receberem conselhos e indicações uteis nos estudos em que o consultavam, e foi por essa razão suprema que ele se enclausurou na Tebaida de Vale de Lobos para que pudesse entregar-se sem estorvos, sem embaraços, sem interrupções arreliadoras, a novos estudos, impetrando do campo que o inspirasse, ás flores que lhe dessem perfumes, ás arvores que o alentassem com os seus frutos e com as suas sombras, ás brisas que suavisassem os ardores do sol, ás aves que dulcificassem as amarguras da sua existencia com harmoniosos e suavissimos cantos, dando-lhe paz e conforto longe dos motins do mundo, das intrigas dos insignificantes, da inveja dos malevolos, que lhe causavam funda repugnancia.

XXVIII

D. Pedro II, que foi imperador do Brasil, destronado para ser proclamada a republica naquela grande nação, amava os livros porque se deleitava com a sua leitura variada, e o seu maior desejo era conhecer os homens eminentes da sua nação, que conhecia e com quem não se desprezava em relacionar-se e a muitos protegeu; e tambem não se esquecia de estabelecer relações com literatos dos mais cotados na Europa, apressando-se em mandar comprar as obras d'eles se não lhe eram ofertadas. Muitos lh'as ofertariam á espera decerto do agradecimento com alguma venera, posto que muitos brasileiros diziam, e parece que era certo, que D. Pedro II não era muito dado a essas munificencias para enfeitar vaidades e nulos.

Desde muito ele demonstrava, e não o ocultava, que eram seus predilectos alguns escritores portugueses, mas colocava em primeiro plano a Alexandre Herculano, cujo caracter e cujo talento admirava. Os mais nobres brasileiros, que vinham do Rio de Janeiro em desempenho de missões diplomaticas em Lisboa ou em outros serviços publicos e de instrução, como o do exame nos archivos

nacionaes para descobrir, separar e mandar copiar documentos ineditos que interessassem á historia do Brasil, e muitas copias para lá iam pelos anos adiante, esses quando se lhes oferecia o ensejo não se olvidavam de fazer chegar a noticia ao egregio historiador, que era igualmente uma forma de lisongear o seu imperador.

Um dia Alexandre Herculano soube que D. Pedro II com efeito a primeira vez que desembarcasse em praia lusitana iria pessoalmente visitá-lo a Vale de Lobos. Ele podia contar com essa visita. E sobresaltou-se.

Afigura se-me que estou ouvindo a Alexandre Herculano contrariado. Pensava descoraçoado, como se lhe percorresse o frio do gelo pela espinha dorsal:

— Ele virá porque é teimoso. Mas eu não tenho casa para receber homem tão alto!

Disse á mulher:

—Vou a Lisboa ao encontro d'ele para o dissuadir da visita a esta pobre casa, que não decorei nunca para visitas d'essa ordem.

E partiu.

D. Pedro II, ao chegar a Lisboa, vendo-se rodeado de alguns homens de letras, advertiu-os de que não deixaria de visitar o egregio historiador.

— Façam-me o favor de dizer-lhe que irei a Vale de Lobos.

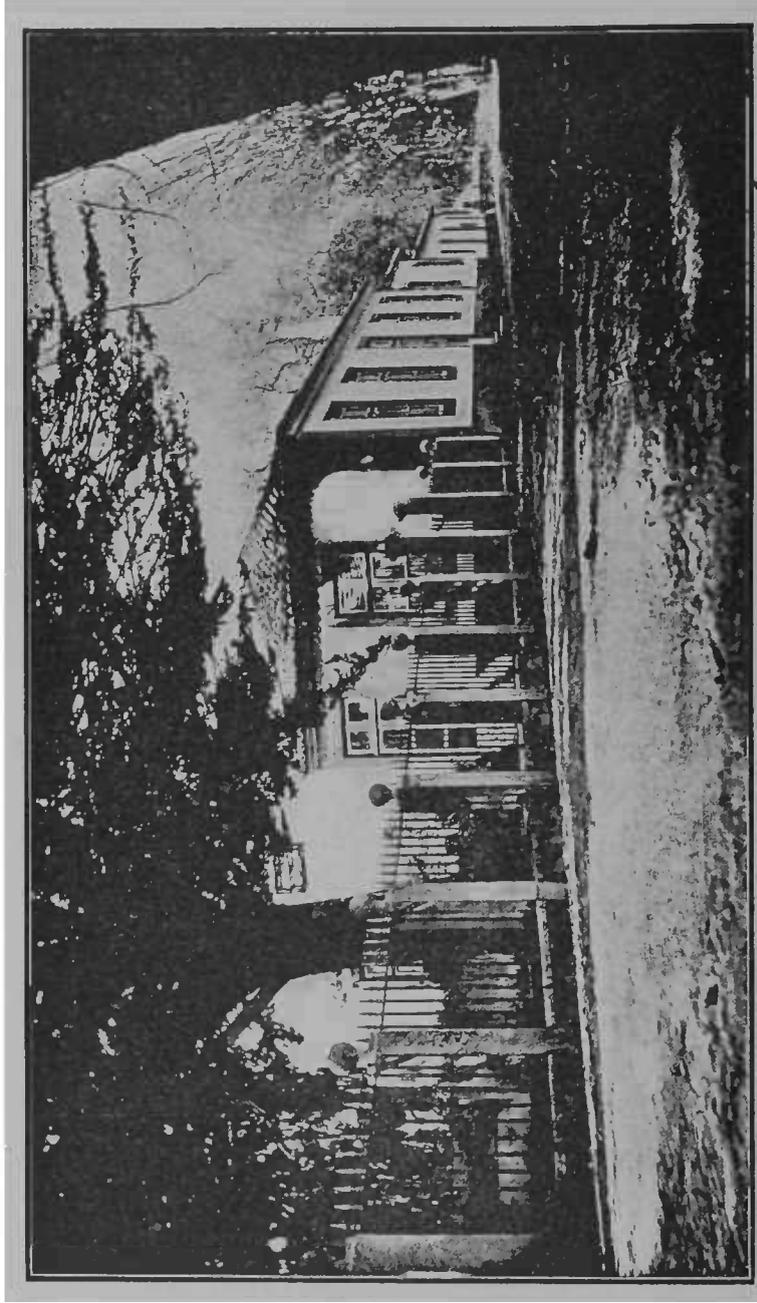
Alexandre Herculano veio á capital e encontrou-se com D. Pedro II, que lhe repetiu o que já era sabido. O Mestre quis desculpar-se o melhor que pôde sem desprimor, mas D. Pedro II declarou-lhe com firmeza que não o contrariasse na sua vontade, pois na casa d'ele é que desejava apertar-lhe a mão. Era impossivel recusar. O Mestre obedeceu e em seguida expediu um telegrama á mulher, Sr.ª D. Mariana, que não pensava decerto que teria tal visita. Esse telegrama dizia, pouco mais ou menos, o seguinte, que retive na memoria:

— Mariana, o homem não desiste. Para aí vou.

Contava poder acompanhar estas linhas com a reprodução fotografica do autografo, que me lembra ter visto nas mãos do meu bom amigo Sr. José Bastos, sucessor na casa editora Bertrand, por onde teem corrido todas as impressões das obras do Mestre, mas ainda não possuo tal documento. Se se encontrar e m'o confiarem será reproduzido.

A visita de D. Pedro II a Alexandre Herculano foi das mais simples e afectuosas. Suponho que ele afirmaria ao Mestre que aquela visita representava a sincera homenagem de um dos seus mais devotados admiradores e que, fora da sua nação, ele devia ser considerado como um simples viajante em procura de elementos de estudo e a alegrar o seu coração tendo o prazer de falar pessoalmente a um homem de elevada estatura, merecedor dos encomios que de todos os centros cultos lhe enviavam para a condigna glorificação.

XXIX

Foi, naquela solidão deliciosa, naquele afastamento, que muitos censuravam e lastimaram com azedume, que ele travou relações com um pobre homem que se lhe afeiçoara por tal modo que, reconhecendo-o bom e honrado, o considerava e estimava como se fôra membro da familia. Tratava-se de um homem rico, ilustrado, de grandes relações sociaes, de influencia local? Não. Via-se apenas nele um pobre homem, plebeu, da mais humilde condição, sem arvore genealogica de que pudesse vangloriar-se, sem acções grandes que dessem pasto ás gazetas nas suas minudencias nem sempre pautadas pelo bom senso; apenas um pobre homem de admiravel simplicidade, de dedicação excepcional digna de premio. Alexandre Herculano tinha-o ao seu lado e considerava-o como fiel amigo.

Entrada da casa de Alexandre Herculano em Vale de Lobos

Quem era? Perguntar-se-ha. Na sociedade buliçosa, que se vê, que lança pregão, que passa a vida rindo para que reparem nela, e poucos frutos dá aproveitaveis á comunidade, um quasi anonimo. Viera da Ribeira de Santarem, de onde talvez era natural e lá vivera estabelecido em humilde posição, como operario laborioso e honrado. Depois, cansado de trabalhar sem o resultado apetecido, tentou lançar-se em varios pequenos negocios e no amanho de exigua terra, aumentou os rendimentos sem comtudo conseguir inteira independencia e a desejada abundancia.

Como se chamava? José Candido dos Santos. Como estabeleceu relações com Alexandre Herculano? Não posso dizê-lo. Segundo informações dadas por um dos mais intimos amigos do Mestre, Sr. José Manuel da Costa Basto, sei que o Mestre lhe dedicava afeição paternal e se lhe mostrava muito grato. Durante a doença não abandonou o leito do enfermo, e por tal modo procedia que um dia, recordando com saudade os dias passados em Vale de Lobos, assistindo a todos que ali morriam, José Basto, testemunha presencial, disse-me:

— Não faz ideia da dedicação do bom José Candido junto de Herculano. Não se podia exceder em carinho. Um enfermeiro de profissão, cuidadoso, solicito, tinha nele um modelo a seguir. Lembrava-se de tudo, acudia com inteligencia a qualquer omissão. Recordava-se nitidamente do que prescrevia o medico assistente, que tambem era amigo do Mestre, e o querido enfermo era tratado com rigor, como na mais escrupulosa e exemplar casa de saude. Voltava-o na cama de modo que ele não sentisse o menor incomodo.

Herculano estimava-o deveras. José Basto proseguiu:

— Ás vezes o mestre fitava-o. Nos seus olhos, que ainda brilhavam, saiam como umas faiscas beneficas que deviam ir direitas ao coração de José Candido, e ahi sentiria ele, em comoção intima, inexplicavel, que no olhar de Herculano, sereno, afectuoso, iniludivel, se espelhava a sua intensa gratidão. Tomei nota d'esse gesto dos afectos, que moviam Alexandre Herculano, e não se me olvidaram esses momentos. Ficam ao pé das saudades que não se extinguem!

N'essa convivencia tão intima, muito pouco vulgar, de tão extraordinario relevo de afectos não simulados, o Mestre encontrava-se bem, á vontade, isento de cortesias e de lisonjas, fora do seu feitio. O Mestre, inclinando-se para esse homem de humilde condição, acreditava na sua sinceridade e confiava na sua honradez. E para dar maior firmeza ao seu simpatico perfil, que nos enche o coração de inebriantes sensações, direi que o José Candido acompanhou até o fim sem desfalecimentos o ilustre enfermo. Foi ele quem lhe cerrou os olhos quando, debruçado no leito da agonia como filho carinhoso e amigo reconhecido, viu soltar-lhe o derradeiro alento.

Ai! que instante aquele de angustia suprema!

Estavam ali, na tebaida do Mestre, em doloroso afastamento de todos os ruidos e de todas as glorias, apenas o José Candido e o José Basto. Mais ninguem.

Até os dois, vendo-se como num silencio sepulcral, entreolhando-se na presença do cadaver, parecia terem entrado numa sincope de extasis que só as lagrimas aliviam.

Nessa tarde fatal, na humilde casa de Vale de Lobos, em que ia agonisando o Mestre, vi que tinham ido vê-lo compungidos ante o espectaculo doloroso do enfermo nos seus derradeiros momentos, os Srs. Duque de Palmela, Bulhão Pato, José Avelar, Sousa Reis, Gomes de Brito, e algum outro, de quem não me ocorre o nome agora, mas demoraram-se pouco tempo. Depois, apareceu, vindo de Lisboa, o sobrinho Eduardo Galhardo, que não foi reconhecido, porque Herculano não via já nem podia articular palavra. Este, comovido, estonteado, vendo-se-lhe no rosto as lagrimas da aflição, pouco se demorou junto do enfermo agonisante e recolheu-se ao quarto, que os tios lhe conservavam preparado quando ele os procurava afectuosamente.

Este sobrinho Eduardo, irmão de João Galhardo, um dos testamenteiros e

herdeiros de Alexandre Herculano, faleceu algum tempo depois reformado no posto de general de brigada[1].

XXX

Ficou esboçado, embora imperfeito, o perfil moral de Alexandre Herculano. Faltam-me as forças para corrigir essas linhas incorrectas. Acaso pensaria eu, em o apresentar como desejava? Julgar-me-hia habilitado a pô-lo numa tela vistosa, deslumbrante, bem delineada e bem colorida, metida em moldura de riquissima talha, de linhas caprichosas, essa figura de gigante das letras portuguesas no seculo XIX, ao qual poderia com orgulho denominar-se o seculo de Herculano, tão alto se nos revela em toda a sua obra?

Mas eu vou buscar á obra d'ele mais alguns traços, que são de certo como auto-biograficos, porque Herculano analisando os trabalhos estranhos falava de si proprio, lançando dados que me servem agora para afirmar o seu caracter, demonstrar a sua bondade e os principios moraes que o iluminavam e dirigiam, que o guiaram na sua vida inteira, segundo o meu criterio. Na apreciação da obra de um eximio jurisconsulto e mestre em leis ele escrevia:

> «. . . O amor travado de veneração que sentimos pelos que nos geraram e pelos que geraram nossos paes, espraiamo-lo até as recordações historicas da patria. O amor dos ascendentes é a origem e a razão d'esta afectuoso respeito ao passado, que aliás fôra misterio inexplicavel. Em

---

[1] Deixarei aqui uma nota que julgo oportuna. Houve quem se lembrasse de perguntar ao Sr. Padre Senna Freitas que juizo fazia de Alexandre Herculano e este respondeu, entre outras cousas que não é necessario transcrever, o seguinte:

> «Respondo de bom grado: Não serei eu português? Não sinto em mim ainda e sempre bem vivaz o sentimento da justiça e da verdade? Pois como amante da verdade, da justiça e da minha patria penso que Alexandre Herculano foi um português que honrou como poucos a sociedade do seu tempo e a sua terra natal.
>
> Foi um talento privilegiadissimo, uma inteligencia mascula, um pensador profundo, um escritor de finos quilates, um mestre eximio da lingua, um poeta lapidar, o primeiro historiador português na ordem do merito e do criterio na generalidade das suas opiniões; um soldado intrepido, cuja espada chamejou pela conquista da liberdade: um trabalhador operoso como um beneditino da idade media, modesto e desprendido de quaesquer honrarias como um Cincinato da antiga Roma...
>
> ... Se, ao declinar da vida, estrebuxou um pouco nas suas ideias religiosas perante a ortodoxia catolica (no que concordo), é certo, todavia, que expirou abraçado com a cruz, munido com os Sacramentos da Igreja...
>
> A tolerancia faz parte do evangelho, e se não fosse licito abstrair, impossivel seria fazer a biografia de um homem, mesmo de certos personagens biblicos. . .».=*Padre Senna Freitas.*

Dias depois, o amigo mais intimo de Alexandre Herculano, Sr. José Manuel da Costa Basto, seu companheiro de muitos anos e comparticipando tambem de seus trabalhos e fainas de pesquisas do Sul ao Norte do país, viu a carta acima inserta no *Diario de Noticias*, do 6 de abril 1910, e nela uma inexactidão que lhe cumpria rectificar para que não corresse como facto verdadeiro e mandou publicar o seguinte:

> «Sr. redactor. — Graças á advertencia de um amigo, leio agora no seu *Diario*, de 6 do corrente, o «Juizo sobre Alexandre Herculano», do Sr. Padre Senna Freitas, e nele a afirmativa de que o grande escritor, meu amigo, «expirara abraçado com a cruz, munido com os sacramentos da Igreja».
>
> Sinto ver tão tarde estampada a inexactidão, porque, tendo estado em Vale de Lobos na triste conjuntura, posso perentoriamente afirmar que tal so não deu.
>
> A verdade é a verdade, e não desejo, por amor d'ela, que, á falta de rectificação de

quanto os santos laços da familia, e o mais santo d'eles todos a piedade filial, não se partirem, a piedade pelas cousas que os seculos cercaram da sua aureola de velhice, não morrerá tambem, porque aquel'outra a alimenta e salva».

De outra vez, Herculano quis apreciar os dotes de uma dama da mais elevada sociedade e da mais aprimorada cultura, que se tornara saliente no culto do belo e das boas letras, em prosa ou em verso, não só em Portugal mas tambem nos centros intelectuaes e mais concorridos da Europa civilizada, e endereçando-lhe um artigo encomiastico recordou que lhe devia ser grato e exaltou esse nobilissimo sentimento que soube acariciar com estas palavras, que assina e que hão de perdurar:

«Por grande que deva ser a gratidão que se associa ás recordações d'aqueles que nos geraram, por funda que vá a saudade inseparavel da memoria paternal, no coração do bom filho ha um afecto não menos puro e não menos indestrutivel para o homem cujo espirito alumiado pela cultura intelectual tem a consciencia de que o seu lugar e os seus destinos no mundo são mais elevados e nobres que os d'esses tantos que nasceram para viverem uma vida toda material e externa, e depois morrerem sem deixarem vestigio. Este afecto é uma especie de amor filial para com aqueles que nos revelaram os tesouros da sciencia, que nos regeneraram pelo baptismo das letras; que nos disseram «caminha!» e nos apontaram para a senda do estudo e da ilustração, caminho tão povoado de espinhos como de flores, e em cujo marco miliario muitos se teem assentado, não para repousarem e seguirem avante, mas

---

quem se acha no caso de contestar a aludida afirmativa, venha esta, pelo decorrer do tempo, a adquirir foros de verdadeira.

«Peço-lhe, por isso, sr. redactor, o obsequio de fazer inserir esta minha declaração no seu proximo numero, subscrevendo-me com toda a consideração de V. Ex.ª M.^{to} At.^{to} Ven.^{or}. — S. c. 10 de abril 1910. — *José M. C. Basto*».

Esta declaração pelo valor do signatario bastava; mas, sendo certo que a pessoa que escrevo estas paginas passou, ora em Santarem ora em Vale de Lobos, os amargurados dias da gravissima enfermidade a que sucumbiu Alexandre Herculano, e por isso na possibilidade de ser intimada a depor, pareceu-me conveniente e util reforçar a declaração do Sr. Basto com a seguinte carta, que apareceu igualmente na folha citada:

«Sr. Dr. Alfredo da Cunha. — Meu caro amigo e director. — Em o numero de hoje do *Diario de Noticias* vem uma carta do meu amigo e ilustre director aposentado do Archivo da Torre do Tombo, Sr. José Manuel da Costa Basto, referente aos ultimos momentos do egregio historiador Alexandre Herculano.

«Atenta a respeitabilidade do signatario da carta indicada, não me atreveria a fazer qualquer observação do que ele declara como verdade e não pode contestar-se; mas dando-se a circunstancia, conhecida e divulgada, de ter eu estado alguns dias, ora em Santarem, ora em Vale de Lobos, informando-me de tudo o que ali se passava durante a doença do grande Mestre e sendo quasi testemunha presencial do que ia ocorrendo nos aflitivos derradeiros momentos d'ele, pareceu-me que podia confirmar a declaração do meu amigo Sr. José Manuel da Costa Basto.

«Isto mesmo escrevia eu, com alguns pormenores não romantizados, num artigo em que, a pedido dos briosos, esclarecidos e patrioticos estudantes de Coimbra, iniciadores entusiastas da comemoração do egregio escritor, naquela cidade, contribui, ainda que com pobreza de linguagem, para o livro que está a imprimir-se na mesma cidade.

«No quarto, onde exalou o ultimo suspiro Alexandre Herculano e junto do seu leito de agonia, só estavam dois dos seus amigos intimos: José Manuel da Costa Basto e outro, humilde, da Ribeira de Santarem. Este ultimo cerrou-lhe os olhos. Ambos choraram sobre o corpo inanimado do mestre, como se tivessem ali perdido o pai mui amado.

«Algumas horas antes, Alexandre Herculano nem falava, nem podia reconhecer pessoa alguma, porque perdera o conhecimento de tudo.

«O dedicado amigo da Ribeira de Santarem creio que não existe já. — Amigo, admirador e confrade. — Em 11 de abril 1910. = *Brito Aranha*».

para retrocederem desalentados, quando sosinhos não sentem mão amiga apertar a sua e conduzi-los após si...

«... cada goso intelectual do poeta, do erudito, do sabio lh'a recorda, e quando eles se comparam com o vulgo das inteligencias reconhecem plenamente a justiça do sentimento de gratidão que os domina».

Veja-se que delicadeza de sentimentos e que modo levantado de os expressar!

Agora indagarei de amigos intimos, que privaram com o Mestre, que receberam d'ele confidencias e desalentos, que trabalharam juntos em fraternal camaradagem em investigações e estudos: vou consultá-los e eles me dirão o conceito em que tinham Herculano, como o apreciavam, como o admiravam, para que ninguem pudesse acoimá-los de lisongeiros, exagerados ou injustos. O primeiro que chamarei de novo á autoria será o Dr. Vicente Ferrer Neto Paiva, que poderia até pô-lo em confronto e irmaná-lo pelo caracter integro e austero. Logo após a morte de Alexandre Herculano disse d'ele:

«... a rigidez de caracter de tempera antiga revelava-se em todas as suas acções e em todas as suas obras literarias. Dominado sempre pelas ideias do verdadeiro, do justo, do moral e do belo, nenhumas considerações pessoaes, por mais alto que fosse o seu alvo, tinham força para o desviar das suas convicções. Como a linha recta, ia sempre direito ao seu fim. Era indomito. Não calculava resultados nem conveniencias. Detestava as maneiras acomodaticias da nossa sociedade. E por isso a qualquer homem corruto e de reputação duvidosa não tirava

---

O que podia responder-se para apagar essa inexactidão, que parecia inventada para manchar a gloriosa memoria do Mestre, e que desejavam que passasse como facto certo e averiguado, seria simplesmente:

Se alguem se lembrasse de levar para junto do seu leito de agonias e dores o cura ou o parocho da sua aldeia, e ele o visse, diria serenamente e com a maior urbanidade:

— Recebam-no bem, agradeçam-lhe o cuidado, ofereçam-lhe alguma cousa do que tenham na mesa, mas dispensem-lhe os serviços da sua profissão.

Mais nada. Seria assim dada mais uma revelação fiel do seu nobre caracter.

Alexandre Herculano era pensador, era filosofo, na mais nobre acepção d'estes vocabulos.

Passados dois dias um correspondente de Santarem referia-se aos ultimos momentos de Alexandre Herculano e pôs em duvida uma informação que se baseava em outro boato inexacto. Para não o deixar passar sem reparo escrevi de novo o seguinte ao *Diario de Noticias:*

«Sr. Dr. Alfredo da Cunha. — Meu caro amigo e director. — Aqui estou novamente a dar alguns esclarecimentos necessarios a proposito da carta publicada hoje no *Diario de Noticias* e assinada pelo Sr. Antonio Inacio da Silva, solicito correspondente em Santarem; mas eu tenho de manter a verdade do que escrevi não só em a nossa folha, mas tambem no tomo II das minhas *Memorias*, e não desejo por forma alguma que alguem suponha que, em factos que serão memoraveis, eu segui o exemplo dos que não são cuidadosos no modo de expor esses factos, e não prestam o devido culto á verdade.

«Tenho pois de declarar, devidamente autorizado pelo meu amigo Sr. José Manuel da Costa Basto, com quem estive esta manhã na sua casa na Rua da Conceição, que houve engano em citar o nome de João Urbano Cesar da Silveira como um dos dois amigos, que estavam no quarto do egregio mestre, quando tivemos a desgraça de o perder, pois não era esse, porem sim José Candido dos Santos, um devotado companheiro de Herculano nos seus ultimos dias.

«Foi o José Candido dos Santos, que já não existe, quem cerrou os olhos ao Mestre; mas, porque um mês depois do obito d'este, faleceu na mesma casa em Vale de Lobos seu cunhado e intimo amigo, Meira, e o João Urbano era visita e com intimidade nessa casa, era possivel obter-se a informação com o equivoco que noto. Trinta e tres anos é um lapso de tempo longo e é facil esquecerem-se factos, quando são apenas retidos na memoria. Esta não é segura e em pontos serios não devemos fiar-nos pelo que nos dizem ou pelo que ouvimos.

«O de que não pode duvidar-se é do que afirma, sob a sua palavra honrada, o Sr. José Manuel da Costa Basto, isto é, que só ele e o falecido José Candido dos Santos estavam no

o chapeu, nem ainda em publico. D'aqui resultou que algumas pessoas, ou por má fé, ou porque o não tinham tratado de perto, o julgaram orgulhoso e soberbo. Foram injustos.

Ninguem recebia mais cordialmente em sua casa os seus amigos. Ninguem se humanizava mais com todo o mundo do que ele...».

Agora apontarei outro para depor. É outro intimo, companheiro de complicados estudos historicos, esmerilhador de documentos de dificil busca e mais dificil e enfadonha interpretação nos archivos nacionaes, acumulados sob a sua zelosa direcção. Basta citar o nome para se aquilatar o valor do depoente e a importancia real do que trago para esta analise. É João Basto, que foi director da Torre do Tombo e a quem Herculano — tal era a amizade que lhe consagrava e o elevado conceito em que tinha os seus merecimentos e a sua erudição, — que lhe deixou em testamento os livros! Esse grande amigo escreveu:

«Quem apenas conhecesse o soldado destemido, o escritor ardente, o discursador apaixonado, não podia fazer uma ideia dos tesouros de sensibilidade e de delicadeza que ocultava aquela aparencia severa. Essas qualidades revelavam-se no auxilio pronto, eficaz e oculto com que acudia aos desditosos que buscavam a sua protecção; revelavam-se no pesar que lhe ficava quando não podia socorrer o infortunio alheio; revelavam-se nos meios engenhosos que empregava para não ferir a susceptibilidade dos infelizes que socorria...».

Aqui surge um talento de primeira ordem e de não vulgares serviços á patria. Estadista de recursos, orador de folego e escritor que deixou paginas de

---

quarto do enfermo no momento de soltar o ultimo suspiro; e de que algumas horas antes Herculano perdera o conhecimento de tudo. Posso afirmá-lo porquanto nesse momento não estava muito distante.

Meira não pôde ir a Vale de Lobos, quando lhe deram a triste noticia da enfermidade gravissima do cunhado, porque estava detido na cama lutando com doença grave, a qual então se agravou, tão intimo afecto o ligava a Herculano.

Ora, deu-se a circunstancia de que, quando faleceu o Meira, cunhado de Herculano, foi tambem o José Candido que lhe cerrou os olhos e é possivel que nessa ocasião estivesse junto d'ele o João Urbano, que tambem já é falecido. Com certeza o Sr. José Basto não estava lá, porque tinha regressado a Lisboa, a cuidar das suas funções oficiaes na Torre do Tombo.

Quem era o José Candido dos Santos, perguntar-se-ha? Tão amigo, tão dedicado, parecendo tão grato, ao egregio Herculano? Era um pobre homem de humilde profissão na Ribeira de Santarem, e com quem Herculano simpatizara e gostava de proteger. Um dia, o Mestre recomendou-o a um grande proprietario, seu amigo particular, e este, tendo vago um logar de feitor, empregou-o. Formara-se ahi um laço estreito que prendeu para sempre o José Candido ao seu amigo e protector. Herculano tinha, com efeito, d'esta vez, protegido um homem honrado e grato.

Vae, talvez, extensa esta explicacão, mas quando se trata de homens da alta estatura de Alexandre Herculano, e que após a sua morte começam a apresentar-se á publicidade, como factos certos e averiguados, cousas fantasiadas e romantizadas, que ás vezes se architectam com certos intuitos que não podem liquidar-se logo, é necessario, é urgente, é imprescindivel, descer a averiguações para que a verdade apareça com a sua luz pura e radiante. Na linguagem do povo, rematarei: é necessario pôr os pontos nos *i i*. Isto é claro e creio que não tem contestação.

Seu amigo, admirador e confrade. — 14 de abril 1910. = *Brito Aranha*».

O facto, a que aludi na carta ácima, passou-se com o Duque de Palmela, um grande amigo e admirador de Herculano, que tratou logo de satisfazer o pedido do Mestre confiando que ele só podia impetrar a protecção para quem deveras era digno d'ela e da qual não desmereceria. Dentro de pouco tempo estava nomeado pelo Duque feitor de uma propriedade não distante de Vale de Lobos. Vejam-se os quilates da amizade do Mestre. É consolador ter de escrever estas linhas que tão alto levantam a figura de Alexandre Herculano.

O Duque de Palmela tambem é já falecido. Nesta nota, necessaria, imprescindivel, parece que se trata só de mortos.

fulgurante prosa: o conselheiro Antonio de Serpa Pimentel. Deixou um livro dedicado a Alexandre Herculano e em cujas paginas bem meditadas, de estilo vigoroso, se vê uma formosa apreciação das eminentes qualidades e dos merecimentos do Mestre. Basta que transcreva do seu livro estas simples palavras, que formam um juizo sintetico da figura colossal do Mestre:

«Espirito recto, coração compassivo e apaixonado, a piedade dos oprimidos era quem promovia na alma do poeta e do publicista a indignação contra todos os opressores. D'aqui o seu desprezo pela plebe ignara e fanatica...».

Quando se tratou em 1880 da primeira e grandiosa homenagem nacional a prestar ao egregio escritor, soltou-se uma voz longinqua, mas vibrante, cujos ecos repercutiram no solo patrio com o entusiasmo e o calor que lhe imprimiu quem a desferia nas funções elevadas com que honrava o nome portugués no maior brilhantismo no centro da civilização mundial, Casal Ribeiro escrevia:

«... isolamento, a que Herculano se condenou nos ultimos anos, e que alguns repreenderam por mal o compreender, era nele necessidade de um caracter tão levantado como o genio. Era uma consciencia reclamando em paz.

Ao primoroso architecto da historia portuguesa, ao valoroso beneditino, que exumava do pó dos archivos os elementos vitaes dos primeiros anos da monarchia, e logo lhes dava forma em narração viril, e depois sobre eles lançou luz a jorros com a filosofia dos Thierry, dos Nibbur, dos Guizot, dos Macaulay — a esse a estatua majestosa, monumental no mais frequentado centro da cidade. Devem-lh'o os concidadãos. Ao modesto cultivador de Vale de Lobos, no alto da Azoia, a coluna partida marcando os sete palmos de terra, que cobrem os despojos mortaes do que tanto queria áqueles campos, refugio de uma alma fundida nos moldes romanos dos Fabricios, iluminada nas crenças vigorosas e batalhadoras dos Bispos de Hypona. Assim o ha-de requerer — creio — a familia dos amigos...».

Esta especie de inquerito não está completa. Faltam-me depoimentos e alguns de certo de suma importancia. Não posso todavia dilatar esta exposição critica, nem devo avolumar o processo que ácerca de tão gigante varão seria justificavel. Ha que dar lugar a outros concorrentes nesta condigna homenagem e deixar livre o caminho, que não pude juncar de flores odoriferas que transportam os sentidos e nos inebriam em ondas de perfume, para outras produções e o oferecimento de novos documentos que derramem clarões de extraordinario fulgor sobre paginas imorredouras como estas que endereço com sincerissimo preito á memoria querida do grande Alexandre Herculano.

Chamarei ainda em meu auxilio um escritor de meritos relevantes, que teve existencia não muito longa, mas nos anos que destinou á cultura das boas letras deu provas inequivocas de talento e de saber, em frutos apreciaveis. A sua escritura era correcta e vernacula, a sua critica fina e apurada, vigorosa sem exagerações, severa sem ofensas, justa, equilibrada, sã, modelar. Em assuntos de arte, pela aturada convivencia com os nossos primaciaes pintores e escultores, o seu bom juizo era acatado. Refiro-me a Zacarias de Aça. Nesse meio de especial e levantada cultura artistica, prestavam-lhe a condigna homenagem. Não evoco esse nome querido sem profundissima saudade!

A sua ultima obra dada ao prelo, *Lisboa Moderna*, lê-se com agrado e repete-se a leitura sem fastio, tal é o sabor que se encontra nas suas opulentas, deliciosas e eruditas paginas. Lá está um encantador capitulo dedicado a Alexandre Herculano.

Zacarias de Aça foi amigo intimo e dilecto, constante e apreciado, de Bulhão Pato, que o fôra por igual e por longos anos do grande Mestre. Eis o que ele escreveu (pag. 100 a 102):

«Recolhido, nos ultimos anos, á serenidade e socego da vida dos campos, na sua propriedade de Vale de Lobos, o autor da *Abobada* dedicou-se quasi exclusivamente á cultura agricola, menos gloriosa decerto, mas mais tranquila que a dos campos das letras.

Ali no convivio familiar e na conversação com algum velho amigo, alegrando-se sempre que Bulhão Pato transportava para a solidão de Vale de Lobos a sua espingarda, os seus perdigueiros, e as suas elegantes apostrofes, ahi passou os ultimos dias da sua trabalhosa vida o homem ilustre, cuja perda Portugal deplora.

Este varão digno de Plutarcho, cujas obras e talentos aqui tentamos delinear rapidamente, reuniu ás esplendidas faculdades da inteligencia uma integridade e força de caracter, rara em todas as epocas e em todos os paises, e rarissima entre nós, nestes dias que vão correndo. As suas convicções eram profundas e inabalaveis. Alexandre Herculano, nestes tempos em que um grande numero de homens, aliás prestadios, procuram as honras e desprezam a honra, demitiu sempre de si as primeiras e conservou e defendeu a segunda.

Honra lhe seja por isso. Será mais um exemplo e um castigo para os que lhe não perdoam desprezar ele o que eles tão calorosamente requestam, e mais uma joia para nós, orgulhando-nos de o ter por compatriota, engastarmos na corôa que já hoje cinge a cabeça, para sempre desfalecida, do primeiro escritor e do primeiro cidadão português.

As nações civilizadas honram a memoria dos grandes homens: é justiça para os mortos e incentivo para os vivos. Quando um povo tem a ventura de os possuir, os historiadores ilustram as melhores paginas dos seus anaes com a narração dos seus brilhantes feitos, e os seus artistas empenham-se, á porfia, em conservar para a posteridade as feições d'esses heroes. Os mais ilustrados da nação conhecem os varões famosos nas paginas dos Plutarchos, os mais simples, o povo, vê-os na pintura e nas estatuas.

De todos os povos modernos poucos ha que, mesmo sem se olhar á grandeza de seus dominios, tenham mais numerosa e brilhante galeria de heroes e de grandes homens, do que a que borda a vida historica e literaria de Portugal...».

Para dar bom fecho a estas citações, que nos pareceram bastante luminosas, direi ainda que lendo ha dias, porque não o pudesse obter antes, um livro de escritor modesto, mas bem conceituado e critico sisudo, desligado de parcialidades literarias, portanto com voto independente e livre, só entregue ao seu coração simples e aos seus estudos regrados, o Sr. Caldas Cordeiro, tomarei do seu apreciavel trabalho[1] algumas palavras, elegantes e eloquentes, que sintetizam uma opinião e dão, no meu entender, ideia perfeita do caracter e do valor do grande cidadão, a quem a nação inteira foi prestar devida e radiante homenagem. Não tenho duvida em as perfilhar no que elas se harmonizam com o meu sentir, dando assim igualmente o meu humilde preito ao saber e á erudição do

---

[1] *Alexandre Herculano*. Lisboa, 1894. 8.º peq. Edição nitida.

autor, ao qual aliás não me prendem relações intimas para que esta afectuosa expressão seja considerada como lisonja banal.

«... O seu temperamento soturno, a sua mente convulsiva, o seu caracter de uma rectidão tão inabalavel ... eram o producto de uma hereditariedade que nunca se desmentiu e lhe deu esse belo cunho de português, inquebrantavel e forte ...». (Pag. 14).

«... Ao espirito severo de Herculano, cerrado ao moderno, o espectaculo das contradições e das inconsciencias da nossa epoca repugnava. Por isso a sua obra foi uma evocação do passado e dos tempos gloriosos ...». (Pag. 29).

«... *Deus*, a *Semana Santa*, a *Arrabida* são, com a *Cruz*, o grandioso da sua obra em verso. E não direi da sua obra poetica, porque todos os seus trabalhos respiram poesia — a mais altiva, a mais elevada. É curioso como este homem, acusado de seco, duro, rancoroso, incapaz de abrir o seu coração ao amor, fosse o artista que escreveu as paginas arrebatadas e potentes de ciume, de paixão, de embates amorosos entre o espirito e a carne; paginas que dilaceram, fazem tombar lagrimas e constituem os mais admiravelmente escritas do *Monge de Cister*, do *Bobo*, do *Eurico*». (Pag. 39).

«... O investigador surgiu primeiro do que o poeta ou o poeta fez surgir o investigador? Um e outro aparecem tão confundidos em todos os seus livros que é impossivel responder á interrogação. Que o historiador não destruiu a alma poetisadora, vê-se logo no primeiro volume da *Historia de Portugal*...». (Pag. 49).

«... O trabalho sobre a descentralização municipal da idade-media, inserto no 4.º volume da *Historia de Portugal* tem sido, até hoje, considerado como obra definitiva...». (Pag. 51).

E basta de citações? Não. Falta-me só uma e essa é essencial porque dá nestas paginas o verdadeiro e sentido remate ao que fica posto. São palavras singelas, comoventes, que sairam do amago de um coração grato, de um amigo devotado, de um discipulo querido, que não se esqueceu do Mestre e das horas deleitosas e suaves de afecto e ensino que passou junto d'ele. Vou copiá-las de dois bons livros d'esse amigo, que se chama José Joaquim Gomes de Brito: um, dedicado á memoria gloriosa do sabio professor Antonio Augusto de Aguiar, que, no elogio historico lido em sessão solene da benemerita Sociedade de Geografia de Lisboa nos fins de 1884, lembrou-se muito bem de aliar a essa memoria tão querida o de outro ilustre cidadão e egregio escritor, que se chamou Alexandre Herculano, a quem igualmente o prenderam laços de terna e profunda amizade; o outro livro tem no titulo bem expresso o assunto e a oportunidade em que foi redigido e mandado imprimir em paginas do mais superior enlevo: *No primeiro centenario de Alexandre Herculano. Paginas intimas.*

Copiarei do primeiro o seguinte (referencia a Alexandre Herculano):

«Desadorando das angulosidades deprimentes da politica, por isso mesmo que á alteza dos seus principios repugnavam todos os processos que lhe são fatal condição de existencia, Herculano não acreditava menos que tambem fora da politica se pode servir honrosa e honradamente a patria. — Ele cria, pelo contrario, e firmemente, que o não ser politico, o não pretender de modo algum disputar aos politicos a influencia na paz e na guerra, nos tribunaes e no fisco, deva inhibir ninguem de se considerar bom cidadão, e amante da sua patria, se concorre na medida das suas forças para o comum bem estar, e virtualmente para o bem estar da patria.

Não é que por ele não passasse, decerto, a hora da tentação. — Herculano era mortal. As ambições, porem, que o poderiam levar a investir com a escala por onde se sobe de comendador a ministro — «não navegavam por esse rumo, disse-o ele proprio»[1]. — Como aquele soldado de Carlos V, a quem Vieira prestou a voga da sua prosa inimitavel, que não quis esperar a morte para se retirar a tempo, Herculano, que pertenceu ao numero restritissimo dos que sabem conhecer-se, preferiu antes morrer a tempo para todas essas ambições, todas trocando por uma só: — a ambição do esquecimento. Prestada assim homenagem ao asserto do celebre pregador, o solitario de Vale de Lobos provou ser de facto a maior façanha o saber morrer, e contente na desventura que o não fadara para a politica, não morreu menos certo de haver deixado na terra alguns monumentos, que onde quer que se produzam, vivem mais do que as obras d'ela». (Pag. 51).

Copiarei do segundo livro o que vai ler-se:

«Homem de gosto, o Grande Escritor foi «sobretudo singelo». Ele proprio lavrou tal sentença, atribuindo, e com toda a razão, o invejavel predicado ao inspirado autor da *Paquita*.

Era-o ele mesmo; singelo e simples em tudo. A elevação do seu caracter, o seu criterio tão ponderado, a subida intuição que nele vivia do *belo absoluto*, e até o proprio *amor á verdade*, á qual tanto sacrificou, tudo lhe proibia ser, como o diziam, mas sem fundamento algum, *um excentrico*. Não era um homem vulgar, é claro, porque os da sua estatura moral não o costumam ser excessivamente, mas não foi nunca um insofrido, e muito menos um enfatuado». (Pag. 40).

. . . .

«Celebramos hoje o primeiro centenario de Alexandre Herculano; hoje repetimos a Portugal inteiro que é um dever de compatriotas reconhecidos exaltar a memoria do grande historiador e do grande patriota. Mas diga-se-lhe tambem porquê; explique-se-lhe tambem que é que traduzem tão bem merecidos encomiasticos epitetos...

Diga-se-lhe que não é só pelos merecimentos da *Historia de Portugal*, livro, aliás, primacial, dadas as circunstancias em que foi produzido, e o real merecimento que lhe dá direito a estar entre os seus consimiles, sem condescendencias, nem favor, mas que a grande maioria da nação não entende, nem poderia ler, se quisesse, graças ao *paternal interesse* com que os governos, infaliveis em pretenderem fazer a felicidade da nação, se teem ocupado da instrucção e da moralização espiritual e politica nacionaes! — Diga-se-lhe que é tambem porque Alexandre Herculano penou toda a sua gloriosa existencia pelos erros, e até pelos crimes d'aqueles que ambicionaram governar e dispor dos destinos da patria, movidos por tudo que pode alvoroçar as almas sedentas de preponderancias, de mando e de grandezas, menos pelo espectaculo da miseria material e intelectual de seus concidadãos, pelo descalabro da fazenda publica, pela desconsideração e pelo desprezo, até, de que Portugal tem sido victima perante a Europa! Explique-se-lhe que o grande cidadão, a cuja veneranda memoria se tributam hoje as home-

---

[1] *Monge de Cister*, ed. de 1848, tomo II, pag. 61.

nagens excepcionaes que foram resolvidas, é aquele que já em 1842 exclamava :

«Qual será a nação que amarrada ao poste do padecer, ludibriada e apupada por todos e por tudo, despida, coberta de lodo, cheia de pisaduras e de feridas, se não volte para os tempos que passaram, quando esses tempos foram feracissimos de muitos generos de grandezas e de glorias, e como o Salvador no Calvario lhes não diga : *Tenho sêde?*».

«Explique-se á nação que se Alexandre Herculano fôra hoje vivo, tudo trocaria, se houvesse de ser consultado,— grandezas tumulares, estatuas, consagrações da «coxa justiça que se vae assentar sobre um tumulo» ; tudo, para poder dessendentar-se da ancia de paz e de sossego, de consagração de partidos, e de sacrificio de minazes divergencias que ele desejaria ver terminadas, e que, ameaçam Portugal de não gosar nunca mais um momento de tranquilidade, um momento de respiro de tantas e tão repetidas calamidades, até ser sepultado na historia, morto ás mãos de seus proprios filhos!

Assegure-se, em boa fé, á nação ; assevere-se-lhe, com a *sinceridade* que foi o principal predicado d'aquele altissimo caracter, que longe de se desfolharem junto ao sarcofago dos Jeronimos quantas esperanças de melhores tempos —quem sabe?— aquele diamantino coração de patriota eximio, levaria ainda para o tumulo modesto que primeiro recebeu seus preciosos restos, apesar de se dizer de todo desiludido ; longe de se consumir um precioso tempo a dar-lhe razão aos desenganos, capricham todos em fazer-lhe bem aceite á memoria as honrarias de hoje, porque elas representam o acto que mais agradavel lhe seria, se as pudesse testemunhar ; —o acto de contrição sincero, por tantos desvarios, tantas afrontas ao patriotismo, tanta indiferença pelos interesses da nação, tanta falta de voluntaria compreensão, emfim, do que mais preciso se está mostrando ser, no actual momento...». (Pags. 226 a 229).

XXXI

Não apresento aqui trabalho completo, nem me atreveria a isso tratando-se de Alexandre Herculano. Deixei apenas elementos de estudo para os que tenham mocidade radiante, mais pujante força intelectual, mais largos estudos, mais fina agudeza e mais segura critica. Na homenagem geral e fulgurante, porque vi que teve nela participação a nação inteira, sem diferença de classes nem de parcialidades politicas, como expressão clara, nitida e convincente da alma nacional, nessa homenagem tão bela e tão grandiosa, será tomada esta singela contribuição como prova bem intencionada da minha vontade firme e inquebrantavel de adesão ao desejo vigoroso dos que valem e podem mais com as suas posses e energias.

Deixem-me todavia que do fundo da minha alma enternecida solte um grito —só um que seja ouvido, que tenha eco longinquo, pela sinceridade que o gera e pelo amor á patria que me domina.

Evoco do tumulo a Alexandre Herculano como espirito do bem e da liberdade, e digo-lhe reverentemente : Ergue-te! Vê a sociedade que te rodeia. Não desapareças de novo na eternidade d'essa algida solidão, em que desceste com as lagrimas de todos que te amaram e reverenciaram, e vem animar com o teu verbo exemplar as gerações que vieram depois de ti! Não te comovas! Aponta-lhes o caminho que devem percorrer, livre, desembaraçado de más vegetações e de maus

trilhos, limpo de plantas ruins, para que despontem dias de jubilo, de felicidade, de placidez e de bom senso para Portugal tão amado e tão empobrecido pela tua ausencia e pelo desaparecimento para sempre de outros varões, como tu, que lhe davam vigor e lustre! Ergue-te, grande cidadão! Anima-nos a todos nós para que não nos ceguem os falsos clarões de refalsados apostolos pretendendo imperar sobre multidões ignaras!

XXXII

Vamos continuar com a narração do que foi ocorrendo desde os fins de março 1910, aproveitando as notas que pudemos coligir.

Na sessão de 23 d'esse mês, da Academia de Sciencias de Portugal, a que presidiu o Sr. Dr. Teofilo Braga, tratou-se da comemoração do centenario de Alexandre Herculano, mas alguns membros d'essa agremiação mostraram-se contrarios, não á celebração do centenario mas á direcção que lhe fôra dada pela comissão executiva, e com esse intuito resolveu associar-se á sessão que havia de celebrar-se na camara municipal incumbindo ao consocio Sr. Agostinho Fortes de pronunciar aí um discurso comemorativo. A mesma academia ainda tomou outras resoluções atinentes a incitar ao estudo das sciencias historicas, realizando em abril outra sessão publica, na sala nobre do paço municipal, que já fôra cedido pela presidencia.

A comissão executiva, em vista das divergencias que se deram com respeito á data do nascimento do egregio historiador, ponto bem averiguado, como já registei, em 28 de março, e para satisfazer as reclamações da classe academica, principalmente o grupo dos estudantes de Coimbra, em reunião extraordinaria decidiu que as festas do centenario começassem em nova serie com efeito a 28 de março, mas que se prolongassem por todo o mês de abril até o dia 28, isto é, mais trinta dias.

Ficara igualmente decidido o seguinte:

Na manhã de 28 de março, dia considerado de festa nacional, a comissão executiva iria á capela no claustro dos Jeronimos (Belem), onde estão as cinzas de Alexandre Herculano, acompanhada dos vogaes que quisessem associar-se-lhe, dos membros da grande comissão do centenario, etc. De noite realizar-se-hia a sessão solene da Academia das Sciencias de Lisboa e outra sessão comemorativa na camara municipal.

No dia 31 efectuava-se uma sessão literaria no Gremio Literario.

No dia 4 de abril sessão solene promovida na Escola Politecnica pelos alunos.

No dia 5 nova conferencia na Sociedade de Geografia.

No dia 24 realizar-se-ia a romagem a Vale de Lobos, lugar onde faleceu Alexandre Herculano.

No dia 25 inauguração da lapida na biblioteca da Ajuda.

No dia 26 colocação de outra lapida no pateo do Gil, a S. Bento (Lisboa), onde nasceu o insigne literato e marcha festiva nocturna pelos estudantes.

No dia 27 sarau grandioso no Teatro de S. Carlos.

No dia 28 cortejo civico aos Jeronimos (Belem), remate dos festejos.

XXXIII

Em Lisboa até nalgumas escolas houve sessões solenes para comemorar o centenario de Alexandre Herculano, aproveitando a oportunidade para a distribuição de premios aos alunos.

Nas escolas paroquiaes de Alcantara e das Necessidades a sessão foi presidida pelo professor Sr. Antonio Servulo da Mata, que teve a coadjuvá-lo as professoras Sr.as D. Julia Gutierres e D. Maria do Carmo Escazeno. A concorrencia de alunos de ambos os sexos e de suas familias foi grande.

Depois de aberta a sessão, os alunos cantaram o hino das escolas, o professor-presidente leu o relatorio dos trabalhos do ano lectivo findo e em seguida foram distribuidos os premios a 57 alunos do sexo masculino e a 38 do feminino. Os premios constaram de livros de leitura e de compendios adoptados nas escolas primarias.

Concluida esta parte da sessão, o Sr. Servulo da Mata incitou as familias a que não desprezassem o ensino das criancinhas preparando-as para a vida de bons cidadãos uteis á patria, o que lhes abriria o caminho do futuro, e a proposito referiu-se aos exemplos da vida do eminente historiador Alexandre Herculano. Acentuou que o centenario do egregio literato significava o pagamento de uma divida de gratidão nacional que era obrigatorio saldar. A linguagem empregada pelo Sr. Servulo da Mata, clara e singela, era compreensivel pelos pequenos ouvintes, que o entenderam e aplaudiram.

XXXIV

A serie dos festejos para celebrar o centenario do nascimento de Alexandre Herculano principiou, efectivamente, pela visita da comissão ao tumulo do egregio historiador ao claustro do templo dos Jeronimos, em Belem, pelas doze horas do dia 28 de março 1910, com o fim de depor flores sobre o sarcofago, e ai teve a acompanhá-la representantes de muitas escolas de Lisboa, da Academia das Sciencias, Escola Marquês de Pombal e grande numero de cidadãos, que se associaram espontaneamente a esta homenagem.

A grande comissão estava representada pelos Srs. Consiglieri Pedroso, presidente; Brito Aranha, um dos vice-presidentes; Almeida Lima e Rosendo Carvalheira, secretarios; e os vogaes, Moreira de Almeida, Borges Grainha, Reis Santos, Cardoso Gonçalves, Magalhães Lima, Sá e Oliveira e Agostinho Fortes. Da Casa Pia viam-se a prestar as honras aos visitantes os Srs. Ramada Curto, então provedor; Luis Oliva, director; Alfredo Soares, sub-director; e Cesar da Silva, professor. Da Camara Municipal via-se o seu presidente o Sr. Braancamp Freire e o vereador Sr. Barros Queiroz, e da imprensa o Sr. Alfredo da Cunha, director do *Diario de Noticias* e tambem vogal da comissão executiva.

Á entrada do claustro a administração da Casa Pia mandara colocar uma comprida mesa coberta de ramos de flores, que juncavam o tumulo. Sobresaíam dois ramos maiores com fitas de seda onde tinham sido estampadas com letras douradas as dedicatorias dos alunos da Escola Marquês de Pombal e da Academia de Estudos Livres. Alem d'estes, mais os ramos vistosos

«Homenagem da Academia de Lisboa. — 1.º centenario de Alexandre Herculano. — 28-3-910».

«A escola paroquial do Socorro. — A Alexandre Herculano. — 1810-1910».

«A escola paroquial dos Anjos. — A Alexandre Herculano. — 23-3-910».

Esta visita foi uma homenagem muito simples, porem muito significativa, pela sinceridade que a adornou.

XXXV

Foi uma sessão verdadeiramente solene, o dia 28 de março na Academia das Sciencias de Lisboa, não só pela concorrencia selecta, mas tambem pelo vigor das orações pronunciadas em homenagem a Alexandre Herculano.

A decoração da sala grande da Academia das Sciencias de Lisboa fôra preparada com antecedencia e realçava pelo brilho dos assistentes. Viam-se ali os altos corpos do Estado, o corpo diplomatico, os representantes de corporações scientificas, das escolas, dos tribunaes, da imprensa, e de outras colectividades, que davam ao acto majestade.

A meio da sala pusera-se o busto em marmore de Alexandre Herculano modelado primorosamente pelo escultor Calmels para a galeria da casa Palmela e que o Duque (já falecido), que fôra amigo intimo do egregio Mestre, se lembrara com gentileza de ofertar nesse dia á Academia, que ele honrara pelas suas tradições gloriosas nas sciencias e nas letras.

Estavam reunidas, como de costume nas assembleias geraes, as duas classes da Academia e presidia o Vice-presidente Sr. Veiga Beirão. As orações proferidas foram dos socios efectivos Srs. Teixeira de Queiroz, Consiglieri Pedroso e Cristovam Aires. Tão notaveis foram os oradores nas paginas que leram e foram ouvidos com a maior atenção e o mais sincero enlevo, que com boa vontade as transcreveria aqui se o volume pudesse compreendê-las, porem ha muitas notas que incluir e eu não posso ampliar o espaço de que preciso. Limitar-me-hei a transcrever alguns dos trechos mais flamejantes.

Da alocução do Sr. *Veiga Beirão* copiarei o seguinte:

«Alexandre Herculano entrou nesta Academia, como socio correspondente, em 1844. Será interessante ver a forma modesta como ele agradecia a sua eleição. E por isso vou ler o oficio que ele por essa ocasião dirigiu á Academia.

É do teor seguinte:

«Il.mo Sr. — A espontanea mercê que a Real Academia das Sciencias de Lisboa acaba de fazer-me, nomeando-me seu socio correspondente, mercê que V. S.ª teve a bondade de comunicar-me por oficio de 22 d'este mês, obriga-me a rogar a V. S.ª queira fazer presente á mesma ilustre corporação o meu profundo reconhecimento.

Peço licença a V. S.ª para afirmar que não devo receber a resolução da Academia como um testemunho de apreço que ela faz dos meus tenuissimos cabedaes literarios: ninguem melhor que eu conhece o pouco que posso e valho. Permita V. S.ª que atribua antes tão singular favor a uma excessiva boa vontade e indulgencia para comigo, e que o tenha menos em conta de recompensa que de incentivo.

Desejaria corresponder ás esperanças que em mim pôs a respeitavel corporação de que V. S.ª é digno orgão; mas para ilustrar a Academia julgo-me desabilitado. Trabalharei por seguir de longe os seus vestigios.

Deus Guarde a V. S.ª — Lisboa 24 de fevereiro de 1844.

Il.mo Sr. Joaquim José da Costa de Macedo, Secretario Perpetuo da Academia. = *A. Herculano*».

«Faz bem nestes tempos, que vão correndo, em que tudo se discute, o que não é mau, mas em que nada se respeita, o que é pessimo, relembrar este acto, e acentuar que espirito tão austero e justo como foi o de Herculana não duvidava *forcejar* para restituir á Academia o seu *primitivo esplendor*.

E melhor é ainda termos contado entre nós o autor eximio da *Historia de Portugal*, de sorte que, com respeito a ele, pelo menos, ninguem nos possa jogar o conhecido verso:

Nada falta á sua gloria; ele faltava á nossa

Não me pertence a mim falar d'ele, a outros incumbe esse encargo.

Mas ficaria de mal comigo se, ao inaugurar esta solenidade, eu não desse, ao menos, uma impressão pessoal sequer a respeito do morto ilustre cuja memoria celebramos.

Está ali o seu busto. Deve-o a Academia ao espontaneo e generoso oferecimento do Duque de Palmela, espirito culto, caracter austero e intimo amigo do grande historiador.

Honrou-me o Duque encarregando-me de fazer a esta Academia a grata e devida comunicação. E aproveito o ensejo para, em nome de todos nós, dar, em publico, como recibo, ao ilustre doador, o testemunho sincero do nosso profundo reconhecimento.

Está ali o seu busto. Modelou-o sobre a mascara do cadaver o cinzel inspirado de um verdadeiro artista: Anatole Calmells.

Ao contemplá-lo revive perante mim o original.

Estou vendo-o, nos seus ultimos tempos, numa das suas rapidas aparições na capital, passar sereno e pausado, trajando gravemente á antiga, aparencia rude, mas simpatica, figura portuguesa de outras eras, o porte erecto, a fronte pensativa, acompanhado de raros amigos, e ouço ainda a multidão, que ele atravessava indiferente, murmurando:

— É o Herculano! É o Herculano!».

Como o batel, que, cortando sereno as murmuras ondas, deixa após si largo sulco, que só pouco a pouco se esvae, assim tambem ele passava, deixando nos que o viam o traço profundo da sua inconfundivel personalidade.

«É que nesses tempos a faculdade de poder admirar o que é grande e o que é bom ainda não se achava.

.... metida
no gosto da cubiça e na rudeza
d'uma austera, apagada e vil tristeza!

Está ali o seu busto. Feliz eu se pudesse, como o genial Toscano, com um golpe de escopro, dizer áquele marmore: *Fala*. E sobretudo se ele a tal evocação respondesse.

Que nos diria ele?

É possivel que, tomado ainda do desalento acêrca do futuro que ultimamente o avassalava, nos viesse dizer:

Que pode esperar aquele que nessa longa e ampla estrada do tempo, por onde o genero humano corre desordenado, quiser vir do lado do futuro e em nome d'ele dizer á geração a que pertence, *parae lá?* Embora a sua voz troveje, embora as suas palavras devam fazer vibrar todas as cordas do coração e despertar todas as convicções da alma: não espere ser ouvido. As multidões continuarão a passar desatentas. Escarnecido, amaldiçoado talvez, dormirá esquecido na morte, e os sabios e prudentes cultores de uma filosofia corrompida e egoista dirão, com insultuosa compaixão, ao passar pelo que jaz no pó: «Pobre louco, recebeste o premio de querer contrastar o seculo!

....

A tua palavra inspirada na verdade e na justiça, que alguma vez a paixão inflamava, mas que a vileza jamais maculou, vasada numa forma castiça e mascula, com um acentuado sabor ao torrão natal, a

tua palavra que soube exprimir o ciciar das preces, os fervores da crença, as harmonias do metro, a sucessão dos factos, as agonias da alma, as torturas do coração, as abstracções da filosofia, os raciocinios da polemica, as fantasias da imaginação, os estos da paixão, o tumultuar do povo, e o clangor das batalhas, a tua palavra é hoje mais do que nunca escutada pelas multidões atentas.

.«Estudamos ainda na tua *Historia*, enlevamo-nos nos teus *canticos*, recreamo-nos com os teus *romances, lendas* e *narrativas*; aprendemos nos teus *opusculos*, politicos, sociaes e juridicos, cumprimos ainda a lei em que colaboraste, mas acima de tudo, acima de tudo, veneramos a tua altiva energia moral e apontamo-la como exemplo a seguir.

«O pó em que jazias fomos recolhê-lo em piedosa romaria á terra que o abrigava e trouxemo-lo em triunfal cortejo a depositá-lo em rendilhado moimento no templo memorial de um dos maiores feitos nacionaes!

E a Academia a quem ele, fazendo o inventario dos seus heroicos trabalhos sobre legislação desde o berço da monarquia, cronicas e memorias de Portugal, foraes e mais diplomas, dizia:

«Pela minha parte não poupei incomodos e esforços de mais de um genero para que Portugal pudesse associar-se ao resto da Europa de um modo digno de nós no empenho da publicação dos seus monumentos historicos. Se o alcancei ou não, emquanto m'o consentirem, di-lo-ha a Academia».

O Sr. *Teixeira de Queiroz* apreciou Alexandre Herculano como *novelista* e disse, entre outros trechos elegantes, o seguinte:

«Herculano, pensador e poeta meditativo, encontrava nos estudos historicos a base da sua maior paixão. As scenas do passado para compreender as quaes, segundo diz, é necessario visão profetica mais aguda do que para desvendar o futuro, eram o maior encanto da sua mente. Por isso, como Walter Scott, seu modelo, que tirara da leitura das cronicas da Escossia a primeira inspiração para escrever novelas, assim Herculano sentira o mesmo aguilhão ao meditar sobre os nossos velhos codices e pergaminhos. D'aí lhe vieram quasi todas as suas *Lendas e Narrativas, O Bobo*, o *Eurico* e o *Monge de Cister*. Este, porem, ficara incompleto, emquanto que seu irmão godo encetava triunfante caminho de gloria. Entre o aparecimento d'esses dois famosos livros medearam anos e publicou-se em 1846 o primeiro volume da *Historia de Portugal*, começo de alto monumento das letras portuguesas. A pouca ou nenhuma importancia que no tomo aludido se dá ao tão falado milagre de Ourique, desencadeou, por banda do partido reaccionario do tempo, que tinha suas contas a ajustar com o autor, viva tempestade de doestos. Achavam anti-patriotico o negar-se falta de conformidade de vistas, que a crendice julgava historica, do criador de todas as cousas com os portugueses de Afonso Henriques, para o regimento do mundo e quem sabe se do universo. Na hipotese, Deus, era nosso, só nosso e manifestamente contra os arabes; Deus, na infinita omnipotencia do seu querer, estava a nosso lado para nos ajudar na malfeitoria das guerras. Negá-lo era não ser português. O autor da Historia foi atacado brutamente na sua probidade de patriota, de crente e de escritor. Homem assomado, mas justo e probo, homem que não sabia conter a colera, vendo-se agredido nos pulpitos, junto dos altares á missa conventual,

em jornaes e em pamphletos, explodiu com a celebre carta ao patriarca de Lisboa e com tudo mais que compõem o *Eu e o clero*.

....

Não é esta a ocasião, nem o tempo me sobra, para dizer o porque não aceito, como boa, a forma do romance historico, para definir com exactidão e arte epocas e almas. Os muitos erros de observação a que os cultores d'este genero de novelas estão sujeitos é o meu principal fundamento.

Nas *Lendas e Narrativas*, ensaios de mocidade para maiores cometimentos, aparece, como unico exemplo do genero que prefiro, o *Paroco da Aldeia*, fruto de memorias da infancia. Este romancinho é no rigor do termo uma narrativa, especie de conversa muito do geito de um cavaqueador bem humorado, como era o Herculano intimo, sempre pronto nas anedotas de frades e padres gulosos, materialões e velhacos. Nada d'isso é o bom sacerdote de que se trata no *Paroco*, pois representa o lado virtuoso, honesto, bem ponderado, simples e chão na pratica da caridade obscura. Deparam-se-nos, nesta novela, dialogos de uma perfeita justeza e frescura, de um sabor doce e alpestre, como o mel das abelhas, de uma bela propriedade de termos, com frases encantadoras e de flagrante verdade. Nesse falar de gente rude encontro mais intensidade de vida do que no boleio literario dos dialogos do *Eurico* e do *Monge*.

....

... Na realidade Herculano na aldeia de Azoia, que adoptou como terra em que nascesse, era o tipo do *bom vizinho*, igual para todos, inimigo de questões. Envolto no seu gabinardo surrado ia pelas azinhagas e veredas a respirar o ar balsamico dos campos e á procura de opiniões e profecias de pequenos lavradores, jornaleiros e homens de singel, acêrca do ano agricola. A vida modesta que ahi passava toca-nos o coração pelo contraste com a grandeza da sua vida moral. Temos diante dos olhos uma carta sua, escrita do encerro de Vale de Lobos, á esposa que estava acidentalmente em Belem, em que, depois de ter falado longamente e com ironia sorridente de criados, de vizinhos e dos preparos para a apanha da azeitona, terminada da seguinte forma: «Poderias tu dispor de alguns cobres para me comprares aí um gabão novo de picotilho ou de outro pano grosso? O meu está tão velho e roto, que é uma lastima.

Assim terminou numa existencia apagada de pompas e dignidades, o homem, cujo nome encheu um seculo entre nós, e que do estrangeiro recebeu homenagens de grandes obreiros do pensamento, de colectividades scientificas e literarias. Foi Alexandre Herculano um grande português: apaixonado no sentir de poeta, nobre no pensar de filosofo e historiador, admirado em todo o dominio mental. Glorifiquemos esse plebeu pelo que serviu a verdade e a justiça e sigamos o seu alevantado exemplo de amor á nossa terra, que é tambem a sua; porém amor verdadeiro e não mentido, em que não se poupe a critica de erros claros e em que se acentuem os exemplos de trabalho honesto; porque só d'ai poderá vir a redenção».

Da oração do Sr. *Consiglieri Pedroso* (infelizmente já falecido), que escolheu a apreciação como *historiador*, transcrevo os seguintes brilhantissimos paragrafos:

«Foi Alexandre Herculano, como Klopstock, poeta de profunda unção religiosa e de melancolica sugestão, por vezes tão soturna e an-

gustiada como a de um profeta de Israel, a gemer endeixas de desesperança sobre as funereas visões da ruina da sua patria. Lá está a *Harpa do Crente*, que poderia ter sido escrita por um vidente do exilio sob os salgueiraes de Babilonia, a atestá-lo nos seus trenos grandiosos e doloridos.

Não teve, é certo, Herculano, como Garrett, a fina intuição da alma popular, no seu aspecto de ridente frescura e de inocente simplicidade, que o cantor de *D. Branca* foi surpreender ás lendas maravilhosas dos nossos camponeses, bordadas de mil historias lindas de formosas fadas e donairosas princesas, de travessos duendes desenvoltos e de encantadas moirinhas a entrançarem os cabelos de ouro com resteas de luar, na enfeitiçada vespera de S. João.

Nunca a sua inspiração vibrou alegre mas sombria, como convinha ao caracter grave do filosofo engolfado na meditação, mais que dos problemas da vida, dos misteriosos segredos da morte. Era por isso nos cruzeiros, povoados de fantasticas sombras, em frente da cruz do Cristo a prometer redenções, e nos eremiterios em cujas arcadas lobregas ecoava ás noites o pio do mocho agourento, que a musa triste de Herculano se comprazia. Ou então pelas escalvadas arribas do oceano, onde o mar a bramir lhe gritava raivoso as suas coleras...

Foi ainda Alexandre Herculano polemista vivo e por vezes violento, como pamphletario apaixonado por sublime ideal de justiça ou como tribuno incendido pelo sagrado fogo da liberdade. O *Eu e o Clero*, *Solemnia verba* e tantos escritos de ocasião, hoje apenas com interesse retrospectivo, que se explicam e se justificam pela desilusão enfadada de um espirito honesto e bom, ferido pela injustiça dos que persistiam em denegri-lo ou não sabiam compreendê-lo, podem considerar-se inimitaveis modelos no genero. Jámais guerreiro algum wisigotico, d'esses destemidos e vigorosos companheiros do cavaleiro negro, semeou em volta de si a morte aos golpes do seu frankisk com maior desenvoltura, do que Herculano semeou a desolação entre os adversarios aos golpes certeiros da sua pena, não menos mortifera do que a terrivel arma goda.

Foi tambem Herculano, sem ser jurisconsulto de profissão, eminente legista, como sobejamente o demonstrou nas suas laboriosas investigações sobre o direito popular dos *Foraes* e nos seus magistraes estudos sobre os *Vinculos* e sobre o *Casamento civil*, que ainda hoje são consultados com proveito, até pelos proprios especialistas

Foi por ultimo o grande escritor economista de não vulgar penetração e doutrina, sobretudo para o seu tempo em Portugal, conforme o evidenciou nos trabalhos sobre a *Instituição das Caixas Economicas*, sobre *Alguns pontos de economia agricola*, sobre o *Projecto de Caixa de socorros agricolas* e sobre *A emigração*, trabalhos que revelam, a par da sciencia que os ilustra, o entranhado amor que já então, com singular presentimento, o seu autor consagrava a essa terra-mãe, compassiva e cheia de carinho para os que a procuram, que havia de ser piedoso refugio ás suas peores horas de amargura.

Foi tudo isto Herculano, é verdade; e em cada uma das direcções da fecunda e incansavel actividade literaria, que o distinguia, deixou afirmada poderosamente a sua sobranceira individualidade em obras que não morrem...

Mas o que ele foi principalmente, acima de romancista forte, acima de poeta inspirado, acima de polemista brilhante, acima de legista erudito, acima de economista eminente e acima até de escritor primoroso e masculo, cuja prosa de bronzea severidade viverá tanto como a lingua portuguesa, foi historiador, o nosso historiador maximo,

o fundador dos modernos estudos historicos em Portugal, de quem se pode dizer com Manzoni: *non vantatore di probità ma probo*, e que como historiador exerceu verdadeiro primado espiritual neste país, superior a governos e a parlamentos, diante dos quaes a sua personalidade de inflexivel rigidez moral se destacava em inconfundivel relevo.

Neste *uomo di tre cuori*, como diria d'ele a Renascença, é a historia quem lhe dá a vida, a sua alta significação social, ia eu a dizer, a sua dignidade civica. Sem a historia seria Herculano ilustre homem de letras, não sofre duvida. Mas somente a historia o fez, a par de respeitado cultor da sciencia, grande e amado cidadão ao serviço da patria... E depois, á pujança do talento do genial investigador acresce, para lhe exalçar o valor ainda, o especial interesse e a importancia da sciencia de que entre nós ele foi o representante mais lidimo.

....

Muito se tem discreteado a fim de estabelecer os guias, que Alexandre Herculano poderia haver escolhido para as suas composições historicas. Parece até que por parte de certos esmerilhadores emeritos ha um malicioso prazer em descobrir os escritores, que acaso serviram de norma ao nosso historiador, julgando assim os que sentem tão mesquinha satisfação apoucar-lhe a personalidade literaria com o mal intencionado proposito de reconstituir a genealogia da sua obra. Por isso é farta a lista dos nomes que aparecem indicados á guisa de paraninfos da *Historia de Portugal*. Nomeia um Guizot; apresenta outro Thierry; outro ainda lembra-se de Savigny ou de Rancke. Apontam-se Schaefer, Rosseeuw Saint-Hilaire e Macaulay, como fontes proximas onde ele foi com abundancia beber. Dos escritores castelhanos citam-se sem hesitação Masdeu, Zurita e Martinez Marina como aqueles a quem Herculano mais deve, esquecendo-se comtudo esses criticos de mencionar Cavanilles e Lafuente, que no historiador português, esses sim, sem contestação se inspiraram. E, o que bem singular se me afigura, um dos mais autorizados panegiristas do nosso historiador, o falecido Serpa Pimentel, cai no incrivel erro de considerar Thierry como o unico escritor, que Herculano poderia ter imitado! Foi a Real Academia de Historia de Madrid quem, pela palavra de Sanches Moguel, desafrontou a memoria do historiador português d'esta falsa imputação, esquecendo-se apenas a defesa de terminantemente, nessa ocasião, afirmar que não só Herculano não imitou Thierry, mas nem o podia ter imitado, mesmo não levando em conta o anacronismo, que implica a infundada afirmação de Serpa Pimentel. Herculano, o consciencioso, metodico e segurissimo investigador dos archivos nacionaes, que fundou a sua obra historica na rocha firme de uma documentação verificada com diligencia suma pela critica mais exigente, não poderia tomar nunca por modelo o historiador leviano e facil, embora genial, que pela precipitação do seu trabalho condenou de antemão um dos melhores livros que porventura escreveu, a *Historia da conquista da Inglaterra pelos normandos*, a descredito permanente, por lhe ter dado como base documentos reconhecidamente falsificados e espurios, aceitos por ele como bom material de indiscutivel genuinidade.

Que a obra de Herculano seja o produto de uma orientação scientifica, em que indirectamente colaboraram como elementos importantes os melhores historiadores do seu tempo, parece-me inegavel. O contrario é que não se compreenderia por mais de um motivo. E como não havia de ser assim, tratando-se de trabalho de sciencia e de erudição — em que a influencia genetica se revela indispensavel, — quando até no pro-

duto artistico, de criação tão pessoal e tão independente, e filiação de determinados antecedentes é axioma, que modernamente já ninguem discute? Phidias, Scopas e Praxiteles não produziram as obras primas, que foram a admiração da antiguidade, sem que a outros artistas devessem uma parte da divina inspiração, que os tornou imortaes. Como poderiam então ter dispensado Herodoto, Thucydides ou Xenophonte a colaboração dos outros escritores, que no mister de compor a historia os iniciaram?!...

Alem d'isso é o proprio Herculano quem confessa, na lealdade das suas citações, o que deve ao trabalho dos que o precederam dentro ou fora do país. Como se infere da mesma obra d'ele, eram-lhe familiares todos os historiadores alemães de maior vulto do seu tempo, e naturalmente aproveitou-os para a *Historia de Portugal*. Assim vê-se que conhecia: Rancke, o historiador do papado; Wilken, o historiador das cruzadas; Raumer, o historiador das Hohenstauffen; Eichhorn, o historiador do direito alemão; Pfister, o historiador dos teutões; Lappenberg, o historiador da Inglaterra; Schaefer, o historiador de Portugal; Lembke, o historiador da Hespanha; Niebuhr, o historiador de Roma; Savigny, o historiador do direito romano na idade media; e ainda outros que sou forçado a calar, por não querer demais alongar-me.

....

Pode dividir-se a obra historica de Herculano em duas partes logicamente conjugadas, mas de merito desigual, sem deixar qualquer d'elas de ser muito valiosa. São essas duas partes constituidas pelo que podemos chamar os *scripta minora*, onde se encontram as produções de menor folgo, simples esboços algumas, outras não mais do que notas de caracter apenas mais desenvolvido, e o seu *Magnum opus*, formado pelo *Portugaliae Monumenta Historica* e pela *Historia de Portugal*. Vai ver-se o que é e o que vale Alexandre Herculano como historiador, lançando não mais que um rapido golpe de vista, pelos livros que nesta dupla divisão encerram a nossa mais autorizada biblioteca para o conhecimento do passado da nação.

Nos «escritos menores» de Herculano incluem-se as suas *Cartas sobre a Historia de Portugal*, as duas memorias sobre o *Estado das classes servas na peninsula* e *Sobre a existencia ou não existencia do feudalismo nos reinos de Leão, Castela e Portugal*, e o belo livro sobre a *Historia da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal*. As memorias, a que acabo de referir-me, como se pode deduzir dos proprios titulos, são dois eruditissimos trabalhos de interesse geral peninsular, embora em ambos eles o nosso país tenha, como era natural, parte muito importante. São essas publicações destinadas a impugnar opiniões contrarias de historiadores castelhanos, de Muñoz y Romero com relação á primeira memoria, e de Cárdenas com relação á segunda, podendo por isso considerar-se, melhor do que como obras objectivamente didacticas, como escritos de polemica scientifica, mas no sentido mais elevado e mais grave que á palavra «polemica» se pode atribuir. Apesar da extensão de qualquer d'elas e da abundancia de sã erudição e de metodico criterio que as distingue, sente-se que cada um dos dois importantes estudos é apenas incompleto esboço de onde em momento oportuno, que infelizmente para nós nunca chegou, o seu autor saberia tirar duas verdadeiras obras primas de reconstituição historica, ao mesmo tempo paciente e luminosa, como todas as suas investigações.

A *Historia da origem e do estabelecimento da inquisição em Portugal*, que Herculano classifica modestamente de «tentativa», é um be-

lissimo livro, dos mais belos até que ele escreveu, tanto pela perfeição inegualavel, podia dizer escultural, da forma, como pela bem equilibrada proporção com que está repartido o assunto, e principalmente pelo generoso sopro de liberdade e altruismo, que lhe inspirou cada uma d'aquelas soberbas paginas, que só por si bastam para fazer o orgulho de uma literatura...

Pena foi que Herculano, que neste trabalho tanto se distinguiu pela maneira honesta como recorreu aos documentos, não tivesse podido conservar toda a sua serenidade ao escrevê-lo. Mas para que ele se não comovesse, diante do «terrivel drama de flagicios, que se protrae por mais de dois seculos», seria preciso que o seu coração fosse feito do mesmo bronze de que era caldeado o seu caracter. E Herculano, embora tivesse a rija tempera de um estoico, era sensivel como amoravel criança, porque era um bom! D'aí a fraqueza, profundamente humana, d'este livro de tão alta envergadura.

Não é pois de admirar que Alexandre Herculano, apesar da sua provada boa fé, tenha escrito com a pena molhada em fel a Historia da Inquisição em Portugal. O rubro clarão das fogueiras, que ilumina um dos recantos mais tristes e mais sombrios da nossa historia nacional, devia tê-lo horrivelmente ofuscado, para lhe fazer tremer a mão de ordinario tão firme!...

A importancia das *Cartas sobre a Historia de Portugal* reside sobretudo na circunstancia de ser o quadro d'elas mais vasto que o das outras publicações de Herculano, se bem que o seu conteúdo apareça muito mais concentrado e resumido. Ele proprio chama ao assunto da mais valiosa d'essas cartas «o resumo da filosofia da historia nacional». Por esta simples indicação se pode avaliar o interesse das paginas desambiciosas, é certo, mas tão cheias de luminosas sugestões, que o nosso grande historiador dedica ao seculo XVI, que para nós representa o inicio de uma decadencia, mal disfarçada pelos ouropeis que a cobrem.

O viço da arvore, diz Herculano no seu estilo fortemente conceituoso, dura algum tempo depois de se lhe haver entranhado o gusano no amago do tronco, porque as folhas nasceram e criaram-se quando a seiva ainda era pura».

Que lastima e que perda para este desditoso país, tão rudemente experimentado pelos duros reveses da sorte, que o nosso primacial escritor não nos pudesse ter deixado a historia do nosso *periodo aureo*, que em dois singelos traços de mestre com tanta verdade assim deixou caracterizado!

... tenho de me referir ainda ás duas obras capitaes do historiador. A primeira é o *Portugaliae Monumenta Historica*. Por ela principiarei.

Os monumentos historicos de Portugal», como Herculano os concebeu, delineou e levou á execução, são o preciosissimo repositorio das fontes da historia nacional até ao reinado de Afonso III, isto é, até os meados do seculo XIII. A sciencia, a erudição e a paciencia, digna de um beneditino, que estão amontoados nesta publicação magistral, não se descrevem nem facilmente se imaginam. Externamente os *Portugaliae Monumenta Historica* são pautados pela colecção analoga dos *Monumenta Germaniae Historica*. Mas no fundo que diferença a favor da colecção portuguesa! Na Alemanha uma geração inteira de sabios e de investigadores trabalhou para os *Monumenta Germaniae*. Em Portugal um homem só tudo fez, desde a fatigante busca dos documentos e das operações mais enfadonhas da euristica até á redacção dos doutissimos prologos, que antecedem cada uma das secções da colecção,

sendo alguns d'eles verdadeiros tratados sobre a materia, como o que serve de apresentação aos *Livros de Linhagens!* Quem se não sentir tomado de profundo respeito e de admiração sem limites diante d'este esforço prodigioso, que presupõe um obreiro tal como o mundo nunca mais viu, não é digno sequer de chegar ao adito da sciencia, quanto mais de lhe entrar nos sagrados penetraes...

Em pais algum, que eu conheça, existe uma maravilha assim de diligencia e trabalho, e para mais realizada em tempo relativamente tão curto. Um Guizot, um Ranke ou um Mommsen são grandes, não ha duvida, mas as obras que nos deixaram representam o produto da colaboração de muitos, que directa ou indirectamente para elas contribuiram, e com relação aos dois ultimos importam balanço de vida prolongada, em trabalho continuado, até á idade mais vetusta. O nosso Alexandre Herculano, muito novo quando organizou os seus livros, não teve quem o ajudasse, porque o principio da divisão do trabalho, aplicado á historia, não se conhecia então em Portugal. Grande parte do seu precioso tempo absorvêu-lh'o o mister ingrato da preparação dos materiaes com que havia de levantar o edificio, cuja traça ele ia gizando ao mesmo tempo, porque Alexandre Herculano foi sempre, emquanto a pena lhe não caiu das mãos, o arquitecto que concebia o plano e o trolha incansavel que á custa da mais dura fadiga ia amontoando uma a uma as pedras, já facetadas e prontas, para a primorosa construção.

Não admira por isso que, esgotado por tão sobrehumana faina, já no adiantado declinar dos anos, a vida lhe tivesse aparecido como um custoso e talvez inutil sacrificio, passada toda — sossegada e monotona — na convivencia dos frios codices e dos poeirentos in-folios, «sem ele saber nunca o que a mocidade tinha de gozos, a idade viril de ambições e a velhice de vaidades». Nesta sua quasi lamentação, repassada de profunda tristeza, sente-se ao cabo da trabalhosa jornada, que ia findar, o grito de revolta da natureza a reclamar os seus imprescindiveis direitos, que nem mesmo em nome do genio lhe podem ser postergados...

....

... Mas as tentativas para a constituição de uma verdadeira sciencia da historia continuavam. Não bastava a meia solução dos hibridos sistemas, conhecidos pelo nome de «filosofia da historia». Era preciso de vez encontrar o terreno firme, que a esta sciencia devia ser dado como base. O «facto-acontecimento», costumado material dos antigos historiadores, com toda a feição contingente do seu caracter episodico e efemero, ia ceder o passo ao «facto-instituição», unico ponto de apoio, pela sua estabilidade persistente, para nele assentar o estudo scientifico da vida da humanidade. Perdia-se o drama, não ha duvida, com todas as empolgantes peripecias, que tinham feito palpitar de emoção outras gerações de leitores. Mas ganhava a verdade pela descoberta das leis, que devem fazer da historia uma disciplina tão positiva como as sciencias naturaes. Entre os dois processos Alexandre Herculano, com o seu claro espirito, não hesitou. A composição da *Historia de Portugal* é d'isso cabal demonstração. Não pôs completamente de parte, porque não poderia fazê-lo sem desfigurar a sua obra, o elemento individual, episodico, da epoca que pretendia reconstituir com vida e *fisionomia* acertada. Pelo contrario, dedicou-lhe as indagações mais profundas, obrigando a surgir da sombra das lendas á luz clara da realidade muitos pormenores desconhecidos ou deturpados, que passaram depois de devidamente corrigidos a ocupar o seu lugar definitivo na historia da nação. E com que mestria e perfeição ele realizou esta metade do seu

trabalho sabem-no todos os que tiveram ocasião de ler algumas paginas dos dois primeiros volumes da *Historia de Portugal* e as sapientissimas notas que os acompanham. Ha ai trechos que teem de ficar como verdadeiros quadros de incomparavel colorido. O final do primeiro tomo, por exemplo, em que se sintetisa a acção governativa de Afonso Henriques, é um d'esses trechos.

Mas reconhecendo a fragilidade do instavel elemento individual para sobre ele constituir scientificamente a historia, tal qual ele a concebia — tão diferente do que a tinham compreendido a antiguidade e a Renascença — Alexandre Herculano, distanciando-se muito de quasi todos os seus contemporaneos, sem excluir alguns dos mais ilustres, deu a essa primeira parte da sua obra, como indispensavel correctivo e como compensação, o estudo até hoje sem rival entre nós, e nunca excedido no estrangeiro, da primitiva vida portuguesa na evolução das suas instituições sociaes. A historia do regime municipal do país, a investigação dos elementos constitutivos da nossa população, a destrinça das tradições romanas e germanicas no direito popular — civil e fiscal — da gente portuguesa, o exame aprofundado do colonato e da servidão, a analise minuciosa da indole dos foraes nas suas relações com o direito publico local, tudo isto e muito mais, que por brevidade sou forçado a omitir, constituiu o digno se bem que incompleto epilogo da historia da civilização nacional nos seculos XII e XIII, que assim deverá ser com justiça apelidada a *Historia de Portugal*.

E para demonstrar que a historia das instituições não é menos dramatica do que a historia dos individuos, e que tambem são de molde a despertar a emoção as vicissitudes tempestuosas, que no seu impiedoso embate arrastam tantas formas sociaes do passado, incapazes por decrepitude de continuar a cumprir a missão que um dia chamou á existencia, deixou Alexandre Herculano, á maneira de testamento literario, exactamente no fim do seu livro quando ia quebrar sem remissão a pena de historiador, esse capitulo eloquente, singelamente intitulado *Vestigios das rebeliões e lutas dos concelhos*, ao mesmo tempo epico pela majestosa grandeza do entrecho e comovedor pela tristeza — a melancolica poesia dos ocasos — que o tinge de quasi profetico clarão. Ao despedir-se com amarga saudade, mas conformado e resoluto, depois da sua hora bem ganha de canseira, do sacerdocio augusto que com tanta elevação exercera, o nosso eminente historiador quis deixar ainda nessa formosa pagina de adeus aos seus estudos predilectos, um programa de trabalho e de sã orientação para os que desejassem no futuro continuar-lhe mais animosos a obra».

Por ultimo, leu a sua vibrante oração o Sr. *Cristovam Aires*, que tomara como encargo falar de Alexandre Herculano *poeta*. Eis alguns trechos:

«De ferro, de bronze, de ouro e de esmalte é feito o pedestal de gloria em que a imortalidade assentou a figura majestosa de Alexandre Herculano.

O ferro acerou-o ele nas mais levantadas e vigorosas polemicas que ainda honraram um batalhador da pena e da palavra.

O bronze fundiu o seu genio de historiador, que vivificou a historia á luz da critica, debastando-a de lendas absurdas e firmando-a na verdade documental, depurada no cadinho de uma investigação austera.

O ouro scintila nas suas novelas, onde revivem a tradição nacional e os sentimentos mais caracteristicos da velha alma portuguesa.

E o esmalte de toda a sua obra está na sua produção poetica, que, se não é a mais vasta, é todavia a que doura de uma luz pura toda

a sua juventude, e nos dá a explicação d'essa atmosfera de religiosidade que envolveu a sua vida, comparavel á d'esses santos da idade media, — que começavam por amar por batalhar, por sofrer, e iam terminar os seus cansados dias no recolhimento e na meditação.

Essa feição especial da sua obra quero-a encarar, numa rapida invocação de tudo que representa de cavalheiresco e de mistico essa figura medieva, que tanto impressionou a imaginacão e tanto concitou o respeito de quantos o conheceram em vida, e que, neste momento, como que dá o cunho solene de uma apoteose cristã a este centenario em que vibra unisona, — até nas maldições e doestos, — toda a alma de uma nação.

Herculano poeta explica-nos o Herculano historiador e novelista, e até o panfletario politico. Num, refulge toda a poesia grandiosa da nossa historia, de que ele foi cabouqueiro, operario, artifice, arquitecto, escultor, pintor, imageiro, e que deixou de ser nas suas mãos a esteril e convencional narrativa de factos, nem sempre comprovados, para se impor pelo criterio sociologico no estudo dos fenomenos e das leis que os regem. Noutro, encanta-nos e nos deleita a doce poesia das nossas lendas; surgem aos nossos olhos as epicas e ideaes figuras d'aqueles que batalharam, amaram e padeceram para converter um pequeno condado num reino e nele criarem uma grande nacionalidade, com todos os caracteristicos do sentimento comum e da raça. E até no batalhador da imprensa e do panfleto os temas são o que em todos os tempos afagaram e agitaram a imaginação poetica da humanidade: — a liberdade, o bem, a religião pura, a justiça absoluta. — que na vida nacional portuguesa necessario era que fossem agitados, na epoca turbada e fratricida em que Herculano cantou, com os sentimentos proprios, os males da patria, em que, desde bem novo ainda, tivera larga partilha.

E a poesia, como toda a arte, tem o quer que seja de divino e misterioso que leva a entender na natureza o que nela é o seu sentimento e a sua alma; a vêr o que o vulgo não vê, a ouvir o que outros não ouvem, a sentir o que outros não sentem, e a adivinhar, a compreender o que está atrás, dentro, alem, em volta das linhas, das formas, das côres — longe do alcance dos sentidos; alguma cousa que nos dá o sentimento mistico nos quadros de Boticeli e Vinci, de grandioso e esmagador no obra de Miguel Angelo, do sentimento do infinito nos quadros de Rembrandt, de torturante nas esculturas de Rodin, de eternamente humano na obra de Shakespeare, de fresco e transbordante de seiva na de Robert Burns, de pavorosamente belo na de Dante, de profundamente nacional, pela intensão e pelo sentimento, na de Camões!

O sentimento artistico é esse sentimento, como que sobrenatural, que nos leva a entender, sem o querermos explicar, esse laço misterioso que liga o passado ao presente, as causas aos efeitos, os fenomenos ás leis; essa força que torna essas leis imperiosas; essa aspiração instintiva á beleza, á perfeição, á harmonia, ao saber; esse dom de criação que faz do homem o eterno Prometeu, que continua roubando ao Criador os segredos da sua arte omnipotente, mas fica sempre acorrentado ao rochedo da fraqueza humana, — roidas as entranhas pelo abutre da duvida e da incerteza, perante o Incognoscivel, que jámais será conhecido, mas sentido apenas, com um sentir cada vez mais vivo e mais fundo, através da poesia misterioso das cousas».

. . . .

Espirito vasto e cheio de misterio, como o mar que a tantos seculos embala os nossos sonhos; alto e imponente como as cordilheiras

do Herminio, onde, com as aguias altaneiras, mais alto pairam ainda as lusas tradições; luminoso, criador, fecundo como o sol que torna o chão português privilegiado na terra. — não só domina o seu tempo, mas a nossa historia. Antero de Quental põe Herculano tão alto como Camões, para o apreço da mocidade.

Foi um titan; ciclopico foi o seu trabalho: — de mineiro, arrancando blocos de pedra, gigantescos como os que formam os dolmens e os *menhirs* prehistoricos; de canteiro, acurvando as arcarias e dentando as poderosas ameias dos castelos medievos; de forjador e fundidor, forjando o ferro e fundindo o aço, com esse poder sobrehumano com que Siegfried fez sair da forja o seu gladio invencivel! Mas o que ha de mais belo na sua obra é o que seu estro produziu, quando, na quadra bela da sua mocidade, no doce alvorecer da vida, abriu as asas serenas sobre as ondas convulsas das paixões humanas, como o alcione ou o albatroz por sobre os cachões do indomito oceano.

E se toda a obra admiravel de Alexandre Herculano ficou para dar á alma portuguesa a consciencia da sua grandeza no passado e do seu alto destino na terra, os seus poemas ficaram representando nas letras patrias a resurreição do espirito cristão e livre, cuja emancipação significa a emancipação de um povo e de uma raça!».

XXXVI

Na mesma noite de 28 realizara-se na Camara Municipal de Lisboa a sessão de homenagem a Alexandre Herculano sob a presidencia do Sr. Anselmo Braamcamp Freire.

Ao abrir a sessão declarou o elevado fim: comemorar a memoria do grande escritor e as suas obras imortaes, e tratar-se-hia de um cidadão de caracter integro e das mais altas qualidades civicas. A assistencia era numerosa de homens de todas as classes e muitas damas. Na galeria tocava a banda do corpo de marinheiros.

O primeiro a falar foi o Sr. Dr. Manuel de Arriaga. Acompanharei o seu discurso, como os dos demais oradores que abrilhantaram esta notavel sessão, pelos extractos fieis que li nos periodicos noticiosos do dia seguinte. Ao começar o seu discurso, o Sr. Dr. Arriaga foi recebido com uma vibrante salva de palmas. Eis o que, em resumo, eloquentemente disse:

«É o quinto centenario a que ele vae com a sua familia prestar a homenagem da sua palavra. Concorreu para o centenario de Camões, cooperou para o centenario do maior estadista não só em Portugal, mas talvez do mundo inteiro, Marquês de Pombal. Cooperou depois no centenario do grande poeta Bocage e ultimamente no centenario d'esse grande orador e de grande alma — José Estevam.

Agora vem cooperar no centenario de Alexandre Herculano, aquele que mais de perto o toca no seu coração. Esse homem teve para ele uma grande fascinação, desde Coimbra, como Garrett e Castilho. Conservou se á porta d'ele, como á porta de um templo de gloria nacional. Não entrou, mas pediu aos seus amigos que lá entraram, que lhe dissessem se Herculano era a grande figura que ele tinha no seu coração. Esses amigos voltavam de lá fascinados. O mesmo lhe sucedeu com Castilho.

O orador demonstra que os nossos grandes homens tiveram todos os traços de afinidade com as grandes celebridades romanas. Prose-

guindo, descreve os feitos epicos dos nossos antepassados, para chegar á conclusão de que justo motivo de orgulho é ser português. Quem fez, pergunta ele, a grande civilização? Quem abriu os mares? Quem descobriu os povos de alem-mar onde hoje existem grandes nações? Foram os pobres lusitanos. Quem foi o seu cantor? Camões. Quem foi o seu filosofo? Herculano. A nossa inclinação é para a grandeza, grandeza epica. Quem no-lo ensina? As nossas montanhas. A nossa tendencia é para o amor. Quem no-lo ensina? Os nossos homens.

Foi um dia a uma festa de gala em S. Carlos. Que grande tristeza! Viu homens carregados de ouro como nenhum dos grandes epicos do passado teve, mas no fundo ... que miseria de homens, os grandes lusitanos do passado!

Depois o orador descreve, com entusiasmo, Pedro Alvares Cabral, Afonso de Albuquerque, Padre Antonio Vieira, Frei Tomé de Jesus, Frei Bartolomeu dos Martires, isto para mostrar que fomos fortes contra os elementos, contra os homens, contra a palavra, que temos ternura como ninguem.

O Sr. Dr. Manuel da Arriaga trata por fim do conflito que levou Herculano a não voltar á Torre do Tombo e lê trechos da carta com que o grande escritor se despediu da Academia das Sciencias, para fazer a demonstração do caracter moral do grande historiador.

Emquanto, diz o orador, a justiça esteve entregue nas mãos de um só homem, nas mãos de um rei, não se prestou justiça a Camões, a Pombal. É preciso colocar a patria na consciencia publica para que termine a verdade, a justiça e o direito».

Em seguida tem a palavra o Sr. Dr. Carneiro de Moura, que disse:

«Alexandre Herculano, pela disciplina mental do seu espirito, pela austeridade da sua vida, pela epoca em que viveu e pela influencia que ha-de exercer na sociedade portuguesa, bem merecia a consagração que se lhe prestava. A razão da nossa decadencia está no longo habito de obediencia á tutela deprimente das oligarquias ou seitas que ha muito dominam em Portugal, e contra as quaes Alexandre Herculano tanto protestou.

É grande o povo inglês porque o Estado britanico não tritura o valor individual sob o pretexto de uma fementida tutela, ao serviço das castas de governo.

É grande o povo inglês porque é livre. Só a liberdade pode dar grandeza e expansão aos povos. Alexandre Herculano foi um dos portugueses de maior valor, porque desprezou a tutela do Estado; não quis ser par nem ministro, não quis fardas, nem librés. Quis muito mais; quis ser um homem livre. É que nos povos onde a ambição pessoal se manifesta pelo desejo de ser mandão ou mandarim, como na China, na Russia, na Turquia ou em Marrocos, aparece outra degradação maior, e é a das multidões adstritas á crença de que a disciplina social só se mantem pela obediencia de escravos. Por isso Alexandre Herculano, depois da sua emigração, volta á patria, fervoroso apostolo da liberdade, porque havia reconhecido que nos povos ricos e progressivos, nem ha a mania do mando, nem a abjecção da obediencia ao serviço de castas ou de pessoas. A maior grandeza do homem está em governar-se e conhecer-se a si mesmo. É pigmeu o homem que confia mais na farda com que o enfarpelam de ministro, do que nas proprias virtudes.

Por isso, grande é a lição que ha-de provir da celebração que estamos fazendo do primeiro centenario do nascimento de Alexandre

Herculano, o homem forte que acreditou mais no seu valor pessoal e no do povo português, do que nas lantejoulas da casta do poder.

Alexandre Herculano nasceu em epoca de profunda agitação nacional. Tendo fugido para o Brasil a familia reinante; a nação, entregue a si mesma á extorsão das castas privilegiadas, debate-se na pobreza e na ignorancia. O espirito dos enciclopedistas começava a agitar alguns homens cultos da nossa terra, e esta agitação tornou possivel a revolução de 1820, que foi a escola inicial de Herculano. O futuro historiador estudara com as humanidades classicas a alma grandiosa da idade classica. E quando a revolução foi aproveitada pela rivalidade dinastica, Herculano, comprometido no movimento liberal, foi obrigado a deixar a patria, onde imperava o despotismo. Percorreu os centros cultos da Europa, com Garrett, conheceu a escola romantica de Goethe, de Byron, de Chateaubriand; estudou os processos historicos de Nichbur, de Mommsen, de Thierry, de Guizot e de Macauly; avaliou as doutrinas economicas de Quesnay e de Ricardo; apreciou o direito politico da escola de Benjamim Constant, a filosofia cartesiana e a utilitaria de Bustham. Voltou á patria depois de assistir ao martirio da Terceira para se prender no cêrco do Porto, onde batalhou e teve fome. Mas aquele alto e recto espirito breve reconheceu que não o podia satisfazer aquela luta de inconfessaveis interesses, coberta com o pendão da liberdade. Alexandre Herculano amava o povo, acreditava na sua força e nas suas virtudes, sentia a opressão de que o povo era vitima, quer os seus tiranos fossem Torquemada, Loyola, Pina Manique ou Costa Cabral. É que só são grandes os povos quando se governam por si; não podem deixar de ser pequenos e mesquinhos os povos que se deixam governar por seitas, por oligarquias ou por ambiciosos como Bonaparte ou o Conde de Basto».

Tem depois a palavra o Sr. Dr. Cunha e Costa que declara, que em obediencia á presidencia e como prova de consideração ao povo de Lisboa, é que usa da palavra, mas será breve.

«A camara municipal decidiu associar-se ás manifestações prestadas á memoria de Herculano; deu uma demonstração insofismavel dos processos do partido republicano e da obra profundamente nacional que este partido está fazendo.

Todos que o ouvem, estão mais ou menos familiarizados com Herculano. As senhoras tendo chorado ao ler a sorte de Hermengarda ou Beatriz; os liberaes estremecendo de indignação ao ler os actos dos carnifices da inquisição; o catolico lendo, ao pôr do sol, o *Cura de Aldeia;* os jurisconsultos, lendo João das Regras; os militares, lendo a morte do lidador, e todos lendo as reivindicações do procurador Mendes Bugalho.

Tratando do caracter de Herculano, diz que ele não foi um democrata de nascimento. A força da sua razão estava com os homens do seu tempo, mas a sua consciencia estava com o passado, com a idade media, com cristianismo gotico, o cristianismo primitivo.

Herculano desenhou tão bem as suas figuras, que parece que viveu, que comeu e brincou com elas.

Mais ainda. Ele proprio parece encarnar-se em grande parte das suas figuras.

Depois, o orador, num repto oratorio, mostra como Herculano levantou o povo, esse desprezado e esquecido, mas que tudo faz e desfaz e que sempre tem salvo, e pode salvar, o país de todas as suas crises.

O Sr. Dr. Cunha e Costa trata da retirada de Herculano para Vale de Lobos, acumulando argumentos para demonstrar que esse facto não representou uma cobardia, mas foi, no emtanto, uma deficiencia mental.

Herculano viu o povo, mas não entreviu a acção da democracia.

No emtanto, Herculano é hoje mais preciso do que nunca.

É preciso pegar na sua tradição, rejuvenescê-la e completá-la. É preciso toda a energia do povo. É preciso fazer com o povo o que o pedreiro faz com um muro. Cada cidadão seja um adobe ligado com o cimento do patriotismo, para que ninguem possa anular um d'esses adobes sem pôr em risco todo o edificio.

Diz que a grande obra da humanidade deve ser: colocar a sciencia no lugar da revelação e substituir o Deus inerte por o Deus que o abriga a trabalhar.

Termina com uma exortação á memoria de Herculano para que volte em espirito para junto de nós e para que, com a mesma pena que escreveu a *Voz do Profeta* e a *Harpa do Crente,* escreva um hino que o povo possa entoar ao entrar na sua ultima batalha».

O ultimo a falar foi o professor, então vereador, Sr. Agostinho Fortes, que principiou declarando que discordava do modo de apreciar Alexandre Herculano como o tinham feito alguns dos oradores que o antecederam.

«Foi ele quem, na camara Municipal, propusera a celebração do centenario de Herculano. Não o fez por acaso, nem impensadamente; quis apenas aproveitar a ocasião para ir buscar um modelo para o que deve ser o nosso caracter e o nosso procedimento.

Herculano não foi, é certo, um diplomata. Não o podia ser. Mas o que ele foi, escencialmente, foi liberal.

Tem-se dito, tem corrido a lenda, que Herculano era intratavel. Não era tal. Era simplesmente orgulhoso porque conhecia o seu valor. Mas, ao contrario do que se diz, não se separou do povo. Separou-se apenas do Estado. Muitas vezes saiu do seu abandono para erguer a sua voz em favor dos oprimidos. A primeira vez que chorou em publico foi quando salvou do degredo perpetuo um desgraçado abandonado de todos. Era um bom.

Herculano deve ser como simbolo que deve guiar as nossas acções.

Portugal está á beira do abismo, proximo da queda. Pode salvar-se honrando a memoria de Herculano, mas honrando-a pela sciencia, honrando-a pelo trabalho e sobretudo pela integridade de caracter».

Escusado é dizer que todos os oradores receberam da assistencia aplausos repetidos e entusiasticos, sempre que apresentavam com delineamentos simpaticos e modelares a figura escultural do egregio Mestre.

O Sr. Braamcamp Freire encerrou a sessão depois das onze horas e meia, agradecendo aos oradores a sua brilhantissima cooperação e á assistencia a sua animadora e honrosa concorrencia Depois convidou todos a descerem á repartição do arquivo, a cargo do arquivista primeiro oficial chefe, Sr. Freire de Oliveira, que com a maior dedicação organizara a exposição bibliografica das obras de Alexandre Herculano, impressas e manuscritas. Esta exposição tinha sido inaugurada antes da sessão pelas oito horas da noite, contribuindo com grande dedicação para ela o primeiro oficial, Sr. Gomes de Brito, que, por enfermidade do Sr. Freire de Oliveira, está exercendo agora as funções de chefe.

No mesmo dia 28 ainda se realizaram mais duas reuniões comemorativas: uma na União Cristã da Mocidade, sobre a presidencia do major Sr. Santos Ferreira; e outra na Academia dos Estudos Livres, sob a presidencia do Sr. Paula e Melo.

O discurso proferido pelo Sr. Anselmo Vieira na sessão comemorativa dessa academia merece registar-se. Agradeceu as palavras que lhe endereçara o presidente e logo depois entrou na apreciação de Alexandre Herculano como romancista, como historiador e como cidadão.

«Diz que o egregio escritor como romancista é o autor de um romance notabilissimo: *Eurico*, que considera como a verdadeira reprodução de duas raças, a arabe e a goda, e ao mesmo tempo onde se desenvolve uma extraordinaria tese — o celibato do sacerdocio.

Expõe depois a largos traços as razões que determinam a perseguição da parte do clero contra Herculano e que foram a questão do celibato do sacerdocio, o milagre de Ourique e ainda, sobretudo, o desassombro e a independencia com que ele tratou as grandes questões, entre os reis, com os bispos e com a curia romana.

O Sr. Anselmo Vieira cita depois o perfil moral que Herculano traçou nas suas obras, dos papas Inocencio III e Bonifacio VIII, a forma por que ele interpretava o cristianismo como um dogma de igualdade e fraternidade entre os homens.

S. Ex.ª descreveu-o depois como historiador, dizendo que a sua *Historia de Portugal* é a mais importante de todas as obras de Herculano e a que mais alto levantou o seu nome.

O objectivo principal de Herculano com a sua «Historia» foi fazer um inventario honesto do nosso passado, chegando á conclusão de que as instituições do povo só teem poder para o reger, emquanto teem razão de ser, e que por circunstancias especiaes devem constituir a vida d'esse mesmo povo.

Tratou depois o conferente da origem da inquisição, seu estabelecimento em Portugal, sua acção social, atacando-a como causa primacial de todos os males que afectam a patria portuguesa.

Herculano era um livre cambista, afirma-o o orador, e um grande propagandista do fomento agricola, porque sabia que a base da riqueza de Portugal era a agricultura; como colaborador do codigo civil, tambem Herculano prestou relevantes serviços; a ele se deve a investigação da paternidade ilegitima e o estabelecimento do registo civil.

Finalmente o Sr. Anselmo Vieira aprecia ainda Herculano como cidadão e como soldado, pelejando pela liberdade, e termina, sempre muito aplaudido, com uma calorosa apoteose da patria».

XXXVII

Vamos entrar em o novo periodo de conferencias preparatorias para as solenidades a efectuar durante o mês de abril na Sociedade de Geografia, ficando deliberado que se realizassem no dia 5 para o Sr. Dr. Reis Santos, o qual discursaria acêrca do *centenario de Herculano e a sua significação*; no dia 9 para o Sr. professor Manuel de Oliveira Ramos, que falaria sobre *Herculano, historiador;* no dia 16, o Sr. Fidelino de Figueiredo, que apreciaria *Herculano, literato;* no dia 19, o Sr. professor Agostinho Fortes, que apresentaria a tese *Herculano, publicista;* e no dia 21, o Sr. Dr. José de Magalhães, que analisaria *Herculano, homem*. Mas, antes, no dia 4 realizar-se-hia na Escola Politecnica uma sessão solene, em que teriam participação lentes e alunos.

A esta sessão concorreram as autoridades civis e militares, os membros do Governo, muitos professores e estudantes e damas, que enchiam a grande sala destinada aos estudos quimicos. Presidiu o director, Sr. general Pina Vidal, que

proferiu elegante e patriotico discurso de encarecimento ás altas qualidades do egregio escritor, dos seus serviços ás boas letras e ao seu caracter. D'esse belo discurso traslado aqui o trecho seguinte:

«Herculea foi a sua envergadura (de Herculano) intelectual e moral, proporcionada á obra imorredoura que legou e que cumpre continuar, para que a patria de hoje não desmereça do seu berço ilustre.

Restabelecer a continuidade evolutiva da grande raça de que descendemos, quebrada por exuberancias de vitalidade, que, embora eternizando o nome português, provocaram o profundo esgotamento que, após seculos, ainda hoje nos aflige, eis o largo objectivo que Herculano não conseguiu atingir, porque excede as forças, mesmo herculeas, de um só homem.

Incompreendido do seu tempo, o grandioso vulto de Herculano, destaca-se firme, imponente, austero, de entre o redemoinhar das mesquinhas paixões que a seus pés se agitaram, e que de tão alto, com amarga tristeza, contemplou.

Mas, se o meio deleterio em que se produziu obstou a que os seus efeitos fossem proporcionados á grandeza dos esforços que a gerou, nem por isso a obra de Herculano se deve considerar esteril, porque revigorará quando seja compreendida; e a presença de nós todos, senhores, na festa da nossa Escola, modesta nos seus meios, mas imponente pela elevada intenção que a inspirou, induz-me á consoladora esperança de que não só dentro d'ela, mas onde viva um coração português, se encontrará quem retome a ferramenta caida das maceradas, venerandas mãos, do vigoroso obreiro.

Proseguir na obra de regeneração largamente traçada por Herculano, fazer nossa a sua grande alma, eis a intenção comum que nos trouxe aqui».

Seguiu-se o ilustre lente da mesma escola, Sr. Baltasar Osorio, que leu o discurso do qual vou copiar o que vae ler-se[1]:

«Herculano manifesta-se, revela-se ás vezes sómente numa frase, num periodo curto, outras, com o decorrer das scenas em que se movem os personagens que ele criou ou reviveu, com a exibição das paixões, com a mutação dos lances em que se encontram, as diferentes faces do seu grande espirito, como as de uma pedra preciosa sem jaça que reflectem a luz, manifestam sucessivamente as diversas modalidades do seu caracter sempre elevado.

Herculano tinha uma grande alma; dificilmente um grande talento se alberga numa alma mesquinha.

O carbone só reflete o sol quando é extremamenente puro. A alma do homem só emite esse raio de luz deslumbradora, que se chama o genio, quando contêm cristalizadas todas as suas nobres qualidades.

A alma de Herculano não era sómente nobre, era heroica; diferentes factos da sua vida fartamente, largamente o comprovam; são as acções cavaleirosas que se apraz em contar, são os heroes que ele se deleita em descrever.

É o lidador Gonçalo Mendes da Maia, morto numa refrega com os mouros, travada no dia em que celebrava o seu nonagesimo ani-

---

[1] O discurso do lente Sr. Baltasar Osorio foi elegante e esmeradamente impresso num folheto de 28 paginas, em 8.º, acompanhado da fotografia do busto de Alexandre Herculano.

versario. É o alcaide-mór do Castelo de Faria que cai atravessado pelas armas dos que o reteem prisioneiro, emquanto ele amaldiçoa o filho se entregar o castelo que lhe confiou el rei, e que os inimigos pedem para o resgatarem. É Eurico, o cavaleiro negro do *Monasticon*. É Mem Ramires da tomada de Santarem. É D. Afonso Henriques. É D. João I, a quem ele chama o maximo vulto da idade media portuguesa

São nobres esses heroes das lendas ou da historia; teem a nobreza que vem da coragem, que não falta aos mais desfavorecidos peões quando Herculano os coloca no tablado em que representam. O alfaiate Fernão Vasques do romance *Arrhas por foro de Hespanha, Mem Bugalho* do *Monge de Cister*, falam aos grandes senhores do seu tempo, quando as castas estavam ainda tão profundamente extremadas, com o desassombro, com o aprumo, com a altivez com que se dirigiam aos seus iguais.

As mulheres dos livros de Herculano, tanto as que se nos deparam envoltas na nevoa irisada de que as vestiu o poeta, visões que deslisam entre a realidade e o sonho, como Hermengarda, como aquelas em que bate em cheio a luz clara da historia, a infanta D. Teresa, mãe de D. Afonso Henriques, teem a decisão, a energia, a coragem que ele distribue á veneravel Cremilde, a abadessa alucinada, que sem vacilar, retalha e lacera a face das monjas para que os arabes de Tarik as não aviltem.

Até mesmo os truões, os pobres maninelos dos seus romances, sabem vingar se de um ultrage, elevam-se por um feito, manifestam por um acto, que as suas almas não são constituidas por amassadas vilezas.

O bobo que transita pela segunda parte do *Monasticon* vinga-se de quem o atropelou na rua; contribue para que seja queimado um fidalgo da côrte de D. João I. O jogral de Guimarães facilita a entrada do castelo aos inimigos de quem o mandou açoutar.

....

Quem por vezes envolveu as ideias num estilo solene como o dos trenos dos profetas, quem deu á prosa a gravidade e a sonoridade de uma fuga de orgão reboando pelas altas naves de uma catedral, mal se compreende que pudesse escrever a historia com a singeleza de Tacito, e *As instituições primitivas* num estilo que lembra os *Costumes dos Germanos* do mesmo escritor latino.

Pois foi Herculano quem expungiu as lendas e os milagres enredados na historia da patria, quem reduziu a proporções verdadeiras a batalha de Ourique, vista antes da sua obra através de uma amplificadora fantasia, foi ele quem fundou no estudo paciente e demorado dos documentos cancelados nos arquivos a historia de Portugal.

O amor pela verdade, a sinceridade, o escrupulo em não apontar um facto que não pudesse ser comprovado, uma hipotese que não fosse legitimamente induzida, revela-se a cada instante nas paginas d'essa obra notavel.

Apesar da rude campanha intentada contra ele, apesar da paixão evidente com que o agrediam os seus inimigos e adversarios, na maior violencia do combate, nunca nenhum dos que o atacavam apresentou qualquer prova de que Alexandre Herculano tinha falseado um documento, violentado a interpretação de um texto, sonegado um diploma. Nunca ninguem, absolutamente ninguem, pôs em duvida a existencia de algum dos muitos mil codices e monumentos de que Herculano se serviu.

Onde faltam as fontes historicas, as conjecturas são logicas e impecavelmente deduzidas.

As faculdades que admiramos nos poetas, a imaginação deslumbrante que permite na poesia deformar os factos e colori-los como quem vê a natureza, a vida, e as acções do homem através de um cristal multifacetado, essa qualidade, tanto mais admiravel quanto mais se exalta, mas que é adversa á obra positiva e ponderada do historiador, desaparece tão completamente em Herculano que poderia dizer-se com motivo que á aguia, imagem comum da elevação do genio, se lhe tinham paralisado as asas, e que descera voluntariamente á terra, para fitar nos factos e nos acontecimentos os olhos que por vezes se voltam para a luz deslumbradora do sol.

Maravilha a transição, a quem lê em seguida aos capitulos da historia em que se conta, com tanta simplicidade como sagacidade, como se foi desprendendo o novo reino de Portugal da velha monarquia leonesa, as trovas da *Dama do pé de cabra*, ou qualquer dos lindos quadros dos costumes portugueses do seculo XIV.

Um povo precisa conhecer a sua historia, não só para saber o passado mas para compreender o presente e nortear o futuro.

Teria a consagração secular, a gloria ao nascer do seculo XX, o historiador que se entretivesse a referir que Jesus Cristo descia a um campo de batalha para assegurar uma vitoria, a de Ourique, ou que S. Tiago combatia os mouros em Clavijo ao lado dos valentes cavaleiros hespanhoes?

A historia da conquista de Lisboa estava enramilhetada com milagres. Os mouros que a defendiam não podiam tragar os poucos alimentos que lhe restavam, tão decompostos e apodrecidos eram, depois de um cêrco prolongado; mas os mesmos se volveram em apetitosos e fragrantes, depois da entrada dos portugueses comandados por D. Afonso Henriques. Os pobres mosarabes, que compunham uma boa parte da população da cidade vencida, gritavam pela Virgem e pelos santos perante as crueldades e crimes dos normandos, alemães e flamengos, aliados do rei de Portugal para a conquista de Lisboa; pois esse clamar de gente cristã pelos seus padroeiros foi explicado, como uma conversão subita, por aqueles que escreviam a historia iluminando-a com prodigios, fundindo-a com crendices.

A historia só pode escrever-se possuindo uma independencia absoluta de caracter, e os volumes da *Historia de Portugal* escrita por Herculano provam da maneira mais inconfundivel como era o seu cheio de isenção, de inteireza e de amor pela verdade.

. . . .

Á maneira do bronze que depois de fundido correu para o molde, e de materia informe é depois convertido em estatua, assim passaram as ideias de Herculano do seu cerebro para a pagina, ergueram perante o nosso espirito a individualidade, que não é a que ele figura, a de Afonso Domingues, o velho arquitecto do Mosteiro da Batalha, mas a do proprio Herculano.

. . . .

Acrescentarei ainda, que tendo-se Herculano batido pela liberdade no cerco do Porto, e nos campos de batalha, poderia repetir motivadamente a frase escrita nas lanças dos cavaleiros de Aljubarrota. Como Afonso Domingues que voltou a construir o convento fundado

por D. João I, por determinaçãe expressa d'este rei. Herculano continuou a escrever a *Historia de Portugal*, abandonada pela primeira vez quando lhe fecharam os arquivos publicos, porque D. Pedro V lhe pediu que a continuasse.

Mas eis o que foi a forma, e o busto me diz que até nas feições Herculano se parecia com Afonso Domingues.

Retratando o primeiro arquitecto da Batalha, copiando talvez d'essa estatueta gentil que pousa sob uma misula de renda de pedra da casa capitular, diz Herculano:

«As faces eram fundas, as maçãs do rosto elevadas, a fronte espaçosa e curva, e o perfil do rosto quasi perpendicular. Tinha a testa enrugada, como quem vivera vida de continuo pensar ...»[1].

A brilhantissima oração do Sr. Baltasar Osorio termina com estas memoraveis palavras:

«Conta-nos a historia que as nações desaparecem e que a vida dos povos se extingue como a dos individuos, mas que a sua alma fica perduravel, e emerge dos cataclismos sociaes.

A da Grecia antiga, por exemplo, existe nos seus poemas heroicos, nas obras teatraes, nos discursos dos seus grandes oradores, nos torsos de marmore de Paros, em que a escultura refere a sua maior vitoria.

Quando o nosso país tivér morrido, quando do mosteiro de Belem, aonde repousa Herculano, restarem apenas as colunas da sua igreja, erguidas no espaço, semelhantes á mastreação de uma velha nau encalhada na praia, e que o tempo se encarregou de petrificar, quando o viandante vier e disser, *Hic Lysia fuit*, alguma cousa do que fomos flutuará ainda, insubmersivel no naufragio da patria — os *Lusiadas*, e a *Historia* em que Alexandre Herculano descreveu a infancia robusta de um povo que se criou nas guerras, que na idade viril traçou os roteiros dos mares do globo, e que com a ponta da lança escreveu o nome «Portugal», nas cinco partes do mundo».

Depois ainda falaram os Srs. Antonio Pinto Teixeira e Rui Pinheiro, ambos estudantes. O primeiro referiu-se ás qualidades e ao talento extraordinario do egregio escritor, e o segundo, que pertencia á comissão organizadora d'essa solenidade na Escola Politecnica, para agradecer a todas as pessoas que concorreram a abrilhantá-la e especializando as damas, que lhe davam notavel realce.

XXXVIII

Entramos na serie das novas conferencias realizadas na Sociedade de Geografia de Lisboa, sob a presidencia do que foi ilustre e benemerito, Consiglieri Pedroso. Foram muito concorridas.

O presidente, ao inaugurá-las e apresentando o primeiro conferente, declarou que os intuitos d'estes preliminares indispensaveis para a celebração do centenario de Alexandre Herculano eram inteiramente populares, pois eles dariam á

---

[1] *Lendas e Narrativas*, 10.ª ed., tomo II, pag. 224.

alma do povo os delineamenros da obra e da figura do grande historiador. Essas conferencias impunham-se, e revestiriam de uma importancia que de certo não passará despercebida. Todas formariam um conjunto a dar a ideia precisa e nitida do que representou Alexandre Herculano. Aos conferentes não fôra recomendado o ponto de vista sobre que deveriam encarar o egregio historiador. Isso seria atentar contra a independencia e liberdade dos mesmos conferentes. A cada qual, portanto, caberá igualmente a responsabilidade das opiniões que se emitirem.

Tem a palavra o Sr. Dr. Reis Santos, e seguirei, como nas antecedentes sessões, o resumo publicado.

«O esclarecido professor explicou que a ideia do centenario fôra anunciada ali, na Sociedade de Geografia, haveria talvez um ano, pelo Sr. J. Cardoso Gonçalves, numa sessão da Liga da Educação Nacional.

Semanas antes, o Sr. Agostinho Fortes apresentara, em sessão da Camara Municipal de Lisboa, a ideia de se levantar na cidade um monumento a Herculano.

A ideia espalhou-se e insinuou-se, e de ahi a pouco não tardou que a academia colaborasse nas manifestações em projecto.

Então o Sr. Consiglieri Pedroso teve a feliz lembrança de convocar uma sessão em que comparecessem todos os elementos dispersos que pretendiam prestar homenagem ao grande vulto da patria portuguesa, a fim de se concentrarem e unificarem todos os trabalhos.

D'essa reunião nasceu uma comissão e logo se fixou a orientação a dar aos festejos, decidindo-se imprimir a estes um caracter acentuadamente nacional, e que ficasse como uma manifestação consciente de regeneração.

Varios numeros tem constituido esse programa, que apresentou uma novidade; isto é, iniciou-se com uma visita ao tumulo de Herculano e fechará um mês depois com um grande cortejo civico, tendo havido no decurso d'esse lapso de tempo diversas comemorações, prestadas tambem por diversas entidades.

Já se manifestaram: o Parlamento, a Academia das Sciencias, a Escola Politecnica, a Academia de Estudos Livres e agora está-se realizando com aquelas conferencias, que, ele orador, tem a honra de inaugurar, um trabalho de preparação para o fecho do ciclo de trabalho em homenagem ao vulto que se consagra.

Trata-se, como disse muito propriamente o Sr. Consiglieri Pedroso, de popularizar a obra e a figura de Alexandre Herculano, a epoca em que viveu e os diferentes aspectos sobre que tem de ser encarado. Nada, por conseguinte, de mais pratico e de mais consciente.

Ainda antes de entrar propriamente no assunto da sua conferencia, o Sr. Dr. Reis Santos define o que é «grande homem», antigamente considerado como um eleito da providencia, como um ser predestinado. Depois, mostra que, tratando-se de celebrar um centenario, deve atender-se á pessoa que se consagra e a sociedade que vae fazer essa consagração. No caso presente, tem-se, de um lado Herculano, do outro a sociedade portuguesa. E, para se compreender o consagrado tem de se procurar ser justo e ser sincero. É isso que o orador se compromete a realizar.

Então, o Sr. Dr. Reis Santos faz uma larga digressão desde os tempos da Grecia, a demonstrar como a civilização ahi nascida veio a influir, sobretudo com a intervenção posterior de Alexandre o Grande, no destino e modo de ser dos povos, até o individualismo criador do seculo XVIII e á Declaração dos direitos do homem; fala da influencia das invasões napoleonicas e da independencia do Brasil no modo de

ser do nosso país; e descreve as pugnas pelas liberdades durante o periodo em que viveu Herculano, de 1810 a 1877, e a crise permanente em que o país se tem encontrado de 1890 para cá.

Acha então o orador — concluindo de uma forma brilhante esse seu estudo — asada a ocasião de falar de Herculano, e assim, desenha-o em Rennes, onde ele sente e compreende o espirito civilizador moderno e onde assimila as grandes doutrinas do principio da liberdade humana. Ao regressar a Portugal, Herculano preconiza esses principios e ao elaborar a sua historia ele pretende criar no país a alma nova que se lhe insuflara lá fora. Ao fazê-lo, não por diletantismo mas por amor patriotico, Herculano esforça-se para transmitir a orientação moderna recebida, ao nosso país imbecilizado ha tres seculos e avança sobre o proprio Mousinho, o construtor do Portugal moderno, que só assimilara as extremidades da civilização estrangeira.

Herculano, porém, não consegue ser compreendido; não cria discipulos e então refugia-se, retira-se para Vale de Lobos, por um sentimento mixto do estoico e do cristão. Se fôra simplesmente estoico teria feito estalar os miolos com um tiro. Essa retirada é um acto digno, nobre e levantado; é mesmo uma afirmação de protesto contra uma sociedade que o não compreendia e contra a marcha dos negocios publicos sancionada por essa sociedade.

Nós os homens de hoje, aplaudindo esse acto, não devemos, no emtanto, imitá-lo. A epoca á inteiramente outra, e o caminho é para a luta; o nosso posto é na brecha. A regeneração da sociedade portuguesa ha-de mesmo fazer-se como Herculano a indicou — o que é sobremaneira curioso, volvidos tantos anos. E a provar o seu asserto, o Sr. Dr. Reis Santos lê trechos de uma correspondencia trocada com Oliveira Martins, em que se expõem principios de uma flagrante oportunidade. Sobre a leitura d'esses trechos o ilustre conferente conclue o seu valioso trabalho, preconizando a necessidade de se criar um Portugal novo por meio de um ideal colectivo, consciente e superior».

A segunda conferencia na Sociedade de Geografia, como indiquei, coube ao ilustre professor Sr. Manuel de Oliveira Ramos, que tambem teve o prazer de ver a sala bem povoada de ouvintes atentos.

Ia discursar acêrca de Alexandre Herculano *historiador*.

«O conferente expôs como se fazia historia na Alemanha e na França nos fins do seculo XVIII, afirmando que as sciencias historicas diferem das sciencias administrativas, e na renovação da historia Herculano apareceu como um escritor verdadeiramente europeu, em virtude de não ter sido estranho ás influencias estrangeiras.

Cinge-se em seguida aos historiadores romanos e á maneira de fazer a historia no periodo romantico, afirmando que a historia deve apenas, com naturalidade, tratar de conduzir a vida do passado e apresentar a fisionomia das multidões.

A renovação da historia criou um elemento poderoso, o povo, elemento que não aparece na historia antiga.

Referindo-se á *Historia da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal*, mostra quanto são injustos os criticos quando asseveram que este trabalho é deficiente.

Será possivel dar-lhe outra volta? Pergunta o conferente. É, sem duvida; mas deve-se reparar que Herculano restringiu a sua obra. Ele não escreveu a historia da inquisição, mas da sua origem e estabelecimento.

Referindo-se a um artigo de um enciclopedico, critica-o com justeza. Assim, tendo lido que se dava Herculano como um reaccionario e um absolutista ferrenho, demonstra tambem que pretenderam fazer d'ele o chefe de um partido avançado. Uns mostram-no como um beato, outros como um revolucionário, e ainda uns terceiros como um escritor subornado e cortesão.

Ora Herculano esteve longe de ser uma e outra cousa. Catolico, sem chegar ao fanatismo, era tambem um liberal, sem tocar o exagero. Por ultimo, o ilustre conferente apontou a correcção do seu caracter, e aconselha o professor e as mães a educarem as crianças no culto de Herculano».

A terceira conferencia estava confiada ao Sr. Fidelino de Figueiredo, que escolhera para tema *Herculano literato*. O erudito Presidente Consiglieri Pedroso quis apresentar o conferente á assembleia dizendo que ele podia ser apreciado como um dos mais distintos alunos do Curso Superior de letras, que soubera honrar tornando-se notavel entre os seus condiscipulos, mas decerto prenderia a atenção dos ouvintes pelo assunto que desenvolveria com fulgor. A Academia, que tão brilhantemente acompanhava os trabalhos da comissão executiva na consagração do grande vulto que se chamou Alexandre Herculano, não podia ter melhor representante naquele numero do programa da comemoração. Ao Sr. Fidelino de Figueiredo ia pois com grandissimo prazer dar a palavra.

O talentoso conferente, ao começar, agradeceu as amaveis e lisonjeiras palavras do presidente e á comissão executiva igualmente agradecia ter-se lembrado do seu humilde nome para se desempenhar ali de missão dificil. Sigo as notas de uma folha noticiosa publicadas no dia seguinte.

«Na nossa historia literaria, Herculano avulta sob tres aspectos, como critico — o que espera mostrar —, como poeta e como romancista. Porém todos estes tres aspectos o são de um mesmo fenomeno literario, o romantismo. Este pôs pé em Portugal após vinte e cinco anos de tardia literatura classica, e seguidamente esboça o que foi a literatura d'esse primeiro quartel do seculo XIX, representada nalguns dos seus principaes generos; a poesia, nas obras dos arcades já mortos, Dinis, Garção, Gonzaga, e dos que se tinham mantido estranhos a essa agremiação, como J. Anastacio da Cunha, Bocage, Filinto Elisio, José Agostinho de Macedo, e dos que por esse tempo se afirmavam, como Pereira Caldas, Maldonado, Torres e Castilho; o teatro na tragedia, grandemente imitado após o impulso da Arcadia — já para compensar a deficiencia d'esse genero, já porque era o genero mais cultivado no modelo, o seculo XVII francês — e na comedia inferior de satira e verrina, representado principalmente por Antonio Xavier; dos poucos romancistas de então, falou do padre Teodoro de Almeida, cuja obra o *Feliz independente* apresenta caracteres classicos e romanticos; finalmente a critica descera ás diatribes polemicas de José Agostinho de Macedo e á censura oficial. Citou numeros de edições para afirmar as preferencias do publico por certos autores.

Passando a ocupar-se do romantismo, historia a sua formação em França, porque foi da França que nós o importamos; partilhou a ideia da originalidade do romantismo francês, salientando como foram fracas as influencias sobre ele, inglesa e alemã, discriminando os seus principaes caracteres.

Tratando da sua importação para Portugal, procurou os factores nacionaes, que teriam ajudado o acolhimento do publico, e citou alguns

dados bibliograficos, traduções do estrangeiro, evidenciando a probabilidade do papel do *Feliz independente*, isto com algumas reservas. Para explicação provisória d'esta obra lembrou a circunstancia do seu autor ter estado em França. É uma obra já com alguns caracteres romanticos.

Após esta transformação literaria, o romantismo, — de que expôs as causas sociaes e literarias, e os seus caracteres — Herculano ocupou um papel proeminente, critico, poeta e romancista.

Por espirito de integralidade, bosquejou a divisão em epocas da evolução geral da critica portuguesa, desde Ferreira e o seu grupo, até a actual tentativa de aplicar o positivismo á critica. A quinta coincide com o romantismo, a qual se divide em dois periodos; de 1826 a 1837 e de 1837 a 1871. O primeiro, ou de preparação é preenchido pelo *Bosquejo* de Garrett e pelos trabalhos de Herculano no *Repositorio*, onde expõe a sua teoria de unidade, que era nem mais nem menos do que o presentimento do «momento» e do «meio» de Taine. A segunda inaugura-a ele, no *Panorama*, criando a historia literaria, segundo os processos de aproximações sociaes e comparativas, vulgarizadas por Schlegal, Stael e Villemain. É o primeiro que faz inferencias criticas das obras de Gil Vicente, recentemente publicada, Lopes de Mendonça e Rebelo da Silva continuam-no.

Como poeta, foi-o emquanto sentiu esse estado sentimental, e procede a um tempo de Lamartine, a quem deve a visão poetica, de Berger, de quem tomou o scenario tetrico, e de Alfred de Vigny, de quem recebeu a inspiração biblica. Passando a falar do romancista, expõe a teoria do romance romantico e mostra como a historia era agora diversamente encarada, constituindo por si propria um objecto, emquanto que o classicismo apenas a tomava, acessoriamente, como quadro. Fala da falta de psicologia dos romances de Herculano, da sua natural impossibilidade de se objectivar, sendo um romantico, salienta a sua proba reconstituição historica e alguns traços principaes da sua acção, dos seus personagens e composição.

Falando da sua influencia mostra como nem a inspiração biblica, nem o scenario sinistro, importado da Alemanha, podiam constituir escola; por isso só Soares de Passos, em parte, o seguiu, e Antero de Quental, nalgumas poesias, o imitou, na primeira mocidade.

O seu romance historico implantou-se; teve muitos sequazes, mas em breve foram obrigados a condescender com a decadencia do gosto e com a propria decadencia do genero.

O conferente não fez mais considerações de especialidade, como a estrutura interna das obras, comparações, por serem incompativeis com a exposição oral e com a brevidade de uma conferencia, e concluiu chamando a atenção da mocidade para o salutar exemplo moral da vida de Herculano».

Antes de terminar a serie de conferencias na Sociedade de Geografia de Lisboa o Directorio do partido republicano organizara outra independente das da comissão executiva e a primeira realizou-se no centro do mesmo partido, no Largo de S. Carlos, sendo convidado para esse fim patriotico o erudito lente do Curso Superior de Letras, Sr. Dr. Teofilo Braga.

«O ilustre conferente começou por explicar a significação de um centenario. De tempos a tempos as sociedades civilizadas necessitam fazer sinteses nas quaes envolvam os seus progressos e demonstrem o

seu avanço sob qualquer dos aspectos, intelectual, moral, material. Pela sintese mental dos congressos faz a humanidade o balanço do seu progredimento scientifico ou filosofico. Pela sintese activa das exposições industriaes a humanidade estabelece a demarcação no evolutir do progresso industrial. E emfim, pela sintese dos centenarios as sociedades humanas, a proposito de prestarem homenagem aos seus grandes homens, utilizam essas comemorações como um pretexto para exemplificarem as grandes figuras que se salientaram na especulação ou na acção, indicando esses grandes vultos como exemplos a seguir.

O centenario de Herculano presta-se, pois, á maravilha, a fazer o balanço mental, moral e politico da sociedade portuguesa. Um grande homem é aquele que sabendo interpretar as necessidades colectivas, põe o seu talento ou a sua acção ao serviço das colectividades.

....

O Sr. Dr. Teofilo Braga, demonstra depois a vantagem dos centenarios, exemplificando como do centenario de Camões derivou a fibração com que hoje ainda a sociedade portuguesa está sendo excitada.

Sucessivamente trata do centenario de Herculano, mostrando que um homem da envergadura do autor dos *Opusculos* não pode ser estudado independentemente do seu meio economico e social.

O estudo da epoca traz-nos imensa luz para explorar não só as suas obras, mas até os actos da sua vida pessoal. As inconsequencias do seu procedimento, as contradições entre as suas ideias e as suas obras, os saltos psichicos que nos apresentam as suas resoluções, tornam-se explicaveis, quando se estude o meio, isto é, quando se faça a historia do constitucionalismo com as suas degradações.

E o Dr. Teofilo Braga passa a estudar as invasões francesas, o periodo de 1810–1820, a implantação da Carta em 1826, a repressão miguelista, a vinda de D. Pedro IV, o cerco do Porto, onde Herculano se alista como voluntario da rainha, o constitucionalismo através do periodo setembrista, a revolução dos marechaes, o golpe de estado de Costa Cabral, etc.

Acentua como Herculano, vivendo na sua torre de marfim, nos cartorios e bibliotecas, foi sempre ludibriado, até que, desiludido, se retira a Vale de Lobos: e afirma que o seu individualismo, proprio de um intelectual que vivia mais na sociedade dos periodos historicos de que se ocupava, do que no meio asfixiante em que a sua existencia decorria, fazia por vezes atribuir a questões pessoaes, factos que tinham um alcance muito maior.

Assim, a questão do milagre de Ourique, que fez levantar o clero reaccionario contra ele, era na sua essencia um fenomeno de caracter social, reaccionario, que alvejava Herculano por ver nele o homem eminente, que pela sua dignidade e pela sua erudição era de temer. Herculano julgou ser o unico alvo dos ataques reaccionarios, quando na verdade não passava de uma tabela com que os clericaes jogavam, pretendendo ferir mais alto. O movimento de regeneração encheu Herculano de desilusões; e, não podendo por mais tempo permanecer num meio que lhe era profundamente antipatico, retirou-se.

O conferente explica por fim porque Herculano preferiu exilar-se e termina por estudar a obra do escritor, acentuando a grande soma do trabalho e o poder de erudição que caracterizaram esse sincero português, e faz votos para que o centenario que se está celebrando sirva de estimulo na revivescencia da nossa nacionalidade».

XXXIX

Coube a quarta conferencia na Sociedade de Geografia de Lisboa ao Sr. Agostinho Fortes e a quinta ao Sr. Dr. José de Magalhães; o ultimo inscrito na segunda serie e que tinha estudado *Herculano, o homem*.

Registarei o modo de pensar do Sr. Agostinho Fortes acêrca do egregio historiador quando, adiante, descrever o livro que este ilustrado professor lhe dedicou em comemoração do centenario. É obra bem delineada e bem escrita. A oração do Sr. Dr. José de Magalhães foi ouvida com agrado e aplauso.

Começou por notar as deficiencias dos documentos conhecidos relativamente ao estudo biologico e referiu-se ao que o Sr Dr. Costa Ferreira dissera sobre a antropologia de Herculano. No estudo psicologico encontravam-se, no seu entender, as qualidades carateristicas e dominantes que explicavam a vida intelectual e social do Mestre e formavam a unidade dos varios aspectos sob que se manifestam a sua multipla atividade, historiador, poeta, revolucionario, politico, romancista, jurisconsulto e economista. Marca alguns traços da sua fisionomia intelectual, mas diz que Herculano é o moralista que explica a manifestação intelectual e a acção social. Na sua adolescencia Herculano foi religioso á maneira dos profetas de Israel, a religião aparecendo-lhe inseparavel da moralidade e tendo esta como centro.

Mais tarde, a moralidade vae-se tornando independente e apresenta-se como um absurdo bastando-se a si proprio, servindo de fundamento a religião e esta áquela. Sobre este ponto ele é Kantista como tambem o é em proclamar a primasia da razão pratica sobre a razão teorica. Não é, porem, na filosofia especulativa, nunca admitirá a dualidade do tempo e do espaço.

A consciencia do dever e particularmente o sentimento da liberdade e o amor da patria explica o historiador, romancista e poeta, o soldado da revolução liberal e o economista. O sentimento de dignidade humana em si proprio e na pessoa dos outros; o amor fervente da liberdade individual — de justiça, o que é o respeito da liberdade alheia, constitue a qualidade — mestra, psicologia de Herculano. Nela se deduz toda a vida e toda a obra do grande homem. As duas maximas moraes de Kant foram as mesmas de toda a sua existencia.

Neste momento em que as instituições liquidam, começando pela liquidação dos caracteres, nenhuma figura melhor do que a de Herculano poderia servir de guia ás novas gerações».

XL

Foi muito notavel e digna de especial registo o sarau promovido pelos professores do liceu de Coimbra no dia 23, sob a presidencia do reitor Sr. Dr. Antonio Tomé, que proferiu uma alocução comemorativa do centenario de Alexandre Herculano e apresentou o conferente o Sr. Dr. FORTUNATO DE ALMEIDA, lente de historia e geografia do mesmo liceu. Este desenvolveu com elegancia e eloquencia a tese *Alexandre Herculano, historiador*, e começou:

> «Das tres grandes figuras do romantismo em Portugal disse um dos mais scintilantes escritores do seculo XIX: «Garrett foi a fantasia, Castilho foi a musica, mas Herculano foi o pensamento»[1]; e na ver-

---

[1] Manuel Pinheiro Chagas, em artigo de jornal reproduzido no *Dicionario Popular*, in verbo HERCULANO (Alexandre), tomo VI, pag. 280, col. I.

dade, se ninguem igualou Garrett no humorismo e no sorriso juvenil, vivo e delicado, das *Viagens na minha terra,* se é inexcedivel a suavidade e a harmonia lirica do autor da *Primavera,* a Herculano pertence de direito o primeiro lugar entre todos os que neste país versaram assuntos de filosofia social.

É bem complexa de aspectos a individualidade literaria de Alexandre Herculano. Historiador e romancista, poeta e filosofo, economista, critico e polemista, conseguiu quasi sempre elevar-se ás culminancias em que só as mais poderosas envergaduras intelectuaes podem librar-se nas asas do genio. Qualquer que fosse o assunto ou o género literario a cultivar, o conceito era sempre elevado e esplendente, como de intelecto que apreendia os problemas em toda a sua magnitude e os dominava com pulso de gigante.

As excepcionaes qualidades de espirito reflexivo e profundo eram servidas em Herculano por uma eloquencia que parecia não conhecer obstaculos, precipitando-se por vezes em caudaes que avassalam e senhoreiam, como as vagas alterosas do oceano dominam e subjugam os mais humildes rochedos da praia. O seu estilo é polido e reluzente como o aço, e de força comunicativa tão intensa, que nos arrasta numa vertigem de entusiasmo, como se em nossa propria alma se transfundisse uma onda do genio que o produziu. A linguagem é tão pura como a podemos encontrar nas melhores paginas de Bernardes, Vieira e Fr. Luis de Sousa; e, se não tem a singular elegancia, o fino burilado, o cinzelamento escultural da prosa de Latino Coelho, leva-lhe vantagem na espontaneidade da fluencia e na sumptuosidade da estrutura. É opulenta e variada; impecavel na propriedade dos termos; inesgotavel na riqueza do vocabulario; liberta das formas arrebicadas e convencionalistas do falso classicismo do seculo XVIII; facil, mas colorida e vigorosa, deslisando solene pelo curso da narrativa; acomodada a todos os matizes do pensamento; flexivel e pronta nos lances imprevistos da descrição; empolada e vibrante na objurgatória; grave como formula de sentença; indefectivelmente cadenciada e majestosa; sempre bela e encantadora, qualquer que seja o estado subjectivo que a inspira, trovejando iras, gemendo elegias, entoando hinos.

Deixando a outros o glorioso encargo de analisarem a individualidade de Herculano em suas multiplas feições literarias, quero falar-vos da sua obra como historiador, d'essa obra ingente, que, se não é isenta de defeitos, como o sol não é isento de manchas, brilha, todavia, no ceu da nossa literatura, como astro de primeira grandeza, e lançou Portugal na corrente de renovação dos estudos historicos, pondo-o a par do movimento que em trabalhos congeneres se realizava nos paises mais cultos».

Creio que não é preciso mencionar que, depois de ouvido com a maior atenção e no mais rigoroso silencio, o Sr. Fortunato de Almeida recebeu da assistencia calorosa e justa ovação.

XLI

Não foi menos notavel a sessão solene realizada por iniciativa da mocidade academica do Porto em homenagem ao egregio historiador no Teatro do Principe Real, a que presidiu o Sr. Antero de Araujo, vereador decano, na ausencia do presidente da camara municipal, Sr. Dr. Candido de Pinho, que estava doente.

Estavam representadas as autoridades civis e militares, corporações judiciaes, escolas, as classes comercial e industrial, a imprensa, grande numero de damas, e representantes dos estudantes de Coimbra, Viana, Aveiro e Lamego.

Pela importancia d'esta sessão, tomo d'*O Comercio do Porto* as extensas notas ai publicadas e que demonstram o seu brilhantismo:

«O Sr. Presidente, depois de manifestar a sua satisfação por assistir ás homenagens ao grande historiador, promovidas pela academia portuense, convida para ocupar os lugares de secretarios os academicos Srs. Armando Marques Guedes, de Coimbra; Eugenio Ferraz de Gouveia, de Lamego; Sebastião José Ribeiro, de Viana; e Alberto Higino da Ponte e Sousa, de Aveiro.

Em primeiro lugar é dada a palavra ao academico de medicina Sr. Mendes Correia, que diz ser a comemoração do centenario de Herculano uma afirmação de vida por parte da sociedade portuguesa e uma grande apoteose á liberdade, demonstrativa de que o povo do Porto não renega as suas tradições.

Põe em destaque o facto de a esta cidade, terra de honradez e amor ao trabalho, ter pertencido a honra e gloria de haver tido Herculano como seu representante em côrtes.

Divaga sobre o grande principio da liberdade, pela qual tantos derramaram o seu sangue, e apresenta o insigne escritor como um homem absolutamente livre. E depois de analisar varios aspectos de Herculano como politico, historiador, poeta e como homem de sentimentos e fé cristã, volta a falar da liberdade, que ele tanto amou, dizendo ter esperança de que do centenario que agora se celebra venha a aparecer a alma transfigurada de um povo que não quer morrer.

O academico conimbricense Sr. Marques Guedes expõe ter vindo ali pela necessidade espiritual e imperiosa de se irmanar com os academicos e associar-se áquela festa perante o gesto dos portuenses, que sabem olhar para os heroes do passado que, como Herculano, souberam defender a liberdade e atacar os seus inimigos com ardor e lealmente.

O orador demora-se sobre o tema do liberalismo, terminando a sua brilhante oração, que por vezes é cortada de aplausos, ponderando que, na situação em que os portugueses se encontram, se deve lutar por uma liberdade que seja mais amada e por uma justiça mais estremecida.

O Sr. Dr. Pedro Martins dirige uma calorosa saudação aos academicos, que louva pela sua iniciativa de promover uma homenagem á memoria de Alexandre Herculano, do qual exalça com eloquencia a estatura moral.

Aprecia depois o escritor assombroso, o poeta de sentimentos e forte, o patriota maximo, o polemista notavel e o historiador que no seu trabalho colossal não tem rival.

Traça habilmente e com muita felicidade o perfil de Herculano como homem de consciencia e caracter, de rija lealdade e rectidão, pondo sempre a sua atividade ao serviço de uma convicção, amando a patria e a liberdade com extraordinario heroismo.

Louva o Porto pela honra que lhe cabe na consagração de Herculano e diz que defender a liberdade que ele tanto amou é querer a paz, a luz, o direito, a justiça e o resgate de uma nacionalidade.

Fala em seguida o Sr. Mem Verdial, que admira em Herculano as qualidades de um homem superior e do qual se deviam colher e aproveitar os nobilissimos exemplos, para a conquista do bem geral.

O Sr. Dr. Ferreira de Lemos, sob uma forma literaria, que prende

á atenção dos assistentes, apresenta um belo perfil de Herculano como homem virtuoso, patriota e trabalhador, aludindo de passagem ás suas admiraveis obras literarias e de historia.

O Sr. Presidente anuncia um intervalo de dez minutos, fazendo-se ouvir durante esse tempo a banda da guarda municipal.

O academico Sr. Vaz Pinto diz uns apreciaveis versos da sua lavra, intitulados *O centenario de Herculano*.

O Sr. Presidente dá em seguida a palavra ao Sr. Dr. Alexandre Braga, que a assistencia recebe com uma ovação intensa e muito calorosa, havendo vivas á patria, á liberdade e a Alexandre Braga.

O orador, depois de aludir á significação das homenagens conscientes e sinceras, que dão a esperança da resurreição do futuro de um povo, diz que a consagração de Herculano tende a definir a fisionomia do momento historico em que ela se celebra. Fala demoradamente do insigne escritor que ha-de perdurar pela grandeza da sua obra e alude á sua individualidade inteiriça e intransigente.

O seu discurso é por vezes veemente na apreciação dos factos da actualidade e diz que as festas que se estão realizando teem o cunho de um grito de alarme, para o inicio de um movimento de defesa contra a má politica e contra a reacção».

O Sr. Dr. Candido de Pinho, que por incomodo de saude não pôde assistir á sessão solene, escreveu a alocução cuja copia mandou a *O Comercio do Porto*, que inseriu d'esse bom trabalho os trechos seguintes:

«Começava a alocução do Sr. Dr. Candido de Pinho por agradecer, em nome da camara municipal, a atenciosa deferencia da comissão academica, que lhe designara o lugar da presidencia e felicitava a academia pelo exito brilhante da sua iniciativa.

Após outras palavras preambulares, continua o Sr. Dr. Pinho:

A primeira homenagem a prestar ao nosso grande escritor consiste, a meu ver, no reconhecimento de que a sua obra não representa apenas a transplantação ou simples adaptação de processos consagrados lá fora por uma reputação consumada, que não é o transunto nacionalizado de um programa de estudos, a que uma alta figura haja comunicado o brilho de uma concepção aureolada.

Não; é preciso assentar de uma maneira irredutivel (e não me parece dificil a demonstração a quem verse eruditamente o assunto) que essa obra, entranhadamente proseguida no decurso de longos anos, afirma uma originalidade de vistas e uma intuição critica, que a exegese filosofica da nossa epoca principia a formular em sistematizações definidas.

«Os escritores que haviam inaugurado o ciclo brilhante da historiografia moderna —Niebuhr e Savigny, Ranke e Buckle, Guizot, Thierry e Gioherti— tinham elevado este genero de saber a notavel altura, emancipando-o do formalismo escolastico, dotando-o de processos proprios, galvanizando os seus membros carcomidos com a scentelha que saltara dos progressos de uma cultura impregnada de humanismo, ensaiando na interpretação das suas perspectivas a aplicação de ideias geraes a que havia conduzido uma reflexão esclarecida, revestindo-o, enfim, de formas literarias sedutoras que tendiam a apresentá-lo aos homens como a melhor obra do homem.

Nenhum, porem, conseguiu fundar uma filosofia da historia; todos se mantinham dentro de induções parciaes, que alguns debalde pretendiam fazer aceitar como tal. Foram estes ultimos que justificaram as palavras, talvez justiceiras, com que um escritor recente estigmatizou

algumas d'essas tentativas, designando-as como aventuras pretenciosas ou abstrusas; taes seriam Herder advogando o fatalismo da natureza, Hegel advogando o fatalismo panteistico, Buckle o fatalismo das leis geraes, Thiers o fatalismo revolucionario, Renan o da raça, etc. O proprio Guizot, que tão superiormente representa os principios d'aquela escola, quando pretende erigir a civilização da França em tipo normal de todas as civilizações, tem de defrontar-se com Buckle, que muito tranquilamente lhe contesta que «é a historia da Inglaterra que revela a marcha normal da sociedade e a operação regular d'essas grandes leis que regulam em derradeira instancia os destinos do genero humano».

Da mesma maneira se exprimem Gioberti, em relação á Italia, e Hegel, em relação á Alemanha.

A unica d'essas tentativas que escapa pela originalidade do conceito e pela inspirada execução da forma literaria á acção esterilizante d'esse dogmatismo estreito e aprioristico, é a de Schiller, ao mesmo tempo filosofo, historiador e poeta, a quem os criticos da sua terra veem consagrando paginas de enternecida gratidão, porque ele conseguiu determinar de uma maneira notavel a funcção da Arte da natureza humana e na historia, e, sobretudo, porque corrigiu, de forma a excluir relutancias, o erro de Kant ao formular a sentença inverosimil de que a historia politica constitue toda a historia. Se a filiação kantiano do nosso grande compatriota pudesse adquirir foros de plausivel, este simples traço bastaria para a prejudicar definitivamente.

Herculano tomou por um caminho diverso. Na maneira de colher e acrisolar os factos ou de investigar as origens ele desenvolve uma habilidade scientifica e uma penetração critica que o colocam a par dos grandes mestres. É a mesma arte consumada, implacavel e serena com que um anatomico procede a uma dissecação finissima. Nessa tarefa o que assombra é a variedade e a soma do trabalho realizado.

Quando, porem, a sua originalidade se revela é no momento de integrar um grupo de factos, assim rigorosamente observados e classificados, na unidade viva da historia da sua terra, nesse organismo harmonioso e palpitante que o seu genio vinha acalentando numa gestação em que se consumiram todas as energias da sua poderosa individualidade.

Os factos de que se compõe a historia não estão apenas justapostos: desagregá-los-hia um sopro, se assim fosse. Ha um cimento vivo que os une; ha uma corrente que os penetra e sustenta na solidez de uma estrutura; ha uma vibração que os percorre e sensibiliza, como se foram as moleculas activas de um organismo adaptado a uma hierarquia funcional!

Descobrir a natureza d'esse cimento, a formula d'essa corrente, a lei d'essa vibração, eis aí a função genial, que só é dado realizar aos que possuem a faculdade de encarnar na sua alma cristalina as misticas ondulações de amor e ternura que perpassam no universo e de que a natureza emerge num rejuvenescimento incessante. Conseguem-no apenas os que, absorvidos nessa paixão desvairada e inconsciente que nos inspira um ideal entrevisto ou apenas sonhado, se arremessam ao turbilhão em que se debatem as forças naturaes para um dia trazerem de lá, engastado no seu pensamento, um raio da eterna luz em que se banha o mundo.

Foi assim que nas noites silenciosas e melancolicas do seu isolamento ele fixou no seu espirito fascinado ou dolente as lendas que a tradição popular ou as entrelinhas de velhos manuscritos lhe deixaram entrever.

O Sr. Dr. Candido de Pinho terminou assim a sua alocução, dirigindo-se aos academicos:

Dizia, ha dias, um dos grandes psicologistas da nossa epoca que «a razão mistica não era mais do que a primeira eclosão em individuos de eleição do que devia ser a razão comum».

Vós sois, neste momento, os arautos da razão comum, que principia a compreender, e não esquecerá jámais, a obra de Alexandre Herculano».

XLII

Entre as escolas particulares que se empenharam em dar realce á comemoração do centenario contou-se a Escola Academica, de Lisboa, sob a superior direcção do Sr. Mauperrin Santos, seu proprietario. Houve sessão solene presidida pelo professor Sr. general Pina Vidal, discurso pelo professor da mesma escola, Sr. Joaquim Manso, palestra por um aluno, Sr. Antonio Navarro, conferencia por outro professor, Sr. Dias de Sousa, execução de varios trechos de musica por uma orquestra e pelo orfeon da Escola, e por fim baile em que tiveram participação os professores, os alunos e as senhoras de suas familias e numerosos convidados.

No salão nobre da Camara Municipal de Lisboa a Academia das Sciencias de Portugal, da presidencia do Sr. Dr. Teofilo Braga, realizou uma sessão solene comemorativa, a que presidiu o vereador Sr. Verissimo de Almeida, que se referiu com louvor a esse grande vulto do historia patria.

Depois falaram o Sr. Dr. Teofilo Braga que elogiou a elevada superioridade intelectual e moral do egregio historiador, lastimando que ele se retirasse da vida activa onde poderia ter prestado maiores serviços; o Sr. Carlos de Melo e novamente o Sr. Dr. Teofilo Braga para agradecer á Camara Municipal a cedencia da sua sala para esta solenidade comemorativa.

XLIII

As festas em Santarem começaram no dia 23 pelo cortejo á nova Rua Alexandre Herculano e descerramento da lapida ai colocada, com extraordinaria concorrencia do povo da cidade e das povoações circumvizinhas. Muitos edificios particulares tinham ornamentado as janelas com bandeiras e colchas. Eis como um correspondente de Santarem descreve o que se passou nesse dia memoravel:

> «No quarteirão comprendido entre a travessa dos Pasteleiros e o antigo Canto da Cruz via-se lindamente enfeitada a fachada do Centro Democratico Republicano, com bandeiras e balões encarnados e verdes.
>
> Em frente d'esta colectividade ha uma outra que merece muitas simpatias ao povo de Santarem, a da Associação dos Caixeiros.
>
> A fachada estava tambem ornamentada com a sua bandeira, balões e flores.
>
> Desde manhã que se foi notando extraordinaria animação em toda a cidade e os comboios, muito especialmente os chegados á tarde, trouxeram muitas pessoas. O mesmo tem acontecido com muitos carros que, procedentes de Almeirim, Alpiarça e outras localidades limitrofes, chegavam a cada momento.

Estava anunciada a inauguração da nova rua, a que foi dado o nome de Alexandre Herculano. Esta nova rua é a antiga Calçada do Monte, que parte do passeio das Amoreiras, deixando á direita o quartel de artilharia e proximo o passeio da rainha e á esquerda um recinto que continua a ser utilizado para a feira da Piedade.

Á entrada, do lado esquerdo, é que foi colocada na parede uma lapida na qual se lê: — Rua Alexandre Herculano.

Quando era meio dia, começaram afluindo algumas pessoas para o tal recinto a fim de que pudessem aguardar a chegada do cortejo, emquanto muitas pessoas iam para a praça da Serra do Pilar.

Á uma hora, depois de serem queimados muitos foguetes, começou-se a organizar o cortejo pela seguinte ordem: Escola Ribeirante, com dezasseis crianças do sexo masculino e cincoenta do feminino. Levavam o respectivo estandarte e faziam-se acompanhar pela professora Sr.ª D. Leopoldina Ribeiro e o professor Sr. Manuel Bartolomeu Pereira.

Depois, com um estandarte tendo ao centro um castelo bordado a seda amarela, cento e cincoenta crianças de ambos os sexos das escolas centraes de Santarem. Conduzia o estandarte a menina Maria Luiza Amorim, e ladeavam-n'o as meninas Vitoria Rola e Maria Luisa Calheiros.

Acompanhavam-n'a a regente Sr.ª D. Maria Luisa dos Santos e as professoras Sr.ªs D. Cristina Calheiros, D. Maria Jesuina Neves, D. Henriqueta Faria e a ajudante, Sr.ª D. Ana Ferreira.

Com os rapazes da mesma escola iam os professores Srs. Alvaro Seabra, Tavares Ferreira, Paiva Faria e Monteiro Neves.

Seguia-se o Asilo da Misericordia, com trinta rapazes, com os seus uniformes escuros.

Levava um estandarte o asilado João de Freitas, ladeando-o os seus companheiros João e Simeão e Francisco Tavares. Acompanhava-os o asilado João da Silva Cardoso.

Depois iam os estudantes do liceu em numero de cento e cincoenta.

O estandarte, de seda azul escuro com um mocho e uma lira pintada a oleo, era conduzido pelo estudante Sr. Joaquim Moreira Montez.

Após o liceu, ia o reitor do mesmo, rev.do padre João Rodrigues Ribeiro e os professores Dr. João Fagundes da Silva, Genestal Machado e Dr. Silva Pereira.

Seguia-se a banda de caçadores 6 e depois o governador civil, Sr. Visconde da Silva Anachoreta, que dava a direita ao comandante de artilharia 3 e a esquerda ao de caçadores.

Seguia-se uma larga representação do Gremio Literario Guilherme de Azevedo, levando o estandarte o Sr. Josué Cunha, indo por parte da direcção os Srs. Bernardo Pereira e Vicente Caetano do Carmo. Depois, a banda dos Bombeiros Voluntarios que, assim como a banda de caçadores 6, executaram durante o trajecto, a marcha «Alexandre Herculano».

Após essa banda caminhava um piquete de bombeiros voluntarios, comandados pelo Sr. Joaquim Martins da Cunha Mata, e depois um piquete de bombeiros municipaes, comandados pelo Sr. Antonio Agostinho Pascoalinho. No fim um cordão de policia e muito povo.

Eram duas horas quando o cortejo chegou ao ponto ande foi colocada a lapida.

Depois de queimados muitos foguetes e de as duas bandas de musica, caçadores e bombeiros, terem executado a marcha «Herculano», o sr. presidente da camara pronunciou um discurso, congratulando-se

pelo brilhantismo da festa a que preside um alto ideal, uma nobre memoria da patria e da querida terra portuguesa.

O orador diz que o culto das memorias do passado não é uma palavra vã, não é um convencionalismo retorico; um tal culto representa a continuidade indispensavel ao progresso humano. Quando é que se progride? Quando se coopera.

Cresce o edificio quando se continua o que já está feito por outrem; cresce o patrimonio quando se trabalha sobre o acumulado pelos outros. Commemorando os grandes homens ou os grandes feitos da patria, nós sentimos a nossa continuidade de pensamentos e de afectos com todas as gerações humanas que nos precederam. Sinal de civilização é este acordo de um povo inteiro, elevando-se a uma idealidade superior perante esta comemoração festiva e solene.

O orador apresenta ainda outras considerações e conclue dizendo:

Na sua modestia a nossa festa é grande e esta grandeza consiste nestes dois ideaes nobres e levantados: a grandeza da patria e a honra da nossa terra.

O Sr. Presidente da camara municipal, após o seu discurso, que produziu agradabilissima impressão nos assistentes, deu a palavra ao Sr. Visconde da Silva Anachoreta, governador civil do districto, que começou por agradecer o convite feito pelo Sr. Dr. Vaz Guedes para discursar.

Seguidamente, começou analisando a vida do grande historiador Alexandre Herculano. Falou d'ele como soldado heroico que foi, um combatente valoroso.

Ha uma cousa que muito o honra, disse o orador, o facto de Alexandre Herculano ter sido considerado, num livro, pelo notavel escritor hespanhol D. Antonio Romero Ortiz, que escreveu de Herculano mil maravilhas, como o poeta mais filosofo do seculo XIX.

Referiu-se tambem ao que um dia dissera Antonio de Serpa Pimentel, que considerou Alexandre Herculano como o homem mais inteligente e conhecedor da historia portuguesa do seu tempo.

Equiparou depois o talento d'aquele historiador com o de Luis de Camões. Disse que Santarem deve ter em atenção que Alexandre Herculano honrou este concelho, procurando uma casa em Vale de Lobos, para passar uma parte da sua vida e os seus ultimos dias.

Os dois oradores foram muito cumprimentados.

Findo estes discursos, o secretario da camara municipal de Lisboa leu o auto, sendo depois feitas as assinaturas, que começaram pelas dos Srs. governador civil e comandantes de artilharia e caçadores 6.

As bandas tocaram novamente a marcha «Alexandre Herculano» e o cortejo desfilou».

XLIV

No Centro Democratico Rodrigues de Freitas realizou o Sr. Dr. José de Castro a sua erudita e brilhante conferencia acêrca de Alexandre Herculano, que entrava na serie promovida pelo partido republicano.

«Começou o conferente por se referir ao meio politico e moral da sociedade portuguesa desde o tempo de D. João V; referiu-se, com erudição á obra do Marquês de Pombal; e tratou do estado do país no que respeita ao exercito, á instrução e á situação financeira nas vespe-

ras das invasões francesas. Depois, estudou a personalidade de Herculano, sob o ponto de vista moral, relacionando-o com a decadencia politica e com a venalidade dos homens publicos do seu tempo.

Discutiu sucessivamente as ideias do insigne escritor sobre o municipalismo e a sua acção na vida politica e social do pais, a mostrar que emquanto os municipios se mantiveram com forças, a vida da nação foi progressiva e mais intenso o respeito á liberdade, e aludiu á influencia do direito consuetudinario, relacionando-o com as liberdades locaes asseguradas pelo municipalismo.

Na segunda parte do seu trabalho, o Sr. Dr. José de Castro tratou da obra de Herculano sobre o casamento civil, e fez um estudo historico e juridico do assunto.

O orador terminou, ocupando-se das «caixas economicas» e do «credito agricola», apontando Herculano como um exemplo, digno de homem de caracter».

XLV

A Camara Municipal de S. Tiago do Cacem acompanhou com entusiasmo os demais municipios nas comemorações patrioticas, e não ficou inferior ás que então demonstraram o seu patriotismo e a sua devoção pelo nome e pela obra de Alexandre Herculano. Começou por mandar afixar um edital do teor seguinte:

«Em cumprimento da deliberação municipal, superiormente aprovada, celebrar-se-ha nesta vila, a 28 do corrente, o primeiro centenario do nosso grande historiador Alexandre Herculano. De manhã, alvorada pelas duas filarmonicas da terra com girandolas de foguetes. Á 1 hora, sessão extraordinaria e solene, inaugurando a nova sala dos Paços do Concelho em homenagem ao egregio escritor, abrindo com a marcha triunfal do maestro Silveira Paes, entoada pelas filarmonicas, a que se seguirão os discursos e manifestações literarias pelos oradores e convidados pela camara. Depois formar-se-ha o cortejo civico, acompanhado pelas bandas musicaes, até o largo que receberá o seu glorioso nome, e cuja lapida será descoberta oficialmente ao som do hino e foguetes. Da mesma forma regressará o cortejo aos paços do concelho.

É um dever de justiça e de gratidão associar-se esta municipalidade ás festas em honra de Alexandre Herculano, porque bem grandes foram os serviços que este homem prestou ás corporações administrativas, reconstituindo-lhe devotadamente o seu brilhantismo passado. E não são só as instituições concelhias que lhe devem preito. Toda a nação lh'o deve. E o povo deve ser o primeiro a interessar-se por esta homenagem, visto que foi para educar o povo que o distinto escritor, com a paciencia de um santo e a persistencia de um sabio, edificou o grande monumento do nosso civismo nacional. E essa obra não só retrata o valor historico da nossa raça, mas ainda é lição e conselho que é mister o povo não esquecer nem desprezar. Pois que, amando as suas glorias e respeitando os mortos ilustres, é que as nações zelam a sua dignidade, e afirmam perante as civilizações o seu patriotismo e a sua grandeza moral.

Fica o povo convidado a concorrer a esta manifestação de solidariedade patriotica, podendo por iniciativa propria promover quaesquer demonstrações de regosijo adequadas ao fim que se tem em vista.

Paços do Concelho de S. Tiago do Cacem, 15 de abril de 1910. = Pelo presidente da camara, *José Benedito Hidalgo de Vilhena*».

Efectivamente, no dia 28, a Camara Municipal de S. Tiago do Cacem celebrou a anunciada sessão solene, de que posso dar conta por ser obsequiado pelo então ilustrado presidente, Sr. Reis Gancho, com uma copia da acta, e com as notas desenvolvidas do seu belo discurso. Vão em seguida estes documentos, que estavam ineditos:

Copia de parte da acta da sessão municipal havida em 9 de fevereiro de 1910

«... Em seguida foi apresentada a seguinte proposta pelo Sr. Presidente:

O proximo centenario do insigne escritor Alexandre Herculano, actuando patrioticamente nos meios mais em evidencia no país, vem despertando com entusiasmo a ideia de se lhe consagrar a memoria, como preito ao seu grande talento e tributo ao seu notavel civismo.

E tão brilhante deverá ser essa festa como extraordinario e luminoso foi o rasto deixado por esse egregio historiador nas paginas de ouro da nossa nacionalidade. Nesse dia, em toda a parte onde se falar o português, se repetirá o seu nome com louvor e com orgulho.

E se a todos é dever lançar a sua hossana em homenagem ao patriarca da historia patria, entendo que ás Camaras Municipaes corre a obrigação de inscreverem nos seus anaes a comemoração do seu nascimento, como leve paga do seu profundo estudo pelas instituições municipaes, a que deu tanta luz e a que imprimiu tanto relevo.

Por modesto que seja o nosso municipio cumpre-nos contribuir devotadamente para enaltecer a memoria do distinto publicista, associando-nos aqui á bela iniciativa da Sociedade de Geografia de Lisboa. E assim proponho:

1.º Que se inaugure a sala propria das sessões municipaes, ainda por decorar e mobilar, no dia do centenario de Alexandre Herculano, com uma sessão solene e comemorativa.

2.º Que se dê o nome de Alexandre Herculano ao Largo do Barreiro, assistindo a camara e seus convidados, em acto publico, á descoberta oficial da respectiva lapida, seguidamente á sessão solene e comemorativa.

Paços do Concelho de S. Tiago de Cacem, em 9 de fevereiro de 1910. = O Presidente da Camara, *José Maria Reis Gancho.*

Aprovada por unanimidade. = *José Maria Reis Gancho* = *Luis Maria da Cruz e Silva* = *Francisco Antonio Barreira* = *José Benedito Hidalgo de Vilhena* = *Joaquim Pereira Salema* = *André Gonçalves de Lemos* — *Antonio Pereira de Carvalho.*

Está conforme. — S. Tiago de Cacem, 21 de maio de 1910. = O amanuense da Camara, *Frederico Augusto*».

Sessão extraordinaria e solene de 28 de abril de 1910 em comemoração do historiador português Alexandre Herculano

Presidencia do Sr. José Maria Reis Gancho.

Aos vinte e oito dias do mês de abril de mil novecentos e dez, pela uma hora da tarde, se reuniu a Camara Municipal d'este concelho, Srs: José Maria Reis Gancho, presidente; e vereadores: Francisco Antonio Barreira, José Benedito Hidalgo de Vilhena, Joaquim dos Santos,

Joaquim Pereira Salema, Joaquim Antonio Gonçalves, Antonio Pereira Gonçalves, assistida do Sr. Dr. Antonio Pereira de Carvalho, administrador do concelho, e comigo secretario, em sessão extraordinaria e solene, exclusivamente destinada a celebrar o centenario do grande historiador português Alexandre Herculano, tendo a Camara, para este fim, convidado todo o elemento oficial do concelho, e por editaes solicitado a cooperação do publico.

Achavam-se presentes, alem da vereação e do sr. administrador do concelho, os oradores convidados a usar da palavra, Dr. João Inacio da Palma Bentes e Carlos Fragoso de Oliveira, assim como os demais convidados: Dr. José de Ornelas Cisneiros, juiz de direito; Dr. Antonio Parreira de Alboim Luzeiro de La Cerda e Augusto Ernesto Teixeira de Aragão, juizes substitutos; Antonio Miguel de Jesus e José Maria Nelga, vereadores substitutos; Dr. João Gualberto da Cruz e Silva, subdelegado do procurador regio; Dr. Luis Maria da Cruz e Silva, notario; Jacinto do Soveral Rodrigues, Luis Joaquim da Silva Seixas e José Anastacio Ferreira, escrivães de direito; João Carlos de Fontes Barreto, contador do juizo; Augusto Costa e Manuel Caeiro, amanuenses da administração; Manuel Joaquim da Costa, Frederico Augusto e Mario de Aguiar, amanuenses da Camara; Dr. João Simeão, medico municipal; Antonio Augusto de Almeida, aspirante de fazenda; Antonio José Serra e Antonio Tomás, fiscaes dos impostos; Antonio Guerreiro Romano, escrivão das execuções fiscaes; Tenente, comandante da força militar destacada nesta vila; Acacio Mancio Seixas Pereira, chefe da estação telegrafo-postal; José Duarte de Menezes, distribuidor; Joana das Mercês Pestana, professora oficial; José Francisco Nobre, juiz de paz; Antonio Cipriano dos Santos, regedor; Manuel Luis Soares, oficial do juizo; Jacinto Maria Raimundo e João Maria da Costa Beja, oficiaes da administração do concelho; Augusto Antonio Lucio Carretas, Antonio Maria Limão e Francisco de Sousa Ribeiro, vogaes da junta de paroquia d'esta freguesia; Julio Gomes da Silva e Miguel Gomes Espada, vogaes da junta de paroquia de Sines; Padre José Augusto Freire de Andrade, José David Pereira, Antonio Carlos, Manuel Vithena e Manuel Caetano Balasteira, presidente e vogaes da junta de paroquia de S. Domingos; Padre Bernardino da Costa, presidente da junta de paroquia de S. Francisco da Serra; diferentes senhoras e muitos cidadãos de todas as categorias sociaes, que por completo enchiam a sala, portas e corredores. As filarmonicas das Sociedades Harmonia e Recreativa postadas ao lado da sala, e no peristilo do edificio uma força de infantaria 11, destacada nesta vila.

Aberta a sessão, foi executada pela banda da Sociedade Harmonia a marcha triunfal «Alexandre Herculano», do maestro Silveira Paes, obsequiosamente oferecida a esta Camara pela Sociedade de Geografia de Lisboa, ouvida de pé por todo o auditorio.

Em seguida esclareceu o Sr. Presidente: Que, conforme o programa editalado, um dos numeros da festa em homenagem ao egregio historiador era inaugurar a sala das sessões em que todos se achavam, que, acabada de mobilar e de ornamentar, servia pela primeira vez, porquanto as sessões tinham lugar na sala do tribunal; — que não se podia escolher melhor oportunidade para a sua inauguração, porque a Alexandre Herculano devia a instituição Municipal a sua brilhante historia; — que da acta de hoje ficaria constando que esta Camara, cumprindo um dever civico, afirmava por sua vez. um principio de gratidão; — que a Camara havia convidado para falar nesta solenidade os Srs. Dr. João Inacio Palma Bentes, Dr. Francisco Arraes Falcão Beja da Costa, Carlos Alberto da Silva Veloso e Carlos Fragoso de Oliveira,

assim como pedira ás filarmonicas das Sociedades Harmonia e Recreativa; e que em nome do municipio agradecia o concurso d'aqueles que auxiliavam a Camara a cumprir o seu programa, bem como se congratula com todos os assistentes que tão prontamente acudiam a consagrar a memoria do ilustre historiador».

Dada a palavra ao Sr. Dr. João Inacio Palma Bentes, conservador da comarca, foi por este senhor recitado um bonito soneto, que foi muito aplaudido.

E como o Sr. Carlos Veloso, escrivão de fazenda d'este concelho, actualmente em Lisboa desempenhando, em comissão, um serviço publico, houvesse remetido á Camara diferentes exemplares, impressos, do discurso que destinava proferir nesta sessão, oferecendo-os para serem distribuidos pelo publico, disse o Sr. Presidente que a Camara, agradecendo a oferta, convidava o Sr. José Anastacio Ferreira, escrivão de direito, amigo particular do Sr. Carlos Veloso, a fazer a sua leitura.

Bem lido o rendilhado é poetico discurso, que foi muito aplaudido.

Concedida a palavra ao Sr. Carlos Fragoso de Oliveira, pronunciou este senhor um substancioso discurso, apreciando Alexandre Herculano como grande historiador, eminente liberal e devotado crente, sendo no final muito aplaudido.

Por ultimo, leu o Sr. Presidente o seu trabalho sobre o grande Mestre da historia, descrevendo a acção da instituição municipal através dos tempos, a partir do dominio romano, baseando-se nos monumentos deixados pelo emerito historiador; sendo tambem no final muito aplaudido.

Coube então a vez á Filarmonica Recreativa de executar a marcha triunfal «Alexandre Herculano», que, como no principio da sessão, foi por todos ouvida de pé.

Convidou então o Sr. Presidente toda a assistencia a encorporar-se em cortejo civico até o largo que ia receber o nome do distinto historiador, pedindo para que todos voltassem aos paços do concelho para assinarem o auto que se ia lavrar, mencionando o descerrar da lapida comemorativa. E, na melhor ordem e com manifesto interesse de quem zela o patriotismo nacional, se moveu toda a gente apinhada nas salas e corredores, a que se juntou ainda toda a que estava na Praça do Municipio, organizando-se o cortejo com os seguintes grupos:

1.º Filarmonica; 2.º Administração do concelho; 3.º Juizo de direito; 4.º Juiz de paz: 5.º Professorado e curso da escola do sexo feminino; 6.º Regedores; 7.º Repartição de fazenda; 8.º Correios e telegrafos; 9.º Juntas de paroquia; 10.º Secretaria da Camara; 11.º Medicos municipaes; 12.º Vereadores substitutos; 13.º Oradores da sessão solene; 14.º Filarmonica; 15.º Camara com o seu estandarte; 16.º Força militar de infantaria 11, sob o comando do tenente, Sr. Marques, aqui destacada.

Chegados ao Largo do Barreiro postou-se a Camara sob a lapida coberta, que se achava na parede do predio da Sr.ª D. Ana Arraes Falcão Beja da Costa, e subindo o Sr. Presidente a um estrado pronunciou a seguinte alocução:

Senhores. — Ha um mês que Portugal vem pagando uma divida sagrada. E nestes trinta dias, ora em cidades, ora em vilas, ora em aldeias, se tem prestado carinhoso culto ao grande historiador Alexandre Herculano. E hoje tambem o Estado veio concorrer para a consagração publica, decretando o dia de grande gala, isto é, de festa nacional. Pois tambem é hoje que S. Tiago de Cacem enfileira á direita de todas as terras que teem cumprido o seu dever, porque hoje inscreve nos seus

anaes a celebração d'este patriotico centenario em honra de Alexandre Herculano.

Em nome da Camara Municipal de S. Tiago de Cacem proclamo este largo — Largo Alexandre Herculano.

Muitos foguetes se seguiram ao descerrar da lapida, executando-se novamente a marcha triunfal Alexandre Herculano. E o cortejo, que havia seguido pelas ruas de S. Sebastião e Portelas, regressou aos paços do concelho pela Rua do Algarve, mantendo-se sempre a boa ordem e a boa disposição de espirito em toda a gente, não havendo o menor incidente desagradavel.

Lavrado o respectivo auto na Camara, e lido em voz alta pelo secretario, foi assinado por todos quantos lhe quiseram dar a sua assinatura, auto que fica arquivado na secretaria da Camara.

Por ultimo convidou a Camara as duas filarmonicas a aceitar um copo de agua preparado noutra sala do edificio, como prova da hospitalidade e agradecimento pelo brilhante concurso que haviam dado a esta festa municipal. E quando na sala o presidente levantou um brinde ás duas musicas foi vivamente correspondido por todos os assistentes.

E sendo esta a sucinta narrativa do que hoje se passou em homenagem ao nosso primeiro historiador, consigna esta Camara a sua respeitosa consideração pela memoria de tão grande patriota, que para todo o sempre terá o seu nome vinculado á patria portuguesa.

E não havendo mais nada a tratar, foi encerrada a sessão. Eu, Bernardo Antonio Guerreiro, secretario da Camara, a escrevi.

José Maria Reis Gancho = Francisco Antonio Barreira = José Benedito Hidalgo de Vilhena = Joaquim Antonio Gonçalves = Antonio Pereira Gonçalves = Joaquim dos Santos = Joaquim Pereira Salema = Antonio Pereira de Carvalho.

Está conforme. — S. Tiago de Cacem, em 21 de maio de 1910. = O Secretario da Camara, *Bernardo Antonio Guerreiro.*

Discurso do presidente da Camara Municipal, José Maria Reis Gancho, em homenagem ao grande historiador Alexandre Herculano, em comemoração do seu primeiro centenario, 28 de abril de 1910. Em sessão publica e solene.

O presidente começou por citar a data do nascimento do egregio historiador e mencionou que se completava um seculo que vira a luz do dia esse espirito, que por sua vez tanta luz espargiu. E proseguiu:

Seus paes, de poucos haveres, não o puderam estipendiar para estudos superiores. Cursou uma escola de congregados (convento) fazendo o primeiro ano da aula de comercio, seguindo depois o curso de paleografia. Propenso á literatura e sciencias historicas, entrou de estudar o alemão, o inglês e o francês, profundando o latim e o castelhano.

Foi poeta, jornalista, escritor, politico e agricultor, falecendo afinal como simples lavrador, na sua quinta de Vale de Lobos, cêrca de Santarem, onde viveu, seus ultimos anos, fugido do mundo e da sociedade. Deputado da nação, largou a politica que se não casava com a sua orientação; amigo pessoal de D. Pedro V e D. Fernando, afastou-se um dia dos paços reaes, onde era recebido e considerado; e por fim, dedicado cultor das letras e mestre de mestres em historia, abandonou as suas profundas investigações, interrompendo para sempre a sua *Historia de Portugal.* Ou muito graves foram os motivos que o forçaram a

suspender a sua grande obra, — *que é o nosso primeiro padrão historico* — ou fraca alma teve o Mestre para suportar as invejosas calunias.

D'ele se pode parafrasear o desabafo de Afonso de Albuquerque: *mal com os homens por causa dos livros, e mal com os livros por causa dos homens.*

E todavia foi com os livros que ele se tornou grande, merecendo como historiador e romancista historico a apoteose que hoje se lhe consagra em todo o pais, e provavelmente em toda a parte onde se falar o português. Emquanto Castilho e Garrett burilavam os seus cantos de rouxinol em desafio dos sonoros madrigaes de Chateaubriand e Lamartine, ia o nosso alveneo arrancando dos velhos codices os feitos reaes dos nossos antepassados, marcando com rigor o viver das velhas gerações, predispondo assim a nação para se orgulhar dos seus padrões, nossa herança imorredoura. Aos carunchosos arquivos de vetustos conventos e bibliotecas arcaicas de solarengos palacios foi ele decifrar e vestir essas *Lendas e Narrativas* que são perolas brilhantes do nosso tradicionalismo. E ganhando amor ao seu trabalho arqueologico, organizou em bases seguras os anaes da nossa vida nacional, até o reinado de D. Afonso III, onde as Instituições Portuguesas figuram como esculpidas em bronze.

Tão sabio, quão honesto, não se sabe que mais admirar, se os seus ponderosos conceitos, se a sua inconcussa probidade. Podemos lisongear-nos de que os outros povos não possuem cronista mais sincero, nem mais patriota, nem mais leal. Pena foi que o seu extraordinario trabalho não avançasse até o seculo que o viu nascer.

Cumprindo-me hoje, como Presidente d'esta Camara Municipal, contribuir com a minha quota parte para a comemoração do seu primeiro centenario, direi, depois dos dos cavalheiros que me antecederam e mui bem explanaram as virtudes e os merecimentos que na sua vida concorreram para o tornar credor do nosso respeito e da nossa admiração, que o melhor assunto, que eu posso e devo escolher para versar nesta assembleia, é, dentro, é claro, das minhas forças e dos meus limitados conhecimentos, a

Instituição concelhia

O municipio, cuja origem se perde na historia evolutiva dos tempos barbaros, fixou-se, segundo a sua douta opinião, no dominio romano. Foi a partir d'esta epoca que o insigne historiador, cavando nos seculares *in-folios*, desenterrou e vestiu a agremiação municipal, encadernando-a apropriadamente com os seus fatos mais ou menos vistosos, consoante ela, na sua marcha ondulatoria veio pelos seculos fora.

Os romanos, com as suas republicas, a sua civilização, as suas guerras e as suas conquistas, trouxeram aqui, á peninsula, os seus principios democraticos, os fulgores das suas artes, e por fim os seus vicios e a sua corrupção. A vida e os costumes eram tão diversos dos seguidos hoje, que por mais que a gente concentre o espirito procurando integrar-se, ainda que por momentos, nessa epoca, não o consegue. Num ou noutro ponto, realiza-o; mas as minucias são todas variadas, quão diferente é hoje a lingua que falamos.

Nas grandes cidades, como Roma, Athenas, Carthago e Veneza, para não falar de outras mais antigas, se desenvolveu consideravelmente o saber: a literatura, o direito, as artes, a oratoria e o teatro, tiveram cultores que ainda agora nos surpreendem.

Mas o nosso país, como em geral toda a peninsula, não passava de uma coorte de montesinos, tão rusticos, quanto ignorantes. Não eramos bem animaes, porque o homem, desde que ha vestigios seus no mundo, salientou sempre a sua superioridade e o seu caminhar progressivo. Já eramos a milhares de anos do troglodita e de caverna, mas tão rudimentar e grosseira corria a existencia dos nossos antepassados que não ha confronto possivel com o que hoje somos. Trabalhara-se na agricultura, porque o homem não podia viver sem pão e sem lar, mas os campos não tinham o aspecto de agora, nem alvejavam os montes, ou casaes, por esse Alentejo fora. Consolidando a conquista latina, ampliavam-se as povoações para cuja estrutura social era mister criar cidadãos e fazer escravos.

Os de gleba trabalhariam a terra emquanto os outros lhes serviriam de auxiliares. Praticos e astuciosos na guerra, erguiam aqui e ali, sempre em posições estrategicas, muralhas altaneiras dentro das quaes eram supremos senhores.

Nesta vila de S. Tiago de Cacem, antiga *Merobriga*, um castelo; em Alcacer do Sal, outro; em Setubal, ainda outro, e assim distanciadamente. Perto de nós, o de Sines, devido certamente á situação maritima. E esses baluartes a cavaleiro das povoações, ou cingindo-as por maciças barbacans, ainda hoje nos atestam a extraordinaria arte da construção romana.

Guerreiros dextros e audazes, facil foi ás legiões do Tibre domar a população indigena.

Da sua velha Roma transplantaram com lucro, do conquistador, uma parte dos seus habitos e uma parte das suas liberdades; e é assim que, reunindo os mais graduados, elegeram em assembleias populares os primeiros magistrados municipaes. Era uma civilização imposta, todavia foi um progresso.

Se não é, pois, d'esta epoca que nasceu o gremio concelhio. foi d'este tempo o seu baptismo que bem fundo o radicou na alma peninsular. Nem todos se banharam na piscina d'aquela liberdade, é certo; quando é porem, que a igualdade foi absoluta? Ainda hoje as castas se destacam, e já lá vão tantos seculos de civilização, se não de sofrimento.

Instituição fundamentalmente democratica, a ela se deve certamente, em grande parte, o acordar politico dos nossos avós, quando das terriveis crises por que a peninsula passou.

A não ser o quadro desgraçado que os tristes servos da gleba ofereciam, dormindo nos lobregos curraes em espantosa promiscuidade, ia-se vivendo nos povoados com mais sociabilidade e mais protecção.

Aos edis eleitos —vereadores de hoje— se incumbiu a paz interna do municipio, a inspecção dos mercados, a estiva dos generos, o prover dos generos alimenticios, assim como lhes competia reparar os edificios publicos e o olhar pelos caminhos. Quer dizer, vae para dois mil anos que o municipio, organizado em formas grosseiras, teve iguaes atribuições ás de hoje, *mas sem o vexame da tutela.*

E quer sob a influencia da republica, quer sob o dominio do imperio, foram sempre os municipios ganhando terreno, graças á natureza da instituição e á tenacidade dos seus habitantes; pois quantas mais regalias para o concelho, maior era o numero de garantias para os seus moradores.

E assim foi correndo o tempo até que um dia, outra invasão de estranhos, galgou o ocidente europeu, tornando novamente a penineula teatro de lutas gigantêas.

Do norte, surdiram mangas de barbaros, como tufão varredouro, a bater os velhos legionarios; das Galias aos nossos territorios tudo foi preso.

A estreia do Imperio, consumida nas labaredas das bacanaes, afrouxara a politica, abastardando os altos guerreiros e corrompendo a soldadesca.

O sentimento patrio, embotado nos lupanares, extinguira o civismo áquele povo de heroes. Tudo era pervertido! Sem ideal e apagadas as crenças, deu á costa aquele emporio de civilização; pois que a cidade dos Cesares, medonhamente epicurista, apenas queria saber de *pão e divertimentos*! Em tal conjuntura se deu a usurpação goda.

Á decadencia d'aqueles se deverá a vitoria d'estes, havendo que meditar se a sua vinda, obedeceria materialmente a um desejo de conquista, ou antes se cumpria um ditame emigratorio imposto por quem desde sempre estatue o equilibrio cosmico. Como bravos venceram, mas como selvagens incultos alguma cousa vieram aprender, embora os seus habitos livres e indisciplinados os puxasse para a caça e para a guerra.

Era evidente a desmoralização latina, todavia não foi sem luta porfiada o triunfo dos godos. Foi até medonha a contenda. Da defesa se contam maravilhas, mas perante a pujança do ataque toda a resistencia ficou inutil. Horrorosa foi a mortandade, a que se juntou a peste, vindo por fim as feras da floresta ao banquete da carniça, escrevendo-se mesmo que a fome obrigava as mães a comer as crianças mortas! Pouco ou nada organizadores, compreende-se a perturbação social, sendo logico um certo retrocesso no andamento civico da comunidade. Baniram certos privilegios, mas como admitiram outros, os gremios municipaes foram indo, senão com a sorte de outr'ora, pelo menos mantendo-se com afinco onde podiam, lançando raizes pelo subsolo quando as circunstancias lhes impedia o bracejar ostensivo. Mas quantos sofrimentos e quantos esforços aplicados á causa comum? Só a pena do grande historiador o sabe descrever.

A bruteza dos godos tornava-os violentos e soberbos. Maus colonizadores, passavam o tempo em correrias e conflitos que mais e mais os indisciplinou. Anarquisados e glutões, foi sobre as populações produtoras que afiaram as garras, não faltando aos municipios, traições e conjuras, que só á custa de sacrificios pecuniarios se desfaziam hoje para se repetirem amanhã. Resistiu-se, porem. E resistiu-se, porque o sentimento colectivo com a sagacidade de quem defende a existencia prudentemente aproveitava todas as circunstancias que de perto ou de longe lhes ampliasse as regalias, visto ser á sua sombra que fruiam garantias. E ora ganhando, ora perdendo, seguiram os municipios, dominio godo fora, uma vida cheia de altos e baixos, mas cujo balanço, ainda assim lhes foi favoravel. Verdade seja que outro elemento de grandeza maxima, veio por sua vez concorrer para amaciar a bruteza humana, civilizando os homens. Chegara o cristianismo.

Os grandes apostolos da nova religião cimentada nas catacumbas da vetusta cidade, irradiavam, como astros luminosos: — por toda a parte se criaram adeptos e em todas as camadas se colheram crentes. Bispos, presbiteros, ou simples levitas, inundados das doutrinas de Jesus Cristo e fortalecidos com os exemplos dos virtuosos apostolos, corriam, desde a cabana do miseravel á alcaçova do suzerano, pregando o amor, o perdão e a caridade. Santo, muito santo, foi o viver da igreja nos primeiros seculos. *O seu reino não era d'este mundo*. Catequizavam pela fé e pelo exemplo: martires havia-os, criminosos ou hipocritas, não. Apesar de tudo, desenvolvia-se o comercio na costa maritima trabalhando-se o bronze em determinadas regiões do interior. E

como este metal era o mais conhecido e usado naquele tempo, enorme riqueza se acumulava na peninsula.

Mas nova invasão talou a Iberia, e com ela findava o governo dos godos.

D'esta vez foi o sul, a vomitá-los.

Extraordinaria avalanche de guerreiros, sedentos de sangue e de haveres, irrompeu peninsula dentro, como tromba ciclonica. De Africa nos vieram essas hordas, sem fim, de mouros e berberes fanatizados, hasteando o crescente e brandindo a cimitarra, repetindo-se as truculentas scenas de sangue e canibalismo.

De Lagos á Catalunha, em correrias de feras e aos gritos de Allah!, matou-se sem dó nem piedade, cometendo-se as maiores atrocidades. Phenicios, celtas, romanos, godos, visigodos, sarracenos e iberos, tudo, enfim, quanto formava a sociedade de então, num amalgama confuso, de raças e tendencias, se massacravam como bestas feras, rasgando as carnes, rachando os cranios e arrancando-se as entranhas. Só numa presa de guerra, alem das grandes riquezas materiaes, levaram eles para a Africa mais de trinta mil cativos, forçando as virgens cristãs a povoar os seus serralhos.

Por largo periodo dominaram os musulmanos, sendo tão escuro o seu reinado quanto ao regime politico e administrativo, que pouco ou nada se sabe do que foi entre eles a instituição municipal. Mas natural é supor, pelos factos subsequentes, que havendo os mouros tolerado o exercicio do culto cristão, consentindo mesmo certo numero de igrejas; permitindo variedade de costumes, uso de dialectos e até a separação das castas; por tolerancia ou interesse, deixassem subsistir em certos casos, embora com restrições, logo ou depois da conquista, determinadas disposições concelhias, porque dada a restauração peninsular, voltaram as instituições municipaes a aparecer com as suas regalias e as suas liberdades.

Se era na instituição municipal que as classes medias iam buscar protecção contra a extorsão dos nobres ou validos, como é que a classe popular deixaria de suspirar pelas suas franquias? Admissivel é pois conjecturar que, junto ás barbacans do castelo, ou cêrca do mosteiro, ou mesmo dentro dos simples lugurios, o povo trocando impressões, cultivasse esperanças e até concertasse planos. Para a queda dos arabes muito contribuiu a sua falta de união; tambem sempre em guerras e conflitos, não tiveram meio de entender-se, embora todos lessem pelo mesmo alcorão. As suas divisões em tribus provocara-lhes rivalidades e cobiças que a todo o momento os trazia ás mãos. E por centenas de anos se degladiaram. Não tinha ligações constitucionaes a sua estrutura social; não formavam uma nação, eram bandos fanatizados em arraiaes inimigos, e talvez mais crueis que os antecedentes.

Enorme era a força de que dispunham e mui valiosas as suas riquezas, possuindo até uma arquitectura que era um primor; mas como para seu castigo empregaram quasi sempre essa força contra si proprios, pôde afim o cristianismo lançar na peninsula as bases seguras das suas doutrinas. E foi da pequena monarquia cristã, fundada nas Asturias por Pelaio, que partiu o tiro que os veio a reduzir e de todo os expulsou.

Os vestigios das instituições municipaes são poucos, durante este belicoso periodo, mas felizmente não se perderam. Com quanto contribuiria o sentimento municipalista para a queda dos mahometanos? Quantas rendições a favor dos cristãos se não estribariam na reacção das velhas liberdades? O espirito popular embora por circunstancias

varias, se adstrito mais ou menos á servidão, pendia sempre para a reorganização dos gremios municipaes. A guerra, a peste e o despotismo por vezes tem feito recuar o progresso social, mas no coração do homem germinou sempre o sentimento colectivo, porque reunidas é que haviam força e com a força é que podiam garantir os direitos ou conquistas, que a pouco e pouco realizavam. E ora vencidos, ora vencedores, radicava-se-lhes de seculo para seculo a tradição dos velhos municipios, como principio sagrado que era mister não deixar perder.

Asturias, Leão, Castela e Navarra, desfraldam enfim bandeiras, sucedendo-se batalhas sobre batalhas. E ás suas hostes, sempre em aumento, se acolheram os descontentes e os aventureiros de toda a peninsula. E ainda dada a intransigencia entre os sarracenos, se aliam, diplomaticamente, os principes cristãos, com este ou aquele bando, para melhor se vencer o outro. E d'esta forma se ganhou terreno, até consolidar os pequenos reinos da vizinha Hespanha, onde se encorporara o nosso Portugal. E o nosso Portugal, condado hespanhol, tambem de batalha em batalha foi alargando os seus limites. E só quem ler a preclara historia do venerando pensador, cuja memoria aqui consagramos hoje, poderá avaliar dos riscos e da coragem que foi mister correr e empregar pelos nossos antepassados para se chegar á nossa autonomia.

As povoações tomadas e defendidas, ou retomadas e combatidas, debatiam-se em convulsões continuas; sendo de pasmar, como aquelas tristes populações conseguiam colher as searas que a custo lançavam á terra. Quando, porem, o poder cristão resistia, fixando-se de vez, logo surgia o velho municipio, com mais ou menos regalias.

E compreende-se bem, que os novos reis, procurassem segurar as suas gentes, não só repartindo os despojos das batalhas, mas tambem ministrando-lhes garantias sociaes, embora sobrecarregadas de tributos.

E posto que essas garantias nem sempre, infelizmente, fossem respeitadas, faltando-se descaramente á boa fé dos contractos, era já alguma cousa voltar a ter um estatuto, onde, pelo menos, se consignava o direito de reclamação, perante o rei.

De D. Afonso Henriques parte a independencia nacional. A sua bravura, a sua astucia e a sua grande tenacidade criaram-lhe um fundo de patriotismo, a que por fim se deveu transformar o condado hespanhol em Reino de Portugal.

Mas, para se chegar á autonomia, para obtermos foros de nação, para em suma os outros povos já constituidos nos verem, de direito, em nossa casa, foi preciso que o novo Portugal se erguesse alto, sobre enorme pedestal de ossadas humanas.

Organizada a vila, pelo lado militar, completava-se assim, que era possivel com a jurisdição civil, embora sob algemas ou restricções. E por má ventura, como a epoca continuava a ser brutal, era vulgar sentir a cobiça, o despejo e a maldade dos barões, validos, prelados, e infanções, obrigando nascentes localidades a repetir o preço dos seus foros.

Tambem contrariamente se davam ocorrencias de melhoria, mormente quando os *senhores*, por dissidencias, se viam obrigados a conceder vantagens.

E não havia que hesitar; era indispensavel ser oportuno, porque a menor concessão representava sempre uma conquista apreciavel. As lutas endurecendo os costumes agravavam a barbarie, e a falta de moral, na quadra instavel da primeira dinastia, aumentava a barafunda, a que o clero armado, para vergonha da igreja, não era estranho. A

propaganda dos grandes apostolos já ia muito longe, e o evangelho era a espada e a felonia!

Quasi todos os crimes perpetrados dentro das castas superiores liquidavam-se com os mesmos crimes. A vingança era francamente a moeda corrente: *Olho por olho, dente por dente*. Mas por contraste brutal, se a vitima era um humilde, aos d'esta não cabia desforço! E se por desgraça algum simples habitante matasse um graduado, a pena que lhe cabia, era o ser *enterrado vivo debaixo do morto!* Nalgumas povoações, porem, cujos foros já atingiam regulares posturas, fruiam os seus moradores prerogativas invejaveis: *aquele que estando fora do seu concelho, matar e furtar e se acolha ao seu povoado está livre.*

E noutros:

Homem da vossa vila que for bulhento e que por tres vezes recuse a correcção do concelho seja expulso.

Bem digno de registo é, pois, a justiça andar na alçada do povo, o ultimo da camada social, embora a mais numerosa. Imagine se por isto qual seria a ansia em adquirir a instituição municipal. Infelizmente para aquelas pobres gerações a constituição dos concelhos não era igual, nem geral. Aqui um, alem outro, havendo mesmo grandes zonas onde o povo não possuia vida politica ou colectiva. E ainda, entre os felizes, quer na epoca que antecedeu D. Afonso Henriques, ou na epoca que se lhe seguiu, não havia homogeneidade de garantias nem de direitos. Uns concelhos gozavam certos privilegios e largos beneficios, emquanto a outros lhes cabia restrita jurisdição, pesando-lhes fortissimos encargos. Uns, nascendo em dia feliz e sabendo-se governar, mantinham-se em coesão, resistindo ás espoliações. Outros, menos afortunados, ou peor dirigidos, passaram atrozes inclemencias.

Sendo o direito de propriedade um facto respeitado através dos seculos, sujeito apenas ás excepções — guerra e confisco — muitos proprietarios, sem familia, testaram os seus haveres a favor do municipio. E assim, houve concelhos ricos que empregaram estes bens na compra de privilegios ou liberdades. E ainda, noutros concelhos quasi todos os cargos publicos eram electivos. Em Beja, não só o povo elegia os vereadores, mas tambem os juizes. Em oposição, outros, mais desventurados, sofriam pesadas contribuições de guerra, não facultavam salvo-conductos, sendo até responsaveis com multas por delitos praticados na sua area.

Pois apesar de tantas diferenças, todos as povoações eram ciosas dos seus foros, suportando todos os sacrificios para os manter. E hoje que o direito publico igualou, em todas as nações civilizadas, o direito dos homens, não se sabe talvez fazer ideia de quanto seriam odiosas e injustas aquelas desigualdades. E a razão que assistia aos povos para serem fieis á constituição rudimentar dos seus concelhos não era simplesmente a dignificação moral, mas tambem que muitas vezes a sua justiça prevalecia como de direito.

Veja-se este exemplo:

El-Rei D. Afonso III escreveu ao gremio municipal de Lisboa: «Disseram-me que vos agravaes de eu ter mandado fazer um dia de feira junto á alcaçova. Tinha entendido que isso era em meu proveito e vosso. Mas visto que vos agravaes e não entendeis que vos seja util, ordeno que se não faça mais a dita feira e que façaes o chamado mercado onde julgardes conveniente, conforme os usos do tempo de meu pai e avô».

Que admiravel singeleza e que distinta sinceridade! Onde um acto democratico mais lhano e mais popular?

O monarca rude d'aqueles tempos a tributar por escrito, tão mo-

destamente o seu respeito pelos costumes locaes. Um rei absoluto cedendo perante as regalias municipaês! Que belo exemplo até para os tempos modernos!

Bem dignos de lastima e compaixão foram, porem, as povoações destituidas de gremios; essas, mais do que as outras, se achavam desamparadas e á mercê do arbitrio e da maldade.

Para simples delitos, e sem formalidades, aplicavam-se penalidades crueis: *orelhas cortadas, mão pregada na porta, ou metido no tronco.* E se um vizinho de certa importancia matava um trabalhador ou servo alheio, era paga uma multa ao patrão, ficando o acontecimento sumariamente liquidado!

Mudava o caso de figura quando o municipio regularizado protegia os seus habitantes. No crime, preceituava-se que a acusação deveria ser perante os magistrados e comprovada por manquadra. (Manquadra era o acto de duas ou quatro testemunhas cruzarem a mão direita jurando publicamente). E na administração politico-economica, como eleição, distribuição de impostos, representações, usufrutos de baldios e contribuições de guerra, cumpria ao gremio municipal reunir em assembleia geral os «homens bons» da povoação. E por homens bons se consideravam os chefes de familias que houvessem bons costumes. E em taes assembleias se deliberavam os casos mais graves do concelho, tanto de ordem interna como externa.

Que ensinamento para epoca tão barbara, e para uma quadra tão instavel!

Os eleitores achavam-se arrolados em cadernos, cuja base on censo era o ser «homem bom». Isto é, ter familia e bom comportamento. É curioso que os solteirões não merecessem honras de «homem bom».

Mas nem sempre os homens acatavam a jurisprudencia tradicional ou legalista.

Como uma das caracteristicas da idade media foi o sobrenatural, vulgar era recorrer-se para intervenções miraculosas. Havia o julgamento denominado *o juizo de Deus,* sendo uma das suas formas *a prova do ferro em braza.* Qualquer cidadão, nobre ou não, acusado de roubo, morte, não haver pegado em armas, ou ter acolhido inimigo do concelho, não tendo defesa testemunhal, ou não a querendo dar, apelava para *a prova do ferro em braza:* «Aquecia-se um ferro do tamanho de um palmo e da largura de dois dedos, até ficar em brasa. O acusado, lavando as mãos e enxugando-as diante do publico, andava nove passos, devagar, com o ferro fechado na mão, pousando-o por fim, tambem devagar, no chão. Rapidamente se lhe cobria a mão com cera e estopa, recobrindo-se tudo com um pano grosso. Tres dias depois comparecia o acusado perante o tribunal de honra, e deante de todos se lhe descobria a mão, verificando-se previamente não se ter mexido nas ligaduras. Não havendo sinaes de queimadura era declarado inocente».

Tremenda e falivel prova! Todavia, muitos casos se deram em que os acusados ficavam sem a menor lesão. Deus sabe os que não foram ouvidos.

Tambem os municipios gozavam de outra consideração publica: «exerciam actos de chanceler, autenticando contractos particulares e diplomas oficiaes».

Julgava-se indispensavel o sêlo do concelho para revalidar os documentos de importancia; reis houve, que quando adquiriam terras, por compra ou doação, mandavam que ao concelho fossem «apôr o sêlo».

Em suma, sempre que foi possivel exercer jurisdição municipal, consubstanciou ela um fundo patriotico e uma legitima aspiração de

liberdade. Agitada tem sido por vezes a sua gravitação, empanando-lhe o brilho certos eclipses oriundos do obscurantismo ou da tirania; mas o seu futuro está assegurado, porque os alicerces seculares dar-lhe-hão força para resistir aos empurrões da loucura ou do arbitrio. Da sua vitalidade nasceu o terceiro estado. E nessas côrtes, convocadas, aqui e alem, pela vontade unica dos soberanos, lá foram os procuradores do concelho dizer bem alto da sua justiça, falando por vezes bem *claro* ao chefe supremo da nação. Mas tambem monarcas tivemos, que alem de legalistas e profundamente patriotas, verdadeira simpatia mostraram pelo povo. Alguns, até com tendencias populares, desciam muito democraticamente ás ruas e praças, a bailar com toda a gente, associando-se corpo a corpo ás multidões nas alegrias da patria, como se se tratasse de uma festa de familia.

E hoje que d'essas gerações nada mais resta que a sua memoria fotografada pelo nosso eminente historiador Alexandre Herculano, não esqueçamos que das suas lutas, do seu sangue, e das suas lagrimas, nos vieram as garantias actuaes; cumprindo-nos guardar religiosamente a herança, juntando, mesmo, ao acervo, o melhor dos nossos esforços, até chegarmos ao municipio perfeito, baseado nos velhos moldes, mas revestido á moderna, com ilustração, cortesia e solidariedade; porque um povo que tem nos seus antecedentes uma tradição tão patriotica e liberal, compete-lhe manter o fogo sagrado das suas regalias, para corresponder altivamente ao brilhante ciclo que ainda, certamente, lhe resta percorrer na trajectoria das nações civilizadas.

E á memoria do grande historiador, cujo centenario aqui celebramos, registemos o nosso profundo reconhecimento e a nossa maior admiração, ensinando ainda os nossos filhos a soletrar-lhe o nome, como uma das mais scintilantes glorias do nosso Portugal

S. Tiago de Cacem, em 28 de abril 1910. = *Reis Gancho*».

XLVI

Homenagem grandiosa e digna de memoria foi a que o Porto rendeu ao egregio Alexandre Herculano em duas solenidades seguidas, o cortejo civico e a sessão solene no edificio da biblioteca municipal, de que vou deixar aqui a noticia pormenorizada conforme as interessantes notas publicadas em *O Comercio do Porto* de 26 de abril 1910:

«Com o cortejo civico, numerosissimo e bem ordenado, encerrou-se no Porto o ciclo das festas em homenagem ao mais prestigioso dos escritores contemporaneos, que a par e a passo foi um grande patriota e valoroso soldado.

O dia esteve agreste, ventoso e frio; mas não obstou isso a que as multidões se acumulassem em camadas espessas nas ruas do percurso e a que as damas povoassem numerosamente as janelas de todo o transito para presencearem os efeitos do desfile.

Onde mais ressaltavam esses efeitos era no grande lanço que vae dos Clerigos ao alto da Rua de Santo Antonio. As bandeiras nacionaes de seda, fornecidas ás escolas primarias pela Liga Nacional de Instrução, as bandeiras das classes operarias e as de diferentes outras instituições, flutuavam ao vento forte que soprava, rebrilhando ao sol, um tanto palido que fazia, os capacetes luzentes dos bombeiros do Porto e de Gaia. Era um espectaculo soberbo e impressionante.

Com o possivel desenvolvimento, dentro dos limites estreitos de uma noticia, narremos o que foi essa comemoração ao brilhante escritor:

No Palacio de Cristal

Cêrca do meio dia os jardins do Palacio de Cristal começaram a animar-se pela comparencia dos diversos agrupamentos que se apresentavam para tomar parte no cortejo civico.

Uma hora depois, a avenida das tilias, como de resto todos os outros arruamentos do aprazivel recinto, ofereciam um aspecto encantador, por aquele enorme movimento de grupos de escolas, associações, corporações fardadas e dezenas de bandeiras e estandartes de variegadas cores, que se cruzavam em direcções diferentes, procurando os lugares que lhes pertenciam e que lhes eram indicados pelo academico Sr. Amadeu da Encarnação, deveras incansavel na organização do cortejo.

A concorrencia de colectividades foi tão grande que nem todas tiveram ingresso nos jardins do Palacio, onde tambem afluiram numerosas pessoas para assistir á organização do grande cortejo, o que ofereceu realmente um espectaculo admiravel, dada a escolha do recinto, que é, incontestavelmente, o melhor do Porto.

As corporações que ficaram fora entraram na devida altura, quando o cortejo saiu do Palacio de Cristal.

O cortejo

Por volta da uma hora e meia da tarde, o referido academico Sr. Amadeu da Encarnação deu sinal para o prestito se pôr em marcha, saindo pela porta larga da Meia Laranja do Palacio, por esta ordem:

Quatro praças de cavalaria da guarda municipal, banda da Guarda Municipal, de pequeno uniforme, bandeira da cidade, zeladores e outro pessoal fardado da camara municipal, corporação dos bombeiros municipaes sob o comando do ajudante Freitas, pessoal menor, amanuenses, oficiaes e chefes de repartição e secretario da camara; o presidente em exercicio Sr. Dr. Candido de Pinho e os vereadores Srs. Dr. Tito Fontes, Augusto Pereira da Costa, Bernardino Vareta, Antero de Araujo e Andrade Vilares; o Sr. Dr. Pedro Martins, deputado por esta cidade; representantes da Associação Comercial do Porto, Centro Comercial, Ateneu Comercial, Associação Industrial Portuense, Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto com o respectivo estandarte, Gremio dos Transmontanos, Club Fenianos com a banda de musica, alunos de ambos os sexos das escolas oficiaes e paroquiaes do Bomfim, Vitoria, Lordelo do Ouro, Foz, Cedofeita, Bomfim (Heroismo), Massarelos, Cedofeita (central n.º 4), Sé (Praça de Almeida Garrett), Santo Ildefonso, S. Nicolau, Paranhos (Costa Cabral), Cedofeita (n.º 3), Ramalde, Miragaia, Campanhã (S. Roque da Lameira) e Aldoar, sendo acompanhadas pelos respectivos professores.

Corporação dos bombeiros voluntarios, sob o comando do Sr. Domingos Mendes Guimarães, levando um carro de mangas e outro de material e uma bomba, cada um dos quaes tirado a duas parelhas com o respectivo sota, indo no primeiro carro a bandeira da corporação, conduzida pelo Sr. Manuel Bizarro de Sousa.

Colegios da Vitoria (Cedofeita) e Barbosa Gama.

Escola Pratica Comercial Raul Doria.

Instituto João de Deus.
Centro e Biblioteca de Instrução Livre e Social.
Escola Academica.
Escola Pratica Comercial Alcantara Carreira.
Asilo de S. João.
União dos Empregados no Comercio.
Club Comercial Portuense.
Assembleia Comercial Portuense.
Associação de Classe dos Operarios Metalurgicos do Porto e Gaia
União Geral dos Trabalhadores.
Centro Socialista Paz e Liberdade.
Associações de Classe:
Dos Tintureiros.
Dos Empregados de Cafés e Restaurantes.
Dos Oficiaes de Barbeiros e Cabeleireiros.
Dos Vassoureiros.
Dos Funileiros e Artes Correlativas.
Dos Cocheiros.
Dos Correeiros e Construtores de Carruagens.
Dos Marceneiros.
Cooperativa dos Refinadores de Açucar.
Associação de Classe dos Litografos.
União dos Alfaiates.
Jornal dos Alfaiates.
Associações de Classe:
Dos Manipuladores de Pão.
Dos Estucadores.
Dos Pintores.
Dos Operarios de Guarda-Soes.
Grupo Comercial da Liberdade.
Associação dos Empregados de Comercio e Industria.
Club Recreativo Miragaiense.
Troupe Musical 1.º de Setembro.
Pessoal da Imprensa Moderna.
Associação do Livre Pensamento.
Associação de Classe dos Manipuladores de Tabaco.
Club Tauromaquico Vicente Roberto.
Associação de Socorros Mutuos Almeida Garrett.
Associação dos Revendedores de Viveres.
Associações de Classe:
Dos Oficiaes de Ourives.
Dos Pedreiros.
Dos Carpinteiros.
Dos Oficiaes e Costureiras de Alfaiate.
Dos Fiandeiros.
Dos Operarios dos Fosforos.
Dos Cortidores.
Dos Tamanqueiros.
Dos Estofadores.
União Musical Portuense.
Liga das Artes de Ceramica.
Grupo Social e Recreativo de Mafamude.
Liga das Artes Graficas.
Associação dos Empresarios de Açougues.
Corporação dos Bombeiros Municipaes de Gaia, sob o comando do Sr. Rodolfo de Araujo.

Banda de musica da Foz.
Grupo Musical Alegre Mocidade Portuense.
Comissões parochiaes republicanas d'esta cidade e de Vila Nova de Gaia.
Centros republicanos:
Pereira Osorio.
Alves da Veiga.
Rodrigues de Freitas.
Valente Perfeito.
De Massarelos.
Banda de musica do Monteiro, de S. Cosme de Gondomar.
Centros democraticos:
Duarte Leite.
Bernardino Machado.
Dr. José Falcão.
Escola Ferrer, de S. Roque da Lameira.
Banda de musica da Folgosa, Maia.
Centros republicanos:
Afonso Costa.
Guerra Junqueiro.
Antonio José de Almeida.
De Campanhã.
Caixa de Pensões dos Operarios da Nova Fabrica Portuense do Sr. Manuel Ribeiro da Silva, de S. Roque da Lameira.
Centro Republicano Alfredo de Magalhães.
Grupo Musical da Juventude Portuense.
Gremio Recreativo Propagandista da Mocidade do Bomfim.
Club da Pirraça Portuense.
Grupo de Instrucção e Recreio da Mocidade de Campanhã.
Gremio Musical e Recreativo de Contumil.
Associação dos Operarios Tecelões Manuaes do Porto.
Associação de Classe dos Fabricantes de Calçado de Fancaria.
Grupo Democratico de Instrução de Mafamude.
Grupo de Instrução França Borges.
Centro Democratico de Mafamude Nicolau de Almeida.
Centro Democratico Guilherme Braga, de Gaia.
Centro Republicano Latino Coelho, de Coimbrões.
Associação de Classe dos Tecelões de Seda.
Centro Republicano de Lordelo do Ouro.
Troupe João de Deus, do Mirante dos Vanzeleres.
Cooperativa da Mazorra, de Lordelo do Ouro.
Centro Democratico de Lordelo do Ouro.
Associação de Classe dos Operarios Chapeleiros.
Escola Industrial Faria Guimarães.
Escola Elementar de Comercio.
Escola Industrial Infante D. Henrique.
Academia de Belas Artes.
Liceu Alexandre Herculano.
Liceu D. Manuel II.
Escola Normal.
Instituto Industrial e Comercial.
Liceus Centraes.
Academia Politecnica.
Escola Medica, bem como alguns dos professores de todos aqueles estabelecimentos de instrução.
Tambem tomaram parte no cortejo os alunos de ambos os sexos

das escolas anexas aos referidos agrupamentos republicanos, acompanhados dos respectivos professores.

Os diferentes agrupamentos apresentaram-se com pastas, estandartes, bandeiras, e muitas das pessoas encorporadas usavam os distintivos das colectividades a que pertenciam. Os estandartes e bandeiras eram em numero de 128.

Calcula-se que tomaram parte no prestito uma 20:000 pessoas.

No trajecto

Em todas as ruas por onde o cortejo passou havia acumulação enorme de povo, vendo-se numerosamente povoadas as janelas dos predios, as quaes, em grande maioria estavam ornamentadas com bandeiras, colchas de damasco e escudos com alegorias ao grande historiador.

Muitas das pessoas encorporadas no cortejo, especialmente estudantes e membros das associações de classe, levantavam vivas á Patria, a Herculano e á liberdade, e bradavam por vezes «Abaixo a reacção!», tudo entremisturado de salvas de palmas.

Na Rua de Cedofeita foram lançadas flores em profusão á passagem do cortejo civico, havendo calorosos aplausos por parte dos que iam encorporados.

Em todo o percurso havia estabelecido serviço de policia, sendo esta em alguns pontos, como em S. Lazaro, auxiliada pela guarda municipal.

Tão acertadas foram as providencias adoptadas pelo sr. governador civil, que não se deu incidente algum desagradavel O ilustre chefe do distrito dirigiu-se a pé para a Biblioteca Publica e de ali saiu tambem a pé, dirigindo-se á estação telegrafica a fim de comunicar ao Governo a forma ordeira por que se realizara o cortejo civico em honra do grande historiador português.

No passeio de S. Lazaro, junto do edificio da Biblioteca Municipal, havia um serviço especial de policia civil e de infantaria e cavalaria da guarda municipal, passando por ali apenas as pessoas que iam encorporadas, as quaes se descobriam respeitosas e levantavam vivas á passagem em frente ao busto de Herculano, colocado numa das varandas sobre a entrada principal do edificio.

A sessão solene

A solenidade da inauguração do busto de Alexandre Herculano, realizada no salão da Biblioteca Publica Municipal, correspondeu aos nobres intuitos que a inspiraram.

Eram pouco mais de tres horas, quando o cortejo chegou ali, levando uma hora a desfilar.

Foi então permitido o ingresso no edificio, exteriormente embelezado com colchas de damasco, ás autoridades, pessoas de representação social, academicos, senhoras, etc.

Na assistencia, que era distinta, notavam-se o presidente e vereadores da Camara Municipal, Srs. Drs. Candido de Pinho, Tito Fontes e Correia Pacheco, Andrade Vilares, Antero de Araujo, Bernardino Vareta e Pereira da Costa; o Sr. Coronel Pereira de Magalhães, comissario geral de policia; Dr. João Figueirinhas, inspector da 1.ª circunscrição escolar; Antonio Tavares Bastos, vice-consul do Brasil; empregados superiores da Biblioteca, membros da Associação Comercial do

Porto, Centro Comercial do Porto, Ateneu Comercial do Porto, Associação Industrial Portuense, Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, Associação dos Empregados de Comercio, Club Fenianos Portuenses, deputação de bombeiros voluntarios graduados, medicos, professores, funcionarios publicos, advogados e muitas outras pessoas.

Ao centro e do lado direito do salão avultava, sobre um estrado alcatifado, a mesa presidencial, coberta de damasco encarnado, e proximo, um pedestal com o busto de Herculano, rodeado de vasos com plantas e flores, que tambem ornamentavam outras dependencias do edificio. Aos lados da mesa, salientavam-se as bandeiras da camara municipal e da Associação dos Jornalistas, que haviam figurado no cortejo.

Assumiu a presidencia o Sr. Dr. Candido de Pinho, presidente da camara municipal, que tinha ao lado direito os Srs. Pedro Araujo, governador civil do distrito, D. Manuel de Navarra, consul de Hespanha, e Amadeu da Encarnação, academico e membro da comissão promotora das festas; e ao lado esquerdo, os Srs. Antonio Luis da Fonseca, representante da Associação Comercial; Luis Antonio Monteiro e José da Silva Pimenta, respectivamente presidente da direcção do Ateneu e presidente da assembleia geral do Centro Comercial do Porto.

Abrindo a sessão, o Sr. Presidente expõe o objectivo da solenidade, declarando que ia proceder-se ao ultimo acto das festas comemorativas do centenario de Alexandre Herculano, que tinham uma justificada celebração naquele recinto, tão intimamente ligado a uma das fases salientes da vida do insigne historiador, e em que a comissão academica prestava uma merecidissima homenagem á sua memoria.

Louvando a iniciativa patriotica da mocidade academica, frisa faltar ali, para ocupar o seu lugar, a figura primacial do director d'aquela casa, o qual, por incomodo de saude, não pudera comparecer a tão simpatica solenidade.

Todos os assistentes irrompem em calorosas salvas de palmas.

Em seguida falou o aluno do Liceu D. Manuel II, Sr. Vaz Passos, que pôs em destaque a individualidade inconfundivel de Alexandre Herculano, ponderando que a mocidade academica vibra sempre de entusiasmo perante as grandiosas manifestações nacionaes em honra dos vultos mais proeminentes da historia patria e que enobreceram o seu país.

Faz avultar a pujança do seu talento, o brilho do historiador, a suavidade do poeta, a bravura do soldado, a integridade de caracter do cidadão ilustre que foi Alexandre Herculano. Diz não ser debalde que se fazia aquela comemoração: ela representava alguma cousa de grandioso e alevantado, era como que o cumprimento de uma divida sagrada.

Ao trazermos — acentua — o busto de Herculano para aqui, quisemos prestar uma homenagem, embora modesta, mas grandiosa pelo significado, á memoria do varão insignissimo. Conclue por uma entusiastica saudação ao grande homem que naquele momento se festejava jubilosamente.

Foi muito aplaudido.

Por ultimo, o vereador da camara Sr. Dr. Correia Pacheco pronuncia um bem arquitectado discurso, em que, fazendo a biografia de Alexandre Herculano, põe em relevo as multiplices qualidades de caracter, de coração e de espirito que distinguiam o grande morto.

Estas nobres palavras — diz — são dignas de ponderação e a isenção de tão correcto proceder deve servir de exemplo. Quando um

homem se norteie por um dever de honra, não cae, eleva-se; e o vulto moral de Herculano paira muito acima do vulgar.

Serviu, pois, a biblioteca tres anos e dois meses, no Paço Episcopal, antes da mudança d'ela para aqui. Passados quatro anos, em 1840, foi eleito deputado pelo Porto, e sempre que em seus escritos se referiu a esta cidade, fê-lo com provas da sua simpatia por ela. Nunca mais foi deputado; varias vezes lhe foi oferecido um lugar na camara, que ele recusou, dizendo:

«Que, quando o aceitara pela primeira vez, tinha logo reconhecido que fôra vitima de uma ilusão; como penitente, havia limpado os vestidos do pó, fugindo de cara lavada, da politica para o meio do mundo moral».

É mais uma prova — prosegue o orador — de quanto Herculano era incompativel com a corrupção e a imoralidade.

Tratando-se da oferta do busto de Herculano á Biblioteca, de que ele foi um dos primeiros empregados superiores, cumpria recordar os factos d'esse tempo, ligados á fundação da livraria publica portuense e aos serviços do seu segundo bibliotecario, que ela ainda hoje se honra de ter tido.

Mas, se Herculano foi grande, a ponto de todo o país que pensa, estuda e quer progredir, se levantar em côro unisono de louvores, para festejar o centenario do seu nascimento, não foi pela sua valentia de soldado, porque todos os 7:500 bravos do Mindelo eram, mais ou menos, valentes; não foi tambem pelos seus bons serviços de funcionario municipal, que, todavia nós, os portuenses, temos o dever de lembrar; mas sim foi, sobretudo, pela profundeza e originalidade da sua critica e das suas investigações historicas, já publicando cronicas e manuscritos e documentos ineditos, entre os quaes avulta o *Portugaliae Monumenta Historica*, já semeando á volta de si luz, muita luz, em livros valiosissimos, no meio dos quaes brilha com singular destaque a grande *Historia de Portugal*, que, em vez de ter criado invejosos e maldizentes, melhor seria que houvesse provocado o aparecimento de quem a fizesse continuar dignamente.

Competentissimo para apreciar Herculano, foi outro ilustre historiador e mui distinto literato, Pinheiro Chagas, que d'ele escreveu:

«Quando Herculano se encontrou face a face com a historia do seu país, foi que ele assumiu completamente as proporções do vulto mais eminente do nosso tempo. O pensador surgiu com toda a sua grandeza. Reconstruia as gerações extintas, como se tivesse assistido á sua passagem tumultuaria na superficie da terra; entrava na intimidade dos primeiros reis, e prescrutava-lhes o mais secreto dos seus pensamentos.

... Depois em torno dos reis, o povo. Vêmo-lo surgir pela primeira vez á luz da historia».

Pinheiro Chagas chama-lhe o autor da Historia dos Municipios Portugueses, o rival de Guizot, o émulo de Michelet, e acrescenta:

«Quando um homem, depois de ter escrito a *Historia de Portugal*, se vê obrigado a escrever o *Eu e o clero* e a *Solemnia verba;* quando vê que, do mundo de ideias novas que agitava no seu livro, a unica que despertava ecos no seu país era a questão de um milagrinho pueril e ridiculo, o unico recurso que tem é «retirar-se, como ele fez, indo para Vale de Lobos», abstendo-se de incomodar mais a critica e o publico».

Ele continuou, porem, — frisa o orador — em Vale de Lobos, e só cessou de trabalhar, morrendo.

São muito dignas de ser repetidas aqui umas soberbas frases do falecido literato Dr. Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro. Falando da *Historia de Portugal*, diz que Herculano foi o «investigador, o colleccio-

nador, o paleografo, o interprete, em que ele foi tudo — braço e cabeça, arrancando-a das trevas que a envolviam», e acrescenta:

«É a obra de maior criterio, de mais vigorosa intuição, mais alta, e de mais valor historico que se tem escrito em português». Continua dizendo que ela o pôs ao par dos maiores historiadores modernos do mundo e lhe abriu as portas das academias scientificas de Portugal e do estrangeiro».

Diz mais:

«Alexandre Herculano era um gigante. Quem se perfile ao pé d'ele sente-se pequeno, ainda que o não seja».

Meus senhores: Tratando-se de honrar a memoria do ilustre criador da nossa historia patria, devemos ponderar o seguinte: O principal e o mais duradouro monumento comemorativo de Alexandre Herculano levantou-o ele mesmo, sem tal pensar, escrevendo as suas obras. E a melhor homenagem que nós, os portugueses, podemos prestar-lhe, a mais facil, a mais singela e a que mais seria do seu agrado se ele vivesse, é lermos o que ele escreveu.

E se queremos render-lhe outra homenagem, imitemo-lo na simplicidade da sua vida, no seu desprendimento de vaidade, na sua honestidade, na austeridade do seu caracter, no seu amor do trabalho e no ardor com que, tanto na guerra como depois na paz, lutou pela liberdade e defendeu as regalias municipaes.

A sua vida foi exemplar e por isso o exemplar D. Pedro V o tomou por amigo e conselheiro. Prefiro antes lembrar tres homenagens novas, dignas de Herculano. Novas porque faltam.

Uma grande homenagem seria a publicação do volume v da *Historia de Portugal*, que ele mais ou menos deixou escrita. Ainda que não esteja completo, deve ser um livro de valor como poucos, e não sei a razão porque se conserva inedito.

Incompleto deixou Oliveira Martins o belo livro *O Principe Perfeito*, tendo alguns capitulos apenas esboçados com breves ideias a desenvolver e o seu ilustre amigo Henrique de Barros Gomes prestou-lhe a suprema homenagem de se lhe substituir, de encarnar o seu pensamento, como que de prolongar-lhe a vida e completar-lhe e publicar-lhe a admiravel obra, que fez subida honra a estes dois escritores. Não ha de haver alguem que, por amor á historia patria, e tambem por veneração a Herculano, reveja o v volume da *Historia de Portugal*, complete o que fôr preciso e o publique?

Grande homenagem seria essa, e bem mais progressiva e de valor do que algumas outras que se teem feito, como a da cunhagem de moedas comemorativas do centenario que festejamos.

Mais. Se querem glorificar Herculano, facilitem a leitura das suas obras, popularizem-as, ponham-as ao alcance de todos, por meio de edições baratas, como fizeram ás obras de Camilo e como se está fazendo com as de Castilho e Garrett.

Mas faça-se isso sem o menor espirito de lucro e só por amor de propaganda literaria. Seria um dos mais uteis preitos rendidos á memoria do eminente Mestre.

Finalmente, lembra que todas as camaras municipaes do país comprem as obras completas de Alexandre Herculano, a fim de as emprestar gratuitamente ao povo para as ler. Comprar livros para emprestar ao povo, é criar bibliotecas populares.

E todas as camaras as teriam criado se neste país as leis se fizessem para ser observadas, e se o decreto com força de lei de 2 de agosto de 1870 e o regulamento de 20 de janeiro de 1871 tivessem sido cumpridos.

E se o tivessem sido, lá estavam as obras dos nossos mais distintos escritores, e entre elas, com particular estima, as do grande historiador e romancista historico Alexandre Herculano.

Assim teriamos em cada concelho um monumento levantado á memoria de Herculano e de outros ilustres sabios e homems de letras, monumento mais expressivo e civilizador do que as estatuas que pudessem erguer-lhes, e que diria mais ao povo do que o simples nome de Alexandre Herculano dado ultimamente a ruas e praças das cidades e vilas do reino, onde não chegam taboletas a Herculano, mas onde é preciso sobretudo que cheguem e se espalhem os livros que ele escreveu.

E quando cada um tiver lido os livros, sentirá levantar-se-lhe no coração um altar de veneração e de amor pelo grande e honrado Mestre que se chamou Alexandre Herculano.

Esforcemo-nos por que se levante no coração do povo esse ultimo monumento de respeito pela memoria do estudioso e indefesso trabalhador, que tanto propugnou pela liberdade e ilustração da sua patria.

Para isso facilitemos quanto possa ser a leitura das suas obras, porque nem outro fim deve ter a celebração d'este centenario.

Por sua parte, a vossa camara municipal, senhores, tem nas tres bibliotecas populares do Bomfim, Cedofeita e Foz, que tambem são vossas, para emprestar, gratuitamente, todas os obras de Alexandre Herculano e varias outras que acêrca do insigne escritor se teem publicado. Que todos as leiam, é o meu grande desejo. Que todos as leiam, é a melhor homenagem que se pode prestar-lhe e, repito, a que ele mais estimaria, se vivesse.

Ao terminar o seu discurso, o Sr. Dr. Correia Pacheco foi saudado com unisonas e prolongadas salvas de palmas».

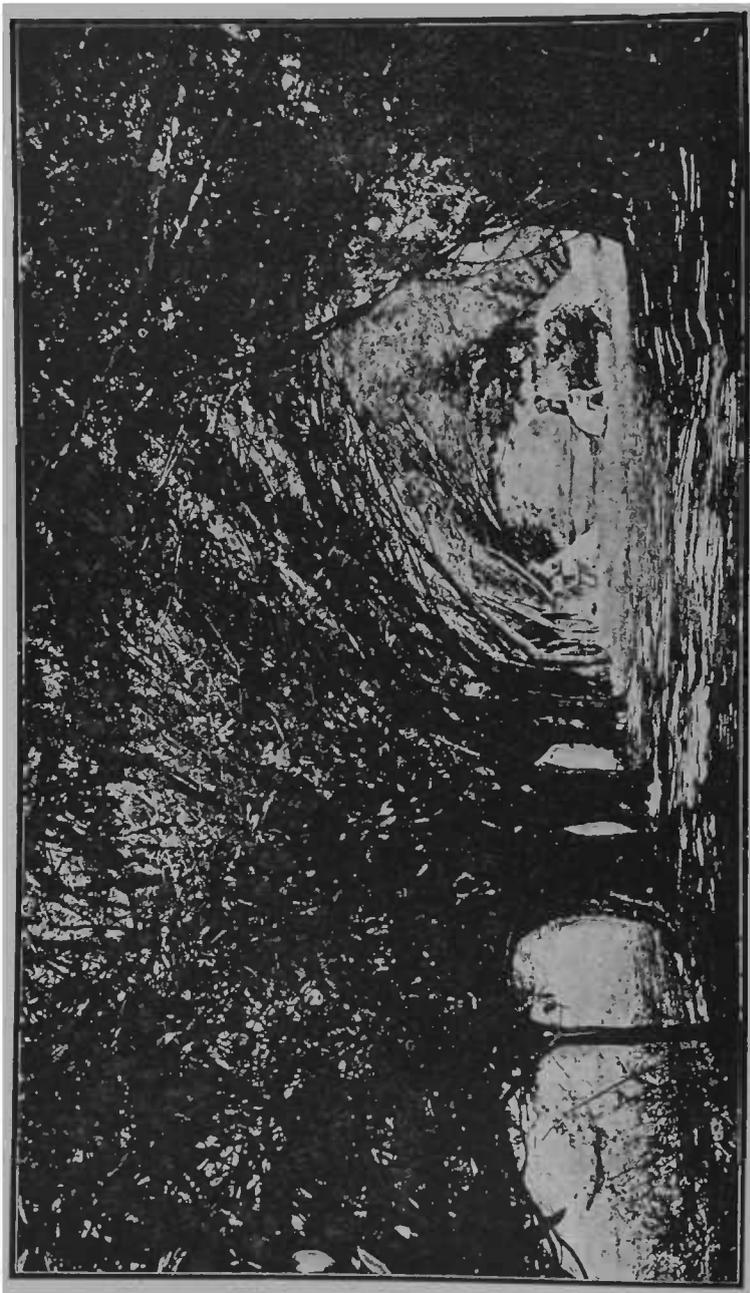
XLVII

A Sociedade Promotora da Educação Popular quis acompanhar o movimento, que se ia engrandecendo para a comemoração do centenario de Alexandre Herculano, e convidou para uma conferencia o ilustrado professor Sr. Borges Grainha, que realizou escolhendo o tema seguinte: *Herculano como liberal e amigo do povo.*

«O Sr. Borges Grainha começou a sua brilhante conferencia dizendo que Herculano fôra o homem mais extraordinario e irredutivel da sua epoca e, que, apesar do seu espirito verdadeiramente liberal e tolerante, no emtanto, teve a infelicidade de não ser compreendido, tendo que lutar contra a rotina e o indiferentismo.

Herculano foi um tipo curioso, como o foi, no seculo XVI, Erasmo, que entre as lutas do protestantismo, nem era protestante nem catolico. Porque? Porque era um homem energico e inabalavel. Assim o nosso grande historiador, cuja obra colossal se levanta, rigida, como um penedo batido pelas ondas.

Herculano foi um liberal á inglesa; amigo do povo, dizendo a verdade em toda a sua nudez, sem lhe lisonjear os desejos insensatos.

Herculano foi um verdadeiro cristão, á maneira de Luthero. Tendo emigrado para a Inglaterra, lá edificou o seu espirito no espectaculo da vida inglesa, tão diferente da latina.

Tunel de cedros em Vale de Lobos, em frente da casa do egregio escritor

A prova da maneira como Herculano era cristão, está na carta que dirigiu ao Visconde de Santa Monica, na qual se evidencia a sua evolução. E tão cristão ele era, que conquistou a hostilidade dos que pregam o livre pensamento e se dizem liberaes e tolerantes. O seu carater recto esteve sempre ao lado do Direito e da Justiça, como, por exemplo, quando foram proibidas pelo Duque de Avila e Bolama as conferencias no Casino.

Herculano combateu, no parlamento, uma lei de imprensa restritiva; e, no jornalismo, ha d'ele um formidavel e heroico exemplo, quando se pôs ao lado do jornal *A Nação*, seu inimigo irredutivel, pois apesar d'isso, defende-o quando aquele periodico foi querelado. Por este facto se vê que Herculano era religioso, mas um verdadeiro liberal que deu provas de tolerante.

O ilustre conferente passa em seguida a demonstrar que Herculano foi um verdadeiro amigo do povo. O grande historiador tinha predilecção pelo campo. Até nisso ele imitou Gladstone, que, antes de ir para o ministerio, dedicava-se aos trabalhos agricolas. Ainda ha outros factos que demonstram ter sido Herculano um verdadeiro amigo do povo, provam a defesa que ele sempre tomou pelo desenvolvimento da instrução primaria, desejando que ela fosse integral. Fez tambem a propaganda para a fundação da Caixa Economica do Credito Rural; a sua atitude perante o socialismo, para o qual desejava a mais ampla discussão, manifestando a sua simpatia por esse ideal; as suas opiniões sobre emigração, que, por não serem seguidas, deu em resultado os nossos colonos ficarem numa situação deprimente aos olhos dos estrangeiros, nos paises em que concorrem.

O Sr. Borges Grainha, ao concluir a sua brilhante conferencia, incitou os assistentes a que aprendessem a ser liberaes e amigos do povo, como fôra o grande historiador.

No final, o ilustre conferente, recebeu prolongada salva de palmas».

No dia 24, em Coimbra, houve duas comemorações notaveis: a primeira na sala dos capelos da Universidade, em que foi conferente o Sr. Dr. Alves dos Santos, lente de teologia, que discursou sobre a influencia da educação infantil, referindo-se aos esforços e estudos que Alexandre Herculano fizera para regularizar e desenvolver o ensino em as nossas escolas primarias, facto já citado numa conferencia do Sr. professor Adolfo Coelho.

Na sala do Instituto fizera outra conferencia o ilustre publicista espanhol, Sr. D. Romero Quinhones, o qual, a convite da comissão academica, fôra a Coimbra para esse fim. O conferente, exaltando as qualidades e os trabalhos de Alexandre Herculano, referiu-se ás boas relações que devem existir entre Portugal e a Espanha, nações amigas que convem caminhar a par na senda da civilização e na conquista do progresso.

XLVIII

Facto digno igualmente de especial menção foi, por sem duvida, a ida, no dia 24, da comissão do centenario a Azoia e Vale de Lobos, onde se extinguiu a vida do egregio historiador, e a brilhante recepção que todos encontraram em Santarem, cidade opulentamente preparada para os receber com entusiasmo e carinho.

A chegada da comissão a Santarem foi pouco depois do meio dia. Na estação do caminho de ferro já era avultado o numero das pessoas que a aguardavam, e entre elas o Sr. Visconde de Anachoreta, camara municipal com o seu presidente, Sr. Dr. Adolfo Ernesto Teixeira Guedes, vice-presidente, Sr. Dr. Antonio Coelho Monteiro, e vereadores Srs. João Antonio Arruda, Tancredo Maldonado Pedroso, João Monteiro, José Aguiar, João Costa, Ernesto de Avelar e Francisco Simões Ribeiro; Associação Comercial, pelos Srs. Antonio Mendes Cabral e Leonardo Ramos; José Franco das Neves Junior e José Tomás Duarte Coelho, representando o Montepio Ribeirense, representando tambem o primeiro d'aqueles senhores o Club Ribeirense; Manuel Antonio das Neves, Abilio Nobre da Veiga, Artur da Costa Meira, José Antonio Meira e Joaquim da Comissão Verissimo, pela comissão municipal republicana, representando o primeiro d'aqueles senhores e o Sr. José Avelino de Sousa o semanario republicano *O Debate* e o Sr. João Antonio Arruda o *Correio da Extremadura;* Feliciano Severino Marques, Manuel Augusto Vieira, Isidoro da Silva e José Avelino de Sousa, pelo Centro Republicano; Josué da Cunha Vicente do Carmo Caetano, Antonio Gomes, José Roque e Bernardo Pereira, pelo Gremio Literario Guilherme de Azevedo; delegado do tesouro; Guerra, tenente cativo do presidio militar; coronel Basto, tenente-coronel Gorjão, capitães Frazão e Figueiredo; tenentes Serra, Monteiro, Trindade Vidago, Souto e Costa e alferes Mata, de artilharia 3, e tenente-coronel Pedro de Sousa Moura, major Barreto Moniz; capitães Viegas, Sousa, Gomes, Machado e Avelar, tenentes Julio Cesar da Silva Cordeiro, Julio da Conceição Vilar e Guerrreiro, alferes Antonio Madeira Montez e Oliveira Dias, de caçadores 6, rev. João Rodrigues Ribeiro, Dr. Francisco Nunes Godinho e Dr. Genistal Machado, pelo liceu; José Tomás Duarte Coelho e João de Sousa Canavarro, pela Santa Casa da Misericordia; Dr. Henrique Anachoreta, Dr. Julio Madeira Montez, Julio Araujo, Dr. Abel Anachoreta, Julio Bernardino dos Santos, João Telhado, Dr. João Cesar Henriques, Joaquim de Oliveira Baptista, Julio de Sousa, Carlos Anachoreta, Artur Meira, Padua Leal, Frederico Bettencourt, Manuel João Telhada, escrivão de fazenda, Santos Nazareth, Cesar Augusto de Carvalho, José Augusto de Aguiar, Dr. Rui Teles Palhinha, Dr. Anselmo Xavier, Dr. Eugenio Silva, Dr. Alberto de Sousa, Dr. Teles Feio, Dr. Augusto dos Santos Ferreira de Miranda, agronomo distrital Alfredo Godinho, Augusto Ciriaco de Pina, Antonio Maria de Sousa, etc.

A banda dos Bombeiros Voluntarios, com a corporação dos mesmos, comandada pelo tenente Joaquim Martins da Cunha Mata e a dos Bombeiros Municipaes, pelo Sr. Antonio Pascolinho, postaram-se igualmente na estação do caminho de ferro.

Aqui formaram-se igualmente com frente para a linha ascendente:

A Escola Ribeirense, com 16 crianças do sexo masculino e 50 do feminino, ostentando o respectivo estandarte, acompanhando as crianças a professora Sr.ª D. Leopoldina Ribeiro e o professor Sr. Manuel Bartolomeu Pereira.

150 crianças de ambos os sexos das escolas centraes de Santarem, com o respectivo estandarte, acompanhando-as a regente, a Sr. D. Maria Luisa dos Santos, e as professoras Sr.as D. Cristina Calheiros, D. Henriqueta Faria e a ajudante Sr.ª D. Ana Ferreira e os professores Srs. Alvaro Seabra, Tavares Ferreira, Paiva Faria e Monteiro Neves.

Estavam tambem representadas as camaras de Coruche, pelo vice-presidente, o Sr. Carlos Raposo, a de Almeirim, pelo Sr. Guilherme Nunes Godinho, e a de Salvaterra de Magos, pelos Srs. Profirio Nunes da Silva, Inacio Rebelo da Silva e Antonio Miranda Garrido da Silva, estando tambem representada a de Rio Maior por quasi toda a vereação.

Á hora da tabela chegou o comboio e, imediatamente, na gare resoou uma prolongada salva de palmas, ao mesmo tempo que a banda de bombeiros executava a marcha «Alexandre Herculano».

Parado o comboio, desceram de uma carruagem de 1.ª classe, os Srs. Ro-

sendo Carvalheira, Almeida Lima, Borges Grainha, Agostinho Fortes, Moreira de Almeida, Gomes Pereira, Cristino da Silva e L. Passos, por parte da grande comissão, e os Srs. Caiola Bastos, Acurcio Pereira, Alvaro Paes, Figueira Rego e Henrique Cardoso, da comissão academica.

Trocados os cumprimentos, e no meio do mais comunicativo entusiasmo, as muitas pessoas que se encontravam na gare e as que chegaram no comboio saíram com extraordinaria dificuldade da estação.

No largo fronteiro a esta viam-se grande numero de pessoas que seguiram a caminho da Azoia, o primeiro ponto a ser visitado.

O cortejo, tomando á direita e contornando depois á esquerda, seguiu até o lugar denominado o Entroncamento, por se cruzarem ali quatro estradas.

No Entroncamento apinhava-se grande quantidade de povo, que saudou tambem e muito calorosamente a comissão, sendo queimadas muitas duzias de foguetes.

O cortejo, ao chegar ali, contornou então á direita, havendo por todo o caminho muito povo, oferecendo a estrada um aspecto verdadeiramente poetico.

Ao chegar o cortejo ao ponto onde a estrada tem uma outra á esquerda, que parte para Azoia, o cortejo parou e todos se apearam, resolvendo-se ir todos a pé até aquele lugar.

Eram 2 horas quando á entrada da Azoia foi queimada uma grande girandola de foguetes, anunciando a chegada do cortejo, no qual iam formadas as crianças dos colegios que haviam comparecido na estação, indo no couce, tocando sempre a marcha «Alexandre Herculano», a ex-banda dos Bombeiros Voluntarios.

O lugar de Azoia, proximo da Escola Herculano, onde se devia realizar a sessão solene, encontrava-se ornamentado com muitas bandeiras e cordões de buxo, que ligavam mastro com mastro.

Estava ali muito povo, tendo á frente o medico Sr. Dr. José Pompeu, farmaceutico Sr. Rodrigo da Costa Álvares e o professer Sr. Casimiro de Oliveira; escola do sexo feminino de Azoia, ostentando o estandarte de seda com letras bordadas a ouro, uma aluna, acompanhando as crianças a professora Sr.ª D. Mariana de Carvalho.

Estavam tambem a Camara Municipal de Torres Novas, representada pelo Sr. Olimpio José Martins e vereadores Srs. Joaquim Carlos Reis da Silva e José Antunes da Silva; as escolas de Vale Figueira, pelo Sr. Domingos Pereira Ramos Meira; a de Tremez, pelo Sr. Antonio Fernandes; e a das Marinhas, pelo Sr. Joaquim Pires Nunes.

Estavam ali formados, em frente da Escola Herculano, os Bombeiros Municipaes e Voluntarios e as bandas dos bombeiros, caçadores 6 e a do Asilo da Santa Casa da Misericordia de Santarem.

Uma vez na Azoia, todos se encaminharam para o ponto onde devia lançar a primeira pedra para o monumento ao glorioso historiador Alexandre Herculano.

Finda esta cerimonia dirigiram-se para a Escola Herculano, que se encontrava literalmente cheia.

Assumiu a presidencia o sr. governador civil, que dava a direita ao Sr. Moreira de Almeida e a esquerda ao Sr. Rosendo Carvalheira.

Expostos, pelo sr. presidente, os fins da sessão, o aluno Manuel Fernandes, da escola de Azoia, pronunciou um discurso, seguindo-se no uso da palavra o Sr. Agostinho Fortes, que tambem produziu uma brilhante alocução.

Finda a cerimonia em Azoia, todos se dirigiram para Vale de Lobos, marchando na frente as bandas a que atrás nos referimos.

A dos bombeiros e de caçadores, aquela com os bombeiros, postaram-se á porta principal da casa, ficando distante a do Asilo da Misericordia.

Todas tocaram repetidas vezes a marcha «Alexandre Herculano».

A comissão foi recebida pelo Srs. Comendador Paulino da Cunha e Silva e Domingos Constancio.

Ali foi visitada a sala de entrada, os compartimentos contiguos, quarto da cama, onde Alexandre Herculano faleceu, conservando-se tudo no mesmo estado áquela data historica.

Finda esta visita retiraram-se todos, indo umas pessoas para a estação e outras para Santarem.

XLIX

Em a noite de 27 de abril realizou-se o sarau no Teatro de S. Carlos executando-se o seguinte programa:

1.ª Parte

1.º Marcha triunfal «Herculano» pelas Tunas Academicas de Lisboa e Coimbra, sob a regencia do Sr. Eduardo Pavia de Magalhães, regente da Tuna Academica de Lisboa.

2.º Descerramento do busto de Alexandre Herculano.

3.º Alocução pelo Presidente da Comissão Executiva do Centenario.

4.º Recitação de poesias e leitura de trechos de Herculano:

a) Dialogo de Eurico e Hermengarda, do romance *Eurico*, pela Sr.ª D. Lucinda Simões e o Sr. Eduardo Brasão.

b) *A tempestade*, poesia de Herculano, pelo Sr. Eduardo Brasão.

c) *A cruz mutilada*, poesia de Herculano, pelo Sr. Cristiano de Sousa.

d) *A rosa*, poesia de Herculano, pela Sr.ª D. Lucinda Simões.

5.º Recitação de poesias originaes de homenagem á memoria de Herculano.

2.ª Parte

1.º Orfeon Academico de Coimbra, sob a regencia do Sr. Antonio Joice:

a) In coena Domini (Feria V), Palestrina.

b) Côro dos soldados (Huguenotes), Meyerbeer.

c) Ich legte mich am Abend, Grieg.

d) Fuga (da opera Damnation de Faust), Berlioz.

2.º Rienzi (Ouverture), Wagner, pela orchestra, sob a regencia do maestro Sr. D. Pedro Blanch.

3.º Aria da opera Cid, de Massenet, para canto, pela Sr.ª D. Candida da Nova Monteiro, com acompanhamento de orchestra.

4.º Romanza do Concerto xx, de Mozart, para piano, com acompanhamento de orchestra, pela Sr.ª D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso.

3.ª Parte

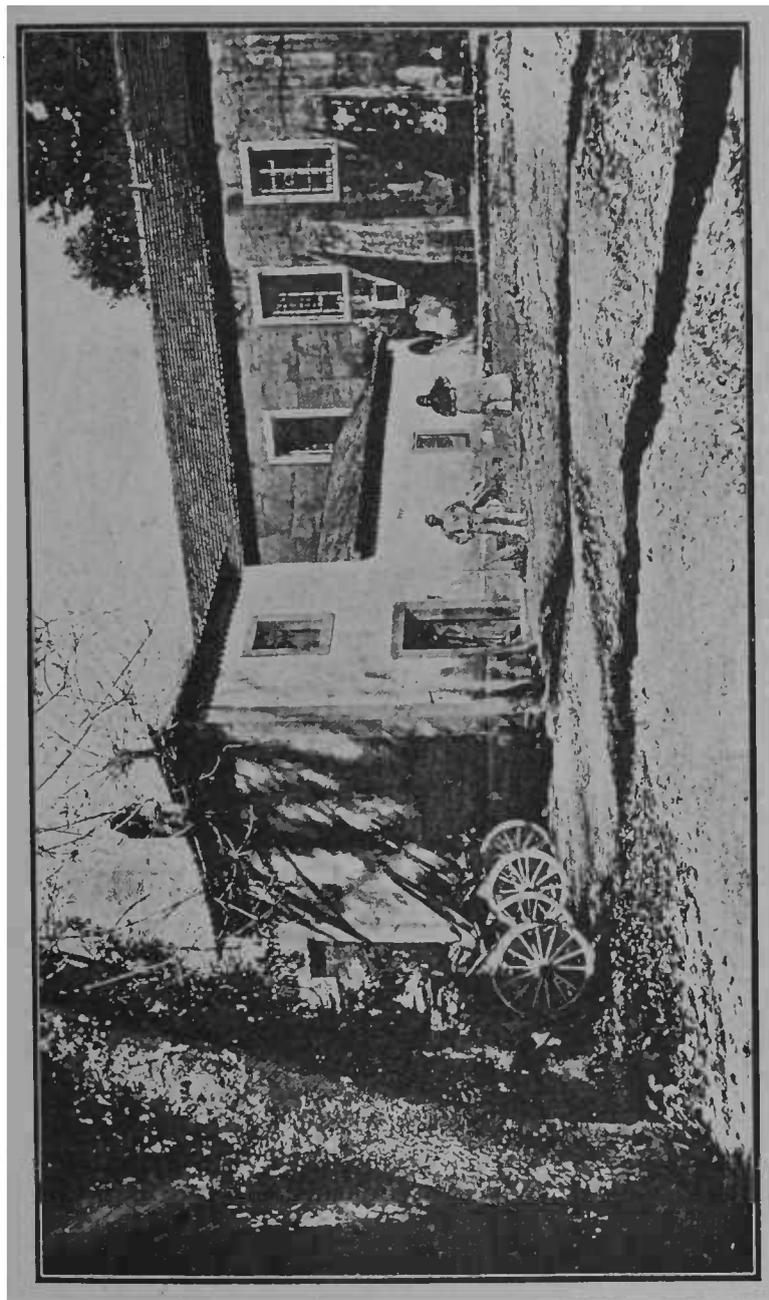
1.º Concerto pela Tuna Academica de Lisboa, sob a regencia do aluno do Conservatorio Sr. Pavia de Magalhães:

a) Hino Academico, Medeiros.

b) Mormorio del Mare, intermezzo, S. Salvetti.

c) Brincando, pizzicato, Venceslau Pinto.

d) Vale de Lobos, marcha, Pavia de Magalhães.

2.º Variações de Proch para canto, com acompanhamento de piano, pela Sr.ª D. Amelia Almeida Serra.

Casa da azenha e lagar de azeite na propriedade de Alexandre Herculano em Vale de Lobos

3.º Aria do baritono do 1.º acto da opera Eurico, para canto, pelo Sr. Mauricio Bensaude, com acompanhamento de piano.

4.º Concerto pela Tuna Academica de Coimbra sob a regencia do Sr. Francisco de Lima Macedo:

a) Serenade orientale, de Gonglof.
b) Scène de ballet, de Beriot.
c) Hino Academico, Medeiros.

5.º Marcha triunfal «Alexandre Herculano», pelas bandas da Guarda Municipal e Marinheiros.

L

Chegamos ao dia 28, o do grande cortejo civico.

A Camara Municipal de Lisboa mandara afixar nos lugares publicos do costume o seguinte edital:

Anselmo Braamcamp Freire, Vice-Presidente da Camara Municipal de Lisboa:

Faço saber que realizando-se no dia 28 do corrente mês um cortejo civico em homenagem á memoria de Alexandre Herculano, o homem que a um profundo saber juntou uma inexcedivel integridade de caracter, merecendo, portanto, a todos nós igual respeito como historiador e como cidadão, a Camara Municipal de Lisboa resolveu convidar o povo da capital não só para se associar á referida manifestação encorporando-se no cortejo, o qual deverá sair da Praça do Comercio pelo meio dia em direcção á Igreja dos Jeronimos, mas tambem para acompanhar a Camara na cerimonia que a seguir se deverá realizar do descerramento da lapida colocada no edificio dos antigos Paços do Concelho de Belem, na qual ficará perduravelmente inscrito o preito tributado em nome da cidade de Lisboa pela sua actual vereação ao mesmo egregio escritor, que alem de estrenuo defensor das regalias municipaes foi tambem o primeiro presidente da camara municipal d'aquele extinto concelho.

Lisboa, 25 de abril de 1910. = *Anselmo Braamcamp Freire.*

A comissão executiva do centenario mandara publicar o seguinte em todos os periodicos diarios:

Instante recomendação da Comissão Executiva

Cortejo civico

Realizando-se na proxima quinta-feira, 28, o cortejo civico de homenagem da Nação Portuguesa a Alexandre Herculano, o qual, organizando-se pelo meio dia na Praça do Comercio, se dirigirá pelas ruas do Arsenal, 24 de Julho, Junqueira e Belem até os Jeronimos, em visita ao tumulo do egregio português, a comissão executiva do centenario, ronovando o convite que já teve a honra de dirigir a todos os poderes do Estado, ás autoridades, ás academias, ás corporações e instituições oficiaes e particulares, sem excepção alguma, e ao povo da capital, para se associarem a esta manifestação grandiosa, confia e

muito instantemente pede que, sem quaesquer preocupações politicas, esquecidas nesse dia as divergencias que por ventura separem, em campos diferentes, todos aqueles que constituem e representam a sociedade portuguesa, concorram todos os cidadãos qualquer que seja a sua jerarchia, classes ou situação social, para que o cortejo de 28 de abril se realize com a mais rigorosa ordem e sem manifestações que possam, por qualquer forma, quebrar o grande principio de solidariedade que a todos deve unir em tão solene dia, de modo a constituir esta glorificação de Herculano uma significativa, honrosa e imponente manifestação da nossa vida nacional que a todos por igual nobilite e em que todos devem ter igual e entusiastica colaboração.

A comissão executiva = *Z. Consiglieri Pedroso*, presidente; *João Maria de Almeida Lima, Rosendo de Araujo Carvalheira*, secretarios; *Abel Botelho, Agostinho Fortes, Alfredo da Cunha, Anselmo Braamcamp Freire, Antonio Joaquim de Sá e Oliveira, Augusto Cesar Gomes Pereira, Carlos Soares Branco, Ernesto de Vasconcelos, Francisco dos Reis Santos, Joaquim Cardoso de Sousa Gonçalves, Jorge Colaço, José Augusto Moreira de Almeida, Luis Passos, Manuel Borges Grainha e Sebastião de Magalhães Lima.*

Ficara estabelecida a ordem do cortejo com as seguintes instruções:

Instruções para a formação e marcha do cortejo

Publicamos hoje os graficos da formação do cortejo de ámanhã, no Terreiro do Paço, e do itinerario a seguir dentro do edificio dos Jeronimos, desde a entrada até á dispersão.

Todos os representantes das camaras municipaes se encorporarão no grupo n.º 14, onde se encontrará um ou mais vogaes da Comissão Executiva para os reconhecerem.

Todas as colectividades e individuos que tomam parte no cortejo deverão procurar, no Terreiro do Paço, o respectivo grupo a que pertençam, que será marcado na mesma praça por uma taboleta com o numero bem visivel.

De cada grupo será, na ocasião em que se constituir, escolhido um individuo que terá o encargo de manter a melhor disposição no mesmo, transmitindo-lhe o que para boa ordem do cortejo lhe for indicado pelo membros da Comissão Executiva.

Começando ás 10 horas da manhã no Terreiro do Paço a formação do cortejo, que se porá em marcha ao meio dia, recomenda-se instantemente a todos os que d'eles fizerem parte que se não reservem para a ultima hora, facto que traria graves inconvenientes para todos.

A formação do cortejo será marcada, cinco minutos antes de iniciar a partida do Terreiro do Paço, por uma girandola de foguetes, no momento preciso do desfile pelo desfraldar de uma bandeira colocada no mastro por detrás do grupo central do arco da Rua Augusta, e por uma salva de morteiros.

O cortejo segue do Terreiro do Paço pela Rua do Arsenal, Largo do Corpo Santo (lado do Tejo), Praça Duque da Terceira, Rua 24 de Julho, direito ao Largo do Calvario, Rua de S. Joaquim, Rua Direita de Belem, Largo dos Jeronimos.

Em Santos encorporam-se no cortejo 70 alunos do Colegio Lusitano, e os alunos da Casa de Correcção de Caxias com a respectiva banda.

Em Alcantara entram no cortejo os alunos da Real Casa Pia de Lisboa.

Na Junqueira tomam a frente do mesmo cortejo todas as crianças das escolas oficiaes, em numero aproximado de 6:000.

Quando o cortejo chegar ao Largo do Calvario será lançada uma girandola de foguetes, que servirá de aviso ás escolas estacionadas na Junqueira para tomarem a devida formatura.

Convindo por todos os motivos de boa ordem que o cortejo se faça em marcha seguida e regular, e que depois de entrar nos Jeronimos não haja nada que obrigue a parar o desfile indicado no grafico respectivo, não são permitidos discursos.

A passagem por defronte do tumulo de Alexandre Herculano far-se-ha tambem sem interrupção, entrando-se por uma das portas da capela e saindo-se pela outra.

As colectividades ou individuos que levarem coroas ou quaesquer outros objectos para depositarem no tumulo de Alexandre Herculano, separar-se-hão para esse efeito do prestito dentro da capela, por forma que ele possa seguir sem interrupção o trajecto marcado.

As musicas que tomarem parte no cortejo serão distribuidas pela forma que for julgada mais conveniente.

Grupos para o cortejo civico em 28 de abril

Grupo n.º 1. Escolas primarias oficiaes.
Grupo n.º 2. Asilos oficiaes.
Grupo n.º 3. Colegios particulares.
Grupo n.º 4. Escolas normaes, industriaes e liceus.
Grupo n.º 5. Escolas especiaes.
Grupo n.º 6. Escolas superiores.
Grupo n.º 7. Corporações artisticas, literarias e scientificas.
Grupo n.º 8. Associações protectoras da instrução.
Grupo n.º 9. Associações de classe.
Grupo n.º 10. Associações comerciaes e industriaes.
Grupo n.º 11. Associações de educação e recreio.
Grupo n.º 12. Associações de assistencia e mutualidade.
Grugo n.º 13. Associações politicas e religiosas.
Grupo n.º 14. Camaras municipaes e juntas de paroquia.
Grupo n.º 15. Governos civis e corporações administrativas.
Grupo n.º 16. Tribunaes e corporações judiciaes.
Grupo n.º 17. Representação dos poderes constitucionaes da nação.
Grupo n.º 18. Corporações dos oficiaes da armada e do exercito do reino e ultramar.
Grupo n.º 19. Funcionalismo civil.
Grupo n.º 20. Imprensa e associações jornalisticas e de escritores publicos.
Grupo n.º 21 Comissão Executiva e Grande Comissão do Centenario.

Formação do cortejo

Grupo n.º 1

Deputações de todas as escolas primarias oficiaes (reunião na Junqueira).

Grupo n.º 2

Asilos oficiaes :
Maria Pia.

Casa de Correcção (reune em Santos).
Casa Pia de Lisboa (reune em Alcantara).

Grupo n.º 3

Colegios particulares:
Arriaga.
Liberal.
Nacional.
Alexandre Herculano.
Instituto Lusitano (entra em Santos).
Escola Academica.
Gremio Popular.
Colegio Evangelico Lusitano e aula dominical.

Grupo n.º 4

Escolas normaes:
Normaes dos sexos masculino e feminino (entra no Calvario).
Escolas industriaes:
Principe Real.
Afonso Domingues.
Marquês de Pombal.
Preparatoria Rodrigues Sampaio.
Elementar do Comercio.
Liceus:
Camões.
Passos Manuel.
Da Lapa.
Maria Pia.
Alexandre Herculano.
Real Colegio Militar.
Instituto D. Afonso.
Academia de Setubal.

Grupo n.º 5

Escolas especiaes:
Academia de Belas Artes.
Real Conservatorio.
Escola Colonial.
Escola Auxiliar de Marinha.
Escola de Medicina Tropical.

Grupo n.º 6

Escolas superiores:
Instituto Industrial e Comercial.
Associação Camoneana José Vitorino Damasio.
Instituto de Agronomia e Veterinaria.
Escola de Farmacia.
Escola Politecnica.
Escola do Exercito.
Escola Naval.
Escola Medica.
Curso Superior de Letras e Associação.

Universidade de Coimbra.
Comissão Academica de Lisboa.

Grupo n.º 7

Corporações artisticas, literarias e scientificas:
Sociedade de Estudos Açoreanos.
Literaria Almeida Garrett.
Sciencias Medicas.
Architectos e Archeologos Portugueses.
Nacional de Belas Artes.
Portuguesa de Medicina Veterinaria.
Sociedade de Geografia.
De Sciencias Naturaes.
Portuguesa de Fotografia.
Associação dos Advogados.
Associação dos Medicos Portugueses.
Associação dos Engenheiros Civis Portugueses.
Sociedade de Estudos Pedagogicos.
Academia Real das Sciencias.
Liga Naval Portuguesa.

Grupo n.º 8

Associações protectoras da instrução:
Academia de Estudos Livres.
Academia de Instrução Popular.
Associação Escolar do Ensino Liberal.
Associação Filantropica Infantil.
Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas.
Real Instituto de Lisboa.
Academia Instrutiva Recreio Operario das Oficinas do Caminho de Ferro de Norte e Leste.
Sociedade Promotora de Educação.
Centros escolares republicanos:
Das Mercês.
Do Campo Grande.
De Santos.
João Chagas.
Democratico José Estevam.
Gremio Republicano de Alcantara.
Centro Escolar Republicano Antonio José de Almeida.
Centro Escolar Democratico Dr. Castelo Branco Saraiva.
Centro Eleitoral Republicano Alexandre Braga.
Centro Escolar Eleitoral de Belem.
Centro Escolar Republicano Heliodoro Salgado.
Centro Escolar Republicano da Pena.
Liga Nacional de Instrução.
Ateneu Comercial de Lisboa.
Centro Escolar Eleitoral Rodrigues de Freitas.
Associação Propagadora da Lei do Registo Civil.
Associação das Escolas Moveis pelo Metodo de João de Deus.
Instituto «O Vintem das Escolas».

Grupo n.º 9

Associações de classe:
Dos Agricultores e Horticultores do distrito de Lisboa.
Dos Artistas Dramaticos.
Dos Caixeiros Viajantes.
Dos Calceteiros.
Comercial da Nova Area Anexada.
Dos Compositores Tipograficos.
Dos Condutores e Guarda-Freios
Dos Construtores Civis e Mestres de Obras.
Dos Coristas Portugueses.
Dos Correios de Lisboa.
Das Costureiras e Ajuntadeiras.
Dos Despachantes Oficiaes.
Dos Empregados de Hoteis e Restaurantes de Lisboa.
Dos Engenheiros Machinistas.
Dos Estucadores e Decoradores.
Dos Fogueiros de Mar e Terra.
Fraternal dos Operarios Alfaiates de Lisboa.
Dos Fundidores de Metaes de Lisboa.
Dos Industriaes Carpinteiros de Obra Miuda.
Dos Jardineiros.
Dos Jardineiros em Portugal.
Dos Mestres de Obras de Construção Civil.
Das Obras Publicas.
Dos Operarios do Municipio de Lisboa.
Dos Pregueiros Mechanicos e Anexos.
Dos Vendedores do Carvão em Lisboa.
Dos Vendedores de Jornaes.
Dos Vendedores de Vinhos e Comidas.
Dos Vendedores de Viveres a Retalho.
Dos Condutores de Obras Publicas e Minas.
Dos Construtores de Macadam.
Dos Criados de Mesa.
Dos Empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses.
Dos Enfermeiros do Corpo de Saude Civil de Lisboa.
Dos Farmaceuticos Portugueses.
Dos Fabricantes de Armas e Oficios Acessorios.
Dos Operarios Corticeiros de Lisboa.
Dos Solicitadores Encartados.
Dos Torneiros com estabelecimento.
Dos Operarios Encadernadores.
Dos Impressores Tipograficos.
Dos Manufactores de Tecidos.
Dos Caixeiros de Lisboa.
Federação Tipografica Portuguesa.
Gremio de Construtores Civis Teorico-Praticos.
Liga dos Oficiaes de Marinha Mercante.
Associação Academica de Coimbra.

Grupo n.º 10

Associações comerciaes e industriaes, de propaganda e defesa de interesses nacionaes:
Comercial de Lisboa.

Comercial dos Lojistas de Lisboa.
De Classe Comercial do Beato e Olivaes.
Industrial Portuguesa.
Liga de Defesa dos Interesses Publicos.
Sociedade Propaganda de Portugal.

Grupo n.º 11

Associações de educação e recreio:
Academia Dramatica e Familiar 1 de Novembro de 1898.
Academia Instrutiva do Pessoal do Caminho de Ferro de Norte e Leste (com banda).
Casino Familiar Recreativo.
Chalet Club.
Club Recreativo Musical 6 de Setembro de 1903 (tuna).
Club dos Restauradores.
Club Recreativo Lusitano.
Club Simões Carneiro.
Gremio Literario.
Grupo Dramatico Actor Joaquim Costa.
Grupo União e Capricho.
Real Gimnasio Club Português.
Liga Portuguesa de Foot-Ball.
Sociedade Filarmonica Alunos Esperança.
Sociedade Musical Ordem e Progresso (tuna).
Lisboa-Club.
Tuna Democratica Antonio José de Almeida.
Associação Concentração Musical.
Club Recreativo 5 de Junho de 1903.
Sociedade Musical União do Beato.
Sociedade Musical Alunos Alves Rente.

Grupo n.º 12

Associações de assistencia e mutualidade:
Associação Bemfeitora das Crianças Pobres.
Associação Protectora da Primeira Infancia.
Associações de Socorros Mutuos:
Afonso de Albuquerque.
Antonio Maria Cardoso.
Belenense.
Carpinteiros de Construções Navaes.
Custodio Brás Pacheco.
A Democracia Cristã.
2 de Maio.
Eduardo Coelho.
Dos Empregados da Casa da Moeda.
Futuro e Progresso.
Humanitaria.
Humanitaria Camões.
Humanitaria dos Operarios Lisbonenses.
Inhabilidade.
Inhabilidade General Sousa Brandão.
Instrução Aliança Operaria.
José Coelho de Magalhães.
José Maria Latino Coelho.

Macedo Pimentel.
Dr. Manuel Moreira Junior.
Dos Marceneiros.
Montepios:
Aliança.
Das Classes Comercial e Industrial.
Fidelidade.
Filarmonico.
Liberal Lisbonense.
Nacional.
Vitoria.
Associações de socorros mutuos:
Dos Operarios das Oficinas Geraes dos Caminhos de Ferro do Norte e Leste de Portugal.
S. Fernando.
Sapateiros Lisbonenses e Artes Correlativas.
Nossa Senhora da Assunção e Santo Antonio do Vale.
Nossa Senhora da Encarnação.
Tipografica Lisbonense e Artes Correlativas.
União Humanitaria.
De Vendedores de Jornaes.
Dos Vendedores de Vinho.
24 de Julho de 1887.
Dos Operarios da Cordoaria Nacional.
Caixa de Socorros dos Artistas do Teatro de D. Amelia.
Caixa de Socorros dos Serventes do Hospital de S. José e Anexos.
Grupo dos Amigos da Infancia.
Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha.
Empregados do Comercio de Lisboa.
Associação dos Canteiros.
Sociedade Cooperativa.
Sociedade de Credito dos Funcionarios Publicos.
Montepio de Nossa Senhora da Conceição da Rocha.
Associações de Socorros Mutuos:
Silva e Albuquerque.
Senhor Jesus do Bomfim.
O Pelicano.
Dos Carteiros e Boletineiros de Lisboa.
Dr. Casanova.
O Ocidente.
Dr. Sousa Martins.
Patrão Joaquim Lopes.
Dos Empregados no Comercio e Industria.

Grupo n.º 13

Associações politicas e religiosas.
Centro Progressista Dissidente.
Centro Republicano Latino Coelho.
Comissão Municipal Seixalense.
Gremio Republicano Federal.
Centro Eleitoral Republicano da Ajuda.
Centro Eleitoral Republicano Dr. Bernardino Machado.
Comissão Municipal Republicana.
Cirio Civil do Castelo.
Liga do Clero Paroquial Português.

Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres.
Congregação de Caridade da Freguesia de S. Mamede.
Liga Monarchica.
Centro Andrade Neves.

Grupo n.º 14

Camaras municipaes e Juntas de paroquia:
Camaras municipaes de:
Lisboa.
Porto.
Albergaria-a-Velha.
Alenquer.
Almeirim.
Benavente.
Cadaval.
Caldas da Rainha.
Cascaes.
Castélo Branco.
Coruche.
Cuba.
Evora.
Leiria.
Lourinhã.
Mação.
Mafra.
Mangualde.
Marvão.
Monchique.
Nisa.
Odemira.
Peniche.
Rio Maior.
Tomar.
Torres Vedras.
Vila Franca de Xira.
Seixal.
S. Pedro do Sul.
Alijó.
Lamego.
Alcochete.
Portel.
Alfandega da Sé.
Obidos.
Paredes de Coura.
Murça.
Fornos de Algodres.
Lagos.
Oeiras.
Mealhada.
Cintra.
Oliveira de Azemeis.
Alcobaça.
Trancoso.
Paços de Ferreira.
Felgueiras.

Viseu.
Paredes.
Espinho.
Castro Verde.
Arruda dos Vinhos.
Alandroal.
Grandola.
Taboaço.
Pesqueira.
Juntas de paroquia:
Santa Engracia.
Santa Isabel.

Grupo n.º 15

Governos civis e corporações administrativas.

Grupo n.º 16

Tribunaes e corporações judiciaes.

Grupo n.º 17

Representação dos poderes constitucionaes da nação:
Governo.
Camara dos Dignos Pares.
Camara dos Senhores Deputados da nação.

Grupo n.º 18

Corporações dos oficiaes da armada e dos exercitos do reino e ultramar.

Grupo n.º 19

Funcionalismo civil.

Grupo n.º 20

Imprensa e associações jornalisticas e de escritores publicos.

Grupo n.º 21

Comissão Executiva e Grande Comissão do Centenario.

No cortejo civico tomaram parte cêrca de 6:000 crianças pertencentes ás escolas oficiaes de Lisboa e arredores.

LI

Para esclarecer um facto mal registado na imprensa o Sr. Cristino da Silva, ilustrado professor na Escola Industrial Marquês de Pombal, pediu ao *Diário de Notícias* a publicação da seguinte carta:

«Lisboa, 29 de abril de 1910.—Meu amigo.—Na aliàs dificil reportagem, feita pelo *Diário de Notícias* de hoje, do colossal cortejo ci-

vico em homenagem apoteolica a Herculano, varios lapsos e equivocos se terão dado, e assim agradecia a V. o rectificar um que diz respeito á encorporação dos alunos da Escola Industrial Marquês de Pombal; assim afirma-se no jornal, que eles se encorporaram no cortejo, no Largo de Santo Amaro, aliás do Calvario, dirigidos pelo professor Sr. Silva Cabanita; a verdade é que ali se encorporaram sómente os alunos mais novos, mas os maiores dos dois sexos formaram no Terreiro do Paço e dali partiram, tendo eu tido a honra e o prazer de os acompanhar desde ali aos Jeronimos, como delegado d'aquela escola industrial na Grande Comissão do Centenario, onde tambem me competia lugar.

Igualmente peço a V. se digne noticiar que me pedira o Sr. Jorge Colaço no sarau de S. Carlos para, no caso de não poder comparecer no cortejo, ou outro director da Sociedade Nacional de Belas Artes, eu a representasse; no Terreiro do Paço vi, porém, que se encorporara no grupo 7.º o Sr. F. Carlos Parente, digno secretario da assembleia geral d'aquela corporação, a qual ficava assim mais oficialmente representada; não vendo eu, porem, mencionado, essa representação, peço a fineza de noticiar no ilustre jornal de V. o pedido que me fizera o Sr. Colaço, para que conste que a Sociedade Nacional de Belas Artes foi tambem representada no grandioso cortejo civico de 28 de abril de 1910.

Com a maior consideração creia-me de V., etc. =*João Ribeiro Cristino da Silva*».

LII

Terminadas as festas do centenario, que realmente, sobretudo em Lisboa, Porto e Coimbra, tiveram brilhantismo patriotico a igualar com as demonstrações civicas do tricentenario de Camões, a comissão executiva mandou publicar em todos os periodicos da nação o seguinte agradecimento:

Centenario de Alexandre Herculano

A Comissão Executiva delegada da Grande Comissão qué promoveu a celebração do centenario de Alexandre Herculano, interpretando o sentimento nacional, ainda a vibrar comovido pelo exito da referida celebração e em especial pela grandiosidade da solene e piedosa romagem ao tumulo do egregio escritor, agradece a todas as colectividades que pela sua adesão asseguraram o brilho singular que essa manifestação atingiu, e ao nobre povo da capital a forma tão digna e tão correcta como se associou á peregrinação ao templo de Santa Maria de Belem, dando-lhe o caracter impressivo de uma homenagem da nação inteira á memoria do seu insigne historiador.

A solidariedade que durante algumas horas teve no dia 28 unida no mesmo patriotico sentimento toda a familia portuguesa, ao passar reverente e saudosa diante do tumulo de Alexandre Herculano, ha-de deixar após si a semente fecunda de uma generosa aproximação fraternal entre todos os filhos d'esta terra, que de todos necessita, sem excepção de nenhum, para ser prospera e feliz.

São estes os votos mais ardentes da comissão executiva ao despedir-se do publico que a fortaleceu com a sua confiança e com a sua

simpatia, tornando brilhante realidade a aspiração de alguns admiradores do grande português, que a consagração nacional acaba de fazer entrar no panteon da imortalidade.

A Comissão Executiva,

Consiglieri Pedroso, presidente.
João Maria de Almeida Lima, secrêtario.
Rosendo de Araujo Carvalheira, secretario.
Abel Botelho.
Agostinho Fortes.
Alfredo da Cunha.
Anselmo Braamcamp Freire.
Antonio Joaquim de Sá e Oliveira.
Augusto Cesar Gomes Pereira.
Carlos Soares Branco.
Ernesto de Vasconcelos.
Francisco dos Reis Santos.
Joaquim Cardoso de Sousa Gonçalves.
Jorge Colaço.
José Augusto Moreira de Almeida.
Luis Passos.
Manuel Borges Grainha.
Sebastião de Magalhães Lima».

LIII

O antigo e muito bem conceituado e estimado periodico, que tem conquistado pela sua seriedade lugar primacial na imprensa portuguesa, *O Comercio do Porto*, brilhou no periodo dos trabalhos do centenario de Alexandre Herculano, não só pelo numero das informações fidedignas que incluiu nas suas paginas, mas tambem pelos artigos especiaes que dedicou a essa grandiosa solenidade e ao bom exito d'ela, encarregando d'esse trabalho colaboradores ilustrados e eruditos, como o padre Francisco José Patricio (infelizmente já falecido)[1], que ao longo exercicio ali na vida periodistica, na parte literaria, reunia aplicação excepcional e de bons frutos aos estudos historicos e arqueologicos, do que deixou muitos e valiosos documentos naquela folha.

Na minha colecção de apontamentos deparam-se-me dois d'esses interessantes artigos. Ler-se-hão com agrado. Sairam em abril 1910. Eis o primeiro:

A proposito de Alexandre Herculano

«A primeira vez que visitamos a capital, num dia em que desciamos o Chiado, disse-nos de surpresa um amigo, que nos servia de *cicerone:*

—Tiveste sorte, entrou agora para a Livraria Bertrand o Alexan-

[1] O padre Patricio, alem de estimado colaborador de *O Comercio do Porto*, por muitos anos exerceu as funcções de reitor do Colegio dos Orfãos do Porto. Por varias vezes realizou conferencias acêrca de assuntos da instrução publica, que lhe agradavam, prestando serviços de importancia ás proprias instituições de beneficencia portuenses. Tem impressas diversas orações e biografias. Representou em côrtes os circulos do Porto e de Viana do Castelo, de 1881 a 1904. Pertenceu a varias corporações literarias e scientificas. Era sacerdote simpatico e liberal.

dre Herculano; se queres vê-lo, entramos lá, pois ele já raras vezes vem a Lisboa.

Foi assim que tivemos o prazer de contemplar o Mestre, a quem agora são tributadas estas honras centenaes.

Uma impressão de respeito e veneração nos dominou ao ver a modestia do homem, que parecia severo e excentrico, e, no emtanto, ofereceu-se-nos ocasião de o achar delicadissimo no trato em que estava com alguns amigos. Absorvemol-o com a vista e completamos o nosso culto pelo incomparavel escritor e extremado patriota que ele era!

Ao agradecer ao amigo a fineza de nos deixar contemplar o Mestre, falamos na estada de Herculano na cidade do Porto e dos seus serviços na Biblioteca, onde, para não faltar nada em recordações, ficou um empregado pouco amigo de Herculano.

Quando, em 1862, começamos a frequentar a Biblioteca Publica do Porto, era director aquele respeitavel velho, ilustrado e cheio de serviços, o conselheiro Antero Albano da Silveira Pinto, homem de incontestavel merecimento, que tem sido esquecido dos nossos escritores contemporaneos, quando bem merecia uma interessante biografia. Era o 2.º bibliotecario o erudito e bondoso Eduardo Augusto Alen. Estava lá empregado como oficial Eduardo Coquet, aluno qne tinha sido do Colegio dos Orfãos e onde se tornara distinto no desenho, chegando a ser muito elogiado quando ofereceu á camara um belo retrato do padre Baltasar Guedes, que lá se conserva; e era tambem empregado, como oficial, um velho, grave e austero, aprumado, alto, e usando oculos que bem designavam que ele fôra um professor de logica: era Francisco Vieira.

Não se sabia porquê, se por questões de serviço quando trabalhou com Herculano, se por dissidencias em politica, o certo é que não ficaram amigos. E assim, quando alguem pedisse um livro de Herculano, ou se oferecesse ensejo de atirar *piada* ao Mestre, era logo aproveitada a ocasião.

Ai temos um caso para amostra:

Um estudante do liceu pede que lhe dê a *Voz do Profeta*.

—Ah! a *Voz do Profeta!*

—Sim, atalhou o estudante, é um livro do Sr. Alexandre Herculano.

—Sei bem o que é —disse o Francisco Vieira—; mas olhe, meu menino, os profetas portugueses, se estão calados, não fazem figura; se escrevem, não escapam á asneira!

E foi procurar o livro, contente por ter espetado esse alfinete na reputação do grande historiador.

Tambem a respeito d'ele se conta, que um dia o padre Radmaker, entrando na estação de Santarem, uns amigos o cumprimentaram, perguntando naturalmente:

—Então andou em trabalhos por estes sitios? ... Vem da Azoia de Baixo?

O grande pregador sorriu, e respondeu:

— É verdade, passei em Vale de Lobos; mas não vi o lobo do vale!

A piada do ilustrado jesuita teve sucesso!

Onde, porém, tivemos ensejo de assistir a uma eloquente homenagem a Herculano, foi na Camara dos Pares, e feita pelo grande orador, incomparavel parlamentar, o Conde de Casal Ribeiro. Foi o ultimo discurso que lhe ouvimos; mas que impressões nos deixou o grande orador!

Nada de importancia havia nesse dia que chamasse a assistencia numerosa dos pares e enchesse as galerias. A entrada do Conde foi

quasi uma surpresa. Vinha agitado, nervoso, e, talvez, buscando um pretexto para distrair-se, flamejando nas pugnas parlamentares a sua espada incisiva de uma logica incomparavel, e ostentando os delicados primores de um estilo formosissimo. Cumprimentou os amigos, chamou um continuo e pediu um impresso, o projecto que se discutia. Trouxeram-lh'o, era o «Orçamento rectificado»: nada mais arido para se prestar a um discurso de improviso. O Conde folheou o projecto e viu lá uma verba destinada ao monumento funerario que se ia construir nos Jeronimos ao grande historiador; estava achado o assunto. Pediu a palavra e proferiu um notabilissimo improviso.

Depois de avultar os prestimos e os meritos do escritor e engrandecer as qualidades civicas do cidadão, começou a fazer considerações sobre o sítio onde ficaria melhor o tumulo monumental de Herculano: se em Coimbra, onde a mocidade academica estudaria nele um grande exemplo; se nos Jeronimos, no templo que ele exalçou, revelando-lhe as artisticas maravilhas; se na obscura Azoia, onde ele fôra esconder-se á sombra querida do arvoredo e respirar o ar balsamico dos campos.

Foi um discurso primoroso, como aquele grande orador parlamentar os sabia fazer. O proprio Herculano havia de escutá-lo com interesse, se viesse, resuscitado, ouvi-lo, pois o homem que dispunha de tão altas faculdades mentae não tinha a fortuna de ser orador».

O segundo artigo é este:

Herculano residindo no Porto

«O Ateneu Comercial fez colocar uma lapida na casa onde viveu o grande escritor em 1837, porque d'isso se encontrou prova no arquivo municipal; bem fez. Mas foi essa a unica habitação que teve no Porto? Nós tinhamos a certeza de que ele viveu em outro bairro e afinal viemos a achar o testemunho nas revelações que nos faz o Sr. Barão das Lages (Luis), que está revelando auspiciosamente o seu bom gosto literario nas recentes publicações que tem feito.

Segundo a opinião do nosso ilustre e ilustrado amigo, Herculano viveu com um companheiro e camarada nas lutas liberaes, Luis Venancio Carneiro de Vasconcelos Rangel, na Rua de S. Victor, em acanhado predio, emquanto durou o cêrco do Porto.

Quisemos fazer ideia do que era a Rua de S. Victor nessa epoca, isto é, saber se já era um acumulado de ilhas, como actualmente, com mais ou menos cheiro nauseante de tabernas, com o fartum das habitações infectas, com os excessos de população e esta com os vícios proprios da gente menos limpa nos habitos e até nas palavras; fomos procurar o cadastro unico, os livros da paroquia de Santo Ildefonso, a grande freguesia que nesses tempos se distendia, de nascente a poente, desde a quinta do Prado do Bispo, hoje Cemiterio Oriental, até o lugar dos Carrancas, hoje Rua do Triunto; e de sul a norte, desde os muros da cidade até o Sério, extremo da Rua da Rainha.

No rol d'essa freguesia certificámos que a Rua de S. Victor já em 1832 tinha grande numero de ilhas. Foi, pois, em acanhado predio e com bem poucas comodidades que aí viveu o grande soldado liberal e eminente historiador.

Qual foi a casa não podemos designar, pois Luis Venancio, depois de ter sofrido as durezas das prisões de Almeida, de onde poude escapar, veio para o Porto encontrar-se com Herculano e com ele combater durante o cêrco; mas, terminada a campanha, cada um seguiu o seu

destino. Herculano foi o que todos sabemos e actualmente se tem memorado; Luis Venancio, que tinha recebido o grau de bacharel em canones, no ano de 1831, já então começou a sofrer pelos principios liberaes que professava e foi parar a esses antros, essas casas-matas, chamadas prisões de Almeida; fez parte do batalhão academico, sendo ao terminar a campanha encarregado de ir demitir as autoridades miguelistas da provincia do Douro e nomeado sub-secretario da prefeitura de Penafiel; voltou depois a Coimbra para terminar a formatura, sendo a seguir nomeado sub-prefeito de Penafiel, onde mereceu a consideração publica e altas mercês dos governos, que o consideravam um magistrado dignissimo.

Casou com D. Ana Benedicta Teixeira Cirne Cabral, filha do primeiro Barão das Lages, e veio a falecer em 1879.

Os dois velhos liberaes conservaram intimas relações e dedicada amizade até o fim da vida. E que formosas recordações eles memoravam, segundo é tradição, na casa das Lages; como falavam dos trabalhos que tinham passado e do tempo em que tinham vivido sem recursos nem conforto na modestissima casa da Rua de S. Victor! Ali os juntara a crença politica, ali os unira o esforço e a valentia com que se armavam para entrar nos combates!».

LIV

Em *O Comercio do Porto* igualmente apareceu outra serie de artigos dedicados a Alexandre Herculano, e vou extrair d'eles os trechos seguintes que encerram dados biograficos elucidativos do egregio Mestre.

Durante o cêrco do Porto o bispo foi obrigado a retirar-se do paço e deixou tudo. Os livros da sua biblioteca ficaram abandonados, porque os proprios empregados nela seguiram o seu prelado. Os livros foram então removidos do andar alto, onde estavam, para umas casas terreas do edificio, porém em más condições de conservação. O de que necessitavam era de ficarem salvos do fogo da artilharia miguelista e confiados a quem soubesse conservá-los e defendê-los com o amor intimo do bibliofilo. Leia-se:

Herculano e o Porto

I

«Nas exequias que pouco depois da morte de Alexandre Herculano se celebraram na igreja da Lapa, por iniciativa do corpo comercial do Porto, o insigne orador Antonio Candido, que subira ao pulpito nessa fúnebre solenidade, começou o seu discurso fazendo notar que em todo o país era a nossa cidade a primeira que prestava homenagens publicas ao grande vulto que descera ao tumulo.

Afirmando em seguida que essa prioridade era justa, porque se alguma povoação do reino devia extremar-se em mais fervorosos cultos á memoria do eminente reformador da nossa historia, essa povoação era o Porto, alegava a favor d'este seu parecer que — aqui trabalha-se indefessamente e ele foi a suprema glorificação do trabalho; aqui a liberdade é mais do que uma convicção profunda, é quasi um fanatismo para todas as consciencias, e ele adorou-a e quis-lhe como a mais esplendente visão do seu espirito.

A estas razões outras menos importantes, mas tambem atendiveis, se podem acrescentar, pelas quaes é justo que o Porto se assinale agora, quando se trata de comemorar o centenario d'esse ilustre varão, que entre nós viveu alguns anos e que sempre mostrou verdadeiro amor a esta cidade.

Aqui principiou ele a servir a patria, aqui iniciou verdadeiramente as suas investigações historicas, foi a imprensa do Porto a primeira que publicou escritos seus, foi como representante do Porto que ele esteve na Camara dos Deputados na unica vez que acedeu a entrar no parlamento.

Não foi o Porto a sua terra natal, mas ele queria-lhe como se aqui tivesse visto a luz do dia, e d'isso se encontram repetidas provas em muitas passagens das suas obras, nas quaes se refere sempre a esta nossa terra com palavras de louvor, que são tanto mais para apreciar, quanto é certo que Herculano, grande pela sua privilegiada inteligencia e profunda erudição, não o era menos pela austeridade de caracter e rectidão do seu juizo, e nunca disse nem escreveu o que não sentia, e nunca da sua boca ou da sua pessoa saiu expressão alguma para lisonjear ou tecer elogio imerecido.

Nascendo em Lisboa, quando os exercitos franceses se dispunham a invadir pela terceira vez o nosso territorio, parece que bebeu com o leite esse entranhado amor á patria, que era então o sentimento dominante em todo o país e que foi uma das suas mais vivas paixões.

Era filho de um fiel recebedor da Junta de Juros e neto materno de um mestre de obras da casa real, que, vivendo modesta, mas desafogadamente, o mandaram frequentar as aulas de latim e latinidade da Congregação do Oratorio, com a ideia de mais tarde o matricularem na Universidade de Coimbra; mas, sendo o pae em 1827 acometido de cegueira e por isso aposentado, ao mesmo tempo que o avô sofria graves transtornos de fortuna, teve aquele projecto de ser posto de parte, passando Herculano a aprender particularmente francês, inglês, italiano, alemão e espanhol e a cursar no ano lectivo de 1830–1831 a aula de diplomatica.

Datam d'essa epoca os seus primeiros trabalhos literarios, que correm impressos, e, nas *Escavações poeticas,* diz Castilho que as unicas distracções que Herculano tinha então dos seus estudos, eram cavar e jardinar, o que mostra que o gosto pela horticultura e agricultura bem cedo se denunciou no futuro solitario do Vale de Lobos.

Por estar envolvido na revolta do 4 de infantaria contra o governo de D. Miguel, a qual se malogrou na noite de 21 de agosto de 1831, homisiou-se, e, partindo para Inglaterra e d'aí para França, foi em março do ano seguinte para a Ilha Terceira, onde se alistou no batalhão de voluntarios da Rainha, com o qual veio na expedição do Mindelo, e entrou no Porto, onde, como soldado, se portou brilhantemente.

Antes, porém, de nos referirmos a esse cêrco memoravel, cujos horrores e perigos ele bem pôde apreciar, e que o levaram a mais tarde denominar o Porto — a Nova Diu —, aludiremos á acusação que lhe foi feita em 1838 no jornal *O Toureiro* e modernamente perfilhada e agravada até por um escritor distinto sim, mas suspeito, porque o autor da *Historia de Portugal* nunca lhe mereceu simpatia.

....

E, a respeito da pendencia em que ficara ferido, julgamos dignas de serem conhecidas algumas linhas de um artigo publicado no *Correio*

de Lisboa, de março de 1838, no qual Herculano, respondendo ao que aparecera no *Toureiro*, escreveu:

«Quem pode sem receio desafiar todos os seus inimigos para que lhe apontem, desde que entrou no mundo como cidadão, um unico acto da sua vida em que deslisasse do caminho da honra, ver-se um tal homem tratado como o mais vil dos fautores da tirania por uma criatura que para eterna vergonha da imprensa portuguesa enxovalha diariamente, com inepcias e calunias, uma avultada porção de papel... ver-se isto é ter diante dos olhos a prova do estado de dissolução social a que infelizmente chegamos.

Aproveitar um acontecimento sucedido a uma criança, torcê-lo e interpretá-lo para insultar um homem feito, que mostra senão vilania de animo e um coração corrupto? Quem até hoje se lembrou de lançar a ninguem em rosto os desvios dos dezasseis anos? E que diremos d'aquele que aproveita essa idade e uma desgraça para caluniar um homem que nunca lhe fez mal?...

Emigrei da idade de vinte anos em consequencia da infeliz tentativa da revolução do 4.º regimento de infantaria, tentativa conduzida com tanto valor pelos meus honrados amigos o capitão Albano Francisco de Figueiredo e tenente-coronel Bravo.

Tinha eu pouco mais de dezoito anos quando o capitão Figueiredo me conheceu e já então convidou o *moço miguelista* para o ajudar numa arriscadissima empresa, que não foi levada a cabo porque a maior parte dos que para isso foram convidados a julgaram impossível. Ele pode dizer se eu a julguei assim e se tive receio da morte, que naquela tentativa era quasi certa. Desde que emigrei até o fim da luta aí estão documentos que falam por mim».

A empresa a que Herculano se refere era lançar fogo á esquadra miguelista; e se ele não teve duvida em tomar parte na realização de tão arrojado projecto, igualmente se mostrou destemido em todo o cêrco do Porto, entrando em quasi todas as acções e combates que se deram nas linhas e em varias sortidas que os defensores da cidade fizeram ao campo inimigo.

Com justa razão se orgulhava dos atestados que podia apresentar, porque são na verdade honrosos, como se pode ver pelos que passamos a transcrever.

Num d'esses documentos dizia o comandante da sua companhia que ele «teve sempre uma conduta civil e militar irrepreensivel e digna do maior elogio, grangeando a devida consideração de todos os seus companheiros de armas pelo distinto e singular comportamento com que se houve em todas as ocasiões de fogo, realçando pela sua bravura e denodo entre os demais».

E noutro atestado, que tem a assinatura de um oficial dos voluntarios da rainha, se lia «dispensado de todo o serviço, não houve um fogo nas linhas de defesa em que ele espontaneamente se não unisse á 1.ª companhia, batendo-se com o maior sangue frio e chamando os seus irmãos á gloria, porque foi sempre um dos primeiros a avançar contra o inimigo».

A dispensa de todo o serviço a que se alude neste documento, e que Herculano nunca aproveitou quando se tratava de combater e de arriscar a vida, era utilizada em trabalhos literarios; mas como estes se relacionam com a comissão que ele ficou exercendo no Porto, depois de finda a luta, terminaremos aqui este artigo, no qual nos parece termos mostrado que durante os primeiros anos que entre nós viveu se tornou credor do respeitos dos portuenses, porque numa epoca em que unicamente se cuidava de defender a cidade contra o exercito que a

sitiava, entre os bravos que compunham o batalhão de voluntarios da rainha, se assinalou aquele que então era simplesmente o 35 da 3.ª companhia d'esse corpo e que depois veio a ser uma das glorias de Portugal».

II

«... entendeu o ministro, que então era Candido José Xavier, ser indispensavel entregar a guarda de tão preciosa colecção (a biblioteca episcopal) a alguem que compreendesse o seu valor, e confiou essa missão ao moço voluntario da Rainha, cuja inteligencia e amor ás letras pudera apreciar durante a emigração.

Quasi ao mesmo tempo, o professor da real academia de marinha e comercio do Porto, João Baptista Ribeiro, apresentou a D. Pedro a ideia de se fundar no Porto uma biblioteca publica, procurando cada um dos membros da comissão municipal advogar com calor a necessidade de dotar a cidade com um estabelecimento d'esse genero e as vantagens que d'aí resultariam para os portuenses estudiosos.

Sendo a ideia por todos bem acolhida, dirigiu a comissão ao governo uma representação nesse sentido, propondo que de nucleo poderia servir a livraria episcopal e ainda as dos diversos conventos, que, quando estes foram transformados em quarteis, tinham sido levadas para uns armazens no largo da Fabrica e aí se encontravam a monte, numa desordem que é facil de imaginar.

Acedendo o governo a essas propostas, foi a 9 de julho de 1833, primeiro aniversario da entrada do exercito libertador, assinado o decreto que criou a Biblioteca Publica do Porto, sob a inspecção eminente do Ministro do Reino, ficando a propriedade pertencendo á cidade e a administração á camara municipal, e sendo para o novo estabelecimento de instrução destinado o Hospicio de Religiosos de Santo Antonio de Vale de Piedade, situado na Cordoaria.

Logo no dia imediato foi nomeado o 1.º bibliotecario, e o lugar de 2.º bibliotecario foi a 17 preenchido por Alexandre Herculano, cujo nome era um dos incluidos na lista triplice que a camara para tal fim apresentou, de acordo com uma das disposições do decreto que criara a biblioteca.

Para o hospicio da Cordoaria foram logo transportados os volumes reunidos no deposito do Largo da Fabrica e tambem os de muitas livrarias particulares sequestradas; mas, como o edificio precisava de obras e o numero de livros ia crescendo, foram estes levados para o andar terreo do Paço do Bispo, voltando para as salas do primeiro andar a livraria de D. João de Avelar.

Começou então a classificação d'esses 70:000 a 80:000 volumes que, com tantas mudanças, se achavam numa confusão enorme, e, para servir de base ao catalogo definitivo, elaborou então Herculano uns bilhetes, classificados segundo certo plano bibliografico, os quaes desapareceram mais tarde, mas de que, felizmente, o lente da Academia, Diogo Kopke, possuia em duplicado, á vista do qual se póde continuar esse valioso trabalho.

Apesar do empenho que os dois bibliotecarios tinham de realizar em breve a abertura do estabelecimento cuja organização lhes fôra confiada, só passado bastante tempo o conseguiram, por causa de um conflito levantado entre o prefeito do Douro e a camara municipal da cidade.

Pretendia aquele instalar a biblioteca no edificio em que está hoje, sustentava a camara a vantagem de a colocar no hospicio da Cordoaria,

que lhe fôra primitivamente destinado, e só ao cabo de larga correspondencia com o governo e de demoradas negociações com o bispo eleito é que se assentou em abrir provisoriamente a biblioteca em alguma sala para isso reservada no paço episcopal, sendo esta resolução posta em pratica no principio de setembro de 1836.

III

Muito cedo iniciou Herculano os seus trabalhos de escritor, porque, segundo afirma Castilho, referindo-se a tempos anteriores a 1828, na sociedade de amigos das letras, a que ambos pertenciam, leu aquele, ás noites, uma tradução que fizera do *Fantasma*, de Schiller.

D'essa versão nenhuma outra noticia temos alem d'essa referencia, que se encontra nas *Escavações poeticas*, mas em 1830 compôs a *Semana Santa* e no ano seguinte a *Arrabida*, que foram incluidas na *Harpa do Crente*, publicada em 1838, e que depois tem sido reproduzidas no volume de *Poesias* de que ha muitas edições.

Nesses trabalhos poeticos se revela uma funda paixão religiosa e um grande respeito pelas tradições, aparecendo tambem neles uma ou outra alusão condenando o despotismo e lamentando a decadencia da patria, e todos estes sentimentos mais se acentuam na poesia *Deus*, escrita no deposito de emigrados de Plimouth, e na *Tempestade*, composta ao passar na baía de Biscaia, quando vinha dos Açores com a expedição que desembarcou no Mindelo.

Já dentro das linhas do Porto e no meio do ardor dos combates escreveu o moço voluntario da Rainha uma pequena poesia *O soldado*, que é um repto de morte ao absolutismo, que nessa epoca estava nos dias da sua omnipotencia, e mais tarde, quando tudo indicava não vir longe o triunfo da causa liberal, uma outra, intitulada *Victoria e piedade*, que é como que um grito de esquecimento e de perdão para os vencidos.

Tudo isto se conservou inedito por alguns anos, mas pouco depois de ser transferido para o sul do reino o teatro principal da luta, ficando por isso o Porto desafogado dos ataques miguelistas, fundou-se aqui uma sociedade literaria, que criou um jornal, onde, se não estamos em erro, apareceram a publico, pela primeira vez, escritos de Herculano.

Lembrou-se o medico Antonio Carlos de Melo de estabelecer uma associação de homens de letras, que conferenciando entre si sobre os objectos da sua profissão, comunicassem uns aos outros as suas ideias e conhecimentos e procurassem aumentá-los e torná-los uteis ao publico. Para uma reunião em sua casa, no dia 13 de dezembro de 1833, convidou o Dr. Melo alguns dos seus colegas, e expondo-lhes o seu pensamento, foi este por todos aplaudido, assentando-se que a nova sociedade não fosse composta de medicos, mas de todos aqueles que, dedicando-se a quaesquer sciencias ou ás letras, quisessem a ela pertencer, para em sessões regulares discutirem os variados assuntos a que cada um consagrava mais especialmente a sua atenção e promoverem o desenvolvimento da instrução nacional e quaesquer trabalhos de utilidade publica.

Constituida a sociedade, que adoptou o nome de Sociedade das Sciencias Medicas e de Literatura do Porto, resolveu-se a publicação do *Repositorio Literario*, periodico quinzenal, de que saiu o primeiro numero a 15 de outubro de 1834 e que durou até ao 1.º de igual mês do ano imediato, sendo a colecção hoje muito rara e tanto que Inocencio nunca conseguiu vê-la.

Herculano, que foi um dos primeiro a inscrever-se como socio e um dos mais assiduos colaboradores do *Repositorio*, inseriu neste a *Elegia* á morte de D. Pedro IV, que ainda apareceu na *Harpa do Crente*, mas que depois foi excluida do volume das *Poesias* nas edições mais modernas, talvez porque o autor, que se deixara arrastar pelo sentimento que lhe causara o prematuro fim do Rei-soldado, nela fazia duras acusações a D. Miguel e, mais tarde, com o animo mais sereno, e quando já estavam mais acalmados os odios naturaes dos que tanto haviam padecido pela liberdade, lhe pareceu falta de generosidade autorizar a reprodução d'essas invectivas a um principe proscrito,

Nas colunas do *Repositorio* encontram-se ainda a versão da *Leonor*, do poeta alemão Burger; outra da poesia inglesa de Lewis, *Afonso e Isolina*, e ainda outra do *Cavaleiro de Toggenburgo*, de Schiller, que, apesar de não estar assinada com as suas iniciaes, como as outras, nos parece ser tambem de Herculano.

Nenhuma d'essas composições passou das colunas do periodico; não sucedeu, porém, o mesmo a dois outros trabalhos que, tendo nele aparecido, entraram depois no volume IX dos *Opusculos* e com os quaes Herculano pretendia encaminhar a revolução literaria que, para nós, começara com a mudança de instituições politicas e que nos dominios da poesia fôra encetada por Almeida Garrett.

No primeiro d'esses escritos — *Qual é o estado da nossa literatura? Qual é o trilho que ela hoje deve seguir?* — depois de uma expressão que responde á primeira pergunta, indica Herculano as bases em que deveria fundar-se um curso de literatura que servisse de introdução a estudos mais profundos de poetas e de oradores; no segundo d'esses trabalhos — *Poesia: Imitação—Belo—Unidade* —, ao mesmo tempo que expôs a questão de classicos e romanticos, vae deduzindo os principios a que deve subordinar-se a concepção poetica para fugir ás observações de uma e outra d'essas seitas e seguir o caminho mais proprio para a desenvolução da literatura, em que ele já pensava.

Alem d'estes trabalhos, deixou ainda Herculano, nas paginas do *Repositorio*, duas breves noticias por onde se reconhece que ele, no exercicio das funções de bibliotecario, não cuidava só de pôr em ordem e classificar os volumes que haviam de formar o novo estabelecimento criado no Porto, mas que os examinava e estudava como quem tinha grande interesse pelos monumentos literarios relativos á historia do seu país.

Refere-se a primeira d'essas noticias ao livro de Duarte Barbosa, de que ele encontrou um manuscrito que apresentava muitas variantes, comparado com o que servira para a edição d'essa obra, feita pela Academia Real das Sciencias na *Colecção de noticias para a historia e geografia das nações ultramarinas*; a outra diz respeito ao codice da *Cronica de D. Sebastião*, por frei Bernardo da Cruz, e que ele mais tarde publicou, sendo essa a primeira edição que se fez de uma obra tão interessante para o estudo da epoca cujos factos narra.

A estes simples apontamentos para a biografia de Herculano no tempo que ele residiu no Porto, acrescentaremos ainda que, alem da casa em que ele residiu na Travessa dos Gatos e onde agora foi colocada uma lapide, se sabe que o ilustre historiador esteve aboletado, em 1833 e 1834, no largo da Fabrica (hoje largo do Correio), em casa do então escrivão da camara eclesiastica, Narciso José de Oliveira, e que, reconhecido ao bom tratamento que ali encontrara sempre, durante um ano aproximadamente, mais de uma carta escreveu a pessoas d'essa familia, afirmando a sua gratidão e reconhecimento.

IV

Já depois de publicado o nosso artigo anterior, recebemos o ultimo numero do *Tripeiro*, do qual pedimos venia para transcrever uma carta de Alexandre Herculano, a qual, sendo até agora desconhecida, completa as noticias biograficas que aqui temos dado do grande escritor, relativas ao tempo em que ele foi 2.º bibliotecario na Biblioteca do Porto.

A demissão apresentada pelo 1.º bibliotecario foi logo concedida; mas na folha oficial não aparecia a de Herculano, pelo que este escreveu ao presidente do Conselho de Ministros enviando-lhe a copia da carta que dirigira ao presidente da camara municipal.

Na nova carta se lê: «Ex.^mo^ Sr. Manuel da Silva Passos. — Ha um mês que o 1.º bibliotecario da Biblioteca Publica d'esta cidade e eu fomos convocados para prestar juramento á Constituição de 1822, que então e hoje, de futuro alterada, felizmente nos regia e rege. Ambos recusamos praticar esse acto; procedimento a que, pela minha parte, me levaram as razões que V. Ex.ª verá da resposta que dei e que remeto inclusa. Foi logo demitido o meu colega, e eu ainda aqui estou esquecido.

Não atribuo isto a falta de equidade de V. Ex.ª, porque reconheço a rectidão da sua alma e que nem odio nem afeição seriam capazes de torcer os principios de V. Ex.ª, antes o lanço á conta dos muitos cuidados e negocios que cercam a V. Ex.ª no alto cargo em que o colocou o voto unanime da nação e a livre escolha de S. M. a Rainha. Só da minha insignificancia me dôo, que fez não ser eu lembrado de V. Ex.ª, que a tantos com mão profusa tem liberalizado a honra da demissão.

Não creia V. Ex.ª que por este modo a peço; porque nem uma demissão pedira eu ao governo actual: esta minha carta é apenas um memorial que levo á presença de V. Ex.ª como se eu fosse alheio ao caso, porem não indiferente á boa fama e gloria de V. Ex.ª

A Providencia se não esqueça de V. Ex.ª, nem de nós, como todos precisamos para que Portugal seja salvo.

Porto, 19 de outubro de 1836. = *Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo*».

O governo não demorou a resposta a esta carta, na qual se manifesta bem claramente o genio altivo de Herculano e em que fervem os sarcasmos a Manuel Passos, fazendo o ultimo periodo lembrar a celebre pergunta dirigida pelo Rei D. Fernando a esse estadista por ocasião da Belemzada — «Monsieur le roi Passos, comment votre sujets à Lisbonne?».

Publicado o decreto da demissão, partiu Herculano para Lisboa e só passados bastantes anos, em 1854, voltou ao Porto, quando veio ás provincias do norte para visitar os arquivos e bibliotecas, a fim de coligir os documentos que deveriam entrar na obra colossal *Portugalia Monumenta Historica*, que a Academia das Sciencias empreendera e cuja publicação era dirigida pelo eminente historiador.

Tendo escrito a *Voz do Profeta*, que saiu anonima, mas que logo lhe foi atribuida e em que num estilo biblico condenava a *Revolução de Setembro*, passou a ser redactor principal do bem conhecido semanario *O Panorama*, que muito concorreu para desenvolver entre nós o gosto pelas letras, e em 1839 foi por El Rei D. Fernando nomeado seu bibliotecario, acumulando depois esse cargo com os de bibliotecario dos paços da Ajuda e das Necessidades.

Do meio dos seus queridos livros e d'esses trabalhos em que tanto

se deliciava e com que se ia preparando para mais tarde escrever a sua monumental *Historia,* o veio distrair Rodrigo da Fonseca, que então era ministro do reino, apresentando-o como candidato a deputado pelo Porto nas eleições que se realizaram em principios de 1840.

Muitas questões importantes se discutiram nessa legislatura; mas Herculano não teve papel importante nos debates, podendo talvez atribuir-se o silencio que quasi sempre guardava á circunstancia de não ser orador e na camara haver José Estevão, Garrett, Rodrigo e muitos outros com quem ele não podia competir em eloquencia.

Foi na sessão de 5 de julho que o deputado pelo Porto fez a sua estreia parlamentar, começando por asseverar que, se estava ali, ninguem ousaria dizer que tinha gasto uma rogativa, uma carta ou uma palavra para obter a cadeira de deputado.

Estando em discussão a resposta ao discurso da coroa, acusou o ministerio anterior, que fôra presidido pelo Barão da Ribeira de Sabrosa, de ter tido por unico alvo desacreditar o partido cartista e de só com tal fim ter desenvolvido grande energia contra a Inglaterra, ao mesmo passo que se calava e dormia diante da recente violação feita pela França no nosso territorio da Guiné, procedimento injustificavel e que ele classificava de muito ruido e poucas obras com Inglaterra e de nem obras nem ruido com a França.

Proseguindo no exame da situação em que nos encontravamos sob o ponto de vista das relações internacionaes, fez um discurso de historiador e de patriota, que foi por vezes cortado pelos apoiados da camara e terminou por um modo que não está nada de acordo com a reputação que depois teve o homem severo e melancolico.

Ao deputado Sousa Magalhães julgava ter ouvido dizer que os ministerios não deviam ser de nenhum partido, e para refutar essa opinião afirmou que o governo que não pertence a algum partido não tem principios, porque os diferentes partidos não representam senão diferentes principios, e continuando disse: «Eu creio que os senhores ministros não aceitam o cumprimento e então não contarei uma historia fradesca, porque, isto de frades, pertence á historia como instituição e como individuos ao hospital».

Como a camara pedisse de vários lados que contasse a historia, o orador proseguiu nos seguintes termos:

Então ei-la ai: «Entre os frades franciscanos, todos os frades de missa que tinham estudado algum curso de teologia, ainda que não fosse mais do que o Larraga, dividiam-se em diferentes parcialidades que eram conhecidas por nomes tão estravagantes como estes nossos de *chamorros, patriotas, vintistas,* etc. Uns eram *mocambos,* outros os *caraças,* etc.

Todos os frades de missa, ainda que só tivessem estudado o Larraga, pertenciam a algum d'esses partidos. Os unicos que não pertenciam a eles eram os leigos, que tinham, é verdade, o direito de escorripichar as galhetas na sacristia, de andar com a sacola no peditorio e de sisar alguns seis vintens, que tinham emfim a gerencia das minguadas rendas de um convento de franciscanos, mas que apesar d'isso não passavam de leigos».

Não quererei fazer a aplicação, bem longe de mim semelhante ideia, mas isto é propriamente aplicavel á ideia do sr. deputado.

Não é de o ministerio pertencer a um partido que vem o mal; o ponto é que haja verdadeira nacionalidade e amor da justiça e verdadeiro interesse pela causa publica, porque os meios governativos a maior parte das vezes podem e devem ser os mesmos, apesar dos diferentes principios.

Quem poderia supor que ha setenta anos se pensava em ministerios extra-partidarios e quem, costumados como estamos a ouvir dizer que Herculano era um homem brusco e quasi intratavel, pudesse imaginar que ele para sustentar a sua opinião em pleno parlamento havia de trazer uma historia fradesca?

Pois tudo o que deixamos narrado é extraido do *Diario das Camaras* de 1840, de que nos aproveitaremos ainda no artigo seguinte para dar ideia do modo como ele pensava sobre certos assuntos a respeito dos quaes falou nessa sessão legislativa».

Entramos no artigo V d'esta nova serie de *O Comercio do Porto*, assinada com a simples inicial *A.*, mas que era de colaborador que estudara bem certas circunstancias da biografia do egregio escritor. Leia-se:

V

«Poucas foram as vezes que Herculano falou durante a sessão legislativa de 1840 e parece-nos que o unico projecto de lei que nela apresentou foi um, concedendo certas vantagens e regalias aos que tinham servido como oficiaes no regimento de voluntarios da rainha, que tanto se assinalara nas campanhas da liberdade e que pouco depois de terminada a luta fôra extinto.

Em defesa do seu projecto disse apenas que não fazia á camara a injustiça de supor que ela não sabia historia contemporanea; mas, d'aí a dias, tratando-se de um outro projecto que permitia aos professores jubilados exercerem algum emprego publico com acumulação de vencimentos e havendo quem pretendesse generalizar essa disposição a outras classes, Herculano expôs as suas ideias sobre o assunto com certa largueza e originalidade.

Declarando que, bem longe de querer tirar o direito estabelecido de aposentação e reforma, porque até o seu desejo seria torná-lo extensivo a todos os funcionarios que, tendo bem servido o Estado, se encontrassem em condições de não poderem de futuro continuar a fazê-lo, afirmou que a razão para se poder conceder a acumulação aos professores não se dava com os magistrados aposentados ou com os militares reformados.

Para sustentar este modo de pensar, disse:

«O professor de instrução primaria converteu um pedaço de pedra ou um bocado de pau num homem; um serrano que desce da montanha e vem para a escola primaria não dista da animalidade cousa alguma; eu tenho conhecido alguns que distam mais de uma criatura humana do que de uma alimaria; isto é verdade, e o professor de instrução primaria converte este ente num homem, em um cidadão produtivo para a sua patria, o que por certo não seria se não fosse o cuidado do professor de instrução primaria.

Estes homens passam ás escolas superiores e vão ser magistrados, vão ser militares, vão ser fabricantes e artistas, e, emfim, vão ocupar todas as posições sociaes, tornando-se assim produtivos e aumentando a riqueza nacional, que, como todos sabem, consiste em capitaes acumulados pela inteligencia e pelo trabalho. Estes capitaes são os que os professores acumulam nas mãos do Estado, porque eles são a origem primordial d'eles».

Quanto ao serviço dos magistrados e dos militares, julgava Herculano que era muito honroso, muito conveniente para o país, e absolutamente necessario, mas que nele se não dava o mesmo que com o dos professores.

O militar, dizia ele, que, quando é preciso defende a integridade da patria contra o invasor e opõe-se ás revoluções; mas com isso não faz senão repor a sociedade no estado em que ela se encontrava antes d'esses factos anormaes, e o magistrado que condena os criminosos e restitue a seu legitimo possuidor os bens que lhe haviam sido tirados, não faz mais do que reparar o dano e restabelecer a situação existente antes do delito; mas nem o militar nem o magistrado próduz cousa alguma, nem de qualquer forma contribue para aumentar a riqueza nacional.

Nisto é que, segundo o seu parecer, está a grande diferença, em vista da qual o vencimento do professor jubilado é um rendimento a este devido do capital, que, durante anos, esteve reunindo nas mãos do Estado, emquanto que o vencimento dos militares reformados e dos magistrados aposentados é um justo estipendio que, por motivo de moralidade publica, se paga ao antigo servidor da nação, para não ficar arriscado a morrer de fome.

Passado algum tempo, quando na camara se discutia um projecto de lei de imprensa em que, com o fim de evitar abusos, se dificultava extraordinariamente a publicação de quaesquer periodicos, Alexandre Herculano não ficou silencioso e apresentou as suas ideias a tal respeito nos seguintes termos:

A minha opinião, a respeito da imprensa, é que não devemos ser severos nas medidas preventivas contra ela, mas sim na penalidade dos seus abusos, na organização dos tribunaes para julgar os seus crimes; eu quisera que houvesse penas severissimas para os que abusassem da liberdade de imprensa. Eu não tinha duvida em votar que o homem que calunia um empregado ou um particular, por via da imprensa, sofresse até um degredo perpetuo para a Africa; e porque? Porque é um assassino do espirito, da alma, assim como o homem que ataca com um punhal nas estradas é o assassino do corpo, e eu não distingo entre esses dois assassinos: não sei se diga que detesto mais o assassino da alma, aquele que me rouba todas as minhas esperanças sociaes.

Era aqui que eu desejava todo o rigor da lei, mas não queria nenhuns embaraços para o exercicio de uma garantia que pela Constituição teem todos os cidadãos; não tenho a honra de ser legista, mas entendo que uma lei que regula não destroe e eu vejo destruido esse direito para todos que não tiverem os meios para fazer este deposito ou dar esta fiança. (O projecto exigia a fiança de 2:400$000 réis ou o deposito de 1:200$000 réis ao editor de qualquer periodico).

Não nos iludamos; quando o jornal representa um partido e esse partido para seus fins politicos tiver interesse em caluniar e atacar, em provocar á revolta, em ofender a religião do Estado, esse partido ha-de fazer este calculo: tenho de pagar tanto, mas a importancia politica da transgressão vale tanto; por este calculo, o partido que a importancia do delito em seus efeitos lhe compensar a multa não duvida pagá-la. Ponhamos nós o que pusermos de deposito ou fiança, se houver um partido em Portugal que queira anarchia, ha-de ter meios de pagar esse dinheiro, de fazer esse deposito e ha-de achar fiadores e homens que vão para a cadeia por dinheiro».

Ainda nessa sessão legislativa de 1840, Alexandre Herculano, como relator da comissão de instrução publica, elaborou o parecer contra um projecto pelo qual seriam extintas a Escola Politecnica e a Escola do Exercito e ao mesmo tempo restabelecidos o Colegio dos Nobres e a Academia de Marinha e a de fortificação.

Como o projecto ficou pendente, na sessão imediata foi distribuida aos deputados uma analise impressa do parecer, a qual o autor d'este

refutou com muita erudição e grande vigor num trabalho que publicou com o titulo *Da Escola Politecnica e do Colegio dos Nobres*.

Esse escrito que, embora não seja muito extenso, não poderiamos de modo algum resumir aqui e que anda hoje no VIII volume dos *Opusculos*, é deveras interessante sob varios pontos de vista, e nele se encontram muitas alusões a ocorrencias parlamentares que foram desgostando Herculano e o levaram a não tomar parte nos debates da sessão de 1840 e a afastar-se logo depois completamente do — charco da vida politica em que o tinham baldeado — como ele nos disse na nota final do *Monge de Cister*, referindo-se a esse periodo da sua vida.

E, para rematarmos estes apontamentos biograficos, contaremos um episodio da sessão de 1840, em que, a proposito da criação que se projectava de batalhões provisorios, Herculano disse que lhe parecia pouco conveniente formar corpos com homens de diferentes idades e de habitos sedentarios, porque nos primeiros tempos eram pouco proprios para o serviço militar.

Para justificar essa sua opinião, referiu que no Porto era voz geral que o batalhão de empregados publicos, que se organizara durante o cêrco, na primeira vez que formou, debandara todo, ao ver sobre si rebentar uma granada.

Rodrigo da Fonseca e Joaquim Antonio de Aguiar censuraram-no vivamente, tomando essas palavras como um insulto áquele batalhão e acusando quem proferira tal inconveniencia de falta de patriotismo.

A estes furores patrioticos respondeu o antigo voluntario da Rainha, dizendo que apenas quisera mostrar que era um contrasenso criar á pressa batalhões provisorios para, antes de bem disciplinados, irem combater a revolta que se manifestara em Castelo Branco, e acrescentou que, tanto isto era exacto, e tanto nunca tivera a ideia de aproveitar o batalhão de empregados publicos do Porto, que não tinha duvida em confessar que, a primeira vez que entrara em fogo, fugira com muitos companheiros a correr quanto podiam por uma serra abaixo.

Como poderia um homem tão franco e tão sincero dar-se bem e continuar no charco da vida politica? = *A.*[1]».

LV

No *Diario de Noticias*, de maio 1910, apareceu uma carta do iluste e erudito escritor visiense, Sr. Dr. Maximiano de Aragão, acêrca de Alexandre Herculano. Copio d'ela o seguinte:

Alexandre Herculano e a cidade de Viseu

«Sr. redactor. — Durante a celebração do centenario do nosso grande Mestre, que soube depurar os factos historicos das lendas e fabulas, e tornar a historia uma sciencia util ensinando-nos a marchar no futuro com regras deduzidas do passado, tem vindo á luz da publicidade muitas circunstancias da sua vida e outras que se prendem com ela.

Julgo ainda ser tempo de dar tambem o meu contingente, e dirijo-o ao *Diario de Noticias*, de que nos ultimos tempos tenho sido constante leitor, porque me agrada não só pela sua orientação mas tambem pela

---

[1] Averiguei, na ultima digressão que fiz ao Porto (1912), que a inicial *A.* ocultava o nome ilustre do Sr. Alberto Ferreira da Silva Oliveira (no presente general de divisão reformado), que escrevera os artigos comemorativos com alguns apontamentos ineditos de pessoa que convivera com Alexandre Herculano.

abundancia de uteis noticias, referentes a Portugal, ás suas colonias e ao estrangeiro.

Aí vae a noticia que respeita ao eminente historiador.

Em 1857 publicava-se em Viseu um periodico com o titulo de *O Liberal*, redigido por João da Silva Mendes e Manuel José de Almeida e colaborado por algum visienses ilustres, entre os quaes o notavel antiquario conego José de Oliveira Bernardo, que durante o governo de D. Miguel jazeu nas prisões de Almeida, onde se ilustrou.

Em o numero 13 d'aquele periodico, de 17 de julho do referido ano, lê-se, o que segue:

«Retiramos hoje o nosso artigo de fundo para dar publicidade ao requerimento que os habitantes d'esta cidade (Viseu) dirigem a el-rei, pedindo a sua majestade haja por bem remover os obstaculos, que actualmente impedem a continuação dos *Monumentos Historicos* e da *Historia de Portugal*.

Os redactores do *Liberal*, uns amigos, outros conhecidos, e todos, portugueses que são, respeitadores do Sr. Alexandre Herculano, deploram os motivos, que fizeram afastar o ilustre literato dos trabalhos que tanto teem nobilitado este país, e juntam por isso os seus votos aos do requerimento dos seus concidadãos».

O requerimento referia-se ao afastamento de Alexandre Herculano da vida publica, deixando interrompidos os seus trabalhos historicos e literarios, e implorava que se empregassem todos os esforços para restituir o egregio escritor á sua *Historia de Portugal*. Assinavam este documento honrosissimo as pessoas mais gradas, respeitaveis e ilustradas de Viseu, como se verá:

«Viviam então ainda os Srs. Francisco de Barros Coelho e Campos (par do reino), Antonio Augusto Correia de Oliveira (conselheiro), Antonio Ribeiro de Carvalho (ex-comerciante), Antonio Correia Viana (empregado das obras publicas), Manuel Antonio da Costa (ex-industrial), Adelino Pereira do Vale e Luis Pereira do Vale (ex-comerciantes), Antonio de Albuquerque do Amaral e Cardoso (o Morgado do Arco), Luis Henriques da Cruz (proprietario), Antonio Xavier Correia Gomes (actual delegado do tesouro e em 1857 estudante), Henrique de Matos Cid (presbitero e professor aposentado), Augusto de Matos Cid (empregado de obras publicas), Antonio Nicolau da Costa e Liz (empregado da fazenda aposentado), José Victorino de Sousa Albuquerque (medico militar aposentado e em 1857 estudante), Antonio José da Rocha (comerciante), Dr. João Paes de Almeida Leitão, José de Figueiredo (general de brigada aposentado).

Entre os signatarios haviam já desaparecido de entre os vivos: Francisco Antonio da Silva Mendes, João da Silva Mendes, José de Oliveira Berardo, Manuel José de Almeida, o bispo D. José Joaquim de Azevedo e Moura, que mais tarde foi arcebispo de Braga, o Visconde (mais tarde Conde) de Podentes, Dr. Jeronimo Dias de Azevedo, Dr. Antonio Luis Dourado (eximio operador visiense), Francisco Coelho do Amaral e outros que muito se notabilizaram».

LVI

O Sr. Dr. Antonio Simões Baião, esclarecido director do arquivo nacional da Torre do Tombo e membro da Academia das Sciencias, deu ao *Diario de Noticias*, de Lisboa, o seguinte artigo, que será aqui apreciado não só pelo nome

que o firma, mas igualmente pelas informações que encerra. Copio-o com intimo prazer:

Alexandre Herculano e a Torre do Tombo

«Não sei ao certo qual a vez primeira em que o nosso grande historiador subiria as escadas do Arquivo Nacional, então instalado na parte dó edificio de S. Bento fronteira á Calçada da Estrela. Não sei nem tão pouco a impressão, por ventura de respeito e veneração, que ele havia de sentir, ao pisar aqueles gelados corredores beneditinos e as celas onde se albergavam monumentos multiplamente seculares! Quem nos diz se o aluno dos padres de S. Filipe Neri, no hospicio das Necessidádes, não faria quotidianamente caminho por ali, ao sair de sua casa no Pateo do Gil, á Rua de S. Bento?! E quem nos diz tambem se a pouco e pouco o amor do passado, surgindo no seu espirito, radicando-se nele, e desabrochando alfim nos optimos frutos por demais conhecidos, não lhe havia de espicaçar a curiosidade de conhecer o conteudo da tão falada Torre do Tombo?!

Quanto sabemos ao certo é que, com vinte anos de idade, se matriculou na aula de diplomacia, então regida na Torre do Tombo pelo lente substituto Francisco Ribeiro Dosguimarães. Da aplicação e talento do aluno hão de falar os seus trabalhos historicos.

Tomando parte activa nas lutas politicas da epoca, e obrigado a expatriar-se, vêmo-lo em Rennes dedicado aos seus estudos predilectos; vemo-lo ocupar de 1833 a 1836 um lugar na Biblioteca do Porto e vemo-lo finalmente, em 1839, escolhido por El-Rei D. Fernando para seu bibliotecario e pouco depois encarregado de dirigir a valiosa Biblioteca da Ajuda.

Poderá alguem contestar de boa fé que nessa peregrinação entre livros e manuscritos lhe não servissem de muito as luzes adquiridas na Torre do Tombo?

Mas eis Herculano de regresso á capital e agora com a sua situação definida, com a sua carreira direitamente traçada. Ouçamo-lo pois: «Fôra a este (D. Fernando), escreve ele no prefacio da terceira edição da *Historia de Portugal,* que eu devera uma situação isenta de pesados encargos, a qual me tornara possivel dedicar a maior e melhor parte do tempo ao duro e longo lavor que hoje exige a composição da historia». Com efeito, se a escolha não podia ser mais acertada para a Biblioteca da Ajuda, tambem o deixava de pulso livre dar largas aos seus vôos de condor, correr á desfilada pelo passado qual ardente visionario, por esse passado que ele tentaria erguer, «como Lazaro, do pó sepulcral dos arquivos».

Foi então — nos primeiros anos da nova profissão — que Herculano concebeu o plano gigantesco da *Historia de Portugal.* Diz-no-lo expressamente no já citado prefacio da terceira edição.

Conhecedor dos trabalhos historicos dos cronistas, da embusteira *Monárquia Lusitana,* dos trabalhos da *Academia Real da Historia,* — d'essa infinidade de *Memorias,* legadas pelo seculo XVIII, tão nitidamente impressas quão falhas de critica — Herculano tinha igualmente estudado a obra um pouco demolidora, exageradamente critica talvez da autenticidade das fontes, de que era autor João Pedro Ribeiro: as *Dissertações cronologicas e criticas.*

Esse foi o seu precursor; todavia, para quem comparar Ribeiro ao milhafre, de vista aguda sim, mas de horizontes estreitos, Herculano é a aguia, pairando alto e abrangendo no seu olhar dominador vasto e extenso panorama. Ribeiro viu muito, viu por vezes bem; viu no em-

tanto só um aspecto dos documentos. Herculano. com o seu genio, estudou-os todos; aproveitou bastante das *Dissertações*, mas pôde ir incomparavelmente mais adiante.

Era oficial maior da Torre do Tombo, no tempo em que Herculano a começou assiduamente a frequentar, o ilustre José Manuel Severo Aureliano Basto. Guarda-mor seria Vieira de Castro ou o Visconde de Santarem, ausente em Paris. Em qualquer das hipoteses seria com o oficial maior que Herculano se entenderia, pois que a frequencia do arquivo não era nesse tempo permitida ao publico e o seu nome deveria figurar na tabela junto do relogio, a fim de o porteiro ser sabedor que lhe não era vedada a entrada nas casas dos armarios no interior da Casa da Coroa.

Nessa mesma tabela figurara alguns anos antes o nome de João Pedro Ribeiro. Isto, se se cumprissem as disposições regulamentares, porque tamanhas foram as facilidades com que Herculano começou as suas investigações historicas, que é ele mesmo a declarar-nos não ter tido para isso autorização oficial!

Quem tenha alguma vez tentado orientar-se no meandro labirintico, que é a Torre do Tombo, avaliará *á priori* se Herculano precisaria ou não do auxilio e da boa vontade do ilustre oficial maior Severo Basto. Possuia na verdade conhecimentos paleograficos adquiridos no Arquivo, mas não era natural conhecer as colecções que interessavam ao seu estudo. Por isso, sabedor de quaes elas eram, seguir-se-ia imediatamente o percorrer os indices, elaborados umas dezenas de anos antes, no tempo em que era guarda-mor o conhecido Manuel da Maia.

E assim havia o Mestre de percorrer, bemdizendo certamente esse trabalho, os indices das Chancelarias dos primeiros reinados, os indices das gavetas e os indices das Bulas. Isto para a sua *Historia de Portugal*, porque para a *Historia da origem da inquisição* grande auxilio lhe haviam de ter prestado os indices do Corpo Cronologico e da Colecção de S. Vicente, este ultimo não organizado na Torre do Tombo.

Consciencioso como era, não admira que Herculano se não contentasse com as indicações dos indices e percorresse a um e um, nas manhãs das segundas e quintas-feiras, esses pergaminhos amarelecidos pelo tempo e que indiferentes tinham visto perpassar gerações sobre gerações, como indiferentes tinham vindo do castelo de S. Jorge para o edificio de S. Bento.

Consultado sobre questões intimas do Arquivo, como aconteceu em 1843, por ocasião de um conflito com José Feliciano de Castilho, minuciosamente narrado no nosso opusculo sobre *O Visconde de Santarem como guarda-mor da Torre do Tombo*, Herculano manteve tão boas relações com Severo Basto, que, aparecendo o primeiro volume da *Historia de Portugal*, acompanhou a sua oferta da seguinte carta inedita e desconhecida:

«Il.mo amigo e Sr.—Não me sendo possivel oferecer um exemplar do primeiro volume da *Historia de Portugal* a cada um dos meus amigos d'esse Arquivo, ofereço um a V. S.ª, certo de que lhe facultará o uso d'ele, se julgarem que vale a pena de se ocuparem com isso, do que eu proprio não tenho muita certeza.

Sou de V. S.ª, amigo e cr. obg.mo, *A. Herculano*.

Quer-se prova mais cabal da consideração ligada pelo Mestre ao funcionalismo superior da Torre do Tombo e, em especial, ao seu ilustre oficial maior?

Aí vae outra bem clara e terminante:

«Il.mo Sr.—Fiado na bondade de V. S.ª, que a circunstancia de ter aturado por tanto tempo o José de Hamburgo tornou proverbial, e

demonstrou inexgotavel, tomo a liberdade de lhe pedir queira mandar pôr sobre o bufete, em que costuma trabalhar no Arquivo o Sr. Visconde de Jerumenha, esse cartapacio velho que eu lhe prometi, e que não mando a sua casa porque me não lembro o numero. Tambem rogo me haja de mandar pôr lá para um canto esse rolo de papel, que vem a ser uns quadros sinopticos, em que pretendo extractar os foraes, o que se me for possivel chegar á Torre, e V. S.ª me facultar licença, começarei hoje mesmo ou na proxima quinta-feira.

De V. S.ª, amigo venerador e c., *A. Herculano*».

É-nos vedado saber em que epoca esta carta foi escrita, pois é vulgar as cartas do grande historiador não serem datadas. No emtanto, como fica patente, a sua gratidão ao oficial-maior da Torre do Tombo, o reconhecimento da sua bondade e dos favores recebidos!

Todavia, prova ainda bem mais frisante havia de prestar do desvelo que lhe merecia o aumento das colecções do Arquivo Nacional. Foi quando, em espinhosa peregrinação oficial, o Mestre percorreu, como comissario da Academia, nos anos de 1853 e 1854, as Beiras e o Minho, estudando os cartorios das corporações eclesiasticas e promovendo o seu recolhimento á Torre do Tombo.

É d'esse tempo a entrada no Arquivo do célebre codice iluminado do seculo XII, *Apocalipse de Lorvão,* que as freiras d'aquele convento lhe ofertaram.

Não contente com isso, por conta da Academia das Sciencias começa publicando os documentos historicos desde o seculo VIII em diante, e ainda nesse trabalho é o seu braço direito um funcionario do Arquivo, elevado depois a director, o Sr. José Basto. O seu maior elogio está nas palavras seguintes:

«Todas as copias (para esse trabalho), escreveu o Mestre, foram tiradas com o maior esmero e quasi todas se acham já escrupulosamente conferidas com os originaes».

Uma nuvem bem negra veio, porém, empanar a cordialidade de relações de Herculano com a Torre do Tombo. Em 1856 nomearam guarda-mor Costa de Macedo, seu inimigo declarado. Herculano deixou de poder frequentar o Arquivo, e tamanho prejuizo lhe causava tal facto que chegou a escrever ter cessado para ele a carreira de historiador!

«... Esse homem, escrevia ele em carta á Academia ... foi nomeado guarda-mor da Torre do Tombo, cargo importante, porque presupõe, não só elevados dotes literarios, mas tambem inconcussa probidade ... Honrado com a confiança do supremo poder, vingado do desar que recebera, o sucessor de Gomes Eanes de Azurara, de Rui de Pina, de Damião de Goes, de João Pinto Ribeiro, de José de Seabra, de D. Francisco de S. Luis, atirou á Academia com os seus diplomas de secretario e de socio, etc.».

Felizmente não durou muito tempo tão estranha situação, porque em outubro de 1857 foi Costa de Macedo aposentado.

No Codigo Civil é ainda Herculano quem introduz o artigo 2:497.º de tanto interesse para o Arquivo Nacional.

Quem hoje percorre na Torre do Tombo o *Indiculo,* o *Livro Preto* da Sé de Coimbra, o *Obituario* e o *Livro da Noa* de Santa Cruz, o *Livro dos Mestrados,* o *Livro das leis e posturas,* o *Livro dos bens de D. João de Portel,* o *Livro dos Copos* e o *Tombo da comarca da Beira,* codices de que Herculano lançou mão para a sua *Historia de Portugal;* quem percorre, dizemos, as folhas de pergaminho d'esses medievos cronicons, certamente poderá neles adivinhar, ainda agora, vestigios dos dedos do Mestre, estudando paciente e laboriosamente aqueles caracteres paleograficos.

É que o seu espirito paira ali como se fosse um nome protector. É que a sua alma se identificou tanto com os documentos que nos parece senti-la ainda hoje vibrar, qual vigilante sentinela.

Por isso, na terrivel crise social que atravessamos, em que são relegados para um triste plano secundario os trabalhos literarios da nossa terra, Mestre, é á tua sombra austera que nos havemos de acoutar nos momentos de desanimo, como outr'ora te acoutaste desalentado sob os robles frondejantes do teu lindo Vale de Lobos.

Torre do Tombo. = *Antonio Baião*».

LVII

Cartas de Alexandre Herculano

No *Archivo Historico Português*, publicação de suma importancia, fundada, dirigida e mantida com elevação notavel pelo Sr. Anselmo Braamcamp Freire, foram incluidos, entre documentos relativos ao egregio escritor que desejariamos deixar aqui arquivados, algumas cartas elucidativamente anotadas pelo erudito Sr. Gomes de Brito, um dos grandes amigos de Alexandre Herculano e seu devotado e constante admirador. Registo-as aqui como necessarias e indispensaveis na biografia a que presto o maior cuidado.

Leiam se:

CARTA I

Esta carta constituirá, por certo, um elemento precioso para a biografia do solitario de Vale de Lobos, se ela se chegar a escrever com os pormenores, e as provas dos factos, de que Xavier Rodrigues Cordeiro não pôde dispor, nem poderia utilizar no breve espaço de tempo consagrado a escrever a, aliás, muito bem concebida, monografia biografica que vulgarizou em seu *Almanach de Lembranças* (1879).

Esta carta nos inicia, com efeito, nas primeiras diligencias empreendidas por Herculano para adquirir a propriedade em que veio a exalar o ultimo suspiro, não como Rodrigues Cordeiro fantasiou ; não como o poeta, o sonhador que fôra nos viçosos anos da sua vida, mas como o triste, o desiludido e descrente patriota, que a nada mais aspirava, que não fossem o silencio do esquecimento e sete palmos de terra, para dormir o ultimo somno, no cemiterio da aldeia vizinha[1].

O «genealogico-mor», a quem o signatario alude, era João Carlos Feio Cardoso de Castelo Branco e Torres, falecido nove anos após esta carta. Ignora-se se ele correspondeu ao que Herculano d'ele esperava; se o autor das *Resenhas das Familias Titulares do Reino de Portugal* soube dar conta dos sucessores do provedor das *Leziras*, ultimo dono de Vale de Lobos.

Certo é, porém, que nesse mesmo ano de 1859 foi por Herculano adquirida, com efeito, aquela propriedade, que só de terras constava, hospedando-se o novo proprietario, emquanto lá não teve os dois primeiros quartos com que começou

---

[1] Pensamento inicialmente expresso na Carta ao *Jornal do Comercio*, de 1 de dezembro de 1865, acêrca do *Casamento civil*, e repetido, por forma aproximada, dez anos depois, na carta undecima e ultima a Carlos Bento da Silva, a respeito da *Emigração*.

João Pedro da Costa Basto

a futura habitação, em casa do brigadeiro Pedro Vieira Gorjão, seu amigo. Fôra este que lhe ministrara as informações constantes d'esta carta, induzindo-o a que adquirisse aquela terra, e lhe fosse fazer visinhança, visto residir na Azoia de Baixo, onde tinha casas e muitas propriedades.

Esta carta foi escrita na Ajuda, onde o futuro solitario de Vale de Lobos, vivendo vida meio campezina, e mantendo o amor pelas ocupações campestres, nos ensaios da horta da calçada do Galvão, a par com os seus dilectos estudos historicos, sustentava praticamente a justificação ao primeiro periodo com que principiou a missiva.

«*A João Pedro da Costa Basto (1859).*

Amigo. — Vim de Santarem optimo, tendo passado seis dias excelentes na Azoia. Cada vez me confirmo mais em que há gente que nasceu para nunca viver nas cidades. Desejo que se desse cá tão bem como eu por lá; mas duvido.

Desejava ver se descobria algum tombo antigo de Vale de Lobos, ou por casa dos Mesquitelas de onde era a ultima usufrutuaria de Vale de Lobos, D. Domingas, ou pela de um tal Antonio de Abreu de Moraes e Lima, primo e herdeiro do provedor das leziras (ultimo dono de Vale de Lobos) Miguel Joaquim da Serra de Moraes Peixoto da Silva Garcez e Couto. Lembra-me meter nisso o nosso genealogico-mor. Se o vir peço o favor de lhe dizer que desejo falar-lhe, indicando-me o lugar e hora onde na proxima quinta-feira ou na segunda-feira o poderei fazer.

É possivel que na Torre haja alguma cousa, porque ha muita cousa relativa a Santarem, mas isso é um *mare magnum* onde só por acaso se poderia descobrir.

Terça-feira. — Até á vista. — Seu do c., *Herculano*».

CARTA III

Nesta carta responde Herculano a duas perguntas que lhe fez o seu amigo Sr. José Basto: 1.ª, que livros lembrara ao arquitecto José Valentim de Freitas, para ver no arquivo da Camara; 2.ª, onde parava a tradução em português do *Livro de Mestre Jacob das Leis*.

Como acontece a tantas outras do grande escritor, falta a esta carta a indicação do ano em que foi redigida. Poderá, acaso, tê-lo sido no de 1867, ou proximos, quando aquele benemerito arquitecto se andava preparando, segundo o que presume o Sr. Gabriel Pereira, a quem ouvimos, para reconstituir a planta topografica de Lisboa, que o terremoto de 1755 derrocou, e o incendio subsequente em grande parte consumiu.

No arquivo da camara não existe qualquer copia completa do Tombo Pombalino. Ha um volume que se intitula *Copia do Livro do Tombo das propriedades do Bairro Alto arruinadas pelo terremoto de 1755*. Tem termo de 20 de março de 1819, e compreende apenas as freguesias do Sacramento e Encarnação, comquanto na guarda se leia: «*Freguesias a que pertence este Livro — Sacramento, Incarnação, Santa Izabel*». Além d'este, ha mais quatro volumes de menor lombada, contendo copias dos livros «*dos Termos de Posses dos Terrenos que se teem adjudicado pela Inspeção do Bairro Alto*» (1817, 1819) e dos de Santa Catarina, Ribeira e Castelo (1817).

Quanto ao «Livro dos Canos da cidade», quis Herculano referir-se, com efeito, a um que foi mandado organizar em 1685, sob o titulo: «*Noticia dos canos antigos desta cidade*», pelo vereador do Pelouro das Obras, o desembargador Francisco da Fonseca Sisnel, segundo mais especificadamente se lê no tomo I dos *Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa*, a pag. 552 e segs., continua-

ção da nota 2 de pag. 548, que publica igualmente a noticia dos canos «que a nesta cydade de lix.ª», lançada no *Livro dos Pregos*, de fls. 333, 335, atribuida aos fins do terceiro quartel do seculo XVI.

O Regulamento da Procissão de Corpus, visto por Herculano na guarda d'este Livro, foi igualmente publicado no mesmo tomo I da obra supra citada, a pags. 428 e 429, em continuação da extensa e muito curiosa nota 4, de pag. 417.

Pelo que toca ao «Livro de Mestre Jacob das Leis», já o proprio Herculano dele dera noticia a pag. 155 do Prologo posto á frente do fasciculo 2.º do vol. I de *Leges et Consvetvdines* (MDCCCLVIII), nos termos seguintes:

«O segundo codice (N.º 4.º do Maço 6.º de Foraes Antigos) foi tambem em parte publicado pela Academia no tomo V dos Ineditos. É um volume em 4.º, escripto em pergaminho, e conhecido pela denominação de *Foros da Guarda* .. O texto original da compilação começa verdadeiramente a fl. 18 por uma versão da *Summa* ou *Flores de Direito*, de Mestre Jacob das Leis».

«*Ao sr. José Manuel da Costa Basto*: (*1867?*)

abril 25

Amigo

....

Quanto aos livros da Camara (não se perdeu carta: esqueceu-me tambem isso) as unicas cousas em q̃ podia ter falado ao Valentim são, que me lembre, o Tombo por occasião do Terremoto q̃ me pareceu conter mais do q̃ o ex.ar da Torre, e um Livro dos Canos da Cidade, não me recordo de que seculo (talvez do 17.º) q̃ lá vi. Como os canos deviam seguir as ruas parece-me que desse livro se poderá tirar alguma luz. Tambem creio que se elle catasse bem o *Livro dos Pregos* lá havia de encontrar muitas especies p.ª as antigualhas de Lisboa. Na guarda tem ele um regulamento p.ª a procissão de Corpus Christi dos fins do seculo XV q̃ escapou a J. P. Ribeiro.

O Livro de M.e Jacob das Leis, traduzido em Portuguez está na Torre: parece-me q̃ nas Gavetas. Não digo com certeza, porque não tenho aqui, como sabe, apontamt.os nenhuns.

Paro aqui pr que o rapaz quer-se ir deitar, para ir cedo p.ª S.em.

Recomendações ao João. am.º

Herculano».

CARTA IV

Esta carta, que não tem data alguma, mas que pertence ao ano que se lhe assinou, responde a outra em que o Sr. José Basto chamava a atenção do seu preclaro amigo para a singular doutrina que o artigo 1851.º do Codigo Civil parece querer estabelecer, e que, sem que se possa explicar como, proveio de um lapso infeliz de redacção, a que é preciso, como observa o experiente jurisconsulto José Dias Ferreira, que os poderes publicos provejam de remedio, emendando-o no sentido por ele proposto, e conforme Herculano alvitrou.

O artigo em questão está redigido do seguinte modo:

«Se o legatario com encargo não receber *por* culpa sua todo o legado, será o encargo reduzido proporcionalmente, e se a coisa legada fôr evicta, poderá o legatario repetir o que houver pago»

Quanto aos livros da Camara (não se perdeu carta. esqueceu-me tambem isso) as unicas cousas em q. podia ter fallado ao Valentim são, que me lembre, o Tombo por occasião do Terremoto q. me pareceu conter mais do q. o exp.te da Torre e um Livro dos Canos da Cidade, não me recordo de que seculo (talvez do 17°) q. lá vi. Como os canos devião seguir as ruas parece-me que desse Livro se poderá tirar alguma luz. Tambem creio que se elle catasse bem o <u>Livro dos Pregos</u> lá havia de encontrar muitas especies p. as antigualhas de Lisboa. Na guarda tem elle um regulamento p. a procissão de Corpus Christi dos fins do seculo XV q. escapou a J. P. Ribeiro

O Livro de M.e Jacob das Leis, traduzido em Portuguez está na Torre: parece-me q. nas Gavetas. Não digo com certeza, porque não tenho aqui, como

sabe, apontamt.os nenhuns.

Paro aqui porque o rapaz quer-se ir deitar, porque ir cedo p.ra sem

Recommendações ao João

Am.º

Herculano

(«Fac-simile» da carta de Alexandre Herculano a José Basto)

Não sei se nas actas ~~da Com~~ missão ~~de Commissão~~ do Codigo, me calumniaram attribuindo-me a emenda do art.º 1851. Eu rarissimamente metti o nariz nessas questões de minucias legaes, para as quaes eram de sobra os juris-consultos de officio q. lá estavam. Entretanto ~~mesmo~~ vendo o artigo, o que me parece é que ha um erro d'imprensa que as camaras deixaram passar pela consciencia com q. se faz tudo nesta terra: o que lá estava talvez era *sem* em logar de *por*. Assim a doutrina parece-me racional. ~~Contra~~ esta é absurda, obviamente absurda, persuasão a q. ainda me parece não ter chegado ás minhas ideas. A vontade do testador é que do cumulo do legado saia o encargo: o direito do legatario nasceu ao fallecer o testador. Se causas alheias á sua vontade, o privam da realisação de uma p.te deste direito é obvio que uma parte correspondente da obrigação do encargo desapparece. Se, pelo contrario, elle resigna espontaneamente uma parte do seu direito, a vontade do testa-

dor, que realmente o que transmittiu foi o q̃
sobrasse do encargo, não deva ser illudida, vi-
sto que o legatario, em rigor, realisou plenamte.
o seu direito, embora depois abandonasse parte
della.

Tem-me esquecido dizer-lhe
qto. ao Livro da Noa que elle é da Acade-
mia, porque a Academia o pagou como
sabe. Ella, porém, é q̃ devia deixá-lo
na Torre do Tombo

Am.o

Herculano

(Fac-simile da carta de Alexandre Herculano a José Basto)

O comentario de José Dias Ferreira, em seu *Codigo Civil Português anotado*, 1.ª ed., vol. IV, pag. 239, é o seguinte:

«... Examinou a comissão revisora este artigo (1851.º) em sessão de 26 de junho de 1862, e consta da respectiva acta o seguinte: «Tiveram a palavra sobre o artigo os srs. Ferrer, Gil, Seabra, José Julio e Herculano, depois do que resolveu-se, por proposta d'este ultimo, que seja redigido pelo modo seguinte: «Se o legatario com encargo, não receber por culpa sua todo o legado, será, etc.».

Da acta pois consta que a commissão revisora votara o que está consignado no codigo.

Parece-nos indubitavel que o pensamento da comissão revisora seria escrever as palavras «*sem* culpa sua» em vez das palavras «*por* culpa sua», porque é impossivel que o legislador quisesse, invertendo a ordem natural das cousas, pôr a cargo de terceiros os efeitos da culpa do legatario com encargo, que não recebeu o legado por culpa sua. Entretanto a lei terá de ser aplicada, como está escrita, emquanto não fôr emendada, apesar do absurdo e do centrasenso que encerra».

Averiguou-se, pois, que o erro, longe de ser de revisão, foi de redacção dando-se a circunstancia, lamentavel por certo, de não se ter reparado nele quando se procedeu a leitura da acta, na sessão seguinte (8 de novembro de 1862), á qual, registe-se, Herculano não compareceu.

Admitindo, na verdade, que o autor da redacção, ou escrita ou ditada, se houvesse equivocado, sabendo, aliás, bem o que queria escrever ou ditar, á leitura definitiva deveria acudir a emenda. É este pois um d'aqueles casos raros, mas possiveis, em que no discurso se verte um erro que faz dizer absolutamente o contrario do que se pretendia, por mera e acidental distracção de quem pensa ou de quem escreve o que outrem dita[1].

O Livro da Noa continua ainda de presente, tal qual Herculano o insinua, guardado na Torre do Tombo, achando-se na Livraria d'este Archivo, e na prat. 70.

«*Ao mesmo: (1868).*

Am.º

....

Não sei se nas actas da Commissão do Codigo me calumniaram, atribuindo-me a emenda do artigo 1851.º Eu rarissimamente meti o nariz nessas questões de minucias legaes, para as quaes eram de sobra os jurisconsultos de oficio q̃ lá estavam. Entretanto vendo o artigo, o que me parece é que ha um erro d'imprensa que as camaras deixaram passar pela consciencia com q̃ se faz tudo nesta terra: o que lá estava talvez era *sem* em logar de *por*. Assim a doutrina parece-me racional: como está é absurda, obviamente absurda, perfeição a q̃ ainda me parece não terem chegado as minhas idéas. A vontade do testador é que do cumulo do legado saia o encargo: o direito do legatario nasceu ao fallecer o testador: se causas alheias á sua vontade o privam da reali-

---

[1] As actas das sessões da comissão revisora foram mandadas imprimir por portaria de 23 de novembro de 1869. No projecto primitivo, o artigo de que se trata tinha o n.º 1985.º, e era assim concebido: «Se o legatario, com encargo, não receber todo o legado, será o encargo reduzido proporcionalmente, e se for evicto, poderá repetir o que haja pago». — *Codigo Civil Português*, projecto redigido por Antonio L. de Seabra, Coimbra 1859.

zação de uma p.te deste direito é obvio que uma parte correspondente da obrigação do encargo desapparece. Se, pelo contrario, elle resigna espontaneam.te uma parte do seu direito, a vontade do testador, que realmente o que transmittiu foi o q̃ sobrasse do encargo, não deve ser iludida, visto que o legatario, em rigor, realizou plenam.te o seu direito, embora depois abandonasse parte delle.

Tem-me esquecido dizer-lhe q.to ao Livro da Noa que elle é da Academia, porque a Academia o pagou como sabe. Ella, porém, é que devia deixá-lo na Torre do Tombo.

am.o

Herculano».

CARTA XIII

Alexandre Alexandre não engraçou nunca — muito a proposito o advertiu Antonio de Serpa — com a instituição: *exercitos permanentes*[1]. A propria entidade *exercito*, em seu simples sentido generico, era-lhe antipatica. O exercito, para o futuro autor da *Historia de Portugal*, era já em 1841, e a proposito de reflexões feitas após o combate de Ponte Ferreira, em 1832, «o grande açougue nacional, para onde a sociedade atira as rezes que lhe destina». O pensador que declarava «não amar os heroes», não podia, realmente ver com bons olhos os instrumentos assassinos, graças aos quaes os heroes se fazem. Muitos anos passados, em 1874, escrevendo a Carlos Bento da Silva a quarta carta sobre a *Emigração*, e enumerando «alguns dos obstaculos graves, mais positivos que a alta dos salarios atribuida á emigração, que embaraçam o movimento da nossa agricultura ...» escrevia Herculano este conceito:

«Temos um sistema de organização militar analogo ao das grandes nações, expressão de uma ideia agressiva, e que inutiliza de continuo aos milhares os braços mais robustos da população rural, em vez do sistema proprio dos pequenos estados, adequado unicamente á sua defesa»[2].

São estes antecedentes que se devem ter em conta, para que se expliquem as ironias que abundam nesta carta e a má vontade, *platonica*, ainda assim, que ela parece conter contra os ilustres dirigentes dos nossos negocios da guerra.

Aquele que, em todos os sentidos, tanto merecia que, a seu respeito, fosse lembrada a celebre ode horaciana, satisfazendo pontualmente os desejos do ilustre padrinho do 57, que, por fim, alcançou a suspirada licença, antes como «dadiva espontanea», do que por diligenciada concessão, brindou com a carta de agradecimento que Herculano lhe escreveu, o amigo que servira de transmissor do empenho.

«*A João Pedro da Costa Basto* (1876).

Vale de Lobos, 27 de outubro. — Amigo. — Sei que passou por Santarem com o Seixas na ida e volta da sua digressão ao Gavião. Sinto que não riscassem as cousas de modo, que pudessem parar no caminho e virem provar os melões de Vale de Lobos que este ano foram muitos e bons.

Eu por aqui vou com o caruncho dos 66 que ora me sobe aos bronquios, ora me desce á bexiga, quando não faz como Santo Antonio, estando ao mesmo tempo em ambos os lugares.

---

[1] *Alexandre Herculano e o seu tempo*. 1881, pag. 153.
[2] Veja-se tambem *Solemnia Verba* — Opusculos, tomo III, pag. 122.

Escrevo esta, vencendo a minha crescente repugnancia á literatura epistolar, por causa de um pequeno negocio.

Eu acho-me reduzido a procurador d'aqueles barrões que não tem para dar perus, capões, ou barris de vinho aos oficiaes de padrinho, que ha por aqui habeis e em abundancia. Tenho incomodado por cousas, insignificantes para nós, importantes para eles, quantos amigos ha. Mas a morte vae contraindo cada vez mais rapidamente o circulo d'estes até que o aperte de todo e esgane o *centro de unidade*.

Um pobre pai com muitos filhos veio aqui choramingar a falta que lhe fazia o mais velho agora que vem a força do trabalho rustico. Levou-lh'o a patria para as grandes necessidades publicas das procissões, das guardas que nada guardam, da segurança do Estado, e dos longos somnos da tarimba. Quer obter para ele uma licença de dois meses. Tenho consumido a paciencia de quasi todos os amigos a torná-los co-reus no crime de abalar os fundamentos da sociedade, diminuindo com essas licenças a solidez dos seus meios de defesa. Ajude-me a dar mais uma picaretada nos alicerces da patria. Não sei se o amigo J. Maria Borges está ainda em Pedrouços ou já em Lisboa, nem a alcunha que lhe puseram atirando com ele ao meio dos nossos Moltkes para ser o *justum et tenacem virum* entre aquelas boas almas, limitando-lhes quanto possivel os ataques á razão e ao direito. Em consequencia, tambem não sei para onde e com que indicação lhe hei de dirigir uma carta. Supra-me esta ignorancia. Ele, como sabe gramatica e logica ha-de ser um pouco admirado por aqueles senhores, e exercer certa influencia. Diz-lhe que lhe peço me ajude um pouco a realizar mais um acto filho das minhas intenções malevolas contra a sociedade?

O nome e qualificações do guerreiro, que, com toda a certeza, não sabe nem precisa de saber servir-se da espingarda scientifica que lhe meteram nas mãos, é — José Miguel, do batalhão de engenharia, 5.ª companhia, n.º 57.

am.º velho

Herculano».

LVIII

Sob o titulo *Depois do centenario*, o *Primeiro de Janeiro*, que é uma folha liberal de larga tiragem no Porto e de longa existência, escreveu o artigo que vae ler-se porque o dou em seguida pelo desassombro com que foi escrito e ao qual concedeu o primeiro lugar para aumentar a sua importancia.

O Porto tinha de repelir as ofensas com que um limitado grupo de reaccionarios pretendia ali manchar e interromper as festas do centenario.

Eis o artigo publicado no dia 1 de maio 1910:

«Ninguem discutirá certamente a imponencia, e sobretudo a grandeza moral que revestiram em todo o país as festas consagradas á memoria de Alexandre Herculano.

Antes do centenario, os reaccionarios procuraram amesquinhar o significado d'essa homenagem, esforçando-se por fazer diminuir no espirito pnblico o seu nobilissimo alcance.

Enganaram-se profundamente. A resposta que acabam de receber é das mais eloquentes e terminantes. Já não ha lugar a duvidas. O povo português detesta a reacção clerical, sob todas as suas formas.

O centenario do grande historiador não representou ápenas a homenagem da patria agradecida a um dos seus pensadores mais eminentes.

É certo que a sua gloria literaria seria bastante para justificar toda e qualquer apoteose. O autor da *Historia de Portugal*, da *Historia das origens e estabelecimento da Inquisição*, e de tantos livros primorosos em que o pensador, o poeta e o artista ascendem á maior altura, merecia deveras o culto mais ardente, a consagração mais sincera e mais espontanea.

Essa pode dizer-se que lhe foi prestada no seio das academias, pela palavra fulgida dos oradores e dos conferentes, que analizaram a sua obra, sob todos os seus aspectos; e ainda pela pena dos escritores que traçaram o perfil literario do eminente historiador. Era justo e natural que assim sucedesse.

Como se explica, porem, a participação do povo nas festas do centenario? Como se compreende que a multidão que trabalha, e que, infelizmente para nós, não pode frequentar as bibliotecas nem os arquivos, que vive longe dos centros intelectuaes e das academias, se associasse com um tão espontaneo ardor á comemoração civica que teve por fim exaltar a memoria de Herculano? É simples a resposta.

O povo é naturalmente inclinado a consagrar os benemeritos que, pelo seu esforço continuo, pela sua inteligencia e pelo seu caracter, de alguma maneira contribuiram em vida para o aperfeiçoamento moral dos seus semelhantes, bem como para a libertação de todas as tiranias e para a eliminação de todos os erros.

É assim: ele não vê em Herculano o poeta admiravel da *Harpa do Crente*, o romancista do *Monasticon* e do *Bobo*, vê sobretudo o soldado do cêrco do Porto, o batalhador intemerato que, depois do ultimo combate, depôs a espingarda para empunhar uma pena que foi gloriosa em suas mãos. Vê ainda o panfletario do *Eu e o clero*, que, em resposta ás invectivas e ás acusações, que lhe foram dirigidas, após a publicação do primeiro volume da *Historia de Portugal*, teve a coragem de dizer altivamente toda a verdade a uma classe que, por demencia, ignorancia ou maldade, se recusou a aceitá-la.

O povo conhece tambem o nobilissimo desforço do historiador da *Inquisição*, que teve a hombridade de patentear todos os crimes, vinganças e rancores de uma seita ha muito condenada.

Se não fosse a provocação insolita dos clericaes, o centenario não passaria talvez de uma singela homenagem de respeito ao gigante do romantismo em Portugal.

A atitude dos reaccionarios produziu a extraordinaria manifestação que, especialmente nas principaes cidades do país, assumiu as proporções de uma enorme apoteose.

Resposta bem merecida na verdade, e que, por certo, terá de ser sancionada em actos ulteriores, porque o espirito liberal do país não pode contentar-se com essa manifestação grandiosa, mas efemera.

Junto do tumulo do imortal defensor das regalias municipalistas, adversario intransigente da reacção, desfilaram alguns milhares de liberaes, levados por um nobre impulso de reconhecimento pela sua memoria e de solidariedade pelas suas ideias.

Pois bem. Que a recordação d'essa festa civica se não perca, e que, nesta hora angustiosa para o país, o povo português aprenda sobretudo a não ceder um só palmo de terreno, nas lutas que de futuro tiver de travar com os inimigos da liberdade».

LIX

Parece-me que dará algum relevo e nova luz ao que fica transcrito nas paginas anteriores trechos do notavel estudo critico-historico que, anos antes, o erudito academico efectivo, Sr. D. Antonio Sánchez Moguel, lera, em sessão solene da Academia da Historia, de Madrid, em homenagem ao egregio historiador Alexandre Herculano. Começou assim, que eu copio na propria lingua castelhana para não lhe alterar o apreciavel sabor:

«Tienen estas juntas públicas, de algunos años acá, el doble y hermoso carácter de premiar à los vivos y de honrar á los muertos; galardonar recientes merecimientos alcanzados en el ejercicio heroicô de las virtudes ó en la ardua labor de las ciencias históricas, y avivar y enaltecer con el elogio debido la memoria de los varones insignes que legítimamente conquistaron las alabanzas de la Historia.

Inspirándose en generosos sentimientos de fraternidad y de justicia; consecuente con sus meritorios é incesantes esfuerzos en pro de la comunicación y concordia intelectual de las dos naciones hispánicas, esta Real Academia ha querido que el elogio histórico correspondiente á este año se consagrase al mayor de los historiadores portugueses, y uno de los más grandes de la peninsula: Alejandro Herculano de Carvalho.

Aun sin este valioso título, bastaba sólo el de portugués ilustre para que nosotros, por el simple hecho de serlo sin otra consideración, nos creyésemos en el derecho y en el deber de honrar su memoria, como en años anteriores, en 1863, y en el seno de la Real Academia de Ciencias de Lisboa, á título de español insigne, Martínez de la Rosa fué elegido por tema de *Elogio historico*, precisamente por Luis Rebelo da Silva, aquel furibundo antiiberista que con su elocuente y encendida palavra derribó, por infundadas sospechas de iberismo, al ministerio que presidía en 1869 el venerable Marqués de Sá da Bandeira.

Las fronteras alzadas (entre España y Portugal), guardadas por el amor de la patria, por las tradiciones de los antepasados y por la vigilancia de la independencia propria — decía Rebelo da Silva, — nunca han de separarnos cuando tratemos de defender y engrandecer las mutuas conquistas de la civilización, de festejar las glorias y los progresos reciprocos, ó de celebrar con piadoso respeto la memoria de nuestros más preclaros hijos».

Así pensaba, á pesar de su antiiberismo, Rebelo da Silva; así debió pensar también Portugal en la celebración del centenario del infante D. Enrique, y debe discurrir hoy en el que proyecta en honor de Vasco da Gama; así lo entendió España, reconociendo á Portugal el derecho que le asistía á concurrir al del descubrimiento de América en puesto proprio y preferente, y así lo ha entendido esta Real Academia, estableciendo entre sus correspondientes clase especial para los portugueses y dedicando la solemnidad presente, otorgada antes sólo á españoles, al egregio portugués Alejandro Herculano.

Poeta de robusta inspiración y enérgica frase, como ningún otro de sus contemporáneos en la lírica portuguesa; cantor al par de la Religión, la Libertad y la Patria; fundador en Portugal de la novela histórica; historiador eminente, de la familia de los Ayalas y Zuritas, de los Marianas y los Flórez; soldado de la libertad en la prensa y en los campos de batalla; apóstol de adelantamientos y mejoras sociales; ca-

riñoso mentor de la juventud estudiosa; implacable con los poderosos, como sencillo con los humildes; voluntad tan recia como el roble ó carvallo de su apelido; carácter austero cuanto honrado; despreciador de puestos y de honores, aun los más subidos y codiciados; hombre, en fin, que, con ser tantos sus merecimientos y tanta su gloria, podía ufanarse, sin embargo, de llegar á la vejez en el mismo lugar de la jerarquía social en que nació, Herculano descuella majestuosamente en las letras portuguesas á una altura comparable sólo á aquela en que el autor de *Os Lusiadas* resplandece.

Camoens y Herculano; he aquí las ingentes figuras de la literatura portuguesa. Son ambos, sucesivamente y en el más alto grado, personificaciones augustas de los dos renacimientos literarios de su patria: del clásico, el primero; del romántico, el segundo. Son *Os Lusiadas* el monumento principal del siglo XVI: lo es en el XIX la *Historia de Portugal* de Herculano.

Inspírase aquél en las hazañas más gloriosas de Portugal, allende los mares: el descubrimiento del camino marítimo de la India, principio del poderío colonial de los portugueses; abarca éste otro monumento, los hechos más capitales de la historia portuguesa en la península: la fundacion de la monarquía y la terminación de la reconquista del suelo patrio. Aquí admiramos la formación del hogar portugués; allí, su dilatación prodigiosa

Por mares nunca d'antes navegados.

Oliveira Martins, Romero Ortiz e Serpa Pimentel, querendo descobrir os modelos de que se servira Herculano na formação da sua *Historia de Portugal,* escreveram que o grande historiador portuguès seguira os estudos e os passos do francês Thierry; mas o Sr. Sánchez Moguel, na sua investigação consciençiosa e na sua critica severa, põe em base mais alta os merecimentos do egregio Mestre e discorre d'este modo:

«Que Herculano, ni al imaginarla ni al escribirla, pudo proponerse como modelo, ni tener en cuenta siquiera, la *Histoire du tiers état,* de Thierry, cosas son de absoluta evidencia con decir que la obra del insigne historiador francés salió á luz entera en 1855, y en parte en 1850, y que Herculano ideó su *Historia* en 1839, dió á la estampa el primer volumen en 1846, esto es, cuatro años antes que Thierry publicase el primer fragmento de su obra, y el último en 1851, cuatro antes que el historiador francés la obra entera.

Divídese la *Historia de Portugal* en una larga introducción y dos partes distinctas, acompañadas de eruditos apéndices y notas no menos interesantes que el cuerpo de la obra: la primera, puramente narrariva, desde el conde D. Enrique á D. Alfonso III, ó sea la historia de Portugal desde 1097 á 1297, y la segunda, el estudio de las instituciones sociales, en aquel período. Como se ve, una y otra parte, más que tales, son dos obras diferentes, si relacionadas por referir-se á los mismos tiempos, diferentes en su contenido, propio y especial en cada una, y de diversa manera tratados y escritos. Ninguna de las dos partes tiene ni podia tener por modelo la *Histoire du tiers état,* aun cuando esta obra hubiese visto la pública luz á tiempo de poderla conocer y aprovechar Herculano.

. . . .

En la cuestión que indicamos, como en alguna otra, referentes todas à la manera de concebir y escribir la historia en los tiempos mo-

dernos, Herculano siguió las huellas de Thierry, mas nunca pudo servirle de modelo, ni debe ser llamado discípulo ni imitador del historiador francés en lo que toca al «estudo sobre o estado das pessoas e das instituições y sobre a sua transformação durante a idade media», como se supone, ni que á Thierry debiese «a compreensão das instituições municipaes», ni, sobre todo, que aprendiese de él «o seu municipalismo». Cabalmente en el estudio de estas materias es donde más campea la originalidad de Herculano, que, si bebió en otras fuentes, fueron éstas de casa, peninsulares en absoluto, como veremos, y donde mayores son las diferencias que le separan de Thierry. «Este escritor, aliás eminente por tantos titulos — escribe con su magistral competencia Gama Barros, — desconhecia a historia municipal da Peninsula a ponto de afirmar que o estabelecimento das comunas, iniciado desde os fins do seculo XI, não se estendeu á Hespanha, que a conquista dos mouros colocava fora do movimento europeu». Añádase á esto que Thierry atribuye á revoluciones más ó menos violentas de los pueblos las libertades municipales — teoría que tampoco es suya, y que pertenece á Bréquigni, — al paso que Herculano, con Llorente y con Marina, las atribuia á franquicias y mercedes de la Corona, nunca á revoluciones populares, como generalmente se ha pretendido en Francia por los apologistas de la mayor y más terrible de las revoluciones modernas».

Desejava pôr aqui mais amplos extractos do notavel estudo do academico Sr. Sánchez Moguel, mas não posso, pois vejo o tomo presente a tomar corpo avultado e ainda me falta considerar numerosas publicações e dar-lhes o registo devido. Assim, agora limito-me a transcrever as ultimas linhas d'esse estudo, que são memoraveis:

«Réstanos sólo, para concluir, considerar especialmente á Herculano con relación á nuestra patria. Atribúyese á Macaulay estas palabras, que apenas hay escritor español ó portugués que no haya mencionado en sus escritos referentes al autor de la *Historia de Portugal*: «España debe hacer todos los esfuerzos por conquistar á Portugal sólo para poseer á Herculano». Estas palabras acreditan solamente que su autor desconocía que tal conquista era innecesaria de todo punto, porque ni Herculano miró jamás á España como tierra extranjera, ni el glorioso historiador fué nunca visto en España como extranjero.

España y Portugal no eran para Herculano, como lo son para la modernísima é insipiente patriotería de algunos de sus compatriotas, dos entidades esencialmente distintas, sino, por el contrario, y para valerme de sus mismas palabras, *dois fragmentos da mesma terra, dois irmãos gemeos*, los cuales, «*nas opiniões, nos costumes, nas tendencias moraes estão revelando a cada passo uma origem comum*»: la monarquia leonesa. «*D'esta veio* — añadia — *por linha transversal (permita-se-nos a expressão) a monarquia portuguesa, e por linha recta a monarquia espanhola ou antes castelhana;* PORQUE HESPANHOES TAMBEM NÓS SOMOS. Ya antes Garret había escrito las conocidas palabras: «*Hespanhoes somos, e de hespanhoes nos devemos prezar todos os que habitamos esta peninsula*».

Asimismo, refiriéndose Herculano á las antiguas guerras entre Portugal y Castilla, no vacila en decir que «*se assemelhavam ás guerras civis de hoje*»; y tratando de la conservación de la independencia de Portugal desde el siglo XVII, atribuíala «*á rivalidade das grandes nações*».

Más todavía. Cuando el mejor de los traductores españoles de Herculano, mi distinguido amigo D. Salustiano Ródriguez Bermejo, de-

seando poner al frente de una de sus versiones el título de *Páginas de Iberia*, lo consultó con Herculano, éste le respondió el 9 de Febrero de 1875 — esto es, dos años antes de morir — lo que copio á la letra, no de la carta impresa, sino del original: «Não vejo inconveniente em ser publicada debaixo do titulo generico de *Paginas de Iberia*. NÃO FICARÁ POR ISSO O LIVRO MAIS IBERICO DO QUE O AUTOR».

Libre, por mi parte, en absoluto, de toda relación con los partidos políticos de Portugal y España, y aun más, si cabe, en las cuestiones de carácter internacional, cultivador solo, como es notorio á portugueses y españoles, de la aproximación intelectual de las dos naciones de la península, salvas siempre las independencias recíprocas, he tocado, como debia, este punto en el terreno puramente histórico, que era el unico procedente en este acto y ante la Real Academia de la Historia, fiel guardadora de los respetos debidos á la autonomía del hermano y vecino reino.

No necesitaba tampoco Herculano discurrir del modo que hemos visto para merecer completamente nuestra admiración y afecto. Sus trabajos históricos, como ya vimos, nos interesan tanto como á los portugueses. Su *Historia de Portugal* servió además de precedente y estímulo á las historias de España de nuestros ilustres compañeros Cavanilles y Lafuente y Zamalloa, que comenzaron á salir después: la de Lafuente en 1850, y en 1860 la de Cavanilles. Y esta Real Academia se gloría de haber contado á Herculano, desde 1851, entre sus individuos más eminentes».

....

As ultimas palavras do estudo de Sanchez Moguel são:

«Buscaréis en vano el nombre del gran historiador, en publicaciones de la importancia de *The Enciclopoedia britannica* y la *Nuova Enciclopedia italiana*, y si viene en Vapereau y Larousse, es en compañia de errores sin cuento. En España, Herculano ha side objeto especial de estudios críticos, como el de Cañete relativo *A Harpa do Crente* y el de Costanzo tocante al *Origem e estabelecimento da Inquisição*, y es conocido y venerado de todos, sin que hasta el día haya sido tratado ni una sola vez con la dureza ó la injusticia con que lo ha sido, hasta después de muerto, por parte de algunos escritores de Portugal.

Y para que nada nos faltase en las honras debidas á su memoria, también la poesia, y con la lira de uno de nuestros poetas más esclarecidos, Nuñez de Arce, lloró la muerte del gran escritor con acentos que vivirán tanto como la lengua castellana. Permitidme que ponga fin á mi trabajo repitiendo estos versos de nuestro lírico:

¡Ya no existe el poeta! Pero en vano
Querrá la muerte obscurecer la gloria
Del más insigne genio lusitano.
Él con su ciencia engrandeció la historia.
Él exaltó la santa pöesia,
Y él impondrá á los siglos su memoria».

Foi esta, com efeito, uma homenagem digna de registo.

LX

Para registar nestas paginas que vou escrevendo com amor profundissimo e sincerissimo á verdade, cumpre-me coligir documentos que sirvam de afirmar o alto conceito em que era tido o egregio Alexandre Herculano pelas diversas classes do povo português, mais ou menos cultas, mais ou menos elevadas, porem todas erguendo-se e harmonizando-se num culto muito superior, o culto glorioso da justiça e da liberdade.

Um grupo de cidadãos, a que então andavam ligados Oliveira Martins e Terenas pelas suas ideias avançadas que defenderam com entusiasmo, protegia num periodo eleitoral de Lisboa a candidatura de Antero de Quental, cujo talento extraordinario e cujos ideaes estavam demonstrados na escola e na imprensa, por diversos modos para que triunfassem os principios mais consentaneos com as aspirações populares num caminho progressivo e radiante de luz para libertar as consciencias obscurecidas nas trevas da reacção.

Esse grupo mantinha, no Porto e em Lisboa, orgãos de propaganda socialista que no Porto se imprimira sob o titulo *Operario* e em Lisboa com o de *Protesto,* os primeiros que em Portugal advogaram as doutrinas socialistas. Em o numero de *O Protesto*, de setembro, saiu extenso artigo em favor da candidatura de Antero de Quental, recordando o valor e os serviços de homens eminentes do partido liberal e democratico, no qual se escreve d'esse malogrado escritor e poeta, afirmando-se que ele representava em Portugal a grande ideia democratica e

> «... ninguem nesse imenso espaço que vae da foz do Tejo aos alcantis dos Pyreneos pode disputar primazias com os seus talentos de evangelizador, com as suas virtudes de cidadão».

E cita Alexandre Herculano cuja memoria é honrada com estas justas palavras:

> «Alexandre Herculano foi incontestavelmente o maior vulto da velha geração do cêrco do Porto, um dos primeiros e mais ilustres vultos da literatura contemporanea, um historiador do molde colossal de Thierry e Macauly; a sua individualidade marca uma epoca, de perduravel gloria, para a historia do nosso país. Alexandre Herculano era o chefe do partido liberal democratico do país, e no dia em que no semiterio da Azoia de Baixo se ocultava o cadaver do grande cidadão, os homens pensadores do país, os que conhecem a admiravel organização de Antero de Quental, uniram-se num só pensamento — era Antero de Quental a unica individualidade que, no país, poderia honradamente ocupar o lugar do grave e austero historiador do municipio em Portugal, o lutador do *Eu e o Clero,* o defensor da liberdade de consciencia, da liberdade individual, na questão das conferencias do Casino».

O *Protesto* (setembro 1880) transcrevia este artigo de *O Comercio de Portugal,* assinado com as iniciaes A. R., que deviam ser de Augusto Ribeiro (esclarecido periodista açoriano), que era um dos admiradores de Antero de Quental.

LXI

Vou agora colher nas obras dedicadas ao egregio historiador, no seu centenario gloriosissimo, algumas das paginas mais interessantes, criticas e elucidativas. Começarei pelo livro que, sob o titulo ALEXANDRE HERCULANO, *breve escorço de sua vida e obras ... Comemoração do 1.º centenario do nascimento do grande historiador português*, escreveu e mandou imprimir por conta da Empresa da biblioteca de educação nacional (1910), o erudito lente do curso superior de letras (hoje faculdade de letras), Sr. Agostinho Fortes, vereador no municipio de Lisboa. Copiarei do capitulo *Herculano municipalista e economista*, que vae de pag. 46 a 48 (o volume compreende 253 paginas com estampas), os seguintes paragrafos:

«As instituições municipaes, hoje tão decadentes, em resultado da luta secular que contra elas o absolutismo monarquico travou, esquecido de quanto aos municipios portugueses deveu a monarquia, mereceram a Herculano, além do estudo consciencioso da sua vida historica, o mais entusiastico carinho na pratica tendente a levantá-las no nosso tempo. É assim que na *Historia de Portugal* ele estuda desenvolvidamente as origens do nosso municipalismo, depois no-lo apresenta como um dos principaes, se não o principal elemento para a concatenação da nossa nacionalidade, como um dos esteios das liberdades publicas, como amparo irredutivel da monarquia que, na sua primeira fase, teve entre nós a missão historica de unificar a nacionalidade, impedindo que de feito aqui se implantasse, pelo menos com foros de cidade, o feudalismo, então vigoroso em toda a Europa, e ainda finalmente nos mostra como, tambem na luta contra a invasão do clero nas questões temporaes e nos direitos da corôa, os procuradores municipaes foram sempre o escudo forte e diamantino em que os golpes das classes privilegiadas vinham embotar-se. Na pratica, ele que apenas uma vez se sentou no parlamento, desempenhou as funções de vereador e depois as de presidente da Camara Municipal de Belem, cujo concelho fôra criado por decreto de 11 de setembro de 1852, tendo em tamanha conta as regalias municipaes, que sempre altivamente as fez respeitar contra quem quer que fosse que contra elas atentasse.

Merecem ser gravadas na memoria do povo, para que as medite e aprecie, as seguintes palavras do historiador:

«O trabalho relativo á sua existencia colectiva, regulada pela mais bela das instituições que o mundo antigo legou ao mundo moderno, o municipio, deviamos reservá-lo, pela importancia da materia, para um livro especial. Restaurada pelos instintos da liberdade e pelas conveniencias da organização politica, posto que alterada no meio das fases por que a Hespanha passou, esta instituição, que, para nos servirmos da frase de um escritor moderno, parece ter saido directamente das mãos de Deus, em parte nenhuma, talvez, durante a idade media, teve mais influencia no progresso da sociedade, foi mais energica e vivaz do que em Portugal. Grandes destinos lhe estão porventura reservados no porvir; ao menos é d'ela que esperamos a regeneração do nosso país, quando de todo se rasgar o véu, já tão raro, das ilusões d'este seculo. O estudo do municipio, nas origens d'ele, nas suas modificações, na sua significação como elemento politico, deve ter para a geração actual subido valor historico, e muito mais o terá algum dia, quando a experiencia tiver demonstrado a necessidade de restaurar esse esquecido mas indispensavel elemento de toda a boa organização social».

E Herculano, como ninguem melhor o fez, estudou o municipio e fez sobresair, através das paginas austeras e inimitaveis da sua Historia, a importancia capital que o caracteriza em Portugal. Para Herculano, o municipalismo é de origem romana; mas, na sua expressão *hispano-romana* com que qualifica a instituição municipal da Peninsula, porventura Herculano presentia que o municipalismo peninsular, tal como se nos afigura a nós, o infimo dos curiosos e amadores d'esses estudos, embora houvesse recebido importantes modificações da acção romana, já aqui existia antes da vinda dos legionarios da cidade tiberina.

Interessante seria darmos, ainda que sucintamente, a historia do municipalismo entre nós, mas tal objecto se não compadece com a indole d'este nosso modesto trabalho. Que baste, pois, o dizermos que a decadencia nacional derivou fatal e irremediavel do esmagamento das liberdades e iniciativas locaes pelo absolutismo, e que, para nosso mal, o constitucionalismo porfiada e sistematicamente tem vibrado os mais duros golpes no municipalismo, transformando todo o país num enorme feudo, em tudo e para tudo, dependente servilmente do poder central. Oxalá que as duras provações que a patria tem sofrido despertem em todos o sentimento da verdadeira tradição nacional, essencialmente municipalista!

Da interferencia de Herculano na administração municipal ha duas representações dirigidas, em 1854, uma ao governo, outra ao parlamento, que, magnificas pelo estilo, são tambem notaveis pela altivez rara com que nelas se defendem as regalias municipaes e pela cuidadosa atenção com que em beneficio popular se estudam assuntos concelhios, como o do real de agua».

E ainda transcrevo do mesmo livro do Sr. professor Agostinho Fortes as seguintes paginas:

«... não esperemos que nas suas paginas se encontrem quaesquer palavras de adesão ou aplauso ao que representasse a politica da igreja romana, ao que tentasse introduzir na nossa terra quaesquer instituições que, ás ordens do papa, manobrassem com desprezo absoluto das leis do reino, que Herculano por nenhum preço queria ver menosprezadas. Quando estudarmos Herculano como historiador, teremos ocasião de apreciar a sua fase anti-romana nas relações historicas do papado com Portugal; aqui basta que citemos as suas manifestações contra factos que no seu tempo se passavam.

Em maio de 1857, quando no parlamento português se discutia a Concordata, em virtude da qual Portugal foi espoliado em favor da politica do pontifice romano de parte do nosso padroado do oriente, Herculano publicou o libelo tremendo *A Reacção Ultramontana em Portugal ou a Concordata de 21 de fevereiro*, que dedica *aos homens de letras do Minho e da Beira; ás inteligencias do país que mais energicamente conservam o sentir e o crer português, e á mocidade que nessas provincias recebe a luz da sciencia e que é a esperança da patria.*

A sua alma de patriota revolta-se, da sua boca saem apostrofes violentas de quem está disposto a não arredar pé na defeza dos foros e regalias da sua terra. «Será licito, exclama Herculano no auge do seu desespero, a algum dos filhos d'esta terra, por pouco que possa e saiba, demorar a espada na bainha quando a usurpação estrangeira invade o país á sombra de transacções desleaes? Nunca, oh terra da nossa infancia! Combateremos por ti, pelos teus foros, pelas reminiscencias da tua gloria, pelos vestigios do sangue de nossos avós esparzido no

Oriente; por tudo quanto é santo e querido para uma nação. Por ora ainda somos teu filho?».

A Concordata fôra tratada pelo cardeal Camilo de Pietro, por parte do papa, e Rodrigo da Fonseca Magalhães, por parte do governo português; e, contra o vilipendio que para nós representava, a pena de Herculano assume as proporções de diamantina e incorruptivel arma. Pulveriza todo esse vergonhoso negocio diplomatico, no qual, para que nada lhe faltasse, a *reacção ultramontana contra o poder temporal, associa-se á reacção que eleva o pontifice acima da igreja.*

E mais adiante, sempre com o mesmo ardor de frase: «Que era o que a Propaganda sobretudo nos disputava pelos seus vigarios apostolicos? Eram justamente as igrejas situadas no territorio do dominio britanico; aquelas que, na concordata de 21 de fevereiro, se finge que nos hão de ficar pertencendo e que, por consequencia, se presupõe que podemos suprir».... «O folheto publicado em Bombaim, em 1844, com o titulo *A impostura desmascarada* e a resposta do arcebispo-primaz Silva Torres á comissão promotora da paz e união entre os catolicos, completam o quadro do procedimento de Roma e dos seus delegados no Oriente, procedimento vergonhoso e semelhante ao que ali tiveram sempre comnosco desde 1640, sobretudo nos fins do seculo XVII e principios do XVIII, epocas em que, sem a cubiça dos jesuitas, que então brigavam com a curia sobre quem havia de recolher os despojos opimos da nossa decadencia, e sem a energia dos monarcas portugueses, teriamos já perdido isso que hoje a diplomacia vae entregar voluntariamente á Propaganda... «A historia d'essas lutas é hedionda. Fá-la-hemos se for preciso. Debalde o ultramontanismo obteve que nos fechassem o acesso dos arquivos do reino: temos á nossa disposição documentos para revelar todas essas torpezas. Então Portugal saberá como Roma recompensou o povo que por milagres de esforço e vertendo torrentes de sangue hasteou o estandarte da cruz em todas as plagas do Oriente: como pagou ao povo, que, emquanto foi rico e poderoso, sempre repartiu com ela o fruto das suas conquistas, e acêrca do qual a Propaganda alegava depois, que *bem se podia espoliar dos seus direitos; porque, decadente e debil, não tinha recursos para se defender*».... «Que nome merece quem faz negocios d'estes para o seu país? Que nome merece o governo que toma a responsabilidade de tão monstruoso absurdo politico? A consciencia publica o dirá».

E depois, considerando abusiva e anti-canonica a intervenção imediata do papa nas diversas dioceses, com invasão e atropelo da jurisdição imediata dos respectivos bispos, diz que o ultramontanismo póde achar isso tudo muito regular, porque o ultramontanismo considera os bispos como simples delegados do papa, e exhorta a Universidade de Coimbra, a filha de D. Diniz, a que intervenha na questão e restabeleça a boa doutrina, ensinando homens que até das cousas mais santas fazem palheta e guizos de truão».

LXII

O Sr. José Agostinho, escritor bastante conhecido por diversas publicações em prosa e em verso, na serie de estudos que intitulou *Os nossos escritores*, dedicou um extenso á memoria de Alexandre Herculano. Vem a ser o V. O autor dividiu esta nova obra em seis partes, sendo os duas primeiras quasi inteiramente dedicadas á critica do estado da literatura na Europa desde o seculo XVI fazendo

sobresair a influencia dos mais eminentes escritores em as nações mais cultas e a acção d'essa influencia nas boas letras portuguesas, dando o primeiro lugar ás francesas, cuja corrente luminosa dominava tudo.

Na quarta parte em deante esboça a vida de Herculano desde o seu nascimento, não se esquecendo de apontar factos ou incidentes não averiguados, embora alguns biografos menos escrupulosos os deixassem circular. Tirarei do livro citado do Sr. José Agostinho varios paragrafos interessantes que exaltam a memoria do grande Mestre:

«... a literatura portuguesa ... Lembrava um povo anestesiado. Em sonhos, era francês, francês na literatura, que decalcava sonambulicamente, sem vigor e sem faisca, quando não devaneava, apegado a velhas tradições bolorentamente classicas: acordado, era inglês, detestando a Inglaterra, como teria sido até espanhol, se a Hespanha não fosse uma grande doente, incapaz de agir com metodo e tenacidade.

A tal colapso, que parecia estertor extremo, nos tinha levado a descrença de nós proprios ainda mais do que o patriotismo ignorante e ingenuo, porque esse depressa se ilustra e vigoriza com a lição dos factos, e grande rosario de factos nos dera o perigo napoleonico.

Foi então que veio o Liberalismo.

Foi então que apareceu o Romantismo.

Surde a trindade brilhante, da qual Alexandre Herculano é, sem duvida, a primeira e mais sólida figura.

Trindade estranha: Herculano, a profundeza e o vôo de grande e genial celta; Garrett, a graça, o instinto, a sensibilidade feminina; Castilho, a arte cinzelada, o dizer vernaculo, a poesia arcádica vestida de madrugadas desconhecidas, a perfeição formal sobre uma nostalgia de cego que sepulta em lavores a quasi impossibilidade de voar alto e livre como os que, por Deus, tem o sentido perfeito da vista.

Herculano a aguia, Garrett o rouxinol, Castilho o cisne.

A quem devemos nós, porem, estes tres homens, grandes em qualquer literatura?

Ao espirito nacional?

Sem duvida: ao espirito nacional, despertado pela rigida lição dos factos.

Sabemos *quem* o despertou. Resta-nos ver *como*.

E, bosquejado o glorioso e imperecivel movimento do Romantismo na Europa, a figura titanica de Alexandre Herculano aparecerá talvez depois, junto dos seus ilustres companheiros, como um tronco robusto do qual Garrett foi o coração e Castilho a radiosa, a artistica epiderme e vestidura».

....

«Herculano aceita, pois, este absurdo: que a concepção de Deus dependa da opinião politica do deista. O liberal crê no *verdadeiro* Deus. O despota crê num Deus barbaro. É um erro? Mas é uma consequencia logica.

Herculano chega a isto simplesmente por paixão, não vendo que se pode ser firme despota, despota por sinceridade rigida, por preocupação messianica, e crer-se num Deus de Amor e de Justiça e ser-se arraigadamente liberal e não se crer por completo em Deus, embora ambos fiquem imperfeitos de consciencia mental e moral.

Mas, no fundo, o que enternece é que esta observação, de todo inconsciente, a rigor, é um protesto contra a irreligiosidade. Para o caracter de Herculano, o despotismo andava aliado á hipocrisia, que faz da

Fé capa de ambições, base do predominio de homens ou castas. A liberdade, pregada no Evangelho, não podia ser, na opinião d'ele, combatida por um espirito verdadeiramente religioso.

D'aí, todo o absolutista era um fariseu, um hipocrita, o que, em boa verdade, equivale a um impio efectivo.

Temos, pois, o deismo determinado assim pela paixão partidaria que se lhe instalara no sincero e intransigente amor da liberdade.

Sob este ponto de vista, Herculano, porem, parece-nos puramente cristão de intenções, embora a ortodoxia catolica o não possa logicamente admitir em tudo.

Detesta o despotismo e a falsa religiosidade, que julga inseparaveis.

Os factos, alem d'isso, anormaes por condição, perturbam-no até o sistematismo, mas no fundo da sua alma ha uma fé esplendida e viva na palavra de Jesus. palavra de Amor e Justiça, o que é o mesmo que amar a fonte da verdadeira Liberdade.

Entretanto, devido á sua orientação racionalista, ha nele firme relutancia contra tudo que não seja o velho cristianismo.

E este espirito leva-o á heterodoxia diante dos dogmas ultimamente proclamados pela Igreja».

....

«... ou por gratidão a Rebelo da Silva, ou pelo influxo irresistivel da justiça imanente, Sánchez Moguel fez o elogio historico de Alexandre Herculano.

Como? De maneira a envergonhar portugueses, excessivos de parcialidade quasi sempre.

As carateristicas do eminente português são destacadas com verdade integra. É o poeta de robusta inspiração e frase solene e energica como nenhum outro escritor nosso. É o cantor altissimo da Liberdade e da Religião. É o fundador em Portugal da novela historica. É o historiador eminente da familia dos Ayala, dos Murita, dos Mariana e Florez. É o intrepido e incomparavel soldado da Liberdade nos campos da imprensa e da batalha. É o apostolo ardente dos progressos sociaes. É o carinhoso e austero mentor da juventude estudiosa. É, emfim, o grande homem, implacavel com os poderosos, e singelo com os humildes, só comparavel, na grandeza, a Camões.

E Sánchez Moguel chega diante do historiador. Não vinca um facciosismo a critica do academico hespanhol. O que mais o interessa é averiguar a originalidade dos processos scientificos de Herculano. Teofilo Braga, dentro do seu partidarismo habitual, aventara que Herculano os colhera nas obras de Thierry.

Contra essa arbitrariedade tão suspeita já protestara Serpa Pimentel, admitindo, comtudo, que Herculano seguira o metodo de Thierry apenas na indagação sobre o estado das pessoas e instituições e sua transformação durante a idade media.

Sánchez Moguel não balbucia: afirma e prova.

....

«... como é que todas as iras se açularam contra Alexandre Herculano só porque demonstrou, com melhores fundamentos ainda do que anteriores criticistas, a falsidade do que ele, sem negar verdades fundamentaes do cristianismo, via ser perfeitamente falso á luz dos documentos?

Explica-se. Herculano, como Coelho da Rocha, destruira tambem a fabula das primitivas Cortes de Lamego.

Na existencia d'essas côrtes se baseavam com força as pretensões do legitimismo.

Os legitimistas, cheios de fé, nobilissimos e simpaticos portugueses sem duvida, tinham, comtudo, o natural exagero de intransigencia com o que tocasse, de leve que fôra, nas tradições da velha monarquia, por eles amada com paixão tão sublime, tão digna, tão pura, que Portugal pareceu ter recebido a sua fé numa oculta emigração de verdadeiros e imaculados fidalgos da Vendeia.

A dor da derrota, na qual viam — quem sabe se com justiça? — a ruina da patria, exacerbava-lhes toda a alma. Batiam-se por uma lenda, como se bateriam por uma fortaleza de aço. Queriam, integra e imaculada, a patria dos seus avós, em principios, em crenças, em poesia, em tradições.

A perfidia do sinimigos literarios — os peores de todos os inimigos — de Alexandre Herculano soube cultivar facilmente a indignação em fé tão radical e sincera.

Do clero e dos legitimistas ruiu, pois, sobre o nosso grande historiador, e cultivada pela maldade, e impelida pelo maior odio humano — o odio da inveja — a verdadeira torrente de imprecações, umas sarcasticas, outras virulentas, que fizeram abater as armas ao eminente trabalhador.

Por desfortuna, perdemos assim uma verdadeira *Historia de Portugal,* de onde um grande espirito, como o tentou Oliveira Martins, poderia depois extrair obras puras e luminosas como as de Michelet, monumentos como nenhum país do mundo os podia ter melhores, porque a nossa historia sem duvida não teme, e até vence no confronto, o destaque das glorias dos primeiros povos da Europa.

Depois da *Historia de Portugal*, o trabalho historico de mais vulto em Herculano é a *Historia do estabelecimento da inquisição em Portugal*».

. . . .

«Acha Oliveira Martins que a principal obra de Herculano é a do polemista.

Bruno pensa que Herculano não tinha aptidão dialectica.

Diz o primeiro: «Nos escritos de polemista, a frase rotunda é quente, a agressão é viva, as palavras tem calor, e a dureza do genio lusitano acha nos sentimentos, expressos em orações duras, uma convicção, uma independencia que a enobrecem».

Visivelmente se nota a critica de um *artista*. Herculano, na verdade, nos seus *Opusculos* derramou o que tinha de melhor como artista.

Compreende-se. A polemica obriga a uma emoção profunda, estimula a energia da verdadeira arte, feita a rigor de sentimento.

Mas a aptidão dialectica não falta tambem a Herculano. O que lhe falta é o gosto vivo pela polemica, o que é prova de fidalguia mental em quem conhece como se é polemista de ordinario em paises como o nosso.

Ha um respeito de nós proprios que se incrementa com o estudo e com a fé pura.

Saber muito e amar muito avoluma o espirito, melindroso na aparencia, que os frivolos confundem com a vaidade, e que é, simples e austeramente, a dignidade.

Ora a dignidade, se é um egoismo, é o mais legitimo.
Porque defende a nobreza dos ideaes.
Porque alevanta as ideias acima das pessoas».

....

«O tomo VI das *Questões Publicas* encerra os opusculos *A reacção ultramontana em Portugal* (trabalho tão apaixonado como profundo), *Analise da sentença* (uma sentença do tribunal de Santarem) e *Herança e institutos pios*.

Nesta rapida enumeração, porem, dos trabalhos de Herculano, não esquecendo o que escreveu sobre o Padroado do Oriente e as Irmãs de caridade estrangeiras, destaque principal merecem os *Portugaliae monumenta historica*, propostos pelo grande escritor á Academia Real das Sciencias em 1852, e lançados muito á semelhança dos *Monumenta germaniae historica* de Pertz e dos *Monumenta historiae patriae* de Turim.

Em tão grande trabalho, por causa do qual principalmente esquadrinhou os arquivos portugueses, esteve Alexandre Herculano com todo o amor e dedicação, dirigindo a copia e a impressão dos textos, e ilustrando alguns d'estes com os mais judiciosos e interessantes trabalhos, como é nitido exemplo o estudo *Origem provavel dos livros de linhagem*, posto á frente do *Nobiliario* do Conde D. Pedro».

....

«A critica, envenenada mortalmente por um scepticismo, onde com facilidade arreganhava dentes impunes a inveja, referia-se a Herculano e á sua obra como a cousas arcaicas, de simples valor decorativo, com certo perfume lendario, quasi anedoctico.

O hirto e curto positivismo que a dirigia não trepidou até em dar a esse homem e a essa obra golpes caluniosos e traiçoeiros, embora muito involuntaria fosse a acção anti-patriotica e anti-scientifica que taes despeitos e facciosismos deixavam, como sementeira anã, á sombra de um pessoalismo, constituido implicitamente pela negação do puro espirito de verdade.

Os mais moderados vingavam-se da elevação moral de Herculano, preferindo-lhe a graciosidade de Garrett. Garrett era Hugo, Garrett era Walter Scott — apesar das linhas informes do *Arco de Sant'Anna*, romance escrito sob o conselho, aliás, e os esclarecimentos generosos de Herculano, como o proprio grande Garrett o confessa.

As irreverencias andavam perto das injustiças.

O dente agudo luzia ao pé do *rictus* sarcastico.

Homens de valor aplaudiam esta desorientação.

Pretendia um sabio contemporaneo irmanar o grande português com Macedo, quando panfletario, só porque Herculano ferira aquele trabalhador eminente e nele uma escola de transição que pretendeu ser a ultima palavra do Real e do Justo.

E a escumalha multiforme aplaudiu, encantada com o verdadeiro sacrilegio.

Legitimistas obstinados deprimiam-no com rispidez.

Eclesiasticos ingenuos suspeitavam-no de ateu, de perverso, de reprobo nato.

Na propria mocidade, canarins que odeiam sempre a metropole, perguntavam, escarninhos, que é que nos interessam hoje a pessoa e a obra de Herculano, tanto julgavam constitucional e irremediavel a lama ambiente, lama que bebiam como se fosse nectar.

E assim o realismo efemero, materialista-epicurista, dava a sua gosma, o seu pus, as suas ulceras, a uma guerra odiosa e injusta, travada por varios factores.

Em vão o estrangeiro nos apontava Herculano, como a nossa maior gloria depois de Camões. Os charlatães palrantes, ás vezes ditosos argentarios vestidos de santos e de farrapos do que os outros pensam e escrevem, roiam a memoria de Herculano sem a coragem, ao menos, da publica perfilhação das suas injustiças de raquiticos.

Roiam-na, como se ela fosse feita dos miseraveis ossos que vão para debaixo de certas mesas da publicidade.

O grande historiador Macaulay, entretanto, dizia com solenidade: «A Hespanha deve fazer todos os esforços para conquistar Portugal só para possuir Herculano».

LXIII

Tenho agora para mencionar o opusculo do Sr. Rocha Martins, jornalista e romancista, que contribuiu para o centenario com um trabalho intitulado *Alexandre Herculano e a sua epoca, comemoração do 1.º centenario do grande historiador*. Comprcende apenas 24 paginas de 8.º grande, mas vê-se que são escritas com sinceridade e entusiasmo, com o desejo ardentissimo de dar o seu obolo para o merecido preito ao egregio historiador e polemista.

Basta copiar o seguinte:

«Prescrutando sempre nas cronicas arrancando-lhes as sumulas preciosas, o escritor que traçara no seu magnifico romance o *Bobo* o quadro da côrte de D. Tareja, não podia ao fazer a historia pura deixar de seguir a sua norma de impor a verdade.

Por isso negou a historieta absurda do milagre de Ourique, o aparecimento de Cristo ao rei Afonso Henriques com que desde seculos os cronistas andavam explorando. A mentirola lisongeira de algum monge passara com foros de fé no correr dos tempos e Alexandre Herculano, baseando-se em documentos, não negando pelo prazer de negar, embora a sua razão e sobretudo a sua honesta maneira de proceder, o levassem a renegar milagres, disse ser falsa essa aparição no campo da batalha, colocou as cousas no verdadeiro lugar, explicando tudo humanamente, repudiando o sobrenatural.

Assim foi. Mas o homem honesto que vinha falar desassombradamente, o soldado de D. Pedro que deixara o emprego, seu unico sustento, quando lhe tocaram no ideal porque se batera — a Carta — aquela figura talhada num só bloco, feita de uma rija tempera não podia dizer taes verdades em face da clericalha ignorante, ansiosa sempre de dominar pelo sobrenatural e d'ai a guerra que lhe foi movida desde as mais suntuosas igrejas ás mais mesquinhas paroquias, a grita dos padres indignados, toda uma furiosa campanha onde não o poupavam. Do alto do pulpito fuzilavam trovejavantes as coleras; o nome de Alexandre Herculano era indicado como o de um hereje, de um vil ateu porque negava um milagre que os padres se diziam ter passado nos tempos barbaros da fundação da monarquia, porque não queria, nem a admitia em sua consciencia, essa visão mentirosa de um vulto branco descendo dos ceus como a dizer ao barbaçudo rei vestido de arnez que fosse fazendo a matança na mourama.

Em Braga tinham sido desensofridas as raivas que chegaram como uma epidemia á propria paroquia da Ajuda, onde o escritor residia como bibliotecario do Paço.

O clero ia no emtanto saber que especie de homem era esse neto do sapateiro de Caparide.
Herculano naquela manhã de domingo estava descuidado, talvez tratando das suas flores com que fazia os ramos artisticos da sua mesa, quando D. Pedro e D. Gastão da Camara, seus amigos e o Seixas, seu empregado, entraram pela casa dentro, foram adonde o Mestre e palidos, transtornados pela indignação narraram o que tinham ouvido ao padre, naquele mesmo momento, na igreja da freguesia.
Eram as suas imprecações, o epiteto de ateu com que o tinha alvejado, a sua voz colerica indicando aos fieis como inimigo da religião o bibliotecario regio porque ele negara o milagre de Ourique — esse conto de velhas, como Herculano lhe chamaria.
Ouviu-os impassivel o historiador. No seu rosto austero não houve uma contracção, não se afogou na colera a sua voz mascula, mas apenas disse :
«Eles querem brigar comigo. Pois agora o veremos».

No final do seu opusculo o Sr. Rocha Martins escreveu:

«Em setembro de 1877 veiu a Lisboa para visitar o seu amigo D. Pedro II do Brasil. Recolheu logo a Vale de Lobos. Já ia adoentado. Doze dias depois, falecia esse alto espirito, cuja obra literaria, sendo grandiosa, não chega todavia à do seu impoluto caracter. Alexandre Herculano, no meio das infamias do seu tempo, que precediam as podridões de hoje, foi um homem honrado. Conta-se que estando um dia a podar as suas roseiras na quinta de Vale de Lobos, alguem buscando ainda acordá-lo para outra existencia, lhe falou num centro politico que se ia fundar em Santarem. O historiador calava-se; o outro insistia. A podoa ia cortando os ramos maus e o tentador insistia sempre: Herculano, que diz você a esta ideia?!
O grande escritor com a cabeça baixa sobre o arbusto, atentamente, diz-se que respondeu: Homem, não vê que estou tratando de cousas serias?!
Se não o disse, se a anedocta não se passou com o historiador em Vale de Lobos, mais ninguem o dizer podia.
Só ele saberia marcá-la sinceramente e sem esta qualidade a resposta não teria valor.
Naquele ermo expirou, o vulto exemplar que sendo do povo sempre na sua classe quis ficar, quando todos os literatos procuravam esconder sob as bandas das comendas e sob os titulos ridiculos os nomes honrados dos avós saidos da gleba, feitos no trabalho».

LXIV

No salão nobre do Centro Comercial do Porto foi ouvida com atenção e entusiasmo a voz do Sr. Mendes Correia na conferencia ali realizada em 29 de março 1910 e depois impressa. É um opusculo de 28 paginas in-8.º, mandado imprimir pelo nucleo central do norte da Liga Nacional de Instrução. O ilustrado conferente dispôs bem o auditorio selecto com a seguinte exposição:

«A critica psicologica das grandes figuras da historia está hoje em moda, notando-se, porem, em certos criticos o sistematico proposito de

as deprimir. Aos heroes de Carlyle, aos genios, aos talentos, a Cesares, Napoleões, Ciceros, Pasteurs, — a todos os grandes homens, surge a ameaça de serem apeados dos seus pedestaes de gloria pela revelação fulminante da sua anormalidade morbida. Buscam-se com grande entusiasmo elementos para essa campanha depreciativa em estudos scientificos recentes.

A velha asserção de Erasmo de que nos grandes homens ha uma parte de loucura, e as palavras de Moreau de Tours que assemelhavam as condições organicas dos sujeitos de invulgares manifestações intelectuaes ou afectivas ás dos loucos ou dos idiotas, teem hoje uma flagrante actualidade scientifica e encontram em seu apoio muitos espiritos notaveis da nossa epoca.

Mas a defesa dos grandes homens é facil. Toda a gente reconhece á primeira vista quanto ha de acintoso nesta luta contra as personalidades superiores pelas palavras com que Max Nordau rompe o fogo: «Para toda a alma bem nascida, diz ele, a creatura banal é a *béte noire*». Não será mal entendido supormos que para toda a creatura vulgar as almas bem nascidas podem ser objecto de invejas ou de rancores intimos. O proprio Nordau, despeitado por criticas violentas aos seus primeiros trabalhos literarios, fez-se o porta-voz d'esses rancores.

São contestaveis as conclusões a que chegaram alguns adversarios dos homens superiores, como Cesare Lombroso, Janet, Myers e outros dizem-nos o bastante sobre o assunto. O heroe e o genio reabilitam-se. As demonstrações da sua insanidade mental pecam, quando analizadas, por um rigoroso criterio scientifico. Ao acinte juntam-se generalizações demasiadamente arrojadas. É demais a mais sabido que defeitos e tendencias que num homem vulgar não definem precisamente um estado morbido, quando teem por sede uma criatura famosa, avultam extraordinariamente aos olhos de toda a gente.

A higidez perfeita de alguns grandes homens, a ausencia neles de quaesquer estigmas degenerativos, desnorteia os seus sistematicos inimigos. Nós, em Portugal, se quisermos, socorrendo-nos de um exemplo da historia patria, defender os homens notaveis das investidas de Erasmo, Moreau, Nordau e Lombroso, não temos mais do que opor-lhes, como um inexpugnavel baluarte, a figura destacante e sadia de Alexandre Herculano.

Na verdade, desfiando as notas biograficas do ilustre português e percorrendo as paginas da sua obra monumental, não se encontram senão dados positivamente favoraveis á inclusão do seu nome entre os das pessoas sãs. Nada de patologico resalta d'essa excursão através da biografia e da obra do grande historiador.

As caracteristicas da sua personalidade forte e brilhante garantem justamente ao seu espirito, sob o ponto de vista medico, a classificação de normal, se bem que, relativamente aos mediocres banaes, ele tenha jus, pela sua maravilhosa lucidez, á classificação de anormal. Mas esta anormalidade não é patologica. Não se trata de uma psicose, mas de uma supranormalidade apenas, de uma superabundancia mesmo de vitalidade espiritual. Herculano está muito acima do vulgar, sem que isso o tenha privado da sua saude moral».

Depois de referir-se com o maior brilho á obra valiosa de Alexandre Herculano, citando-a e encarecendo-a, o conferente concluiu assim:

«Finalizando, devo dizer que tenho a consciencia de ter abusado da vossa bondade e de vos ter feito ouvir um pessimo trabalho. Mas, se acaso tive ao menos o dom de atrair por momentos a vossa atenção

para a personalidade augusta de Herculano, pergunto-vos se vos não parece que ha nela qualquer cousa de simbolico?

Creio que sim. Aquela nobre figura simboliza a nossa patria. É primeiro o Portugal á conquista de uma hegemonia. É depois o Portugal de eras de infinito esplendor. É emfim o Portugal de hoje, gasto, aniquilado, inerte, cheio de desalento.

Cem anos volvidos sobre o nascimento d'esse vulto eminente da nossa historia, não cuidará o pais de ressurgir do seu desastroso torpor?

Assim deve ser, e assim o espero confiadamente.

Herculano, senhores, foi conduzido á derradeira morada com um sequito compungido de camponeses, que arrancavam e guardavam ramos de oliveira, como tributo simples e carinhoso de saudade. Mas as nações não podem ter um funeral tão singelo e tão suave como esse. A sua agonia é já uma desagregação formidavel, caracterizada pela mais repelente podridão moral. E, se o cadaver de um homem pode encontrar uma serena pousada em que eternamente descansará, uma nação morta tem o cativeiro como tumulo, a bandeira opressora de um país estranho como mortalha!

Confiemos porem, em que o futuro será para Portugal melhor do que o presente, graças a um renascimento no nosso povo, d'essas altas virtudes civicas, d'essas nobres qualidades dos velhos portugueses, que tão brilhantemente se encarnaram na personalidade austera de Herculano».

LXV

A Camara Municipal de Loanda não deixou passar a memoravel data de 28 de abril, primeiro centenario do nascimento do egregio Alexandre Herculano, e solenizou-a por modo que deve aqui ficar especialmente registado neste agrupamento de subsidios, para que bem se compreenda o valor de taes manifestações e sirva de guia aos que de futuro queiram escrever e ampliar com fidelidade e linguagem mais atraente o que eu não consegui com os limitados recursos intelectuaes de que disponho.

Em sessão de 27 de janeiro 1910 o vereador presidente da Camara Municipal de Loanda, Sr. Francisco Marques Ribeiro, apresentou e foi unanimemente aprovada uma proposta em que se lêem os seguintes considerandos patrioticos:

> Proposta: — Considerando que, pela iniciativa da mocidade academica, com o concurso de prestantes colectividades como o professorado, as camaras municipaes e a Academia Real das Sciencias e com a adesão do Chefe do Estado, se projecta em Portugal, para o dia 28 de abril proximo, a comemoração do primeiro centenario do nascimento de Alexandre Herculano; e
>
> Considerando que, tanto como o Infante D. Henrique, o fundador do imperio colonial português, Camões, o cantor das nossas glorias, e Pombal, o fautor da nossa renovação economica, Herculano merece a glorificação projectada, pelo desprendimento com que se bateu pela liberdade e por ela emigrou para o estrangeiro; pelo persistente cuidado e trabalho despendidos na reconstituição da historia patria; pela coragem com que negou o milagre do Campo de Ourique, e a fé ardente com que pugnou pelas regalias municipaes; pela luminosa contribuição trazida á reforma da nossa lei civil, mormente no que respeita á constituição da familia e ao regimen da propriedade — as duas fundamen-

taes questões de toda a vida social —; e, finalmente, pelo modo como, com uma nobre altivez e notavel desprezo pelas vaidades do mundo, manifestou sempre a sua imensa devoção pelo povo;

Considerando que a estas razões acresce ainda a de ele haver, após a cruenta batalha dada, na imprensa, ao preconceito e á superstição, procurado, no amanho e cultivo da terra, a paz para o seu espirito e a exemplificação de que todo o trabalho enobrece, seja qual for o campo em que se exérça a prodigiosa actividade humana;

Considerando, finalmente, que não é licito ás colonias portuguesas e designadamente á provincia de Angola, — porventura a mais portuguesa de todas as do continente africano e por cujo desenvolvimento moral e material todos nos interessamos — alhear-se de tão simpatico como justo movimento:

Proponho:

1.º Que no salão nobre d'estes paços do concelho se realize, na noite do referido dia 28, uma sessão solene, para a qual se convide S. Ex.ª o Governador Geral e os representantes de todas as classes e corporações da provincia, e cujo programa será oportunamente detalhado;

2.º Que ao largo, que fica em frente do novo tribunal de 1.ª instancia, seja dado o nome do grande historiador;

3.º Que sejam desde já convidados os escritores e jornalistas locaes a apresentarem, até 28 de março proximo, na secretaria d'esta camara municipal, o manuscrito de uma memoria historica do Municipio de Loanda, pelo modelo dos *anaes* recomendados em varias portarias regias, manuscrito que, precedendo aprovação de um juri, será publicado, a expensas d'esta mesma camara municipal».

Tinham sido convidadas para a sessão solene nocturna, não só o governador geral, que então era o Sr. Alves Roçadas, o prelado da diocese, Sr. D. João Evangelista de Lima Vidal, o juiz de direito, Sr. Dr. Caetano Francisco Claudio Eugenio Gonçalves e o advogado, Sr. Dr. Amilcar Barca Martins da Cruz, e estes se prestaram a abrilhantar a solenidade com a sua palavra eloquente, ao que tambem se associou o secretario da Camara Municipal de Catumbela. O juiz, Sr. Dr. Gonçalves, oficiara á camara que talvez não pudesse comparticipar, como desejava, com qualquer oração, mas prometia para depois como homenagem uma «historia do municipio de Loanda».

Não posso transcrever integralmente os discursos entusiasticos e calorosos, mas copiarei alguns trechos que são outros tantos brados em favor da patria e da justissima homenagem ao talento e aos serviços do grande Mestre. A sessão solene (28 de abril), por convite do vice-presidente da camara municipal, Sr. José Moreira Freire, presidiu o governador geral, e este cidadão disse que, não se considerando habilitado a proferir um discurso para exaltar a memoria honrada de Alexandre Herculano, esperava que as pessoas convidadas o auxiliassem neste empenho dizendo o que foi o egregio escritor de quem se tratava.

São do Sr. Alves Roçadas as seguintes palavras:

«Comemora-se hoje o centenario de Alexandre Herculano. Ha um mês que na metropole, sobretudo na capital, os homens de sciencia, letras e artes, fazendo apelo á alma portuguesa, consagraram em manifestações imponentes de sentimento e verdade a memoria do grande historiador, poeta, filosofo e crente.

Desde a revolução francesa que a alma humana aspirava á liberdade que enobrece e distingue a superioridade do mais perfeito ser da natureza — o homem.

As velhas sociedades semi-feudaes baqueavam por completo, e a luz de uma nova Renascença iluminava todos os espiritos, animava todos os corações, despertava todas as consciencias.

O velho Portugal, que na primeira Renascença tomara a vanguarda nas descobertas e na civilização que principiava, não se quedou estranho á influencia dos filosofos franceses.

As guerras napoleonicas, levando os nossos homens ao seio da propria França e ao dos paises invadidos, fez com que eles bebessem nos proprios lugares a agua da nova fonte.

Os efeitos de tal influencia sentiram-se nas nossas scenas politicas dos meados do seculo XIX. Uma guerra fratricida humedeceu o solo da patria com o sangue dos que lutavam pela liberdade.

....

Trabalhador e cheio de amor patrio, Alexandre Herculano teve um ideal: fazer a biografia do seu país. Espirito lucido, alma serena, consciencia recta, coração bondoso, mas parco em expansões, como era, em regra, o dos nossos antepassados. o autor da *Historia de Portugal* não podia falsear o seu caracter, e foi ás bibliotecas buscar documentos, desdobrar pergaminhos, compilar apontamentos e, dissecando-os a um por um, compara datas, confronta descrições, analisa, critica, e, conforme o seu raciocinio de alma sã, apresenta ao publico os factos historicos despidos de crendices populares.

Esta nova fase sob que apresentava a historia patria, tão coalhada de milagres gloriosos que puseram na boca do povo a frase de que «Portugal nunca seria vencido mas sempre vencedor», fez acordar a alma portuguesa d'esse doce sonho de seculos, para a atirar ao campo da verdade historica.

E como não se derroe o passado impunemente, — o vigoroso historiador, o velho português austero, inflexivel e sincero, refugiou-se em Vale de Lobos, e a biografia do pais que possue a mais brilhante das historias, parou na primeira dinastia. E pena foi que o autor do *Eurico* e *Monge de Cister* não descrevesse com a sua pena magistral o periodo mais brilhante da nossa vida nacional...».

Seguiu-se o Sr. Francisco de Sousa e Castro, que representava a Camara Municipal de Catumbela, e do seu discurso copio o seguinte:

«A Camara Municipal do concelho de Catumbela, de que tenho a maior honra em ser secrétario, mandou-me aqui vir representá-la neste augusto momento em que a ilustre e nobre Municipalidade de Loanda se veste de galas para comemorar o primeiro centenario do nascimento do eremita de Vale de Lobos, do vernaculista e prosador insigne, do poeta e filosofo admiravel, do sublime historiador Alexandre Herculano.

A altissima e justissima homenagem que se presta, a nobre ideia e o admiravel povo que se abalança a tal empreendimento, são objectos do mais rasgado encomio, do mais festivo e subido elogio, da mais grata e imperecivel memoria.

Humilimo o meu nome, pobre a minha inteligencia, destituido de dotes oratorios e dos necessarios conhecimentos, pouco ou nada posso dizer, meus senhores, que mereça a vossa atenção ou que corresponda a uma simples parcela na soma das vossas intenções neste momento.

Direi apenas o que couber nas minhas forças para, o melhor que possa, desempenhar o mandato de que fui incumbido pela digna Camara Municipal de Catumbela.

A população catumbelense, representada pela Camara que represento, tambem hoje veste galas comemorando o primeiro centenario do português ilustre Alexandre Herculano.
A Camara Municipal de Catumbela, unida a vós pelos laços da mais cordial simpatia, da mais completa admiração, como vós amiga e trabalhadora incansavel pelo bem da nossa querida patria, como vós admiradora dos nossos homens ilustres, como vós enchendo-se de orgulho e regozijo ao festejar-se o nome de um português celebre pelas letras, celebre pela sciencia, celebre pelo vibrar da sua espada em defesa do seu país, não podia ficar extatica, imutavel, silenciosa, tendo conhecimento da grandeza das vossas ideias, do patriotismo dos vossos sentimentos, do acto solenissimo que hoje aqui se realiza para perpetuar a memoria do nobre e veracissimo historiador Alexandre Herculano, sem aqui vir ou mandar alguem dizer-vos que sente como vós e comvosco é e se alegra e rejubila intensamente, grandemente, nesta festa».

O Sr. Dr. Amilcar Barca Martins da Cruz, que se exercitara na advocacia com muito brilho em Loanda, disse que a sua oração era como um «perfil critico» e pedia desculpa de não poder dar maior extensão ao seu estudo, que é apreciavel. Dele copio os trechos seguintes com que terminou a sua oração:

«... Herculano tinha optimas qualidades de escritor, grande amor aos livros, superiores faculdades de trabalho.
Toda a sua obra o atesta.
Os seus romances estão já um pouco desviados da nossa epoca, devido á transição que se operou neste genero literario.
Mas a sua *Historia*, cujos processos de selecção e de critica não copiou de ninguem, porque anteriormente a ele ninguem em Portugal fez critica historica, é um monumento perduravel do pensamento humano.
Só o seu estudo sobre os concelhos, que ele foi filiar no municipio romano, de que encontra vestigios em todas as epocas anteriores á fundação da monarquia, é um trabalho digno de nota quer sob o aspecto historico, quer sob o aspecto sociologico.
Eu tenho pena, meus senhores, de que tenha sido tão restrito o tempo de que pude dispor para ligar a minha atenção ao assunto que nos está ocupando, porque desejava apresentar-vos o meu modo de ver acêrca d'este ponto da obra de Herculano, que tem, demais, oportunidade, sendo como é, a festa de hoje promovida pelo Municipio de Loanda. Tenho pena, porque Herculano aparece-nos neste ponto não só como historiador, mas como sociologo.
Com efeito não se limitou Herculano a fazer a historia dos concelhos: pretendeu tirar dos factos, que analisou, conclusões aplicaveis ás sociedades futuras.
Verificando que os concelhos ou comunas derivaram inicialmente da reacção das liberdades populares contra os excessos do despotismo, quer ver nessa instituição, cujo aperfeiçoamento futuro espera, a base de uma sociedade superior.
«Em nosso entender, diz ele, a historia dos concelhos é em Portugal, bem como no resto de Hespanha, um estudo importante, uma lição altamente proficua para o futuro; porque estamos intimamente persuadidos de que, depois de longo combater e de dolorosas experiencias politicas, a Europa ha de chegar a reconhecer que o unico meio de destruir as dificuldades de situação que a afligem, de remover a opressão do capital sobre o trabalho, questão suprema a que todas as

outras nos parecem actualmente subordinadas, é o restaurar, em harmonia com a ilustração do seculo, as instituições municipaes, aperfeiçoadas sim, mas acordes na sua indole, nos seus elementos com as da idade media».

Não reparou Alexandre Herculano em que o regime municipal veio pelo processo de selecção formar a nova classe da burguesia, que pouco a pouco foi segregando de si a massa propriamente popular de cuja liberdade debalde procuraremos garantia em qualquer das formulas do passado.

Não viu que a selecção ha de subsistir sempre, dando lugar a uma nova tirania ao lado da tirania do — por ele chamado — despotismo unitario, a não ser que este vencendo-a, como em geral tem sucedido, continue a imperar, persistindo em todo o caso no mesmo pé as liberdades populares.

Não notou, emfim, todos os inconvenientes da formula corporativa, que a sociologia, sciencia nascida hontem e já hoje acentuadamente individualista, tem posto em evidencia.

Em todo o caso o trabalho de Herculano, que está em harmonia com a sciencia da sua epoca, é um precioso auxiliar para o estudo da sociologia, e eu faria agora aqui mais considerações sobre ele, não só pelo aprazimento do meu espirito por este genero de estudo mas pela oportunidade, se tivesse, como vos disse, senhores, tido mais tempo de meu, e se não tivesse já abusado da vossa paciencia em ouvir-me».

Concorreu á sessão solene o juiz de direito, Sr. Dr. Caetano Francisco Claudio Eugenio Gonçalves, e apresentou uma oração digna da assembleia que o ouvia atento. Eis alguns trechos:

«Não irei, meus senhores, inutilmente recompor perante vós a fisionomia moral e literaria de Herculano, nem traçar, mesmo ligeiramente, o quadro da sua obra potente e genial. Nada do que a esse respeito poderia dizer-vos é de vós ignorado, por certo, Mas d'essa fisionomia procurarei salientar o aspecto, que, neste doloroso e inquietante momento da nossa historia, mais vivamente nos interessa.

Pela criação de um estilo novo, sobrio e severo, e pela introdução do espirito de analise nos capitulos da historia, que até ai, com raras excepções, como foram Fr. António Brandão e Coelho da Rocha, se caracterizava pela ingenuidade ou a subserviencia dos *cronistas*, Herculano foi não só um reformador da lingua e da literatura portuguesas, mas foi, sobretudo, o colaborador fecundo e persistente da grande obra de renovação politica e social, que em Portugal parece destinada a perder-se.

Sem duvida, os tempos são consideravelmente outros. Antonio Candido falando de José Estevam, e, escrevendo de Herculano, Antonio de Serpa, disseram que bastava recordar os tempos das antigas Ordenações, da Inquisição e do *miguelismo* para se ver como é bem diversa a epoca em que vivemos. Mas a concepção da liberdade nas baixas e altas camadas sociaes não é ainda a mesma que Herculano sonhara; e no fundo da nossa alma de revoltados reside ainda muita daquela intolerancia que tão admiravelmente serviu, em Portugal, o despotismo.

É comtudo — singular contradição do destino! — o povo português é talvez na Europa aquele que mais cedo pareceu desperto para a liberdade e em que o espirito democratico constitue, por assim dizer, a essencia mesma do caracter nacional.

. . . .

... esse espirito democratico, que encerra aliás todo o suave perfume e todo o avassalador encanto da doutrina de Cristo, sofreu uma dura provação sob o reinado de D. João III. E a semente lançada á terra frutificou por forma que raro será hoje em Portugal o revolucionario que não contenha em si o germen de um tirano.

É neste ponto que eu reputo falida a obra de educação tentada por Herculano. Coração virginal lhe chamou Antonio Candido, e não padece duvida que o foi, cheio de ilusões, o amigo e conselheiro de D. Pedro V. De pessimista foi tambem acusado; mas essa qualidade resultou-lhe, certamente, do desacordo entre os seus ideaes e o modo como foram e estão sendo, ainda hoje, traduzidos na pratica.

Espirito excessivamente confiante, era igual a sua fé nos principios e nos homens; e o pessimismo tornou-se o traço predominante do seu caracter no dia em que ele se convenceu de que havia sensivel diferença entre a rigidez dos principios e a dos homens seus conhecidos. Por isso descreu dos estadistas, conservando apenas uma enternecida simpatia por Mousinho da Silveira, que foi um reformador de *gabinete*, hirto e implacavel, legislando na Ilha Terceira, fora de toda a discussão parlamentar. Por isso recolheu a Vale de Lobos, cheio de tristeza e de tedio, d'aquele mesmo tedio que, alguns anos mais tarde, havia de levar ao suicidio, em S. Miguel, o poeta filosofo Antero de Quental e, no Bié, o comerciante sertanejo Silva Porto, portugueses em quem uma estranha visão das cousas amplificou terrivelmente o prospecto das desgraças da patria.

. . . .

A nação que suportou o longo cativeiro hespanhol tornou ainda possivel um estadista como Pombal e uma geração como a que, em sucessivos lances, repeliu Junot e Beresford. Descrer do futuro da patria em taes condições é descrer de nós proprios, é passarmo-nos um diploma de incapacidade, que vos vexa e envergonha a nossos proprios olhos e aos olhos do estrangeiro.

Não ha felicidade possivel sem o amor e a fé, disse Zola, e é bem certo.

Tomemos o exemplo de Herculano; não para desanimar como ele, mas para como ele lutar, com a mesma fé e o mesmo desprendimento pessoal, pela causa da patria, da verdade e da justiça.

Solenidades como esta são verdadeiros certamens da democracia, afirmações da solidariedade humana, brilhantes glorificações de simples e modestos filhos do povo. Basta, meus senhores, notar êste facto: Herculano não exerceu o poder, mas jaz no Panteon dos Jeronimos pelos sufragios da nação. Que todos nós procuremoss nortear os nossos actos de modo a sermos lamentados na morte mais do que cortejados em vida!

Não sejamos tão egoistas que só nos mova o interesse proprio, sem consideração e até com desprezo do bem estar geral. Ouço dizer a miude, como justificação da indiferença pelas cousas publicas, que não vale a pena ser *politico*. Mas, ser politico não é pertencer a um partido; é ter ideias definidas sobre a situação e os destinos da patria. E para as ter, é necessario estudar, ler muito, na historia e na filosofia, de todos os tempos e de todos os paises, ler mais do que ensinam jornaes que só servem a intriga e as ambições de um grupo. O habito do estudo influe até no nosso caracter, porque nos torna menos superficiaes

e mais cautelosos no afirmar, e implicitamente nos assegura o nosso direito, com a correspondente noção dos nossos deveres.

Precisamos refazer o individuo; torná-lo digno, capaz de se reger pela obediencia voluntaria a uma lei interior, que nos dê a consciencia do proprio valor e o respeito da dignidade alheia. Sem isso seremos incapazes de vida municipal autonoma. E sem autonomia municipal a vida da nação ha-de necessariamente tender para aquela centralização absorvente, que é a anulação completa das iniciativas individuaes».

O discurso do ilustre prelado de Angola e Congo, Sr. D. João Evangelista de Lima Vidal, com que foi encerrada a sessão solene é um documento que revela estudo e a convicção de quem desejava para a patria dias mais felizes e prosperos.

Leiam-se os trechos seguintes:

«Dir-se-hia que, ao percorrer algumas das suas paginas, passa por todas as nossas faculdades um ar puro e embalsamado que nos refrigera; uma energia nova corre pelas nossas veias; as lagrimas levantam-se-nos do coração como de um tumulo, como nas *Tristezas do Desterro*, essas belas e rarissimas lagrimas que não teem nada de amargo, e que, quando caem sobre as folhas de um livro, são o seu grande premio, a sua verdadeira consagração, a maior felicidade que jámais possa ter um livro no mundo, que é sentir-se humedecido e palpitante do pranto e das comoções da humanidade.

Mas Alexandre Herculano não foi unicamente, pela grandeza dramatica do seu pensamento, pela sensibilidade criadora da sua alma, pela resonancia augusta da sua palavra, deixae-me assim dizer, uma especie de irmão gemeo do autor da *Lenda dos seculos;* foi tambem, e creio que acima de tudo, um investigador paciente, infatigavel, perseverante, invencivel — um historiador que, sem cair nessa tentadora redução á unidade que foi a grande revelação do genio de Oliveira Martins e ao mesmo tempo o abismo onde ele gloriosamente caiu, compreendeu no emtanto que a historia, como ele mesmo se exprime nos seus *Apontamentos para a historia dos bens da coroa,* começou finalmente a ser cousa mais seria e mais grave do que a narração exclusiva de casamentos, de enterros e de batalhas.

Ele recolheu com um carinho heroico as peças escondidas e espalhadas da historia patria, limpou-as, aproximou-as umas das outras, conjugou-as, iluminou-as, deu-lhes voz e deu-lhe discipulos; como esse arrojado erudito italiano, Angelo Mai — se me permitirdes a comparação em campos um pouco diversos —, o qual revoltado contra a catastrofe literaria que roubou ao mundo o terceiro livro da *Republica* de Cicero, consagrou a sua vida a arrancá-lo letra por letra, linha por linha, dos pergaminhos profanados e juxtapostos dos palimpsestos.

E já por minha grande honra, que vivamente agradeço, eu falo neste momento numa sala camararia, debaixo das telhas de um municipio, eu devo recordar em primeiro lugar o amor de Herculano por esta instituição basilar — o municipio —; por este nervo do nosso organismo, por esta celula da nossa vida nacional.

Com que diligencia, com que carinho, se é que não posso dizer mais nada, ele pôs ao sol da historia as tres raizes progenitoras d'esta planta! A hierarquia, se traduzo bem com esta palavra o pensamento de Alexandre Herculano, a economia e a militar! Com que ufania ele nos conta que «aos primeiros respiros de paz e segurança, o espirito municipal semeava concelhos emquanto debaixo dos marcos das fron-

teiras cristãs se embebia o territorio muçulmano, e o burgo, recentemente plantado em terra que até então fôra erma e sáfara, ou sobre as ruinas carcomidas do municipio romano ou godo, sentindo-se cheio de vida e de esperanças, folgava de contar ao mundo no proprio nome a sua juventude, e tomara para si o titulo tão querido, tão popular de «Vila Nova!».

A biologia dos municipios, a sua forte e vitoriosa expansão, os seus momentos perigosos, ora nascidos das proprias condições do foral, ora das circunstancias estranhas, e sempre de não sei que vaga e misteriosa instabilidade das cousas humanas, os auxilios imprevistos com que os sustinha a boa Providencia que preside á historia e aos destinos dos povos, o seu papel definitivo e triunfante na organização do futuro, este quadro vivo, palpitante, grandioso, é traçado pela mão de Herculano com tanta sobriedade e com tanta harmonia de côres, com tanto conhecimento e com tanta exactidão de detalhes, com uma critica tão elevada, como quem olha para a terra do alto de uma estrela, que bastaria o estudo que já citei *Apontamentos para a historia dos bens da coroa,* e sobretudo o IV volume da *Historia de Portugal,* para assegurar aos municipios do nosso país o quinhão mais saliente, a primeira fila, deixae-me assim dizer, na celebração do centenario d'este ilustre filho do nosso seculo.

....

É melhor não dizer nada da linguagem de Alexandre Herculano! na boca de Castilho ela tem, a nossa lingua, a doçura e a emoção de uma rebeca a chorar nas mãos de um mendigo andante, na de Herculano toma a energia mascula e vernacula das meditações da Carteia ou das apostrofes do Cavaleiro Negro. Cada frase é uma machadada, bate em cheio, sonora e poderosa, na nossa alma.

Herculano é um dicionario da lingua e da alma.

Tratada pela sua pena, essa arvore magnifica, a lingua portuguesa, dá frutos inesperados e deleitosos. Regala-nos com as suas sombras! Ensina-nos com a paciencia inteligente de um pedagogo que põe na mão de um jovem discipulo a pena com que ele ha-de escrever as suas primeiras letras.

Tal passou pela terra o solitario de Vale de Lobos, Alexandre Herculano!».

E assim terminou a oração do prelado de Angola e a sessão solene, que honrou sobremodo a municipalidade de Loanda.

LXVI

O Sr. Jaime de Magalhães Lima, de Aveiro, que tem cultivado as boas letras nacionaes com vantagem dando em saborosos frutos optimos testemunhos do seu talento e dos seus estudos, tambem contribuiu com amplo estudo para o engrandecimento do centenario de Alexandre Herculano. Tenho na minha frente mais um volume, muito bem impresso nas oficinas do benemerito editor F. França Amado, de Coimbra, d'este erudito escritor sob o singelo titulo *Alexandre Herculano,* no qual se apreciam os merecimentos e a vasta obra do egregio Mestre, em XIX-180 paginas de 8.º que compreendem vinte interessantes capitulos.

Não é possivel fazer aqui a descrição de todos mas copiarei os trechos de alguns, convenientes á orientação seguida nestas paginas, que servem para firmar o caracter do Mestre e demonstrar mais uma vez o serviço de altissima im-

portancia que ele prestou ás ideias democraticas e liberaes, que deviam de levar Portugal para um caminho de glorioso resurgimento.

Leiam-se os seguintes:

«Seria ainda fruto da aplicação ao estudo da historia, nasceria do conhecimento profundo das origens e vicissitudes das instituições e do prolongado manusear dos seus codices, a notavel capacidade de jurisconsulto que Alexandre Herculano revelou e usou com felicissimo exito em diversas conjunturas da sua vida de publicista, e sobretudo na discussão e redacção do projecto do codigo civil? Foram as qualidades de historiador que criaram as aptidões de legislador?

Evidentemente, o exame da estrutura juridica tradicional das sociedades em geral e, em particular, da constituição da nação portuguesa por esse lado, a compreensão dos sistemas de direitos e obrigações que cimentaram a formação e desenvolvimento da unidade nacional, incitá-lo-hiam a confiar na eficacia das leis e, por impulso logico, passaria da analise d'aquelas que nos seculos passados nos regeram á critica das que encontrou vigorando, e á elaboração de outras que, para fortuna da patria, as modificassem e as substituissem no futuro. Os meios de governar, cujas virtudes se lhe mostraram claras durante seculos, manifestando-se identicos áqueles que tinha vindo encontrar energicos e activos, operando no momente presente e imprimindo-lhe caracter, convencê-lo-hiam da permanencia de uma força com a qual as sociedades tinham a contar em toda a conjuntura. Verificando-lhe a constancia e os efeitos no correr dos seculos e no presente, por isso se esforçava em a corrigir de desvios e erros funestos á prosperidade e á paz entre os povos. e em convertê-la, quanto possivel, em instrumento de felicidade e justica entre os homens.

O alto valor das aptidões de jurisconsulto de Alexandre Herculano, esse notabilissimo traço do seu genio na capacidade da aplicação pratica dos principios e da sua redução a obrigações e direitos, é abonado pelo testemunho de contemporaneos autorizados, ainda mesmo para aqueles que, por falta de conveniente educação de espirito ou por diversidade de inclinações, hesitassem em a apreciar ou de todo a julgassem assunto interdito á sua critica».

Em seguida, o Sr. Jaime de Magalhães Lima, cita as palavras do abalizado jurisconsulto e lente da universidade, Dr. Vicente Ferrer Neto Paiva, no *Elogio historico,* lido no Instituto de Coimbra, a 23 de Maio 1878, já citado em outro lugar, e entra em outras apreciações segundo a orientação que delineara e defendia. Referindo-se ao trabalho de Alexandre Herculano no municipio de Belem, escreve:

«O individualista intransigente, tomando porem responsabilidades de governo, abrandou do rigor do filosofo e cedeu á evidencia e instancias das necessidades publicas e das indicações da justiça. Eleito presidente da camara municipal de Belem, estadista por um rapido momento em uma esfera acanhadissima mas na sua extrema exiguidade suficiente para demonstração das tendencias de quem nela exercia magistratura, Alexandre Herculano depressa se conciliou com um radicalissimo inicio de tirania em nome da sociedade, fazendo que a camara da sua presidencia solicitasse do parlamento autorização para criar uma Caixa de Socorros Agricolas, cujas bases expunha.

Pretendia a camara criar um fundo permanente destinado a subministrar capitaes baratos aos cultivadores, para os amanhos ruraes. Para isso reservaria anualmente tres quartos do produto do imposto da

> farinha fabricada, até completar a soma de 35:000$000 réis, podendo todavia substituir aquele imposto por qualquer outro, uma vez que o seu produto fosse pelo menos equivalente aos mesmos tres quartos designados. A caixa emprestaria aos cultivadores do concelho, por prazo nunca excedente a um ano, e a juro de 1/4 por cento ao mês, o capital necessario para o movimento da cultura anual dos predios respectivos, e desde logo ficavam determinadas minuciosas condições regulamentares dos emprestimos, incluindo a hipoteca especial dos frutos do ano corrente ao contracto, e, se esses não chegassem, dos dois anos imediatos, até integral reembolso; a preferencia de direito e acção da caixa sobre qualquer outra acção e direito particular em relação aos frutos do ano corrente; e muitas mais exigencias das quaes resultava uma fiscalização assidua da caixa sobre a economia individual do lavrador.
>
> Se esse projecto houvesse sido convertido em lei, deixaria ampla a admissão do mais rematado socialismo. Não haveria motivo para recusar a todas as demais forças da economia nacional o beneficio que para uma d'elas se tinha mostrado legitimo; não haveria razão para que o estado, arvorando-se capitalista por meio do imposto, descontasse aos lavradores e não procedesse de modo igual com o comercio, com a industria, e com todos os outros elementos da riqueza do país. O comunismo era perfeito; a socialização da riqueza completa. O estado reclamava da economia individual os capitaes necessarios á comunidade, pelos meios obrigatorios e coercitivos de que dispunha, e iria depois entregá-los á classe que carecia de auxilio; apreendia por imposto e repartia por justiça.
>
> Mas, porque seria banqueiro a municipalidade e não o seria igualmente a administração geral de toda a fazenda publica?
>
> O jurisconsulto, quem reconheceu o valor das instituições juridicas como Alexandre Herculano, não podia declinar as consequencias de tal condição de espirito e havia de as levar até onde elas se impõem por virtude da logica e pressão do bem publico. Mas não houvesse legado exemplo pratico do seu sistema e processos de estadista, ainda em campo puramente doutrinario nos facultaria elementos para julgar que o seu individualismo andava sujeito a quebras e restrições, apesar da robustez formidavel».

Mencionando o desprendimento de honrarias, a que não ligava importancia porque não se amoldavam com a sua indole sinceramente popular, isenta de hipocrisias, nota:

> «Por virtude do seu raro vigor quebrou de pronto muito estorvo ao proposito de servir em acção os principios que adorava em espirito. Cedo se libertou, e com firmeza e audacia, das escravidões vulgares do comum dos homens, e até das de muitos que se elevam não pouco acima do comum.
>
> Riquezas? Não o tentavam. A simplicidade espartana dos seus habitos contentava-se com pouco; estava-lhe no animo, e confessava-a, a aversão a negocios e a aproveitar com boa arte mercantil os bens magnificos da sua inteligencia[1].

---

[1] A carta em que se propunha a Bertrand a edição da *Historia de Portugal* é sobre esse ponto suficientemente elucidativa. Encontram-se publicadas pelo Sr. D. José Pessanha as suas passagens principaes, no *Boletim da Real Assoçiação dos Arqueologos Portugueses*, em o numero especial com que recentemente aquela agremiação comemorou o centenario de Alexandre Herculano. Todas as condições comerciaes da empresa confiava á experiencia e probidade do editor; nem sequer se importava de as determinar; e gracejava da propria incapacidade para semelhante ajuste e para materias do negocio em geral.

Honrarias? Detestava-as. D. Pedro V levou-lhe a casa a comenda da Torre e Espada. Recusou-a. E em uma carta publicada no *Jornal do Comercio* deu as razões do seu procedimento. «Pertenço, — dizia, — a uma classe obscura e modesta, quero morrer como nasci. Ha nisto uma grande ambição solapada. No meio do imenso consumo que se está fazendo e que se tem feito, ha trinta anos, de distinções, insignias, uniformes bordados, de titulos, graus, tratamentos e rotulos nobiliarios, o homem do povo, que queira e possa morrer sem esta classificação, deve adquirir em menos de meio seculo uma celebridade extraordinaria.....».

O Sr. Jaime de Magalhães Lima regista a entrada do Mestre no isolamento de Vale de Lobos, afastando-se das multidões ignaras e falsas que não o podiam compreender, e dá-nos esta apreciação do que influiria no animo de quem tão vigoroso se apresentara sempre:

«... a repulsão do espectaculo de miserias ainda maiores levaria diante dos olhos quando ia a caminho do seu ermiterio de Vale de Lobos, a viver entre a gente rude, cujos tesouros de ingenuidade reconhecera e adorava. «As fileiras dos antigos pelejadores cujo ardor aliás se achava enfraquecido pelo cansaço, haviam-nas rareado os anos, e os novos não tinham braços assás robustos para o combate. Então chamava-se á tibieza tolerancia, e aos calculos do egoismo e da pusilaminidade civilização. Os velhos interesses e as velhas preocupações tinham voz e voto, preponderante ás vezes nas cousas publicas. Os tumultos, as lutas das facções, as guerras civis, eram ainda possiveis: as revoluções não. Para isso requeria-se que nas veias dos homens houvesse sangue, no coração crenças, e na sociedade seiva moral»[1].

Fugido da mentira de requintes de sensualidade e perfidia em que os senhores do mundo folgavam; buscando uma atmosfera de sinceridade e de paz, não só pelo anseio de se banhar em suma candura mas tambem, decerto, pela alta sapiencia de colocar em ambiente adequado o poder de meditação do seu espirito, afastado assim das distracções e constrangimentos que sem repouso o irritavam; «envelhecido antes de tempo pela contensão do espirito em comparar, conjecturar, deduzir»[2], e sobretudo pelo tremor de uma consciencia inquieta, meticulosa, votada a uma continua febre de acertar; «afastado pelas ilusões de um momento das ocupações literarias a que se dedicara com intimo afecto e reconduzido por asperos desenganos ao tranquilo retiro de onde não devera talvez ter saido; concebendo como, no desabar do imperio romano, tantas almas severas e energicas, desesperando do futuro de Roma, iam buscar os ermos, onde o cristianismo nascente lhes indicava um refugio, e ali, a sós com as suas cogitações, cerravam os ouvidos ao importuno ruido de uma sociedade gasta e podre que esboroava, não tanto ao impulso dos barbaros, como pelos efeitos da propria dissolução interior»; convencido, emfim, de que «lutar com a Providencia não é esforço, é loucura»[3]: — uma fadiga mortal lhe reclamava horas de repouso, a defesa instintiva do minguado alento de um organismo exausto de aspirações, contrariedades e desilusões, e rendeu-se-lhe. Reacendeu então na alma o vigor amortecido e quebrado em lutas vãs;

---

[1] *Opusculos*, tomo IV, 2.ª ed., pag. 102.
[2] *Monge de Cister*, tomo XI, pag. 377.
[3] *Historia de Portugal*, tomo IV, pag. 5 e 6.

e deu-nos o exemplo da nobreza na derrota quem primeiro nos mostrara dignidade e gloria nos combates.

Combates!... Os que o vulgo apreciou nas obras de Alexandre Herculano e nos actos publicos da sua vida seriam bem frouxos comparados com os que no seu peito se travavam para o isentar de cair em falta. Conheceu as profundezas fataes da fraqueza humana, e do vigor com que procurou e alcançou remir-se da sua atracção depõe uma existencia inteira de dignidade».

Nas ultimas paginas do seu livro, põe o Sr. Jaime de Magalhães Lima com sinceridade estas palavras de glorificação a Alexandre Herculano:

«A robustez inviolavel no combate, na crença e no sofrimento consentiu-lhe a sinceridade e a largueza na ternura. Somente os verdadeiramente fortes a possuem. Demanda profundezas taes de desprendimento, tão larga vibração de simpatia, que só a confiança de uma perfeita fortaleza intima as admite.

A bondade e o afecto vulgares, justamente porque são fracos, não ousam sujeitar-se a perdas, guardam sempre com avareza, em toda a expansão carinhosa, certa reserva de um egoismo que nem por instantes descura os seus pequeninos interesses. Mas Alexandre Herculano, porque era forte, pôde ser terno sem pusilanimidades de uma acanhada prudencia. Podia amar esquecendo-se por completo no amor; instintos vigorosos o afoitavam, assegurando-lhe que em toda a abdicação o seu ser se enriquecia em vez de alienar e depauperar-se. As suas relações com D. Pedro V e as cartas intimas á esposa, das quaes com muita razão se tornou famosa a que vem publicada no *Estudo critico-historico de Alexandre Herculano*, de D. Antonio Sánchez Moguel, lido na Real Academia de Historia de Madrid, são testemunho eloquente de como o amor sublimado d'aquele inspirado apostolo baixou intacto e perfeito das regiões em que é um poder divino, universal e soberano, para o conforto do lar e para o respeito e dedicação do homem a homem, em que se torna doçura, encanto e lenitivo da vida mortal dos miseros seres efemeros onde habita a consciencia eterna.

....

Na *Advertencia* que precede o primeiro volume dos *Opusculos*, explicando porque começara a ajuntar os retalhos dispersos do seu passado intelectual, Alexandre Herculano, com a habitual e irreprimivel sinceridade de todos os seus passos, não nos oculta como e quando o ermo lhe fôra tambem pesado. Nem só o espectaculo e a vozearia infernal dos odios e atropelos das cobiças da multidão importavam maguas. Outras se encontravam na sua ausencia, ainda que inspirada por uma sagrada repulsão. Eram diferentes de caracter mas identicas na essencia: ou um rumor de simpatia nos falte em absoluto e o substitua um frigido silencio, ou o nosso coração sinta e chore a divergencia e oposição entre os seus anseios e os impulsos alheios, em qualquer caso deplora a separação dos homens, o apartamento moral ou fisico dos nossos irmãos, e suspira pela sua proximidade.

Procurando alivio a semelhantes males, proprios da ternura do seu temperamento e caracterizando-o fundamente nesse ponto, para lhes moderar os efeitos começou Alexandre Herculano a coligir e ordenar nos ultimos anos da vida os seus escritos dispersos.

....

O estoicismo bastaria para infundir na alma de Alexandre Herculano uma robustez inviolavel; mas não teria sido suficiente para lhe facultar um contentamento indefectivel e povoar de alegria a soledade. É que o estoico comungara do amor de Cristo, e esse anuncia desgraça a quem se encontrar sosinho. Mandava-lhe amar a Deus sobre todas as cousas, e esse bem o encontrava no ermo; mandava-lhe porém simultaneamente amar o proximo como a ele mesmo se amava, e esse preceito não dispensava a presença constante dos homens, desvairados ou santos que eles fossem, para lhes minorar a desgraça ou para lhes seguir o exemplo, em todo o caso para correr seu destino e o partilhar. O stoico póde fortalecer o seu adepto com uma disciplina mas não póde suprir o alento humano que anima o cristão, esse anseio de dar e receber constantemente que é a sua razão de ser. Por isso, sentindo que lhe faltava, corria a juntar-se em espirito aos homens e a partilhar das suas preocupações quem pela pressão cruel de sua sorte fôra pessoalmente lançado fora dos turbilhões do mundo.

Sem duvida, pela firmeza de animo e mais pelo exemplo do que por qualquer tentativa de sistematização filosofica ou defesa intencional de doutrina, a vida de Alexandre Herculano abunda em conformidade com os preceitos do estoicismo. Em grande extensão, poderia Seneca descobrir nele um discipulo. Aceitou-lhe leis fundamentaes. Confiou na virtude, teve-a «pelo maior dos bens»; «nela se alegrou e desprezou os acidentes da fortuna». Atingiu a «invulneravel grandeza de espirito que não se eleva nem abate com a boa ou má sorte». Sentiu que «em todo o homem bom habita um Deus», um espirito sagrado, indicador e guarda do que é bem e do que é mal, «um ser divino e razão que reside no mundo e em todas as suas partes». Pela temperança, pela paciencia, pela coragem e pelo culto vigilante da integridade do caracter moral, sacudindo todas as servidões, e sobretudo as servidões dos sentidos, da cobiça, do luxo e da avareza, dominando as paixões e submetendo-se puramente aos mandados da razão, ensinou-nos eloquentemente como se enriquece «não aumentando os bens mas diminuindo as necessidades». Mostrou-nos assim como a virtude é acessivel a todos e até como a adversidade se converte em benção, porque «conheceu a sua propria força e valor pondo em prova a virtude», quando a desgraça lhe bateu á porta.

Mas esse estoicismo que podia ser e foi alicerce de fortaleza, não tinha o calor bastante para foco de irradiação, para inundar de luz e conforto a alma estranha. E inflamou-o então no evangelho de Cristo, ungindo-o de piedade e por ela o convertendo á humildade, suplicando dos ceus para os outros a indulgencia e auxilio que por intangivel capacidade de sofrer não carecia de pedir para si.

Abrangendo deste modo todos os graus da dignidade humana, da acção á contemplação, da firmeza á caridade, do humano ao divino, do heroismo á santidade, Alexandre Herculano a todos honrou igualmente, engrandecendo-se e legando-nos um exemplo unico e supremo na historia do povo português.

LXVII

No amplo trecho do estudo critico de Oliveira Martins, que o redactor do *Plutarco Português,* colecção de retratos e biografias de principaes vultos histo-

ricos da civilização portuguesa, impressa no Porto em 1881, entendeu transcrever para acompanhar o retrato de Alexandre Herculano em grande formato, lê-se o que vou copiar para acrescentamento dos variados depoimentos aqui registados:

«Obras de tres naturezas diversas nos revelam pelo estilo tres fisionomias distintas. A primeira, oficial e grave, são os seus trabalhos historicos, onde o periodo redondo e classico, mas sem afectação quinhentista, se desenvolve alimentado pelos *caldos de Vieira*, que nos receitava, a nós os moços, para educar a mão. A segunda são os seus romances e escritos humoristicos, onde mal ataviado, o periodo jesuitico ás vezes combinado com formas e *tours* estrangeirados, transparece sempre o *gout du terroir*, o cunho de portuguesismo duro e pesado, mais agressivo do que de comedia. Na terceira, finalmente, em nossa opinião a mais bela: nos escritos de polemista, a frase rotunda é quente, a agressão é viva, as palavras teem calor e a dureza do genio lusitano acha nos sentimentos expressos em orações duras, uma convicção, uma independencia que a enobrecem. Ouve-se a voz do estoico, e ha uma harmonia perfeita entre o pensamento profundo, grave e forte, e o estilo redondo sobrio e nobre. A retorica classica é o molde proprio do classico pensamento estoico.

Mas entre estas obras ha uma, uma unica (*Carta á Academia das Sciencias*), onde o homem intimo, sensivel, caridoso e simples, esse homem que nós esboçamos fugitivamente, porque a vida, a educação, o temperamento, de mãos dadas concorriam para o subalternizar ao homem estoico; ha uma, dizemos, em que as palavras não falam apenas, choram e vociferam, teem lagrimas e imprecações e ironias. Ferido no vivo coração da sua existencia, o homem pôs no papel o melhor do seu sangue. O que o genio do artista obtem com intuição, consegue o poeta com emoção. A *Carta á Academia* é tão bela como as melhores das poesias intimas de Herculano.

Para ele que, como lusitano, nada tinha de artista (prova, os seus romances), a literatura era uma missão e não um diletantismo. O universo, a historia, a sociedade, não se lhe apresentavam como assunto de estudos subtis e curiosos, de observações finas ou profundas, de quadros brilhantes, vivos ou comoventes; mas como objecto de afirmações ou negações inspiradas pela convicção estoica. Nos seus livros pode seguir-se ao mesmo tempo o desenvolvimento do seu pensamento e a historia da sua consciencia. São o retrato da alma do autor, ora apaixonada, ora melancolica; quasi sempre triste, raras vezes contente, mas sempre convicta, energica e franca.

As *Poesias* e o *Eurico* revelam-nos o crente na providente liberdade de um poderoso e justo Deus; a alma rijamente temperada contra o funesto acaso; o coração aberto ás emoções da natureza que se lhe manifestam com o caracter de uma fatalidade cruel e de um cego desabrimento. Deus, a Natureza, o Homem, são, nessas obras, personagens de uma tragedia biblica, com a tempestade rouca por musicas e por fundos de scena vulcões de opacas nuvens cobrindo o azul do ceo.

Veem depois as obras polemicas, vasta e riquissima colecção (reunida nos *Opusculos*, I–IV e seg. em via de publ.) que patenteia a omnimoda actividade do pensamento de Herculano, e lhe dá o caracter de um filosofo, cujo pensamento, em vez de se manifestar em tratados, se exprime em controversias. Profissionalmente, era historiador. A *Historia de Portugal* e os trabalhos que com ela formam o corpo dos estudos do erudito são a obra mais importante do escritor e o solido fundamento do seu imorredouro nome na historia literaria portuguesa.

Reunindo a um vasto e farto saber geral a paciencia do erudito e o escrupulo do critico, esses trabalhos não respiram a pedante secura do especialismo; e se não constituem nem podem constituir uma historia nacional, fizeram com que os problemas das origens sociaes e politicas da nação portuguesa fossem por uma vez resolvidos. A historiografia peninsular tem em Herculano o seu mais ilustre nome: um nome que se conservará ao lado do de Guizot, de quem tinha os golpes de vista compreensivos; e do de Thierry, a quem acompanhava na faculdade de representar vivas, nos seus habitos, costumes e leis (senão em sua alma, como um Michelet) as passadas gerações, — avantajando-se a ambos na coragem com que arcou com o trabalho improbo de coligir, coordenar, traduzir, interpretar os monumentos historicos de um povo que não tivera benedictinos eruditos. Robinson de nova especie, Herculano achou-se como num pais deserto e teve de descobrir os materiaes antes que pudesse pôr mãos á obra.

Prodigio de trabalho, de saber, de paciencia, de talento, a *Historia de Portugal* é um monumento ...».

LXVIII

No interessante e erudito *Elogio historico de Alexandre Herculano*, recitado em Munich, na sessão solene da Real Academia das Sciencias da Baviera, a 28 de março 1878 pelo ilustre presidente da mesma douta corporação, Sr. Johann-Josef-Ignaz von Doellinger, mandado imprimir em 1910 no Porto, versão directa do original pelo Sr. José Pereira de Sampaio (Bruno), que lhe pôs o titulo *Herculano na Alemanha*, lê-se de pag. 24 a 28 o que transcrevo em seguida:

«Depois do IV volume da sua grande obra historica, Herculano começara outro trabalho, que não era muito proprio para atalhar a irritação levantada contra ele.

É a historia, em tres volumes, da introdução e dos primeiros vinte anos da inquisição em Portugal, para a qual tinha encontrado materiaes, taes como: milhares de processos, a correspondencia entre o rei e os papas, as instruções e cartas dos agentes regios e pontificios, na biblioteca da Ajuda, cuja guarda estava confiada ao seu cuidado. Com esta obra aclarou um terreno até então muito escuro e desfigurado; mas era como que a claridade da lanterna do encarregado da justiça quando alumia de repente um covil de ladrões e suas sangrentas orgias.

Antes de serem conhecidos os factos que Herculano revelou, o inglês Southey, em 1811, havia definido a inquisição portuguesa como uma associação para queimar pessoas por causa de reaes ou pretendidas opiniões ou costumes judaicos, tendo em mira apoderar-se da fortuna d'elas. O livro de Herculano confirmou a verdade d'essa definição, mas assoalhou ainda muitas outras cousas, desenrolando perante nós um conjunto fatal de fanatismo, de hipocrisia, de avidez, de corrupção e de crueldade, que justificam completamente a denominação de «drama de flagicios» que o autor dá ao seu trabalho. O que se ignorara até então, eram principalmente as peripecias das negociações com Roma, onde os desgraçados cristãos-novos, por meio de repetidas dadivas, procuravam alcançar algumas modificações ou garantias contra o terrivel modo de processar; porém, o rei, que decerto ofereceu mais, levou

a palma, conseguindo de Paulo III uma bula que confirmou a horrivel acção do tribunal de fé para o decurso de dois seculos.

Um homem de tanto talento poetico como Herculano não podia deixar de fazer tentativas tambem no romance historico, aproveitando os materiaes da historia patria. Sem duvida o levou a isso o exemplo de Walter Scott, a cuja influencia se deve outrosim atribuir a introdução d'este genero de literatura na Alemanha, Inglaterra e França.

Entre todos os autores que cultivaram esse ramo literario, não ha nenhum historiador de vocação, afora Xenofonte, que escreveu, além das suas obras historicas e filosoficas, tambem um romance historico, a *Ciropaedia*; de verdadeiros historiadores só posso nomear Sismondi, porém a *Julia Severa* d'este não satisfaz as mais modestas exigencias. O excelente *D. Alonso*, de Salvandy, estava, quando saiu á luz, perto de mais da actualidade para ser considerado como romance historico. Assim, Herculano ocupa um lugar unico na literatura Nenhum outro soube aliar tanto a severidade na narração, historico-scientifica, com o entusiasmo e arrojo da poesia; ele, o profundo historiografo, conseguiu deveras introduzir nos seus romances, não figuras amalgamadas de noticias historicas ou antiquarias, mas personagens de carne e osso, que condizem perfeitamente com a sua epoca. Menos, é verdade, no *Eurico*, trasladado a alemão por Heine, porque, para a ruina do imperio visigodo pelos sarracenos, que se pinta ali, as fontes correm escassas de mais para darem um fiel quadro historico do estado da Hespanha cristã d'aqueles tempos.

Mais felizmente escolhido e melhor acabado, é o seu segundo romance *O Monge de Cister*, que se ocupa da epoca da historia portuguesa sob o reinado de D. João I, no principio do seculo XV.

Aqui as fontes são mais abundantes e o tempo dos mais brilhantes e agitados da historia portuguesa: foi então que se consolidou a independencia do reino pela derrota de Castela, então foi que se fez a aliança com a Inglaterra, nunca mais rota, e que começaram as conquistas africanas.

Mas a fantasia de Herculano parece ter ficado sob a impressão do seu longo estudo sobre os actos inquisitoriaes, porque inclina sensivelmente para a pintura dos abismos do coração humano. Assim, a catastrofe em ambos os romances, principalmente no *Monge de Cister*, oferece um quadro horroroso. Apesar d'isso, o exito completo que o livro alcançou na sua patria manifestou-se logo num grande numero de romances historicos, saidos á luz depois, que tomaram por assunto scenas da historia nacional, seguindo como modelo Herculano. Entre estes, apontam-se como os melhores os romances de Rebelo da Silva, de Marreca e de Andrade Corvo».

LXIX

O *Esboço de critica*, publicado em Santarem pelo Sr Giestal Machado (opusculo em 8.º gr. de 27 pag., 1910, com o retrato de Herculano), é dividido em quatro capitulos, aos quaes deu os titulos:

I. O centenario Notas biograficas.
II. A obra literaria.
III. A obra historica.
IV. O homem.

D'ele permitimo-nos transcrever alguns trechos, que indicam a orientação do esclarecido autor na sua analise das altas qualidades e dos comprovados merecimentos do Mestre.

Abrindo o opusculo na pag. 8 ai se lerá:

«Poeta no primeiro periodo da sua vida literaria, Herculano cultiva depois o romance historico, da sua obra a parte mais vulgarizada. Preferencias mentaes cedo manifestas, com amor e exito depois proseguidas, e, sobretudo, a sua forte vida interna, explicam-nos que ele se dedicasse a esse genero literario, que, embora o não pareça, é dos mais subjectivos.

O romance historico, muito favorecido por corrente literaria, que se pronuncia no seculo XIX, é, essencialmente, sempre subjectiva criação. Para com verdade objectiva se fazer a reconstrução viva da vida que já foi, era preciso, além da restituição aproximada das figuras singulares — e é o mais que, mesmo em hipotese, pode supor-se — restituir tambem o meio que socialmente as animava. Ora o meio social, sintese delicada e complexa, só pode atingir-se, e por intuição, vivendo-o; e nunca ninguem poderá viver a morte.

No romance historico, e por melhor que ele seja, a suprema coordenação que harmoniza na vida a atitude das figuras é inferior e nem pode deixar de o ser; pelo menos, o nexo intimo da composição, sempre subjectivo, ha-de envolver inevitavel anacronismo.

Mas, dentro das possibilidades acessiveis ao romance historico, cabe ainda real beleza literaria e é quanto basta para dignificar o genero, devendo ter-se sempre em vista que, legitimamente, as exigencias da critica não podem ir além d'essas possibilidades.

De um modo geral os romances de Herculano, e contando nestes os episodios coligidos sob o titulo *Lendas e Narrativas*, podem e devem literariamente ser considerados superiores; pois beleza real elas encerram.

Simples é em todos a acção, derivando sempre de conflitos afectivos e dos mais genericos. As personagens, quer tenham realidade historica, quer sejam simplesmente do dominio da ficção, traduzem tipos geraes, pouco complicados, mas vivendo vida que, não ha duvida, por vezes as deshumaniza um tanto. No *Monasticon* é onde a escala humana com mais frequencia se esquece, o que, consequentemente, traz certa desharmonia intrinseca e desequilibrio para a acção. Mas, sob este ponto de vista, a obra de Herculano não deve ser julgada definitivamente sem se atender primeiro á epoca em que foi escrita, á corrente literaria que o seu autor servia — corrente, diga-se de passagem, raras vezes compreendida em toda a sua complexa e profunda significação.

Nos fins do seculo XVIII e principio do seculo XIX novas ideias que de longe vinham sendo trabalhadas se definem na consciencia humana, dignificando e valorizando a vida. Sinteses fecundas e admiraveis de elementos que o tempo compatibilizara, elas, promovendo motivos de emoção ignorados, produzem literariamente o movimento chamado romantismo. E esse movimento, interessante como poucos, conduz, sobretudo na sua primeira fase, e por sedução natural, a que seja tomado o ideal como realidade possivel de integral e singular existencia; bem como, devido a desculpavel erro de perspectiva, faz ver nas proprias raizes da nova vida que se especificava a magnifica eflorescencia que o futuro ainda nos promete. D'ai, na representação da vida singular, o engrandecimento que deshumaniza; d'ai, igualmente, a errada idealização de tempos que foram.

Natural é, pois, que em Herculano apareçam as propensões inerentes á corrente literaria em que a sua obra se integra, mas nem sempre taes propensões são dominantes, acontecendo mesmo d'elas por vezes se libertar completamente.

No *Bobo*, por exemplo, ha já um regular equilibrio na vida individual, que vae reflectir-se tambem na acção geral; e então nas *Lendas e Narrativas* aparecem pequenos quadradinhos que, pela realidade das figuras esboçadas, algumas com estranho vigor, e pela harmonia da composição, podem ser considerados quasi impecaveis.

*

* *

Mas, se na obra de Herculano, quanto ao equilibrio humano da vida das personagens e harmonia na acção, se podem fazer reparos e distinções, quanto ao descritivo toda ela é perfeita, por vezes até surpreendente, como surpreendente é sempre pela pureza do português em que está escrita.

Escritor sereno e consciencioso, a sua prosa muita trabalhada se não se adapta numa modelação pormenorizada, anatomica, ás ideias que exterioriza, como sucede, entre nós, com a prosa unica de Camilo ou de Vieira, não deixa nunca de as objectivar com exactidão, marcando com largueza e sobria elegancia os contornos por qne os conceitos se distinguem.

Uma grande dignidade respira a prosa de Herculano. Os seus periodos, sempre de português extreme, ordenam-se segundo ritmo grave do qual Herculano tira efeitos dentro da nossa lingua ineditos.

Sem duvida ele foi um dos primeiros prosadores portugueses e um verdadeiro mestre da lingua, possuindo d'esta o *genio*, expressão rcaica talvez, mas a unica capaz de globalmente designar tudo o que forma a individualidade de um idioma. A do nosso, ninguem soube facentuá-la melhor, nem com mais elevação do que Herculano. A este respeito a sua grandeza literaria é sem restrições. E se a ela pouco se alude é que em Portugal não é raro faltar, mesmo ás pessoas que mais presumem de cultas, a cultura da lingua patria».

Sobre os trabalhos literarios de Alexandre Herculano o autor escreve (de pag. 15 a 17):

....

«Que a historia com a arte se confunda, ou que na sciencia ela se vá integrar — e naturalmente ás duas se liga, como elas entre si se prendem — não haja duvida que ela, para se formar e definir, carece e emprega as duas grandes e fundamentaes modalidades do espirito humano: a analise e a sintese. A observação e destrinça das marcas que deixaram os sucessos, depois a reconstituição d'estes e por ultimo a sua integração no grupo geral a que se prendem, são, em esboço, as formas de actividade mental que a historia, para se constituir, exige. D'aí divisão entre os historiadores segundo os suas naturaes aptidões. Uns, capazes sobretudo de reconhecerem e distinguirem os vestigios deixados pelos acontecimentos e ainda de reconstituirem estes, formam o primeiro grupo, o mais numeroso e não o menos prestimoso. Para

estes, os metodos e processos de observação scientifica são indispensaveis: o amor da exactidão, o rigor na verificação tornam-se imprescindiveis.

Outros, porém, indentificados os sucessos, podem logo dar-lhes superior integração, determinando o seu nexo profundo. Estes, como os criadores das grandes sinteses que metodizam e orientam o saber, são verdadeiros artistas. E se á intuição da beleza e da harmonia, como diz Poincaré, se deve o trabalho superior da criação scientifica, tambem é a esta maravilhosa possibilidade, só de raros espiritos, que a historia deve o poderem ser entrevistos os nexos que coordenam sucessos originaes em unidades historicas cheias de harmonia e significação.

Alexandre Herculano pertence ao primeiro grupo. O seu trabalho é antes de analise, e, se de sintese, de sintese que podemos chamar singular, relativa á identificação de um sucesso, ou, quando muito, de um grupo de proximos acontecimentos. Mas, como observador, o seu trabalho é perfeito, por vezes admiravel. Tinha todos os requisitos: acuidade mental, possibilidade de atenção demorada e uma alta probidade — caracteristica dominante na sua obra, como o fôra da sua vida.

Era Herculano escrupulosissimo quanto ao aproveitamento das fontes historicas, sempre de um rigor inflexivel na verificação da autenticidade dos documentos; e foi esse rigor, e só ele, que o levou a rejeitar, por falta de legitimidade historica, varias tradições, entre elas a do celebre milagre de Ourique. Mas este, depois de saido da historia, onde artificiosamente vivia, originou, para não perder a natureza, miraculosos odios. Nem a morte, nem o tempo sobre eles tem tido poder; vivazes como no primeiro dia, continuam hoje, mesquinhos como então, tentando babujar o nome do grande historiador, o primeiro entre nós, a pôr em pratica e com superior exito, os processos e metodos scientificos, que exige a critica historica — admiravel criação e das mais fecundas, entre as muitas que ao seculo XIX devemos.

Se rigoroso na verificação dos documentos, não era menos exacto na sua interpretação.

Acêrca do criterio usado por Herculano para extrair dos documentos a realidade historica, elucida-nos eloquentemente o primeiro volume da *Historia de Portugal*, sobretudo na parte relativa a D. Teresa.

Metodico e sempre seguro, as suas induções não seriam d'aquelas raras, que de quando a quando projectam intenso clarão, capaz de iluminar extensões consideraveis, mas tinham sempre admiravel consistencia, eram mesmo definitivas em grande numero de casos e nunca deixavam de produzir luz suficiente para ser contornado com nitidez o facto a esclarecer.

A definição clara da epoca de Sancho II bastaria para evidenciar as excepcionaes aptidões de Herculano quanto á restituição dos factos idos. Aptidões, deve dizer-se a que o escritor, que Herculano era, dava extraordinario relevo. As narrativas, por exemplo, das excursões, recontros, assaltos e conquistas do primeiro rei português, além de perfeitas sob o ponto de vista historico, são, não o esqueçamos, primorosos quadros literarios.

Na prosecução da sua «critica» o Sr. Ginestal Machado discreteia:

....

É frequente perguntar se porque não continuaria Herculano a *Historia de Portugal*, porque se ficaria por onde ficou; e varias versões, infantis quasi todas, se aventam.

Para quem não seja de todo alheio á psicologia e alguma cousa saiba a respeito da produção intelectual, a pergunta é ociosa. E, no caso de Herculano, deve atender-se a que ele chegou ao fim de um periodo historico e periodo natural; pois acaba com a definição geografica do país. Demais, o periodo que se segue, todo ele de interna organização, para ser compreendido, bem determinado, mesmo nas suas linhas dominantes, supõe trabalho de investigação, que só muitos anos de coordenados esforços poderiam realizar.

Mas, se é ocioso estar a perscrutar, mais ou menos habilidosamente, os motivos que levaram Herculano a não prosseguir, já não será inutil tentar conhecer as ideias sociaes do nosso primeiro historiador, que era um espirito dos mais equilibrados do seu tempo, que ainda é o nosso; e não só muito equilibrado, mas dotado, tambem, de imparcialidade altissima, dificilmente atingida, impossivel de ser excedida.

E, para provar essa generosa modalidade do espirito de Herculano, nada melhor que a leitura, por tantos titulos recomendavel, da *Historia da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal*, monografia que pode dizer se perfeita.

Segura e minuciosamente documentada, nela, a integração do facto analizado na massa geral dos sucessos é exacta e de modo superior realizada. No primeiro volume, Herculano quasi a si mesmo se excede, tracejando em sintese e com intensa fisionomia — qualidade que Guizot reputava primacial nos quadros historicos — a situação dos judeus, depois christãos novos, no tempo de D. Manuel e principios de D. João III. E, embora a *Historia da Inquisição* se ocupe de passional assunto, para Herculano, dado o seu sentir tantas vezes expresso, emotivo como poucos, apesar de tudo isso, ela é uma obra serena, nunca perdendo o caracter objectivo que lhe convem, nunca mostrando tendenciosas preferencias, revelando sempre, como unica preocupação, a de bem interpretar os documentos aproveitados.

Em Herculano o amor á verdade sobretudo prevalecia, rara e bela qualidade que vem dar ás suas afirmações o mais alto valor humano, que torna, por isso mesmo, deveras interessante conhecer ainda os seus ideaes politicos, as suas aspirações sociaes.

Nos *Opusculos*, colecções de escritos diversos: *Controversias, Literatura e Questões Publicas*, nos d'este ultimo grupo, o volume I e o volume VIII, sobretudo, são a tal respeito os mais significativos. Os artigos sobre a «pena de morte», a «imprensa», o «ensino» e ainda no volume X o relativo á concordata mostram bem o pensar de Herculano, que reconhecia já a opinião publica como a forma superior e mais proficua de energia social manifestada: d'aí o modo como ele considera a imprensa e a sua missão; o seu criterio, tambem, a respeito do ensino, que, se não pode, hoje, dizer-se completo, é por extremo progressivo, como progressiva é a sua concepção acerca da supremacia e dignificação do poder civil. O celebre artigo do volume X acêrca da concordata devia ser lido e meditado.

Herculano era liberal no mais amplo e generoso significado do termo. Para Herculano as verdades conquistadas e em todas as suas consequencias, deviam ter, sem equivocos, exacta tradução juridica — unica formula fecunda do liberalismo; porque é a unica que supõe como criterio da acção a sua harmonia com a ideia livre.

Socialmente, as questões que hoje nos preocupam já se formulavam, em parte, no tempo de Herculano, mas o que não tinham era o imediato interesse que hoje revestem. Entretanto, ele, que era individualista e muito boa gente ainda hoje o é, mostrou sempre que sabia compreender a solidariedade social e senti-la, o que mais é. No seu ar-

tigo, volume I, *Caixas economicas*, aparecem já grandes verdades sob o ponto de vista economico e social.

Espirito aberto a todos os progressos, acessivel a toda a verdade que como tal se definisse, ele podia seguir todos os movimentos que representassem interesses geraes a atender; mas incapaz ele era de sequer tolerar aqueles que só interesses particulares buscam satisfazer.

LXX

Muito depois de impressas as linhas, que se lêem em paginas 93 e 94 do tomo presente, é que me lembrou que no *Almanach Bertrand para 1901*, segundo ano d'esta importante e curiosissima enciclopedia publicada sob a direcção e exclusiva redacção do erudito academico e poeta, general Fernandes Costa, saira com o retrato de Alexandre Herculano uma nota relativa á visita do ex-imperador do Brasil, D. Pedro II, a Vale de Lobos, sem que dificuldade alguma o afastasse de tal proposito de afecto, consideração e respeito, para com o egregio historiador. E dava-se a circunstancia de vir acompanhada do *fac-simile* do recado autografo que Alexandre Herculano mandara transmitir á desvelada esposa, D. Mariana, avisando-a d'essa visita.

Fica d'este modo sanada a falta acusada. Eis a nota:

«No desenvolvido estudo com que, sobre a Casa Bertrand, prefaciamos o nosso *Almanach*, no primeiro ano da sua publicação (1900), aludimos ao precioso autografo, do qual damos hoje aos nossos leitores o *fac-simile*, que nesta pagina se vê. E contamos a sua historia, nas poucas linhas, que vamos transcrever:

«Quando o imperador chegou a Lisboa, mandou aviso a Herculano para lhe ir falar, a fim de combinarem ambos a excursão a Vale de Lobos. Herculano ia resolvido a dissuadir o imperador d'essa excursão, e pensava consegui-lo. Achou-se, porém, enganado. D. Pedro II trazia aquela visita irrevogavelmente apontada no seu plano de viagem.

Quando Herculano saiu do Hotel Bragança, onde o imperador estava alojado, dirigiu-se logo á livraria *dos Bertrands* (pois assim continuava a designá-la), e pedindo um pedaço de papel, escreveu nele o rascunho do telegrama para sua esposa, avisando-a da visita. Foi José Bastos (o actual proprietario da livraria) quem levou esse telegrama á estação central, e aí, transcrevendo-o no impresso oficial, teve o inteligente cuidado de guardar religiosamente o autografo para si.

José Bastos conserva hoje, no seu escritorio da livraria, emoldurada em um pequeno quadro, essa reliquia veneranda de um dos ultimos actos de Herculano, com respeito á vida publica, e ás suas relações com a Livraria Bertrand.

Muitas pessoas teem aspirado á posse d'esse precioso autografo, empregando toda a ordem de propostas para obterem a sua acquisição. Uma d'elas, a que principalmente nos lembra agora, foi o falecido Monsenhor Pinto de Campos, grande humanista e prelado brasileiro, autor do interessante livro *Jerusalem*, que nunca se consolou dos obstaculos insuperaveis levantados pelo desinteresse e pelo respeitoso culto de José Bastos, á realização dos seus desejos».

A honrosa visita do imperador D. Pedro a Vale de Lobos, foi, como se sabe, a causa indirecta da ultima doença e da morte de Ale-

Ex.ma D. Mariana — Santarem Val-de-Lobos

Não pude convencer o homem. Vamos quatro no comboio da manhã. Caleche na estação.

Herculano

Fac-simile do telegrama
que Alexandre Herculano mandou á Sr.ª D. Mariana, sua mulher,
a que se alude na pagina 236

xandre Herculano, motivada por um resfriamento de que o grande escritor foi atacado quando, depois d'ela, veio a Lisboa despedir-se do seu imperial amigo».

LXXI

O erudito escritor, Sr. Gomes de Brito, empregado superior da Camara Municipal de Lisboa, foi um dos amigos dilectos do egregio Mestre e com ele conviveu algum tempo em Lisboa. Para lhe prestar a devida homenagem de amizade, respeito e gratidão no dia marcado para o centenario fez com que saisse um belo volume a que deu o titulo *No primeiro centenario de Alexandre Herculano. 28 de março de 1810 a 28 de Março de 1910. Paginas intimas*, a que tive já oportunidade de me referir em outro lugar do tomo presente.

Mas nesse livro ha paginas tão comoventes e tão sugestivas, saborosas, encantadoras, atraentes, que não me dispenso de trazer agora para aqui mais algumas de enlevadora leitura, como as seguintes que vão ler-se e se referem ao viver intimo de Alexandre Herculano.

São as que se lêem no livro citado, de pag. 78 a 82:

> «Como todos os individuos de imaginação vivaz e pinturesca, Herculano possuia-se de modo extraordinario de tudo quanto lhe acontecia contar, quer fossem casos alegres, quer se tratasse de episodios de indole oposta. Em ambos os generos era soberbo!
>
> Tenho ouvido na minha vida eximios conversadores, primando uns pela abundancia, pela graça, pelo pitoresco da expressão, singularizando-se outros pela verdade das situações que descrevem, pela semelhança das figuras que trazem ao discurso, pelo vigor e valentia com que pintam os episodios, dando-lhes as côres que pede a natureza melodramatica do scenario, e o sentimento e a paixão que animam os personagens que o povoam. Alguns tenho ouvido, Herculano um d'eles, eximios nos dois generos, sem que se possa dizer em qual teem a palma do admiravel condão com que, pela suprema arte de contar, fascinam quem tem a fortuna de os saber ouvir.
>
> Para não ofender a modestia de alguns que ainda vivem, recordarei outros a quem a morte gelou já nos labios o admiravel dom.
>
> Ouvi um Rocha Páris, a quem nós, os rapazes de 1860, chamavamos «o Sr. Paris». Vivera muito no Brasil, viajara no sertão. Era soberbo narrador, admiravel no pitoresco das descrições, perfeito e completo nos pormenores. E tanto mais para admirar que não era nele extenso o cultivo literario. Em lhe acontecendo pegar num jornal, dormia logo... Ouvi o celebre medico Bento Alexandre de Figueiredo Magalhães, que faleceu visconde. Quem uma vez começasse a ouvi-lo, não se lembrava mais do que tinha que fazer. Está nesta ocasião em Lisboa o meu particular amigo, o Conde de Sousa e Faro, amigo como irmão, que dá testemunho do que digo, pelo que lhe ouviu em S. Tomé.
>
> Passei noites, até alta madrugada, a rir como louco d'aquelas interminaveis historias picarescas do inexgotavel *palrador*. Ouvi Rafael Bordalo, contando as suas caricaturas, antes de as desenhar. Não tinha o dom do joco-serio, mas era excelente no imprevisto das lembranças e no zombeteiro das comparações. Ouvi, por terminar, o primeiro Conde de Casal Ribeiro, a jovialidade e a graça, a elegancia e a delicadeza sumas, entrelaçado tudo com a vasta erudição e os prodigios de

uma das memorias mais felizes e a proposito, que me tenha sido dado admirar.

Pois bem, Alexandre Herculano, cavaqueador amavel, era o que já disse; modelo de graça, e de conceituosa jovialidade, espirituoso e singularmente atraente. Contando factos serios da sua vida, episodios em que pusera todas as energias do seu temperamento impetuoso e ardente, todas as esforçadas faculdades do seu genio, feito para combater com as armas na mão, feito para combater com a palavra e com a pena, Alexandre Herculano era assombroso, simplesmente!

Que terrivel catadura! Que impetos de mal contida colera, que afusilhar de olhos, que de espuma nos labios, quando recordava alguns d'aqueles casos que para sempre lhe haviam ulcerado o coração!

Confesso que muitas vezes me lembrei, ouvindo-o em seus momentos de bom humor, dos tão chistosos episodios do *Paroco da Aldeia*, e dos *Ditos e feitos de Lazaro Tomé*. Muitas vezes me lembrei, ouvindo-lhe as reflexões joco-serias, que lhe inspiravam certos casos e certos individuos; muitas vezes me lembrei d'aquela pouco vulgarizada carta ao padre Francisco Recreio, oferecendo-lhe dois modos comicos de ir discutir com ele o risorio *Milagre de Ourique*[1]...

Igualmente, porem, confesso que mais de uma vez me senti estarrecer, ouvindo Herculano contar-me episodios, cuja lembrança tão energicas manifestações de colera suscitavam na sua alma apaixonada!

Impressionista, na mais genuina expressão do termo, o seu temperamento arrebatado não lhe deixava que nenhuma das funestas impressões que lhe dormitavam no fundo da alma lhe subisse aos labios, sem que uma especie de alucinação o dominasse. Os seus ouvintes assistiam então ao episodio como se fossem os proprios personagens com quem se haviam passado os factos que narrava. Dominado pelas impressões que em si proprio suscitava, como que se persuadia estar no proprio momento em que o caso se passara; incendia-o a colera, rouquejava-lhe a voz tremente, e, cerrados os punhos, como que parecia preparar-se para lutar».

LXXII

A briosa mocidade academica da cidade do Porto, que promovera e realizara, com alto criterio e grande brilhantismo, varias patrioticas manifestações para honrar a memoria gloriosissima do egregio Mestre, ainda publicou um opusculo de *Homenagem da cidade do Porto, realizada por iniciativa da Academia*, para cuja colaboração pediu e alcançou o concurso de varios escritores e poetas ilustres.

Vê-se neste explendido opusculo um ramo de flores mimosas de fragancia tal que se nos afigura não ha-de apagar-se jamais. Os nomes dos colaboradores como que lampejam para nos cativar e assombrar em extasis arrebatadores.

---

[1] Não é vulgar este pequeno impresso, em 16.°, e passa por ser comparavel á *Tosquia de um camelo*, de A. F. de Castilho. O exemplar que ha tantos anos li, e tanto me fez rir, foi-me facultado pelo meu amigo, então meu lente, o Conselheiro Jaime Moniz, e ainda hoje faz parte dos impressos não vulgares, e até raros, da sua copiosa livraria. — G. de B.

Ficam aqui alguns trechos em prosa. Do Sr. Luis de Magalhães as primeiras linhas da sua levantada e eloquente contribuição:

«Nada mais susceptivel de falsificação do que a gloria. Finge-se facilmente de heroe, de santo, de sabio; contrafaz-se, com alguma habilidade, o caracter ou o genio. As massas humanas são de sua natureza credulas: um ambicioso audaz encara-as com sobranceria, toma uma atitude, faz uma afirmação — e elas, sob o gesto e a palavra, convencem-se de que viram, sentiram, tocaram uma realidade. Por isso a historia está cheia de revisões de processos de glorificação, de rehabilitações de condenados, de condenações de beatificados, de exaltações de obscuros, de deposições de usurpadores de imerecida fama. A cada instante a nevoa da lenda se desfaz ante o luminoso clarão da verdade historica.

A gloria de Herculano, porém, é das que ante a posteridade só podem ter uma confirmação absoluta e irrevogavel. Os anos passam — e a sua figura, longe de se esbater, de desbotar, de apagar-se e diminuir, parece-nos cada vez mais firme e nitida nos seus contornos, cada vez maior na sua estatura dominadora.

Ah! essa bela epopeia da liberdade talvez não desse, na sua formula abstractamante doutrinaria, o remedio infalivel para a cura dos nossos velhos males historicos, o elixir maravilhoso capaz de inocular vida no caduco organismo da nação. Mas o que nos deu — e isso não é pouco — foi meia duzia de grandes e altos espiritos, de corações generosos e puros, de caracteres austeros e nobres. E não é inteiramente vão e inutil um movimeuto politico que nos deixa este saldo de grandeza humana, estes clarões de talento, estes modelos de virtude; não se pode dizer que fosse sem brilho, para os aspectos intelectuaes e moraes da nossa raça, uma epoca em que a acção, o civismo e o pensamento encarnaram em tão altas individualidades, uma epoca em que a bravura militar se afirma nas linhas do Porto, em Almoster e Asseiceira, em que a legislação se ilustra com os decretos da Terceira, a eloquencia deslumbra com a oração do *Porto-Pireo*, a literatura brilha com o *Frei Luis de Sousa*, a historiografia ergue esse grande monumento, infelizmente inacabado, que é a *Historia de Portugal*.

Do grupo de individualidades que, nessa epoca agitada por muita aspiração generosa, mas não isenta de pequenas paixões, de rivalidades mesquinhas, de egoismos violentos, de ambições insofridas, de especulações gananciosas, de toda a sorte de baixeza de que a vida politica é susceptivel — do grupo de individualidades que, nessa epoca, foram como a onça de ouro puro que se extrae dos montões de ganga inutil, a figura de Herculano destaca com um relevo admiravel. Foi o maior espirito do seu tempo, pelas faculdades de penetração mental e de expressão literaria e pelo seu vasto e profundo saber, e foi um dos seus mais diamantinos e inflexiveis caracteres.

Na historia fez uma revolução. A velha cronica fradesca, simples registo de factos, pomposo panegirico dos reis e dos grandes, acabou ás suas mãos. Com Herculano, é a historia moderna que começa entre nós: a historia scientifica, a historia guiada por um criterio filosofico, a historia comparada, a historia etnografica, a historia colectiva, a historia das instituições, das suas origens e da sua evolução.

Como romancista, foi um renovador tambem. Historiador, o seu romance tinha de ser historico. O genero, de resto, dominava então, sob a inspiração do romantismo, em todas as literaturas europeias. As suas obras d'esta especie são estudos de paixões veementes através de scenas grandiosas e empolgantes. Quem esqueceu, lendo-a uma vez,

a libertação de Hermengarda, a galopada pela serra ao luar, a passagem do Sallia sobre o tronco do velho roble, o despenhar d'este na torrente aos golpes furiosos das frankisks, levando para o abismo os arabes que começavam a transpô-lo? E quem não vê na linha solene, na tempera epica d'essas almas de guerreiros, a propria alma do romancista, a sua alma viril e grave, a sua crença austera, o seu amor da liberdade e da patria, o seu culto cavalheiresco do dever? É que poucos escritores terão posto tanto de si mesmo na sua obra de imaginação, como Herculano o fez.

E é essa sinceridade, esse reflexo poderoso da sua alma em tudo o que o seu espirito cria, que o torna igualmente grande como poeta. Ha quem ache os seus versos duros, mais estridentes que sonoros, mais retumbantes que harmoniosos. São-no na verdade. Mas é que eles foram fundidos em ferro, no ferro duro e forte da sua nobre e severa alma. O seu lirismo tem resonancias de tuba epica. Na sua inspiração religiosa passam, não arroubos misticos, mas o arrebatamento da fé profetica. *Deus, a tempestade, a cruz*, são grandes hinos, piedosos, sim, mas cheios de majestade e solenidade hieraticas. *A perda de Arzila* diz toda a força epica do seu genio, que pena é se ficasse somente nesse pequeno, mas admiravel canto da nossa extraordinaria Iliada do Moghreb.

Polemista, a sua força invencivel estava na sua inteireza, na sua lealdade. Não esgrimia como um espadachim, pelo amor da briga, pela vaidade de mostrar arte e pericia nessa especie de duelos do espirito, não raro futeis e injustos nos seus motivos, como tão brilhantemente, mas tão ingloriamente, o fez por vezes Camilo. Batia-se como um paladino, rudemente, heroicamente, a grandes golpes, sem fintas perfidas, nem molinetes vistosos, só para defender a sua convicção, para afirmar o seu credo.

E toda essa vasta e complexa obra literaria é, no minimo dos seus escritos, um modelo de linguagem. O português classico, o português vernaculo, acabou nele e acabou com ele. Acabou nele, porque tingiu no seu verbo a sua mais perfeita e completa expressão. Acabou com ele, porque nunca mais escritor algum conseguiu, dentro d'esses velhos moldes, a sua clareza, a sua precisão, a sua naturalidade espontanea, a sua mascula energia, a sua eloquencia sonora como o bronze. O português de Garrett, o português de Camilo, são já o gotico florido ou a renascença flamejante. O português de Herculano é ainda o romanico, sobrio, poderoso e severo».

Do opulento articulista João Grave lêem-se estas linhas, que escreveu sob o titulo *Erros da lenda*:

À volta do nome de Alexandre Herculano formou-se uma lenda que não tem raizes da realidade e que, no emtanto, mancha de uma vaga sombra o limpido brilho da sua gloria. Tem-se afirmado, com efeito, que o historiador excelso se refugiou no meio das oliveiras, das flores e das arvores da quinta de Vale de Lobos, quando a sua alma de crente e de forte foi invadida por um amargo pessimismo, e ao convivio dos homens, ás relações sociaes, preferiu o isolamento e a paz, na inviolavel quietude da sua tebaida solitaria. Para a sua tristeza, que o fez exclamar com dor: — «Isto dá vontade de morrer» — teria contribuido o ataque do padre Francisco Recreio e de outros escritores catolicos á *Historia de Portugal*, em que negou o milagre de Ourique — a aparição de Cristo, entre resplandecentes nuvens de ouro e de luz, na vitoriosa manhã da famosa batalha onde se iniciaram os destinos de

uma patria nova, talhada a montante e a acha de armas. Ora, esta afirmação não é exacta! Não se explicava que um homem da estrutura moral de Herculano, dispondo de uma vontade que nunca afrouxou e de uma tenacidade que foi o segredo do seu triunfo, pousasse a pena — com que reconstituiu, em pinturas maravilhosas, as epocas de uma civilização extinta e com que narrou as origens da nacionalidade — só porque aparecera alguem discutindo os seus processos e contestando as suas palavras.

Durante muitos anos, Herculano revolveu os tombos e os arquivos procurando os documentos para a sua vasta obra, ordenando-os, dispondo-os, sistematizando-os com uma sagacidade incomparavel e com um puro escrupulo de investigador: e não seriam os ardores de uma polemica, mesmo ferida com vivacidade ou rancor, que na consciencia de escritor fariam vacilar a luz da sua fé admiravel e profunda!

Porque foi, então, que Alexandre Herculano renunciou á conclusão do seu trabalho, que tanto concorreu para a sua imortalidade e que é o marmore brunido em que o seu nome ficou gravado a letras de ouro, em alto relevo? Certa manhã, na sua tranquila vivenda de Vale de Lobos onde os artistas e poetas portugueses foram, em saudosos romarias, visitá-lo, Herculano disse a Guerra Junqueiro:

«—Julga muita gente que eu não terminei a *Historia de Portugal*, por um simples capricho. A austeridade da minha vida e o meu caracter não autorizam ninguem a esses juizos ligeiros. Não completei a *Historia de Portugal* porque me sentia desfalecido, sem forças para essa conclusão. Estava extenuado por uma rude actividade de muitos anos: e o meu cerebro carecia de repouso. Para não realizar uma obra inferior e sem unidade, preferi calar-me! Outros virão mais tarde, com uma energia mental e uma frescura que eu já não tenho».

Guerra Junqueiro está ainda felizmente vivo e poderá confirmar esta revelação que me fez, certa noite, aqui no Porto, durante os vagares de um passeio e no deslisar de uma das suas scintilantes, maravilhosas palestras, em que evocou o espirito nobre e grande d'esse bom cenobita que amava a verdade e que nunca transigiu nem hesitou, mesmo quando teve de investir contra a religião patriotica, justamente como Ranke o tinha feito na Alemanha».

São do rev.[do] Patricio, que com a intensa luz da sua cultura e da sua erudição iluminou a imprensa portuense, estas sensatas palavras a que pôs o titulo *Contra prova*:

«São dignas de aplauso as manifestações com que é celebrado o primeiro centenario do insigne historiador e poeta, do grande patriota Alexandre Herculano. Traduzem a gratidão nacional pelo espirito com que o povo as acompanha com os seus brios e a mocidade academica com as suas aspirações e entusiasmo; mas, triste é dizê-lo, ainda que fosse possivel o velho Herculano erguer-se do tumulo para recebê-las redivivo, ele não o faria por contrariado.

Aquele espirito que viveu num culto á sciencia e á arte, aquele coração consagrado á patria e á liberdade, renovar-lhe-iam o tedio com que se afastava para a Azoia a entregar ás auras perfumadas do campo ribatejano as ultimas lucubrações do seu engenho e as inspirações da sua lira; a mandar no vendaval que agita o arvoredo daqueles vales o fremito dos protestos pelo modo como via definhar-se o pais e os ideaes de liberdade, a ponto de lhe provocar aquela frase: —«isto dá vontade de morrer!»

Nestas condições, se ele se levantasse do tumulo e deparasse com o que aí vae, — um parasitismo condenavel, uma ambição sem limites, uma vulgaridade insofrivel, uma luta ignobil de interesses a substituir as abnegações do civismo, uns hipocritas hontem vencidos e hoje vencedores, uns tartufos sem pejo e uns politicos que só medram em um constitucionalismo bastardo: quem sabe se o soldado liberal, que sofreu as privações da emigração, a fome no exilio, os desabrigos nos barracões de Plimouth, ao ver calcados aos pés os principios que foram generosamente defendidos em heroicas pelejas e gloriosos combates na Ilha Terceira, na Serra do Pilar, em toda a campanha liberal; quem sabe se ele, vendo desprezada a Carta e os elementos que foram a aurora redentora de um povo livre: quem sabe se ele bradaria com toda a veemencia — oh Marquês de Sá da Bandeira, oh Joaquim Antonio de Aguiar, oh Fernandes Tomás, José Estevam, Mousinho da Silveira, oh companheiros do cêrco, trazei comvosco os polacos da Serra, os voluntarios da rainha e caçadores 5, isso basta para darmos uma corrida em tudo isto!

Era um varrer de feira! Talvez uma solução ao problema politico d'este pobre país!»

Eis algumas das palavras ardentes e patrioticas com que o eminente poeta Guerra Junqueiro contribuiu para este opusculo:

«Alexandre Herculano é uma d'essas figuras esculturaes que, antes de desaparecerem em pó, reaparecem em bronze. Ainda vivo, nos ultimos anos, adquirira na penumbra heroica do seu isolamento como que a imobilidade sagrada de uma estatua.

Desde o dia em que, velho leão ensanguentado, se retirou de uma luta sem treguas, que durara quarenta anos, para se ir esconder na benigna e pacificante tranquilidade da natureza, desde esse dia em que para quasi todos começa o esquecimento, começou para Alexandre Herculano a projecção gloriosa do seu genio — a imortalidade. E a sua rude figura valorosa irá sucessivamente aumentando de proporções á medida que for correndo o tempo, esse filtro desapaixonado, que separa a verdade, cristalina, limpida, inalteravel, dos venenos da inveja, das fezes da calunia, da baba hidrofoba dos rafeiros magros e pestilentos.

Para medir a estatura de Herculano será necessário vê-lo de longe, á distancia de um seculo. As grandes montanhas não se vêem ao pé.

*

Vae, espirito sublime, que não cabias em Portugal e cabes em sete palmos de terra! Vae despir no teu sepulcro ignorado os andrajos efemeros com que a Providencia veste as nossas almas imorredouras, e, como uma aguia branca e gloriosa, some-te nessas alturas inacessiveis de onde se não podem ver as grandissimas miserias dos pequenos vermes d'este pequenissimo grão de areia.

E emfim, se os teus compatriotas, á mingua de dor, por um sentimento de ostentação te quiserem levantar um monumento grandioso, já lhe deixas preparado o material suficiente para que o possam fazer ainda maior do que a mais alta das piramides do Egipto. Basta que reunam para isso todas as pedras com que te apedrejaram».

Agora da colaboração em verso. Copiarei, em primeiro logar, da poesia de Vaz Passos estes versos encantadores e sugestivos:

O Centenario de Herculano

«Nem tudo morre, não! a campa guarda os ossos
Mas a alma perdura intacta, altiva e forte,
Través das gerações, mostrando que os colossos
Da Civilização não tombam com a morte.

Quer seja Victor Hugo, ou Sócrates, ou Dante,
Camões ou Galileu, Demostenes ou Goethe
Fuljem perpetuamente em sua obra gigante
Assim como Herculano, assim como Garrett.

Só morre o que não luta, o que passou a vida
Inutilmente a rir, como um satan maldito,
Sem tirar uma ideia á mente escandecida
Para erguer a Babel que suba ao infinito:

— Essa enorme Babel que a humanidade anela,
Assente sobre a luz da arte e da sciencia,
Feita de corações, esmagadora e bela,
E onde brilhe o luar da nossa consciencia.

. . . .

Ha dois polos na vida: um para o que trabalha
E se esforça e constroe alguma cousa nova,
Outro, para o superfluo, — o que teme a batalha,
O que foge da vida e recua da cova!

Herculano, porem, construiu e lutou,
— Espalhou a semente e ela deu-nos o fruto —
Por isso ha-de viver com tudo o que deixou
Numa aureola de amor de um fulgor impoluto».

A contribuição de A. C. Pereira de Carvalho, num soneto, foi esta:

Á memoria do grande poeta e pensador Alexandre Herculano

«Encerra tu num cranio, ó subtil pensamento,
Da primavera a graça, o fino colorido,
Da maior dor humana a essencia de um gemido,
E a triste melodia, o pranto de um lamento;

E ao pessimismo atroz que vem do sofrimento
Ajunta as vibrações de um peito estremecido
O amor que a mãe dedica ao filho seu querido,
Que leva, a fazer ninho, a aguia ao firmamento:

E a luz da madrugada, o fogo da cratera,
A enorme profundeza maxima do oceano,
Da rosa a majestade, a raiva de uma fera;

E tens realizado assim, cerebro humano,
A gloria, o nome, a fama, orgulho de uma era,
O simbolo genial de um povo: — Eis Herculano!».

Por ultimo, deixarei aqui reproduzida a singela mas cativante adesão de José Vitorino Ribeiro:

Varão insigne

«Herculano é o português mais ilustre do seculo XIX. Na sua vasta e trabalhosa obra não se admira só o poder da linguagem, a novidade dos factos, a pureza das ideias: ha aí tambem a fé espiritualizada, a crença mais firme, um profundo sentimento de justiça, uma sensibilidade simplista, que nenhuma sombra obnubila. Filosofo cristão sem submissão aos canones, a sua religião a pautou este monge moderno pelas sublimidades augustas do pensamento e do coração. É mesmo este raro e singular amplexo da alma emotiva e da alma cogitante, o que dá a Herculano a grandeza moral da sua figura de asceta, a um tempo austera e doce, de uma humildade nobre, de uma ternura homerica.

No comum dos homens não achareis nunca a meditação afectiva, o amor e a razão casando-se, e vibrando isocronamente em todos os acidentes do ser. Isto está em Herculano. Na psicologia d'este varão insigne, inegualavel pelo valor do espirito e pela indomita força do caracter, o lirismo e a epopeia fundem-se numa criação unica, que os humanistas jamais sonharam. Vêde como nas paginas da *Historia de Portugal* transluz o luar da *Harpa do Crente*, e como no *Monasticon*, deslisando o romance, avultam anos da investigação paciente dos *Portugaliae Monumenta Historica*.

Esta maravilha humana personifica uma patria».

LXXIII

Sob o titulo *Á memoria de Alexandre Herculano* e com a copia de um trecho do estudo do eminente orador, escritor e poeta, Luis Augusto Rebelo da Silva, nome luminoso que eu sempre escrevo com admiração pelo talento do homem e do escritor, acêrca de Alexandre Herculano, publicou em opusculo elegante, de impressão nitida a duas côres, o Sr. Delfim Guimarães uma poesia dedicada á celebração do centenario.

O trecho de Rebelo da Silva é o seguinte:

«A linha recta, para ele, prefere a sinuosidades que lhe repugnam, e a condescendencias que o ofendem. Se o sol da evidencia por muito forte bater nos olhos a alguem, ou patentear defeitos, que se abrigam na meia escuridade das chamadas conveniencias, tanto pior para os melindres e para os falsos escrupulos!

Perante a consciencia quasi ascetica do homem de estudo e de lisura, a honra é um culto, e não uma palavra. Não se antepõe a nenhuma consideração, qualquer que seja o empenho!».

Da poesia do Sr. Delfim Guimarães permita-se-me transcrever estes belos versos:

Com o vivo fulgor, com essa luz constante
Que só os astros dão, caricioso brilho,
O vulto de Herculano esplende, qual diamante,
No ceu de Portugal, pairando, avassalante,
Sobre o amado país que se honra de tal filho.

Embora a reacção, covarde e traiçoeira,
No seu odio tenaz, busque apoucar-lhe a gloria,
Nada conseguirá essa negra toupeira,
Que vegeta no chão onde mina, rasteira,
Inimiga da luz com que a flagela a historia.

Pode a inveja soez, o despeito, a maldade,
O rancor venenoso, abjecto, de impotentes,
Perante um astro assim, tamanha claridade,
Intentar diminuir-lhe a grande intensidade!...
Os vermes não teem mãos, os sapos não teem dentes!

O vulto de Herculano anda por muito alto.
Por isso a lama vil, — a baba apodrecida
Que alguem lhe ouse atirar, erguendo-se no asfalto,
Sómente vae cair, após mesquinho salto,
Do pigmeu que a bolsou na alma denegrida!

Astro cheio de luz, estrela alvinitente,
Do ceu de Portugal enevoado, escuro,
Tu és como um pendão de lema transcendente,
Nosso guia e farol na noite do presente,
Nosso apoio moral no dia do futuro.

Insufla a todos nós a austera dignidade
Que em teu peito floriu, e o transformou em templo,
E nas lides do bem, nas lutas da verdade,
Na guerra á opressão, em prol da liberdade,
Havemos de seguir-te o abençoado exemplo.

Vela pelo rincão natal, patria querida,
Que te foi berço ilustre e egregia sepultura!
Continua a servi-la ainda alem da vida,
Que a velha e santa mãe, exausta, enfraquecida,
Com lagrimas na voz, te chama e te procura...

Vela, vela por nós, astro resplandecente!
Protege, tutelar, a nossa caminhada,
Que temos de mover uma campanha ingente,
Tentando redimir, num esforço potente,
O corpo a agonizar da nossa mãe sagrada!

LXXIV

Para a festa realizada no Liceu de Coimbra o Sr. Eugenio Sanches da Gama compôs uma poesia, que foi impressa em edição nitida e de luxo.
São d'este poeta os seguintes versos:

Na festa de Herculano

Poetas, que sonhaes buscando a vossa gloria,
Sabios, artistas, vinde emfim todos em massa,
Saudar quem transformou em sua musa a historia
E fez grande o seu nome, engrandecendo a raça!

Deslumbra-nos a vista essa nobre figura,
Que é como um sol maior brilhando entre mil soes,
E seu peito cobriu de uma bronzea armadura
Para poder pensar, sentir como os heroes.

O genio corre a flux. A sua obra é toda
De marmore esculpido em caracteres d'ouro.
....
....

....

Teve de sucumbir o genio de Herculano
Sem alcançar o fim de seu labor sereno;
Esse espirito ingente e nobre e sobrehumano,
Era grande de mais para um país pequeno ...

E descansou por fim dos misticos arrobos,
Longe da vã cidade e suas manhas vis,
Na grave solidão pura, de Vale de Lobos,
Lavrando a terra-mãe, terra do seu país.

Nesse retiro augusto e santo em que morreu,
Gozou a vida sã dum simples camponez,
Para sentir melhor pulsar junto do seu
O rude coração do povo português! ...

LXXV

Da festa realizada de homenagem ao egregio Alexandre Herculano já dei trechos do eloquente discurso do ilustre academico e lente, Sr. Dr. Baltasar Osorio, porem não registei o elegante folheto que a comissão mixta da Escola Politecnica de Lisboa distribuiu aos convidados para essa solenidade.
Na introdução do folheto a comissão mixta pôs o seguinte:

Duas palavras

«A patria portuguesa tinha o dever iniludivel de comemorar o centenario de um dos seus mais prestigiosos filhos.

Nas patrias onde a vida existe ainda, é sempre na academia onde mais vive o amor pela memoria d'aqueles cuja individualidade se impõe á nossa admiração como transcendente modelo. A academia vae provar que Portugal existe ainda testemunhando o seu entranhado amor á memoria de um trabalhador infatigavel, de um caracter lidimo que a encorajará ainda de alem-tumulo nas lutas pelo bem.

A patria cumpre o seu dever, a academia cumpre o seu dever, a Escola Politecnica cumpre-o tambem com a patria e a academia. Mas á Escola é profundamente mais grata esta comemoração porque ela não cumpre só o seu dever de festejar o nome de um grande português, não tem só a alegria de consagrar um caracter, a Escola presta tambem culto á memoria de um amigo muito particularmente querido, á memoria d'aquele a quem em tão grande parte deve a sua existencia, a Escola festeja quasi o seu proprio centenario.

É grave, sem duvida, a responsabilidade da comissão a quem a Escola confiou a missão ardua de ser a realizadora e instituidora das suas manifestações de respeitoso preito á memoria de Herculano; procurámos, como soubemos e pudemos, corresponder a essa confiança como nos cumpria; mas a missão da Escola não terminará ainda porque muito tem a elevar-se a fim que se aproxime d'esse tipo de perfeição quasi ideal que Herculano realizou.

A Comissão mixta da Escola,

Pedro José da Cunha.
João Maria de Almeida Lima.
Rui Teles Palhinha.
Manuel Caiola Bastos.
Rui Pinheiro.
Luis Passos.

PROGRAMA

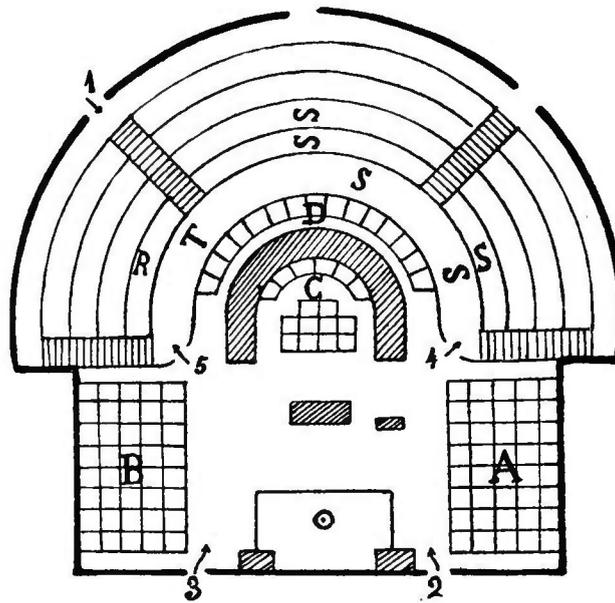
Ás nove horas prefixas abertura da sessão.

Tuna da Escola, sob a regencia de Luis Guerreiro, aluno da Escola:

Hino academico;
Angiolo, *sinfonia*, de Luis Guerreiro;
Duo de la Africana, *selecção*, Caballero.

Descerramento do busto de Alexandre Herculano.
Marcha Triunfal a Herculano, de Silveira Paes, pela tuna.

Discursos:
Pelo lente Sr. Dr. Baltasar Machado da Cunha Osorio;
Pelo aluno Sr. Antonio Pinto Teixeira;
Pelo aluno Sr. Rui Pinheiro (da comissão mixta).

Marcha Triunfal a Herculano, de Silveira Paes, pela tuna.

Distribuição de logares

Entradas:
Publico 1. — Convidados 2 e 3. — Senhoras 2 e 4. — Reporters e tuna 3 e 4.

Convidados:
A — Corpo diplomatico, Ministros e Presidente do Conselho. Presidentes das Camaras dos Pares e Deputados. Representantes da Camara Municipal de Lisboa. Governador civil. General comandante da 1.ª divisão militar. Directores geraes de instrução publica. Lentes e repetidores da Escola.
B — Representantes das sociedades scientificas, escolas superiores e de aplicação. Directores de estabelecimentos de ensino secundario.
C — Comissão executiva do centenario. Comissão do monumento a Herculano. Comissão mixta e secretario da Escola.
D — Representantes da comissão academica e do «comité» da imprensa.

Logares reservados:
T — Tuna da Escola Politecnica. S — Senhoras. R — Reporters.

Depois o folheto publica uma nota relativa á criação da escola, que veio do Colegio dos Nobres, e aos esforços que fizera Alexandre Herculano para que ela se conservasse e desenvolvesse consoante com o engrandecimento que iam tendo as sciencias, o que com efeito conseguiu.

LXXVI

Um grupo de estudantes da Universidade de Coimbra pediu ao Sr. Bispo-Conde que celebrasse na sé catedral uma cerimonia religiosa, ao que acedeu, proferindo nesse momento, como costumava, uma breve alocução, que mandou imprimir na imprensa do mesmo instituto scientifico. Dela transcrevo as seguintes palavras, que são de sincero preito á memoria do egregio historiador:

«Vimos aqui para vos saudarmos com o afecto e amor que temos por vós todos, e para vos dizermos que tem sido de grande gozo e consolação para nós estes dois dias. Hontem, porque, indo, como fomos, celebrar a primeira missa num altar da igreja de Santa Cruz, celebrámos com grande alegria uma festa da religião e da arte, porque tem sido sempre uma e outra a maior ocupação da nossa vida, e o maior encanto e maior prazer do nosso coração; e hoje, porque noutra festa embora bem diferente, mas que muito lisonjeia o nosso orgulho de português e patriota, vimos tambem, a pedido da academia de Coimbra, e como testemunho da nossa estima por ela, e do nosso respeito e afecto pela Universidade, celebrar aqui tambem o santo sacrificio da missa por alma de um português que na literatura de Portugal foi o maior *inter natos mulierum* do seu tempo; e que pelas culminações do seu talento, pelo prodigio do seu trabalho, e pela inquebrantabilidade do seu caracter, sempre austero e brioso, bem merece da patria, e de todos aqueles que tanto festejam hoje o seu centenario nesta nossa querida Coimbra, onde tanto disputam primazias o culto da religião e o culto de Minerva, a pratica das virtudes cristãs, a ilustração e a boa indole dos seus habitantes, e a amenidade e doçura do seu clima.

Nós louvamos muito a respeitavel academia de Coimbra, e bem digna é ela dos nossos louvores, porque nada concorre tanto para levantar o amor da patria, como o pôr-lhe sempre diante dos olhos os exemplos d'aqueles, que no mesmo mais se distinguiram pelos fulgores do seu genio, e pelo brilho e esplendor das suas virtudes; e jámais foi tão necessario como agora este levantamento dos brios portugueses para sairmos d'estes egoismos politicos e individuaes que nos consomem e esterilizam, e d'esta vergonha nacional que nos desalenta e retrae para tudo».

LXXVII

O Sr. Eduardo Moreira coordenou e anotou, em opusculo de 14 paginas de 8.º grande, alguns trechos escolhidos de Alexandre Herculano. Foram impressas de conta da livraria evangelica. A pagina 12 depara-se-me o trecho de uma carta

endereçada ao Visconde de Santa Monica a proposito da protecção que podia conceder-se a um sacerdote repelido por intrigas dos jesuitas.

É o seguinte:

«Meu amigo. — O portador d'esta é um padre que teve a felicidade de acreditar que a existencia da igreja catolica era conciliavel com a existencia da liberdade. Caiu no grande erro em que cairam Chateaubriand, Lamartine, Mont'Alembert, Ventura de Raulica e tantos outros mais obscuros, entre os quaes se conta este seu criado que se fartou de dizer tolices a tal respeito. Veio porem o — Sillabus — e pôs a cousa no são. Agora já todos sabemos em que lei havemos de viver.

Mas o padre tinha dado com a lingua nos dentes; estava convencido das suas ideias e teimou.

Perseguiram-no, como era de razão. O padre defendeu-se e bem; deixaram-no. A santa madre igreja tem isso: agacha-se quando lhe viram o dente. Cuidam alguns que é medo; enganam-se. É para começar os trabalhos de sapa.

A *Companhia de Jesus*, hoje sinonima de santa madre igreja, tem uma jerarquia interna que nem sempre corresponde á jerarquia oficial. No fundo da escala estão os que teem olhos no corpo sem que todavia os tenham na alma. Serve esta especie de animaesinhos de Santo Inacio para aqueles trabalhos subterraneos que se vão abrindo debaixo dos pés dos malditos da dita igreja ou sociedade. Ora o meu padre concorre a um beneficio da sé de Lisboa. Do respectivo prelado e seus acolitos não tem ele a esperar senão guerra. Se eles são irmãos toupeiras ou não, melhor o sabem aí na secretaria, porque lhes teem lido as producções. Que em todo o caso o padre ha-de ser minado, isso é de fé. Agora o que eu peço ao meu amigo e virtualmente ao meu infeliz colega lavrador a quem vestiram o fardalhão de ministro, é que, se perceberem bicho debaixo dos pés do padre, vão devagarinho com o tacão da bota e apertem sem dó. Não peço mais do que isto.

....

Adeus. Receba um abraço do seu velho

Herculano».

LXXVIII

Deixarei ainda nestas paginas mais uma carta do grande Mestre. Era de caracter intimo e não posso dar o especime fotografico porque não a possuo. Tenho aqui apenas a copia, de que me sirvo. Veja-se o que ele, o egregio cidadão, era no seu viver intimo. Alegra-me poder acumular, no tomo presente, tantos documentos preciosos para tornar autentico o que tenho podido transcrever.

A carta, que vae ser copiada, fôra endereçada a um amigo particular, José Candido dos Santos, já falecido, com quem Alexandre Herculano mantivera relações afectuosas.

«Lisboa, 7 de janeiro de 1872. — Il.^{mo} Am.^{o} e Sr. — Recebi o seu favor de ante-ontem, a que me foi impossivel responder ontem, e ainda hoje só posso começar a fazê-lo ás tres da tarde, porque, aqui, o meu tempo não sou eu que disponho d'ele, mas são os outros. É o que me não sucede em Vale de Lobos. Vejo o que me conta acêrca das

criadas. Eu avalio bem o que elas são. Mostrei á Mariana a sua carta para que fizesse juizo acêrca da Adelaide. Abstive-me de reflexões porque julgo este sistema melhor. É por isso que tambem lhe peço não se mostre sabedor quando for a Vale de Lobos da historia das soldadas. Estou persuadido de que a Adelaide não conta nada á Mariana, e esta, que não ignora o que se passou, ha-de convencer-se a si propria d'essa deslealdade. Isto é mais eficaz. O coração humano é assim. Se somos nós mesmos que na nossa consciencia nos convencemos de que nos enganámos, o nosso amor proprio não sofre: se são os outros que nos convencem, o amor proprio mortifica-se, e muitas vezes isso leva-nos a fechar os olhos á verdade. Se V. S.ª mostrar que sabe o que se passou, as duas são bastante ladinas para logo acusarem a outra quando chegarmos.

Quanto ao moço, aquilo de que, reflectindo, me persuado é de que, os roubos no peso da carne eram do cortador. Desde que o parvo se tornou dependente d'ele levando carne fiada, o cortador estava seguro de que ele não poderia queixar-se de mau peso, nem abrir olhos para ele. Fiou a carne ao moço calculando já isto mesmo; porque é absurdo imaginar que tendo lá ido buscar carne tantos moços de Vale de Lobos e por tanto tempo com o dinheiro na mão, só agora por um moço novo e desconhecido, sem bilhete nosso nem sinal algum, se lhe mandasse buscar fiada. Foi excelente mandar o moço ao diabo, mas não será menos excelente mandar tambem o cortador, e ao mesmo tempo mudando de açougue preparar o caminho para o negocio que sabe.

O Francisco justamente no dia em que partimos, quando eu lhe estava fazendo recomendações a respeito das cousas de casa, contou-me, que a velhota lhe mandara pedir que quando fosse a Santarem lhe falasse. No domingo, indo á cidade, foi efectivamente falar-lhe. A cousa era para lhe dizer que durante a nossa ausencia nos banhos o grande desfalque que houve no vinho fôra porque as duas (Jacinta e Adelaide) o iam buscar e vinham depois tentá-la, o que a levara a associar-se áquele extraordinario consumo (que efectivamente achei) e que por isso o queria prevenir para o caso de outra ausencia nossa. Deixo á sua perspicacia apreciar o engraçado d'esta tardia revelação. Se ele tinha mais alguma cousa que me dizer da Adelaide, não sei. O medo de eu o dizer, eu lh'o tirarei. Hei-de prevenir ou remediar o que for necessario com circunspecção e sem ofender a dona da casa. Ela deve persuadir-se de que nunca se pode comprometer comigo por cumprir o seu dever.

Quanto a sua Ex.ᵐᵃ irmã, eu por vantagens nenhumas d'este mundo consentiria que V. S.ª a levasse a ir ser guarda das nossas cousas em Vale de Lobos. Ha cousas que quando mesmo uma senhora se oferece para elas não nos é licito aceitar. Por duas, tres ou quatro libras que possamos perder, eu não consentiria que ela deixasse a tranquilidade da sua casa para ir aturar aquela canalha de Vale de Lobos. Já não falo nas carrancas e ditos da Piedade, que sempre se oferece para tomar conta d'aquilo emquanto estivessemos ausentes, o que sempre temos recusado.

É possivel que antes de eu ir apareçam aí uma porção de arvores para mim remetidas do Ministerio de Obras Publicas pelo Moraes Soares. Se aparecerem e ao mesmo tempo alguma carta para mim que lhe pareça conter a guia, peço o favor de a abrir e de remeter logo as arvores para Vale de Lobos com ordem para as abacelarem.

Não sei ainda quando irei. O negocio das vacas gorou-se pelas informações que tive, por isso não mandei vir o Antunes. Dizem-me que para fevereiro ha esperanças de estarem mais baratas. Terei de voltar

cá nessa conjuntura por causa do imperador, e então veremos o que se poderá fazer.

Desejo que a saude em sua casa não tenha sofrido quebra, e peço faça presentes os nossos respeitos á Ex.ma Sr.a D. Maria José.

De V. S.a Am.o Obg.mo, *Herculano*».

LXXIX

Na Sociedade Scientifica de Lisboa, sob a presidencia do Sr. Dr. Ferreira Ribeiro, realizou-se uma conferencia para a qual fôra convidado o Sr. Dr. Carneiro de Moura, mui apreciado pela sua vasta cultura e brilhante erudição. O presidente, tendo como secretarios os Srs. Sousa Leal e Eduardo Betencourt Ferreira, apresentou o ilustre conferente com palavras entusiasticas e elogiosas e concedeu-lhe a palavra.

Eis como foi a eloquente e calorosa oração do Sr. Dr. Carneiro de Moura, segundo as breves e palidas notas que tenho presentes:

«Nas sociedades modernas, a evocação civica do valor individual e social dos cidadãos é um dos maiores factores revolucionarios e educativos.

Camões, Pombal, Garrett e Herculano são individualidades dignas de serem apresentadas ao povo português como exemplos de grandeza humana. Ha duas classes de homens de luta: os que procuram engrandecer o valor do individuo, e os que procuram engrandecer o Estado.

Os primeiros teem feito as grandes revoluções e a civilização na sua forma dinamica. São Aristoteles, Bacon, Lutero, Newton, Voltaire, Tomás de Aquino, Camões, Herculano. Cristo foi o inspirador sublime d'estes homens de combate.

Os homens que procuram engrandecer o Estado, não teem individualidade: são oportunistas e a sua memoria esbate-se no anonimo valor dos que acompanham a forma estatica da civilização.

Alexandre Herculano foi a favor do individuo contra o estado. Individualista em economia politica, defendeu a educação popular, o valor dos municipios, as vantagens da cooperação por caixas economicas ruraes, e amou sobre tudo a liberdade individual e civica.

Na *Historia de Portugal,* amesquinhou a magia tradicional da origem sobrenatural e milagrosa do Estado das chamadas Côrtes de Lamego, e pôs em relevo a acção do homem livre, dos municipios.

Na *Historia da Inquisição,* elevou o espirito da liberdade individual, e fez execrar o poder fanatico dos sectarios das teocracias, a origem do dogma reaccionario da omnipotencia metafisica do Estado.

No *Monasticon,* pretendeu Herculano sugestionar na alma popular a grandeza do valor e da independencia do homem, escravizado aos preconceitos da igreja prepotente e do Estado absorvente.

O valor dos homens de luta que pretendem elevar o individuo é infinitamente superior ao valor dos homens que se colocam submissamente ao serviço do Estado, acomodaticios, oportunistas, e as mais das vezes reacionarios.

Por isso ninguem sabe quem sejam esses 785 portugueses que, durante o regime constitucional, foram ministros, e os 2:540 pares do reino cobertos de arminhos durante os ultimos oitenta anos, excepção

feita de Mousinho da Silveira, Passos Manuel e poucos mais. E Mousinho e Passos Manuel ficaram lembrados porque lutaram pela liberdade individual, e foram, mesmo como ministros, formidaveis revolucionarios.

Alexandre Herculano foi grande porque foi educado na escola historica de Thyerry, de Mommsen, de Buckle, de Macaulay, de Lafuente; porque foi inspirado na filosofia de Kant, porque foi proselito dos economistas revolucionarios da escola de Quesnay e de Ricardo, porque iluminou o seu espirito na inspiração agitadora do romantismo de Goethe, de Byron, de Manzoni e de Victor Hugo.

Por isso a figura de Herculano é recordada com grandeza, ao lado da turbamulta de desconhecidos, que no seu tempo ocuparam os grandes logares do Estado que Herculano desprezou.

As sociedades modernas carecem de celebrar os grandes cidadãos que lutaram pelo engrandecimento do individuo, contra a prepotencia das castas do Estado. É esta a feição gloriosa do nosso tempo, engrandecer pela democracia e pela liberdade todos os que trabalham».

Aos aplausos com que a assembleia coroou a interessante conferencia do Sr. Dr. Carneiro de Moura, juntou o Sr. Dr. Ribeiro as felicitações e os agradecimentos da Sociedade Scientifica de Lisboa.

LXXX

Foi tambem muito brilhante e muito concorrida a sessão comemorativa realizada no Ateneu Comercial de Lisboa, em homenagem a Alexandre Herculano, presidindo o Sr. Apolinario Pereira, tendo como secretarios os Srs. Januario de Almeida e José Fragoso.

Declarando aberta a sessão o presidente aludiu aos intuitos d'aquele solene acto comemorativo dedicado á memoria do egregio historiador Alexandre Herculano, e disse

«... que o Ateneu Comercial tinha o dever de associar-se ás festas do centenario de Herculano, pois que esta colectividade nasceu justamente da celebração de um centenario: o centenario de Camões. Depois apreciou a obra de Herculano e sobretudo o caracter moral do grande escritor, dizendo que ele nos deve servir de exemplo, agora que os caracteres tanto rareiam. Terminou lendo trechos das obras de Herculano».

Seguiu-se no uso da palavra o Sr. Mont Diezzi que, apreciando tambem a obra de Herculano, tratou de justificar a consagração que neste momento se está fazendo á memoria do grande historiador.

Falou depois o Sr. Alberto Craveiro que apreciou Herculano como reformador literario, comparando-o a Martinho Luthero, e apreciando ao mesmo tempo a obra de Castilho e Garrett, contemporaneos de Herculano.

O Sr. Roberto Passos, que teve a seguir a palavra, apreciou Herculano como sociologo, dizendo que quem escreveu o *Casamento civil*, a *Voz do Profeta*, o *Eurico*, *O Monge de Cister*, etc., é, incontestavelmente, um sociologo. O orador foi de opinião de que, em vez de sessões solenes e comemorativas, se deviam de preferencia realizar sessões contraditorias, onde estes pontos se debatessem.

O Sr. Lourenço Loureiro leu um bem elaborado trabalho, tendente a demonstrar que Herculano foi um colectivista.

Os Srs. Silva e Sousa e Teofilo de Abreu, alunos da aula de português, fizeram ligeira critica de Herculano e leram varios trechos das suas obras.

O presidente encerrou os seus trabalhos, pondo em relevo a significação da festa acabada de realizar, agradecendo a comparencia das senhoras, do professorado do Ateneu, da imprensa, etc. Terminou pedindo aos socios que animassem os corpos gerentes a proseguir na sua benemerita cruzada.

Todos os oradores foram muito aplaudidos.

No intervalo dos discursos um sexteto executou, com muita perfeição, varias peças de musica.

Esta solenidade terminou á meia noite e um quarto.

LXXXI

O centenário do egregio historiador e publicista Alexandre Herculano foi celebrado com o maior entusiasmo e as mais ardentes manifestações de simpatia no Brasil, sobretudo nas cidades onde o elemento português se tem aliado fraternalmente ás classes predominantes e intelectuaes brasileiras, que compreendem bem o alcance e a importancia da perfeita aliança de brasileiros e portugueses, de nações irmãs, falando a mesma lingua e aquecendo-se ao grande calor que vem das estrofes dos seus maiores poetas.

As gazetas do Estado de S. Paulo trouxeram pormenores das festas realizadas ali para comemorar o centenario. Os nossos irmãos do Brasil não deixaram passar esta ocasião de manifestar com brilhantismo os laços de amizade fraternal que os prende aos portugueses.

Nas festas, que se realizaram com o maior brilhantismo e que a imprensa brasileira regista com louvor, entrou com o maior e mais sincero entusiasmo o elemento academico, para responder ao convite e ao apelo da academia conimbricense, incansavel na sua propaganda patriotica.

Começaram no dia 28 de fevereiro, por uma cerimonia religiosa na Sé catedral pelo reverendo arcediago Dr. Paula Rodrigues, á qual assistiram o pessoal da faculdade de direito, as autoridades, os estudantes da faculdade e dos demais institutos de ensino publico e particular, etc.

Depois seguiu-se a sessão solene na faculdade de direito, presidindo o Sr. Dr. Dino Bueno, extraordinariamente concorrida, vendo-se ali grande numero de damas trajando com primor.

Falaram o presidente, e os Srs. Dr. Rafael Correia da Silva, lente; Dr. Estevam de Almeida, advogado; Dr. Freitas Guimarães, membro da Academia de Letras, etc., referindo-se todos á vida e á obra gloriosa do egregio historiador e sendo todos muito aplaudidos.

Em seguida, terminada a sessão solene, organizou-se longo cortejo de carruagens e automoveis para ir ao Largo de S. Francisco e Praça Alexandre Herculano inaugurar a lapida comemorativa no predio do Sr. comendador Norberto Jorge. Nessa lapida, que é de bronze, fôra mandado lavrar o seguinte:

> «Praça Alexandre Herculano — Lembrança da grande comissão popular e academica promotora das festas do centenario de Alexandre Herculano. — 28-III-1810 — 28-IV-1910».

Quando era descerrada a cortina, que encobria a lapida, assomou a uma das janelas da residencia do Sr. comendador Norberto Jorge, o apreciado advogado, Sr. Dr. Armando Prado, o qual proferiu um discurso de apologia, apreciando o egregio literato português, como historiador, politico e romancista, demonstrando as suas altas faculdades e a nobreza do seu caracter.

Falou depois, com igual entusiasmo e nas mesmas ideias elevadas para o cidadão eminente de quem se fazia aquela apoteose, o Sr. Dr. Leopoldo de Freitas.

A praça Alexandre Herculano estava cheia de populares e academicos, que deram repetidas palmas aos oradores.

À noite houve representação de gala no Teatro de S. José, que foi extraordinariamente concorrida. A sala do espectaculo estava ornado com flores, palmas e bandeiras.

O governo autorizara a suspensão das aulas nesse dia, o que mais entusiasmou a classe academica.

Nos anaes do Estado poderão inscrever-se com letras de ouro todos os pormenores d'essas festas que tanto honraram brasileiros e portugueses».

LXXXII

Na longa viagem de estudo do cruzador português D. Carlos, um dos oficiaes de bordo teve o encargo, de que obsequiosamente se desempenhou com realce, de enviar para o *Diario de Noticias*, de Lisboa, informações regularmente publicadas nesse periodico de grande circulação. Durante a permanencia do cruzador no Rio de Janeiro o comandante e a oficialidade receberam muitos convites para diversas solenidades e uma se realizou no Gabinete Português de Leitura em homenagem a Alexandre Herculano. Eis como a descreveu o correspondente citado e o que deixou em todos a mais grata recordação:

«A sessão com que o Gabinete Português de Leitura festejou o centenario de Alexandre Herculano, e a que assistiram, por convite especial, o comandante e a oficialidade do cruzador D. Carlos foi por certo uma das mais brilhantes que ali se realizou.

Antes, porem, de me referir a essa simpatica festa, devo dizer algumas palavras sobre o belo edificio onde funciona o Gabinete Português de Leitura.

É um elegante e espaçoso edificio, de estilo manuelino, situado na Rua Luis de Camões.

Subindo as escadas e entrando no atrio, encontra-se á direita um gabinete aonde se guardam preciosidades de subido valor historico, como são: duas estantes com a colecção camoneana, que se reputa a mais completa do mundo; um cofre com uma luxuosissima edição dos Lusiadas; um baú de couro «repoussé» com fechos de metal amarelo, em que D. Pedro IV trazia a roupa quando veio ao Rio de Janeiro; um quadro de Malhoa representando o Infante D. Henrique na baía de Sagres. Num gabinete á esquerda, uma mesa com o livro para a inscrição dos visitantes e um belo quadro representando a morte de Camões.

Passado o atrio, entra-se no salão, que é vasto, tendo 23^{m},5 de altura; é formado de galerias em volta, cujas paredes são cobertas de estantes, cheias de livros, em numero de 66:000 volumes.

As colunas que suportam as galerias são de madeira, talhadas em estilo manuelino, suportando em cima uma cupula formada de magnificos vitraes policromos, dando todo este conjunto um ar de magestade, digno de reparo. Em baixo, ha na frente uma especie de palco, que serve para as sessões solenes, tendo na frente o busto em bronze de el-rei D. Carlos. Ao lado, a tribuna para os oradores.

Na parte posterior do palco, entre as bandeiras portuguesa e brasileira, o retrato de Alexandre Herculano, a quem naquela noite, em sessão solene, se prestava homenagem.

Presidia á sessão o nobre Conde de Selir, que tinha á direita o representante do presidente da republica e o conselheiro Alvaro Ferreira, e á esquerda o venerando Visconde do Ouro Preto e o comendador Campos Amaral, presidente do Retiro Literario Português.

A sala encheu-se de senhoras e cavalheiros, apresentando-se o comandante e os oficiaes do *D. Carlos* de grande uniforme.

Aberta a sessão, foi dada a palavra ao Conde Afonso Celso, filho do nobre Visconde do Ouro Preto, que seguiu para a tribuna dos oradores.

Aí, com um brilho de linguagem pouco vulgar, em frase empolgante e eloquente, encantou por espaço de quarenta minutos o auditorio, que por vezes o interrompeu, enlevado pelas belezas de linguagem, ao analisar o talento e o caracter de Alexandre Herculano.

Não permite esta cronica dar a sumula do empolgante discurso, em que prestou completa e justa homenagem ao notavel escritor; mas devo dizer que foi um dos mais notaveis que me foi dado ouvir, terminando no meio de delirantes aplausos.

O Sr. Conde de Selir, tomando a palavra, recorda-se da referencia feita pelo Conde Afonso Celso, no seu discurso, aos outros homens notaveis do seculo XIX, entre os quaes figura a personalidade de Alexandre Herculano, diz não poder encerrar a sessão sem aditar a esses vultos como brasileiro e ali presente — o Visconde de Ouro Preto.

Essa delicada referencia do Conde de Selir foi recebida com estrondosas palmas pela numerosa assistencia.

Toda a oficialidade do *D. Carlos* trouxe d'esta festa a mais grata e inapagavel recordação».

LXXXIII

Falta-me registar o notavel elogio historico que o socio efectivo da Academia das Sciencias de Lisboa, professor, estadista, critico, orador e poeta, Manuel Pinheiro Chagas, leu na sessão solene do mesmo instituto scientifico em comemoração de Alexandre Herculano. É uma peça eloquente em que lampejam com desusado brilho os supremos dotes de estilista que exornavam aquele talentoso literato e academico, que tanto honrou as letras nacionaes.

Essa solenidade realizara-se no dia 15 de junho 1890 com a extraordinaria e brilhante concorrencia do costume.

Do elogio, que tem o seu logar nas *Memorias* academicas, fez-se tiragem separada em 4.º de 22 paginas. Sirvo-me d'ela para transcrever os seguintes deliciosos trechos da alta e sincera homenagem prestada por Pinheiro Chagas á memoria do egregio varão. Ler-se-hão com prazer.

*

* *

«O espirito de Herculano, amadurecido por um estudo precoce e incessante, formou-se para a compreensão das leis historicas e das leis sociaes, na rude escola das lutas e das amarguras da liberdade. Esse periodo tumultuoso foi o cadinho onde se refundiram todos os elementos da vida portuguesa, onde se retemperaram as fibras do nosso organismo e de onde saiu, pelo menos por algum tempo, purificada e forte a alma nacional. Essa alquimia do exilio e da batalha transmudou os metaes mais grosseiros no oiro virgem dos novos tempos. O Portugal decrepito, que aquecia as suas mãos engelhadas ao calor dos autos de fé, e esbrugava as contas dos rosarios fradescos, viu ao longe a sorrir-lhe o candido vulto da Liberdade, e, como o Fausto da lenda ao ver na penumbra do sonho a loira imagem de Margarida, rejuvenesceu por magico esforço, e reapareceu em todo o esplendor da sua mocidade. O periodo d'essas lutas viris é d'aqueles que nunca mais esquecem aos homens que os atravessaram. Herculano não o esqueceu, e no meio das agitações, e dos desalentos, e dos desenganos, que se seguiram a uma epoca tão viçosa de esperanças, sentiu sempre pulsar o coração com orgulho ao lembrar-se d'esses dias radiosos, que eram todos aurora, por mais que procurassem ensombrá-los o exilio e a morte, e em que cantavam, no peito de todos esses rapazes, como no peito de uma ala de namorados, de namorados de uma regia criança, e de namorados de uma ideia consoladora, todas as aves d'essas alvoradas que iluminam por vezes a historia de um povo e a historia da humanidade.

Nas fileiras d'esse exercito heroico, confundidos na promiscuidade do perigo, encontram-se os elementos do batalhão sagrado da inteligencia portuguesa. Encostado ao seu soquete de artilheiro, modula José Estevam pelos ecos do canhão a voz vibrante e eloquente que ha-de dominar depois as refregas parlamentares; Garrett aproveita o intervalo entre duas batalhas para colher nas tradições nacionaes a casta flor da sua poesia; Passos Manuel estuda tranquilamente, ao som do bombardeamento que parece saudar o triunfo quasi indubitavel da força bruta e despotica, as reivindicações do direito popular; Herculano encosta a um canto a sua espingarda ainda fumegante para ler com sofreguidão, nos livros comprados com os magros ceitis do exilio, as revelações das leis historicas que presidem á civilização. Ao longe ouve-se o psalmear roufenho da fradaria fanatica e Joaquim Antonio de Aguiar sorri-se á imprecação estulta da plebe fanatizada e Mousinho da Silveira redige, pensativo, no seu gabinete de ministro, os decretos que a emancipam, o tinir das cadeias que agrilhoam nos ergastulos do despotismo os martires do pensamento; e Sá da Bandeira sonha, impavido e tranquilo no meio do temporal da batalha, com a sua radiosa visão da Liberdade a despedaçar, em toda a terra portuguesa, as portas de todas as masmorras e as algemas de todas as escravidões.

Todo esse grupo, heroico, ardente, esse grupo de soldados e de pensadores, trazia do exilio a religião da Liberdade. Esse novo culto iluminara-lhes as consciencias, dera-lhes uns novos ideaes, fizera d'eles não uns revolucionarios, mas uns apostolos, que vinham pregar a Boa Nova, e refundir completamente nas suas crenças, nas suas tradições, e no seu espirito, a sociedade portuguesa.

*

* *

Portugal recuperara a liberdade, e a heroica legião, que lh'a trazia, trazia-lhe tambem todas as conquistas do espirito moderno — os novos ideaes e as novas aspirações. Garrett já no exilio soltara o seu grito de independencia literaria contra os *aureos numes do Ascreu*, retemperara na agua corrente da inspiração popular o seu estro imortal, colhera piedosamente essas flores, que viçavam desprezadas entre as brenhas quando os poetas não queriam para os seus ramalhetes a Chloris senão as rosas dos regrados jardins do seculo XVIII Herculano ia imergir-se no estudo do viver ignorado do povo, que ninguem conhecia quando a historia era apenas o baixo-relevo em que figuravam no mesmo plano os personagens que a compunham. Garrett estudava na canção da camponeza que brotava nos labios risonhos a formação ingenua das lendas nacionaes; Herculano decifrava pacientemente nos foraes, escritos tantas vezes com sangue, a formação laboriosa do direito popular. Com os raios do luar de junho tecidos pelas mãos das moiras encantadas, com o perfume das violetas que as fadas lhe colhiam, com o murmurio das fontes em que ele escutava os carmes legendarios, com o sopro da aragem que lhe trazia o eco dulcissimo das velhas trovas, urdia Garrett o fino trama encantador da *D. Branca* e da *Adosinda*. Com o gemer do vento nos claustros solitarios, com os murmurios que se erguiam do côro espectral das gerações oprimidas, cujos protestos se tinham imobilizado nas palavras delidas dos velhos pergaminhos, com o tinir das espadas que ele ouvia vagamente á noite quando estacava absorto diante da Batalha, com o rouco estampido das vagas do Oceano que se quebravam nos fraguedos da Arrabida, é que Herculano compunha esses poemas de dor e de protesto que se chamam *Eurico* e o *Monge de Cister*. Foi com os cabelos de ouro das fadas que teceu Garrett o verso dos seus poemas, foi com o bronze das armaduras que Herculano fundiu a prosa dos seus romances. Um e outro cinzelam com imortaes lavores a lingua portuguesa: Garrett porém o que recorta são as rendas tecidas pelas filhas da beira-mar, o que Herculano rendilha é a pedra que os canteiros medievaes desbastavam na Batalha. Teem ambos a grandeza do oceano, mas num é o oceano que geme em noites amorosas, reflectindo o luar, e acompanhando o canto triste e doce do barqueiro que passa, no outro é o oceano que ruge, quebrando na penedia e iluminado pelo relampago. Um tem a harpa dos eolios, o outro a harpa dos profetas. Tomando quasi a mesma epoca, Garrett escreveu o *Arco de Sant'Anna* e dourou com um sorriso a quadra severa de D. Pedro o Cruel, Herculano escreveu o *Monge de Cister* e carregou com tinta mais severa a quadra risonha de D. João I. Se tivessem de refazer o poema de Camões, Garrett escreveria o episodio dos *Doze de Inglaterra*, Herculano o episodio do *Adamastor*. Quando ambos se riem, um tem o riso festivo das *Viagens na minha terra*, o outro o riso meio grave do *Paroco de aldeia* com o seu melancolico prologo E ambos representam assim duas feições bem caracterizadas da alma portuguesa; um no que ela tem de mais feminino, de mais lirico e de mais sorridente, o outro no que ela tem de mais varonil, de mais epico e de mais austero. Se em duas montanhas portuguesas quisessemos simbolizar estas duas eminencias da nossa literatura, um seria Cintra com a verdura a alcatifar-lhe os fraguedos, e o elegante castelo regio a desenhar-se nas cumiadas, o outro a serra da Arrabida, rude, imponente, grave, entre o mosteiro e o mar.

O mosteiro e o mar! Os dois simbolos supremos do genio de Herculano! Triste e religioso como o convento em ruinas que se ergue na solidão com a cruz mutilada na frontaria, grande e imaculado como o oceano que se levanta altivo e cospe na face dos rochedos a sua espuma sem nodoa; cheio de piedosas saudades como o claustro em cujas lages tumulares projecta á noite o luar a sua luz silenciosa, cheio de aspirações audazes como o mar que atira ao ceu em doidas convulsões as vagas bramidoras! Na sua obra sublime passam as figuras ideaes dos monges, o doce vulto do presbitero campestre, viçam como palidas flores do adro as lendas e as tradições cristãs, mas ouve-se tambem o clamor confuso da humanidade na sua luta constante contra o despotismo, que foi muitas vezes uma das incarnações da igreja; vibram na sua voz os ecos de dois orgãos, o orgão legendario do solitario templo, que á meia noite acorda tocado por mãos invisiveis de espectros romanticos, e o orgão rugidor das vagas em que só paira a mão do vendaval. O seu estilo tem a unção religiosa do santuario e as coleras viris do oceano: tumultuam no seu espirito as inspirações da fé e as revoltas da ideia; os seus dedos ferem a *Harpa do crente* e a harpa do pensador; e, se curva o joelho na sombria nave onde projecta luz mortiça a lampada que vela aos pés do altar, a sua alma eleva-se a Deus nas asas da livre oração do oceano, que muitas vezes sacode hereticamente, como as vagas do mar de Tiberiades a barca de S. Pedro, mas em cujas ondas aplacadas resvala sempre, voltando o rosto severo para os apostolos que o não compreendem, o vulto sereno de Jesus.

Na grande figura de Herculano ha duas individualidades que á primeira vista parecem contraditorias e que se completam comtudo uma á outra, a do poeta e a do pensador, a do scismador que escreveu o prologo do *Paroco de aldeia* e a do atleta que escreveu o prologo da *Historia da inquisição*. Poeta, enlevou-se na contemplação das ruinas, impregnou-se na mistica tristeza dos claustros arruinados, pediu á fé as suas inspirações sublimes, e á harpa do psalmista as suas doloridas vibrações.

O cristianismo é a religião dos grandes, dos tristes e dos bons, e Herculano era bom, grande e triste. A grandeza austera e biblica do elemento semitico do cristianismo casava-se bem com a rude grandiosidade do seu espirito; a doçura feminina do vulto de Jesus fazia vibrar no mais recondito da sua alma boa e pura como a de uma criança as cordas da sua sensibilidade nativa; e a tristeza das velhas catedraes, a melancolia do cantar do orgão, o chorar dos sinos por noite velha na quebra das serranias, a dolorosa atitude do crucifixo mutilado, as saudades dos ascetas expulsos do seu asilo de paz, tudo quanto ha de triste e dolorido nessa religião que vae afrouxando nas almas combatidas pelos vendavaes do espirito moderno, atraíam de um modo indefinivel esse homem, que amava do fundo da alma a solidão, como a amam os grandes pensadores, que são tristes inevitavelmente. A tristeza é a essencia do pensamento, mas só nos grandes espiritos, como a amargura é a essencia das aguas, mas só no grande oceano.

*

* *

O espirito religioso, no que ele tem de mais elevado e mais puro, é um dos grandes caracteristicos do grande movimento literario e so-

cial de que foi Herculano no nosso país o mais nobre representante. Tem-se querido ver nesse facto um movimento de reacção contra o espirito revolucionario. Não é. Como a liberdade de exame e de critica no seculo XVI fôra procurar o cristianismo ás suas fontes mais remotas para o opor ao cristianismo dos papas, a liberdade de pensamento e de consciencia no seculo XIX ia procurar o cristianismo exuberante da idade media para o opor ao cristianismo seco e dogmatico dos jesuitas e da inquisição. Foi a igreja que mais uma vez tratou como schisma e como heresia estas aspirações, que pediam de novo a Jesus que trouxesse ás almas sem fé e sem esperança a consolação da sua palavra. O mundo, como saira do seculo XVIII, erguera de novo altares, como a Grecia, ao Deus desconhecido, mas S. Pedro permanecia na sua fé estreita, e S. Paulo não tinha sucessores.

Por isso dentro em pouco se encontra aqui Herculano excomungado, em França conspurcado Michelet, e um e outro em luta aberta e implacavel com a igreja, em cujas torres eles tinham querido pousar, enlaçado com a cruz, o ideal das suas almas de pensadores e de poetas!

O amor que eles tinham ao cristianismo vinha do amor que eles consagravam á idade media. Herculano foi acima de tudo um medieval. Era essa a tendencia justissima da grande revolução literaria e politica do tempo. Entendiam que a Renascença do seculo XVI, como a tinham adulterado os concilios e os tronos, atrofiara o desenvolvimento organico das literaturas, das nacionalidades e das instituições. Os barbaros tinham trazido do norte a independencia das suas leis, o cristianismo trouxera das catacumbas a liberdade das suas crenças, e o direito romano trouxera os dogmas do despotismo, como o cristianismo de Loiola a escravização das consciencias. A fantasia popular produzira os Romanceiros, essas fragmentadas Iliadas, o genio colectivo das corporações arquitectonicas fizera as catedraes exuberantes, esses Romanceiros da fé, que fazem correr nos frisos e nas laçarias como que as aladas estrofes da lenda, e imobilizam nas altas colunas que se arrojam ao firmamento as melodias suplicantes do orgão. A democracia na politica produzira os concelhos quási autonomos com os seus altivos foraes, a democracia na religião produzira as ordens mendicantes, que tinham tambem os seus foraes na consciencia, de onde podiam sair as heresias audaciosas, e a tudo isto viera o seculo XVI substituir a epopeia artificial devida, não á inspiração que fizera as *Iliadas*, mas á imitação servil dos modelos alexandrinos, a igreja imponente e fria que rapidamente desce da grandiosidade de S. Pedro á secura do templo jesuitico; á autonomia dos concelhos a centralização despotica de Filipe II, ás ordens mendicantes a companhia de Jesus, á *Imitação de Cristo* a *Monita secreta*, e, como se tivesse de ficar testemunho palpavel d'este estrangulamento do espirito humano, a arquitectura do seculo XVI na peninsula começa com as capelas imperfeitas da Batalha, acaba com o monumento lugubre do Escurial; e ainda na frontaria dos Jeronimos se vê de um lado o rendilhado portal — é a idade media que expira, do outro a capela-mór maciça — é o jesuita que triunfa!

*

* *

Quando Herculano se encontrou face a face com a historia do seu país foi que ele assumiu completamente as proporções do vulto mais

eminente do nosso tempo. O pensador surgia em toda a sua grandesa. Reconstrùia as gerações extintas, como se tivesse assistido á sua passagem tumultuosa na superficie da terra, entrava na intimidade dos primeiros reis, e perscrutava-lhes o mais secreto dos seus pensamentos. Da crita pulverulenta em que esteve mergulhado catorze anos, surgiu trazendo-nos em vez do Portugal retorico da nossa historia banal e crendeira um Portugal cheio de vida e de verdade, tal como ele devia ter figurado no tumultuario convivio dos povos cristãos da meia-idade. Afonso Henriques deixou de ser o rei apocrifo e legendario do milagre de Ourique e das côrtes de Lamego, para nos aparecer em toda a sua rude grandeza de barão da idade media, empunhando o montante como um merovingio o frankisk, astucioso e sem escrupulos como um selvagem d'esses tempos, levantando a sua coroa na ponta da sua lança e apresentando-a assim á benção do Vaticano. Sancho I vem depois, atirando os bispos depostos á face do papa que lhe responde com bulas de excomunhão que são verdadeiros rugidos, porque nessa epoca, se os reis são de ferro, os papas são de bronze, e os Inocencios III não são de menos rija tempera que os Sanchos I de Portugal. Mas o movimento de renascença avança, estamos em pleno seculo xiii, o seculo de Dante, e as fisionomias vão tomando a pouco e pouco uma côr mais moderna; Afonso II já é um diplomata que tem ainda luvas e vontade de ferro, mas que doma os seus fidalgos com decretos ordenando confirmações e inquirições, e não com valentes cutiladas; segue-se a palida figura de Sancho II, a fisionomia completamente politica de Afonso III, em cujo procedimento já se sente a influencia de uma nova fase da civilização europeia. Depois, em torno dos reis, o povo. Vêmo-lo surgir pela primeira vez á luz da historia. No quadro magistral e inexcedivel do grande escritor discrimina-se distintamente, em diversos planos que artisticamente distribue, a fisionomia dos diferentes grupos; aqui se erguem os municipios perfeitos e imperfeitos, com as suas diferentes formas e as suas diversas leis. Sentam-se no adro da igreja os homens bons, aprestam-se para o fossado os cavaleiros vilãos, mais alem vêem-se as terras da coroa, os coutos, as beetrias, passam os colonos com os pulsos ainda arroxeados pelos grilhões da escravidão que vae findando. Seguem-se, tão facilmente como nas camadas geologicas do terreno, as evoluções historicas da sociedade portuguesa, e tudo isto que assim nos surge, claro, perfeito, indubitavel, é para todos nós uma revelação. Escavando largos anos, deitando fora implacavelmente a lava declamatoria com que um Vesuvio de retorica durante muitos anos recobrira a historia patria, Alexandre Herculano fazia surgir á luz do mundo moderno essa Pompeia desconhecida e sublime!

E ele fôra tudo, o servente, o obreiro, o arquitecto da maravilhosa mole. Não encontrara, como lá fora, os trabalhos preparatorios, o terreno desbravado, as pedras agregadas. Achara apenas a confusão e o nada, a declamação patriotica e a ignorancia absoluta. E, com uma força de intuição verdadeiramente prodigiosa, auxiliado por um trabalho de ferro e um estudo sem treguas, fundara a historia da civilização portuguesa, e abrira a todos o caminho em que ninguem o seguiu.

Mas ele é que se assenhoreára tão profundamente da historia portuguesa, que, sempre que passava de relance por um dos seus periodos, iluminava-o com raios de uma luz desconhecida. Na noite profunda da historia portuguesa ha assim de longe a longe uns sulcos luminosos, são aqueles em que passou, como um rasto de fogo, um traço da pena de Herculano.

*

* *

Quando, após vinte anos de trabalho, Herculano, o religioso Herculano, foi acolhido pelas imprecações da igreja, a pugnar pelo milagre de Ourique, a sua colera foi extrema. Não o irritava ser repelido pelos representantes oficiaes do cristianismo, irritava-o terem suposto que ele reconstruira o templo na sua pureza primitiva para obsequiar os fariseus. Porque ele fulminava as futeis impiedades de Voltaire, imaginaram que aceitaria as futilidades ortodoxas do beaterio. Encontravam-no a orar na igreja na solitaria nave, e estranhavam que ele não aceitasse os decretos dos conciliabulos da sacristia. Tinham tido a mesma ilusão em França com os misticos arrobos de Michelet. As almas, que Jesus conquistara, queria arrebanhá-las a Companhia. O protesto não tardou.

Então irrompeu o odio profundo de Herculano pela Renascença inquisitorial e jesuitica. Na *Historia do estabelecimento da inquisição* transborda o rancor do medieval contra a obra do seculo XVI. Toma das mãos de Jesus o latego, e expulsa os vendilhões do Templo. Expulsa-os? Marca-os apenas. Mas os ultimos assomos da sua actividade emprega-os na luta contra a igreja reaccionaria. Os tres volumes d'esse livro imortal são o libelo contra o despotismo eclesiastico, os seus discursos e os seus panfletos o grito de alerta contra os que pretendiam penetrar na igreja, que a liberdade arrancara ás impias profanações, não para a entregar a Loyola, mas para a restituir ao evangelho.

*

* *

Esse esforço violento quebrou a elasticidade d'aquele espirito. A luta não o prostrou, enervou-o, e esse ultimo desengano fez trasbordar o tedio que havia muito lhe enchia a alma generosa. Fôra o chefe ou o colaborador de uma grande renovação politica, literaria e religiosa. Politicamente via o seu ideal amesquinhar-se cada vez mais nas lutas dos partidos, e a austeridade das suas aspirações afundar-se cada vez mais na vaga crescente da corrupção.

Literariamente era ainda o mestre respeitado em torno do qual se agrupava nos sabados da Ajuda um grupo de moços entusiastas, mas uma geração imbuida de vaidosos desdens afectava sorrir-se dos processos que ele seguira, como se todos os progressos das sciencias historicas, que não pararam, é certo, obstassem a que fossem Guizot e Herculano que deram nova orientação á historia, como se todo o *folk-lore* contemporaneo impedisse que fossem o bispo Percy e os Grimm e Duran e Garrett que primeiro perceberam a importancia do estudo das concepções populares, como se todas as descobertas de Edison impedissem Volta e Galvani de serem os primeiros que se assenhorearam da electricidade, ou como se todas as modificações politicas tirassem a 1789 a sua importancia capital. Mas o anatema da igreja dirigido contra ele, poeta e pensador e apostolo cristão, deu-lhe o ultimo golpe. Quando chega este momento de doloroso desengano, Cervantes ri-se de si mesmo, dos seus ideaes, e das suas ilusões, e escreve o *D. Quixote;* Hercu-

lano encolhe os hombros, deita fora a pena, e vae pedir ás oliveiras de Vale de Lobos que o consolem com a pureza do seu azeite das impurezas da humanidade.

Ali sim, no convivio com a natureza leal, podia saciar tranquilamente a sua sêde de verdade. A limpidez dos seus lagos não era mentirosa como a consciencia dos homens, e a liberdade das aves não tinha sofismas como a liberdade dos povos. Naquele templo não entrava a hipocrisia, e quando o sol oficiava, nas horas matinaes, saudado pelo côro dos passaros com o acompanhamento de orgão dos arvoredos, quando a lua á noite elevava a sua hostia de ouro, na imensa serenidade azul, na paz religiosa dos campos, não havia blasfemias canonicas que conspurcassem a comunhão sagrada da natureza e de Deus. E a terra portuguesa, que ele tanto amara e amava, quando agora concentrava no seu cultivo a contenção do seu espirito e a força do seu braço, a gleba onde ele procurara piedosamente os vestigios do sangue que a regara e da opressão que a profanara, a gleba portuguesa que ele revolvia agora com mãos tremulas de amor, não lhe dava uma colheita de injurias, mas, apenas vinha a primavera e o verão, pagava-lhe largamente em flor e em fruto o carinho que recebia, e parecia dizer-lhe: Fazem-me ingrata os que me pisam; eu sou a patria, a mãe!

*

*   *

Dorme no seu tumulo de Belem o grande pensador. Se o consultassem, a esse austero plebeu, que amou acima de tudo o povo e a terra, quereria ficar no seu tumulo da gleba, ao lado das raizes das suas oliveiras, colaborando com o *humus* para lhes dar a seiva, ligado eternamente por um laço misterioso ao torrão que ele amara e onde germinariam talvez mais puras e viçosas as flores que brotassem do seu corpo como do seu espirito brotaram tantas flores maravilhosas, ou na Batalha então, no templo medieval, ao lado de D. João I, como um homem bom dos concelhos ao lado do rei popular. Mas reclamou-o o país para o ter como um paladio no sitio onde pulsa o coração nacional. Se ali se reunem os deuses lares da Patria, Vasco da Gama e Camões, a audacia e a inspiração, não podia faltar Herculano que foi o pensamento e o direito. O Direito sim! E na epoca que vae correndo, e em que tantas vezes o esmaga a força, tenhamos bem perto de nós aquele que foi sempre, e através de tudo e contra tudo, o seu intransigente campeão. Historiador, defendeu o direito popular contra a tirania civil, o direito da consciencia contra a tirania religiosa, poeta, o direito da fé contra a impiedade, homem, o direito da honestidade contra a corrupção. Sim; tenhamo-lo aqui, esse genio puro e altivo e nobre, muda testemunha dos nossos infortunios e do nosso procedimento. Tenhamo-lo aqui, porque pode a força esmagar o direito, podemos perder o dominio, os bens, a vida, não nos aviltaremos, que nunca uma geração terá coragem de ir dizer: «Perdeu-se a honra portuguesa» — a Herculano!».

LXXXIV

As festas comemorativas de Coimbra, segundo o programa impresso e largamente divulgado pela comissão da academia, estavam marcadas para os dias

23, 24, 25 e 26 de abril 1910. No ultimo realizou-se, no teatro, uma sessão solene para a qual fôra convidàdo o ilustre escritor e orador Sr. Abel Botelho, coronel do corpo do estado-maior do exercito. A parte mais essencial veio em o n.º 3 da revista *Coimbra Pitoresca*, folha criada pela Sociedade de Defesa e Propaganda» da formosissima cidade do Mondego.

Passarei para estas paginas os trechos seguintes da eloquente oração do Sr. Abel Botelho, e coopero patrioticamente nos louvaveis intuitos da propaganda que tanto me agrada:

«Alexandre Herculano não foi filho de Coimbra. Nasceu, criou-se, educou-se longe. Nem aqui soaram amorosas cantilenas junto do manso embalo do seu berço, nem tampouco vieram aquecer-se ao bemdito fogo espiritual os alvorecentes clarões do seu espirito. E comtudo, terra nenhuma eu acho tão singularmente fadada, como Coimbra, para votar imorredouro preito á memoria d'esse grande português por cuja sagração centenal tão enternecidamente vibra neste momento o pais inteiro. E isto por um motivo bem simples. Porque a monumental figura, talhada em bronze, do homem que mais integra e perduravelmente ainda sintetizou as qualidades admiraveis da nossa raça, não poderia achar pedestal melhor, não saberiamos enquadrá-la em moldura mais adequada, mais harmoniosa e mais justa, do que a viva atmosfera espiritualista e todo o lindo passado d'esta cidade adoravel, cujos monumentos, cujos costumes, cujas lendas, cuja arte e cuja historia encerram a cronica mais completa e palpitam das caracteristicas mais comoventes da alma nacional.

Sob este ponto de vista, — que é afinal o que mais nos interessa nas suas relações com a evolução secular da vida portuguesa —, não ha duvida de que Coimbra goza uma situação excepcional, unica, tanto pela tradição literaria como pelas estratificações artisticas; e que para o efeito das mais duraveis e queridas demonstrações do genio nacional perante a nossa sensibilidade e a nossa crença, assumem a religiosa feição de um simbolo, erguem-se como um trono de incontestado dominio, estas modestas e suavissimas colinas, em que tranquilamente os seus sagrados marmores repousam.

Seguramente, Lisboa, com a sua magnificencia, com a sua vastidão, com as suas baralhadas manifestações de actividade, com a sua acirrante tinta mundana, com a sua dipersiva ansia cosmopolita, marca bem o nosso traço de avanço para a civilização, é um grande centro de afinamento, de prazer, de renovação e de progresso. Mas não se coadunava facil esta vida delirante e futil da magnifica cidade, com o feitio moral, reflexivo e austero de Herculano, o qual, já no ultimo ano da sua vida, e por ocasião de uma das suas raras visitas á capital, retirou rapidamente a refugiar-se na sua adorada tebaida rural, tomado de instintiva retracção de tédio, que o fez dizer a um dos seus amigos: «Lisboa repele-me...».

Analogamente, o Porto, a cidade por excelencia intemerata e heroica, o altivo burgo criado no culto lendario da independencia e na fortificante glorificação do trabalho; o Porto, cidade de labuta e de calculo, cuja dureza essencial dir-se-hia resaltando d'aquela bravia e constante comunhão dos fragoeiros impetos do rio Douro com a energia epica do oceano; o Porto com a sua feição exclusivista e pratica não podia igualmente abondar ás reconditas aspirações, nem deixar de arranhar os necessarios melindres d'aquele coração fundamental de poeta Porque Herculano não foi somente a mais solida incarnação da alma nacional, foi tambem a sua imagem mais completa: tinha a força e

tinha a sensibilidade. A exemplo d'estes brandos e argentinos fios de agua que, na alterosa solidão das paisagens alpestres, pelas brancas asperezas da penedia descem cantando; tambem a dentro da alma dura e hieratica de Herculano vicejava uma comovida flor sentimental, esvoaçavam os generosos ideaes do artista, com a sua enamorada ansia de perfeição, de amor, de graça e de beleza.

Ora é exactamente para a adaptativa compreensão d'estas qualidades que eu não encontro, em todo Portugal, região mais privilegiadamente dotada do que esta, aqui onde entoam suavemente um cantico perenal de poetico alheamento, de paz, de sonho, de emoção a meditativa vida dos homens e a quietação bucolica das cousas; aqui onde o ambiente guarda na sua limpida serenidade, como num sacrario, todo o candido perfume de nossas atavicas excelencias; aqui neste registo vivo da arqueologia e da historia, neste *Campo Santo* formidavel das mais esplendentes memorias do passado, cuja evocação saudosa parece ser a seiva que alimenta a tristura anemica da vegetação, a fugidia tinta que imprime o aspecto de inefavel melancolia, á paisagem, a abscondita dor que tempera o ritmo dolente dos cantares do povo.

A Coimbra se ligam perduraveis memorias e factos basilares na fixação da lusa independencia; a nossa mais tragica historia de amores, e, das nossas piedosas lendas, a mais ingenua e a mais tocante, desenrolaram-se neste recinto, nele deixaram inapagaveis vestigios, fazem parte da sua gloria; a primeira grande e metodica organização do ensino, empreendida em Portugal, criou-se, medrou, floresceu, aqui, dentro dos seus muros; é aqui que ainda hoje mais vivamente palpita e prospera, como em nenhuma outra região do país, o culto plastico das artes da Renascença; e para que Coimbra não perdesse o seu direito á hegemonia intelectual, galhardamente mantido, d'aqui rompia, quasi ainda em nossos dias, esse brado fulgurante de emancipação despedido por João de Deus, por Teofilo, por Antero.

Filão poetico tambem a nossa boa terra portuguesa nenhum encerra mais sugestivo, nem mais opulento, nem mais funda e intimamente cingido com a alma popular, do que nestas paragens edenicas, onde o sopro alado da inspiração, partindo do coração da Beira, que é o coração do país, chega aqui e fica retido nas murmuras caricias dos salgueiros e choupaes do Mondego. Por aqui andou Camões; d'aqui levaram o mais puro e fecundo estimulo ás vibrações triunfantes do seu estro artistas como Guerra Junqueiro, Augusto Gil, Lopes Vieira.

De sorte que, repito, essa tão complexa como perfeita incarnação da alma nacional, que foi Alexandre Herculano, em nenhuma outra região do país poderia achar-se melhor, para a compreensão e para o aplauso, do que aqui nesta privilegiada terra, modularmente portuguesa... aqui entre os chilreios vibrantes da mocidade e as doçuras idilicas da Natureza».

LXXXV

Na revista *Portugal Agricola*, periodico dedicado aos interesses, fomento, progresso e defesa da lavoura na metropole e nas colonias, publicado sob a direcção do ilustre professor do Instituto de Agronomia e Veterinaria, Sr. D. Luis Filipe de Castro, um dos seus colaboradores e apreciado agronomo, Sr. F. Julio

Borges, escreveu um artigo comemorativo do centenario de Alexandre Herculano sob o titulo *Tributo ao centenario*, e deu-lhe a seguinte epigrafe extraida das nobres palavras do Mestre em prol do desenvolvimento da agricultura nacional:

> «Amo, porém, ardentemente o progresso moral e material da terra em que nasci...».

O Sr. F. Julio Borges presta homenagem ao Mestre começando o seu belo e patriotico artigo d'este modo:

> «Elegeu esta Revista, para seu titulo, esta voz que é a do *ninho meu paterno;* este lema em que, por se limitar o espaço, mais se engrandeceu uma ideia; titulo que lembra o solo; lema em que se fixa a ideia da patria: — *Portugal Agricola.*
>
> Preferentemente agora, é, pois, nas suas paginas que, por ele, e com ele, melhor se enlaça o tributo — na comemoração d'este centenario — ás tantas aspirações de progresso rural que, em tão nitidos e tão conceituosos estudos, Alexandre Herculano deixou assistidas de reflexões mais certas, mais imparciaes, mais generosas mesmo, e ás quaes, a razão mais clara deve obediencia; o conselho mais nobre, um aplauso de justiça; e a elevação do sentimento, esse louvor mais eloquente que só á verdade e a integridade tecem.
>
> Assim penso: assim o entendo. E porque o afirmo, porque aludi áquelas aspirações de progresso de Alexandre Herculano, necessariamente devo completar aquela epigrafe que escolhi.
>
> É um trecho de limpida expressão que deixa ler o que ele mais intimamente sentia e que põe a claro a filosofia do seu pensamento:
>
> > «Amo, porem, ardentemente o progresso moral e material da terra em que nasci, e vejo que ele deve sobretudo vir do desenvolvimento da agricultura, da solução racional das questões scientificas, economicas e até juridicas e politicas, que podem ter relação com a primeira das industrias, primeira em todos os países, mas que entre nós está imensamente acima de quaesquer outras, e praza a Deus que o esteja sempre».
>
> Ao lado do historiador insigne, consagrado pelas academias doutas, — *e cuja lição só mais recentemente começou de ser entendida aqui, fixando-se nos «expositores elementares» as fases sociaes ou epocas, dentro dos grandes ciclos em que tem de dividir-se naturalmente a historia portuguesa* — ao lado do historiador insigne, eu vejo agora o escritor agricola: encontro o economista, descortinando os problemas maiores, cuja solução foi todo o seu empenho, por auxiliar o progresso da nossa industria rural; depara-se-me o sociologo, vincando como se gera a expressão social mais elevada e mais firme de uma nacionalidade no seu transcurso para o progresso.
>
> E, rompem, emfim, as linhas austeras do seu impoluto caracter.
>
> São de ouvir estas nobres e vigorosas palavras, com as quaes Alexandre Herculano rematou o preambulo de um dos seus escritos ou apontamentos:
>
> > «Podem ter erros; mas a intenção que os ditou é sincera. O autor nunca pôs a pena a soldo de partidos ou de escolas; nunca mercadejou com a sua razão; nem com a sua consciencia. Á falta de outro merecimento, estes estudos teem o da convicção sincera».

As tantas jornadas de Alexandre Herculano, como economista agricola; as que o levaram ao estudo e á discussão de questões sociaes, juridicas e politicas, aí o desenham na sua alta envergadura intelectual; aí o deixam ver, no cheio de uma viva luz, na defensão de crenças e de principios, e tão superior e moderno, quão justo e seguro nas suas concepções de ordem moral e material. Renovações politicas do presente, dão-lhe razão.

Sem duvida que foram asperas, algumas d'essas jornadas. D'elas resultou, porem, lição que o futuro — isto é, o dia de heje — teve de admitir nas suas conceituações sobre economia social.

«... e emfim, escrevia Alexandre Herculano, em 1856, a grande industria nacional, livre de peias, e, ainda melhor, de uma falsa protecção, influiria poderosamente no progresso da industria fabril e do comercio, cuja prosperidade é impossivel onde a agricultura definha debaixo do peso de instituições ou incompletas ou absurdas».

E, para que os cultivadores portugueses progredissem no amanho das suas terras e adoptassem mais perfeitos sistemas de cultura, logo proclamava a necessidade de — «ao lado da regra ser posto o exemplo, ao lado da teoria o facto positivo, concludente e irrecusavel». É o ensino experimental, e mais alguma cousa».

Não posso acompanhar o estudioso e sensato escritor agricola no seu artigo de propaganda em favor dss interesses tão descurados pelos proprios que deviam ter o ardor intimo de defender, mas ainda vou transcrever as linhas do final:

«Sendo, porem, importantes, como bem é de reconhecer, os progressos realizados, quer na lavoura, quer nas industrias ruraes, assistindo-lhes os que se assinalam no desenvolvimento e melhoramento das vias de comunicação; é, comtudo, certo que pode ainda hoje repetir-se — que são sensiveis e profundas as causas do insuficiente progresso da agricultura portuguesa. — É o *deficit*, nas subsistencias primeiras, que o acusa com suma eloquencia. São os embaraços, são os perigos mesmo, que esse *deficit* vem gerando, que alto proclamam a virtude do que Alexandre Herculano conceituou nos estudos e escritos de economia social. Em todos eles, sente-se o pulso forte de quem os escreveu, obediente a uma filosofia superior: E apostolo estrenuo da *emphyteuse*, logo tambem disse — *ou outro qualquer honesto arbitrio*, desde que, com ele, se cimentem os dois fundamentos da vida social: — a familia e a propriedade.

Ao versar determinadas questões de economia rural, deu-se como profano, e apelou para os competentes, lembrando que «cada qual paga á sociedade o seu tributo de ideias em conformidade dos seus recursos intelectuaes, como no imposto directo cada qual deve pagar na proporção dos seus haveres.

O tributo que eu rendo ao centenario de Alexandre Herculano tecem-no convicções e crenças que me deixam entender a defensão que ele trouxe ao campo da nossa economia rural.

Não o enflora a sciencia, que em mim falece; não lhe põe brilho a frase, que não sei ataviar.

Será, no *Portugal Agricola*, breve afirmação minha, que, por ele, se conceitua; mas envolvidas nas mais eloquentes expressões que a *Agronomia portuguesa* concerte no seu tributo colectivo ao centenario de Alexandre Herculano — ao escritor agricola e ao lavrador».

LXXXVI

Seja-me permitido, antes de chegar á extensa lista dos periodicos em que se fez registo minucioso e brilhante das solenidades realizadas por ocasião das festas comemorativas do centenario do nascimento do egregio historiador e publicista, venerando Mestre Alexandre Herculano, transcrever o artigo e as correspondentes cartas, que o acompanhavam e que então se conservavam ineditas em Lisboa. São interessantissímas e confirmam a apreciação já feita na antiga Camara dos Deputados pelo Sr. Dr. Zeferino Candido e pelo ilustre agronomo Sr. Borges, emquanto ao amor profundo que o Mestre dedicava aos assuntos agricolas, e que muitas vezes demonstrava como lavrador culto e evangelizador do desenvolvimento das riquezas do torrão natal. Depararam-se-me estes documentos quando ia verificando as gazetas que se tinham ocupado do centenario e formam a opulenta colecção, que possuo.

Alexandre Herculano, lavrador

Ao volver de um seculo por sobre o nascimento do grando vulto e gloria da literatura da nossa patria que em vida se chamou Alexandre Herculano de Carvalho, todos nós, os portugueses em unisono porfiamos, pressurosos, na grandiosidade da homenagem a que tinha jus.

A sua memoria foi invocada em reverberos de requintada ufania argumentando-se com a vocação, talento superior e genio de escritor que alcançaram para Herculano uma reputação tal como poucos a teem atingido. As obras d'este imortal homem de letras demonstram-no bem mais brilhantemente do que se nós o tentassemos fazer, um romancista historico, um poeta, um filosofo e um artista esmerado.

Herculano, porém, evidenciou-se conjuntamente um agricultor distintissimo, e é assim que, hoje, nos propusemos encará-lo, a proposito de uns documentos autografos do grande Mestre que, felizmente, por acaso, nos vieram ás mãos e que julgamos de muito interesse, importancia e subido valor.

Tinha Herculano residencia na Ajuda, e chegado o verão recolhia-se á sua quinta de Vale de Lobos.

Na Ajuda privava com os mais ilustrados lavradores d'aqueles arredores, que ao tempo eram entre outros os Srs. João Anastacio Simões, lavrador na Cruz das Oliveiras, Francisco Simões, de Cazelas, e Francisco Pedroso, pae do abastado lavrador Sr. Eduardo Augusto Pedroso.

A sua paixão pela causa agricola-pratica levava-o a passar tardes inteiras e até noites com aqueles seus mais intimos amigos, discutindo e ensinando os melhores processos de exploração agricola, combatendo sempre a rotina da agricultura saloia.

Havia ao tempo uma folha que se denominava «Archivo rural», pois Herculano não descansava na difusão d'esse jornal em que colaboravam então Ferreira Lapa, tecnologista distinto e consumado quimico agricola, Bernardo de Lima, o celebre zootecnista português e tantos outros praticos, agronomos e veterinarios que se dedicavam á resolução dos altos problemas de economia agricola.

Saindo á meia noite muitas vezes da Serra do Monsanto da casa do Sr. João Anastacio Simões, pae da Ex.^{ma} Sr.^{a} D. Violante Simões Alves, a quem devemos a fineza da cedencia das cartas a que nos reportamos, e homem de uma bondade extrema que idolatrava aquele seu amigo, Herculano que para chegar a sua casa tinha de atravessar caminhos inospitos e que incutiam respeito ao mais destemido, nem sequer se munia de uma bengala.

João Simões nesta conjuntura, arrecoando-se dos perigos do seu grande amigo insistia com ele em o acompanhar — então Herculano impunha-se e não havia maneira de o fazer recuar da sua atitude. O Sr. Simões lembrava-lhe, então, que ao menos levasse comsigo um criado com uma lanterna e era quando toda a sua tenacidade se multiplicava na recusa a mais formal e assim se encaminhava para a sua morada da Ajuda.

Na Ajuda Francisco Pedroso, cavalheiro probo e honrado, que passava por ser um dos mais entendidos lavradores d'este concelho, Herculano reconhecendo-lhe a sua proficiencia, procurava-o nas obras do palacio da Ajuda, onde era empregado.

Transcrevemos na integra os autografos a que já nos referimos acima e são duas cartas dirigidas por Herculano ao seu amigo Sr. João Anastacio Simões, sentindo nós muito que d'elas não possamos precisar o ano em que foram escritas:

Il.^{mo} Am.^{o} e Sr. — Mandei saber ao caminho de ferro o custo do transporte das ovelhas: um vagon d'aqui a Santarem custa 5$430 e o transporte do pastor que deve acompanhá-las e não as perder

de vista, para evitar algum acidente, custa de lá para cá e de cá para lá 1$700; mas o peor é que um vagon não leva mais de 40 cabeças (os cordeiros contam-se 2 por 1 cabeça). As cabeças que tiverem de ir isoladas pagam fora do vagon 360 por cabeça. Já vê que pagando-as a 1$300, com despesas miudas que sempre ha, saem-me a 1$500; isto é, capazes de fazer só duas criações e magras e portanto com risco de se resentirem do inverno em pastagens a que não estão costumadas, saem-me pelo preço a que me sairam as que fez favor de me comprar o verão passado, entre as quaes havia algumas velhas mas em geral muito boas. Não falo já das que não cabem no vagon, sendo quarenta e tantas e parte d'elas com cria, as quaes me podem ficar em 1$800 ou 1$900, pagando 360 por cabeça e metade por cada cria, o que só poderia evitar deixando em algum rebanho as que excedessem a 40 cabeças e completando depois outras 40 cabeças que fossem em outro vagon. Á vista d'estas informações resolverá o que lhe parecer que devo fazer, ou o preço porque convirá pagá-las ou se não convirá comprar agora e esperar pelo verão em que possam ir por seu pé. Desculpe estas massadas de quem é

De V. S.ª Am.º e Cr.º,

Alexandre Herculano

9 dezembro.

Ainda outra carta sobre assuntos agricolas:

Il.mo Am.º e Sr. — Sinto a calamidade que lhe caiu em casa bem como aos outros lavradores d'esses sitios, calamidade que tanto maior impressão deve ter feito, quanto mais bem fundada era a esperança de um ano excelente. Por aqui a alforra começou a aparecer nos trigos temporãos, mas parou com o bom tempo e pouco estrago fez geralmente. Os trigos serodios que estão a grassar parecem muito bons. O oidium tem feito estrago nas vinhas, mas ha azeite se não sobrevier algum transtorno. Os lavradores estão longe de ficarem tão mal como os d'aí. As cevadas é que são ruins mas os milhos estão magnificos. Com as ovelhas tive minhas apreensões: logo a Sacavem caiu uma, outra em Alemquer, e aqui uma; parecia baceira. Posto que ainda desconfie de alguma, não tem havido novidade, ha uns poucos de dias.

As vacas sairam boas, sobretudo á vista do preço: tenho-as poupado no trabalho, e com a fartura de boa erva já se lhes conhece grande diferença. Espero que V. S.ª tivesse a bondade de fazer com que tudo esteja pago.

Quanto á rede, como V. S.ª me prometeu mandar-m'a fazer e remetê-la pelo caminho de ferro, tenho estado á espera sem tomar outra providencia.

V. S.ª me fazia grande favor em mandá-la fazer quanto antes, sendo remetida aqui ao brigadeiro Pedro Vieira Gorjão, porque pode suceder, quando vier, ter eu ido já para Lisboa, e não quererem entregá-la na estação de Santarem. Se ela não estiver pronta antes do dia 28, nesse caso pode ser entregue em minha casa na Ajuda onde já estarei provavelmente. Entretanto eu desejaria quanto antes que as ovelhas me dormissem no campo, não tanto pelas estercadas como porque entendo que para a saude d'elas com o tempo que vae é um grande mal dormirem em casa.

De V. S.ª Am.º e Cr.º Obr.mo

A. Herculano.

Lista de algumas publicações periodicas (diarias, bi-semanaes, bi-mensaes e mensaes) que trataram do centenario

A

1) *Açoriano Oriental.* Decano dos jornaes portugueses. Proprietario e director, José I. de Sousa. S. Miguel (Açores). Ano 75.º, numero 3:909, sabado, 2 de abril 1910. (47 × 32). 4 pag. Em breve noticia dá conta do centenario de Alexandre Herculano, referindo que alguns dos periodicos açorianos lhe dedicaram artigos encomiasticos, que no dia 28 de março se realizara no Ateneu brilhantissima conferencia pelo Sr. Dr. José Bruno Tavares Carreiro, e que no *Diario dos Açores* saíra uma serie de artigos comemorativos.

*
* *

2) *Alma (A) Academica.* Quinzenario academico. Director, J. Duarte Simões Junior, redactor B. Arêde Soveral. Ano 1.º, numero 1. Sabado 23 de abril 1910. (Lisboa). (47 × 35). 4 pag. Na primeira pagina traz artigo, assinado pelo Sr. Victor Manuel Sobral de Carvalho, aluno do 6.º ano do liceu Passos Manuel, comemorando o centenario do egregio Mestre ao qual presta justa e calorosa homenagem.

*
* *

3) *Alma Nacional* Revista republicana. Director, Antonio José de Almeida. 1.ª serie, numero 12. 16 pag. (27 × 19,5). Entre as pag. 183 e 186 uma estampa

de alegoria sob o titulo «A missa negra por alma de Herculano nos Jeronimos»; e da pag. 186 a 187, artigo assinado pelo director dedicado a Herculano, no qual se lê:

«Herculano é hoje uma figura familiar e amada. Não pelo que ele pode valer em si, sob o ponto de vista do potencial da inteligencia criadora ou do prestigio da sciencia omnipotente, mas porque o seu perfil heroico, visto através do tempo, como um rochedo através da bruma, atesta a incorrutibilidade no meio de um mar de podridão.

Morto ha mais de trinta anos, Herculano é ainda uma ameaça e uma esperança, e como tal ele simboliza a ansia indomavel de uma patria, que levantou a clava para esmagar o passado e sonda o incerto mas esperançoso futuro».

E mais adeante:

«... É a incarnação do direito. É a cada instante de vida que vae passando, o condestavel da patria emancipada e liberal, o paladino heroico do Povo.

Louvada seja a sua memoria!».

*
* *

4). *Aurora do Cávado*. Quinzenario literario, bibliografico e politico sem politica. Director, Rodrigo Veloso. 3.ª serie. Ano 35.º, numero 5. Lisboa, 2 de abril 1910. 8 pag. (27,5 × 19). O primeiro artigo, assinado pelo seu ilustre e erudito director, é consagrado ao Mestre. D'ele apraz-me extrair os seguintes linhas do começo:

«Passou em 28 do corrente o primeiro centenario de Alexandre Herculano, por certo uma das figuras mais erectas e primaciaes, senão a que mais o foi, da patria portuguesa».

E as penultimas d'este formoso e sincero artigo:

«... é consolador ao espirito, e refrigera-o e anima-o, na epoca tão safada de dedicações e consagrações, como a que estamos atravessando, em que predomina o mais torpe e esterilizante egoismo, ver que a memoria de Alexandre Herculano em tal modo se impõe, que impossivel se tornou lançar ao olvido seu primeiro centenario, e apesar de tudo, e da grande oposição de muitos, lhe está sendo sagrada a apoteose tão radiante como a que testemunharam as celebrações para ela já efectuadas, e as que ainda o serão até 28 do proximo abril...».

*
* *

5) *Ave (O)*. Orgão oficial do partido regenerador de Vila do Conde. Proprietario, director e administrador, Antonio de Campos. Ano 5.º, numero 187. Vila do Conde, 30 de abril (1910). 4 pag. (48 × 33). As duas primeiras são consagradas á comemoração do centenario, tendo a primeira, no centro, o busto do egregio historiador em gravura alegorica.

B

6) *Boletim da Sociedade de Bibliofilos Barbosa Machado.* Ano 1.º, numero 1. Lisboa, 1910. 76 pag. (24×17). Impressão nitida, sendo a do rosto e ante-rosto a duas côres. Com o retrato de Barbosa Machado copiado de uma boa gravura antiga. Da pag. 37 a 64 contem um artigo do Sr. M. da Fonseca, sob o titulo «Duas palavras (No centenario de Herculano)», e a seguir transcreve varias cartas ineditas do Mestre a diversos, hoje pertencentes a coleccionadores primorosos e admiradores do egregio escritor, como os Srs. D. José Pessanha, Martinho da Fonseca, Luis A. Homem Côrte Real; e de algumas endereçadas a ele, como de João Pedro Ribeiro, J. B. de Almeida Garrett, Marquesa de Alorna, Bispo-Conde D. F., F. A. de Varnhagen, D. Henriqueta C. de Oeynhausen e Alorna, Visconde de Veiros, Reitor de Angeja João André Estrela e A. Raczynski.

*
* *

7) *Brasil-Portugal.* Revista quinzenal ilustrada. Fundadores e directores, Augusto de Castilho, Jaime Victor e Lorjó Tavares. Fundada em 1891. 8.º maximo, com grande numero de gravuras de varios generos dos principaes acontecimentos e retratos de escritores, poetas, estadistas e artistas. O numero dedicado ao centenario de Alexandre Herculano apresenta-se mui variado e interessante.

C

8) *Campeão das Provincias.* Director e proprietario, Firmino de Vilhena. Ano 59.º, numero 5:946. Quarta-feira, 30 de março 1910. (58 × 39). Na primeira pagina, extenso trecho do livro *Achegas para a biografia do Mestre*, que o Sr. Marques Gomes estava coligindo e mandaria imprimir. A este trecho pôs o titulo: *Palavras precisas, auto-biografia de Herculano, escrita por ele proprio, o Sr. Bispo-Conde associando-se a uma homenagem a Herculano. Cartas de Herculano á esposa, sendo uma d'elas inedita.*

Em o numero 5:947 do mesmo *Campeão das Provincias*, no fim da primeira pagina, vê-se transcrita a representação que um grupo de cidadãos, dos mais conspicuos da cidade de Aveiro e sem distinção de grupos politicos, endereçara ao Governo em 20 de junho 1857 suplicando que se adoptassem providencias para que não fosse interrompida a publicação da *Historia de Portugal* e dos *Monumentos historicos de Portugal*, que Alexandre Herculano interrompera, o que era considerado grande perda para a nação.

*
* *

9) *Coimbra Pitoresca.* Maio, 1910. Director, Carlos de Oliveira. Propriedade e edição da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra. Ano 1.º, numero 3. Na primeira pagina, com o busto de Alexandre Herculano, o belo trecho do discurso do Sr. Abel Botelho, que vae noutra parte do tomo presente. 8 pag. (32×24).

A gravura tem em baixo esta inscrição: «Fragmento da ornamentação do Teatro Principe Real feita para o sarau em honra de Alexandre Herculano por socios da Escola Livre da Arte de Desenho, sob a direcção do seu ilustre presidente o Ex.mo Sr. Dr. Teixeira de Carvalho.

*
* *

10) *Colonial (O)*. Defesa da causa ultramarina. Ano 3.º, numero 26. Director e redactor principal, Prazeres da Costa; secretario da redacção, A. A. de Almeida Duque; administrador, F. Carmo. Colaboradores diversos e entre eles, Almeida de Eça, Leote do Rego, Cristovam Aires, Constancio Roque da Costa, Ernesto de Vasconcelos, Ernesto de Vilhena, Fernando Reis, Loff de Vasconcelos, Sousa e Faro e Zeferino Candido. 4 pag. (65 × 45). Na primeira pagina o retrato de Alexandre Herculano e duas gravuras de trechos da Azoia de Baixo. O artigo principal tem a assinatura do Sr. Dr. Zeferino Candido e nele escreveu:

> «Quem quiser verificar como aquele engenho evoluia, acompanhando a marcha progressiva do espirito humano, é ver a sua obra em cada epoca da sua existencia. Com uma restrição apenas: era liberal até o extremo e conservador até o limite da construção indestrutivel».

Na segunda pagina publica um trecho do opusculo do Mestre, *Solemnia verba*, na controversia acêrca da batalha de Ourique, noticia desenvolvida das festas do centenario em Lisboa. Concluindo o primeiro artigo, devido ao Sr. Dr. Zeferino Candido, diz que nele se verá

> «não uma apreciação tantas vezes feita do Herculano literato, crente ou sentimentalista e pensador, mas, sim principalmente, o elogio de Herculano, politico, que como tal foi, nesse seu aspecto deveras pratico, de uma incalculavel importancia para o país».

Ainda na segunda e na terceira pagina ha outro retrato do Mestre e gravuras reproduzindo trechos da Azoia.

*
* *

11) *Colonial (O)*. Ibidem. Em o numero 28, de 18 de abril, publicou o retrato do estimado poeta indiano, empregado superior na administração da India portuguesa, e feliz interprete das poesias de Vitor Hugo, Fernando Leal, já falecido, acompanhando-o de justas e sentidas frases. e transcreve um artigo que o ilustre extinto em tempo dedicara ao egregio Mestre. São de Fernando Leal estas palavras:

> «Em Portugal, e nos nossos dias, tivemos um alto exemplo de completa abstenção da vida publica, dado por um homem que era o maior de todos os do seu país no seu tempo. Dotado pela natureza de todas as condições para a luta, tão rijo e são do corpo como limpo e valente de espirito, esse homem, durante largos anos, trabalhou, combateu nobremente, heroicamente, á luz do sol, pelo bom nome da sua terra e da sua gente, pela sciencia, pela verdade, pela justiça. Instruiu, moralizou, admoestou. Fundou a historia da sua patria. Fez fugir, espavoridas, a superstição, a ignorancia, a hipocrisia Foi um vivo espelho de virtudes, um alto exemplo de probidade e de hombridade. Foi um santo, foi um justo, foi um heroe».

*
* *

12) *Comercio (O) de Barcelos.* Semanario progressista. Director, J. O. Paes de Vilas Boas; propriedade da empresa de *O comercio de Barcelos*. Ano 21.º, numero 1048. Sabado, 2 de abril 1910. 4 pag. (53×38). Na primeira pagina transcreve, com a assinatura do ilustre escritor, o trecho de uma obra de Pinheiro Chagas em que apreciava Alexandre Herculano.

*
* *

13) *Comercio (O) do Porto.* Fundadores: H. C. de Miranda, M. S. Carqueja, F. S. Carqueja. Proprietario e director, B. S. Carqueja. Ano 57.º, numero 73. Terça-feira, 29 de março 1910. 4 pag. (78×55). Na primeira pagina vem extensa noticia dos festejos que se realizaram no Porto pela patriotica e entusiastica iniciativa do Ateneu Comercial, que teve brilhante quinhão na comemoração em honra de Alexandre Herculano, vulto eminente da literatura nacional.

Em o numero 74 contém a conferencia do Sr. Antonio Augusto Mendes Correia, quartanista de medicina na escola portuense, acêrca de Alexandre Herculano. Diz do Mestre:

> «O civismo de Alexandre Herculano é uma lição esplendida para todos os portugueses. A sua obra literaria de historiador e de romantico é essencialmente nacional. Nas linhas do Porto bate-se como soldado corajoso pela patria e pela liberdade. Na sua vida politica, nem uma rapida quebra experimentou na sua dignidade civica e no seu patriotismo».

Em o numero 96 contêm extensa noticia das festas comemorativas do centenario que se iam realizando com o maior luzimento e o mais sincero entusiasmo, apesar da nota deprimente que pretendiam dar-lhe, felizmente sem eco, alguns, poucos, elementos reaccionarios.

De alguns documentos importantes publicados em *O Comercio do Porto* já aqui fiz ou o extracto ou a transcrição integral, com o que enriqueci estas paginas.

Ainda devo registar que em o numero 76 se fez em *O Comercio do Porto* extensa nota da conferencia realizada, por iniciativa do «Instituto portuense de estudos e conferencias», pelo Sr. Alberto Veloso de Araujo acêrca do poeta Mistral. Presidiu o Sr. Conde de Samodães, e tanto este como o conferente se referiram ao centenario de Alexandre Herculano recordando a oportunidade d'este facto, no momento em que se comemorava o centenario do nascimento de um homem notavel do seu tempo, prestar-se homenagem tambem a outro grande vulto, sobretudo na poesia, como era Mistral. Realmente, acentuou o conferente:

> «... Mistral merece todas as homenagens, porque é um homem de elevadissima estatura moral, tal como fôra Alexandre Herculano, um d'esses homens que enobrecem um país».

*
* *

14). *Correio de Albergaria.* Proprietario e director Camilo Rodrigues. Ano 10.º, numero 467. Quinta-feira, 7 de abril 1910. 4 pag. (58×40). O primeiro artigo

é dedicado a Alexandre Herculano, contém algumas interessantes notas biograficas do Mestre e traz a assinatura do brilhante cronista e estilista, Sr. João Grave.

*
* *

15) *Correio Elvense.* Semanario politico, literario e noticioso. Director, proprietario e editor, Antonio José Torres de Carvalho. Ano 21.º, numero 1:363. Elvas, segunda-feira, 28 de março 1910. 8 pag. (51 × 35). O artigo principal, tendo ao centro da pagina o busto do Mestre, é biografico e copiado do *Diario Popular.* Seguem-se outros artigos, em prosa e em verso, nos quaes se vêem as assinaturas de Bulhão Pato (extracto das suas *Memorias*), A. F. Barata, Alves Mendes (trecho da sua notavel oração funebre), Silva Figueira, e varios trechos das obras de Alexandre Herculano e entre eles o que se referia ao celibato no sacerdocio. No fim publica o programa do sarau literario-musical que devia realizar-se no teatro Elvense, organizado pela União Elvense de Amadores de Musica, em homenagem ao egregio Mestre no mesmo dia 28.

É um belo numero este do *Correio Elvense* e creio que pouco vulgar em Lisboa.

*
* *

16) *Correio da Europa.* Ano 28.º, numero 15. Revista semanal. Edição brasileira e ultramarina. Lisboa, 3 de abril 1910. Fundador, Pedro Correia da Silva. Proprietario e director, Francisco Pastor & C.ª; secretario da redacção, Julio de Menezes. 4 pag. (64 × 44). Na primeira pagina artigo noticioso acêrca do centenario do nascimento de Alexandre Herculano.

*
* *

17) *Correio da Extremadura.* Antigo jornal do distrito de Santarem. Director e proprietario, João Arruda. Ano 20.º, numero 990. Publica-se aos sabados. Santarem, 2 de abril 1910. 4 pag. (54 × 37,5). Na primeira pagina, com um retrato de Alexandre Herculano, dedica-lhe o artigo principal, declarando que o *Correio da Extremadura* por diversas vezes tem prestado o culto da sua admiração e do seu respeito ao solitario de Vale de Lobos, que escolhera Santarem para sua moradia por largos anos e onde veio a finar-se.

Depois transcreve trechos, em prosa, de Alexandre Herculano, A. Serpa Pimentel, Pinheiro Chagas e Alves Mendes, referentes ao Mestre, e publica a continuação de um artigo relativo a Azoia de Baixo, onde residiu o egregio historiador, assinado por Alberto Pimentel.

*
* *

18) *Correio da Feira.* Orgão do partido regenerador e dos interesses do concelho da Feira. J. Soares de Sá, director, administrador e proprietario. Ano 14.º, numero 672. Sabado, 30 de abril 1910. (50 × 35). 4 pag. No lugar principal transcreve o notavel discurso lido pelo Sr. Candido de Pinho, presidente da Camara Municipal do Porto e lente da Escola Medico-Cirurgica da mesma cidade, na sessão solene realizada no Teatro Principe Real, de que dei já conta em outro lugar do tomo presente.

*
* *

19) *Correio da Manhã*. Director, Edmundo Bitencourt. Ano 9.º, numero 3175. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 28 de março 1910. 8 pag. (67 × 50). 4 pag. impressas em papel amarelo e as restantes em papel branco. Na primeira o retrato de Alexandre Herculano e varias estampas reproduzindo vistas da Azoia de Baixo e do tumulo do Mestre nos Jeronimos. Alguns dos artigos comemorativos assinados por Candido Jucá e Eugenio Silveira; e trechos da biografia por Pinheiro Chagas. Num dos artigos lê-se:

«D'estes nomes grandes que Portugal viu florescidos nos ultimos tempos, Garrett, Castilho e Herculano, o d'este ultimo foi o que mais alto subiu, o que maiores glorias pôde reunir».

No final de outro artigo leio:

«... grande e notavel homem de letras, cujo centenario de nascimento Portugal comemora hoje e cujo espirito forte e scintilante ilumina e esclarece o formoso idioma falado na velha Lusitania e no florescente Brasil».

*
* *

20) *Correio da Manhã*. Orgão do partido regenerador-liberal. Director, Alvaro Pinheiro Chagas; redactor principal, Anibal Soares; secretario da redacção, Joaquim Leitão; gerente, Mario Galrão. Proprietario, Empresa jornalistica. Sexta-feira, 29 de abril 1910. Ano 1.º, numero 38. 4 pag. (63,5 × 42,5). No artigo principal dá-se conta da comissão do centenario em Lisboa em homenagem ao grande português, que foi Alexandre Herculano, e escreve com justiça:

«... muito embora as camadas populares não possam na realidade admirar e venerar Herculano senão, a bem dizer, de instinto, ainda assim as festas, como a de hontem (28), não deixa de exercer sobre toda a gente, mais ou menos profundamente, a função educativa e civilizadora.

No fim de contas, uma ideia ao menos está infiltrada e generalizada no espirito publico acêrca de Herculano, e essa perfeitamente correspondendo á mais incontestavel verdade dos factos: é que, religioso ou ateu, absolutista ou liberal, ele foi, invariavelmente e incorruptivelmente, um grande cidadão e um grande homem de bem, sem falar nas eminentes faculdades que lhe deram na nossa historia literaria um dos mais altos lugares; esta consagração de um homem de bem constitue sempre, para as massas populares, uma util lição, mormente quando elas parecem ser levadas a renunciar aqueles que o não são».

O restante artigo é noticioso. Refere alguns pormenores do cortejo civico do Terreiro do Paço ao templo dos Jeronimos.

Em outros numeros do *Correio da Manhã*, como nos de 27 de março e 3 e 8 de abril, encontram-se referencias e noticias das festas do centenario. No citado dia 28 vem a noticia da chegada dos estudantes de Coimbra, que vieram tomar parte no cortejo civico, e da sessão que em sua honra se realizou na Sociedade

de Geografia, presidindo o Sr. Rosendo Carvalheira, servindo de secretarios os Srs. Agostinho Fortes e Tavares da Silva, estando presentes, alem dos recemchegados, representantes das escolas de Lisboa, Porto e Coimbra.

*
* *

21) *Correio do Norte.* Regenerador-liberal. Director, proprietario e administrador, Luis Azevedo. Ano 3.º, numero 222. Braga, sexta-feira, 1 de abril 1910. 4 pag. (52 × 37). Na terceira pagina insere duas simples noticias, uma noticiando o sarau literario que devia realizar-se no dia 16 no Teatro de S. Geraldo, em homenagem a Alexandre Herculano, e outra de que o curso do liceu de Braga tambem decidira comemorar o centenario.

*
* *

22) *Correio de Taboaço.* Semanario ilustrado, monarquico e independente. Director, Artur Ribeiro Osorio; secretario, Alfredo Gomes Soeiro; proprietaria, a empresa do *Correio de Taboaço*; tesoureiro, Antonio Gomes. Ano 1.º, numero 19. Quinta-feira, 31 de março 1910. 4 pag. (47,5 × 32). Da segunda para a terceira pagina contém um artigo de homenagem a Alexandre Herculano.

*
* *

23) *Correspondencia da Covilhã.* Proprietario e administrador, José de Figueiredo; director, Claudio Olimpio. Numero 568. Domingo, 3 de abril 1910. (53 × 39). 4 pag. No meio da primeira pagina traz o artigo «Alexandre Herculano», comemorativo do centenario, declarando que a folha acompanha a imprensa periodica na justa homenagem á sua memoria.

D

24) *Damião de Goes.* Proprietario e administrador, Fernando Campeão; director, Henrique Campeão. Ano 25.º, numero 1266. Alemquer, domingo, 3 de abril 1910. 4 pag. (45 × 33). Na primeira pagina dá conta das homenagens prestadas ao egregio Alexandre Herculano em Portugal, nas quaes se viam associadas todas as classes com a abstenção unica dos reaccionarios, lastimando-a, porque todos os portugueses, sem excepção, deviam curvar-se reverentes ante a grandiosa figura do Mestre. Em seguida narra sucintamente o que foi a sessão na Camara dos Pares, no dia 20, em comemoração digna do centenario, e do que passou na Camara dos Deputados na sessão de 1 de abril tratando-se do mesmo patriotico assunto.

*
* *

25) *Dia (O).* Numero 3014 (5880), (20.º ano), ano 11.º 1910. De segunda-feira, 28 de março. J. A. Moreira de Almeida, director; propriedade da empresa

do jornal *O Dia*. 4 pag. (76,5 × 65 5). No alto da primeira pagina, com o retrato de Herculano, o nome do egregio historiador e as datas «28 de março, 1810–1910», seguindo-se o artigo comemorativo d'este centenario que fecha com estas sentidas e consoladoras palavras:

> «Que reviva ... imorredoura a memoria do ilustre português, e que a celebração d'este centenario sirva para estimular em nossos peitos o sentimento de imitação das virtudes que, tanto como os seus proprios talentos, conquistaram para a gigantesca figura de Alexandre Herculano o lugar primacial que ele ocupa entre os seus concidadãos mais dignos de registo nos anaes da historia patria».

Seguem-se outros artigos comemorativos assinados pelos Srs. Gomes de Brito, Rosendo Carvalheira, e mais um anonimo sob o titulo «Alexandre Herculano e Bulhão Pato, no Monte de Caparica», descrevendo uma visita ao poeta da *Paquita*.

O artigo do erudito escritor, Sr. Gomes de Brito, refere-se á controversia em que se empenhara, com o Sr. Matos Sequeira, então secretario da associação dos arqueologos, acêrca da data certa do nascimento do Mestre, que não podia deixar de ser «28 de março 1810». D'esta controversia já dei conta em outra parte d'este *Diccionario*.

O do Sr. Rosendo Carvalheira é relativo, principalmente, a factos particulares da vida do Mestre, pondo-o em relevo pela sua extrema bondade e pelo seu exemplar caracter.

*
* *

26) *Dia (O)*. Numero 3041 (5916), (20.º ano) Ano 11.º 1910. J. A. Moreira de Almeida, director, etc., de quinta-feira, 28 de abril. 4 pag. (76,5 × 65,5). A primeira pagina d'este numero, sob o titulo *Gloria a Herculano*, é dedicada á descrição, com pormenores do cortejo civico, antecedido do artigo de saudação ao egregio escritor em que se lêem estas nobres frases que devem ficar aqui registadas:

> «... Este brado de *gloria a Herculano*, que hoje resoou em Lisboa, cujas ruas acaba de atravessar um cortejo de colossal imponencia, em que todas as classes tiveram larguissima representação, não foi só a consagração de um homem ilustre nas letras ou dum valoroso soldado dos exercitos libertadores. Foi a consagração do Homem, da sua integridade moral, da sua figura epica pela intransigencia e pelo desprendimento voluntario de todas as vaidades humanas! A nação saudou hoje em Herculano todo um mundo moral como ele quisera que hoje ainda fosse a sociedade portuguesa.
>
> Herculano foi hoje a Idéa, e, por muito grande que fosse todo o seu valor intelectual, ele não teria na alma dos simples, do povo que o compreendera ainda quando o não tinha lido, d'aquele culto fervoroso de que o cortejo civico foi a solene exteriorização que só a grandeza moral inspira, e que todo o brilho ou a cultura do espirito são insuficientes para alcançar.
>
> Visto só á distancia de 33 anos depois da sua morte, a um centenario do seu nascimento, Herculano afigura-se-nos tão grande como aquelas giganteas figuras que na dinastia de Avis, principes e navegadores, escreveram com os seus feitos heroicos as paginas mais gloriosas de toda a nossa historia patria ...».

Neste periodico *O Dia* ainda se encontram, antes e depois das festas do centenario, referencias e documentos relativos ao Mestre, que não era possivel coligir e agora arquivar.

*
* *

27) *Diario Ilustrado*. Regenerador-liberal. Redactor principal, Paulo Osorio; secretario da redacção, Luis Trigueiros Fundador, Pedro Correia da Silva; director, Malheiro Reimão. Terça-feira, 29 de março 1910. 4 pag. (64×44). No centro da primeira pagina o retrato de Alexandre Herculano, figurando-o sentado num cesto vindimo na sua herdade de Vale de Lobos, gravura que outras publicações teem reproduzido. O artigo principal é de aplauso ao centenario e a seguir transcreve o discurso do Sr. Dr. Teixeira de Queiroz, para a sessão solene na Academia das Sciencias, acêrca de «Herculano novelista».

Em os numeros de 28 e 29 de abril encontram-se referencias e noticias a respeito do centenario. No ultimo vem transcrito um artigo de Oliveira Martins acêrca do «solitario de Vale de Lobos».

*
* *

28) *Diario de Noticias*. Fundador, Tomás Quintino Antunes (Conde de S. Marçal) e Eduardo Coelho. Redactor principal, Brito Aranha; administrador, João Pereira. Ano 46.º 1910; numero 15938. Segunda-feira, 28 de março. 6 pag. (64×45). Na primeira pagina dois retratos de Alexandre Herculano em epocas e por artistas diversos; o segundo é do professor gravador da Escola de Belas Artes de Lisboa, João Pedroso, já falecido Tem mais dois bustos do Mestre, reproduções de fotografias e o fac-simile de uma carta de Herculano a Eduardo Coelho. Na terceira pagina trechos da residencia e da quinta em Vale de Lobos, e retratos dos irmãos João Pedro da Costa Basto e José Manuel da Costa Basto, ambos funcionarios superiores da Torre do Tombo e dedicados companheiros e auxiliares na investigação de documentos historicos, ineditos, nos arquivos publicos; e a reprodução da espingarda caçadeira de que fazia uso o Mestre nas suas excursões venatorias, hoje na posse do Sr. Rosendo Carvalheira.

Em todas as tres paginas ha artigos de critica e comemorativos em justa homenagem ao centenario do egregio historiador, e alguns assinados. O primeiro, sem assinatura, é de Sousa Viterbo, depois veem outros com os nomes de Antonio Baião, Rosendo Carvalheira (em verso, hino escolar), Luis de Moraes Carvalho (em folhetim), Nunez de Arce (em folhetim, verso), Brito Aranha (paginas de memorias contemporaneas), copia de duas cartas ineditas de Alexandre Herculano, etc.

Permito-me transcrever do primeiro artigo estas linhas:

> «Foram ... multimodas as manifestações do seu talento literario. Na poesia, na historia, na sociologia, no romance, no jornalismo de toda a especie, no teatro, na polemica, deu provas evidentes da sua pujança mental.
>
> O pensador sereno, quando contestavam as suas doutrinas ou o feriam na sua consciencia historica, era o leão que rugia na sua caverna, isto é, no seu gabinete de estudo, e o panfletario, como um cavaleiro da idade media, tão destemido como o *Lidador*, esmagava com pulso de ferro os argumentos dos seus contraditores».

No final do mesmo artigo liam-se estas palavras mui patrioticas:

«É esplendida, é soberba a herança que nos legou e justo é que paguemos generosamente a respectiva contribuição de registo. Com efeito é o que todo o pais está fazendo ao comemorar o primeiro centenario natalicio do autor do *Eurico*, esse livro precioso, que fez as delicias da nossa infancia e que tanto acrisolou o nosso amor pelo passado. Nascido de uma familia modesta, Alexandre Herculano morreu tambem na honrosa mediania, que tanto satisfaz os animos leaes, os espiritos eleitos, que se não deixam arrebatar pelas miragens da ganancia. Alexandre Herculano bem pouco deveu aos favores do Estado, e por isso mais aumenta a nossa divida de gratidão. Estamo-la pagando, mas a melhor maneira ainda de a satisfazermos é ler pensadamente a obra de Alexandre Herculano, procurando nivelar-nos com a sua inteligencia e, muito mais, imitando o seu caracter e a norma do seu proceder estoico».

Na primeira pagina ainda o *Diario de Noticias* transcreve o manifesto da comissão executiva do centenario ao pais, para que fosse lido e compreendido de todos os portugueses nessa hora solenissima. São d'esse importante documento as nobres palavras de levantado preito ao Mestre que a seguir transcrevo:

«Desde a primeira adolescencia, abrasado no mais alto fervor patriotico, nós vemo-lo cedo votar-se ao engrandecimento e defesa da causa liberal, vemo-lo condenado a sofrer as incomportaveis agruras do exilio; vemo-lo depois, com José Estevam, com Garrett, lutar a peito aberto nas linhas do Porto. Paralelamente consagrou com exclusivo amor, ao bem da sua terra, o valoroso esforço do seu braço e a claridade potente do seu cerebro. Escreveu fulminadoras homilias sobre os erros politicos do tempo, fustigou sem piedade a superstição, qualquer que fosse a forma por que se apresentasse, pela luz triunfante da razão e da sciencia destruiu tudo o que pudesse velar a serena verdade da historia. Isto ao passo que tambem, como artista maximo que era, ele fixava pelas suas poeticas invocações e romanticas narrativas, as carateristicas mais comoventes do genio nacional, e, como sumo historiador, metodizava o tão complexo problema das nossas origens.

«Que melhores titulos á nossa veneração? Que mais sugestivo estimulo á unanime sagração da sua gloria?

Da incansavel labuta secular dos povos saltam como faiscas divinas, erguem-se como deuses, os seus homens de mais dilatada influencia moral, maior popularidade, maior engenho, maior valor, maior prestigio. É uma sagração instintiva, logica, perenal, indestrutivel; é uma adoração que se impõe por si mesma, entusiastica, amoravel, porque deriva da vibração unanime do sentir comum.

Para a alma portuguesa uma inolvidavel criação simbolica ficou sendo o vulto formidavel de Alexandre Herculano. Sagremo-la pela admiração e pelo amor, porque o seu nobre e altivo exemplo simultaneamente nos engrandece e nos conforta.

Na data solenissima do dia de hoje, temos que celebrar-lhe a augusta memoria por uma forma para ele tão honrosa, como digna de nós. Temos que unir-nos todos, — sem omissões, sem discrepancias, sem hesitações, sem odios, — na fervorosa expressão de uma bem significativa e empolgante homenagem, em que a alma nacional a si mesmo se nobilite, glorificando um dos seus filhos mais queridos».

Boas palavras, por sem duvida, e confiavam que d'elas resultasse algum grande beneficio para a nação!

*
* *

29) O *Diario de Noticias*, alem do numero que registamos agora, dedicou outros, muitos, desde o inicio dos trabalhos do centenario não só em Lisboa mas nas diversas localidades da nação entusiasmada, no lapso de mais do ano, em coligir informações e documentos que servirão para se verificar tudo o que deixei, em muitos pontos, indicado perfuntoriamente porque não era possivel reunir aqui todos os elementos.

*
* *

30) *Diario Popular*. Director, A. C. Claro da Rica. Redactor principal, C. Mariano de Carvalho. Proprietaria, empresa do *Diario Popular*, limitada. Ano 3.º, Numero 697. Lisboa, terça-feira, 29 de março 1910. 4 pag. (62×43). O principal artigo é encimado pelo glorioso nome do egregio Mestre, com as datas *1810–1910* e o sumario: «Centenario do nascimento do grande historiador, romancista, poeta, filosofo e português; o dia e a noite de hontem; solenidades comemorativas; noticias varias». A descrição das festas é antecedida por uma saudação ao egregio historiador aplaudindo com entusiasmo a comemoração do seu centenario, porque homens da envergadura de Alexandre Herculano não podem ocultar-se nas pregas lutuosas da mortalha, tem de viver na eternidade dos tempos pelo cortejo brilhante das virtudes, pelo valor colossal da sua formosa e complexa obra.

Em o numero de 28 de abril reitera, no primeiro artigo, o seu sincero aplauso á festa nacional, reproduzindo as mais entusiasticas e calorosas frases que dedicara ao centenario de Alexandre Herculano na folha de 29 de março, que acima registei.

Em o numero de 29 de abril, sob o titulo «Glorificação da sua memoria», diz que a manifestação da vespera ao tumulo do grande historiador e romancista foi imponente e majestosa, digna da memoria d'esse grande português e acrescenta:

> «... pelo que se viu ... é que o grande vulto do autor do *Monasticon* começa a ampliar-se no espirito português, mais culto, mais lido, mais educado e mais reflexivo, do que na epoca em que Herculano viveu.
>
> Ele, com Garrett e Camilo, constituem a trilogia que ha de perdurar na posteridade, mas ele sobretudo, porque a sua obra é talhada no rijo granito da verdade e da analise historica, que os seculos não podem destruir».

*
* *

31) *Diario da Tarde*. Ano 13.º, numero 92. Sabado, 23 de abril 1910. Director politico, Eduardo de Sousa; secretario da redacção, João Grave. Propriedade da empresa do *Diario da Tarde*. 4 pag. (57×40). No artigo principal, na primeira pagina, é dedicado á «gloria de Alexandre Herculano» com este sumario: «O nosso manifesto, uma voz de alem campa: é Alexandre Herculano quem indica o espirito e explica a significação das festas do seu primeiro centenario. Sessão solene no teatro do Principe Real, itinerario do cortejo, mais informações». No centro vem o busto do Mestre.

A voz do egregio escritor, a que se alude no sumario, é que saiu vibrante dos seus labios na reunião publica de 31 de outubro 1858 á qual presidiu

em Lisboa o Dr. Antonio Alves Martins (depois bispo de Viseu), tendo como secretarios Luis Filipe Leite e Antonio da Silva Tulio, para protestar contra as invasões do clericalismo introduzindo no ensino as irmãs de caridade francesas com o cortejo de lazaristas e jesuitas, que as protegiam e seduziam a sociedade portuguesa. Esse notavel discurso vem na integra e ocupa a primeira pagina. Era uma resposta aos manejos dos reaccionarios no Porto contra o centenario.

Em o numero de 4 do mesmo mês o *Diario da Tarde* deu conta, na primeira pagina, das festas que estavam delineadas e se realizariam em homenagem a Alexandre Herculano no Porto por iniciativa da comissão academica

*
* *

32) *Distrito da Guarda.* Orgão do centro progressista. Director, José Gaspar Cabral; redactor politico, Francisco dos Prazeres. Ano 33.º, numero 1661. Domingo, 3 de abril 1910. 4 pag. (51 × 36). Na segunda pagina regista, em frases singelas e patrioticas, as comemorações que em todas as terras portuguesas se realizavam com entusiasmo em homenagem a Alexandre Herculano, —«uma das mentalidades mais poderosas que teem enobrecido a patria e a lingua».

*
* *

33) *Distrito da Guarda.* Orgão do centro progressista. Director, José Gaspar Cabral; redactor politico Francisco dos Prazeres. Ano 33.º, numero 1665. Domingo, 1 de maio 1910. Na primeira pagina o artigo comemorativo do centenario de Alexandre Herculano dando conta da sessão solene realizada, por iniciativa da Associação de classe dos empregados do comercio «Egytaniense», á qual presidiu o Sr. Dr. Francisco dos Prazeres, presidente da camara municipal. Proferiram discursos encomiasticos, alem do presidente, os Srs. Dr. Alberto da Silva, José Augusto de Castro e Julio Ribeiro da Silva. A associação, á qual era devida esta solenidade, teve referencias especiaes e de louvor por havê-la realizado com tal brilhantismo.

*
* *

34) *Distrito (O) de Leiria.* Semanario independente. Proprietario, Miguel da Costa Trindade; director, José Maria Adrião. Ano 29.º, numero 1462. Sabado, 2 de abril 1910. 4 pag. (53 × 38,5). No lugar principal da primeira pagina traz uma comemoração do centenario de Alexandre Herculano dedicando-lhe palavras afectuosas e de gratidão patriotica, taes como:

> «Comemorando o centenario de Herculano, o Portugal contemporaneo honra-se a si proprio, honrando a memoria de um dos seus mais dilectos filhos; e a sua consciencia deve ficar satisfeita por ter pago mais uma divida de gratidão nacional.
>
> E Herculano bem merece este reconhecimento patriotico, porque amou devotadamente a sua patria e procurou sempre enaltecer as suas gloriosas tradições. A lição do centenario ha-de frutificar ...».

Referindo-se, na mesma pagina, ás festas que se iam realizando em Coimbra, louva os esforços que para eles estavam fazendo os academicos universitarios, iniciadores, Srs. João de Castro, Orlando Marçal e José Luis de Almeida.

*
* *

35) *Distrito (O) de Leiria.* Semanario independente. Proprietario, Miguel da Costa Trindade. Ano 29.º, numero 1466 Sabado, 30 de abril 1910. (54×38), 6 pag. Semanario independente. Director, José Maria Adrião. Na primeira pagina a descrição das festas na cidade de Leiria em homenagem a Alexandre Herculano, cortejo civico, iluminações, sessão solene, no liceu, sarau, etc. Esta minuciosa descrição ocupa quatro paginas.

As festas foram promovidas pela benemerita filial da «Liga Nacional de Instrução de Leiria», e no começo da narração diz-se:

> «Pode orgulhar-se a nossa bela cidade de ter contribuido brilhantemente para a apoteose da majestosa individualidade do poeta da *Harpa do Crente,* para essa nobilitante glorificação nacional, que se celebrou em todo o país como testemunho de culto fervoroso á memoria do ardente defensor da liberdade, que foi tambem o português mais ilustre do seculo XIX».

No cortejo civico, que foi deslumbrante, figuraram dez carros triunfaes: 1.º, dos bombeiros voluntarios; 2.º, tambem dos bombeiros com diversa ornamentação; 3.º, da Liga de instrução; 4.º, da filial dos atiradores civis; 5.º, da Academia Leiriense; 6.º, da escola industrial, sob a direcção do Sr. Korrodi; 7.º, da arte de canteiro; 8.º, da arte de oleiro, ambos segundo os desenhos do Sr. Korrodi, que empregou nesses trabalhos os seus operarios; 9.º, da associação dos artistas; 10.º, da associação dos caixeiros. Nesse cortejo figuravam todas as autoridades e cidadãos de todas as classes, os alunos das escolas não só da cidade mas de outros concelhos do distrito.

*
* *

36) *Distrito (O) de Portalegre.* Orgão do partido progressista. Folha bisemanal. Director e proprietario, Visconde de Olivã. Ano 27.º, numero 1758. Domingo, 1 de maio 1910. Fundador, Dr. José Frederico Laranjo. 4 pag. (49×38). Na primeira pagina traz extensa noticia do cortejo civico realizado em Lisboa no dia 28 em honra de Alexandre Herculano. Insere em seguida, na segunda pagina, a noticia da comemoração do centenario pela academia de Portalegre, tambem no dia 28, tendo-se ali dado á antiga rua de Santo André o nome de Alexandre Herculano.

*
* *

37) *Distrito (O) de Vila Real.* Ano 20.º, numero 450. Quinta-feira, 28 de abril 1910. Redactor principal, Antonio de Sousa e Costa. 4 pag. (50×35). Na primeira pagina o busto de Alexandre Herculano e extenso artigo com o titulo: *Herculano, 1810 — 28 de abril 1910,* com a assinatura de A. Campos, dizendo que a «grande figura do português não passaria despercebida a patriotica comemoração da memoria prestigiosa (do Mestre) na boa terra transmontana».

Na segunda pagina a redacção declara que o belo artigo principal fôra devido ao Sr. Antonio Xavier de Campos, empregado na companhia Singer em Vila Real de Trás-os-Montes.

*
* *

38) *Distrito (O) de Vila Real*. Ibidem. Numero 447. No artigo principal noticia o começo das festas do centenario e reproduz alguns dos mais eloquentes e mais sentidos trechos da oração funebre do Sr. Dr. Antonio Candido nas exequias celebradas no Porto em 1877.

*
* *

39) *Douro (O)*. Folha regeneradora. Ano 10.º, numero 954. Regua, 30 de abril 1910. Proprietario, José Pinto da Fonseca, sucessores; director e redactor principal, Antonio J. Anjos Borges. Publicação bi-semanal. 4 pag. (53×38). Na primeira pagina a narração extensa da comemoração solene na camara municipal pelo centenario de Alexandre Hrculano no dia 28 do mês citado, festa que teve o maior brilho não só pela concorrencia selecta mas tambem pelas orações proferidas.

Presidiu á sessão solene o Sr. Dr. Julio de Carvalho Vasques e falaram, exaltando as grandes qualidades do egregio historiador, os Srs. Anjos Borges, Dr. Antonio Fernandes de Carvalho, Francisco Pinto Ferreira e Julio Vilela.

*
* *

40) *Douro (O)*. Ibidem. 4 pag. Em o numero 945 publicara, entre outres artigos, trechos em prosa e em verso extraidos dos escritos de Alexandre Herculano.

E

41) *Echos da Avenida*. Semanario ilustrado, literario, scientifico, noticioso e teatral. Ano 21.º, numero 1017. Lisboa, 1 de maio 1910. Proprietario e director, E. Artur Castelo Branco. 4 pag (53×38,5). Na primeira pagina, ao centro, o retrato de Alexandre Herculano ornamentado com um trecho da sua vivenda em Vale de Lobos. Contém no primeiro artigo elogio á obra do Mestre e depois transcreve a sua poesia *Mendigo*.

*
* *

42) *Educação Nacional*. Director e proprietario, Antonio Figueirinhas. Porto, 3 de abril. Ano 14.º. Numero 707, 1910. 8 pag. (35×24,5). Na primeira pagina, com o retrato de Herculano, vem um extenso artigo critico, assinado pelo Sr. Manuel de Melo, professor, no qual se aprecia com rigor e justiça a obra e o caracter do egregio Mestre. Bastarão as seguintes linhas para notar o valor d'este artigo encomiastico. Principia assim:

> «Por toda a parte por onde se ergue o nome glorioso e altissimo de Alexandre Herculano parece ouvir-se o ruido profundo de um cinzel, esculpindo traços indeleveis nas pedras frias de um mosteiro secular.
>
> Quer dizer que esse nome data de longas eras, ou viveu nas trevas densas de catacumbas medievaes? Não. Uma seculo penas tombou

sobre o primeiro reverbero da sua existencia. Apenas uma d'essas violentas lufadas do tempo passou por cima da Luz que um dia clareou uma solidão. Isto apenas traduz um temperamento e uma consciencia.

Alexandre Herculano, na aspereza de uma vida de cenobismo, sugestionado por um seculo de revoluções e de factos intensos e evolucionantes, aprendeu a formar o seu espirito e o seu caracter ...».

E termina d'este modo:

«Se Herculano foi um broquel e uma muralha indestrutivel da sua patria, se ele foi a luz da Verdade que iluminou e fortificou gerações vindouras, porque não prestar-lhe um triunfo digno do seu grande espirito?

Herculano pontificou um trono de gloria. Pois bem; saiba agora a posteridade fazer-lhe justiça, um trono de adoração, cercado de almas sinceramente puras e de consciencias devotadamente heroicas».

*
* *

43) *Estrela do Minho.* Folha ilustrada, literaria, bibliografica e noticiosa. Proprietario, director e redactor principal, Manuel Pinto de Sousa. Publica-se aos domingos. Vila Nova de Famalicão, 3 de abril 1910. Ano 18.º, numero 761. 4 pag. (53 × 38). Na parte principal da primeira pagina copia os trechos da oração funebre pelo Sr. Dr. Antonio Candido nas exequias em 1877. Depois ainda insere um artigo comemorativo do centenario.

F

44) *Federação (A) Escolar.* Semanario consagrado aos interesses da instrução e do professorado. Ano 3.º, numero 67. Porto, 23 de abril 1910. Director, Francisco José Cardoso Junior. 4 pag. (53,5 × 38). Na primeira pagina o busto de Alexandre Herculano e um artigo sob o titulo «O solitario de Vale de Lobos», com a assinatura de Oliveira Martins. Considera o Mestre como estoico e escreve:

«O seu genio reproduzia o seu pensamento. Era uma lucida inteligencia enquistada em formulas duras; e um coração bondoso e meigo encoberto pela educação sob um exterior rigido e aparentemente hostil. Quem o ouvia, depois de o ter lido, irritava-se muitas vezes; quem o tratava não podia deixar de o amar ...».

*
* *

45) *Flor do Tamega.* Fundador, A. T. Carneiro; proprietario e director, Pedro Carneiro. Ano 24.º, numero 1216. Amarante, 3 de abril 1910. 4 pag. (50 × 35). O primeiro artigo é de homenagem a Alexandre Herculano declarando:

«Portugal presta comovida homenagem á memoria do seu filho mais ilustre do seculo XIX. Associa-se a essa glorificação, testemunho de um culto fervoroso pelas mais nobres qualidades de caracter e de patriotismo, todas as classes da sociedade...».

Na segunda pagina traz a noticia da conferencia realizada, dias antes, na sala da Escola Conde de Ferreira, pelo quartanista de direito na Universidade de Coimbra, Sr. Aquiles Manuel Brochado Brandão.

*
* *

46) *Florilegium.* Alexandre Herculano, 1810-1910, em homenagem ao primeiro centenario de seu nascimento. Pernambuco-Recife. 14 pag. numeradas e 6 sem numero. (35×22). (Publicação especial, impressão nitida em papel superior e colaboração de diversos).

Na primeira pagina o frontispicio com o verso branco; na segunda o retrato de Herculano com a indicação do fac-simile do que existe na galeria do Gabinete Português de Leitura, trabalho do artista português Barradas, com o verso em branco; e na quinta (que vem a ser a primeira do texto) veem os titulos: *Alexandre Herculano, 1810-1910, Florilegium. Recife, 28 de abril do 1910.* Seguem-se 17 belos artigos comemorativos assinados por

Alfredo de Carvalho, da Academia pernambucana de letras.
Artur Muniz, da Academia pernambucana de letras.
Barbosa Viana, da Academia pernambucana de letras.
C. Lobo.
Caetano de S. Moscareli.
Carlos Breda.
Carlos D. Fernandes.
França Pereira, da Academia pernambucana de letras.
Guerra Junqueiro.
Manuel Arão, da Academia pernambucana de letras.
Neto Campelo.
Oliveira Martins.
Olimpio Galvão.
Samuel Martins, da Academia pernambucana de letras.
Silvio Oravo.
Teotonio Freire (poesia), da Academia pernambucana de letras.
Xavier Coelho.

O exemplar d'esta esplendida publicação especial, que recebi e guardo com amor nas minhas colecções e não é vulgar em Portugal, devi-o á benevolencia e amizade com que me favorece o Sr. Dr. Orlando Marçal, que era ao tempo das festas do centenario estudante de direito na Universidade de Coimbra, e nelas tomou participação saliente, e é já hoje bacharel formado em direito e advogado num concelho do norte.

*
* *

47) *Folha (A) de Beja.* Orgão do partido regenerador do distrito de Beja. Numero 901, de 7 de abril 1910. Ano 18.º Publica-se ás quintas-feiras. Director, Marcos Bentes. 4 pag. (54×35,5). O principal artigo da primeira pagina é consagrado a Alexandre Herculano, registando a conferencia realizada pelo terceiranista da faculdade de direito da Universidade de Coimbra, Sr. Henrique da Silva, na sala nobre dos paços do concelho de Beja, acêrca da obra do egregio historiador. O conferente foi apresentado com elogio á assembleia numerosa pelo professor Sr. João Antonio da Silva, e recebeu inequivocas demonstrações de agrado e aplauso.

Nessa conferencia ha estas belas frases:

«... que foi o cerebro mais perfeito que a raça portuguesa ainda teve, Herculano foi tudo e em tudo o que foi mostrou-se sempre grande. Foi grande filosofo, grande pensador e grande poeta: Herculano foi romancista, grande historiador e grande caracter.

Todas as suas obras inimitaveis ai estão que o atestem. Todas as belas manifestações do seu genio ali as temos que o afirmem...».

*
* *

48) *Folha da Manhã*. Publicação semanal. Ano 31.º, numero 1598. Barcelos, quinta-feira, 14 de abril 1910. Redactor, Albino José Rodrigues Leite; administrador e proprietario, Fernando Marinho. 4 pag. (47 × 33). O artigo principal é dedicado a Alexandre Herculano e nele transcreve o trecho em prosa de uma obra do Mestre.

*
* *

49) *Folha de Torres Vedras*. Publica-se aos domingos de manhã. Director, Julio Vieira. Ano 11.º, numero 525. Domingo, 3 de abril 1910. 4 pag. (48 × 35). No alto da primeira pagina traz, em tipo grande a toda a largura, estas palavras do Mestre:

«Oxalá venha em breve o dia em que o clero d'este país possa receber uma educação digna do seu elevado destino, e reconhecer, por estudos sacros e bem dirigidos, que o ser cristão não é ser nem hipocrita nem fanatico».

Na mesma pagina traz breve e lisongeira apreciação da obra do professor Sr. Agostinho Fortes acêrca da vida de Alexandre Herculano.

G

50) *Germinal*. Ano 7.º, numero 310. Setubal. Domingo, 3 de abril 1910. Redactor e proprietario, Martins dos Santos. 4 pag. (48,5 × 33,5). Na primeira pagina o retrato de Alexandre Herculano e no artigo principal, assinado pelo director da folha, como homenagem ao egregio historiador, lêem-se estas frases encomiasticas e verdadeiras:

«... Herculano ... se se não pode enfileirar na galeria de nomes que á libertação do Homem outorgaram todas as suas faculdades superiores, não deixará de ter na historia o lugar reservado não só aos que pelas scintilações do genio deixaram de si obra perduravel, como aos que no culto da justiça suprema, incorruptivel, brandiram lanças pela redenção humana».

Seguem-se na mesma pagina e na seguinte outros artigos comemorativos assinados pela Sr.ª D. Ana de Castro Osorio, que louvava o Mestre pela sua pro-

paganda em favor do registo civil; e dos Srs. Paulino de Oliveira e Jorge Boaventura, ambos enaltecendo a obra do Mestre.

*
* *

51) *Glorificação (A)*. Director, Eduardo Alberto Pires. Numero unico de homenagem a Alexandre Herculano. Redactor, Mario Botelho Moniz de Sequeira. Lisboa, 28 de abril 1910. 4 pag. (44 × 30). No centro da primeira pagina o retrato do Mestre. Contêm varios artigos sendo o principal de indicações biograficas, assinando-o o director, Eduardo Alberto Pires; os demais, nas paginas segunda e terceira, trazem as assinaturas de Augusta Rosa da Silva, Mario Botelho de Sequeira, Gertrudes Ricarda dos Santos, Julia Sereno Marques, Maria Placido de Abreu, E. A. e P. A. E., em louvor de Alexandre Herculano.

H

52) *Heraldo (O)*. Antigo jornal de anuncios. Ano 28.º, numero 1444. Tavira, 10 de abril 1910. Director, proprietario e administrador, José Maria dos Santos. 4 pag. (50 × 35). No artigo principal, encimado pelo nome aureolado de Alexandre Herculano, lêem-se estas linhas:

> «A celebração do centenario de Herculano, decretada oficialmente é aceita e perfilhada com reconhecimento e afecto por todos os nucleos de inteligencia e trabalho, desde as academias mais honradas pelo talento e virtude dos seus membros, até às escolas mais humildes, iluminadas pela fé que ilustra um povo e nos honra no concerto da intelectualidade mundial.
>
> Alexandre Herculano mereceu bem da posteridade este culto em que todos andamos empenhados, pelas virtudes civicas que exornavam o seu caracter, pela grandeza e fulgor do seu espirito e pela robustez e profundidade do seu saber».

Este artigo, que tem a assinatura do Sr. Rodrigues Davim, termina com estas patrioticas, significativas e respeitosas frases:

> «A patria ... reconhecida aos seus inestimaveis serviços decretou-lhe neste momento as mais solenes honras publicas e o nome do grande cidadão resoa como um cantico, de extremo a extremo do país, e é escutado em toda a parte com a veneração respeitosa e religiosa que só aos grandes espiritos é devida, aos educadores e libertadores da humanidade, aos santos e aos heroes».

*
* *

53) *Heraldo (O)*. Antigo jornal de anuncios. Ano 28.º, numero 1446. Tavira, 24 de abril 1910. Director, proprietario e administrador, José Maria dos Santos. 4 pag. (50 × 35). Na primeira pagina insere *O campo*, fragmento de um livro

inedito de Alexandre Herculano; e o artigo *Alexandre Herculano e o poeta Bernardo Passos* com uma carta d'este, que se desculpa de não escrever acêrca do egregio Mestre, porque, tendo que verberar o clericalismo, algum excesso nas frases podia escandalizar os leitores d'*O Heraldo*, e acentua:

> «... o traço mais vigoroso da obra forte de Herculano — o seu anti-clericalismo irreductivel, que sendo uma das mais nobres afirmações do seu altivo caracter lhe valeu uma terrivel campanha de doestos e difamações dos elementos reaccionarios do seu tempo, campanha que ainda hoje, marcando a decadencia das nossas classes dirigentes, nós presenciamos nos arraiaes do clericalismo, que, com pertinacia, ai ulula sinistramente em torno do cadaver desfeito do grande patriota, pretendendo abocanhar-lhe a memoria santa e luminosa ...».

*
* *

54) *Heraldo* (*O*). Ibidem. Tavira, 1 de maio 1910. Numero 1447. 4 pag. Na primeira pagina o artigo noticioso *O centenario de Alexandre Herculano em Tavira*, em que descreve a sessão solene na camara municipal sob a presidencia do coronel Sr. Vasco Pereira de Campos, estando presentes os vereadores e grande concorrencia de pessoas de todas as classes. O major Sr. José Cristiano Braziel leu um discurso de homenagem a Herculano. Depois, a convite do presidente, a assistencia acompanhou-o a descerrar a lapida colocada na Rua Nova Pequena, que ficou tendo o nome «Alexandre Herculano».

Nesse dia, nos edificios publicos e em muitos particulares houve bandeiras e iluminações.

*
* *

55) *Heraldo da Madeira*. Publicação diaria. Ano 6.º, numero 1668. Funchal, quarta-feira, 30 de março 1910. Redactor principal, padre Fernando A. da Silva. Propriedade da Empresa tipografica e jornalistica madeirense. 4 pag. (59×40,5). No alto da primeira pagina transcreve um telegrama de Lisboa, noticiando as festas deslumbrantes do centenario Herculano, e em seguida publica a dissertação inaugural do Sr. Alberto Artur proferida em sessão solene da Associação dos Estudantes Pobres.

I

56) *Ilustração Portuguesa*. Edição semanal do jornal *O Seculo*. Director, Carlos Malheiro Dias; director artistico, Francisco Teixeira; propriedade de J. J. da Silva Graça. Numero 215. Lisboa, 4 de abril 1910. 32 pag. (30×20). Na pag. 424 traz com cinco gravuras «A comemoração do centenario de Alexandre Herculano», sendo uma «o aspecto da exposição das obras de Herculano no arquivo da Camara Municipal de Lisboa, vendo-se o busto do egregio escritor pelo estimado escultor Calmels», etc.

*
* *

57) *Ilustração Vilacondense*. Publicação mensal (gravuras de Marques de Abreu). Director e proprietario, J. M. Pereira Sobrinho. Ano 1.º Maio 1910. Nu-

mero 5. Vila do Conde. 8 pag. (30×21). Com gravuras no texto. Na primeira pagina artigo acêrca do centenario de Herculano, em nome da redacção e nele se escreve que, apesar do que poderá perdurar da obra do centenario,

> «... a *Ilustração Vilacondense*, registando a colaboração d'esse centenario, não reconheça a completa e perfeita justiça de todas as homenagens á figura dominadora do grande historiador e do grande português».

No artigo havia-se escrito:

> «Como da Revolução disse Varnigaud, que foi das suas mais nobres figuras, o constitucionalismo devorou, perdendo-os, os melhores dos seus campeões. Herculano, Mousinho da Silveira, Garrett, Passos, que não haviam desertado, nem no perigo das trincheiras, nem nas torturas do exilio, fugiram, acabrunhados, quando o *devorismo* constitucional entrou a esbanjar os *bens nacionaes*, quando ao dominio dos *frades* sucedeu a oligarquia dos *Barões*, quando ao caldo das portarias se substituiu o bodo largo das repartições, quando em vez de paz e de liberdade se abriu um regime de guerra e de compressão e no poder começaram a estadear-se as mais cinicas apostasias.
>
> Alexandre Herculano não teve um desvio, não teve uma fascinação. Ele manteve-se com a firmeza de um estoico, orgulhoso da sua independencia e da sua vida, e esse gesto de renuncia, que tantos lhe censuraram, e que foi a sua retirada para Vale de Lobos, perfeitamente se integra na logica ferrea dos seus principios».

*
* *

58) *Imparcial* (*O*). Ano 1.º, numero 70. Terça-feira, 29 de março 1910. Director, José de Azevedo Castelo Branco; redactor literario, Santos Tavares; gerente, A. Brandão. Lisboa. 4 pag. (60×46). Na segunda pagina publica um soneto dedicado a Alexandre Herculano pelo poeta Correia de Oliveira; a seguir insere uma entrevista em que figuram o Mestre e o Sr. Lacerda, empregado na policia, que diziam que *falava com os mortos*. Brinquedo literario.

*
* *

59) *Independente Regoense*. Folha bi-semanal. Director, Guilherme de Macedo; proprietaria, Zulmira J. da Costa Santos. Ano 28.º, numero 96. Regoa, 30 de março 1910. 4 pag. (51×35). O primeiro artigo é consagrado á comemoração do centenario de Alexandre Herculano, 1810-1910, e figura que está em romaria ao tumulo onde ficaram depositados os preciosos restos do egregio historiador. Depois, transcreve o trecho de um artigo do Mestre acêrca da mulher, divinizando-a.

*
* *

60) *Independente Regoense*. Folha bi-semanal. Director, Guilherme de Macedo; proprietaria, Zulmira J. da Costa Santos. Ano 29.º, numero 5. Regoa, 30 de abril 1910. (50×35). 4 pag. No primeiro lugar o artigo *A homenagem da Regoa a*

Alexandre Herculano, no qual descreve a sessão solene realizada dois dias antes no salão nobre dos paços do concelho, por iniciativa da camara municipal, presidindo o Sr. Dr. Julio de Carvalho Vasques, presidente da camara. Proferiram discursos encomiasticos os Srs. Anjos Borges, Dr. Antonio Fernandes de Carvalho, Francisco Pinto Pereira e Julio Vilela.

J

61) *Jornal de Bragança*. Semanario independente. Proprietario e director, Raul Teixeira. Ano 1.º, n.º 10, de quarta-feira, 27 de abril 1910. (50×35). 6 pag. Tiragem em papel especial, impresso a tinta azul, com excepção das duas paginas centraes, 3 e 4, em que é reproduzida a preto o especimen fotografado de uma interessante carta de Alexandre Herculano a um lavrador de Santarem. Esta carta é datada da Ajuda aos 15 de janeiro 1867. No centro da primeira pagina o retrato do egregio historiador, porem mal estampado.

Contêm varios artigos assinados pelos Srs. Alvaro de Mendonça Machado de Araujo, Francisco de Moura Coutinho, padre Francisco Manuel Alves; um excerpto da tradução, por Francisco Leal, da poesia de Nuñez de Arce, etc. Traz tambem a noticia da sessão solene que devia efectuar-se, em homenagem a Herculano, no Teatro Camões, em que falariam os Srs. professor Antonio Quintela, tenente Antonio Teixeira e Dr. Raul Teixeira, da redacção do semanario.

*
* *

62) *Jornal do Brasil*. Redactor chefe, Dr. Fernando Mendes de Almeida. Ano 20.º, numero 87. Rio de Janeiro, segunda-feira, 28 de março 1910. 14 pag. (60 × 44,5). Na ultima pagina o retrato de Alexandre Herculano, gravuras representando o tumulo do Mestre nos Jeronimos, e trechos da aldeia e da casa da Azoia de Baixo. Contêm varios artigos e notas biograficas, e transcrição de versos da *Harpa do Crente* e outros.

*
* *

63) *Jornal de Cabeceiras*. Semanario politico, noticioso e literario. Ano 15.º, numero 729. Domingo, 3 de abril 1910. Proprietario, Domingos J. Teixeira Pereira; director, J. Augusto Falcão de Azevedo. 4 pag. (50×35). Transcreve no lugar principal um artigo de Antonio de Serpa acêrca de Alexandre Herculano, após a morte d'este egregio escritor.

*
* *

64) *Jornal (O) do Comercio*. Representante da empresa e director, João Augusto Melicio. Ano 58.º, numero 16819. Domingo, 27 de março 1910. 4 pag. (70×55). Na primeira pagina insere um artigo comemorativo em homenagem a Alexandre Herculano e transcreve da *Revolução de Setembro* o artigo em que, com sentidas e sinceras frases, se dava conta da morte do Mestre ocorrida em setembro 1877; e do *Diario Ilustrado* a nota biografica que o escritor e poeta

Luis Augusto Palmeirim ali publicara, nesse mesmo ano, relativa ao egregio historiador. No artigo da *Revolução de Setembro*, atribuido a Antonio Rodrigues Sampaio, lê-se:

«Os homens da elevação intelectual de Alexandre Herculano exercem uma soberania indiscutivel por direito de conquista; e quando a morte os vem colher para adormecê-los no sono eterno nos sete palmos de terra que ocupam no solo da patria, eles, cujo nome enchia o país inteiro e todo o orbe, quando o momento solene do passamento chega, a nação veste de luto, envolve em crepe os seus brasões, e só cuida de prestar as condignas homenagens á grandeza que a morte nivelou com as mais humildes obscuridades no chão do cemiterio, mas que se ergue dobradamente grandiosa para a admiração da posteridade.

Nessa luta incessante da imprensa politica, ensarilham-se as armas e abatem-se bandeiras diante do cadaver do homem notavel, que passa para a sua viagem derradeira. É homenagem ao que honrou as letras, ao que foi gloria da patria, ao que se devotou ao apostolado da civilização».

Do artigo de Luis Augusto Palmeirim respigarei estas belas frases:

«... Alexandre Herculano, o mais ilustre dos portugueses contemporaneos, por haver sido aquele que mais acentuou com a sua personalidade a evolução social encetada na França, no fim do seculo passado, em nome da liberdade do pensamento, a mais fecunda de todas as liberdades.

Vinculados ao triunfo da regencia constitucional ficaram para entrar e viver na Historia os nomes dos Duques da Terceira e de Saldanha, do intrepido Marquês de Sá da Bandeira, do fecundo e reflexivo Mousinho da Silveira.

Á parte, porem, e sobrepujando-os a todos como nas telas dos grandes mestres da pintura classica, sobresae o vulto scismador e pensativo de Alexandre Herculano, modesto na sua grandeza, tenaz nos seus propositos, implacavel nas suas crenças, conscio da sua missão.

«Foi aventurosa a sua vida, como a de todos os pensadores que em tempos de ebulição se não sequestram timidos ás lutas apaixonadas que agitam os espiritos, antes que a luz irradie brilhante nas trevas de seculares preconceitos, deixando ver a nós as torpezas de decompostas ambições ou de miseraveis vaidades.

Para em tudo ser harmonica a vida de Alexandre Herculano, negou-lhe a Providencia, como que intencionalmente, o luzimento do berço, como que impondo á potente vontade do homem o dever de o ilustrar, honrando a patria, com o excepcional vigor e a reconhecida mestria de uma inteligencia privilegiada».

Em o numero 16846, de 29 de abril, parte da primeira pagina é destinada aos pormenores do cortejo civico ao templo dos Jeronimos (Belem) e á sessão solene realizada no Liceu Camões, á qual presidiu o professor Sr. Dr. Rui Teles Palhinha.

*

* *

00) *Jornal de Noticias*. Propriedade da empresa do *Jornal de Noticias*. Porto. Domingo, 3 de abril, 1910. Ano 23.º, numero 78. Director e administrador, Alfredo

de Figueiredo. 4 paginas. (63 × 44). Na primeira pagina o retrato de Alexand[re] Herculano representando-o como «azeiteiro», que declara fabricar azeite mas n[ão] para se gastar em nichos de santos.

Na terceira pagina, no extracto da sessão da Camara dos Deputados, regista a aprovação, por aclamação, do projecto de lei relativo á cunhagem de 30 contos de réis em moeda de prata comemorativa do centenario de Alexandre Herculano.

*
* *

66) *Jornal de Noticias.* Propriedade da empresa do *Jornal de Noticias.* Ano 23.°, numero 96. Director e administrador, Alfredo de Figueiredo. 4 pag. (62 × 43,5). Na primeira pagina o busto de Alexandre Herculano, dentro de guarnição decorativa. O artigo principal, que segue ao busto, é comemorativo do centenario.

*
* *

67) *Jornal (O) do Povo.* Jornal politico, literario e noticioso. Propriedade da empresa d'*O Jornal do Povo.* Ano 30.°, numero 3005, Oliveira de Azemeis, sabado, 30 de abril 1910. Director e administrador, Joaquim Nunes da Silva. 4 pag. (48 × 33). Transcreve, sob o nome *Herculano,* trecho da secção «Perfil do dia» do *Correio da Noite* do dia 27 ou 28, em que ha referencias a um escrito do Mestre condenando as demasias da imprensa, que prejudicam a liberdade.

*
* *

68) *Jornal de Viana.* Tri-semanario regenerador-liberal. Ano 24.°, numero 2667. Sabado, 2 de abril 1910. Director, Candido R. Pereira. 4 pag. (56 × 41). Na segunda pagina transcreve o trecho de um artigo de Alexandre Herculano, sob o titulo *Lições do Mestre,* em comemoração do seu centenario.

L

69) *Lafões (O).* Semanario de Oliveira de Frades. Director e proprietario, M. Ferreira Diogo. Ano 9.°, numero 10. Domingo, 3 de abril 1910. 4 pag. (50 × 35). O artigo principal é dedicado a Alexandre Herculano e de preito sincero á comemoração do centenario.

*
* *

70) *Latina.* Revue mensuelle pour la propagande des peuples latins. Directeur, Vicomte de Faria, rédacteur en chef, Xavier de Carvalho. 2e année, nombre 9. Tirage 10:000 exemplaires. Prix un franc. 10 Mars 1910. (O titulo da revista impresso a tinta encarnada). 24 pag. (31 × 23,5). Com gravuras no texto.

Na primeira pagina o retrato de Alexandre Herculano, encimado com estes titulos «Une grande fête latine. Le centenaire d'Herculano» ; e por baixo «Ale-

xandre Herculano, le glorieux historien portugais». Na segunda pagina o artigo comemorativo assinado H. Scarabin, tendo no fim, á largura da pagina, a gravura: «La maison où Herculano est mort en 1877 (Quinta de Vale de Lobos, Azoia de Baixo)». No artigo lê-se:

«... *Latina* est heureuse de s'associer au mouvement général et de venir apporter ici le tribut de son admiration à celui qui a enrichi d'une si belle page l'histoire de la littérature portugaise.

Il est très difficile, pour ne pas dire impossible, de tracer en quelques lignes un portrait assez fidèle d'une figure aussi forte, d'un esprit aussi large. Alexandre Herculano a été considéré, à juste titre, comme le promoteur du romantisme en Portugal. Il connut le succès, la gloire même dans tous les genres que sa féconde imagination lui permit d'aborder. Tout à tour romancier, érudit et philologue, il nous apparait surtout comme le plus grand historien du Portugal moderne...».

No fim do artigo o autor escreveu:

«Dans la vie privée, Herculano fut un modeste qui ne brigua point les honneurs et ne recherche point les dignités. Celles-ci, cependant, vinrent presque, malgré lui, le chercher dans le milieu savant et littéraire où la supériorité de son esprit et la simplicité de ses goûts l'avaient confiné..

Le Portugal s'honore aujourd'hui en immortalisant le souvenir de ce grand homme».

*
* *

71) *Liberdade* (*A*). Diario da tarde, politico, literario e noticioso. Ano 2.º, numero 428. Lisboa, 30 de março 1910. Gomes dos Santos, redactor principal; J. P. de Matos Galamba, administrador. 4 pag. (60 × 46). Na primeira pagina dá, criticando-a, o que ocorreu na sessão da Camara dos Pares, no dia 29, a proposito do centenario de Alexandre Herculano.

*
* *

72) *Liberdade* (*A*). Diario da tarde, politico, literario e noticioso. Ano 3.º, numero 463. Gomes dos Santos, redactor principal; J. P. de Matos Galamba, administrador. Lisboa, sexta-feira, 29 de abril 1910. 4 pag. (60 × 45). No artigo principal escreve acêrca de Alexandre Herculano, dizendo que ele teve o merito de preadivinhar os desmandos da imprensa que deviam corrigir se em beneficio da civilização.

*
* *

73) *Luta* (*A*). Ano 5.º, numero 1536. Lisboa, quarta-feira, 30 de março 1910. Brito Camacho, director; A. Ferreira, administrador. 4 pag. (63 × 50). Na primeira pagina contêm, sob o nome venerando de Alexandre Herculano, um artigo em que se dá conta do espirito de tolerancia religiosa do Mestre e de inuteis tentativas de clericaes para o atrair aos gremios de propaganda jesuitica, o que não conseguiram. Traz o busto do Mestre.

Em o numero 1534, vesperas do centenario, publica um artigo comemorativo, e a toda a largura, e no alto da primeira pagina e em tipo grado, estas palavras do egregio escritor como anatema contra a propaganda clerical:

> «Quanto mais a reacção abusar da vitoria, mais depressa lhe chegará o dia do ultimo desengano, e os povos amestrados por experiencia tremenda, emfim, a ultima arteria que ainda faz bater o coração da tirania.
>
> A guerra é com a usurpação estrangeira e com o jesuitismo e o ultramontanismo *ad hoc* de certo grupo de reaccionarios, fezes de todos os partidos, mas principalmente das fracções liberaes».

Publica o manifesto ao país da comissão executiva do centenario, e antes escreve:

> «Não é de hoje a nossa homenagem á memoria do português ilustre a quem a patria deve respeito pelo seu caracter e admiração pela grandeza dos seus trabalhos historicos e literarios.
>
> Infelizmente os trabalhos historicos, politicos e economicos de Herculano são pouco conhecidos, mesmo entre as chamadas classes cultas de Portugal. Mesmo a sua obra de polemista anti-clerical está pouco vulgarizada. E todavia a grande homenagem a prestar a tão ilustre português seria tornar bem conhecida a sua obra social. Assim, conscientemente, seria dignificada a memoria de Herculano».

Em o numero 1566, de 30 de abril, insere desenvolvida a noticia do cortejo civico, que denomina «grande demonstração liberal» como a que se desenrolou em um espectaculo significativo perante os olhos deslumbrados do povo, e acentua:

> «No meio das desgraças que afligem a patria, para que a alma popular, para fugir á angustia do presente, procura reviver nos homens do passado, aurindo neles o calor do seu glorioso civismo ...».

Em outros numeros de *A Luta* se encontram referencias e artigos relativos a Alexandre Herculano.

M

74) *Mala da Europa*. Ano 16.º, numero 738. Lisboa, 3 de abril 1910. Numero 32 do 16.º ano. Director e proprietario, José de Melo. 4 pag. (68×48). Na primeira pagina o retrato de Alexandre Herculano e diversas gravuras reproduzindo trechos da Azoia de Baixo, casa onde morou e faleceu o Mestre, da comissão do centenario á porta do templo dos Jeronimos; e extensa noticia dos festejos em Lisboa pelo centenario, nas provincias e até em Madrid, dando conta do que devia efectuar-se naquela capital em homenagem ao Mestre.

*
* *

75) *Meridional (O)*. Orgão do partido regenerador do distrito de Evora. Director e proprietario, Cipriano de Campos. Ano 19.º, numero 980. Montemor-o-Novo, 3 de abril 1910. 4 pag. (45×32,5). Na primeira pagina traz um artigo

encomiastico a Alexandre Herculano com a assinatura de Pinheiro Chagas; e a seguir transcreve um trecho de prosa e outro de poesia extraidos das obras do grande Mestre.

*
* *

76) *Monarchia (A)*. Ano 2.º, numero 65. Domingo, 3 de abril 1910. Joaquim José Torres. 4 pag. (60×42). Na primeira, pagina sob o titulo *O exemplo de Herculano*, escreve:

> «O centenario do nascimento do grande português que se chamou Alexandre Herculano devia inspirar aos homens publicos do nosso país uma nova era, em que a elevação moral predominasse como força indispensavel para o progresso das ideias e para a consequente reforma de costumes».

Na segunda pagina transcreve, sob o titulo «*Alexandre Herculano lavrador*», duas cartas que se conservavam ineditas do Mestre acêrca de assuntos agricolas, e antecede a transcrição de algumas linhas. Copio as seguintes:

> «A sua memoria foi envolvida em reverberos de requintada ufania argumentando-se com a vocação, talento superior e genio de escritor que alcançaram para Herculano uma reputação tal como poucos a teem atingido. As obras d'este imortal homem de letras demonstram-no bem mais brilhantemente do que se nós o tentassemos fazer, um romancista historico, um poeta, um filosofo e um artista esmerado.
>
> Herculano, porem, evidenciou-se conjuntamente um agricultor distintissimo e é assim que hoje nos propusemos encará-lo, a proposito de uns documentos autografos do grande Mestre que, felizmente, por acaso nos vieram ás mãos e que julgamos de muito interesse, importancia e subido valor».

Ficam já transcritos em outras paginas estes documentos.

*
* *

77) *Mundo (O)*. Director e proprietario, França Borges. Ano 10.º, numero 3410. Sabado, 30 de abril 1910. 6 pag. (56×41). Na secção «Notas á margem», a cargo do Sr. Mayer Garção, fazem-se referencias ao entusiasmo popular com que foram saudadas algumas corporações á passagem do cortejo civico em homenagem a Alexandre Herculano. Na quinta pagina, com uma gravura do cortejo civico em Leiria, publica a correspondencia d'essa cidade em que se dá conta do brilhantismo com que decorreram os festejos em homenagem ao egregio Mestre, tendo grande quinhão no bom resultado os esforços do nucleo da Liga da Instrução, da mesma cidade.

Em o numero 3409 publica na primeira pagina uma estampa dos preparativos para o cortejo civiço em honra de Alexandre Herculano, no Terreiro do Paço, e na terceira e quarta paginas extensa e interessante narração d'esse cortejo até o templo dos Jeronimos e depois a conferencia realizada pelo Sr. Dr. Magalhães Lima no Centro Republicano de Belem. Este discurso foi de vibrante propaganda em favor das ideias liberaes que evangelizara o egregio Mestre.

N

78) *Nação (A)*. Ano 63.º, numero 14913. Terça-feira, 29 de março 1910. Redactor principal, servindo de director, J. Franco Monteiro; secretario da redacção, Jaime M. Santos; proprietario, Gremio Português (Legitimista). 4 pag. (53 × 37). O primeiro artigo, do redactor principal, é dedicado a Alexandre Herculano e nele escreve:

«Passou hontem o primeiro centenario do nascimento de um dos mais notaveis e vernaculos escritores portugueses ... É de um adversario politico que nos ocupamos; de um homem cuja fé cristã infelizmente se desviava um tanto da verdade catolica. Este ponto de consciencia deixamo-lo ao supremo juiz, dedicando a nossa atenção e a modestia das nossas forças para o politico e para o literato, que desfrutou na sua patria as honras soberanas de principe do talento.

Alexandre Herculano, no meio da sua tempera de aço, possuia um espirito romantico, que o dominou e que a sua força o desviou do caminho seguro, o qual melhor do que ninguem poderia seguir nas nossas lutas politicas ...».

*
* *

79) *Nação (A)*. Redactor principal, servindo de director, J. Franco Monteiro; secretario, Jaime M. Santos. Propriedade do Gremio Português (legitimista). Ano 63.º, numero 14914. Quinta-feira, 31 de março 1910. 4 pag. (53 × 38,5). Transcreve, na secção literaria, um artigo que Alexandre Herculano escrevera em outros tempos revelando o que o alegrava o aparecimento dos «dias santos», dias feriados, de descanso e de gozo para a mocidade.

*
* *

80) *Nordeste (O)*. Orgão do partido progressista do distrito de Bragança. Ano 22.º, numero 1178. Sexta-feira, 29 de abril 1910. Director, Dr. Eduardo Ernesto de Faria. (51 × 34,5). 4 pag. Na primeira pagina artigo comemorativo do centenario de Alexandre Herculano em que se lêem estas linhas:

«... no seu peito batia um coração de português: espurgando das lendas a historia patria para alevantar mais alto a fortaleza dos braços que a firmam ... combatendo a reacção clerical pela publicação da *Historia da Inquisição*, pela defesa do casamento civil, pelo ataque ao dogma do Vaticano, Herculano só teve sempre em vista o bem estar da patria, o progresso da nação pela evolução incessante ...

... quem lê as suas obras, quem lê por elas na sua alma, jámais poderá afirmar que no espirito de Herculano entrasse a ideia de servidão politica ...

... Camões e Herculano, imortalizando-se, imortalizaram a patria; e a patria inscreve-os no seu livro de ouro, como a igreja inscreveu em seus canones um Paulo ou um Agostinho, e celebrou com festas as datas que os deram á vida ou os passaram á imortalidade da Historia ...».

*
* *

81) *Noticias de Alcobaça.* Folha semanal. Director, A. Coelho da Silva; proprietario, Guido Coelho da Silva. Ano 10.º, numero 520. Domingo, 3 de abril 1910. 4 pag. (45 × 52). Na primeira pagina o artigo principal é dedicado a Alexandre Herculano, louvando as qualidades e os serviços do egregio escritor e dizendo que realmente o Mestre tinha direito a que o seu grande nome fosse recordado num fervoroso culto de reconhecimento e de saudade.

Depois dá conta da sessão solene realizada no Teatro Alcobacense comemorativa do centenario e promovida pelo Centro Republicano de Alcobaça com grande concorrencia. Presidiu o Sr. Augusto Rodolfo Jorge e discursaram, sendo ouvidos com aplausos geraes, os Srs. general Serras Conceição, professor Silva Barreto, Gaudencio Pires, Vieira Natividade, Alberto Vila Nova, Jacoberty Rosa e por ultimo o Sr. Dr. Cunha e Costa.

*
* *

82) *Noticias de Alcobaça.* Folha semanal. Ano 11.º, numero 524. Domingo, 1 de maio 1910. Director, A. Coelho da Silva; proprietario, Guido Coelho da Silva. 4 pag. (45 × 32). Na primeira pagina breve noticia do centenario de Alexandre Herculano, cujas festas comemorativas haviam terminado com o maior brilho em muitas terras portuguesas.

*
* *

83) *Noticias de Coimbra.* Folha independente. Director e administrador, João Ribeiro Arrobas. Ano 3.º, numero 271. Quarta-feira, 27 de abril 1910. (53 × 38). 6 pag. No centro da primeira pagina o retrato de Alexandre Herculano; na segunda uma pequena gravura representando o tumulo do Mestre no templo dos Jeronimos; e na terceira o retrato do professor D. Varela Silvari, que compusera a marcha dedicada a Herculano. Os artigos comemorativos são diversos, quasi todos assinados, figurando os nomes de antigos colaboradores: Alberto Bessa, A. R., Brito Aranha, C. C., Marques Gomes, Miguel Costa, etc.

Dá extensa conta das festas realizadas em Coimbra, chegada de delegados das academias, sessão no Instituto, em que falaram o sociologo Sr. Dr. Ubaldo Quiñones e outros; exposição de arte na fotografia União, sarau no Teatro-Circo em que proferiu brilhante oração o Sr. coronel Abel Botelho, de que fiz a devida menção em outro lugar.

Na secção literaria, folhetim, transcreve, vindo de numeros anteriores, *A abobada,* narrativa do seculo XV, por Alexandre Herculano.

Em numeros anteriores o bi-semanario *Noticias de Coimbra* contêm varias noticias e informações relativas ao centenario. No de 20 de abril vem o programa completo das festas e conferencias que deviam realizar-se naquela formosa cidade do Mondego.

*
* *

84) *Noticioso (O)*. Fundador José Maria Verissimo de Moraes. Valença, 28 de abril 1910. Ano 39.º, numero 2912. Proprietario, Dr. Ladislau Xavier Verissimo de Moraes; director e administrador, José Maria da Costa Mendes. (48×33). 4 pag. Na primeira pagina transcreve um artigo do ilustre poeta Antero de Quental, que, escrevendo com grande sentimento acêrca da morte de Alexandre Herculano, diz o seguinte:

> «Ultimo representante de uma ilustre geração, em quem o forte genio português reverdeceu ainda neste seculo com uma seiva tardia, Alexandre Herculano era mais do que um grande escritor: era, em toda a força dos termos, um grande homem, uma d'essas raras individualidades em quem se reflecte, como num espelho, o caracter de uma raça, em quem o povo reconhece, por uma intima afinidade, a expressão genuina do seu temperamento intelectual e moral, nas qualidades culminantes e até nos defeitos caracteristicos».

Transcreve tambem em seguida a carta do Sr. Padre Sena Freitas, que apareceu no *Diario de Noticias*, de Lisboa, e que eu pus em extensa nota nas paginas 96 a 99 do tomo presente para ter o devido correctivo a inexactidão do facto contido nessa carta.

*
* *

85) *Novidades*. Ano 25.º, numero 7916. Terça-feira, 29 de março 1910. Fundador, Emidio Navarro; Melo Barreto, director; Higino Mendonça, proprietario; Amadeu de Freitas, secretario; Ernesto Navarro, administrador. 4 pag. (61×46). Na segunda pagina ampla noticia das solenidades do centenario nos dias 28 e 29, do que se falara na Camara dos Pares a proposito das homenagens prestadas ao egregio Mestre; e insere o trecho de um artigo de Alexandre Herculano acêrca de «crenças populares portuguesas».

*
* *

86) *Novidades*. Fundador, Emidio Navarro; Melo Barreto, director; Higino de Mendonça, proprietario; Amadeu de Freitas, secretario; Ernesto Navarro, administrador. Ano 25.º, numero 7942. Quinta-feira, 28 de abril 1910. 4 pag. (64×45,5). Na parte principal a noticia do cortejo civico do dia em homenagem a Alexandre Herculano, antecedida de algumas linhas de entusiastica saudação ao egregio Mestre, expressando a profunda veneração pela sua obra fecunda e pela sua vida que foi de austera grandeza. E cita estas palavras de Oliveira Martins:

> «O seu heroismo não era o da acção, era o do caracter; a sua grandeza não era epica, era moral».

Traz uma gravura de caricatura apresentando Alexandre Herculano como a fugir espavorido de uma visão que o atormenta pelos males da patria.

O

87) *Ocidente (O)*. Revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro. Director-proprietario, Caetano Alberto da Silva. Ano 33.º, vol. XXXIII, numero 1184. Redactor principal, Alfredo de Mesquita; administrador, Rodrigo Alberto da Silva. 8 pag. Com retratos e gravuras. (37 × 26). Na primeira pagina o retrato de Alexandre Herculano, desenho de Manuel de Macedo e gravura de Caetano Alberto em 1878; na segunda, o mausoleu onde repousam as cinzas do Mestre na capela tumular do claustro dos Jeronimos (Belem), segundo a fotografia de Rochini e é a que vae reproduzida no tomo presente; na sexta, a gravura do tumulo da Azoia, onde primeiro repousaram os restos mortaes do Mestre, e a da vista geral da povoação da Azoia de Baixo. Os artigos são assinados por João Prudencio (pseudonimo de que usou Alfredo de Mesquita nas suas «cronicas» d'este periodico); Gomes de Brito (José Joaquim Gomes de Brito), que fez parte da comissão que concorreu para a trasladação efectuada no claustro dos Jeronimos e foi amigo e discipulo dilecto de Alexandre Herculano; e o provou na publicação do livro de *Paginas intimas*, que registei já, que tratou com amor e patriotismo de Alexandre Herculano como agricultor, exaltando os seus estudos e as suas qualidades como propagandista em favor da lavoura nacional; Antonio de Serpa Pimentel (transcrição de um trecho do seu notavel livro *Alexandre Herculano e o seu tempo*); D. Francisco de Noronha (que alude aos factos da biografia do Mestre); Alberto Bessa, que dá, com reprodução em fac simile, uma carta inedita que o egregio Mestre endereçara ao seu amigo e companheiro nas lidas literarias, José Maria da Silva Leal, agradecendo a lembrança mas se negava a aceitar o diploma de socio de merito da Associação Central da Agricultura Portuguesa em que aquele se empenhara como preito de amizade e gratidão; e Brito Aranha, que se refere aos manuscritos ainda ineditos e que seria de conveniencia darem-se á estampa, etc. Na oitava pagina vem reproduzida, em fac-simile reduzido, a carta inedita a que se referira o Sr. Alberto Bessa.

Na «cronica», primeiro artigo da revista, lê-se:

> «A memoria de Herculano tem já o seu padrão erguido no mosteiro dos Jeronimos; mas a praça publica continua a reclamar a sua estatua, marmore ou bronze, preito da nação a um dos mais altos vultos, monumento onde avultasse a «fronte pensativa e a face austera» do grande escritor, grande patriota, grande lutador — o Mestre!».

*
* *

88) *Ocidente (O)*. Revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro, etc. Em o numero de 10 de abril 1910 (1126 do 33.º ano) vem na segunda, terceira e quarta paginas, artigo referindo o que se havia passado nas festas do centenario desde o dia 18 de março até o destinado ao cortejo ao templo dos Jeronimos; e na quinta dá cinco boas estampas, sendo as principaes as que representam a Camara Municipal de Lisboa ao chegar a esse templo e da comissão executiva do centenario na mesma cerimonia em Belem.

Em o numero de 10 de maio (1129) contêm, na terceira pagina a continuação da resenha do que se passou nas festas do centenario em Lisboa, Coimbra, Porto, Santarem e outras terras portuguesas; Madrid, Brasil, Paris, etc., acompa-

nhada de gravuras, na quarta e quinta paginas, representando os cortejos em Lisboa, chegando a Belem, as crianças das escolas, as camaras municipaes, etc., no Porto e em Leiria.

Em o numero de 20 de setembro do mesmo ano (1142), na segunda pagina, contêm um artigo do Sr. Damasceno Nunes com impressões relativas ao centenario e a algumas obras do Mestre.

*
* *

89) *Opinião (A)*. Bi-semanario politico, literario e noticioso. Proprietario, redactor e responsavel, Antonio Pedro Vieira de Menezes. Ano 24 º, numero 2328. Domingo, 1 de maio 1910. Oliveira de Azemeis. (48×33). 4 pag. O primeiro artigo é comemorativo do centenario de Alexandre Herculano, declarando que se associa com sincero aplauso á festa nacional, porque «á memoria do egregio Mestre são devidos todos os preitos».

P

90) *Patria (A)*. Diario republicano do norte. Ano 1.º, numero 174. Duarte Leite, director; José Coelho, administrador. 4 pag. (68×57). No lugar principal da primeira pagina, com o retrato de Alexandre Herculano, transcreve um formoso e vibrante artigo de Guerra Junqueiro, que saira no *Diario de Noticias*, de Lisboa, após a morte do Mestre em setembro 1877. Publica mais duas gravuras do tumulo onde ficaram depositados os restos mortaes de Alexandre Herculano na Azoia e a casa da quinta de Vale de Lobos.

*
* *

91) *Patria Nova*. Semanario monarchico academico. Director, Agnelo Casimiro. Ano 1.º, numero 48. Coimbra, sabado, 30 de abril 1910. (54×38). 4 pag. Na primeira pagina, com o retrato de Alexandre Herculano, traz apontamentos biograficos do Mestre. Seguem-se: artigo do Sr. José Gomes Mota: *Herculano vive! ... Impressões; A cruz mutilada,* poesia de Alexandre Herculano; artigo *Culto antigo,* do Sr. Padre Dinis da Fonseca; *A capela de Herculano* (nos Jeronimos, Belem), com gravura, pelo Sr. Cesar da Silva. No folhetim, um trecho de critica do Mestre.

*
* *

92) *Persuasão (A)*. Director e proprietario Francisco Maria Supico. Ano 49.º, numero 2511. Quarta-feira, 30 de março 1910. Ponta Delgada (Açores). 4 pag. (46×32,5). O primeiro artigo é comemorativo do centenario declarando que se associa ás festas de glorificação a Alexandre Herculano, dizendo que homens da excepcional grandeza d'este enfileiram-se na falange das mais elevadas glorias nacionaes. Em seguida transcreve uma carta do Mestre a Bulhão Pato mandando-lhe um brinde a que chamou «oferta de saloio».

*
* *

93) *Plebe (A)*. Jornal independente. Ano 15.º, numero 761. Portalegre, domingo, 3 de abril 1910. Director e proprietario, Caldeira Rebolo. 4 pag. (50×35). Na primeira pagina, sob o titulo *Alexandre Herculano, impressões pessoaes, duas fases do grande historiador,* vem um artigo em que se figura a digressão de tres estudantes ousados e ambicionando conhecer o egregio Mestre se encaminharam desembaraçadamente para Vale de Lobos e se apresentaram ali a dizerem-lhe ao que iam. Desejavam a colaboração d'ele para a sua *Plebe.* Não resisto a transcrever para estas paginas o trecho seguinte:

«Custou-nos a desembuchar. Mas o Oliveira Machado, que era de nós tres o mais composto de corpo e de espirito, tossiu não sei quantas vezes e arrancou finalmente a tremenda confissão.

Herculano sorriu com bondade, com um sorriso que iluminou a sua fronte majestosa e nos deixou para sempre uma impressão sempre viva.

Sorriu-se e escusou-se. Mas alentou a nossa aspiração com palavras tão doces, que a breve trecho o velho e os rapazes estavam familiarizados como amigos velhos.

E então o Bernardino Santos, com os seus belos olhos de gitano audaz, foi logo ás do cabo. Lamentou que o autor da *Historia de Portugal* interrompesse a obra grandiosa e quasi obrigou o bondoso hospedeiro a confessar o motivo da interrupção.

É claro que Herculano tinha mais que fazer do que aturar rapazes; mas, sempre afavel e sorridente, disse-nos com meiguice:

«É que eu cheguei a recear que as pedras das calçadas se levantassem para me lapidar».

Guardei no mais intimo da minha consciencia essas palavras e hoje mesmo iria jurar que as traduzo tão textualmente como ele as pronunciou.

Ha nessa frase muito despeito, muito desanimo, e talvez nelas se possa descortinar a explicação do *retiro* de Alexandre Herculano.

Encadeou-se a conversa pela coordenação das ideias que do mesmo assunto nasciam. E logo o Oliveira Machado, com ares de filosofo, abordou o *venerando português* sobre o conceito que ele fazia acêrca da curia romana. Nem mais nem menos!

Eu mirava o grande homem, com vontade de lhe subir aos hombros, a oscular-lhe a fronte. Mas a este desejo não era estranho o receio de que nos despedisse, como taes impertinentes mereciam.

Quando o Oliveira Machado formulou a pergunta audaciosa, eu disse para os meus botões: e d'esta feita, vai-nos mandar embora! Pois não senhores; Herculano tornou a sorrir paternalmente; o seu olhar suave entrou em nossas almas como uma caricia ... e respondeu:

«A curia romana, meus amiguinhos, faz tudo quanto lhe sofrem e sofre tudo quanto lhe fazem».

Tambem juraria que não falta nenhuma palavra a essa frase, que ha perto de quarenta anos ouvi de Herculano, e que ainda conservo na consciencia, como se tivesse sido gravada com caracteres de fogo.

A historia de Roma numa sintese de dois conceitos! Pela estrada fora, em regresso a Santarem, os tres estonvados voltavam felizes. Não traziam a colaboração do Mestre, mas traziam o seu conselho, o incentivo da sua ternura e sobretudo o orgulho de lhe terem falado e de terem sido ouvidos com paternal carinho.

Em todo o trajecto repetiamos as duas frases de bronze, que, a despeito de serem ouvidas minutos antes, parecia que as tinhamos ouvido pronunciadas pelos labios serenos e austeros da propria historia!

Essas duas frases, para nós que mal sabiamos então as narrativas *ad usum delphini*, foram dois clarões enormes, que de futuro abriram a nossa consciencia, incitando-nos ao respeito da razão e ao amor da verdade.

Assim se explica que, volvidos tantos anos, tenhamos ainda as palavras do austero historiador tão vivas na memoria, como no momento feliz em que as desprendeu dos seus labios serenos e justos.

Nesta homenagem, com que a patria vem honrando a memoria do seu homem mais ilustre, na ultima metade do seculo XIX, a patria honra-se a si propria. E de caminho afirma-se solenemente como digna de melhores futuros; porque uma nação, que assim celebra os seus varões ilustres, manifesta exuberantemente a sua vitalidade e a nobreza das suas aspirações como povo autonomo.

Houve sombras na celebração do centenario de Herculano. Ouviu-se ainda o bramido impotente das hienas, a quererem esfocinhar na veneração dos seus restos mortaes.

Ainda bem! Que o bravejar dos chacaes, a esvurmarem velhos rancores, não serve senão de demonstrar que a obra do historiador imparcial está ainda de pé e bem alta!».

*

* *

94) *Porto* (*O*). Diario da manhã, monarquico, extra-partidario. Defensor dos interesses geraes do norte de Portugal. Director e proprietario, Visconde de Sousa Soares. Porto. Ano 1.º, numero 121. Quinta-feira, 28 de abril 1910. 4 pag. (63,5×45). Na primeira pagina o busto do Mestre com ornamentação alegorica sob o titulo: «A homenagem de *O Porto* a Alexandre Herculano». No artigo principal, comemorativo, diz-se:

> «A nossa homenagem ... ao grande escritor e ao grande cidadão, ao eminente poeta e ao incomparavel historiador, brota de uma convicção profunda e solida, como da esperança no resurgimento moral e mental da nacionalidade».

Tanto na primeira como na segunda pagina ha mais gravuras com trechos da Azoia de Baixo e o retrato de Alexandre Herculano. Alem d'isso, artigos comemorativos com as assinaturas de Madeleine Frondoni Lacombe, D. Angelina Vidal, Xavier da Cunha, Jaime de Magalhães Lima, Alves dos Santos (de Coimbra), Fernando de Lacerda e Manuel de Melo; e trechos de José Agostinho, Alves Mendes, Macaulay e outros.

No artigo do Sr. Dr. Xavier da Cunha diz este ilustrado escritor e poeta «que tem dificuldade de confrontar os tres grandes escritores e poetas do seculo XIX, Garrett, Herculano e Castilho, constelação deslumbrantissima no firmamento azul da literatura nacional, mas basta-lhe pensar que em todos tres se vê o entranhado, o constante empenho, mirificamente realizado, de nobilitarem, de engrandecerem, de locupletarem a terra que lhes deu berço, deixando-lhes em testamento uma riquissima herança».

Em o numero de 24 de abril *O Porto* publicara outro retrato de Alexandre Herculano, reproducção da fotografia que o apresenta sentado num cesto vindimo, e a noticia extensa dos festejos no Porto.

*
* *

95) *Portugal.* Diario catolico. Propriedade da sociedade «Veritas». Director, Padre José Lourenço de Matos; administrador, Fernando Paes de Figueiredo. Lisboa. Ano 4.º, numero 994. Sexta-feira, 29 de abril 1910. 4 pag. (66×48,5). Na primeira pagina extenso artigo dedicado ao centenario de Alexandre Herculano, com a assinatura *X.*, no qual se pretende provar que esta solenidade, acolhida com entusiasmo e sinceridade em todas as terras portuguesas, como foram os centenarios de Camões e de Pombal, não devia adiar-se para se poder apreciar bem o vulto do homem e do escritor, julgando-se assim como prematura; porem, confessa-se que os trabalhos (do egregio Mestre)

> «de erudição historica constituem a parte verdadeiramente valiosa, a melhor, a inegavelmente superior, da obra do Mestre».

Na segunda pagina vem alguns pormenores do cortejo civico do Terreiro do Paço aos Jeronimos dando-lhe, por vezes, notas deprimentes, como em concordancia com o que fariam, ou fizeram, no Porto os que se haviam enfileirado no partido reaccionario para contrariar e empoeirar o brilhantismo dos festejos do centenario. Estas vozes, como no rifão popular, perderam-se felizmente ... não chegaram ao céu! As festas do centenario não perderam a sua força, nem a sua significação, nem o seu brilho.

*
* *

96) *Portugal, Madeira e Açores.* Folha fundada em 1884 para defender e advogar os interesses das ilhas adjacentes. Director, administrador e proprietario, Eduardo Augusto de Sousa Ribeiro. Ano 26.º, 1910, numero 1223. Lisboa, 12 de abril. Publica-se nos dias 6, 12, 20 e 27 de cada mês. 4 pag. (52×32,5). Na primeira pagina contêm um artigo noticioso do centenario de Alexandre Herculano, dando conta da sessão solene na Escola Politecnica de Lisboa e das conferencias que iam realizar-se na Sociedade de Geografia, de homenagem ao egregio escritor.

*
* *

97) *Portugal Moderno.* Orgão português no Brasil. Fundado em 1899. Liberdade, patriotismo, independencia. Proprietario e director, Luciano Fataça. Ano 11.º (nova fase), numero 473. Rio de Janeiro, 19 de março 1910. 4 pag. (64×47,5). Na primeira pagina dá conta da celebração de centenario em Portugal e insere o programa dos festejos.

*
* *

98) *Portugal moderno.* Orgão português no Brasil. Fundado em 1889. Liberdade, patriotismo, independencia. Proprietario e director, Luciano Fataça. Ano

11.º (nova fase), numero 474. Rio de Janeiro, 26-28 de março 1910. 4 pag. (65 × 48). Na quinta pagina dois retratos de Alexandre Herculano e uma gravura do templo dos Jeronimos (Belem). No primeiro artigo dá algumas indicações biograficas do Mestre, mas com inexactidões em que teem caido outros biografos; dá conta da sessão da Academia das Sciencias de Lisboa em homenagem ao Mestre; e transcreve varios trechos em prosa das obras de Herculano.

Em o numero 475 relata a comemoração em honra do egregio historiador, que se realizara em sessão solene da Caixa de Socorros D. Pedro V; e insere um artigo do Sr. Rui Pereira que lastima a falta cometida por alguns para que não pudesse realizar-se com o maior esplendor a data do centenario do nascimento de quem tanto levantou o lustre das letras portuguesas.

*
* *

99) *Portugal Republicano*. Orgão do Gremio Republicano Português. Ano 2.º, numero 14. Rio de Janeiro, 3 de abril 1910. (56 × 38). 4 pag. No centro da primeira pagina a gravura representando Alexandre Herculano sentado junto da sua casa e das suas flores em Vale de Lobos. O primeiro artigo, assinado pelo Sr. Augusto Pinheiro, é a continuação de um estudo critico acêrca da vida e da obra do egregio Mestre.

Nesse belo estudo lêem-se estas linhas:

> «Obra eterna, imensa, grandiosa, foi essa que o solitario de Vale de Lobos nos legou, constituindo um padrão de gloria e patriotismo, porque ninguem mais patriota do que ele o foi.
>
> Ainda que ele só tivesse escrito os seus quatro volumes, incompletos, da *Historia de Portugal*, bastava só essa obra para consagrar-lhe o nome de grande historiador.
>
> Com ele sofreu a peninsula a perda sensivel do seu maior historiador do seculo XIX e da sua epoca e o mais valente escritor da lingua de Camões».

*
* *

100) *Primeiro (O) de Janeiro*. Fundador, Gaspar Ferreira Baltar; director, Tomás Garcia, antigo editor. Propriedade da empresa de *O Primeiro de Janeiro*. Ano 42.º, 1911, numero 74. Porto, 30 de março. 6 pag. (64 × 44). No artigo principal da primeira pagina refere-se ao centenario de Alexandre Herculano e escreve:

> «Herculano pertence, pela dignidade da sua vida e pela grandeza da sua obra, á genealogia d'aqueles que legaram um nome excelso á historia literaria de um povo. Tem afinidades espirituaes com todos os artistas e com todos os pensadores.
>
> Como poeta, como romancista, como historiador, a sua obra é cheia de bondade, de dignidade e de beleza. Em rigor, é um depoimento. Poucos escritores, como ele, fizeram na sua vida literaria uma tão vasta afirmação dos seus sentimentos moraes e uma tão rasgada evidenciação das suas virtudes civicas. Só esta razão bastaria a justificar o centenario e a dar á sua figura de homem, neste momento de apoteose, um extraordinario relevo.

É principalmente sob este aspecto que a personalidade de Alexandre Herculano merece ser encarada. D'ele derivará a melhor lição que nos oferece o centenario».

Em o numero 72, de 27 de março, publicara um retrato de Alexandre Herculano, a gravura da casa da antiga Viela dos Gatos, onde morara o Mestre em 1837, e outra gravura da entrada principal da casa de Vale de Lobos, onde morreu; e reproduz tambem a chapa colocada na dita casa no Porto por iniciativa do Ateneu Comercial. O primeiro artigo é dedicado ao centenario e nele se lê:

«A consagração dos grandes pensadores e dos grandes poetas, dos grandes sabios e dos grandes artistas, por meio de comemorações centenarias, teem sempre um decisivo alcance educativo. Pode dizer-se que essas postumas homenagens não visam nos seus intuitos senão o povo, que tem sempre alguma cousa de novidade a aprender no edificante espectaculo que essas festas lhe oferecem. Falar de um escritor e dizer que ele foi grande e que a sua memoria é digna do nosso respeito é fazer, pelo menos, com que os que ainda o não leram reparem um pouco em o que de elevado e superiormente espiritual a sua obra contêm. E a meditação dos livros de Herculano, neste angustioso momento da nossa vida civica, representa uma utilidade incomparavel ...».

No fim da primeira pagina veem noticias varias dos preparativos para que os festejos do centenario tenham o maior realce.

*
* *

101) *Primeiro (O) de Janeiro*. Fundador, Gaspar Ferreira Baltar. Ano 42.º, 1910, numero 101. Porto, sabado, 30 de abril. Director, Tomás Garcia, antigo editor. Propriedade da empresa de *O Primeiro de Janeiro*. 6 pag. (63 × 44). Na carta de Lisboa, que vem na primeira pagina (e deve ser do seu correspondente politico o Sr. José de Alpoim), menciona-se com louvor o cortejo civico em honra de Alexandre Herculano, e diz-se que os reaccionarios andavam como doidos por não poderem inutilizar, como desejavam, os festejos. A sua atitude produzira efeitos contrarios. E escreve:

«Foram os jornaes chamados catolicos que mais esplendor trouxeram á festa, pela reacção que ergueram no espirito publico contra os insultos dos ultramontanos. O discurso do Sr. Bispo-Conde, enaltecendo a memoria de Herculano, trá-los loucos de desespero, a eles, que lhe chamavam um mau português e um hereje!».

*
* *

102) *Progresso (O)*. Director e proprietario, F. de Figueiredo. Ano 25.º, numero 1304. Lamego, 2 de abril 1910. Publica-se aos sabados. 4 pag. (53 × 38). Na primeira pagina extenso artigo comemorativo, sob o titulo *Alexandre Herculano. O seu centenario na camara de Lamego.* Nele se faz justiça ao trabalho apresentado pelo presidente da camara, Sr. Antonio Albino de Andrade, que merecera geraes aplausos e que tambem fôra transcrito na integra em *A Semana*, outro periodico lamecense, adiante registado.

*
* *

103) *Progresso (O)*. Ano 25.º, numero 1308. Lamego, 30 de abril 1910. (Semanal). Director e proprietario, F. de Figueiredo. 4 pag. (53 × 38,5). Na primeira pagina traz um pequeno artigo comemorativo das festas em honra de Alexandre Herculano realizadas pelos estudantes, sendo a mais brilhante no liceu a qual fôra muito concorrida, vendo-se nela representadas diversas corporações locaes.

*
* *

104) *Progresso de Aveiro*. Orgão do partido progressista no distrito de Aveiro. Director, Dr. Joaquim Peixinho; redactor, Dr. Alvaro de Moura; secretario, Marques de Castilho. Ano 10.º, numero 487. Quinta-feira, 31 de março 1910. 4 pag. (51 × 36). O artigo principal, ocupando a primeira pagina, com a assinatura do Sr. Marques Gomes, tem o titulo *1810-1910, Primeiro centenario do nascimento de Alexandre Herculano*, e é, essencialmente, biografico, divulgando alguns dados não muito conhecidos.

*
* *

105) *Progresso da Feira*. Orgão do partido progressista. Proprietario e administrador, Domingos Augusto de Sousa; director, José de Magalhães; redactor principal, Domingos de Castro. Ano 6.º, numero 299. Domingo, 3 de abril 1910. 4 pag. (50 × 35). Na primeira pagina contêm um artigo de glorificação a Alexandre Herculano, na qual se lêem estas palavras:

> «Jornaes de todas as parcialidades e feições, revistas scientificas e literarias, fizeram gemer os prelos num grito de aplauso ao romancista distinto, um brado de gloria ao filosofo gigante, ao poeta sentimental, ao mais popular, ao mais estimado de quantos escritores teem existido. Foi justo esse preito de homenagem e glorificação. Ainda hoje se lêem com avidez as suas publicações».

*
* *

106) *Provincia*. Bi-semanario regenerador-liberal. Director, Mario Barroso Henriques da Silva; redactor, A. Luis Abrantes; proprietario, Nicolau Luis Damião, e Rito e Cunha. Ano 4.º, numero 369. Viseu, quinta-feira, 31 de março 1910. 4 pag. (53 × 38,5). O artigo principal é de homenagem a Alexandre Herculano.

*
* *

107) *Provincia (A) do Pará*. 1910. Belem do Pará, 28 de março. Ano 35.º, numero 10750. 4 pag. (71,5 × 54). Na primeira pagina traz um artigo comemorativo em honra de Alexandre Herculano declarando que a iniciativa das homenagens prestadas no Pará pertencia á Tuna Luso-Caixeiral, que empregara todos

os esforços para o nocturno cortejo civico, que fôra coroado do melhor exito pela concorrencia e pelo entusiasmo que animava os que tiveram nela participação: a autoridade consular, varias corporações populares, a imprensa, etc.

Em o numero 10748 insere a noticia do cortejo civico organizado pela Tuna Luso-Caixeiral, do arranjo de carros alegoricos, itinerario, etc. Publicou tambem uma certidão do baptismo de Alexandre Herculano, que aparecera em um periodico lisbonense e pusera em duvida a data do seu nascimento, facto que ficou bem averiguado na controversia de que dei conta noutro lugar.

S

108) *Seculo (O)*. Suplemento ilustrado. Director, Acacio de Paiva; propriedade de J. J. da Silva Graça. Ano 14.º, numero 647. Quinta-feira, 24 de março 1910. 8 pag. (41 × 30). Na primeira e na oitava paginas, em impressão cromotipografica com guarnição decorativa, os retratos de Alexandre Herculano e de sua mulher D. Mariana Meira, na segunda artigo biografico assinado por Paulo Emilio e em seguida nota das obras publicadas do egregio Mestre; na terceira e na sexta alguns retratos de Alexandre Herculano, em varias epocas, e trechos da casa, da quinta em Vale de Lobos e da Azoia de Baixo; na quarta e na quinta, fotografado, fac-simile de um artigo autografo.

*
* *

109) *Seculo (O)*. Ano 30.º, numero 10191. Sexta-feira, 29 de abril 1910. J. J. da Silva Graça, director e proprietario. 4 pag. (51 × 42). Na primeira pagina, com gravura na largura de tres colunas, representando as deputações das camaras municipaes no Terreiro do Paço para tomar o lugar que lhes fôra marcado no cortejo civico, e descrição d'esse cortejo que impressionou e comoveu, porque representara mais que a consagração grave das academias e teve maior significação que os louvores dos eruditos e dos sabios. Fôra o povo que, num arranco de entusiasmo, conquistara Alexandre Herculano para o seu coração. No fim d'esta pagina outra gravura dando «um aspecto do cortejo».

*
* *

110) *Semana (A)*. Periodico semanal, politico, literario e noticioso. Proprietario e administrador, José de Moraes & C.ª; director, José de Menezes. Ano 12.º, numero 624. Lamego, 2 de abril 1910. 4 pag. (53 × 38,5). Na primeira pagina e em parte da segunda o discurso do presidente da camara municipal, Sr. Antonio Albino de Andrade, e o extracto da acta da sessão extraordinaria da mesma camara, no dia 28 de março, para celebrar o centenario do nascimento do Mestre. O discurso do presidente é documento literario de valor e tributo de gratidão pela obra do egregio historiador que, na sua enorme e valiosa bagagem, tinha para os municipios a propaganda patriotica em favor das regalias das instituições municipaes.

Nessa ocasião, em votação unanime, foi dada á nova estrada, entre o adro da capela do Espirito Santo e a Meia Laranja, o nome «Avenida Alexandre Herculano».

*
* *

111) *Semana (A)*. Periodico semanal, politico, literario e noticioso. Ano 13.º, numero 628. Proprietario e administrador, José de Moraes & C.ª; director, José de Menezes. Lamego, 30 de abril 1910. 4 pag. (53 × 38). Na primeira pagina contêm a noticia da sessão solene comemorativa do centenario de Alexandre Herculano, promovida pelos estudantes do liceu de Lamego e realizada no edificio do mesmo liceu. Presidiu o reitor, Sr. Antonio Francisco de Freitas e Silva, estando presente a corporação dos lentes e grande numero de damas e pessoas de diversas classes. Falaram o presidente, que elogiou a obra do Mestre e o seu caracter; o Sr. Artur de Sousa Azevedo; e os alunos Srs. Joaquim dos Santos Reis, Delfim de Magalhães e Jaime de Oliveira Magalhães leram trechos de diversos livros de Alexandre Herculano. Ainda outros alunos participaram d'esta homenagem e, por fim, o Sr. professor Prado Coelho leu uma conferencia critica da obra do egregio historiador. Tambem foi mui apreciado um trabalho literario do estudante Sr. Carlos de Chaby.

*
* *

112) *Semana (A)*. Semanario literario, ilustrado e noticioso. Director e proprietario, Domingos Barbosa. Ano 1.º, numero 3. Ponte do Lima, 2 de abril 1910. 4 pag. (53 × 36). O primeiro artigo é comemorativo do centenario.

*
* *

113) *Semana Alcobacense*. Publicação semanal. Ano 19.º, numero 1023. Alcobaça, 3 de abril 1910. 4 pag. (46 × 31). Na primeira pagina descreve com pormenores a sessão solene comemorativa do centenario, realizada no Teatro Alcobacense, promovida pelo centro republicano da presidencia do Sr. Afonso Ferreira. A concorrencia foi grande vendo-se nela o governador civil, outras autoridades e os representantes de diversas corporações, etc. A presidencia da sessão foi dada ao Sr. Augusto Jorge.

D'esta solenidade já fiz o devido registo quando pus, nesta lista, o *Noticias de Alcobaça*.

*
* *

114) *Semana Tirsense*. Director e proprietario, Adriano de Sousa Trepa. Publicação aos domingos. Santo Tirso, 3 de abril 1910. Ano 12.º, numero 14. 4 pag. (47 × 32). O primeiro artigo é comemorativo do centenario de Alexandre Herculano.

*
* *

115) *Serões*. Magazine mensal ilustrado. Livraria Ferreira, editora. Numero 58. Abril, 1910. No frontispicio cromo-litografico o retrato de Alexandre Herculano. 77 pag. (24 × 16,5). Transcreve, de pag. 243 a 248, do livro *Memorias*, do poeta Bulhão Pato, as paginas em que se referiu ao Mestre e os seus ultimos dias. São paginas romanticas, mas não expressão historica.

*
* *

116) *Silvense (O)*. Semanario independente. Director e proprietario, Mascarenhas Gregorio; secretario da redacção, Jorge Judice da Costa. Ano 1.º, numero 3. Silves, domingo 10 de abril 1910. 4 pag. (44 × 32,5). Na primeira pagina dá conta da conferencia, coroada de aplausos, do Sr. tenente Guerreiro Fogaça, que revelara bom e criterioso estudo da obra de Alexandre Herculano.

*
* *

117) *Soberania do Povo*. Jornal politico, literario e noticioso. Publica-se ás quartas feiras e sabados. Redactores, Albano de Melo e Adolfo Portela; director e administrador, Luis de Azevedo. Ano 32.º, numero 3166. Agueda, quarta-feira, 30 de março 1910. 4 pag. (53 × 38,5). O principal artigo é de homenagem ao Mestre e abre com estas palavras:

> «A patria deve lembrar a grande memoria de Alexandre Herculano. Esta honesta figura de homem domina o espirito das gerações e mostra ainda o seu tamanho de gigante ...».

E termina assim:

> «Se ha memoria que se deva saudar com amor pela alma dos portugueses, essa memoria é a de Alexandre Herculano. O historiador tem nos Jeronimos a sua sepultura rendilhada e branca, mas no coração de cada patriota haverá sempre a desinteressada afeição que merece o Benemerito da sua raça».

Depois transcreve do *Correio da Noite*, de Lisboa, as notas biograficas de Alexandre Herculano.

T

118) *Telegrafo (O)*. Diario independente. Proprietario e director, Manuel Emidio Gonçalves. Ano 18.º, numero 4832. Horta, quarta-feira, 30 de março 1910. Açores. 4 pag. (42 × 29). Na primeira pagina «Centenario de Herculano». comemoração civica, e a velada do Gremio Literario Faialense. Neste discursou o Sr. professor Osorio Goulart. Antes, no mesmo gremio, realizara-se a conferencia do Sr. professor Euclides Costa, na qual afirmou que o centenario de Alexandre Herculano dava realce «á figura de maior relevo moral do periodo historico» da constituição politica de Portugal.

*
* *

119) *Telegrafo (O)*. Ibidem. Numero 4830. Sabado, 24 de março 1910. No primeiro artigo regista, como facto digno de particular registo, a comemoração do centenario de Alexandre Herculano; transcreve um trecho do poemeto *Tristezas do desterro*, do Mestre.

*
* *

120) *Tripeiro (O)*. Ano 2.º, numero 64. Porto, 1 de abril 1910. Repositorio de noticias particulares, publicando-se nos dias 1, 10 e 20 de cada mês Director e proprietario, Alfredo Ferreira de Faria. «Pelo Porto», divisa do Club Fenianos, «Honra e fama», divisa do extinto Club dos Girondinos. «Recordar-se, consolar-se». Alexandre Herculano. No alto, á direita do titulo, em gravura, o brasão de armas da cidade do Porto orlado com o colar e a medalha da ordem da Torre e Espada. 16 pag. (32×26). Com gravuras, sendo a primeira o retrato de Alexandre Herculano; a segunda a casa da antiga Viela dos Gatos, onde o Mestre habitou no Porto; a terceira outro retrato do egregio escritor figurando-o sentado num cesto vindimo; e a quarta a caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro representando-o a fugir da Academia das Sciencias para se tornar «azeiteiro». É a copia da aguarela para o *Calcanhar de Achiles* do mesmo caricaturista.

Na primeira pagina traz o trecho de um artigo de Herculano e a seguir um extenso artigo biografico em que inclue a parte que Manuel Pinheiro Chagas dedicara ao Mestre no *Dicionario Popular*. No final d'esta transcrição é que Pinheiro Chagas, referindo-se aos tres grandes cidadãos e egregios escritores que encheram de luz e brilho, com os espantosos clarões do seu talento, a literatura portuguesa no seculo XIX, escreveu:

> «Herculano levou Portugal ao convivio dos grandes pensadores, e deu á nacionalidade portuguesa a consciencia de si propria; Garrett foi a fantasia, Castilho foi a musica, mas Herculano foi o pensamento».

Em outros numeros de *O Tripeiro* se encontram outros documentos e noticias interessantes acêrca de Alexandre Herculano.

121) *Verdade (A)*. Semanario democratico. Director e proprietario, Mario Magalhães. Cidade de Tomar. Ano 30.º, numero 1561. Domingo, 10 de abril 1910. 4 pag. (47×35). Na primeira pagina o artigo assinado pelo Sr. Brás da Serra, sob o titulo *Alexandre Herculano, impressões longinquas*, e escreve, com sinceridade e energia:

> «... Como homem e como cidadão exemplar consideramos que nenhum outro português na sua epoca se destaca tão luminosamente como Herculano a apontar-nos o caminho da dignificação individual e colectiva pelo saber e pela virtude, pelo amor á liberdade e pelo culto do sentimento patriotico.
>
> Nisto está a justificação das homenagens que o país vem tributando a Alexandre Herculano, mau grado á tirania que ele combateu como soldado e como escritor e á reacção que ele flagelou pelo rigor e pela ironia da sua pena inimitavel».

*
* *

122) *Via (A) Ferrea.* Orgão dos empregados da viação acelerada. Proprietario e director, F. B. Pinto Saraiva. Ano 7.º, numero 304. Domingo, 10 de abril de 1910. 4 pag. (53 × 38). No artigo, assinado por José Bacelar, declara-se contrario aos centenarios, não exceptuando o que se dedicava á comemoração de Alexandre Herculano.

*
* *

123) *Vitalidade.* Semanario regenerador-liberal. Director politico e proprietario, M. Rodrigues Vieira; secretario da redacção, Acacio Rosa. Ano 15.º, numero 781. 4 pag. (56 × 40). O artigo principal, na primeira pagina, é consagrado a Alexandre Herculano e é assinado pelo Sr. Jaime de Magalhães Lima, que tem um livro acêrca do egregio Mestre e do qual registei já em outro lugar do tomo presente. O autor d'este artigo entendeu que o centenario despertou no animo da mocidade e nos corações portugueses um sobresalto de veneração e de simpatia, um fremito de admiração, um nome, e esse nome foi o de — Alexandre Herculano.

Em outro artigo, na mesma pagina e sem assinatura, se diz que a vida do egregio historiador encerra belo exemplo e grande lição.

*
* *

124) *Vitalidade.* Semanario regenerador-liberal. Ano 15.º, numero 785. Sabado, 30 de abril 1910. Director politico e proprietario, M. Rodrigues Vieira; secretario da redacção e proprietario, Acacio Rosa. (57 × 39). 4 pag. Na primeira pagina traz um artigo, assinado de Coimbra pelo Sr. João de Castro, que lhe deu o titulo *Herculano poeta* e o aprecia entre Castilho e Garrett, considerando-o como grande e excelso patriota; escreve:

> «... ao ver a corrupção, que lavrava fundo, a felonia de uns e a covardia de outros, esse homem de ferro deve ter chorado na solidão de Vale de Lobos lagrimas tão puras como de Cristo e Lamartine choraram no Jardim das Oliveiras ...».

*
* *

125) *Voz (A) do Professor.* Quinzenal pedagogico. Orgão da associação do professorado primario terceirense. Ano 2.º, numero 29.º Angra do Heroismo, 1 de abril 1910. Director e proprietario, Joaquim Machado Tristão. 4 pag. (46 × 32,5). Na primeira pagina o artigo principal é comemorativo do centenario de Alexandre Herculano, declarando que não podia ficar indiferente ao soberbo estremecer da sua patria

> «... resurgindo para a vida sadia e forte uma regeneração aprendida no exemplo de homens como Alexandre Herculano».

X

126) *Xuão (O)*. Semanario de caricaturas e humoristico. (Suplemento ao numero 110). Director e proprietario, Estevam de Carvalho; secretario da redacção, Julio Dumont (Orlando); caricaturista Silva e Sousa. 4 pag. (53,5×23). Nas paginas 2 e 3 o retrato de Herculano a côres. Os artigos comemorativos são assinados por Magalhães Lima, Gomes Leal (em verso), Agostinho Fortes, Alberto Barbosa, Orlando (em verso), e Styl (pseudonimo).

Palavras finaes e necessarias

Pondo termo á primeira parte do tomo presente cumpre-me declarar que empreguei nela a minha boa vontade, e se não o consegui, como desejava, foi decerto por falta de elementos que não pude coligir, apesar das diligencias empregadas. Julgo, no entanto, que com o grandissimo numero de documentos, de apreciações e de criticas, aqui agrupadas e extratadas convenientemente, não só, ao que me parece, rendi o devido preito á saudosa e imperecivel memoria de Alexandre Herculano, mas tambem trouxe á publicidade, reunidos e coordenados, materiaes que se perderiam ou danificariam com o discorrer dos tempos, e que outro construtor mais habil, de melhor criterio, mais bem orientado, de mais largos e seguros recursos, poderá aproveitar para erigir a tão gigantea figura, como a do egregio Mestre, o monumento a que tem jus nesta patria que ele amou sobre todas as cousas e para cujo resurgimento mental contribuiu, como nenhum outro, na sua propaganda rigida e séria da Moral e do Bem!

Escrevi «primeira parte» do trabalho do tomo presente, porque tem «segunda parte», e é esta constituida essencialmente por amplas investigações critico-bibliograficas que ainda não tinham sido feitas até hoje; apesar do numero avultado de obras escritas e mandadas imprimir no extenso periodo da celebração do centenario

do nascimento de Alexandre Herculano, em 1910, e algumas d'elas de elevado merito, como se poderá ver no registo que pude fazer.

A «segunda parte», pois, foi entregue e desempenhada com a maior elegancia, com suma delicadeza, a mais acertada investigação e a mais habil critica, por um erudito escritor, meu amigo e antigo companheiro nas lidas da imprensa, Gomes de Brito, vantajosa e lisonjeiramente conhecido e apreciado na republica literaria, onde haja intelectuaes que saibam ver e julgar, por grande numero de estudos historicos e criticos, e que tinha a seu favor, alem dos merecimentos e da elevada cultura especial, a conservação de relações intimas com Alexandre Herculano, tendo recebido do egregio Mestre lições e incentivos que lhe aproveitaram na carreira das boas letras a que se destinara.

Alem d'isso, trocando impressões com Gomes de Brito acêrca do andamento d'esta obra que destinara, na serie dos meus longos estudos bibliograficos, inteiramente ao grande Mestre, e aos seus gloriosissimos trabalhos, era natural que discorressemos acêrca do modo como foram sucessivamente sendo impressos esses trabalhos e estudos em diversas edições, em lapso de tempo não curto, e ás variantes nelas introduzidas, assim no verso como na prosa, pois nas pesquisas de ambos já se haviam encontrado muitos e notaveis, e isso era de grande importancia para a critica bibliografica.

D'aí portanto nasceu o acordo em que ambos trabalhavamos para o mesmo fim, principal e essencialmente de preito ao insigne

e imortal Mestre, que tudo merecia; e d'aí a necessidade, para mim imprescindivel, de suspender nessa parte o meu trabalho e aceitar reconhecido como indiscutivelmente superior e de altissima importancia, o que estava em andamento fulgurante nas mãos inteligentes e amestradas de Gomes de Brito. E assim damos tambem um bom exemplo de confraternidade literaria, e eu, confesso-o com alegria intima, ganhei para o tomo XXI colaboração que lhe dá incalculavel valor. Os estudiosos o dirão e apreciarão, e por sem duvida me devem agradecer que eu trouxesse oportunamente para a publicidade trabalho conscienciosissimo, no qual se consumiram muitos meses de paciente e laboriosa investigação, e que assim ainda não estava feito em beneficio das boas letras nacionaes. E assim devia de ser: tratava-se do maior vulto literario em Portugal do seculo XIX.

Notar-se-ha que eu dei com algumas minucias não divulgadas (por serem apenas conhecidas de duas ou tres pessoas) «os ultimos momentos» do egregio Mestre, e que fazem diferença essencial das que em tempo, e muito depois do obito de Alexandre Herculano, foram escritas e publicadas em um livro e até com impressão em separado. Tive conhecimento d'essa publicação fora da ocasião em que aparecera e se fizera a distribuição, e d'ela se serviram, inadvertidamente decerto, alguns escritores em artigos

comemorativos do centenario, como facto historico, bem averiguado.

Por considerações pessoaes e de camaradagem, julguei cordato abster-me de analise e contradità ao que se reproduzira, e longe de mim a ideia de que seria obrigado, pela necessidade de documentar o meu trabalho, a registar pontos da vida particular de Alexandre Herculano, em livro de responsabilidade moral e literaria como o *Dicionario Bibliografica*, que requer investigações sérias, conscienciosas e fidedignas. A controversia, a que então me abalançaria, apesar de firme nas suas bases e sem receio na replica, poderia no entretanto incidentalmente azedar-se e envenenar-se com desprimores que haviam de contrariar-me e desgostar-me. Fiquei então silencioso. Agora tambem não se me afigura acertado apurar essas minucias.

Deve, porem, ficar assente e será irrefutavel que o que atrás ficou escrito nas paginas 94 e 95, como pude fazê-lo na minha linguagem chã e sem flores, é a pura verdade historica para a perfeita biografia do egregio Mestre. O quadro, que presenciei, tinha côres escuras, sombrias, carregadas, pela solidão em que se desenrolava e pela angustia dos que nele figuravam e a da assistencia com solicitude exemplarissima, e com o coração dilacerado; esse quadro foi tão triste, tão lugubre, que não poderá olvidar-se, nem esquecerá nunca. Nesse momento doloroso, em que a morte sinistra se aproximava rapida, e não havia na sciencia, nem nas dedicações mais acendradas, remedio algum, não podia haver poesia, nem havia ali poeta que pudesse levar as suas saudades, as

suas lamentações, as suas angustias e as suas lagrimas, para as linhas rimadas, por maior que fosse o brilho que lhes quisesse transmitir do fogo do seu talento e do poder vigoroso do seu estro!

A historia da trasladação dos restos mortaes de Alexandre Herculano do adro da igreja da Azoia de Baixo para o mausoleu monumental dos Jeronimos, e a da construção d'este mesmo mausoleu (cuja estampa acompanha estas linhas), acham-se narradas, a primeira num livro que se publicou por ocasião do centenario, escrito por Gomes de Brito, meu grato colaborador neste volume, e se intitula: «*Paginas intimas. No primeiro centenario de Alexandre Herculano. 28 de março de 1810 a 28 de março de 1910.*— Livraria Férin, editora,—Lisboa»; a segunda nos *Relatorios da Comissão Executiva* d'este monumento, vindos a lume, um em 1893, e em 1896, o outro.

De um e de outro extratarei o preciso para, resumidamente, pôr os leitores ao facto do como, e por que modo a nação portuguesa se desempenhou do dever que lhe incumbia de honrar as cinzas do seu primeiro historiador. E já que este dever foi convertido no *direito* que se lhe atribuiu de ser ela inteira, e não um pequeno grupo de amigos e admiradores do Grande Escritor, que lhe preparasse a ultima jazida, ocasião é de repetir, com o autor do livro que citei:—«Oxalá a nação se lembre sempre, como hoje, do *direito* que lhe atribuiram, e que ela já agora não pode renegar, sob pena de ser riscada de entre o numero das nações cultas!».

«Alexandre Herculano, narra Gomes de Brito, exalando em Vale de Lobos o ultimo suspiro, a 13 de setembro de 1877, era depositado, no dia seguinte, no pequeno tumulo do general Vieira Gorjão, no adro da igreja da Azoia. O monumento, construido para o sobrinho do general, para os despojos de seu tio, e para os do seu proprietario, não podia por muito mais tempo guardar o precioso deposito. Uma fatalidade, um acontecimento, dos que dependem das incertezas e vicissitudes d'esta vida, podia dar origem a uma justa reclamação. O proprietario do jazigo, o velho José Filipe de Sá, poderia, sem o querer, vir tomar o logar que lhe ocupava o hospede. Esta possibilidade afligia os amigos de Herculano, e levava-os a cogitarem nos meios de a prevenir.

Entre estes, um havia, que muito merecidamente gozava da estima do Grande Escritor. Chamava-se Francisco Augusto Xavier de Almeida, e era então naturalista adjunto na Escola Politecnica. Conhecera-o Herculano desde a puericia, educado e guiado por seu padrinho, o Dr. Francisco Antonio Pereira da Costa, antigo director d'aquele instituto de ensino superior.

Foi a este excelente moço, diamantino caracter, grande estudante, e então funcionario distintissimo, que pertenceu a iniciativa dos primeiros passos, para se dar ás cinzas de Herculano um jazigo, embora modesto, mas privativo, num dos cemiterios da capital.

Ligado ao autor d'este livro, em tão meritorio cometimento, e obtendo a adesão de seu padrinho, de João Pedro da Costa Basto e do Dr. José Maria Borges, procuraram ambos José Gregorio da Rosa Araujo, então presidente da Camara Municipal de Lisboa, e Eduardo Coelho, director do *Diario de Noticias*. Convidaram-nos, ao primeiro, para presidente da comissão que devia angariar os meios de se construir no cemiterio dos Prazeres um modesto jazigo para receber as cinzas do Grande Historiador, e ocorrer ás despesas da trasladação da Azoia para Lisboa, ao segundo, para aceitar o cargo de secretario da mesma comissão, tendo por colega a Gomes de Brito.

Obtida a acquiescencia dos dois convidados, foi lembrado para tesoureiro da comissão o lente da Escola Naval João Maria Galhardo, sobrinho do Grande Escritor e muito seu afeiçoado, como esposo que era de uma prima, filha da irmã de Herculano, D. Maria da Assunção.

Propusera Gomes de Brito para membro da comissão o conselheiro Joaquim Filipe de Soure, que fôra um dos grandes amigos do autor da *Historia de Portugal*, e seu acerrimo admirador. Convidado para este fim, declinou o convite, pelo facto de residir em Evora, e só acidentalmente vir á capital. Compensou, porem, a sua justificada escusa, oferecendo para logo á comissão um donativo de *seis contos de réis*, para fazer face ás primeiras despesas, prometendo de *motu proprio*, continuar a ajudar a comissão, quando se conhecesse ser necessario aumentar a verba subscrita, para ocorrer ás despesas orçamentadas.

Realizada, no emtanto, a primeira reunião d'esta comissão em uma das salas dos paços do concelho, assistida de varios cavalheiros, sabidamente amigos de Herculano, alvitrou um d'eles, João de Andrade Corvo, que a modesta subscrição proposta fosse convertida em grande subscrição nacional, e ao singelo jazigo projectado para o cemiterio dos Prazeres se substituisse um mausoleu monumental, a erigir em nome da nação e por diligencia da Comissão Executiva da Grande Comissão, constituida já esta, e nomeada, acto continuo, aquela. O mausoleu a erigir, sê-lo-hia no claustro do convento dos Jeronimos, local julgado o mais idoneo á realização do grandioso projecto».

Até aqui, o livro a que me referi, acompanhado de uma que outra reminiscencia propria, para completar pormenores em que o seu autor não entrou, por tal não ser o seu objecto.

Agora, o que se pode colher dos *Relatorios da Comissão Executiva do Monumento*.

Fôra ela composta pelos seguintes cidadãos:
José Gregorio da Rosa Araujo, presidente.
João Maria Galhardo, tesoureiro.
Francisco Antonio Pereira da Costa, vogal.
Francisco Augusto Xavier de Almeida, vogal.
João de Andrade Corvo, vogal.
José Manuel da Costa Basto, vogal.
José Maria Borges, vogal.
Eduardo Coelho, secretario.
José Joaquim Gomes de Brito, secretario.

Á data, porem, do seu primeiro relatorio, em 6 de abril de 1893, achava-se reduzida aos signatarios d'ele:
José Manuel da Costa Basto, vogal.
João Maria Galhardo, tesoureiro.
José Joaquim Gomes de Brito, secretario.

Foram estes tres membros restantes, que deram conta á Grande Comissão Nacional, e subscritores, presidida pelo Duque de Palmela, sendo secretario Rafael Eduardo de Azevedo Basto, em sessão da mesma data supra, da totalidade dos donativos recebidos e do seu emprego.

A subscrição, aberta a 15 de novembro de 1880, por meio de um manifesto em que se declarava aceitar-se qualquer quantia, de 100 réis para cima, facilitando assim a todas as camadas sociaes o tomarem parte nesta demonstração da iniciativa nacional, só se fechou dez anos depois. O numero total de donativos foi de 1:759,

e o seu produto de 14.034$225 réis, incluidos nesta totalidade os 6.000$000 réis da subscrição Soure, a que já me referi.

Assim, tendo, como fica dito, produzido a subscrição.................. ..	14.034$225
E adicionados juros vencidos na Caixa Economica do Montepio Geral, importando em.	2.089$020
E bem assim entregue pelas pessoas que auxiliaram a cobrança.....	9$870
Dispôs a Comissão Executiva da quantia total de......	16.133$115

Esta subscrição geral foi reforçada, por votação parlamentar, com a soma de 10.000$000 réis, posteriormente elevada a réis 12.500$000. O engenheiro Manuel Raimundo Valadas, então director da Casa Pia, tecnico conspicuissimo, a quem a comissão entregou a direcção artistica de toda a obra, os empregou em adaptar a antiga casa capitular do convento, que não chegara a ser acabada, á aprovada capela sepulcral, fechando-a, lageando-a, rasgando-lhe mais uma janela para a Rua de S. Jeronimo, e abrindo a tribuna, ao fundo do recinto, que fôra mascarada noutro tempo, para conveniencia da administração interna da Casa Pia. O resto d'este donativo oficial empregou-o o diligente engenheiro em concluir os rasgamentos das varandas do andar nobre do claustro, que nunca haviam sido terminados. Por este modo, os olhos

dos visitantes da capela sepulcral, entrando no recinto do mesmo claustro, nada vèem que não esteja em completa harmonia com a ordem e perfeição decorativas, exigiveis em semelhante monumento. Pelas razões que a Comissão Executiva expõe em seu relatorio, teve de ser alterado o mandato da Grande Comissão Nacional. O mausoleu, em vez de ser construido ***no claustro,*** propriamente dito, foi-o na aludida e até então imperfeita Casa Capitular, no que levou grandissima vantagem ao preceituado, visto como, todo o conjunto, tal qual ficou, colocado o mausoleu desafogadamente ao centro do recinto, como se vê na estampa junta, forma um todo homogeneo, constituindo o Monumento, por excelencia, com o caracter de grandeza, amplitude e magestade, que de outro modo não alcançaria.

As despesas feitas dividem-se em dois capitulos:

I — Monumento sepulcral dos Jeronimos.	8.148$300
Expediente da subscrição, remunerações e gratificações, por serviços prestados na construção...	1.050$205
Total.	9.198$505
II — Trasladação e exequias....	1.900$000
Expediente d'este acto solene e outros encargos acessorios..	244$205
Total...	2.144$205

Tumulo de Alexandre Herculano no templo dos Jeronimos
(Belem)

Em resumo:

Capitulo I..	9.198$505
Capitulo II..	2.144$205
Total geral..	11.342$710
Saldo que ficou existindo na Caixa Economica do Montepio Geral á disposição da Grande Comissão Nacional..	4.790$355
Total igual á receita.	16.133$065

É dever advertir que a então intitulada «Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portugueses» ofereceu gratuitamente á Comissão o comboio expresso, em que se efectuou a trasladação dos restos mortaes do Grande Historiador para Lisboa.

Rematando o seu relatorio, pediam os signatarios á Grande Comissão dos Subscritores a aprovação de duas propostas:

1.ª Construção na freguesia da Azoia de Baixo, concelho de Santarem, de um edificio para escola de instrução primaria, dos dois sexos, para ser entregue à Camara Municipal d'aquela cidade;

2.ª Entrega á Real Casa Pia de Lisboa das sobras do saldo, após o pagamento integro das despesas com a construção *supra*, e bem assim da chave da capela sepulcral, solicitando-se da admi-

nistração d'aquele pio instituto a conservação e guarda do monumento, expondo-o ao publico, segundo fôr combinado.

A assembleia aprovou estas propostas, e num segundo relatorio, datado de 24 de julho de 1896, deu a comissão conta do emprego que fizera d'aquele saldo pela resumida maneira seguinte:

Receita no Montepio Geral, juros vencidos e venda de materiaes, no local da futura escola...	5.017$310
Despesa — compra de terreno e mais encargos, construção do edificio escolar, e outros gastos, impressão dos relatorios, etc.	4.467$310
Saldo definitivo a entregar á Real Casa Pia de Lisboa. ..	550$000

Esta quantia foi, com efeito, entregue em 24 de julho de 1896 ao digno Par do Reino Francisco Simões Margiochi, provedor do referido instituto, em presença de duas testemunhas idoneas, lavrando-se termo do contracto, mediante o qual a comissão entregava o monumento á guarda da Administração da Casa Pia, ficando a sua integridade assegurada pela portaria de 17 de junho d'aquele ano, publicada no *Diario do Governo* de 19. Tal diploma preceitua com efeito:

«que em tempo algum nenhuma entidade oficial, que superintenda na construção, conservação e dominio do edi-

ficio do extinto convento dos Jeronimos, consentirá que na dita capela seja admitido definitiva ou ainda provisoriamente nenhum outro despojo de personalidade humana».

Conclue este documento por autorizar o provedor a aceitar a oferta que a Comissão Executiva lhe fizera do saldo remanescente definitivo.

Todos os documentos foram depositados na Torre do Tombo, a par de algumas reliquias que se lá guardavam já do Extinto Escritor.

Entre as muitas pessoas que auxiliaram a Comissão Executiva no desempenho do seu mandato, singulariza ela especialmente, alem do engenheiro Manuel Raimundo Valadas, os ministros das Obras Publicas Antonio Augusto de Aguiar e Bernardino Luis Machado Guimarães, assim como o conselheiro Mariano Cirilo de Carvalho. D'estes tres, o primeiro e o ultimo teem os nomes esculpidos na extensa lapida colocada ao fundo da capela, e ai se acha tambem o nome do engenheiro que tudo dirigiu com tanto gosto e acerto.

Resta-me dar noticia breve das entidades que responderam ao apêlo da Comissão Executiva do Monumento, e da maneira por que o fizeram.

Começando, como de dever, pela imprensa periodica, vejo que nas listas dos subscritores que acompanham os relatorios que tenho extratado, figuram, quer por donativos proprios, quer por

subscrições promovidas nas respectivas folhas, seis redacções de jornaes de Lisboa e provincias.

Das corporações administrativas, onze camaras municipaes e duas juntas geraes, figurando entre as primeiras o Leal Senado de Macau, subscreveram do proprio cofre; duas outras camaras municipaes, não subscritoras, alcançaram de seus municipes importantes donativos, e das onze subscritoras, tres procederam igualmente.

Dos institutos scientificos e literarios do país, quer oficiaes, quer particulares, vejo um em Lisboa, um no Porto, um em Coimbra. No Porto, uma sociedade de recreio. Singulariza-se ainda um cidadão de uma freguesia ás abas de Lisboa, hoje compreendida dentro d'ela, promotor de uma notavel subscrição, em que se inscreveram muitos operarios.

Nos elementos oficiaes, contam-se as subscrições promovidas pelos governadores do Estado da India e da provincia de Angola, pelo director das Obras Publicas da provincia de Cabo Verde, pelo consul de Portugal em Tanger. O consul de Portugal em Gibraltar subscreve por si, e diversos funcionarios do Ministerio da Marinha, militares e civis, formam relação especial. A fechar, os subscritores das paroquias de Lisboa, em numero de 401, entre os quaes uma dama, e o actual Presidente da Republica, Dr. Manuel de Arriaga.

Do estrangeiro veio a importante subscrição promovida em S. Luis do Maranhão pelo consul de Portugal, Dr. Raimundo Venancio Rodrigues Capela, a não menos lusida do Gabinete Portu-

guês da Baia, a do Club Português de Hong-Kong, e remetida á redacção do ***Diario de Noticias,*** a subscrição tambem promovida entre portugueses residentes em Yokohama. Na subscrição promovida pelo Leal Senado de Macau, incluem-se tres chins naturalizados portugueses. O numero de titulares no continente do reino e na Asia foi de vinte e dois. Dois eclesiasticos, sendo um paroco numa freguesia da capital e um capelão da Armada, honraram nesta subscrição o estado a que pertenciam.

Finalmente, honraram a seu turno as listas da Grande Subscrição Nacional nove estrangeiros, sendo cinco hespanhoes, um francês e titular, e tres ingleses. Entre os subscritores hespanhoes, o tradutor do *Eurico*, do *Monge de Cister* e das *Lendas e Narrativas.*

Taes foram as principaes feições da Grande Subscrição para se erigir em Lisboa um mausoleu monumental, onde viessem repousar para sempre as cinzas do grande esmerilhador das origens da nacionalidade portuguesa.

Não fecharei esta parte do tomo XXI sem reiterar o meu profundissimo agradecimento a todas as pessoas que me obsequiaram durante a impressão, especializando em diversas classes, desde as mais elevadas, os funcionarios da Biblioteca Nacional de Lisboa, da Universidade de Coimbra, e da Imprensa Nacional de Lisboa.

Em todos encontrei sempre a melhor boa vontade em me auxiliarem nos enfadonhos e inglorios trabalhos bibliograficos, de que só pode fazer ideia perfeita quem anda nestas fainas por bibliotecas e arquivos, publicos e particulares, quantas vezes sem resultado satisfatorio!

Dezembro, 1912.

Brito Aranha.

Indice da primeira parte do tomo 21.º

A

B

C

Corpos legislativos em 1910:

Na Camara dos Pares:

Na Camara dos Deputados:

D

E

F

G

H

I

J

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

Z

Lista geral das publicações comemorativas

A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

L

M

N

O

P

S

T

V

X

Lista dos periodistas, escritores, prosadores e poetas, e de outras pessoas que de qualquer modo se associaram e contribuiram nas gazetas comemorativas para o maior brilho da glorificação prestada ao egregio Mestre e propagandista do Bem, Alexandre Herculano, no centenario do seu nascimento em 1910 [1].

A

B

C

---

[1] As listas, ou indices, que pus agora no fim da primeira parte do tomo XXI auxiliarão as pessoas que necessitem do consultá-lo. Este ultimo obedeceu á ideia de engrandecer as homenagens prestadas a Alexandre Herculano, reunindo aqui os nomes de todas as pessoas que a elas se associaram ou ligaram e de que não é facil desligá-los. É o derradeiro cortejo que ficará para sempre registado.

M

N

O

P

Q

R

S

T

V

X

Z

ALEXANDRE HERCULANO

Segunda parte

Estudos critico-bibliograficos

POR

GOMES DE BRITO

A singela tentativa de exposição comentada da obra imensa de Alexandre Herculano, bibliograficamente disposta, por nós apensa neste volume, e graças á obsequiosa condescendencia do nosso bom e querido amigo Brito Aranha, ás suas laboriosas investigações tendo por objecto quanto se refere ao Centenario do grande historiador, aspira apenas a constituir o começo de obra de maior folego, que outrem, melhor habilitado e mais competente, de futuro ha-de vir a empreender decerto.

De feito, comquanto o inventario da laboriosa literatura do fecundo escritor compreenda todos os escritos assinados de que pudemos ter conhecimento, e bem assim os que, sem especie nenhuma de duvida se lhe devam atribuir, que não houveram assinatura, atinja nesta tentativa, extensas proporções, maiores serão ainda, quando um estudo detido de cada um dos assuntos que se nos depararam não assinados, e muito presumivelmente tambem obra do *Mestre*, corroborada a presunção, permitirem que se avolume esta resenha, habilitando futuros bibliografos a refundi-la, dotando-a com os aperfeiçoamentos de que esta primeira tentativa é decerto susceptivel.

Á propria confessada insuficiencia se ajunta o não terem permitido as obrigações do oficio, e a apertura do tempo de que pudemos dispor, desde que entrámos nesta empresa, até o momento de a deixar que nos fugisse das mãos, para ir entregar-se ao prelo, que a levassemos ao apuro de que ainda —com magua o reconhecemos— ficou assaz carecida.

Limita-se, pois, o nosso arrolamento ao que é, pouco mais ou menos, conhecido, ou de que já tenha sido dada noticia, provindo da pena do ilustre extinto, ligando nós, quando de molde se proporcione fazê-lo, ou á nossa noticia tenham vindo, a um que outro artigo, as noticias que melhor possam estabelecer-lhes e desenvolver-lhes a historia, ou explanar-lhes as intenções.

Não devemos, porem, esquecer que esta nossa tentativa é destinada a formar parte de mais um tomo do *Dicionario Bibliografico Português*. Por isso, sempre que a ocasião se apresente, não deixaremos de aproveitá-la, reportando as nossas despretensiosas notas a quaesquer informações, dos precedentes tomos constantes, quando estas, com aproposito manifesto, contribuam para estreitar os vinculos, que nos hão-de ficar ligando á obra valedora do prestantissimo bibliografo Inocencio.

Será esta uma homenagem mais a tributar ao laborioso trabalho, com tanto acerto, quanta competencia proseguido pelo seu digno continuador, e nosso complacente amigo e companheiro. E pois que já o sabemos nobremente empenhado, tal qual neste mesmo volume com tanto brilho o prova, em que se erija «a tão gigantea figura, como a do egregio Mestre, o monumento a que tem jus», dever nosso é por igual agradecer-lhe a parte que no empenho nos deu.

Na patria que Herculano «amou sobre todas as cousas, e para cujo resurgimento mental contribuiu, como nenhum outro, na sua propaganda rigida e seria da Moral e do Bem!», ainda ha-de haver —firmemente o cremos— quem não duvide fazer justiça a um e outro de nós dois, e a cada qual segundo a merecer.

*

O plano que adoptamos para o nosso projecto, é o que perfilhamos para a sua execução, e é singelissimo.

Começamos por dividir a Obra inteira de Herculano nas mesmas duas partes que ela compreende;—poesia e prosa.

Concluidos que foram os estudos da primeira, passamos a examinar a segunda. Ora, como Herculano começou justamente como poeta a sua carreira de escritor publico, indicado nos estava por onde deveria começar o nosso empenho. Levamos, portanto, o re-

lacionamento das obras poeticas, tanto originaes como traduzidas, ou imitadas, desde 1829 até 1872; isto é, desde a existencia do poemeto *A Semana Sancta* até á publicação no *Repositorio Literario*, do Porto, da elegia á morte de *D. Pedro*, e d'ai até á do fragmento da tradução do *Orlando*, de Ariosto, no *Almanaque das Senhoras*. Fecha-se a parte poetica registando as produções teatraes (1838 e 1844).

Semelhantemente, as obras em prosa. Começa-se pelos dois primeiros primorosos artigos que o moço Voluntario da Rainha publicou, em 1834, no já mencionado *Repositorio Literario*, e fazem já hoje parte do tomo IX dos *Opusculos*, e acaba-se nas *Cartas sobre a Emigração*, (1870-1875), sem deixarmos de nos referir ao projectado livro —*Scenas de Um Anno da Minha Vida*— de que o general Sr. Brito Rebelo publicou alguns truncados capitulos no *Archivo Historico Portuguez*, vol. VIII, 1910.

Assim, a ordem a seguir é a cronologica, tal qual a que se adoptou para as obras poeticas, ficando as de teatro, por episodicas, porque assim nos exprimamos, na carreira literaria do Autor, formando o elo de ligação entre uma e outra das duas partes. Quando haja, como ha-de haver, decerto, diversas publicações a citar no mesmo ano, terão a precedencia as primeiras datas, sempre que forem conhecidas.

A parte epistolografica, por motivos identicos á destinada ao *Teatro*, formará secção á parte, fechando a longa resenha da Obra Herculanesca.

*

Onde a dificuldade de extremar uns de outros artigos, concorrendo os de Herculano, sem assinatura, com outros, tambem sem ela, se apresenta mais irredutivel, confessamo-lo, é no *Panorama*, no qual, principalmente nos primeiros anos, o Grande Escritor tão variadas materias tratou, sem as distinguir com as duas prestigiosas iniciaes, sequer, que posteriormente adoptou. Na verdade, ha ai artigos nestes termos, que, pelo assunto que versam, não deixam a menor duvida de serem da sua pena autorizada, e neste caso, erro seria não os mencionar. Outros se apresentam, porem, que, escritos para comentar, por exemplo, a estampa gravada que acompanha o popular hebdomadario, deixaram perplexidades taes em nossa limitada penetração, que por menos avisado tivemos fazer resenha d'eles. Preferimos assim a confissão sincera da nossa incapacidade para resolver as duvidas ao abalançarmo-nos *por palpite* a macular com uma quasi voluntaria imperfeição obra que tanto aspirariamos, se o tivessemos por possivel, a que saisse perfeita.

*

Aventurando-nos a dar a publico a bibliografia comentada da extensa Obra Herculanesca, não foi sem que mui de espaço atentassemos nas gravissimas consequencias que de tal resolução poderiam advir, não tanto para a nossa pessoal reputação nas letras, que é absolutamente invaliosa, mas — e aí punhamos todo o nosso sentido — para o respeito que se deve á memoria imperecedoura do Grande Escritor, e tambem para o decoro que é para guardar a quanto interessa ao que saiu da sua pena, tão prestigiosa quanto veraz e austera.

Pareceu-nos, porem, e que aquela de nós tão querida memoria nos valha o perdão de quem tem o direito de nos condenar; — os amigos que aindam restam de Alexandre Herculano, e os seus admiradores respeitosos, presentes e futuros, que os ha-de continuar a ter por essas idades em fora o excelso escritor; — pareceu-nos, porem, que mantendo-nos dentro das sós atribuições de bibliografo consciencioso, apenas uma que outra vez assumindo mais extensamente a situação de biografo, antes literario do que pessoal, conseguiriamos o nosso sincero proposito: — ficar dignos de intentar bibliografia semelhante; — tão dignos, que nem o juizo dos leitores tivesse que exprobar-nos, nem a sagrada memoria do Mestre e do Amigo que escandalizar-se do cometimento.

PARTE PRIMEIRA

Poetica

Original, imitada e traduzida

Teatro

I

> «O sabio não vae todo á sepultura;
> Não morre inteiro o justo, o virtuoso;
> Na memoria dos homens brilha e dura».
>
> BOCAGE — *Elegia á morte de Bersane.*

Como no de todos os mancebos que natura faz poetas, cedo — mais cedo, até, do que em muitos d'eles — desabrochou no imo peito do joven Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo a flor inspiradora da poesia.

Fez-se a sua aparição preceder, porem, d'aquele raciocinar precoce que levou o talentoso moço á pratica de uma salutar inclinação; — a de buscar familiarizar-se com os peregrinos exemplares das boas letras, pondo-os por escrito na materna lingua. Assim obrigava — quantos, atraidos para os labores literarios, ganhariam em imitar-lhe o exemplo! — as faculdades do intelecto a desenvolver-se e a robustecer-se, no contínuo aplicar da reflexão, no constante exercitar do raciocinio.

Ao par d'estas tão felizes disposições, brotava no espirito do moço estudante outra, com a qual ele partilhava a novel preferencia. Ela viria a ser, no incerto e não previsto futuro, o recurso do patriota desiludido, e do escritor abstemio, para alcançar a morte, sem suicidio. — Era o amor da natureza, agora representada nas flores com as quaes esta sabe engalanar a vida, deleitando os olhos e deliciando o olfacto, logo depois, estampada no campo, com tudo quanto o campo dá aos homens, para seu alimento e gozo; — o trabalho salutar, e a tranquilidade, o sossego, a paz que só na solidão dos campos é possivel encontrar.

Em 1830, eram ainda sós as flores que dominavam, com as letras á compita, o espirito do joven estudante. Eram o mondar e o sachar dos alegretes, no

jardim da casa paterna, que partilhavam com os estudos Oratorianos as suas desenfastiadas lucubrações literarias. Tudo retrata, em dois versos, o venerando autor das *Excavações Poeticas*, em sua epistola, d'aquela data, ao Morgado de Assentiz:

> «Larga o sacho ao frenetico Alexandre
> Se Schiller e o «Phantasma» o deixam livre;»

Com a tradução do *Phantasma*, porem, nascia obra propria; nasceu *A Arrabida*, como no ano anterior nascera *A Semana Sancta*, com algumas produções mais, decerto, a que o Autor deu efemera existencia, condenando-as ao fogo, ao apurar quaes deviam ficar por testemunho da sua maravilhosa precocidade poetica.

Depois ... «as paixões férvidas da mocidade» foram chegando, e como que «já se sentia rugir a pouca distancia as tempestades que iam agitar e devorar os anos mais belos da vida»[1] d'este estudante-poeta, feito conspirador perseguido.

Veio a fuga, e d'ela ficou o *Hymno a Deus*, escrito em Plymouth, em 1831. Vieram as *Tristezas do Desterro*, que se lhe seguiram, decerto, embora aparecessem muito depois, e não datadas:

> «Pelo dorso das vagas rugidouras
> Eu corri d'além mar para estas plagas.
> Pelas antenas, em nublada noite,
> Ouvi o vento sul que assobiava,
> E de ouvi-lo folguei. Da patria vinha:
> Seu rijo sopro refrescou-me as veias».

E as saudades da patria ainda tempos depois, e após a conquista d'esta, se levantavam vividas na privilegiada memoria do exul trovador:

> «No despontar da vida, do infortunio
> Murchou-me o sopro ardente;
> E saudades curti em longes terras
> Da minha terra ausente».

Veio o afrontar de novo os mares, em 1832, ao passar, emfim, expedicionario liberal, para a Terceira, e ficou da travessia *A Tempestade:*

> «Oh tempestade! Eu te saúdo oh nume,
> Da natureza açoite!
> Tu guias os bulcões do mar princeza,
> E é teu vestido a noite!».

Ali, finalmente, ali, onde ia travar-se o sangrento duelo entre a Opressão e a Liberdade, ali, recordando:

> «o breve jardimzinho»,

---

[1] Trechos auto-biograficos, *in Monge de Cister*, tomo II, pag. 59 da edição de 1848.

e as suas

«. . . pendidas flores».

o foragido, agora *Soldado* que se prepara para vencer, sauda a

«terra da sua infancia»

o

«tecto de seus maiores»

e exclama :

«Eu vos saúdo ! e o longo
Suspiro amargurado
Vos mando. É quanto pode
Mandar um pobre soldado !».

Tudo remata, ainda bem não terminou a luta, o indefesso poeta, desferindo, magnanimo, e verdadeiramente digno da recem-conquistada Liberdade, o seu canto de perdão, a sua suplica aos vencedores, em favor dos vencidos :

«Quem, pois, consolará gementes sombras
Que ondeiam junto a mim ?
Quem seu perdão da Patria implorar ousa,
Seu perdão de Elohim ?
Eu, o christão, o trovador do exilio,
Contrario em guerra crua,
Mas que não sei verter o fel da afronta
Sobre uma ossada nua»,

«É tempo de olvidar odios profundos
De guerra deploravel.
O forte é generoso, e deixa ao fraco
O ser inexoravel».

Que mais resta agora ao pensador poeta, profunda e sinceramente religioso, profunda e ardentemente crente ; que mais lhe resta, para fechar este primeiro ciclo da sua actividade poetica, passada a glorificar a Deus e á Natureza, passada a celebrar as obras que a Religião inspirou ; passada, emfim, a dar testemunho do seu acrisolado amor patrio ?

Entoar, em 1835, aquele seu religioso canto, que se lhe eleva da alma, em presença do vasto oceano, «com horrido clamor turbado» ; dar expressão á voz ignota que lhe diz :

—«Cantor, esse queixume
Da nuncia das procellas,
. . . .
Typo da vida do homem,
É do universo a vida ;
Depois do afan, repouso,
Depois da paz a lida.

Se ergueste a Deus um hymno
Em dias de amargura,
. . . .
Seu nome não maldigas,
Quando se turba o mar:
No Deus que é pae, confia,
Do raio ao scintillar.

Elle o mandou: a causa
Disso o universo ignora,
E mudo está. O nume,
Como o universo, adora!».

E tal foi, até seu ultimo dia, a crença inabalavel do «velho catolico», de quem Doellinger foi companheiro. Aliança do Christianismo com a Liberdade; tal foi o lema d'aquele que se chamou Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo.

II

Parece não dever restar duvida de que foi o *Repositorio Literario*, do Porto, o jornal que primeiro deu a lume, em 1834, composições de Herculano, em verso e em prosa.

Na verdade, e como já o notamos na resenha do nosso primeiro capitulo, uma poesia escrevera ele no ano anterior — *A Vitoria e a Piedade* — que, segundo adiante observaremos, para lograr seu efeito, carecia de imediata publicidade, e não se atina como a haja então alcançado, a não ser avulsamente. Um livro de que apenas escrevera alguns capitulos, especie de auto-biografia ou memorial da sua mocidade, não o chegou a acabar. E quando, sequer pudesse lembrar-se de dar asas ao estro poetico, já seu inspirador desde os verdes anos, como haveria de consegui-lo, repartido entre os horrores do cerco, e os seus deveres militares? Como haveria de consegui-lo, sem imprensa e sem leitores?

Porque forma, pois, lograra Herculano, logo que as circunstancias lh'o permitiram, encetar no predito periodico a carreira de escritor publico, de que tão primoroso ornamento haveria de vir a ser? As suas habilitações literarias — ao menos as que poderiam documentar-se — eram, como anda sabido, modestissimas. Frequentara em sua primeira juventude as aulas dos congregados das Necessidades, e se é certo que de lá saiu o latinista que sabemos, os apurados recursos a que, de repente, seus pais se viram reduzidos privaram-no de aspirar á formatura coimbrã.

Matriculou-se, por isso, na aula de diplomatica, para a frequencia do curso lectivo de 1830-1831. Fosse qual fosse, porem, o motivo, meses antes do 21 de agosto, data da malograda revolta de infantaria 4, em que, segundo anda em voga, se achou envolvido, e terá sido a causa que o obrigou a emigrar, o joven estudante tinha já abandonado o curso. É o que se colhe do periodo de uma carta do professor da sobredita aula, o patriarca da sciencia diplomatica em Portugal, João Pedro Ribeiro, publicada no *Boletim da Sociedade de Bibliofilos «Barbosa Machado»*, n.º 1, pag. 54, onde textualmente se lê:

> «Conheci a sua aptidão (a de Herculano) e me persuado que *esses mezes que teve a menos de aulas* se suprem com os seus talentos e estudo ...».

Assim, nem o diploma d'este curso pudera alcançar, e quando, em fins de 1837, aspirou ao logar de paleografo, que a Camara Municipal de Lisboa pretendia criar[1], apesar do valioso empenho de João Pedro Ribeiro, expresso na aludida carta, datada do Porto, a 9 de novembro d'esse ano:

«... e por isso não duvido recomenda-lo a V. Ex.ª para o patrocinar nas suas pertençoens».

por falta do competente titulo de capacidade do seu protegido, não logrou fazê-lo nomear o proficiente cirurgião-mór que fôra do quartel general de Napoleão, o vereador Lima Leitão, a quem esta carta foi mais que certamente dirigida, apesar de naquele *Boletim* se lhe atribuir outro provavel destinatario.

Obrigado, porem, Herculano a exilar-se, tratou de aproveitar o exilio, continuando a instruir-se? Para tentar a resposta a tal pergunta, cumpre notar previamente que toda a ausencia do continente de Portugal do joven conspirador se reduz a doze meses incompletos, pois que tendo, ao deixar Lisboa em agosto de 1831, aportado a Plymouth, em 9 de julho, do ano seguinte, fazendo parte da expedição liberal, desembarcava nas praias do Mindelo.

Ora, d'estes doze meses, o de setembro, e acaso parte do de outubro, viveu-os o poeta naquela cidade inglesa, como se pode deduzir de um passo da narrativa *De Jersey a Granville*, impressa no vol. II das *Lendas*. O resto, até á saida da expedição de Belle-Isle para a Terceira, em 10 de fevereiro de 1832, isto é, obra de *cinco* meses, é quanto o joven emigrado passou em França, onde por força de razões que bem se podem compreender, sabida a angustiada situação do triste exul da patria, em mais de um passo das suas poesias d'este tempo testificada, pouco vagar lhe terá ficado, e disposição de animo, para aporfiar em quaesquer estudos.

Assim, o mais que ele, porventura lograria, seria ir utilizando, em favor da robusta inteligencia que se lhe manifestava, aquele influxo potente de progresso intelectual que desde os primeiros anos do seculo vinha reinando fora da sua patria, e que tanto a distanciava do resto da Europa.

Que meios restavam, pois, ao infeliz expatriado para conseguir a assimilação literaria com que regressou á patria? — Os de que dispunha já, antes de partir. — Frequentou a biblioteca de Rennes, alega o seu conspicuo biografo Rodrigues Cordeiro. — Não se duvida, mas a afirmativa, em vista do que deixamos considerado, pouco adianta. Provou Herculano, de facto, logo que se lhe ofereceu ensejo, que — e não importa quando — se dera a vastas leituras, não ha negá-lo. O que ele, porem, fez, principalmente, e é isso o essencial, foi imprimir ás faculdades reflexivas de que dispunha o prodigioso desenvolvimento de que tão cedo deu mostras. Para tal efeito valer-se-hia, é mais que provavel, do poder da disciplina mental que lhe deram os seus primeiros estudos nas aulas dos Oratorianos, mas empregou, de certeza, porque o deixou de seu punho afirmado, outro poder ainda mais forte; — o da *vontade*. Como Alfieri, *quis* firmemente ser, e foi, mais do que um poeta tragico, um poligrafo tão erudito, quão judicioso e profundo. Impulsionado pelo feitio independente do seu caracter, todo o seu fito, desde que principiou a dar ouvidos á paixão das letras, foi habilitar-se *a pensar por sua propria conta*. Aspirava a poder chegar a dizer, á semelhança de Montaigne, como disse, com efeito, a Raczinsky, em 1846: «Esta opinião pode não ser a de toda a gente, mas é a minha».

---

[1] Pormenór inedito na biografia do Grande Historiador. Acta da referida corporação, de 20 de novembro de 1837, no seu Arquivo.

O que ha, em suma, de positivo, acêrca d'este primeiro periodo da vida do futuro historiador, é que em regressando á patria, em 1832, trazia, é certo, na sua bagagem de expedicionario liberal, as eruditas paginas, a que o general Sr. Brito Rebelo deu publicidade no *Arquivo Historico Portuguez,* alem de outros trabalhos que sucessivamente foi dando a lume não só no *Repositorio Literario,* mas ainda no *Panorama,* durante os seus primeiros anos de existencia.— Trazia, porem, mais e melhor ainda; trazia o portentoso cerebro; aquele admiravel cerebro que não teve igual entre nós em todo o seculo XIX.

E foi assim que, uma vez posta de parte a barretina de soldado, viu-se para logo que cobrira a cabeça de um filosofo, apesar de, tantos anos depois, e depois d'ele ter demonstrado que o era, em tantas e tão edificantes manifestações, haver quem afirmasse ao obscuro autor d'estas linhas que Herculano o não fôra jámais! ... E o que é melhor, é que foi um dos que pretendiam passar por amigos d'ele!

Certo é que antes que em 1834 se fundasse no Porto o *Repositorio Literario,* já Herculano era tido naquela cidade por homem de letras de consideração. Nem de outro modo se pode julgar que fosse, visto como, destinado aquele jornal a ser orgão de uma sociedade constituida para a divulgação de assuntos de sciencias medicas, sciencias sociaes e literatura, foi Herculano, que, tal qual vimos, nenhum diploma literario possuia, um dos membros fundadores d'ela, e por conseguinte em concerto com diplomados conhecidos, de reputação scientifica e literaria feita, para ser colega com eles na projectada publicação.

Um outro facto, corroborativo d'estes raciocinios, foi a proposta da sua pessoa, e a sua aceitação para 2.° bibliotecario da recem-fundada biblioteca municipal portuense[1], lugar para que não seria lembrado, senão fosse já notoria a sua aptidão literaria, embora pela imprensa não tivesse ainda tido ensejo de manifestar-se. Dos seus artigos originaes, porem, e das suas traduções poeticas bem se deduzem, não já as muitas letras que a este tempo possuia, mas — o que é de maior ponderação — o seu assisado criterio, as suas opiniões formadas e assentes, acêrca dos futuros destinos da sua patria, sob o duplo ponto de vista do derramamento da instrução, problema tão carecido da meditada atenção dos que iam começar a reger os novos destinos de Portugal; e da organização do criterio artistico, essencial para a formação do gosto de seus compatriotas, por meio do «regresso a uma literatura sua, substituindo nela os numes dos gregos, pela religião, pela filosofia e pela moral».

De conformidade com o plano que estabelecemos para a exposição bibliografica da Obra de Herculano, passaremos pois a expor quaes foram as suas produções poeticas, publicadas no *Repositorio Literario.* E sendo, ao que parece, este jornal o primeiro que, segundo observamos, deu á luz composições do futuro autor da *Harpa do Crente,* bem cabido é que lhe registemos em breves linhas a cronica, e lhe fixemos as feições.

Damos o aspecto do n.° 3, no qual foi impressa a *Ode a D. Pedro,* primeira poesia, e original, por Herculano dada a lume no predito *Repositorio.*

«Por D. de 17 de julho de 1833, Reg. no L. 1.° a fls. 166, do Régisto de Mercês da Rainha Senhora D. Maria II, no Arch. Nac. da Torre do Tombo».

Paginas Intimas — No Primeiro Centenario de Alexandre Herculano — Lisboa, 1910, pag. 241, nota do autor.

Só em outubro do ano seguinte publicou Herculano o seu primeiro artigo no *Repositorio Literario.*

REPOSITORIO LITERARIO

DA SOCIEDADE DAS SCIENCIAS MEDICAS E DE LITERATURA DO PORTO.

N. 3. SABBADO 15 DE NOVEMBRO. 1834.

Scribimus indocti, doctique poemata passim.
Hic error tamen, et levis hæc insania quantas
Virtutes habeat, sic collige
Horacio, lib 2.º epistola 1.ª v. 117.

SESSÃO DA SOCIEDADE DO DIA 8 DESTE MEZ.

A Sociedade de Sciencias Medicas e Literatura tinha suspendido as suas Sessões, e resolvido na ultima, que se abririão em Novembro com um discurso do Presidente, o Sr. Agostinho Albano da Silveira Pinto. Mal pensaria a Sociedade que neste intervallo a morte nos roubaria o Immortal Duque de Bragança! Abrio-se com effeito a Sessão no dia 8 do corrente, porém com um discurso recitado pelo mencionado Presidente em memoria do Augusto falecido! Ainda que parece facil fallar d'um objecto idolatrado perante as pessoas que o idolatrão, com tudo esta mesma facilidade tornava por extremo difficultosa a situação do orador. Elle soube vencer os obstaculos, e elevar-se á grandeza do assumpto. O profundo silencio com que era escutado, e os signaes de commoção que se divisavão em todos os assistentes, manifestamente indicavão que os sentimentos da Sociedade erão dignamente interpretados.

O orador pintou o Principe tal qual os Portuguezes o amavão; com aquelles leves defeitos que apenas fazião sombra ás mais brilhantes virtudes. De tantas acções que illustrão a vida do Principe, o orador não ominittio nenhuma das que melhor delineavão os contornos de tão amavel caracter, e ao aproximar-se aos ultimos momentos do Heroe, a oração quasi igualava o que em realidade se passou.

O Exm.º Sr. José Ferreira Borges, supremo Magistrado do Commercio, e Membro Honorario da Sociedade, a honrou com sua presença. Propoz-se a impressão da Oração, o author longo tempo resistio, mas por fim foi obrigado a ceder aos desejos unanimes da Assembléa. Como membros da Sociedade assistimos a esta Sessão dolorosa, e para sempre lembrada, que servio de pagar um tributo de gratidão ao Pai e Salvador da Patria que infelizmente perdemos, e por isso podemos asseverar que a publicação do discurso será um dos titulos mais gloriosos para a Sociedade de Sciencias Medicas e Literatura.

Prevenimos os Snrs. Socios residentes de que as Sessões da Sociedade continuão regularmente aos Sabbados de tarde, e abrem pelas 3 horas e meia. Dellas daremos os respectivos extractos. *(A. — A. H. — J. C.)*

PARTE I.

Constituição atmosferica do mez d'Outubro.

Este mez foi geralmente seco; houve apenas uma noite de muita chuva; a atmosfera esteve mui variavel, e reinarão em quasi todo o mez os ventos de l este de manhã, e o Norte de tarde; houverão dois dias (o 26 e o 27) de muito forte Leste. Quasi sempre neste mez, e particularmente no fim delle (pelo S. Simão) soprão nesta Cidade e visinhanças ventos mui rijos. A constituição atmosferica referida é sempre nesta Cidade a mais sadia; e é facil de saber o motivo: acha-se ella assente nas margens do Douro, sobre um solo de granito primitivo, mui abundante d'agua, que se encontra facilmente a pouca profundidade, mui vexada de frequentes nevoeiros, e que entrão como mui attendivel elemento no numero das causas das doenças chronicas communs nesta paragem; assim quando soprão os ventos Lestes, não só a atmosfera está mui seca, mas até o solo, donde vem que todas as doenças que procedem em grande parte da causa opposta não só não apparecem, mas sentem grande alivio nestes dias todos os doentes dellas affectados. — Costumão então no inverno principalmente, e quando ha grandes frios, apparecer mui frequentes pleurizes, e pneumonias; assim mesmo algumas destas inflamações do thorax s'observarão, quasi todas benignas, com mui raras excepções, a primeira ametade da estação do outono é por via de regra o mais bello tempo do anno nesta Cidade, temperado quasi sempre, seco, e com a atmosfera clara; é na verdade a época do anno a mais amena.

Ainda continuarão a apparecer intermittentes de varios typos, prevalecendo mais o de terçam, benignas comtudo, e em nada similhantes ás que costumão grassar no alto Douro, e muito menos ás que são proprias das margens do Tejo, Sado, e do Vouga junto á sua desembocadura no Oceano, cujos pantanos e alagadiços contribuem assás para as epidemias annuaes das mais terriveis intermittentes.

D'um caso de pneumonia, que bem insidiosamente se appresentou, temos nós conhecimento proprio, que terminou ao setimo dia por uma parotide, sem embargo de ser o enfermo sangrado competentemente, e tratado com o mais severo regime anti-phlogistico; mencionamos esta circunstancia, por a considerarmos rara; e tendo nós visto e tratado mui grande numero destas affecções não nos occorre a lembrança de tal terminação, nem mesmo de a ter lido nos authores; a parotide foi mui benigna, mas veio á suppuração

*

Supõe-se que terá havido previo programa para tal publicação, que pode bem ser o proprio artigo principal do seu primeiro numero, visto que nele se lê:

> «Publicar-se-ha dois numeros em cada mês, nos dias 1 e 15, começando o primeiro numero no dia 15 do mês de outubro».

A sociedade fundadora d'este periodico converteu-se em gremio puramente literario, na vigencia do 1.º trimestre do ano de 1835, sob o titulo de «Sociedade Literaria Portuense», publicando seus estatutos neste mesmo periodico, aprovados em sessão de 28 de fevereiro do ano sobredito. Em consequencia d'estes factos, foi alterado o titulo do jornal, a partir do n.º 12 (1 de abril de 1835).

Alexandre Herculano está compreendido na lista dos «socios efectivos» que aprovaram os aludidos estatutos, com a indicação de «2.º bibliotecario do Porto[1]». A sua participação na existencia do *Repositorio Literario* foi consideravel. Entre as iniciaes dos redactores d'este periodico, um dos quaes o director da escola medico-cirurgica do Porto, Agostinho Albano da Silveira Pinto, que firmavam os breves extractos das sessões da sociedade fundadora, aparecem sempre as do futuro historiador.

Na maior parte dos 24 numeros que constituem toda a existencia do *Repositorio,* isto é, desde 15 de outubro de 1834 até 1 de outubro de 1835, os mais assiduos articulistas foram Herculano, Agostinho Albano, de quem trata largamente este *Dicionario,* nos tomos I e VIII, e bem assim, o sabio geometra e publicista Don José de Urcullu, tambem nesta obra mencionado em seu devido lugar.

Segundo Inocencio dá a entender, na muito circunstanciada noticia que do periodico de que se está tratando escreveu a pag. 77 do tomo VII d'este *Dicionario,* e o regista o distinto articulista, de quem se transcreveram as elucidativas noticias que se lêem a pag. 183 e seg. do presente volume, o *Repositorio Literario* não será periodico vulgar. Cumpre, porem, esclarecer que não só na Biblioteca Nacional de Lisboa ha um exemplar d'este jornal, em excelente estado de conservação, mas na Municipal do Porto, ha outro tambem que foi por nós consultado nos dias 8, 9 e 10 de outubro de 1912. Se, pois, Inocencio declara não o ter visto, descrevendo-o pelas noticias de Figaniere, deve entender-se que seja por um de dois motivos; — ou porque na Biblioteca Nacional ainda não existia o exemplar a que acima nos referimos, o que é bem possivel; ou porque ao declarante faltara de todo a ocasião para examinar o que já estava entre os d'aquele instituto. E este motivo bem se compreenderá igualmente, sabendo-se que Inocencio foi funcionario exemplar de assiduidade na sua repartição, e encarregado de serviços que lhe não permitiam o ausentar-se do seu lugar, quando quisesse.

*

As lucubrações literarias de Herculano vindas a lume neste periodico são, como ficou dito já, das duas especies: — prosa e verso. Nesta, uma original, e

---

[1] O 1.º bibliotecario era Diogo de Goes Lara de Andrade, de quem se faz menção no tomo II d'este *Dicionario,* como escritor politico e redactor do *Diario do Governo,* nos anos de 1821 a 1823. Fôra juiz da alfandega da Ilha do Faial.

tres traducções ou imitações; uma d'estas não assinada, posto lhe ande, com bom fundamento, atribuida.

Das composições em prosa faremos, em conformidade com o nosso singelo plano, a devida menção em seu lugar. As producções poeticas são, por sua ordem, as seguintes:

*

N.º 3, pag. 23, correspondendo ao dia 15 de novembro de 1834:

A Elegia de um Soldado. — Esta é a celebre *Ode a D. Pedro*. Ainda fez parte das composições que se compreendem na 3.ª serie da *Harpa do Crente*, mas o Autor a proscreveu do numero das coligidas na 1.ª edição das *Poesias*, 1850, pelos provaveis motivos de que em seu lugar daremos conta.

Consta de 4 estrofes, contendo 100 versos. É datada — «Porto, novembro de 1834», e está assinada «*A. H.*». Foi antecedida da seguinte epigrafe:

«Von des Lebens gütern allen
Ist der Ruhm das höchste doch:
Wenn der Leib in Staub zerfallen
Lebt der grosse Name noch».

SCHILLER — *Das Siegfest.*

É a gloria da vida o bem supremo:
Vive o renome quando o corpo é cinza».

No incorporar d'esta ode com as mais poesias que formam a 3.ª serie da *Harpa do Crente* substituiu o autor, aqui, ali, um que outro vocabulo, e modificou a pontuação, como tudo em seu lugar se verá. Trocou, porem, segundo mostraremos, por uma nova quadra a ultima com que fechava a ode, no que nos parece ter ganho a beleza da composição, não menos que o pensamento, um tanto aspero, que o Autor quisera exprimir.

Não foi Herculano o unico poeta que dedicou sentidos carmes á morte do heroe da Liberdade portuguesa, do seculo XIX. Antecipara-se-lhe Don Jose de Urcullu, a quem acima nos referimos, que em o n.º 2 d'este jornal, a pag. 13, publicara uma Ode tambem «Á morte de S. M. I. o Senhor D. Pedro Duque de Bragança». Nesta poesia aludiu o autor a outra composição poetica, por ele apresentada a D. Pedro e á rainha sua filha, quando ambos foram visitar o Porto. Segundo nota do proprio compositor, esta ode constituia uma «imitação da que Don Leandro Fernandez de Moratin dedicara á morte de Don José Antonio Conde, douto antiquario, historiador e humanista»[1].

Pela razão acima expressa, não teve Inocencio conhecimento d'esta poesia, e por isso a não mencionou entre as mais producções do autor. Don José de Urcullu era emigrado espanhol; domiciliara-se no Porto, e ai constituira familia, vindo a falecer em 1852.

Vejam-se tambem neste *Dicionario*:

Tomo II, o n.º 501 da letra F, a pag. 340.
Tomo VI, o n.º 153 da letra P, a pag. 382.
Tomo VII, o n.º 152 da letra V, a pag. 436.

*

Continuando a folhear o *Repositorio Literario*, vemos em o:

N.º 5, pag. 39, correspondendo ao dia 15 de dezembro de 1834:

Leonor. — Esta versão da celebre poesia de Bürger é antecedida do seguinte tão primoroso quão modesto artigo de apresentação. Nele, alem da vasta erudição literaria que revela já no moço Voluntario da Rainha, se afirmam as opiniões assentes e inabalaveis de um espirito profundo, que bem conhece a inferioridade literaria de seus compatriotas, a sua falta de instrução rudimentar, e — o que é mais ainda, e pior — a ausencia entre eles do conhecimento *verdadeiro* dos elementos constitutivos da noção de nacionalidade, com todos os males e prejuizos que d'aí dimanam.

Eis o artigo a que nos referimos, e que trasladamos tal qual foi impresso, no tocante á forma ortografica, por ser a primeira amostra, em prosa, da escrita do autor, na epoca em que foi pensado e publicado.

«Leonor — Romance de Bûrger[1]

«Leonor é uma das composições poeticas mais celebres d'Alemanha. A musica lhe emprestou as suas harmonias, e este romance tornou-se de tal modo uma canção popular. Bûrger empregou admiravelmente a poesia nas tradições nacionaes; e é a elle e a Voss que devemos a renovação deste genero inteiramente extincto na Europa depois do 16.º seculo, o qual na collecção, publicada depois por Herder, se pode considerar como a historia dos terrores e das esperanças, dos preconceitos e dos sentimentos das ultimas classes da sociedade, ou, por outro modo, como a historia intellectual do povo.

A leitura de Homero, a cujas obras Bûrger era mui familiar e de que mesmo traduziu alguns trechos, o convenceu de que a poesia deve ter, alem do bello de todos os tempos, de todos os paizes, um caracter de nacionalidade sem o qual nenhum povo se pode gabar de ter uma litteratura propria[2]; e essa leitura que tanto poema *regular* e somnifero tem gerado produziu em Bûrger um effeito contrario. A harmoniosa singelesa grega acompanhada da rudeza e imaginação dos povos modernos, apparece em quasi todos os seus poemetos mais notaveis. As tradições da credulidade, os contos da infancia, as recordações das virtudes humildes vestirão nelles uma côr poetica talvez unica — e a maior parte dos alemães sabe de cór os romances de Leonor, das filhas do pastor de Taubenhain, das Mulheres de Wensberg[3], do Caçador feroz, e outros deste original escriptor.

Nota-se nas composições de Bûrger uma tendencia quasi sempre melancholica; mas esta foi a consequencia das desgraças que o perse-

---

[1] Como é bem provavel, na imprensa não disporiam do ü. Foi, por isso, substituido por um equivalencia.

[2] «Em algum dos subsequentes numeros teremos ocasião de apresentar mais extensamente esta verdade tantas vezes menoscabada, esquecida ou ignorada». Nota do Autor, que se compromisso, publicando os artigos: *Poesia: Imitação; Bello; Unidade*, a que em seu lugar nos referemos.

[3] Lapso de revisão deixou passar «Wensberg» por «Weinsberg».

guirão toda a vida, a ultima das quaes lhe acarretou a critica severa e injusta de Schiller, que neste genero nunca o poude egualar, e que com ella lhe abbreviou a existencia, roubando-lhe o unico bem que possuia— a esperança de um nome honrado nos annaes da litteratura[1].

A posteridade fez justiça a Bürger. — Lord Spencer, traduzindo Leonor, a fez quasi tão conhecida em Inglaterra como o era na Alemanha. Muito desejaramos examinar essa traducção para a comparar com a nossa; mas não a podémos alcançar[2]. A que appresentamos ao publico foi trasladada do allemão apenas com o nosso apoucado conhecimento daquella riquissima lingua; bem longe portanto estamos de julgar que démos em linguagem as graças e a rapidez descriptiva do original. Os intelligentes saberão desculpar os deffeitos de um trabalho tão difficil como é o de reproduzir nos idiomas meridionaes o fundo e as fórmas da poesia do norte; muito mais quando ao traductor faltárão todos os meios de pulir sua versão.

Observaremos em ultimo logar que a pouca resignação de Leonor e as suas blasfemias não merecião talvez pena tão exemplar quanto a morte; mas nas idéas religiosas dos allemães este castigo não é exagerado. — Se fosse um conto portuguez daquelles que nos restam dos tempos passados sobre tudo sendo de invenção fradesco-inquisitorial, a pobre Leonor seria arrebatada para o inferno sem ceremonia; e no conto que Bürger aproveitou, o hymno dos mortos exora para ella a piedade celeste. E porque? — É que nós somos fanaticos — os alemães credulos. — Assim neste romance, a ser portuguez, para lhe conservar a nacionalidade seria preciso ainda mais alguma cousa que a morte da protagonista»[3].

Leonor passou para a primeira edição das *Poesias* do autor, em 1850, mas com tantas variantes, que, sem por sombras pretendermos ultrapassar nestas simples notas os limites de uma, decerto, incompleta noticia bibliografica, nos animamos a dar as duas lições na crença de que nossos leitores não desistimarão o facto. Não podendo ser impressas emparelhadas, damos agora a primeira versão, e em seu lugar proprio a segunda igualmente.

É como segue:

«Leonor

«Cansada de horridos sonhos,
Já Leonor despertou,
E inda agora os ceus d'oriente
Da manhaã o alvor córou.

---

[1] Refere-se Herculano ao tão mal inspirado artigo que Schiller deu a lume na *Gazeta Literaria*, criticando impiedosamente a edição das obras de Bürger, acabada então de sair do prelo. O rude golpe vibrado por braço tão potente, abreviou os dias já bem precarios do poeta, que faleceu a 8 de junho de 1794.

[2] O mesmo infortunio nos suceden, procurando alcançar uma edição das obras poeticas de Lord Spencer, para verificar se a *Noiva do Sepulchro*, que se inscreve na edição geral das Poesias de 1850 «imitada do inglês», seria ou não d'este estimado autor. Foi-nos, por fim, assegurado que de maravilha se encontrará em Londres um exemplar de semelhantes obras.

[3] Superabundam, como se vê, as letras dobradas, ainda que não seja uniforme o seu emprego.

«Guilherme és morto?» ella exclama,
«Ou és infiel á amante?
«Se és vivo e fiel, quão tarda
«De ver-te anciado instante!»
Para a batalha de Praga
Ha muito que elle partiu,
De Frederico no exercito,
E cartas delle quem viu?
Mas a Imperatriz e o Rei[1]
Em fim de guerras cansados,
Depondo os animos feros,
De paz fizeram tractados:
Já aos seus lares volviam
Ambas as hostes cantando
Coroadas de ramos verdes,
Nos atabales rufando:
E por montes e por valles
Velhos e moços chegavam,
Dando gritos de alegria,
A encontrar os que voltavam:
«Boa vinda!» — «adeus!» — diziam
As noivas, filhos e esposas:
E Leonor? — Nenhum dos vindos.
Lhe faz caricias saudosas?
Delle o nome diz a todos,
Busca a estrada que traria;
Trabalho vão, que ninguem
Delle novas dar sabia.
Não o viu: — tudo ha passado: —
Ella cai em devaneio,
Eis arranca as negras tranças,
Eis que punge o niveo seio:
Sua mãe, correndo a ella,
«Valha-me Deus!» — exclamou
«Cara filha, pois que é isso?»
E entre os braços a apertou:
— «Mãe, oh Mãe, perdeu-se tudo!»
«O mundo, tudo perdi!»
«Deus de nada se condóe;»
«Oh dor, oh pobre de mi! —»
— «Deus, piedade! a graça da-nos!»
«Filha, o padre-nosso reza:»
«Deus é justo, os ais escuta»
«Nossa dor nunca despreza.»
— «Mãe, oh mãe, vão sentimento!»
«Que bem me tem elle feito?»
«De que servem minhas preces?»
«Em orar nada aproveito!»
— «Deus piedade! oh quem a elle»
«Qual filho, ora, é soccorrido!»
«Os sacramentos procura,»
«Teu pesar será vencido.» —

---

[1] «*Maria Thereza e Frederico*».

— «Mãe, oh mãe! a pena minha»
«Nenhum sacramento adoça!»
«Não sei qual dos sacramentos»
«Ao morto dar vida possa:» —
— «Filha, quem sabe se ingrato»
«Sua fé elle quebrou»
«E lá na distante Hungria»
«A novo amor se entregou?»
«Se mudou seu coração»
«A culpa o castigará;»
«Quando a alma fugir ao corpo,»
«Seu prejurio o pungirá.» —
— «Mãe, oh mãe, acabou tudo!»
«O perdido está perdido:»
«Sómente me resta a morte,»
«Nunca eu tivera nascido!» —
«Para sempre oh luz me foge!»
«Esvae-te em noite horrorosa!»
«De ninguem Deus tem piedade:»
«Triste de mim desditosa!» —
— «Deus piedade! — esta infeliz»
«Ignora o que a lingua exprime:»
«Não julgues a filha tua,»
«Nem te lembres do seu crime»
«Terreas paixões, filha, esquece,»
«Pensa em Deus, no gozo eterno,»
«Assim possuirá tua alma»
«Seu esposo sempiterno,» —
— «Mãe, oh mãe, que é gozo eterno?»
«E o inferno em que consiste?»
«Com Guilherme, ha gozo eterno;»
«Sem Guilherme, o inferno existe.»
«Para sempre, oh luz, me foge»,
«Cede da noite ao horror!»
«Sem *elle*, no ceu, na terra,»
«Viverei entregue á dôr.» —
Assim no cerebro e veias
Lhe pulava a furia insana,
E a providencia accusava
(A audaz!) de ser deshumana.
Desde o sol brilhar no oriente,
Até que o ceu estrellava,
As alvas mãos retorcia,
O brando seio pisava;

Porém ouçamos! — a terra
Piza um cavallo lá fóra:
E pelos degráus da escada
Tine o som de espada e espora.
Ouçamos! Tocam na argola!
Devagarinho tiniram.
E atravez das portas, claro,
Estas palavras se ouviram:
— «Oh lá, querida, abre a porta!»
«Dormes? Estás accordada?»
«Folgas em riso? — Pranteas!»

«De mim és inda lembrada?» —
— «Guilherme, tu! — n'alta noite?»
«Gemido tenho e velado!»
«Quanto soffri; porem d'onde»
«Atéqui tens cavalgado?» —
— «Nós montamos á meia noite»
«Só: vim tarde, mas ligeiro»
«Desde a Bohemia e comigo»
«Levar-te-hei por derradeiro.»
— «Oh meu querido Guilherme,»
«Vem depressa, aqui te abriga,»
«Entre meus braços, que o vento»
«Do bosque as cimas fustiga.» —
— «Soprar o deixa nos bosques,»
«Deixa-o, cara, assobiar:»
«Patea o murzello! — a espora»
«Tine! — Eu não posso parar.» [1]
«Nosso leito nupcial»
«Dista cem milhas daqui:»
«Sobraça as roupas, vem! salta»
«No murzello, atraz de mi.» —
— «Além cem milhas me queres»
«Hoje ao thalamo guiar?»
«Ouve! o relogio inda soa,»
«Doze vezes fere o ar.» —
— «Olha em roda! a lua é clara;»
«Nós e os mortos bem corremos:»
«Aposto eu que inda hoje mesmo»
«No leito nupcial seremos?»
— «Diz-me pois onde é que abitas,»
«Como é o leito do noivado!» —
— «Longe, quedo, fresco, breve,»
«De outo taboas é formado» —
— «E caibo eu lá?» — «Ambos nós.»
«Sobraça as roupas; vem cá:»
«Os convidados esperam,»
«E o quarto patente está.» —
Sobraçada a roupa, a bella
Sobre o ginete saltou,
E o seu fiel Cavalleiro
Co'as alvas mãos enlaçou.
Ei-los vão! Sôa a carreira.
Ei-los vão á fula-fula!
Ginete e guerreiro arquejam;
A faisca, a pedra pula.
Oh como, á direita e esquerda,
A seus olhos escapando,
Fogem prados e espessuras,
Como as pontes vão soando!

---

[1] «Lemos ou ouvimos que existe uma crença na Alemanha sobre as almas a que por permissão divina é dado o vaguear de noite até ao romper da alva, que sendo sentidas por outros espiritos superiores, são obrigadas por estes a sumir-se: — esta crença, se não nos enganamos sobre a sua existencia, explica as palavras mysteriosas do Cavalleiro».

—«Tremes, cara! a lua é clara:»
«Depressa o morto usa andar:»
«Tens medo de mortos?»—«Não.»
«Mas porque nelles fallar:»
—«Que sons e cantos são estes?»
«Porque adeja o corvo lá?»
«Sons de sino? Himnos de morte?»
«Sepulto um morto será?»
Vinha alli um saimento
Andas e esquife guiando,
E ao silvo de cobra em pégo
Seus cantos assemelhando.
—«Um enterro, á meia noite,»
«Com hymnos e com lamento,»
«E eu a minha noiva levo»
«Ao sarau do casamento?»
«Vinde sacristão e o coro!»
«O epithalamio entoae-nos!»
«Vinde Abbade, e, antes que entremos»
«No leito a benção lançae-nos.»—
Calla o som e o canto:—a tumba
Some-se, e finda o clamor
A seu mando; e o tropel vôa
Na pista do corredor.
Sempre mais alto a corrida.
Sôa—vão á fula-fula—
Ginete e Guerreiro arquejam,
A faisca, a pedra pula.
Como á dextra e esquerda fogem
Montes bosques e espinhaes!
Como a dextra e esquerda fogem
Cidades, villas, casaes!
—«Tremes, cara?—a lua é clara—»
«Depressa o morto usa andar.—»
«Minha amada, temes mortos?»—
—«Ai, deixa-os lá descançar!»
—«Olha! ao redor dessa força
«Não ves um tropel dançando
«De aereos corpos, e á luz»
«Deste luar branquejando?
«Oh lá, birbantes, aqui! ...»
«Birbantes, acompanhae-me!»
«Vinde!—a dança do noivado,»
«Juncto do leito, danç e-me!»
E o tropel vem apóz logo,
Grande estrepito fazendo,
Como o furacão nas folhas
Seccas de um vergel rangendo.
E, resoando, a corrida
Segue avante, á fula-fula;
Ginete e guerreiro arquejam,
A faisca, a pedra pula.
Detraz parece fugir-lhes
Quando a lua alumiava,
E o ceu os astros brilhantes
Pouco a pouco retirava.

— «Tremes cara?—a lua é clara;»
«Depressa o morto usa andar:»
«Temes os mortos. querida?» —
— «Ai, deixa-os lá descançar! —»
— «Murzello, o gallo ouvir creio...»
«Breve a area hade correr ...»[1]
«Murzello, avia-te, vôa ...»
«Já sinto ar de amanhecer ...»
«Nossa carreira é findada:»
«O leito nupcial ganhamos:»
«Ligeiro os mortos caminham:»
«A meta final tocámos.» —
D'uma porta ás ferreas grades
Á rédea solta chegou;
E ao toque de vara debil,
Ferrolho e chave saltou.
Fugiram piando as aves: —
A corrida vem parar
Sobre campas: — os moimentos
Alvejam pelo luar.
N'um momento, ao cavalleiro,
(Oh maravilha espantosa!)
Cai, peça a peça, a armadura,
Qual isca fuliginosa,
Logo a cabeça n'um craneo
Descarnado se-lhe-torna:
A dextra volve-se ossada
Que ampulheta e fouce adorna.
Ergue-se e arqueja o ginete ...
Igneas faiscas lançou. —
Ai, debaixo de seus pés
Abriu-se a terra e o tragou!
Surgem das urnas fantasmas:
Feio urrar os ares corta:
Bate a Leonor o seio
Atterrada, semimorta.
Ao luar, já os espectros
Danças de redor traçavam,
De mãos dadas e em tal guisa
Com tom medonho cantavam.
— «Affliges-te? oh! tem paciencia;»
«Não fosses com Deus audaz:»
«O teu corpo está perdido;»
«Á tua alma o Céu dê paz.»

«*A. H.*»

A esta versão segue-se no *Repositorio Literario* que vamos acompanhando:

*

N.º 9, pag. 71: *O Cavalleiro de Toggenburgo*, de Schiller, que Herculano, como vimos, declarou nunca ter podido igualar Bürger neste genero, mas que a

---

[1] A ampulheta. — *G. de B.*

avaliar, pelo que acêrca de cada um d'eles escreveu Mme de Staël, em seu tão conhecido livro *De l'Allemagne*, cuja primeira edição data do proprio ano em que Herculano veio ao mundo; — 1810, era mais profundo e mais sensivel, do que o seu popularissimo rival[1].

Esta versão, qualquer que fosse o motivo, não está assinada. Pode até ter sido um simples lapso do proprio tradutor, compreensivel por quem sabe quão pouca importancia ele ligou a um cuidado que a outrem não escaparia. Como quer que seja, não seria verosimil que alguem, alem do tradutor de *Leonor*, inserisse no *Repositorio Literario* trabalho identico. É verdade que Herculano deixou esquecida esta versão no periodico onde veio a lume; do facto, porem, não se pode concluir que a versão lhe não pertença, pois que esquecida por ele ficou igualmente a seguinte, que vamos registar, assinada pelo ilustre tradutor, e que em boa verdade nos não parece ter merecido semelhante olvido.

*

N.º 13, pag. 103:

Afonso e Izolina. Traduzido livremente do inglês, de Lewis. É uma balada do genero das anteriores, irmanando excelentemente com a *Noiva do Sepulchro*, outra imitação de poesia de igual procedencia, e que supomos ser obra de Spencer, sem que o tenhamos podido averiguar, como já deixamos notado, mas que vingou subtrair-se ao esquecimento a que — não atinamos porquê — foram votadas estas suas duas parceiras.

Lewis, como Lord Spencer, foram em Inglaterra cultores distintos — o segundo mais, todavia, do que o primeiro — do genero que Bürger popularizou. Em troca, porem, Lewis, denominado na sua patria *Monk-Lewis*, por causa do famigerado romance d'aquele nome, de que foi autor, constituiu-se nela o introdutor, em prosa, da poesia fantasmagorica e satanica, de que a Alemanha foi patria, e de que Anna Radcliffe abarrotou os gabinetes de leitura de ambos os hemisferios.

Como a versão de *Leonor*, está esta igualmente assinada — «*A. H.*»

III

Tendo dado a demissão do logar de 2.º bibliotecario, que ocupava, como vimos, desde 17 de julho de 1833, na Biblioteca Municipal do Porto, por oficio de 17 de setembro de 1836, dirigido ao presidente da camara municipal d'aquela cidade[2], Herculano, ao que parece, partiu logo para Lisboa, resolvido a tomar parte activa na oposição ao governo. D'aí, a *Voz do Propheta*, vinda a público no ano seguinte.

Como já o deixamos notado, é provavel que entre as poesias, tanto originaes

---

[1] Mme de Staël foi o primeiro autor que analizou as duas baladas de maior nomeada que Bürger produziu; — *Leonor* e *O Caçador Feroz*, divulgando-lhes as belezas.

[2] Publicado pela primeira vez na biografia do Grande Escritor, posta á frente do *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro* para o ano de 1879, escrita por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro. Trasladado para o volume *Cartas de A. Herculano*, tomo I, s. d. — Antigas casas Aillaud & Bertrand, N.º 73, Rua Garrett, 75.

como traduzidas, que escapariam ao *auto de fé*, a que o Autor, segundo declarou, e o leremos adiante, sujeitou «os versos da sua primeira mocidade», viessem com ele para a capital algumas outras que já neste ano aqui saíram a lume, e pertencerão, porventura, aos anos imediatos á campanha liberal. Entre estas veio a de que vamos dar nota, e, pelas razões que o benevolo leitor verá, tem de constituir a primeira composição poetica original, a mencionar pela ordem cronologica, nesta segunda fase da carreira poetica do Autor.

Intitula-se:

A Felicidade. Compõe se de 17 quadras, rimando o quarto verso com o segundo. Apareceu impressa na *Illustração — Jornal Universal*, volume I, n.º 4.º, pag. 51, referido a «Junho, 28, 1846».

Está porem datada de «Maio de 1837», e por isso lhe damos a precedencia a respeito das que, não tendo data, ha que referir ás proprias epocas da publicação.

O Autor enviou esta poesia ao «Redactor da *Illustração*», acompanhada de uma carta, não datada, que a precede, e cuja menção vae, com a suma do seu contexto, expressa na parte d'esta tentativa bibliografica que compreende a *Epistolografia*.

Pela data e pelo genero, revela esta composição o mesmo *estado de alma* de uma outra poesia: — *N'um Album* —, que adiante mencionamos, mas que não estando datada, não podemos deslocar do ano em que veio a lume, comquanto uma e outra as tenhamos por gemeas na inspiração. É significativo o facto de as ter o Autor feito seguir uma á outra, segundo veremos, ao organizar a primeira edição geral das suas *Poesias*, em 1850.

Como quer que seja, Herculano deixou ir esta sua poesia á estampa numa epoca em que a sua sensibilidade poetica *criadora* ia já extinta, sem que, todavia, se houvesse nele estancado o *gosto* pelas revelações do alheio estro, de que ainda em 1872 deu provas, como veremos, apreciabilissimas, em modelar fragmento.

A 9.ª das 17 quadras d'esta poesia, que era primitivamente a seguinte:

«Esqueci-me do Deus, que adorára:
O prestigio da gloria passou;
A minh'alma vasia de esperança[1]
No limiar do porvir se assentou».

foi glosada por uma senhora do Porto, que mandou a sua linda glosa, acompanhada de uma carta, firmada «*G.*», ao romancista Lopes de Mendonça (Antonio Pedro), o qual, nesta ocasião, andava publicando na *Revista Universal Lisbonense* — singular coincidencia! — o seu romance *Memorias de um Doido*.

Na carta de que se trata havia interrogações provocadas pela leitura do aludido romance e — afirma-o o destinatario — «escrita com o *coração*, e não com a *cabeça*, seria capaz de sensibilizar mais de um coração, e de exaltar mais de uma *cabeça*

---

[1] Na primeira edição das *Poesias* (1850) lê-se:

«E a minh'alma, vazia de affectos,»

A correcção manteve-se nas seguintes edições.

O romancista guardou a carta, e mandou a poesia que ela acompanhava ao redactor da predita *Revista* que a estampou, precedida da quadra que lhe fôra motivo, a pag. 414 do tomo II, da 2.ª serie, 9.º ano, 1849-1850.

*

A 6 de maio de 1837, aparecia o n.º 1 do «*Jornal Literario e Instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, O Panorama*».

A noticia da popular publicação lê-se no tomo VI d'este *Dicionario*, a pag. 335. O mais que a respeito do tão bem aceito, quanto utilissimo jornal, ha para dizer irá na Segunda Parte d'estas modestas Notas.

Convidado a assumir a direcção do que em breve seria popularissimo hebdomadario, Herculano ai começou a gloriosa carreira que o devia levar ao fastigio da maior nomeada literaria de que ha entre nós memoria, se exceptuarmos a que acompanha, e acompanhará sempre, o nome imortal de Luis de Camões.

No *Panorama*, a par com a prosa conceituosissima dos seus variados artigos, fez Herculano estampar cinco das suas versões ou imitações de alheio estro, das quaes, a primeira, pela ordem das datas em que apareceram, se intitula:

O Cão do Louvre — (Poema de Casimiro Delavigne).

Esta versão de uma das mais apreciadas produções poeticas do autor das *Messènianas* encontra-se em o n.º 8 do sobredito jornal, tomo I, junho, 24, 1837, a pag. 60.

Á semelhança, porem, do que praticara com a versão de *Leonor*, de Bürger, ao fazê-la estampar em 1834 nas paginas do *Repositorio Literario* portuense, precedendo-a de um artigo biografico-critico, Herculano publicou tambem a tradução da sentimental poesia de Delavigne, antecedida de um artigo encomiastico dos dons da divina arte.

E porque tal artigo tão bem retrata a maneira de escrever de seu Autor, ao começar este seu segundo estadio literario, aqui o reproduzimos, entendendo que os que de futuro houverem de empenhar-se no estudo da inconfundivel individualidade d'este colosso das nossas letras, não só sob o ponto de vista da evolução do seu estilo, mas sob o mais transcendente ainda das suas tão nitidas e precisas ideias, no tocante ao proprio assunto, não desestimarão de todo esta resolução.

Tanto o artigo, como a versão que lhe foi pretexto, não foram assinados, e esta pratica foi, a respeito das mais versões, invariavelmente seguida pelo seu Autor.

«Poesia

«O homem arrojado em uma vida semeada de gosos e dores, de recordações e esperanças, foi dotado pela natureza dos desejos e da faculdade de communicar estes sentimentos todos aos seus semelhantes; porém para o alcançar carecia de tornar a imagem delles tão sensivel como a propria realidade. Foi isto que deu origem á poesia, e depois á eloquencia da palavra, do gesto e do estilo. Assim, todos os povos, ainda barbarissimos, tiveram e teem uma litteratura. Nós a encontramos nos monumentos mais remotos das nações da Europa e da Asia, nas canções das rudes tribus da Nigricia, e nas tradições dos selvagens da America. Em toda a parte e em todos os seculos a linguagem harmoniosa da poesia influiu nas turbas: — em toda a parte e em todos os seculos retumbou no coração humano o gemido da afflicção, o cantico

do prazer, o hymno vivido do enthusiasmo, surgindo da alma do poeta, quando nella trasborda qualquer destes sentimentos.

E estas inspirações, por cujo meio o homem revela a sua origem celeste, não dependeram jámais do augmento de civilisação, quanto á sua essencia, mas só quanto á sua fórma accessoria. O poeta, como o artifice ou o philosopho, é levado pelas opiniões e costumes do seculo; porém no amago dos seus cantos ha sempre um ou muitos pensamentos perpetuos e immutaveis: a tradição dos principios moraes que não fluctuam, das idéas sanctas que devem estar gravadas no espirito de todos aquelles que teem patria, familia e Deus, está confiada ás almas dos poetas. São elles os depositarios de uma herança de virtude: e desgraçado daquelle que falsando sua missão na terra, conspurcou com o lodo de paixões ignobeis o thesouro do genero humano.

O genio, pois, é superior a esse progresso lento de calculos e raciocinios, a esse augmento de complicação na machina social, a que se chama aperfeiçoamento. Como um Deus elle grita á imaginação do povo: crêde-me porque sou omnipotente; — e o povo levanta um clamor de admiração, e diz ao genio; — tu és, com effeito, um Deus! —

Sobre as cinzas de David, de Isaias, de Jeremias, e de Homero pesam as cinzas das raças que passaram na terra por mais de vinte e seis seculos, e as palavras desses homens ainda resoam em nossos ouvidos com huma harmonia, que nos pede, ao escutá-la, amplo tributo de espanto e enthusiasmo. Os heroes do *Semunda Edda* foram ha muito saciar-se de batalhas no ceo de Odin: os seus cantores dormem ha mil anos; mas as poesias athleticas dos Nibelungos e Volsungos ainda nos aterram, a nós homens apoucados de uma epocha mesquinha, em que muitas vezes o sublime nos parece barbarie, e a virtude taxamo-la de superstição ou fraqueza.

A historia acompanha as nações do berço ao tumulo, e alli lhes abandona os cadaveres, para seguir os povos que de novo nascem: — ella observa impassivel a humanidade, e impassivel transmitte de epocha a epocha os successos passados. A poesia, porém, paira sobre as existencias, e quando as levanta da terra é para as revestir de vida e de perpetuidade. Para as dôres e desventuras do homem não tem a historia uma lagrima: mas a poesia as derrama, porque ella é o monumento da vida intima, emquanto a historia o é apenas dos actos e da vida externa.

E é isto o que tornou a poesia tão grata em todos os tempos. Ella é como um echo da existencia do futuro: e qual de nós não sente que esta não é a nossa patria? Quem não sonha um outro existir, mais digno de nós, e em que o homem não se envergonhe mil vezes de ter este nome? Alguem haverá: — porém, ácerca deste, doamo-nos só de que o barro que fórma o seu vestido terrestre, lhe podesse assim calar a voz consoladora da consciencia, que nos falla de uma origem celeste e de um futuro de immortalidade.

A poesia é a aspiração dessa voz intima; — nada mais. Onde esta não apparecer não surgirá aquella. Não se crêa poeta o que dispõe n'um livro alguns centenares de imagens triviaes em versos melodiosos e com uma pura dicção: — os tyrannos costumam ter servos que lhes roubem aos remorsos suas horas solitarias — e esse desgraçado foi, por ventura, apenas um menestrel parasito.

Como nos cantos de Camões e de Homero sejam sempre livres, e inspirem sempre amor de virtude e de patria os cantos de todos os bardos: o que fôr alheio a estas paixões generosas, que não cure deixar um nome á posteridade; porque se o alcançasse em vez de gloria só recolheria infamia.

Considerada assim, a poesia é uma cousa util. Companheira da moral, elle a faz penetrar no coração humano por meio do sentimento: e o sentimento para o homem vale mais que todos os raciocinios.

O seguinte poemeto, que allude ao facto de um cão que passou o resto dos seus dias juncto da sepultura do dono, morto em julho de 1830 no ataque do Louvre, foi composto por um dos mais celebres poetas francezes, ainda vivos. Procurámos quanto em nós coube dar na traducção o sentimento profundo que transluz em todas as estrophes do original. Os leitores avaliarão quanto nos aproximámos ao alvo que tivemos em mira».

Segue a poesia, composta de 11 estrofes, constituidas por versos de 11 silabas, entremeados de outros de 6 e de 4.

*

Após ela vem:

O Canto do Cossaco, por BERANGER.

Foi publicada a excelente tradução d'esta famosa poesia, que tão popular celebridade adquiriu em França, pelo sarcasmo com que o grande *Chansonnier* fustigou a realeza, a aristocracia e o clero da sua patria, que pretendiam:

«Ser servos, para ficar tiranos»

no vol. I do *Panorama,* n.º 23, referido a 7 de outubro de 1837.

Damos a seguir original e tradução, que é uma d'aquelas em que seu autor mais amplamente dá largas á indole varonil que lhe animava o estro, e tão apropriadamente respondeu aqui á psicologia do personagem criado pelo poeta.

«O Canto do Cossaco

«Vem, meu ginete: oh vem, meu nobre amigo!
Chama-te em altos sons tuba do norte.
Prestes no saque, intrepido nas brigas,
Dá, guiado por mim, azas[1] á morte.
Os teus jaezes não arrêa[2] o ouro;
Mas de meus feitos o terás em paga.
Meu ginete fiel, rincha orgulhoso,
E os reis e os povos com teus pés esmaga.

Tuas redeas me entrega a paz que foge.
Ei-los por terra os europeus baluartes!
Meus aureos sonhos realisa agora;
Terás repouso na mansão das artes.
Volve a terceira vez ao Sena inquieto,
Que te lavou sanguento, e a sede apaga.
Meu ginete fiel, rincha orgulhoso,
E os reis e os povos com teus pés esmaga.

---

[1] «asas», edição de 1860.
[2] «arreia», idem.

Reis, sacerdotes, grandes nos clamaram,
Entre o choro de miseros humanos:
— «Cossacos, vinde ser de nós senhores!
Servos seremos, por ficar tyrannos».
E a cruz e o sceptro quebrarão meus fortes;
Que eu hei tomado minha lança e adaga.
Meu ginete fiel, rincha orgulhoso,
E os reis e os povos com teus pés esmaga.

De um enorme gigante eu vi o espectro
Nosso campo correr co'a vista ardente;
E, gritando: — «meu reino outra vez surge!» —
Mostrar com a acha d'armas o occidente.
A sombra era immortal do rei dos Hunos;
D'Attila a voz, qual maldicção aziaga.
Meu ginete fiel, rincha orgulhoso,
E os reis e os povos com teus pés esmaga.

De que serve seu brilho á velha Europa?
Que lhe presta o saber para salvar-se?
Os turbilhões de pó, que hão-de sumi-la,
Debaixo de teus pés vão levantar-se.
Templos, palacios, leis, memorias, usos,
Na correria extrema, e pisa e estraga.
Meu ginete fiel, rincha orgulhoso,
E os reis e os povos com teus pés esmaga».

«Le Chant du Cosaque

«Viens, mon coursier, noble ami du Cosaque,
Vole au signal des trompettes du Nord.
Prompt au pillage, intrépide à l'attaque,
Prête sous moi des ailes à la Mort.
L'or n'enrichit ni ton frein ni ta selle;
Mais attends tout du prix de mes exploits.
Hennis d'orgueil, ô mon coursier fidèle!
Et foule aux pieds les peuples et les rois.

La Paix, qui fuit, m'abandonne tes guides;
La vieille Europe a perdu ses remparts.
Viens de trézors combler mes mains avides;
Viens reposer dans l'asile des arts.
Retourne boire à la Seine rebelle,
Où, tout sanglant, tu t'es lavé deux fois.
Hennis d'orgueil, ô mon coursier fidèle!
Et foule aux pieds les peuples et les rois.

Comme en un fort, princes, nobles et prêtres,
Tous assiégés par des sujets souffrants,
Nous ont crié: Venez, soyez nos maîtres;
Nous serons serfs pour demeurer tyrans.
J'ai pris ma lance, et tous vont devant elle
Humilier et le sceptre et la croix.
Hennis d'orgueil, ô mon coursier fidèle!
Et foule aux pieds les peuples et les rois.

J'ai d'un géant vu le fantôme immense
Sur nos bivacs fixer un œil ardent.
Il s'écriait : Mon règne recommence !
Et de sa hache il montrait l'Occident,
Du roi des Huns c'etait l'ombre immortelle :
Fils d'Attila, j'obéis à sa voix.
Hennis d'orgueil, ô mon coursier fidèle !
Et foule aux pieds les peuples et les rois.

Tout cet éclat don l'Europe est si fière,
Tout ce savoir qui ne la défend pas,
S'engloutira dans les flots de poussière
Qu'autour de moi vont soulever tes pas.
Efface, efface en ta course nouvelle,
Temples, palais, mœurs, souvenirs et lois.
Hennis d'orgueil, ô mon coursier fidèle !
Et foule aux pieds les peuples et les rois».

*

Segue-se pela ordem das datas :

O Seccar das Folhas, por MILLEVOYE.

Esta obra prima do segundo periodo da poesia romantica francesa, que achou tradutores em toda Europa, e que, traduzida em russo, voltou um dia ás mãos de seu autor, atribuida a um poetastro do norte, teve em Portugal o seu primeiro interprete, na pessoa de Alexandre Herculano, que a deu á estampa no vol. I do *Panorama* (1837), a pag. 280, a derradeira do predito volume, correspondendo ao n.º 35, de 30 de dezembro.

Para habilitar aqueles de nossos leitores, a quem seja agradavel o comparar o famoso original com a tradução, aqui pomos uma em seguida á outra.

«O seccar das Folhas

(MILLEVOYE)

«Das ruinas destes bosques
O outomno alastrou o chão :
A selva perdeu seus mimos ;
Os rouxinoes mudos são.

No bosque, amigo da infancia,
Triste um joven vagueiava ;
Na sua aurora a doença
Para o sepulchro o inclinava.

«Adeus floresta querida !
Vestes lucto por meu fim ?
Como te cai folha e folha
A morte me segue assim.

Intima voz, que revela
Seu fado extremo aos mortaes,
Me diz : — vês cahir as folhas ?
São estas só : não ha mais !

Sobre esta pallida fronte
O torvo cypreste ondeia,
Como o que, pharol dos mortos,
Sobre campas se meneia.

Antes da vide na encosta,
Antes da relva no prado,
Os dias da juventude
Terão para mim murchado!

Minha linda primavera
Qual a vã sombra passou!
Eu morro: o euro gelado
Da vida a seve mirrou.

Cáe, oh passageira folha;
Vem esta senda cobrir;
Esconde ao pranto materno
Logar onde vou dormir.

Mas se vier minha amante,
Involta em véu luctuoso,
Ao pôr do sol, na lameda,
Dar me um suspiro saudoso,

Com o teu leve rugido
Desperta, oh, desperta o morto!
Que assim sua sombra tenha
Ainda allivio e comforto!»

Disse: afastou-se, e não volve:
Ultima folha cahiu:
Era o signal: seu sepulchro
Sob o carvalho se abriu.

Mas sua amante não veio:
E só do valle o pastor
Quebrou com som de passadas
Repouso do trovador[1]».

«La chute des feuilles

«De la dépouille de nos bois
L'automne avait jonché la terre;
Le bocage était sans mystère;
Le rossignol était sans voix.
Triste et mourant, à son aurore,
Un jeune malade, à pas lents,
Parcourait une fois encore
Le bois cher, à ses premiers ans.

---

[1] Traduziu tambem esta celebre poesia o distinto poeta Sr. Ramos Coelho, e não foi menos feliz. Veja-se nas *Obras Poeticas* d'este traductor, Lisboa, Typographia Castro Irmão, 1910, a pag. 96, acompanhada do original, impresso na pagina seguinte.

«Bois que j'aime ! adieu ! je succombe ;
Vôtre deuil me prédit mon sort ;
Et dans chaque feuille qui tombe
Je vois un présage de mort.
Fatal oracle d'Épidaure,
Tu m'as dit : les feuilles des bois
A tes yeux jauniront encore ;
Mais c'est pour la dernière fois.
L'éternel cyprès t'environne ;
Plus pâle que la pâle automne
Tu t'inclines vers le tombeau.
Ta jeunesse sera flétrie
Avant l'herbe de la prairie,
Avant les pampres du coteau.

Et je meurs ! De leur froide haleine
M'ont touché les sombres autans :
Et j'ai vu comme une ombre vaine
S'évanouir mon beau printemps !

Tombe, tombe, feuille éphémère ;
Voile aux yeux ce triste chemin ;
Cache au désespoir de ma mère
La place où je serai demain,
Mais vers la solitaire allée,
Si mon amante échevelée
Venait pleurer, quand le jour fuit,
Éveille par ton léger bruit
Mon ombre un instant consolée».

Il dit ; s'éloigne . . . et sans retour ! . . .
La dernière feuille qui tombe
A signalé son dernier jour !
Sous le chêne on creusa sa tombe . . .
Mais son amante ne vint pas
Visiter la pierre isolée ;
Et le pâtre de la vallée
Troubla seul du bruit de ses pas
Le silence du mausolée».

IV

Publicadas que foram em 1837 a 1.ª e a 2.ª series da *Voz do Propheta*, que em seu logar registaremos, aproveitou o Autor a excelente acolhida que estes panfletos tiveram, e a nomeada que lhe alcançaram, ou melhor ainda, lhe confirmaram, para proceder á reedição de algumas de suas poesias, dando ao mesmo passo a lume outras que ainda até então não tinham obtido o favor do prelo. Resultou desta tentativa, como o proprio autor lhe chamou, pluralizando-a a publicação de que passamos a ocupar-nos, dando o aspecto da capa, e das primeiras paginas, incluindo a primeira do texto, e se intitula :

A
HARPA DO CRENTE.

TENTATIVAS POETICAS

PELO

AUCTOR

DA

VOZ DO PROPHETA.

PRIMEIRA SERIE.

LISBOA—1838.

NA TYP. DA SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTEIS.

Rua direita do Arsenal — *n.*° 55.

A HARPA DO CRENTE.

TENTATIVAS POETICAS

PELO

AUCTOR DA VOZ DO PROPHETA.

LISBOA—1838.

NA TYP. DA SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTEIS.

Rua direita do Arsenal — n.º 55.

A SEMANA SANCTA

A

S. Ex.ª o Marquez de Resende

Em testemunho de amisade e veneração

Offerece

O Auctor

A Semana Sancta.

Der Gedanke Gott weckt einen
furchterlichen Nachbar auf.
Sein Name heisst Richter.
Schiller.

I.

Tibio o sol entre as nuvens do occidente
Já lá se inclina ao mar. Grave e solemne
Vai a hora da tarde! — O oeste passa
Mudo nos troncos da lameda antiga,
Que já borbulha á voz da primavera:
O oeste passa mudo, e cruza a porta
Ponteaguda do templo, edificado
Por mãos rudes de avós, em monumento
De uma herança de fé, que nos legaram,
A nós seus netos, homens de alto esforço,
Que nos rimos da herança, e que insultamos
A cruz e o templo e a crença de outras eras:
Nós, homens fortes, servos de tyrannos,
Que sabemos tão bem rojar seus ferros

*

A proposito da oferenda d'este poemeto, ocorre lembrar que a carta com que o dadivado a agradeceu foi publicada pelo general Sr. Brito Rebelo *in Archivo Historico Portuguez. Numero consagrado á Memoria de Alexandre Herculano.* É o fasciculo 87 e 88, e pertence ao vol. VIII, n.os 3 e 4, março e abril de 1910. Patenteia-se, documento que a ambos honra, e pode ler-se a pag. 110 da referida publicação.

O seu contexto mostra que o sinatario era deveras um amigo e admirador do seu correspondente, e se interessava tambem porque se realizasse o projecto de nomeação d'ele para bibliotecario da Ajuda.

Este belo testemunho de cordial amizade, que tanto engrandece ambos os dadivados, é datado de 13 de abril de 1838 que foi *Sexta-feira Santa.* Como adiante se verá, a primeira serie da *Harpa do Crente* fôra anunciada em 9 do sobredito mês.

O Autor do poema aproveitou, pois, a coincidencia da ocasião para efectuar a remessa, ao sinatario do honroso agradecimento, da obra que lhe oferecia.

Na carta do Marquês de Resende, a que nos temos referido, ha, porem, um periodo — o do começo — que nos deu para pensar, e confessaremos ser bem possivel que não tenhamos atinado com a verdadeira explicação.

Escreve o Marquês:

> «Quão depressa me leva V. S.ª ao Céo, e com toda a alma!
> Ainda não ha muito tempo que me favoreceu com a «Esperança», e hoje offerece-me um Poêma inspirado pela fé, e bem proprio da semana em que estamos. Tanto hum como outro, fructo das suas vigilias não havião mister da escuridão e obscuridade de nossos tristes tempos para brilharem e realçarem, como tudo que vem da Luz Divina, &».

Que outro poemeto ou simples poesia seria a que Herculano oferecera «não havia muito tempo» ao sinatario, e que este, designando-o «Esperança», declara ser fruto, como o poemeto oferecido agora, das vigilias de seu Autor?

Animamo-nos a supor que haja sido a *Volta do Proscripto,* onde, por duas vezes, na estrofe II, se repetem estes dois primeiros versos:

> «Esperança, e somente esperança
> Cabe áquelle que os mares correu?».

Esta poesia pertence ao numero das que seu Autor parece ter conservado ineditas, como em seu logar se notará, até á edição geral de 1850. Tal qual porem aí aparece, é de reconhecer que a sua conclusão filosofica exprime inteiramente o contrario do que o Marquês dava a entender na sua carta. As desilusões do «proscripto» conduzem-no fatalmente á *desesperança:*

> «Vive, oh triste,
> Esquecido do mundo, e esquece o mundo!
> Nas solidões profundas da tua alma,
> Vazia das paixões que a assassinaram,
> Some os cantos que della transudavam
> Para correr n'um seculo sem vida,
> Sem virtude e sem fé, e em que desabam
> As crenças todas do passado — e é sonho
> A constancia e o amor».

Não parece que se está a ler alguma cousa de *Lara* ou de *Manfredo*, alguma de tantas paginas em que resumbra o fel do desespero baironiano, apesar do fecho daquele belo estudo do *Repositorio Literario*, «*Imitação, Belo, Unidade?*».

Se foi, pois, *A Volta do Proscripto* a poesia que Herculano enviara ao Marquês de Resende, como pode parecer, pelas alusões á «Esperança», aliás negativas, — somos o primeiro a reconhecê-lo — poderá entender-se que o Marquês se apossou do vocabulo unicamente para forçar-lhe o emprego a um cumprimento amavel, sem o relacionar com o sentido da poesia.

*

Todo o poemeto *A Semana Sancta* forma só por si a «primeira serie», das tres, de que se compõe a colecção, e contém XVII estrofes, e 536 versos brancos, distribuidos do seguinte modo:

Estrofe	I	versos	22
»	II		9
	III		25
»	IV	»	10
»	V		48
»	VI		73
»	VII		15
»	VIII		21
»	IX		36
»	X		57
	XI		32
	XII		9
»	XIII	»	34
	XIV		67
»	XV		10
»	XVI		48
»	XVII		20
		Total	536

No fecho: «Lisboa — 1829».

Esta «primeira serie» compreende 40 paginas, das quaes, 22 ocupadas pelo poemeto, desde pag. 7 a 28, e a 29-30 com a indicação: *Notas*, sendo-lhes as restantes consagradas, em numero de 18. Estas constituem, na sua grande maioria, um erudito comentario aos livros sagrados, cujos passos o poeta invoca em diversas fases do seu poema.

Está nelas a revelação das leituras predilectas do Autor, em seus verdes anos, e a explicação das tendencias espiritualistas do seu talento, caracterizadas pelo estilo biblico, tão seu, e que até final conservou.

Estas notas são precedidas do seguinte encantador preambulo:

> «Eis o poema da minha mocidade: são os unicos versos que conservo desse tempo, em que nada neste mundo deixava para mim de respirar poesia. Se hoje me dissessem: faze um poema de quinhentos versos ácerca da Semana Sancta, eu olharia ao primeiro aspecto esta proposição como um absurdo: entretanto eu mesmo ha nove annos realizei esse absurdo. Não é esta a primeira das minhas contradicções,

e espero em Deus, e na minha sincera consciencia, que não seja a ultima[1].

Quando compuz estes versos, ainda eu possuia toda a vigorosa ignorancia da juventude; ainda eu cria conceber toda a magnificencia do grande drama do christianismo, e que a minha harpa estava affinada para cantar um tal objecto. Enganava-me: a Semana Sancta do poeta não saiu semelhante á Semana Sancta da Religião. O que é esta, de feito? Um poema representado, um drama, cuja essencia é um facto universal, o maior de todos; o que veio mudar idéas, civilisação, e destinos do genero humano inteiro. Tinha eu forças para o tractar? Não por certo; porque até hoje só houve um Klopstock; talvez só um haverá até a consummação dos seculos.

Assim, eu corri as memorias do passado, e as esperanças do futuro; chorei sobre Jerusalem, e sobre a minha patria; subi aos ceus, e desci aos infernos; saudei o sol, e as trevas da noite; em tudo, e em toda a parte busquei inspirações, menos onde as devia buscar; porque acima da minha comprehensão estava o meu objecto — a redempção, e as suas consequencias. Foi disto justamente que eu não tractei; e era disto que eu devia tractar, se o podesse ou soubesse fazer.

Porque, pois, não acompanharam estes versos os outros da primeira mocidade no caminho da fogueira? Porque publico um poema falho na mesmissima essencia da sua concepção?

Porque tenho a consciencia de que ha ali poesia; e porque não ha poeta, que, tendo essa consciencia, consinta de bom grado em deixar nas trévas o fructo das suas vigilias».

*

Como precedentemente se viu, o Autor compusera o poemeto a que este preambulo se refere em 1829; isto é, tendo 19 anos de idade. Aos 28, resolvendo dá-lo a lume a seguir, como notamos, ao seu vigoroso panfleto *A Voz do Propheta*, critica-se e julga-se a si proprio como acaba de ver-se. E notará, decerto, o leitor benigno, que é a *sinceridade*, aquela peregrina qualidade de caracter que tanto preluziu sempre no do Autor da *Harpa do Crente*, e tão mago realce lhe prestou, que forma o principal merecimento d'este preambulo, aliada á franqueza com que ele se apressa a reconhecer e a confessar o pretendido ponto fraco da sua obra, apontando-o aos que ele tinha de reconhecer por seus juizes; — os seus leitores, perante os quaes se abalançava a apresentar-se *poeta*, depois de se lhes ter feito conhecido, como *patriota*.

Leitor obscuro mas entusiasta do poema *A Semana Sancta*, não partilhamos, em sincera verdade o dizemos, a opinião de seu Autor. Que quiz ele, na verdade, que fosse o seu poema? — O protesto veemente contra o despotismo que escravizava a patria, expresso por uma alma cheia de fé no poder do Eterno, mas desesperando do futuro, vendo a nação a dissolver-se, qual cadaver já corrupto, e o povo dormindo involto na miseria.

Este foi, e perfeitamente definido e traduzido, o patriotico intuito do Autor que mais se doeu dos infortunios da sua patria, e mais anhelou a sua redenção,

---

[1] Mostra o *remoque* não ser de moderna data a aliás tão infundada quão injusta asserção de ser Alexandre Herculano espirito contraditorio. E a acusação acompanhou-o ainda alem da campa, o que mostraremos quando se tratar da celebre questão da *propriedade literaria*.

do que a da humanidade. Não que lhe falecessem espiritos para tanto, mas porque foi mais restrito o seu objectivo. Assim, o poema *A Semana Sancta*, está muito longe de ser um poema *falho na propria essencia da sua concepção*, visto que o que o seu Autor pretendeu fazer, o fez, e nobremente e inspiradamente o fez. O que tal poema foi, sem que o Autor o suspeitasse, foi a desconsolada previsão do futuro. O poeta a começou, o pensador profundo lhe deu o remate. Boa parte da vida de Herculano que foi, e como se passou? — Descrença, no começo, desesperança no final!

Senão, veja-se este:

Espelho:

«— Bem como um cadaver já corrupto,
A nação se dissolve: e em seu lethargo
O povo, involto na miseria, dorme».

«Oh, talvez, ... ainda algum dia
Terei de erguer á Patria hymno de morte,
Sobre seus mudos restos vagueando!»

Harpa do Crente — 1829

«Elle (o Autor) comprehende hoje como, no desabar do imperio romano, tantas almas severas e energicas, desesperando do futuro de Roma, iam buscar os ermos, onde o christianismo nascente lhes indicava um refugio, e alli, a sós com as suas cogitações, cerravam os ouvidos ao importuno ruido de uma sociedade gasta e podre que esboroava, não tanto ao impulso dos barbaros, como pelos efeitos da propria dissolução interior. Quando os olhos do espirito descortinam a espada vingadora do archanjo flamejando no céu da patria, o coração anceia a paz das solidões, e a cabeça curva-se ante os decretos de cima. Luctar comsigo, com os homens, ou com a natureza pode ser grande e forte: luctar com a providencia não é esforço, é loucura».

Historia de Portugal, tomo IV, segunda edição, MDCCCLXII. Advertencia V, VI.

D'este convencimento nascera Vale de Lobos ...

Quanto a Klopstock, á sua *Messiada*, e á admiração que pelo grande poeta da Alemanha professou o Autor da *Semana Sancta*, quere-nos parecer que esta admiração, pelo menos, quanto á propria escolha para a materia do poema, deve, no decorrer dos anos, ter baixado bastante no seu conceito.

Klopstock empreendeu uma obra de superposição que a sua veia poetica nem sempre pôde tornar exequivel e bem aceita. A *Messiada*, na parte que se substitue aos Evangelhos (Antigo e Novo Testamento), não é capaz de ser mais interessante, nem mais comovente, do que a propria narrativa evangelica, tão flagrantemente cheia de verdade humana, mesmo através do simbolismo das suas relações com a Divindade.

Pelo que toca á parte inventiva, o poeta ficou, em suas descrições, abaixo das maravilhas que sonharia. Como estrutura, *A Messiada*, começando com o caracter epopeico, dilue-se difusamente, após os primeiros quatro cantos, os da primitiva inspiração, em um por demais extenso lirismo, fatigante e monotono. É impossivel que o bom gosto sumo de Alexandre Herculano não haja sentido quanto ha de verdade nestes senões da famosa epopeia.

*

Esta «primeira serie» da *Harpa do Crente* apareceu anunciada á venda no *Diario do Governo*, n.º 85, de segunda-feira 9 de abril de 1838.

A segunda e a terceira series, de que adiante nos ocupamos, apareceram anunciadas no mesmo *Diario*, em data de 19 de junho e 19 de outubro do sobredito ano de 1838, n.os 143 e 248, respectivamente.

Cada uma das duas primeiras series custava 140 réis, e as tres juntas, 420 réis. Vendiam-se na loja da Viuva Henriques, Rua Augusta, n.º 1, e na de Borges, Rua do Chiado, n.º 6. Os anuncios da primeira serie indicavam para venda as «lojas de venda do *Panorama*». Pormenor pitoresco: no *Diario do Governo*, os anuncios d'esta publicação eram assinalados com uma «harpa», estampada á margem do anuncio.

*

Referindo-se á *Harpa do Crente*, e principalmente á magnifica parafrase da Lamentação de Jeremias:

«Quomodo sedet sola civitas plena populo!»

escrevia, por então, Antonio Feliciano de Castilho, na *Revista Universal Lisbonense*:

> «Dizei-me: ¡Que *Normas*, que *Montechios*, ou que *Guilhermes Teis* revestindo as palavras de Jeremias, houveram jámais sabido inspirar ao nosso poeta aquelle quasi divino seu canto da *Semana Santa*, qual lh'o inspiraram, na *Harpa do Crente*, as maviosas toadas das Lamentações, exhaladas, com todo o seu perfume antigo dos peitos dos Eremitas de S. Paulo, ao som do orgão e pairando pela altura sombria das abóbadas sobre o povo, como um sentimento de verdadeira dôr, que foge da terra, onde só móra o desconsôlo, e remonta para se ir refrigerar na luz do Empyrio!».

O poemeto *A Semana Santa* é, na edição geral de 1850, o primeiro do Livro I, intitulado *A Harpa do Crente*.

*

Ultimamente apareceram no Boletim n.º 1 da *Sociedade de Bibliofilos «Barbosa Machado»*, Ano 1.º, 1910, em comemoração do centenario de Herculano, quatro cartas, agradecendo ao Autor o oferecimento de exemplares da *Harpa do Crente*.

A primeira, pela ordem cronologica, é a do Bispo-Conde, D. Francisco de S. Luis, o qual agradece «o excelente Poemazinho de que V. S.ª me fez precioso mimo». É evidente que este prelado se refere á primeira serie da *Harpa*; a *Semana Sancta*, até por est'outras expressões: «A consciencia de V. S.ª he fiel quando lhe diz que *ha poesia* nesta sua obrinha», alusão, como os leitores estarão lembrados, ao ultimo periodo do «Preambulo» com que o Autor fez preceder as «Notas» ao poema. Esta carta está datada de «29 de março de 1838», dia seguinte ao do aniversario natalicio de Herculano.

Segue-se em data (15 de setembro) carta de «J. B. de Almeida Garrett», agradecendo o «rico presente dos seus versos». Era um exemplar da terceira serie da *Harpa*, como das proprias expressões do cantor de *D. Branca* se colige: «Eu já conhecia a 1.ª e segunda parte da Harpa. Gostei muito mais d'esta 3.ª D'estes versos não se faziam por cá, etc.».

É claro que o ano, não mencionado pelo sinatario, continua a ser o de 1838 [1].

D'este mesmo deve ser, porque não tem ano nem data, a terceira carta, na ordem porque devem ser lidas. É a da veneranda Marquesa de Alorna ao «Sr. Alexandre Herculano de Carvalho». Refere-se igualmente a ilustre poetisa á terceira serie da *Harpa*.

«Ha tres annos que estou doente, manda ela escrever, tres vezes sacramentada e ha mezes na cama. A terceira série da Harpa do Crente talvez me dará saude; não posso escrever da minha letra, mas a minha assinatura lhe provará o meu reconhecimento, porque faltando-me os olhos para ver, suponho que os tenho nas pontas dos dedos pelo costume, etc.[2].

É a quarta carta escrita por D. Henriqueta C. de Oeynhausen e Almeida, a terceira das filhas da Condessa d'este titulo e Marquesa de Alorna, que firmara a carta precedente. A sinataria a datou do «Paço de Belem, 18 de setembro de 1844». Agradece «a preciosa dadiva, A Harpa do Crente», e, desculpando-se de o fazer tão tarde, retribue-lhe oferecendo-lhe os dois primeiros tomos das «Poesias d'Alcipe», estimando que ao poeta seja bem aceita a oferta, e que no *Panorama* lhe fosse agradavel «dizer sobre estas Poesias a sua muito apreciavel opinião».

Herculano correspondeu ao convite, escrevendo e *assinando* o sentido artigo bio-bibliografico publicado no volume III, serie 2.ª, d'aquele semanario, a pag. 403, e que a seu tempo será notado nesta modesta revista. Inocencio, referindo-se a este artigo, escreve, decerto por distracção, «que parece ser da penna do Sr. A. Herculano».

*

A Rosa.

A mimosa poesia original d'esta epigrafe, tão mimosa, na verdade, como o seu fragrante objecto, saiu á luz, sem assinatura, no vol. II do *Panorama*, n.º 52, correspondendo a 28 de abril de 1838.

São 13 harmoniosas quadras, de 7 silabas por cada verso, interpondo-se entre cada dois primeiros um de medição dobrada, coroadas por uma muito menos má gravura estampada a meio da pagina, representando um punhado de rosas.

É a composição poetica, das que Herculano produziu no genero, a mais perfeita e delicada, talvez. Temos por noticia, abonada por cavalheiro de toda a respeitabilidade, qual foi o falecido Dr. Francisco Antonio Pereira da Costa, antigo director da Escola Politecnica, que no-lo asseverou, ter sido esta poesia enviada por Herculano a uma dama, agradecendo-lhe um lindo ramilhete de purpureas rosas com que por ela fôra brindado, em seu aniversario natalicio (28 de março de 1837?).

---

[1] O possuidor d'este autografo o prestara já, para ser transcrito no *Archivo Historico Portuguez*, I, n.º 5, 1903, por ocasião de serem trasladados para a igreja de Santa Maria de Belem os restos mortaes do cantor de *D. Branca* e de *Camões*. A carta do grande poeta teve, pois, naquele magnifico repositorio a sua *primeira edição*.

[2] A ilustre sinataria veio a falecer a 11 de outubro do ano seguinte.

*

A Harpa do Crente — (2.ª *serie*) [1].

A «segunda serie» d'esta colecção continua o numerar das paginas da primeira; isto é, segue na pagina 41, para acabar na pagina 80.

Contem tres composições poeticas; a saber:

I — *A Arrabida*, poemeto composto de 12 estrofes e 440 versos brancos, assim distribuidos:

Estrofe	I	versos	5
»	II	»	8
»	III		23
	IV		24
	V		48
	VI		16
»	VII	»	11
»	VIII		49
»	IX	»	77
	X		66
	XI	»	91
»	XII	»	22
		Total	440

Este poemeto é datado de 1830, indicação que se lê entre parentesis a seguir ao titulo.

Após a pagina do rosto, onde se estampou a simples indicação:

«*A Arrabida*»,

segue-se a da dedicatoria:

«*A Rodrigo da Fonseca Magalhães, Ornamento da Tribuna Portugueza.*

Em testemunho de sincera amisade, Offerece o Auctor».

Este poemeto acaba em paginas 62, seguindo-se-lhe, em rosto, a poesia:

II — *A Voz*, que, principiando na pagina 65, se compõe de 20 quadras, em metro de sete silabas, rimando o quarto verso com o segundo. Tem na parte inferior da pagina 68, onde termina, a indicação: «Leça da Palmeira 1835».

---

[1] Anunciada no *Diario do Governo*, n.º 143, de 19 de junho de 1838.

Fecha esta segunda parte com outro poemeto, mais breve do que o primeiro, e se intitula:

III — *A Victoria e a Piedade*. Compõe-se de 6 estrofes decasilabas, com os respectivos quebrados, não numeradas, contendo 180 versos, assim distribuidos:

Estrofe	I	versos	16
	II		16
»	III		28
	IV		12
	V	»	40
»	VI	»	68
		Total	180

Esta poesia é, como nossos leitores estarão lembrados, a que nós supomos terá sido impressa, logo após ser composta, constituindo a sua inclusão, em tal caso, nesta «segunda serie» uma como 2.ª edição. Seu autor a apresenta datada de: «Porto, agosto de 1833».

Segue-se-lhe a «Nota» que vai ler-se, e que por ser, decerto, desconhecida da grande maioria de nossos leitores, trasladamos para estas paginas. É a seguinte:

«Nota

«Este fragmento, que segue, e que servirá para intelligencia dos precedentes versos, pertence a um livro já todo escripto no entendimento, mas de que só alguns capitulos estão trasladados ao papel. A guerra da restauração de 1832 a 1833 é o acontecimento mais espantoso e mais poetico deste seculo. Entre os soldados de D. Pedro havia poetas: militava comnosco o Auctor de *D. Branca*, do *Camões*, de *João Minimo*; o Sr. Lopes de Lima, e outros: mas a politica engodou todos os ingenhos, e levou-os comsigo. Os homens de bronze, os sete mil do Mindello não tiveram um cantor; e apenas eu, o mais obscuro de todos, salvei em minha humilde prosa, uma diminuta porção de tanta riquesa poetica. Oxalá que esse mesmo trabalho, ainda que de pouca valia, não fique esmagado e sumido debaixo do Leviathan da politica. Todos nós temos vendido a nossa alma ao espirito immundo do Jornalismo. E o mais é que poucos conhecem uma cousa: que a politica de poetas vale, por via de regra, tanto como poesia de politicos.

«Fragmento

O combate da antevespera estava ainda vivo na minha imaginação: eu cria vêr ainda os cadaveres dos meus amigos e camaradas, espalhados ao redor do fatal reducto, em que estava assentado: ainda me soavam aos ouvidos o seu clamor de enthusiasmo ao accomette-lo, o sibilar das ballas, o grito dos feridos, o som das armas caindo lhes das mãos, o gemido doloroso e longo da sua agonia, o estertor de moribundos, e o arranco final do morrer. Os dentes me rangeram de cólera, e a lagryma envergonhada de soldado me escorregou pelas faces. O Porto estava descercado; mas quantos valentes cairam nesse dia! Eu ia amaldiçoar os cadaveres dos vencidos, que ainda por ahi jaziam; po-

rém pareceu-me que elles se alevantavam e me diziam: — Lembra-te de que tambem fomos soldados: lembra-te de que fomos vencidos! — E eu bem sabia que inferno lhes devia ter sido, no momento de expirarem, as idéas de soldado e de vencimento, conglobadas n'uma só, como tremenda e indelevel ignominia, estampada na fronte do que ia transpor os umbraes do outro mundo. Então orei a Deus por elles: antes de irmão de armas eu tinha sido christão; e Jesus-Christo perdoára, entre as affrontas da Cruz, aos seus assassinos. A idéa de perdão parecia-me consolava da perda de tantos e tão valentes amigos. Havia nessa idéa torrentes de poesia; e eu te devi então, oh crença do Evangelho, talvez a melhor das minhas pobres canções».

(D'*A Minha Mocidade — Poesia e Meditação*, cap....).

*

Como se vê, refere-se este «Fragmento» á primeira fase da batalha de 18 de agosto de 1833, em que o Autor tomou gloriosa parte. O moço Voluntario da Rainha o escreveu, reportando-se ás impressões recebidas na visita que fez, no dia 20, ao reduto a que alude. Este reduto poderá ter sido o denominado *Real*, um dos dois (era o outro o de *Contumil*) onde a luta foi mais mortifera, e sendo ambos vigorosamente tomados á baioneta, foram os realistas obrigados a retirar para Valongo. Da «idéa de perdão» que ali nasceu na mente do Autor resultou a poesia *A Victoria e a Piedade*. O «Fragmento» é destacado de um livro que o moço militar trazia em projecto, de que apenas deu a lume, em 1843, o episodio *De Jersey a Granville*, como em seu lugar notaremos, e de que tantos anos depois vieram a aparecer as folhas truncadas que o general Sr. Brito Rebelo publicou, por ocasião do centenario do Autor, no *Archivo Historico Portuguez*.

Este mesmo «Fragmento», porém, que Herculano transcreveu do seu projectado e nunca publicado livro, e segundo se vê d'ele, e das folhas vindas a lume na publicação acima referida, formava, em parte, uma como auto-biografia do joven poeta, parece prestar-se á explicação de um caso que a não tem facil e desde tempo nos prende a atenção, sem quasi vermos meio de o resolver.

É o seguinte:

Escrita a poesia *A Victoria e a Piedade*, e datada de agosto de 1833; isto é, logo que foi concebida, segundo acabamos de ver, natural se seguia a sua imediata publicação.

Ao poeta consolava-o a ideia de perdão para os vencidos da perda «de tantos e tão valentes amigos», quaes os que naquela batalha haviam sucumbido. A sua poesia destinava-se, pois, a instilar no coração dos vencedores o magnanimo e cristianissimo sentimento de generosidade que no d'ele imperava. Qualquer outra poesia podia esperar a oportunidade, para vir a publico; *A Victoria e a Piedade*, se aspirava, porem, como este «Fragmento» o testemunha, a produzir o efeito a que visava, tinha exactamente por condição ser para logo conhecida e divulgada.

Aonde o foi pois? É o que não pode dizer o autor d'esta modesta tentativa. É o que, depois d'ele, outros mais felizes positivamente esclarecerão, decerto.

Nem na propria *Cronica Constitucional* apareceu; e a não ser que fosse impressa em folha avulsa, como somos inclinados a supor, e assim distribuida, parece-nos poder afirmar que antes da publicação de que estamos dando conta, esta poesia só por aquele meio terá vindo á luz.

Note-se, no entanto, que cinco anos depois da existencia de uma poesia que deverá ter sido para logo conhecida, e de que ainda em 1838 tantos dos proprios

camaradas do autor se lembrariam, com o melancolico recordar de um passado de trabalhos e de riscos; vivos ainda muitos decerto, dos que naquela batalha se acharam, julgou Herculano a proposito reproduzir o «Fragmento» elucidativo das razões e sentimentos que haviam inspirado tal poesia, fazendo-o preceder de uma «Nota», destinada á sua inteligencia.

Como todos nós sabemos o de que é capaz a politica, não repugna admitir que Herculano, ao reeditar *A Victoria e a Piedade*, tivesse tido por necessario entrar em psicologicas explicações, que indirectamente respondessem a qualquer interpretação refalsada *dos motivos* que o haviam levado, em 1833, a escrever aqueles versos.

Era com efeito, bem possivel, que o Jacobinismo triunfante em 1838 se lembrasse de o arguir de ter tido *demasiada piedade* com os miguelistas, em 1833; a ele, que, meses depois, escrevia na *Ode a D. Pedro* as objurgatorias ao principe proscrito que o levaram, por fim, a suprimir essa poesia! Que se intentou, por aquele tempo, fazer passar Herculano, apesar d'isso, por antigo afeiçoado aos partidarios de D. Miguel temos nós a prova, no que se escreveu no *Toureiro* a respeito do poeta. A pag. 181 do presente volume se aludiu, por transcrição, ao facto. E que nascerá d'aí a reviviscencia da lenda, a que ainda haveremos de referir-nos, é o que temos por mais que certo.

De todo o modo, o fecho d'esta «Nota» inclue, indubitavelmente, uma coartada, de que só o autor conheceu o alcance. Vê-se que data de longe a pouca afeição que Alexandre Herculano consagrou ao jornalismo; do facto teremos ocasião de ver outras provas.

Quando tratarmos, nas observações á edição geral de 1850, da poesia *A Victoria e a Piedade*, escreveremos o mais que a respeito d'ela temos a dizer, nomeadamente a proposito dos celebres seus primeiros quatro versos.

*

A Noiva do Sepulchro — Xacara.

Spencer, acaso, o poeta inglês que, a testemunho de M^me^ de Staël, melhor imitou as poesias alemãs do genero, porque melhor do que nenhum conhecia o espirito das linguas teutonicas [1], foi, ou Lewis, que Herculano tambem já traduzira, o autor da poesia d'este titulo, cuja imitação foi impressa no volume II do *Panorama*, 1838, pag. 203, correspondendo ao dia 30 de junho.

*

A Harpa do Crente — *(3.ª serie)* [2].

Esta «terceira serie» abre com a ode:

Deus, que se compõe de 8 estrofes, não numeradas, contendo 112 versos. É datada de «Plymouth, setembro de 1831».

Nove anos depois d'esta data, e dois após esta primeira publicação, a ode *Deus* voltou a ser estampada no *Mosaico*, sob a epigrafe *Hymno a Deus*. Em seu logar se mencionará.

A esta poesia veio a caber, na edição geral de 1850, o quinto lugar.

Entra em seguida:

---

[1] *De l'Allemagne — Segunda Parte — Da literatura alemã.*
[2] Anunciada no *Diario do Governo*, n.º 248, de 19 de outubro de 1838.

A TEMPESTADE

A

Antonio Feliciano de Castilho

«Alma affinada pelas harpas de anjos;
Rei das Canções — entenderás meu hymno!»

O Auctor

Esta poesia, escrita na travessia de Belle-Isle para a Terceira, é datada no fim do seguinte modo:

«A bordo da Juno na Bahia de Biscaya. — Março de 1832. — O Auctor».

São 9 estrofes, não numeradas, contendo 140 versos.

Foi repetida, antes de entrar na edição geral de 1850, no *Mosaico*, onde, conforme explicaremos em seu lugar proprio, se estampou, com alguns leves lapsos, que se apontarão, após um artigo intitulado *O Christianismo*, que já viera tambem a lume no jornal *O Panorama*, segundo em seu lugar registaremos.

Segue-se:

*

O Soldado. Divide-se esta poesia em 6 estrofes, numeradas, compreendendo 75 quadras, ou sejam 300 versos, distribuidas as quadras segundo a seguinte nota:

Estrofe	I	quadras	14
»	II	»	4
»	III	»	15
	IV		10
	V		10
	VI		22
		Total	75

As quadras 7.ª e seguintes, da I estrofe, aludem à poesia *A Tempestade*, escrita, como no lugar proprio se menciona, a bordo da *Juno*, na Baia de Biscaia, em março de 1832. Esta poesia é datada do «Porto, julho de 1832».

A 19.ª quadra da sua VII estrofe é a que a *Comissão Executiva do Monumento a Alexandre Herculano* escolheu, para mandar gravar «na face da urna funeraria, voltada para a imagem de Christo», no mausoleu que encerra as cinzas do Grande Historiador, no claustro do antigo convento dos Jeronimos.

Diz assim:

«Dormir? Só dorme o frio
Cadaver que não sente;
A alma vôa, e se abriga
Aos pés do Omnipotente».

> «Por meio d'estes versos, lê-se no *Relatorio* da predita Comissão, ficou estabelecido o nexo entre o mausoleu e o ideal de todo o monumento.
>
> Esta poesia, esclarece ainda a Comissão, alusiva a uma das batalhas do cêrco do Porto, foi escrita ao tempo d'esse cêrco, tendo o autor 23 anos de idade».

*

Fecha esta terceira e ultima serie a *Elegia* à morte de:

D. Pedro. Como em seu proprio lugar dissemos, compõe-se esta inspirada produção poetica de 4 estrofes, em 100 versos. São decasilabos, alternados com

versos de seis silabas, rimando o segundo com o quarto, o sexto com o oitavo, e assim sucessivamente.

Preparando a edição geral das suas *Poesias*, em 1850, Herculano resolveu suprimir, de entre as que deviam compor o Livro Primeiro — *A Harpa do Crente*, a «*Ode a D. Pedro*».

Reproduziu-a, comtudo, inteira, copiando-a da edição de 1838, Antonio de Serpa Pimentel, em Nota *D* á pag. 34 do livro «*Alexandre Herculano e o seu tempo* — Lisboa, Viuva Bertrand & C.ª, Sucessores Carvalho & C.ª — 1881».

Ao distinto biografo, tão exemplarmente fiel á memoria do Amigo de outros tempos, afigurou-se, e foi bem fundado o raciocinio, que a supressão d'esta Ode, no reeditar o Autor as suas *Poesias*, obedecera, «a um sentimento de delicadeza e piedade para com o proscrito D. Miguel». Tal sentimento era, com efeito, assás natural em tão magnanimo espirito, qual se amostrou ser o do generoso poeta da *Victoria e a Piedade*, do compadecido autor da *Petição em favor de uma classe desgraçada*, e de outros escritos mais, da mesma piedosa indole. De parecer igual, e por iguais motivos, o foi tambem o muito perfeitamente informado articulista do *Comercio do Porto*, autor das copiosas noticias, transcritas neste volume, de pag. 179 a 189, acêrca da vida de Herculano naquela cidade, e outros assuntos que dizem respeito ao Grande Historiador.

Cotejando, pois, o texto da *Elegia de um Soldado*, vinda a lume no *Repositorio Literario*, com o d'esta «terceira serie» da *Harpa do Crente*, pareceu-nos não de todo ocioso pôr em confronto as duas edições, abstendo-nos de repetir os passos que se supõe terem sido causa da supressão realizada pelo Autor, dando em nota as leves variantes da presente edição, e no final, como se verá, a quadra ultima da edição de 1834, que o Autor tambem trocou aqui por outra, e Antonio de Serpa, por tal motivo, não póde dar.

Sobre a [1] encosta do Libano, rugindo
O nóto furioso
Passou um dia, arremessando á terra
O cedro mais frondoso;
Assim te sacudiu da morte o sopro
Do carro da victoria,
Quando ebrio de esperanças tu sorrias,
Filho caro [2] da gloria.
Se, depois de procella em mar de escolhos
A combatida nave
Vê terra, e o vento abranda, o porto aferra
Com jubilo suave:
Tão-bem [3] tu demandaste o céu sereno,
Depois de uma ardua lida:
Deus te chamou — o premio recebeste
Dos meritos da vida.
Que é esta? [4] Um ermo de espinhaes cortado
D'onde foge o prazer:
Para o justo ella existe além da campa —
Teme o impio o morrer.

---

[1] Pela
[2] Na transcrição de Antonio de Serpa aparece, em vez de «caro», «de tanta», sem que se perceba porquê.
[3] Tambem
[4] ella

Plante-se a acacia — o liberal arbusto[1]
Junto ás cinzas do forte:
Elle foi Rei — e combateu tyrannos —
Chorai, chorai-lhe[2] a morte!
Regada pelas lagrimas de um povo,
A planta crescerá;
E á sombra della a fronte do guerreiro
Placida pousará —
Essa fronte das ballas respeitada
Agora traga o pó[3] —
Do valente, do bom, do nosso amigo
Restão[4] memorias só;
Mas estas, entre nós, com saudade
Perennes virirão[5],
Emquanto á voz da patria e liberdade
Ancear um coração.

(*Seguem as objurgatorias ao principe exilado*).

Alma gentil, que assim nos has deixado
Entregues á alta dôr,
Anjo das preces nos serás perante
O throno do Senhor
E quando cá na terra o poderoso
As leis aos pés calcar,
Junto de teu sepulchro irá o oppresso
Seus males deplorar.
Assim no Ganges[6] de Alboquerque ás cinzas
O desvalido indiano
Mais de uma vez foi demandar vingança
De um despota inhumano:
Mas quem ousará á patria tua e nossa
Curvar nobre cerviz?
Quem roubará ao Lusitano povo
Um povo ser feliz?
Ninguem! — Por tua gloria os teus soldados
Jurão livres viver.
Ai do tyranno que primeiro ousasse
Tal[7] voto escarnecer!

N'esse abraço final, que nos legaste[8],
Legaste o genio teu:
Aqui — no coração — nós o guardamos,
Teu genio não morreu.

---

[1] symbolo do livre
[2] Chorae, chorae lhe
[3] Agora *a* traga o pó
[4] Restam
[5] viverão
[6] Oriente
[7] Ilo
Veja-se adiante a referencia a este verso.

Jaz em paz .... [1]

....

Eu tambem combati: — nas patrias lides
Tambem colhi um louro
O prantear o Companheiro extincto
Não me será desdouro.
Sagra a vileza adulação aos vivos —
Maro adulou Augusto:
Cantor humilde louvará sem mancha
Depois da morte o justo».

Tal foi a ode, qual a imprimiu o *Repositorio Literario*, e seu Autor deu nesta «terceira serie» da *Harpa do Crente*, com as variantes á margem notadas, melhorada a diacritica, e feita a troca da quadra final, segundo já advertimos, a qual ficou sendo a seguinte:

«Para o sol do oriente outros se voltem,
Calor e luz buscando:
Que eu pelo bello sol que jaz no occaso
Cá ficarei chorando».

Antonio de Serpa, dando no texto as duas ultimas quadras d'esta mesma edição em analise, fazia-as preceder das seguintes linhas:

«Esta ode terminava com os seguintes versos, que tambem retratam o sentimento dos liberaes que receiavam que a morte do heroico principe que lhes havia trazido a liberdade trouxesse novas complicações politicas, e que não pertenciam ao numero dos especuladores e ambiciosos que se dispunham a ir fazer a côrte á joven e tenra herdeira de uma corôa ainda ha tão pouco restaurada».

Herculano reconheceu, porventura, ter de mais retesado a corda do arco, e substituindo a quadra que formava o fecho do seu inspirado preito á morte do Heroe, e «companheiro», melhorou-o indubitavelmente. Antonio de Serpa deu no ponto; é mais que certo.

A ode a *D. Pedro* foi reproduzida no n.º 73, do tomo I do *Mosaico* (1840), a pag. 234, em comemoração do aniversario da morte do Duque de Bragança.

Esta reprodução parece ter sido da só iniciativa dos redactores d'aquele jornal literario, que dedicaram o predito numero ao lutuoso dia 24 de setembro, fazendo-o acompanhar de uma estampa alusiva ao funebre acontecimento. Na transcrição, que vem completa, isto é, com as objurgatorias a D. Miguel, segue-se á risca a edição modificada de 1838.

*

A 19 de setembro de 1834, sentindo-se D. Pedro proximo ao ultimo transe, mandou que lhe trouxessem junto de seu leito um soldado da guarda do palacio, composta por praças do 1.º Regimento de Tropas Ligeiras, de que era coronel

---

[1] Supressão, pór igual motivo ao da precedente.

Baltasar de Almeida Pimentel, ajudante de campo do moribundo principe, posteriormente nomeado Conde de Campanhã.

Foi este bravo militar que chamou o soldado n.º 82 da 1.ª companhia, Manuel Pereira, condecorado com o habito da Torre e Espada, natural da Ilha da Madeira, que muito bem conhecemos podagrico, e na situação de reformado da Companhia de Artifices da Alfandega Grande de Lisboa, um valente, que idolatrava o imperador, e derramava ainda copiosas lagrimas ao evocar-lhe a memoria.

Abeirando-se do leito, que poucos mais dias converteriam em ataúde, D. Pedro achegou o a si, e abraçando-o, disse-lhe :

«Transmite este abraço a todos os teus camaradas, como testemunho da justa saudade que me acompanha neste momento, e do apreço em que sempre tive seus relevantes serviços».

É a este abraço historico, dado em tão solene momento, que o poeta se refere, no verso que foi objecto d'esta referencia.

*

O Caçador Feroz, traduzido do alemão de Burger.

Esta versão da celebre poesia que em toda Alemanha adquiriu celebridade, se póde dizer, quasi igual a *Leonor*, devida á inspiração do mesmo popular poeta que a imaginou, foi publicada no vol. III do *Panorama* (1839), a pag. 70 do n.º 96, correspondendo ao dia 2 de março.

*

Em 1839 começou a publicar-se : «*O Mosaico. Jornal de Instrucção e Recreio cujo lucro é applicado a favor das Casas d'Asylo da Infancia Desvalida*».

Saiu dos prelos da Imprensa Nacional, e teem attraente aparencia dois dos tres volumes unicos publicados. Orna o vol. I um frontispicio caprichoso, composto de lembranças de florestas amazonicas, planicies dos Pampas, quadrumanos diversos, enquadrado tudo em arabescos de fantasia, de mui agradavel aspecto. Ergue-se ao centro da pagina a figura de Minerva, mãe das artes e sciencias. Combinada com os diversos caracteres titulares, difunde no todo um aspecto impregnado de nobreza.

O frontispicio do vol. II é diverso, e tambem assás satisfatorio. A pagina é circundada por tarja de filetes fundidos, muito perfeitamente ligados, em forma de moldura, de aspecto elegante. O emblema de Minerva continua a enobrecer a composição. Da pagina frontispicial do vol. III nada podemos informar, visto que no exemplar consultado, pertencente á Biblioteca Nacional, tal pagina não existe. D'este vol. III só sairam 19 numeros. Estampas litograficas, excelentes todas sob os dois aspectos; desenho e processo, opulentam este interessante repositorio, já de si tão brilhante, pela parte literaria, e tão digno, por tudo, — incluido o beneficente destino — de mais feliz e propicio exito[1].

---

[1] A oficina litografica pertencia ao prestimoso Manuel Luis. Estava estabelecida na Rua Nova dos Martires, tendo então o n.º 12. Tornejava para a Rua do Ferregial de Cima; hoje, Rua Serpa Pinto, a primeira, e Victor Cordon, a segunda. O desenhador era o habil Legrand, que tantas provas deixou do verdadeiro merito de que dispunha. Ha tambem nos dois primeiros volumes algumas estampas do muito apreciado Sendim.

Os encomios que o director do *Mosaico*, F. M. Raposo de Almeida, teceu áquela oficina e a seu proprietario, em o n.º 49 do tomo II, são justos e bem merecidos. A respeito do excelente artista, nosso compatriota, Lopes, a quem ai se fazem lisongeiras referencias tambem, ainda as veremos repetidas e confirmadas nestas modestas Notas por um punho que assinava «A. H.».

Cumpre notar que esta publicação se acha, ainda que mais resumidamente, apontada no tomo VI d'este *Diçionario*, a pag. 263.

Segundo o temos ido notando, e o recopilamos agora, para não faltar á ordem cronologica das publicações de que nos temos ocupado, foram tres as produções poeticas da *Harpa do Crente* reimpressas no *Mosaico*, e todas no volume II–1840.

A primeira é:

A Tempestade. Apresenta-a um artigo assinado «(R. d'A.)»[1], em o n.º 51, assim como ao artigo «*O Christianismo*», que a precede, e será mencionado, quando em sua altura couber fazê-lo, na Segunda Parte d'esta tentativa, tendo vindo originariamente a lume no *Panorama*. *A Tempestade* aparece aqui assinada «(*A. H. de Carvalho*)». Após um emblema lirico, repete-se a dedicatoria:

«*A Antonio Feliciano de Castilho*»

já nossa conhecida, acompanhada da exclamativa que se lhe segue.

Nota-se um lapso de impressão no 1.º verso da IV estrofe: —«balançar-me» por «balouçar-me». Tambem no 1.º verso da V estrofe se verteu uma imperfeição tipografica:

«Quem se poderá ergue, como estas vagas»,

por:

«Quem se poderá erguer, como estas vagas»,

No 5.º verso da VI estrofe, lê-se: «duas prisões», por «duras prisões».

Deus. Foi a segunda das tres composições poeticas de Herculano reeditadas no *Mosaico*, por iniciativa da sua direcção. Intitulara-a o Autor assim em 1838, como já vimos, e agora se estampou em o n.º 60, do referido vol. II, com o titulo: *Hymno a Deus*.

Salva esta alteração, que o Autor não perfilhou, segundo adiante veremos, nada mais ha para notar nesta poesia, achando-se em seu final a indicação: «(*Pelo Sr. Alexandre Herculano*)».

Finalmente, em o n.º 73 d'este mesmo volume apareceu tambem transcrita a *Ode a D. Pedro*, na qual a redacção do *Mosaico* seguiu, como observamos, a edição modificada de 1838, fazendo-a imprimir completa.

*

A Perda d'Arzilla (1549).

Este poemeto de varios metros, e em varias rimas, veio á luz, assinado: «(*A. Herculano*)», no n.º 63 do *Panorama*, vol. II da 2.ª serie; VII da colecção, (Março–11–1843).

---

[1] Iniciaes dos apelidos do director da publicação, Francisco Manoel Raposo de Almeida, de cuja actividade literaria, exercida no Brasil, para onde se transferiu, estabelecendo tipografia em Santos, dá conta este *Dicionario*, no artigo que se lhe refere, tomo II, pag. 458. Advertindo que acêrca de outras composições, alem das mencionadas, a que o artigo se não referiu, mas que haviam chegado ao conhecimento de Innocencio, sem que o diligente bibliografo tivesse tido oportunidade de tomar d'elas nota, prometia ele reparar a falta no *Suplemento* d'esta obra. A promessa não foi realizada.

Da interferencia literaria de Raposo de Almeida no *Mosaico* tambem Innocencio não dá noticia.

O assunto d'este poemeto está, como se sabe, resumido nesta simples quadra:

«Arzilla, a guerreira,
Lá jaz na afflicção,
Que a rendeu aos mouros
Elrei dom João».

Quere-nos parecer — ou muito nos enganaremos — que a ideia d'esta composição foi inspirada a Herculano pelo trabalho que por este tempo devia de trazer entre mãos, para dar a lume no ano seguinte, *Annaes de Elrei D. João Terceiro*, de Frei Luís de Sousa [1].

No emtanto, a pag. 425, e em relação ás «Memorias e Documentos» que este primoroso escritor tinha ordenado por anos, para lhe servirem de materiaes á continuação da obra, lê-se este apontamento, referido ao ano de 1550:

«Avisa Sua Alteza ao Embayxador por carta de 6 de Junho 1550 de Lisboa, que Arzila era despejada por meio de Luys de Loureyro, e de todo derribada, e elle recolhido por mar em salvo a Tangere com toda a gente e munições. — (Foy despejada e derribada em 11 de Mayo de 1550. Bernaldim Carvalho era Capitão de Alcacer Ceguer). — IV. L. 3.º».

*

Os Infantes em Ceuta (1415). Como expusemos em nossa breve Introdução, resolvemos transferir o que a respeito d'este poema lirico ha para dizer para a secção «*Teatro*», por ter sido esta composição expressamente escrita, em 1844, para ser tratada em musica, e cantada, como de facto foi, não só na Sociedade Filarmonica, para a qual esta composição foi escrita, mas no Teatro de S. Carlos, algumas scenas, como de tudo, em lugar competente, se imprimirá ampla e mui curiosa noticia, devida á obsequiosa condescendencia do nosso particular amigo, o distinto musicografo Sr. Ernesto Vieira.

*

Revista Academica. — Jornal Litterario e Scientifico, publicado em Coimbra. O n.º 1 é datado de 1 de março de 1845.

Estarão decerto nossos leitores ainda lembrados do entusiasmo com que Herculano se exprimia, aos 28 anos, acêrca da *Messiada*, de Klopstock, e como ele julgou severamente o «poema da sua mocidade» — *A Semana Sancta*, porque entendeu que tendo de tudo tratado no seu modesto poemeto, de um só facto lhe faltara falar; — o da Redempção, e de suas salutares consequencias. Esta falta, na tão sincera, quanto exemplar opinião do Autor, era a condenação do seu poemeto, «falho na mesmissima essencia da sua concepção».

---

[1] A obra foi anunciada á venda a meados de maio de 1844.

O trecho, de que abaixo damos os primeiros 12 versos, prova que o illustre tradutor da parte do poema a que eles pertencem[1] ainda aos 35 anos se não fartava de admirar a obra do grande poeta alemão, e se distraía de outros mais profundos estudos, em que por esse tempo andava empenhado, de que tres anos antes dera já as primeiras amostras, e de que em breve ia sair á luz a primeira parte, já incorporada em volume, — a *Historia de Portugal*, traduzindo, como que para melhor saborear as belezas do poema que tanto o seduziam, alguns trechos que mais tentavam a sua sempre pronta vontade de trasladar, para o idioma que manejou como consumado mestre, o que em outros lhe excitava a admiração, levada ao entusiasmo.

A pag. 21, pois, do vol. I d'esta *Revista* lê-se:

«Abbadona e Adramelec»

«ou»

«O Demonio arrependido e o Demonio contumaz»

«(Fragmento traduzido do allemão de Klopstock)»

«Abbadona, nur er war unbeweglich geblieben,
Folgte von fern, &».

«Messiad. II Ges. v. 743».

Começa:

«Abbadona, que só ficara immovel,
De longe os foi seguindo: — ou dissuadi-los
Elle intentava das tenções damnadas,
Ou ver o fim d'esse attentado horrivel:
Seus passos lentos são: — no umbral das portas,
Que os seios guardam da infernal morada,
Os anjos do senhor continuo velam.
Abbadona infeliz, qual dor a tua
Quando o invencivel Abdiel lá viste!
Os olhos abaixou: — na escolha incerto
De parar ou fugir ou mergulhar-se
Outra vez na mansão dos ais, das trevas.

Este fragmento vae até o verso 148, onde se interrompe, continuando a pag. 54, em que termina, com mais 85 versos, o que perfaz o total de 233, assignado tudo «*A. H.*».

*

O Mendigo. Foi publicada esta poesia na *Revista Universal Lisbonense*, tomo v, serie 1.ª, pag. 8, correspondendo a 26 de junho, de 1845.

---

[1] Está indicada logo abaixo do titulo.

A Redacção festejou a dadiva, memorando ser esta a primeira produção poetica com que o Autor da *Harpa do Crente* dignificava as paginas do semanario que a imprimia.

«Todos os seus versos — escrevia-se — respiram a mais san philosophia, e sentem-se repassados dos ingenuos sentimentos religiosos d'um verdadeiro poeta christão. *O Mendigo* é um d'esses melancholicos trechos de poesia orthodoxa que nossos leitores muito hão de apreciar, e que a *Revista* tem a maior satisfação em poder apresentar nas suas columnas».

A poesia está, com efeito, assinada. Consta de 5 estrofes, contendo 21 sextilhas em decasilabos, entremeados de versos de quatro e de cinco silabas. É um quadrinho do genero descritivo, que bem revela a familiaridade do poeta com os exemplares das duas maiores procelas que se conhecem; — as do mar e as da alma. A peripecia que forma o remate faz d'esta poesia a imagem enternecedora de um drama de familia, aureolado pela doce perspectiva de um feliz porvir, fenecendo no descanso tranquilo da sepultura.

«Não mais sob o carvalho ao velho honrado
Esmoladora mão o peregrino
Estenderá:
Meigos lhe sorrirão extremos dias,
E suas cinzas filial gemido
Consolará».

*

Na *Illustração*, artigo *Bibliografia*, a pag. 64 do vol. I (1846), vem transcrito um trecho da tradução da *Messiada*, que aparecera, como vimos, na *Revista Academica*, em março, do ano anterior. O artigo é da pena de Sebastião José Ribeiro de Sá, e nele exprime este distinto homem de letras a esperança de que já não seja

«impossivel que um dia todos admirem, trasladada para o nosso opulento e formosissimo idioma uma das mais peregrinas produções do saber e da inspiração da Alemanha; pois que se o Sr. Alexandre Herculano poder roubar algumas horas aos seus tão queridos e uteis estudos historicos, Klopstock terá o mais digno e ilustre dos seus numerosos tradutores».

Transcreve em seguida 30 dos magnificos versos da tradução publicada na *Revista*, escrevendo após:

«Só a muito custo resistimos á tentação de trasladar para aqui até ao cabo este grandioso trecho de poesia tão energicamente expresso pela nossa lingua, capaz das maiores belezas, quando é manejada por tão habil mestre como o Sr. Herculano».

Parece-nos, com efeito, que tanto este extenso trecho da *Messiada*, como o de que ainda nos resta fazer menção, traduzido do *Orlando* de Ariosto, não menos extenso e não menos belo, tambem, poderiam opulentar, de futuro, qualquer edição recensoria de esparsos do nosso Autor, com verdadeiro lustre para os seus imperecedouros creditos.

*

Hymno de Ramos. (1847). No jornal *O Imparcial*, n.º 734, de segunda-feira, 7 de maio de 1888, se publicaram o original e a versão d'este hino, acompanhados das informações autenticas, que trasladamos, e são como seguem:

«Primor

«José Barbosa Canaes de Figueiredo, escriptor muito erudito e dedicado a assumptos religiosos, mostrou decidido empenho, vae em 41 annos, de ver traduzido em bons versos portuguezes o hymno, que se canta por occasião do regresso á igreja da procissão de domingo de Ramos.

É indispensavel a transcripção do mesmo hymno para a justificação plena do titulo d'esta noticia.

Eis o hymno em latim:

Gloria, Laus et Honor

Gloria, laus, et honor tibi sit Rex Christe Redemptor:
Cui puerile decus prompsit Hosanna pium.
Israel es tu Rex, Davidis et inclyta proles:
Nomine qui in Domini Rex benedicte venis.

Cœtus in excelsis te laudat cœlicus omnis,
Et mortalis homo, et cuncta creata simul.
Plebs Hebrœa tibi cum palmis obvia venit;
Cum prece, voto, hymnis adsumus ecce tibi.

Hi tibi passuro solvebant munia laudis:
Nos tibi regnanti pangimus ecce melos.
Hi placuere tibi, placeat devotio nostra:
Rex bone, Rex clemens, cui bona cuncta placent».

«Barbosa Canaes dirigiu-se, na Torre do Tombo, ao seu amigo e collega Alexandre Herculano, pedindo-lhe a traducção alludida. Foi no dia 6 de Dezembro de 1847. Ao cabo de duas horas, quando muito, havia Herculano completado a traducção, como segue:

«A ti, a quem o infante hosannah pio
Ergueu, oh redemptor,
Oh Christo, oh rei, a ti gloria perenne,
A ti honra e louvor!

Inclita prole de David, oh Christo,
Tu és rei dos judeus;
Bemdito rei, que do Senhor em nome
Á terra vens dos ceus.

Em eternas canções, os coros de anjos
Louvam-te nas alturas —
Na terra o homem mortal — e no universo
Todas as creaturas.

Outrora o povo hebreu veiu encontrar-te
Com triumphantes palmas:
Hoje a teus pés a prece, o voto, os hymnos
Vem depôr nossas almas.

Elles, o culto do louvor te davam,
A ti que ias morrer:
Hoje a ti, o rei e vencedor da morte,
Nos cabe um canto erguer.

Tu, que os seus cultos acceitaste, oh Santo,
Oh clemente Senhor,
Rei que abençoas o que é justo, acceita
Nosso submisso amor»[1].

A. Herculano».

«Dez. 6, 1847»

«É este primôr litterario que se encontra gravado nas duas paredes lateraes da capella, onde vão ser depositados, nos Jeronymos, os restos mortaes do grande historiador portuguez Alexandre Herculano».

A este respeito, lê-se no *Relatorio da Commissão Executiva do Monumento a Alexandre Herculano — Lisboa, 1896*, o seguinte:

«Nos espelhos que ladeam o altar foram applicadas duas extensas lapides, nas quaes a commissão mandou inserir a magnifica traducção, feita por Alexandre Herculano, do hymno que se costuma cantar no regresso da procissão de Ramos á egreja.

O hymno é o que começa pelos versos:

(*Estão estampados retro*).

A traducção foi repartida por ambas as lapides como se segue;

Na lapide da direita:

(*Os 12 primeiros versos retro*).

Na lapide da esquerda:

(*Os 12 restantes versos supra*).

Seguem-se informações semelhantes ás que se lêem no *Imparcial*, quanto ao motivo que originou esta esplendida tradução.

*

N'um Album. Veiu a lume esta poesia na *Revista Universal Lisbonense*, tomo I, 2.ª serie, 8.º ano, n.º 6, correspondendo a 14 de dezembro de 1848.

Que esta produção poetica do estro de Herculano a encontramos nós, perigrinando pelo passado literario do Autor, disperso por tantos repositorios, no

---

[1] Texto retificado em face do proprio original, em poder do Sr. José Manuel da Costa Basto.

intuito de provar se conseguiamos levantar-lhe o inventario, é certo. E que a supomos, como já declaramos tambem, escrita em 1837, sem que o possamos afirmar, não é menos exacto. O que, porem, já agora, não ficará sendo igualmente menos certo, é o continuarmos ignorando onde parará, e se ainda existirá, o feliz Album dignificado com tão precioso dom!

A poesia compõe-se de 26 pequenas quadrinhas, do genero ultra-romantico, e dá-nos, como a sua irmã gemea, *A Felicidade*, a imagem de um Herculano muito outro e diverso d'aquele severo e grave escritor, que tão bem conhecemos, e que, sem deixar de conservar intacta e vibrante a fibra da amaviosidade, tinha, comtudo, perdido a do romantismo descabelado, com que aqui se nos revela. *Altri tempi* ...

*

A Cruz Mutilada. O mavioso poeta Bulhão Pato deixou em um de seus mais scintilantes escritos a historia d'esta poesia[1]. Data-a de 1849, quando Herculano tinha 39 anos.

Marquês de Sabugosa e o poeta, regressando de certo passeio, ida e volta a pé, do palacio de Santo Amaro a Cintra, caíram na Ajuda, em casa de Herculano, sobre a ceia. «Impando de gloria e mortos de fome», contavam com certo orgulho a aventura ao dono da casa. O glorioso autor da *Historia de Portugal*, esfregando as mãos e sorrindo, dizia-lhes:

> «— Qualquer dia prego-lhes umas calças, rapazes!
>
> Combinou-se, continúa o poeta, uma ida a pé a Cintra, para ficarmos alguns dias na serra, no convento do Carmo, que pertencia ao conde de Lavradio, cunhado do marquez de Sabugosa.
>
> Era no fim de setembro ... A pouca distancia do convento, naquella agreste e encantadora posição da nossa Cintra, e que o proprio lord Byron, inimigo figadal dos portuguezes, chama a mais bella da Europa, estava a cruz que inspirou Herculano.
>
> Tinha um braço partido, e a hera, a mãe solicita das ruinas, deitara-lhe em volta os braços verdejantes e cariciosos.
>
> A poesia foi começada no convento do Carmo.
>
> Rompe por estes magnificos versos:
>
> «Amo-te, ó cruz, no vertice firmada
> De esplendidas igrejas;
> Amo-te quando á noite, sobre a campa,
> Juncto ao cypreste alvejas;
> Amo-te sobre o altar, onde, entre incensos,
> As preces te rodeiam;
> Amo-te quando em prestito festivo
> As multidões te hasteiam;
> Amo-te erguida no cruzeiro antigo,
> No adro do presbyterio,
> Ou quando o morto, impressa no ataúde,
> Guias ao cemiterio;
> Amo-te, oh cruz, até, quando no valle
> Negrejas triste e só,
> Núncia do crime, a que deveu a terra
> Do assassinado o pó;»

---

[1] *A Cruz Mutilada*, primeira das oito composições que constituem o *Brinde aos Senhores Assinantes do «Diario de Noticias» em 1883*.

Nesta composição da *Cruz Mutilada*, remata o poeta-biografo, escrita em dias prosperos, sob o céo do nosso outomno, na convivencia de dois amigos intimos, está o coração grande e virtuoso de Alexandre Herculano. Inspiravam-o a Natureza e Deus!»

A Cruz Mutilada veio a lume no n.º 25 do tomo II, 2.ª serie. 9.º ano da *Revista Universal Lisbonense*, a pag. 295 e seg. Está datada do «Convento de Santa Anna (Collares), 8 de Outubro de 1849».

Após o titulo, e antes da data, imprimiu-se uma Cruz, que, ou seja acaso, ou fosse proposito, saiu falhada, e como que justificando a devida asserção do poeta:

> «As linhas puras
> De teu perfil, *falhadas*, tortuosas,
> Oh mutilada cruz, fallam de um crime
> Sacrilego e brutal; de mais inutil! [1]»

Este n.º 25 da *Revista Universal* abriu por um artigo do Dr. Tomás de Carvalho, acêrca da *Physiologia da Paixão de Jesus Christo*, seguiu-se-lhe a *Cruz Mutilada*, e após, o capitulo XVII do romance *Um Anno na Corte*, de Andrade Corvo. Em tres linhas de *Expediente*, declara o Redactor da *Revista* que, «por justo motivo, não póde ter parte na redacção» d'este numero. No seguinte, porem, e sob igual rubrica, agradece aos Srs. A. Herculano e Dr. Tomás de Carvalho o favor de haverem suprido, tão vantajosamente, a sua falta no anterior numéro.

Acêrca do convento de Sant'Ana, de Colares, e do destino que lhe assinara o seu nobre possuidor, escrevia Antonio Feliciano de Castilho, na *Revista Universal Lisbonense*, em agosto de 1842, o seguinte trecho, que trasladamos do vol. III de *Vivos e Mortos*, x das *Obras completas* do grande Poeta, «revistas, annotadas e prefaciadas por um de seus filhos».

> «Comprara elle (o conde de Lavradio) o convento e cerca dos Carmelitas, a par de Collares. Captivado da frescura, solidão e silencio do sitio, e sentindo em si mesmo quanto era accommodado para o estudo, para o contentamento de animo, e para a creadora liberdade da phantasia, traçou consagrar a casa ao público proveito, recolhendo nella mancebos favorecidos da Natureza, e desamparados da Fortuna, etc.».

Compreende-se bem quanto um sitio tal, como Castilho o pinta, se deveria admiravelmente prestar á pia e contemplativa inspiração de um crente, e de um cultor da Natureza, tal qual Herculano o foi.

---

[1] Na segunda edição das *Poesias* (1860) onde esta poesia veio pela segunda vez a lume, o Autor modificou este verso da seguinte forma:

«Sacrilego, brutal e ao impio inutil!»

V

Passaremos agora a ocupar-nos da primeira edição que Alexandre Herculano realizou das suas *Poesias*, em 1850.

Grande pesar que a não haja o inspirado poeta e profundo escritor feito preceder de algumas linhas que, ainda quando sumariamente, sequer, lhes explicassem a genese!

Quão interessante estudo psicologico nos não teria o autor da *Semana Sancta*, do *Hymno a Deus* e do *Mosteiro Deserto*, deixado de si proprio, recordando a influencia racionalmente religiosa que lhe animara o juvenil espirito, e lhe inspirara tantos dos admiraveis versos que fazem das suas primeiras poesias um florilegio verdadeiro de cristianissimos pensamentos, e de salutares e consoladoras crenças, iluminadas pela fé e dignificadas pelo exemplo!

Que pagina admiravel da historia sua contemporanea, politica e literaria, não teria produzido uma tão bem lembrada resolução! Que de factos, interessantes, até, para a tão estimada biografia do Autor, para a historia do progressivo desenvolver e robustecer e medrar d'aquele grande talento, que foi o «de um homem que *quiz*, nas cousas literarias»[1], não daria a cronica de tantas d'aquelas poesias, filhas de uma epoca que o sagrou um dos escritores mais genuinamente romanticos que ainda ai brilharam nos fastos da moderna literatura europeia![2]

Em vez de tudo isto, o retraimento... Nem datas, nem afectuosas oferendas. Quanto vimos d'esta especie, desapareceu tudo! Por maioria de razão, pois, nem historia de factos, a fazer prologo ao livro, nem exposição psicologica de ideias, a explicar o «estado de alma» que produziu certas, de entre todas as composições coligidas. Até a propria cronologia poetica se apresenta, como que de proposito, confundida, inexplicada; divorciada da ordem natural das produções coleccionadas[3].

Ha nesta descaroavel indiferença o que quer que seja de firme proposito em proscrever do livro o rasto, sequer, do enternecimento pessoal pelas memorias do passado, que é a consolação de quem escreve nos dias da madura idade, o espelho em que o escritor já feito e consumado se revê, sorrindo complacente ás hesitações e ás inexperiencias das primeiras tentativas. Ha, nesta frigida secura, como que a tenção deliberada de negar á propria sensibilidade que se deixe vencer pelas miragens ilusorias do espirito, afirmando a mais perdoavel de todas as fraquezas do amor proprio; — a do amor ás proprias criações...

Deixa-se assim ao leitor abrir, sem preparo, o livro no rosto da primeira poesia, e deixa-se-lhe a ele só, tambem, avaliar, se quiser, o que houve de in-

---

[1] Afirmativa sua, na carta dirigida a Antero de Quental, agradecendo-lhe o oferecimento de um exemplar do opusculo intitulado «*Teofilo Braga e o Romanceiro e Cancioneiro português*». De tal carta se fará menção na parte d'esta tentativa destinada á epistolografia.

[2] Veja-se a profissão de fé que o publicista-poeta deixou impressa no final do seu magnifico artigo, inserto no *Repositorio Literario* do Porto, (1834) — *Imitação, Bello, Unidade*. Aí se acham por Herculano apontadas as condições em que aceitava a classificação, e que, de conformidade com tudo quanto vem da sua autorizada pena, merece ser considerado, principalmente por quem houver de tratar da sua posição no seio da literatura do seu país. O artigo foi reimpresso no tomo IX dos *Opusculos — Literatura*.

[3] *A Voz*, 1835, antepõe-se a todas as mais de 1830 a 1833; *Mocidade e Morte* não tem data.

genuo, nas concepções, e de trabalhoso, de dificil e de advinhador, nos processos. Deixa-se-lhe que pondere de si para si, se tiver coração para o fazer, quantas lagrimas custaram ao poeta as dores moraes que descreve, e os desalentos que pinta. Deixa-se-lhe que pense quantos trabalhos, quantas miserias, quantos anseios, quantos tormentos fisicos e moraes, quantos e quanto crueis desenganos, emfim, lhe custou a satisfação de dar-lhe a ler um livro feito com os soliloquios da sua alma, repartida entre dois grandes amores; — o da Patria e o da Liberdade, e dignificada pelas mais puras, e tambem pelas mais nobres crenças que ainda aí honraram o espirito humano...

Faz pena — não é assim? — faz pena todo este propositado desamparo que pode, comtudo, alegar uma razão para justificar-se.

— Se o que aí está não tem o poder de sensibilizar o leitor, se não ha aí nada que possa agradar-lhe, interessá-lo, distrai-lo, ao menos, que mais merecimentos lhe dariam ociosas resurreições do passado, memorias importunas que melhor é se deixem jazer, já agora, para sempre nos limbos do esquecimento? Se o livro não vale por si, que maior interesse lhe poderão dar pormenores que o não tornarão, decerto, mais atraente? — Lêde-o como ele se vos apresenta, e deixai que o autor guarde onde estão as referencias, quaesquer que sejam, que lhe andaram ligadas. É o esquecimento o melhor balsamo para o coração ulcerado. Ter de velar que vão como devem apresentar-se-vos estas testemunhas de uma idade de ilusões, quão tristemente desfeitas! — já não é somenos desprazer...

Tudo isto é triste, decerto; mas mais triste do que tudo isto, leitor benevolo, é ter de reconhecer que foi ainda Herculano que teve razão, resolvendo dar a ler aos leitores da segunda metade do seculo XIX as suas produções poeticas desacompanhadas das demonstrações afectuosas que leram os da primeira metade do mesmo seculo; ermas de reminiscencias e memorias saudosas que seriam lição e ensinamento para seus concidadãos e estimulo para muitos d'eles.

Porque este infeliz destino lhe assinaram aqueles que mais deviam ajudá-lo a contribuir para a glorificação da patria: — obrigá-lo a deixar incompletas as produções que mais lhe exaltaram a memoria. — A sua cronica de poeta, ignorada; a sua *Historia de Portugal,* interrompida, o seu evangelho do lavrador, as suas tão instrutivas *Cartas sobre a emigração,* em termos identicos, e porque forma!...

*

As *Poesias,* quando em 1850 vieram a lume, alcançaram extraordinaria voga. O periodo do romantismo, seu inspirador, estava então no auge. O nome aureolado do Poeta, em volta do qual resplandecia já a mais justificada reputação, e uma admiração respeitosa que em nada lhe cedia, não concorreriam porventura menos, decerto, para o exito d'esta primeira edição. A verdade, porem, é que a poesia solene e mistica da *Semana Sancta,* as recordações plangentes do torrão natal, nas *Tristezas do Desterro,* e que denunciavam em Herculano um lirico, dos de melhor toque, os sonoros e scismadores alexandrinos da *Arrabida*; todo aquele manancial, em suma, de saudades e de aspirações nobilissimas, todo aquele conjunto de recordações e de lembranças patrioticas, entendeu-os maravilhosamente a geração contemporanea d'esta reedição, pois que os traduzia como verdadeiras manifestações do seu proprio ver e crer e sentir. O «Romantismo» pôde ser então um facto, porque o entalharam nas almas a sinceridade e a paixão.

Assim, no Porto, onde mais directamente interessavam, por terem aí;

«naquele berço de muralhas
que fez livre Portugal»,

ou perto, nascido tantas d'essas poesias que falavam agora aos filhos dos heroes e dos martires que primeiro as ouviriam recitar nos acampamentos e bivaques, e decerto as decoravam, lendo-as, eram elas mais avidamente lidas agora tambem, e mais calorosamente apreciadas.

Duas damas, de que tenhamos noticia, duas poetisas, de uma das quaes tanto pesar nos causa não poder, já agora, divulgar o nome, para sempre — quem sabe? — oculto sob uma simples inicial; duas ilustres portuenses, esta, e outra, D. Maria Felicidade do Couto Brown (*Soror Dolores*), não menos notavel cultora da poesia patria, nascida no seio de uma familia que tanto se singularizou sempre, pela devoção á Arte e á Poesia, tomaram a si o deixar aos posteros o testemunho da intensa impressão que em sua gloriosa terra natal causaram as *Poesias* de Herculano, consubstanciado em produções poeticas, a que foram texto e inspiração a *Felicidade*, e as *Tristezas do Desterro*, e a que a *Revista Universal Lisbonense* tanto se honrou de dar cabida.

*

Dispondo-se a coligir em volume as suas composições poeticas, não se limitou Herculano, como o leitor vae ver, a submetê-las áqueles mais ou menos extensos retoques, com que todos os autores procuram — bem naturalmente, aliás — aprimorar as suas obras, em identicas circunstancias, aproveitando a lição que o tempo, a experiencia e o gosto mais depurado, para tal efeito lhes proporcionam. E taes retoques — aproveitemos para adverti-lo — não se circunscreveram a esta primeira edição, senão que ainda a segunda (1860) dá prova do desejo que continuava a animar o Autor de corrigir e pulir o metro e a dição, onde quer que lhe fosse sugerida a oportunidade da variante, segundo teremos ocasião de mostrar.

Como iamos, porem, dizendo, nesta coordenação geral, os dois poemetos — *A Semana Sancta* e *A Arrabida*, são os que, premissas da veia poetica do Autor, frutos da sua talentosa precocidade imaginativa, mais trabalhados, mais limados vieram a ser.

O primeiro, principalmente, aquele que o Autor apelidou «o poema da sua mocidade», e a que por isso mesmo mais queria, foi, conforme se verá, objecto de extensas modificações em sua economia, não deixando de as sofrer o segundo igualmente. Não só em ambos a distribuição e sucessão das estrofes foi assás alterada, como, pelo que toca particularmente á *Semana Sancta*, houve consideravel diluição no pensamento inicial do Poeta.

A tal facto não foi, porventura, estranha a influencia literaria da epoca em que o Autor se resolveu a imprimir maiores dimensões a este seu poemeto. Elas constituem, com efeito, como será facil de concordar, lendo-se o texto de novo introduzido, o reflexo d'aquela poesia que tanto se comprouve em explorar a mina do *sobrenatural*, por esse tempo assás em voga, e cujo filão, principiando com Bürger, vae acabar no poema lirico francês, que prestou *Roberto-o-Diabo* á musica solene e terrifica de Meyerbeer[1].

Esta primeira compilação das obras poeticas do Autor, até então publicadas, foi dividida em tres livros.

---

[1] Autor, um dos dois irmãos Delavigne (Germano), o menos notavel, mas fecundo *librettista* e comediografo. *Roberto-o-Diabo* é de 1831.

Encerram-se no 1.º as oito composições das tres series da *Harpa do Crente*, suprimindo o Autor, como já advertimos, a *Elegia á morte de D. Pedro*, que na terceira serie tinha o quarto lugar.

Em troca, foi introduzida neste 1.º Livro, o qual conservou o titulo primitivo, a magnifica poesia *A Cruz Mutilada*. Composta em muito diferente epoca da que inspirou tantos dos versos da crente adolescencia do Autor, tão irmã se amostra d'eles, no sentimento profundamente cristão que a ditou, que não poderia ela obter nesta coleccionação mais adequado lugar. Remata-se com *A Cruz Mutilada* este 1.º Livro.

Do 2.º Livro — *Poesias Varias*, fazem parte dez composições poeticas. D'estas, a 4.ª, 5.ª, 6.ª e 7.ª são, bem como a 4.ª do 1.º Livro, ineditas. É mais que provavel que todas cinco hajam sido escritas no tempo da emigração, ou pouco depois, e que por quaesquer circunstancias, ás quaes não terá sido alheia a falta de periodicos proprios para este genero de literatura, tenham esperado a ocasião de vir a lume, até o Autor poder preparar esta edição.

Das restantes seis, cinco foram publicadas pelo Autor desde 1836 até 1846 em varios periodicos literarios. D'elas dissemos o que, a respeito de cada uma se ofereceu, ou pudemos averiguar. Remetemos, como ficou explicado, para o capitulo «*Teatro*» o «drama lirico», *Os Infantes em Ceuta*, cuja indole especial estava indicando tal destino.

Resta o 3.º Livro, *Versões*. Neste, reuniu o Autor as suas seis modelares traduções, até então conhecidas, de poesias de diversos autores alemães, franceses e ingleses, de maior nomeada, na primeira metade do seculo XIX. Alguns d'eles, como Béranger, em França, e Bürger, na Alemanha, serão sempre celebrados, emquanto em todo o mundo culto durar o amor das Boas Letras.

A este proposito, ocorre lembrar, para que se demonstre quão carecido foi de judiciosa intuição, aquele periodo que em sua obra intitulada *La Literatura Portuguesa en el siglo* XIX [1], escreveu Don Antonio Romero Ortiz, tão distante da exacta compreensão do seu objecto, quanto, na verdade, justo no juizo que forma das versões do Autor da *Harpa do Crente*. Diz assim :

> «Herculano ha pagado tambien su tributo á la mania de traducir que padecen hoy sus compatriotas, trasladando al portugues en versos fáciles y armoniosos, leyendas, canciones y cuentos de Millevoye, de Béranger, de Bürger y de Delavigne».

Este conceito do ilustre catedratico espanhol, que tão razoavelmente, aliás, ajuizou dos caracteres literarios portugueses e de suas produções, tanto antigas, como contemporaneas, revela, infelizmente, o mais completo desconhecimento dos motivos que levaram Herculano a — «pagar tributo á mania de traduzir», não diremos nós, — mas a ceder ao gosto, e até á necessidade de familiarizar os seus compatriotas com as amostras, postas no idioma nacional pelo modo que o conspicuo censor tão exactamente classifica, das produções estrangeiras que mais em voga andavam na Europa, quando o ilustre tradutor as deu a lume, isto é, de 1834 a 1839.

Romero Ortiz — é evidente, e é natural — leu Herculano, tradutor-poeta, por uma das duas primeiras edições geraes das *Poesias;* 1850 ou 1860. Singela-

---

[1] Madrid, 1870.

mente apresentadas, sem uma data, que as extreme umas das outras, sob o ponto de vista da procedencia, sem um «Prologo», uma «Advertencia ao leitor curioso», que as historie, que lhes explique os motivos do respectivo existir, que as reporte, em suma, ao seu tempo, e como que as desate, uma a uma, d'aquele apertado laço que as liga á data unica da edição, longe de facultarem ao ilustre critico elementos seguros para a apreciação das circunstancias que lhes deram vida, assumiram ante o seu criterio, o aspecto de meros entretens, engendrados por desfastio nalguns momentos em que, dormitando, o espirito do tradutor se deixou tomar da «mania» de interpretar os pensamentos alheios, em vez de produzir os proprios. O ano em que a *doença* se deu foi um, segundo se proporcionou a Romero Ortiz a edição em leitura. Ajuntou o tradutor tudo indistintamente, e aí foi a «mania», avolumado o livro, a correr mundo ...

Não são taes antecedentes morbidos — careceremos de adverti-lo? — os das versões herculanescas. A primeira versão poetica na ordem das datas, que Herculano fez imprimir foi, como vimos, em fins de 1834, *Leonor*. A balada, de Bürger, após se ter popularizado em toda Alemanha, adquirira gloriosa voga na Inglaterra, e d'aí no resto da Europa, chegando por ultimo a Portugal, graças ao ilustrado espirito d'este campião da Liberdade e do Progresso intelectual da sua patria.

É certo que as suas simpatias pela literatura alemã vinham já de longe... aos vinte e quatro anos! Ao dar principio a estas singelas Notas, registamos que antes de 1828, e a testemunho de Castilho, já o futuro interprete do *Caçador Feroz* traduzira o *Fantasma*, de Schiller, o rival, neste genero, pouco feliz de Bürger. Agora, apenas terminadas, ou quasi terminadas as lutas civis que lhe haviam feito envergar a farda, ei-lo que volta a manifestar a sua predilecção pela poesia teutonica, prenuncio das suas propensões para uma literatura que estava revelando profundos pensadores, e grandes mestres na sciencia da Historia.

Bürger era, porem, tal qual Herculano o explicara já em 1834, o poeta das tradições nacionaes. Era o «poeta do povo», como ele, com tão justo desvanecimento, a si proprio se designou; era, em suma, o renovador do genero de poesia que mais se coadunava com as tendencias do futuro autor das *Lendas e Narrativas*, da poesia que, a certos respeitos, mais irmanava, em prosa, com a do autor de *Leonor*. Bem de admitir se patenteia, pois, que por mais de um motivo, o futuro criador do romance historico em Portugal propendesse para o restaurador da poesia nacional alemã até pagar-lhe o muito voluntario tributo de o traduzir.

*

Herculano, comtudo, não se limitou á versão das poesias de Bürger[1], senão que traduziu tambem Delavigne e Millevoye[2], os dois grandes poetas do roman-

---

Alem de *Leonor*, em 1834, o *Caçador Feroz*, em 1839, como acima deixamos lembrado.

Não lembramos Béranger, que não enfileira com os romanticos, tendo a sua obra principalmente um caracter acentuadamente politico, sem deixar de provir de um grande mestre no vernaculo manejar do seu idioma.

Tampouco mencionamos Lamartine, porque a versão que Herculano fez de uma poesia d'este autor, e apareceu em 1850, como em seu lugar se dirá, nas paginas da *Revista Universal Lisbonense*, não foi da espontanea iniciativa do tradutor, senão que representa um acto de mera condescendencia para com um amigo e confrade seu.

tismo, um lirico, personificando-lhe o primeiro ciclo, um elegiaco, a caracterizar-lhe o segundo. Ambos de universal e bem merecida reputação; ambos foram dignos, em tudo, — em caracter, como em letras — de serem considerados modelos de perfeição e de gosto na patria que tanto honraram. Com eles, o autor da *Mocidade e Morte*, o autor da *Voz*, a gema da poesia sentimental e dolorida que tambem melancolizou o nosso renascimento literario achava-se, por paridade de circunstancias, no mais natural dos contactos.

Que é pois tudo isto, senão procurar insistentemente Herculano, o espirito profundo, a quem o futuro literario da sua terra preocupava, no dia imediato, porque assim se diga, á sua conquista, dar a seus compatriotas uma ideia da feição poetica europeia, dominante, de que eles engolfados na

«apagada e vil tristeza»

de uma quasi absoluta ignorancia, mal concebiam a existencia?

Como não seria, pois, bem entendido parecer, como não seria bem asisada lembrança que aquele que pensava já nos frutos a colher da Liberdade, ainda ela mal se achava implantada na patria, inquirindo «qual seria, d'aí avante, o futuro literario da nação»; isto é, de que modo viria ela a auferir, no campo da Instrução, as vantagens inapreciaveis que lhe trazia a recenconquistada liberdade; que aquele que pensava na «dolorosa confissão de decadencia em que em Portugal se achava a poesia e a eloquencia», diligenciasse tornar conhecidas de seus compatriotas, incutindo-lhes o gosto pelas letras de que tão longe andavam, as produções dos que se chamavam Millevoye e Bürger, Béranger e Delavigne?

E quanto não dissentiria Herculano dos desdens do seu ilustre critico pela «mania de traduzir», de que, segundo ele, padeciam hoje seus compatriotas (?); quão veemente não seria o protesto de Herculano contra taes desdens; — de Herculano, que em 1837, deixara já no *Panorama* a antecipada resposta ao sabio catedratico:

> «Porque desprezarão — perguntava — porque desprezarão os nossos homens conspicuos nas letras o serem traductores? — Não nos parece isto fundado em boa razão. Uma versão bem feita é tambem um titulo de gloria: o celebre Guizot traduziu a Historia da decadencia do imperio romano, pelo inglez Gibbon, e não é este o escripto que menos reputação lhe alcançou»[1].

Para corroboração da sua afirmativa, escolheu Herculano o autor da *Historia da Civilização na Europa*, por ser um escritor que na republica das letras goza de um nome imperecedouro. Quantos escritores, porem, quantos compatriotas nossos, desde Filinto Elisio até Antonio Feliciano de Castilho, o douto, o preclaro interprete de Ovidio, o vernaculo e conceituoso transpositor de Molière, até Ramos Coelho, o integro tradutor do Tasso, até o sempre festejado nacionalizador de Trueba, Raimundo de Bulhão Pato, quantos escritores, nossos compatriotas, se tem ilustrado, enriquecendo a literatura patria com tantas, tão elegantes, tão castiças e portuguesissimas versões!

Não! Herculano não ha porque ser increpado de não ter resistido a constituir-se interprete de alheias inspirações, no idioma que tanto honrou. O pensamento luminoso que fez de Herculano um tradutor poetico, cheio de generosi-

---

Artigo «*Gallicismos*», a pag. 52 do I vol.

dade e de abnegação, elevou-se a muito maior altura, do que o supoz o ilustre Romero Ortiz.

Era preciso fazer ver áqueles que só conheciam, em poesia popular, os versos de José Daniel:

«Se curtos meus versos vês
Por eu mais não entender ...»

que havia por essa Europa em fora alguma cousa de menos insulso e melhor inspirado, alguma cousa que tinha *gosto* e que tinha *arte*; alguma cousa que tinha prestimo; que deleitava e instruia, que falava aos afectos mais nobres do coração e sensibilizava as mais reconditas fibras da alma; alguma cousa, em suma, que merece verdadeira e justamente o nome de «Poesia».

Eis o movel de todas as seis versões de Herculano, compreendidas neste 3.º Livro; versões tão naturaes, tão irmanadas com o genio da nossa lingua, tão castiças, como Literatura e tão harmoniosas, como Arte. Tão modestas. tambem, como obra, que nem uma só foi assinada, nem declarado quem fosse o tradutor, ainda hoje, ousamos crê-lo, modelo e mestre sem rival no genero.

*

Nesta primeira coordenação das suas Poesias não seguiu Herculano, como já deixamos lembrado, a ordem por que foram publicadas na primitiva *Harpa do Crente*. Assim, ao contrario do que se vê nesta, á *Semana Sancta*, que por si só formara a 1.ª serie da edição de 1838, fez seguir a *Voz*, que na 2.ª serie d'este ano vinha depois do poemeto *A Arrabida*, agora o 3.º do 1.º Livro. Após ele, vem *Mocidade e Morte*, saída agora pela vez primeira a lume, seguindo-se-lhe *Deus*, a 1.ª d'esta predita serie, e *A Tempestade* e *O Soldado*, que conservam a ordem anterior. *A Victoria e a Piedade* remata a inclusão neste 1.º Livro das composições da edição de 1838. Esta poesia era a 3.ª da 2.ª serie. *A Cruz Mutilada*, escrita em 1849, fecha a compilação de 1850, (1.º Livro). A *Elegia* a D. Pedro, 4.ª da 3.ª serie de 1838, desapareceu, como deixamos notado.

Aqui damos o aspecto tipografico das primeiras tres folhas d'esta Primeira edição, que veio a lume em principios do mês de junho do predito ano de 1850, segundo se vê do anuncio publicado no *Diario do Governo* n.º 131, de 6 do referido mês.

POESIAS

POESIAS

POR

A. HERCULANO

LISBOA

EM CASA DA VIUVA BERTRAND E FILHOS

AOS MARTYRES, N.º 45

M DCCC L

LIVRO PRIMEIRO

A HARPA DO CRENTE.

*

Nesta edição, como acabamos de notar, foi a economia do primeiro poemeto do Autor largamente modificada.

A edição primitiva compunha-se de 17 estrofes; nesta saiu com mais 10.

Assim, ficou a III estrofe constituida apenas pelos primeiros 5 versos da introdução, passando os restantes 20 a formar a IV estrofe. A IV primitiva veio assim a ser a V, contendo os mesmos 10 versos que tinha. Apresenta-se depois a V feita VI, dividida em quatro partes, tendo a primeira 17 versos; a segunda 13; a terceira 11, com a adição de um verso novo; o 5.º:

«Como onda e onda ao desdobrar na arêa,»

e a quarta 8; ao todo, 49 versos.

Segue-se finalmente a VI primitiva, agora VII, com duas partes; a primeira composta dos mesmos 9 versos que tinha, e a segunda de 17. D'aqui para baixo, principiou o Autor a nova VIII estrofe com o verso que iniciava a terceira parte primitiva da predita VI:

«Porém a turba esvae-se: ermam bem poucos»

assim alterado agora:

«Eis que a turba rareia. Ermam bem poucos»

Esta mesma estrofe, porem, foi cortada no 24.º verso, o qual, e o antecedente, sofreram remodelação.

Lê-se, com efeito, na edição de 1838:

«.......................... um longo
Suspiro não se ouviu?—Olhai lá se erguem
De umas espectros palidos, medonhos,»

Na de 1850 dá-se a seguinte modificação, com que termina a primeira parte da nova estrofe VIII:

«.......................... Longo
Suspirar não se ouviu? — Olhae! lá se erguem,
Sacudindo o sudario, em peso os mortos!»

Foram suprimidos os restantes 23 versos, e substituidos pelos 3 que, após o intervalo de uma linha, se lhes seguem na edição em analise, e começam:

«Mortos, quem vos chamou?»

Suprimida foi, por igual, toda a estrofe VII, e em seu lugar entraram, expressamente compostas para esta nova edição, as que se numeram de IX até XVI, o que, em suma, representa uma contribuição total de 156 novos versos, a opulentarem a primitiva economia do poema.

D'este modo, a VIII estrofe da 1.ª edição ficou sendo a XVII da de 1850; a IX (*O Psalmo*) a XVIII; a X a XIX, e assim por diante até á XIV, correspondendo agora á XXIII.

A primeira parte d'esta estrofe acaba, tanto na edição de 1838, como nesta em analise, com o verso:

«Como hora de prazer entre desditas.»

seguindo-se-lhe os dois versos:

«Minha Patria onde existe?
É lá somente!»

que formam uma especie de segunda parte, ou ligação, para a terceira e seguintes tres.

O Autor, a seguir ao verso com que fecha a primeira parte da estrofe de que se trata, intrometeu agora uma linha de reticencias, e, continuando, numerou XXIV a ligação a que nos referimos supra, ficando esta nova estrofe com as cinco partes que pertenciam á XIV (XXIII). D'aí até o fim do Poemeto não houve mais alteração alguma, ficando correspondendo, por conseguinte, á XV a XXV, á XVI a XXVI, á XVII a XXVII.

Todas estas alterações e acrescentes, acompanhados por varias substituições vocabulares, se resumem no seguinte quadro:

Primeira edição — 1838. Total dos versos nas 17 estrofes	536
Segunda edição — 1850. Total dos versos nas 27 estrofes	654
Diferença a favor da edição em analise	118

Isto é:

	156	versos novos
Contra	38	versos retirados
Restam	118	versos aumentados

*

Como acima notamos, o poemeto a *Semana Sancta* foi objecto por parte do Autor de diversas variantes, tanto nesta primeira edição das *Poesias*, como na segunda, de 1860. Já protestamos não pretender elevar esta tentativa bibliografica ás ambiciosas proporções de uma edição critica, se bem continuemos persuadidos de que ao leitor curioso não desagradará que lhe facilitemos o conspecto das tres diversas lições, no seu conjunto. Vamos, por isso agrupá-las pela ordem das datas, advertindo que, de uma maneira geral, o Autor melhorou tambem em todas a acentuação e a diacritica, usou nesta do *s* por *z* voltando na segunda edição, neste caso e em outros, a adoptar a ortografia da edição de 1838, e finalmente realizou ainda outras leves emendas, que só numa edição especial poderiam achar menção pormenorizada.

As alterações mais notaveis, a que se deu preferencia vão compostas, para maior facilidade de comparação, em *italico*, tanto na lição original, como na variante.

I

1838 «..............— O oeste passa
Mudo nos troncos da *lameda* antiga,
Que já borbulha á voz da primavera:
O oeste passa mudo, e cruza a porta
Ponteaguda do templo, edificado
Por mãos *rudes* de avós, ...»

1850 «..............— O oeste passa
Mudo nos trôncos da *alameda* antiga,
Que já borbulhá á voz da primavera;
O oeste passa mudo, e cruza a porta
Ponteaguda do templo, edificado
Por mãos *duras* de avós, ...»

1860 «..............— O oeste passa
Mudo nos troncos da *alameda* antiga,
Que á voz da primavera os gomos brota:
O oeste passa mudo, e cruza o *atrio*
Ponteagudo do templo, edificado
Por mãos *duras* de avós, ...»

II

1838 «E chegar a meu termo, e *repousar-me*
Depois á sombra de um cypreste amigo»

1850 «E chegar a meu termo, e *reclinar-me*
Á branda sombra de cypreste amigo»

1860 (Lição igual á precedente).

III

1838 «.............. no *orgam* do coro
Veio emfim murmurar e esvaecer-se.»

1850 « .... no *orgão* do coro
Veiu, emfim, murmurar e esvaecer-se.»

1860 «.............. no *orgam* do *côro*
Veiu, emfim, murmurar e esvaecer-se».

1838 «Negras paredes, *velhas testemunhas*»

1850 «Negras paredes, *mudos monumentos*»

1860 (Lição igual á precedente).

1838 «*Ou esperança, ou gratidão, ou sustos,*»

1850 «*De gratidão, de susto ou de esperança,*»[1]

1860 (Lição igual á precedente)[2].

1838 «De uma crença fervente, *hoje enlutadas*
De mais escuro dó, eu vos saudo!»

1850 «De uma crença ferverente, *a vós que enluta*[3]
A solidão e o dó, venho eu saudar-vos»

1860 *De fervorosa* crença, a vós que *enlucta*»[4]
(Este, como na lição precedente).

V[5]

1838 «. . . . . Fieis acodem
A visitar o *Eterno,* e ouvir queixumes
Do vate de *Sion* . . . .»

1850 «. . . . . Fieis acodem
Á morada de Deus, a ouvir queixumes
Do vate de *Sião* . . . .»

1860 (Lição igual á precedente).

1838 «Tu foste apenas som, que o ar ferindo
Se esvaiu pelo espaço immensuravel.»

1850 «Tu foste apenas som, que, o ar ferindo
Murmurou, esqueceu, passou no espaço.»

1860 (Lição igual á precedente).

1838 «Do muro collossal, que ha visto as eras
Velhas chegar, e adormecer-lhe ao lado:»

1850 «Do muro colossal, *que éra após éra,*
Como onda e onda ao desdobrar na arêa,[6]
Viu vir chegando e adormecer-lhe ao lado».

1860 (Lição igual á precedente).

1838 «*A faia e o sobro* no *caír* rangeram»

1850 (Lição igual á precedente).

1860 «*O ulmo e o choupo,* no *cahir* rangeram»

---

[1] IV estrofe nesta edição.
[2] Idem.
[3] Idem.
[4] Idem.
[5] VI nas edições seguintes.
[6] Verso de novo introduzido.

VI[1]

1838 «................ qual vai sumindo
Nos mysterios da campa a *humanidade*.»

1850 «................ qual vai sumindo
No segredo da campa a *humana raça*.»

1860 (Lição igual á precedente).

1838 «*Porém a turba esvae-se:* ermam bem poucos[2]
Do templo na amplidão...............»

1850 «*Eis que a turba raréa.* Ermam bem poucos
Do templo na amplidão...............»

1860 «Eis que a turba *rareia*[3].

1838 «...... .... Emfim, de vivos,
Da voz, do respirar o som confuso
Vem-se verter no susurrar das praças,»

1850 «................ Emfim, de vivos,
Da voz, do respirar o som confuso
Vem confundir-se no ferver das praças,»

1860 (Lição igual á precedente).

1838 «...............—*esvai-se: um* longo
Suspiro não se ouviu?— *Olhai!* lá se erguem
De umas espectros palidos, medonhos,»[4]

1850 «...............— *e esváe*-se. Longo
Suspirar não se ouviu?— *Olhae!* lá se erguem,
Sacudindo o sudario, em peso os mortos![5]

1860 (Lição igual á precedente).

IX[6]

(O Psalmo)

Na edição de 1850 apresentam-se apenas nesta magnifica parafrase, que em nada cede á do psalmo de Job, no *Camões*, de Garrett, tres divergencias de outros tantos passos da edição de 1838. A de 1860 repetiu-as. São as seguintes:

1838 «Sentado elle voou.»

1850 «Librando-se, voou;»

---

[1] VII estrofe nas edições seguintes.
[2] VIII estrofe nas edições seguintes.
[3] O resto, como na precedente lição.
[4] Suprimido.
[5] Verso de novo introduzido.
[6] XVIII estrofe nas edições seguintes.

1838 «Se lança á terra o olhar, a terra treme,»

1850 «Ante o olhar do Senhor vacilla a terra,»

1838 «Todo perante o Eterno:»

1850 «Ante a face do Eterno:»

XI[1]

(A Lamentação)

Por igual teve est'outra não menos bem feita parafrase alguns retoques na edição de 1850, repetidos na de 1860. Aqui os notamos:

1838 «Contrarios se *volveram.*»

1850 «Contrarios se *tornaram.*»

1838 «*As amplas ruas de Sion são ermas,*»

1850 «*Ermas as praças de Sião e as ruas,*»

1838 «*E cubertas de* relva:»

1850 «*Cobre-as a verde* relva:»

1838 «*Volta* a Jerusalem,»

1850 «*Volve* a Jerusalem,»

1838 *Grande Deus, nosso opprobrio olha piedoso!*»

1850 *Deus, compassivo olhar volve a nós tristes:*»

1838 «*Adoça* nossos males!»

1850 «*Tem dó de* nossos males!»

XVI[2]

1838 «*Dentro no* coração *a* fé lhe *entorna*»

1850 «*Piedosa* fé *no coração* lhe *verte.*»

1860 (Lição igual á precedente).

---

[1] XX nas edições seguintes.
[2] XXVI idem.

Segue-se:

A Voz. — Nas 20 quadras de que se compõe esta poesia, ha duas que soffreram *emendas*. São as seguintes:

Quadra 18.ª, verso 3.º:

1838 «E mudo está: — *seu* nume»

1850 «E mudo está. *O* nume»

Quadra 20.ª; 3 alterações de texto e 1 transposição:

1838 «Que de *su'harpa* os hymnos
Derramará *o bardo*
Aos pés de Deus, qual oleo
De recendente nardo»

1850 «Que de *sua harpa* os hymnos
Derramará *contente*
Aos pés de Deus, qual oleo
Do nardo recendente»

*

A Arrabida. — A semelhança do exame analitico por nós feito ao poemeto *A Semana Sancta*, vamos empreender igual tarefa, com relação a est'outro.

A nota das variantes foi tomada entre as duas edições; a primeira e esta de 1850. Como o Autor modificou a economia do poema, posto que, ao contrario do que fizera com o anterior, — *A Semana Sancta*, lhe introduzisse apenas alguns versos novos, o balanço do numero d'estes entre uma e outra edição apresenta os seguintes resultados de estrofe para estrofe:

1838		1850	
Estrofes	Versos	Estrofes	Versos
I	5	I	11
II	8	II	8
III	23	III	23
IV	24	IV	24
V	48	V	18
VI	16	VI	17
VII	11	VII	17
VIII	49	VIII	16
IX	77	IX	11
X	66	X	49
XI	91	XI	28
XII	22	XII	49
Total...	440	Somam...	271

Acrescem:

Estrofes		Versos
	Transporte....	271
XIII		65
XIV		19
XV		58
XVI		14
XVII		22
	Total geral............ ..	449

Vê-se pois que neste Poemeto é a sua distribuição economica quasi a unica a sofrer alteração. O numero de versos de novo introduzidos foi insignificante. Seguem as variantes.

1830 «Salve, oh valle do sul, saudoso e bello!
Salve, oh *terra* de paz, deserto sancto
Onde não *chega o sussurrar* das turbas
Sólo sagrado a Deus, podesse o *bardo*
Ser um dos teus, e não voltar ao mundo!»

1850 «Salve, oh valle do sul, saudoso e bello!
Salve, oh *patria* da paz, deserto sancto
Onde não *ruge a grande voz* das turbas
Sólo sagrado a Deus, podesse *ao mundo*
O poeta fugir, cingir-se ao ermo,»

} Os primeiros 5 versos

D'aqui até o fim d'esta I estrofe, mais 6 versos novos.

III

1830 «Da manhã o *clarão;* a brisa esvae-se»

1850 «Da manhan o *fulgor;* a brisa esvae-se»

} 2.º verso, 3.º membro

IV

1830 «Das arvores do valle, que *verdecem*»

1850 «Das arvores do valle, que *vecejam*»

} 3.º verso, 1.º membro

V

1830 «.................... meneadas
Pelo vento do sul, *foste já lindo*»

} Versos 4.º e 5.º, 1.º membro

....
....

A tua formusura; as grossas chuvas
Despedidas das nuvens, se arrojaram
Sobre ti, oh rochedo, arrebatando
A terra e o viço, que te ornava o cimo.
Eis-te nu esqueleto! — o sol queimou-te;
Tua alvura passou: tão negro és hoje,
Quanto do mar erguido escuras vagas»

} Idem, do 8.º verso até final

1850 «.................... meneadas
Pelo vento do sul, *foste formoso;*
....
....
A formusura tua. Despedidos
Das negras nuvens o chuveiro espesso,
E o granizo, que o sólo fustigando
Tritura a tenra lanceolada relva,
Durante largos seculos, no inverno
Dos vendavaes no dorso a ti desceram,
Qual amplexo brutal de ardor grosseiro,
Que, maculando virginal puresa,
Do pudor varre a aureola celeste,
E deixa, em vez de um seraphim na terra,
Queimada flor que devorou o raio».

Versos 4.º 5.º, 1.º membro

Idem, do 8.º verso até final

Do segundo ramo d'esta V estrofe constituiu o Auctor a VI para esta 1.ª edição geral em analise. Os 7 primeiros versos acham-se taes quaes em ambas as edições. No 8.º ha a seguinte variante:

1830 «Do *vasto dorso,* o fundo deste valle»

1850 «De *sobre si,* o fundo deste valle»

Tudo o mais, até o fim, invariavel nas duas edições.

Segue-se, na edição de 1830, o 3.º e ultimo membro da predita V estrofe. D'ele fez o Autor a VII, para esta edição.
No 5.º e no 10.º versos ha as seguintes variantes:

1830 «Verão *o pór do sol,* em dia estivo,»

1850 «Verão, *ao pór-se, o sol* em dia estivo,»

1830 «*Nem* mais verei o refulgir da lua»

1850 «*Não* mais verei o refulgir da lua»

Nos termos precedentemente expostos, e como consequencia das alterações notadas, passou a VI estrofe, na edição de 1830 a numerar-se VIII. Ha a notar no 7.º verso do 2.º ramo a seguinte mudança de vocabulo:

1830 «Em seu rugido; e o *freixo* do deserto»

1850 «Em seu rugido; e o *ulmeiro* do deserto»

Na VII estrofe da 1.ª edição, feita IX na 2.ª, e de um só ramo em ambas, nada ha a notar.
Segue-se a VIII, feita X. No 3.º ramo d'esta, dá-se, no 14.º verso, a seguinte substituição de vocabulo:

1830 «Sem encontrar um coração *de fogo*»

1850 «Sem encontrar um coração *ardente*»

A IX estrofe, feita XI, acha-se tal qual em ambas as edições. O Autor, porem, do 4.º ramo d'esta estrofe, que é extenso, formou, para a edição em analise, a XII, que passa inalterada.

Segue-se a famosa X estrofe; — a celebre estrofe que começa por aquela monumental objurgatoria á cidade que foi berço a tão fenomenal talento:

«Oh cidade, cidade, que trasbordas
De vicios, de paixões e de amarguras!»

Dezoito vigorosos versos! Imaginosos, retumbantes, saidos de um só jacto, repassados da fulgurante, e ao mesmo passo implacavel ironia, de um cerebro de vinte anos!

Quanta, e quão profunda filosofia nesses dezoito versos! Quantos, e quão certos desenganos não se denunciam neles! — Nem o portentoso espirito que tão precoce se amostrava desprezador das pompas e grandezas d'este mundo, descortinando-lhes o que encobriam de miserias e torpezas, de abjecções e de infamias; nem tão portentoso espirito podia ser nunca, até morrer, senão o que foi, realmente, até seu ultimo instante; — um espirito de eleição, inacessivel a quantas fragilidades afligem, torturam e victimam os mortaes!

Ocioso notar será que neste primeiro ramo da que é agora XIII estrofe nem uma virgula foi mudada. No segundo foi suprimido o 4.º verso:

«Que a noite sorve, e que vomita o dia,»

Tambem no quarteto com que remata esta estrofe houve mudança.
É a seguinte:

1830 «...............— sentina impura
Da corrupção, *eu não serei teu bardo!*»

1850 «...............— sentina impura
De corrupções, *teus não serão meus hymnos!*»

Vem agora a estrofe XI, que nesta edição toma o n.º XIV.
Logo no 1.º verso ha nova lição.
Diz o da edição de 1830:

«Cantor da solidão, *eu me hei sentado*»

Emenda a edição de 1850:

«Cantor da solidão, *vim assentar-me*»

A seguir, operou o Autor desmembração igual á que já praticara com a V estrofe; numerou XV o 3.º ramo da estrofe em analise.

É o que começa:

«Religião! do misero conforto,
Abrigo extremo de alma, que ha mirrado
O longo agonisar de uma saudade,
Da deshonra, do exilio, ou da injustiça,»

No 3.º ramo d'esta mesma estrofe, e verso 12.º; — transposição:

1830 «Aqui, talvez, gemeu o amor trahido,»

1850 «Aqui gemeu, talvez, o amor trahido,»

Versos 18.º a 20.º; — refundição:

1830 «Mas quem foram? — Na terra, onde deixaram
Suas vestes mortaes, nenhum vestigio
Resta dos nomes seus............

1850 «Mas quem foram? Nenhum, depondo em terra
Vestidura mortal, deixou vestigios
De seu breve passar...............»

Do 4.º ramo que era o final da estrofe, desdobrou agora o Autor outra, que ficou sendo a XVI.

Era em 1830 o seu começo:

«Ainda em curvo outeiro, ao fim da senda,
Que dos montes além conduz ao valle,»

Ficou em 1850:

«Ainda em curvo outeiro, ao fim da senda,
Que serpêa do monte ao fundo valle,»

Somos chegados ao final do longo exame. Está patente a XII estrofe, numerada XVII nesta 1.ª edição geral. Compõem-na dois ramos. No primeiro, nenhuma alteração. No segundo, e fecho do poemeto, a seguinte variante:

1830 «E se estes versos te contristam — rasga-os.
Teus menestreis te venderão seus hymnos,
Nos banquetes opiparos, emquanto
O negro pão repartirá comigo,
Seu trovador, o pobre anachoreta,
Que não te inveja as ditas, como aos bardos
Do prazer dissoluto eu não invejo
Essas crôas, que ás vezes cingem frontes,
Onde, por baixo, se escreveu — *Infamia!* —»

1850 (Os ultimos 4 versos):

«Que não te inveja as ditas, como as c'roas
Do prazer ao cantor eu não invejo;
Tristes coroas, sob as quaes ás vezes
Está gravada uma inscripção d'infamia.»

*

Mocidade e Morte.—Tres especies de metros compõem esta poesia, que *pela primeira vez* veiu agora a lume.

Compreende 48 quadras hendecasilabas, rimando o segundo com o quarto verso, 11 octosilabas, emparelhando o segundo com o terceiro, e mais 119 versos de varias medidas e caprichosas rimas; ao todo, 355 versos. É um poemeto no genera elegiaco, cheio de suavidade e repassado de verdadeira unção religiosa;—a Fé e a Esperança enlaçadas e triunfantes. A sua leitura balsamiza a alma, e eleva o espirito na dulcificante contemplação da imortalidade:

«Que é o ceu a patria nossa;
Que é o mundo exilio breve;
Que o morrer é cousa leve;
Que é *principio,* não é fim:»

Este poemeto é tambem a 4.ª das 29 producções que compõem a 2.ª serie da *Lysia Poetica,* colecção que se publicou em 1860, no Rio de Janeiro, e vem descrita sob este titulo no V tomo do presente *Dicionario,* referida ao n.º 858.

*

Deus. Esta poesia fora pela primeira vez publicada por seu Autor no *Jornal da Sociedade dos Amigos das Letras,* em 1836, como em sua altura devera ter sido mencionado, e o não foi, por ter ficado fora de seu lugar a nota respectiva.

Herculano a denominou então *Hymno a Deus,* lição que o director do *Mosaico* seguiu, talvez porque menos acessivel lhe seria a edição da *Harpa do Crente,* de 1838, já então acaso não vulgar, do que o *Jornal* dos irmãos Castilho. No entanto, publicando em 2.ª edição na *Harpa* a poesia que tanto estimou sempre, o seu tão inspirado quanto modesto Autor entendeu, porventura, demasiado ambicioso o titulo, e resolveu reduzi-lo á expressão suma com que ficou.

Nesta 3.ª edição foi a poesia *Deus,* como o fôra já na 2.ª, a respeito da de 1836, objecto de algumas variantes. Não sofreu, porem, em qualquer das duas edições, alteração da primitiva estrutura.

As variantes agora notadas são as seguintes, pondo nós uma após outra as duas lições, para mais imediata apreciação dos aperfeiçoamentos com que o Autor ia melhorando esta tão bela, tão elevada e magestosa concepção dos seus primeiros ensaios poeticos.

3.ª estrofe, verso 4.º

1838 «*Uma* primeira *flôr*»

1850 «*Sua* primeira *flor:*»

6.ª estrofe, verso 14.º

1838 «Ao cervo *o bosque ameno*»

1850 «Ao cervo *a amena selva,*»

6.ª estrofe, versos 15.º e 16.º

1838 «Ao flamingo os paues, ao tigre *um* antro
No prado ao touro *o feno?*»

1850 «Ao flamingo os paúes, ao tigre *o* antro,
No prado ao touro *a relva?*»

7.ª estrofe, versos 5.º a 8.º

1838 «Olha o *negro* pinheiro campeando
Dos Alpes entre a neve
Quem arranca-lo de seu throno ousára
Quem destruir-lhe a seve?»

1850 «Olha o *velho* pinheiro, campeando
Entre as neves alpinas:
Quem irá derribar o rei dos bosques
Do throno das collinas?

7.ª estrofe, verso 17.º

1838 «De seus dentes em *roda* o susto *móra*»

1850 «De seus dentes em *volta* o susto *habita;*»

8.ª estrofe, versos 3.º e 4.º

1838 «Dignos de ti não são meus frouxos *cantos*
Mas são *cantos* de amor.»

1850 «Dignos de ti não são meus frouxos *hymnos,*
Mas são *hymnos* de amor.»

8.ª estrofe, verso 9.º

1838 «Quem os crê é um impio! *Arrecear-te*»

1850 «Quem os crê é um impio! *Recear-te*»

*

A Tempestade. Esta poesia é a primeira, das duas da edição de 1838, que foi reimpressa no *Mosaico,* segundo já se viu.

Seu illustre Autor fez nesta reedição, e na 6.ª estrofe, as seguintes modificações:

Lição de 1838:

«Morrer sentindo *inspirações de bardo,*
Do coração no fundo
Sem achar *sobre a terra* uma harmonia»

Lição de 1850:

«*Sanctas inspirações* morrer sentindo,
Do coração no fundo,
Sem achar *no desterro* uma harmonia»

Ha ainda algumas diferenças ortograficas e diacriticas, como aconteceu, bem se pode dizer, a todas as producções poeticas do Autor, em consequencia das modificações silabicas finaes, e outras, que sofreu a nossa maneira de escrever da primeira para a segunda metade do seculo XIX, aliadas a mais aprimorada revisão.

Em lugar competente, se dará nota de outras variantes com que o Autor se não cansou de aperfeiçoar, na reedição de 1860, esta sua producção poetica.

*

O Soldado. — Compunha-se, como vimos, esta poesia, em 1838, de 75 quadras, distribuidas por 6 estrofes. O Autor, nesta reedição, sem aumentar o numero das quadras, aumentou o das estrofes, constituindo assim a nova economia da sua composição:

Estrofes	Quadras
I	14
II	4
III	4 [1]
IV	11
V	10
VI	10
VII	22
Total	75

Nas quadras 10.ª, 11.ª, e 12.ª, da I estrofe, houve alguns leves retoques. A estrofe VI apresenta as seguintes variantes:

Quadra 2.ª, verso 2.º:

1838 «Que herdará *só maldicta* memoria,»

1850 «Que herdará *deshonrada* memoria,»

---

[1] Das primeiras 4 quadras da III estrofe formou o Autor a IV, passando esta a V, e assim por deante.

Quadra 3.ª:

1838 «Largo o mundo ahi 'stà ante o livre;
Que este mundo é a patria do forte,
Sobre os plainos gelados do norte
Luz do sol tambem *mana* do ceu;»

1850 «Onde é livre tem patria o poeta,
Que ao exilio condemna impia sorte,
Sobre os plainos gelados do norte
Luz do sol tambem *desce* do ceu;»

Estrofe VII, quadra 20.ª

1838 «*Tambem eu para o throno*
Accorrerei do Eterno:
Crimes não são meu dote,
Erros não pune o inferno».

1850 «*Reclinar-me-hei á sombra*
Do amplo perdão do Eterno;
Que não conheço o crime,
E erros não pune o inferno.»

*

A Victoria e a Piedade. Esta poesia, que segundo vimos, se data de agosto de 1833, ainda resumbra, apesar do pensamento eminentemente nobre, generoso e cristão que a inspirou, algum travo de paixão politica triunfante. Em 1850, porem, ao preparar o Autor esta edição, tudo quanto havia de violento ainda, e de apaixonado, passou pelo crivo das modificações e até das eliminações, a que sujeitou a composição inteira.

Assim, a remodelada economia d'este poemeto, perdendo 8 versos, ficou agora distribuida do seguinte modo:

Estrofes	Versos
I	16
II	16
III	20
IV	24
V	12
VI	20
VII	8
VIII	20
IX	8
X	24
XI	4
Total	172

Note-se que, por lapso de revisão, deixou de imprimir-se o numero da estrofe (III) no competente logar, no alto da pagina 113, como foi advertido na taboa das erratas.

Para a profunda modificação que esta poesia sofreu não contribuiram, tambem, pouco as desilusões, a tal ponto, que só as duas edições emparelhadas poderiam dar ideia da mudança, continuando, todavia, a compaixão pelos vencidos a dominar em toda esta belissima peça poetica.

Assim, o Autor dirigindo-se aos camaradas mortos naquela cruel campanha, antes do seu final triunfo, dizia-lhes, com a intima satisfação de vencedor:

«E vós meus companheiros que não vistes
Nossa *inteira* victoria
Não precisaes do trovador o canto;
Vosso nome é da historia»

Nesta primeira e na seguinte edição das suas *Poesias* (1860):

«E vós, meus companheiros, que não vistes
Nossa *triste* victoria,
Não precisaes do trovador o canto;
Vosso nome é da historia.»

Fala agora mais o filosofo do que o poeta, mas fala tambem ainda o patriota, porventura já desenganado.

*

A proposito das malevolas tentativas de que se fez porta-voz em 1838 a imprensa jacobina, de tornar Herculano suspeito de miguelismo, ou pelo menos, de afecto, em seus verdes anos, ao regime absoluto; tentativas que outra cousa não eram, senão a resultante da vingança mesquinha que se exercia contra o desassombrado autor da *Voz do Propheta*, querendo fazê-lo passar por prófugo d'aquele regime, lembramo-nos de certo episodio, a que anda ligada, envolta no vago, e com ares de misterio, para fazer acreditar a embusteira lenda, a invocação do começo d'esta poesia:

«Eu nunca fiz soar meus pobres cantos
Nos paços dos senhores;
Eu jamais consagrei hymno mentido
Da terra aos oppressores;»

Como estes inocentes e mui verazes quatro versos, ainda ao cabo de trinta e oito anos serviram para elemento de comparação do que se queria que Herculano tivesse sido *noutro tempo*, e do que ele se *inculcava* depois, e assim adquiriram especial notoriedade, vamos narrar em sucintas linhas o episodio, em que taes versos figuraram, como é costume dizer-se: — *como Pilatos no credo*. O fundamento do caso, — digâmo-lo já — não resiste á mais superficial analise; — é

inacreditavel, por absurdo, mas nem por isso deixou de haver quem o tivesse por verdadeiro.

Para sua inteira compreensão, cumpre recordar que, em consequencia de uma traição cometida por um dos socios na empresa do jornal *O Paiz*, da qual Herculano era membro, contra a politica d'este jornal, e virtualmente contra os que o mantinham, se celebrou nos Chavões, propriedade situada no Ribatejo, pertencente a um dos associados, uma reunião, na qual, em definitiva, se resolveu castigar corporalmente o traidor. Passava-se o caso em 1851, e sucedia que era hospede do dono da referida propriedade ... o proprio que o atraiçoava; a ele, e a seus consocios. Prevenido a tempo por alguem que ouvira fortuitamente o resultado da reunião, o delinquente fugiu.

Foi d'este mesmo *alguem* que nós soubemos do episodio.

Ora, sucede que vinte e cinco anos passados, aí por 1876, um amigo que fôra de Herculano, e com ele se malquistara, pretendendo confidenciar-nos *um caso*, rompia abrutamente:

— Imagine v. que me mostraram hoje uma cousa curiosissima.

— Que foi?

— Lembra-se, decerto, d'aqueles versos de Herculano: — «Eu nunca fiz soar meus pobres cantos ...»

— Muito bem, e então? — inquirimos, sem bem poder explicar porquê, dominado por um vago presentimento ...

— Pois vi hoje um cartão, onde se acham colados, de um lado, esses quatro versos ...

— E do outro? — cortamos, subitamente iluminado, e com a surpresa pronta para oferecer ao *autor da peça*.

— E do outro, uma ode do Herculano a D. Miguel.

— Pois saiba v. que toda essa *mise-en-scène* pretende afirmar uma aleivosa falsidade! — respondemos-lhe de improviso.

— É boa! Que certeza tem v. d'isso?

— Escute. Quere que lhe diga quem é a pessoa que lhe mostrou essa curiosidade *bibliografica?*

— Pois sim, retorquiu o confidente, sorrindo com ares de dúvida.

Dissemos-lh'o, e contamos-lhe o porque do *confronto poetico*. — Esse homem ainda agora continua a ter tal medo que, lá de Vale de Lobos, Herculano estenda a mão e o achate, que se premune com a aleivosia, para o que der e vier. E note, continuamos, note v.: o procedimento d'ele é tanto mais indigno, quanto é certo que ele conheceu o mais que provavel autor da tal ode. Ele tem muito boas letras, para saber distinguir o estilo de Herculano do do padre José Agostinho; ele, que passava por ser o que melhor imitava o estilo de Herculano ...

Como este episodio ficou ignorado, e que é bem de crer que o proprietario da *curiosidade* continuasse a levar amigos a casa, para lh'a mostrar, a lenda alastrou, viveu e veio a nossos dias. Fica-lhe aqui registada a genese, e premunida a posteridade contra a insidia.

*

A Cruz Mutilada. — Já historiamos a aparição d'esta magnifica poesia em outubro de 1849.

Registaremos agora a sua incorporação, tal qual viera a lume na *Revista Universal Lisbonense*, nesta 1.ª edição geral das *Poesias;* isto é, sem alteração alguma, a não ser a de dois unicos vocabulos, cuja grafia fôra em 1849 «santa», «testimunho», e agora se imprimiram: «sancta», «testemunho».

Este verdadeiro hino de glorificação á *Cruz* compreende 281 versos, em 4 especies de metro, predominando os chamados brancos (versos soltos).

Pensada por Herculano, ao espirar a primeira metade do seculo transcurso, a poesia *A Cruz Mutilada* parece escrita hontem, tal é a consemelhança dos factos; tal é o aproposito da reprovação que os fulmina!

Por exemplo:

«Foi da sciencia incredula o sectario,
Acaso, oh! cruz da serra, o que na face
Affrontas te gravou com mão profusa?
Não! Foi o homem do povo, a quem consolo
Na miseria e na dôr constante has sido
Por bem dezoito seculos: foi esse
Por cujo amor surgias qual remorso
Nos sonhos do abastado ou do tyranno,
Bradando «*esmola*» a um; «*piedade*» ao outro.»
....
....
....
....
«Eis porque teus irmãos te arrojam pedras,
Ao perpassar, oh! cruz! Pensam ouvir-te
Nos rumores da noite, a antiga historia
Recontando do Golgotha, lembrando-lhes
Que só ao Christo a liberdade devem,
E que impio o povo ser, é ser infame!»

LIVRO SEGUNDO

Poesias varias

A Perda d'Arzilla (1549).

Tal qual, se pode dizer, fôra publicada no *Panorama,* foi esta inspirada poesia incorporada na presente edição geral, apenas com duas breves modificações:

«*Lá* jaz na afflicção,»

por

«*Hi* jaz na afflicção,»

«Temeroso no ardente *Moghreb*:»

por

«Temeroso no ardente *Almagreb*:»

Notam-se tambem as modificações ortograficas: — «lagrymas» por «lagrimas», «Maldicção» por «Maldição», etc.

Esta poesia, escrita, como lembramos, sob a provavel impressão da leitura a que o Autor então procedia, do manuscrito de Frei Luis de Sousa, *Annaes de D. João III,* é uma critica, acerba mas bem cabida, á feição rapace que tomara a nossa expansão dominadora, no decurso do XVI seculo. Está nesta poesia a historia filosofica do nosso dominio em Africa e na Asia, condensada em meia duzia de belas e justiceiras estrofes.

A Rosa. — Linda poesia esta, cujo fecho vale um poema inteiro!

«Quantos perdões sobre um sepulchro abjecto
Tem murmurado o amor!»

Foi agora, aqui, ali, modificada, vocabular e ortograficamente.
Logo em começando, os seus dois primeiros versos:

«*Bella* em sua innocencia
D'entre a *çarça* espinhosa»

oram assim modificados:

«*Pura* em sua innocencia
Entre a *sarça* espinhosa»

Na 6.ª quadra, «seve», lição antiquada, foi substituida por «seiva»; substituição que o Autor veio a repetir na 7.ª quadra da sua tradução do *Seccar das Folhas*.

Este vocabulo, «*seve*», qualquer que haja sido o motivo, pertence á primitiva bagagem literaria de Herculano.

Nos seus primeiros escritos em prosa, divulgados pelo general Sr. Brito Rebelo por orgão do *Archivo Historico Portuguez*, tambem se lê, com efeito, «*seve*», no sentido de «*seiva*»[1], e ainda que, por nossa parte, nos não haja sido possivel encontrar a forma antiquada do vocabulo, o que não quere de modo algum dizer que ela não exista, bem pode ser que Herculano a colhesse em escritor para nós desconhecido. Ainda nos ocorre, em suma, que poderá o nosso Autor ter adoptado a forma pluralizada de Vieira: «arrancar lhe-hei *as seves*», citada por Moraes; forma que parece corresponder ao sentido empregado. Vieira foi, com efeito, o classico predilecto de Herculano, e era dos escritos do celebre Jesuita que o Grande Escritor aconselhava aos noveis nas letras que tomassem «*alguns caldos*».

Na 9.ª quadra, o 1.º verso:

«Da *çarça a pobre filha*

foi substituido por:

«Da *sarça a flor virente*»

E na 12.ª, os dois primeiros versos:

«Juncto *da çarça* humilde
Seu curso demorando,»

modificados d'este modo:

«Juncto *do tronco* humilde
O curso demorando,»

No ultimo verso da quadra 13.ª e ultima:

«Tem *murmurado* o amor»

por

«Tem *susurrado* o amor»

---

[1] «é acreditar que no fructo e não em o tronco está a *seve* da arvore». Vol. VIII, pag. 98.

*

O Mendigo. — Foi esta poesia, em sua primeira impressão, na *Revista Universal Lisbonense,* maculada por alguns lapsos de revisão, de que tambem não escapou agora.

Nota-se igualmente que alguns vocabulos foram objecto, por parte do Autor, de modificações ortograficas lembrando a grafia empregada no *Eurico.*

Assim, nesta 2.ª edição, «igreja», por «egreja», o *y* predominando nas silabas em que se acentua o *i,* por exemplo: «abysmos», «lagrymas», etc.

Tambem o Autor introduziu nesta edição algumas modificações, que notaremos, e são as seguintes:

1845 «E em seus andrajos para *a* choça alpestre,»

1850 «E em seus andrajos para choça alpestre,»

1845 «Onde os pastores
Vinham saciar-se *e* o manso gado;»

1850 «Onde os pastores
Vinham a saciar o manso gado;»

1845 «Cheio de sustos — muda como o templo
Era sua dôr.»

1850 «Cheio de sustos; muda como o templo
Era *a* sua dor.»

1845 «Proximo está, dos lassos navegantes
Tão *anciado.*»

1850 «Proximo está, dos lassos navegantes
Tão *suspirado.*»

1845 «O vento vai quebrando — *no ar* raream»

1850 «O vento vai quebrando, *e já* raream».

1845 «Traça no ceu d'Oriente um disco immenso,
Que reflecte no mar, que *verte ao longe*
Cerulea côr.»

1850 «Traça no ceu d'Oriente um risco immenso,
Que reflecte no mar, que *veste, ao largo,*
Cerulea côr.»

*

O Bom Pescador.
Tristezas do Desterro.
O Mosteiro Deserto.
A Volta do Proscripto.

Todas estas quatro poesias vieram pela primeira vez a lume, pela ordem em que se acham os respectivos titulos, bem como a quarta do Primeiro Livro — *Mo-*

cidade e Morte—nesta 1.ª edição geral, a que nos estamos referindo, conforme o já explicamos a pag. 413.

O facto é confirmado no proprio anuncio dos editores, publicado, como vimos, no *Diario do Governo* de 6 de junho de 1850, pois que referindo-se á nova publicação que anunciam, mencionam, «alem da *Harpa do Crente,* varias outras rimas, *algumas ineditas*».

Diremos o que se ofereça a respeito de cada uma d'elas.

O Bom Pescador. — São 26 quadras, em sextilha, rimando em todas o segundo com o terceiro verso; ao todo 104.

Lição de resignado estoicismo é a d'esta poesia para os que, tendo triunfado a vida, viram fundirem-se-lhes as asas de Icaro, caindo, por culpa sua, de seus elevados precintos na mediocridade do existir.

Sempre o mesmo desengano das grandezas d'este mundo, prevalecendo no desassombrado conceito do Autor!

Tristezas do Desterro. (*Fragmentos*).

Oito estrofes em versos brancos, assim distribuidos:

Estrofes	Membros	Versos	Total
I	4	16, 11, 6, 6	39
II	1	35	35
III	5	23, 3, 9, 5, 21	61
IV	3	4, 50, 6	60
V	3	1, 19, 7	27
VI	2	26, 15	41
VII	3	44, 17, 9	70
VIII	6	14, 24, 2, 9, 19, 14	82
Total	27	Total	415

Esta poesia foi, porventura, principiada a escrever em Plymouth, e continuada já em França. É o que parece poder deduzir-se do seu começo, combinado com o começo da VI estrofe; como se segue:

I

«. . . . .
. . . .
. . . .
. . . . Sobre as aguas,
Que de Albion nas ribas escabrosas
Vem marulhando branquear de escuma
A negra rocha em promontorio erguido,
D'onde o insulano audaz contempla o immenso
Imperio seu, o abysmo, aos olhos turvos
Não sentida uma lagryma fugiu-me
E devorou-a o mar.»

VI

«. . . . .
. . . . Nas longas vias,
Que vou seguindo peregrino e pobre,
Sob este rude ceu, entre o ruido
Dos odiosos folgares do *sicambro*
Do monotono som da lingua sua»

A proposito do vocabulo que fica sublinhado, bem lembrará a todos o:

«Mavioso nome.......
..........não sabido
Das orgulhosas bôccas dos *Sycambros*
D'estas alheias terras»

da edição do *Camões* de 1825 (Paris).

Não se pode negar que é felicissima, a seis anos de distancia, a reminiscencia de Herculano, principalmente motivada por *saudosa* e triste situação, identica á do autor d'aquele inspirado poema.

O Mosteiro Deserto.

Extensa composição em 4 estrofes de varios metros, distribuida como segue:

Estrofes	Versos
I.................	54
II.................	98
III.................	76
IV.................	64
Total...	292

Poesia apaixonadamente politica, pensada por um poeta-soldado e soldado da Liberdade, que acabava de ver a guerra com todos os seus horrores, *O Mosteiro Deserto,* é a condenação fulminante das ordens monasticas; é o anatema contra o fanatismo politico dos frades, vistos pelo poeta

«Nesse dia de atroz carnificina,

«negros vaguear», por entre as fileiras, «rapidos correndo»,

«A cruz do Salvador na esquerda erguida,
Na dextra o ferro, preces blasphemando,
«Não perdoeis a um só!» —feros bramando».

Contraste frisantissimo com o anterior poema, doloroso queixume do triste desterrado, *O Mosteiro Deserto,* poesia escrita durante o cerco, e mais provavelmente logo após o ataque de 25 de julho, é o energico protesto do, agora, já soldado, e victorioso, da Liberdade, contra os blasfemos profanadores da quietação monastica, da qual ainda agora o Autor se lembra, com enternecido afecto.

«................. Podessem
Dessas campas geladas que vejo
Os bons monges dos tempos antigos
Surgir vivos á voz de um desejo!»

Estão nesta poesia os dois principaes traços psicologicos de Herculano; — a energia impulsiva da sua alma, e a mansuetude melancolica do seu grande coração.

A Volta do Proscripto.
Cinco estrofes, em varias rimas, como segue:

Estrofes	Versos	Metro
I	36	Octosilabos
II	56	Hendecasilabos
III	12	Octosilabos
IV	20	Versos brancos
V	37	Idem
Total	161	

Com todo o seu feitio byroniano, *A Volta do Proscripto* encerrará — quem sabe? — um segredo da mocidade do Autor. que para sempre lhe terá ulcerado o coração. Não seria só tarde, já agora, para o averiguar; seria tambem, o que muito cumpre evitar, indiscreto, se fosse possivel intentá-lo. Que o Autor teve coração para apreciar a mulher, tinha-no-lo já assegurado *Eurico*, e que soube amá-la, foi patente. — D'estes segredos da juventude, quem ha aí que os não tenha? Idealizá-los, como Herculano o fez, é que não é para todos.

*

N'um Album. — Das 26 quadrinhas que compõem esta poesia, constituindo 104 versos, rimando o segundo com o quarto, em cada quadra, apenas no 1.º verso da 8.ª houve leve modificação:

«*Em* turbilhão d'affectos,»

por

«*N'um* turbilhão d'affectos,»

Aqui, ali, modificações breves, ortograficas e de diacritica.

*

A Felicidade — É na 9.ª das 17 quadras d'esta poesia que o Autor efectuou a variante por nós assinalada em nota (1), de pag. 365.

«A minh'alma vasia de *esperança*
No limiar do porvir se assentou»

Lendo-se nesta edição geral:

«*E* a minh'alma, vazia de *affectos*,
No limiar do porvir se assentou»

Em tudo mais, nada para notar.

LIVRO TERCEIRO

Versões

O Seccar das folhas. — Como se viu a pag. 370 e 371, compõe-se esta poesia de 12 quadras, ou 48 versos, rimando o segundo com o quarto. Nesta edição, dão-se as seguintes leves mudanças sós:

4.ª quadra — «essas» por «estas»
7.ª quadra — «vã» por «vaã»
7.ª quadra — «seiva» por «seve»
10.ª quadra — «conforto» por «comforto».

*

A Noiva do Sepulchro. — Esta *Xacara* compõe-se de III estrofes, assim divididas:

Fstrofes	Quadras	Versos
I	9	36
II	39	156
III	36	144
Total	84	336

A rima faz-se entre o segundo e o quarto versos.

Imitação do inglês, é de todas as poesias d'este livro a que para ele passou quasi intacta, como seu ilustre Autor a trasladou das paginas do *Panorama* (1838). A variante de maior circunstancia é a da 6.ª quadra, a qual dizia então assim:

«Nada lhe põe embaraço
Nem *ressonantes* ribeiros
Nem *brejos* apaúlados
Nem escarpados outeiros».

Sendo nesta edição geral modificada do seguinte modo:

«Nada lhe põe embaraço
Nem *resonantes* ribeiros
Nem *as chans* apaúladas
Nem escarpados outeiros».

Ha outras modificações, mas destituidas de importancia.

*

O Canto do Cossaco.—São, como vimos, 10 quadras, rimando o segundo com o quarto verso, ao todo 40, as que compõem esta poesia, respondendo a outras tantas originaes. Duas leves alterações apenas na presente edição:

4.ª quadra, 2.º verso:

1837 «Que te lavou *sanguento,* e a sede apaga:»

1850 «Que te lavou *sangrento,* e a sede apaga:»

7.ª quadra, 1.º verso:

1837 «De um enorme gigante *eu* vi o espectro»

1850 «De um enorme gigante vi o espectro»

*

O Caçador Feroz.—Melhoria consideravel alcançou agora a celebre balada alemã, nesta primeira edição geral. Mais conforme o assunto com a feição impulsiva do talento do interprete, presente-se com quanto gosto ele se desempenhou do voluntario encargo, ao observar quão espontanea e natural lhe sae a expressão, quão bem achada a frase, e perfeita ficou a rima. O tempo lhe deu um ultimo acabamento; as variantes que apresentamos o provam, e tambem quanto o ilustre tradutor se esmerou em melhorar uma das suas mais interessantes versões.

Empregamos o systema já adoptado para a respectiva exposição.

3.ª quadra:

1839 «Voam rapidos—*ressoam*»

1850 «Voam rapidos. *Resoam*»

5.ª quadra:

1839 «E involto *no som dos orgãos*»

1850 «E involto *nos sons de um orgam*»

17.ª quadra:

1839 «Que tem missas, que tem resas
Com o *caçar?—diz,* sandeu!»

1850 «Que tem missas, que tem resas
Com o *montear,* sandeu?»

19.ª quadra:

1839 «um cervo
Branco *transpoem* a assomada,»

1850 «um cervo
Branco *transpõe* a assomada,»

21.ª quadra:

1839 «Um ou outro *arrebentado*»

1850 «Um ou outro *rebentado*»

23.ª quadra:

1839 «N'uma seara, guarida
O pobre cervo buscou;
Então o dono do campo
Triste ao conde se chegou:»

1850 «N'uma seara guarida,
Fugindo, o cervo buscou:
O pobre dono do campo,
Triste, ao conde se chegou:»

26.ª quadra:

1839 «Mas o da esquerda atiçando-o
Á maldade perpretar,
Despresou o da direita
Para o *da esquerda* o enredar»

1850 «Mas atiçando-o o da esquerda[1]
Á maldade perpretar,
Despresou o da direita
Para o *maldicto* o enredar»

31.ª quadra:

1839 «Que já bem perto *o* sentia»

1850 «Que já bem perto sentia»

38.ª quadra:

1839 «*E do bom rindo do aviso,*»

1850 «*E elle, o bom ludibriando,*»

---

[1] Simples transposição.

40.ª quadra:

1839 Montear-vos *mesmo ainda*
Pelas campinas do ceu.»

1850 «Montear-vos, *mais que fosse*
Pelas campinas do ceu.»

41.ª quadra:

1839 «E os cães no mais perto que acham»

1850 «E os cães no que acham mais perto» [1]

63.ª quadra:

1839 «*Gelido* o conde ficou;
Da angustia o *tremor* dos ossos
Á medulla lhe chegou.»

1850 «*Gelado* o conde ficou;
Trépida angustia dos ossos
Á medulla lhe chegou.»

74.ª quadra:

1839 «Se *muito* não *lhe importasse*»

1850 «Se *antes* não *lhes conviesse*»

São 74 quadras, ou sejam 296 versos, rimando o 2.º com o 4.º
Nada mais a notar.

*

O Cão do Louvre. — Registando a aparição no *Panorama* da sentimental poesia de Delavigne, tão perfeitamente entendida pelo ilustre director d'aquele semanario, dissemos compor-se ela de 11 estrofes, constituidas por versos de 11 silabas, ou endacasilabos, entremeados de outros de 6 e de 4. Agora completaremos a resenha, acrescentando que é de 62 o numero total de versos d'esta notavel tradução. Se ela beneficiou dos aperfeiçoamentos adiante notados, com que seu Autor a habilitou a fazer parte d'este Livro III, o leitor curioso o ajuizará, comparando as duas edições.

São as seguintes as variantes apontadas:

2.ª estrofe:

«o martyr
1837 Não *choreis* — *mas* o amigo seu que vive
Só *deplorae!*

1850 «o martyr
Não *deploreis:* o amigo seu que vive
Só *pranteae!*»

---

[1] Simples transposição.

4.ª estrofe:

1837 «*Esse torrão* guardando, onde repousam»

1850 «*Essa gleba* guardando onde repousam»

6.ª estrofe:

1837 «Elle quizera que seu dono o *ouvira*
E ladra e uiva; mas o adeus da noite
Não escutou»

1850 «Elle quizera que seu dono o *ouvisse*
E ladra e uiva; mas o adeus *de á* noite
Lá lhe faltou»

9.ª estrofe:

1837 «Mas *pela noite* em sonhos vê trincheiras,
E ergue-se, e corre *atrás* de uma *vãa* sombra,»

1850 «Mas, *na alta noite,* em sonhos vê trincheiras,
E ergue-se, e corre *após* uma *van* sombra,»

10.ª estrofe:

1837 «É alli que elle espera, *hora após de hora,*
O nome seu qual é?»

1850 «É alli que elle espera *horas e horas,*
O seu nome qual é?»

Herculano fizera imprimir no *Panorama:*

«Dá ao martyr do Louvre algumas flôres;
Dá pão ao seu *libréu*»

Nesta edição, porem, adoptou a forma geralmente usada:

«Dá pão ao seu *lebreu*»

A primeira d'estas duas formas terá chegado a ser vernacula no seculo XVII, posto que já em 1562 Jeronimo Cardoso registava a segunda em seu *Vocabulario Lusitanico-Latinum*[1], e Frei Bernardo de Brito, empregando-a em sua *Cronica de Cister* (1602), dizia a fls. 417 *v.*: «lhe sayrão ao encontro hũs lebreos de gado, de grãdeza e ferocidade terribel».

---

[1] Reservados da Biblioteca Nacional, n.º 125 (encarnado).

No entanto, a forma «*libreo*» acha-se nas *Cartas Familiares*, de D. Francisco Manuel de Melo, que é o bastante para lhe autorizar o emprego: — «á lei de bom e fiel *libreo*, que se lança com seu dono, de tão boa vontade ao pego como ao campo», escreveu este nosso classico, na *Carta XCIV, da Cent. III* (1649).

De um outro autor de boa nota, que não cursou Humanidades, mas nem por isso foi menos estimado, pela castiça linguagem e propriedade terminologica, Fernão Mendes Pinto, se imprimiu no capitulo CXXIIII de suas *Perigrinações*: — «cõ cada hum seu grãde *libreo*, presos todos com cadeias de prata».

Cumpre, por derradeiro, lembrar que o nosso Autor já em 1843 adoptara a forma *lebreu*, antecipando a lição d'este comento, no capitulo XIII do romance *O Bobo*, impresso em o numero 79 do *Panorama*, onde diz: — «covarde porque só sabes injuriar no meio destes *lebreus* esfaimados que te cercam».

*

Leonor. — Compreende a celebre composição de Bürger 65 quadras, ou sejam 260 versos.

Damos agora, como precedentemente estabelecemos, esta poesia tal qual o ilustre tradutor a remodelou, para fazer parte da presente edição, sentindo que as dimensões d'este formato nos não deixassem publicar a par a edição de 1834.

«Leonor

(Burger)

«Ralada de ruins sonhos
Já desperta está Leonor
E 'inda agora os ceus d'oriente
Da manhan tingiu o alvor,
— «Guilherme, és morto? — ella exclama —
Ou trahiste a pobre amante?
Se vives, porque retardas
De te eu ver feliz instante?» —
Nas tropas de Friderico
Tempo havia que partira
Para a batalha de Praga,
E cartas delle quem vira?
Mas a imperatriz e o rei [1]
De guerras, emfim, cansados,
Depondo os animos feros,
De paz faziam tractados,
Já aos seus lares tornavam
Ambas as hostes folgando.
Cingem frentes ramos verdes;
Vem atabales rufando.
E por montes e por valles
Velhos e moços chegavam,
Dando brados de alegria,
A encontrar os que voltavam.

---

[1] Maria Thereza d'Austria e Friderico de Prussia.

— «Boa vinda! Adeus!» — diziam
As filhas, noivas, e esposas.
E Leonor? Nenhum dos vindos
Lhe faz caricias saudosas.
Por Guilherme ella pergunta;
Por qual estrada viria.
Vão trabalho; vans perguntas:
Novas delle quem sabia?
Não o vê. Passaram todos...
Em furioso devaneio,
Ei-la arranca as negras tranças;
Fere crua o lindo seio.
Sua mãe, correndo a ella:
— «Valha-me Deus! — lhe bradou —
Minha filha, pois que é isso?!» —
E entre os braços a apertou.
— «Minha mãe, perdeu-se tudo!
O mundo, tudo perdi:
De nada Deus se condoe...
Oh dor, oh pobre de mi!» —
— «Ai! Jesus venha á minha alma!
Filha, um padre nosso resa.
Deus é pae: sempre nos ouve:
Nunca a humana dor despresa.» —
— «Minha mãe, inutil crença!
Que bens me tem feito Deus?
Padres-nossos!... padre-nossos!...
Que importam resas aos ceus?» —
— «Ai! Jesus venha a minha alma!
Pois não é quem resa ouvido?
Busca da igreja o consolo
Verás teu pesar vencido.» —
— «Mãe, oh mãe, esta amargura
Nenhum sacramento adoça:
Não sei nenhum sacramento,
Que aos mortos dar vida possa.» —
— «Filha, quem sabe se, ingrato,
Elle ás promessas faltou;
E lá na remota Hungria
Novo amor o captivou?
Se, mudavel, te abandona,
Do crime o premio terá:
Do ultimo trance na angustia
O remorso o punirá» —
— «Morreu-me, oh mãe, a esperança.
Perdido... tudo é perdido!
Morrer, tambem, só me resta.
Nunca eu houvera nascido!
Foge, oh sol resplandecente!
Manda a noite e os seus terrores...
Deus, oh Deus, que nunca escutas
O gemer de humanas dores.» —
— «Meu Senhor! A desditosa
Não pensa o que a lingua exprime.
Não julgues a filha tua:
Nem te lembres do seu crime.

Vans paixões esquece, oh filha:
Cogita no goso eterno,
No sangue que te remiu,
E nos tormentos do inferno.» —
— «O que é goso eterno, oh mãe,
E o inferno em que consiste?
Com Guilherme ha goso eterno,
Sem Guilherme o inferno existe.
Sem elle, que a luz fugindo,
Se troque em nocturno horror;
Sem elle, no ceu, na terra
Só conheço acerba dor!» —
Assim no sangue e na mente
Furia insana lhe fervia:
Cruel chamando ao Senhor,
Mil blasphemias repetia.
Desde o sol brilhar no oriente
Até que o ceu se estrellava,
As mãos, louca, retorcia,
O brando seio pisava.

Porém ouçamos! ... A terra
Pisa um cavallo lá fóra! ...
E pelos degraus da escada
Tinem sons d'espada e espóra ...
Ouçamos! Batem na argola
Pancadas que mal feriram
E através das portas, claro,
Estas palavras se ouviram:
— «Oh lá, querida, abre a porta.
Dormes? Estás acordada?
Folgas em riso? Prantêas?
De mim és 'inda lembrada?» —
— «Guilherme, tu?! Na alta noite?
Tenho velado e gemido.
Quanto padeci! ... Mas, d'onde
Até 'qui tens tu corrido?!» —
— «Nós montamos á meia-noite
Só. Vim tarde, mas ligeiro,
Desde a Bohemia, e comigo
Levar-te-hei, por derradeiro.»
— «Oh meu querido Guilherme,
Vem depressa: aqui te abriga,
Entre meus braços; que o vento
Do bosque as crinas fustiga.» —
— «Rugir o deixa nos matos.
Sibila? Sibile embora!
Não paro ... que o meu ginete [1]
Escarva o chão ... tine a espóra ...

---

[1] Desappareceu a alusão do cavaleiro, acêrca das almas penadas, com que fechava, na 1.ª edição, esta resposta.

Nosso leito nupcial
  Dista cem milhas d'aqui.
  Sobraça as roupas ... vem ... salta
  No murzelo, atrás de mi.» —
— «Além cem milhas me queres
  Hoje ao thalamo guiar?
  Ouve ... o relogio ainda soa:
  Doze vezes fere o ar.» —
— «Olha em roda! A lua é clara;
  Nós e os mortos bem corremos.
  Aposto eu que n'um instante
  Ao leito nupcial iremos?» —
— «Mas dize-me, onde é que habitas?
  Como é o leito do noivado?» —
— Longe, quedo, fresco, breve:
  De oito taboas é formado.» —
— «Para dous?» — «Para nós ambos.
  Sobraça as roupas: vem cá.
  Os convidados esperam:
  O quarto patente está.» —
Sobraçada a roupa, a bella
  Para o ginete saltou,
  E ao seu leal cavalleiro
  Co'as alvas mãos se enlaçou.

Ei-los vão! Soa a corrida.
  Ei-los vão, á fula-fula!
  Ginete e guerreiro arquejam
  A faisca, a pedra pula.
Ui, como, á direita e esquerda,
  Ante seus olhos se escoam
  Prado e selva, e do galope
  Sob a ponte os sons ecchoam!
— «Tremes, cara? A lua é pura.
  Depressa o morto andar usa.
  Tens medo de mortos?» — «Não.
  Mas delles fallar se escusa.» —
— «Que sons e cantos são estes?
  O corvo alli remoinha!
  Sons de sino? Hymnos de morte?
  É morto que se avizinha!» —
Era de feito um saimento,
  Que andas e esquife levava:
  Aos silvos de cobra em pégo
  Seu canto se assemelhava.
— «Um enterro á meia-noite,
  Com psalmos e com lamento,
  E eu a minha noiva levo
  Ao sarau do casamento?
Vinde, sachristão e o coro,
  O epithalamio entoae nos;
  Vinde, abbade, e antes que entremos
  No leito, a bençam lançae-nos.» —

Cala o som e o canto: a tumba
Some-se: finda o clamor
A seu mando; e o tropel voa
Na pista do corredor.
Sempre mais alto a corrida
Soa. Vão á fula-fula.
Ginete e guerreiro arquejam:
A faisca, a pedra pula.
Como á dextra e esquerda fogem
Montes, bosques, matagaes!
Como á dextra e esquerda fogem
Cidades, villas, casaes!
—«Tremes, cara? A lua é pura.
Depressa o morto usa andar.
Temes os mortos, querida?» —
—«Ai, deixa-os lá repousar!» —
—«Olha! Ao redor de uma forca
Dançar em tropel não vês
Aereos corpos, que alvejam
Da luz da lua através?
Oh lé, birbantes, aqui!
Birbantes, acompanhae-me!
Vinde. A dança do noivado
Juncto do leito dançae-me.» —
E os vultos vem após logo,
Ruido immenso fazendo,
Como o furacão nas folhas
Seccas do vergel rangendo.
E resoando a corrida
Ei-los vão, á fula-fula.
Ginete e guerreiro arquejam:
A faisca, a pedra pula.
Para trás fugir parece
Quanto o luar allumia;
Para trás suas estrellas
Sumir o ceu parecia.
—«Tremes, cara? A lua é pura
Depressa o morto andar usa.
Temes os mortos, querida?» —
—«Ai, delles fallar se escusa!» —
—«Murzello, o gallo ouvir creio!
Breve a areia ha-de correr...
Murzello, avia-te, voa,
Que sinto o ar do amanhecer!
Nossa jornada está finda.
Ao leito nupcial chegámos.
Ligeiro os mortos caminham.
A méta final tocámos.» —

D'uma porta ás grades ferreas
Á rédea solta chegaram,
E de fragil vara ao toque
Ferrolho e chave saltaram.

Fugiram piando as aves:
  A corrida, emfim, parára
  Sobre campas. Os moimentos
  Alvejam; que a noite é clara.
Peça após peça, ao guerreiro
  Cae a armadura lustrosa
  Em negro pó impalpavel
  Qual de isca fuliginosa.
Sua cabeça era um craneo
  Branco-pallido, escarnado:
  Nas mãos tem fouce e ampulheta,
  Triste adorno do finado.
Alça-se e arqueja o ginete:
  Igneas faiscas lançou,
  E debaixo de seus pés
  Abriu-se a terra, e o tragou.
Dos covaes surgem phantasmas
  Feio urrar os ares corta:
  Bate incerto o coração
  Da donzella semimorta.
Ao redor danças de espectros
  Em remoinho passavam.
  Canto de medonhas vozes
  Era o canto que cantavam:
«Affliges-te? Oh, tem paciencia!
  Não fosses com Deus audaz.
  Teu corpo pertence á terra:
  Á tua alma o ceu dê paz.»

*

A Costureira e o Pintasilgo morto. — A versão d'esta poesia foi impressa, não assinada, em o numero 48 da *Revista Universal Lisbonense*, 2.ª serie, tomo II, 9.º ano, correspondente ao dia de quinta-feira, 5 de setembro de 1850. Aí, a pag. 581, aparece, com efeito, acompanhada da original; uma e outra impressas a par, tendo nesta por titulo: —«*Vers à mon chardonneret.*» — que se acha respectivamente traduzido—«*Versos ao meu pintasilgo*». São 6 estrofes não numeradas, contendo 46 versos em varia rima.

Na parte inferior da pag. 580 lê-se esta especie de apresentação, precedendo a peça poetica de que se trata:

> «*Traducção da Genoveva*». — Para provarmos que, merecidamente, o favor publico tem auxiliado muito mais do que se esperava, a traducção que o traductor da *Revista* emprehendeu, d'esta excellente e ultima obra de Lamartine, aqui publicamos, com o original em frente, como specimen do cuidado com que é feito este trabalho, a traducção de uns versos com que o auctor aformoseou a narração do seu primoroso e util livro».

Quando a tradução do romance a que estas linhas se referem foi anunciada em o numero 44 do mesmo tomo d'aquele semanario, dizia-se tal tarefa «confiada ao tradutor da *Revista Universal*, o qual é considerado por quantos o conhecem, como um dos mais estudiosos cultores da lingua portugueza».

Este tradutor, a menos que não tenha realmente havido algum, por aquele tempo ligado á sobredita *Revista*, dotado com os predicados de que naquele anuncio se lhe faz muito merecido titulo, outro não era, senão o proprio proprietario da *Revista*, Sebastião José Ribeiro de Sá, o qual aceitava assinaturas para a tradução em anuncio no escritorio do mesmo semanario, na rua dos Fanqueiros.

Ora, que a tradução da poesia de que se trata pertence a Herculano, eis o que é inegavel, por isso que o ilustre tradutor a incluiu, como adiante se nota, na 2.ª edição das suas *Poesias*, posto continuasse o *alibi* na tradução do romance, que ficou completa em 1851.

Que se deve pois, em suma, concluir d'estes factos? — Que houve evidentemente concerto entre o autor da tradução do romance e o da poesia incluida nele, para que se não divulgasse a dualidade. Herculano, amigo de Ribeiro de Sá, e seu colaborador de tantos anos, prestou-se de boa mente ao concerto, reservando-se o direito de incluir numa futura reedição das suas *Poesias*, e entre as traduzidas, esta de Lamartine. Foi o que aconteceu, como em seu lugar registaremos.

Passemos agora a dar as notas que se referem á 2.ª edição.
Eis o *fac-simile* do frontispicio:

POESIAS

POR

A. HERCULANO

(Segunda edição)

LISBOA

EM CASA DA VIUVA BERTRAND E FILHOS

AOS MARTYRES, N.º 73

M DCCC LX

VI

De todas as poesias que formam esta 2.ª edição, retocadas e melhoradas em primeira e segunda lima, se pode dizer o que seu ilustre Autor escreveu, referindo-se á *Primavera,* de Antonio Feliciano de Castilho:

> «O livro do Sr. Castilho não é fundamentalmente uma obra nova [1], mas é a poesia vivida da juventude aprimorada pela poesia severa do genio já maduro e repassado de meditação e de estudo. Na differença da antiga á moderna *Primavera* se contem a historia do progresso poetico do Sr. Castilho: é por isso que, longe de o reprehendermos por haver corrigido, em vez de compor de novo, o louvamos [2]».

Mostra, com efeito, esta 2.ª edição das *Poesias* de Alexandre Herculano quanto ele se empenhava em alcançar para si o louvor que tributara ao «maior poeta português dos nossos dias». Fazendo-as repassar de novo pelo crivo de uma rigorosa revisão, aquele que imaginara as que lhe eram proprias, ou vertera e imitara tantas de alheio estro, com a perfeição e primor que todos admiramos, não se cançava, ainda a dez anos de distancia da sua ultima tradução, de dar-se a tal tarefa, com a mesma diligencia e a mesma probidade artistica com que já por duas vezes tinha procedido a trabalho que tantos outros teriam por tedioso, e que ele proprio declarou tal, ao dispor-se a ajuntar os «*disjecta membra*» das suas composições em prosa.

Em umas e outras, porem, o objectivo era o mesmo: — castigar a forma que dera vida ao pensamento; aperfeiçoar as inevitaveis incorreções da inspiração, a fim de que, satisfeitas, quanto o intelecto o permitisse, as «condições da arte de escrever», o escritor, quer como poeta, quer como prosador, se apresentasse perante seus leitores com a plena certeza de ter procedido para com a Arte e para com eles, como para com cada qual devia; — com a consciencia de artista que aprimora as suas produções, e com a meticulosidade urbana de escritor, que aceita o publico por seu juiz.

A seguinte revista nos mostrará como o ilustre Autor manteve este seu duplo empenho.

*

A Semana Sancta. — Já notamos as poucas variantes d'esta 2.ª edição, ao mencionarmos as da 1.ª edição geral Nada mais ha a acrescentar.

---

[1] A 1.ª edição fôra de 1822.
[2] *O Panorama*, I, 104.

*

A Arrabida. — Eis a nota das variantes introduzidas pelo Autor nesta 2.ª edição, disposta por estrofes :

II

1850 «*Nos rochedos da concava bahia :*»

1860 «*Dos alcantis na base carcomida :*»

III

1850 «a brisa *esvae-se*
Por esses matos de alecrim florido,
Embalsamando o ar de brando aroma
O rocio da noite á rosa *agreste*
No seio derramou frescor suave,»

1860 «a brisa *esvai-se*
Pelos rosmaninhaes, e inclina os topos
Do zimbro e alecrineiro, ao rez sentados
Desses thronos de fragas sobrepostas,
Que alpestres matas de medronhos vestem ; [1]
O rocio da noite á *branca* rosa
No seio derramou frescor suave,»

Comparando as duas lições, vê-se que o Autor modificou a terminação da segunda silaba, na metade do verso que forma o seguimento da sua descrição, trocou por dois outros versos os seguintes dois, introduziu mais dois versos novos, e modificou ainda o final do 4.º verso da edição de 1850, 6.º na presente edição.

Não tendo o Autor d'aqui por diante operado mais alteração alguma na economia do poema, quer eliminando, quer introduzindo versos, ficou definitivamente *A Arrabida* constituida por 451, como se vê na tabela impressa no fim d'esta Primeira Parte.

V

1850 «ameaçando
Ruina *ás matas de alecrim e murta*
Que *nesta encosta ondeam, meneadas*
Pelo vento do sul,»

1860 «ameaçando
Ruina *ao roble secular da encosta*
Que *somnolento move a coma estiva*
Ante a aragem do mar,»

---

[1] Versos de novo introduzidos.

VI

1850 «e os carvalhos
Do mundo primogenitos, e os *freixos*,»

1860 «e os carvalhos
Do mundo primogenitos, e os *sobros*,»

VII

1850 «quando uma pedra
Os ossos me *esmagar*, se me fôr dada,»

1860 «quando uma pedra
Os ossos me *esconder*, se me fôr dada,»[1]

X

1850 «lá no alto *da encosta*
Negras, despidas, dormem solitarias,»

1860 «lá no alto *das serras*
Nuas, crestadas, solitarias dormem,»

1850 «que se ha sentado
Por seculos, alli, nas *serranias*»

1860 «que se ha sentado
Por seculos, alli, nas *cordilheiras*»

XII

1850 «*Ahi, na branda* encosta, hontem á noite,
Alvejava por entre *as azinheiras*»

1860 «*Ali, naquella* encosta, hontem á noite,
Alvejava por entre *os medronheiros*»

XVII

1850 «O que ensanguenta os pés *nas bravas urzes*,»

1860 «O que ensanguenta os pés *no tojo agreste*»

Diversas modificações etimologicas, proprias de notar numa edição comentada, em capitulo destinado á evolução grafica da escrita do Autor, e nada mais.

---

[1] Foi. Deu-lh'a a Nação Portuguesa, e oxalá ela o não esqueça nunca! — *G. de B.*

*

Mocidade e Morte.— São as seguintes as poucas variantes d'esta edição:

19.ª quadra

1850 «Como se enlaça pelo *ulmeiro* a hera,»

1860 «Como se enlaça pelo *choupo* a hera,»

Fala d'«O Anjo da Guarda»:

Verso 18.º

1850 «Mundo?»

1860 «Que se chamava um mundo?»

Verso 27.º

1850 «Porque o teu Deus te *chama* á eternidade?»

1860 «Porque o teu Deus te *evoca* á eternidade?»

Verso 50.º

1850 «São a folha do ulmeiro o nome e fama,»

1860 «São a folha do ulmeiro o nome e *a* fama,»

*

Deus.— Eis as variantes com que o Autor se comprouve em melhorar ainda esta sua tão bem sentida inspiração, uma das que, decerto, mais prezou:

1.ª estrofe — 6.º a 8.º versos

1850 «E a lua *prateada*
Pare no gyro seu, *emquanto pulso*
Esta harpa a Deus sagrada.»

1860 «E a lua *resplendente*
Pare em seu gyro, *ao resoar nest'harpa*
O hymno do Omnipotente.»

2.ª estrofe — 11.º verso

1850 «Do *Omnipotente,*»

1860 «De *Jehovah,*»

3.ª estrofe — 3.º verso

1850 «Das mãos *sáe do* Senhor:»

1860 «Das mãos *solta o* Senhor:»

7.ª estrofe — 17.º verso

1850 «De seus dentes em *volta* o susto habita;»

1860 «De seus dentes em *roda* o susto habita; [1]»

8.ª estrofe — os derradeiros quatro versos

1850 «Eu, por mim, passarei entre os abrolhos
Dos males da existencia
Tranquillo, e sem *terror*, á sombra posto
Da tua Providencia.»

1860 «Eu, por mim, passarei entre os abrolhos
Dos males da existencia
Tranquillo, e sem *temor*, á sombra posto
Da tua Providencia.»

*

A Tempestade. — Apenas na 2.ª estrofe, 5.º verso, a seguinte variante:

1850 «Quando *no pinheiral*, entre o granizo,»

1860 «Quando *pelos pinhaes*, entre o granizo,»

Aqui, ali, derramadas por toda a poesia, modificações etimologicas, que ha tal qual aproposito em mencionar.
Assim: — «involta» por «envolta», «areiaes» por «areaes», «Bençam» por «Benção», e a mais notavel de todas, que fixa duvidas na preferencia da lição, «covarde» por «cobarde».

*

O Soldado. — Na 1.ª quadra da II estrofe, 2.º verso:

1850 «*No pinheiral* fechado,»

1860 «*Entre o pinhal* fechado,»

---

[1] Das duas anteriores lições formou o Autor esta terceira.

Continuam as modificações etimologicas da nova escrita do Autor: «escaceia», «bruxuleia», «meneia», por «escacea», «bruxulea», «menea», etc., da edição anterior.

Nenhuma alteração mais.

*

A Victoria e a Piedade. — Apenas duas variantes:

Estrofe VIII

1850 «*O misero pastor desceu* dos montes
Abandonando o gado,»

1860 «*Lavradores, zagaes, descem* dos montes
Deixando terras, gados»

Estrofe X

1850 «É tempo *d'esquecer* odios profundos»

1860 «É tempo *d'olvidar* odios profundos»

*

A Cruz Mutilada. — Nesta 2.ª edição, uma variante, apenas; tudo o mais, intacto. A variante já a deixamos assinalada em nota, ao referir-mo-nos á edição de 1849.

Em vez de:

«Sacrilega *e* brutal; *de mais* inutil!»

o Poeta emendou excelentemente:

«Sacrilega, brutal, *e ao impio* inutil!»

LIVRO SEGUNDO

Poesias varias

A Perda d'Arzilla.
Transcripção integra da 1.ª para esta 2.ª edição Apenas a adopção, no terminar da silaba, de «ês» por «ez»: — «português», «Fês», etc.

*

A Rosa. — Intacta.

*

O Mendigo. — Idem.

*

O Bom Pescador. — Na 6.ª quadra, 1.º verso:

1850 «*Que* o *teixo* se dispa»

1860 «Dispa-se o *ameeiro*».

*

Tristezas do Desterro.

Estrofe III — 17.º verso

1850 «Um turvo sol a refranger sem vida?»

1860 «Raio do sol que se refrange turvo»

Estrofe VII — 11.º verso

1850 «deixando
Só delle a côr em *rachas* arrancadas»

1860 «deixando
Só delle a côr em *lascas* arrancadas»

Estrofe VIII — 26.º verso

1850 «Como um suspiro fraternal aos astros»

1860 «Qual suspiro fraterno aos soes e aos mundos»

*

O Mosteiro Deserto. — Leves discrepancias, apenas. «Ulmos» por «Olmos», «transudaram» por «transsudaram». O vocabulo «renque» feito feminino, como é. Em 1850, «O renque», em 1860 «A renque».

*

A Volta do Proscripto. — Intacta.

*

A Felicidade. — Apenas no 1.º verso da ultima quadra:

«No silencio do amor, *da* ventura,»

por

«No silencio do amor *e* ventura,»

LIVRO TERCEIRO

Versões

Entre a 1.ª e esta 2.ª edição ha só breves alterações ortograficas na 1.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª poesias. Consistem, em geral, na mudança, de uma para a outra, do «ê» no ditongo «ei»; por exemplo: «ondêa» por «ondeia», «vaguêa» por «vagueia», e semelhantes.

Na 2.ª, porém, *A Noiva do Sepulchro*, ha variantes de nota. Taes são, por exemplo:

3.ª quadra

1.ª edição (1850):

«*Houve tempo em que eram bellos*
Esses muros derrocados
Que apenas sustentam heras,
E os espinhosos silvados»

2.ª edição (1860):

«*Foram formosos e fortes*
Esses muros derrocados
Por onde trepam as hervas,
Que cingem bastos silvados»

7.ª quadra — 4.º verso

1.ª edição (1850):

«Não mostrou grande *amargura*»

2.ª edição (1860):

«Não mostrou grande *tristura*»

8.ª quadra

1.ª edição (1850):

«Até corria entre o povo
Um mysterio de maldade ...
Uns *diziam* ser mentira;
Outros, porém, ser verdade»

2.ª edição (1860):

«Até corria entre o povo
Um mysterio de maldade
Suppunham uns ser mentira;
Criam outros ser verdade»

9.ª quadra

1.ª edição (1850):

«Mas o que? Cubria a terra
Esse *feito tenebroso;*»

2.ª edição (1860):

«Mas o que? Cubria a terra
Esse *caso mysterioso;*»

No resto da Balada não ha mais variante alguma.

*

Esta 2.ª edição, cuja disposição tipografica é exactamente a mesma da 1.ª, tem, alem das 326 paginas que compõe o volume de 1850, mais 3, preenchidas com a poesia de Lamartine, que é, por conseguinte, a 7.ª das Versões d'este volume, intitulada:

A Costureira e o Pintasilgo morto.—Já vimos que esta tradução apareceu em setembro de 1850 em o numero 48 da *Revista Universal Lisbonense.* Teve, a seguir, 2.ª edição nas paginas da tradução do romance para o qual fôra feita a versão;—*Genoveva,* de Lamartine, que estava completa em 1851.
Seu ilustre tradutor a incluiu agora nesta 2.ª edição das suas *Poesias,* onde, alem de modificar um tanto a diacritica, e de alterar a ortografia de um que outro vocabulo, fez tres emendas em outros tantos versos.
Assim, no primeiro decasilabo:

«Nunca me has de esquecer! Por bem seis annos,»

está na primitiva edição:

«Oh, não te esquecerei! Por bem seis annos»

Onde agora se lê:

«Sementes varias dava-te co'a alpista»

está impresso na *Revista* e se repetiu no romance:

«Dava-te, variando, o grão, a alpista»

No 6.º verso da oitava final, lê-se na edição de 1860:

«Neste triste aposento»

Na *Revista* imprimira-se, como tambem no romance:

«No meu triste aposento»

*

A 3.ª edição das *Poesias* é de 1872. É, por conseguinte, impressa ainda sob as vistas do Autor.

Trará acaso algumas variantes. Não conseguimos vê-la; mais nada podemos informar.

A ultima edição é a 8.ª e reporta-se na indicação da tipografia, posta na parte inferior da folha do ante-rosto, a 1907. O estado em que se encontrar representará, pois, aquele em que o Autor deixou o livro em 1872.

VII

Almanach das Senhoras para 1873 por D. Guiomar Torrezão.

Orlando Furioso.—Canto 1.º (Fragmento).—Tradução das primeiras trinta e seis oitavas do Canto I do celebre poema do «Divino Ariosto». Veio a lume datada de «Val-de-Lobos, 1872», no *Almanaque das Senhoras* do ano seguinte, conforme acima vai indicado.

Constitue este fragmento a segunda das quatro belas dadivas com que o Autor da *Harpa do Crente* contribuiu para abrilhantar as paginas d'aquele repositorio, a mais de um titulo credor da estima publica, e da particular benevolencia de um escritor de coração, qual foi o criador do tipo imortal de «Hermengarda».

Mandara-a o ilustre tradutor á editora e proprietaria d'aquele *Almanaque*, e era acompanhada de uma carta, a terceira das que, de igual procedencia, foram dadas á estampa pela devotadissima irmã da distinta escritora nos «*Trechos Litterarios de Alexandre Herculano e cartas do mesmo auctor*—Lisboa, 1910». Nela, o tão bondoso quão modesto sinatario escreveu o seguinte periodo:

> «Nos largos serões da estação invernosa tenho tentado traduzir alguns fragmentos do *Orlando Furioso*. É o que me está mais á mão para

enviar a V. Ex.ª sem grande responsabilidade minha, simples responsabilidade de tradutor; e quasi que dessa me eximirá V. Ex.ª, quando souber que estes trechos de versão foram feitos á vista do texto, nú de notas e commentarios, e até sem o auxilio de um diccionario italiano, de que está desprovida a pequena estante de Val-de-Lobos».

Herculano, que, segundo veremos, já em 1839 descrevera, analizara e definira este poema (*Panorama*, III, n.º 99), condensou em 307 versos brancos; isto é: aumentou-lhe com 19 versos mais, apenas, o proemio ou proposição e a dedicatoria, bem como o começo, até o repousar de Angelica no

«bosquesinho
Gracioso e frondente, em cujas ramas
Brando passava o ciciar dos zephyros.»

e onde, por acaso, veiu encontrar a timida donzela o apaixonado rei de Circassia.

Poeta de não vulgar elevação de ideias, romancista historico de pulso inimitavel, criador do genero em Portugal, Herculano, — está já agora provado — sempre se recriara com trasladar para a materna lingua — e quão vernacula e brilhantemente o fazia! — os primores poeticos que lhe atraiam os ocios, e lhe deleitavam aquele seu grande senso estetico, aquela requintada sensibilidade artistica de que tão intensamente dispunha.

Em Herculano, o reduzir-se, espontaneo, á condição, se pode dizer subalterna, de *tradutor*, não era, não foi jamais, simples complacencia apoucada exercida por qualquer espirito necessitado. Era uma inclinação atractiva, como foi a de Castilho e a de tantos outros cultores das letras patrias, passados e presentes, a quem o facto, longe de desdourar-lhes o merito, lh'o enalteceu, se é possivel, ainda mais.

Interpretar Klopstock e Bürger, verter Millevoye, Delavigne ou Ludovico Ariosto, este Ariosto, de quem Herculano, aos sessenta e dois anos, se dá o prazer de traduzir o galhardo começo do inspirado poema, nas condições desnudas, que acabamos de ler; dar-se a este lavor com a mestria com que, apesar da mingua de bons adjutorios, o executou, é no Grande Escritor, uma necessidade de espirito, superior a todas as hesitações e reticencias que pudesse sugerir-lhe a sua elevada posição de homem de letras, chefe, entre todos os homens de letras seus contemporaneos. O traduzir, para Herculano, é uma precisão instante do seu espirito intensamente comunicativo, desafogando-se da profunda comoção de gozo que o avasala pelo expediente mais imediato, mais natural e mais directo que se lhe oferece: — transmitir, pondo-os, ante seus leitores, sejam eles, de presente, quaes forem, sejam quaes hajam de vir, no futuro, a ser, as belezas poeticas que o seduziram, os trechos que o encantaram, os pensamentos que o embeveceram e deleitaram, vertidos naquela tão opulenta quanto onomatopaica linguagem que Luis de Camões, «o genio summo» [1] dignificou, e de que ele proprio, Herculano,

---

Referindo-se á escola italiana dos poemas-romances que ilustraram a Italia, desde Boiardo até Fortiguerra, escrevia Herculano a Bulhão Pato, agradecendo-lhe a oferta da *Paquita*:

«... escola que não nos deu Camões, porque os *genios summos* manda-os a piedade de Deus ás nações que teem de morrer numa lenta e vergonhosa agonia para lhes dourar o sepulcro com um raio de gloria ...».

A simpatia de Herculano por aquela escola já nesta carta transluz, dando nos de algum modo a chave da predileção com que seu autor se comprouve em traduzir as oitavas que são assunto a este artigo.

agora simples, mas tão judicioso interprete de alheios pensamentos, soube patentear o variado prestimo.

Conforme já fizemos, a respeito de outros trechos poeticos estrangeiros, traduzidos pelo autor de *A Semana Sancta*, aproximamos aqui as primeiras tres oitavas do *Orlando* da correspondente tradução. O proemio e a dedicatoria do poema.

Por esta singela amostra se poderá ajuizar do requintado apuro a que haviam chegado os recursos vocabulares do ilustre tradutor, aplicados a patentear, com tão esmerado gosto, de quanta maleabilidade e de quanta veemencia — as duas grandes pedras de toque de qualquer idioma — é capaz esta nossa lingua portuguesa manejada por um Mestre, apostado a desmentir o conhecido, mas nem sempre, como aqui se pode ver, infalivel proloquio, italiano tambem.

Grande prazer de alma é, com efeito, o observar como este escritor, que entre os historiadores modernos ia deixar um nome aureolado pelas excepcionaes qualidades de paciente reconstrutor do patrio passado que o tornaram distinto entre os seus iguaes de melhor nota; como este pesquizador das origens do patrio direito, que empregara os melhores anos da vida a gastar a paciencia no decifrar pergaminhos, «sem saber o que a mocidade tem de gozos, e a idade viril de ambições»; como este homem que se mostrara pensador profundo, mergulhado em altos pensamentos, vivendo imerso em bastas desilusões e amargos desenganos, triste e melancolico, d'aquela tristeza e d'aquela melancolia que se não podiam curar, porque profundavam raizes nos desanimadores convencimentos de um futuro patrio repleto de irreparaveis fatalidades; como este alto espirito, agora já no declinar dos dias gloriosos, soube ainda imprimir áquele seu literario desfastio o cunho encantador de elegante e airosa singelesa que reina por toda a sua tradução, como ele se esmerou em transfundir-lhe o caracter genuino do original; — «a variedade e a singeleza» — essas duas admiraveis qualidades da sempre por ele admirada escola, que ele proprio tanto exaltara um dia, falando a um poeta, seu natural e seu amigo, nela filiado[1].

Tudo aí encontrará, com efeito, quem quiser gosar o almo prazer de cotejar as trinta e seis estancias do começo do poema com os trezentos versos da correspondente versão: — naturalidade na narrativa, propriedade nas imagens, arrogancia nos passos que a requerem, mimo, frescor, doçura; quantos predicados patenteia a natureza, para se fazer amar, quantas belezas o Poeta derramou por toda esta entrada, ao mesmo tempo simples e majestosa, do seu Poema, tudo aí foi expresso pelo habilissimo tradutor, com a mais rigorosa fidelidade, transluzindo por sobre tudo o cunho da confiança nos proprios recursos e do gosto com que os sabia empregar.

Eis as tres oitavas e a correspondente tradução:

Original:

«Le donne, i cavalier, l'arme, gli amori,
Le cortesie, l'audaci imprese io canto,
Che furo al tempo che passaro i Mori
D'Africa il mare, e in Francia nocquer tanto,
Seguendo l'ire e i giovanil furori
D'Agramante lor Re, che si diè vanto
Di vendicar la morte di Troiano
Sopra Re Carlo Imperatore Romano.

---

[1] Mais uma vez aludimos á carta de Herculano a Bulhão Palo, agradecendo-lhe a oferta da *Paquita;* carta, aliás, em que tantas considerações se leem, inspiradas na mais elevada filosofia da historia, de tanto aproposito pelos dias que vão correndo.

Dirò d'Orlando in un medesmo tratto
Cosa non detta in prosa mai, nè in rima;
Che per amor venne in furore e matto,
D'uom che si saggio era stimato prima:
Se da colei che tal quasi m'ha fatto,
Che'l poco ingegno ad or ad or mi lima,
Me ne sarà però tanto concesso,
Che mi basti a finir quanto ho promesso.

Piaccivi, generosa Erculea prole,
Ornamento e splendor del secol nostro,
Ippolito, aggradir questo che vuole
E darvi sol può l'umil servo vostro.
Quel ch'io vi debbo, posso di parole
Pagare in parte, e d'opera d'inchiostro:
Ne che poco io vi dia da imputar sono:
Chè quanto io posso dar, tutto vi dono.»

Tradução:

«Damas, amores, cavalleiros, lides,
Cortezes feitos cantarei e audazes,
Do tempo em que a mourisma o mar transpondo,
A França veio devastar. Guiava-os
De Agramante, seu rei, juvenil furia.
Jurara o mouro irado que o rei Carlos,
Romano imperador, lhe pagaria
Do rei Troiano, de seu pae, a morte.

Cousas não ditas nunca em prosa ou verso
Juntamente direi do conde Orlando,
Que amor desatinou, volvendo-o louco,
Sendo até ahi gabado de bom siso.
Fa-lo-hei, se aquella que me tem tornado
Quasi tão louco como Orlando, e o engenho,
Que era pouco, me vai desbaratando,
Me deixar quanto baste ao que prometto.

Do nosso tempo esplendido ornamento,
D'Hercules neto, generoso Hypolito,
Benevolo acceitae o canto humilde
Que quer, que ousa offertar vossa feitura
A vós, Senhor. De penna e tinta em obras
Busco solver meus debitos em parte.
Deponho em vossas mãos quanto possúo.»

D. Felismina Torrezão, já agora tambem infelizmente falecida, coleccionara, em 1910, sob o titulo de: *Trechos Litterarios de Alexandre Herculano, e cartas do mesmo e de outros escriptores illustres a Guiomar Torrezão*, quantos primores o Grande Escritor oferecera a sua sempre lembrada irmã, para publicar no *Almanach das Senhoras*, durante os anos de 1872 a 1874, assim como cartas de caracter particular, que Herculano lhe escrevera, de 1871 a 1875, alguma ou algumas das quaes lançam bastante luz sobre certos pontos da vida do Mestre, nos anos imediatamente anteriores ao do seu passamento.

Na secção competente lhes dedicamos a devida menção.

Poesias em romances e artigos

Originaes e traduzidos

1837-1843

Roma.—Artigo a pag. 42 do *Panorama*, vol. I, 1837. Numero 6.
As estancias LXXVIII a LXXX, do Canto IV, do poema *Childe Harold*, de Byron, traduzidas por epigrafe ao artigo d'aquele titulo.

Na 1.ª estancia, versos	13		
Na 2.ª » »	10	Total	32
Na 3.ª » »	9		

*

Convento da Pena em Cintra.—O artigo frontispicial d'este titulo, do numero 37 do *Panorama*, referido a janeiro, 13, de 1838 (volume segundo), acêrca do convento hieronimico, é epigrafado com uma sestilha em versos soltos, tradução de parte da estancia XX, do Canto I, de *Childe Harold's Pilgrimage*.

*

A Abobada.—Narrativa começada a publicar no *Panorama*, vol. III (1839) Capitulo 3.º, pag. 101 e 102: *Lóas ao Menino Jesus*, no Auto da Adoração dos Reis Magos.
A Baltasar pertencem 8 quadras, em versos octosilabos, entremeiados de outros de 3 silabas. A Belchior, 4 sestilhas da primeira medida, alternando cada 2 versos com 1 de 3. Ha uma 5.ª sestilha, interrompida após os 2 primeiros versos
Em resumo: 58 versos, dos quaes, 34 octosilabos e 24 trisilabos.

*

O Monge de Cister.—Romance historico principiado a publicar no *Panorama*, vol. V (1841) a pag. 6. No capitulo II, a pag. 21, quadra cantada por Brites

«Boa festa, santa festa
Em que se canta latim:
De festa vestida, ás bôdas,
Ás bôdas cantando vim.»

*

Arrhas por Foro d'Hespanha. — Romance começado a publicar no *Panorama*, vol. V (1841) e continuado no vol. VI (1842). Neste, e capitulo VI, pag. 33 a 40: — *Trovas* dos dois remeiros: 5 quadras, rimando o 2.º com o 4.º verso; total, 20 versos.

No capitulo VII (2.ª parte) pag. 50 a 56; — *Coplas populares*; 3 quadras em sestilha, de igual rima ás precedentes, alternando com 2 versos de 5 silabas; total; 18 versos. Total das 2 composições: versos 38.

*

O Bobo. — Romance publicado no *Panorama*, Vol. 2.º Serie 2.ª (1843). Capitulo IV, pag. 44 a 48. — *Cantiga* de D. Bibas ao conego Martim Eicha. — 12 versos de 8 silabas, entremeiados de 24 versos de 3 e de 4; total 36 versos.

No indicado capitulo, *Cantiga* do mesmo protogonista a Garcia Bermudes; 5 versos de igual medida dos primeiros, entremeiados de 15, de 3 e de 5; total 20 versos.

Capitulo VI; a *Cantiga* fatal para D. Bibas; — 12 versos, começando por 1 de 7 silabas e acabando num de 3. Total geral, versos 68.

*

A Dama Pé de Cabra. — Conto publicado no *Panorama*, Vol. 2.º Serie 2.ª (1843).

Cantiga da protogonista, no capitulo II da *Parte Terceira*, pag. 331. São 7 quadras octosilabas, rimando o 1.º com o 4.º verso, e o 2.º com o 3.º Total, 28 versos.

No capitulo III, na mesma pagina, mais 5 quadras de igual procedencia, teor, medida e rima. Total, 20 versos.

No capitulo VI, quadra de 9 silabas por verso, entremeiados os 4 por 1 de 1 silaba. Total, 8 versos. Total geral, versos 56.

*

O Parocho d'Aldeia. — Narrativa começada a publicar no *Panorama*. Vol. 2.º, Serie 2.ª (1843), e continuada no volume seguinte (1844). Aí, a pag. 119, 12 versos de Byron (*Childe Harold*), traduzidos; parte da estancia XVI, parte da XVII, parte da XVIII, todas do canto I.

Teatro

1838 - 1844

VIII

Nos anuncios dos espectaculos do *Diario do Governo*, de 4.ª feira, 15 de agosto de 1838, lê-se, com relação ao Teatro Nacional do Salitre:

> «Grande Gala, por ser dia do nome de Sua Magestade, a Rainha. 1.ª representação de *O tinteiro não é caçarola*, drama (*sic*) em um acto, imitação do francez pelo sr. Alexandre Herculano».

Representava-se igualmente o drama em 3 actos *Os tres ultimos dias de um sentenciado*, de Cesar Perini, tradução de A. F. de Castilho.

E pelo que tocava ao Teatro da Rua dos Condes, após a referencia á Gala sobredita:

> «A 1.ª representação de *Um Auto de Gil Vicente ou a Côrte de El-Rei D. Manoel*, drama original portuguez em tres actos. — 1.º O Paço de Cintra, o 2.º O Paço da Ribeira, 3.º O Galeão Santa Catharina.»

No seguinte artigo tornaremos a referir-nos á tradução de Herculano, que alguma vez o anuncio do espectaculo chegou a dar por «original».

Transcrevendo o anuncio da 1.ª representação do *Auto de Gil Vicente*, não só levámos em vista prestar a devida homenagem ao Glorioso Restaurador do Teatro Português, mas frizar a curiosa coincidencia.

Na mesma noite de Gala que celebrava o nome d'aquela por quem Herculano e Garrett, poucos anos antes, envergando a fardeta de «Soldados da Liberdade», se haviam batido; na mesma noite concorriam ambos para abrilhantar, ainda que em muito desiguais condições, a scena nacional, a que ambos, pela primeira vez, ascendiam.

Vejamos agora Herculano, a seu turno tambem autor dramatico.

*

«*O Fronteiro de Africa ou as Très Noites aziagas.* — Drama de grande espectaculo em 3 actos, ou noites, composto por um dos nossos insignes Litteratos Portuguezes: — 1.ª noite: *O Desmaio*; 2.ª *A Despedida*; 3.ª *A Justiça de Deus*».

Tal se anuncia na secção dos espectaculos do *Diario do Governo*, de terça feira, 23 de outubro de 1838, para ser pela primeira vez representada no domingo subsequente no Teatro Nacional do Salitre, a primeira obra scenica, original, de Alexandre Herculano. Os anuncios imediatos ao primeiro passaram a imprimir, modificada, a informação acêrca do anonimo autor, a qual saira nele algo redundante. Após o titulo da peça, a que era naquele tempo de rigor a disjuntiva, lê-se: «Ficção toda portugueza de um dos nossos insignes Litteratos». Não ficou perfeita, mas foi de melhor lição.

Como acima vimos, Herculano fizera, meses antes, a sua estreia no teatro com a tradução de qualquer bagatela francesa, que a veia humoristica do futuro autor da *Vida e feitos de Lazaro Thomé* acomodaria á scena nacional, com intenção bem diversa da que pode fazer supor a classificação dada pelo cartaz ao sainete ou farça, objecto da tradução. Em 1838, porem, — outro modo de ser teatral do tempo — tudo eram *dramas*. Proscrevera-se a classificação: *farça*, por indigna dos aristocraticos pergaminhos do teatro romantico, mas á comedia em um acto, destinada a indemnizar os espectadores, no fim da representação, das muitas afliçôes e lagrimas que lhes custavam, todas as noites, os lances comoventes dos grandes dramalhões do punhal e do veneno, fazendo-lhes desatar os labios em francas gargalhadas retumbantes; a essa chamava-se tambem *drama*, talvez para que a gravidade do cartaz se não resentisse do mau efeito do vocabulo. como nota discordante na enfiada de cousas tetricas de que aquele era porta-voz.

Apesar, pois, da franqueza com que o nome do tradutor do tal *drama* fôra, meses antes, apresentado, o nome do autor da nova peça só no anuncio do espectaculo de 3 de novembro, em beneficio do actor Bernardo — um obscuro actor á antiga, que nós ainda conhecemos — foi denunciado: — «*O Fronteiro de Africa, etc.*, do nosso insigne litterato, o sr. A. Herculano».

A peça subira á scena, em primeira representação — outras ingenuidades teatraes d'este tempo — *ao domingo*, e em *beneficio* do actor Dias, director da companhia. Seguiam-na. como se foram seus padrinhos, mais dois outros *dramas*, dos taes em um acto, ambos originaes tambem. Antonio Feliciano de Castilho dava *A volta inopinada*; Rodrigo Felner, *Os Empyricos de algum dia*.

Parece que por doença do muito popular actor Dias (Francisco Fructuoso) que desempenhava o papel de «Paulo Affonso», se interromperam durante algumas noites as representações do *Fronteiro*. A 26, porem, do mês de novembro, uma segunda feira, já o drama voltou a representar-se em beneficio do actor Paula, acompanhado do «*original português*», do mesmo autor, *O tinteiro não é caçarola*. *O Fronteiro* manteve-se no cartaz, agora já declarado francamente o autor, alternando com outras peças, até o fim do ano que o viu em scena. A representação do *Tinteiro* entrou ainda pelo ano seguinte.

Que o drama *O Fronteiro de Africa* — este sim que era bem um drama — abalou as plateas em estos de fremente entusiasmo, devemos nós crê-lo. A testemunho do escritor Andrade Ferreira, biografando a atriz Delfina em um dos poucos numeros que vieram a lume da *Galeria Artistica*, o numero 1, precisamente, o monologo do *Fronteiro* «abraçado com a sua bela espada de Africa», era scena que todas as noites arrancava dos espectadores comovidos os mais estrepitosos, e mais entusiasmados aplausos.

As reminiscencias — se o eram — de Andrade Ferreira, não estão, digamo-lo, inteiramente livres de rectificação, o que não quere dizer que o que ele escreveu não seja a verdade do facto que registou, tão lisongeiro, na verdade, para o autor[1].

Certo é que o unico monologo do *Fronteiro* em toda a peça, acha-se no 2.º acto, e constitue a sua scena IV. É o que transcrevemos adeante. Na scena II d'esse mesmo acto, em que são interlocutores *Paio Rodrigues* e o *Fronteiro*, é que este exclama em breve soliloquio, tirando meia espada:

> «Oh! quando terás tu, minha boa espada, o teu banquete de sangue! Quando poderei eu dizer: Elles tambem fugiram!? Oxalá que para isso a Providencia me apparelhasse este dia!»

É provavel que as reminiscencias do biografo, ou de algum seu informador, o hajam traido, após tantos anos de duração, e que os aplausos das plateas hajam sido para as duas situações da peça, confundidas, naturalmente, pelo escritor, em uma só.

Este é o monologo do *Fronteiro*, que está, na verdade, escrito para provocar os calorosos aplausos dos espectadores, não só pela veemencia das nobres paixões que exprime, mas até por certas alusões politicas, aqui, ali transparentes, e que por este tempo deveriam ser bem compreensiveis.

ACTO II

SCENA IV

D. PEDRO, *só*

> «Amigo?! é a um tal homem que D. Pedro deve dar este nome?... e que importa! É um salteador que vós, cortezãos, irieis vêr voltear no patibulo, para cuspir escarneo e affrontas sobre a sua memoria; mas este salteador, este assasino é mais nobre do que vós!... Elle ao menos não é parricida; e vós assassinastes a Patria; vós comprastes as honras, as riquezas e o repouso com o sangue de vossos irmãos, com a liberdade da terra em que nascestes! Eu chamarei amigo ao salteador, prompto a morrer pelo seu Rei natural, mas nunca darei este nome aos corruptos servos do Estrangeiro! Que sou eu hoje? — um homem banido, despojado da herança paterna, vendo todos os dias sobre a garganta o cutello do algoz. Emparelhado corro por tanto com Rodrigues pelo caminho da vida; arremesso-me com elle para um futuro medonho. Mais medonho ainda para mim, que busco inspirar esperanças ... e que não tenho aqui dentro nenhuma! Nenhuma ..., que até parece que Paulo Affonso se esqueceu de mim! Ha já tantos dias que me não escreve! Acaso interceptariam a minha ultima carta ... Mas isso não lhe obstava a escrever-me: ella não ia assignada ... e eu segui o seu con-

---

[1] Eis as textuaes expressões de Andrade Ferreira:

> «Quando não fossem outros os dotes do drama do Sr. Herculano, bastava o energico monologo do Fronteiro abraçado com a sua *bella espada de Africa*, para ainda nos fazer palpitar de calorosas sensações patrioticas, a nós outros que o escutavamos em religioso silencio, e cobriamos de applausos as inspiradas phrases do poeta».

selho ... Quem, se não elle, podia entender essa carta mysteriosa?! Oh! minha Isabel! Oh! meus filhos! Por vós, eu não morrerei morte de cavalleiro! Buscarei salvar uma vida abhorrida, para vos ganhar, mendigar talvez o pão do desterro! ... Choras, Fronteiro d'Africa? Chora! ... já que te não é dado espirar sobre o cadaver da tua patria: chora, porque os dias do profugo se prenderão á tua existencia, como um pesadêlo infernal! Emquanto o meu Rei combater, combaterei eu tambem ... depois ... a ocultas ... como um vil assassino, terei de fugir! fugir deixando entregues á vingança dos tyrannos os desgraçados que me seguem! ... Fatal hora essa em que fui marido, ... mais fatal a em que fui pae ... Se o não fôsse, poderia morrer, ... cair com gloria ... mas a gloria já não é para mim! ... (*Fica encostado á mesa, com a cabeça entre as mãos*)[1]».

Todavia, e comquanto Alexandre Herculano deixasse exuberantemente provado, até por esta propria composição scenica, de que o monologo atrás transcrito pode ser testemunha — que lhe não faltava intuição dos grandes lances dramaticos, vê-se que a literatura de teatro não o seduziu. Os aplausos frementes ao monologo do *Fronteiro* e é bem de crer que a toda a peça, não o tentaram, e aquela atracção, que tantas vezes é a inspiradora das grandes situações dramaticas, estimulando os autores com a perspectiva dos triunfos a conquistar no palco e que tão ardentemente ambicionam, não teve o poder de o cativar.

Dois motivos foram, porventura, causa a semelhante indiferença. Quem lê nas obras de imaginação de Herculano aqueles dialogos tão bem travados, tão magistralmente conduzidos, tão admiraveis, em suma, de naturalidade e de aproposito, não imagina de quanta arte foi preciso a seu ilustre autor socorrer-se, para que os leiamos taes quaes ficaram por fim. Por ele proprio confessado, a espontaneidade dialogal faltava-lhe, e esta particular faculdade na arte de escrever constitue, como se sabe, condição *sine qua*, para fazer um autor de teatro.

Quasi concorrentemente, dera-se um facto sumo nos anaes da arte scenica portuguesa: — Garrett acabara, como acima vimos, de estrear-se no teatro, e a estreia sagrou-o para logo mestre de dramaturgos. Aquele que tal o apontava aos noveis, em 1842, vira-o bem quatro anos antes: — a concorrencia era insustentavel[2].

O criador de tantos lances dramaticos de potentissima imaginação, o narrador fluente e vigoroso de tantas tragedias historicas, contentou-se de triunfar no livro, deixando no Romance e na Historia um nome imperecedouro.

Conversando, ai por 1866, com o obscuro autor d'estas linhas, acêrca das questões da *propriedade litteraria*, dizia-lhe um dia Herculano:

— Veja lá se já no Rio de Janeiro me contrafizeram algum dos meus livros! Porque? Porque os meus editores teem o cuidado de abastecer aquele mercado, de modo que não se lhes sinta a falta.

— E se no Rio se anteciparem a imprimir algum de seus escritos de maior folego ainda não reeditados; o «*Fronteiro de Africa*», por exemplo?

---

[1] Transcrito do exemplar da edição do Rio de Janeiro de 1862, pertencente á Biblioteca Nacional de Lisboa. Notemos, já agora, que nesta edição se chama ao vetnsto bairro de Alfama «bairro de *Alfada*», e se dá por tituto ao invasor de Portugal em 1582 «Alva» por «Alba» — «conde *d'Alva*»; grafias estas que o autor do drama decerto não empregou. Ha ainda lapsos de revisão, como estes: «assaltada» em vez de «assustada», «martirios», por «misterios», etc.

[2] Parecer acêrca do drama *D. Maria Telles*, in *Memorias do Conservatorio* — 1842.

— O *Fronteiro?!* Mas que importa isso? O *Fronteiro* foi uma peça que eu escrevi sobre o joelho, para satisfazer o Castilho, que tinha então o teatro do Salitre. Nunca fiz conceito de semelhante frioleira, nem me importo, sequer, com a atenção que lá, no Rio, se lembrassem de prestar-lhe.

Havia quatro anos que o «*Fronteiro*» fôra, sem que Herculano tivesse sido ouvido, impresso no Rio de Janeiro. aproveitando o editor a copia do manuscrito que uma companhia levara de Lisboa.

*

Os Infantes em Ceuta (1415).

Do Ex.mo Sr. Manuel de Carvalhaes, expedida da sua casa, do Paço de Cidadelhe, Mezão Frio, recebeu o nosso presado colega Brito Aranha, datada de 27 de maio de 1911, a seguinte comunicação, que muito nos honramos de inserir n'este lugar:

«ALEXANDRE HERCULANO

Na Musica Dramatica

Descripção do Libretto da Opera

Os Infantes em Ceuta»

Informações *ipsis verbis* as do artigo adiante transcripto:

Acresce:

«In 8.º; de 6 (inn.) + 34 paginas.

Não é vulgar este *libretto*. Pelas mãos, ha perto de 40 annos, não me teem passado mais de tres exemplares, incluindo o que possuo, em perfeito estado, com a capa de côr reproduzindo, dentro de cercadura, os dizeres do frontespicio. É interessante tambem para a historia da opera em Portugal: Tem impressos os nomes dos amadores, não só os que desempenharam os papeis principaes, como os coristas dos dois sexos, entre os quaes meu tio Joaquim Pereira Peixoto, que foi conego da Sé de Lisboa, e possuia bella voz de baritono, pelo que figurou tambem nos espectaculos theatraes dados pelo Conde do Farrobo.

O Sr. Ernesto Vieira, a pag. 92, 2.º tomo do seu *Diccionario Biographico de Musicos Portuguezes,* diz que esta opera causou o mais vivo enthusiasmo; tinha um côro de sopranos e contraltos, que produsiu belissimo effeito.

O texto d'*Os Infantes em Ceuta* foi inserto no volume de *Poesias* do Autor, das quaes possuo a 2.ª edição (Lisboa, Imp. Nacional, 1860; in 8.º de 4 + 332 pag.s).

N'esta 2.ª edição das *Poesias* o referido *libretto* occupa as pag.s 221 a 269, e varia um pouco, não só na poesia como nas indicações scenicas, estas mais reduzidas.

Quanto á notação musical d'esta *operetta,* ignoro se se publicou alguma cousa. Publicavam-se por aquele tempo em Lisboa periodicos de musica litografada que poderiam inserir algum trecho d'essa opera, mas nada encontro a tal respeito em alguns numeros que possuo d'esses periodicos».

*

Tendo-nos ocorrido solicitar do nosso presado amigo e competentissimo historiografo musical, o professor Ernesto Vieira, algumas noticias, com que pudessemos enriquecer a historia dos *Infantes em Ceuta*, brindou-nos a amavel condescendencia do solicitado com a seguinte carta, á qual tanto prazer temos de promover neste lugar a muito merecida publicidade. Prezando-nos, como nos prezamos, com efeito, de associar a nossos modestos apontamentos as tão fidedignas, quanto curiosas, e até instrutivas noticias, com que a nós, e a nossos benevolos leitores, nos obsequeia o douto professor, d'aqui lh'as agradecemos, e não menos as expressões de cativante afecto, com que teve a extrema bondade de as acompanhar.

«Lisboa, 24 de dezembro de 1912.—Meu caro Gomes de Brito.—Pede-me noticias sobre os «*Infantes em Ceuta*», e conclue por tambem pedir-me que lh'as dê em carta publicavel.

Devo-lhe a satisfação de todos os seus pedidos, e pena me faz que eles não sejam mais importantes; nem eu posso satisfazer outros de maior valia Por isso, tendo á vista um exemplar, já hoje raro, do «drama lyrico» de que se trata, e seguindo-lhe o enunciado, irei assim redigindo os breves apontamentos que o texto me for permitindo enviar-lhe.

Mais que modesto é, bem vê, este tributo de homenagem ao maximo historiador e mestre da lingua portuguesa. Valer-lhe-ha, porem, que vae aparecer a proposito de uma obra decerto de mero desenfado de seu autor.

Começarei pois pela:

«*Academia Philarmonica*».—Esta Academia foi a filha primogenita da «*Sociedade Philarmonica*», instituida por João Domingos Bomtempo, em agosto de 1822, e extinta por efeitos de politica, em março de 1828, quando a *rua* começou a cantar o *Rei chegou*. Nesse momento, Bomtempo homiziou-se, e os seus auxiliares na campanha que todos tinham empreendido *pro arte*, debandaram Muitos d'eles . . . para o exilio[1].

A «*Sociedade Philarmonica*» foi talvez inspirada pela *Philarmonic Society*, que Bomtempo conheceu em Londres, e ainda existe, tendo celebrado ha pouco tempo (6 de novembro de 1912) o seu segundo centenario.

E assim como a «*Sociedade Philarmonica*» foi mãe da «*Academia Philarmonica*», d'esta nasceram muitas outras identicas, origem das populares *filarmonicas* disseminadas por todo o país. Quantas teem deslustrado a nobre descendencia! . . .

---

[1] Quasi um ano depois de a ter instituido, julho de 1823, já o benemerito professor solicitava licença para *continuar* a ter na sua casa a sede d'esta Sociedade. Informava, porem, o Intendente da Policia, que «para evitar que sob titulo tal se estabeleça alguma *sociedade secreta*, convirá persuadir ao requerente que a pratica de se reunirem em sua casa muitas pessoas, *ainda que em grande parte da maior gerarquia e consideração*, deve immediatamente cessar».

Apontamentos colhidos no Arquivo da Secretaria da Policia, depositado na Torre do Tombo, e publicados no tomo VIII da *Revista de Educação e Ensino* (1893) pelo autor d'esta tentativa bibliografica.

Em 1838, organizou o conde do Farrobo a nova Academia, congregando os membros validos da primitiva *Sociedade*, onde ele mesmo fizera as primeiras armas na conquista da arte musical.

Ficou instalada no palacio dos condes de Rio Maior, noutro tempo situado na rua de Santo Antão, e agora, sem se mover, colocado na rua Eugenio dos Santos. Depois mudou se para a rua do Alecrim.

Dizem os primeiros artigos dos seus estatutos, segundo as edições de 1849 e 1852:

«Artigo 1.º A Sociedade creada em Lisboa em 28 de Março de 1838[1], com o titulo *Academia Philarmonica de Lisboa*, conservará a mesma denominação, e terá por emblema uma lira com a legenda — *Academia Philarmonica de Lisboa.*

Artigo 2.º A Academia tem por fim o exercicio, instrução e recreio resultantes da reunião dos curiosos e amadores de musica vocal e instrumental».

A forma de preencher esse fim está determinada no artigo 6.º, onde se lê:

«A Academia terá reuniões denominadas *ordinarias* e uma *extraordinaria.*

§ 1.º As *ordinarias* terão logar duas vezes por mês, sendo a elas admitidas as pessoas do sexo femenino, maiores de dez anos, que vivam em companhia dos socios.

§ 2.º A *extraordinaria* terá logar no dia 28 de Março, aniversario da sua instalação».

Passarei agora ao proprio «drama lirico» — *Os Infantes em Ceuta.*

As mencionadas reuniões extraordinarias, que, por sinal, nem sempre se realizaram no determinado dia 28 de março, consistiam geralmente na representação de uma opera, que era o mais apreciado divertimento d'aquela epoca. Assim em 1842, os *curiosos e amadores* de musica representaram a *Favorita*, em 1845 a *Maria Padilla*, em 1846 *Ugo, Conde de Paris*, todas tres de Donizetti, e em 1847 a *Alzira*, que é a oitava opera de Verdi. A «*Assembléa Philarmonica*», organizada um ano depois da *Academia*, competia com sua irmã e rival, representando em 1844 o *D. Sebastião*, de Donizetti, e em 1846 os *Dois Foscari*, de Verdi.

Foi, talvez, em consequencia de pedido feito pelo conde do Farrobo, fundador e presidente perpetuo de ambas as filarmonicas, que Herculano se resolveu a contribuir para ser festejado o aniversario da *Academia* — que era tambem o seu —, escrevendo uma opera cujos principaes personagens eram os filhos de D. João I, e para a qual Antonio Luis Miró, artista muito afeiçoado ao mesmo conde, e d'ele protegido, comporia a respectiva partitura.

E aqui agora cabe, com sua licença, um breve reparo a certa expressão do meu bom amigo, no seu artigo sobre o caso. O trabalho de Luis Miró não consistiu simplesmente em *instrumentar*, mas sim em

[1] Por onde se vê ser mero acaso, mas agradavel, a coincidencia do aniversario natalicio de Herculano com a recita dos *Infantes*. — *G. de B.*

compor originariamente toda a musica para o poema de Herculano; por sinal que saiu lindissima segundo opiniões coevas, sobresaindo em especial os canticos de donzelas arabes que o meu bom amigo menciona, os quais despertaram grande entusiasmo.

As peças que um ano depois se ouviram em S. Carlos foram as duas scenas, 2.ª e 3.ª; na scena 2.ª, um dueto entre os infantes D. Pedro e D. Henrique, desempenhando o papel d'este ultimo o celebre tenor Tamberlick, e na scena 3.ª, da qual faz parte o tal notado côro, cantou a parte de Gulnar a Rossi-Caccia, cantora que os nossos *dilettanti* muito apreciaram e mereceu de Garrett uma das suas melhores poesias — *Os exilados.*

Os personagens. — Na «*Academia Philarmonica*», o representante do infante e futuro rei D. Duarte chamava-se Eduardo Bourgard; era um professor de matematica dotado de esplendida voz grave, o qual tomou parte em quasi todas as festas musicaes dadas por amadores. Dois anos antes desempenhou a parte de Baltasar, na já mencionada *Favorita*, e em 1847 cantou nas Larangeiras a opera comica de Auber, *La part du diable.*

Faleceu ha nove ou dez anos, em idade provecta, conservando-se sempre entusiasta pela musica, e dando até lições de canto por mero dilettantismo. Vive ainda um irmão mais novo, o Sr. Julio Bourgard, guarda-livros da casa Fialho, com sede em Faro; existe tambem uma irmã, a Sr.ª D. Emilia Bourgard Moreira de Sá, residente em Coimbra.

Com respeito ao representante do iniciador dos descobrimentos portugueses direi o seguinte:

Julio Cesar Gallouin (e não Galvim) Torres foi o representante de D. Henrique; era antigo aluno do Conservatorio, e em outubro d'este mesmo ano de 1844 assinava termo de matricula na aula de canto e segundo turno da Escola de Musica, declarando-se natural de Lisboa, filho de Joaquim José de Torres, ter 25 anos de idade, e residir ao Arco do Cego.

Patenteando desde muito novo uma bonita voz de tenor despertou as atenções e protecção dos mais influentes amadores de musica, inclusivè, já se vê, o maior Mecenas, conde do Farrobo. Foi por isso que em 1840, sendo, alem de aluno de canto, decurião de rudimentos naquele estabelecimento, desempenhara já papel principal na récita de gala realizada no Teatro do Salitre, como consta do programa cujo titulo diz assim: — «Programa do festejo que, pelo faustissimo anniversario de sua protectora, a Rainha Fidelissima, a Senhora Dona Maria II, no dia do nome de El-Rei o Senhor Dom Fernando, seu augusto presidente, faz o Conservatorio Dramatico de Lisboa em MDCCCXL. Foi dado na presença de SS. MM., sendo vice-presidente do Conservatorio o inspector geral dos theatros o Conselheiro J. B. de Almeida Garrett. — Lisboa — Na Imprensa Nacional 1840».

A primeira parte do ostentoso programa consistiu numa «Cantata» escrita em italiano por Cesar Perini di Lucca, e traduzida por Correia Leal, musica de Xavier Migone. Cantou o principal papel, representando Camões, o então aluno Torres a quem o periodico *O Independente* n.º 14, se refere no seguinte trecho:

> «A musica foi a parte que melhor se tratou, o que não sabemos se se deva attribuir sómente ao merecimento dos Professores e do Director desta classe o Sr. João Domingos Bomtempo, ou tambem á nossa disposição natural e ao nosso gosto por esta arte; seja o que fôr, o que não carece duvida

é que o Conservatorio vai produzindo immensos resultados e não tardará muito que venha a fornecer ao Theatro de S. Carlos dignos interpretes das sublimes composições dos melhores mestres.

Na opera ouvimos com verdadeira satisfação a voz agradavel de D. Henriqueta de Lima Carvalho, a qual ella dirige e modula com tal arte que deixa vêr um verdadeiro talento que deve ser cultivado com todo o esmero. Julio Cesar Gallouin Torres canta com gosto e promette vir a ser muito bom tenor; estes dois artistas se continuarem no andamento em que vão, poderão brevemente apparecer n'um Theatro maior, principalmente quando estiverem mais habituados á scena».

Com efeito, o representante de Camões e de D. Henrique apareceu mais tarde em maior teatro; — o de S. Carlos, mas ... como corista e d'aí não passou. *Sic transit gloria mundi* ...

O infante D. Pedro, representado por Eduardo dos Santos Schmitz: era condiscipulo de Torres, e como ele decurião de rudimentos; frequentava a aula de piano, regida por Migone, e tambem neste mesmo outubro de 1844 assinou termo de matricula na aula de acompanhamento, terceiro turno da «Escola de Musica». Declarou ser natural de Lisboa, filho de Leopoldo Schmitz, e residir na rua dos Retrozeiros, n.º 107. Tinha 22 anos[1].

Da primeira dama, a insigne cantora D. Carlota O'Neill, sabe-se o bastante para que a memoria da sua preeminencia na arte musical entre amadores não esteja apagada.

A segunda dama, D. Maria Nilo, era a filha do conhecido, e pelo meu bom amigo citado, doutor Nilo. Cantou tambem a parte de Leonor na *Favorita* em 1842, e o seu nome encontra-se em muitos outros programas da epoca. Tinha belissima voz e não só brilhou em Lisboa mas ainda em Paris, seguindo a carreira de artista depois da morte de seu pai.

Da terceira dama, D. Maria Augusta Leal, é que nenhuma noticia poude colher.

Uma das harpistas, D. Josefina Clarisse de Oliveira vem mencionada no *Dicionario dos Musicos Portugueses*. Era filha do violinista amador e comerciante francês, Sebastião Duprat, irmã por conseguinte, do diplomata visconde Duprat; casada com o capitalista Antonio Joaquim de Oliveira, tambem amador de musica, foi mãe da Sr.ª viscondessa de Valmor e de D. Octavia de Oliveira Guedes, ambas pianistas. Faleceu em 26 de abril de 1895 com 87 anos de idade. Pertencia a numerosa familia de amadores, todos membros do alto comercio, que abrilhantaram os saraus da «*Academia Philarmonica*», da «*Assembléa Philarmonica*», assim como todas as festas promovidas pelo conde do Farrobo. No *Dicionario* acima lembrado encontram-se algumas referen-

---

[1] O pae d'este aluno do Conservatorio era alemão, talvez. Note-se que não é o *Smith* inglês, mas sim o *Schmitz* ou *Schmidt* de Alemanha, ou da Suissa alemã.

Em um antigo registo de naturalizações da Camara Municipal de Lisboa foi lavrado termo de opção de nacionalidade de um Eduardo Schmitz. Sabe-se do facto pelo repertorio avulso de tal registo, existente no Arquivo d'aquela corporação, porque o livro onde fora lavrado o termo ardeu no fatal incendio de 19 de novembro de 1863. Não se pode, pois, assentar em qual fosse a opção, e se era o individuo de quem se trata que a declarou, ou o pae por ele, comquanto bem pareça que fosse o nosso «Infante D. Pedro», e em tal caso, a nacionalidade adoptada bem poderá ter sido a paterna.

cias a diversos membros d'essa familia; consultem-se as verbas: *Bomtempo, Duprat, Farrobo, Silva (Manuel Borges da)*, etc.

Temos ainda, e carregado de optimos frutos, um florescente ramo d'essa frondosa arvore musical; — é o ilustre compositor Augusto de Oliveira Machado.

Os coros. — O meu bom amigo, no seu artigo publicado na *Arte Musical*, dá noticia das pessoas que figuraram nos coros dos *Infantes em Ceuta*, não sendo portanto necessario que eu repise o mesmo assunto; mas dê-me licença, visto que m'o pediu, para lhe fazer alguns acrescentes.

Nos coros das senhoras figuraram tres filhas do conde do Farrobo: D. Mariana (Ortencia) Quintela, que desposou o banqueiro Francisco Kruz; D. (Maria) Carlota Quintela, casada com Francisco de Sá, irmão do chistoso improvizador de trocadilhos Duarte de Sá; D. Maria Palmira Quintela, casada com Henrique Teixeira de Sampaio, filho do conde da Povoa.

As duas O'Neill mencionadas no referido artigo, são a propria mãe da grande cantora — D. Carolina de Brito O'Neill — e uma irmã mais nova — D. Virginia.

As cinco Benevides eram parentas (tias e irmãs) do recem-falecido professor de fisica e violinista amador, Francisco da Fonseca Benevides.

Na lista dos coros de homens depara-se um nome que nos faz quasi pasmar de o encontrarmos ali — é o de Jorge Cesar de Figaniere. Parece incrivel que o sabio autor da *Bibliographia historica portuguesa* abandonasse por muitas horas os seus trabalhos literarios, para tomar parte numa representação teatral, cantando nos coros vestido de guerreiro mouro ou de cavaleiro cristão, cabeça coberta por turbante de trapos ou elmo de pasta, barbas postiças, escudo de lata, espada ou alfange de pau, guantes nas mãos ou chinelas nos pés!

Uma unica razão explica tal anomalia: a amisade!

A amisade de dois espiritos superiores que se compreendem e admiram.

Figaniere e Herculano eram amicissimos; foram camaradas nas campanhas da liberdade, tornaram-se companheiros nas investigações historicas, consocios na «Sociedade propagadora de conhecimentos uteis», colaboradores no *Panorama*, na *Revista Universal* e em quantos periodicos de boa literatura se publicavam por essa epoca[1].

Eis, muito provavelmente, porque Cesar de Figaniere condescendeu em se fazer guerreiro fingido na noite de 28 de março de 1844, ele, que uma dezena de anos antes tinha guerreado muito a valer.

Não encontro o seu nome em nenhum outro programa ou noticia; se era amador de musica e praticava a arte de canto, não costumava fazer exibição de taes dotes que lhe serviriam apenas para abrandar as agruras do trabalho.

Outro corista bem notavel — Manuel Maria Bordalo Pinheiro! O tronco d'essa brilhante familia de artistas, cujo florescente primeiro ramo a fatalidade derrubou não ha muito tempo.

Ao contrario de Figaniere, o pintor Bordalo Pinheiro era corista fixo em todas as festas filarmonicas, e o seu nome vem nos programas da *Favorita* (1842), do *Ugo* (1846) e da *Alzira* (1847) já atraz citados.

---

[1] Veja-se o comento consagrado no fim d'esta carta a este passo tão interessante d'ela.

Na familia Bordalo Pinheiro não tem sido a musica uma arte completamente estranha, todos os seus membros mais ou menos, lhe teem prestado culto: Manuel Gustavo já eu ouvi cantar em côro, com potente e afinada voz de baritono ... o ino russo.

A Orquestra.—Ficou muda no programa; os nomes dos instrumentistas não aparecem, vendo-se aliás nos programas de outras operas.

Mas com pouca diferença devem ter sido os mesmos: o ourives Saint-Martin 1.º violino; o Dr. Centazzi 1.º viola: o comerciante Inacio Hirsch 1.º violoncelo; Hilario Francisco de Lima (que veiu a ser socio da empresa Cossul, em S. Carlos) 1.º flauta; José Francisco de Assis Andrade 1.º clarinete; conde do Farrobo 1.º trompa; Francisco Lameyer 1.º fagote; os dois irmãos Borges da Silva, Diogo e Francisco, violino e contrabaixo; o primo d'estes, Henrique, 2.º flauta, e muitos outros amadores coadjuvados por alguns artistas.

Tempos felizes para a musica eram aqueles!

Almeida Garrett fundava e dirigia gratuitamente o Conservatorio; Filipe Folque tocava flauta na orquestra escolar, sentando-se ao lado dos alunos; o conde do Farrobo era a alma de todas as festas musicaes e tomava lugar entre os artistas de profissão; medicos, capitalistas, comerciantes, advogados, titulares e até diplomatas, com suas familias, reuniam-se em civilizador convivio para cultivarem a arte musical; Figaniere cantava em coros de amadores e Alexandre Herculano escrevia um drama lirico para esses amadores representarem.

Tempos felizes!

A Partitura.—Ah! a partitura! a *gloriosa* partitura! Creio que lhe coube a sorte de muitissimas suas congeneres ... O que eu tenho podido arrebanhar não será a decima milionesima parte do que se tem perdido em materia de bibliografia musical, especialidade muito mal fadada entre nós.

O papel em que se escreve musica tem certa consistencia, pelo que se presta optimamente para embrulhar as bombas dos foguetes; imagine o meu amigo quantos foguetes vão todos os dias aos ares por esse país fora e poderá d'aí inferir o consumo dado ao papel de solfa usado e vendido a peso. Depois, nas fabricas de papelão tambem o apreciam para fazer massa ...

Aqui ha anos disse-me o Sousa Bastos que a *bela Josefina,* viuva do Miró, caída em extrema pobresa vivia de esmolas.—Conservará ainda algumas obras do marido? perguntei ancioso.—Isso sim, pobre velha, me respondeu Sousa Bastos; ela que não tem um lençol para cobrir-se como ha-de guardar papeis para os ratos roerem?

Meu bom amigo: Não sei se as noticias que me pediu, evitarão um tal ou qual aspecto de desalinho, que lhes tolha o directo destino á publicidade. É, todavia, certo que o gosto por estas ninharias, as buscas demoradas e o empenho de fazer-lhe a vontade por completo, me levaram a encetar e a concluir o trabalho com o amor de quem deseja corresponder á confiança com que foi distinto.

Se lhe parecer que assim está bem, dê-lhe curso por sua conta e risco; *fiat voluntas tua* ...

Vontade minha, neste momento, só sinto a de abraçar mais uma vez quem considero o melhor amigo, e do qual me confesso sempre; etc.

Ernesto Vieira».

*

A proposito da intima amisade entre Herculano e Figanière ha que notar serem, com efeito os primordios da mocidade dos dois escritores e amigos muito semelhantes.

Herculano, ao que é constante, viu-se obrigado a sair de Lisboa depois de 21 de agosto de 1831. Figaniere, segundo apontamentos de sua propria redacção, que temos presentes, e nos facilitou, com sua nunca esgotada bizarria, o Sr. conselheiro Augusto Gomes de Araujo, nosso presado amigo, já havia precedido o futuro historiador, pois que, receoso de ser preso, após o malogro da infeliz tentativa de 8 de fevereiro, anterior, em que tomara parte, deixara Lisboa a 24 de abril, com destino a Falmouth. Tinha então 18 anos de idade.

Passando, como Herculano a França, como ele se alistou no batalhão provisorio que veiu de Belle-Isle; como ele, assentou praça na Ilha Terceira, no regimento de Voluntarios da Rainha. Ambos desembarcaram com a expedição liberal no Mindelo, ambos participaram das agruras e das glorias do cêrco do Porto, ambos durante este foram empregados, Herculano, como já sabemos, na Biblioteca Municipal Portuense, então formada; Figaniere, na Secretaria da Guerra, onde se conservou, até que em 10 de abril de 1844, foi transferido para a dos Negocios Estrangeiros; isto é, 13 dias depois da festa que é origem deste comento.

*

Inserimos em ultimo lugar, após os valiosos esclarecimentos dos nossos dois tão benevolos quão competentes informadores, a transcrição do artigo publicado, por ocasião do *Centenario* de Herculano, na *Arte Musical* de 31 de março de 1910, ano XII, numero 271; artigo em que se dá conta da 1.ª edição d'este drama lirico, e das circunstancias que a acompanharam.

Aproveitamos o ensejo, para apresentar a imitação do frontispicio de tal edição, que, segundo se viu das informações dos dois preditos escritores, «não é vulgar».

OS INFANTES EM CEUTA.

(1415.)

DRAMA LYRICO EM UM ACTO,

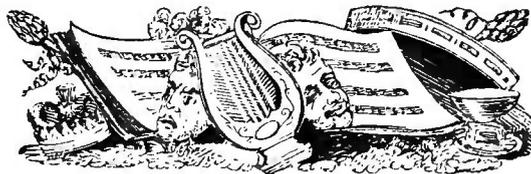
COMPOSTO EXPRESSAMENTE

PARA SER CANTADO NA ACADEMIA PHILARMONICA DE LISBOA,

EM A NOITE DE 28 DE MARÇO DE 1844,

ANNIVERSARIO DA SUA INSTALLAÇÃO.

— A musica pelo Sr. A. L. MIRÓ.
— O texto pelo Sr. A. Herculano.

SOCIOS HONORARIOS DA ACADEMIA.

LISBOA.
TYP. DA SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTEIS,
LARGO DO PELOURINHO N.º 24.
1844.

*

«Tal é o frontispicio de um *libretto* que está presente, já hoje raro, escrito em português, sendo em português cantado e representado o poema de que ele é objecto. D'este poema foi autor, como se vê, Alexandre Herculano.

Duas comemorações na mesma noite; — a da instalação da celebre *Academia Philarmonica Lisbonense*, e a do aniversario natalicio do poeta.

Alexandre Herculano, nascido a 28 de março de 1810, completara nesse dia os seus 34 anos. Quantos anos fazia a prestante *Philarmonica* não averiguamos, não por indiferença, mas por falta de ocasião. Não é sem justificado motivo que se costuma afirmar ser hoje mais facil saber-se qualquer historia do seculo XVI, do que apurar-se este ou aquele facto do seculo XIX.

Herculano encorporando *Os Infantes em Ceuta* na colecionação, que em 1850 levou a efeito, das suas *Poesias*, estampou o *libretto*, sem o terceiro dos atractivos que ele poderia inspirar ao leitor curioso, depois da poesia, e da urdidura do poema; — sem a indicação dos amadores dos dois sexos interpretes da *operetta* que o inspirado Miró, o Miró da *Marquesa*, de que ainda agora trauteamos trechos, instrumentou.

E comtudo! — que Herculano, dormindo o eterno somno no suntuoso sarcofago dos Jeronimos, e Antonio Luis Miró, hoje pouco menos que esquecido, nos perdoem! — E comtudo, quanto ficou do poema, quanto terá restado do trabalho musical, cuja partitura acaso estará perdida, que será, perante a melancolica evocação das figuras, damas e cavalheiros, que cantaram *Os Infantes em Ceuta*, na noite prestigiosa que passou ha hoje exactamente 66 anos?!

*
*   *

Seis figuras no poema; tres damas e tres cavalheiros.

Eis as correspondencias no *libretto*, tal qual as copiamos:

D. Duarte............	Il.mo Sr.	Eduardo Bourgard
D. Pedro............	»	Eduardo dos Santos Schmitz
D. Henrique..........		Julio Cesar Galvim (*sic*) Torres
Gulnar [1]............	Ex.ma Sr.a	D. Carlota O'Neill
Lobna...............	»	D. Maria Nilo
Haleva..............		D. Maria Augusta Leal

Nos córos figuram 30 damas e 25 cavalheiros.

Entre as damas, ha 3 Quintela, D. Mariana, D. Carlota e D. Palmira; 2 O'Neil, D. Carolina de Brito e D. Virginia; 3 Guimarães, D. Rita, D. Cesaltina e

---

[1] Na parte inferior da pagina onde se leem os nomes dos *Personagens* ha a seguinte correspondencia á chamada posta adeante do nome *Gulnar*: «Leia-se *Gulnar* onde no Drama estiver alterado este nome». Até o final da scena IV aparece com efeito, *Guluar* por *Gulnar*.

Tambem, a pag. 20, no começo da scena VII, refere-se a rubrica á «scena 2.ª», quando deve ser scena 3.ª Esto erro passou para a edição de 1850, indicado em caracteres romanos, repetindo-se da mesma forma na edição de 1860, e depois, em todas as seguintes, até á 8.ª c, por agora, ultima (1907).

D. Isabel; 2 Teixeira, D. Maria Carlota e D. Matilde Rita; 2 Stelling, D. Josefa e D. Maria Juliana; 5 Benevides, D. Maria da Gloria, D. Eugenia, D. Gertrudes, D. Frederica e D. Adelaide; 2 Travessa, D. Constança e D. Gertrudes.

Ha ainda mais as seguintes: D. Ana Miquelina Rosa, D. Emilia Mauriti, D. Olimpia Bourquin, D. Candida Vilela de Oliveira, D. Emilia Bohlman, D. Carlota Emilia Feio Folque, D. Emilia Carvalho, D. Henriqueta de Freitas, D. Maria Candida da Costa, D. Julia Horta, D. Maria Carolina Guedes.

Os cavalheiros eram:

Condes de Paraty e de Redondo, este, pae do Sr. Marquês de Borba, privilegiados amadores, a quem a Musica deve o mais entranhado culto, D. João Luis de Sousa Coutinho, irmão do Conde de Redondo, linda voz de tenor, ainda agora lembrada; Joaquim Miró filho do *maestro* autor da musica d'esta *operetta*, Manuel Maria Bordalo Pinheiro, bela voz baritonal, Jorge Cesar de Figanière, antigo membro do Conservatorio Real de Lisboa, autor da tão estimada *Bibliografia Historica Portuguesa.*

A par d'estas, outras tambem muito estimadas e distintas figuras da sociedade portuguesa, d'esta primeira metade do passado seculo: Armand Duprat, Francisco de Paula Santiago, Joaquim Coelho de Athayde, Gaspar Schindler Junior, Carlos Nilo, filho do celebre medico José Romão Rodrigues Nilo, tão conhecido pela sua terapeutica dos «banhos de vapor», como por seus avisos e diagnosticos acêrca da *cholera morbus* (1832–1833).

Diogo Garland, membro da respeitavel familia inglesa d'este apelido, firma tão antiga e conceituada da nossa praça, João da Costa Chaves Junior, Antonio Candido Ferreira de Carvalho, Severo Bettencourt, Miguel da Silva, João Sebastião Serrão, Tomás Maria Servo, outro representante de uma firma comercial lisbonense, Daniel de Sousa Amado, Augusto Morales, João Crisostomo Pinto Vieira, Francisco Henriques de Oliveira e Joaquim Porfirio de Oliveira, Joaquim Pereira Peixoto e João Rodrigues Teixeira de Araujo.

Gulnar, a filha do vencido Wali Çala-Bensalá, governador de Ceuta, meditando vingar a morte de seu pae, mostra-se, na scena III, rodeada de donzelas arabes que entoam canticos ao som de harpas. As duas distintas harpistas que na orchestra sustentavam a rubrica do poema eram as senhoras D. Maria Cristina Chaves e D. Josefina Clarisse de Oliveira, que supomos falecidas.

Das tres damas que interpretavam este drama lirico, foi notavel D. Carlota O'Neill, cuja biografia se pode ler no *Dicionario Biografico dos Musicos Portugueses*, do nosso presado amigo Sr. Ernesto Vieira. Sua mãe, D. Carolina de Brito O'Neill, fica mencionada no coro das damas.

*
* *

Não foram só os distintos amadores que deixamos lembrados que executaram na *Academia Philarmonica* a *operetta* de que Alexandre Herculano foi autor, e Miró instrumentou. Não se limitou a esta só recita, na sede da *Academia*, a apresentação dos *Infantes em Ceuta*. Miró, o *maestro* que lhe compusera a musica, levou-a a S. Carlos, e na noite de 31 de março de 1845, isto é, um ano e dias após a recita da *Academia Philarmonica*, ouviram-se neste teatro «duas peças» dos *Infantes*.

Silva Leal, danda a noticia do facto no jornal *A Ilustração*, vol. I, pag. 4, assim se exprime, sem que nós possamos bem entender que quere ele dizer por taes termos. São duas scenas do poema? Talvez, porque constando ele de dez scenas, a 1.ª, a 3.ª e a 6.ª teem scenario diverso, e a 7.ª repete o scenario da 3.ª

Serão duas arias, dois *duettos*, dois *tercettos*, concertantes, córos, ou que seria?

Fosse o que fosse, certo é que Silva Leal acrescentou :

«A poesia percebia-se pouco, é verdade, mas eram estrangeiros que cantavam numa lingua que alguns d'eles pela primeira vez pronunciavam».

Segundo o mesmo informador, a musica era «belissima», e fôra aplaudida com entusiasmo, sendo o compositor chamado ao proscenio.

*
* *

Diligenciar encontrar a *partitura*, talvez archivada no archivo de S. Carlos, ensaiá-la, e cantá-la em qualquer dos dois teatros, D. Amelia ou Trindade, até 29 de abril, termo do periodo comemorativo d'este Centenario, não será talvez dificil que o realizasse a nossa briosa *Academia dos Amadores de Musica.*

G. DE B.».

*

Na edição de *Os Infantes em Ceuta,* de 1844, após a distribuição das primeiras partes, tal qual foi dada no artigo que antecede, havia mais as seguintes indicações textuaes :

> «Coro de cavalleiros portuguezes — Coro de donzellas arabes — Um sobrerolda — Coro de guerreiros mouros — Escravas — Eunuchos pretos».

Na edição das *Poesias* de 1850, a distribuição e mais indicações foram modificadas como se mostra :

Os Infantes em Ceuta

Drama lyrico em um acto

(1415)

O Infante D. Duarte.
O Infante D. Pedro.
O Infante D. Henrique.
Gulnar, filha do wali de Ceuta.
Lobna, escrava.
Haleva, escrava.
Um pagem.
Um sobrerolda.
Côro de cavalleiros portugueses.
Côro de cavalleiros mouros.
Côro de escravas, e de eunuchos negros.

Ha, pois, como se vê, modificações e acrescentes não só no *elenco* dos personagens, mas na ortografia do poema. Assim, em «portuguez», «portuguezes», passou o *z* a ser substituido por *s*, sistema que o Mestre conservou até final.

Na poesia ha tambem algumas variantes, resultado da acurada revisão do Autor. Não as notamos, por nos parecer superfluo.

Os sinaes diacriticos são mais numerosos; o *i* marca invariavelmente a silaba longa ou acentuada, que se forma com esta vogal, o que na edição de 1844 se não dá. O circumflexo, emfim, entra a exercer suas funções.

A maior parte das indicações scenicas tambem na edição de 1850 sofreu grande redução. A da scena I, que começa «Sala d'armas do alcaçar de Ceuta», enunciado que nesta edição tem aqui ponto final, na de 1844 ocupa dobrado espaço, seguindo-se ao vocabulo «Ceuta» varias indicações mais, que o autor, nesta edição teve, como outras muitas, por desnecessarias. Vê-se, emfim, que o proposito de Herculano, reeditando este drama lirico, foi o de deixar apenas o bastante para conservar a esta sua produção poetica o cunho proprio do genero, expurgando-a de tudo o que a ocasião pediu e o tempo dispensou.

A qualificação de «escravas», dada a *Lobna* e *Haleva*, na edição de 1850, que não repete os nomes dos interpretes; qualificação que na de 1844 se não vê, patenteia a delicadesa de espirito e de educação do autor, que destinando estes papeis a duas amadoras distintas, cujos nomes se haveriam de ler logo em frente aos respectivos caracteres, teve o supremo tacto de omitir a indicação d'estes no *libretto* destinado ao auditorio.

*

Chegados ao termo d'esta Parte Primeira dos *Estudos Critico-Bibliograficos* a que deu margem a Obra Poetica de Alexandre Herculano, contidos na Segunda Parte do presente volume, parece bem que resumamos em rapido bosquejo quanto ficou patente da Musa do Grande Escritor, não só pelo que toca ás suas Poesias originaes, como pelo que respeita ás traduzidas.

Vimos, pois, como precoces se manifestaram em Herculano as inclinações para a poesia teutonica, a indole da qual tanto se compunha com o caracter do proprio estro, aspirando á exaltação dos grandes ideaes que aliam a moral cristã ao culto da Natureza, ligados pelos fortes laços da crença religiosa. Os seus dois primeiros poemetos, — *A Semana Sancta* e *A Arrabida*, nos patenteiam, com efeito, a dupla inspirada exemplificação d'este muito verdadeiro e reconhecido facto.

Por igual vimos tambem como, profugo da patria que tanto amou, o joven Poeta continuou a cultivar a mesma dualidade inspiradora, da qual brotaram o *Hymno a Deus* e a *Tempestade*, e para cuja senda, como o proprio Herculano o declarou, «opiniões e gosto» o atraiam.

Depois, as vississitudes e miserias do exilio lhe inspiraram novos carmes, em que as saudades da patria se aliam aos sentimentos cristianissimos que esmaltam o caracter profundo e severo da sua veia poetica. A guerra fratricida, com todos os horrores que lhe foram sinistro cortejo, lhe dá, agora vencedor na causa liberal a que voluntariamente se ligára, propicio ensejo para manifestar a nobreza dos sentimentos que em seu peito dominavam, exorando o perdão para os vencidos, e o esquecimento generoso dos agravos para os que, mais felizes, pactuaram com a morte a redenção de inimigos.

Terminada esta longa fase da acidentada e arriscada vida do Poeta, ei-lo que, inflamado no intuito de contribuir para que se forme entre seus compatriotas o gosto pelas Boas-Letras, tão abastardado e reduzido ás mais infimas manifestações, volta, agora já no remanso da paz, a confirmar as suas simpatias pela poesia que tanto o desvelara, produzindo, traduzidas, as amostras das suas predilecções por poetas de que a sua patria estava longe de suspeitar a existencia.

Favorecido pelas circunstancias, realiza, emfim, Alexandre Herculano a primeira coleccionação das suas Poesias (1838), impondo-lhe um titulo em har-

monia com a inspiração que as ditou, ao passo que nele se afirma igualmente a crença profunda do Poeta, em religião como em politica, na aliança intima do Cristianismo com a Liberdade. Seguidamente, outras poesias vae dando a lume, tanto originaes como traduzidas; estas, porem, provaveis produtos do primitivo tesouro que souberam ajuntar os estudos e curiosidades literarias da sua aplicada mocidade.

Derradeira chama da fundamental inspiração poetica de seu ilustre Autor, *A Cruz Mutilada* remata-lhe a carreira, exibindo sob a forma solene, grave e austera que foi a caracteristica do seu primeiro poemeto *A Semana Sancta*, aqueles seus mesmos peregrinos dotes, desde a primeira hora afirmados, que o sagraram cantor da Eterna Justiça e da Eterna Liberdade. Estes dois grandes ideaes que foram crença constante na alma do Poeta, aliados á sua veneração indefessa pelo simbolo sacrosanto do cristianismo redentor, ligam, com efeito, um ao outro aqueles dois poemas num anel, em cuja circunferencia se encerra quasi toda a vida poetica de Herculano, e em cujo remate reluzem, scintilantes, a Fé, a Esperança, a Caridade, as tres virtudes que esmaltaram a sua alma candida, sinceramente compassiva e boa.

Restaria analizar agora, se tal proposito não transcendesse o limitado escopo que nos propuzemos, — expor tão só, bibliograficamente comentada, a Obra imensa de Alexandre Herculano; restaria agora analizar o facto bibliografico de maior notoriedade, de que dá conta o melhor das precedentes paginas: — o trabalho de ampliação, de refundição e de aperfeiçoamento, metrico e vocabular, a que o Poeta sujeitou toda esta parte da sua Obra.

Com a 1.ª edição das suas *Poesias* (1850) começa, com efeito, Herculano tal trabalho, e sucessivamente o continúa na 2.ª edição, terminando — se terminaria?! — na 3.ª (1872), o que segundo deixamos notado, nos não foi possivel verificar.

Que foi, e em que consistiu, porem, nas duas precedentes edições a obra de aperfeiçoamento a cuja exposição nas paginas que precedem se deu larga parte, é o que ajuizarão os competentes, a cujo criterio tudo fica entregue. A eles sós pertence o criticar e o sentenciar consequente[1]. Por nossa parte, careceremos de protestar ter tudo sido exposto com a consciencia de quem uma só preocupação dominou em todo este longo percurso; — o de poder-lhe acontecer faltar, por mingua de compreensão do objecto que se propusera, ao que devia á memoria venerada do Amigo e Mestre? Que, se uma que outra vez, transgredimos as linhas simples do nosso singelo Plano, abalançando-nos a quaesquer considerações de mais ambiciosa ordem, valha-nos a benevolencia do leitor, na consideração de que não terão sido de todo em todo descabidos e inuteis, tambem, para a critica biografica e literaria da vida e da Obra de Alexandre Herculano, os excessos que do nosso proposito sobejarem.

Resulta do longo exame comparativo das sucessivas peças poeticas, originaes e traduzidas, constantes das precedentes paginas, com as duas primeiras edições geraes correspondentes, que, nas originaes, a que mais extensas modificações sofreu foi *A Semana Sancta*, a poesia dos 19 anos do Autor, concebida segundo seu proprio dizer, em «toda a vigorosa ignorancia da juventude», e por isso, mais castigada e mais limada do que nenhuma, no tocante ás formas vocabulares e metricas. Pelo que respeita á extensa ampliação d'aquele Poemeto na 1.ª edição geral, quere-nos parecer — e cuidamos não transcender os limites do

---

[1] O «*Fiunt oratores, nascuntur poetae*», do velho Quintiliano, lembrado pelo Sr. Adolfo Coelho, a pag. 41 do seu livro *Alexandre Herculano e o Ensino Publico*, será então, decerto, confirmado.

nosso voluntario encargo; — quere-nos parecer que só uma edição comparada das duas; a de 1838 e a de 1850, acompanhada do estudo, comparativo tambem, das duas epocas literarias correspondentes, dominando na Europa, poderá conseguir habilitar os futuros admiradores da Obra Herculanesca a formar seu juizo, ácerca da ampliação e alterações introduzidas pelo Autor na economia primitiva da sua mais predilecta composição poetica; — «o poema da sua mocidade».

Semelhante lembrança se aplica, e assim em seu lugar o deixamos dito, á poesia *A Victoria e a Piedade*, outra cuja estrutura recebeu modificações de consideração. E como as diversas lições de todas as mais peças poeticas da compilação que temos examinado, posto que menos importantes, não teem menor valor, sob o duplo ponto de vista do exame á *vis poetica* do Autor e sua eclosão, e assim não deixará, por conseguinte, o seu confronto de constituir agradavel e instrutivo passatempo, por muito apropositada continuamos a considerar a empresa de uma edição critica, geral, propria ao objecto; — trazer completa a Obra Poetica Herculanesca ao tribunal literario da Posteridade. Fiamos que ela sairá do passo, e em vista dos elementos neste tomo começados a reunir, tão triunfante em seu verdadeiro merito, quanto o ficara já, quando pelo criterio de Mendes Leal, um de nossos mais abalizados literatos dos modernos tempos, foi julgado seu ilustre Autor, com tanta e tão imparcial independencia, quanto profundo conhecimento de causa:

> «Dans Herculano, considéré comme poète, se rencontre, porté à un degré moins élevé peut-être que dans quelques autres, le sentiment de l'harmonie: mais nul, sans contredit, ne l'emporte sur lui pour le grandiose des images et pour la vigueur du coloris. Il peint comme Michel Ange, et les sujets qu'il affectionne attestent le trait prédominant de son caractère littèraire. La mélopée est ce qui le préoccupe le moins; sa poésie consiste surtout dans le mouvement de la pensée[1]».

Quanto ás varias lições das Poesias traduzidas, não as temos por menos dignas do mesmo proposto beneficio. O ilustre Tradutor as constituiu objecto de cuidados e aperfeiçoamentos semelhantes aos que dedicara ás suas obras originaes. *Leonor*, *O Caçador Feroz* e *A Noiva do Sepulchro* são do facto boas testemunhas. Entrariam, pois, com vantagem para os que aí buscassem modelos, acompanhadas das que ficaram esparsas, e nesta tentativa vão mencionadas, na mesma edição geral comentada, tanto de empreender.

Finalmente, pelo que respeita á obra dramatica de Herculano, salvando *Os Infantes em Ceuta*, que mais vingaram, porventura, no criterio do Autor, ao encorporar este «drama lirico» em sua 1.ª edição geral, pelas agradaveis recordações, do que pelo apreço que ligaria ao *impromptu*, parece-nos que o proprio Poeta a julgou e sentenciou. Não ha, pois, pensar mais nela. Drama e farça registaram-se, a bem dizer, para que de esquecimento não fosse arguido quem de tudo se quisera poder lembrar.

Adeante damos o resumo estatistico de toda a Obra poetica Herculanesca Vae expresso no seguinte:

---

[1] *Ecrivains Portugais Contemporains — Herculano — Garrett* — in *Revue Lusitanienne* — 1852 — Tome Premier, pag. 37 et suiv.

QUADRO

do numero de versos que se compreendem em todas as poesias, quer originaes, quer traduzidas, de que foi autor ou tradutor

ALEXANDRE HERCULANO

tanto das que apareceram nas duas edições geraes, como das que ficaram esparsas em publicações diversas

Poesias originaes

	Anos	Assuntos	Numero de versos
1 —	1829	— *A Semana Sancta*	654
	1830	— *A Arrabida*	451
	1831	— *Deus*	112
	1832	— *A Tempestade*	140
5 —	»	— *O Soldado*	300
	1833	— *A Victoria e a Piedade*	172
	1834	— *D. Pedro*	100
	1835	— *A Voz*	80
	1837	— *A Felicidade*	68
10 —	1838	— *A Rosa*	52
	1839	— Na *Abobada* — Narrativa — *Lóas*	58
	1841	— No *Monge de Cister* — *Copla* de Brites	4
	»	— Em *Arrhas por Fóro de Hespanha* — *Trovas* dos Remeiros e *Coplas* populares	38
	1843	— No *Bobo* — Romance — *Cantigas de D. Bibas*	68
15 —		— *A Perda de Arzilla*	172
		— Na *Dama Pé de Cabra* — Lenda — *Cantigas da Protogonista*	56
	1844	— *Os Infantes em Ceuta* — Drama lirico	602
	1845	— *O Mendigo*	126
	1848	— *N'um Album*	104
20 —	1849	— *A* [illegible]	[illegible]

Versões e Imitações

	Anos	Assuntos	Numero de versos
1 —	1834	— *Leonor*	260
	1835	— *O Cavalleiro de Toggenburgo*	52
	»	— *Affonso e Izolina* (Tradução livre do inglês)	80
	1837	— No *Panorama* — Artigo *Roma* — Epigrafe traduzida de *Childe Harold*	32
5 —	»	— *O Cão do Louvre*	62
		— *O Canto do Cossaco*	40
	»	— *O Seccar das Folhas*	48
	1838	— No *Panorama* — Artigo *Convento da Pena em Cintra* — Epigrafe traduzida de *Childe Harold*	6
	»	— *A Noiva do Sepulchro* (Imitação do inglês)	336
10 —	1839	— *O Caçador Feroz*	296
	1844	— No *Parocho de Aldeia* — Versos de *Childe Harold*, traduzidos	12
	1845	— *A Messiada* (Fragmento)	233
	1847	— *Hymno de Ramos* — Versão do latim	24
	1850	— *A Costureira e o Pintasilgo morto*	46
15 —	1873	— *Orlando Furioso* (Fragmento)	307

	»	— *Tristezas do Desterro*	415
	»	— *O Mosteiro Deserto*	292
25 —	»	— *A Volta do Proscripto*	161
		Somam	4:966

Somam......... 1:834

Em resumo

	Versos
25 Poesias originaes	4:966
15 Poesias traduzidas e imitadas	1:834
Total	6:800

Idiomas d'estas ultimas

1 — Alemão	841
Francês	196
Inglês	466
Italiano	307
5 — Latino	24
Somam	1:834

PARTE SEGUNDA

Prosa

Literatura periodica, amena e politica — Literatura romantica
Questões Publicas — Historia nacional — Trabalhos academicos
Bibliografia e Epistolografia

I

«O sabio não vae todo á sepultura;
Não morre inteiro o justo, o virtuoso;
Na memoria dos homens brilha e dura».

Bocage — *Elegia á morte de Bersane*.

Acabamos de ver Alexandre Herculano, poeta, e poeta que não só obedece em seus sempre elevados, sempre conceituosos e profundos carmes á propria, natural e reflectida inspiração, mas interpreta por elevado instinto de Arte, vertendo-as para a patria lingua, diversas inspirações alheias.

Por desfastio, e como para provar a veia jovial que tão espontanea e ridente se lhe descortina em tantas das suas obras de imaginação, vimo-lo imitador-comediografo; dramaturgo, por comprazer com o seu ilustre amigo, Antonio Feliciano de Castilho. Vimo-lo, seis anos depois, *librettista*, em obediencia a motivo igual, chamando-se, talvez, conde do Farrobo o obsequiado, e sendo acaso intermediario para a aquiescencia outro amigo e camarada do poeta nas campanhas liberaes, Jorge Cesar de Figanière.

Passaremos agora a compulsá-lo como prosador, acompanhando-o desde que, após seus primeiros ensaios, se librou á culminancia da sua gloriosa carreira de publicista, e de esmerilhador paciente dos primordios da patria nacionalidade e das origens do direito português, até finalizar seus dias, tendo escrito, por

derradeiro, aquele seu tão autorizado tratado da Lavoura Portuguesa, aquelas suas tão primorosas, tão instrutivas — até para os que não professam a sciencia dos campos — *Cartas sobre a emigração.*

Quanto aconteceu a respeito de tantas de suas primeiras poesias, veio a suceder a proposito de alguns de seus primeiros escritos. D'aquelas, quem sabe quantas seu joven Autor inutilizou? Sabemos que o fez, porque o deixou certificado. Das que escaparam ao consciencioso *auto de fé,* os dois poemetos — *A Semana Santa,* 1829 e *A Arrabida,* 1830, só vieram a publicar-se em 1838. Outras d'aqueles primeiros proximos anos, apenas em 1850 conseguiram vir a lume. — Assim, dos escritos em prosa, como vamos ver.

Examinando, com efeito, alguns dos artigos por Herculano publicados nos primeiros cinco volumes do *Panorama,* apura-se que pertencem a epocas anteriores a 1834; isto é, á sua estreia, como publicista, nas modestas colunas do *Repositorio Literario,* do Porto, os seguintes quatro.

Moral (Fragmento de um livro inedito) *A Prostituição* — Veio á luz em o numero 161 do IV volume d'aquele semanario (1840).

Moral (Subtitulo igual ao antecedente) *A Velhice.* Impresso em o numero 170 do predito volume.

A Vida Soldadesca (Subtitulo como acima). Lê-se em o numero 203 do v volume do mesmo semanario (1841). Tem nota de haver de continuar-se, o que se não deu.

De Jersey a Granville. — Episodio maritimo a que o proprio Autor fixou o ano de 1831, ao reeditá-lo no II volume de *Lendas e Narrativas.* Foi originariamente publicado no volume II da 2.ª serie do *Panorama,* numeros 70 e 73, referido a 1843.

Alem d'estes quatro artigos, publicara já Herculano, «para servir de inteligencia» á poesia *A Victoria e a Piedade,* precedido de uma Nota assás cateristica, um «Fragmento» de «um livro já todo escripto no entendimento, mas de que só alguns capitulos» estavam «trasladados ao papel». O livro, segundo a referencia que o proprio Autor assinava ao aludido fragmento, devia intitular-se: *A Minha Mocidade;* o capitulo a que este fragmento pertencia tinha por epigrafe: *Poesia e Meditação.* É este livro o de que o general Sr. Brito Rebelo publicou os restantes fragmentos no *Archivo Historico Portuguez,* a que já a pag. 383 nos referimos.

Constituem pois estes cinco diversos capitulos e os fragmentos acima aludidos as premissas das propensões literarias do Autor; premissas que tão alto depõem em favor das extensas e variadas faculdades da sua privilegiadissima inteligencia.

Procuraremos agora fixar a provavel ligação logica do todo, e com ela a explicação do porque pospomos esta especie de introdução á carreira de *homem de letras,* resolvidamente abraçada por Alexandre Herculano, a partir de 1834. Assim obedecemos ao compromisso por nós expresso a pag. 347 do presente volume.

II

Dando á publicidade nas paginas do *Archivo Historico Portuguez* o manuscrito, pelo proprio Autor intitulado tambem: «*Scenas de Um Anno da Minha Vida — Poesia e Meditação — 2.º caderno — De 7 a 11*», nota, e com toda a propriedade, o Sr. Brito Rebelo;

> «Vê-se logo que o 1.º caderno devia conter os capitulos I a VI, e dizer-nos, portanto, quando começou esse anno, que seria talvez em 1831.

Naturalmente — acrescenta — principiaria na partida da expedição dos Açores para o continente».

— Sim, diremos, se aquela indicação — «1831» — não contem um lapso de revisão, visto como a historica expedição dos «7:500 do Mindêllo» foi organizada, e surtiu seu efeito em 1832.

A data de 1831, tal qual foi, decerto, e mui judiciosamente, a inspiração primeira do distinto articulista, é que é de manter-se, porque seria, com efeito, em tal ano, naturalmente (agora tambem nós dizemos «naturalmente») em casa do capelão dos alemães, onde é constante ter-se Herculano refugiado, depois de 21 de agosto, até poder sair para Plymouth (para Inglaterra, não para França), que o joven conspirador começaria o Diario de suas aventuras de desterrado.

Naqueles primeiros desaparecidos capitulos esteve, porventura, a historia da intervenção de quem os escreveu em todo o periodo conspirador, em que abortaram dois pronunciamentos. É bem possivel que, passados anos, o proprio Autor d'esses capitulos tivesse de os utilizar, para responder ao *Toureiro* e suas diatribes[1].

Como quer que seja, a eles faria Herculano seguir, já com destino á terra classica da Liberdade, a noticia do infeliz malogro que o tornara exul da patria. Fechariam taes desaparecidos capitulos com as impressões tristes da atmosfera britanica, e com os apontamentos da travessia para França, que depois serviram tão admiravelmente o Autor, para aquela sua humoristica narrativa intitulada *De Jersey a Granville*, da qual, se então foi escrita, era aqui, agora, o lugar.

Da sua permanencia pelos dois paises estranhos deixou Herculano impressões em suas *Poesias*, que são, sob tal ponto de vista, outras tantas paginas do seu Roteiro. A seguir, vem o alistamento[2], a campanha insular, a abalada da expedição para as costas de Portugal. Estamos já em pleno ano de 1832, e começa o capitulo VII, 2.º Caderno, dos fragmentos vindos ao poder do Sr. Brito Rebelo, por s. ex.ª publicados no *Archivo Historico*.

Chegados a esta altura, precisa se faz uma breve observação. Não será dificil a quem ler estes fragmentos convir num facto que d'eles resalta com a maior evidencia. Vem ele a ser: que o Autor do livro em projecto; — *Scenas de Um Anno da Minha Vida — Poesia e Meditação*, etc., ao delineá-lo, ou melhor, ao pensar em escrevê-lo, não teve tanto em mente ir fazendo simples cronica de casos com ele passados, ou por ele presenciados, como tenção de dar tal objecto por pretexto á exuberancia das suas propensões literarias, para as deixar manifestarem-se abundante e eloquentemente. D'aí, a mistura de factos, em verdade taes, com outros só filhos de uma imaginação que se estava impondo, e que aproveitava o genero *Memorias intimas*, para as obrigar a dar-lhes satisfação. D'aí, as digressões amiudadas a proposito de factos que as favorecem ou lhes são pretexto, como a parte do capitulo dos «*Sepulchros*», que se refere á arquitectura gotica, e o extenso desenvolvimento d'esta materia, que tão bem caracteriza o Autor. D'aí, finalmente, as improvizações romanticas, a par com factos historicos,

---

[1] Veja-se o que a tal respeito deixamos lembrado a pag. 392.

[2] O assentamento de praça do joven alistado é, como se vê no *fac-simile* do «2.º Livro do Registo da 3.ª Companhia de Voluntarios da Rainha», publicado em Nota D da comemoração *Paginas Intimas — No Primeiro Centenario de Alexandre Herculano*, impressa pela casa Ferin, Editora, 1910, em «26 de março de 1832». Vê-se, porem, nas «Observações» do 1.º Livro d'aquela mesma Companhia, que o joven alistado passara ao celebre batalhão, do que se formara em França, e agora se extinguira, «abonado desde 3 de fevereiro de 1832». Isto quere dizer que Herculano se alistou *oito* dias antes da saida da expedição de Belle-Isle para a Terceira.

ou a proposito e como sequencia d'eles, taes como o episodio da *noite de Natal*, no artigo *A Vida Soldadesca*, escrito em «a noite imediata ao combate de Ponte-Ferreira, em 23 de julho de 1832», e destacado, como «Fragmento de um livro inédito», do projectado livro *Scenas de Um Anno da Minha Vida* para o v volume do *Panorama*, correspondente ao ano de 1841.

Não teem outra explicação os dois artigos, que são dois quadros de mestre, intitulados: — *Moral*, tendo um por subtitulo *A Prostituição*, outro *A Velhice*. Nenhuma duvida que durante a campanha constitucional, Herculano não haja tido ocasião de observar os casos que idealizou, e muitos outros, a que o poder da sua portentosa imaginação, aliado á sua natural e inata propensão para filosofar ácerca das miserias d'este mundo, lhe poderiam ter ministrado assunto.

O primeiro d'estes dois aludidos quadros — *A Prostituição* figura ser a historia triste de uma infeliz mundana que habitava á entrada da aldeia, defronte da barraquita humilde onde o narrador e alguns provaveis camaradas seus foram aboletados.

A Velhice é a narrativa repassada de pungentes ironias, de que são alvo dois dos «tres generos de compaixão» que o Autor declara existirem no mundo, «a compaixão hypocrita» e a «compaixão philosophica», distintos ambos do genero unico de verdadeira compaixão; a «compaixão evangelica». *A Velhice* é a historia do cego já adiantado em anos, que pedia esmola «assentado sobre o marco da estrada», e a quem o Autor, «metendo a mão no magro cinto de soldado», esmolou, «repartindo da pouquidade do pobre com o outro pobre».

Ambos estes quadros foram, ou as notas que para os escrever seu Autor teria deixado apontadas, ulteriormente destacados do livro truncado e inacabado para as paginas do já agora historico semanario, como destacada fôra, em 1838, para a *Harpa do Crente* a pagina onde o Autor deixara comemorado o assalto aos redutos realistas, que determinou o descercamento do Porto, e lhe suscitara a ideia de escrever a primeira e não conhecida edição da poesia *A Victoria e a Piedade*.

Estarão reduzidas a estas cinco transcrições as que de modo seguro se podem considerar feitas por Herculano do seu projectado, e nunca terminado livro? Sinceramente, não saberemos afirmá-lo. Nos «Fragmentos» dados a publico pelo seu conspicuo comentador, no *Archivo Historico Portuguez*, está, a pag. 88, o 8.º que se inscreve: «*Entrada no Porto — O Povo*».

Aí, após breves tres linhas, explica o Sr. Brito Rebelo:

> «(*Nada mais escreveu neste capitulo, apenas á margem d'esta primeira lauda, a setima do caderno, se lê esta nota*: — Sobre o caracter do povo do Porto indicar se porventura seria originado de tradiçoens de behetrias? alem da circumstancia de ser povo commercial)».

Até o volume II, serie 2.ª do *Panorama* (1843), indicados pelo proprio Herculano, no numero 64 d'este volume, artigo frontispicial, eram já *cinco* os que em sucessivos anteriores volumes se haviam publicado ácerca da capital do norte do país, começando «pelo bosquejo do caracter geral de seus habitantes» (3.º artigo sobre *O Minho*). Bem possivel será que este artigo, que tão bem responde ao apontamento supra indicado, e todos os mais, em especial o de pag. 281 do vol. III, se hajam inspirado no proposito que tal apontamento indica. Artigos doutrinarios, que dão a Herculano o direito de ser considerado moralista insigne e fervente patriota, do mesmo modo que, por tantas outras faculdades eminentes, foi reconhecido por pensador profundo e filosofo lidimo, escreveu o incansavel Escritor muitos, não parecendo, todavia, que nenhum mais, alem dos que ficam especializados, tenha conexão com o seu projectado livro.

Resta considerar o titulo que seu Autor originariamente lhe deu.

Se, como supomos e o explanamos supra, Herculano começou as suas anotações e considerações partindo, segundo se apresenta logico, dos primordiaes motivos que acabaram por levá-lo ao exilio, como meses antes, por caso identico, se vira forçado a expatriar-se o seu camarada, e seu amigo Jorge Cesar de Figanière, que tambem do facto, como vimos, deixou memoria, tudo de quanto o Grande Escritor se constituiu historiografo em seu nunca terminado livro, longe de encerrar-se em um só ano, alcança dois bem completos. Vae da origem da sublevação do 4 de infantaria, em Lisboa (1831) á batalha de 18 de agosto, no Porto (1833). Concedendo, porem, que as Memorias do foragido conspirador comecem abrutamente — o que *á priori* se patenteia inadmissivel — na narrativa da sua travessia de Inglaterra para França, estaremos ainda dentro dos mesmos dois anos apontados.

Ora, tal narrativa, que seu Autor capitulou «Fragmento», quer escrita como saiu no VII volume do *Panorama*, quer simplesmente apontada em seus traços geraes — o que não é improvavel — conteve-se, sem nenhuma duvida, como se manifesta do seu teor, no 1.º caderno das *Scenas de Um Anno da Minha Vida.*

Este titulo, pois, ou o outro; *A Minha Mocidade*, um d'eles, foi imposto ao premeditado livro, ou quando seu Autor, começando-o, pensava em limitá-lo a semelhante breve espaço de tempo, ou posteriormente, quando decorrido o prefixado ano, o Autor deliberaria deixar por aí a cronica que ideava, reservando-se preencher-lhe as soluções de continuidade quando tivesse lazer para tal.

A cronica, todavia, continuou, e tanto se protraiu pelo tempo adeante, que veiu a parar na batalha de 18 de agosto de 1833. Estavam preenchidas as paginas d'esta continuação? Não estavam, e o proprio Autor no-lo certifica, ao trasladar para as da *Harpa do Crente* (1838) a poesia que escrevera dois dias depois d'aquele libertador combate:

> «Este fragmento que segue — explica — pertence a um livro já todo escrito no entendimento, *mas de que só alguns capitulos estão trastadados ao papel*».

Terminada a transcrição, como lhe é pelo seu Autor designada a procedencia? — «D'*A Minha Mocidade — Poesia e Meditação*». Alexandre Herculano reconhecera necessario modificar o titulo que, a principio, ou depois, imposera ao seu premeditado livro. Os acontecimentos de que este devia ser cronica haviam dobrado o lapso de tempo que lhe fora assinado.

Em breve, porem, outros acontecimentos se sucederam. O imperio do *sentimentalismo* via seus dias contados naquela organização poderosa de pensador profundo, aspirando á preponderancia do raciocinio escrito em mais transcendente esfera, e foi assim que, pouco e pouco, o projectado livro veiu a perder as probabilidades de chegar a ser concluido.

Posto seu Autor á testa de uma empresa literaria de consideração transcendente, qual foi então a do *Panorama*, obrigado, por conseguinte, a dar lhe tempo, consumido em leituras incessantes, cuidados no corresponder aos interesses da publicação — e não foram poucos. segundo se pode já depreender do «Prologo» do 2.º volume d'este semanario — e vigilias, compondo os artigos com que havia de responder aos improrogaveis prazos hebdomadarios do jornal, o projecto de publicação das que, inculcadas por *Memorias da sua mocidade*, em certo modo seriam agora inoportunas até, se Herculano o chegou a tencionar, gradualmente se foi esvaecendo, até de todo se obliterar, ou pouco menos. A facilidade que lhe dava agora a empresa literaria a que se ligara, de ver-se impresso em condições regulares e menos onerosas, permitiu-lhe, ajudado com a nomeada que lhe al-

cançara o seu panfleto politico *A Voz do Propheta*, a impressão das suas *Poesias*. O poeta pospôs-se ao monografista do passado, sem comtudo o suplantar de todo. A especie de *rapsodias* feitas por seu Autor áquelas paginas, mais fantasistas e menos biograficas, prova, com efeito, que ele uma que outra vez pelo discorrer de anos não deixou de se lembrar d'elas. Foi porem, para as aproveitar como assuntos de improviso, em provaveis ocasiões de mingua de original para o *Panorama*. Vimos que um dos artigos que resultou dos varios recursos ao celeiro do passado — o da *Vida Soldadesca*, nem se lembrou seu Autor nunca mais de lhe dar qualquer especie de remate.

Portanto, e em conclusão:

Os seis desaparecidos primeiros capitulos do projectado livro *Scenas de Um Anno da Minha Vida* deverão ter contido a narrativa da interferencia do joven conspirador liberal nos acontecimentos politicos que vieram a determinar a sua fuga para Inglaterra, bem como a da sua travessia de Jersey («porto de Saint-Helier») para Granville, destino que o temporal modificara do primitivo; (Saint-Maló).

Quer tudo, quer parte, estivesse escrito, ou simplesmente apontado, para ulterior desenvolvimento, certo é que só a segunda parte d'esta primordial narrativa, a da borrascosa travessia de uma para a outra costa, escapou á deliberação que seu Autor tomou posteriormente de aniquilar o caderno que a ambas continha. A parte politica e secreta que Herculano entendeu não desvendar, ficou com ele. A publico veiu só o que o homem politico alegou de si, quando, em 1838, teve que defender se das arremetidas do jacobinismo intolerante e malevolo. É só bem depois do episodio *De Jersey a Granville* que poderá ter-se seguido quanto, porventura, se refira á «partida da expedicão dos Açores para o continente», formando o final do desaparecido «1.º caderno».

Os artigos ácerca do *Minho*, que em seu lugar registaremos, bem como os que tratam do *Porto*, até o VII volume, podem muito bem preencher a lacuna do começo do capitulo 8.º, entendendo-se que seu Autor aproveitaria notas que haja tomado e observações do seu espirito perscrutador e analitico, para lhes dar a definitiva forma em que posteriormente apareceram nas paginas do *Panorama*.

O episodio da mundana (*A Prostituição*), e o do cego pedinte (*A Velhice*) poderão ter sido destacados do 9.º capitulo. Este, quando o Autor se encaminhasse para a Sé de Braga, que, segundo mostra, visitou sosinho; aquele, quando em alguma das marchas do exercito liberal, tivesse sido aboletado em qualquer povoação no caminho por este seguido.

O artigo *A Vida Soldadesca* deve ter feito parte da materia do capitulo 10.º, achando-se no manuscrito indicada a data do combate de Ponte-Ferreira, e no artigo, e em nota, a da noite seguinte a este combate.

A comemoração, emfim, da batalha de 18 de agosto de 1833, que inspirou ao Autor a poesia *A Victoria e a Piedade* bem pode ter-se por um dos ultimos trechos, se não foi o ultimo, do projectado livro, nunca terminado, a que nos temos referido.

Quem procurar ler nas paginas do *Archivo Historico Portuguez* estes primeiros ensaios do joven Voluntario da Rainha, felizmente salvos de provavel aniquilamento pelas misteriosas contingencias do acaso, e por ele entregues á tão competente quanto escrupulosa critica do seu feliz editor, notará decerto que nos truncados escritos vindos a lume após tão dilatado numero de anos, se afirmam principalmente as crenças religiosas de seu Autor, não já como simples efeito de uma educação *á antiga*, qual deve ter sido a sua, mas como resultado de uma opinião formada e assente, ácerca da necessidade que «o homem tem de crêr»; necessidade que melhor do que nenhum outro sistema religioso, o Cristianismo satisfaz.

E porque as doutrinas d'este credo tanto se irmanam com as aspirações da Liberdade, e porque esta tão adversa tem sido sempre, á *superstição*, é que Herculano já aos 22 anos escrevia nestas suas *Memorias*:

«A superstição nada mais é do que a superabundancia de vigor no espirito religioso da multidão; é o joio que em veiga feracissima pullula entre a boa sementeira. Mondai a herva inutil e daninha; mas para a destruir não queimeis a seara. Assim como o fogo deixa o campo arido e morto, assim a missão irreligiosa torna as almas safaras de tudo quanto é bom, generoso e honesto. Se porém da semeada arrancardes as ruins plantas, as messes crescerão vigorosas, fructificarão e o vosso trabalho será abençoado pelos homens e por Deus.

E era isto que os amigos da Liberdade deviam ter feito. Guerrear os erros e evangelizar a verdade, ou ao menos faze-la respeitada, fôra a mais bella parte da missão do homem livre. Mas em vez de o fazer temos confundido a moral com a superstição, a virtude com a credulidade, e os nossos inimigos hão de ahi tirado argumento de odio e execração popular.

Vãos teriam sido seus esforços se tivessemos andado pelos caminhos de Deus, se, desataviando os hypocritas da falsa piedade, de que se vestem, os mostrassemos ao povo em toda a sua asquerosidade».

E tendo stigmatizado os hipocritas, voltando-se agora para os incredulos, diz-lhes:

«A incredulidade é um complexo de idéas negativas, que apoucam o espirito, e que o tornam vazio do consolo, que, em meio da desventura, só se encontra no seio da religião.

Levado no turbilhão dos gosos e das esperanças o abastado e potente pode esquecer se de Deus, que tambem o larga de sua mão e delle se esquece; mas o pobre e desvalido, segregado do mundo, no abysmo de sua mesquinha ventura, só do ceu pode receber luz de conforto, só lá pode collocar suas esperanças quasi mortas na terra».

Taes foram os propositos que animavam, sem um só desfalecimento, as faculdades intelectuaes d'este Grande Pensador: — entronizar a crença, guerrear a superstição, confundir a hipocrisia.

III

Uma quarta-feira, 15 de outubro de 1834, saio a publico tal qual já tivemos ocasião de narrar, representando a Sociedade das Sciencias Medicas e de Literatura da cidade do Porto, o numero 1 do seu jornal, *O Repositorio Literario*. Já a pag. 355 deixamos sucintamente historiada a publicação d'este jornal, e como logo no principio do ano de 1835 se reduziu a Sociedade puramente literaria a agremiação a que nos referimos, cuja a citada folha era orgão. Já ai deixamos notado igualmente ser um dos mais assiduos redactores do *Repositorio* o medico Agostinho Albano. Estava, porem, reservado ao *sintetico* escritor Oliveira Martins o descobrir, em seu *Portugal Contemporaneo*, II, 132, ter Herculano fundado a Sociedade das Sciencias Medicas, Portuense, com Bernardino Gomes! É assim que se fazem ... *historias* ...

O verdadeiro fundador d'esta Sociedade «que não devia só limitar-se ás sciencias medicas, mas que se estenderia a toda a Literatura, trabalhando pela difusão da Instrucção Nacional», foi o Dr. Antonio Carlos de Melo e Silva, datando a inauguração do patriotico Instituto de 13 de dezembro de 1833.

Tudo que poderá, portanto, ter-se dado, será ter Herculano merecido ser convidado para, conjuntamente com os mais futuros consocios, fazer parte da assembleia instaladora.

Na «Parte II», pois, do numero 1 do sobredito jornal, a pag. 4, lê-se a primeira parte do artigo intitulado:

«*Qual é o estado da nossa literatura? Qual é o trilho que ella hoje tem a seguir?*».

Este artigo continua-se em o numero 2, a pag. 13, em que termina. Rematam-no as iniciaes «*A. H.*».

Era a estreia do publicista Alexandre Herculano. Era mais do que simples estreia literaria; era a forma reveladora de uma inspiração verdadeiramente patriotica.

Terminada a guerra civil, proclamada a Liberdade, o moço Voluntario da Rainha apressa-se, com efeito, em ponderar a seus compatriotas a necessidade de se organizar a *instrução nacional*, começando previamente pela redacção de um curso de literatura que remediasse os danos apontados pelo novel articulista na sequencia do seu artigo, e servisse ao mesmo tempo de dar impulso ás letras.

Segue-se a exposição do como se deveria desenvolver o proposto curso, e quaes os propositos especiaes a que tenderia; tudo o que se apresenta largamente justificado, e pela maneira brilhante e profundamente erudita — aos 24 anos, e ao deixar em repouso a farda e a espingarda de valoroso combatente! — ponderada e logica, de que é espelho esta substanciosa estreia que os leitores da presente tentativa bibliografica terão podido admirar, lendo-a no tomo IX dos *Opusculos* do Grande Escritor, I da *Litteratura*, editado, como os anteriores, pela «Antiga Casa Bertrand — José Bastos & C.ª» (1907).

*

Inserto em o numero 4, pag. 32, do mesmo *Repositorio* segue um pequeno artigo bibliografico, repleto de erudição, recomendando a:

Historia Litteraria da Italia, por Ginguené, continuada por Salfi, seu colaborador (1811-1824),

Este artigo é o precursor de infinidade de outros do mesmo genero, escritos por Herculano, pelo decurso de anos, impressos já no *Panorama*, já na *Revista Universal Lisbonense*, dando noticias de quantas obras de importancia vieram a lume, emquanto aquelas publicações duraram; noticias acompanhadas sempre de judiciosa critica, benevolente e animadora, propria do animo esclarecido e generoso de seu autor.

*

«*Poesia: Imitação — Bello — Unidade*». — No predito *Repositorio Literario*, e numero 7, respondendo ao dia 15 de janeiro de 1835, principiou a aparecer este extenso artigo, assombroso de erudição, continuando-se em numeros seguintes, tendo por fim exprimir o seu já tão bem conceituado autor o desejo de

> «que os portugueses voltem a uma litteratura sua, sem comtudo deixar de admirar os monumentos da grega e da romana: que amem

a patria, mesmo em poesia: que aproveitem os nossos tempos historicos, os quaes o Christianismo com sua doçura, e com seu enthusiasmo e o caracter generoso e valente d'esses homens livres do norte, que esmagaram o imperio de Constantino, tornaram mais bellos que os dos antigos: que desterrem de seus cantos esses numes dos gregos, agradaveis para elles, mas ridiculos para nós e as mais das vezes inharmonicos com as nossas idéas moraes [1]: que os substituam por nossa mythologia nacional na poesia narrativa; e pela religião, pela philosophia e pela moral na lyrica [2]».

E rematava com a seguinte terminante declaração, a que foi fiel em toda sua vida, esclarecendo o sentido em que aceitava a classificação literaria de «romantico»:

> «Isto queremos nós e neste sentido somos romanticos; porém naquelle que a esta palavra se tem dado impropriamente, com o fito de encobrir a falta de genio e de *fazer amar a irreligião, a immoralidade e quanto ha de negro e abjecto no coração humano,* nós declaramos que o não somos, nem esperamos sê-lo nunca».

Por nossa parte, confirmamos, a proposito d'este admiravel artigo, o que já anteriormente conviemos poder ter-se dado: — Herculano deverá, na verdade, muito ter lido, decerto, para estar em estado de produzir tão laborioso trabalho.

Não menos notavel, não menos prodigiosa era tambem a memoria de que dispunha, e taes circunstancias explicam a sua precoce erudição. O que, porem, quasi chega a exceder a nossa compreensão, confessamo-lo, é como e porque prodigios do talento, chegou este moço de 24 anos a utilizar leitura e retentiva, para produzir a soma de raciocinios, o cabedal de maduras reflexões, o tesouro de convencimentos que este artigo denuncia, tendo-se seu autor lançado, dois anos, apenas, antes, e com tão incompleto cultivo, na aventurosa, inquieta e periclitante carreira das armas, com toda a instabilidade e desassocego de soldado de um exercito cercado, tantas vezes face a face com a Morte, em meio das miserias e privações consequentes, tão pouco propicio tudo, em suma, ás profundas lucubrações que o conversar com os livros e o meditá-los de necessidade exige!

Ah! Quão bem merecendo estava já o nosso joven publicista o «incitamento e protecção literaria» que, nove anos depois, confessava ter devido, «ainda no verdor dos annos», á veneranda poetisa que foi Marquesa de Alorna, quando dava os primeiros passos na estrada das letras! [3]».

Este artigo é o que seu Autor prometera, quando afirmou naquele com que apresentava a tradução do romance de Bürger, *Leonor,* (Numero 5 do *Repositorio*), que «nenhum povo se pode gabar de ter uma literatura propria, se a sua poesia não tiver caracter de nacionalidade». Leia-se o artigo de que se trata e a nota em que o Autor firma a aludida promessa, a pag. 357 d'este volume.

---

[1] Com vista a algum socio que ainda restásse da dessorada Arcadia.

[2] Como o proprio Articulista exemplificou ainda em 1849, escrevendo *A Cruz Mutilada.*

[3] Expressões do artigo em que deu noticia da aparição dos dois primeiros volumes das Obras da ilustre poetisa, publicado no *Panorama* de 1844, e a que já nos referimos a pag. 388 d'esta tentativa bibliografica.

Quanto ao proprio artigo de que nos temos ocupado, cumpre registar que ele foi igualmente transcrito no citado tomo IX dos *Opusculos*, após o que no *Repositorio Literario* o precedeu.

*

Livro de Duarte Barbosa. — *Manuscriptos da Bibliotheca Publica da Cidade do Porto* — *Artigo I.* — É a noticia do traslado manuscrito, existente nesta biblioteca, do livro que o ex-escrivão da Feitoria portuguesa de Cananor, infeliz companheiro de Fernão de Magalhães, escrevera, em 1516, em que dava «relação do que viu e ouviu nas terras do Oriente».

Esta noticia foi publicada em o numero 14, a pag. 110 do *Repositorio Literario* (1835), e a ela e ás mais circunstancias respeitantes ao autor e á obra se refere este *Dicionario*, em seu Tomo Segundo, a pag. 206, numero 365.

*

Noticia da Chronica de D. Sebastião. — *Manuscriptos da Bibliotheca Publica da cidade do Porto* — *Artigo II.* — Foi por Herculano publicada esta Noticia em os numeros 18 e 19 do *Repositorio Literario*, correspondendo aos dias 30 de junho e 15 de julho de 1835. Quando dois anos depois, em colaboração com o Dr. Antonio da Costa Paiva, veio a editorar o manuscrito a que a predita Noticia se referia, rematou o «Prologo» que antecede a *Chronica* com a reimpressão d'esta.

*

Parecer da Commissão sobre a Memoria ácerca da vida e escriptos de Jacob Sarmento de Castro (sic).

Este titulo é precedido da indicação: *Sociedade Litteraria Portuense*, e a materia que designa acha-se em o numero 21 do *Repositorio Literario*, correspondendo ao dia 26 de julho de 1835.

O «Parecer» foi dado a respeito da Memoria do Bispo resignatario da mitra de Coimbra, D. Francisco de S. Luis, e está assinado por «Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo, Relator, Bento Ribeiro de Faria e Antonio Fortunato Martins da Cruz». É, como se pode crer, honrosissimo para o erudito prelado.

A Memoria veio a ser, segundo a informação do tomo III d'este *Dicionario*, pag. 247, impressa nos *Annaes da Sociedade Litteraria Portuense*, n.º 1 (1837), e reproduzida posterior e mais amplamente na *Gazeta Medica* do Porto (1849-1850) n.os 190 a 194. Não chegou a formar parte da interrompida edição geral das obras do autor, 1872 a 1882. No texto do Parecer escrevera-se, tal qual é, o nome do inventor da «*Agua de Inglaterra*»: — «Jacob de Castro Sarmento».

*

Jornal da Sociedade dos Amigos das Letras[1]. — Em os numeros 1, 2 e 4 d'este *Jornal* acham-se tres artigos que Herculano escreveu no Porto, e lhe foram

---

[1] Vide Letra J, neste *Dicionario*, tomo IV, numero 2132.

destinados. Vamos dar noticia de cada um d'eles pela ordem em que se apresentam.

N.º 1, Abril (1836) — «*Novas Publicações Portuguezas—A Noite do Castello e os Ciumes do Bardo, poemas seguidos da Confissão de Amelia, pelo Sr. A. F. de Castilho — Lisboa 1836 — 1 vol. — 12.º*»

Noticia encomiastica d'esta nova produção do insigne poeta. Está assinada: «*Alexandre Herculano Carvalho*» (sic). Como se vê, a data d'este Jornal é a de 1836, e não 1834, como Oliveira Martins levianamente imprimiu em seu já citado *Portugal Contemporaneo*, II, 132. Ai dá tambem o *autorizado* critico, e logo a seguir, como publicado por Herculano nas *Memorias do Conservatorio* (1843) o que o Grande Escritor fizera imprimir no *Repositorio Literario, nove anos antes*, a proposito da poesia de Bürger, *Leonor!*

N.º 2, Maio — «*Noticia do Projecto de Reforma da Instrucção Publica pelo Sr. A. F. de Figueiredo e Almeida — Lisboa 1836 — 1 vol. — 12.º*».

Aplaude a ideia do autor, de se formar em Lisboa uma Universidade, «por meio de uma sociedade que a *isso*[1] metta hombros, protegida pelo Governo».

Conclue, fazendo o elogio da obra, tanto mais de estimar, que, sendo livro utilissimo, com tal predicado, raros aparecem em Portugal.

N.º 4, Julho — *Hymno a Deus.*

Com a seguinte apresentação, que corrobora quanto o Autor tem já escrito a tal respeito:

> «Este hymno pertence a uma collecção de poesias compostas pela maior parte em dias dolorosos de desterro e de trabalhos. Dou-o á estampa como amostra do resto que talvez publique breve. Sei que poesias das quaes a religião é alvo não serão acceitas a este seculo de tranzição e scepticismo, mas opiniões e gosto por esta senda me levaram. Segui-a por isso, e porque me persuado de que a mais nobre missão do poeta, na epocha presente, é ser util ao Christianismo e á Liberdade: nem outra cousa poderia despertar em mim algum raio de ingenho, se Deus me concedeu dom de poder revelar uma porção d'essa harmonia, que Elle derramou abundantemente no Universo, e de que o poeta é interprete para com o resto dos homens.
>
> *A. H. Carvalho e Araujo*».

Segue a Poesia, a que a edição de 1838 já fez suas alterações, e que teria sido mencionada em sua altura, se não fora, como já explicamos, o ter ficado fora de seu lugar o respectivo apontamento.

*

A Voz do Propheta — 1.ª Serie.

Como se lê neste *Dicionario*, tomo I, letra A, numero 193, esta celebre publicação apresentou-se como impressa fora de Portugal; — no Ferrol. Não a vemos anunciada, mas trás no frontispicio a indicação d'esta terra de Hespanha,

---

[1] É este pronome um dos *bordões* mais constantes da escrita de Herculano, acompanhando-a desde as suas primeiras composições, no *Repositorio Literario*, até ás cartas a Bernardino de Barros Gomes.

e mais: «1836 (Novembro)». Deve-se por esta data rectificar o que a tal respeito menos exactamente escrevemos a pag. 364.

Inocencio teve por supositicia a procedencia do panfleto de que se trata. Por nossa parte, acrescentaremos que, se tal se deu, com efeito, terá havido tanto cuidado em tornar perfeita a simulação, que no verso do frontispicio chega a indicar-se a oficina onde se quereria persuadir ter sido impresso o folheto: — «*Imprenta de Espeleta—Calle de la Union n.º 57*».

Quanto a poder ter saido este escrito da imprensa dos Galhardos, como o douto bibliografo aventou, falta-nos um elemento que resolveria a duvida; — a consemelhança do tipo empregado no panfleto com qualquer da mesma epoca e da mesma oficina, utilizado noutra obra.

Intentamos a comparação com os exemplares da *Chronica de D. Sebastião*, impressa por aqueles tipografos em 1837, mas sendo o tipo ai empregado diverso, nada foi possivel concluir.

*

A Voz do Propheta — 2.ª Serie.

A respeito d'esta e da primeira, encontramos no *Diario do Governo*, n.º 44, referido a 21 de fevereiro de 1837, o seguinte anuncio:

> «Sahiu á luz A Voz do Profeta — Segunda Serie, e a segunda edição da Primeira Serie. Acham-se á venda nas lojas de Carvalho, ao Chiado n.º 2, e rua Augusta n.º 137 — preço 120 réis».

Em tudo mais nos reportamos ao artigo já citado d'este *Dicionario*, ao registarmos a publicação da «Primeira Serie». Quando tratarmos da inclusão d'estes escritos no I vol. dos *Opusculos*, diremos o que mais se oferece a tal respeito.

*

Apresentamos agora o frontispicio do primeiro livro publicado por Herculano, o mais exactamente que é possivel reproduzi-lo, a setenta e seis anos de distancia, a apurada tipografia de nossos dias.

Nele teve por colaborador, como se imprimiu no frontispicio, o futuro Barão de Castelo de Paiva.

Inocencio declarou *toda* a edição distribuida entre os assinantes. O leitor benigno verá, todavia, o que a tal respeito, por nossa parte, escrevemos. Aqui, damos apenas por essencial registar a circunstancia de ter sido a obra impressa *por assinaturas*. Não fica, pois, assim, margem para admitir que a colaboração do Dr. A. C. Paiva haja passado da sua co-participação literaria, como de algum modo se pode depreender das expressões «homem abastado», empregadas pelo general Sr. Brito Rebelo, a respeito do «sabio naturalista», comentando, aliás com a costumada proficiencia, a carta dirigida a Herculano por D. Francisco de S. Luis, *in Arch. Hist. Portug.*, vol. VIII, pag. 108.

CHRONICA

DE

ELREI D. SEBASTIÃO,

POR

FR. BERNARDO DA CRUZ;

PUBLICADA

POR

A. HERCULANO, E O DR. A. C. PAYVA.

LISBOA: 1837.

NA IMPRESSÃO DE GALHARDO E IRMÃOS,
Rua da Procissão N.º 45.

Prologo, do qual escreve Inocencio neste *Dicionario,* tomo I, letra B, artigo n.º 285.

> «Tem um prologo dos editores, em que se dá razão da obra e do seu auctor, com interessantes particularidades que lhes dizem respeito».

Lembra Inocencio, como sempre mui judiciosamente, se confronte «este Prologo com o outro posto á frente da *Chronica do Cardeal Rei D. Henrique,* etc., publicada em 1840 pela Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis». Ora, nesta, tratando de averiguar quem seja o ignorado autor da *Chronica* a que faz prefacio, e notando que do capitulo XIV em diante se apresentam grandes consemelhanças entre esta e a de Fr. Bernardo da Cruz, de que se ocupa a presente nota, vem a concluir o anonimo redactor que, ou o autor da *Chronica do Cardeal-Rei* extractou da de Fr. Bernardo, da de Lavanha e da de Vaena o seu texto, desde o capitulo XIV em deante, ou o seu breve e mal alinhavado resumo veio a servir de base para obras posteriormente escritas. E como resolver qualquer das duas hipoteses é impossivel, visto que pelas diligencias para tal efeito expostas, não ha modo de encontrar o verdadeiro autor, resta ainda o recurso de o ir achar, seguindo indicações de Barbosa, em sua *Biblioteca Lusitana,* na pessoa do P. Alvaro Lobo, jesuita, de quem aquele bibliografo escreve: «Tinha quasi acabada: *Vida do Serenissimo Rei e Cardeal D. Henrique*», etc.

Como se vê, todo este arrasoado tende a levantar a questão da propriedade com que foi atribuida, pelos editores da *Chronica de D. Sebastião* a paternidade da obra a Fr. Bernardo da Cruz, sendo tambem anonimo o codice da Livraria das Necessidades, que serviu para a publicação d'esta.

No emtanto, a impressão derradeira que ficou de toda a discussão veio a compendiá-la o nosso sempre tão cordato bibliografo, quando, ao registar, no Segundo Volume d'este *Dicionario,* a *Chronica do Cardeal Rei D. Henrique,* dada a lume pela já mencionada Sociedade, após se referir á inutilidade «das diligencias para estabelecer com fundamento a quem deva attribuir-se a composição deste escripto», remata com o seguinte conceito:

> «Boa parte desta (a *Chronica do Cardeal-Rei*) dá visos de que o seu auctor, quem quer que elle fosse, tractou de copiar textualmente os pedaços que lhe convinham da Chronica d'Elrei D. Sebastião, por Fr. Bernardo da Cruz, que hoje gosa tambem da luz publica».

Do livro afirmou ainda Inocencio ser «hoje quasi raro no mercado, achando-se exausta a edição, que foi toda distribuida entre os assinantes». D'estes, computando-os pela lista que acompanha a obra, e lhe foi apensa, após o indice dos capitulos, em 12 folhas, não numeradas, acha que «sobem ao numero de seis centos e tantos, circumstancia — acrescenta — assás notavel entre nós».

Procedendo, por nossa parte, á contagem verificamos que o numero de assinaturas foi de 755, sendo o total de exemplares subscritos de 913. D'estes, o maior numero tomado por um subscritor foi de 50.

Poderá, pois, estabelecer-se que a edição constou de 1:000 exemplares, tendo os dois consocios reservado para si uns 80[1].

---

[1] Note-se que a obra acaba em pag. 446, caderno EE, seguindo-se-lhe o indice dos capitulos em caderno HH, folhas n. n. A este, após as duas folhas ultimas d'ele, em branco, segue a lista dos assinantes, a que acima nos referimos, em cadernos FF e GG. Houve, pois, troca de referencias de que não é possivel outra explicação que não seja a de troca no alçado.

Ha, porem, que registar uma circunstancia a que Inocencio não fez referencia, e nos parece merecê-la; — é que d'esta edição se tiraram exemplares em papel mais encorpado e mais inferior, sem a lista dos assinantes. O exemplar que vimos, e pertence á Biblioteca Nacional, dá-nos o aspecto de qualquer edição Rollandiana.

Terão pois os exemplares supra descritos feito parte de possivel tiragem especial, destinada aos assinantes.

IV

A principios do ano de 1837 aparecia no *Diario do Governo* de terça-feira, 14 de fevereiro o seguinte anuncio:

> «Devendo instalar-se a Sociedade Propagadora de Conhecimentos Uteis, os Instituidores da mesma Sociedade convidam todos os Srs. Accionistas a comparecer quinta feira, 16 do corrente mez, pelas 6 horas da tarde, na Sala da Associação Mercantil Lisbonense, na rua do Arsenal n.º 60, para em Assemblea Geral se tratar de objectos relativos á dita Sociedade».

Logo a 21 imprimia-se no predito *Diario*, sob a epigrafe — *Variedades* — sub-titulo: *Litteratura*, um como prospecto do futuro *Panorama*, entalhado na noticia de que:

> «alguns cidadãos portuguezes, amigos da verdadeira illustração, conceberam o projecto de derramar, por meio de uma publicação semanal, a maior copia possivel de conhecimentos uteis, procurando para esse fim aproveitar os vastos subsidios que lhes fornecem as obras periodicas dos outros paizes».

O jornal receberia o titulo de *Panorama Litterario*, publicar-se-ia todos os sabados, teria 8 paginas no formato do *Penny Magazine*, seria ornado de «estampas abertas em pau», de que já «um portuguez apresentara o primeiro ensaio», e custaria, avulso, 25 réis cada numero.

Era o capital da Sociedade de 10 contos de réis, dividido em 2:000 acções de 5$000 réis. A maior parte estava tomada[1].

Na noite de 16 haviam-se, com efeito, reunido muitos acionistas em assembleia geral, elegendo-se a mesa e a direcção provisoria.

A eleição dera os seguintes resultados:

Assembleia geral: Presidente, José Jorge Loureiro; vice-presidente, Luis Duprat; secretario, Claudio Lagrange Monteiro de Barbuda, vice-secretario, Augusto Xavier da Silva; tesoureiro, João Baptista Massa.

---

[1] A «*Relação dos Accionistas*», impressa neste ano, consta de 656, que eram portadores de 1:719 acções. Cada um dos Reaes Conjuges assinara com 10 acções, a Imperatriz Viuva com 5, e a Infanta D. Isabel Maria com 1! Havia, porem, 8 accionistas de 20 acções, o maior numero, 25 de 10, alem das Magestades, 1 de 15, 2 de 12, etc.

Digamo-lo já desde aqui: — o nome de Alexandre Herculano não se acha nesta *Relação*.

Directores: José Verissimo da Silva, Antonio Pereira dos Reis, Manuel Antonio Viana Pedra.

Substitutos: Custodio Manuel Gomes, Jorge Cesar de la Figanière, José Cesario da Silva.

Esta direcção ficou incumbida de dar impulso pronto á empresa, e autorizada «não só para comprar o prelo, mas tambem para nomear os Redactores, que hão de escrever o jornal, e para arbitrar-lhes ordenado». — Eis como em 1837 se faziam estas cousas, e quaes os termos empregados para as pôr em letra redonda ...

A 3 de março seguinte, eram os acionistas avisados pela direcção de que em 7 se principiaria a cobrança da 1.ª prestação. Em 31 d'este mês, recebia a mesma direcção propostas de abridores de estampas em madeira. Em 8 de abril, anunciava que sairia á luz no dia 6 de maio seguinte o 1.º numero do seu jornal *O Panorama Litterario e Instructivo*, e recebia assinaturas no seu escritorio, na rua do Crucifixo, n.º 13, 1.º andar. Em 14, era convocada a assembleia geral para se terminar a discussão dos estatutos. Em 20, entrada da 2.ª prestação. Em 27, convite para a ultima redacção dos estatutos. Finalmente, em 6 de maio, um sabado: — «Publica-se hoje o 1.º numero do *Panorama*». (*Diario do Governo*, n.º 106). — Ia começar a sua brilhante carreira a empresa literaria de maior prestigio e nomeada que ainda ai se constituiu em Portugal.

A noticia do modêlo do novo semanario aparecera já na imprensa periodica portuguesa alguns anos atrás. Tinha-a publicado Don José de Urcullu, em o numero 10, do já agora nosso conhecido *Repositorio Literario* portuense, referido ao dia 1 de março de 1834.

Aí deixara, com efeito, o douto articulista transcrito o plano sobre que repousou a fundação em Londres do *Penny Magazine*, editorado pela «Sociedade para a difusão dos Conhecimentos Uteis», instituida naquela metropole em 1827. O primeiro numero, porem, do novo orgão literario inglês só veio a aparecer no dia 31 de março de 1832, vendendo-se por *um penny* (um vintem), e dai, o seu titulo.

Constava de 8 paginas em 4.º, com gravuras em madeira intercaladas no texto. A tiragem primitiva fôra de 160:000 exemplares, a duas colunas, mas segundo Herculano posteriormente explicava no artigo «*Gallicismos*», impresso em o numero 7 do homonimo do jornal inglês, este semanario estava já extraindo á data (junho, 1837) «trezentos mil exemplares por semana»; isto é, bem pouco lhe faltava para dobrar a tiragem em *cinco* anos.

O facto, porem, dava-se num país, onde, como o ilustre articulista ponderava, «o habito da leitura desce ás classes mais inferiores, sendo o *Penny Magazine*, em cujos moldes vazamos o *Panorama*, o jornal mais popular da Inglaterra».

Tiveram os benemeritos fundadores do nosso hebdomadario noticia do artigo de Don José de Urcullu, e daí lhes veio a ideia de formarem agremiação identica, para fim literario igual? Ou, como é assás presumivel, resolveram eles instituir uma e outro por aqueles modelos, pelo conhecimento directo que muitos deviam ter do jornal, pelo menos [1]?

Qualquer das hipoteses é possivel, e até o seria uma terceira, se não estivesse de antemão condenada: — a de que teria sido Herculano o inspirador da

---

[1] Grande numero de fundadores do *Panorama* que eram, senão outros tantos soldados que haviam sido do Exercito Libertador; isto é, emigrados, como Herculano e tantos outros, por Inglaterra, camaradas então nos lances arriscados da guerra pela conquista da Liberdade, consocios agora, para a obra incruenta da ilustração da patria, que haviam ajudado a resgatar com seu esforço e valentia?

publicação do *Panorama*, como Oliveira Martins afirmou ter sido o Grande Escritor o «*creador*» da Sociedade proprietaria do celebre Semanario[1].

Por nossa parte, muito quiseramos crer que tal afirmativa, repetida pelo douto professor Sr. Adolfo Coelho[2], naturalmente por seguir o autor precedente, pudesse ter tido solido fundamento, tão natural consideramos a sua confirmação. Sendo, porem, nesse caso de todo o ponto exequivel que aquela Sociedade, uma vez constituida, convidasse o criador, ou inspirador a quem devia o ser, para dirigir-lhe a projectada publicação, vemos, pelo testemunho de um outro não menos respeitavel escritor, Antonio Feliciano de Castilho, que tal se não deu, e que ao contrario do que, naquele caso, seria natural consequencia d'ele, fôra o declarante o primitivamente convidado, escusando-se ao convite, e lembrando Herculano em seu lugar.

Analizando, com efeito, *Eurico o Presbytero* nas paginas da *Revista Universal Lisbonense*, escrevia, em 1844, o doutissimo poeta, celebrando «o talento extraordinario do Sr. Herculano»:

> «A primeira manifestação brilhante do seu vasto saber e engenho profundo, foi a redacção do *Panorama*. Para essa redacção, *que a nós nos fora offerecida*, e de que então nos era impossivel encarregar-mo-nos, fomos nós quem, affoita e confiadamente, o propuzemos, como de todos o mais idoneo para um bom desempenho».

Castilho, nascido no ano derradeiro do seculo XVIII, antecipara-se tambem consideravelmente a Herculano, no vestir «a tunica de Nesus» de escritor publico. Quando Herculano compunha a *Semana Sancta*, em 1828, já Castilho dera a lume, no ano antecedente, o *Amor e Melancolia*, tendo feito, *doze* anos antes, a sua estreia literaria, com o *Epicedio á morte da Rainha D. Maria I*, como neste *Dicionario* se explica. Muito mais conhecido em Lisboa, do que Herculano o fôra talvez, no Porto, e o era ainda agora na capital do reino, onde, porque assim se diga, acabava de chegar, depois de uma ausencia que o transmudara de estudante em Soldado da Liberdade, compreende-se bem que fosse a Antonio Feliciano de Castilho que a Direcção do *Panorama*, em projecto, de preferencia se dirigisse, se estava livre da imposição moral que lhe supuseram as afirmativas de Oliveira Martins e do Sr. Adolfo Coelho, para lhe tomar conta do jornal que era de seus estatutos publicar.

Acresce uma circunstancia que, para este ponto, não será de todo sem valor: — A recenconstituida *Sociedade Propagadora de Conhecimentos Uteis* introduzira em seus estatutos, no tocante á publicação do seu jornal, a absoluta proscrição de «polemica politica, nem mesmo com disfarçadas allusões ou apologos chistosos»[3]. Ora, Herculano, quasi mal chegando a Lisboa, fizera estourar-

---

[1] «Agora, em Lisboa, o renovador dos estudos, o chefe da nova eschola, creava a «Sociedade propagadora dos conhecimentos uteis» cujo orgão, o *Panorama*, adquiria uma circulação extraordinaria».

(*Portugal Contemporaneo*, tomo II, pag. 133).

[2] «Creado em 1837, á imitação de publicações estranjeiras, ... pela *Sociedade Propagadora de conhecimentos uteis*, d'inspiração de Herculano, o *Panorama* tinha por fim, etc.».

(*Alexandre Herculano e o Ensino Publico*, Lisboa, 1910, pag. 4).

[3] Art. 49.º dos primeiros estatutos, não datados, mas aprovados por portaria de 27 de junho de 1837. A aludida proscrição foi impressa em *italico*, por sinal que o vocabulo «allusões», por efeito de imperfeita revisão, saiu transmudado em «illusões», de que apareceu *errata* a pag. 96 do vol. I do *Panorama*.

Quanto ao artigo de que se trata, ha-de confessar-se que não foi das melhor inspiradas a deliberação que o introduziu nestes estatutos, tanto é nosso convencimento a nenhuma participação que no organizar da Sociedade teve Alexandre Herculano.

lhe nas ruas e praças, nos botequins e mais lugares onde se discutia apaixonada e acerbamente a politica d'esses temiveis ultimos meses de 1836 e dos não menos temiveis primeiros meses de 1837, o mais violento e agressivo de todos os panfletos: — a 1.ª Parte da *Voz do Propheta*. Não contente ainda com o estrondoso efeito d'essa objurgatoria biblico-cartista, no proprio dia 21 de fevereiro de 1837, em que o *Diario do Governo* anunciava a constituição da pacifica Sociedade, lia se-lhe nos Anuncios o da saida á luz da 2.ª serie da *Voz do Propheta*, e nova edição da 1.ª — Não podia ser do partidario ardente, do cartista exaltado que toda Lisboa proclamava autor de taes panfletos, que a mansueta Sociedade se lembraria, para haver de confiar-lhe a missão de paz e confraternidade literaria, de que ia ser porta-voz o futuro *Panorama*.

O que parece verosimil, pois, é que o convite a Castilho, e a seguir, e pela indicação d'este, a Herculano, para director do premeditado jornal, os fez a Sociedade após terem sido redigidos os seus estatutos, e queremos crêr que antes de aprovados eles. Não se concebe, com efeito, como a Sociedade, nutrindo a tenção, que realizou de convidar o primeiro, haja tido a coragem de introduzir no diploma da sua constituição tal artigo, qual era o singular 49.º dos seus estatutos! Redigi-lo e aprová-lo, com o intuito de o impor ao inofensivo, mas esclarecidissimo autor dos *Ciumes do Bardo*, afigura-se-nos tão extraordinario, que positivamente, nos recusamos a acreditá-lo!

Este mesmo motivo, porem, nos convence de que, longe de ser o inspirador da Sociedade, e virtualmente do jornal que ela pretendia criar, Herculano nenhuma, absolutamente nenhuma, participação teve em tal projecto. Proibir que se fizesse politica num periodico de que acabava de fixar-se-lhe o programa todo de inalteraveis feições literarias, já nos parece suficientemente pleonastico. Pormenorizar os termos da proibição, prevendo alem de «alusões disfarçadas», *apologos chistosos* (!) ... em politica, ... absolutamente, não pode ser! Herculano, nem para a aplicar a outrem, nem, e muito menos para a consentir para si, inspiraria semelhante condição! Oliveira Martins, fantasiando o Grande Escritor co-participe na constituição da *Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis*, obedeceu ainda uma vez á predilecção que nutria pela *sintese*. Se se tivesse dedignado descer á *analise*, ficaria decerto desenganado, e — o que é de superior importancia para os seus creditos de cronista politico — resultaria inteiramente veridico.

Em suma, não se podendo negar o que Antonio Feliciano de Castilho tão perentoriamente afirmou, será de admitir-se que a Sociedade, constituida pelas inspirações de Herculano, se lembrasse de ir propor a outrem, fosse quem fosse, tivesse o nome que tivesse, a direcção do jornal, para cuja fundação ela quasi exclusivamente se constituira?

Responda quem tiver o sentimento da lealdade e do respeito que se deve ao pudor, na pratica de actos sociais, em que a inteireza do caracter deve prevalecer.

Excluida, pois, a afirmativa de se ter constituido a Sociedade editora do *Panorama* pela inspiração de Herculano, e sabido como foi que o Grande Escritor veio a receber convite para dirigir o celebre Semanario, parece-nos que pode, por agora, manter-se o que no vol. VI d'este *Dicionario* se lê, ácerca da predita Sociedade; — isto é, que ela foi «organisada pelos incessantes esforços de alguns amigos da civilisação, entre os quaes muito se distinguiu o Sr. Manuel Antonio Vianna Pedra». Espirito de eleição, fervorosamente devotado ao Bem, qual ficou assinalado na cronica de Lisboa, Viana Pedra terá sido, com efeito, a alma da Benemerente Sociedade, que entre tantos merecimentos que a distinguem, e a tornam credora do reconhecimento que todos lhe devemos, pela sua corajosa iniciativa e beneficios que produziu, conta mais o de ter, uma vez resolvida a publicação do seu jornal pelo modelo do *Penny Magazine*, aceitado a indicação de Antonio Feliciano de Castilho, convidando Herculano para director d'ele.

Não era este o unico serviço que Manuel Antonio Viana Pedra estava ainda destinado a prestar á nossa capital, nem esta só a manifestação do seu acrisolado patriotismo, todo inteiro entregue á causa da Instrução, da Beneficencia e da Moral. A ele ficou Lisboa tambem devendo, alguns anos mais tarde, a revivescencia da Benemerita Instituição que tanto devera, em seu inicio (1834), ao altruismo dos esposos Mousinho de Albuquerque, e se chama ainda agora: Sociedade das Casas de Asilo da Infancia Desvalida [1].

Por sua parte, Herculano, dotado de não vulgar elevação de sentimentos, compreendendo para logo quanto havia de nobre e de genuinamente belo na missão que lhe era cometida, tratou de corresponder, com a mais exemplar inteireza, á confiança que nele se depositara. Demais, sendo o fim capital da recen-criada Sociedade tão conforme com seus proprios desejos; — contribuir para a difusão de conhecimentos uteis entre seus compatriotas; isto é, educá-los, moralizá-los, instrui-los, quanto em seu poder estivesse, com o proprio sacrificio do seu nome literario, inspirado na mais desprendida modestia, entrou a colaborar para logo e pela maneira que ainda hoje se pode apreciar, no programa da Benemerente Sociedade, pondo todo o poder da sua inquebrantavel perseverança no empenho de o tornar exequivel e frutifero.

Importa agora, por derradeiro, examinar porque forma era imposta a Alexandre Herculano a tarefa que lhe cabia desempenhar; isto é, qual era o grau de preponderancia que a Sociedade editora lhe outorgara, inherente ás suas funções de «principal redactor» do *Panorama,* em concerto com as suas legitimas aspirações de homem de letras, com direito a afirmar a sua individualidade literaria entre seus confrades e perante seus concidadãos.

Os Estatutos da Sociedade, aos quaes já nos referimos, compreendem 51 artigos, distribuidos por 5 capitulos. O v é todo consagrado ao «*Jornal*». Damos os dois artigos que lhe definem o destino taes quaes se acham impressos, para lhes não amesquinhar o cunho:

> «Art. 47.º O Jornal se occupará de considerações sobre a Historia Nacional e Estrangeira: noticias de Antiguidades e Monumentos; Estatistica e Geographia do Paiz; Biographia de nossos varões illustres, em armas e em letras; Litteratura, propriamente dita, comprehendendo os Elementos da Theoria do Discurso, e a sua applicação á Lingua Portugueza. — A Jurisprudencia, a Economia Politica, o Direito Administrativo, a Industria, o Commercio e as Bellas Artes servirão tambem d'assumpto a alguns artigos, pobres d'apparato technologico, mas ricos de noções simplices e uteis.
>
> Art. 48.º Além d'estes objectos o Jornal apresentará tambem extractos de viagens interessantes, artigos curiosos de Sciencias Naturaes, e idéas as mais elementares d'Astronomia, e de outros ramos agradaveis das Mathematicas. — Maximas moraes, bella Poesia, e Anecdotas historicas e pouco vulgares entrarão tambem no quadro do Jornal».

Tal é o feitio absorvente do programa da Sociedade editora; tal é a *politica literaria* d'esta. A quem houver de vir a dirigir a marcha do *Panorama,* publicar o que a Sociedade antecipadamente fez constituir o Programa d'este, é quanto

---

[1] Noticia ácerca d'esta Instituição — Imprensa Nacional, 1873.

resta. A individualidade literaria absorve-a em si a Direcção do celebre semanario. O *anonimato* no jornal politico vae continuar-se no jornal literario. Dado o cunho quasi exclusivamente noticioso do texto, não implicando responsabilidade de opiniões ou de doutrinas, ficam dispensados «os redactores que hão de escrever o Jornal» de assinar o que escrevem.

E foi o que se fez. Durante os vinte e seis primeiros meses de existencia do *Panorama* dominou *esta politica*. Nem um só artigo, narrativa ou descrição; moral, educação, historia politica ou literaria, biografia, em suma; nem um só foi assinado, nem um só se acha firmado por simples iniciaes. Herculano, a quem, tal qual o Grande Escritor o dizia de outrem, a «consciencia revelava um futuro de gloria literaria», deixou modesta e resignadamente, «passar esta voz como a recordação de um sonho». Sabia-se que fôra Herculano o escolhido pela Sociedade editora para dirigir a publicação do *Panorama*, mas não eram, por certo, os artigos d'este jornal que lhe davam nomeada. Bem restrito, com certeza havia de ser o numero dos que sabiam apontá-los.—Tal é a verdade com que Oliveira Martins viu no *Panorama* recen-criado «estudos iniciadores da tradição nova», assinados «A. H.»!

Esta situação prolongou-se até meados de julho de 1839, sem embargo do testemunho de «gratidão» prestado ao Redactor d'este Semanario pela assemblea geral de 30 de igual mês do ano anterior[1]. Chegado, porem, ao numero 115 (julho 13, 1839), Herculano deixa «o lugar de principal redactor» do *Panorama*, e declarando continuar a escrever neste jornal, quando outras ocupações lh'o permitirem, previne que todos os seus artigos serão sempre, d'esta data por diante, assinados com as iniciaes do seu nome.

O artigo a que esta declaração corresponde é o que seu Autor intitulou: «*Do Christianismo*». Já se remata, com efeito, com as iniciaes «A. H.», e é de então para diante que a individualidade literaria de Herculano começa a acentuar-se, entrando em nova fase as manifestações do seu talento, e com elas a sua mais desafogada e mais pessoal maneira de escrever.

O anonimato literario d'estes 26 meses, porem, (6 de maio de 1837 a 13 de julho de 1839) estava-nos esperando, para nos oferecer taes quaes dificuldades no destrinçar os artigos de Herculano dos de seus colaboradores; seu futuro cunhado Francisco Romano Gomes Meira, pessoa de grande prestimo e variados recursos[2], Rodrigo Felner, literato apreciavel e trabalhador activo, e ainda outros escritores que ficaram para nós desconhecidos.

A taes dificuldades, tão sinceramente confessadas, responderá, porventura, a objecção de que o estilo de Herculano era inconfundivel. Nem nós o contestamos, por certo, e tanto que ai, onde, não só pelo *corte*, mas pelo assunto, e até por certos *bordões* que em sua escrita se observam, como na de todo aquele que maneja a pena, para escrever para publico; ai onde Herculano poude ficar, com efeito, *inconfundivel*; ai não deixamos passar o escrito, por menos circunstancial que seja, sem tomar desafogadamente a respectiva nota.

Haja, porem, a benevolencia de examinar os primeiros tres volumes do *Panorama*, até á data acima notada; isto é, emquanto durou o anonimato literario do seu redactor principal e de seus colaboradores. Convir-se-ha após que as nossas confessadas dificuldades alguma razão de ser tiveram. É preciso ter em

---

[1] Carta dirigida pela Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis ao «Ill.^mo Sr. Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo», mandada publicar, em virtude da resolução tomada na Assemblea Geral da predita Sociedade, em 30 de julho (1838), pela sobredita Direcção, vinda a lume a pag. 264 do vol. II do *Jornal Litterario e Instructivo O Panorama.*

[2] Veja-se o artigo que lhe diz respeito no tomo IX (2.º do suplemento) d'este *Dicionario.*

consideração qual genero de literatura deveria praticar-se no *Panorama*, e para qual publico a destinava a direcção do celebre semanario, para se poder convir em que as qualidades de pensar e de estilo que tornavam *inconfundivel* a escrita de Herculano, só em artigos em que a sua individualidade literaria se sentia livre de peias, só em assuntos que as suas grandes faculdades de concepção podiam engendrar e desenvolver, dentro do molde acanhado, do aliás mui judicioso programa do jornal, poderiam resplandecer e distanciar-se de tal modo da escrita de seus dois mais certos colaboradores, supra lembrados, que não fossem possiveis duvidas ácerca da sua procedencia.

Dadas, com efeito, as especiaes condições impostas, como vimos, pela Sociedade editora do *Panorama*, em seus estatutos, para a divulgação do seu jornal, o que se requeria tão só do esforço literario de seus redactores, era que tratassem assuntos de pura narrativa ou mera exposição noticiosa ou descritiva, breves, ao passo que atraentes, de pouca substancia e facil compreensão por parte de leitores em aprendizagem. Semelhantes artigos, assim concebidos, pouca ou nehuma responsabilidade podiam importar para quem os redigia, pelos raciocinios, pelas opiniões ou, emfim, pela veracidade dos factos, posta á conta de autores estranhos onde taes narrativas ou taes descrições eram colhidas. Ora, nesta faina trabalhavam todos, e o redactor principal do jornal tal qual os seus dirigidos.

É por isso que neste confrangimento das excepcionaes faculdades de Herculano, para se acomodar a uma bitola que lhes andava muito inferior, o inconfundivel se dilue e se anula, até se justificarem duvidas, que só poderá apreciar quem directamente examinar o feito.

Maior, incomparavelmente maior do que o seu prevalecimento literario no jornal que fôra convidado a dirigir, era para Herculano a responsabilidade de executar o programa que lhe estava preceituado. É certo que, postos os olhos no seu modelo, a facilidade do director do *Panorama* em imitá-lo era tanto maior, que não tendo sido possivel habilitar gravadores — porque taes cousas não se improvisam — para corresponder a esta parte do programa da publicação com exemplares da arte nacional, necessario foi utilizar as gravuras do proprio *Penny-Magazine*, adquiridas por provavel transação com seus proprietarios. Assim, o escopo do jornal, em seu aspecto artistico-literario, achava-se invertido; não eram as gravuras que se abria, para acompanharem os artigos a que vinham destinadas; eram estes que se redigia, para justificar a escolha que se fazia d'aquelas. Nesta escolha, porem, a que devia corresponder materia acomodada á capacidade assimilavel dos leitores portugueses, que não era então igual, nem pelas faculdades da inteligencia, nem pelo grau da educação literaria, á dos que entendiam, lá em Inglaterra, o seu *Penny-Magazine*; nesta escolha, dizemos, e na de assuntos de concepção inteiramente portuguesa, que nacionalizassem o periodico, imprimindo-lhe cunho e caracter proprios, é que residia o grande problema do exito da patriotica empresa. Se a sua resolução, porem, não foi facil, como o testifica a «Introdução» com que abre o Segundo Volume do *Panorama*, a perspicaz penetração de quem se dedicara a fazer vingar a empresa, soube triunfar dos obstaculos, fazendo-a viver o tempo necessario ao seu completo destino, deixando saudosos os que até então a haviam acompanhado[1]. E tornar acessivel o conhecimento da Europa e do Mundo, acompanhado de noções geraes de Sciencias e Artes, a esta nação que, tendo devassado os confins da Africa e da Asia, estanciado

---

[1] «O officio que (*O Panorama*) acceitara e continuou com trabalho e constancia, tinha realisado o objecto principal que se propusera. Na hora mesmo em que se retirara da impreñsa, o gosto da leitura estava creado, e a saudade com que geralmente o viram desapparecer, era a prova mais lisonjeira d'isso».

Introdução ao volume IX do *Panorama* (1846 a 1852).

pela Oceania e dominado em tão grande parte da America, se achava reduzida a cuidar que Portugal se resumia nas suas tres mais nomeadas cidades, Coimbra, Porto e Lisboa, acabando o Mundo á foz do Tejo, foi a benemerita empresa que a Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis tomou a si, e conseguiu levar a termo, auxiliada pela vontade tenaz e perseverante do seu ilustre Colaborador.

Portanto, e por voltar ao motivo que suscitou esta breve, ainda que de todo não escusada digressão, expostos os factos taes quaes resultam de um exame consciencioso e demorado, fiamos que o *veredictum* de quem houver de julgar-nos nos dará razão, absolvendo-nos de hesitações. não tanto procedidas da falta de natural penetração, como da necessidade de fixar o nosso ulterior procedimento com a meticulosa consciencia que o caso pede.

É possivel, repetimos, que algum artigo, dos que pertençam ao Grande Escritor haja escapado á resenha, como possivel será que se dê o caso contrario, sendo lhe por nós atribuido algum que, de facto, não mereça tal honra. Contemporaneos ou porvindouros, cultores reverentes da memoria do Mestre, virão a resolver a dupla duvida, e não é já menor o nosso regosijo, pensando que assim poderá acontecer.

Como quer que venha a dar-se, eis a resenha dos artigos que temos por serem de Herculano, impressos no Volume Primeiro de:

O Panorama — 1837:

Maio 6. — N.º 1. — *Introducção.*

Justificando a empresa d'esta publicação, escreve Herculano, entre outros, os seguintes periodos, capitaes para a historia do *progresso* da educação literaria do nosso país, na primeira metade do seculo transcurso:

> «O nosso povo ignora immensas cousas que muito lhe importava conhecer, e esta falta de instrucção sente-se até nas classes, que, pela sua posição social, deviam ser illustradas. Entre os mesmos homens dados ás lettras, se acha falharem repetidas vezes, as noções elementares de tudo o que não é objecto do seu especial estudo, e a sciencia em Portugal está ainda longe de ter aquelle caracter de unidade, que ganha diariamente no meio das outras nações.
>
> Assim a Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis julgou dever seguir o exemplo dos paizes mais illustrados, fazendo publicar um jornal que derramasse uma instrucção variada, e que podesse aproveitar a todas as classes de cidadãos, accommodando-o ao estado de atrazo, em que ainda nos achamos. Esta nobre empreza será por certo louvada e protegida por todos aquelles, que amam deveras a civilização da sua patria.
>
> ....
> ....
>
> Sinceramente confessamos a nossa decadencia intellectual; com a gloria das armas morreu a nossa gloria litteraria. Sabemo-lo bem; nem para o saber careciamos dos insultos que muitos estranhos tem lançado sobre nossas cabeças por este motivo. Tal procedimento nos parece vilmente cruel. O estrangeiro, que se assentou á nossa mesa, que achou o somno do repouso debaixo do nosso tecto, vai para o seu paiz escarnecer dos males e da ignorancia que entre nós introduziram desventuras de tres seculos, e fazer do nome portuguez o baldão dos povos. Semelhante procedimento se pode comparar ao do homem abastado,

que recebido e acatado no tegurio do pobre, fosse depois na salla de seus banquetes motejar das estreitesas d'aquelle que o acolheu como irmão.

....
....

Entretanto estas affrontas não devem desanimar-nos ellas procedem em parte do nosso antigo renome, que ainda pesa no espirito dos estrangeiros. Anjos despenhados, procuremos subir outra vez ás alturas de que, não nós, mas sim torrentes de calamidades publicas nos precipitaram. Trabalhemos por nos instruir e melhorar nossos costumes, augmentando a civilisação nacional É esta a mais bella resposta, que podemos dar ás accusações dos estranhos: é esta a unica resposta digna do caracter generoso, que nossos avós nos herdaram, e que não acabou de todo atravez de tres seculos de decadencia.

Em ultimo logar diremos que talentos mais conspicuos, engenhos de mais vasta erudição, se poderiam ter encarregado da Redacção deste Jornal; porem, de certo, ninguem com melhores desejos de levar a cabo o virtuoso e patriotico proposito da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis».

A Architectura Gothica:

Indica o Autor ao governo e ás municipalidades a necessidade de se vigiar pela conservação dos monumentos que, neste tempo, nos restavam ainda da venerada arquitectura:

> «Á hora em que isto escrevemos, dizia, soam talvez as pancadas dos martellos, na antiga collegiada de Guimarães, onde se vão gastando largas sommas, para destruir em parte, em parte tornar monstruosa, uma das mais formosas obras da architectura nacional[1] ... Conservemos o que nos resta, e que, sobretudo nas provincias meridionaes do reino, ainda é bastante para aformosear o solo que nos deu o berço».

Circunscrito a muito mais resumidas proporções, este artigo repete, comtudo, queixa igual á que se lê, quanto á pessima orientação artistica, infelizmente dominante, na deturpação das antigas formas arquitectonicas coevas do berço da nossa nacionalidade, nos fragmentos do livro do Autor, em projecto, «*Scenas de Um Anno da Minha Vida*», a que fizemos larga referencia.

Após uma linha de separação, segue-se, como continuação do precedente, o que serve de ilustração á gravura *portuguesa*, que tem por titulo: «*Vista interior da Igreja do Carmo em Lisboa*; e se estampou no melhor da pag. 3.

Da Educação Physica:

Primeiro de uma serie destinada a desenvolver quantas considerações este grande tema da sciencia sociologica pode comportar, tratado tudo com a mais

---

Veja-se *Les Arts en Portugal* — Notas de Varnhagem, a pag. 413, *in fine*.

elevada intuição do seu objecto, ao mesmo passo que em termos simples, despretenciosos, persuasivamente atraentes, taes qúaes podem admirar-se, em suma, nesta verdadeira introdução á sciencia educativa da puericia, em que tão bem se espelham as grandes qualidades afectivas do Autor.

Historia Natural:

Considera as obras maravilhosas da natureza e preconiza o «exame dos phenomenos do Globo, e dos entes que o povoão».

Termina assentando em que não parecerá escusado que no sentido das considerações que tem expendido, «sejão inseridos na redacção deste Jornal artigos escolhidos sobre differentes individuos, e algumas generalidades dos tres reinos da naturesa» ilustrado tudo, quando o peça o caso, com «adequadas estampas».

Do Cargo de Almirante:

Historia a antiguidade d'este cargo, e nota os paises em que teve exercicio, incluindo Portugal.

Maio, 13.—N.º 2.— *Origens do theatro moderno.—Theatro portuguez até os fins do* XVI *seculo.*

Acha-se reeditado no tomo IX dos *Opusculos* (1907). É aí o 3.º dos 10 assuntos nele reunidos.

Biographia Litteraria:

Trata dos dois «Payva d'Andrade», tio e sobrinho.

Acaba neste artigo a pratica seguida por Herculano de formar em *oens* o plural dos nomes acabados em *ão*.

Parece ter sido o theatino D. Jeronimo Contador de Argote o gramatico introdutor d'esta nasal maneira de pluralizar os substantivos d'aquela terminação. Pelo menos, na 2.ª edição das suas *Regras da Lingua Portugueza*, publicada em 1725, isto é, quatro anos após a 1.ª, é que nós vimos o exemplo: —«*Botão*, muda-se-lhe a terminação em *oens*, e fica *botoens*». Posteriormente, outro gramatico de muito mais extensa nomeada, o tão reeditado Lobato (1771) preconizou igual doutrina.

Foi esta, por conseguinte, embora nem o Madureira, nem Soares Barbosa a aceitassem, a ortografia seguida por quantos por taes gramaticas aprenderam. O imperio de Lobato na instrução primaria foi incontrastavel, e dos que do facto deixaram prova impressa, acode-nos, neste momento, á memoria o negociante Jacome Ratton e o seu tão curioso livro, «*Recordaçoens*». Esta foi tambem a ortografia do douto João Pedro Ribeiro, e tal qual a patenteia um trecho de carta sua, a pag. 353 d'este volume, sendo o ortografar da Academia, que seguiu o autor da *Gramatica Philosophica*, seu consocio, que impediu se imprimissem nas obras que do ilustre Academico editorou, os pluraes dos nomes em *ão* como seu autor os formava.

Herculano, cursando a sua instrução primaria sob a influencia do Lobato, como ele indicou escrevia, e desde o seu projectado e nunca terminado livro *Scenas de Um Anno da Minha Vida*, até este artigo biografico, abundantemente o provou.

Assim, no *Archivo Historico Portuguez*, vol. VIII, pag. 87, entre outros, estes exemplos: «coraçoens», «maldiçoens», «expressoens», etc.

É de advertir, porem, que os seus artigos no *Repositorio Literario* escaparam à regra geral, acaso porque seu autor os não revia, uniformando-os, neste par-

ticular, o revisor do jornal com a ortografia de todo ele, que passou a ser a dominante, desde que o nasal imperio de Lobato acabou por fim.

Maio, 20. — N.º 3. — *Judeus em Portugal.*
Extenso artigo historiando a entrada e a permanencia d'esta raça, nas Hispanhas, e dando noticia das judiarias de Lisboa.

Papel e Pergaminho:

Discretea ácerca da antiguidade do uso do papel, da invenção do pergaminho e do seu emprego. Como complemento, a parte noticiosa a tal respeito, pelo que toca a Portugal.

Cortes Portuguezas:

Descreve o que foram em passadas epocas entre nós estas assembleas politicas, e faz a critica da instituição, acompanhado tudo de varios pormenores.

Maio, 27. — N.º 4. — *Sé de Lamego.* — Artigo escrito para acompanhar a estampa d'este edificio. Noticioso e interessante, distinguindo-se pela abundancia de informações historicas, repassadas do cunho de erudição que desde logo começaram a distinguir os escritos do Autor.

Origem da Typographia. — Typographia Portugueza:

Dois artigos, o d'este numero e o do n.º 21, referido a setembro, 23. Belos, trabalhosos e eruditissimos artigos, de que ainda hoje, se mostra quanto possivel apropositada a reimpressão, tão abundantes, tão caracteristicamente nacionaes se afirmam. A parte que diz respeito a Portugal, apreciavel pelos pormenores.

Junho, 3. — N.º 5. — *Instrucção popular.*
A Instrução nacional constituio, como já vimos, a estreia literaria de Alexandre Herculano. Este grave problema da nossa existencia social e politica mereceu sempre ao Grande Escritor e Grande Patriota a mais desvelada atenção, como iremos tendo ensejo de notar, á medida que estes modestos comentarios forem acompanhando a sua actividade literaria.
Advoga Herculano neste artigo a difusão da Instrução Primaria entre o povo e advoga-a contra os que mantinham opinião oposta, demonstrando com toda a candura da sua alma a necessidade e a utilidade de tal providencia ...
Como, porem, a sua infeliz sina foi a de não ser ouvido, venceram os que achavam melhor conservar o Povo mergulhado nas trevas do analfabetismo, para estarmos agora sofrendo as consequencias da *esperteza*; — o imperio d'esta ilustrada democracia, de que o sabio professor Sr. Adolfo Coelho deixa fotografadas as interessantissimas feições a pag. 47 e 48 do seu livro «*Alexandre Herculano e o Ensino Publico* — Lisboa, 1910».

Homero:

Este breve artigo é o primeiro de uma longa serie do mesmo genero, que Herculano foi entretecendo nas tão conceituosas paginas d'este semanario. Nele se evidenceiam os conhecimentos bio-bibliograficos e literarios do ilustre Articulista, numa epoca em que as noticias d'este genero não andavam, como agora, tão faceis de alcançar e de resumir, com a perfeição e acabamento de que hoje

são susceptiveis. Das versões da *Iliada*, aconselha o ilustre Articulista aos que entenderem o italiano, a de Monti, «o primeiro traductor que, em uma lingua do meio dia da Europa, soube mostrar-nos o que era Homero. Das traduções francesas, que conhecemos, —acrescenta — a melhor é de Bitaubé».

Junho, 10.—N.º 6.—Foi para o artigo *Roma*, que acompanha a gravura frontispicial d'este numero, que Herculano traduziu as estancias de *Childe-Harold* qne o epigrafam, e de que em seu lugar já fizemos a devida menção. O artigo, porem, que é de pouca substancia, e decalcado sobre *guias de viajantes* do tempo, incluido Chateaubriand, parece-nos, e bem cuidamos não nos enganar, obra de um dos dois colaboradores do director do jornal, que se terá encarregado de cerzir uns aos outros os diversos excertos que constituem o noticioso artigo.

Alem da gravura frontispicial, representando *Roma e o Tibre, do lado da Ponte de S. Angelo*, imprimiu-se neste numero outra gravura de iguaes dimensões ás d'aquela, reproduzindo a *Vista interior da Porta de S. Paulo*, com artigo em semelhantes condições ás do anterior.

É a seguir a estes que se lê o artigo de Herculano; este sim, intitulado:

Classe da antiga nobreza de Portugal. Ricos Homens, etc.:

Noticia dos diferentes graus d'esta especie de vaidade humana, chamados genericamente «dignidades», que existiram em Portugal, desde os remotissimos tempos da sua historia. Revelação dos aturados estudos do Autor, ácerca dos primordios da nossa existencia, como nação independente. A noticia abrange, alem dos Ricos-homens, e sua antiguidade, os Infanções, os Condes, Marqueses, Duques, Viscondes e Barões, até finalizar nas diferentes especies de «Vassallos».

Junho, 17.—N.º 7.— *Gallicismos.*

Artigo muito para ler ainda agora é este, pelas conceituosas reflexões que o opulentam, não menos do que pelas certissimas verdades que aponta.

Quanto aos alvitres apresentados pelo ilustre Articulista, para reconduzir a arte de escrever em português de lei á desejavel perfeição, algum ou alguns d'eles já andavam postos por pratica, mas a *industria literaria* não os tem deixado dar quanto podem, no tocante a seus excelentes frutos.

Quadros de Historia Portugueza:

É este um extenso trabalho de vulgarização, perfeitamente cabido nos intuitos que presidiram á criação do *Panorama*. Damos os titulos d'estes *Quadros*, pela ordem porque seu Autor os foi publicando. Nada mais acrescentamos, entendendo que bastará esta sucinta informação para, ainda hoje, lhes recomendar a leitura.

São os seguintes:

Junho, 17.—N.º 7.—I.—*Morte do Conde Andeiro e do Bispo de Lisboa.*
Agosto, 26.—N.º 17.—II.—*Tomada de Ormuz* (1507-1514).
Outubro, 7.—N.º 23.—III.—*Batalha de Alcacer-Kuibir.*

1838:

Janeiro, 13.—N.º 37.—IV.—*Motim em Lisboa* (1506).
Fevereiro, 10.—N.º 41.—V.—*Regencia do Infante D. Pedro—Batalha de Alfarrobeira* (1439-1449).

Junho, 23 e 30. — N.os 60 e 61. — VI. — *Conquista de Malaca* (1511).
Setembro, 8. — N.º 71. — VII. — *Morte de D. Leonor, Duqueza de Bragança* (1512).

1837:

Junho, 24. — N.º 8. — *Odivellas.*
Artigo frontispicial do numero, para o qual foi feita uma das raras gravuras portuguesas d'este Primeiro Volume, representando o enigmatico «*Monumento de Odivellas*».

Poesia:

Este é o artigo que precede a poesia «*O Cão do Louvre*», e foi transcrito na Primeira Parte da presente Revista, de pags. 366 a 368.

A Tarambola e o Crocodilo:

Breve, mas curiosa noticia da *amisade* que liga o crocodilo á ave d'aquele nome. Periodos curtos, orações bem travadas, este artiguinho, mixto de narrativa e descrição, pode bem ter sido trazido por Herculano, mas por ele vestido, de qualquer tratado de Historia Natural para as paginas do *Panorama*. Alem do seu *corte* geral que o acredita de tal procedencia, vê-se aí o emprego do muito classico verbo «*arreceiar*», que Herculano igualmente introduziu em uma das suas poesias; — *Deus,* e depois modificou, segundo se viu na Primeira Parte d'esta revista, comprazendo com a evolução a cujos efeitos tal verbo foi sujeito.

A Peça de Diu:

Acompanhado da gravura portuguesa correspondente ao titulo, segue este artigo, um tanto mais extenso do que o antecedente, e no qual alem do *corte,* ha o adverbio «porventura», muito conhecido *bordão* na escrita do Grande Historiador, duas vezes empregado.

Tambem Herculano, seguindo Barros e outros classicos, usou aqui e por bastantes vezes, do vocabulo «artilharia», maneira de escrever que em nossos dias foi objecto de duvida, a tanto chegou o abuso do galicismo «artilheria», «infanteria», etc.!

Educação Materna:

Uteis e salutares conselhos ás mães, para a criação e educação de seus filhos.

Vindo a tratar da instrução das crianças, logo que se acham em estado de começar a recebê-la, o Autor, que do grave problema da Instrução nacional fez sempre, como já tivemos ocasião de notar, um dos mais assiduos temas das suas graves cogitações, escreve estas tão singelas, quanto apropositadas linhas:

> «O que vem a ser instrucção? Vem a ser em summa os principios necessarios para em nós se desinvolverem as faculdades da reflexão; o seu alvo é guiar a nossa intelligencia até onde pode chegar. Difficil é,

diz Nicole[1], dar regras geraes ácerca da instrucção; porque é necessario proporciona-la aos diversos graus de luz e trevas, que variam segundo as diversas castas de entendimentos: podemos dizer, que, sendo a instrucção das creanças dependente sempre dos sentidos, importa, quanto fôr possivel, que se lhes ligue aos sentidos as licções que recebem, e que estas se lhes deem, não só d'ouvido, mas tambem de vista, porque nenhum sentido ha, que mais vivas impressões produza n'alma, ou que gere idéas mais claras e distinctas».

Artigo é este de que muitas mães não suspeitam a bondade, e que, todavia, tanto se lhes recomenda, quanto seria oportuno facilitar-lhes que o lessem.

Julho, 1.—N.º 9, continuado em os n.ºs 14 e 20.—*Os Primeiros Reis Portuguezes.—Antigas dissensões com Roma.*—Nestes tres numeros expõe o Autor sumariamente a materia da epigrafe. Esta narrativa pode considerar-se como o preludio de outra de maior folego:—*Cartas ácerca da Historia de Portugal,* de que em seu lugar se registará a publicação.

Tasso:

Noticia biografica, rematando-se por um periodo caracteristico, no qual se afirma a independencia de pensar de seu Autor, que poderá ter bosquejado as noticias da vida do poeta em quaesquer compendios do genero, mas que chegado ao momento de exprimir uma opinião propria, o faz por esta maneira:

«Um pedante italiano, e um versejador francez —Salviati e Boileau— procuraram offuscar a gloria de Tasso; mas ella será eterna: será, porventura, acima da de qualquer outro poeta; porque, em qualquer outro difficultosamente haverá tanta poesia, como a que brota da alma generosa do cantor de Godofredo: nem custoso nos fôra o prova-lo, se os limites d'este artigo no-lo permittissem».

Está aqui, todo inteiro, o autor do formoso estudo:—*Poesia:—Imitação, Belo, Unidade,* tres anos antes vindo a lume no *Repositorio Literario,* do Porto.

Julho, 29.—N.º 13.—*Paço de Sousa—Egas Moniz—Fr. João Alvares.* Fundação d'este mosteiro. Tradição que a atribue a Egas Moniz. Narrativa do generoso feito do leal aio de Afonso Henriques. Tumulo de Egas. Fr. João Alvares, reformador, a meados do XV seculo, das dissoluções e torpezas dos monges de Paço de Sousa. Luzes e letras d'este virtuoso varão.

Bibliografia.—*A Primavera—Poema do Sr. Castilho.*
Já trasladamos para estas paginas um trecho dos mais conceituosos que Herculano escreveu nesta breve noticia critico-bibliografica. Está impresso a pag. 461.

---

[1] O colaborador semi-jansenista de Arnauld na publicação intitulada *Logica de Port-Royal.*—*G. de B.*

Agosto, 5. — N.º 14. — *Damião de Goes.* — Noticia bio-bibliografica do celebre cronista manuelino; a primeira, talvez, na ordem cronologica, das que, depois do Renascimento Literario de Portugal, se escreveram entre nós.

Agosto, 12. — N.º 15. — *Aos Homens religiosos.*
Escrito de pura moral cristã; pedido

> «.. a todos os homens que ainda conservam a crença que seus pais lhes herdaram, que voltem a sua munificencia para objectos de caridade — a primeira virtude que recommenda o Evangelho; — que auxiliem os asylos da mendicidade; que sejam os pais e os amigos daquelles a quem ou a doença ou a idade impossibilitou de ganharem o sustento, e que a sociedade, por esse motivo, tem restricta obrigação de soccorrer e amparar».

É provavel que este pedido haja sido escrito a solicitações do benemerito Jacinto José Dias de Carvalho, o qual se andava por então empenhando — que bem pago foi! — na fundação do Asilo da Mendicidade, erecto no convento de Santo Antonio dos Capuchos.

É de ler-se o livro que a tal respeito aquele tão infeliz filantropo veio a publicar, intitulado *Microcosmo ou Mundo pequeno* — Lisboa, Imprensa Nacional, 1844.

Amoucos:

Artigo noticioso, ácerca d'esta casta de gente indiana, composto com passos de Diogo de Couto, Barros, Damião de Goes e P. Fernão Guerreiro, em suas *Relações anuaes das Missões.*

Setembro, 2. — N.º 18. — *A Suissa — O Cantão de Vaud, e a sua capital, Lausanna.*

Este artigo frontispicial do numero, feito para aproveitar uma gravura intitulada «*Vista de Lausanna*», e um dos diversos da mesma indole, que tanto abundam nas paginas do historico semanario, devidos, mais que certamente, á instruida pena de Herculano, foi pelo Grande Escritor disposto de modo a aproveitar o ensejo para se referir ao Tratado de Geografia que estava então publicando, no Porto, seu autor, o antigo colega do ilustre Articulista na redacção do *Repositorio Literario,* d'aquela cidade, Don José de Urcullu, tecendo-lhe os merecidos elogios, e declarando-o digno de favoravel acolhimento publico.

O artigo é extenso e abundante, como sempre, em pormenores locaes e historicos, proprios a satisfazer a curiosidade dos leitores d'este genero de amena literatura, e expostos como Herculano o sabia fazer.

Diogo de Couto.

Do breve artigo dedicado ao «grande historiador do imperio portuguez na India», trasladamos o juizo critico por Herculano lavrado, a respeito do estilo do autor das *Decadas,* tão competente continuador de João de Barros, para que se aprecie quão perfeito é, em sua modelar concisão, o paralelo entre os dois grandes mestres da nossa lingua, e da historia das nossas orientaes grandezas, feito por um escritor que dentro de alguns anos seus compatriotas veriam aspirar, com as mais bem fundadas pretenções, a preeminencia igual, pelo que respeita ás origens da patria nacionalidade:

> «Nas decadas — escreve Herculano — o estilo de Diogo de Couto é claro e corrente. Não tem, na verdade, aquelles arrojos de genio que

se encontram nas decadas de Barros, mas é porventura mais igual do que o delle. Quanto á disposição da historia, averiguação dos acontecimentos, descripção dos costumes e dos logares, leva Couto conhecida vantagem a Barros, cujos erros ás vezes emenda».

De quão bem conhecia Diogo de Couto deu Herculano prova, em 1841, referindo-se, no *Elogio Historico de Sebastião Xavier Botelho* ao «estylo e linguagem» d'este escritor.

Outubro, 7. — N.º 21. — *Ilha de Cós, ou Stancho.*
Um dos muitos artigos de literatura geografica, antiga e moderna, com que Herculano ilustrou as paginas do *Panorama,* o que tem esta epigrafe.
Como todos os outros, e o fizemos já notar, foi ele escrito para aproveitar a estampa, que originariamente terá pertencido, assim como tantas mais, ao *Penny-Magazine,* e não seria arriscado asseverar, em caso de duvida, que foi, de feito, redigido pelo ilustre Director do semanario português. Ha nele um traço que pertence á fraseologia pitoresca do Autor de tantos escritos humoristicos, em que não é dificil vê-lo repetido. — Referindo-se á recusa com que os turcos acolheram as propostas do engenheiro sueco, para desentupir o porto de Cós, no qual passam por se acharem sepultadas as riquezas dos venezianos, acrescenta Herculano: — «A este respeito contam muita patranha».
Turner, o infatigavel viajante inglês, que em 1815 visitou a Ilha de Cós, e que terá, por sua narrativa, na qual deu as medidas do enorme e afamado platano que ensombra toda a praça do mercado da cidade, originado a gravura que, a seu turno, Herculano comentou, aí é pelo ilustre Articulista citado, bem como o Dr. Clarke, outro observador competente do enorme vegetal. Para a geografia antiga, serviu-se Herculano dos autores venezianos do seculo XVII, bem como de outras obras da antiguidade classica. Tudo o que, para uma relativamente resumida noticia, supõe consideravel leitura, e numerosas notas. Facto é este que pode servir de denuncia do que foi preciso ao infatigavel Escritor compulsar e notar, para preencher todo este enorme repositorio de novidades para Portugal, que se chamou *O Panorama,* nos primeiros anos da sua existencia.

Novembro, 4. — N.º 27. — *O Minho Romantico* (1.º).
» 18. — N.º 29. — *O Minho na sua cultura* (2.º).
Volume Segundo.
1838. Maio, 12. — N.º 54. — *O Minho — Grandes povoações* (3.º)
Em todos estes tres belos artigos, subordinados á mesma epigrafe inicial, está Herculano todo inteiro, raciocinando e escrevendo por sua propria conta. Aqui, é Ele só que discorre, aqui, são d'Ele só as afirmativas, porque não carecia do testemunho alheio quem já vira o país abençoado que descreve, e os factos que narra, como nós o temos admirado tambem, e por igual os testemunhamos.
Estes tres artigos, ha setenta e seis anos estampados nas paginas do *Panorama,* se hoje aparecessem, d'ali transcritos, em qualquer publicação hodierna, sem hesitar os dirieis agora pensados, agora sentidos, em verdade só agora escritos; tão verazes, tão repassadas do cunho da mais flagrante actualidade se amostram as observações que os constituem! Alem de tudo isto, porem, o sentimento que estes tres escritos traduzem das belezas da natureza, profusamente espalhadas pelo encantador país que as gosa, vem a tal ponto repleto de um sopro de patriotismo tão seu inspirador, que toda a nossa gratidão é pouca para recompensar o almo prazer que em nós suscita a leitura d'estas formosas paginas, principalmente quando lembradas nos proprios logares que as ditaram.

1837. Novembro, 4. — N.º 27. — *Da Educação intelectual.*

É este artigo o desempenho do prometido no do n.º 8 — *Educação Materna.* Curioso, principalmente para o seu tempo, e instrutivo, ainda hoje estaria no caso de chamar a atenção de quem, sem ser profissional, se interesse pela educação intelectual da infancia. Pestalozzi, que ainda ha trinta anos tão celebrado e recomendado foi pela direcção da *Instrução Municipal Lisbonense,* aqui é lembrado neste artigo, com merecida justiça, e rigorosa verdade; ele e os seus tão atraentes quanto racionalissimos processos.

Novembro, 11. — N.º 28. — *Milicia da Edade Media.*

Aproveita Herculano tres gravuras de dimensões iguaes para um artigo de larga erudição militar antiga, socorrendo-se dos modelos de Montfaucon, no tocante á descrição do armamento de sarracenos e cristãos, e á historia da milicia cavaleira, de La-Curne-Sainte Palaye, da qual declara extrair breve noticia, no tocante á dignidade de cavaleiro, devendo aquela obra ser considerada fruto de consciencia pouco vulgar.

Vindo a tratar da milicia em Portugal, Herculano escreve o que directamente estudou do assunto nos monumentos nacionaes; explicando as armas, a maneira de as usar, e o seu emprego em batalha, composição da *hoste,* e seu comando. Veja-se na noticia dos artigos do II volume, o n.º 38.

Novembro, 18. — N.º 29. — *Gazetas — 1.º Gazetas dos Romanos.*

O intuito d'este artigo e dos subsequentes, expressa-o o Autor, nas seguintes linhas com que o começa:

> «O nosso intento no presente artigo é dar uma leve noticia da origem e progressos das publicações periodicas destinadas a generalizar o conhecimento dos acontecimentos publicos».

Esta «*leve noticia*» é um verdadeiro epitome de erudição.

Volume Segundo.

1838. Fevereiro, 3. — N.º 40. — *Gazetas das Nações Modernas.* — II.

Fixa a reaparição d'estes papeis, pelo meado do seculo XVI, em Veneza. Dá a etimologia do vocabulo. De manuscritas, passam as Gazetas a ser impressas no seio d'aquela mesma republica, onde tinham reaparecido, desde a sua extinção em Roma. Vulgarização das Gazetas. Sua proibição pela Santa Sé. A Inglaterra, a primeira a imitar a Italia, Literatura periodica em França desde 1632.

Março, 31. — N.º 48. — *Gazetas.* — III. — *Origem das Gazetas em Portugal.*

> «Apezar de todas as indagações que fizemos para descubrir gazetas portuguezas anteriores a 1640, não as podemos encontrar».

Assim se expressa o douto Articulista, após deixar lembrada a citação feita por João Pedro Ribeiro do decreto de 1642, proibindo os periodicos, *pela pouca verdade de muitos e estilo de todos.* Noticia da gazeta portuguesa mais antiga, vista pelo Autor (Novembro, 1641). Considerações ácerca do objecto das gazetas, e lembrança de varios papeis avulsos ou «relações volantes», anteriores á Restauração. *O Mercurio,* de Antonio de Sousa de Macedo. Pouco lisonjeira critica ao novo periodico, pelo padre Antonio Vieira. A *Gazeta de Lisboa,* mensal, semanal, diaria, emfim.

Cunha Rivara deu, não assinada, em o n.º 52 d'este semanario, noticia da colecção de Gazetas provindas do convento dos Capuchos do Bosque, em Borba, pertencente á Biblioteca Publica Eborense.

> «São 20 gazetas — escreve — a 1.ª de Novembro de 1641, e a ultima de Julho e Agosto de 1644. Esta coincidencia de identidade da 1.ª gazeta em uma e outra collecção corrobora a suspeita já vehemente, a que por varias razões foi levado o A. do artigo, de que fosse tambem a 1.ª que sahisse em Portugal».

É claro que o diligente bibliotecario eborense se referia ao artigo de Herculano, ao qual se propoz fazer este, aliás, muito delicado e modesto aditamento.

1837. Dezembro, 2. — N.º 31. — *Barbas e Barbear.*

Curioso artigo, repassado, como sempre, de erudição, tanto na parte historica geral do assunto, como na particular de Portugal. Não escapam da resenha as «barbas do clero», das quaes, «como as modas deste foram diversas das dos seculares, devemos fallar em separado». Por conseguinte, não fica esquecido o caso tetrico de Guilherme Duprat, bispo de Clermont, morto de paixão, por ter sido intimado pelos conegos da sua sé a rapar «uma das mais formosas barbas nunca vistas», de que era possuidor soberbo.

Nicolau Machiavello. — 1469-1527.

Neste artigo, que se pode dizer consagrado por Herculano á reabilitação do celebre secretario florentino, traça o Autor em resumido quadro a historia de Florença, entretecendo nelle a narrativa da vida pouco feliz do autor do *Principe.* Passa, em seguida, a rectificar alguns pouco benevolos juizos ácerca dos escritos d'este homem celebre, e termina, após ter analizado o seu estilo, em confronto com o de Montesquieu, por justificar Machiavello das acusações de doblez politica, e de artificiosa intriga, «que a maioria acredita sem averiguar seus fundamentos», e lhe foram feitas pelos que interessavam em pintá-lo como o prototipo da perversidade.

No fecho, recorda Herculano os nomes dos dois principaes antagonistas de Machiavello: Frederico de Prussia, que viria a ser o Grande Frederico, e o editor não menos grande do *Anti-Machiavello;* o Grande Voltaire.

> «Esta empreza de dois adversarios, tão illustres, conclue Herculano, deve apontar-se como uma brilhante homenagem tributada á superior reputação de Machiavello, e como o complemento de todas as vicissitudes a que as suas obras foram expostas».

Bibliografia. — *Manual Encyclopedico do Sr. E. A. Monteverde.*

Breve noticia da aparição d'este «*livro util*» que o *progresso* da nossa instrução primaria baniu das aulas infantis, nas quaes constituia o complemento natural do *Methodo Facillimo,* do mesmo conspicuo autor.

Dezembro, 16. — N.º 33. — *Crueldades para com os animaes.*

Admoestações benevolas do Autor aos pais de familia, para que reprimam suasoria e amigavelmeute as crueldades de seus filhos para com os animaes.

> «Parecerá isto a alguem de pouca monta, remata Herculano; mas desta parte da educação depende muito a humanidade ou deshumani-

dade das pessoas adultas; é na infancia que se adquire a maior porção dos habitos de toda a vida».

Isto era em 1837, quando não havia muitos e muito mais transcendentes problemas de *sociologia cidadã* a atender ...

Dezembro, 23. — N.º 34. — *Os Cemiterios.*

Considerações geraes ácerca do estabelecimento dos cemiterios, nomeadamente do dos *Prazeres,* e da contradição entre este nome, e o emprego do recinto que designa, «tão absurda, que tal denominação parece um escarneo, um epigramma insupportavel á cousa mais veneranda da terra; a jazida dos mortos».

Herculano manifesta o desejo que o povo nunca lhe dê tal nome. A administração municipal o baniu, com efeito da sua escrita, numerando todos os cemiterios, cabendo a este o n.º 2 ou «2.º». A denominação, porem, criou raizes na indiferença publica, e ha-de durar ainda por longo lapso de tempo, até que de todo se extinga.

Dezembro, 30. — N.º 35. — *Da Educação moral.*

É este artigo, tal qual o proprio Autor o declara, complemento do publicado em o n.º 27, intitulado *Da Educação intellectual,* como este fôra desempenho do que em o n.º 8 ficara prometido. Herculano começa por definir o objecto d'esta parte da educação dos individuos racionaes, mostrando como da sujeição dos costumes, que dimanam dos sentimentos, e se manifestam nas acções, depende o exito da educação moral. O desenvolvimento d'este tema protrai-se por um extenso artigo, no qual se consideram todas as faces do importante problema, e se ministram aos pais e aos educadores sensatíssimos conselhos, de cuja pratica dependerá o exito de uma educação racional, que por sua bondade facilite aos que a receberem «a futura felicidade da vida».

1838 — *Diario do Governo:*

Alexandre Herculano dirigiu a folha oficial do governo português desde 6 de janeiro até 1 de maio de 1838, e não de 1837, como, por lapso, decerto, de revisão, se lê no artigo d'este *Dicionario* que se refere ao Grande Escritor[1].

O numero de artigos seus, impressos neste lapso de tempo, foi de 25, aparecendo o 1.º (Programa da Redacção) em 8 de janeiro, e o ultimo no 1.º de maio. Um teve desdobramentos, de modo que a resenha total dá o seguinte *quadro:*

Programa do Redactor	1	25
Artigos doutrinarios	14	
Artigos de polemica jornalistica	5	
Artigos bibliograficos	3	
Artigos meramente noticiosos	2	
Desdobramentos de 1 artigo doutrinario		2
Total dos numeros do *Diario do Governo*		27

---

[1] No *Diario* de 6 de janeiro d'aquele ano, e no alto da 1.ª coluna, apareceu, com efeito, o seguinte Aviso:

«*De hoje em diante toda a correspondencia para esta Folha e mais documentos que nella devem ser inseridos, serão remettidos á travessa do Pombal, n.º 81*».

Isto é, o predio que tem agora o n.º 34 na Rua da Imprensa Nacional, e onde o Grande Historiador habitou com sua familia, desde a sua vinda para Lisboa, em 1836, até ir para Ajuda.

Os artigos que tratam da Instrução mostram-se absolutamente adaptaveis ás actuaes circunstancias, visto como, referindo-se «á magna questão da Instrucção Publica» e ao pouco que, ao tempo, se forcejava por melhorá-la e adiantá-la, Herculano estava, sem por tal dar, fazendo a cronica, neste capitulo sumo dos destinos da Nação, dos restantes setenta e dois anos subsequentes, ao passo que predizia tantos dos tristes factos que após eles se teem sucedido.

D'estes artigos, porem, assim como de todos os mais, damos as informações que passamos a apresentar ao leitor benigno.

Como tudo que vem d'aquele Grande Espirito merece ser conhecido, principiaremos esta revista pelo artigo-programa, a que aludimos, dando a razão porque o excepcionamos da conta geral, a par com outros de indole especial, mais ou menos extensa e utilmente noticiosa.

Nenhuma duvida que este artigo-programa, publicado em o n.º 7, correspondendo ao dia 8 de janeiro, tem verdadeira originalidade, até pela maneira porque busca emancipar o seu autor das obrigações que impendem ao director de um jornal politico, porque, neste tempo, o *Diario do Governo*, salva a parte oficial, tinha a liberdade, como qualquer outro jornal de partido, de fazer a politica que houvesse de convir a quem em tal secção tinha mando.

Deve supor-se, em vista do artigo de que se trata, que Herculano pôs suas condições a quem o convidou para a direcção d'esta parte do *Diario*, aliás o não veriamos, na mesma hora em que assumia as suas novas funções, como que incompatibilizar-se com elas. E é tambem muito de crer que as suas condições foram aceitas mais pelo desejo de conquistar-se para a direcção do periodico o nome já prestigioso do escritor, do que pela necessidade de entregar a redacção e direcção da folha a um politico, não facil, talvez, de encontrar, na emergencia.

Como quer que seja, o novo director da parte livre do *Diario do Governo*, querendo imprimir á sua gerencia uma feição exclusivamente doutrinaria, sob o ponto de vista dos verdadeiros interesses moraes da nação, e continuar assim a dar curso á abençoada ideia fixa que o dominara, desde o tempo em que, apenas terminada a campanha da Liberdade, ele perguntava no *Repositorio Literario* do Porto «qual era o estado da nossa litteratura, e qual seria o trilho que ella, dora ávante, teria que seguir», abalançou-se a dar curso em seu programa, ás mais inacreditaveis ilusões, ácerca dos destinos do jornalismo politico, geralmente considerado, declarando formalmente chegada ao ultimo termo a sua existencia!

Ouçamo-lo, porem, ainda quando não seja senão em extracto. Vamos ver o que é a escrita de um pensador de 28 anos, ... mal com a politica, por causa da patria; mal com a patria, por causa da politica.

> «Encarregados — começa — pelas pessoas a quem *isso*[1] incumbia da redacção do *Diario do Governo*, era de crêr que começassemos por fazer profissão de fé politica, e por annunciar de que cousas ou de que pessoas diriamos bem ou mal. Entretanto, se nada temos a dizer por esta parte, nem por isso ficamos desobrigados de declarar qual seja o objecto a que nos propozemos, acceitando esta empreza que, sem nós a pedirmos, nos foi confiada».

A declaração é formal, e o tom de caustica ironia que a caracteriza é de molde a não deixar duvidas, ácerca da benevolencia do publicista para com aquela que ele reduz ao ingrato mister de malsinante de pessoas e de cousas.

[1] Lembra-se o que observamos em nota 1, de pag. 509.

Em seguida historia:

«No principio da sua aparição, os diarios ou periodicos destinavam-se apenas a vulgarizar as noticias politicas do tempo, e tal foi a pratica de muitos annos. Foram-se, porém, carcomendo as monarchias, resurjiram os primitivos ideaes de liberdade, o espirito humano agitou-se na Europa, e rebentaram as revoluções. Novos interesses, opiniões novas que offendiam interesses e modos de pensar antigos originaram os bandos civis. Era preciso que as intelligencias se entrechocassem, que ás theorias se oppusessem outras theorias, e aos principios outros principios. Este combater começou nos livros, mas tal terreno era insufficiente, e a victoria não servia assim utilmente qualquer partido. Era o Povo que devia ser o juiz da grande lucta da renovação social; os combatentes procuraram, portanto, uma arena onde pudessem ser vistos das multidões. Tal arena encontraram-na no jornalismo. Após uma serie extensa de consequencias resultantes desta nova feição da Imprensa, chegou-se a este resultado; — que ventiladas as questões politicas relativas a cada país, esmiuçaram-se, debateram-se os actos dos governos, os actos dos empregados, os actos, emfim, dos individuos».

Nesta altura da magnifica exposição surge a conclusão verdadeiramente inesperada de taes premissas:

«Chegado a este ponto, escreve Herculano, o jornalismo atingiu o seu termo; chegara-se ao ponto de onde se partira». Ao ilustre Articulista, a missão do jornalista politico afigura-se-lhe acabada. Hoje, não crê que haja um caso novo em politica, uma acção de governo, ou de homem cidadão, que não tenha outra semelhante, discutida, reprovada ou defendida ha cinco, dez ou vinte anos em nosso, ou em alheio país. Os curiosos d'este genero de escritos podem prover-se de velhos jornaes, nacionaes e estrangeiros (e não farão biblioteca pouco desmesurada), e com bons indices, acharão facilmente a historia de cada um dos dias que vão actualmente correndo ...

Reduzida a cronica jornalistica a esta nova especie de *Arte de verificar as datas,* declara o autor d'este singular programa politico não ser seu empenho menoscabar os serviços da imprensa periodica.

«Ella os fez, e grandes. Anjo tutellar da Liberdade, oxalá o tivera sido sempre! Taes merecimentos, porém, não a salvarão da ruina. Tal qual num edificio material, os operarios se succedem uns aos outros, até elle se acabar, assim no melhoramento do genero humano, cada era trabalha consoante aprás aos destinos da Providencia.

Bella teria sido a epoca das grandes dissenções civis, se com ellas não houvessem medrado as paixões politicas, que, na fereza e crueldade, só pelos furores religiosos podem ser excedidos. Geralmente falando, a imprensa periodica de todos os paizes e de todos os partidos acha-se convertida em arma de gladiadores, e peior que isso, em sentina de corrupção».

O resultado de semelhante convencimento, para um caracter da tempera do do novo Director do *Diario do Governo,* é o despreso, e o asco; é o nojo, armado do açoute que fustiga os stigmatizados.

«Qual caracter publico, — pergunta — deixou ahi de ser, desde ha muito, salpicado de lodo? Que tem prestado serviços, virtudes, pa-

triotismo, para livrar de insultos, praticados por homens sem talento e sem probidade, que a fome, talvez, lançou na carreira de escriptores politicos?»

E ligando o facto á sua, por ele suposta, consequencia, conclue:

«Isto mesmo, porém, revela o termo do Jornalismo; isto mesmo prova que as fontes da vida se lhe esgotaram, e que elle atacado de cachexia, desvaira estonteado».

Passa Herculano a fazer o elogio do Jornalismo Literario, surgindo em 1829 do seio das procelas politicas que traziam enleiada a Europa nas contingencias das grandes crises, e apresentando, por meio da instrução popular, um benefico derivativo á geral anciedade.

«Hoje, conclue, os jornaes politicos nascem, morrem, e são substituidos, a bem dizer, n'um dia; os instructivos vivem vida perenne porque o amor da Liberdade aviventa o amor da instrucção, recompensando o publico amplamente os escritores que tão bem percebem as tendencias e necessidades da epoca».

Que se depreende de tal reviramento do gosto e predilecção publicos?

«Que a razão suprema do genero humano despojou o jornalismo politico do seu setro de ferro, para dar logar a auctoridade de bem fazer dos jornaes da instrução popular».

Agora, o remate d'esta sublime ilusão:

«Que pode fazer, escreve o candido Articulista, já tão ferido pela maldade dos homens, e ainda tão crente nas virtudes d'elles; — que pode fazer o jornalismo politico neste caso? Compor-se com o seu adversario; ceder á opinião publica; tomar a cruz branca da nova cruzada da civilização. As guerras politicas estão guerreadas pelo que respeita ás intelligencias (!). Deus lançará a sua espada na balança de quem tiver justiça.

Agora, resta alumiar o povo em tudo que lhe pode servir de utilidade, e os que combateram tyranias, não serão decerto os peiores soldados nas batalhas contra a ignorancia. Os periodicos politicos *tiveram* defeitos, mas serviram a humanidade, porque destruiram muitos abusos e despotismos; d'elles nasceram as publicações instructivas, e não é esta a menos util das suas obras.

Quando os diarios politicos queiram absolutamente conservar o seu caracter especial, muitos objectos de politica geral, economicos e administrativos, ha que darão materia aos discursos dos diaristas, sem que tal genero de escriptos offenda ninguem ... A historia contemporanea, o serem os jornaes archivos dos successos e dos actos dos governos e dos povos, tambem os deve contentar ... Este caminho nos parece o mais acertado para se haver de seguir; e é este o que seguiremos, quanto nossas apoucadas forças no-lo permittirem.

Hoje a polemica politica tem se tornado objecto de miras pessoaes, e até de indecencias. Mas a maior de todas seria que o principal Diario

portuguez entrasse neste pugilato vergonhoso, de que o vencido e o vencedor só colhem affronta e vituperio. Ninguem a isso nos obrigará, mas se tal se tentasse, alegremente deixariamos a missão, que, sem a minima diligencia nossa, encarregaram a uma penna tão debil como a nossa é».

Houve posteriores transigencias, e a irreductibilidade d'este *impolitico* programa fraquejou? É o que adiante viremos a ver. O caracter, porem, do improvisado escritor politico ficou definido, e se sucessivos desenganos lhe demonstraram a inanidade de seus vaticinios, fortuitas excepções á formal abstenção não destruiram o facto: — Herculano assim como não foi *politico*, tambem não poude nunca tragar a parte politica de que nos jornaes da especialidade se constitue o resfolegar dos partidos. — Por outras palavras: — a politica de Herculano foi o bem da Patria. Para trabalhar para ele, para o alcançar, o Grande Escritor não entendia só perfeitamente dispensavel a chamada *politica;* cria-a nociva e fatal, até, ao progredir e florescer da Patria.

N.º 11. — Motivado pela demissão que o governo espanhol d'esta epoca estava dando a diversos funcionarios civis e militares que lhe eram desafectos, publicara o *Eco del Comercio* um artigo que ao Director do *Diario do Governo* parecia ser verdadeiro epitome do estado e necessidades da Espanha, ao passo que encerrava judiciosos conselhos dignos de seguir-se, se se queria salvar o trono de Isabel e a liberdade d'aquele país.

Foi, pois, traduzido o artigo, e impresso neste numero em seguida a breve apresentação. É transparente o motivo. A sua doutrina, pelo que respeita á conveniencia que o articulista espanhol preconizava de cimentar a união entre toda a familia liberal, em vez de derramar entre ela as dissenções que o governo estava provocando, com seu arbitrario e anti-politico proceder, alentando assim as pretenções *carlistas,* quadrava perfeitamente á situação do nosso país, onde por tão reprovado modo se estava repetindo o que em Espanha se passava, com iguaes consequencias, a respeito do partido absolutista.

Recomendava portanto Herculano a todos os seus compatriotas «interessados no triumfo e seguro estabelecimento da Liberdade Constitucional» acudissem com quantos meios tivessem para a defensa de todos.

«Isto, acrescenta, por vermos andar-se espalhando que o gabinete actual queria dar mostras de si pela adopção de um systema reaccionario, que augmentando o desgosto em uma porção mui atendivel dos liberaes, os deixaria a todos expostos aos golpes dos inimigos. Os que se chamam ministeriaes, e assim aconselham aos ministros, não são, em nosso entender, leaes nem amigos dos ministros».

N.º 12. — *A Emigração para o Brazil:*

Após as mais judiciosas considerações, suscitadas pelo texto da lei brazileira de 11 de outubro de 1837, ácerca do «contrato de locação de serviços» (emigração), escreve Herculano:

> «Está demonstrado que o nosso país pode sustentar sete milhões de habitantes, e apenas contém tres milhões incompletos: entretanto a emigração portugueza para o Brasil parece indicar que a população é superabundante. As causas disto tem sido mil vezes ditas: as grandes povoações estão atulhadas, emquanto os campos estão desertos; e isto acontece porque a agricultura não offerece vantagens, não sendo possivel transportar aos grandes mercados os productos do solo. Se o Go-

verno tratar de abrir communicações para o interior do paiz, seja por estradas, seja por via de canaes, poderá usar de meios repressivos, ao menos indirectamente, para obviar á despovoação do reino. Feito isto, é preciso mostrar aos homens laboriosos que mais vale cultivar os immensos baldios que cobrem Portugal, do que ir rasgar o seio da terra estrangeira, e que mais de estimar é o ter o necessario na propria patria, do que o superfluo no desterro[1]».

A conclusão d'este artigo é que, sem se empregarem os meios verdadeiros de embaraçar a emigração, vãs seriam todas as providencias e todos os discursos, tendentes a demonstrar aos mal avindos com a fortuna, vendo na patria um prospecto de miseria, quão mal faziam em abandoná-la.
É a situação actual, sem tirar nem pôr.

N.º 14. — Este artigo, que não foi epigrafado, é o primeiro dos que Herculano publicou, tomando por objecto a Instrução Publica, nas paginas do *Diario do Governo*. Acha-se reproduzido no volume *Composições Varias*, publicado, sem data, pelas «Antigas Casas Aillaud e Bertrand, Aillaud, Alves, Bastos & C.ª, Editores — 73, Rua Garrett, 75, Lisboa», e é o 2.º dos que o compõem, tendo-lhe os compiladores do volume dado por epigrafe o objecto de que trata.

N.º 18. — *Asylos da Infancia*:

Pequeno artigo encomiastico da bela e filantropica Instituição, ainda agora vigente, e tão popular se tornou entre nós, sob o distintivo de «Sociedade das Casas de Asilo da Infancia Desvalida», contando á data tres anos de organizada.
O artigo foi escrito a proposito do Relatorio da Direcção d'este Instituto, relativo ao ano de 1837.
Notando que entre as subscrições da Familia Imperial e Real constantes d'aquele documento, se encontra uma «em Nome de Sua Magestade Imperial o Duque de Bragança, de Saudosa Memoria», escreve Herculano:

«Argumento de beneficencia é ainda o Nome do Homem Grande que por nossa desventura nos deixou tão cedo. Se Elle vivesse, Elle, o amigo do povo, seria o principal protector da infancia desgraçada; porque o Duque de Bragança era bom e virtuoso. Quantos, pois, contribuirem para o augmento das Casas de Asylo, mostrar-se-hão honradores da memoria d'Aquelle, que emquanto viveu, foi sempre generoso e pio».

N.º 24. — *Instrucção Primaria*:

Continua Herculano a tratar, como prometera no anterior artigo, da Instrução Publica Nacional, referindo-se ao «muito reprehensivel abandono, em que por tanto tempo se havia deixado a instrução primaria, attendendo-se tão sómente á superior».

---

[1] Aproximem-se estes periodos dos da I Carta do Autor a Carlos Bento da Silva, na parte que imediatamente se conjuga com este particular objecto, in «*A Emigração*» — *Opusculos*, tomo IV, pag. 105 a 118, da 1.ª edição. Ver-se-ha que a liberal maneira de pensar do eminente Escritor a tal respeito, em 1873, se conservou tal qual era já em 1838.

Tambem este artigo foi transcrito no livro *Composições Varias*, a seguir ao primeiro já mencionado.

Tanto estes dois, como o que se lhes segue, foram compreendidos no *Indice* do volume, sob o titulo generico: «*Instrucção Publica*», com quanto os dois ultimos conservem no texto os titulos com que seu Autor os epigrafou, e só ao primeiro, porque não houve titulo, corresponda o generico do «*Indice*».

N.º 30. — *Jurados*:

Acha-se transcrito este artigo no livro *Composições Varias*, a que nos temos referido, sendo o 5.º da coleccionação.

N.º 35. — *Instrucção Preparatoria*:

Este é o 4.º artigo dos que constituem o volume *Composições Varias*, e o 3.º compreendido sob o titulo generico: *Instrucção Publica*.

N.º 42. — *Bibliographia — Principios Geraes de Castrametação por F. J Barreiros — Lisboa 1838 — 1 vol. 8.º*:

> «É este um livro *em portuguez*, escreve Herculano, e portuguez por todos os titulos».

Descreve-lhe em seguida a economia, e recomenda o livro «áquelles a quem por sua profissão incumbe o estudo de similhantes materias».

N.º 44. — *O Baile da Assembleia Estrangeira, em Beneficio do Asylo da Mendicidade*:

> «Homens de differentes Nações, reunidos fraternalmente para tornar aprazivel o exercicio da humanidade e philantropia, é um espectaculo que merece as bençãos da Sociedade».

Tal se pode dizer que foi o tema, em torno ao qual Herculano reuniu uma serie de considerações historicas da mais elevada filosofia ... para recomendar este baile!

Distinguindo, por exemplo, os folgares dos antigos gentios das festas que o Cristianismo teve o abençoado condão de inspirar, escreve ainda o talentoso Articulista este formoso conceito que tanto caracteriza o pensador-poeta:

> «Os regozijos dos antigos excitavam o goso e os risos, memoravam o passado; mas nem enxugaram nunca uma lagrima, nem jamais pertenceram ao futuro. Tudo nelles se dirijia aos sentidos; nada ou pouco ao coração. Veiu o Christianismo, e derrubando tudo que lhe precedeu, depois de luctar com a barbaria e ignorancia e superstição, regenerou o mundo, gerou e educou a civilização moderna: a virtude se foi derramando; os costumes se adoçaram e poliram, e a humanidade se tem successivamente melhorado, digam o que quizerem os louvadores do passado».

E ligando toda esta serie de excelentes considerações, com as quaes só Ele teria arte de *enfeitar* um «reclamo», ao motivo que lh'os inspirou, termina ainda:

> «Os homens severos da antiguidade, os primeiros philosophos do Christianismo, não teriam invectivado contra os passatempos, se vissem que elles se convertiam em um meio suave de beneficencia.
> Quem ousará queixar-se de recreações decentes, quando a idéa primeira dellas fôr o melhorar a condição de desgraçados?
> Os espectaculos, as assembleas, as festas nacionaes, frequentes vezes vão procurar o mendigo no meio da sua miseria, o orpham no seu desamparo, o encarcerado na sua masmorra, para dividir com elles o praser dos felizes da terra, convertido em consolação de infelizes...
> Honra seja feita á classe media da capital, que mostra deste modo que a philantropia é virtude verdadeiramente portugueza. Documento será de que o espirito do Christianismo continua a conservar-se puro no meio de nós, ao passo que antigas superstições se desvanecem e morrem».

N.os 45, 51 e 58. — *A Pena de Morte.*

> «Se quereis legitimar a pena de morte, legitimai primeiro o suicidio».

Tal é o argumento sobre o qual Herculano fez repousar uma serie de ponderosas considerações tendentes a condenar a Pena de Morte, desenvolvidas em dois artigos impressos nos primeiros dois numeros supra apontados.

O *Nacional,* porem tachou de imprudentes, não só o articulista que tal opinião emitira, como o Governo, que lhe consentira o fazê la estampar no *Diario,* jornal oficial, onde se não devem publicar opiniões ou doutrinas que tolham de qualquer modo aos Poderes Publicos fazerem o que entendam em prol da Administração do Estado.

Responder ao *Nacional,* emancipando a independencia de opiniões do Director da parte *não oficial do Diario do Governo* da ingerencia do mesmo Governo, foi a materia do artigo do n.º 58. Os dois primeiros acham-se reproduzidos no tomo VIII dos *Opusculos,* onde são tambem os primeiros.

N.º 51. — *Bibliographia — Noções elementares de Economia Politica por Antonio de Oliveira Marreca, Opusculo que ha de servir de Compendio ás Pessoas que frequentarem o Curso de Economia Politica, fundado pela Associação Mercantil de Lisboa, e dirigido pelo Auctor. Lisboa. 1838: um vol. em 8.º portuguez de 136 pag.*

É a noticia elogiosa d'este livro, e de seu conspicuo autor, certamente, mas tambem é, e principalmente, o elogio da Associação benemerente que resolvera fundar este curso, e encarregá-lo ao eminente economista que devia ir professá-lo no Instituto que o Estado tivera em designio criar, mas que não fôra ávante.

> «Das varias Associações já existentes para varios fins importantes, e universalmente approvadas e applaudidas, — escrevia Herculano — uma das primeiras é sem nenhuma duvida a Associação Mercantil de Lisboa. Assidua nos seus trabalhos, resoluta em vontade, poderosa em forças, e cheia de luz de intelligencia, tem ella já excedido por suas obras e emprezas, o muito que desde o seu principio se augurou della: e quem sabe quanto ainda tem de nos valer em dias futuros!».

Um bonito capitulo, este, para a historia do comercio da Praça de Lisboa, se alguma vez houver quem, conhecendo-lhe a importancia, se resolver a escrevê-la.

N.º 66. — *Dos Extremos.*

«Quando um povo sobe na religião, a qual está n'um meio, como todas as cousas boas, até um extremo, qual é o fanatismo, torna-se feroz perseguidor, intolerante, irracional; quando da religião désce até o outro extremo, que é a incredulidade, apparece igualmente feroz, perseguidor, intolerante, irracional.

No primeiro caso queima os livros dos filosofos, e os filosofos; proscreve as artes e os prazeres; treme de tudo quanto á natureza pertence, até do seu proprio nome. No segundo caso extermina os homens do espirito e os livros da fé, desterra um systema completo de recreios moraes e populares, com que muitas idades se houveram por contentes e ricas; derriba todos os monumentos do passado, onde se estampasse algum caracter religioso, e assusta-se de tudo que lhe pode lembrar Deus ou alma. Lá devasta-se em nome do espirito, cá devasta-se em nome da materia: lá o archote, o picão e o açoute de ferro andavam na mão do sacerdote, cá andam nas mãos do filosofo; o sacerdote é o filosofo dos fanaticos; o atheu é o sacerdote dos incredulos».

Tal se exprime neste magnifico artigo, a tantos respeitos tão recomendavel, seu ilustre Autor, fazendo após o paralelo entre a religião e a politica, e pondo em relevo *os extremos* que nesta se dão tambem. De tudo tira, por fecho, a seguinte luminosa conclusão:

«Que deve portanto fazer um paiz quando possue a liberdade? Abraçar-se com ella, não querer nada mais, nem nada menos do que ella; porque o mais e o menos conduzem igualmente á escravidão; negar os ouvidos tanto a suggestões de absolutistas, como ás pomposas, lisonjeiras e traidoras frases dos aventureiros, tribunos de encruzilhadas e ciganos politicos que lêem a buenadicha ás nações.

....

Releiam isto os que são capazes de o entender, préguem-no, expliquem-no, embebam-no nos animos publicos, trabalhemos todos na felicidade alheia, que em politica é o unico modo de conseguir a propria».

Quão sensato conselho para os dias que vão correndo!

N.ºs 68, 70, 89, 93 e 98. — Todos os artigos d'estes numeros são de polemica politica travada com o *Nacional*, objecto que já sabemos quão pouco bem aceito era ao Director do *Diario do Governo*.

A organização ou não organização da Guarda Nacional era o assunto da polemica, nos ultimos numeros, como o fôra nos primeiros o não ter o Governo prevenido os movimentos revolucionarios do 13 d'este mês de março, em que o assunto se estava debatendo, e para o que o *Nacional* alvitrava medidas repressivas que só tinham o inconveniente de virem «*après coup*», sendo que o mais para que poderiam prestar, seria «para se tornarem victimas de desvaires alguns dos nossos valentes soldados».

N.º 79. — *Da Educação e Instrucção das Classes Laboriosas.*
Tambem este artigo faz parte da coleccionação dos que foram transcritos no volume *Composições Varias,* e nele é o 3.º, com menção especial no «*Indice*».

N.º 81 — Dando a este artigo, que não foi epigrafado, por motivo o juramento da nova Constituição que a Rainha aceitara, e se realizaria no dia seguinte, 4 de abril, que era tambem o do aniversario natalicio da Soberana, produzia Herculano as mais sensatas, mais conciliadoras e mais salutares considerações, no sentido de aconselhar seus concidadãos a depor «todo o *individualismo* ao pé do altar da paz e da felicidade publica».

«Dezoito annos de luctas — acrescentava — de mortes, de incendios, de devastações e de miserias, são bem largo curso de experiencia politica. — O povo está cançado, e cada qual deseja dormir uma noite tranquilla debaixo do tecto, ou rico ou pobre, que a fortuna lhe concedeu. Dirijam o leme do estado homens probos, justos, e intelligentes: haja uma representação nacional, que em harmonia com o throno, faça leis proveitosas; e siga, e emitta quem quizer as suas opiniões especiaes sobre as mais delicadas questões de instituições politicas: se o povo for bem governado e feliz, os mais exaggerados principios que se possam inculcar não farão mais mal do que hoje fazem as questões dos theologos.

Despotismo, *democracia,* absolutismo são instituições carcomidas que o seculo condemnou, e que *desabam* para sempre: o governo representativo, a monarchia moderada é a unica possivel, é a que sancciona a philosophia politica da nossa epocha.

Soberania *de povo,* soberania de reis, soberania de nobres, como direitos sobre cuja posse devam morrer milhares de homens, são apenas ridiculas disputas que se devem deixar a ociosos, ou antes a *mentecaptos.*

O que queremos é não ser servos: queremos respeito á nossa propriedade, liberdade em tudo aquillo que a lei nos não prohibe; queremos paz e pão; livremo-nos do despotismo de um individuo, *e do ainda mais tremendo despotismo da relé.* Demos documento á Europa de que somos dignos da Liberdade».

N.º 83. — *Impostos.*
Artigo acentuadamente doutrinario, reconhecendo por «dever dos escriptores publicos illustrar o povo, em vez de entre elle excitarem dissenções e odios».
Passa depois a definir as atribuições do Governo; assegurar as pessoas e as propriedades contra a violencia e a fraude. De onde, a necessidade do exercito de terra e mar, magistratura e mais funcionarios publicos; despesas todas estas que o povo, interessado na sua aplicação, tem de pagar. São pois os impostos «o preço que pagamos para sermos governados e protegidos».
Havia, comtudo, já então, como ha ainda agora, apesar de muito mais largo alumiamento, como, provavelmente, haverá ainda por essas idades em fora, quem não entenda, ou não queira entender um raciocinio de sua natureza tão simples. Assim, o resto do artigo é destinado a demonstrar aos que estão de boa fé na falta de compreensão a necessidade dos *Impostos;* aos que resistem ao «*fiant aures tuae intendentes*», quanto importa que venham a melhor conselho. Outro recurso se não oferece, na verdade, qualquer que seja o feitio de governarem-se as sociedades politicas, senão o pagar-se a quem para nós trabalha, seja de que modo for.

N.º 86. — *Politica de acalmação.*
Este artigo é do dia 9 de abril de 1838. Não foi epigrafado. Pode, porem, considerar-se de «politica de acalmação», dando o ilustre Articulista para exemplo das lutas partidarias, e do modo de as resolver, o que se passa em Inglaterra, «nesse paiz modelo de todos os paizes livres».

> «O que derruba os governos e as instituições — escreve ainda Herculano — não é a opposição nas municipalidades, nas eleições e na tribuna, quando esse governo ou essas instituições são de proveito commum. Quem derruba os governos, ainda os melhores, são as conspirações e as revoltas violentas, que nascem de opiniões comprimidas... Deixai a todos esses bandos a esperança de vir ao poder por meios ordinarios, que elles nunca recorrerão aos extraordinarios e violentos».

As lutas legaes que o ilustre Articulista define, é que formam a vida das sociedades livres.

> «Destas, conclue, colhe a nação resultados beneficos, emquanto das revoluções só tira males difficilimos de curar».

N.º 91. — *Bibliographia. — Ivanhoe — Novella de Walter-Scott, traduzida pelo Sr. A. J. Ramalho e Sousa — 4 vol.*
É um elogio — muito merecido aliás — da tradução supra indicada, e que se repetirá ainda, a respeito de outras da mesma vernacula e bem aparada pena, em que seu autor se houve com a costumada consciencia, verdade e gosto que o distinguiram neste genero de literatura.

N.º 99. — *A Imprensa.*
Formidavel libelo, o que neste artigo se contem, não contra a *Imprensa*, «o maior facto da sociedade moderna, a maior epoca da Historia Universal, a revolução mãi, a revolução das revoluções, a revolução por excellencia», mas contra os derrancados que abusam d'ela.
Estes eram os setembristas exaltados, que atacavam desbragadamente o nobre Articulista, no sentir do seu segundo legatario e editor, conforme se lê em nota [1], no final da transcrição d'este violento artigo, no tomo VIII dos *Opusculos*, onde é o 2.º da colleccionação.

N.º 102. — *A Mocidade e as Leis.*
Ia tratar-se de eleições. A ambição precoce de uma mocidade sem experiencia e sem luzes dos negocios publicos, só munida «de theorias brilhantes, sempre relativas, e por consequencia incertas», solicitava o favor da urna, enganando-se a si, e perdendo os eleitores. Essa mocidade era a que tal ancia punha

> «em deitar por terra as paredes escaliçadas. e as traves podres do velho edificio politico, que nenhum outro geito nem habilidade lhe ficara senão para demolir. Instituições, leis, systemas erguem-se e desfazem-se como se houvessem passado os tempos por cima delles. A hydrophobia, ou raiva das mudanças parece epidemica, e similhante a cholera. Vamos amontoando ruinas sobre ruinas, e somos mais desvairados do que os edificadores de Babel: aquelles commettiam uma obra insensata, mas para a perpetuidade; nós, sem nos importar se o que fazemos é bom ou mau, fazemo-lo só para o derrubar no outro dia».

Espelho ...

O Panorama — 1838 — Vol. II:

Janeiro, 6[1]. — N.º 36. — *Aos Assignantes.*

Proemio, no qual Herculano expõe como, encarregado pela Sociedade editora do *Panorama* de redigir este jornal, fazendo descer a literatura e a sciencia ao nivel das inteligencias comuns, procurara desempenhar-se, tratando de conhecer previamente o que «o espirito do povo comportava de alimento intellectual; qual o estado, em suma, e as tendencias da civilisação entre nós».

A experiencia só, e o conselho de pessoas prudentes e judiciosas poderiam satisfazer a este duplo fim, provindo d'aqui que os primeiros *oito* mezes do *Panorama* foram em grande parte consumidos em tentativas. O sistema de redacção está emfim compreendido, e a nova disposição do jornal, lisonjeava-se o seu Redactor que satisfaria os desejos de toda a sorte de leitores.

Passa Herculano a explicar como foi preciso ir modificando a marcha do *Panorama*, que, de principio, se cuidara poder pautar pelos mesmos processos do *Penny-Magazine*, seu modelo, mas a que as circunstancias diversissimas dos dois paises, Portugal e Inglaterra, imprimiam feições diferentes. Diverso devia ser, pois, o modo de tratar a *literatura popular* das duas nações, visto como sendo o ler uma necessidade intellectual em Inglaterra[2], em França e na Allemanha, em Portugal não passa de um prazer, quando menos de um desfastio, e tal seria, portanto, a feição com que se deveriam apresentar as diligencias para instruir o povo.

Segue-se o exame das diferentes classes em que ha que dividir os leitores dos jornaes populares; — a dos poucos que só pretendem instrução, a dos que pretendem instruir-se, recreando-se, e são estes os mais numerosos, os que só na leitura buscam passatempo para matar o tedio, e aos quaes cousas singelas, claras, comuns ou frivolas poderão agradar.

Considerando d'este modo o publico, para quem haveria de escrever-se, o problema do como o *Panorama* deveria ser disposto ficava resolvido.

Desenvolvia, pois, Herculano o novo programa economico do jornal, a par com o seu novo sistema de redacção, acompanhando tudo com sensatissimas reflexões, ácerca das deficiencias da instrução primaria popular, fazendo sentir a diferença enorme, já então patente, entre esta e sua irmã mais moça, a instrução superior, da qual tanto se pretendia aprimorar as formas, que hoje a vestiam á inglesa, amanhã á francesa, e tanto a amimavam e alindavam, que iam até convertê-la em dançarina de companhia de funambulos.

> «Se taes carinhos, concluia Herculano, escrevendo este seu tão bem pensado Proemio, se repartissem entre as duas irmãs; se dessem ao povo os rudimentos geraes da instrucção, antes de lhe ensinar sciencias, parece-nos que a civilisação caminharia em Portugal melhor, e não aconteceria, como lhe tinha succedido, encontrar doutores que suppusessem o Baltico um rio, ou medissem o mais estenso tempo gasto nas viagens do Brazil para Lisboa, regulando-se pela forçosa razão de que *para lá, desce-se, e para cá sobe-se*».

Remata-se este Proemio com breves explicações ácerca da parte material da publicação, eriçada de dificuldades, que a Sociedade dentro em pouco teria modo de debelar.

---

[1] Por lapso tipografico, estampou-se «Janeiro 6, 1837».

[2] De uma estatistica de toda a confiança que temos presente, a do *Haydn's Dictionary Dates* — London, 1906, resulta que em todo Reino Unido de Grã-Bretanha e Irlanda, o numero de publicações periodicas de toda a especie, quer exclusivamente literarias, quer especiaes, scientificas, artisticas e industriaes, era, em 1903, de 2531. Tanto se teem encarregado o Tempo e o Progresso que o acompanha de corroborar, só para este país que seja, o asserto do Grande Escritor!

Segunda Parte da Memoria Estatistica sobre os dominios portuguezes na Africa oriental, pelo Sr. S. X. Botelho:

É uma rapida apreciação do «Appendice» á *Memoria Estatistica* supra memorada, mostrando como seu autor redarguiu á critica depreciadora da *Edinburg-Review*, «provando, com auctoridades inglezas a inglezes o seu dicto... menoscabando insultos para responder a cousas».

> «Em quanto nós tivermos — remata — escriptores como o Sr. Botelho, poderemos dizer que a nossa litteratura ainda não está morta».

Herculano foi grande admirador do talento scientifico e literario de Xavier Botelho, e em mais de um passo de seus escritos, nomeadamente no *Elogio* d'este Membro do Conservatorio Real de Lisboa, o mostrou, como já lembramos, e voltaremos a lembrar.

Esclareçamos que o nome completo do autor do livro de que se trata, foi Sebastião José Xavier Botelho, que Inocencio não deu inteiro.

Janeiro, 6. — N.º 37. — *Convento da Pena em Cintra.*

Noticia breve d'este cenobio, a que foi dada por epigrafe a estancia em que Byron alude ao mosteiro e aos monges que o habitavam. Assim como já registamos esta estancia como sendo vertida por Herculano — e o não seria, quem no-lo dirá? — assim registamos agora a rapida descrição que forma o artigo, a qual justamente no passo que nos poderia fazer crer saído da pena do modelar Escritor, nos suscita duvidas sobre a sua procedencia. Meira, que manejava superiormente o inglês, e traduziu para o *Panorama* as cartas de Lord Beckford, bem pode ter traduzido a estancia byroniana, sendo que tinha letras bastantes para poder redigir tambem o artigo de que se trata. — Já recordamos de quanta utilidade foram para o Director d'este semanario os merecimentos reaes de seu futuro cunhado.

A frase que gerou as duvidas, e bem pode passar por um *anglicismo*, vae incluida em italico no seguinte periodo:

> «O que porém ha mais admiravel nesta solidão, visinha do ceu, é a saudade de seus horisontes, e o quadro magnifico que descobre aquelle que *toma o trabalho* de subir a tão descompassada eminencia».

Twiss, o viajante inglês que bem pouco afectuosamente, aliás, escreveu ácerca de Portugal, bem poderá ter estado aberto nesta ocasião deante do articulista, tanto mais que ele o cita logo a seguir ao periodo que acabamos de transcrever. Quere-nos parecer — ou muito nos enganaremos — que se fosse Herculano tal articulista, não haveria aqui *anglicismo* algum.

O Egoismo:

> «Esta palavra — escreve Herculano, — de que nos servimos para representar aquelle sentimento intimo que nos faz pospor todas as considerações do bem ou mal alheio para só attendermos ao nosso proveito individual, tomamo-la dos francezes, porque o vocabulo faltava na lingua, posto que o sentimento não faltasse nos corações. É o egoismo a principal das nossas paixões pessoaes: é uma doença desgraçadamente communissima, que offende muitas vezes os interesses sociaes, e que se tem manifestado por diversas maneiras em todas as epochas da civilização».

Janeiro, 20. — N.º 38. — *Milicia da Edade Media.* — 2.º

Declarara Herculano (como agora o recorda, ao começar o artigo d'esta epigrafe) em o n.º 28 do anterior volume, ser «impossivel pôr naquelle logar tudo que havia a dizer sobre materia tão vasta, e que bastaria para encher um arrasoado volume». Pedindo lhe varias pessoas voltasse a perlustrar o assunto, assim o fará agora, começando por falar das fortalezas e castelos, e sobre o modo de as tomar e defender.

A este proposito, pois, descreve o Mestre o modo que se tinha no assaltar qualquer castelo, e os engenhos que para tal efeito se empregavam. Vem em seguida a falar das minas, e das cavas, e como se procurava inutilizá-las como meio de defesa dos assediados. Trata depois «da invenção daquillo a que hoje damos exclusivamente o nome de artilharia», e passam em revista os *trons*, as bombardas, etc.

Cervantes:

Biografia do famoso escritor que entra a seu turno na galaria por Herculano dedicada aos espiritos de eleição, os quaes, pelas manifestações do genio que os animou, bem mereceram a imortalidade na Historia.

Fevereiro, 24. — N.º 43. — *Chronologia.* — I.

Os artigos escritos por Herculano sobre este assunto são 6. Começam na presente data e volume, e acabam, ou, pelo menos, não se continuam a partir do VI; isto é, desde o n.º 125 do volume III, correspondendo a 21 de setembro de 1839. Este artigo vem já assinado «A. H.», e manda ver o anterior. A ordem da publicação é a seguinte:

N.º 53 — II — Maio. 5 — 1838.
N.º 67 — III — Agosto, 11 — 1838.
N.º 83 — IV — Dezembro, 1 — 1838.
N.º 110 — V — Junho, 8 — 1839.
N.º 125 — VI — Setembro, 21 — 1839. (Assinado «*A. H.*»).

Março, 3. — N.º 44. — *Ordens Monasticas nos tempos antigos.*

Serie de apontamentos ácerca do pouco edificante proceder monacal dos dois sexos, durante os seculos XV e XVI.

Março, 17. — N.º 46. — *As Cruzadas.*

Idéa resumida da historia d'estas celebres invasões da Europa na Asia, desde Pedro Eremita até S. Luis, rei de França (1096 a 1250).

Casa dos Mortos:

Noticia dos necroterios alemães, naquele país chamados *Casas Mortuarias*. A tal proposito, já Herculano escrevia:

> «Seria conveniente, ou antes necessario que em todos os paizes se seguisse tão bom exemplo, com que se preveniriam muitos casos desgraçados que se ignoram, porque é a terra quem os encobre».

Que de batalhas, para se chegar a conseguir, emfim, a ... «*Morgue*» (sic) em Lisboa!

Março, 24. — N.º 47. — *Oliverio Cromwell.*
Pagina da historia da Inglaterra, em que o Autor incrusta a biografia pessoal e politica do «Protector». Nada de pessoal do futuro historiador, alem do seu estilo d'esta epoca. Entra nesta resenha, para não truncar a serie de biografias escritas pelo Autor.

O Castello de Faria — Chronica do 14.º seculo :

Esta narrativa historica foi transcrita no tomo I de *Lendas e Narrativas,* sendo ai o 3.º dos assuntos que formam o volume.

Abril, 7. — N.º 49. — *Jerusalem — O Santo Sepulchro.*
Artigo frontispicial, para acompanhar a pequena gravura d'este numero, portuguesa, e datada d'este mesmo ano, posto seja possivel ter sido ideada tendo alguma outra inglesa á vista [1]. Do mesmo modo, datada de 1838, e assinada «Portuguez», é a outra ainda mais pequena gravura que remata o artigo. Este é uma larga exposição cronologico-historica, rematando-se com um trecho da *Viagem á Terra Santa,* de Lamartine, livro que rasgou novos horizontes á geral curiosidade e criou na Europa o gosto, que chegou a ser paixão, pelas viagens ao Oriente [2].

O Christianismo :

> «O caracter estampado na frente do seculo actual é o individualismo, ou, mais claro, o egoismo».

Tal é o começo d'este magnifico artigo, em que o Grande Pensador, Grande Politico (no bom sentido d'este vocabulo) e Grande Filosofo, que se chamou Alexandre Herculano, entronizando o Evangelho :

> «nas vesperas da semana, em que o catholicismo celebra a mais augusta das suas pompas, em que o seu culto ostenta a primazia entre todos os cultos das outras communhões christaãs, — declara julgar — poder alevantar a voz em favor da religião, que tão esquecida anda em o nosso Portugal.
>
> Respeitando todas as opiniões — acrescenta —, trouxemos a lume a nossa convicção ; fallamos em nome da moral publica, em nome da humanidade, e em proveito da Patria. Não nos farão córar os motejos daquelles por quem se pode dizer o que Jesu-Christo dizia dos que o cobriam de affrontas : *Perdoae-lhes, Pae, porque não sabem o que fazem*».

Este artigo é o mesmo que o Redactor do *Mosaico* trasladou para as paginas do vol. II d'aquele semanario (1840), precedendo a poesia do mesmo Autor — *A Tempestade,* conforme já no logar proprio deixamos notado, tratando d'aquela poesia.

---

[1] Temos em nossa mais que modesta colecção artefacto artistico d'esta procedencia que bem justifica a presunção.
[2] *Souvenirs, Impressions, Pensées e Paysages pendant un voyage en Orient, ou notes d'un voyageur.* — Paris, 1835.

O «coordenador» das materias que constituem o livro *Composições Varias de A. Herculano.* — Lisboa — s. d. não o incluiu a par dos que, sob titulo igual, o Grande Escritor publicou tambem no *Panorama*, nos anos de 1839 e 1843, e foram reproduzidos no mencionado volume, como oportunamente se notará.

Fr. Thomé de Jesus:

Noticia biografica d'este celebre escritor, e de sua piedosa dedicação por seus compatriotas, como ele cativos após Alcacer-Kebir, seguida da do seu admiravel livro *Trabalhos de Jesus*, edições que teve, e traduções que d'ele se fizeram em varios idiomas estrangeiros, e tambem na lingua latina.

Breve Idéa da Milicia Grega e Romana:

Pequeno artigo erudito, respondendo á epigrafe. Organização dos respectivos exercitos e seus comandos. Maquinas de guerra por uns e por outros usadas.

Abril, 21 e Maio, 5. — N.os 51 e 53. — *Novellas de Cavallaria Portuguezas* — I — *Amadis de Gaula.* Faz parte, com o artigo *Novellas do seculo* XV, que registaremos no volume IV (1840), da materia compilada no tomo IX dos *Opusculos* — *Litteratura* — tomo I.

Abril, 21. — N.º 51. — *Armas de Fogo.*
Pretexto para a impressão de uma nota de 18 fabricantes de canos de espingardas, todos portugueses, que marcavam com seus apelidos, ou por simples iniciaes estes artefactos de sua especial industria, e que tendo adquirido credito em seu tempo, passaram á posteridade reputados artistas de fama. Estes 18 fabricantes floresceram em diversas terras do país, e é possivel que algum curioso da especialidade haja oferecido ao Autor a nota que ele aproveitou com a costumada proficiencia.

Abril, 28. — N.º 52. — Bibliografia — *Ivanhoe traduzido em vulgar.*
Breve noticia de duas traduções d'este bem conhecido romance de Walter-Scott, uma de Paris, outra de Lisboa. O Autor prefere esta, e diz porquê.

Lithographia:

Definição, historia e progressos d'esta arte. O como, parecendo condenada, a Litografia vingou.

Maio, 12. — N.º 54. — *Origem da Inquisição em Portugal.*
Conta a fabula por muitos anos entre nós acreditada, do falso Nuncio que teria estabelecido a Inquisição em Portugal, ludibriando o fanatico D. João III. Conta depois como o tenebroso Tribunal se introduziu primeiro e se radicou após. Deviam decorrer ainda dezeseis anos mais, para que aparecesse o I volume da *Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal*, esse livro que rememora «um dos factos e uma das epochas mais celebres da historia patria; facto e epocha em que a tyrannia, o fanatismo, a hypocrisia e a corrupção nos apparecem na sua natural hediondez».

Maio, 19. — N.º 55. — *Vasos Etruscos.*
Para aproveitar uma gravurinha, decerto não portuguesa, mas tambem não destituida de mimo e de graça, representando os artefactos ceramicos cuja desi-

gnação se lê na epigrafe supra, escreveu Herculano o 4.º dos artigos d'este numero, contendo materia apropriada ao assunto.

Posto que tal artigo seja breve, e não passe de uma simples noticia do emprego dado, na antiguidade, a estes artefactos, dos quaes os mais perfeitos e formosos procedentes da Etruria, de onde, a denominação que lhes foi dada, quando começaram a aparecer modernamente, e não havendo em todo o artigo nada de *pessoal* do Mestre, alem do exemplar asseio e cunho proprios da sua escrita, predicados que distinguem muitos outros d'este genero, esparsos por todo o enorme repositorio que se chama *O Panorama*, por nós não apontados, por nos faltar a certeza de que hajam realmente saido da sua pena, e não da de qualquer de seus dois já lembrados colaboradores, que natural será o hajam tomado por modelo, incluimos o presente em nossa Revista, porque em nota de pag. 333, tratando *Das Sepulturas*, recomenda Herculano «o que dissemos sobre vasos etruscos em o n.º 55» a proposito «da figura redonda das urnas cinerarias».

Maio, 26. — N.º 56. — *Alby — Sé d'Alby — Albigenses.* — I.

Geografia historica. Antiguidade da primeira Sé d'esta cidade. Historia da sua segunda catedral; seu aspecto externo; severidade do seu estilo, — Alby, sede de uma seita famosa, que os fanaticos, impulsionados pela côrte de Roma, perseguiram até o exterminio. Inocencio III e Raimundo, conde de Tolosa; triste situação d'este, obrigado a exterminar em seus estados os infelizes que a Inquisição de Narbona declarava *herejes*. Primeira cruzada contra os albigenses.

Idéa da Historia Antiga. — 1.º

Este estudo que tem continuação em o n.º 79, de novembro, 3, onde trata da Grecia, ficando ai interrompido, é, como o titulo ou epigrafe o está indicando, um breve epitome de Historia Universal. Não se devem os escritos d'esta indole, aqui publicados pelo Autor, bem como todos os mais em identicas circunstancias, considerar senão como tentativas de vulgarização, pensadas e arquitectadas para aquele numero restrito de leitores de então, que mais presumivelmente se interessariam por semelhantes materias. Sob este restrito ponto de vista, porem, ainda ha a considerar, como neste e no seguinte artigos, a linguagem castiça e ao mesmo tempo sobria, digna de ser, ainda agora, imitada por quem tenha iguaes intuitos. Não será menos de admirar decerto como em tão sucintos quadros o Autor consegue dar uma idea precisa, conceituosa e breve do que foram os diversos povos da antiguidade que vae passando em rapida revista.

Junho, 2. — N.º 57. — *A Torre Maravilhosa.*

Dá o Autor neste pequeno artigo, «para dispertar a curiosidade dos leitores sobre um ramo de litteratura tão digno de attenção, e que apenas soube aproveitar em parte o Sr. Garrett», a noticia da ficção tradicional toledana da «Torre Maravilhosa». A alusão ao traidor conde Julião, que é o corolario da lenda, e á batalha de Guadalete, que abriu aos mouros o caminho da Hespanha, formam o remate do interessante artigo.

Junho, 9. — N.º 58. — *Albigenses.* — II.

Continuação do artigo antecedente, segundo o compromisso do Autor, ao encerrá-lo, este segundo destina-se a descrever as causas e motivos da famosa e sacrilega cruzada, que antes, no pensar do implacavel Inocencio se aplicava a esmagar Raimundo, do que a extinguir os *herejes*. Submissão do conde de Tolosa; doblez do Papa. Episodios da cruzada, até completo exterminio dos miseros contra quem foi pregada e ferozmente executada.

Junho, 16 e agosto, 18. — N.os 59 e 68. — *Moedas Portuguezas* (O primeiro dos dois não foi numerado).

Este e o subsequente artigo, sob o numero II, versando igual materia, poderão, acaso, considerar-se como as premissas dos estudos do Autor a tal respeito, complementares das tenções que já então começariam a germinar em seu espirito, de dar um objecto definido e persistente á sua actividade intelectual, ocupando-se da historia do seu país, e por conseguinte de quanto com ela contende.

Se alguma duvida se oferecesse de que estes artigos sairam da pena de Herculano, o Autor seria o proprio a desfazê-la, visto como a pag. 305 do vol. III, serie 2.ª d'este semanario (VIII da colecção) voltando o Grande Escritor a tratar da mesma materia, em artigo firmado com a sua assinatura, e numerado III, escreveu as seguintes palavras, em que vae implicita a sua confissão de autor dos dois anteriores artigos.

> «No segundo volume da 1.ª Série deste Jornal appareceram successivamente dois artigos sobre as moedas portuguezas, nos quaes resumidamente se contém a historia do nosso systema monetario nos seus primeiros dois periodos: — desde o principio da monarchia até o reinado de D. Affonso 4.º, e desde o reinado deste principe até o fim do de D. Pedro 1.º ou começo do de D. Fernando.
>
> . . . .
>
> Atando hoje o fio partido daquelles artigos, em que ao mesmo tempo se buscou rectificar as idéas recebidas a similhante respeito, e tornar clara e perceptivel materia de sua natureza escura e embaraçosa, fallaremos em resumo, como então, das variações monetarias dos reinados seguintes».

A tal proposito, tomamos a liberdade de lembrar ao leitor interessado nesta especie de estudos a valiosa nota[1] em *Arrhas por fôro d'Hespanha*, a proposito da scena entre D. Fernando, D. Leonor Teles e o judeu D. Judas, no capitulo que se intitula «*Mil dobras pé-terra e trezentas barbudas*».

Julho, 7. — N.º 62. — *O Seculo — Educação — Asylos de Primeira Infancia.*
Belo e extenso artigo, em que o Autor, mais uma, entre tantas vezes, volta a ocupar-se da educação moral de seus compatriotas. Belo e interessante artigo, este, tão de molde feito para nossos dias!

Bibliografia — *Portugal — Quadro Estatistico Moral. Scenas. Bosquejos extraídos das observações e tracto de 30 annos. — Por W. L. de Eschwege. Hamburgo 1837. Parte 1.ª — 1 vol. 12.º* (Com remissão para a margem da pagina, onde se lê o titulo supra em alemão).

Noticia d'esta obra, com breve juizo critico, conceituoso e grave, como todos os que saem da pena do Autor.

Em remate, um periodo que, felizmente, já hoje não teria igual razão de ser; — é o seguinte:

> «Ainda que desgraçadamente para os nossos progressos intellectuaes, o estudo da lingua allemaã é entre nós raro, aos poucos que a sabem recommendamos a leitura deste livro que nos tóca de tão perto».

Julho, 14 e 28. — N.os 63 e 65. — *Pontuação.* — I e II.
Afirmando que «uma das cousas em que maiores incorrecções e incertezas apparecem, no commum dos escriptos, é a pontuação», dá o Autor a seus leito-

res, bem carecidos, aliás, d'ela, uma extensa e elucidativa lição de diacritica, sobre interessante e abundante em exemplos colhidos em nossos mais bem reputados classicos.

É aqui ocasião de notar que o sistema de pontuação de Herculano obedece á mesma severa sobriedade do seu estilo, e não oferecendo a quem o lê ameudados pontos de apoio para graduar a emissão vocabular, precisa ser excessivamente bom leitor quem quiser ler-lhe em voz alta, para ouvintes, a prosa modelar, sonora, retumbante, mas pouco propicia á variedade de inflexões precisas para evitar a toada melopaica tão adversa á *Arte de ler em publico.*

Agosto, 18.—N.º 68 —Bibliografia.—*Quadros Historicos de Portugal por A. F. de Castilho.—Lisboa, 1838—fol. maximo com est., impresso na typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.*

É um caloroso elogio a esta empreza do grande e venerado Poeta, não só pelo que toca á parte literaria, como pelo lado da arte, em que «duas cousas se hão de considerar nesta obra: as estampas, e a execução typographica». Pelo que toca ás estampas teem grande parte nos encomios o litografo Sendim, e o desenhador Fonseca (Antonio Manuel da).

Esta noticia refere-se ao primeiro artigo dos *Quadros Históricos,* e sua primeira estampa;—o quadro das «Cortes de Lamego».

Em o n.º 84, referido a 8 de dezembro, dá Herculano noticia do «segundo quaderno» dos mesmos *Quadros,* acompanhada a parte literaria;—«uma pintura de Portugal no seu berço, vista á luz da mais alta philosophia»,—da estampa que representa Egas Moniz apresentando-se ao rei de Leão, e é desenhada por «um artista tão acreditado como o Sr. Sendim».

Agosto, 25 e setembro, 1.—N.ºs 69 e 70.—*Os Monumentos.*

D'estes dois artigos, um só é numerado, o II. Foram reproduzidos no vol. II dos *Opusculos,* sob a epigrafe: *Monumentos Patrios,* consideravelmente melhoradas a materia e a ortografia, e modificada e aumentada a proposição ou começo do I artigo.

Procedendo á compilação de seus escritos acrescentou Herculano, em o citado II volume dos *Opusculos,* mais um III capitulo aos dois supra mencionados. Este III capitulo é constituido pela materia dos numeros 93 e 94, do III volume do presente semanario (1839), que se intitula *Mais um brado a favor dos Monumentos.* Em seu logar se registarão.

Agosto, 25.—N.º 69.—*Lithographia Portugueza.*

Recorda ter já elogiado os progressos que esta arte tem feito em Portugal, ou, «para melhor dizermos, em Lisboa», ao dar o Autor a sua «fraca» opinião, ácerca dos *Quadros Historicos* dos Srs. Castilho, Fonseca e Sendim. Elogia agora tambem a «collecção de desenhos de imaginação», de J. J. Lopes, que pela execução de taes estampas se colocou a par dos melhores artistas. Veremos ainda Herculano voltar a elogiar este litografo nas colunas da *Revista Universal Lisbonense.*

Setembro, 15.—N.º 72.—*Origem e Progressos da Navegação.*—I.

Novo filão literario explorado pelo ilustre director do *Panorama.* Cronica da origem da arte de navegar, praticada, segundo os monumentos e livros sagrados do Egypto, naquele país desde a mais remota antiguidade. Vem a seguir a vez da Phenicia e da Grecia.

No capitulo II, que saiu em o n.º 90 do Volume Terceiro (1839), continua o Ilustre Articulista a esplanar este assunto, com a profunda erudição segura que distingue todos os seus artigos d'esta especie.

O Hospital Militar de Runa:

Propondo-se escrever a historia da fundação e da existencia d'este hospital, o Autor nota muito a proposito que parece haver em Portugal «um certo fado de que tudo o que tem um caracter religioso, e ao mesmo tempo philantropico seja obra mulheril». Á rainha D. Leonor devemos o hospital das Caldas; á princesa D. Maria Benedita o hospital de Runa[1].

Vem a seguir a noticia do edificio, e da sua situação local. Ponderam-se os meios escassos, de que o conselho administrativo dispõe para satisfazer aos honrosos e pios fins do Instituto, pedindo-se, por fim, que se secunde a generosidade da Imperatriz Duquesa de Bragança, que lhe estabelecera uma pensão de dois contos de réis anuaes, acudindo-se á infalivel ruina do edificio.

Setembro, 22. — N.º 73. — *Ceremonias dos Judeus Modernos.*

Artigo de quasi cinco colunas. Pormenorizada explicação da base da religião judaica, do porque e para que das diversas orações da sinagoga; escrupulos, proibição do juramento em vão, abstinencia de certas carnes. Arca na sinagoga, e sua prefiguração; paramentos para as orações, pregação dos *rabbinos*, respeito ao sabado, abstenção de diversões e de comidas condimentadas neste dia da semana, mas sem jejum, proscrição de musica, de comodos de viação, de enterros e de lutos.

Após estas explanações, segue-se a noticia das festas diversas do rito judaico, incluindo a da expiação. Ministerio do *rabbino;* cerimonia do «çapato» *(sic)*, chamada *Chalitza;* versiculos do Deutoronomio. Casamentos, e suas particularidades, referidas por um autor inglês. Rito da circumcisão. Actos a que dá motivo a morte de um judeu. Antes e depois do enterro. Luto dos *rabbinos.*

Outubro, 6. — N.º 75. — *Da Educação e Instrucção das Classes Laboriosas.*
Foi reproduzido este artigo no volume *Composições Varias,* onde é o 6.º

Outubro, 13. — N.º 76. — *Malta. — Dominio da Ordem de S. João. — D. Antonio Manuel de Vilhena, 64.º Grão-Mestre da Ordem.*

Historia abreviada das sucessivas dominações d'esta Ilha, até á sua entrega aos cavaleiros de S. João, e depois d'estes, aos franceses, em 1798, rendendo-se a seu turno a guarnição aos ingleses, que aí se estabeleceram definitivamente em 1800.

Descrição geografica da ilha e de suas fortificações. As suas duas cidades e as suas vinte e duas aldeias ou *casaes.* Medina e Valetta. Descrição corografica e outras particularidades. Malta, posição formidavel em poder da Inglaterra.

O «Grão-mestre Manuel», Lisboa, sua patria. Sua valorosa e nobre estirpe. D. Sancho Manuel, conde de Villa Flor, seu pae, salvador da independencia portuguesa na batalha do Ameixial: D. Antonio José de Sousa Manuel e Menezes Severim de Noronha, Conde de Vila Flor tambem, e Duque da Terceira, apos; seu neto derradeiro, vencedor na Asseiceira, heroe da Liberdade constitucional. D. Antonio Manuel, eleito em 1722, vencedor dos turcos. Beneficios da sua administração. As edificações que empreendeu. O Forte Manuel, o Burgo Vilhena, os hospitaes. Passamento d'este benemerito varão; o seu grandioso mausoleu, a sua estatua, e no pedestal, a inscrição que Celestino Soares copiou e foi publicada no *Diario do Governo.* O seu epitafio. Juizo da posteridade a seu respeito.

---

[1] A D. Maria I a Basilica da Estrela, cujo zimborio tanto enobrece a perspectiva panoramica da capital e tanto realce lhe dá; A D. Maria Pia a instituição das *Crèches,* a D. Amelia de Orléans, a Assistencia aos tuberculosos, o Dispensario das crianças, etc.

Revista Litteraria—Periodico de Litteratura, Philosophia, Viagens, Sciencias e Bellas Artes, publicado no Porto:

Era este periodico uma transformação da *Revista Estrangeira*, que naquela cidade se publicara por espaço de dois anos. Tal qual aparecia, era o primeiro que, versando letras, se apresentava em Portugal «trajando á moda do seu tempo», oferecendo pasto conveniente a todos os entendimentos. Por isso, muito aproveitaria quem desse algumas horas á lição d'este interessante e bem redigido jornal.

Esta é a sumula do artigo. Como sempre, porem, Herculano recamou-o com eruditas e excelentes considerações, d'esta vez ácerca da diferença de feições que extremam os jornaes e revistas antigas, soberbamente repassadas de pesada erudição e sciencia transcendente, como o *Journal des Sçavans* ou o antigo *Monthly Review*, das Revistas de hoje, empenhadas principalmente em reflectir a imagem da sociedade, á qual levam a peito interessar, constituindo-se em espelho onde ela se reveja:

> «Nem se creia por isto —escrevia— que nas diversas Revistas que hoje se publicam pela Europa deixe de haver artigos profundissimos, e taes, como talvez se não encontrem nessas velhas publicações aristocraticas, por via de regra pesadissimas de latim, de grego, de arabe, e de hebraico, e mui leves de bom gosto, e de philosophia».

A antiga *Monthly Review*, a que Herculano se referiu fôra fundada em 1796, e veiu a ser substituida em 1814 pelo *New Monthly Magazine*. Do genero das que o ilustre Articulista preconizou foram a *Revue Britannique*, fundada em 1825, o *Athenaeum*, que pertence ao ano de 1828, etc. Em França, a *Revue des Deux Mondes* veiu a lume em 1831. Depois, e já na segunda metade do seculo transcurso, apareceu em Paris, e imitando o nosso conhecido *Penny-Magazine*, o *Journal pour tous*, que se vendia a 10 centimos. O seu primeiro numero veiu a lume em 7 de abril de 1853.

Outubro, 20. — N.º 77. — *Das Sepulturas.*

Exame do modo porque desde a mais alta antiguidade se usou dar sepultura aos mortos.

Vindo a referir-se ao que entre nós, e nomeadamente em nossa capital se praticava, escreve Herculano:

> «Entre nós começou a introduzir-se o uso de sepultar os cadaveres em campo sagrado no tempo em que a colera-morbus dizimava cruelmente os habitantes de Lisboa. Não bastando as sepulturas dos templos para tamanha mortandade, foi forçoso adoptar, naquella calamitosissima epocha, esta medida, aconselhada por philosophos e medicos abalisados, e cuja utilidade já muitos annos antes tinha sido demonstrada, porém sem fructo, em varios opusculos que corriam em linguagem».

Remata, registando as providencias ordenadas a este respeito, depois da Restauração, e referindo-se aos dois cemiterios, o do Alto de S. João e o dos Prazeres, exprime o desejo de que houvesse mais solicitude em os povoar de ciprestes e outras arvores apropriadas, que alem de elemento decorativo, «grandemente contribuiriam para os fazer salubres».

É de reconhecer que os desejos do ilustre Articulista foram plenamente satisfeitos. Tanto um como outro dos dois cemiterios acham-se modelarmente arborizados e ajardinados.

Fronteiros:

Emendando o lexicografo Moraes, demonstra Herculano que o cargo militar de Fronteiro não era «*o capitão de praça, que está nas raias, e fronteira inimiga*», mas «*os capitães das praças que jaziam pelas raias ou limites do reino*».

Toma d'aqui motivo o futuro Historiador para uma magnifica digressão a respeito da «vasta e profunda idéa politica, que dominou, não só no conselho dos monarchas, mas tambem nos animos populares, desde D. João I até D. João II». Era esta a de considerar a Mauritania uma como prolação do continente português, podendo ai, graças á conquista sucessiva, a monarquia crescer em territorio, gente e riqueza. D. Manuel, empenhado no descobrimento do caminho maritimo da India, torceu os destinos da monarquia, trocando pela gloria da conquista asiatica o oculto pensamento politico de seus antecessores. D. João III consumou o desastre, entregando as praças de Africa; Filipe II e os holandeses fizeram o resto.

Foi, pois, para as praças de Africa, não para as da Asia, onde não chegou a havê-los, que o cargo de Fronteiros se criou.

Houve, até, Fronteiros-mores, e foi o oficio de tal grandesa, que até aos Infantes se deu este titulo.

O artigo que muito pela rama sumariamos constitue uma pagina de historia filosofica interessante, e tem, demais, o aproposito de definir com precisão as impressões que o nosso Grande Historiador sempre manteve, ácerca do merecimento do nosso desastroso Imperio Asiatico.

Novembro, 10. — N.º 80. — *Mestre Gil.* — (*Chronica do seculo* XV). — 1481.

A narrativa romantizada d'este titulo que não sabemos porque motivo Herculano deixou esquecida nas paginas do presente volume, comquanto nos pareça não menos digna, do que as que formam os dois volumes de *Lendas e Narrativas* de figurar em tal coleccionação, é, como se sabe, a historia da execução, na praça de Evora, do Duque de Bragança, D. Fernando, e a do assassinio do Duque de Viseu, perpetado pelo proprio D. João II, como corolario da «lucta de morte» que «estava a rebentar entre o rei e os nobres; — entre o absolutismo e o feudalismo».

Contem-se inteira neste volume, sendo os restantes numeros consagrados á sua prosecução e termo os consecutivos, até 86; isto é, todo o resto de novembro e o mês de dezembro, até 22.

Dezembro, 1. — N.º 83. — *Antigos Foros e Costumes de Portugal.*

Prenuncios das predilecções historicas do ilustre Articulista, que apresenta neste artigo o extracto dos Foros e Costumes de Santarem, «tirado daquelles artigos que mais podem caracterisar essas epochas semi-barbaras».

Dezembro, 8. — N.º 84. — *Influencia da Economia Domestica nos Costumes e na Publica Felicidade.*

Belo artigo e de são conselho, este! Quão importante seria que ele servisse ainda agora de tema ás breves dissertações de moral social com que os professores primarios deviam ilustrar as suas lições, já que da escola foi proscrita a moral cristã, que não teve normas algumas de vida a substitui-la!

E que bem feito este artigo é sob o ponto de vista literario! Quão bem responde ao objecto que seu ilustre Autor teve em vista; — guiar, aconselhar, demonstrar a bondade do proceder que preconiza, sem se perceber que o faz, sem aparato de citações e de sentenças, sem opulencias de estilo incompreendidas d'aqueles a quem se destina, sem entono autoritario que seria mal recebido! — Tudo ai está contido em breves e conceituosos, mas singelos e suasorios pe-

riodos; tudo ai exprime uma linguagem maravilhosamente feita para aquele a quem é destinada; — para o Povo, ao qual se está a perceber em cada periodo, em cada linha, que foi a intenção resolvida do Autor dirigir-se, persuadindo-o, quasi diriamos «paternalmente», a ser morigerado observador da «*economia domestica*».

Dezembro, 15. — N.º 85. — *Principio e Fim dos Janizaros — Origem dos Monges e Frades — Particularidades ácerca dos antigos Tabelliães.*

São tres artigos meramente noticiosos, feitos para corresponderem aos intuitos d'esta publicação; — entreter com proficuidade o interesse pela leitura, e, por conseguinte, difundir uma instrução acomodada á parca ilustração indigena d'este tempo.

Seguem-se uns aos outros neste numero, intervindo entre o primeiro e o segundo uma anedocta, ácerca da origem da fortuna da familia Rothschild, composta por algum dos dois colaboradores do jornal. A seguir ao ultimo dos tres artigos vem a noticia bibliografica das

Lições de Boa Moral, de Virtude e de Urbanidade, pelo Sr. D. José Urcullu, e traduzidas do hespanhol pelo Sr. Francisco Freire de Carvalho. Lisboa, 1838. 1 vol. 12.º

Dada idea breve da economia da obra, acrescenta Herculano:

> «Claro e corrente é o original; clara e corrente saiu a tradução. Serviço maior que nenhum é, no tempo presente, vulgarisar livros que instruam, e levem por direita vereda as creanças, porque são estas que ainda podem ser salvas para a virtude ... Mister é, portanto, dos animos generosos trabalhar para a geração que vem, encher o logar que vamos deixando; e é isto o que fizeram o auctor e o traductor deste livro».

Nos dois ultimos numeros d'este volume, nada de notavel se oferece a nosso empenho, sendo, todavia, possivel que os seus dois artigos frontispiciaes[1], bem como o dos *Cães de S. Bernardo*, no segundo, sejam da iniciativa do nosso ilustre Articulista, ainda que este mera transcrição de outro autor.

Jornal do Conservatorio. — N.º IX. — 1839.

Sob o pseudonimo: «*Apaideutos*» apareceu neste *Jornal* e numero indicado um artigo que foi atribuido a Alexandre Herculano, segundo as informações constantes d'este *Dicionario*, tomo I, pag. 36. Para elas remetemos o leitor, visto como não existe na Biblioteca Nacional, junto com os restantes numeros, o que mais valor tem; — o N.º IX. Tambem não sabemos que alguem no caso de no-lo fazer ver o possua. O artigo de que se trata intitula-se: *Da Arte — Fragmentos.*

Serão acaso outras paginas do projectado livro *Scenas de um anno da minha vida*, agora aproveitadas? A suspeita parece-nos fundada, em vista das dissertações sobre *Arte antiga* que se leem nos fragmentos dados a lume pelo Sr. Brito Rebelo.

---

[1] *Uma Egypcia e um Syro*, para ilustrar uma pequena estampa inglesa; *D. Luiz da Cunha*, com retrato desenhado por Bordalo e gravado por este artista e por Coelho, que principia agora a aparecer.

O Panorama — 1839 — Vol. III:

Antes de entrar a registar os artigos que neste volume apresentam maiores probabilidades de terem saido da pena de Herculano, ou mais especial importancia hajam, como obra literaria sua, anteriores á sua declaração impressa a pag. 221, nota *, que vae transcrita em sua competente altura nesta tentativa bibliografica, de passar a firmar os seus escritos, a partir do proprio n.º 115, onde se lê com as iniciaes do seu nome, em consequencia de ter deixado o seu logar de «principal redactor d'este jornal», temos por oportuno recordar o que nos ocorreu ter Inocencio escrito, ao referir-se á constituição da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, editora do *Panorama*.

Afirmou, com efeito, o autorizado bibliografo que a benemerente agremiação fôra «organisada pelos incessantes esforços de alguns amigos da civilisação, entre os quais muito se distinguira o Sr. Manuel Antonio Vianna Pedra».

Saiu, com efeito, confirmadc o asserto do experiente bibliografo. Testemunhou perentoriamente o facto o proprio benemerito Viana Pedra, na carta, sem data, escrita a Herculano, publicada pelo Sr. Brito Rebelo, a pag. 113 do vol. VIII do *Archivo Historico Portuguez*, precedida de outra do Sr. Visconde de Castilho (Julio), respondendo a certas consultas d'aquele diligente comentador, a que já vamos tambem referir-nos.

Na carta de Viana Pedra a Herculano ha, com efeito, este periodo final, que é de desenganar:

> «Eu espero a sua resposta e que acredite que estas minhas observações são nascidas unicamente dos desejos que tenho de ver prosperar uma sociedade, *da qual eu fui o seu primeiro instituidor*».

Não ha, pois, nem mais cabal, nem mais desenganada certeza, do que esta, que nos certifica, pelas proprias expressões d'aquele benemerito, ter sido a ele que a Sociedade de que se trata deveu, primeiro que a nenhum, a operosa existencia.

Caem assim redondamente por terra as aereas afirmativas de Oliveira Martins, de ter sido Herculano o «*creador*» da predita Sociedade.

Venhamos agora a outro ponto, que por igual merece nota.

Quando foi por Viana Pedra escrita a Herculano a carta, objecto da consulta a que respondeu o Sr. Visconde de Castilho?

> «Isso tudo, pondera por derradeiro o brilhante escritor, me confirma na persuasão de que Vianna Pedra escrevia em 1839 ou 1840».

E assertou sem a menor duvida S. Ex.ª, lembrando o primeiro d'estes dois anos. A carta deve ter sido escrita no decurso do mês de junho de 1839.

Herculano, talvez desejoso de acabar, emfim, com o sistema de *anonimato* que imperara até aí no *Panorama*, havia ponderado á Direcção da Sociedade que uma só pessoa não podia com o muito, e até fastidioso trabalho de um jornal da natureza d'este semanario. Propuzera, pois, o seu desdobramento em dois, mantidos com artigos pagos de per si.

Era aceitavel a primeira parte d'esta proposta? A Direcção decidiu negativamente. Ao mesmo passo, Viana Pedra, que amava o *Panorama* como filho *da sua criação*, e lhe queria tambem pelo convencimento que nutria dos beneficios que o já popular semanario estava prestando á instrução e á ilustração publicas, achava que a segunda parte da proposta conviria exactamente, e sem mais alte-

rações, á existencia do proprio *Panorama*. Este semanario, mantido só com artigos pagos, teria, com efeito, probabilidades de alijeirar as suas despesas, supridos virtualmente os honorarios do Redactor principal. A empreza de uma Revista ou colecção de Memorias, de que a Direcção se lembrava, que desse mais algum lucro, satisfaria os acionistas, cubiçosos de farto dividendo. Para isso, porem, ainda Herculano haveria de contribuir, prestando-se a aprontar a Primeira Parte de taes problematicas Memorias, antes que reunisse a proxima assembleia geral.

Pedia, pois, o sinatario a Herculano condescendesse em aprontar materia para a projectada, e — digamo-lo já — nunca realizada publicação, dando-lhe delicadamente a entender no corpo da carta que a Direcção aceitava a segunda parte da proposta; isto é, o que aconteceu: — deixar Herculano a superintendencia da folha, tal qual o teria insinuado, e ficar escrevendo mediante remuneração previamente estipulada, conforme o poderiam tambem fazer Castilho e Garrett. Este novo contracto começaria a vigorar «do 1.º de julho proximo» em deante.

Realizou-se, pois, o convenio, e a datar de 13 de julho de 1839, Herculano entra, emfim, no gozo da pessoal independencia, assinando já o artigo «*Do Christianismo*», como aqui vae registado. Começa agora uma era nova para as manifestações do talento do Grande Escritor. O criador do *romance historico* em Portugal vae dar principio — e brilhantemente — á sua carreira, produzindo as obras primas que se chamam: *A Abobada, O Monge de Cister, Arrhas por fôro de Hespanha, O Bobo*, etc. Por derradeiro, em 1844, *Eurico o Presbytero*, cronica-poema que só neste ano saiu completa, tal qual a conhecemos, dos prelos d'esta mesma Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

Quanto ao projecto da Direcção d'esta Sociedade, de editorar o que vagamente chamava «Revistas ou Memorias», não se sabe de que, nem a proposito de que, é provavel que o proprio solicitado para contribuir para a realização de tal obra demonstrasse a seus autores a inanidade da concepção, aconselhando o que a Sociedade veiu a pôr em pratica; isto é, a reedição de autores antigos, de boa nota, cujos escritos convidassem a curiosidade de leitores já educados pela familiaridade com o *Panorama*.

A *Chronica do Cardeal Rei D. Henrique e vida de Miguel de Moura*, a *Viagem* do P. Manuel Godinho, e outras obras mais, foram fruto da resolução adoptada, exemplo excelente que não teve, extinta a Sociedade, editores que se tentassem a segui-lo.

Os artigos d'este volume, até o numero 114, com bom fundamento atribuidos a Herculano, são os seguintes:

Janeiro, 5. — N.º 88. — *Memorias da Academia Real das Sciencias. — Memoria em que se tracta da origem do nome de Portugal, e dos seus limites em differentes epochas: quando se separou Portugal da Galliza Romana: quando se chamou reino: e quando os seus primeiros reis tomaram este titulo.* Por *D. Francisco de S. Luiz.*

Memorias Historicas e Chronologicas do Conde D. Henrique. Pelo mesmo autor. — Folio.

Conceituosa noticia d'estas duas obras, escrita pelo punho do futuro historiador de uma nacionalidade sem historia. Notemos que, *por excepção*, se encontra num parentesis d'este escrito impresso o vocabulo «passos», por «passagens», que Herculano sempre empregou, de principio a fim da sua escrita, desde os primeiros numeros d'este semanario até ás Cartas a Bernardino de Barros Gomes, como se pode verificar nos seis exemplos de pag. 37 a pag. 93 do volume *Cartas de A. Herculano* — 2.ª das dirigidas áquele destinatario.

As Memorias de que trata este artigo, bem como a Resposta ás censuras academicas de que foram objecto, acham-se reproduzidas no tomo II das *Obras completas* do autor. — Lisboa, Imprensa Nacional, 1873.

Tres Mezes em Calecut — Primeira Chronica dos Estados da India.:

Quatro capitulos, cada qual com sua epigrafe. Seguem-se uns aos outros neste e subsequentes numeros, até pagina 29.

Foi «a mais curiosa porção do primeiro livro» da *Historia da India,* de Fernão Lopes de Castanheda, que deu assunto á narrativa herculanesca. Figura o ilustre Autor a scena a bordo da nau «S. Gabriel»; interlocutores, o interprete Fernão Martins, Alvaro de Braga, João de Sá, Alvaro Velho e o creado do capitão-mor, Gonçalo Pires. É na volta para o reino, e para espertar o sono, após breve dialogo, vae Alvaro Velho buscar a narração que escrevera da saida da armada de Melinde, até o desfecho do trabalhoso episodio historico bem conhecido, com que se rematou a presença de Vasco da Gama na capital dos estados do Samorim. A sua leitura, á luz bruxuleante da bitacula, em volta da qual todos os mais se assentaram, constitue a materia dos tres ultimos capitulos.

Janeiro, 12. — N.º 89. — *A Terra Nova e a pesca do Bacalhau.*

Extenso artigo, copioso em pormenores acêrca desta grande industria, e instrutivo e interessante, pela parte historica em que temos bom quinhão.

A parte expositiva, exemplar, como sempre. Primeiro, a historia, a geografia após, e por ultimo os processos da salga do peixe. Ainda agora, em suma, muito para interessar e recrear grande numero de leitores modestos que desejem bem aproveitar horas de ocio lendo materia proporcionada a seus modestos recursos literarios.

Janeiro, 26. — N.º 91. — *Foros e Costumes Antigos de Portugal.* — 2.º

Continua o Autor a dar noticia de antigos foros, cujo exame pode lançar grande luz sobre a historia do nosso país. A exemplo, pois, do que fizera no antecedente volume, dando noticia de quanto ha de curioso a notar no foral de Santarem, extrairá neste 2.º artigo alguns capitulos dos costumes de S. Martinho de Mouros, antigo concelho da Beira, no distrito de Lamego.

Fevereiro, 2. — N.º 92. — *Os Asylos.*

Costume da idade media, herdado já do mundo grego e romano, assim denominado. — As igrejas, a principio, consideradas como *asylos*; isto é, como santuarios inviolaveis para os mais atrozes malfeitores. Como foi possivel ir pouco e pouco extinguindo legalmente os privilegios d'esta ordem atribuidos aos santuarios.

Que se passava em Portugal a este respeito. Os coutos com seus privilegios a favor dos culpados. Por onde é que principalmente demoravam. Paços reaes e igrejas constituidos *asylos* em limitado numero de casos.

Desigualdade de privilegios de que dispunham os *asylos*. Alcobaça e Arraiolos. A *Ordenação* aniquilando os privilegios no goso dos coutos. 1696, data da extinção dos *asylos* entre nós, exceptuadas, comtudo, as residencias regias e as igrejas, comquanto se não saiba se legalmente. O largo fronteiro ao paço de Caxias, especie de refugio de mancebos perseguidos para soldados. Holy-road (Inglaterra) e suas pertenças, ainda agora (1839) valhacouto para devedores. — Artigo, apesar de conciso, eruditissimo e curiosissimo.

A proposito do costume de se considerarem entre nós as igrejas como asilos que assegurassem a imunidade aos culpados, é de lembrar a curiosa e terrivel scena da fugida para dentro da igreja do Convento de Santo Eloi do camareiro-menor «Fernando Affonso», escapando-se ao anadel dos besteiros da guarda real, que o levava preso para os sotãos da alcaçova. — *O Monge de Cister* — Tomo II, capitulo XXVIII.

Fevereiro, 9. — N.º 93. — *Mais um brado a favor dos Monumentos.*
Este artigo, que se continua num segundo, formando dois capitulos numerados, é o que já dissemos ter sido incluido por Herculano em seu escrito *Monumentos Patrios,* primitivamente publicado no Volume Segundo d'este semanario, sob o titulo *Os Monumentos,* no II volume dos *Opusculos,* onde tem o primeiro logar na coleccionação.

Fevereiro, 23. — N.º 95. — *Historia do Theatro Moderno — Theatro Hespanhol.* — I a III.
Os tres capitulos d'este estudo ocupam este e os numeros 99 e 108. Achamse transcritos no tomo IX dos *Opusculos* — I de *Litteratura,* onde constituem o 6.º assunto, dos que nele se conteem.

Memoria sobre os Pesos e Medidas de Portugal, Hespanha, Inglaterra e França, que se empregam nos trabalhos do corpo de Engenheiros, e da arma de Artilharia; e noticia das principaes medidas da mesma especie, usadas para fins militares em outras nações. Pelo Sr. Fortunato José Barreiros.—Em 4.º Typographia da Academia Real das Sciencias. 1838.
Breve noticia d'este livro, justificada pela utilidade de o inculcar a muitas pessoas que, sem pertencerem á profissão militar, poderiam porventura interessar no seu conhecimento.

Março, 2. — N.º 96. — *A Educação e o Estado.*
Requerimento aos corpos co-legislativos, em nome da felicidade nacional, para que provejam quanto antes na organização e manutenção do *ensino publico,* tão desprezado ainda em nosso pais.
Artigo é este que, bem como tantos outros da mesma indole e intuitos, ainda agora mereceria fazer parte de uma larga coleccionação que evidenciasse quanto o Grande Escritor se desvelou pela resolução do magno problema da existencia politica portuguesa: — a instrução popular, considerada em todos os seus multiplos aspectos.

Março, 16 — N.º 98. — *A Abobada* — 1401 — *Chronica Monastica.*
Romance historico, principiado a publicar neste numero, e terminado no numero 102.
É, em *Lendas e Narrativas,* o 4.º do tomo I.

Março, 23. — N.º 99. — *Ariosto.*
Biografia pessoal, politica e literaria do poeta, entretecida com a rapida noticia dos acontecimentos politicos em que ele teve parte. Antecedentes do poema que o imortalizou. O *Orlando innamorato,* de Boiardo, e a historia de Angelica, a «princesa infiel, de singular belleza e excessivo galanteio», interrompidos no 50.º canto. Ariosto, tomando a historia da «casquilha» onde o Boiardo a deixara, produz o *Orlando furioso.* Exposição da economia do poema e noticia das diversas fazes por que a obra foi passando, até fixar-se na terceira edição (1532). Exame critico-literario do «primeiro entre todos os romances e poemas de cavallarias». Faculdades de concepção do poeta; facilidade aparente dos seus versos; provas do facto, pelas inumeras correcções e emendas patentes nos manuscritos originaes. Juizo de Ginguené, o autor da *Historia Literaria da Italia.* Morte de Ariosto.

Abril, 6. — N.º 101. — *Lithographia — Lithographia em Portugal — Companhia para a exploração de Pedreiras Lithographicas.*

Noticia extensa dos processos litograficos, em particular, e dos progressos que esta arte estava realizando em Portugal. Primores de algumas litografias nacionaes.

Elogia as dos *Quadros Historicos*. Lembra-se do Sendim, e elogia o Lopes. Cita os retratos de Petrarcha e o de Heloisa, executados por este artista.

Dá, por ultimo, noticia da empresa que se propunha explorar, por meio de companhia, constituida por acções, as pedreiras litograficas de Coimbra.

O Autor via nesta empresa uma nova fonte de receita que os ingleses, a quem faltam pedreiras semelhantes, alimentariam com seguro resultado.

Uma viagem á Serra da Lousã no mez de Julho de 1838.— Por A. P. Forjaz de Sampaio. — Coimbra, 1838. — 1 folha em folio.

Serviço excelente a fazer á Veneranda Memoria do Autor e ás Letras Portuguesas — e a mais de um aspecto — seria decerto o que se aplicasse a coleccionar em volume toda a literatura encomiastica de Herculano, noticiando durante anos quantas obras de utilidade e de prestimo, didaticas e poeticas, produziu a mentalidade nacional, atravez boa parte da primeira metade do seculo transcurso!

Eis a reflexão que nos acudia á mente, ao ler a breve noticia de que foi assunto a narrativa da epigrafe supra. Quão inesperados horizontes meia duzia de linhas d'esta privilegiada pena não rasgam aos olhos do leitor, cheias de ensinamento e de lição, ao mesmo passo que deleitaveis e proveitosas, repassadas sempre do pensamento patriotico persistente, que é como o crisol onde se depurou quanto aquele cerebro produziu!

Abril, 13. — N.º 102. — *Entendimento e Affectos ou as duas Philosophias.*

Belo e extenso artigo de pura moral social, em que o Autor põe em confronto as duas filosofias, inconciliaveis nos juizos apertados de seus fanaticos seguidores, que, largos anos ha, contendem sobre a posse e senhorio d'este mundo que habitamos; — uma severa e terrestre, outra espiritual e suave!

Definir cada qual d'estas duas filosofias e tirar-lhes as desanimadoras consequencias faz a materia do artigo, em que o Autor acaba por dar-se a si proprio como exemplo triste das tristes consequencias que resultam para todo aquele que teve coragem para repreender o passado em seus absurdos, e para afrontar-se com o presente em seus desvarios.

Abril, 20. — N.º 103. — *Quintino Durward — Novella de Walter Scott, traduzida pelo Sr. A. J. Ramalho e Sousa. — Lisboa, 1838-9. 4 vol. 8.º Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis. — A mesma obra — traduzida pelo Dr. C. L. de Moura* — Paris, *1838 — 4 vol. 12.º Livraria d'Aillaud.*

Confronta as duas traduções, e tendo notado as imperfeições, os erros e os passos menos bem compreendidos do original, da versão Lopes de Moura, acaba por dar a preferencia á de Ramalho, que traduziu o romance de Walter Scott do original, e não da tradução francesa de Defauconpré, como fez aquele outro tradutor.

Maio, 4. — N.º 105. — *O Marquez de Pombal.*

Resumo historico do reinado de D. José, compreendendo a biografia pessoal e politica do seu primeiro ministro. Ocupa este e o numero 107

O juizo critico do ilustre Articulista ácerca do Marquês de Pombal, é dos que teem direito a ser transcritos nesta resenha, ao menos no mais essencial, atendendo á sua extensão.

Com efeito, após se ter referido aos dotes pessoaes e literarios do grande ministro, e de ter notado o que, aliás, foi constante nas diversas chancelarias da

Europa, o quanto por suas maneiras cortezes e afaveis Sebastião José de Carvalho soube ser sobremodo agradavel aos estrangeiros e pessoas de distinção, acrescenta Herculano:

> «Como ministro teve grandes dotes, e não menores defeitos. Soube achar as causas da decadencia do reino: não lhe faltou zelo pela prosperidade e gloria nacional, ainda que os seus inimigos lh'o pretenderam negar. Era dotado de animo grande e intrepido, de juizo agudo e vastissima comprehensão; mas accusam-o, segundo nos parece, com razão, de não ter egual prudencia. As notaveis qualidades que recebêra da natureza foram desluzidas por dois vicios, que talvez se devam attribuir á educação: era um delles a demasiada cobiça, no qual teve parte a acanhada fortuna da sua mocidade; o outro consistia em serem ás vezes as suas astucias indignas de um homem grande. A vaidade, de que o encheo o alto poderio a que se viu elevado, fez com que muitas vezes fosse enganado por vis aduladores, e que pretendesse ingerir-se em todos os negocios, uns que não entendia, outros que devia deixar a cargo d'empregados subalternos, inutilisando assim frequentes vezes o talento que tinha para simplificar a administração. Esta mesma vaidade fazia com que ás vezes insistisse na conservação de medidas que a experiencia mostrava pouco proveitosas.
>
> ....
>
> Emfim é innegavel que o marquez de Pombal foi um dos homens mais extraordinarios que tem produzido a nossa patria; mas que nenhum homem virtuoso quizera alcançar o renome que elle ganhou, com a condição de acceitar as maldições e mysteriosas sombras que pésam sobre varios actos da sua vida, e por consequencia sobre a sua memoria».

Por equivoco na disposição das paginas, apresenta o numero 105, em que principia este artigo, o defeito de ficar em branco a pagina do verso do frontispicio, em toda a altura da gravura do retrato do Marquês. Não é, porem, só neste numero que se nota tal defeito. Ao numero 110 aconteceu outro tanto.

Junho, 8 e 15. — N.os 110 e 111. — *A Morte do Lidador* — 1170 — *Narrativa historica.*

Publicada nestes dois numeros.

É a 3.ª do tomo II de *Lendas e Narrativas.*

Junho, 22. — N.º 112. — *Historiadores Portuguezes.*

As noticias da vida e obras de alguns historiadores portugueses, foram publicadas neste III volume pela seguinte ordem:

I — *Fernão Lopes,* a pag. 196, numero supra; II — *Gomes Eanes d'Azurara,* a pag. 250, n.º 119 [1]; III — *Vasco Fernandes de Lucena* — *Ruy de Pina,* a pag. 346, n.º 131.

O estudo ácerca de *Garcia de Resende* foi publicado no volume IV d'este semanario (1840). Em seu lugar proprio se mencionará.

---

[1] Este artigo é o primeiro, após o do N.º 115, que Herculano firmou com as suas iniciaes, confirmando a sua declaração em nota (*) d'aquele numero. Veja-se o que dizemos no seguinte artigo.

Todos os tres ultimos firmados «(*A. H.*)», todos fazem parte, com o primeiro, das materias compiladas no volume v dos *Opusculos*.

Obras de J. B. d'Almeida Garrett. — 18 *volumes* — *Prospecto :*

Uma noticia bibliografica valendo por uma formosa e instrutiva lição de literatura nacional. Ainda agora seria, se introduzida entre as materias que formam o IX volume dos *Opusculos*, I *de Litteratura*, uma das mais avidamente lidas, esta noticia! Só teriamos a lastimar que Oliveira Martins a não poderia já ler, como a não leu, decerto, quando o podia ter feito, apesar de ter impresso tão *exactas* noticias do *Panorama* ... e da parte que atribuiu a Alexandre Herculano na existencia d'este hebdomadario, assim como nas doutrinas da *nova escola* que por seu influxo se teria formado.

Tractado Elementar de Geographia Astronomica, Physica, Historica ou Politica, Antiga e Moderna. Por D. José de Urcullu, etc. Porto, 1835-1839. — Grossos 3 volumes em 8.º com estampas. — Preço, 4$560.

Copiosa noticia d'esta obra utilissima a todos os estudiosos, escrita, é certo, no idioma do autor, mas pensada, desenvolvida e levada a cabo em Portugal; obra a que seu autor modestamente chama «Tratado de Geografia Elementar», mas «onde pessoas entendidas e professas na matéria terão muito que aprender».

Veja-se a pag. 528, a noticia do artigo n.º 18 do I vol. d'este semanario, intitulada *A Suissa*, etc.

Julho, 6. — N.º 114. — *Pensamentos sobre a origem, incremento, e utilidade das affeições sociaes.*

Belas reflexões de moral social, repassadas de um espirito de candura, que as torna encantadoramente persuasivas. Mas, ai de nós! Quão longe está este seculo desabrido, profundamente egoista e deshumano de perceber uma linha só que seja de toda esta pagina dulcissima, em que Herculano deixou afirmados os admiraveis dotes de coração que tanto o distinguiram!

Julho, 13. — N.º 115. — *Do Christianismo.*

O escrito assim intitulado veiu a lume neste semanario a pag. 218, 275 e 373, n.ºs 115, 122 e 134, respectivamente. Ficou, porem, incompleto. Assim mesmo foi incluido pelo compilador do volume *Composições Varias* entre os que fórmam a materia d'ele, ocupando o 10.º logar.

Acontece, porem, que o Autor voltou a versar sob a mesma epigrafe, e em um só artigo, materia identica, no volume II, 2.ª serie, d'este mesmo semanario (VII-1843), com o sub-titulo *Philosophia*, sem que este novo artigo, porem, se possa considerar como continuação do estudo que é objecto da presente nota, e fôra produzido em tres artigos não numerados. Em seu lugar se fará referencia áquele novo escrito.

Ora, o compilador do livro *Composições Varias*, numerando todos estes artigos com algarismos romanos, ligou, menos apropriadamente, a nosso ver, no frontispicio que lhes respeita, os dois anos de 1839 e 1843, e atribuindo o numero IV a este ultimo artigo, deu-lhe a aparencia de constituir *continuação* e *fim* d'aquele primeiro estudo.

Por prova de que assim não é, dá-se *infra* o texto final do artigo ultimo dos tres do ano de 1839, o que se lê a pagina 373 do respectivo volume. É o seguinte:

> «No subsequente e ultimo artigo examinaremos ao facho da critica, e pelas mesmas regras, o grande credito que merece a historia evangelica, fundamento do christianismo. — (*A. H.*)».
>
> (*Continuar-se-ha*)».

Ora, longe de proseguir neste proposito, o artigo *O Christianismo — Philosophia*, de 1843, é, como é facil de verificar, um como paralelo entre a beneficencia e a filantropia, dando a primazia áquela, certamente, mas considerando-a, ainda assim, inferior, em seus efeitos positivos, á caridade cristã.

Fica assim perfeitamente explicada a nenhuma conexão entre os artigos *Do Christianismo*, de 1839, e o artigo *O Christianismo*, de 1843.

Em contraposição, porem, deixou o aludido compilador de trasladar para as paginas do livro *Composições Varias*, e conforme em seu logar já notamos, o artigo *O Christianismo*, publicado em o numero 39 do volume II, o texto do qual tanto se coaduna, aliás, com a materia do escrito que é objecto d'esta nota.

Advirtamos que é no fecho da primeira parte do primeiro d'estes dois artigos, o que é objecto da materia do N.º 115, que, após a assinatura «(*A. H.*)», pela primeira vez aparecida no remate de artigos do nosso Autor, se chama, por asterisco, a atenção dos leitores para a seguinte declaração, impressa á margem inferior da pagina:

> «Tendo deixado por motivo de negocios pessoaes o logar de principal redactor deste jornal, e desejando, todavia, contribuir com os meus poucos cabedaes para uma publicação, que me persuado tem feito algum bem á civilisação nacional, continuarei a escrever, quando outras occupações m'o permittam, varios artigos, que serão sempre assignalados com as iniciaes do meu nome. *A. Herculano*».

Agosto, 31. — Numero 122. — *Os amores de Bernardim Ribeiro e a Infanta D. Beatriz.*

Transcrição de um «importante manuscrito da bibliotheca real», incluso em certo codice contendo memorias avulsas de varios sucessos, nacionaes e estranhos, da primeira metade do seculo XVI.

No sobredito manuscrito, intitulado «*A ida da infante para Saboia*», se completa a noticia que nos deixou Garcia de Resende, «mui destro cronista, para haver de tocar em um ponto que offenderia os pios ouvidos dos cortezãos de D. Manuel e de D. João 3.º»; os tristes amores da joven Infanta e do futuro autor de *Menina e Moça.*

O artigo, que principia com elegante e encomiastica alusão ao «em tudo, primeiro drama, dos que vieram começar a epocha do renascimento do nosso theatro — o *Auto de Gil Vicente*, do Sr. Garrett», termina com a exposição da plausibilidade que poderá favorecer as suspeitas tradicionaes d'aqueles amores, inferida de diversas circunstancias ocorrentes da viagem, do *fisico* do noivo e agora esposo, e do vilão procedimento dos de Saboia para com a Infanta e os compatriotas que a acompanhavam; tudo constante do documento que foi materia ao artigo.

Setembro, 21. — N.º 125. — *O Chronista — Viver e crer de outro tempo — 1535 — I — O viver.*

Esta interessante narrativa, cuja continuação e fim se lê no seguinte N.º 126, constitue parte da 2.ª «Lenda» do volume II de *Lendas e Narrativas*, aí impressa sob outro titulo; — *O Bispo Negro* (1130). Seu ilustre Autor, acaso no intuito de a proporcionar ás dimensões do volume, cortou para esse fim toda a materia do capitulo I, começando o texto, a que deu agora o novo titulo que fica indicado, na parte do capitulo II, onde a Lenda principia, que é logo ás primeiras linhas d'ele.

O capitulo I figura passar-se o caso que é origem á Lenda em Evora, onde por então residia o rei D. João III, e onde tambem se achava Pero do Porto, cantor da capela do cardeal D. Afonso, hospedado em casa do seu amigo, o cronista Cristovão Rodrigues Acenheiro, na rua da Oliveira d'aquela cidade.

Damos resumida ideia de tal capitulo:

«Ao cair da noite de um dia tenebroso dos fins do inverno, em que o ceu parecia desfazer-se em chuva», o cavaleiro Fernão Cardoso, o afamado pagem da toalha de el-rei, amigo de «mestre Pero», e o mesmo que proporcionou ao Autor os elementos d'esta narrativa, tirada, segundo nota do ilustre narrador, de uma carta inedita, por ele escrita ao celebre cantor, procura o seu amigo, desempenhando assim a promessa que lhe fizera de ir uma noite cear com ele. Pero apresenta Fernão Cardoso ao seu amigo, o licenceado Acenheiro, como «o homem mais gracioso e paceiro da côrte». Conversa-se; Clara, a negra cosinheira, dispõe a ceia na mesa. — «verde guisado e salada», em noite de fevereiro! — Bebe Pero do Porto á regalada, e percebe Fernão Cardoso que se lhe frustrou a esperança de uma boa ceia. Arma-se leve e cortez discussão, a proposito de «certo zum zum» de que ia estabelecer-se em Portugal «a Saucta Inquisição». Acenheiro reprova francamente os projectos de el-rei, e a proposito, referindo-se á independencia com que os reis de Portugal sempre haviam tratado a côrte de Roma, pergunta a Fernão Cardoso, que em seu papel de aulico da côrte, aplaudia as tenções que já se atribuiam a D. João III, se ele conhecia o caso que sucedera á D. Afonso Henriques com o papa que era no seu tempo.

O interpelado declara ignorar que fosse; Pero afirma que ouvira já o caso, narrado pelo cronista Fernão de Pina ao cardeal D. Afonso, posto que aquele teimasse em tê-lo por fabula. Por fim, Fernão Cardoso, a quem a ceia não pesava, e a curiosidade espertara, exprime o desejo de ouvir a historia, e Acenheiro, que a estava lendo, exposta em elegante latinidade, quando Fernão Cardoso entrou, vae buscar o manuscrito, comprometendo-se a traduzi-lo aos ouvintes. Começa então a leitura da «historia do Legado do papa ao primeiro rei de Portugal», que é assunto ao capitulo II, e, nas *Lendas*, á do *Bispo Negro*.

Eis, em resumo, a materia do capitulo suprimido, e que tanto merecia ser restituida á primitiva composição, tão interessante se patenteia nos pormenores, tão graciosa na exposição, tão conscienciosa nos acessorios, tão bem estudada na *côr local* e na feição da epoca, emfim.

Foi este capitulo II, que deixamos extratado, impresso no frontispicio do N.º 126. Para ele delineou Bordalo Pinheiro (pae) o prospecto pitoresco da Sé Velha de Coimbra, gravado por Coelho; edificio venerando a que Herculano se refere no correr da Lenda. O desenho apareceu depois, excelentemente copiado em litografia, na tradução do *Portugal Pittoresco*, de Ferdinand Denis, tomo IV — 1847.

Dezembro, 7 e 14. — N.os 136 e 137. — *Tumultos d'Evora* — 1635-1638.

Este artigo, copiosa noticia dos acontecimentos politicos que precederam a Restauração, ocupa os sós dois numeros supra indicados. Sob a mesma epigrafe, porem, acrescentou Cunha Rivara um III capitulo, no volume IV, a pag. 202, dando-lhe por sub-titulo *O Manuelinho*.

O coordenador do volume *Composições Varias* fez d'aquele trecho exemplar de historia patria o 6.º dos assuntos contidos no predito volume.

Dezembro, 28. — N.º 139. — *A Padeira d'Aljubarrota*.

Constitue este artigo uma judiciosa analise da tradição constante e da plausibilidade do seu existir, que atribuiu á padeira Brites de Almeida, por alcunha a *Pisqueira*, a façanha de ter dado a morte, com uma pá de ferro, a sete castelhanos, após a batalha ferida junto áquela povoação entre os dois primeiros Joões, o de Portugal e o de Castela.

D'aqui o trasladou para o das *Composições Varias* do Autor o organizador d'este volume, dando-lhe nele o 8.º logar.

O Mosaico — 1840 — Vol. II:

O Christianismo:

É a pag. 61, do volume supra indicado que se acha transcrito este artigo, o qual, segundo dissemos já, Herculano publicara em o n.º 49 do II vol. do *Panorama.*

Precede-o uma breve apresentação, assinada «(*R. d'A.*)», que já deixamos explicado quem fosse. Tem por titulo: — «*Os escriptos do Sr. Alexandre Herculano*», e nela se diz:

> «Convencidos de que o muito que dissessemos, sempre seria inferior ao distincto merecimento do Autor da *Harpa do Crente,* resolvemos honrar as columnas do *Mosaico,* com dous de seus escriptos, um em prosa, outro em verso».

Este é a poesia *A Tempestade,* segundo ficou registado a pag. 402 do presente volume.

O Panorama — 1840 — Vol. IV:

Janeiro, 4. — N.º 140. — *Novellas de Cavallaria Portuguezas — Novellas do seculo 15.º* — III.

Foi incorporado entre as materias que compõem o volume IX dos *Opusculos,* I de *Litteratura,* onde tem o 4.º logar.

Como no final d'este artigo seu Autor prometia falar no subsequente dos romances de cavalaria portugueses, no seculo XVI, cumpre lembrar a nota posta pelo coordenador do predito volume, ao final do artigo que é objecto do texto.

Maio, 1. — N.º 157. — *Crenças Populares Portuguezas.* — I.

Este magnifico estudo faz parte dos coleccionados no tomo IX dos *Opusculos,* I de *Literatura,* onde é o 6.º Aí, é seguido pelo que o seu ilustre Autor publicou em o numero 160 d'este semanario, sob o titulo *Superstições Populares,* achando-se os dois artigos reunidos sob a epigrafe: *Crenças populares portuguesas ou Superstições populares.*

Maio, 23. — N.º 160. — *Superstições Populares.* — II.

Faz continuação ao artigo antecedente, como fica explicado.

Maio, 30. — N.º 161. — *Moral* (Fragmento de um livro inedito) — *A Prostituição.*

Um dos dois artigos a que nos referimos a pag. 500, destacados pelo Autor do seu livro em projecto, nunca terminado.

Junho, 6. — N.º 162. — *D. Francisco Manuel de Mello.*

É este escrito, continuado e terminado em o numero 176, a pag. 294, o primeiro em que se comentou por modo racional, e á luz da critica historica esclarecida, a misteriosa vida do nosso grande poligrafo, «a quem nada faltou senão a fortuna na vida», e as suas não menos misteriosas prisões, nas quaes traba-

lhava *para quem*, sem que se atine porque, teimava em lhe não deixar a liberdade.

Acompanha esta noticia, em que seu ilustre Autor compete com o seu biografado, não só no aceio e elegancia da linguagem, mas na profunda filosofia dos conceitos, a primeira copia, tambem, que veiu a lume do notabilissimo «Memorial» que D. Francisco Manuel dirigiu ao rei D. João IV. Este escrito foi até ha pouco, e sem duvida alguma, a melhor biografia do suplicante, e a mais copiosa nota de seus repetidos e importantes serviços á causa da Restauração.

Termina o conceituoso artigo o catalogo, comentado, das obras do grande poligrafo, e comentado com aquela elevação de criterio e variados conhecimentos literarios que são de supor-se da capacidade e saber do ilustre Articulista.

O coordenador do livro *Composições Varias* incluiu este escrito entre os que constituem as materias do mesmo volume, onde tem o 9.º logar.

Depois de Herculano — é dever e é justiça lembrá-lo — dois escritores, estrangeiro o segundo, mas estrangeiro dedicado do coração á memoria do nosso grande poligrafo, teem perlustrado o interessante assunto da vida e obras do autor das *Epanaforas* e do *Tacito Português*, com afincado interesse.

Referimo-nos a Camilo Castelo Branco, mas referimo-nos tambem ao Sr. Edgard Prestage, a quem a literatura portuguesa, e, em especial, a memoria de D. Francisco Manuel de Melo, tantos e tão mimosos desvelos devem.

Não podendo nesta ocasião pormenorizar mais o assunto, seja-nos só permitido lembrar aos estudiosos a edição da *Carta de Guia de Casados*, de Camilo, com o magnifico estudo que precede a obra «mais galante que ainda ahi sahiu da penna de seu autor», e os magistraes trabalhos do Sr. Edgard Prestage, vindos a lume no *Archivo Historico Portuguez*, publicação devida ao patriotismo acendrado do Sr. Anselmo Braamcamp Freire, e á devoção que pelos estudos historicos S. Ex.ª professa.

Julho, 11. — N.º 167. — *Historiadores Portuguezes*. — IV. *Garcia de Resende*.

Estudo acêrca do cronista de D. João II. Paralelo entre Resende e Fernão Lopes. Breves dados biograficos do primeiro. Este estudo foi reeditado, como já se disse, no volume v dos *Opusculos*.

Agosto, 1. — N.º 170. — *Moral* (Fragmento de um livro inedito) — *A Velhice*.

Este é o outro dos dois artigos a que nos referimos a pag. 500, destacados por seu Autor do seu livro em projecto, nunca terminado.

O Panorama — 1841 — Vol. v:

Janeiro, 2. — N.º 192. — *O Monge de Cister — Romance historico — (Fragmento) — 1388-1389*.

A pag. 6 d'este v volume apareceu o primeiro dos tres unicos capitulos do romance do titulo supra, que o Autor deu a lume no presente semanario.

A epigrafe do 1.º capitulo, que então teve, e o Autor substituiu, quando, tendo proseguido na obra, veiu a publicar o 1.º volume do romance em 1848, era a seguinte:

«Dos males em que ha cura
todo benefycio val;
mas o mal que é immortal
quem lhe remedio procura
perde todo o cabedal».

«*D. Alv. de Nor. Canc. de Res.*, fl. 152».

Os restantes capitulos apareceram em os numeros 194, 195, 197 e 198. Nenhum d'eles teve titulo, como no livro. Na parte final do 3.º capitulo, impressa em o numero 198, lê-se imediata á data em que se figura passado o romance, a indicação: «*(Conclusão)*», que é a do capitulo.

Março, 20. — N.º 203. — *A Vida Soldadesca. (Fragmento de um livro inedito).*
É este o escrito a que nos referimos a pag. 500. Tem uma como introdução, que é evidentemente sequência á materia do livro em projecto, de que naquela e outras paginas se trata, seguindo-se-lhe o capitulo I. Começando em pag. 91, termina em pag. 93 (1.ª col.), com a nota «*(Continuar-se-ha)*». Não houve, porem, seguimento, como ficou já notado.

Abril, 10. — N.º 206. — *A Meditação de Jesus.*
Artigo feito para solemnizar a Semana Santa d'este ano.
Acompanha a gravura «*Ecce Homo*», frontispicial do numero.
Esta pagina admiravel de filosofia religiosa termina com o seguinte periodo:

> «A mim, que sou pobre como a viuva que affastou o obolo, perdoarás por certo, oh Christo, estas linhas escriptas no pedestal da tua cruz, durante os dias em que os teus crentes celebram a memoria do tremendo Sacrificio do Golgotha».

Foi d'este «tremendo sacrificio» que se originou o Catolicismo, de cuja original puresa Herculano foi adepto fervente: — «velho catholico», como a si proprio se apelidou. E o Catolicismo ainda agora é, julgado por um «positivista» ferrenho, qual se amostra o Dr. Gabriel de Piza, em seu livro *Incidente Piza — Rio Branco*, «uma grande escola de homens de ordem, de bons costumes, dignos de fé, confiança e estima. É escola — acrescenta — de autoridade, humildade e bondade».
Este ilustrado discipulo de Augusto Conte, este seguidor fiel do chefe do Apostolado Positivista do Brasil, Rodrigo Teixeira Mendes, não deixa de, ao concluir o seu belo livro, tecer «um hymno cordial á grandeza da fé religiosa, *unica fonte que nos dá forças para todos os sacrificios em bem da familia e da patria*».

Setembro, 11. — N.º 228. — *Ensaio sobre a Historia do Governo e Legislação de Portugal para servir d'introducção ao estudo do direito patrio, por M. A. Coelho da Rocha, Coimbra. — 1841 — 1 vol. 8.º*
Extensa noticia critico-bibliografica d'esta obra, da qual Herculano diz poder-se «sem favor nenhum dar-lhe o nome de um resumo da historia da civilização portugueza».
Herculano deu na *Revista Universal Lisbonense*, numero 5 d'este mesmo ano outro artigo encomiastico acêrca d'esta mesma obra, o qual em seu logar proprio se achará registado.

Setembro, 25. — N.º 230. — *Archeologia Portugueza.* — I.
Sob este titulo publicou Herculano neste e seguintes dois volumes varios escritos da segunda metade do seculo XVI, constituindo noticias interessantes da côrte de Lisboa, e outros assuntos relativos á historia da sociedade portuguesa d'aquela epoca, seu viver, costumes, etc.

Neste volume, precedido de breve introdução do ilustre tradutor, o «Diario da Viagem a Portugal do cardeal Alexandrino, sobrinho do Papa Pio V, e seu

legado em varias côrtes da Europa, escrito pelo cronista João Baptista Venturino».

Este Diario foi reimpresso no volume VI dos *Opusculos*, conjuntamente com os mais escritos da mesma epigrafe.

Novembro, 6. — N.º 236. — *Arrhas por Fôro d'Hespanha.* — 1371-1372.

O romance historico d'este titulo, 2.º no tomo I de *Lendas e Narrativas*, foi começado a publicar neste numero, e terminou em o número 7 do volume I, serie 2.ª d'este semanario (1842).

1841:

Maio, 2. — *Quadros Historicos de Portugal. — Tomada de Silves por Sancho I.*

Tratando-se neste *Dicionario* de Antonio Feliciano de Castilho, diz-se, no que respeita aos *Quadros Historicos*: «Publicaram-se oito quadros; mas, segundo consta, são só do Sr. Castilho os primeiros sete: o oitavo attribue-se ao Sr. Herculano».

Este oitavo Quadro teve por objecto a *Tomada de Silves por Sancho I.* É acompanhado de uma excelente litografia de Sendim, e saiu, com efeito da pena do nosso Escritor, tal qual o declara o proprio Castilho, em a nota «*Ao Titulo*», a pag. 58, onde se expressa por estes termos:

> «... mas para que as escusas se convertam em louvores e agradecimentos, bastará declarar o que a erudição, o estilo, e a linguagem do mesmo capitulo já terão revellado, que é o nome do seu auctor, brilhante nome que nem já consente epithetos, Alexandre Herculano. — Lisboa, 2 de maio de 1841. — *Antonio Feliciano de Castilho*».

1841. — *O Clero Portuguez.*

Opusculo de 16 pag., *in* 4.º, em corpo 8, sem rosto, tendo no alto da primeira pagina tarja, e após, a indicação da materia. Capa de papel azul, lisa. No fim: Lisboa — 1841. Typographia do *Constitucional.* — Rua do Loreto n.º 39».

D'esta publicação, que devia correr sem nome de autor, mas que, decerto, o trairia para logo, apenas lidos os primeiros periodos de uma prosa que lembra para logo «*A Voz do Propheta*», escrevia nosso sempre lembrado amigo Innocencio, no lugar proprio do I volume do suplemento a este *Dicionario*:

> «Nunca pude ver este opusculo, cujos exemplares se tornaram raros logo depois da sua publicação[1]».

Herculano o recolheu, com efeito, recebida que foi da imprensa, a correspondente tiragem, sendo impossivel descortinar hoje que motivos terá o Autor tido para assim proceder.

---

[1] Ha um exemplar na Biblioteca Publica Municipal do Porto, constante de pag. 392 do *Catalogo* d'esta Biblioteca — *Nova Serie* — *Tomo* I — Porto, 1909.

O proprio João Pedro da Costa Basto, o «homem que muito viveu com Herculano, e bastante o conhecia», para empregar as expressões veracissimas do biografo Rodrigues Cordeiro, o proprio João Pedro, que tão vivazes compartilhou com seu irmão José as tradições e as saudades do Amigo para sempre mudo; ele proprio, intimo conhecedor, como foi, de muitos dos motivos do proceder de Alexandre Herculano, ignorava — confessou-o a quem estas linhas escreve — acaso porque as suas relações com o seu Grande Amigo não seriam ainda, ao tempo em que o facto se deu, tão intimas quanto o vieram depois a ser, qual o motivo que actuara no espirito do Autor d'este opusculo, para o resolver a eliminar de entre os seus sempre procurados escritos um, em que tão eloquentemente se espelham as qualidades afectivas do seu preclarissimo caracter.

— Quanto daria eu, dizia-nos um dia o autor d'este por ele proprio proscrito opusculo para os abismos do esquecimento, quanto daria eu hoje, para poder dar por jamais escritas tantas coisas que por aí correm, por mim redigidas!

Uma d'elas foi o opusculo *O Clero Portuguez,* decerto. Mas a respeito de quantas mais seria esta especie de tardio protesto intimo a primeira formula d'aquele seu asserto, impresso na «Advertencia» do tomo I dos *Opusculos*:

> «Aprender quasi sempre é esquecer; affirmar quasi sempre é negar: esquecer o que aprendemos; negar o que nós proprios afirmámos». — ?

O pensamento que presidiu á redacção do opusculo *O Clero Portuguez* aplicou-se a stigmatizar o disposto no decreto de 19 de setembro de 1836, que estabelecera *por um ano* as congruas paroquiaes, e continuava em 1841 a ser «lei do paiz», continuava ainda a ser «a lei da subsistencia do clero».

> «Infamia e atrocidade! clamava o coração sincero e generoso de Herculano. «Vós, por uma providencia policial obrigastes alguns mendigos a prover-se de um titulo para mendigar; pregastes no peito de alguns uma chapa de metal, uma especie de sello de miseria, de ferrete de desventura. Fazei o mesmo aos parochos, mas abrogae a vossa lei absurda e immoral!».

São os ultimos ecos da prosa hiperbolica da *Voz do Propheta,* que tanto contribuira para a nomeada literaria de seu autor. Somente, o panfleto apocaliptico de Herculano é o primeiro com que ele abriu a reedição geral de seus escritos. *O Clero Portuguez* ficaria porventura sepultado sob quaesquer desilusões precursoras da Visão de Ourique ...

E todavia que estrondosa vingança a de Herculano, se ele se tivera resolvido a pôr por fecho ás suas inglorias lutas com o clero reaccionario de 1850, ou com o poder oculto que o movia, uma refundição do *Clero Portuguez* de 1841! ...

Como aqueles pobres pastores de ovelhas, «a classe mais respeitavel do nosso paiz, que morria litteralmente de fome, quando sobreveio a Revolução de 1836» e haviam sido o objecto das tão misericordiosas, quão justas, então, e bem cabidas reflexões de Herculano, ficavam desmascarados!...

> «Extinctos os dizimos — escrevia — nem esses mesmos poucos seitis restavam ao parocho. O defeito não esteve na suppressão daquelle rendimento, mas na falta de uma substituição e de uma applicação justa

é moral. Ora, a lei, que então se promulgara, e cujo fim parecia ser o remedio a este mal, não era mais que o resumo da anterior perseguição feita ao clero; era a ultima expressão de despreso; era o arrastar o parocho, nú e moribundo, e deitá-lo á porta do presbyterio, com a escudéla sobre o ventre, onde recolhesse as esmolas insultuosas dos que passassem; era uma lei impia, como as mais impias, immoral como as mais immoraes; era a quinta essencia da ingratidão popular».

Herculano, como sempre, fervoroso espiritualista, crente acerrimo na bondade do Cristianismo, «o eterno aliado da Liberdade», Herculano, filosofo profundo, desenganadamente convencido dos nadas d'este mundo de ilusões, fechava este seu escrito, escrevendo:

«Ai dos que abominam a cruz, porque a cruz é eterna! Quem passa como sombra vã são os homens e as suas paixões; as gerações e os seus crimes, os povos e as suas leis insensatas!».

Quem pensaria que os que se diziam servidores e ministros d'esta Cruz, assim exaltada e defendida pelo mais profundo pensador, de quantos Portugal ainda produziu; quem pensaria que nove anos, apenas, depois d'isto escrito e impresso, aquela mesma «classe mais respeitavel do nosso paiz», aquele clero português, de quem Herculano se comprazia em afirmar no seu sincero escrito que, até então, «não dêra um só passo retrogrado na estrada do progresso intelectual e moral» seria o mesmo que o afrontaria, e o cobriria — até no proprio pulpito! — de injurias e doestos, tão imerecidos, quanto descompostos e soezes!

Talvez que algum facto não conhecido, alguma injuria que até nós não veiu, algum prenuncio, algum sintoma — quem sabe? — da tempestade que se formava sobre a cabeça do escritor isento e veraz, mil vezes mais cristão, do que os ministros de Cristo dos tempos da *campanha do milagre de Ourique*, actuasse na resolução que se comenta, e tornasse raro um escrito que seguindo seu natural curso, divulgado, digamos, representaria a expressão antecipada de um caritativo desagravo! ...

Da Eschola Polytechnica e do Collegio dos Nobres. — Lisboa, na Typ. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis. — 1841. Fol. de 19 pag.

Acêrca d'este opusculo, que está datado de 15 de junho de 1841, reportamo-nos ao que se lê em o n.º 195 do tomo I d'este *Dicionario*, e tambem á narrativa da «Advertencia» posta á frente do tomo VIII dos *Opusculos*, onde este se acha reeditado.

1841:

Setembro a Novembro. — *Instrução Publica.*

A explicação da origem dos artigos publicados por Alexandre Herculano no *Constitucional*, durante os meses acima notados, tendo por assunto a *Instrução Nacional*, epigrafe que por emenda do proprio Autor, foi substituida pela que acima se lê, dá-a o coleccionador das materias que formam o tomo VIII dos *Opusculos*, entre as quaes os preditos artigos se acham insertos em 4.º lugar. Herculano tambem não completou a publicação d'este trabalho, o que o compilador não deixou de mencionar.

Para a muito elucidativa «Advertencia» que acompanha o mencionado tomo remetemos, pois, aqueles de nossos leitores que quizerem orientar-se nas ori-

gens d'esta publicação. Pelo que toca aos proprios artigos objecto d'este registo, são para ler-se as paginas do livro do distinto professor F. Adolfo Coelho, «*Alexandre Herculano e o Ensino Publico*, Lisboa, 1910», nomeadamente do capitulo v em deante.

Convem, porem, advertir que por inexplicavel confusão do diligente compilador a quem nos temos referido, foi em sua «Advertencia» atribuido menos exactamente a Herculano o unico artigo que no *Repositorio Literario* do Porto se referiu á «Instrução Publica na Prussia». Pelo menos, é o que entendemos da seguinte afirmativa a pag. XIV:

> «Já na folha — *O Repositorio Litterario* — publicada de 1834 a 1835 na cidade do Porto, elle (Herculano) começara a manifestar o seu interesse pela instrução do povo, descrevendo ahi as escholas de instrucção elementar da Prussia e encarecendo-as como modêlos no genero».

Ora, o artigo que pode ter dado causa a esta inexactidão, e veiu a lume em o n.º 3 do sobredito *Repositorio*, referido a 15 de novembro de 1834, acha-se firmado pelas iniciaes «J. C.», que supomos corresponderem ao nome e sobrenome do lente de matematica da Real Academia de Marinha e Comercio da cidade do Porto, José Carneiro da Silva. Este é com efeito o unico socio da agremiação editora d'aquele jornal, que possa assinar com taes iniciaes, segundo verificamos na lista das assinaturas dos socios que firmaram os estatutos da Sociedade Literaria Portuense, e se acham, na colecção da Biblioteca Municipal do Porto, após o n.º 24, referido ao 1.º de outubro de 1835.

José Carneiro da Silva foi vice-presidente da reformada Sociedade. O seu artigo, aliás diminuto, no que tem de pessoal do proprio autor, não passa de mera transcrição de varios periodos do relatorio de Victor Cousin, quando de sua enviatura á Prussia, em 1831, para examinar o estado dos estabelecimentos literarios e scientificos do norte da Alemanha, e por aqui fica.

Esta confusão levou o conspicuo pedagogista a referir-se a supostos artigos de Herculano, com a nota de não terem sido reproduzidos nos *Opusculos*, a tal respeito publicados no *Repositorio Litterario*[1]. Dos artigos do nosso Autor que neste jornal vieram, com efeito, a lume já nós demos noticia de pag. 506 a 508.

Revista Universal Lisbonense—Jornal dos Interesses Physicos, Moraes e Litterarios por uma Sociedade Estudiosa —Tomo I— *Anno de 1841-1842* — *Lisboa* — *Na Imprensa Nacional* — 1842.

O numero 1 d'esta *Revista* veiu a lume no 1.º de outubro de 1841, imprimindo-se até 30 de dezembro d'este ano 14 numeros, constituindo o tomo I. O tomo II compreende 48 numeros, começando pelo numero 1 em 6 de janeiro de 1842, e terminando em 15 de setembro d'este ano. — Adverte-se que os titulos d'esta *Revista*, aqui transcritos, são trasladados dos frontispicios dos respectivos tomos, sem prejuizo das fidedignas informações que acêrca d'esta publicação se leem no tomo VII do presente *Dicionario*, a pag. 158.

Eis a noticia dos artigos que pertencem a Alexandre Herculano, firmados «*A. H.*», insertos nestes dois primeiros tomos.

---

[1] Op. cit., pag. 3, nota (1).

1841:

Outubro, 21.—N.º 4.—*Publicações Lithographicas.*

É um pequeno artigo elogioso da pessoa e produções artisticas do litografo Lopes.

A estampa *A Odalisca,* executada por este artista, copia da de Gravedon, de Paris, foi motivo a este artiguinho encomiastico. Herculano entende que o copista excedeu o original francês, eclipsando neste todos os seus trabalhos anteriores.

Outubro, 28.—N.º 5.—*Bibliographia Portugueza.—Ensaio sobre a Historia do Governo e da Legislação de Portugal, por M. A. Coelho da Rocha.—Coimbra. 1841.—1 vol. 8.º*

É esta a segunda das duas noticias da obra acima indicada, por Herculano escritas. Em sua competente altura inserimos já a primeira, ao registar os artigos do nosso Autor no *Panorama* d'este ano.

Qualquer d'estas noticias não é inferior á que Herculano escreveu referindo-se aos *Elementos de Direito das Gentes,* de Vicente Ferrer, e bem mereciam, como aquela, ser tambem incluidas em um dos volumes dos *Opusculos.*

Para isso, porêm, teria sido mister que a orientação que presidiu ao coleccionar dos escritos de Herculano, após o tomo VI, tivesse sido diversa da adoptada pelo segundo de seus legatarios.

Novembro, 18.—*O Muro de El-Rei D. Fernando.*

Neste extenso artigo verbera Herculano o arrasamento a que se procedera da «torre de Alvaro Paes», a S. Roque, ao mesmo passo que elogia a resolução tomada por Francisco José Caldas Aulete, de conservar os dois lanços da muralha construida no tempo d'aquele rei, assentes em terreno que lhe pertencia, na calçada do Duque, mandando tambem colocar em lugar apropriado neles uma inscrição comemorativa da sua origem e antiguidade [1].

Francisco José Caldas Junior, contador da Relação de Lisboa, e solicitador da Casa Real, para que o não confundissem com outro ou outros de igual ou semelhante nome, anunciou no *Diario do Governo* de sexta feira, 13 de julho de 1838, que da data de 8 d'este mês em deante passara a assinar-se Francisco José Caldas Aulete.

1842:

Janeiro, 6.—N.º 1.—*Noticia Juridica dos Nobres de Portugal.*

O pensamento que presidiu á elaboração d'este artigo está condensado nestas linhas que fazem parte d'ele:

> «A condição que pode distinguir o individuo nobre do individuo plebeu é uma só, e está nelle: é o ser *eminente.* A materia não importa, o que importa é o obreiro».

Esta verdade que, por inconcussa, é axiomatica, deduz-se dest'outro facto:

> «A desigualdade entre os homens é um abismo sem fundo, que nenhumas revoluções poderão encher com todas as ruinas das institui-

---

[1] Está transcrita a paginas 183 do tomo II d'esta *Revista.*

ções do passado. Mas a desigualdade humana escreve-se lá em cima, e não em diplomas de chancellaria. Nenhum pergaminho teve ainda, que nós saibamos, a virtude de transformar o ignorante em sabio, o sandeu em engenhoso, o timido em ousado, o de má indole em virtuoso».

Remata Herculano o seu artigo contando o caso de ter sido a tragica Rachel recebida em Londres, quando fora representar naquela capital, por forma que diziam os proprios ingleses ter a grande atriz honrado a Inglaterra, dignando-se passar algumas semanas na patria dos nevoeiros. A propria rainha Victoria lhe abrira as portas dos seus paços, diligenciando retê-la por mais alguns dias na sua esplendida côrte, e mandando-a visitar por Lord Wellington.— «Esta historia —conclue o brilhante Articulista— exprime o pensamento da nossa epocha ácerca da aristocracia».

Abril, 7.—N.º 27.—*Estudos de Historia Portugueza.*

Sob tal epigrafe começaram a aparecer nesta *Revista* os cinco magnificos estudos que seu proprio Autor classificou de *Cartas*, mas de que só a primeira foi redigida em estilo epistolografico, constituindo a apresentação do assunto. Por tal facto, conservamos a noticia que lhes respeita no logar proprio, em vez de a passarmos á secção «*Epistolografia*», como o fazemos a respeito de outros escritos literarios do Autor, redigidos com aquele caracter.

Foram os cinco Estudos ou «*Cartas*» reproduzidos no tomo V dos *Opusculos*, sob o titulo *Cartas sobre a Historia de Portugal*, omitindo os editores na ultima o ultimo periodo d'ela, no qual o Autor se propunha dar na imediata a sua opinião «sobre o verdadeiro methodo segundo o qual se deverá escrever a historia». Não proseguiu, porem, pelas provaveis razões que seus legatarios expuseram na advertencia preliminar de pag. VIII e IX do indicado tomo.

Maio, 26.—N.º 34.—*Theatro, Moral, Censura.*

Este escrito é o segundo dos que seu Autor reuniu no volume I dos *Opusculos*, revisto e castigado, como todos os mais, em corroboração do que se lê na «Advertencia» d'esse mesmo volume.

A guerra que Antonio Feliciano de Castilho moveu contra as *Proezas de Richelieu*, pondo na imprensa «a questão moral do drama», foi causa a este belo escrito, em que seu Autor se colocou ao lado de seu ilustre confrade e amigo, concluindo por condenar, como anacronica, absurda, insensata, atentatoria da liberdade intelectual do engenho humano, e além disso perfeitamente inutil, a paivoice legal chamada *censura previa*.

O Panorama—1842—Vol. VI:

Os artigos publicados por Herculano neste volume são a continuação e conclusão do romance historico *Arrhas por Fôro d'Hespanha* e a continuação e conclusão da *Viagem do cardeal Alexandrino.* Nada mais de novo.

Uma sentença sobre bens reguengos.—1842.

Acêrca d'este escrito, que é a analize de certo acordão da Relação de Lisboa, em litigio sujeito ao decreto de 13 de agosto de 1832, sobre foraes, informa o

coordenador do tomo VIII dos *Opusculos*, na «Advertencia» posta á frente do volume, no qual o aludido escrito foi inserto, ter sido o mesmo encontrado entre papeis de seu Autor, com a data acima impressa, ignorando o declarante se o texto, que tem a designação de *comunicado*, chegou ou não a ver a luz publica. Em caso igual nos achamos, e por isso simplesmente nos limitamos a registar esta publicação, referida ao ano que seu proprio Autor lhe assinou, e ao logar que ocupa no predito tomo dos *Opusculos*, que é o 6.º

Revista Universal Lisbonense, Jornal dos Interesses Physicos, Moraes e Litterarios, e redigido por Antonio Feliciano de Castilho. — Tomo II. *— Anno de 1842-1843. — Lisboa. — Na Imprensa Nacional — 1843.*

São os seguintes os artigos por Herculano publicados neste 2.º tomo:

1842:

Setembro, 22. — N.º 1. — *A Batalha do Chrysus.* — 711. — (*Fragmento*).

Foi nas columnas da *Revista Universal Lisbonense* que Herculano, como o lembrava depois o então redactor principal d'aquele belo repositorio literario, Antonio Feliciano de Castilho, começou a tornar conhecida do publico a admiravel «chronica-poema», tal qual seu proprio autor a classificou, ao sair completa a lume em 1844, que veiu a intitular-se simplesmente *Eurico o Presbytero*.

Na data supra, aparece, com efeito, e no alto da pagina 7, o seguinte breve preambulo, assinado por extenso:

> «Os capitulos que vão aqui estampados pertencem a um episodio da conquista da Hespanha pelos arabes, intitulado *Eurico o Presbytero, ou o ultimo Poeta Godo*, episodio que pela sua extensão não seria possivel publicar por inteiro, em uma obra periodica. *O Presbytero* é a primeira de uma collecção de chronicas, que sob o titulo de *Monasticon* começará a sair á luz no proximo anno. Os presentes capitulos tendo por objecto o importante successo que poz nas mãos dos arabes a sorte de Hispanha, não carecem, para serem intendidos, da publicação dos antecedentes e posteriores. Servirá este fragmento de *Specimen* ou amostra da *Chronica poetica*, bem como o fragmento do *Monge de Cister*, publicado já em outro jornal, e pertencente a esta mesma collecção, o foi da Chronica historica.
>
> Não sêja a hospedagem dos leitores menos gasalhado para este pobre peregrino do que a concedida a seu irmão mais velho, e ficarei contente. Vae, como elle, mal trajado e pouco polido. Começou sua peregrinação mais cedo do que eu queria. Deus, se lhe approuver, que o guarde do apupar do público.
>
> *Alexandre Herculano*».

A esta modesta apresentação segue-se imediatamente o capitulo XI (*Juncto ao Chrysus*), sem epigrafe, e logo o texto correspondente, advertindo, porem, que na edição do romance este capitulo é o IX. Como sempre, entre o texto da *Revista* e o da 1.ª edição de *Eurico* ha leves divergencias de forma, nascidas de uma revisão derradeira. O «Fragmento» compreende, até o n.º 6 (outubro, 27), toda a narrativa da batalha; isto é, mais os dois seguintes capitulos, o terceiro dos quaes tem aqui por epigrafe, em vez de «*Dies Irae*», como no livro, «*Ultimo fado de Hispanha*», achando-se modificado o começo.

Outubro, 27.—N.º 6.— *O Theatro do Rocio*.

Dois assuntos de importancia nacional trouxeram alvoroçada a imprensa periodica lisbonense, neste e anos subsequentes;—a construção do teatro nacional e o projecto de monumento a D. Pedro IV, ambos na praça d'esta denominação.

Já desde junho d'este ano que a *Revista* se referia por modo um tanto irónico ao começo da construção do teatro, facto de que era «prova visivel e solida no sitio da obra um tapume de madeira em volta do palacio queimado do Rocio». No artigo criticava-se pouco benevola, mas muito sensatamente, entre outros defeitos, a inovação que apresentava o risco da sala dos espectaculos, projectando «vistosas galerias», em vez de camarotes. E as razões da reprovação d'esta novidade ainda hoje, a mais de setenta anos de distancia, —digamo-lo por modo de parentesis— seriam infelizmente justificadas, se agora se produzissem... A seguir, declarava-se constar não faltarem queixumes de arquitectos portugueses contra a «preferencia que merecera, em concurso, o risco do Sr. Lodi». O autor do artigo, considerando a questão sob os dois aspectos, da moralidade e da nacionalidade, nada se afoitava a dizer, já porque não dispunha de informações exactas, já porque lhe parecia que ás pessoas por cuja direcção a obra ia correndo impenderia o meditar no caso com madureza, para se não exporem a atropelar, por inconsiderações, interesses individuaes, e talvez mesmo nacionaes [1].

Fechava-se este artigo como começara, repassado de causticas ironias, tendo por objecto a consideração do que ali fôra durante seculos, e o que ali ia agora ser:— «inquisição, talho e ruinas, principalmente se o theatro continuar a ser romantico de obra grossa».

O *alamiré*, porem, estava dado. A indisposição contra o projecto Lodi alastrou, não tardando que a publico saisse, em opusculo, devido á pena do Visconde de Villarinho de S. Romão, a primeira parte da critica declaradamente hostil ao projecto e a condenação absoluta da traça do favorecido arquitecto romano [2].

Caracter impulsivo e eminentemente patriotico, Herculano tomou para logo posição á frente dos que a preferencia dos admidistradores da obra escandalizava, vendo um estrangeiro tomar o passo, para a execução do primeiro edificio monumental da cidade, nos modernos tempos, aos profissionaes nossos compatriotas. Tal foi a origem do artigo que se regista, no qual Herculano tomou a peito secundar a iniciativa de Vilarinho de S. Romão, declarando este assunto «não uma questão de mero interesse local, mas uma questão de todo o paiz».

Neste artigo, escrito ao modo ordinario, isto é, impessoalizado, vê-se, todavia, a assinatura «*A. Herculano*».

Adeante vamos ver as consequencias que o passo teve.

Um Monumento ... veremos de que!!!

Referir-nos-hemos agora ao segundo dos dois assuntos de importancia nacional, a que aludimos no precedente registo;—o Monumento a D. Pedro.

Concorrentemente com a construção do teatro nacional, foi nomeada uma comissão para superintender no projecto de um monumento ao Libertador, a colocar no centro da praça do seu nome. Que havia de acontecer, porem? Que

---

[1] Cf. *Edificação do Theatro Nacional*, nas *Memorias do Conservatorio Real de Lisboa*, a pag. 321. Esta narrativa ficou infelizmente por acabar.

[2] *Reflexões criticas e artisticas sobre a edificação do novo Theatro portuguez, denominado Theatro da Gloria.* —Veja-se o numero 976 do tomo I d'este *Dicionario*.

o Governo, compartilhando das simpatias dos construtores do teatro pelo arquitecto preferido, o *italiano* Fortunato Lodi, mandou baixar á comissão do monumento um risco d'este venturoso artista, para, se lhe parecesse bem, o mandar executar!

Tal o motivo d'este violento e ao mesmo tempo desprezador artigo que segue logo ao precedente, e cujo final aqui transcreveremos:

> «Não deram já ahi al signor Lodi a feitura do theatro novo, monumento da nossa Rainha — da nossa Rainha ... sim, que não da sua! Arremataria elle a edificação de todos os nossos monumentos? Não o conhecemos, não o guerreamos; e para que? ... Seja academico de merito: edifique pontes suspensas, e estufas — e não sabemos que mais prodigios tão pregoados e blasonados em algum jornal ... portuguez!
>
> Deem-lhe quanto se achar justo ou approuver — direcção de obras, magisterios, rendas, condecorações. titulos, tudo; levantem-lhe até estatuas e agulhas — mas — em nome de Deus! — que não ponha mão no monumento de *D. Pedro*, nem em representação alguma da nossa gloria. Que o desmaginem d'essa tentação diabolica, se a tiver; se a procurar levar a effeito, que o repulsem. Que o repulsem, como os seus patricios repulsariam ao proprio architecto da Batalha se ressuscitasse, e fosse offerecer-se em Roma a edificar outra egual maravilha em honra de um principe italiano, que houvesse libertado a sua patria!!!»

Este artigo não foi assinado, mas não o carecia; só Herculano poderia ser seu autor, e que assim se entendeu, viu-se.

Novembro, 3. — N.º 7. — *O Presbytero* (*Fragmento 2.º*).

Sob este titulo e sub-titulo *O Martyrio*, dá Herculano, sem epigrafe, e continuando-se em seguintes numeros, o capitulo XII de *Eurico*. É, como se sabe, o admiravel e pungente episodio do «*Mosteiro da Virgem Dolorosa*», que neste «*Fragmento*» recebeu o n.º XIV. Observação igual á precedente, no tocante a divergencias de forma, uma que outra supressão de circunstancias, etc.

Novembro, 24. — N.º 10. — *O Theatro do Rocio* (*veja-se o artigo* 963).

Tanto a 1.ª parte da critica de Vilarinho de S. Romão ao projecto Lodi, como o apoio que Herculano prestara áquela critica no artigo supra lembrado tiveram resposta. Um outro italiano, Cesar Perini, emigrado que em Portugal achara acolhida e um emprego, se encarregou da questão contra os dois patriotas escritores. No artigo de fundo do numero 10 do *Espelho do Palco* (3 de novembro) era o autor das *Reflexões criticas* chasqueado.

A seguir, no artigo imediato, afirmando-se-lhe que «se enganara *ou quizera enganar*», advertia-se tambem Herculano que «mui levemente se houvera», acreditando nos «*embustes*» do adversario do projecto Lodi, e convidava se o intemerato articulista, invocando-se a «sua acrisolada honradez e conhecida delicadeza» a retratar-se do que escrevera; reconhecendo que «fôra iludido por um homem, em cujo peito fervia espuma o fel da negra inveja» (!!!).

Finalmente, num terceiro artigo, epigrafado «*Sentença*» que se figura ser proferida pelo «Supremo Tribunal da Razão», tendo sido atentamente lido «o artigo de maldição do n.º 6 da *Revista Universal*», etc., declara-se que «tanto a conhecida pessoa que apresentou os riscos, como o autor d'elles (Lodi) estão innocentes» de quantos crimes se lhes imputam naquele artigo. Á insulsa facecia segue-se uma lista de obras de arte, executadas por artistas estranhos aos paises que lhes utilizáram os meritos, como para justificar a preferencia dada ao artista italiano para a admissão do seu risco.

Este segundo artigo de Herculano destinou-se pois a corroborar quanto dissera no primeiro, rebatendo os argumentos apresentados pelos seus adversarios, e declarando que a questão de nacionalidade viera após a questão artistica. Por isso, se a primeira se resolvesse de modo vantajoso para o acusado, a segunda caía por terra. Se o projecto Lodi fosse superior aos dos artistas portuguezes, o autor d'este artigo seria o primeiro a aprovar-lhe a preferencia, porque a obra não é das que, «representando exclusivamente um pensamento moral e patriotico, só a mãos portuguesas devam ser confiadas».

E conclue:

> «Mas quando sem exame, sem comparação, se antepõe o perigrino e peior ao domestico, e melhor, e quando, como se isso não bastára, se responde ao que em nome da arte appela para a opinião publica, *despreso-te, e recuso o tribunal,* ha, não só uma injustiça contra os artistas menoscabados e uma injuria immerecida contra quem advoga a causa d'elles, mas um insulto intoleravel feito gratuitamente á nação. Guardar silencio em tal materia fora vil e covarde. Nunca dentro do meu paiz ou fora d'elle neguei o nome de portuguez: é tarde para agora o fazer».

Como se vê, Herculano escreveu este artigo com a firme tenção de o assinar, como de facto fez, e por isso se pessoalizou.

1843:

Janeiro, 19. — N.º 18. — *Phenómeno Importante.* — (Artigo n.º 1250 da numeração da *Revista*).

Zombeteira analise ao n.º 1 do jornal *A Fama,* criado para vir como que de «*refuerzo a Murillo*» auxiliar o *Espelho do Palco* em suas investidas contra o autor das *Reflexões criticas sobre a edificação do teatro do Rocio.* Nesse novo papelucho tomava parte, como naquele, o antigo colaborador de Castilho na dramaturgia do velho teatro do Salitre, Cesar Perini, que juntava á sua assinatura a designação da sua terra natal: «*di Lucca*»[1].

Este peregrino escritor inserira no novo jornal um artigo, intitulado *Pensamentos sobre a educação,* a que a redacção da *Revista* prometera «um comentario especial». Fez-lh'o Herculano, que era o visado nos taes *Pensamentos.* Fez-lh'o, e assinou-o com as suas iniciaes. Foram os ultimos ecos da renhida campanha em que Herculano tomou parte contra a preferencia dada ao risco de Fortunato Lodi para a construção do teatro nacional.

Março, 16. — N.º 26. — *Petição humilissima a favor d'uma classe desgraçada.*

Esta suplica enternecedora e comovente, repassada tambem de ironias pungentes e de acerbas recriminações, foi publicada inteira neste numero, advertindo a Redacção que o escrito, que se achava composto desde novembro do ano anterior, só agora, e bem a pezar da declarante, podia ser publicado.

---

[1] No artigo neste *Dicionario* dedicado a Cesar Perini, II, pag. 66, falta registar, talvez porque se não imprimiria, o que não afiançamos, o drama *Os tres ultimos dias de um sentenciado,* que é original seu, e tradução de Castilho, como se disse a pag. 477 do presente volume. O drama *O Marquez de Pombal* está no mesmo caso, pois tal se imprimiu nos anuncios do *Diario.* Em regra, no Salitre Perini escrevia em sua materna lingua e Castilho traduzia.

Eis porque Herculano, incluindo-o no tomo I dos *Opusculos*, sob o titulo primordial *Os Egressos* e dando-lhe por sub-titulo o que acima se lê, o reportou a 1842.

Junho, 8. — N.º 38. — *A Eschóla Polytechnica e o Monumento.*

A origem d'este primeiro escrito, dos cinco a que foi motivo, deu-a seu Autor em duas linhas, no começo d'ele: — a razão publica perfilhara o pensamento de se aplicarem as somas coligidas para a erecção «do monumento com estatua» (o monumento a D. Pedro, ao centro da praço d'esta denominação), á restauração da Escola Politecnica. Suscitaram-se, porem, duvidas e escrupulos sobre a legitimidade da novo forma que se pretendia dar ao monumento a D. Pedro, e entrou o assunto nos dominios da discussão.

Declarar-se aberta e resolutamente em favor da ideia controvertida, tal o fim de Herculano, publicando este primeiro artigo, a que a Redacção da *Revista* deu as honras do primeiro logar. Os quatro subsequentes apareceram em os n.os 40 a 43 e 46, advertindo que só foi numerado o terceiro. O segundo artigo responde á impugnação das ideias expendidas no primeiro, publicada no *Espectador*, o terceiro procede de igual forma, pelo que toca á refutação começada a imprimir no *Correio*, o quarto e o quinto continuam a materia do antecedente, o sexto, emfim, resume e encerra a discussão. Do terceiro ao sexto foi o titulo invertido: *O Monumento e a Eschóla Polytechnica*».

O coleccionador das materias que formam o tomo VIII dos *Opusculos* aí os reuniu em numeros seguidos (I a VI), comentando-os em sua muito bem elaborada e lucida «Advertencia», e registando com criterio os resultados finaes d'esta memoranda questão.

> «O monumento-estatua triumphou, — escreve — mas A. Herculano tornara moralmente impossivel que a eschola fosse lançada ao olvido, a tal ponto que ella foi restaurada antes daquelle ser erguido, vindo a justificar pela brilhante situação que depois conquistou, as campanhas em que o eminente publicista tanto se empenhara para encarecê-la no espirito público».

Quanto ao Monumento a D. Pedro, esse sempre veiu a ter infelizmente a sorte que Herculano tanto se afadigou tambem por lhe evitar, antes de surgir a ideia originaria dos escritos que o presente artigo regista. O arquitecto italiano Fortunato Lodi teve de contentar-se, é certo, com o construir a mimosa *caixinha de amendoas* que hoje chamam *Teatro Nacional Almeida Garrett*, com suas microscopicas janelinhas, a sua principal entrada *pela ilharga*, como é já agora sina de quasi todos os nossos edificios publicos, com seu alçado frontispicial, emfim, acachapado perante todas as edificações que formam a bela praça, no fundo da qual *ostenta* as grandiosas proporções que todos vemos ... Mas o «Monumento com estatua» lá está, projectado e esculpido por uma sociedade de *artistas estranjeiros*, atestando em si proprio a cruel afirmativa de Herculano; — «o monumento não é consagrado a D. Pedro, mas á *vaidade* nacional».

O Panorama — 1843 — Vol. VII:

Janeiro, 14. — N.º 55. — *O Bobo.* — 1128.

Romance historico principiado pelo Autor neste numero, a pag. 10, e terminado a pag. 242. Assinado em todos os numeros: «*A. Herculano*».

Apezar d'isto, ou, talvez melhor, — por causa d'isto, foi contrafeito no Rio de Janeiro, em 1866, conforme o sempre lembrado autor d'este *Dicionario* conta

no tomo I do *Suplemento*, e os proprios editores declararam na «Advertencia» posta á frente da reedição de 1878.

Esta reedição, como é sabido, comporta as modificações e adições com que o Autor tivera em mente melhorar a publicação do romance, de que ele mais conceito fazia, entre todos que a sua prodigiosa imaginação criara.

Quando Herculano resolveu reeditar *O Bobo*, refazendo-lhe o começo, e refundindo algum capitulo mais, deu por falta das folhas do *Panorama*, onde o romance fôra começado a publicar. Um amigo, seu grande venerador, ofereceu-lhe então um exemplar do volume, que é, como acima se disse, o VII (2.º—serie 2.ª), e tendo-o o Autor presente realizou as modificações projectadas, que, todavia, ficaram ineditas e no estado em que os editores as apresentáram, ao dar o livro á impressão.

Falecido Alexandre Herculano, um de seus amigos e seu intimo, o Sr. José Manuel da Costa Basto, depositou o exemplar do *Panorama*, de que aqui se dá noticia no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, achando-se no gabinete do director geral, no mesmo armario onde se guarda a escrivaninha de latão — obra da industria de latoaria amarela nacional — de que o Grande Escritor durante bons quarenta anos se serviu, e que é lembrada no livro de Bulhão Pato: *Sob os Cyprestes*.

Janeiro, 21. — N.º 56. — *Propriedade Litteraria. — Aviso contra salteadores.*

Mal pensava, decerto, o ilustre Autor d'esta justissima queixa contra o bandoleirismo dos editores do Rio de Janeiro, que após o seu falecimento, um jornal d'aquela capital se haveria de lembrar de ir desenterrar das colunas do popularissimo semanario lisbonense o artigo, de que aqui se trata, para argumentar ás cinzas do adversario da chamada «Propriedade Litteraria» que se contradissera em suas opiniões contra a tal propriedade, porque já em tempos a reconhecera, como se provava pelo artigo que apontava!

Para o artigo competente chamamos a atenção de nossos leitores, que aí, e a proposito da carta que Pinheiro Chagas escreveu ao imperador do Brasil, sobre a materia, encontrarão na integra o artigo de que se trata acompanhado da explicação dos motivos que lhe deram ser, bem como da refutação da *denuncia* da *Gazeta de Noticias*, a tal proposito.

Março, 18. — N.º 64. — *Archeologia Portugueza.* — VI. — *Viagem a Portugal dos cavalleiros Tron e Lippomani.*

Finaliza esta narrativa em o numero 66 d'este mesmo volume, numerando-se o artigo VII.

Acha-se transcrita no tomo VI dos *Opusculos*, onde é a 3.ª

Abril, 1. — N.º 66. — *Antiguidade da Polvora na Peninsula.*

Erudito artigo, repleto de informações colhidas em autores de todo o credito, acêrca do emprego d'este esplosivo feito pelos arabes na peninsula, desde remotos tempos.

Foi expressamente escrito para justificar um passo do capitulo II do romance *O Bobo*, de que algumas pessoas impugnaram a propriedade, em que o Autor descrevia «entre os instrumentos e tiros proprios para combater os logares fortificados no seculo XII, uma especie de bombas ou granadas arrojadas por um mixto similhante á polvora».

Os Sete Dormentes:

Explicação historica d'esta lenda fabulosa, que das cronicas eclesiasticas passou para o Alcorão, e assim ficou sendo considerada por cristãos e mussul-

manos milagre particular a cada qual das duas religiões; — a de Cristo e a de Mafoma.

O artigo, que é breve, está assinado «*A. H.*».

Abril, 15. — N.º 68. — *Christianismo. — Philosophia.*

Este é o artigo a que, no que se refere ao de epigrafe quasi identica, publicado no III volume d'este semanario (1839), a paginas 218, 275 e 373, nos reportamos, notando a sem razão que teve o coordenador do volume *Composições Varias* para o considerar continuação e fim d'aquel'outro.

Do de que trata esta nota já demos a ideia e o fecho, demonstrando nada ter de comum com a matéria do artigo intitulado *Do Christianismo.*

A Meditação no Promontorio. — (*Fragmento de um livro inedito*). — I a VI.

Esta terceira amostra do futuro romance *Eurico o Presbytero* é o capitulo IV do mesmo romance, não tal qual foi impresso, mas com as seguintes divergencias:

A numeração dos fragmentos «das elegias tremendas do Presbitero» é dada em caracteres romanos. Não ha a epigrafe nem a data que foram impressas no romance. Como neste, são seis os fragmentos apresentados, com a seguinte alteração, porem: — o n.º 2 do romance foi posteriormente escrito para ele; achando-se aqui, e em seu logar, o que tomou o n.º 3. Em contraposição, nesta terceira amostra aparece um VI capitulo que o Autor suprimiu no romance, talvez porque resolveria encurtar esta parte da composição, e de modo algum porque o texto sacrificado destoe do pensamento harmonico predominante em toda ela, como vae ver-se:

> «...
>
> O disco esplendido do astro do dia começa a surgir do meio dos mares, balouçando-se tremulo sobre o collear das ondas.
>
> Eu não te amo, oh sol, que alagando com os turbilhões dos teus raios esta terra condemnada, te assemelhas ao homem cruel que vai dar uma risada junto ao leito do moribundo.
>
> E porque te havia de amar se tu és o inimigo dos sonhos da imaginação; se tu nos chamas á realidade, e a realidade é tão triste?
>
> Pela escuridão da noite, nos logares ermos, e ás horas mortas do alto silencio, a phantasia humana é mais ardente e robusta.
>
> É então que ella dá movimento e vida aos penhascos, voz e entendimento ás selvas, que se meneam e gemem á mercê da brisa nocturna.
>
> É então que ella collige as suas recordações; une, parte, transmuda as imagens das existencias que viu passar ante si; e estampa nas sombras que a rodeam um universo transitorio, mas para ella real.
>
> E é bello esse mundo de phantasmas aereos, por entre cujos labios descorados não transpira nem perjurio nem dobrez, e a cujos olhos sem brilho não assoma o reflexo de animos prostituidos.
>
> Ahi ha o repouso, a paz, e a esperança, que desappareceram da terra; porque o mundo das visões cria-o a mente pura do poeta: ella dá ser e vulto ao que já é só ideal; e o passado deixando cahir o seu immenso sudario, ergue-se em pé, e pondo-se ante o que medita, lhe brada — «aqui estou eu!».
>
> E este o compara com o presente, e recúa de involuntario terror:
>
> Porque o cadaver que se alevanta do pó é formoso e santo; e o presente, que vive, e passa, e sorri, é horrendo e maldito.
>
> E o poeta atira-se chorando ao seio do cadaver, e diz-lhe — «esconde-me tu!».

É lá que esta alma, arida como a urze da charneca no estio, sente, quando ahi se abriga, refresca-la um como orvalho do céu.

A ti, oh promontorio escalvado, cuja fronte nua varre a procella, e que te penduras sobre o abysmo mysterioso das vagas; a ti é que eu hei-de amar sempre!».

Parece, pois, que este capitulo VI poderia entrar, em qualquer subsequente edição como aditamento editorial, sendo, como é, formoso trecho da primitiva traça.

Abril, 29. — N.º 70. — *De Jersey a Granville.* (Fragmento).
Interessante narrativa auto-biografica do Autor, publicada com a sua assinatura neste e no numero 73. A ela nos referimos a pag. 500 da presente tentativa bibliografica, registando achar-se incorporada no II volume de *Lendas e Narrativas.*

Bibliographia : — I. Compendio de Geometria pratica applicada ás operações de desenho. Lisboa, 1839. — II. Noções theoricas de Architectura civil. Ibid. Idem. — III. Elementos de Perspectiva Theorica e Practica. Ibid 1842.

Elogio em uma boa coluna de texto d'estes tres opusculos do Professor José da Costa Sequeira, antigo secretario da Academia das Belas Artes de Lisboa, assinado «*A. Herculano*».

Junho, 7. — N.º 77. — *Duas epochas e dois monumentos, ou a Granja Real de Mafra.*
Este extenso artigo descritivo, cuja primeira parte constitui uma das paginas mais brilhantes de historia filosofica nacional que hajam saido da pena do Autor, foi encorporado entre os que formam a materia do volume VII dos *Opusculos,* onde é o 1.º

Setembro, 2. — N.º 88. — *A Dama Pé-de-Cabra — (Conto de junto ao lar)* [1].
A chamada que acima se vê corresponde á seguinte nota :

> «Este conto, no genero phantastico, é tirado substancialmente do titulo 9 do Livro das Linhagens, chamado vulgarmente do conde D. Pedro».

Na *Memoria sobre a origem provavel dos Livros de Linhagens* se vê o motivo porque Herculano escreveu : «chamado vulgarmente do conde D. Pedro».
Este conto é o primeiro do tomo II de *Lendas e Narrativas.* Seu ilustre Autor não só não incluiu na reedição a nota supra, mas trocou a indicação subsequente ao titulo por est'outra : «*Rimance de um Jogral. — Seculo* XI».

Setembro, 9. — N.º 89. — *Estudos Moraes.* — I. (*As Recordações*).
Sob esta epigrafe e numero supra, apareceu, assinado «(*A. Herculano*)», o trecho que seu Autor veiu a colocar, modificado na ortografia e na diacritica, á frente da narrativa *O Parocho d'Aldeia,* servindo-lhe de prologo. Veja-se adeante o numero 97.

Setembro, 16. — N.º 90. — *Bibliographia — Curso de Direito Natural, & por V. Ferrer Neto Paiva. Coimbra, 1843. — 2 vol. 8.º*

Este artigo bibliografico-critico parece de molde feito para estes nossos dias, no que se relaciona com a existencia da Universidade de Coimbra.

«É minha convicção profunda —escreve Herculano, pessoalizando-se contra o seu costume— que a Universidade, longe de se dever guerrear com o intuito de a anniquilar ou pelo menos de lhe diminuir a importancia, se ha-de augmentar e completar, convertendo-se em verdadeiro sanctuario da sciencia no mais alto e puro sentido d'estas palavras».

O compilador do tomo VIII dos *Opusculos* fechou com este artigo a serie dos que nele reuniu.

Note-se que neste tomo aparece de mais a particula «de» entre o pronome e o apelido do abalizado catedratico. O proprio Herculano procedera de igual forma na «Advertencia» posta á frente do tomo I da *Historia de Portugal,* 1.ª e 2.ª edições, a pag. XIII.

Outubro, 7. — N.º 93. — *Archeologia Portugueza.* — VIII — 1578. — *Aspecto de Lisboa ao ajuntar-se e partir a armada para a jornada d'Alcacer Quibir.*

É o 4.º dos artigos compreendidos no tomo VI dos *Opusculos.*

Outubro, 28. — N.º 96. — *Apontamentos para a historia dos Bens da Coroa e dos Foraes.*

Estes *Apontamentos* apareceram precedidos de um breve «Prologo», em que o Autor explica os motivos que o levaram a associar neste trabalho, as duas especies de historias, tendo a segunda d'elas; — a historia dos Foraes em Portugal, sido tratada dois anos antes neste mesmo semanario por autor diverso.

Os capitulos VI e VII d'este extenso estudo apareceram já no vol. VIII d'este semanario (1844). Como porem a Sociedade editora deliberou suspender-lhe a publicação, e adeante se verá em que termos, ficou o mesmo estudo incompleto. No *Panorama,* ao periodo: «Eram, como dissemos, devorados pela aristocracia» segue-se o complementar, com que fecha o capitulo: «O modo porque, vê-lo-hemos no artigo seguinte». Os editores do tomo VI dos *Opusculos,* fechando a respectiva compilação, suprimiram este periodo complementar, ficando assim com o aspecto de completo o estudo que devia ainda continuar-se.

Novembro, 4. — N.º 97. — *Estudos Moraes.* — II — *O Parocho d'Aldeia.*

É o capitulo I do romance d'este titulo, a que o Autor, ao coordenar tudo, para ser reeditado em *Lendas e Narrativas,* veiu a dar por titulo: «*A Aldeia e o Presbyterio*».

Dezembro, 23. — N.º 104. — *Uma Villa-nova antiga.*

Extenso escrito que aparece a seguir á gravura da igreja da Conceição Velha, frontispicial do numero. Advirta-se que no «Indice alfabetico» do volume anda este artigo confundido com o titulo da gravura, apesar de lhe ter o Autor dado o titulo que tem, e assim foi encorporado nas materias do VI tomo dos *Opusculos* (1884), onde é o 1.º

Esta *Villa-nova antiga* é a que o ilustre Articulista designa no texto pela denominação de *Villa-nova de Gibraltar;* é a «Communa dos Judeus».

«Da communa hebraica, — escreve ainda Herculano — da risonha e opulenta Villa-nova de Gibraltar, apenas um vestigio nos resta, a sua

synagoga — melhor diriamos o sitio d'ella — convertido em templo christão. É uma collegiada da Ordem de Christo: é a Conceição Velha[1]...».

A primeira vez que vemos Herculano referir-se a esta «Villa-nova», é no tomo I do *Monge de Cister*, a pag. 148, da 1.ª edição (1848). Aí, porem, ou fosse porque assim o escrevesse, ou porque houve lapso de revisão, lê-se «Gibaltar».

Em seus magnificos estudos ácerca das *Muralhas da Ribeira de Lisboa*, 1900, contesta o Sr. Augusto Vieira da Silva a exactidão do vocabulo «Gibraltar», aceitando a interpretação do general Sr. Brito Rebelo, que declarou aquele vocabulo leitura errada da palavra *Gibitaria*.

Que no *Summario* de Christovão Rodrigues de Oliveira, atribuido ao ano de 1551, se acha mencionada uma «rua da *Jubetaria*» (sic), entre as da freguesia da Madalena, é certo. Dada a conformidade topografica, descrita pelos dois autores, não será, com efeito, de regeitar a explicação do proficiente paleografo, pois que, em suma, não pode sustentar-se que Herculano não haja alguma vez escapado ao dominio do «*aliquando bonus*»... É, no entanto, para registar que, segundo o Sr. Vieira da Silva explica em nota, o vocabulo «Gibraltar» existiu aplicado a «*umas casas*» na freguesia de S. Julião. Não será inexequivel que o Autor do artigo de que se trata, que devia conhecer decerto o Tombo do Mosteiro de Santos, onde o vocabulo foi encontrado, levado pela reminiscencia o aplicasse a uma grafia dificil de entender. Neste caso, a lição de 1848, distanciada cinco anos da do *Panorama*, confirmaria uma hesitação, causada por menos explicita grafia, provando, ao mesmo passo que se entre «os milhares de documentos» examinados pelo Sr. Vieira da Silva, a respeito da Judiaria Grande de Lisboa, nenhum apareceu que a denominasse, mais feliz foi, ao menos, Herculano, que o terá encontrado, embora a denominação expressa nele, por menos explicita, produzisse uma menos perfeita leitura.

Memorias do Conservatorio Real de Lisboa. — *Lisboa. Imprensa Nacional. 1843.* 4.º gr. (Tomo II).

Pelo artigo 3.º do decreto de 15 de novembro de 1836, que, para o efeito de fundar e organizar o «Theatro Nacional», criou a Inspecção Geral dos Teatros, foi igualmente criado em Lisboa «um Conservatorio Geral da Arte Dramatica». O decreto de 12 de janeiro de 1837 o mandou estabelecer, encorporado com o Conservatorio de Musica, erecto em 1835 na Casa Pia, no «Edificio do Extincto Convento dos Caetanos».

Por outro igual diploma, datado de 4 de julho de 1840, tendo-se o Augusto Esposo da Rainha, Senhora D. Maria II, dignado aceitar a Presidencia d'este Instituto, ficou-se ele intitulando *Conservatorio Real de Lisboa*, gosando de todas as honras e preeminencias concedidas ás academias reaes.

Á Inspecção Geral dos Teatros e ao Conservatorio Real de Lisboa, funcionando ambas as Instituições sob a direcção ou presidencia do Cronista-mór do Reino, João Baptista de Almeida Garrett, que fôra a alma d'este excelente concerto, se aliou a «Associação de Litteratos e Artistas do Conservatorio», podendo considerar-se as tres instituições «como orgãos distinctos de um só corpo». Sendo, porem, comum o seu objecto, e plausivel que se regessem por uma mesma

---

[1] Texto do *Panorama*, onde se acham a mais os vocabulos «um vestigio», suprimidos na reimpressão de 1884.

regra geral, que estabelecesse e regulasse as diversas funções de cada uma d'elas, se redigiram os *Estatutos do Conservatorio Real de Lisboa,* os quaes foram approvados por decreto de 24 de maio de 1841 [1].

O artigo 3.º d'estes *Estatutos* dividia, portanto, o Conservatorio em quatro secções, das quaes, uma, de «Litteratura».

O artigo 5.º estabelecia quatro especies de socios, sendo a primeira composta pelos «effectivos». D'estes, haveria 60 (artigo 6.º), 12 para cada uma das tres primeiras secções.

Herculano, membro da Associação acima referida, foi do numero dos 60 socios efectivos do Conservatorio. Como tal, pertenceu á secção de «Litteratura» que ficou indicada, e para a qual foi eleito, ainda em conformidade com os citados Estatutos (artigo 32.º), Relator, tendo por presidente Antonio Feliciano de Castilho, e sendo secretario Anselmo José Braamcamp.

Em tal qualidade foi Herculano, em maio de 1841, relator da proposta de Garrett, sobre abrir-se concurso para as peças, originaes e traduzidas ou imitadas, para a abertura do novo teatro (que veiu a ser o de D. Maria II). Em 1842 deu parecer acêrca do drama em 5 actos, proposto a premio, *D. Maria Telles,* tendo já em 1840 relatado a comedia *A Casa de Gonsalo,* fazendo parte da comissão especialmente encarregada de objecto identico, acêrca d'esta peça, e na qual eram seus colegas o medico Agostinho Albano, seu antigo consocio na Sociedade Literaria e de Sciencias Medicas, do Porto, e Jervis de Atouguia.

O Conselho do Conservatorio, em execução do deliberado na conferencia geral de 9 de maio de 1841, fazendo a distribuição dos Elogios dos socios falecidos, designou Herculano para o de Sebastião Xavier Botelho, encargo de que o Grande Escritor se desempenhou com o brilho, erudição e proficiencia que se admiram neste notavel trecho literario.

Recopilando pois, temos:

A Casa de Gonsalo. — Comedia em 5 actos. — Parecer datado do Conservatorio Dramatico, em 17 de julho de 1840. Foi publicado nestas *Memorias,* de pag. 76 a 82.

Parecer sobre a proposta de J. B. de Almeida Garrett, para o fim acima expresso, relatada em 15 de maio de 1841. Foi publicado nestas *Memorias,* onde pode ler-se de pag. 259 a 260. Muito curioso, revelador de extensos conhecimentos de literatura dramatica e assás favoravel aos que se propusessem ao concurso, objecto da proposta.

Elogio Historico de Sebastião Xavier Botelho.

Na «XXXI conferencia, em 22 de maio de 1841 (Presidencia do Sr. Almeida Garrett) o Conselho em execução da determinação tomada pelo Conservatorio em conferencia geral de 9 do corrente, afim de se consagrar uma sessão-plena extraordinaria a honrar a memoria dos socios fallecidos; tem destinado o dia 6 de novembro proximo para a referida sessão-plena, e designado os oradores pelo modo seguinte:

. . . .

. . . .

Para o Elogio do Sr. Sebastião Xavier Botelho — o Sr. Herculano».

O trecho que acabamos de transcrever acha-se impresso nas preditas *Memorias,* de pag. 25 a 34.

---

[1] Podem ler se de pag. 183 a pag. 304 no tomo das *Memorias* que estamos analizando.

A pag. 272, lê-se igualmente que este, bem como todos os mais *Elogios*, foram lidos em Sessão Real (na grande sala dos actos da Eschola Polytechnica) em 21 de dezembro de 1841 (Presidencia de J. Larcher).

D. Maria Telles. — Drama em cinco actos. — Parecer.
Acha-se nestas *Memorias*, de pag. 131 a 146.
Não está datado, mas encontra-se entre os que foram dados «*sobre Dramas propostos a Premio* no Anno de 1842».
Como já o lembramos, tanto o *Elogio* de Xaxier Botelho como os dois *Pareceres* sobre peças de teatro foram transcritos no tomo IX dos *Opusculos*, Lisboa, 1907.

Por ser materia da competencia d'este *Dicionario*, acrescentamos os seguintes esclarecimentos:

Segundo o § 3.º do artigo 63.º dos *Estatutos* a que ja nos referimos, as *Memorias do Conservatorio Real de Lisboa* deveriam vir a lume com o mais modesto titulo de *Revista do Conservatorio*, etc.
Inocencio ainda viu, com efeito, os n.ºs 1 e 2 d'esta *Revista*, segundo testemunha no artigo «*Jornal do Conservatorio*», IV d'este *Dicionario*. Por qualquer circunstancia, porem, que ficou ignorada, porque este mesmo II tomo que nos guia não logrou ser acabado, mudou-se de titulo, mas a publicação andava malsinada.
Refere ainda Inocencio, no artigo relativo a estas *Memorias*, tomo VI, n.º 1644, que «nas capas impressas que serviam de resguardo ás series publicadas se lia a seguinte *Advertencia*:

> «Começa-se pelo tomo II para satisfazer aos desejos geralmente manifestados de dar quanto antes a publico os elogios dos socios falecidos, que a chronologia dos trabalhos do Conservatorio colloca neste logar».

Ora, registando a publicação, já o diligente bibliografo notara que se

> «começaram a imprimir do Tom. II d'estas *Memorias* as pag. até 330, ficando nesta ultima interrompida a publicação, e não consta que mais continúasse até hoje. O tomo I nunca se imprimiu, *nem alguma parte d'elle*».

Sublinhamos este final informativo, porque, ao contrario da afirmativa que o constitue, se mostra das referencias tipograficas do incompleto volume, que nas 330 paginas que o compõem, e não houveram rosto onde se designasse a qual tomo pertenciam, as 16 primeiras teem a indicação «Tom. I», começando na folha 3, e pag. 17, a informação «Tom. II».
Por onde se vê que houve, com efeito, tenção de começar normalmente a obra pelo tomo I, mas que impressa a 1.ª folha, se alterou esta disposição, continuando-se a imprimi-la com a indicação: «Tom. II» e numeração respectiva até á folha 28, em que se deu a interrupção que ficou subsistente.
D'este modo, a *Advertencia* de que Inocencio deu conta, e nós não conhecemos, por termos presente exemplar encadernado, acudiu como poude, e reduzindo ao minimo as explicações, á anomalia de que esta publicação ficou sendo exemplar, não saberemos dizer se *unico*.

O Panorama — 1844 — Vol. VIII:

Com este volume, classificado tambem III da 2.ª serie, cessou a sociedade editora, por decisão da sua assembleia geral de 23 de dezembro d'este ano, e pelos motivos expostos em sua circular aos assinantes, de 30 do referido mês, a publicação do que chegara a ser popularissimo *Panorama*.

A propria sociedade se dissolvia em abril do ano seguinte, nomeando uma comissão liquidataria, que em 18 d'este mesmo mês anunciou a venda de tudo quanto áquela pertencia. Não tendo surtido efeito este expediente, começaram os leilões de todo o material, incluso o da *propriedade literaria* das obras de que a sociedade se constituira editora. A meiados de junho d'este ano estava tudo concluido.

Assim se extinguiu a empreza de um jornal que, segundo ela propria — e a bom direito — afirmara ainda na «Introducção» d'este volume, por orgão de seus redactores, poude jatar-se de não ter sido inteiramente alheio, durante os seus sete anos de existencia, aos progressos que o pais tinha feito na operosa senda de seus melhoramentos moraes e materiaes, sempre fiel ao seu primitivo programa, de fazer amar a patria, honrar a religião, proclamar a tolerancia, nesta como na politica, combater o fanatismo e criar o amor pelo estudo e pelo trabalho, unicos meios de enobrecer e de felicitar qualquer nação. — Tal foi a obra de Alexandre Herculano.

Em consequencia do deliberado acima exposto, quantos artigos o Grande Escritor deu a lume neste volume, dependentes de continuação nos seguintes, ficaram — e ainda mal que assim aconteceu! — por terminar. O *Panorama* tentou, por via de um editor corajoso, subsequentes ressurreições que registaremos, dando conta do esclarecido e prestigioso concurso com que o seu primeiro Director quiz honrar esforços que não achavam já, infelizmente, apoio entre quem os poderia secundar. Dos artigos resultantes do generoso concurso faremos menção, segundo se forem apresentando a registo.

Os que neste volume se conteem são os seguintes:

Setembro, 7. — N.º 141. — *Pouca luz em muitas trevas — 1579-1580.*

Como se deduz do texto, e o confirma a nota de «*(Continuar-se-ha)*» que se lê a paginas 347 da 1.ª columna, este estudo que aqui fôra começado a imprimir na data e numero acima indicados, assinado «*A. Herculano*», ficou incompleto em o n.º 149 pelos motivos que acima historiamos.

Assim mesmo foi compreendido no tomo VI dos *Opusculos*, sendo entre todos os coleccionados excepção para notar, ainda que não unica, segundo adeante se verá. É o 7.º do tomo, mas sem a declaração de incompleto.

Outubro, 12. — N.º 146. — *Das Caixas Economicas.*

Este escrito, que ocupa uma parte d'este e dos numeros 147 e 155, saiu antecedido do seguinte:

> «N. B. Quando a Associação do Montepio geral dos empregados, estabelecida na rua da Oliveira ao Carmo, para cumprir o que lhe era ordenado por seus Estatutos, fundou a primeira caixa economica neste reino, sollicitou de um dos nossos mais conhecidos escriptores (collaborador deste jornal) um discurso que patenteasse as vantagens da nova e benefica instituição; imprimiu-se e foi distribuido gratuitamente esse discurso, notavel pela cla eza de idéas e elegancia d'estilo: e por ser

tal, e o assumpto tão interessante para a classe popular, julgamos que convinha vulgarisá-lo ainda mais, transcrevendo-o nas columnas desta nossa publicação».

Vê-se pois d'este *N. B.* que se trata aqui de uma simples transcrição de escrito que primeiro viera a lume em folheto proprio. Tal folheto nos não foi possivel descobrir, não existindo um exemplar só que seja no Arquivo da propria benemerente Instituição, por conta da qual foi impresso e gratuitamente distribuido!

Fiquemos pois em que o escrito «*Das Caixas Economicas*» constitue uma raridade bibliografica, que as circunstancias em que veiu a lume contribuiram, por certo, para fazer tal, e renunciemos á satisfação que teriamos de poder dar aqui o *fac-simile* do frontispicio, como temos feito a proposito de outras publicações do nosso Autor, não vulgares tambem.

Herculano, introduzindo este seu escrito no I tomo dos *Opusculos*, com as costumadas correcções, desenvolveu-lhe o titulo primitivo, intitulando-o agora: *Da Instituição das Caixas Economicas*.

Outubro, 26. — N.º 148. — *Antigos Castellos e Alcaides Mores.*

Prometia o Autor, no fim d'este que devia ser uma como especie de introdução a subsequentes artigos da especialidade, que traria arquitectados, dar no seguinte «noticia do que ha mais importante e curioso, ácerca do cargo de alcaide-mór». *O Panorama*, porem, terminou, como já lembramos, neste ano a segunda fase da sua existencia, por conta da sociedade literaria que o editára, e só em 1846 (2.º semestre), voltou a aparecer, editado pelo corajoso Fernandes Lopes.

Quere-nos, entanto, parecer que o artigo publicado a pag. 46 do IX volume d'este semanario, 1.º da 3.ª serie, (1852), que trata do *Adail* e seu cargo, e adeante registamos, se liga ainda ás tenções que o Autor teve, e a aludida suspensão do famoso periodico truncou.

Dezembro, 14. — N.º 155. — *Reflexões Ethnographicas, Philologicas e Historicas a proposito de uma publicação recente sobre a origem celtica da Lingua Portugueza.* — 1.º

Eis um escrito que a repentina suspensão d'este semanario lastimavelmente interrompeu, prometendo ser um dos mais conceituosos, instrutivos e caracteristicos, de tantos que sairam da instruida pena de Herculano.

Publicara o Cardeal Saraiva nas *Memorias da Academia* a sua notavel dissertação sobre as origens da lingua portuguesa; a mesma que o segundo coordenador das obras completas do sabio prelado incluiu no tomo IX d'estas (1880), sob o titulo de *Memoria em que se pretende mostrar que a lingua portuguesa não he filha da latina, nem esta foi em tempo algum a lingua vulgar dos lusitanos*». Esta Memoria foi impugnada em escrito anonimo. Seu autor reivindicava para a lingua latina a maternidade que o douto prelado lhe refusara[1].

Dissentindo até certo ponto da opinião do anonimo escritor, no que tocava á acção «demasiado *exclusiva e immediata*» por ele atribuida ao latim puro, na formação do idioma português, Herculano reconhecia ter o impugnante obtido um completo triunfo, quando demonstrara o nenhum fundamento das sonhadas

---

[1] Foi o 1.º barão de Vila Nova de Foscoa, Francisco Antonio de Campos, como se explica no tomo II d'este *Dicionario*, letra F, n.º 469.

origens da nossa lingua, que se dizia existirem na linguagem primitiva das Hespanhas, conservada atravez todas as visssissitudes da Peninsula, com tenacidade, senão admiravel, milagrosa. Ao ver do ilustre Articulista, o opusculo anonimo ficaria sem resposta.

Eis, porem, que aparecia agora a 1.ª parte de uma obra ainda mais vasta que a Memoria do Cardeal Saraiva, na qual dois membros do Conservatorio Real[1] estabeleciam quatro proposições que pretendiam sucessivamente provar. Essas quatro proposições, entre as quaes a 4.ª afirmava ser o celtico a fonte genuina do português, considerava-as Herculano claras e precisas.

«Demonstradas ellas — rematava — ficará perfeitamente refutado o escripto anonymo, cujas conclusões nos pareciam evidentes e indistructiveis».

Tendo os autores da predita 1.ª parte d'esta nova Memoria pedido o voto do ilustre Articulista, assentia o Grande Escritor em dá-lo na serie de artigos, de que este era como que a Introdução. Tal assentimento era tanto mais espontaneo, quanto nascia de opiniões anteriormente formadas, por ocasião — explicava — de alguns trabalhos de historia, a qual tem mais relações com a linguistica, do que os solicitantes pareciam acreditar.

A julgar por tal aparato, e considerando a extensão d'este primeiro e infelizmente unico artigo, quem poderá calcular onde seu Autor conduziria seus inumeros leitores, e quanta soma de conhecimentos ele demonstraria possuir de materia de tanta transcendencia, qual a que se propunha ventilar?!

Pode-se prever, é verdade, dada a opinião de Herculano, manifestada em parte a favor do contraditor do Cardeal Saraiva, e em presença dos desenvolvimentos d'este artigo, cujo caracter generico é *a negação* — a favorita maneira de argumentar do estrenuo lutador; — pode-se prever, dizemos, que as conclusões do futuro autor da *Historia de Portugal* não seriam de todo concordes com as proposições que tratava de examinar. Esta mesma quasi certeza, porem, é a propria que nos conduz a lamentar ser-nos para sempre vedado o podermos admirar o imenso cabedal de sciencia historica e filologica, de que Herculano se propunha dispor, aliado ás suas portentosas faculdades de invencivel argumentador, para conseguir o prevalecimento, não do que ele caprichosamente poderia querer que fosse a Verdade, seu norte unico, mas do que ele estava firmemenle convencido que ela era.

Apesar, pois, dos extensos progressos que a filologia e a linguistica teem feito em nossos dias, ainda cremos que este artigo muito merecia, assim mesmo para sempre interrompido, alcançar o beneficio que lograram outros em circunstancias identicas, saidos da mesma autorizada pena; — ser incluido, para ser julgado, em qualquer futura compilação dos escritos ainda não reeditados do Autor.

Não estaciona, não se estanca a Sciencia, é certo, mas tampouco a Verdade se modifica em sua essencia. O que tem valor, para julgar um sabio, o que o acredita perante a posteridade, não é a sciencia que veiu depois d'ele, senão o aferro com que ele buscou a verdade na sciencia. Se estava ou não habilitado a versar a materia, e se os seus raciocinios correspondiam ou não ao objecto que se pro-

---

[1] «Francisco Martins de Andrade e João Nepomuceno de Seixas», lê-se no tomo III d'este *Diccionario*, em o n.º 1467 da letra F. Veja-se a opinião do visconde de Santarem, em sua carta a pag. 101, da colecção Almeida d'Eça — 1906.

punha, eis a que se reduz o processo. O assunto que ia debater-se ainda agora não foi resolvido. Não valerá a pena examinar, ao menos, que probabilidades teria um espirito do alto valor do de Herculano de se aproximar da verdade, no caso sujeito, e até de alcançá-la, com os recursos que ele manifestou possuir?

Dezembro, 21. — N.º 156. — *D. Leonor d'Almeida, Marqueza d'Alorna.*

Como já o notamos a pag. 388 d'este volume, é este um artigo bio-bibliografico, escrito por ocasião de virem a lume os dois primeiros volumes das obras da ilustre escritora e inspirada poetisa, noticiando-lhes a aparição e encomiando-lhes o valor literario.

Foi acompanhado de um pequeno retrato em gravura de madeira, sob o qual se imprimiu o nome e o titulo da retratada. Logo abaixo d'estas indicações, lê-se:

«N. em 31 de outubro 1750
Fall. em 11 de outubro 1839 (1)»

Á chamada correspondem as seguintes explicações:

> «Este retrato foi tirado na idade avançada da illustre escriptora: o que se acha á frente da edição de suas obras a representa na idade de 31 annos».

Cabe aqui, tratando-se d'este ilustre ornamento feminil da nossa literatura, recordar que dois anos após a noticia de Herculano, aparecia no jornal *A Illustração* (1846), uma outra noticia, intitulada «*Apontamentos para a Biografia da Sr.ª D. Leonor d'Almeida Marqueza d'Alorna*», acompanhada de retrato, gravado em madeira, copia, por Manuel Maria Bordalo Pinheiro, do que se vê á frente do I vol. das obras da nobre biografada.

Na «Noticia» de Herculano ha o seguinte periodo, interessante para a sua biografia literaria:

> «Áquella mulher extraordinaria, a quem só faltou outra patria, que não fôsse esta pobre e esquecida terra de Portugal, para ser uma das mais brilhantes provas entre as vans pertenções de superioridade excessiva do nosso sexo, é que eu devi incitamentos e protecção litteraria, quando ainda no verdor dos annos dava os primeiros passos na estrada das lettras. Apraz-me confessá-lo aqui, como outros muitos o fariam se a occasião se lhes offerecesse; porque o menor vislumbre d'engenho, a menor tentativa d'arte ou de sciencia achavam nella tal favor, que ainda os mais apoucados e timidos se alentavam; e disso eu proprio sou bem claro argumento».

É de registar. No tocante á biografia do Grande Historiador, a sua transição de estudante para escritor publico ainda dá materia a indagações proficuas a tal objecto.

1844. — Maio, 22. — *Annaes de El-rei D. João Terceiro.*

Damos a seguir o rosto e a dedicatoria d'este livro, cujos exemplares se teem tornado raros, o mais perfeitamente copiados que é possivel do respectivo original;

ANNAES

DE

ELREI DOM JOÃO TERCEIRO

POR

Fr. LUIZ DE SOUSA,

PUBLICADOS POR A. HERCULANO.

LISBOA.

Typ. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.
Largo do Pelourinho, n.º 24.

1844.

A

SUA MAGESTADE

ELREI

O SENHOR D. FERNANDO.

A este rosto e dedicatoria segue-se: — «Advertencia Preliminar», ocupando desde a pag. VII até á pag. XXIII.

Vem depois o «*fac-simile*» das «primeiras linhas da unica folha avulsa do manuscripto, a qual contem o capitulo 13 da Parte 1.ª Livro 1.º, introduzido posteriormente pelo Auctor, como consta de uma declaração posta á margem do codice, entre os capitulos 12 e 14. Está escripto na folha exterior de uma carta dirigida a Fr. Luiz de Sousa quando já residia em Bemfica, segundo se vê do sobrescripto, que junctamente foi tirado no fac-simile». — Explicações que formam a pagina ultima da «Advertencia Preliminar».

A pagina primeira do texto inscreve o seguinte titulo, no qual começa a dominar a ortografia do extremado autor do codice:

> «*Annays* | *da* | *Vida, Reynado e Governo* | *do* | *Prudentissimo* | *Rey D. João III* | *Parte Primeira* | *Capitulo I*».

Segue o argumento do mesmo capitulo, e o texto após.

O livro compõe-se de 469 paginas de texto com 8 de *Indice* das duas partes da obra, não numeradas; pertencendo aos «*Annays*» propriamente ditos 368 paginas. Na pag. 369 lê-se em rosto:

> «*Noticias* | *extrahidas dos* | *Apontamentos de Fr. Luiz de Sousa,* | *relativos ás lacunas que se encontram* | *no manuscripto*».

A pag. 371-372 é ocupada pelo:

> «*Indice* | *das* | *Memorias e Documentos,* | *citados por* | *Fr. Luiz de Souza* (sic)».

Seguem-se na pag. 373 até á pag. 463:

> «*Memorias* | *e* | *Documentos*».

E da pag. 465, que é a do rosto ás «*Notas*», até á pag, 469, já citada, lê-se a materia d'elas.

A «Nota 2.ª — Pag. 96-303-368», constitue a historia da obra de Fr. Luis de Sousa, tal qual ficou, incompleta. O que foi objecto da impressão é o manuscrito como hoje existe; isto é, em parte, o borrão primitivo dos *Annaes,* e em parte uma copia da propria letra de Sousa[1].

Em quarta-feira, 17 de abril de 1844, aparecia no *Diario do Governo* n.º 90 o prospecto para a assinatura d'esta obra, pelo custo de 1$200 réis, pagos á entrega do exemplar. Os destinados aos assinantes seriam tirados em papel superior. Assinava-se, em Lisboa, em casa da Viuva Bertrand & Filhos, aos Martires, n.º 45, e tambem no Porto e em Coimbra. A 22 de maio seguinte, sairam os *Annaes* definitivamente a lume, sendo a venda anunciada no referido *Diario*

---

[1] A unica transcrição que ainda vimos de qualquer passo dos *Annaes* é a que se publicou a paginas 79 do tomo VIII da *Revista Universal Lisbonense* (1848—1849), narrando a ceremonia da consoada regia em a noite de Natal do ano de 1516, como se acha impressa a paginas 14 e 15 d'aquela obra.

d'este dia, n.º 120. Antonio Feliciano de Castilho saudava-lhe a aparição, publicando na *Revista Universal Lisbonense* o seguinte interessante artigo literario-noticioso:

«*Alexandre Herculano — Annaes d'Elrei D. João III*[1]:

Acabam de sahir á luz os Annaes d'el-Rei D. João Terceiro, por Frei Luiz de Sousa, publicados por Alexandre Herculano, 1 vol. de 494 paginas in 4.º impresso com aceio e correcção.

N'um curioso prologo dá conta o editor do como se fez a achada d'este precioso manuscrito, que se julgava perdido, tantos annos havia, com grande lástima dos estudiosos, assim da Historia como da Linguagem portugueza; e expõe as irrefragaveis provas de ser, não só autógrapho mas rascunho.

Oxalá que outro acaso, quando já não sejam diligencias e buscas, mandadas fazer a rogos do nosso Governo nos archivos de Castella, descubra a parte que ainda nos fica faltando d'esta obra, e que, não sem bons fundamentos, se julga haver sido remettida pelo autor para a Côrte, que então era em Madrid!

Como quer que seja, foi este descobrimento um successo de importancia; e a publicação de tal livro um favôr, que ha-de ser por muita gente festejado, como o é por nós.

O original, que se guarda na Real Bibliotheca da Ajuda, não tem só o valôr de ser todo da lettra de Frei Luiz de Sousa, da qual no fim do prologo se nos dá um *fac-simile;* mas pelas emendas, suppressões, rescripções, additamentos, hesitações e mudanças de todo o genero, de que está razo, como que nos faz assistir ao trabalho secreto de tal mestre, nos revéla os seus escrupulos, e parte dos seus segredos de estylo, e vantajosamente nos confirma n'esta verdade, só ignorada dos escritores mediocres: que a pagina, que mais facil se representa, a quem a lê, e que por sua natural singeleza parece ter sahido logo assim do primeiro jacto e poder ser imitada por qualquer, é muitas vezes a que mais consumiu de estudo e paciencia.

D'isto rirá por ahi muita gente; mas não riria Virgilio, nem Horacio; não riam Boileau, Fénelon, Racine, e Rousseau; e não ria decerto o bom chronista de D. Frei Bartholomeu dos Martyres, dos Dominicos e de D. João III. Quem o duvidar, que lance os olhos por qualquer d'aquellas laudas, sobre que tanto se cançou a mão de escritor já tão exercitado, que transcendia dos setenta annos».

Os manuscritos dos *Annaes de El-rei D. João Terceiro* foram encontrados por Herculano, bibliotecario regio desde 1839[2], entre livros que recolhiam á Biblioteca das Necessidades, trazidos de um dos quartos altos da antiga Casa da Congregação, que ao tempo formava já parte do Palacio Real.

Em que epoca se deu o achado não o declara em sua «Advertencia Preliminar» o ilustre achador. É provavel, porem, que fosse por ocasião da tomada de posse da Biblioteca Real pelo nomeado, que procederia ao apurar dos livros esparsos, a ela pertencentes, servindo-se do catalogo que ali deixaram os Padres

---

[1] N.º 39 da sobredita *Revista*. — Maio, 1844.

[2] *No Primeiro Centenario de Alexandre Herculano. — Paginas intimas, por Gomes de Brito.* — A pag. 158, os documentos referentes a esta nomeação.

Congregados. A seguir, começou Herculano o exame do precioso codice, acompanhado com os estudos e mais indagações inerentes, seguindo-se a copia de ambos os manuscritos para entregar á imprensa.

A quem pertenceu a propriedade d'esta obra?

Da conta corrente da Livraria Bertrand, a que já nos temos referido, vê-se que a edição foi de 1:000 exemplares, tendo-se vendido 560 até 31 de dezembro de 1856. Gastaram-se depois os 440 exemplares restantes, de modo que os *Annaes* não são hoje vulgares. Nem Herculano nem os seus editores pensaram em realizar 2.ª edição, ficando em duvida a qual dos interessados competiria a iniciativa, e portanto a propriedade do livro. Este cairá no dominio publico em 1927.

Les Arts en Portugal.—Lettres adressées a la Société Artistique et Scientifique de Berlin, et accompagnées de documens, par le Comte A. Raczynski.—Paris, 1846 [1].

Herculano manteve as melhores relações de amisade com o ilustre diplomata prussiano, autor d'este livro.

D'estas relações, que a elevação de espirito dos dois amigos com tanto brilho sobredourou, restam eloquentes provas em diversos passos das eruditas paginas do celebre critico de artes. Nelas se espelha, com efeito, o testemunho do conceito que a seu autor mereciam o saber, a competencia e o caracter do futuro historiador, «instruidissimo, amante da verdade e esclarecido critico em toda a acepção da palavra».

Dentre os diversos esclarecimentos prestados por Herculano, em ocasiões diferentes, a Raczynski, ácerca de materias de historia e arqueologia patrias, sobresae a nota, redigida em francês, que se refere á *Fundação de Cedofeita*, e ao conde foi destinada, achando-se ele então no Porto (agosto de 1844), examinando o que esta cidade oferece de curioso, acêrca de arte e de monumentos historicos. O ilustre destinatario participara á Sociedade Artistica e Scientifica de Berlim que chegara áquela cidade e começara por visitar o mais antigo de todos os monumentos religiosos d'ela:—Cedofeita; «(faite de bonne heure)», vai prevenindo.

Entanto, parece que Raczynski comunicara ao seu amigo A. Herculano o que escrevera para Berlim, a proposito do velho monumento portuense. Assim se explica a existencia da bela pagina de historia de arte monumental, escrita ao seu correspondente pelo autor dos «*Monumentos Patrios*», e intercalada por aquele na 18.ª carta á predita Sociedade, ocupando no livro acima citado as pag. 379 a 382:

> «A igreja e convento de Cedofeita, informara o conde para Berlim, são de todos os edificios religiosos do Porto os mais antigos.
>
> Uma inscripção lapidar sobre a porta interior do edificio nos dá a saber ter sido o rei Théodomir, que, após lhe ter sido, e a seu filho Ariamir, ministrado o batismo, fez levantar esta construção em 559. Relata igualmente a sobredita inscrição que os restos de S. Martinho, trazidos de França, ahi foram depositados em 560. Bastantes capiteis e columnas apresentam curiosidade no feitio, parecendo pertencerem á epoca da erecção desta igreja».

---

[1] A colocação d'este artigo obedece á data da comunicação de Herculano ao autor do livro, e consta do texto. Para que se veja quanto pode a paixão, leia-se o que visconde de Santarem escreveu em sua carta XLIII, da colecção já citada.

Chegado, porem, a este passo da sua 18.ª carta, recebia Raczynski de Lisboa as reflexões de Herculano, e interrompia o fio da sua narrativa, para escrever:

> «Interrompo aqui a minha narrativa para lhes dar conta das observações que o Sr. Herculano me comunicou, a proposito do que acabais de ler, ácerca de Cedofeita. Deixo subsistente quanto escrevi, no tocante ás colunas, porque mereci a lição, e não quero ocultá-lo».

É agora a vez de Herculano.

O nosso ilustre compatriota nega tudo, o que para ele constitue um prazer de atleta. — Nega a grande antiguidade da inscrição, nega-lhe a veracidade epigrafica e historica, nega que a ornamentação material do edificio corresponda a qualquer periodo do dominio gotico.

Segundo o douto correspondente de Raczynski, a inscrição, aliás modernissima, entalhada sobre a porta interior do edificio de Cedofeita, nem pode ser acreditada, quanto á antiguidade a que pretende elevar aquela construção, nem pode ser crida, no que toca á trasladação, a que se refere, dos ossos de S. Martinho de Tours, por inverosimil, e falta do preciso esteio historico.

Em documentos latinos do seculo XII — acrescenta — chama-se, na verdade, *Cito facta* á igreja do secular convento, mas quem quer que interessou em profundar-lhe a existencia até meio do VI seculo, traduziu «feita em pouco tempo», em vez da literal tradução de «cedo feita». Mandado o edificio levantar por Theudmir, de proposito para recolher os restos d'aquele santo bispo, teria assim sido construida a igreja no pouco tempo que foi preciso empregar para trazer para ali, vindos de Tours, os restos mortaes do veneravel antistite. Ora, os que compuseram estas pias patranhas são os proprios que não estão de acordo se foi Theudmir, se Rekiar, o fundador de Cedofeita, e se foram os ossos de S. Martinho de Tours, ou os de S. Martinho de Panonia o objecto da trasladação. Por ultimo, Cedofeita e Dume, no alto Minho, concorrem á gloria de possuir este sagrado deposito, e quando, para cortar duvidas, se apela para Gregorio de Tours, cada qual o interpreta á sua guisa.

Isto, quanto aos esteios da tradição. Arrasada a lenda, Herculano faz falar a Historia.

Na epoca que deram á construção de Cedofeita, era o Porto apenas um *castrum* (logarejo fortificado), cuja existencia anterior aos meados do V seculo é assás duvidosa. Em 572 andava o burgo na dependencia do bispado de Magnetum (Meinedo). Só em 585, isto é, pouco antes de destruido o reino suévo da Galiza, por Goth-Lend-Wighild, é que o Porto foi elevado a sede, aliás modestissima, de bispado. Ora, os mosteiros regulares não se estabeleceram em Hespanha, senão por meados do VI seculo, e conhecem-se os nomes dos primeiros que se fundaram em Portugal: — Dume (cêrca de 560) e Tibães, posteriormente. Nem um só indicio persuade a que o de Cedofeita haja, por então, subsistido.

O que, porem, invalida o supor-se que o edificio de Cedofeita vá entroncar a existencia nos tempos goticos, são os acontecimentos politicos da epoca arabe.

É verdade que o dominio mauritano não foi nunca estavel ao norte do Douro, mas as invasões dos arabes na Galiza foram frequentes. Aquele rio formava os limites d'este reino, pelo sul. Em seus *gaswat*[1] (assim chamavam os arabes ás suas

---

[1] Mais duas vezes empregou Herculano este vocabulo; uma no II vol. da sua *Historia*, a pag. 62, outra, no III vol. da mesma obra, a pag. 186, d'esta vez, porem, com mais um *h* = *ghaswat*.

O douto arabista, nosso compatriota, Sr. David Lopes, declara qualquer das formas menos perfeitamente ortografada.

Veja-se a erudita monografia do distinto professor: *Os Arabes nas obras de Alexandre Herculano*, a pag. 203.

incursões) tudo era assolado e devastado; tudo era queimado, e pode bem supor-se que as igrejas não constituiam excepção. Os arabes, tolerantissimos para com os cristãos que viviam sob o seu dominio, não o eram para com os cristãos livres, seus inimigos.

Em 997, El-Mansur empreendeu uma expedição por terra e por mar, com o fim unico de destruir a igreja de S. Tiago de Compostela. Os dois exercitos reuniram-se no Porto. É para crer que vindo os arabes de tão longe, só com a mira de arrasar uma igreja no interior do país, poupassem uma outra igreja no proprio local do desembarque? Se Cedofeita existisse, tê-la-iam incendiado infalivelmente, quando mais não fosse, senão para aguçar-lhes o apetite.

Volta-se agora Herculano para o proprio conde. Escrevera este que «bastantes capiteis e columnas apresentavam curiosidade no feitio, parecendo pertencerem á epoca da fundação da igreja»; aceitando o ilustre informante por lidima a informação lapidar que Herculano infirmara.

> «Dizeis vós que alguns capiteis parecem pertencer á epoca dos suévos ou godos. Para tal sustentar, era preciso conhecer o typo da arquitetura gotica de Espanha (gotica na accepção stricta d'este vocabulo), e não sei que semelhante typo exista em parte alguma, a não ser na velha cathedral de Coimbra, a respeito da qual não fico sem ter minhas dúvidas. O estilo originario deste monumento desapareceu sob as adições e reconstruções posteriores. Emtanto, os wisigodos, que eram uma nação comparativamente policiada, deviam seguir de perto, em suas construções, a arquitetura romana da decadencia, porque procuravam imitar em tudo os romanos, a ponto de não escreverem nunca senão em latim».

Aqui, reforça Herculano este seu raciocinio com uma afirmativa que o assenta para todo o sempre, como critico de arqueologia historica, num pedestal de bronze.

> «*Esta opinião não é geral, mas é a minha ....*».

> «Isto assente, deve-se crer, que os wisigodos empregavam de preferencia o arco de volta abatida, em vez da ogiva que vemos em Cedofeita».

E termina com estas reflexões:

> «Peço-vos vos não deixeis induzir em erro, pela aparencia barbara do desenho e dos pormenores, e tampouco pelo grosseiro das esculturas, sempre que se tratar de monumentos arquitetonicos nossos. Taes caracteristicos estão longe de assegurar-lhes grande antiguidade. Estou persuadido de que, se na Peninsula existem alguns monumentos dos tempos goticos, devem ser mais regulares e menos grosseiros do que os dos IX, X, XI e XII seculos, (não me refiro ás construções arabes, mas ás que foram obra de cristãos), porque a civilização dos wisigodos era um reflexo, posto que atenuado, da civilização romana, emtanto que o estado social Asturiano, Leonino e Galaico, ainda que posterior, era incomparavelmente mais barbaro».

Imerecidamente perdida entre as paginas do livro do diplomata prussiano, que é provavel ninguem hoje leia, visto o nulo interesse que o seu triste objecto inspira, nos animamos a trazer para aqui, em versão sumaria, ao menos, esta

bela amostra da capacidade arqueologica e historica de seu ilustre Autor, a provar se em qualquer futuro volume de *Literatura,* futuros editores resolvem inseri-la, tal qual se acha, a par de tantas paginas congeneres da mesma douta proveniencia que tanto merecem uma reedição a que a Morte, porventura, só obstou.

É para notar que o autor do artigo bibliografico-critico, publicado na *Revista Universal Lisbonense,* numero 48, de 1846, ácerca do livro *Les Arts en Portugal,* referindo-se aos juizos de Raczynski, no tocante «á nossa arquitetura e monumentos», não tenha achado modo de fazer a mais leve referencia á bela dissertação de Herculano que deixamos sumariada. Se, porem, o havia de fazer como visconde de Santarem, mais acertado foi o silencio.

O Monasticon — I — Eurico o Presbytero, por Alexandre Herculano—Lisboa — na Typographia da Sociedade Promotora dos Conhecimentos Uteis — 1844— 8.º de 322 paginas[1].

Precedido de varios anuncios de subscrição aberta tanto na capital como nas provincias para a sua publicação, apareceu, emfim, *Eurico o Presbytero,* I vol. da colecção *O Monasticon,* nos ultimos dias do ano de 1844. Seis meses antes, publicara-se no *Diario do Governo* n.º 173, correspondendo ao dia 24 de julho, um extenso e mui conceituoso artigo critico-literario, não assinado, mas redigido por pessoa que se mostra bem ao corrente da trama do futuro romance e do pensamento filosofico que presidiu á sua elaboração. Parece-nos ser este artigo devido á pena do conego Felix Manuel Placido da Silva Negrão, futuro tradutor latino do Proemio dos *Portvgaliae Monvmenta Historica.* Depois de publicado o romance, lhe fez Antonio Feliciano de Castilho, na *Revista Universal Lisbonense,* extensa analise critica-literaria, tão judiciosa quanto bem cabida, especialmente pelo lado da influencia muito de temer-se que o estilo de *Eurico* poderia vir a exercer na literatura contemporanea d'esta obra, assunto a proposito do qual o venerando articulista produziu as mais bem lembradas considerações[2].

Eurico o Presbytero teve, que saibamos, cinco traduções; — uma alemã, duas castelhanas e duas francesas. Da tradução alemã tudo quanto podemos informar, é que fôra editada pela casa Brockhaus, de Leipzig. É recordação unica do exemplar pertencente á selecta livraria do Sr. conselheiro Jaime Moniz, onde o vimos num tempo em que bem longe estavamos de pensar em reunir elementos para esta modesta tentativa bibliografica. No entanto, lemos no *Elogio historico* de Herculano, recitado em Munich por Doellinger, que *Eurico* fôra trasladado a alemão por Heine,— o celebre poeta do *Livro dos Cantos* (?)[3].

---

[1] Da conta corrente entre Alexandre Herculano e Viuva Bertrand & Filhos, fechada em 31 de dezembro de 185[illegible], e publicada pelo general Sr. Brito Rebelo *in Archivo Historico Portuguez,* vol. VIII, n.ºs 3 e 4, 1910, consta que a impressão de *Eurico* se fizera na tipografia acima indicada, por ordem do Autor a seus editores, pagando ele as 67 resmas de papel para esta 1.ª edição por 96$880 réis, que aqueles deduziram no rosto que o Autor tinha a receber da 1.ª tiragem da 1.ª edição do volume I da *Historia de Portugal.*

Parece que esta e as seguintes edições do celebre e popularissimo romance terão sido de 600 exemplares.

[2] Saiu em o numero 26, correspondendo a 16 de janeiro de 1845.

[3] Johann-Josef-Ignaz von Doellinger, presidente da Real Academia das Sciencias de Baviera, da qual Herculano foi tambem socio, cremos que por proposta d'aquele seu amigo e correligionario na defeza da ortodoxia catolica, que os distinguiu pela antonomazia de «velhos catolicos», como lembramos a pag. 352 d'esta tentativa bibliografica, não parece, comtudo, ter alcançado o intuito de Herculano, escrevendo aquele seu tão eloquente protesto contra o celibato clerical. —Veja-se o *Elogio* referido, vertido em português, a pag. 27. — Porto, 1910.

Quanto ás restantes traduções, eis a respectiva nota:

(Dentro de capa encarnada): *Eurico ó El Presbitero Godo por A. Herculano. Y puesto en castellano por * * de T.—Barcelona—Imprenta y Libreria Española y Estrangera de Juan Roca y Suñol, Calle de Escudellers, n.º 18.—1845*

(Rosto): *El Monasticon. Coleccion de cronicas, leyendas y poemas por A. Herculano. Traducidos al castellano por * * de T.*—(As restantes informações como na capa).

É uma linda edição, mui perfeita amostra do apuro tipografico da imprensa barcelonesa, patenteando o estado de adeantamento em que desde muito se acham as artes graficas na capital da Catalunha.

Nas «cuatro lineas» do tradutor, precedendo o romance leem-se estes periodos:

> «Creo no haber malgastado el tiempo en verter al idioma castellano el *Presbitero Godo,* creacion de A. Herculano, que rebosa en acciones halagüeñas y ejemplos que edifican. El sitio que como literato ocupa su autor en la patria del célebre Camoens es bien sabido en la Europa entera. El deseo de que sus obras sean conocidas á poca costa en un pais limitrofe al suyo, y aun mas que limitrofe hermano me ha puesto la pluma en mi mano sin tal vez haber medido bien las fuerzas con que cuento para conseguirlo. Al ver la hermosura del original me arrebató el entusiasmo de artista, y quise trasladar á otro lienzo la magnífica composicion que embargava mi alma. No lo correcto del estilo, ni tal vez los toques divinos del maestro le sea dado imitar al copista; pero estudiará con quanto teson es dable para dar á su trabajo el mismo colorido».

Uma singularidade apresenta esta tradução;—o nome da veneravel abadessa do mosteiro da Virgem Dolorosa, Crimhilde, acha-se aqui desfigurado. O tradutor, não entendemos porque razão, ortografou «*Crinilda*»!

Prometeu este, em remate, continuar a tradução do *Monasticon,* o que ignoramos se cumpriu.

Não vemos na obra de Manuel Bernardes Branco, *Portugal e os Estrangeiros,* que este diligente bibliografo haja conhecido a tradução que registamos.

El Monasticon—Eurico el Presbitero por Alejandro Herculano—Traducido de la sexta edicion portuguesa y adicionado con algunas notas y un plano de las cercanias del Calpe—por Salustiano Rodriguez-Bermejo—Madrid—Imprenta de T. Fortanet, 29, Calle de la Libertad, 29—1875.

Esta tradução, sumamente conscienciosa, acha-se recheiada de mui eruditas notas, sendo, como se vê do enunciado supra, acompanhada de uma «Carta esferica do Estreito de Gibraltar» muito bem gravada.

No «Prologo do Tradutor» escreveu ele o seguinte periodo que assás demonstra o apreço em que tinha o nosso Grande Compatriota, e as suas tão apreciaveis faculdades de abalizado escritor:

> «De este modo y por tales motivos, Eurico el Presbítero y el Monje del Cistér representan dos excelentes y admirables cuadros históricos, de inestimable valor por su colorido local, por la realidad de sus caractéres, por la naturalidad de su accion siempre variada y atractiva, por el nervio del estilo y, más que todo, por la fidelidad y expresion artística con que retratan las epocas á que respectivamente se refieren».

Don Salustiano Rodriguez-Bermejo traduziu, segundo em seu logar se notará, não só *O Monge de Cister*, como já neste «Prologo» anunciava, mas tambem *Lendas e Narrativas*. Entusiasta pelo nosso Autor, não faltou, e o notamos a pag. 331, a contribuir para a subscrição aberta em 1880 para dar ao Grande Historiador a funebre jazida que no claustro dos Jeronimos encerra seus restos mortaes.

Alexandre Herculano — Eurico. — Roman-poème traduit du portugais (avec texte en regard) par David A. Cohen — Précédé d'une introduction par S. Exc. J. da Silva Mendes Leal, Ministre plénipotentiaire de Portugal. — Avec portrait de l'Auteur — Paris — Librairie Française et Anglaise de J. H. Truchy — Ch. Leroy, Successeur, 26, Boulevard des Italiens, 26 — 1883.

No tocante á fidelidade da tradução, lê-se nas «Duas Palavras» do tradutor o seguinte periodo:

> «Para que uma tradução do Eurico podesse impressionar o leitor francez como nos impressiona o proprio Eurico, seria preciso não só que o traductor se affastasse do original, mas que disposesse de uma phrase immensamente colorida, como a de Chateaubriand ou Lamartine. Alem d'isto, a minha traducção visa especialmente a um certo fim cuja utilidade vamos expor.

Deduz-se das subsequentes considerações que, segundo o tradutor, o metodo que convem seguir para aprender as linguas vivas e ainda as mortas é quasi o oposto do geralmente adoptado. Ao contrario do que se pratica, deve-se, estudando uma lingua, acabar pelas regras que a regem, em vez de começar por elas; deve-se partir do indefenido para o defenido, do concreto para o abstrato. É o que pedem a experiencia e a psicologia scientifica. Aprender, pois, a lingua antes de lhe aprender as regras, é de todos os metodos o mais simples e o unico racional, comquanto pareça trabalhoso e complicado. Em apoio d'esta opinião cita o tradutor diversos exemplos de estudantes de varias linguas, incluido o arabe, auxiliados de traduções interlineares dos textos escolhidos para o estudo. Eis porque o tradutor acompanhou a sua tradução com o texto original, correspondendo assim ao duplo proposito enunciado no começo d'estas suas «Duas Palavras»: — «tornar conhecido em França um dos fundadores da nossa Escola Romantica, e facilitar aos portuguezes o estudo do francez».

A «Introdução» de Mendes Leal, escrita nesta lingua, já foi traduzida e publicada em um jornal de Lisboa[1].

Nesta bela pagina encomiastica do saber e das virtudes do *Mestre*, onde ha, como é aliás bem natural, reflexos do brilhante estudo pelo mesmo escritor publicado em 1852 na *Revue Lusitanienne*, por nós citado a pag. 496 d'este volume, imprimiu-se, todavia, uma asseveração que cumpre esclarecer. Diz-se aí que «afirmando os seus principios politicos em violentos combates, Herculano se distinguira neles de modo que mereceu ser condecorado com a Torre e Espada».

---

[1] *Gazeta Commercial, Jornal da tarde*, N.º 242, I ano, referido a domingo, 9 de novembro de 1884. É acompanhada pelo conhecido retrato de Herculano, desenhado por Manuel de Macedo e gravado por Alberto, colocado ao centro da pagina.

O tradutor (G. do B.) lembra em nota que os restos mortaes de *Filinto Elisio*, ao contrario de se acharem ainda, como o autor da «Introdução» supôs, sepultados no *Père Lachaise*, repousam definitivamente desde 1842 no tumulo modesto que a Camara Municipal de Lisboa lhes mandou erigir no cemiterio do Alto de S. João.

Pedimos licença para lembrar que em um livro escrito em 1910, para comemorar o Centenaria do Grande Historiador deixamos completamente desfeita esta lenda. Nenhuma duvida que o valente Voluntario da Rainha se portou no cêrco do Porto pela maneira brilhante e denodada que seus superiores atestaram em documentos que mais de uma vez teem vindo á tela da imprensa. O habito, porem, de cavaleiro da Torre e Espada só foi conferido a Herculano, *que o não aceitou*, em 1839, e na mesma ocasião, e pelos mesmos motivos de merecimentos literarios, com que foi igualmente agraciado Antonio Feliciano de Castilho[1], um e outro em qualidade de membros do Conservatorio Geral da Arte Dramatica.

Tambem ao ilustre encomiasta escapou atribuir ao ano de 1843 a primeira edição de *Eurico*. O Proemio do Autor é com efeito datado de «Ajuda, Novembro» d'aquele ano, mas o livro só apareceu, como aqui fica dito, em fins de dezembro do ano seguinte.

Eurico le Prètre.— Trad. par la Vicontesse de Nogueiras[2]. — *Imprimerie de Charles Noblet et Fils, 13, rue Cujas, 13, Paris, 1888.*

É a unica informação que podemos dar d'esta tradução, que nos não foi dado examinar.

Conforme seus editores escreveram na «Advertencia» posta á frente do romance *O Bobo*, (1878), *Eurico*, «de todos os romances de Herculano, aquelle de que seu auctor fazia menos apreço, é justamente o que maior numero de reproducções tem tido». É sabido, e já foi tambem notado pela imprensa, que na sala da leitura geral da Biblioteca Nacional, o exemplar de *Eurico* foi o livro que mais vezes se renovou.

Neste *Dicionario* teem sido sucessivamente indicadas as diversas edições do romance, que tal entusiasmo despertou sempre, que ainda em 1897 foi interpretado em *tercetos*, como consta da seguinte nota :

Eurico. — Poema em tercetos, por Martins do Soveral. — Lisboa — Companhia Editora — 1897.

Damos, por fecho d'este artigo, a circunstanciada noticia que o Ex.mo Sr. Manuel de Carvalhaes quiz ter a bondade de enviar, conjuntamente com a dos *Infantes em Ceuta*, já impressa a pag. 481, ao nosso presado amigo e companheiro, Brito Aranha, acêrca do *Eurico*, posto em musica.

É como segue :

1.ª edição :

«*Eurico* | *ou* | *o Presbytero de Carteia* | *drama lyrico em 4 actos* | *extrahido do romance — Eurico o Presbytero — do Sr. A. Herculano* | *por* | *Pedro Augusto de Lima* | *e posto em musica* | *por Miguel Angelo Pereira* | (Aqui, uma vinheta de emblemas musicos). | *Lisboa* | *Typographia de Costa Sanches* | *40, Calçada do Sacramento, 40* | *1870*».

In-8.º de 2 + 49 paginas + 1 branca final. Texto italiano, e versão portuguesa em prosa. Com os nomes dos artistas, entre os quaes, de protagonista, o tenor Ugolini. É esta a 1.ª edição do *libretto*, e serviu

---

[1] Veja-se no livro «*No Primeiro Centenario de Alexandre Herculano, Paginas intimas*», o texto do decreto d'esta nomeação, promulgado a solicitações de Garrett, em nota B, de pag. 236, bem como o que no livro se imprimiu de pag. 119 a 122.

[2] Supomos ser a filha (?) do nosso compatriota Jacinto Augusto de Sant'Ana e Vasconcelos, confirmado em 2.ª vida visconde de Nogueiras por decreto de 22 de julho de 1875.

para as representações da opera no Teatro de S. Carlos de Lisboa, das quaes a primeira em 19 de fevereiro de 1870, em beneficio do *Maestro* Miguel Angelo Pereira.

2.ª edição:

«*Eurico* | *o Presbytero de Carteia* | *drama lyrico em 3 actos* | *extrahido do romance — Eurico o Presbytero* | *de* | *Alexandre Herculano* | *por* | *Pedro de Lima* | *e posto em musica* | *por* | *Miguel Angelo.* | *Porto* | *Typographia Franceza e Nacional* | *50, Rua da Picaria, 54* | *1874*».

In-8.º pequeno, de pag. 93. Mais 3 brancas no fim, apenas com a designação «*Imprensa Franceza e Nacional*».

Texto italiano, e versão portuguesa tambem em verso. É esta a edição que serviu para as representações no Teatro de S. João do Porto em 1874, achando-se então a opera reduzida a 3 actos, e sensivelmente modificada assim nas palavras como na musica. O libretto traz os nomes dos artistas entre os quaes, protagonista, o tenor Belardi.

A 1.ª representação no Porto foi a 17 de janeiro de 1874.

Pouco depois o Sr. Joaquim de Vasconcelos publicou em folheto:

«*Eurico* | *Analyse* | *de* | *Joaquim de Vasconcellos* | (Aqui, uma citação de Schiller). | *Porto* | *Imprensa Portugueza* | MDCCCLXXIV».

In-8.º de 47 pag. e 1 branca no fim.

3.ª edição:

Eurico | *o Cavalleiro Negro* | *drama lyrico em 3 actos* | *Extrahido do Romance* | *Eurico o Presbytero* | *de—Alexandre Herculano* | *por Pedro Augusto de Lima* | *Musica de* | *Miguel Angelo.* | *Rio de Janeiro* | *Typ. a vapor de A. Marques & C.ª, rua Nova d'Ouvidor* n.º *33* | *1878*».

In-8.º peq. de 61 paginas e 1 branca no fim. Texto italiano, e versão portuguesa (em prosa). Com os nomes dos artistas, entre os quaes, protagonista, o celebre tenor Tamagno. É esta a edição do libretto que serviu para as representações no Rio de Janeiro em 1878. A versão portuguesa é diversa da de Lisboa, tambem em prosa. O texto italiano varia muito do da 1.ª edição e um pouco do da 2.ª

Veja-se sobre o exito d'esta opera, nas tres cidades, o Sr. Ernesto Vieira (tomo II, pag. 462-463, do seu *Diccionario biographico de Musicos Portugueses*).

Musica notada d'esta Opera

Da opera *Eurico*, com o n.º 5 (1.º ano) do quinzenario de revista musical intitulado *Eurico*, que começou a publicar-se no Porto em novembro de 1884, sendo redactor o *Maestro* Miguel Angelo Pereira, saiu o *preludio* da opera. São 8 paginas de pequeno in-4.º Não sei se proseguiu nessa edição. Lembro-me que em julho de 1904, num estabelecimento de musica, no Porto, ao alto da rua da Assunção, dirigido por um dos filhos de Miguel Angelo, vi, senão toda, boa parte do *spartito* belamente gravado na Alemanha, provavelmente em Leipzig. Esse estabelecimento, se ainda existe, já não é no referido local. Só os filhos, que não conheço, d'aquele *maestro* um dos quaes se chama Rafael, poderiam hoje informar se a opera acabou, ou não, de imprimir-se, assim como se da mesma existem alguns trechos impressos avulsamente, alguma «fantaisie», «pot-pourri», etc.».

Revista Academica de Coimbra. — 1845 [1].
A paginas 50 imprimiu-se o seguinte:

«*Historia de Portugal durante a Idade Media.* — (*Fragmento*).
O fragmento que offerecemos pertence ao primeiro capitulo da Introducção á *Historia de Portugal durante a Idade Media* (*Historia Politica*). A epigrafe do capitulo, uma de cujas proposições este trecho tem por objecto provar, é a seguinte:

«Considerações preliminares: distincção fundamental entre os escriptos historicos da Idade-Media, e os da epocha da restauração das lettras. As origens de Portugal lemitadas naquelles á sua verdadeira ou mais natural data, e nestes deduzidas de epochas estranhas e até ante-historicas. Causas e consequencias deste falso systema [2], etc.»

Continua a transcrição nas paginas adeante indicadas em nota.
Ainda a pag. 246 da mesma *Revista* se lê:

«*Historia de Portugal por A. Herculano.* — E este o titulo de uma obra que vai começar a publicar-se, e cujo 1.º volume, comprehendendo a historia politica de quasi um seculo, desde 1097 até 1185, sairá em janeiro de 1846.

Que haverá que dizer a fim de excitar o acolhimento do publico para com uma obra em cuja frente vem estampado o nome illustre do Sr. A. Herculano? Quem haverá ahi que não tenha conhecido a altura a que se eleva a intelligencia d'este escriptor na difficil averiguação dos pontos obscuros da nossa historia? — a nenhum portuguez que lê é hoje dado ignorá-lo.

Já os nossos leitores viram um fragmento d'esta *Historia* com que o seu auctor quiz honrar as columnas do nosso jornal [3]. Quando o escripto se publicar a *Revista Academica* ha de occupar-se largamente d'elle, por ora só queremos felicitar o publico pela proxima publicação de uma obra já de ha tanto desejada e requerida.

Os Portuguezes vão ler na *Historia de Portugal* pelo Sr. A. Herculano, uma historia digna dos grandes feitos dos seus antepassados».

A Illustração. — *Jornal Universal.* — *Volume* I. — *Ornado de 160 gravuras.* (Grande vinheta, representando o Tempo e a Sciencia descobrindo a Verdade). — *Lisboa* — *Na Imprensa Nacional* — *1846.*
Esta publicação deu o seu 1.º numero referido a abril de 1845, produzindo o I volume 12 numeros até março de 1846.

---

[1] Como notamos a pag. 403, a *Revista Academica* publicou o seu n.º 1 em março do ano supra mencionado.
[2] Este sumario diverge bastante do que foi definitivamente adoptado pelo Autor.
[3] «Vid. pags. 50, 65 e 84».

Logo neste 1.º numero aparece no alto da pagina 2 o seguinte titulo, que de tão mal se ageitar com o sub-titulo, os torna mutuamente inconciliaveis:

Typos Portuguezes. — I — *O Gallego.*
No capitulo II que se lê no n.º 3 vem a seguir a este titulo e seu sub-titulo mais este acrescente:

Vida, Dictos e Feitos de Lazaro Thomé.

Acompanha tudo o seguinte sumario:

«*Resto ou escorralhas do Prologo. Item: De como Lazaro Thomé estava para padre e veio a cazar; e de como n'um anno de muita chuva e lazeira disse mal á sua vida por amor de umas boiças que tinha, e se resolveu na sua alta sabedoria a calcurriar da terra para Lisboa.* Capitulo I».

Como se vê, dispunha-se Herculano a começar uma narrativa humoristica que prometia ser das mais chistosas das que saíram da pena do autor do *Parocho d'Aldeia* e da *Carta ao Rev. P. M. Francisco Recreio,* assinada «*Um Moribundo*». Pena foi que a hilariante prosa não tivesse seguimento, ficando interrompida no capitulo V, vindo este a ser o ultimo publicado no n.º 2 do mesmo volume (14 de fevereiro de 1846), todos assinados «*A. Herculano*».
É provavel que á demorada publicação d'estes mesmos cinco capitulos, que alternavam neste jornal com a do *Alcaide de Santarem,* como adeante se verá, fossem motivo os cuidados que o Autor teria a dar á muito proxima aparição do I volume da sua *Historia de Portugal,* ultimos retoques no texto, revisão de provas, etc., alem das demoradas visitas á Imprensa Nacional, onde, sob suas vistas, lhe estava compondo o predito volume o inteligente compositor José Antonio Dias, honra e lustre da sua nobre classe, e que tanto, e com tanta razão, se ufanava de ter sido encarregado, ele só, d'esta notavel obra.
Como quer que fosse, os «*Ditos e feitos de Lazaro Thomé*» não lograram ficar conhecidos. Nem se compreende como, em meio de seus graves estudos e dos cuidados que a preparação do I tomo da *Historia de Portugal* lhe havia de dar, achou Herculano ensejo de escrever estes mesmos cinco tão chistosos quanto ironicos capitulos, só pelo gosto, ao que se nos afigura, de dar extenso e, aliás, bem merecido *quináu* á literatura romantica socialista que teve por chefe o autor dos *Misterios de Paris.*
Fosse qual fosse o motivo, Herculano resolveu não continuar, e assim o deu a entender o editor da *Illustração,* em nota no final do volume I, explicando aos leitores o motivo da interrupção.

Não escape notar que tanto na composição de Herculano, como na «*Chronica Lisbonense*» do jornal, que supomos ser da pena do editor Teixeira de Vasconcelos, o vocabulo «majestade» aparece impresso tal qual é hoje ortografado.

O Alcaide de Santarem (950-961).
Esta narrativa romantizada começa no n.º 4 do volume I da *Illustração,* assinada em todos os capitulos «*A. Herculano*», terminando no mesmo volume e n.º 3 do ano de 1846.
Tem uma contrafacção, feita nos termos que se explicam no I volume do *Suplemento* d'este *Dicionario.*
Em *Lendas e Narrativas* é a 1.ª do volume I.
Quere-nos parecer que este escrito já se achava concluido quando seu Autor resolveu dá-lo a lume neste jornal. A regularidade da sua publicação contrastando com os largos espaços que teve a dos cinco capitulos da narrativa humo-

ristica precedentemente notada, alem da tal qual consemelhança do estilo com outras composições de igual indole, dadas a lume pelo Autor em epocas muito mais anteriores, nos persuade a supor o que deixamos escrito.

1846. — *Historia de Portugal* — Tomo I:

Em quinta-feira, 29 de janeiro, do ano supra indicado, inseria o *Diario do Governo* n.º 25 o seguinte anuncio:

> «Publicou-se o 1.º tomo da *Historia de Portugal* por A. Herculano, um volume de XVI–518 paginas de 8.º grande. A assinatura, que se fechará com a publicação do 2.º volume, está aberta nas lojas de livros, etc».

A obra, segundo o prospecto publicado na *Revista Universal Lisbonense*, tomo V, n.º 25, referido a 11 de dezembro de 1845, seria «impressa em excelente papel, com typos novos da Imprensa Nacional, e no formato de 8.º grande francez». Como precedentemente dissemos, foi compositor unico d'este volume o tipografo pertencente ao quadro d'aquele estabelecimento do Estado, José Antonio Dias, com cuja amisade nos honramos, e veiu a falecer na situação de chefe do armazem dos tipos, em 16 de abril de 1893. Cumprindo-lhe, na ocasião de ser encarregado d'esta obra, alistar-se na Guarda Nacional, alcançou-lhe Herculano dispensa do serviço, para não largar mão do honroso encargo que lhe fôra confiado.

Alexandre Herculano ia, emfim, começar a apresentação do resultado dos trabalhos por ele empreendidos, acêrca da historia da sua patria, durante parte dos «25 annos» em que labutara com estudos historicos, no decurso dos quaes, como o Grande Escritor modestamente confessou a Oliveira Martins, apenas conseguira, e trabalhando deveras, estudar seriamente uma epoca da historia do seu país, ficando-lhe ainda assim obscuras mais de uma face do poliedro social.
Em taes estudos, o intuito unico do que escrevera fôra o de deixar ás gerações futuras em Portugal alguns meios para uma cousa que se lhe afigurara haveriam algum dia tentar fazer: — tornar as instituições mais harmonicas, mais consequentes com as tradições e indole d'esta familia portuguesa, a quem o seu correspondente negara individualidade propria, e que, todavia, já no seculo XII chamava com malevolo desdem, estrangeiros aos espanhoes.
Cria o Grande Historiador que por tal meio, nós chegariamos a tornar a liberdade verdadeira e real, facto que não temos obtido com imitações bastardas de instituições e até de utopias peregrinas[1].

Pelo que toca á aceitação com que foi recebida esta obra, reportamo-nos ao que se lê em o n.º 199, pag. 36, do tomo I d'este *Dicionario*.

---

[1] Carta de 25 de dezembro de 1872, publicada pelo destinatario no jornal *O Reporter*, de 28 de junho de 1888, e reeditada no tomo I de *Cartas de A. Herculano*, Lisboa, 1911.
Já neste mesmo volume da sua *Historia* Herculano deixara escrito:
«A chronica dos godos, que narrando os successos de 1128, toma o estylo do libello politico, não era provavelmente mais que o eccho da opinião vulgar. Alli os gallegos são tractados de estrangeiros ou forasteiros indignos».

Damos agora a transcrição do rosto d'este 1.º volume, bem como notamos os mais topicos da sua economia, para servirem de elemento de comparação das subsequentes edições. São os seguintes:

Historia de Portugal por A. Herculano — Tomo Primeiro — Lisboa — Em casa da Viuva Bertrand e Filhos — Aos Martyres, N.º 45 — MDCCCXLVI.

Segue-se, pagina V:

«*A Sua Altesa Real O Principe D. Pedro*».

«Advertencia» (não datada), paginas VII a XIV. — «Introducção», de paginas 1 a 187. — «Livro I» que finaliza a paginas 294. «Livro II», de paginos 297 a 442, em que fecha o texto. Após, XXVII Notas, que terminam a paginas 518. Acresce, pagina de «Erratas e Correcções», não numerada.

Passando em revista a bagagem literaria e scientifica do Autor, ao publicar este 1.º volume da sua *Historia*, achamos que, pelo que toca ás linguas, sabia a castelhana, a francesa, na qual escreveu com a propriedade e pureza que é sabido um de seus mais sugestivos estudos, a inglesa, a italiana, como já deixamos registadas as provas, e, em tempos em que o conhecimento da lingua alemã era ainda entre nós raro, sabia tambem, e a fundo, a lingua alemã, facto de que por igual se notaram os exemplos na Primeira Parte d'esta tentativa bibliografica[1].
Conhecia o grego[2] e sabia o latim, como um dos mais bem aproveitados discipulos que fôra do Oratoriano Vicente da Cruz[3]. Estava senhor da historia e da literatura de todas estas linguas, e assim tambem da historia eclesiastica, do que deixou tão eloquentes testemunhos.
Não conhecendo o arabe, era mestre consumado em paleografia e diplomatica, escusando assim o auxilio de copistas ou interpretes dos diplomas que precisou estudar.
Em historia e literatura nacionaes sabia o de que deu provas, não só em sua *Historia*, mas em todos os mais livros em que tal materia lhe foi assunto.
Conhecia, emfim, todos os autores antigos e modernos que lhe cumpria ter lido para a tarefa que se propusera[4].
O que, porem, sobrelevava em Herculano, historiador, era a assombrosa penetração devinatoria com que sabia profundar nas trevas do passado, definindo epocas e recompondo caracteres, era o subtil metodo de analise que aplicava ás causas dos acontecimentos que historiava, era a firmeza e segurança das ilações que sabia tirar de taes acontecimentos, e o profundo criterio com que os ajuizava.
Tendo a paixão do sacerdocio a que se votara, um só norte o guiava, um só empenho ficou transparecendo emquanto escreveu; — assegurar para a sua memoria o merecimento d'aquele facto unico de que desejava lhe compuzessem o epitafio; — ter conquistado para a Historia algumas importantes verdades.

«Com a litteratura franceza mostra-se familiar; mais ainda com as obras philosophicas, historicas e poeticas da Allemanha».

Doellinger — Elogio historico já citado, pag. 15.

[2] Como prova a carta I ao Dr. Joaquim Maria da Silva, *in Homenagem ao Mestre*, pelo Sr. Dr. Antonio Baião, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Coimbra, 1910.

[3] Biografia, por A. X. Rodrigues Cordeiro, *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro*, 1879, pag. 6. *Diccion. Univ. Portuguez*, editor, Henrique Zeferino — vol. I, verb. «*Araujo*».

[4] Entre as suas grandes faculdades, a da memoria foi extraordinaria, o do facto, que já deixamos assinalado, se desvanecia com razão. É prodigiosa a quantidade de citações de varios autores que deixou estampadas, aduzidas em ocasiões em que lhe não seria facil dispor das respectivas obras.

Registaremos agora, por ordem cronologica, quantas publicações conhecemos a que tenha sido materia este 1.º vol., sem desconhecer que mais algumas, porventura, haja, de que não tenhamos tido noticia.

Na *Revista Universal Lisbonense* n.º 15, correspondendo a 16 de março de 1848, publicou o distinto jurisconsulto Dr. Antonio Gil, a tradução de um extenso artigo historico-bibliografico-critico, motivado pela aparição do I volume da *Historia de Portugal,* vindo á luz na Revista irlandesa *The Dublin University Magazine,* n.º CLXX, referido ao mês de fevereiro de 1847.

A seguir a uma larga explanação historica acêrca de Portugal, e dos escritores que do nosso pais se teem ocupado, vem o critico articulista irlandês ao que em particular se refere ao nosso historiador e á sua obra. Eis como se expressa, sumariamente exposto:

> «Passando agora a considerar a valiosa obra do sr. Herculano, achamos nas suas paginas profundo saber, unido á maior candura, liberdade de linguagem, isenta de sujeição a preconceitos nacionaes, que o elevam á categoria dos mais eminentes historiadores modernos ... Nas honestas paginas do sr. Herculano não ha ver adulação servil ás preocupações nacionaes, as fabulas dos annaes portuguezes acham-se expostas com severissima critica, e removidas dos dominios da historia authentica para os da epopea de Camões, onde tem graça e logar proprio ...
>
> Ha outra, e não menos importante, especie de merito que pertence ao sr. Herculano, e é o haver elle estudado a fundo o seu assumpto, o ter intimo, e podemos até dizer, familiar conhecimento com a historia portugueza, durante o periodo feudal, no meio de um vasto cahos de successos, composto de dissenções intestinas e conspirações, desavenças com Castella por via da independencia nacional, e incessantes guerras de aggressão contra varios regulos e dynastias mouriscas.
>
> A narrativa é clara, limpida e corrente, e nós vemol-os e sentimol-os, como se o auctor fosse contemporaneo, os acontecimentos que relata.
>
> Mas —continua— não pára aqui o elogio devido ao historiador; elle aponta a um alvo de maior utilidade, e o systema social do seu paiz, no decurso da edade media, occupa sua attenção principalmente; mostra bem que conhece a natureza da instituição municipal, a influencia do clero e as relações em que a aristocracia se achava com a realeza e com o povo; n'uma palavra, não é a historia dos reis de Portugal que elle escreve, mas sim a dos progressos da nação portugueza».

Acha o articulista irlandês que seja porventura a historia da Escossia, de Tytler[1], aquela com que a obra de Herculano tenha mais pontos de semelhança, tanto pelo que respeita ao plano e extensa escala em que são concebidas, como pelo que toca ao numero de investigações originaes que em ambas abundam.

Comparando um ao outro historiador, entende que o português é inferior ao escossês nas descrições, gostando bem pouco do estilo de Froissart, no tocante a pormenores de feitos de armas, sendo que, por outro lado, leva vantagem a Tytler, pois que é mais profundo antiquario e dispõe de mais filosofia politica.

> «Alem de tudo, remata, em Herculano, a estructura da sociedade, e as remotas causas dos eventos e successos são para elle assumptos caseiros, com que, por assim dizer, está em tracto familiar».

---

[1] Patrick Fraser Tytler. Esta sua historia é reputada excelente.

Com respeito ao estilo, o articulista irlandês, confessando demasiada presunção, talvez, o criticá-lo, sempre acha que, ainda que simples e claro, parece ás vezes falto de animação, sentença que o experiente tradutor perspicuamente rebate, assim como a causa a que o critico atribue o que dá por facto; — a demasia de miudesas que fazem parte do texto, e que, em seu entender, bem poderiam ser transferidas para as notas, com vantagem da narrativa.

Tão acertadas são as observações do articulista irlandês, na primeira parte da sua critica, quão desrazoaveis se nos apresentam estas segundas.

A nossos benevolos leitores não terão, com efeito, escapado os diversos pontos fracos d'elas, como não escaparam ao douto causidico que tanto a proposito trasladou para as paginas da *Revista Universal* os que se referem á pretendida *falta de animação* narrativa nas paginas da *Historia de Portugal.*

Nenhuma duvida que Herculano é, primeiro que tudo, um espirito analitico, e que é tal qualidade a que mais se faz requerida em uma historia, na qual se torna mister a cada passo, por que assim se diga, repor os factos em seu verdadeiro aspecto, desembaraçando-os das mil obscuridades e das mil falsidades que os pervertem e desfiguram. Por outro lado, não é menos certo que o estilo de Herculano, grave, severo até, mas sobrio e conciso, não perde por taes factos nada da animação cuja ausencia tornaria monotona a sua escrita. Aí, onde tal predicado é condição indispensavel da narrativa, ela aparece, com efeito, não artificiosa e banal, mas inspirada nas proprias qualidades impulsivas do historiador. Como excelentemente advertiu o ilustre tradutor do artigo irlandês, em sua tão conceituosa «Nota», o proposito do autor da *Historia de Portugal* não foi o de escrever scenas historicas, onde cabem todas as galas e riquezas da linguagem[1], mas o de dar a ler a naturaes e a estranhos a historia critica e filosofica do seu país, que nos faltava. Quanto a diluições de narrativa, que as Notas poderiam remediar, nem a animação do estilo do historiador afrouxa por causa d'aquelas, nem estas podiam ir alem das XXVII que o tomo já comporta, sem risco de desequilibrio na estrutura do volume.

Dizer, porem, que Herculano gosta pouco do estilo de Froissart, no tocante a pormenores de feitos de armas, é negar-lhe justamente a sua grande, a sua admiravel superioridade de narrador de recontros, assédios, batalhas e emprezas de guerra; é desconhecer por completo a competencia e as qualidades impulsivas de um escritor que aprendera a contar a guerra, arriscando outr'ora a vida com denodo em cem combates, por amor da Liberdade. Deixe-se que, sem faltar ao que deve á probidade historica, ele tome a si descrever por palavras suas um qualquer feito de armas, de tantos que se apresentam neste e mais volumes da sua *Historia,* e veja-se como em cada qual d'eles se incarna o seu temperamento de homem de guerra que foi; como a sua formidavel envergadura se integra toda inteira nessas paginas a um tempo bronzeas e onomatopaicas, onde não se afirmam só as suas poderosas faculdades descritivas, senão que se denunciam por igual as viris e alentadas condições da sua rija tempera. Quando registarmos a aparição do II volume da *Historia de Portugal,* veremos, ao analizar a descrição da batalha de Alcacer, a mais notavel de quantas Herculano escreveu, no genero, o que ele foi, como historiador, e o que teria sido, como soldado.

A proposito de «Vesperas do Centenario»(?) — (o do descobrimento do caminho maritimo da India por Vasco da Gama), publicou o falecido secretario perpetuo da Sociedade de Geografia de Lisboa, Luciano Cordeiro, no *Boletim* da predita sociedade, n.º 9 da 14.ª serie (1895) uma Memoria intitulada: «*O cerco de Santarem — 1184 — segundo os documentos arabes por R. Dozy*».

---

[1] Como, por exemplo, o *Quadro 8.º*, dos *Historicos*, da colecção Castilho, a que em seu lugar nos referimos, e que neste momento nos ocorre, verdadeiro primor na arte de escrever e de descrever.

Em breve preambulo apresentatorio da Memoria, traduzida pelo apresentante, expõe o tradutor, numa linguagem inexplicavelmente agressiva contra Herculano, que este historiador:

> «Desesperando de conciliar estes textos (os dos cristãos e os dos arabes) ou de através d'elles reconstruir, com segurança, o grande acontecimento; desconfiado com as narrativas arabes, e em todo o caso não podendo directamente conhecel-as e confrontal-as, Herculano teve de ser extremamente conciso, não liquidou a questão e não pôde, sequer, poupar-se a inexactidões flagrantes».

A historia, em suma, do cêrco de Santarem pelo califa Yacub, é — escreve Luciano Cordeiro — «uma historia a refazer inteiramente».

Refê-la, pois, o sabio Dozy em seu livro intitulado: «*L'expédition du Califa Almohade, Abou-Yacoub contre le Portugal*», «estudo — acrescenta — persistente e profundo, feito com aquella critica nitida e segura que caracterisava o illustre arabista e historiador».

Segue-se o texto de Dozy, isto é, a tradução de dois documentos arabes vindos ao seu conhecimento muitos anos após a publicação d'este 1.º volume, acompanhada da critica correspondente.

Quanto á critica do tradutor, as pessoas que tenham lido a parte do 1.º vol. da *Historia de Portugal*, que se refere a esta materia, podem testemunhar em toda a verdade do quanto ela foi mal cabida, assim como fora de todo o proposito o tom acrimonioso pelo mesmo tradutor empregado, ao referir-se ao Grande Historiador, e ás *suas* supostas «inexactidões flagrantes».

Nunca o primeiro secretario perpetuo da Sociedade de Geografia teve motivos de queixa contra Alexandre Herculano. Bem pelo contrario, entre a sua correspondencia recebida mais de uma prova existirá da benevola e animadora acolhida feita pelo Grande Escritor a algum ou alguns de seus primeiros escritos. Nós proprio fomos testemunha da excelente opinião que Herculano manifestou, a respeito das muito legitimas diligencias do então escritor principiante para dar que falar de si, e a deixamos registada no livro *Paginas Intimas*[1]. A sua inesperada investida, pois, contra o Autor da *Historia de Portugal* só se explica por um d'aqueles motivos que tão má opinião dos homens nos inspiram, e nem sempre está no querer d'eles evitar.

Mas se em sua menos bem pensada critica a um passo da *Historia de Portugal*, que ele não trataria melhor decerto, o entusiasmado panegirista-tradutor de Dozy demonstra não conhecer, sequer, as regras de escrever historia, se ele atribue a Herculano aquilo que *outros escreveram*, e o avisado historiador não fez mais do que *expor*, achando-se em presença de contraditorios testemunhos, e assim, «a *sua* narrativa do famoso cêrco de Santarem» não lhe fica em verdade pertencendo, mas aos escritores até então conhecidos, que contraditoriamente a narraram; se, finalmente, se não pode exigir de Herculano que disponha do dom de advinhar, para preferir a todos os escritores em seu tempo conhecidos o arabista Dozy e mais as suas duas relações arabes, por ele publicadas em 1861, que especie de conceito se pode formar de tal maneira de fazer critica a um historiador qual Herculano foi?

Nisto ficaremos, sem deixar de mencionar que o tradutor de Dozy ofereceu este seu pouco feliz trabalho «A F. Adolpho Coelho».

Doze anos depois do passamento do Grande Historiador, um moço estudioso e de talento, a quem a morte não permitiu vir a afirmar-se um arqueologo de

---

[1] O episodio narrado a pag. 3.

superior competencia, como tudo quanto deixou escrito nos persuade que aconteceria, Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, falecido em 21 de outubro de 1890[1], publicou, sob a interrogação: «*Onde foi a batalha de Ourique?*», no vol. III da *Revista Archeologica*, de que era fundador, de pag. 67 a 79, um artigo, datado de 29 de maio de 1889, no qual concluiu, após assás bem conduzidas considerações, dignas, em verdade, de mais feliz remate, por dar o celebre recontro como ferido sob os muros de Lisboa, no sitio chamado «*Campo de Ourique*».

O dissentimento do que se lê a tal respeito neste I volume da *Historia de Portugal* não teve eco. O espirito de critica que poderia tê-lo acompanhado e tão facilmente corrigido, não existia então. Passou despercebido o artigo e foi mister que decorressem vinte e dois anos mais, para que o assunto entrasse de novo em exame.

Ultimamente, pois, (1911), um arabista do maior conceito, Sr. David Lopes, voltando a perlustrar o assunto, como consequencia de estudos feitos sobre novas fontes, declara inaceitavel a hipotese «Alemtejo», e como inaceitavel sentenceia por igual a hipotese «Campo de Ourique—Lisboa»[2]. A primeira declara a o esclarecido contraditor fundada em mera tradição erudita, para a qual, e conforme o explica, o celebre antiquario André de Resende teria contribuido, até por forma bem pouco abonatoria da sua probidade literaria. A segunda está prejudicada por uma circunstancia que é, porque assim se diga, quasi de nossos dias, e de todo lhe abala os fundamentos.

Desde a conquista até o seculo XVIII, a denominação «Campolide» é a corrente, absorvendo em si parte do terreno que posteriormente, se chamou «Campo de Ourique». Alem d'isto, Borges de Figueiredo faz, por conveniencia da sua tese, Esmar, o vencido do principe português, governador de Lisboa, o que se não conforma com a verosimilhança, visto não haver modo de explicar a ida do chefe sarraceno sobre Leiria, no ano seguinte. Não é, por outro lado, crivel que os documentos que se referem á batalha não citassem o nome da cidade, ou a não designassem por tal nome.

Vindo, pois, a indicar, a seu turno, onde se lhe afigura que poderá ter-se dado o historico recontro, opina o douto arabista, que não podendo restar duvida de ser Esmar senhor de Santarem, o campo de batalha poderia ter sido entre Santarem e a linha Leiria-Ourem-Tomar. Ora, mercê de informações promovidas nas sedes dos concelhos d'esta area, descobriu-se que no do Cartaxo «existe um extenso campo, com o nome de *Chão de Ourique*. É certo, acrescenta o Sr. David Lopes, que ele não está dentro da area acima determinada, mas porque fica ao sul d'ela, a cêrca de 15 quilometros de Santarem, não invalida a nossa asserção».

Tal é o estado d'este assunto. Se o resultado obtido não é plenamente concludente, o problema fica simplificado e posto em bases positivas.

Do exame a este I volume, feito pelo proficiente e imparcialissimo arabista, em sua já citada monografia, resulta que Herculano, tendo de servir-se de traduções imperfeitas de textos arabes, nomeadamente dos de Conde e de Gayangos, fiado nelas, foi levado a cometer algumas inexactidões historicas na Primeira Parte da sua *Historia*; isto é, na que se ocupa do dominio arabe na Peninsula, e constitue uma como Introdução Preambular da obra, sem directamente interessar a parte que forma o escopo do historiador; — a formação e constituição do reino de Portugal.

---

[1] Leia-se o copioso artigo que a este desventurado moço dedicou o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos no jornal *O Dia*, de 28 e 29 de outubro de 1890.

[2] *Os Arabes nas obras de Alexandre Herculano* —V *Nome e Batalha de Ourique* — Lisboa — Imprensa Nacional — 1911.

Em apoio áquela afirmativa aduz o proficiente arabista varios exemplos que, em ultima analise, demonstram quanto é arriscado sempre, em materias historicas, ter de reportar-se quem as explana a informações alheias. Isto sobretudo se a um devotado e sincero desejo de apurar a verdade, de uma parte, se opõe, da outra, o nenhum empenho de contribuir para a fazer triunfar.

Acresce que, não tendo Herculano conhecimento algum da lingua arabe, conforme declarou, e havendo de utilizar por vezes o texto de escritores de quatro diversas nações, em concorrencia com o vocabulario já nacionalizado, foi levado, embora empreendesse sistematizar a ortografia dos nomes de origem arabe, a empregar formas de escrita que ficaram sem homogeneidade. De tal facto expõe o Sr. David Lopes variados exemplos, que melhor se apreciarão, lendo-se a sua erudita monografia.

Ainda pelo que toca a dois factos importantes para a historia de Portugal no tempo de Afonso Henriques; — os sucessos de certo chefe sarraceno e mais rebeldes do ocidente da Peninsula, e as conquistas de Giraldo sem pavor e cêrco de Badajoz, tambem o Sr. David Lopes expõe que tendo-se Herculano valido da narrativa de Conde, para a historia do primeiro, e, para a de Giraldo, da de Gayangos, foi o historiador induzido em erro na descrição de um e de outro dos dois assuntos, visto como Conde transtornou os nomes e os factos colhidos em Ibn Alabar, e Gayangos, resumindo menos exactamente um trecho de Ibn Sáhibe Açalá, atribue a Afonso Henriques feitos praticados por Giraldo. D'aqui resultou completa oposição entre a narrativa de Herculano e a que o douto arabista dá a seguir, bebendo exactamente ambos nas mesmas fontes. Ibn Alabar não afirma o que o orientalista espanhol lhe atribuiu, com respeito a Ibn Caci; Gayangos dá as correrias e assaltos nocturnos de Giraldo como se foram feitos por Afonso Henriques. «O que ficava bem a um cavaleiro esforçado, como Giraldo, não conviria ao decoro de um soberano», remata o Sr. David Lopes.

Comquanto nos não pareça que o caracter de Afonso Henriques houvesse de prender-se grandemente com as considerações que a si proprio deveria guardar, como rei, e rei feito mais na guerra, do que na côrte, para abster-se de entrar em emprezas que lhe amarfanhassem o regio decoro, dado que as punctiliosas noções d'este sentimento vogassem já entre as semi-barbaras inteligencias d'esta epoca, no recemnascido Portugal, certo é que para nós fica muito suficiente correctivo á menos exacta narrativa do nosso historiador o provar-se que aqueles em quem ele se fiou nem tinham a competencia, nem dispunham do criterio que Herculano confiadamente lhes atribuiu, incapaz como era de proceder como qualquer d'eles.

Por ultimo, apresenta o Sr. David Lopes uma lista «de nomes arabes que Herculano explicou ou escreveu inexactamente», tanto em sua *Historia de Portugal* como no *Eurico* e outros romances.

Ficou provado que os «engaços de passas» tinham de ser, por mais de um caso, adversos ao espirito de conscienciosa exposição com que o Grande Historiador timbrava em ilustrar as suas narrativas.

Como ele, porem, segundo o deixou escrito, não pretendeu «escrever a melhor historia de Portugal possivel», mas teve a consciencia de ser o seu trabalho «o mais sincero e despreocupado que neste genero se fez ainda entre nós, e de haver buscado a verdade com todo o empenho que n'ele cabia», absolvido terá ficado o Grande Historiador de todos os senões da sua obra (tantos dos quaes, como acaba de ver-se na parte analizada, estão aí por culpa de outro ou outros menos conscienciosos do que ele) perante quem, criticando-o tão urbana e tão delicadamente, se amostra por igual pela sciencia que professa, digno d'Aquele a quem sabe prestar justiça, pagando, como sincero estudioso, uma divida de gratidão a outro não menos sincero e não menos veraz estudioso.

Da parte que na monografia do Sr. David Lopes se refere á critica azeda de Antonio Caetano Pereira nos ocuparemos, ao registar na *Epistolografia* os escritos de Herculano acêrca do *milagre* e batalha de Ourique.

Revista Universal Lisbonense—Jornal dos Interesses Phisicos, Moraes e Intellectuaes. Colaborado por muitos e distinctos litteratos e redigido por José Maria da Silva Leal.—Tomo v.—Anno de 1845-1846.—Lisboa, etc.

N. B.—Durante o ano de 1845 apenas publicou a *Revista*, da pena do nosso Autor, a poesia *O Mendigo*, de que na Primeira Parte d'esta tentativa bibliografica se fez a devida menção.

1846.—Fevereiro, 19.—N.º 35.—*Cogitações soltas de um homem obscuro.* Esta especie de revista critico-historica, a partir do seculo xv, reinado de Afonso V, ficou interrompida no III capitulo, e neste mesmo numero. Tal qual foi reeditada no tomo VI dos *Opusculos*, onde tem o 2.º logar, não se declarando que o escrito ficara por terminar. Herculano figurara-o na especie de apresentação que o precede ser só d'ele conhecido o seu imaginado autor, assinando tal apresentação «*A. Herculano*», o que se não repetiu na reedição.

A redacção da *Revista*, declarando ufanar-se com a publicação d'este escrito, classificava-o «uma das coisas mais dignas de profundo elogio, pela filosofia, pela erudição e pela eloquencia, que se tem escrito na lingua portuguesa».

O Panorama.—Semanario Litterario e Instructivo.—Volume IX.—*Primeiro da Terceira Serie. (Publicado de 5 de setembro de 1846 a 25 de dezembro de 1852).—Lisboa—Typographia de A. J. F. Lopes—Rua Aurea N.º 67—1852.*

Até o fim do ano de 1847, os seguintes artigos, nenhum d'eles assinado, parece poderem ser, excepto o segundo, que já foi reconhecido pertencer-lhe, atribuidos a Alexandre Herculano.

É de notar-se que nesta resurreição do *Panorama* se seguiu, pelo que toca ao regime da redacção, o sistema adoptado nos primeiros dois anos e meio da existencia d'este semanario;—o *anonimato literario*. Procede, talvez, d'aqui o ter-se Herculano conformado com tal regime, abstendo-se de firmar com as suas duas bem conhecidas iniciaes, como vimos ter precedentemente estabelecido, os artigos que de sua iniciativa se publicaram em todo este IX volume.

1846.—Outubro, 3.—N.º 5.—*Jogos e Festas Antigas.—Fragmento de uma historia verdadeira.*

Dois capitulos. No I a apresentação do II. Este, que tem por titulo: «*Guerra e casamento ha sete seculos na Hespanha*», é como que o transunto de um passo da cronica do imperador Afonso VII, inserto nas «Antiguidades de Hespanha», do sabio Bergara.

A reminiscencia da descrição do casamento, e festas a que deu motivo, do rei D. Garcia com a filha do imperador parece ter inspirado a Herculano aquele seu monumental capitulo, infelizmente incompleto, «*O S. João*», que na reedição do romance *O Bobo* devia entrar em substituição do terceiro primitivo, publicado no antigo *Panorama*, volume VII, como explicam os editores da reedição de 1878, em nota de paginas 309. É, pelo menos, a impressão que nos ficou, confrontando as duas narrativas.

Outubro, 10.—N.º 6.—*Tumulo de Bartholomeu Johanes.*

Não pode restar duvida de que este artigo, para o qual foi aproveitada uma copia do tumulo do celebre *compadre* do rei D. Diniz, existente na Sé d'esta capital; copia que figurou na exposição da Academia das Bellas Artes, de 1840, é da pena de Herculano. Ninguem dispunha, com efeito, como o Grande Escritor,

dos elementos paleograficos em que este escrito abunda, facto que o Sr. visconde de Castilho (Julio) tão magistralmente põe em relevo na formosa pagina que lhe dedicou, e se lê no tomo III, cap. XXII da sua *Lisboa Antiga*.

Acrescentemos como esclarecimento que o «hospital para doze pobres», instituido por Bartolomeu Joanes em seu tão curioso testamento, ainda existia na segunda metade do seculo XVI. Estava estabelecido na «rua de Afonso d'Albuquerque», a mesma que ainda conserva esta denominação, freguezia «da See». «Casas dos merceeiros de Bartolameu Johanes, com seu albergueiro», segundo os termos de um codice pertencente ao arquivo da camara municipal d'esta cidade.

Antigos Officiaes Militares — O Adail.

Descreve o Autor neste artigo a importancia militar d'este cargo nos antigos exercitos de Castela e Portugal, bem como as circunstancias da sua investidura.

Ao finalizar este belo estudo, prometia Herculano descrever em outros subsequentes varias ceremonias militares da Meia-Idade, mas não continuou.

No tomo IV da *Historia de Portugal*, livro VIII, parte II, pag. 246 da 2.ª edição (1862), passando o Autor a dar uma ideia dos ministros subalternos que nos concelhos perfeitos «eram destinados a cumprir ou a vigiar pelo cumprimento das resoluções dos magistrados locaes», menciona o *adail*, «entidade que de certo modo substituia os alcaides menores nas funcções militares».

E acrescenta:

> «Especialisar, porém, os deveres militares dos adaís, o modo da sua creação e o grau que tinham na jerarchia dos exercitos não pertence a este logar. Baste-nos saber que nas municipalidades eram em occasião de guerra os chefes especiaes das tropas a cavallo».

O artigo, pois, aqui mencionado, é o complemento natural d'esta parte da *Historia*, cujo IV volume veiu á luz, em 1.ª edição, em 1853.

Novembro, 14. — N.º 11. — *Arte Antiga.*

Este artigo, que se continua em o numero seguinte, repleto de erudição no grande capitulo da arquitectura religiosa, e primorosamente escrito, remata-se por um periodo em que se afirmam as grandes e excepcionaes caracteristicas da prosa monumental de Herculano. — Se vier a averiguar-se que em verdade lhe não pertence, fiamos que o atribuir-lh'o não terá sido acto que lhe afronte as letras e a maestria. Quem quer que haja de reconhecer-se ter sido autor de tão belo trabalho, será julgado um de seus mais aproveitados discipulos.

1847. — Fevereiro, 6. — N.º 22. — *Tomada de Alcacer.*

Trecho do II volume da *Historia de Portugal*, que posto se achasse no prelo, ainda teria sua demora em vir a lume. A redacção fez preceder a narrativa do Grande Historiador de uma muito cortez e lisonjeira apresentação, agradecendo «ao mais distincto collaborador do antigo *Panorama*» a bondade com que lhe facultara o trecho que ia ler-se. A transcrição finaliza em o numero seguinte.

Historia de Portugal. — Tomo II. — 1847.

Veiu á luz este II tomo em 16 de junho do predito ano, sendo anunciado no *Diario do Governo*, n.º 140 d'esse dia.

Na 2.ª edição, em 1854, houve alterações importantes, informa Inocencio, neste *Dicionario*, tomo I, pag. 36.

Não teve este II tomo prologo ou Advertencia preliminar. A materia começa logo no «Livro III — 1185 a 1211», seguindo até o «Livro V», com que fecha, (Morte de Sancho II). Apensas, XXX notas.

Como se vê, o Autor prossegue em sua narrativa pela acessão de Sancho I ao trono. Não lhe faltam elementos que tornem interessante este II tomo da sua *Historia*, mais interessante até, a certos respeitos, sob o ponto de vista nacional, do que o proprio I tomo. Que tela esplendida não apresentam, com efeito, os tres reinados contidos neste volume, ás portentosas qualidades descritivas do Grande Historiador! Que variedade de caracteres, que de expressivos retratos, repletos de animação e de vida, que profundeza de traços com que o historiador sabe apresentar aos olhos de seus leitores as diferentes fases politicas d'essas epocas de confusão e de turbulencia, que se desenrolam atravez os primeiros tempos da nossa nacionalidade nascente! As discordias de Sancho I com o clero, as desavenças de Afonso II com suas irmãs, o caracter rapace d'este monarca, as resistencias eclesiasticas contra as suas perseguições, a luta dos prelados com Sancho II e o triste epilogo que se lhe seguiu, pela destituição do infeliz principe e sua morte no exilio, outros tantos quadros são de mestre entre mestres de historiadores.

A contrastar com semelhantes acontecimentos, tantos dos quaes só nos amarelecidos pergaminhos d'esses obscuros tempos deixaram laboriosa decifração, só nos velhos rescritos de Roma conservam fugaz memoria, a guerra, a guerra, como Herculano a sabe descrever; a admiravel narrativa do cerco de Silves, a breve mas incisiva menção do desbarato dos cristãos em Alarcos, a descrição da famosa batalha das Navas de Tolosa, onde a pionagem de Portugal teve o primeiro lugar, onde o povo português, feito exercito, soube dar o primeiro exemplo de vida, de valor e de constancia que ficaram sendo até nossos dias suas indisputaveis qualidades!

O punho que fundiu no bronze todos estes grandes episodios é mais que o punho de um escritor abalizado, que possuindo a sciencia do seu oficio em grau eminente, se inspira no ardor e no entusiasmo, inflamados pela contemplação mental das grandes heroicidades. O punho que tão profundamente sabe gravar no terrificado espirito de seus leitores a impressão dolorosa do encarniçado cerco de Silves, com o miserrimo desfecho que teve para os tristes cercados; o punho que descreve aquele grande feito de armas que foi a batalha de Alcacer, o formidavel estridor d'aquele memorando combate, é o punho de um homem que sabe, não ha duvida, o oficio da historia, mas que sabe tambem, decerto, o oficio da guerra.

Assim como aquele brioso cavaleiro que tão exemplar se eternizou, como escritor, quanto exemplares lhe passaram o caracter e a constancia para as solidões do claustro; assim como aquele, de entre todos os nossos escritores classicos, a juizo de Herculano, «o primeiro», denuncia, logo que a escrita lhe presta ensejos, as aptidões do esforçado batalhador transluzindo atravez a cogula do monge-cronista, assim tambem o Autor da *Historia de Portugal*, sempre que a ocasião se apresenta, se amostra para logo soldado que viu a guerra, soldado que batalhou e venceu. A narração do cerco e batalha de Alcacer, redigida sempre á vista dos testemunhos coevos, e não raro empregando expressões e circunstancias textuaes, está feita por um homem que trouxe dos campos de batalha e da dura e arriscada vida soldadesca quantas tintas o escritor precisa para descrever a guerra como ela é, a guerra como esse homem a ajudou a fazer.

No grande quadro de Alcacer assediada e entrada pelos cavaleiros cristãos, na grande tela d'essa batalha em que os Templarios se abalam para a morte, cantando o hino de David: — «*Não a nós, Senhor, não a nós, mas dá gloria ao teu nome!*» a energia do escritor de raça foi profundar alentos no genio marcial do antigo Voluntario da Rainha, no brioso e valente soldado do cêrco do Porto. Alexandre Herculano está todo inteiro nessa exemplar narrativa; indole e crenças, sciencia e arte, metodo e estilo. Cerebro profundo, alma de artista, coração de

poeta, tempera de lutador, punho de ferro; sobrio e grave, ardente e melancolico, imparcial e justo, tolerante e bom, terrivel e compassivo, Herculano, sincero sempre, verdadeiro primeiro que tudo, fundiu todas as nobres crenças do seu generoso coração e todas as energias do seu grande espirito nas paginas admiraveis d'essa narrativa, que viverá para a historia tanto quanto o marmore ou o bronze podem viver para os seculos.

O autor do tomo II da *Historia de Portugal* tem nele, bem como no I tomo, assegurada a imortalidade, como historiador das origens da sua patria. O III e o IV tomos dizem o que foi o esmerilhador das origens do direito d'esta nação que teve a suprema ventura de lhe chamar seu compatriota.

Revista Universal Lisbonense — Jornal dos Interesses Physicos, Intellectuaes, e Moraes. — Collaborado por muitos sabios e litteratos — redigido por Sebastião José Ribeiro de Sá. —Tomo VII — *Anno de 1847-1848. — Lisboa,* etc.

1847. — *Futuro Litterario de Portugal e do Brazil. Por occasião da leitura dos Primeiros Cantos: Poesias do Sr. A. Gonçalves Dias.*

O extenso artigo bibliografico, por Herculano publicado em o n.º 1 d'esta *Revista*, correspondendo a 9 de dezembro de 1847, sob a epigrafe suprá, era bem digno, quer pela forma genuinamente literaria, modelo dos escritos do genero, com que o seu preclaro Autor o revestiu, quer pelo grande poeta que o soube merecer, de que uma pesquiza conscienciosa, preliminar, dos antigos escritos do Mestre o tivesse salvado do olvido, dando-lhe lugar, em colecção especial, nalgum dos volumes dos *Opusculos* publicados depois do passamente do Autor, conjuntamente com outros da mesma indole, que já gozam de tal selecção.

No preambulo d'este artigo, formula Herculano a seguinte pergunta, á qual a seguir responde:

> «Que é feito de tantos engenhos que despontaram nesta nossa terra desde que a imprensa libertada chamou os que sentiam chammejar em si um espirito não vulgar ao convivio das intelligencias? ... Que é feito dessa phalange ardente, ambiciosa de uma gloria pura, que principiava a exercitar-se nas lides do entendimento? De tudo isso, de toda essa mocidade brilhante e esperançosa que resta? Algum crente solitario que deplora em silencio a queda de tantos archanjos. Os outros sacerdotes, apostatando da religião das lettras, atiraram-se á arena das facções, e manchados pela baba dos odios civis, cubertos da lama das praças, arroxeados e sanguentos pelas punhadas do pugilato politico, desbaratando em esforços estereis a seiva interior, lá vão disputando no meio de homens, gastos como a effigie de velha moeda, sobre qual ha-de ser a forma do ataúde, e como se talhará a mortalha, em que o cadaver de Portugal deve descer á sepultura. Que outra cousa, de feito, ha ahi sôbre que se dispute ainda? [1]».

---

[1] Cf. na Carta escrita a Bulhão Pato, agradecendo-lhe a oferta do poema *Paquita* (1850), o periodo que tanta analogia tem com este, e traduz a persistencia do mesmo *estado de alma* do Autor, ao dobrar do seculo que passou.

Mais adeante, vindo a referir-se ao livro de versos que lhe inspirou tão brilhante artigo, escreve:

«Estas amarguradas cogitações surgiram-me na alma, com o leitura de um livro impresso o anno passado no Rio de Janeiro, e intitulado: *Primeiros Cantos: Poesias por A. Gonçalves Dias*. N'aquelle paiz de esperanças, cheio de viço e de vida, ha um ruido de lavor intimo, que sôa tristemente cá, nesta terra onde tudo acaba. A mocidade, despregando o estandarte da civilização, prepara-se para os seus graves destinos pela cultura das lettras; arroteia os campos da intelligencia; aspira as harmonias d'essa natureza possante que a cerca; concentra n'um foco todos os raios vivificantes do formoso céu, que a allumia; prova forças, emfim, para algum dia renovar pelas idéas a sociedade, quando passar a geração dos homens *praticos e positivos*, raça que lá deve predominar ainda; porque a sociedade brazileira, vergontea separada ha tão pouco da carcomida arvore portugueza, ainda necessariamente conserva uma parte do velho cepo. Possa o renovo d'essa vergontea, transplantada da Europa para entre os tropicos, prosperar e viver uma bem longa vida, e não decahir tão cedo como nós decahimos!».

Após a transcrição das duas belas poesias: — «*O Canto do Guerreiro*» e «*O Morro do Alecrim*», escreve ainda Herculano:

«Abstendo-me de outras citações que occupariam demasiado espaço, não posso resistir á tentação de transcrever das Poesias Diversas uma das mais mimosas composições lyricas que tenho lido na minha vida».

E transcreve a poesia «*Seus Olhos*».

O ilustre articulista termina com estas nobres palavras o seu minucioso exame ao livro de Gonçalves Dias:

«Se estas poucas linhas, escriptas de abundancia de coração, passarem os mares, receba o auctor dos *Primeiros Cantos* o testemunho sincero de sympathia, que a leitura do seu livro arrancou a um homem que o não conhece, que provavelmente não o conhecerá nunca, e que não costuma nem dirigir aos outros elogios encommendados, nem pedil-os para si.

Lisboa (Ajuda), 30 de novembro de 1847.

A. Herculano».

O Monasticon — II e III. — *O Monge de Cister ou a Epocha de D. João I* — Tomos I e II — Lisboa — Na Imprensa Nacional — 1848.

A historia do como este romance, do qual Herculano, segundo vimos, dera apenas tres capitulos no *Panorama* de 1841, «foi concluido, desbastado e lixado», deu-a seu Autor na espirituosa e desenfastiada «Nota» impressa no fim do II volume. Herculano explica a resolução que tomara por dois motivos, ponderosos ambos: — 1.º, porque lhe viera «a idéa bemdicta» de remir o escandalo que havia dado ao proximo, escrevendo «a historia desta terra com lealdade e consciencia»; 2.º, porque «no prologo do *Eurico* contraíra com o seu publico a obrigação de *poer em lletera de fförma o Monge de Cister*».

Assim, a *Revista Universal Lisbonense,* correspondendo a 2 de março de 1848, publicando o «Prospecto» para a publicação do *Monge de Cister,* fazia-o preceder de uma breve introdução, no qual se leem as seguintes considerações:

«O historiador profundo, já hoje admirado não só pelos naturaes, mas tambem pelos estranhos, repousa das suas improbas lucubrações, fazendo erguer dos tumulos ignorados, em que jazem, essas figuras celebres que tanto illustraram a epoca de D. João I.
O *Monge de Cister* é como um panorama da vida interior desse tempo, que mal se advinha pelas chronicas e pelas tradições. A penna do historiador e o coração do poeta communicaram a esses cadaveres o sopro de vida, que nas paginas de um livro os torna eternos».

Já dissemos que *O Monge de Cister* foi tambem traduzido em castelhano pelo mesmo tradutor de *Eurico* e de *Lendas e Narrativas,* Don Salustiano Rodriguez Bermejo. O frontispicio da tradução do celebre romance é como segue:

Primeiro volume:

Paginas de Iberia — El Monasticon (Segunda Parte) El Monje del Cister — I — por Alejandro Herculano — Traducido de la tercera edicion portuguesa y adicionado con algunas notas por Salustiano Rodriguez-Bermejo — Madrid — Imprenta Calle del Pez, 6, pral. — 1877.

Segundo volume:

Disposição identica á anterior, menos na indicação do volume (II) e na da imprensa, que é: — «Imprenta de la Nueva Prensa, Estrella, 3». Año, o mesmo supra.

«No «Al Benevolo Lector», á frente do volume I declara o tradutor que ao dar, em 1874, a tradução de *Eurico,* não sabia ainda que em Barcelona se havia já publicado, muitos anos antes, outra[1]; sendo-lhe igualmente desconhecida uma versão do *Monge de Cister,* ao parecer impressa em Madrid, em 1870. Uma e outra, apesar da diligencia com que o declarante procurou vê-las, não o logrou, e assim, obrigado pela palavra empenhada no prologo á tradução de *Eurico,* de completar a do *Monasticon,* não prescindiu de dar á estampa o *Monge de Cister,* cuja tradução áquele tempo se achava concluida.

Ha pois da colecção do *Monasticon* duas versões castelhanas.

A «Nota» posta por Herculano ao romance de que se trata no fim do II volume, e á qual nos referimos no começo d'este artigo, colocou-a Don Salustiano no principio do tomo I da sua tradução, pelas excelentes razões que dá em sua «Advertencia», destinada a sua versão, como foi, a leitores pouco ao facto do que se passa entre seus vizinhos do ocidente. Mostra, outro sim, o consciencioso tradutor achar-se ao corrente dos tristes episodios que de perto seguiram a publicação do romance em Portugal, e a que deu origem a chamada *Batalha de Ourique;* questão que «em tanto maior desprestigio envolveu os agressores de Herculano, quanto mais intenso foi o brilho que dahi resultou para o historiador por tantos titulos ilustre».

---

[1] Deve ser a de que damos noticia a pag. 599.

Na *Revista de Educação e Ensino*, VIII ano (1893), pag. 367, se publicou a seguinte: «*Analecta Litteraria, respigo de varia leitura.* — *O Monge de Cister, por A. Herculano.*

«Abre o 2.º vol. d'este romance com a descripção, *Cap. XV—Um Ministro*, do gabinete de trabalho d'el-rei D. João I e do seu ministro, o doutor João das Regras. É aqui bem patente a habilidade com que Herculano aproveitava as suas leituras para enriquecer as proprias obras. Descrevendo a mobilia do aposento, diz, pag. 10 da edição de 1848:

«Algumas cadeiras de braços, que hoje pareceriam sobradamente incommodas pelo anguloso e aprumado das suas linhas, uma grande meza ou bofete ao centro da quadra, cinco ou seis arcas, postas em fileira aos lados, e finalmente *um relogio de parede, invenção que começava apenas a generalisar-se, e que fora um presente do duque de Lencastre ao rei de Portugal*, completavam o adorno do aposento».

«A passagem por nós sublinhada inspirou-se evidentemente n'estas linhas de Cibrario, *Etat politique du Moyen-Age, trad. Humbert Ferrand., pag. 96*:

«Pour ne pas multiplier les exemples qui s'offriraient ici en grand nombre, nous nous contenterons de rappeller enfin le présent, *alors fort rare*, d'une horloge envoyée en 1398, par le duc de Berry à Amedée VIII son neveu[1]».

*

«Uma outra passagem n'este mesmo vol., algumas folhas mais adiante, pag. 16, prova ainda o escrupulo que o illustre escriptor pôz ainda nos mais somenos pormenores da sua composição:

«Mestre João das Leis pergunta a Micer Percival «como vamos ácerca das duzentas mil livras, que sua real senhoria (D. João I) deseja haver adiantadas sobre os pedidos que se hão-de lançar nas proximas côrtes?»

«— *A vinte por cento* estão promptas, responde o mercador-banqueiro».

«O juro de 20 % era, com effeito, na epocha de D. João I, o interesse fixado não só pelo commercio de banco, mas officialmente em França, para as transacções d'esta natureza.

Foram os banqueiros lombardos que o estabeleceram no XIII seculo, e no seguinte Philippe IV fixava-o para os negocios que se fechassem nas feiras da Champagne.

Veja-se MURATORI, *Ant. Ital.* vol. I, pag. 893, e tambem as ORDONN. BOURG. T. I, pag. 484.

*

«O appelido do almuinheiro de Valverde, Rui *Casco* é, porventura, uma recordação da leitura de Christovam Rodrigues de Oliveira. Do *Summario* d'este auctor consta, com effeito, que na freguezia de Santa Justa havia, em 1551, um *beco* denominado de Duarte *Casco*.

«*G. de B.*»

---

[1] *Della Economia Politica del Medio Evo*» teve a primeira edição em Turim, em 1839.

Revista Universal Lisbonense — Collaborada por muitos escriptores distinctos e redigida por Sebastião José Ribeiro de Sá — Segunda Serie. — Tomo I. — Oitavo Anno: 1848-1849. — Lisboa, etc.

Breves reflexões sobre alguns pontos de economia agricola.

Este escrito, com o qual Herculano ligava a sua já agora reconhecida competencia de agricultor pratico ás eloquentes manifestações do seu amor pela vida dos campos, tão bem expressas, dez anos antes, nas paginas do *Panorama*, veiu a lume em os n.os 20 e 23 d'esta *Revista*, correspondendo aos dias 22 de março e 12 de abril de 1849, respectivamente.

A redacção do conceituado semanario, fazendo preceder estas *Reflexões* de mui judiciosos conceitos, e pondo em relevo quanto a materia devia prender a atenção dos competentes e de tantos interessados em perlustrá-la, rematava exprimindo a esperança de que «tão respeitavel vóz não soasse no deserto».

É tambem esta mesma esperança que nós ainda hoje ousamos manifestar, porque, se os escritos de Alexandre Herculano, quaesquer que sejam os assuntos que seu Autor verse, são, por si sós, a honra e lustre de uma literatura, e por isso trazem em si mesmos assegurada uma vitalidade que não se extinguirá tão depressa, importa muito ter bem presente que de entre tantas de tão numerosas e variadas provas do robustissimo talento que as produziu, algumas ha — as que tratam materias interessantes para a vida social e agricola da nação — que por mui largos anos ainda, hão-de conservar o viço, o frescor e o aproposito de escritos contemporaneos de quem, por esses tempos em fora, tiver a boa advertencia de os ler, e de os reflectir.

Nisto convirá, decerto, quem tenha, como nós, o convencimento, de que Herculano, sociologo, Herculano, filosofo-politico, Herculano, orientador da vida pratica da nação sua compatriota, em nada cede a Herculano, historiador das origens da patria nacionalidade. Na soma enorme de actividade intelectual, dispendida por este grande espirito em proveito patrio, nada é de menos consideração; mas se a algumas de tantas e tão profundas locubrações d'aquele cerebro fenomenal ha que — não diremos conceder a primazia, que não admitem elas tal excepção — mas dar preferencia, feita profunda venia ao historiador, que tão brilhantemente conquistou os diplomas que lhe dão assento entre os primeiros, seus contemporaneos, são os seus escritos sobre a economia agricola da sua terra, são as suas considerações sobre o regime da propriedade rural, neste país tão feito para ser um país agricola modelo, são as suas profundas concepções acêrca do modo de *ligar o homem á terra* num país em que a densidade populativa é tão desigual, e a tentação de emigrar tão imperiosa; são quantas questões de administração politico-civil se enlaçam com estas, por Herculano versadas todas por forma tão atraente, tão lucida, tanto ao par de todas as inteligencias, e ao mesmo passo tão elevada, conceituosa e profunda; que a bemquerença de seus compatriotas, presentes e por vir, ha de distinguir, decerto, tirando as mais uteis consequencias praticas á leitura assidua, e á meditação resultante d'esses imortaes escritos.

Foi transcrito este formoso artigo no tomo VII dos *Opusculos*, onde é o 2.º

Prometia o Autor, no fecho, produzir em subsequente artigo «algumas reflexões sobre a distribuição e applicação dos maninhos». Não chegou porem a realizar a promessa, e isto mesmo advertiu em nota o compilador do volume. Com respeito a este artigo, porem, muitos de seus topicos foram pelo Autor tratados com maior desenvolvimento nas *Cartas sobre a Emigração*. O leitor estudioso o poderá verificar, confrontando, entre outros, os periodos que neste escrito se referem ao modo imprevidente pelo nosso cultivador usado, no que respeita ao amanho das suas propriedades, ao sustento de seus gados, á confiança excessiva que ele deposita nos auxilios da natureza, com o que a igual respeito se lê naquelas *Cartas*. Observação identica, acêrca dos *baldios*, «um dos

mais graves embaraços ao progresso da agricultura entre nós», nelas tão eloquentemente condenados tambem.

Não é, em suma, somenos importante o observar como a maneira de expor o assunto, empregada em 1849 pelo Autor, que então se declarava «apenas curioso» na materia, se irmana, na clareza das ideias e na simplicidade com que são expostas, bem como na veemencia e segurança dos raciocinios, a quanto de melhor se lê na obra do agricultor de Vale de Lobos, elaborada de 1873-1875. Passando de uma a outra leitura, dirieis o primeiro escrito um como tema, que o segundo foi imediatamente destinado a desenvolver.

Historia de Portugal. — Tomo III. — 1850.

Aparece anunciado no *Diario do Governo*, n.º 31 de 5 de fevereiro de 1850. Teve 2.ª edição em 1858.

Como no precedente volume, o Autor entra logo em materia, tratando do reinado de Afonso III que ocupa o «Livro VI — 1248-1279».

Segue-se no «Livro VII — Parte Primeira», o exame ás «Origens da População», continuando-se o estudo da Historia Social nas duas restantes Partes, II e III, concluindo com XVII notas.

Referindo-se na Parte II do Livro VII á formação dos concelhos ou comunas, «esses refugios dos foros populares, essas fortes associações do homem de trabalho contra os poderosos, contra a manifestação violenta e absoluta do principio de desigualdade, contra a annullação da liberdade das maiorias», escreve ainda o Grande Historiador este conceito, que por diversas formas, e em varias outras emergencias, repetiu cheio de inabalavel convencimento:

> «Em nosso entender, a historia dos concelhos é em Portugal, bem como no resto da Hespanha, um estudo importante, uma licção altamente proficua para o futuro; porque estamos intimamente persuadidos de que, depois de longo combater e de dolorosas experiencias politicas, a Europa ha-de chegar a reconhecer que o unico meio de destruir as difficuldades de situação que a affligem, de remover a oppressão do capital sobre o trabalho, questão suprema a que todas as outras nos parecem actualmente subordinadas, é o restaurar, em harmonia com a illustração do seculo, as instituições municipaes, aperfeiçoadas sim, mas accordes na sua indole, nos seus elementos com as da idade média. Sem ellas, o predominio do despotismo unitario, o do patriciado do capital e da força intelligente, que sob o manto da monarchia mixta domina hoje a maior parte da Europa, ou o da democracia exclusiva e odienta, expressão absoluta do sentimento exaggerado de liberdade, que ameaça devorar momentaneamente tudo, não são a nossos olhos senão formulas diversas de tyrannia, mais ou menos toleraveis, mais ou menos duradouras, mas incapazes de conciliar definitivamente as legitimas aspirações da liberdade e dignidade do homem em geral com a superioridade indubitavel e indestructivel daquelles que, pela riqueza, pela actividade, pela intelligencia, pela força, emfim, são os representantes da lei perpetua da desigualdade social».

Revista Universal Lisbonense. — Collaborada por muitos escriptores distinctos e redigida por Sebastião José Ribeiro de Sá. — Segunda Serie. Tomo II. Nono Anno: 1849-1850.

Fevereiro, 14. — N.º 19. — *Das vantagens da introducção da bettarraba como*

penso para o gado, e experiencias de sua cultura em Portugal feitas pelo Sr. A. Herculano.

Curioso artigo de Joaquim Tomás Lobo de Avila (futuro conde de Valbom) encarecendo esta cultura e a facilidade com que ela se efectuaria entre nós.

Acrescenta a seguir:

> «Á officiosa amisade do Sr. Herculano devemos os importantes esclarecimentos praticos que vamos publicar em seguida: foi cedendo a nossos rogos que elle nol-os communicou. O illustre historiador, tendo sempre em mira a prosperidade da nossa terra, que tanto lhe deve, occupa os intervallos de suas lucubrações litterarias nestas experiencias agronomicas n'uma pequena granja modelo[1], onde tivemos a fortuna de o accompanhar algumas vezes».

A seguir, a informação de Herculano; uma verdadeira lição de agricultor a seus confrades.

1851. — *Lendas e Narrativas*, por A. Herculano. — Tomo I.

Foi anunciado no *Diario do Governo*, n.º 130, de 4 de junho. A publicação do tomo II consta do mesmo *Diario*, n.º 284, de 3 de dezembro d'este mesmo ano.

Corrigindo e publicando de nôvo, em 1851, os breves romances e narrativas que formam a colecção d'este titulo, repartida por dois discretos volumes, o Autor quiz, segundo declarou na «Advertencia» d'esta primeira edição:

> «preservar, apenas, do esquecimento, a que por via de regra são condemnados, mais cedo ou mais tarde, os escritos inseridos nas colunas das publicações periodicas, as primeiras tentativas do romance historico que se fizeram na lingua portuguesa.
>
> Monumentos — continua ainda o Autor — de seus esforços para introduzir na litteratura nacional um genero amplamente cultivado, nestes nossos tempos, em todos os paizes da Europa, é este — escreve com singular modestia — o principal, ou, talvez, o unico merecimento delles; o titulo de que podem valer-se para não serem entregues de todo ao esquecimento».

E continuando no mesmo tom, enuncia ainda este sincero juizo, porventura ultra rigoroso, da sua propria obra:

> «A singeleza da invenção, a pouca firmeza nos contornos de alguns caractéres, o menos bem travado do dialogo, imperfeições que nem sempre foi possivel remediar nesta nova edição, revelam a mão inexperiente».

Mas:

> «Na historia dos progressos litterarios de Portugal, ... esta nova edição deve ser julgada principalmente com attenção ao seu motivo,

---

[1] A horta da calçada do Galvão.

á prioridade das composições nella insertas e á precisão em que, ao escreve-las, o auctor se via de crear a substancia e a forma; porque para o seu trabalho faltaram absolutamente os modelos domesticos».

Com tudo isto, ou talvez por causa d'isto, os editores da «*Biblioteca Universal—Coleccion de los mejores autores antiguos y modernos, nacionales y extranjeros*», que se publicava em Madrid, não duvidaram fazer traduzir em castelhano, sob o proprio titulo português: «*Leyendas y Narraciones de Alejandro Herculano*», as 9 composições que esta colecção abrange, e formam naquela «Biblioteca» o seu XVII tomo. Foi tradutor, como já dissemos, Don Salustiano Rodriguez Bermejo.

Ainda na 2.ª edição das *Lendas*, em 1858, introduziu o Autor nova «Advertencia», na qual a sua meticulosa, e porque não escrevê-lo? — excessivamente modesta consciencia, gravou o seguinte mais que severo juizo:

> «Considerámo-los então (estes primeiros tentames de romance historico português), e consideramo-los agora apenas como balisas no campo da nossa historia litteraria, balisas que nos parecem ainda mais toscas actualmente, porque ao passo que a reflexão e o tempo nos amaduram o espirito, os defeitos de composição e de estylo cada vez se vão avolumando mais aos olhos da nossa consciencia retrospectiva».

Na 3.ª edição, em 1865, — estas 3 primeiras edições sucederam-se por periodos exactos de 7 anos, porque, para parafrazearmos expressões do Autor nesta mesma «Advertencia», o publico julgou as *Lendas e Narrativas* de modo diametralmente oposto ao qne a modestia suma do Autor lhe sugeria —; na 3.ª edição, diziamos, de 1865, não houve «Advertencia» propria d'ela, limitando-se o Autor a reproduzir, de pag. V a XIII, as duas anteriores.

Nos lugares proprios temos dado a respeito de cada uma das 9 composições d'esta excelente colecção, que hão-de ser sempre lidas com o interesse que se dedica ao que traz comsigo, por condição ingenita, o cunho do belo, em suas variadas formas, o que se nos ofereceu, no tocante ás publicações e epocas em que, pela primeira vez, vieram a lume. Os cultores do genero de estudos de comparação retrospectiva, acêrca de escritos de Alexandre Herculano publicados numa epoca, e castigados e corrigidos em outra, aí acham as referencias precisas para facilmente se orientarem.

Advertimos, todavia, que ao registar a publicação da Lenda: *O Castello de Faria* em o n.º 47 do *Panorama*, de 1838, a pag. 546, nos escapou mencionar que d'esta Lenda apareceu tradução francesa no folhetim do *Journal des Débats* de 28 de dezembro de 1895, sob a mesma epigrafe portuguesa: *Le Château de Faria* (1373). É assinada: *H. Faure*, mas na cabeça do folhetim vem mencionado: *Herculano — Légendes et Récits Historiques*.

Projecto de Decreto. — 1851.

Este inedito é o 4.º dos escritos do nosso Autor reunidos no tomo VII dos *Opusculos*. É com a historia da sua existencia entre os papeis contidos nas suas pastas que principia a «Advertencia» posta á frente do aludido tomo, explicando-se, outro sim, muito lucidamente o porquê e com que fim Herculano se dera a redigir o projectado diploma, e a razão porque tudo quanto o Grande Patriota então se lisonjeava de ver posto em pratica, de sua iniciativa procedente, ficou sem execução.

Para esta «Advertencia», pois, e para o proprio texto do malogrado diploma remetemos o leitor que de tudo queira inteirar-se, visto como ai encontra a historia circunstanciada de mais uma ilusão desfeita do nosso Autor.

O Paiz (Jornal publicado em 1851).

Foram nele impressos os artigos intitulados:

O Paiz e a Nação, trasladados para as paginas do tomo VII dos *Opusculos*, onde estão em 5.º lugar.

Segundo nota dos editores, o primeiro dos 5 artigos da compilação foi publicado em 7 de agosto, e o ultimo em 22, advertindo que sendo os quatro primeiros de acesa polemica politica entre o *Paiz* e a *Nação*, o ultimo, tendo o agente do ministerio publico intervindo, para «defender nos tribunaes a memoria do imperador», declarou que «até que se conclua o processo da *Nação*, o orgão do partido do Sr. D. Miguel não nos ha-de encontrar mais no campo da imprensa, ainda mesmo quando nos aggredisse. A perseguição sanctificou e tornou para nós inviolaveis os nossos adversarios politicos».

Tal era a nobresa de sentimentos do estrenuo Articulista!

Tambem neste jornal publicou Herculano um artigo contra a *Convenção Literaria* com a França, que então negociara Almeida Garrett. Não o assinou, porem, porque segundo expressões suas, na celebre *Carta* dirigida ao mesmo titular, «um nome não dá nem tira força a um raciocinio, e um absurdo não fica mais ou menos absurdo quando é ou deixa de ser adoptado por um engenho grande ou pequeno».

A Granja do Calhariz. — 1851.

Este escrito, que é, dos incluidos no tomo VII dos *Opusculos*, o 3.º, poderá ter saido impresso nas colunas do *Paiz*, fundado no ano supra por uma sociedade de homens politicos, de que faziam parte Herculano e Marquês de Niza.

Não tivemos ocasião de ver o predito periodico, e não se nos apresentou o artigo em nenhuma das publicações do tempo, sendo que o coleccionador do predito tomo VII não indicou, ao contrario do que costumava, de onde o tomara.

Tres anos depois de escrito este artigo (1854), tomava Herculano de arrendamento a propriedade do Calhariz, em sociedade com seus amigos Joaquim Filipe de Soure e Xavier Brederode, como se lê em sua biografia, por A. X. Rodrigues Cordeiro, á qual já nos temos referido.

Revue Lusitanienne, Tom. Premier — Première année — 1er Juin — 3eme Livraison. — Directeur Ortaire Fournier — Lisbonne — 1852.

Revolutions et Luttes des Communes dans la Peninsule au XII *siècle.* (*Traduit sur manuscrit par le même*).

Este artigo é o original da nota I, do tomo IV da *Historia de Portugal*, que se intitula: *Vestigios das revoltas e luctas dos concelhos*, materia tratada a pag. 39 e 40 da 1.ª edição, e esplanada na sobredita nota, de pag. 465 a 474. — 1853.

Veja-se na *Epistolografia* o artigo que se refere a esta *Revista*.

A Semana. — Volume II. — 1851-1852. — (Vejam-se as informações acêrca d'este volume, impressas no «Tomo Septimo» do presente *Dicionario*, a pag. 227).

Historia Portugueza — Os Homens Bons dos Concelhos nos seculos XII e XIII.
Artigo publicado em o N.º 3, correspondendo ao mês de julho de 1852.

Historia Portugueza — Origem dos Almotaceis em Portugal.
Veiu a lume em o N.º 6, referido ao mês de agosto de 1852.
Temas tratados com o competente desenvolvimento no tomo IV da *Historia de Portugal*, livro VII, parte II. Ai, o plural de «Almotacel» perdeu para sempre o *i*, que ainda neste artigo foi empregado, como se vê.

O Panorama — 1852 — Vol. IX:

Setembro, 25. — N.º 39. — *Archeologia Portugueza. — Instrucções dadas ao coadjutor de Bergamo, nuncio em Portugal no tempo de D. João III.*
Transcrição d'estas Instruções, que fazem, provavelmente, parte de algum dos «duzentos e tantos volumes» da *Symmicta Lusitana*, colecção da «Real Bibliotheca da Ajuda». Acaba em o n.º 45, referido a 6 de novembro d'este mesmo ano, onde parece ter ficado concluida. Ao menos, a materia não se continua no volume seguinte.
Já demos as provaveis razões pelas quaes Herculano não assinou, no final. Ou seria tambem talvez porque não o tendo feito na breve apresentação do documento, entendeu menos bem colocada a sua assinatura no fim da simples transcrição d'este.

Outubro, 2 e 16. — N.ºs 40 e 42.
No primeiro d'estes numeros, um excerpto do escrito *Á propriedade Litteraria*, no periodo que principia: «Quanto dariam ás vezes os ricos», etc. No segundo, outro excerpto de *Solemnia verba*: «Falsas lendas religiosas, etc.».

Historia de Portugal — Tomo I — *Segunda Edição* — Lisboa, etc. — MDCCCLIII.

«*A Sua Alteza*[1] *Real O Principe D. Pedro*»

Segue-se a «Advertencia» de pag. VII a XIV, fechando com a data «Junho 1846[2]». Após, a «Introducção» de pag. 1 a 184. A seguir: «Livro I», que finaliza a pag. 290, e logo: «Livro II» de pag. 293 a 441, com que fecha o texto. Seguem-se XXVII notas, terminando a pag. 520. Não ha menção de Erratas.
Comparadas as duas edições, acha-se que as diferenças de paginação entre uma e outra procedem, em primeiro lugar, da diferença de composição, que não é igual linha a linha, mesmo nos passos em que aquelas se dão, em segundo

---

[1] Na 1.ª edição, s em vez de z.
[2] Falta na 1.ª edição. Conforme refere Innocencio, da 1.ª edição fez-se 2.ª tiragem no mesmo ano.

lugar, as diluições ou reduções de texto e as mais circunstancias notadas com toda a individuação pelo douto arabista, Sr. David Lopes, em sua já citada compendiosa monografia, *Os Arabes nas obras de Alexandre Herculano,* a pag. 23 e seguintes.

Para esta analise, bem como para os reparos feitos pelo douto arabista á diferente maneira de ortografar os nomes arabes em uma e outra edição, v. g. «Hecham I» e «Hicham I», «Abd-el-Melek» e «Abdu-l-Malek», etc., chamamos a atenção dos estudiosos, sem que se hajam de perder de vista as causas que involuntariamente conduziram Herculano, neste particular, ás imperfeições notadas em seu livro.

Historia de Portugal. — Tomo IV. — 1853.

Ao mesmo tempo que aparecia a 2.ª edição do tomo I d'esta *Historia* vinha a lume a 1.ª edição do tomo IV, o qual teve 2.ª edição em 1862. A materia d'este volume é, como se sabe, a continuação do estudo da «Sociedade Portuguesa», começado no anterior. Este tomo é consagrado ao exame ás «Origens das municipalidades modernas», começando pela do municipio romano. Vem depois ao exame da instituição dos concelhos e das formulas diversas de tal instituição, destrinça das quatro classes de grandes municipios e exposição da tradição romana na indole dos concelhos perfeitos. Seguem-se, após, a jerarquia dos funcionarios municipaes, e a explicação de seus diversos cargos, com a que diz respeito aos representantes do poder central, incorporados na magistratura popular. Trata em seguida dos tribunaes municipaes e sua alçada, apresenta os «*bonihomines*» explicando o sua intervenção nos julgamentos e na jurisdição administrativa. Passa aos «almotacés», definindo-lhes a origem, o ministerio e a jurisdição. Nota os «sesmeiros», magistrados temporarios, e fecha a longa revista com a enumeração e funções dos funcionarios subalternos. Tal é, em suma, o objecto das duas primeiras partes do «Livro VIII», de que este IV tomo ficou constando.

Na parte III e ultima do volume ocupa-se a Autor da posição social dos habitantes dos concelhos, e descreve as suas diversas categorias, incluindo a dos pertencentes ás classes privilegiadas. Entra a tratar dos «Foraes» e da sua verdadeira indole e principaes caracteristicas.

Os «concelhos», sob o aspecto de individuos moraes, teem aqui o seu lugar, com suas garantias, seu direito de asilo e a solidariedade municipal que os ligava, bem como as formulas diversas d'este direito nos concelhos perfeitos e ainda nos imperfeitos. Forças populares, cavaleiros vilãos, besteiros, e peões, solarengos e malados, são assunto á prosecução d'este grandioso quadro da historia social portuguesa que termina pelo exame á administração da justiça, e ao sistema tributario. Remata-se tudo com a «Apreciação das instituições municipaes nos seculos XII e XIII». Em «Appendice» trata o Autor das colonias estrangeiras e dos caracteres feudaes d'estes gremios, em suas relações entre os seus alcaides-mores ou senhores e a corôa; diferenças entre estes concelhos e os de população portuguesa, suas instituições de direito publico e privado.

Acrescem III notas.

Neste IV tomo introduziu o Autor uma extensa «Advertencia», na qual expondo as diversas vississitudes porque passara esta obra, e principalmente a redacção d'este volume, vem a narrar como, passados alguns meses após a ultima arremetida do professor Antonio Caetano Pereira, que já não obteve replica, tão indigna era d'ela, recebeu o Autor uma carta de «um dos mais celebres arabistas da Europa, o professor D. Pascual de Gayangos». Esta carta lida primeiro com avido prazer, que no finai degenerara em tristeza, é a que o Autor apresenta em remate á sua «Advertencia», e de que bem lembrados estarão quantos compulsam

este repositorio do saber profundo e da sagaz inteligencia com que Herculano põe em claro as origens do direito publico português. Esta carta é a completa refutação indignada das *trapaças arabistas* do antigo professor de retorica, poetica e lingua arabiga (!) no Liceu Nacional de Lisboa.

O Portuguez. — *Jornal politico.* — 1853.

O 1.º numero d'este jornal, que era de oposição ao governo, e foi fundado por Herculano, saiu em 11 de abril do ano supra. No artigo de fundo, que é do punho do Grande Escritor, escreveu este:

> «*O Portuguez,* cujas aspirações são o representar e defender os interesses das classes que constituem as forças vivas da nação, os verdadeiros contribuintes, os que criam os valores onde o fisco vae buscar pelo tributo os recursos para manter a ordem social e mover a machina da administração publica, sahe á luz em circumstancias assás graves e difficeis. *O Portuguez* tem por especial missão pugnar pelas liberdades e garantias promettidas ao paiz na lei constitucional da monarchia. Ha-de defendel-as com o mesmo ardor com que ha-de pedir os melhoramentos materiaes».

Nesta ordem de ideias, se manteve o jornal, até passar, sob diversa gerencia, a ter muito outra indole politica. Quanto Herculano aqui escreveu se aplica a preconizar a pratica verdadeira do sistema representativo, e o desenvolvimento do municipalismo, a descentralização administrativa e a dissolução ou, pelo menos, a restrição dos exercitos permanentes, ideaes que, sempre que se lhe ofereceu ensejo defendeu e propugnou.

O compilador do tomo VII dos *Opusculos,* onde alguns de taes artigos poderiam ter cabida, como tiveram certos dos publicados no *Paiz,* saídos da mesma pena, parece não ter tido conhecimento d'eles, visto como nenhuma referencia lhes fez.

Estatistica Nacional. — *(Proposta para a organisação da)* — apresentada em uma das sessões da Academia Real das Sciencias de Lisboa, do ano de 1853.

D'esta *Proposta* resultou o *Parecer e Memoria sobre um Projecto de Estatistica,* lido na sessão da mesma Academia de 14 de abril d'aquele ano, pelo socio efectivo Antonio de Oliveira Marreca.

Parte d'este *Parecer e Memoria* foi impressa *in separata* na Tipografia da Academia, 1854. Abrange de pag. 2 a 108, rosto e taboa de erratas não numerados.

A proposta de Herculano, que lhe dera causa, acha-se logo a pag. 1. Oliveira Marreca, após a impressão de varias taboas estatisticas de mortalidade em Portugal, e outras, declara-se obrigado a interromper neste ponto a *Memoria.*

Nela é de notar que, emquanto o seu ilustradissimo autor emprega ainda o vocabulo obsoleto «estadistica», o autor da *Proposta* usou do termo já consagrado «estatistica».

Memoria sobre a origem provavel dos Livros de Linhagens.

Esta Memoria, os coordenadores dos escritos do Autor o registam no livro *Composições Varias,* onde se acha transcrita, em undecimo e ultimo lugar, foi

lida na sessão de 27 de outubro de 1853, da Academia Real das Sciencias. Publicada nas d'esta corporação, Nova Serie, 2.ª classe, tomo I, parte 1.ª, 1854, foi repetida, segundo no lugar competente d'este *Dicionario* se mencionou, *in separata*, na tipografia da mesma Academia, ano supra, 4.º gr. de 15 pag., e não 13, como por lapso de revisão ali se lê.

Almanak Democratico para 1854 — Collaborado por A. F. de Castilho — A. Herculano — A. P. Mendonça — B. J. Martinez — G. A. Rolla — J. F. H. Nogueira — J. G. de B. e Cunha — J. Paes. — (3.º anno da publicação) — Lisboa — Typographia Universal. — 1853.

Acompanhado por uma pequena gravura de mediocre execução, mas feita, ao que parece, de proposito para ilustrar o texto, coroando-lhe a epigrafe ou titulo, e representando uma scena de torturas inquisitoriaes, se estampou a pag. 80 d'este *Almanaque* um «fragmento do Livro I da *Historia do Estabelecimento da Inquisição em Portugal*», tendo por titulo: «*Principios da Inquisição. — Roma e o clero. — Sophismas dos defensores da intolerancia*».

Esta transcrição vae de pag. 17 a 22 do tomo I (2.ª edição), 1864, de que está presente um exemplar.

Historia da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal.—Tomo I — Lisboa — Imprensa Nacional — MDCCCLIV.

Foi anunciado no *Diario do Governo* n.º 115, de 18 de maio, ano supra.

Não é só a materia d'esta obra que em todos os tempos será muito para ler-se; é tambem o Prologo d'este I tomo que está requerendo, agora mesmo, leitura muito pausada e reflectida. Então, a tirania restabelecendo-se, para escudar contra os desatinos do socialismo e seus desvairados aliados «a classe media, a mais poderosa, a unica verdadeira e efficazmente poderosa, das que compõem as sociedades modernas», causou males infinitamente mais graves do que os que fôra convidada a reprimir. Agora, é essa mesma «classe media» que sofre, sem se revoltar, a glorificação das escolas dissolventes, a aplicação das doutrinas extremes, para não perturbar o reinado do *individualismo*, com todas as suas *comodas* consequencias. De um e de outro modo, são os factos trabalhando por abrir o abismo em que hão-de vir a subverter-se afinal, as velhas e gastas nações europeias.

Asylo da Infancia Desvalida da cidade de Vianna do Castello.

Herculano, visitando este modelar instituto de beneficencia no dia 29 de agosto de 1854, quando da sua segunda jornada, em desempenho da comissão que lhe fôra cometida pela Academia das Sciencias, de examinar os arquivos eclesiasticos do reino, deixou escritas no Livro dos Visitantes d'aquele Asilo as seguintes palavras:

> «Os que trabalharem para a educação da mocidade serão considerados no futuro como os salvadores do paiz».

Sempre a mesma patriotica preocupação! Sempre os mesmos votos, tão mal ouvidos pelos que, em vez de se agoniarem com as suas — ai de nós! — tão jus-

tificadas predições, melhor fariam em buscar merecer o honroso qualificativo que Herculano tanto desejara poder aplicar-lhes.

Esta data: — 29 de agosto de 1854, é a da 9.ª étape da predita 2.ª jornada, cujas notas bem como as da 1.ª, foram ministradas a Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, para as publicar na Biografia de Herculano, pelo seu companheiro e seu amigo dedicado José Manuel da Costa Basto, o qual na qualidade de paleografo, ao serviço da Academia, tomou parte em uma e outra das duas digressões.

Rodrigues Cordeiro escreveu a sua excelente Biografia para ser oferecida á Associação Tipografica Lisbonense, na sessão solene de 15 de dezembro de 1878, em que, por proposta do socio José Antonio Dias, foi inaugurado na sala das sessões da referida Associação o retrato do Grande Escritor. A acta d'esta sessão foi especialmente impressa, e nela inserto aquele belo lavor biografico-literario. Depois, apareceu, em 2.ª edição, á frente do «*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro, para o anno de 1879*», acompanhado de um magifico retrato do biografado, execução de Darodes, de París.

Estas informações são transcritas do livro *Paginas Intimas* dedicadas á Memoria de Alexandre Herculano, vindo a lume por ocasião da celebração do primeiro centenario do seu nascimento. Ai se podem, com efeito, ler como texto da Nota A, a pag. 233.

As que se referem ás palavras de Herculano, supra transcritas, foram-no do jornal *A Aurora do Lima*, que as publicou em setembro de 1877, por ocasião do passamento do Grande Historiador.

Representação da Camara Municipal de Belem ao Governo — 1854.

Representação da Camara Municipal de Belem ao Parlamento — 1854.

D'estas duas representações informa o compilador do tomo VII dos *Opusculos* terem vindo a lume em folhetos. Devem ser hoje de toda raridade.

Foram transcritos no sobredito tomo em 6.º e 7.º lugar.

Projecto de Caixa de Soccorros Agricolas — 1855.
Publicação no caso das duas antecedentes.

O Panorama. — Vol. XII. — 1855.

Setembro, 8. — N.º 36. — *Historia da Inquisição em Portugal.* — (*Fragmento do II volume.* — *Inedito*).

É o passo do Livro V que começa: «Nomeado inquisidor-mor o infante», e termina: «... D. João III só tinha a queixar-se de si, que preparara os elementos de tantos descontentes». Acha-se impresso sem especie nenhuma de apresentação, mas assinado «*A. Herculano*».

Outubro, 13. — N.º 41. — *Viagens no Minho* (*Fragmento*). — *A Falperra.*
Este escrito humoristico está datado de «Guimarães, 11 de agosto de 1854».

É uma recordação da 2.ª jornada feita pelo Autor, em desempenho da comissão de que fôra encarregado pela Academia, de visitar os arquivos do reino. Em a Nota das duas jornadas publicada pelo biografo Rodrigues Cordeiro no *Almanach de Lembranças para 1879*, se vê que justamente na data supra saiu o Autor para aquela cidade, visitando, após, Vizela e regressando em seguida a Braga.

Na *Correspondencia de Portugal*, de 5 de agosto de 1880, apareceu transcrito este jocoso artigo.

Historia da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal.—Tomo II—Lisboa—Imprensa Nacional—MDCCCLV.

Veiu anunciado no *Diario do Governo* n.º 278 de 24 de novembro, ano supra.

Na *Revista Peninsular*, vol. I, pag. 274 a 278—N.º 7—Março de 1856, foi publicado por Don Salvador Costanzo um artigo critico d'esta «excelente obra modestamente titulada por el autor tentativa historica». Abrange os dois primeiros volumes publicados.

Lopes de Mendonça publicara tambem a respeito d'esta obra dois artigos encomiasticos na *Revolução de Setembro*, n.ºˢ 4092 e 4100.

A Dissolução da Camara Municipal do Concelho de Belem—Lisboa—Typographia do Progresso—Dezembro de 1855.

Pelos decretos de 11 de setembro de 1852 fôra extinto o termo de Lisboa, e constituidos os concelhos de Belem e Olivaes. No primeiro, porem, d'estes dois novos concelhos só em 1854 se organizara a vereação que o devia administrar, elegendo ela a Alexandre Herculano para seu Presidente.

Achavam-se emfim removidos os obstaculos politicos que haviam protelado a conversão em facto das providencias constantes d'aqueles dois diplomas, mas nada mais se fizera. Assim em 27 de janeiro d'este ultimo ano deu a nova camara parte, por orgão do seu presidente, ao governador civil do distrito de se achar constituida, ponderando ao mesmo passo a necessidade de lhe ser quanto antes designado pelo governo um edificio do Estado, para servir de paços do novo concelho, segundo o previsto no artigo 5.º de um dos referidos decretos. Como se não podia dispor do extinto convento da Boa Hora, em que primitivamente se pensara para esse fim veiu, a final a ser concedido á camara, por portaria de 3 de maio de 1855, para aí funcionar, o palacio que pertencera ao duque de Palmela, situado junto á Boa Hora, e que tendo sido posto em praça pela Fazenda Nacional em março de 1849, fôra arrematado pelo proprio governo, pela quantia de 5:400$000 réis. Este imovel foi concedido ao concelho, para seus paços, emquanto as vereações tal caracter lhe conservassem, devendo a sua posse reverter para o Estado, desde que o seu especial destino cessasse[1].

O bienio da nova camara foi pois o de 1854-1856. Neste opusculo de 17 paginas, que é rarissimo, se acham narrados documentalmente os motivos porque esta primeira vereação não concluiu o seu mandato. Está aí estampado o epilogo da celebre «*Questão do candieiro*», que motivou a voluntaria dissolução da ca-

---

[1] Arquivo da Camara Municipal de Lisboa — Extinto concelho de Belem.

mara, confirmada pelo decreto de 31 de outubro de 1855, no qual, todavia, *se não mencionaram* os motivos da dissolução.

Após breve exposição aos habitantes do concelho, que os habilitasse a julgar do procedimento dos membros da municipalidade e do governo, apontando, por fecho, os artigos do Codigo Penal aplicaveis ao conflito havido entre aquela e este, seguem-se os documentos n.os 1 a 7, entre os quaes, os que dimanaram da camara foram redigidos e assinados pelo presidente da vereação dissolvida.

O conflito originara-se no facto de não ter o governo condescendido em dar á vereação as satisfações que ela exigia pela violencia exercida pela autoridade militar contra os empregados da camara, encarregados de assentar um marco para um candieiro da iluminação a gaz junto á porta do quartel da artilharia, com o pretexto de que estorvava as viaturas, no sair e entrar o quartel. Impedidos autoritariamente de executar as ordens da camara, os seus empregados assim o declararam ao vereador fiscal, e este dirigindo-se ao quartel, não foi melhor atendido, sendo ameaçado pelo comandante da guarda de que, se se persistisse na obra, o colunelo que era objecto da reclamação seria derrubado. Ás representações da camara perante o governo contra esta violencia feita á autoridade do concelho respondeu aquele com resoluções que não satisfizeram a vereação, e assim se estabeleceu o conflito, que terminou como deixamos exposto.

Era ministro do reino Rodrigo da Fonseca Magalhães.

———

Portvgaliae Monvmenta Historica a saecvlo octavo post Christvm vsque ad qvintvmdecimvm ivsso Academiae Scientiarvm Olisiponensis edita — Scriptores — Volvmen I — Fasciculus I — Olisipone — Typis Academicis — MDCCCLVI.

Logo a seguir á instalação da Classe de Sciencias Moraes, Politicas e Belas-Letras da Academia Real das Sciencias de Lisboa, por efeito da reforma decretada em 13 de dezembro de 1851, propoz Alexandre Herculano «que se fizesse uma colecção de documentos relativos á historia social e politica do nosso país, desde o seculo VIII até os fins do XV».

Para tal efeito, ofereceu um projecto, que tendo merecido, após algumas alterações em que seu autor conveiu, a unanime aprovação da secção competente (Historia e Arqueologia), logrou por parte da classe o mesmo excelente acolhimento. Entendia-se «que este importante trabalho seria um d'aqueles que mais haveriam de contribuir para sustentar o credito da Academia, e para mostrar os uteis resultados da sua recente reforma» [1].

O projecto de Herculano constava dos cinco artigos de que nosso presado amigo e companheiro Brito Aranha deu o texto em a noticia d'esta importante publicação, inserta de pag. 3 a 8, do tomo XVIII d'este *Dicionario*; texto sobre que incidiram as leves alterações a que acima aludimos.

Subiu a proposta ao conhecimento do Governo, o qual em portaria de 13 de agosto de 1852, declarava que:

> «S. M. reconhecendo, por esta resolução da Classe, o zelo e amor das cousas patrias, de que se achava animada a A. R. das S. de L., e

———

Tanto estas como as anteriores expressões comadas são as textualmente contidas em a «*Noticia historica dos trabalhos da Classe de Sciencias Moraes, Politicas e Bellas Lettras da Academia Real das Sciencias de Lisboa, lida na sessão publica de 5 de julho de 1854 pelo secretario Joaquim José da Costa de Macedo*».

D'esta *Noticia*, que já não é vulgar, bem como o *Discurso* que a antecede, devido á pena do mesmo secretario, extratamos o que nos pareceu preciso ao fim que levamos em vista; — historiar perfuntoriamente a origem d'esta monumental publicação, acrescidas algumas circunstancias colhidas noutras fontes.

o muito que as suas investigações scientificas e litterarias podiam concorrer, não só para conservar, mas tambem para augmentar a reputação que já grangeara, e de que tão merecidamente gosava, houve por bem mandar louval-a pelos bons desejos que manifestara, e serviços que estava prestando, e participar-lhe que emquanto ás providencias que solicitara, para levar por diante o seu pensamento, S. M. mandava prevenil-a de que opportunamente se adoptariam para tal fim os meios convenientes».

Continuaram d'aí por deante as diligencias para a prosecução d'este que bem pode classificar-se «grandioso projecto», participando Herculano dos encargos que a Academia distribuiu a varios socios, para o fim que se levava em vista.

Para cooperar com o sabio Proponente na transcrição dos documentos do Arquivo da Torre do Tombo, que haviam de formar parte da colecção projectada, foi, em 1853, nomeado o recem-falecido José Manuel da Costa Basto, nosso saudoso amigo, já neste tempo aluno distinto da Escola de Diplomatica. José Basto acompanhou desde então o laureado autor da *Historia de Portugal* em todos os trabalhos d'aquela honrosissima comissão, datando d'esta epoca as relações de intima amizade que o ligaram ao Grande Escritor até o seu ultimo momento, pois foi o escolhido para, em qualidade de paleografo, empreender com ele as celebres perigrinações em que ambos andaram pelo reino, no intuito de examinar os cartorios e arquivos civis e eclesiasticos; perigrinações de que Rodrigues Cordeiro deixou circunstanciada noticia na biografia de Herculano, estampada á frente do *Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1879.*

No «fasciculo I» que forma o titulo do presente artigo, segue-se á exposição das bases fundamentaes da obra, taes quaes se leem na já indicada noticia do nosso presado companheiro, a da sua economia, que tambem por ele foi transcrita. Esta introdução ou prologo geral acha-se impressa a duas colunas; português, original de Herculano, latim, tradução do conego Felix Manuel Placido da Silva Negrão. D'este mesmo tradutor são todos os que se seguem no fasciculo, o prologo geral de *Leges et Consvetvdines,* o dos *Foraes* e o dos *Diplomata et Chartae,* etc.[1] De Herculano, são os pequenos prologos ou rubricas latinas que precedem os *Foraes*, os *Diplomas,* etc.

O aspecto d'este e de todos os mais *Fasciculos* não pode, em verdade, ser mais satisfatorio. Adoptou-se por tipo da publicação o *in folio* (45 × 30), sendo a impressão disposta entre largas margens, com a variedade e profusão de tipo correspondente ás diversas materias, empregado e distribuido com discernimento e inteligencia do que convinha. É inegavel, em suma, que a parte material da obra se apresenta, e ficou em verdade, consoante ao que se deve a uma publicação de tal tomo, muito no caso, emfim, de poder emparelhar, sem desdouro, com outras publicações de indole similar, abundando na Europa. Não resta, finalmente, duvida, que as oficinas tipograficas da Academia deram neste trabalho uma bela prova de perfeição tecnica e de apurado gosto, tanto mais apreciavel, quanto no começo da segunda metade do seculo transcurso as artes graficas estavam entre nós longe ainda da perfeição e do apuro e gosto que hoje desenvolvem e ostentam.

Os *Portvgaliae Monvmenta Historica* conservaram-se até 1873 sob a direcção do seu ilustre promotor.

---

[1] Assim se declarara já no tomo I, Parte I, dos *Fastos de Ovidio,* tradução de Antonio Feliciano de Castilho, a pag. LXXXIV.

Conego Negrão foi o sacerdote que no 1.º de maio de 1867 casou Alexandre Herculano na Sé de Lisboa.

A 1 de abril, porem, d'esse ano, Herculano deu a demissão do cargo. O oficio comunicando ao secretario geral da Academia esta resolução acha-se impresso a pag. 284 e seg., do volume *Cartas de A. Herculano*, tomo I, Lisboa, 1911. Por tal documento se vê que existiam naquela data na tipografia 25 folhas impressas da serie *Diplomata et chartae*, que deviam constituir um fasciculo com o indice do I volume da serie *Leges et Consvetudines*, cuja impressão estava a ponto de se concluir. Existiam tambem impressas as primeiras 26 folhas do II volume da mesma serie.

A Academia ainda nomeou dois sucessivos sucessores a Herculano, o segundo por falecimento do primeiro, mas nem um nem outro adeantaram cousa alguma ao que ficara feito. Em 1 de março de 1883 foi nomeado continuador da obra o academico João Pedro da Costa Basto, que deu os cinco fasciculos das *Inquisitiones*, tambem notados por Brito Aranha, no mencionado seu artigo. Falecido aquele academico em 31 de janeiro de 1898, ficou a publicação de novo interrompida.

Como, segundo acima dizemos, a minuciosa noticia d'esta publicação já se acha, fasciculo a fasciculo, impressa no tomo XVIII d'este *Dicionario*, de pag. 3 a 8, com a indicação dos anos em que sucessivamente vieram a lume taes fasciculos, não repetiremos as informações que lhes dizem respeito, limitando-nos a indicar ao leitor aplicado onde pode recorrer, para se inteirar das materias que os compõem.

Liberdade e Restricção ou a Questão dos Cereaes. — 1856.

Tal o titulo do artigo publicado por Herculano em o n.º 18 do jornal *A Patria*, ano de 1856.

Havia-se em fins do ano anterior declarado uma crise cerealifera de afligidoras consequencias para o pais, e o governo fôra levado a permitir a livre importação de trigo e outros cereaes. Debelada a crise, Herculano sustentou no aludido artigo a conveniencia de se converter a medida transitoria em regime permanente, inaugurando-se emfim em Portugal o sistema economico do livre-cambio.

Esta opinião, sustentada por tal vulto, suscitou viva oposição não só por parte dos agricultores que temiam as que julgavam prejudiciaes consequencias da liberdade comercial, como, é bem de ver, por parte da industria fabril, principalmente a do norte do pais, que não podia tolerar semelhante alvitre.

Dias passados, porem, sobre a aparição do artigo de que estamos dando noticia, o qual andava já vivamente comentado na imprensa afecta ao *proteccionismo*, realizou-se uma grande reunião de agricultores, especie de congresso que teve varias sessões, e cujo fim, segundo os anuncios respectivos, era discutir a lei dos cereaes. Por fora, porem, acrescentava-se que se convidariam os lavradores presentes a assinar um requerimento ás côrtes contra o projecto de lei que ali fôra apresentado, e se destinava a vigorar quando as circunstancias extraordinarias do pais o permitissem [1].

Em sua qualidade de agricultor compareceu Herculano ás preditas reuniões, e o que disse em uma d'elas foi publicado no *Jornal do Commercio*, n.º 744. De varios factos economicos que se estavam dando, e provou com documentos oficiaes, deduzia que os interesses da agricultura se ligam, mais do que muitos acreditavam, com a liberdade de comercio. Entendia, comtudo, que para se realizar

---

[1] Todavia, pela carta de lei de 31 de maio de 1856 ficou o governo autorizado a prorogar até o fim de junho seguinte a autorização que lhe concedera o diploma de 5 de julho de 1855; isto é, continuava-se a livre importação de cereaes.

semelhante vantagem, era indispensavel que tal liberdade fosse sistema geral aplicavel a todas as industrias. Cumpria levar-se em conta que Portugal era uma nação quasi exclusivamente agricola, e que por isso, emquanto a *protecção* escudasse a industria fabril, não seria possivel que os agricultores obtivessem muitos dos objectos necessarios á vida por forma tão acessivel, que os salarios fossem reduzidos ao que seria mister para restabelecer o equilibrio. Portanto, concluia, conciliador e desejoso de ver adoptada uma solução pratica, o que os agricultores tinham a fazer não era ir ás côrtes, onde a politica se apossaria do assunto, quem sabe com que resultados contra eles; o que lhes convinha era dirigirem-se ao governo, que não tinha razão alguma para lhes querer mal, e que desejoso de acertar, havia, por certo, de atendê-los, desde que as suas pretenções não fossem as de uma protecção exagerada. Opinava mais, que emquanto se não estabelecesse o necessario equilibrio entre produtores e consumidores, fosse igual o sistema de protecção para a industria e para a agricultura, e restabelecido o equilibrio, ficasse dominando a liberdade para uma e para outra igualmente. Em tal sentido apresentou uma proposta, que teve a desdita de ser combatida por Antonio Rodrigues Sampaio, o qual tambem tomou parte nestas reuniões [1].

Herculano declarando Portugal nação «quasi exclusivamente agricola», magoara profundamente os industriaes do Porto, que, não deixaram de lh'o fazer sentir, posto que em termos cortezes e respeitosos. Não se davam, alem d'isto, por menos agravados pelo ataque ao sistema protector, dirigido por Herculano contra a industria fabril, sistema de que por forma alguma queriam ver-se privados, alegando que o seu desamparo equivaleria á morte. Tratando pois de rebater quanto Herculano escrevera primeiro, e quanto dissera depois, e engrossando a oposição ás ideias do livre-economista, vieram a termos de o acusar de contradizer-se não só no que escrevera, mas no que dissera, em relação ao que tinha escrito!

Estranho destino o d'este Grande Patriota e Grande Pensador! Atleta do raciocinio, poucos espiritos se contarão que mais logicamente do que o seu, tenham empregado os recursos que a dialectica subministra aos argumentadores, para conseguirem que triunfem as causas de que se hajam constituido advogados, mercê da consequencia e da iniludivel razão que lhes assiste.

Pois bem! Se ainda aí se viu escritor mais acusado de contraditorio, tal escritor foi Herculano! Já o fôra em sua mocidade, antes da publicação da *Harpa do Crente*, como o proprio Poeta no-lo dá a saber, e continuou a sê-lo até depois de extincto!

Do que o escritor escrevera no *Patria*, e do que o orador disse na aludida reunião tiraram os partidarios do *proteccionismo* os fundamentos, bem ou mal esteiados, para alegarem contradições, não já entre os periodos do artigo, onde não tinham faltado a achá-las, mas entre o que escrevera o articulista e proferira o orador. Ficaram as provas em colecções opusculares dos artigos insertos a tal respeito nos periodicos do Porto, nos quaes Antonio da Silva Pereira Magalhães, considerado industrial d'aquela cidade, e outros, fundam os raciocinios da apaixonada argumentação, com que sustentam as pretendidas provas de flagrantes contradições que por Herculano afirmaram cometidas.

Não ficaram, porem, nisto só os episodios d'este assunto, em que os industriaes portuenses se deram por agravados do articulista e do agricultor. Tambem

---

[1] Alexandre Herculano, segundo se mostra no comento á Carta I da colecção por nós publicada no *Archivo Historico Portuguez*, n.os 3 e 4 do vol. VIII, a pag. 137, só adquiriu a propriedade de Vale de Lobos no decorrer do ano de 1859. Havia, porem, dois anos que durava a sociedade que celebrara com os seus amigos Soure e Brederode, para a exploração agricola da propriedade de Calhariz, pertencente á casa de Palmela. Por isso escreveu na carta a que adeante nos referimos, aludindo ao convite que lera nos jornaes para nestas reuniões se discutir um projecto do governo: «que me importava como agricultor que sou». Coartada em Sampaio, que estava no congresso como sentinela do governo.

os seus colegas se resentiram de ouvirem Herculano dizer-lhes o que pensava das tenções que ali os tinham reunidos. — Não era só protestar contra o decreto do governo o que tinham em mente; era mais, era opor á proclamação do livre-cambio cerealifero a injustificada exigencia de a substituir o mesmo governo que a havia sancionado por uma exagerada protecção paulal . . .

Que foi, porem, que levou Herculano a tal situação? A entidade de que o Grande Patriota mais descreu durante toda sua vida; — a *politica*.

A estas reuniões concorrera tambem, como já dissemos, Antonio Rodrigues Sampaio que por este tempo se dizia, ao contrario de Herculano, proteccionista. O redactor e responsavel da *Revolução de Setembro* aí convidou Herculano a usar da palavra, com assentimento unanime da assembleia. Certo é porem que apresentadas que foram por Herculano as conclusões do seu alvitre, condensadas em proposta, foram redondamente refutadas por Sampaio. Herculano ainda respondeu, mas os agricultores temendo a complicação que se esboçava, deram por ostensivamente terminado o congresso, e passaram a reunir-se em casa de um dos congressistas[1]. Sampaio trouxe o assunto para a imprensa, e mostrando-se queixoso de que os agricultores fossem celebrar as sessões «fóra das vistas do publico», atribuiu depois ao facto o ter deixado sem resposta as considerações do seu antagonista. Do artigo escrito pelo famoso jornalista após a terminação das sessões publicas dos agricultores resultou uma aspera carta de Herculano, enviada ao proprietario da *Revolução de Setembro*, cuja noticia os leitores acharão em sua competente altura.

Assim cavavam mais fundo ainda estes dois homens o valo enorme que desde longe ambos haviam aberto entre si. Desunidos continuaram a caminhar para a Morte, até que esta se arrogou o funebre direito de os ligar pelo estreito laço de um comum fenecer, extinguindo-lhes os alentos, a pouca distancia de anos, no mesmo infausto dia.

1856. — *Os Vinculos.*

Estes estudos, em parte ineditos, até á data do IV tomo dos *Opusculos*, vieram a lume em os n.os 8, 17 e 25 de fevereiro de 1856, de *A Patria*, continuando, após tres anos de interrompida a publicação, no tomo I do *Archivo Universal*, n.os 5 e 7 referidos ao ano de 1859. Mais uma vez, porem, o Autor suspendeu a publicação dos ultimos capitulos d'este trabalho, que só tinha de ficar completamente impresso pela benemerente iniciativa dos legatarios de Herculano.

A Reacção Ultramontana em Portugal, ou a Concordata de 21 de fevereiro, por A. Herculano. — Lisboa — Na Typ. de José Baptista Morando, Rua do Moinho de Vento N.º 59 — Maio de MDCCCLVII.

Pelo teor da cartinha escrita pelo Autor a F. X. Bertrand, pertencente á colecção do Sr. D. José Pessanha, publicada no I volume do *Boletim da Sociedade de Bibliophilos «Barbosa Machado»*, a pag. 53, ficou patente uma circunstancia até agora ignorada, a proposito das capas d'este opusculo, e que vale a pena explicar.

Acaso em atenção á materia que não podia ser grata ao governo, resolveu a firma editora das obras do Autor, e decerto de combinação com ele, fazer im-

---

[1] Miguel do Canto, então residente na Travessa da Queimada, n.º 13.

primir o vigoroso protesto contra a influencia reacionaria que inspirara a celebre Concordata numa imprensa particular, em vez de utilizar a do governo, como sempre costumara e é notorio. Fechado em 30 de maio de 1857 o famoso escrito, e acrescentado ainda depois d'esta data o «Appendice» que se lhe segue, foi tudo entregue a Morando, com a nota de urgente. No dia 20 de junho seguinte porem fechavam as côrtes, e Herculano, que se empenhava em fazer conhecido o seu protesto d'aquela assembleia politica, parecendo-lhe que o impressor lhe não correspondia ao empenho, propunha no dia 6 ao seu editor que, para se ganhar um dia, ao menos, se mandassem tirar as capas na Imprensa Nacional, pondo-se-lhes a indicação da tipografia impressora. Do facto não resultava comprometimento para o director d'aquele estabelecimento do Estado, e tanto que ele proprio já consentira em acordo igual «para as capas e rosto dos Monumentos»[1].

O editor aceitou o alvitre; as capas de que se trata o atestam, pelo cunho inconfundivel da procedencia. A sua composição e aspecto, comparados com os do rosto do opusculo, o corroboram.

Acha-se precedido este escrito da seguinte dedicatoria:

> «Aos homens de letras do Minho e da Beira; ás intelligencias do paiz que mais energicamente conservam o sentir e o crêr portuguez, e á mocidade que nessas provincias recebe a luz da sciencia, e que é a esperança da Patria
>
> Dedica este opusculo
> em testemunho de agradecido affecto
> o auctor».

No tomo I d'este *Dicionario* foi este opusculo descrito sob o n.º 203, e está transcrito no tomo X dos *Opusculos*, onde forma o 1.º assunto.

Marquês de Lavradio publicou: «*Algumas reflexões em resposta*, etc.». Vieram a lume em março de 1859.

Do Estado dos Archivos Ecclesiasticos do Reino e do direito do Governo em relação aos documentos ainda nelles existentes. — *Projecto de consulta submettido á Segunda Classe da Academia Real das Sciencias.* — 1857.

Foi reeditada esta consulta por seu Autor no tomo I dos *Opusculos*, onde é o 6.º dos escritos ai reunidos.

Notemos desde aqui ter vindo a ser nomeada por decreto de 10 de janeiro de 1861 uma comissão «para colligir todos os monumentos que pudessem servir ao estudo do direito eclesiastico português». D'esta comissão fizeram parte Herculano, como presidente, Vicente Ferrer, Paiva Manso, Mexia Salema e Bernardino Carneiro. Foi dissolvida em 1868.

Annaes das Sciencias e Lettras publicados debaixo dos auspicios da Academia Real das Sciencias. — *Sciencias Moraes, Politicas e Bellas Lettras.* — *Tomo* I — *Primeiro Anno* — *Septembro de 1857* — *Lisboa* — *Na Typographia da mesma Academia* — *1858.*

---

[1] Devem ser os dos primeiros dois fasciculos impressos na tipografia da Academia, no ano anterior, a respeito dos quaes vemos que, por qualquer circunstancia, se tomou expediente igual.

De setembro a dezembro de 1857, n.os 7 a 10, deu Herculano a lume nesta publicação o artigo intitulado:

Do Estado das Classes Servas na Peninsula desde o VIII *até o* XII *seculo.*

Foi reproduzido pelo Autor no tomo III dos seus *Opusculos.*

Este é o escrito que Herculano fechou com o que ficou memoravel epitafio:

«*Aqui dorme um homem que conquistou para a grande mestra do futuro, para a historia, algumas importantes verdades* [1]».

Exprimia o Peregrino Escritor o desejo de que lhe gravassem sobre a «*campa*» este epitafio, como recompensa unica ao indefesso trabalhador que em desbravar os desvios por onde Muñoz y Romero se embrenhara, deixara passar, em igual duro labor «os melhores dias da vida, sem saber o que a mocidade tem de gozos, a idade viril de ambições, e a velhice de vaidades».

A Comissão Executiva do Monumento que, no claustro dos Jeronimos, encerra os restos mortaes do Grande Historiador satisfez-lhe o desejo, mandando esculpir este epitafio «na pedra que fecha a entrada da urna funeraria, na face d'esta urna voltada para o fundo da capella»; expressões textuaes do *Relatorio* da mesma Comissão, publicado em 1896.

Do escrito de que trata este artigo dá noticia o tomo VIII do presente *Dicionario* (1.º do *Suplemento*) sob o n.º 1933.

Ao Partido Liberal Portuguez a Associação Popular promotora da Educação do Sexo Femenino (sic) — Lisboa — Imprensa União-Typographica — Rua dos Calafates, 113 — 1858 (Dezembro).

Ás ilucidativas referencias a este assunto, bem como aos extensos extractos do *Manifesto* de que vamos ocupar-nos neste artigo, constantes dos capitulos XIV e XV, da parte que neste volume pertence ao nosso presado companheiro Brito Aranha, de pag. 68 a 75, ajuntamos mais as seguintes notas:

A 31 de outubro de 1858 realizou-se no salão nobre do teatro de D. Maria II uma grande reunião, cujo fim era formar uma associação destinada a adquirir fundos para a criação de escolas para instrução e educação do sexo feminino.

Taes escolas deveriam ser exclusivamente portuguesas, regidas por mestras portuguesas, administradas e superintendidas por portugueses, e subordinadas exclusivamente ás autoridades portuguesas. Temos presente um exemplar do *Projecto de Estatutos* d'esta que nunca passou tambem de *projectada* associação, compreendendo 27 artigos, distribuidos por V *titulos*, e datado de 15 de novembro de 1858. É quanto ficou restando d'este ultimo acto da celebre questão das *Irmãs da Caridade*, porque, segundo o comento de Inocencio F. da Silva, em o n.º 1931, do tomo VIII d'este *Dicionario* (1.º do *Suplemento*), tal associação «finou-se apenas constituida; sem deixar (que me conste) outros vestigios da sua existencia».

A reunião a que acima nos referimos foi extraordinariamente concorrida. Da acta da sessão, que veiu a publicar-se anos depois no *Diario de Noticias* [2], consta que assistiram a ela perto de 800 pessoas, presidindo o futuro bispo de

---

[1] Adverte-se que o biografo Rodrigues Cordeiro fez imprimir, por lapso, no *Almanaque de Lembranças para o anno de 1879*, «*Aqui jaz*», em vez de «*Aqui dorme*».

[2] No fim d'esta noticia se leem os numeros do predito *Diario*, e as datas que lhes correspondem.

Vizeu, D. Antonio Alves Martins, tendo por secretarios Silva Tulio e Luis Filipe Leite.

Dos trese oradores que aí tomaram a palavra, entre os quaes duas senhoras, D. Mariana da Fonseca Dinne e D. Antonia Pusich, foi Alexandre Herculano um d'eles. O seu discurso, segundo se vê da acta que o resumiu, foi copioso em informações acêrca da obediencia cega exigida pelas regras dos lazaristas e jesuitas aos respectivos membros ou afiliados, bem como no tocante aos compendios adoptados nos seminarios franceses, nos quaes «se encontram propostos e resolvidos casos de consciencia por um modo contrario a todos os principios de moral recebidos na igreja catolica». Herculano, presupondo a tentativa de estabelecimento de taes congregações em Portugal, com o consenso do governo, aplicou-se a mostrar quanto semelhantes regras e doutrinas eram antagonicas com as leis do reino. Não podendo aquelas e estas vigorar no país sem a aprovação do procurador geral da corôa, o magistrado que no exercicio de suas funções tal fizesse trairia, em nome de todos os principios, a missão severa que lhe anda impendente.

Apesar da forma extensamente analitica, feição peculiar do espirito do conspicuo orador, o seu discurso interrompido por vezes pelos calorosos aplausos dos assistentes, causou a mais profunda impressão, deixando na assembleia um fermento de futuro entusiasmo, digno, na verdade, de muito diversas consequencias. Lembra-nos ainda bem — e já lá vão cincoenta e seis anos! — o extraordinario efeito que na assembleia causou a frase proferida por Herculano, ao referir-se ao rei D. Pedro V:

> «Se o rei, se *esse bom rapaz*, falemos popularmente, quizesse entrar agora aqui, podia estar certo que debaixo da carruagem não lhe haviam de estoirar nenhumas bombas!»

Era o elogio da liberdade politica, então reinante em Portugal, era o testemunho da maior popularidade que ainda aí foi glorioso apanagio de um rei constitucional, envolto na alusão a um facto então recente; o atentado Orsini contra Napoleão III.

«Bravos unanimes e clamorosos, palmas enthusiasticas», consigna a acta que estamos extratando, e o confirmamos nós, que tudo presenciamos nos nossos juvenis quinze anos, acolheram estas palavras, secundadas pelos «vivas ao rei», que em todo o recinto restrugiram em prolongado eco!

Terminou Herculano por propor se nomeasse uma comissão, «a qual deve ser bem advertida do pensamento que predomina nesta assemblea. Que se entenda bem — acrescentou — que o partido liberal está lavrando um protesto contra a reacção!».

A vistosa comissão foi, com efeito, nomeada, sendo composta pelos cidadãos constantes da acta a que nos temos referido, dos de maior evidencia na capital. No dia seguinte, porem, á publicação d'esta no *Diario de Noticias*, lia-se no mesmo jornal a seguinte historica ilucidação:

«Alexandre Herculano e as congregações religiosas

Da reunião do theatro de D. Maria II, onde Herculano pronunciou o notavel discurso de que acabamos de publicar o extracto, nasceu, ainda que para logo morrer, a chamada «Associação Popular promotora da educação do sexo feminino».

Pode mesmo dizer-se, sem perigo de errar, que tal Associação apenas deu signal de si no «Manifesto» que Herculano redigiu, e que

foi impresso em 8.º gr. na «Imprensa União Typographica, rua dos Calafates, 113, 1858 (dezembro)».

Este «Manifesto» era dirigido «ao partido liberal portuguez», e Herculano, tendo pago a parte que lhe pertencia nas despézas da impressão ao director da mencionada typographia, um dos fundadores d'este jornal, Thomaz Quintino Antunes, reproduziu o escrito no vol. II dos «Opusculos», onde pode ler-se de pag. 243 a 336.

Dezesete annos depois, a proposito da inauguração da «Escola Castilho», ainda no «Jornal do Commercio» n.º 6:669 alguem perguntou que feito fora da mencionada Associação.

A esse alguem um só dos membros d'ella respondeu, e as informações dadas de viva voz ao curioso pesquizador do passado foram de tal modo tristes e desconsoladoras, que lhe tiraram o desejo de querer saber mais. — O informador a quem nos referimos chamava-se Alexandre Herculano.

Na carta ácerca das «Conferencias do Casino», escrita pelo auctor da Historia de Portugal ao mallogrado José Fontana («Opusculos», I, pag. 253 e seg.) deixou o eminente escriptor materia que revela o orador da reunião popular de 1858, e de que, na presente occasião muito aproveitaria recordar a leitura, conjunctamente com a do «Manifesto» de que acima se fala».

Aqui está, pois, como tudo se passou ... por graça da patriotica politica portuguesa ...

Aos pesquisadores do passado que desejem orientar-se nesta materia lembramos a leitura dos n.os 12681 e 12682, do *Diario de Noticias*, referidos aos dias 25 e 26 de março de 1901, que transcreveram a acta da celebre sessão a que nos temos referido, e bem assim o n.º 12683, do dia 27, onde se acha impresso o comentario supra, escrito pelo autor d'esta tentativa bibliografica.

O *Manifesto* de que trata este artigo, como nosso amigo Brito Aranha deixou registado, e o recordara o articulista supra, foi por seu ilustre Autor incluido, com efeito, no tomo II dos *Opusculos*, onde é o ultimo dos escritos nele contidos.

Historia da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal. —Tomo III. — Lisboa — Imprensa Nacional — MDCCCLIX.

Terá sido anunciado no *Diario do Governo*, mas escapou á pesquiza.

Acêrca dos motivos que retardaram a conclusão d'esta obra, veja-se o que seu Autor escreveu a pag. VI do opusculo *A Reacção Ultramontana.*

No jornal religioso *A Missão Portugueza*, n.os 38, 40 e 46 publicaram-se alguns artigos critico-analiticos, assinados M. de S., como foi rectificado por Inocencio no tomo VIII (1.º do *Suplemento*). Por eles será facil fixar a data da publicação d'este ultimo tomo.

Archivo Universal. —Tomo I. — 1859.

Continuaram-se, como já dissemos, neste jornal, tomo indicado, n.os 5 e 7, os estudos acêrca de *Os Vinculos*, de que seu Autor deixou por dar á estampa os ultimos capitulos, e se encontram, como todos os precedentes, no tomo IV dos *Opusculos*, onde constituem a primeira parte do volume.

Archivo Pittoresco — Semanario Illustrado — Editores Proprietarios, Castro, Irmão & C.ª — Volume III. — 1860. — Lisboa, etc.

Em o n.º 5, para acompanhar a gravura frontispicial do alto relevo de marmore na basilica de Mafra, representando «O Calvario», escreveu Alexandre Herculano as seguintes linhas, com que se fechou a pagina:

«Quando tu, Senhor, lançaste os olhos torvados do alto dos céos, para condemnares os homens orgulhosos, os sabios que renegavam da origem de toda a sciencia, tinham elles passado, e não lhes achaste outro vestigio senão o grande silencio das suas campas.

E a nós, que lhes succedemos, viste-nos de joelhos á roda da tua Cruz.

A arvore da sabedoria havia bracejado mais robustos troncos, mais virentes ramagens; e foi-nos provado, então, que ella nascera no Calvario.

Hoje, Senhor, a historia humana vem confirmar todos os dias a tua historia divina.

A philosophia actual ergue sobre as ruinas dos systemas passados o lábaro da tua philosophia.

As nações que vês agitarem-se e rugirem dolorosamente em luctas civis, não fazem senão preparar-se para poderem escrever nas taboas de bronze das suas leis duas palavras que resumem todo o Evangelho — a liberdade e a fraternidade.

A. Herculano».

Analyse da Sentença dada no juizo de primeira instancia da villa de Santarem, etc.

Reportando-nos ao que se lê na «Advertencia» do tomo x dos *Opusculos*, acêrca d'este trabalho juridico de Herculano, para as linhas que o esclarecido coleccionador lhe dedicou remetemos o leitor, que aí encontrará a circunstanciada noticia das causas que deram origem ao escrito e mais esclarecimentos dignos de serem conhecidos.

Veiu, com efeito, a publico esta *Analise* em 1860, ano que lhe foi assinado na coleccionação a que nos referimos. Imprimiu-se em folheto de 63 pag., em *Lisboa, Typographia Universal, Rua dos Calafates, 110.* Foi destinado a acompanhar o recurso do autor da acção, representado por seu advogado, o Dr. Joaquim Maria da Silva, para o Tribunal da Relação, onde o mesmo autor obteve provimento.

Este escrito, pelos motivos expostos pelo diligente coleccionador do referido tomo x dos *Opusculos*, deu motivo ao que abaixo se descreve.

As Heranças e os Institutos Pios.

Comquanto o coordenador do tomo x dos *Opusculos*, onde este escrito juridico é o ultimo dos tres que compõem o volume, não declare em que folha da capital ele veiu a publico, temos nota de que apareceu no *Jornal do Commercio* dos dias 18, 19 e 20 de julho de 1860, onde, posto que não assinado, teve o lugar de honra como sucessivo artigo de fundo.

A materia, segundo acima se explicou, constitue a justificação á *Analise da Sentença*, que é objecto do precedente artigo.

Da parte que a Herculano coube na redacção do Codigo Civil. — 1860 a 1865:

Como vogal da comissão revisora do projecto d'este Codigo, aprovado por carta de lei de 1 de julho de 1867, tomou Alexandre Herculano parte na discussão do aludido projecto, desde a 5.ª sessão, em 22 de março de 1860, até á 341.ª, em 24 de julho de 1865. Nas 342 sessões d'estes cinco anos teve o Autor da *Historia de Portugal* 130 comparencias, sendo restritissimo o numero d'elas em que não interveiu nas discussões [1].

A sua iniciativa no seio da comissão afirma-se no seguinte resumo:

Declarações de voto, 9;

Definições apresentadas, 2;

Projecto para substituir por completo a materia em discussão, 1;

Propostas verbaes, e outras escritas, para serem incluidas na acta, 17;

Proposta em colaboração com o autor do projecto, 1.

Entre as «declarações de voto» mais para notar distinguem-se as seguintes:

Sessão de 26 de novembro de 1860: «Declara votar pela supressão da parte II do projecto, que se intitula «*Da acquisição dos direitos*». A materia fôra aprovada, e passou para o Codigo, artigo 369.º e seguintes.

Sessão de 13 de março de 1861: «Declara votar contra o artigo 684.º (do projecto) e contra todos os mais relativos á *propriedade literaria e artistica*».

Sessão de 10 de dezembro de 1864: «Se estivesse presente, votaria contra as disposições acêrca dos casamentos, substituidas no projecto ás que tinham sido anteriormente adoptadas pela comissão».

Foi redigida, e lançada na acta [2].

As duas «Definições» apresentadas foram aprovadas, e passaram taes quaes para o Codigo, titulo das *Aguas*.

O projecto para substituir por completo a materia em discussão é o que se refere ao extenso *Titulo das Aguas*, supra mencionado. Foi mandado imprimir, e entrou em discussão na sessão de 18 de março de 1861, sendo aprovado com varias modificações de redacção.

Entre as «Propostas», são de notar as seguintes:

Em sessão de 23 de junho de 1862 apresentou-se á discussão o artigo 1985.º Discutido, foi modificada a sua redacção, por proposta de Herculano, que apareceu na acta redigida pelo modo seguinte:

> «Se o legatario com encargo, não receber *por* culpa sua, todo o legado, será, etc.». (Pag. 280 das *Actas*).

Que sucedeu porem? Passou o artigo para o Codigo sob o n.º 1851.º, exprimindo exactamente o contrario do que pensou a comissão, e o quiz prevenir Herculano com a sua emenda! É o que resulta, com efeito, da explicação que o venerando vogal da comissão dava ao seu amigo José Basto, anos depois, quando se atentou no engano, na (IV) carta sem data, mas que é de 1868, publicada entre as da colecção que veiu a lume no *Archivo Historico Portuguez, Numero consagrado á Memoria de Alexandre Herculano* (março e abril de 1910). Aqui se pode ler tambem a interpretação do jurisconsulto José Dias Ferreira, inteiramente conforme com a que veiu a saber-se ter sido a do autor da proposta.

---

[1] A Comissão foi instalada pelo ministro da justiça em 9 de março de 1860, encerrando-se em 30 de agosto de 1865. Nesta sessão participou o vogal conselheiro José Julio de Oliveira Pinto «que o Sr. Herculano não comparecia, por estar ausente de Lisboa, mas o auctorisara a declarar que adheria ás resoluções que a Commissão tomasse nesta sessão».

[2] Veja-se nesta tentativa o artigo *Estudos ácerca do Casamento Civil*, a pag. 645 e segg.

Em sessão de 4 de janeiro de 1864, discutindo-se os artigos do projecto relativos aos «*Vicios que podem illidir a força probatoria dos documentos*», propoz Herculano o seguinte artigo, que passou para o Codigo sob o n.º 2497.º:

«Os documentos anteriores ao seculo XVI, cuja authenticidade fôr contestada em juizo, não poderão ser recebidos, como meio de prova, sem prévio exame diplomatico feito na Torre do Tombo, do qual resulte o reconhecimento da dita authenticidade.

§ unico. Este exame será ordenado pelo guarda-mor do archivo, em virtude de requisição do juizo onde o documento tiver sido apresentado».

Quanto á «proposta em colaboração com o autor do projecto», é a que no *Titulo* VI do Codigo trata das «Pessoas moraes». Herculano propusera a substituição completa do *Titulo* aludido. Seabra reformou-o, redigindo-o de acordo com o vogal proponente. (Sessões de 29 de março e 10 de junho de 1860).

Para constituirem a comissão especial de redacção, haviam sido eleitos os vogaes José Julio de Oliveira Pinto, cuja nomeação Herculano considerava indispensavel, Antonio Luis de Seabra, autor do projecto em revisão e Alexandre Herculano.

Esta comissão funcionou sem incidente até novembro de 1864, mas tendo José Julio dado a demissão do cargo, escreveu Herculano a Ferrer a carta que foi estampada a pag. 548 das *Actas*, demitindo-se tambem, por entender que «uma commissão onde o encontro de opiniões é inevitavel, não pode ser composta de dois membros só». A comissão, em sessão de 5 de dezembro d'aquele ano, examinando o assunto e ouvindo os dois demissionarios, resolveu por unanimidade que a sobredita comissão especial de redacção ficasse constituida por Ferrer, Seabra e Herculano.

Comquanto, pois, a responsabilidade da redacção definitiva d'este monumento da nossa jurisprudencia, que se chama *Codigo Civil Português*, não pertença exclusivamente a Herculano, não estamos fora de convir que a ultima lima que afagou muitas das suas paginas tenha sido manuseada pelo Grande Historiador, embora ele o não tenha querido reconhecer[1].

Roteiro da Viagem de Vasco da Gama em MCCCCXCVII — *Segunda edição correcta e augmentada de algumas observações principalmente philologicas por A. Herculano e o Barão do Castello de Paiva* — Lisboa — Imprensa Nacional MDCCCLXI.

Esta edição é ornada de dois retratos litografados; um de Vasco da Gama, tendo por subscripção: «*ho cond'almirante*», outro, do rei D. Manuel, com o *facsimile* da assignatura d'aquele monarca. Como na primeira edição se via tambem um retrato do grande navegador, não quizeram os editores d'esta segunda deixar de o repetir nela, levando porem o escrupulo a restituir o desenho á simplicidade do original que servira para a estampa, mas que o artista alterara nos acessorios.

---

[1] Na 3.ª das suas *Cartas* a D. Antonio da Costa ha o seguinte periodo:

«Tambem ignorava que eu tinha sido escolhido pela commissão revisora para dar a redacção definitiva ao projecto do codigo civil. Esse facto glorioso para mim, affrontoso para o paiz, porque não sou bacharel, revela-o o Sr. D. Antonio no seu primeiro folheto. Todavia eu estava como o capitão do Camões, *que não caia em nada*. Não dera tino d'isso».

O desenho de imaginação que se via na primeira edição, precedendo-lhe o texto, foi substituido pelo retrato do monarca *Venturoso*, copiado de outro que se vê em uma das portadas dos livros chamados de Leitura Nova, do Arquivo da Torre do Tombo.

Os doutos editores declaram na *Advertencia da Segunda Edição*, de onde estes pormenores são extratados, que «o primor das illuminuras dos primeiros volumes d'aquella vasta collecção, e dos quaes os de Alemdouro (de cujo 1.º o régio retrato foi copiado) são os mais antigos, persuade que o retrato é altamente parecido. Pelo menos (acrescentam) temos a absoluta certeza de que é contemporaneo».

O *Roteiro da Viagem de Vasco da Gama* foi traduzido em francês, e impresso numa bela monografia, acompanhada de um bom retrato, litografado, do Grande Navegador, da copia do «fac-simile» da letra do manuscrito que se acha na 2.ª edição portuguesa, após a «*Advertencia*», e da copia da *Carta demonstrativa*, etc., que fecha o original português, colocada igualmente no fecho da tradução. O titulo, e mais caracteristicos d'este estimavel trabalho são como seguem:

Journal du Voyage de Vasco da Gama en MCCCCXCVII — *Traduit du Portugais par Arthur Morelet — Membre correspondant de l'Académie des Sciences de Lisbonne — Lyon — Imprimerie de Louis Perrin* — MDCCCLXIV.

Grande in 4.º, de xxx-140 pag., em papel cartão.

Nas xxx pag., o texto impresso em italico compreende, até pag. VIII, um como Prologo do benemerito tradutor, constituindo a biografia apoteotica de Vasco da Gama, e d'aí até final, a «*Advertencia da Segunda Edição*» excelentemente traduzida. O tradutor, quer pela biografia apoteotica, acima notada, quer pelas notas com que acompanha o texto, mostra-se perfeitamente senhor do seu assunto.

Historia de Portugal — Tomo Primeiro — Terceira Edição — MDCCCLXIII.

Este volume saiu, conforme se adverte no tomo VIII d'este *Dicionario*, a pag. 34, «com uma *Prefação* de XIV paginas inteiramente nova, e que substitue a antiga *Advertencia* das edições anteriores». É, em grande parte, a apoteose do exemplarissimo rei D. Pedro V, falecido a 11 de novembro de 1861.

No citado tomo e pagina se nota igualmente que neste volume se compreendem tambem «algumas ampliações e rectificações de factos que o tornam preferivel nesta aos das outras edições».

De feito, ao passo que toda a materia da parte do volume que compreende a «Introducção» e o «Livro I» se encerra, nesta terceira edição, nas 290 paginas da segunda, linha por linha exactas, no «Livro II» começa a alterar-se a materia a partir de pag. 369, de qualquer das duas edições.

D'esta alteração do texto primitivo, implicando modificações e ampliações da narrativa da tomada de Lisboa, resultou que as expressões positivas: «a 21 de outubro as portas da cidade franquearam-se aos christãos» desapareceram. Com elas desapareceu tambem a sua justificação em parte da Nota XXIII, a pag. 509 da 2.ª edição. Nesta nota, e na edição de que nos estamos ocupando, o texto ficou integro até o fim das palavras «como era Brandão». O resto foi suprimido. O texto substituido ao primitivo no corpo do volume, após ser contado o pacto entre sitiados e sitiadores, diz agora:

> «Tal foi o accordo celebrado na quinta feira 23 de outubro. Nesse mesmo dia ou, talvez, no immediato[2] uma das portas abriu-se para facilitar o accesso aos homens d'armas que iam tomar conta da kassba».

A nota [2], retro, diz:

«O dia da entrada dos christãos em Lisboa não se pode fixar precisamente pela narrativa do cruzado inglês; mas o que d'esta resulta, forçosamente é que foi a 23 ou 24, quinta ou sexta feira, começando a saida dos sarracenos no sabbado, como nesta narrativa é expresso.

O *Indiculum* põe em 25 a entrada do rei, o que e inexacto. Dodechino e Arnulfo fixam a consumação da victoria a 21, considerando a cidade tomada no dia da suspensão d'armas e da entrega dos refens. A chronica primitiva dos Godos põe a entrada n'uma sexta feira, isto é a 24 ...»[1].

Cumpre explicar que o essencial do texto comparado, acima transcrito, foi já exposto pelo Sr. David Lopes, na monografia notavel a que nos temos referido, *Os Arabes nas obras de Alexandre Herculano,* a pag. 24. O que, porem, agora imprimimos é, em parte, copia de informação por nós dada á vereação lisbonense, quando se tratou de escolher o *dia feriado* da cidade, que se propusera, e não foi aceite, em vista da alteração que então verificamos, do texto, da 2.ª para a 3.ª edição d'este tomo I da *Historia,* que fosse o 21 de outubro.

A aludida informação, que nos fôra superiormente incumbida, apontava, como de dever, para ser completa, o que se lê a pag. 594 do tomo I dos *Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa,* e é o seguinte:

«*Carta regia de 29 de setembro de 1575.*

Não pode el-rei deixar de se espantar muito, quando soube que havia longo tempo se não fazia, em 25 de outubro, dia consagrado aos martyres S. Chrispim e S. Chrispiniano, a procissão de triumpho que ia da Sé a S. Vicente de Fóra, pela victoria que *no mesmo dia* houve D. Affonso Henriques, tomando a cidade aos mouros; e recommenda se continue a fazer essa procissão[2]».

Este extracto do regio diploma é acompanhado pelo autor da obra, nosso presado colega Sr. Freire de Oliveira, de um comento, em nota[1], no qual se lê que Lisboa, livre do dominio agareno e restituida á fé catolica, escolhera logo para seus padroeiros aqueles mencionados santos, os quaes, todavia, poucos anos depois foram substituidos pelo martir S. Vicente, quando do aportar de seus despojos a esta cidade.

A proposito da afirmativa do diploma regio, que atribuiu ao dia 25 de outubro a victoria do primeiro rei português, lembra o Sr. Freire dé Oliveira o que já deixara escrito em nota de pag. 87, e é textualmente o seguinte:

«Como é sabido a conquista de Lisboa foi em 21 de outubro de 1147, mas D. Affonso Henriques só tomou posse da cidade no dia 25, por a ter posto a saque, conforme a promessa que fizera aos cruzados, que o auxiliaram nesta empreza[3]

---

[1] Em 1873 imprimiu-se no Porto «a reproducção rigorosa da *Chronica da fundação do Mosteiro de S Vicente,* impressa em Coimbra em 1538 ... da qual existe um exemplar na Bibliotheca d'Evora». Lastima o editor que «A. Herculano não tivesse conhecimento da *forma impressa,* para corrigir por ela a transcrição do manuscrito que se guarda na Torre do Tombo, e pertenceu ao Mosteiro de S. Vicente, quando fez imprimir tal transcrição no *Portugaliae Monumenta.* O referido editor acha que a edição de 1538, por ele reproduzida, é preferivel á dos *Monumentos historicos,* em vista das variantes de consideração que enumera. Não empreendeu, porem, explicar a singularissima discordancia que se nota entre a indicação do mês em que se realizou a tomada de Lisboa, e que sempre tem sido indicado ser o de *outubro,* e o que se lê na reprodução que editou, a qual diz textualmente: «A qual cidade foy entrada e sumitida ao nome e seruiço de ds e da sancta egreia no mes de *junho:* da era de mil e cento e quorenta e sete annos».

[2] O texto d'este diploma acha-se na integra, a pag. 366 d'este mesmo tomo, fazendo parte da nota [2].

[3] É evidente que o autor d'esta nota se guiou pelo texto da Nota XXIII da 2.ª edição d'este primeiro tomo da *Historia,* na parte que se refere ao passo em exame, e que foi suprimido na 3.ª edição.

No vestibulo da cathedral de Lisboa, do lado direito, quando se entra, existe uma lapide antiquissima, com uma inscripção em caracteres gothicos, que commemora estes factos; do lado esquerdo ha uma outra que diz ser a tradução, feita em 1654, do que n'aquella se contém».

Para a modificação que temos seguido, no texto d'esta parte do primeiro tomo da sua *Historia*, utilizou Herculano, e o deixou igualmente notado o Sr. David Lopes, a relação de um cruzado inglês, testemunha presencial, que fôra estampada nos *Portvgaliae Monvmenta — Scriptores*, 1861. Resulta em suma de tal modificação, que foi acompanhada de uma longa ampliação, no tocante ás condições de florescencia, população, comercio e situação moral dos habitantes de Lisboa, alem da larga descrição dos factos que constituiram o seu cerco, e das tumultuosas relações dos cruzados com D. Afonso Henriques, que a data da tomada da nossa futura capital, fixada em 21 de outubro de 1147, foi abandonada pelo eminente historiador, para lhe substituir a incerta de 23 ou 24. A entrada do rei, em 25, dada pelo *Indiculum*, declara-a agora Herculano inexacta.

Ora, se hemos de contar com a tradição, vemos que esta, pelo testemunho da carta regia de 29 de setembro de 1575, aceitou o dia 25 de outubro como o da *victoria* do rei tomando a cidade aos mouros, ao passo que pela afirmativa do autor dos *Elementos*, a inscrição do vestibulo da Sé de Lisboa distingue *duas* datas, a da rendição da cidade a 21, a da sua posse (entrada regia?) a 25.

Em nossa opinião humilde, parece que a tradição tem direito a ser considerada, tanto mais que ambos os factos são perfeitamente admissiveis, e conciliaveis as expressões «*victoria*» e «entrada regia na cidade». Para os que ficassem com a primitiva narrativa de Herculano, corroborada pela tradição, o dia 21 seria o do feriado municipal; para os que preferissem os termos da carta regia, que do mesmo modo na tradição se funda, o dia 25, o do acto de posse, que bem pode equivaler á *victoria* ou á sua confirmação positiva, seria o para o mesmo efeito escolhido. Como dissemos, a vereação, para livrar-se de duvidas e incertezas, escolheu, e não foi peior, o dia 10 de junho, aniversario da morte de Luis de Camões.

A partir da pagina 408, da 2.ª edição, a materia iguala-se, linha por linha, com a da pagina 433 da 3.ª. Foi suprimido a pag. 440 o passo acêrca das crueldades praticadas com os sarracenos pelo primeiro rei de Portugal: «principalmente a mutilação dos habitantes de Lisboa, que se entregavam pedindo o baptismo». Esta supressão implica desequilibrio de duas linhas nos finaes de qualquer dos tomos. Assim, o da 2.ª edição acaba em pagina 441, com 21 linhas; o da 3.ª finaliza em pag. 466, com 19 linhas.

Uma portaria do Ministro da Justiça — (*Communicado*).

No *Jornal do Commercio* de 1 de setembro de 1863 apareceu em artigo de fundo um, com a epigrafe supra, assinado: «*Um proprietario da provincia*».

É uma critica severa á portaria d'aquele ministerio, assinada pelo titular d'esta pasta, Gaspar Pereira da Silva, datada de 18 de agosto, do ano supradito, e publicada no *Diario de Lisboa*, n.º 184[1].

Impugna-se no artigo de que se trata o direito que o ministro pretende, em termos veementes, assistir ao Estado «de fazer obras que produzam ruina, ou por outra, diminuição de valor na propriedade particular», o que importa uma

---

[1] Pode tambem ler-se na *Collecção Official da Legislação Portugueza*, do ano referido, a pag. 418.

«expoliação», deduzindo-se, outrosim, d'aquele diploma «que nem o proprietario ameaçado pode recorrer em defeza do que é seu á acção do embargo ou nunciação de obra nova, nem o juiz admittir tal acção».

Tal é o resumo analitico da portaria a que o articulista se refere, sendo util a quem pretenda apreciar-lhe as considerações juridicas tomar conhecimento do preambulo e considerandos do diploma impugnado, o qual conclue por mandar que os magistrados do ministerio publico «interponham sempre todos os recursos legaes necessarios, para que os despachos que taes embargos admittirem sejam reformados».

Escusado é acrescentar que o «*proprietario da provincia*», autor d'este notavel «communicado» era o agricultor de Vale de Lobos que se chamou Alexandre Herculano, o que é, aliás, de presumir, lendo-se o artigo, onde se mostra a *griffe* do Grande Escritor, que provavelmente acudia *pro domo sua*, e considerando-se o lugar de honra que a redacção deu ao *proprietario provinciano*.

N'um Album — Epitafio.

Comemorando-se no *Commercio de Portugal* do dia 28 de março de 1885 o aniversario natalicio de Alexandre Herculano, que, se fôra vivo, completaria então 75 anos, aproveitava-se o ensejo para dar noticia do estado de adiantamento em que se achavam as obras da Capela Sepulcral dos Jeronimos, destinada ao definitivo encerro das cinzas do Grande Historiador, e rematava-se a noticia com a transcrição das seguintes linhas, escritas por Herculano em um album que fôra parar ao Rio de Janeiro, de onde as copiara um amigo da redacção d'aquele jornal, para lh'as transmitir, oferecendo-lh'as.

São como seguem:

«Memoria posthuma
de um d'esses insensatos sublimes ou ridiculos
Chamados homens de lettras,
Morto para dolorosas vaidades,
Redivivo para a paz do espirito.
Esperando
Na terra, e depois, debaixo d'ella,
Á sombra do esquecimento,
O Cervantes da classe a que pertence.

Setembro, 30.—1865.

A. Herculano».

Estudos sobre o Casamento Civil, por occasião do opusculo do sr. visconde de Seabra sobre este assumpto por A. Herculano. — Lisboa, Typographia Universal, Rua dos Calafates, 110. — 1866.

Estes *Estudos* compreendem «Tres Series», que foram descritas no tomo VIII (1.º do *Suplemento*) d'este *Dicionario*, n.º 1939, da letra A.

São uteis de ler-se as mais noticias que constituem este numero, assim como as que se referem á reimpressão, no Rio de Janeiro, da 1.ª e da 2.ª series.

Áqueles que quiserem penetrar mais a fundo no amago da dissidencia celebre nos dominios da moderna jurisprudencia patria que veiu a motivar estes *Estudos*, e que tão infundadamente haveria de sobresaltar as consciencias de boa fé, como tanto serviria as danadas intenções da reacção intolerante e despeitada,

tomamos a liberdade de lembrar a leitura, nas *Actas das sessões da Commissão revisora do projecto de codigo civil portuguez — Lisboa — Imprensa Nacional — 1869,* das seguintes paginas:

177. — Entra em discussão a materia do contrato do casamento, que principia pelo artigo 1113.º Proposta de substituição a toda a secção, pelo Dr. Levy Maria Jordão. (Sessão de 30 de novembro de 1861).

180. — Proposta de substituição ás secções 1.ª e 2.ª do capitulo I, titulo II, livro II do projecto, apresentada pelo conselheiro José Julio de Oliveira Pinto. (Sessão de 4 de dezembro de 1861).

183. — Importante declaração de voto do conselheiro Martens Ferrão, para ser consignada na acta. (Sessão de 7 de dezembro de 1861).

190. — Proposta do presidente da comissão para que se entre de novo na discussão do artigo 1113.º e seguintes. Votação dos sistemas absolutos que vieram á discussão. Reprovação do sistema do projecto; do do casamento civil e da proposta de José Julio. Aprovado o sistema expresso no voto Martens Ferrão (conservação do matrimonio canonico). Declaração de Ferrer, Herculano e Marreca de votarem pela validade do casamento civil. Outras declarações. Reconsideração. Nova votação por quesitos. Resultados. Triunfa o estabelecimento do casamento civil. (Sessão de 16 de dezembro de 1861).

473. — Resolução de se continuar os trabalhos pela questão do matrimonio que corre do artigo 1086 a 1111.º (da nova numeração). Proposta de Antonio de Oliveira Marreca «para que se tratasse novamente da materia do matrimonio como se resolução alguma tivesse sido adoptada». Assenta-se em principiar pelo exame das bases precedentemente aprovadas. Artigos propostos por Herculano «como devendo em sua opinião fazer parte das disposições que teem de regular o casamento». (Sessão de 11 de abril de 1864).

475. — Novas bases para a questão do «matrimonio», apresentadas pelo desembargador Ferreira Lima. Definição do casamento, segundo Oliveira Marreca. Redacção aprovada. Outros aspectos da questão. (Sessão de 13 de abril de 1864).

478. — Proposta de substituição a toda a secção 2.ª, do desembargador Ferreira Lima. Aprovação de alguns artigos. (Sessão de 22 de abril de 1864).

Continua-se nas seguintes sessões a discussão d'esta proposta, com substituições de José Julio, declarações de voto de diversos vogaes, incluindo Herculano, quesitos acêrca do casamento dados diversos casos juridicos, etc. Exame dos artigos que haviam sido apresentados por Herculano em sessão de 11 de abril e sua aprovação com varias modificações, etc.

Concluida em 23 de maio de 1864 a primeira revisão geral do projecto, e começada e continuada a segunda, entrou em discussão a materia dos artigos 1058 a 1076, a paginas:

530 — Declaração do autor do projecto, invocando a Carta e as leis, de que os seus principios, no tocante ao contrato do casamento, lhe não permitem votar pela secularização absoluta d'ele, e se reduzem, em suma, á regra «catholicum, catholicis; acatholicum, acatholicis». Declarações de outros membros da comissão. Declaração do ministro da justiça de que se não conforma com o sistema adoptado pela comissão,

quanto ao matrimonio[1]. Resolve-se que a materia fique adiada para o fim da revisão do projecto. (Sessão de 10 de novembro de 1864).

542. — Apresentação do novo projecto do autor do codigo em discussão, tratando a materia do matrimonio. Discussão por artigos. Artigo 1058. Voto decisorio de Joaquim Filipe de Soure, que atacando o famoso artigo sem mais considerações de nenhuma especie, o fulminou. Soure exprimiu, com efeito, pelo modo breve e peremptorio que tão perfeitamente o caracterisava, o voto, por que no codigo civil «se não trate da intervenção do principio religioso no casamento para os fins civis»[2]. Aprovação d'este e do artigo 1059. Declaração de quatro membros da comissão de que de ora avante se absteriam de tomar parte nesta e nas subsequentes votações em materia de matrimonio[3]. Tudo o mais até o artigo 1085, aprovado. (Sessão de 30 de novembro de 1864).

553. — Declaração de voto de Alexandre Herculano «contra as disposições acêrca dos casamentos, substituidas no projecto do Codigo Civil ás que tinham sido anteriormente adoptadas pela comissão, não só por serem essas novas disposições, em sua opinião, manifestamente hereticas, e portanto atentatorias contra o artigo 6.º da Carta, mas tambem por serem ainda de outro modo inconstitucionaes, como offensivas da liberdade de consciencia, assegurada e mantida pelo artigo 145.º da mesma Carta». (Sessão de 10 de dezembro de 1864).

604. — Revisão dos artigos adiados, a começar pelo n.º 1058. Definição do casamento, apresentada por José Julio. Sua aprovação. (Sessão de 15 de fevereiro de 1865).

607. — Apresentação por este mesmo vogal da organização da doutrina do projecto em materia de casamento. É o texto do titulo I «*Dos Contractos em particular*», artigo 1056 e seguintes do Codigo Civil, salvo a redacção do artigo 1057, que veiu a ficar diversa, exprimindo a mesma ideia por forma mais clara, ampla e precisa, e bem assim pequenas alterações mais e acrescentes de breve redacção.

Foi a seguir a este remate da renhidissima questão que o visconde de Seabra publicou, datado de «1 de janeiro de 1866», o seu opusculo: *Duas palavras sobre o casamento pelo redactor do codigo civil — Lisboa — Imprensa Nacional — 1866*. Como do proprio titulo se vê, é a estas «*Duas palavras*» que Herculano respondeu com os *Estudos*, objecto do presente artigo.

N'um Album.

Entre papeis que pertenceram ao dedicado amigo de Herculano, José Ma-

---

[1] Era o conselheiro Gaspar Pereira da Silva.

[2] O artigo 1058, de Seabra, começava assim:

«O casamento é um contracto de direito natural e civil *que a religião sanctifica*, etc.».

[3] Foram o presidente Vicente Ferrer e os vogaes Filipe de Soure, Oliveira Marreca e José Julio de Oliveira Pinto. A estes classificou Seabra, em seu opusculo, adeante citado «minoria da comissão». O primeiro e o ultimo retorquiram-lhe com vigor; Ferrer, no *Jornal do Commercio* (1866) artigos citados por Inocencio (*Dicionario*, tomo II do *Suplemento*, n.º 312), de que se tirou *separata*, como ali se explica, n.º 30 dos *Escriptos*; José Julio, na *Gazeta de Portugal*, numeros de 25 e 30 de janeiro do mesmo ano, sob a assinatura «*Um dos membros da commissão revisora*», de que Inocencio não deu noticia, e de que não parece se hajam tirado *separatas*.

nuel da Costa Basto, ha pouco falecido[1], foram encontradas as seguintes linhas, copia das que num album escreveu o ilustre Solitario de Vale de Lobos:

> «Os monumentos de pedra e de bronze, destinados ás gerações futuras pelas gerações que passaram são hoje, em grande parte, ruinas ou apenas vestigios. Os templos, os palacios, as cidades, devorou-os o tempo. E dos recessos dos archivos e do pó das bibliothecas papyros e pergaminhos millenarios surgem intactos para falarem do passado ao presente.
>
> O que é que se pode dizer forte? O que é que se pode dizer fragil? D'aqui a seculos, abaixar-se-hão alguns olhos para ler estas linhas, ou erguer-se-hão para contemplar não sei qual monolitho que talvez a esta hora se está levantando em memoria de um homem ou de um successo? Existirá o album ou o obelisco? Quem sabe? O que mais vezes ludibria a voracidade do tempo, não é a pedra; é o livro.
>
> Val-de-Lobos, 5 de março de 1870.
>
> *A. Herculano*».

Notemos uma circunstancia que parece ter imediata relação com o pensamento que presidiu ao redigir d'estas breves linhas. O monumento a D. Pedro IV, erecto na praça d'esta denominação, vulgo, Rocio de Lisboa, foi inaugurado a 29 de abril de 1870, data da outorga da Carta Constitucional. Lá do seu retiro, não teria o Grande Escritor seguido as noticias que davam para aquele dia este festivo acontecimento? Não estaria no seu pensamento, referindo-se ao «monolitho que a esta hora se está levantando em memoria de um homem ou de um successo», o Monumento a D. Pedro, aquele monumento que, vinte sete anos antes, Herculano declarara «erguido á *vaidade nacional*», e cuja inauguração se aprazou para o dia recordador do «*successo*» da outorga do pacto liberal?

Almanach das Senhoras — para 1872.

O Campo (*Fragmento de um livro inedito*).

É dividido em IV capitulos, não datados.

Foi enviado com carta de 4 de junho de 1871 á editora d'este *Almanaque*. Esta carta é a 1.ª das que D. Felismina Torrezão, tambem já falecida, publicou, em 1910, nos «*Trechos Litterarios de Alexandre Herculano*».

---

[1] A 7 de fevereiro, d'este corrente ano de 1914.

OPUSCULOS

POR

A. HERCULANO

SOCIO DE MERITO DA ACADEMIA R. DAS SCIENCIAS DE LISBOA
SOCIO ESTRANGEIRO DA ACADEMIA R. DAS SCIENCIAS DE BAVIERA
SOCIO CORRESPONDENTE
DA R. ACADEMIA DA HISTORIA DE MADRID
DO INSTITUTO DE FRANÇA (ACADEMIA DAS INSCRIPÇÕES)
DA ACADEMIA R. DAS SCIENCIAS DE TURIM
DA SOCIEDADE HISTORICA DE NOVA YORK, ETC.

QUESTÕES PUBLICAS

TOMO I

LISBOA
EM CASA DA VIUVA BERTRAND & C.ª — CHIADO, N.º 73

M DCCC LXXIII

Esta colecção está desenvolvidamente descrita por nosso companheiro e presado amigo Brito Aranha no tomo precedente (13.º do *Suplemento*), de pag. 128 a 130, e ainda a pag. 324 do mesmo tomo.

Notaremos, pois, o que de mais particular se apresentar nos sucessivos volumes, á medida que eles se forem cronologicamente sucedendo.

Neste ha de novo a «Advertencia Prévia», na qual o Autor explica os motivos que o levaram a organizar esta colecção, e se deve ter por escrita na data do volume (1873), e a «*Introducção á «Voz do Propheta*», soberba pagina da nossa historia moderna, que o Autor datou de 1867.

Aproveitamos a ocasião para declarar, oferecendo-se aqui o lugar proprio, que por inesperada circunstancia, sempre nos vieram ter á mão alguns, poucos, exemplares do tão procurado folheto escrito por Herculano, a pedido da benemerita direcção do Montepio Geral, acêrca das *Caixas Economicas*; escrito que seu Autor incluiu, como no proprio lugar dissemos, neste I tomo dos *Opusculos*.

São nove paginas de 4.º antigo, ou uma folha de 8 paginas, tendo intercaladas a meio as paginas 5 e 6 em meia folha solta. Não ha rosto. No terminar da pag. 9, a indicação «*Fim*».

O escrito é precedido de uma como Introdução, figurando ser redigida pela Direcção, mas que poderá bem atribuir-se á mesma pena que escreveu o folheto. Por este motivo, e pelo contexto, merece ser aqui transcrita.

Após o convite ao publico para que aproveite o beneficio da recem-erecta instituição (24 de março de 1844), «onde se recebem quantias desde 100 réis para cima, que se pretendam acumular na dita Caixa, prosegue a Direcção:

> «As considerações que a Direcção vai apresentar são especialmente dirigidas á parte illustrada dos seus compatriotas, que pode e deve escuta-las. No meio d'estes ha uma classe cuja acção moral no espirito do povo é immensa e indestructivel, porque se estriba no ceu; cuja intelligencia é allumiada pela cultura da mais grave das sciencias humanas, a sciencia de Deus, cujos destinos na terra são o buscar consolações para a amargura, conforto para o desalento, esperança e muitas vezes remedio para as desditas, e sobretudo para as desditas obscuras do homem do povo. Esta classe é a do clero, que insensatos parece despresarem, mas sem a qual nada se fará para melhorar a condição do vulgo, ou para regenerar moralmente as gerações futuras, que seja solido, duradouro, e na realidade util. Aos parochos nos dirigimos principalmente; ao parocho, alliado a que deve buscar aquelle que tenta uma obra de humanidade; ao parocho, interprete natural de todo e qualquer pensamento bom e generoso. Elle comprehenderá quanto o seja o das caixas economicas, e quanto estas podem occorrer ás profundas miserias moraes e materiaes do proletario, que passam desconhecidas para os que regem as nações; mas que tantas vezes vão soltar seus gemidos no limiar do presbyterio. Ao lado da reprehensão que condemna os vicios, em que o povo costuma consumir certa porção do producto do seu trabalho, o sacerdote de uma religião toda de caridade e de esperança poderá ministrar o conselho, pelo qual essas pequenas sommas despendidas em satisfazer ruins propensões possam gerar fructos de benção. Assim elle cumprirá com o duplicado fim do seu ministerio divino, o mostrar como se evita o mal, e como se pode pelo bem achar não só o caminho da ventura alem da morte, mas ainda a paz e a felicidade na terra».

A Caixa Economica do Montepio Geral é hoje uma das mais florescentes e populares instituições bancarias nacionaes.

Opusculos por A. Herculano — (Titulos iguaes aos do tomo I) — *Questões Publicas* — *Tomo* II — (Informações editoriaes identicas ás do tomo anterior) — MDCCCLXXIII.

Dos sete escritos com que seu Autor compôs este tomo II, quatro pertencem á *Epistolografia*, onde serão mencionados. Dos restantes, dois já o foram em seus respectivos lugares, um é inedito — o «Appendice» á carta ao visconde de Almeida Garrett. Acêrca d'ele cumpre que demos as informações que vão seguir-se.

Declarado por esta sua carta, em 1851, adverso á doutrina da *Propriedade Literaria*, Herculano fôra, entanto, nomeado vogal da Comissão revisora do projecto de Codigo Civil.

Foi na 71.ª sessão da predita Comissão, realizada em 13 de março de 1861, e presidida pelo proprio autor do projecto, que entrou em discussão o artigo 684.º e seu paragrafo, que se inscrevia: «*Secção 3.ª — Da propriedade artistica*». Estavam presentes, alem d'aquele, os vogaes Marreca, Lima, Gil, Martens Ferrão, José Julio, Levy e o nosso Autor.

> «O Sr. Herculano, lê-se na respectiva acta, declarou votar contra este artigo, e contra todos os mais relativos á propriedade litteraria e artistica» [1].

Artigo e paragrafo vieram a ser, todavia, aprovados, sem outra discrepancia. Passados pelo crivo da redacção definitiva, cometida á comissão especial, de que Herculano fez parte, ambos os textos, dos quaes, no Codigo definitivamente aprovado e vigente, o artigo recebeu, em consequencia de alterações na distribuição e sequencia das materias, numero inferior ao que tinha no projecto, ficaram redigidos taes quaes se acham. Tinham passado dez anos depois de escrita a carta a Almeida Garrett. O «Apendice» agora redigido pelo Autor de tal carta a ela propria, destinou-se não só a explicar estas circunstancias, mas a explicar-se a si mesmo, dando os motivos da sua existencia.

Outros dez anos eram passados sobre a desfavoravel atitude com que o Autor acolhera no seio da Comissão revisora do projectado codigo, o que tocava á introdução na legislação do seu país d'esse «paradoxo inoffensivo» chamado propriedade literaria. Publicara em Paris o Sr. visconde de Azevedo o seu «*Etude sur la proprieté littéraire*», e oferecera um exemplar ao Autor do «Appendice». Herculano analiza-o pois, declarando que o lera com avidez, por ser possivel que nele surgisse para si a luz, que, «por escrupulo talvez excessivo», ele «deixara ficar debaixo do meio alqueire na commissão do codigo civil. Infelizmente porem — conclue — o opusculo não alumiou as trevas da minha impiedade».

Continuando, pois, adversario irredutivel como sempre fôra da doutrina da propriedade literaria, Herculano conclue os seus argumentos contra a existencia da «supposta propriedade» por admitir que, não se negando a «utilidade de favorecer o trabalho litterario e scientifico, principal elemento do progresso social», se podem buscar os meios de o fazer. E propõe um alvitre. Constitue ele

---

[1] *Actas das Sessões da Commissão Revisora do Projecto de Codigo Civil Portuguez — Lisboa — Imprensa Nacional — 1869*. Esta comissão instalou-se em 9 de março de 1860, findando os seus trabalhos em 30 de agosto de 1865. Á maior parte das suas 342 sessões presidiu Vicente Ferrer Neto Paiva, teodo por secretarios sucessivamente Levy Maria Jordão e José Julio de Oliveira Pinto.

Herculano foi dos primeiros nomeados membros da comissão, sendo em 1864 designado por unanimidade para a comissão especial de redacção, com o autor do projecto e o presidente Vicente Ferrer, consumindo longos serões de inverno em Vale de Lobos no tedioso trabalho da revisão. O titulo 5.º «Do trabalho», que compreende as disposições relativas ás duas especies de propriedade; — a literaria e a artistica, entrou em discussão na sessão de 2 de março de 1861 (68.ª). Nem nessa, porem, nem nas seguintes (69.ª e 70.ª) comparecera Herculano. Dai, a forma da sua declaração de voto.

a materia das ultimas paginas d'este escrito. Tambem nelas se inclue o *modus faciendi*, para se conseguir a sua realização. Os nossos governos porem teem, em regra, muitos outros assuntos de muito maior momento para resolver, e não lhes sobeja tempo para catarem na meia duzia de linhas de um livro de doutrina o modo de dar satisfação ás reclamações dos homens de letras, sem ser sancionando um imaginario direito a que, afinal, a propria lei dá um limite.

Almanach das Senhoras — para 1874.

Neste *Almanaque*, alem da *Carta* que na *Epistolografia* registamos, apareceram tambem seis linhas, sem titulo, divididas em tres periodos.

São o conceito com que fecha a «*Advertencia previa*» posta á frente do tomo I dos *Opusculos* (1873) e que foi d'ali destacado com a assinatura «*A. Herculano*», sem se declarar a procedencia. Aqui o repetimos:

> «A vaidade e o orgulho que são, senão duas especies de um genero unico de fraquezas?
>
> O vaidoso é o que chama o mundo para expectador do seu orgulho: o orgulhoso é o que se colloca a si como unico espectador da propria vaidade.
>
> Symptomas varios de enfermidade identica: manifestações diversas de uma só miseria do coração humano».

Almanach das Senhoras — para 1875.

Lysia Poetica — 1858. — O Soldado, o cabo de policia, o guarda rural — Brahma, Vichnu e Siva. (Fragmento apenas chamuscado de um manuscripto reduzido a cinzas).

Esta pagina de critica acerada ao modo de ser das nossas instituições militares, e seus dois *ajudantes* ou substitutos campestres; o cabo de segurança e o guarda-rural, veiu a lume neste *Almanáque* (5.º ano), pag. 212. Está assinada «*A. Herculano*», e é recheiada do chiste e graça naturaes em que se envolvem as mortificantes ironias com que o Autor, sob uma forma jocosa e saltitante, flagela a instituição dos exercitos permanentes, á qual, — relembre-se — quasi ao despir a farda de Voluntario da Rainha, já se amostrara adverso, apontando-lhe a inutilidade e as perniciosas consequencias, num pais pequeno, isento de compromissos politicos internacionaes, e carecido de braços para a sua principal industria; — o campo.

É a repetição, em suma, aplicada a Portugal, do que o Autor da *Historia da Inquisição* já deixara escrito no Prologo do tomo I d'esta obra, referindo-se a toda Europa.

Opusculos por A. Herculano — (Titulos iguaes aos do tomo I) — *Tomo* III — *Controversias e Estudos Historicos — Tomo* I — *Lisboa — Viuva Bertrand & C.ª — Successores, Carvalho & C.ª — Chiado, 73* — MDCCCLXXVI.

(Na parte inferior do verso d'este rosto: — *Lisboa — Imprensa Nacional*).

Breve Introdução aos escritos que se conteem neste volume, e que seu Ilustre Autor datou de janeiro de 1876.

Os escritos são, como se vê na resenha de pag. 129 de tomo XX (13.º do *Suplemento*) d'este *Dicionario*, os cinco que se referem á questão: *A Batalha de Ourique*, e se registam na parte d'esta tentativa destinada á *Epistolografia*, e o que tem por titulo: *Do estado das classes servas na Peninsula*, que já deixamos registado.

Auto-biografia de Alexandre Herculano. — 1877.

Parece que o despretencioso escrito deva remontar-se aos primeiros anos das relações do ilustre auto-biografado com o visconde de Juromenha, seu divulgador; isto é a partir de 1839.

Publicada com efeito pelo venerando titular, apareceu esta auto-biografia no jornal *A Nação*, n.º 9697, de 22 de setembro de 1877, em comemoração do passamento do Grande Historiador, sucedido a 13 d'este mês. Transcrita no *Diario de Noticias*, n.º 4171, de 23 dos referido mês e ano, foi inserida no artigo «*Araujo*», do *Dicionario Universal Portuguez*, editor Henrique Zeferino, tomo I, 1882.

Ultimamente, por ocasião do centenario do nascimento de Alexandre Herculano, 28 de março de 1910, reeditou o Sr. José Augusto do Amaral Frazão de Vasconcelos, no semanario *O Povo d'Oeiras*, n.º 78, de 10 de abril do predito ano, a referida auto-biografia acompanhada de uma nota biografica pessoal e literaria do visconde. De tudo fez tiragem especial de 50 exemplares, tendo a bondade de nos oferecer o numero 26, que agradecemos.

O Bobo por A. Herculano — Lisboa — Viuva Bertrand & C.ª — Chiado, 73. — MDCCCLXXVIII.

Conforme os editores advertiram, este romance historico, «publicado pela primeira vez em 1843, nas columnas do semanario *O Panorama*», saiu nesta edição com o primeiro capitulo totalmente refundido, o segundo e o terceiro com importantes correcções, e, no fim do volume, um formoso quadro de costumes, que, por incompleto, não poude entrar no lugar competente.

Intitula-se «*O S. João*», e deveria substituir o terceiro capitulo primitivo, que, depois de levemente modificado, passaria a ser o quarto, e assim os seguintes.

A contrafacção brazileira a que se refere o n.º 1937 da letra A, tomo VIII d'este *Dicionario* (1.º do *Suplemento*), tem as seguintes caracteristicas, não completamente descritas no predito numero:

O Bobo (1128) por A. Herculano — Rio de Janeiro — Livraria Popular — Rua de S. José n.º 75 — 1866. No verso: *Typographia Perseverança — Rua do Hospicio n.º 91.*

É volume de 318 paginas de 27 linhas, a 33 letras, pouco mais ou menos.

Opusculos por A. Herculano — (Titulos iguaes aos do tomo I) — *Tomo* IV — *Questões Publicas* — *Tomo* III — (Informações editoriaes identicas ás do tomo anterior) — MDCCCLXXIX.

(Na parte inferior do verso d'este rosto: — *Coimbra — Imprensa da Universidade*).

Este tomo é o primeiro publicado pelos legatarios (João Pedro da Costa Basto e João Maria Galhardo). Compreende, alem de uma «Advertencia» pelos referidos, pag. v a x, duas produções do eximio escritor; — *Os Vinculos*, 1856 e *A Emigração*, 1873-1875.

O primeiro d'estes dois escritos começado a publicar no jornal *A Patria*, conforme declaramos a pag. 634, e continuado no *Archivo Universal*, só neste volume logrou ficar completo. Das *Cartas sobre a Emigração* damos nota na *Epistolografia*.

Opusculos por A. Herculano — (Titulos iguaes aos do tomo I) — *Tomo* V — *Controversias e Estudos Historicos* — *Tomo* II — (Informações editoriaes identicas ás do tomo anterior) — MDCCCLXXXI.

(Na parte inferior do verso d'este rosto: — *Coimbra — Imprensa da Universidade*).

Tendo Antonio de Serpa Pimentel publicado neste mesmo ano o seu livro reivindicador: *Alexandre Herculano e o seu tempo*, os Editores dos *Opusculos* fizeram estampar neste tomo v, após o rosto, a seguinte dedicatoria:

«*Ao* | *Ill.*^{mo} *e Ex.*^{mo} *Senhor Conselheiro* | *Antonio de Serpa Pimentel* | *Dedicam* | *Os Editores*».

De carta que está presente, do punho do velho amigo de Herculano, se vê que ele não poude já referir-se, por estar concluido o seu livro, ás malevolas atoardas que davam o Autor da «*Semana Sancta*» por autor tambem da insulsa satira «*Os Pedreiros*», cuja 1.ª nota, só por si, bastaria para demonstrar não ser possivel que Herculano, com *dezoito anos*, possuisse já a erudição que tal nota supõe.

Serpa declara não ter visto a satira de que se trata, e foi, segundo tudo faz supor, escrita por José Agostinho de Macedo, mas crê ter em diversas notas do seu livro «ajustado as contas com os detractores de Herculano».

A uma extensa noticia sem epigrafe, estampada á frente d'este volume, e a seguir á precedente «Dedicatoria», acêrca da primitiva aparição dos escritos que este tomo encerra, compreendido o estudo incompleto sobre a *Existencia ou não Existencia do Feudalismo em Portugal*, seguem-se as oito produções constantes da resenha do tomo XX d'este *Dicionario*, a que já nos referimos.

A respeito da setima d'estas, a que se intitula: *Da Existencia ou não existencia do Feudalismo em Portugal*, e ocupa os dois ultimos anos da vida do Grande Historiador, explicam os Editores ser estudo inedito e não terminado. O seu Ilustre Autor completara VIII capitulos, deixando começado o IX. Os primeiros VI foram escritos em 1875, e os restantes algum tempo depois, sendo o não acabado IX ainda muito posterior.

Additamentos:

A — *Sortes Gothicas.*
B — *Feudo.*

Notas redigidas para servirem de elucidação á materia do capitulo (IX); o que ficou por acabar no escrito de que trata o artigo antecedente. Os editores as fizeram imprimir igualmente taes quaes foram encontradas.

Opusculos por A. Herculano — (Titulos iguaes aos do tomo I) — *Tomo* IV — *Segunda Edição* — *Questões Publicas* — *Tomo* III — (Informações editoriaes identicas ás do tomo anterior) — MDCCCLXXXII.

(Na parte inferior do verso d'este rosto : — *Coimbra* — *Imprensa da Universidade*).

Á «*Advertencia da Primeira Edição*», de pag. V a X, segue-se neste volume a exposição do empenho dos editores em enriquecer a presente edição, quando houvessem de a realizar, com as duas cartas trocadas entre o Sr. Paulo de Moraes e o Autor do consciencioso estudo acêrca da *Emigração*, por meio das quaes ficaria provado que a quebra da boa harmonia entre os dois antagonistas fôra apenas temporaria. Aparecera, porem, publicada no *Jornal do Commercio*, de 29 de junho de 1881, a carta do Autor, em resposta á do Sr. Paulo de Moraes; faltando, comtudo, encontrar entre os papeis do Ilustre Extinto a que originara a sua afectuosa resposta.

Recorrendo, pois, ao proprio autor da desaparecida carta, obtiveram os editores uma reconstituição d'ela, e é a que anda inserta no volume, em seguida a estas explicações.

A verdadeira carta, porem, a *original* que o seu Ilustre Destinatario teria escondido, como os editores supõem, porque a delicadeza do seu animo a tal o levaria, até das pessoas com quem mais privava; a carta tal qual foi escrita pelo Sr. Paulo de Moraes a Alexandre Herculano, sempre veiu a aparecer, e aqui a damos hoje pela primeira vez á luz tal qual vae ler-se.

«*Copia fiel da carta original, que só appareceu depois de impressa a 2.ª edição do 4.º vol. dos Opusculos*».

«Ill.mo e Ex.mo Sr. Alexandre Herculano

A noticia de que V. Ex.ª se achava gravemente enfermo no seu retiro de Val-de-Lobos, maguou profundamente os admiradores e amigos de V. Ex.ª, entre os quaes eu me empenho de ser contado, principalmente desde que uma imprudencia minha poz em risco a harmonia que existia entre mim e o meu melhor mestre e o meu mais benevolo amigo.

Eu tenho a intima convicção de que V. Ex.ª, no fundo do seu coração, já me perduou, tal é a bondade da sua alma; mas os remorsos não me abandonam emquanto V. Ex.ª não m'o confirmar, por si, ou por um dos seus amigos.

Para mais me tranquilisar, tinha deligenciado saber, por todos os modos, o que deveria acreditar dos boatos que, de um ao outro ponto da cidade, teem corrido de boca em boca a proposito da inquietadora noticia da doença de V. Ex.ª; até que encontrei o nosso amigo o Sr. Dulac, que me deixou mais satisfeito, dizendo-me que o perigo estava passado.

Fasso votos a Deus para que V. Ex.ª se restabeleça o mais breve possivel; e pesso-lhe que me restitua a sua amisade, e que não deixe de me considerar entre os que mais consideram e estimam V. Ex.ª, permanecendo, com inalteravel dedicação e altissimo respeito

de V. Ex.ª
am.º verd.º e obrig.mo

Paulo de Moraes.

15-3-76
Lisboa, Rua de Caetano Palha, 37».

«Certifico ser a letra da copia junta a propria de meu irmão João Pedro da Costa Basto.

Lisboa, 26 de dezembro de 1910.

José Manuel da Costa Basto».

«Reconheço a assinatura supra.

Lisboa, 13 de fevereiro de 1911.

Em test. de verdade, o notario, *José Carlos Rodrigues Grilo*.

(Sobre duas estampilhas do valor total de Réis 22)».

Comparando as duas cartas do Sr. Paulo de Moraes, a reconstituida e a verdadeira, acha-se que esta justifica de modo perfeitamente plausivel expressões da carta de Herculano que adiante se hão de ler, e ficariam, pelos termos da carta reconstituida, sem cabal explicação. A copia de João Basto foi tirada linha a linha, e pagina a pagina.

Opusculos por A. Herculano — (Titulos iguaes aos do tomo I) — *Tomo* VI — *Controversias e Estudos Historicos* — *Tomo* III — (Informações iguaes ás do tomo anterior) — MDCCCLXXXIV.

(Na parte inferior do verso d'este rosto: — *Coimbra — Imprensa da Universidade*).

Nada ha aqui a acrescentar, no tocante ás materias que compõem este volume, e se acham apontadas a pag. 129 e 130 do tomo XX do presente *Diccionario*. De cada uma d'elas damos noticia no decurso d'esta tentativa bibliografica.

Estudos sobre o Casamento Civil por occasião do Opusculo do Sr. visconde de Seabra sobre este assumpto por A. Herculano — Segunda Edição — Lisboa — Livraria Editora de Tavares Cardoso & Irmão — Largo do Camões, 5 e 6 — MDCCCXCII.

In-4.º menor de 299 paginas e mais uma de indice, não numerada.

No ante-rosto: — *Estudos sobre o Casamento Civil*.

No verso: — «Serão considerados de contrafacção todos os volumes que não forem numerados e por nós rubricados». (Segue-se o numero do exemplar e a chancela da firma editora: *Tavares Cardoso & Irmão*).

No verso do rosto: — *Lisboa — Typographia Mattos Moreira & Pinheiro — Rua do Jardim do Regedor, 39 e 41 — 1892*.

Seguem-se, como na primeira edição, a *Introducção* após a epigrafe da primeira serie, datada «(1866)», os titulos ou epigrafes das restantes duas series, e no fim, a pag. 272, repetida a data supra.

Depois, vem o *Appendice* (fol. 18), e logo:

Carta ao Director do Jornal do Commercio (Invocada a pag. 13 e 179). É, nova reedição integra da tiragem aproveitada da composição d'aquele jornal. Do facto resultam algumas divergencias ortograficas entre a materia do livro e a da *Carta* de que se trata.

Nesta 2.ª edição dos *Estudos* foram evitados os erros de composição constantes da taboa das *Erratas* da 1.ª, exceptuando o primeiro lapso: «*De Nuptiis*»,

que não houve emenda (*De Nuptiis*). Em troca, deram-se, como é inevitavel, outros lapsos, entre os quaes, a pag. 232, «Alves Pegas» por «Alvares Pegas». O capitulo I não tem a competente indicação. Esta edição carece de *Taboa de Erratas*, que, todavia, se torna precisa.

Opusculos por A. Herculano — (Titulos iguaes aos do tomo I) — *Tomo* VII — *Questões Publicas — Tomo* IV — *1.ª Edição — Lisboa — Tavares Cardoso & Irmão — Editores — 5, Largo de Camões, 6 — 1898.*

No verso d'este rosto, o numero do exemplar, a assinatura dos editores em *fac-simile*, e na parte inferior d'este verso: *Typ. da Empreza Litteraria e Typographica — Rua de D. Pedro, 184 — Porto.*

Alem da *Advertencia* dos editores, ocupando as pag. V a XI, nada mais ha a notar neste tomo, cujos artigos foram incluidos nos logares competentes d'esta revista.

Opusculos por A. Herculano — (Titulos iguaes aos do tomo I) — *Tomo* VIII — *Questões Publicas — Tomo* V — *1.ª Edição* — (Informações editoriaes identicas ás do tomo anterior) — MCMI.

No verso d'este rosto, *fac-simile* da firma editora e indicação da tipografia, que é a mesma anterior, com pequena diferença no titulo.

As materias contidas neste tomo são as constantes de pag. 129 do tomo XX d'este *Dicionario*, e todas teem sido registadas em seus competentes lugares nesta tentativa bibliografica.

Acrescem:

a) Extensa *Advertencia* do «*Segundo legatario*», dando a razão de ordem dos diversos escritos reunidos neste tomo, e analizando-os sob o ponto de vista que presidiu á elaboração de cada um d'eles, com farta copia de considerações sobre a historia social e politica das epocas em que taes escritos vieram a lume, e assás bem estabelecido criterio. Recorda tambem este «segundo legatario» (João Maria Galhardo) o falecimento do seu compartilhante o academico João Pedro da Costa Basto, e lavra o seu elogio como amigo dedicado de Alexandre Herculano, como seu discipulo, unico que poderia continuar a publicação dos *Portvgaliae Monvmenta*, tal qual veiu, com efeito, a acontecer, e como homem verdadeiramente virtuoso e bom que foi, na verdade, e de que tanto, por nossa parte humilde, nos presamos de poder dar testemunho.

b) Nota do mesmo «segundo legatario», acêrca dos documentos a que Herculano se referira em seu escrito intitulado: *Da Eschola Polytechnica e do Collegio dos Nobres.* Esta nota inclue parte do relatorio da comissão parlamentar nomeada para examinar a proposta do deputado por Lamego, a respeito do antigo instituto jesuitico, da qual Herculano foi relator, e compendia todos os fundamentos d'este assunto, com manifesta vantagem para a sua completa inteligencia.

Opusculos por A. Herculano — (Titulos iguaes aos do tomo I) — *Tomo* IX — *Litteratura — Tomo* I — Efige do fundador — Bertrand — 1732 — *Antiga Casa Bertrand — José Bastos & C.ª — Livraria Editora — 73, Rua Garrett, 75 — Lisboa.*

No ante-rosto : — *Opusculos — Tomo* IX — *Proprietarios e Editores : José Bastos & C.ª — Typographia de Francisco Luiz Gonçalves, T. do Sequeiro das Chagas, 16 — Lisboa — 1907*».

Na «Advertencia do coordenador» (João Maria Galhardo) posta á frente d'este volume, datada de 7 de maio de 1907, declara ele que os dois primeiros artigos com que este abre foram trasladados «da folha quinzenal — *Repositorio Litterario*, que se publicou durante alguns mezes de 1834 e 1835 na cidade do Porto, contando o articulista vinte e quatro annos de idade».

De todos os artigos que compõem o volume, que é o ultimo dos registados por nosso amigo e companheiro Brito Aranha, em seu quadro a pag. 130 do XX tomo d'este *Dicionario* (13.º do *Suplemento*), temos dado a competente nota no decurso d'esta tentativa bibliografica.

Opusculos por A. Herculano — (Titulos iguaes aos do tomo I) — *Tomo* X — *Questões Publicas — Tomo* VI — *1908* — Efigie do fundador — Bertrand — 1732 — (Informações editoriaes identicas ás do tomo anterior).

No ante-rosto : — *Editores e proprietarios : J. Bastos & C.ª — Composição e impressão na Typ. d'A Editora, Largo do Conde Barão, 50 — Lisboa.*

Na «Advertencia do coordenador» lembra-se que «o primeiro e mui extenso opusculo inserto no presente tomo foi publicado em maio de 1857.

A 1.ª edição é, das obras avulsas do Autor, mencionadas no artigo competente d'este *Dicionario*, tomo I, pag. 34, a que se acha inscrita sob o n.º 203.

Do segundo escrito : «*Analyse da Sentença, etc.*», explica ainda o mesmo coordenador que «veiu a publico sem designação de auctor ou auctores, mas, continua, sabemos que em pontos essenciaes foi escripto por Herculano, de collaboração com o advogado da parte injustamente ferida pela sentença. Sabemo-lo por informação do illustre advogado, e por uma carta que temos á vista do punho de Herculano». No lugar competente damos o nome d'este causidico, que foi particular amigo, e até compadre de Herculano, o extinto reitor do Liceu de Santarem, Dr. Joaquim Maria da Silva.

Quanto ao artigo «*As Heranças e os Institutos Pios*», informa ainda o mesmo coordenador constituir tal escrito «a replica que o auctor deu a quem quer que foi que parece ter-se empenhado em que a sentença criticada não fosse annullada, e que veiu á imprensa contestar as allegações da analyse. Foi publicado este estudo em uma das folhas da capital».

Tambem em seu lugar proprio apontamos qual esta folha foi, e os dias em que o estudo appareceu publicado.

No XX tomo d'este *Dicionario*, a pag. 324, se dá já noticia da publicação d'este volume, na forma das anteriores.

Composições Varias de A. Herculano — Efige do fundador — Bertrand — 1732 — *Antigas Casas Aillaud e Bertrand — Aillaud, Alves, Bastos & C.ª, Editores — 73, Rua Garrett, 75 — Lisboa.*

Na parte inferior do ante-rosto : — *Editores e Proprietarios, Aillaud, Alves, Bastos & C.ª — Composição e Impressão na Typographia José Bastos — Rua da Alegria, 100 — Lisboa.*

Não é datado este tomo, que não faz parte da collecção *Opusculos*, á qual parece ter se dado fim com o tomo X, das *Questões Publicas*, o VI. Crê-se, porem, que pertence ao ano de 1910.

Nos 11 escritos que este tomo inclue, o 1.º, o 4.º e o 7.º são ineditos, não se indicando no rosto de cada um mais que a informação «18.. (?)». Os restantes foram publicados por seu Autor no *Diario do Governo*, no *Panorama*, e nas *Memorias da Academia*, o ultimo, que segundo registamos em seu lugar proprio teve, alem d'isso, *separata* especial. De todos os mais temos por igual dado conta nos proprios lugares.

Os editores d'este tomo não fizeram preceder as materias nele contidas de especie alguma de Advertencia preliminar que ilucidasse os leitores a respeito das circunstancias, ao menos, em que foram encontrados os tres ineditos, que, especialmente pelo que toca aos dois primeiros, não foram concluidos. O ultimo deve relacionar-se com medida administrativa de caracter reivindicador que o Estado haja tomado, e que o Autor apoiou.

Como nosso amigo e companheiro Brito Aranha já não poude incluir a individuação d'este volume em sua nota de pag. 324 do tomo XX, aqui registamos para conhecimento de quem ainda não conheça o volume de que estamos tratando, os titulos dos escritos no mesmo contidos, como complemento ao Quadro qne veiu de pag. 128 a 130, do mesmo tomo XX. São os seguintes:

a) Conversão dos godos ao catholicismo (inedito).
b) Instrucção publica.
c) Da educação e instrucção das classes laboriosas.
d) Aristocracia hereditaria (inedito).
e) Jurados.
f) Tumultos d'Evora.
g) A questão de Salvaterra (inedito).
h) A padeira d'Aljubarrota.
i) D. Francisco Manuel de Mello.
j) Do Christianismo.
k) Memoria sobre a origem provavel dos Livros de Linhagens.

Epistolografia

1836—1876

V

O quadro da literatura epistolar de Alexandre Herculano, quer a que pertence ao geral conhecimento, por andar coleccionada em suas obras, quer a que, por estar disseminada por varias publicações literarias e politicas, não terá chegado á noticia de muitos dos admiradores do Grande Escritor, pode considerar-se distribuido pelas seguintes 5 especies:

1.ª — Cartas politicas...... { De interesse publico. / Referentes a assuntos pessoaes — (cartas e oficios).
2.ª — Literarias e historicas { Publicas. / Particulares.
3.ª — Beneficentes......... { Publicas. / Particulares.
4.ª — Particulares .... { Recomendatorias. / Por varios motivos. / De agradecimento.
5.ª — Familiares, acêrca de variadissimos assuntos, publicos, particulares e pessoaes.

Cartas politicas de interesse publico

Nestas devem considerar-se as seguintes oito grandes e importantes questões:

1850 a 1853 — Da Batalha de Ourique.
1853 — Da Propriedade Literaria.
1856 — Dos Cereaes.

1858 — Dos Foraes.
1858 — Das Irmãs da Caridade.
1866 — Do Casamento Civil.
1871 — Da Supressão das Conferencias do Casino.
1873 a 1875 — Da Emigração.

Questão da Batalha de Ourique. — 1850 a 1853.

Os 25 opusculos a que esta questão deu materia acham-se descritos, sob a epigrafe *Eu e o Clero,* no tomo II d'este *Dicionario,* n.º 142. Dos que pertencem a Herculano, todos epistolograficos, saidos da Imprensa Nacional, foram anunciados 3 no *Diario do Governo,* á proporção que iam aparecendo, isto é, de junho de 1850 a março de 1851 [1]. Custava 80 réis cada exemplar. Em 18 de maio de 1854 apareceu no *Diario do Governo,* n.º 115 o anuncio da colecção reunida em volume por 480 réis. O n.º 9, na ordem da publicação: — *Cartas ao P. Francisco Recreio,* não foi incluido na colecção sobredita, por ter sido editado pelo proprio Autor, em 8.º pequeno de 16 paginas, impresso na «Typ. de Castro & Irmão. Rua da Flor da Murta, 21 — Lisboa». Nesta mesma tipografia, e no mesmo ano de 1850, composto em formato igual, foi impresso o n.º 13 na ordem da publicação, que se intitula *A Questão do Clero — Cartas de um aldeão (Primeira Carta)* assinada no fim por Th. de C. (Tomás de Carvalho). Nem esta, porem, nem a de Herculano tiveram continuação, esta por motivos de caracter *carnavalesco,* a que a decencia não permite explicação, e de que foi perpetrante o reverendo destinatario.

Do n.º 14 — *Observações diplomaticas ... por um paleographo,* não deu Inocencio o nome do autor, por ter de respeitar-lhe o melindre que a sua excessiva modestia a todo o transe manteve. Agora, que é já de anos falecido, o declararemos, pois que de muitos na ocasião foi conhecido: — chamou-se João Pedro da Costa Basto, e bastou-lhe que o seu Grande Amigo o soubesse a seu lado, no terreno que era tanto da sua reconhecida competencia.

Ainda a respeito d'esta questão ha que mencionar mais dois escritos do punho do nosso Autor. São eles:

Carta ao Secretario perpetuo da Academia, acêrca das *tontices* do Academico Antonio Caetano Pereira;

Communicado inserto no jornal *O Portuguez,* n.º 193, datado de «Ajuda, 26 de novembro de 1853». Compreende a resposta á *Carta* supra, e o texto da deliberação da classe, acêrca das calumnias d'aquele dementado Academico.

A este *Communicado* respondeu Pereira *quatro anos depois,* e por modo que Herculano o mandou desafiar a duelo, ou que se retractasse. O desafiado nem aceitou o duelo nem se retractou, e Herculano teve de o abandonar á sua sorte.

Pereira morreu em 1867, deixando cá ficar os famosos manuscritos, em que inculcara fundar-se para levantar a poeirada que lhe deu triste celebridade. Passados anos, o Sr. David Lopes conseguiu, afinal, inteirar-se do conteudo da arabica papelada, e do exame resultou confirmar-se que taes *aravias* nunca se

---

[1] *Eu e o Clero,* ao Patriarca de Lisboa — junho, 1850. Em 11 de julho seguinte era tambem anunciada por Tulio, em o n.º 40 da *Revista Universal Lisbonense.*

Considerações Pacificas, ao redactor da *Nação* — julho, seguinte.

A Sciencia Arabico-Academica, ao Sr. A. J. da Silva Tulio — março, 1851. Publicada no jornal literario *A Semana;* depois anunciada no referido *Diario,* n.º 132, de 6 de junho do prodito ano.

As duas cartas *Solemnia Verba* foram reunidas em um só opusculo, e anunciadas na *Revista Universal Lisbonense,* n.º 7, correspondendo a 24 de outubro de 1850.

haviam referido a semelhante *batalha de Ourique*. O impostor que tal inculcara mereceu, em remate, da parte do distinto orientalista a seguinte apreciação, breve, mas significativa e decisoria:

«... Pereira mostrou-se, nesta questão que elle levantou malevolamente, de uma ignorancia e de uma incapacidade critica inauditas, e a sua inconsciencia de instrumento, que deve ter sido nas mãos dos adversarios de Herculano, toca as raias da insania[1]».

Questão da Propriedade Literaria. — 1851.

A alguns anos de distancia um do outro deram-se nos dominios das letras portuguesas dois casos que ficaram conhecidos pela indicação de *Propriedade Literaria*. O primeiro fôra por Antonio Feliciano de Castilho definido na *Revista Universal Lisbonense*, em 1843. Neste periodico literario deixou, com efeito, o venerando poeta registadas inumeras queixas contra «os piratas, que á sombra de bandeiras amigas por ahi se andam disfarçados, para nos irem, segundo o seu costume, sahir ao caminho e roubar-nos». Herculano foi muito mais explicito no *Panorama*.

Eis o artigo pelo Grande Escritor publicado neste semanario, e n.º 56 do volume II, serie 2.ª, 1843, que a pagina 578 prometemos transcrever na integra:

«*Propriedade Litteraria. — Aviso contra salteadores.*

Se ha no mundo paciencia e equanimidade heroica, tem-no sido sem a minima contradicção, por mais de cinco ou seis annos, a da imprensa portugueza, espoliada traiçoeiramente por alguns beduinos e traficantes litterarios, que assentaram as suas tendas de aduar, não nos desertos da Africa, mas na capital de um robusto e florescente imperio. Como succede quasi sempre ás grandes virtudes, a nossa tem, porventura, sido attribuida a motivos menos honrosos — ao desleixo ou á fraqueza; porque em logar de com o soffrimento movermos esses miseraveis a envergonharem-se do seu torpissimo proceder, só temos visto em resultado levarem as suas rapinas ao ultimo ápice do descaramento alárabe. É preciso, pois, que saibam que a paciencia humana tem, como tudo, um termo.

Algum ou alguns livreiros francezes estabelecidos no Brasil tomaram para honesto modo de vida roubar quanto a imprensa de Portugal produz. Seja bom ou seja máu, não ha livro, folheto, artigo de jornal popular, que não seja reproduzido pela imprensa franceza da America. É como o sacco de qualquer cidade da Europa dado pelos soldados de Bonaparte: vai tudo. Da altura da sua enorme sciencia e civilisação gallicana aquella boa gente olha com soberano desprezo para o publico brasileiro: «este povo rude e ignorante — dizem elles na profundeza dos seus pensamentos — lê sem entender, e esquece-se do que tem lido; lancemos nas columnas dos nossos jornaes-ecchos, dos nossos livros-alheios, quanto em Portugal se pensar e escrever. Que importa que os brasileiros o hajam lido em primeira mão? É um negocio de tempo. Quando cá sair a lume já o terão esquecido, e nós ganharemos dinheiro».

---

[1] *Os Arabes nas Obras de Alexandre Herculano*, pag. (176) a (182).

Tanto é esta opinião insolente e ingrata a que preside a tão baixo latrocinio, que nesses jornaes compostos unicamente de farrapos, mal cirzidos, dos jornaes populares portuguezes, nunca se encontrará a indicação, nem o nome do pobre espoliado. Estas indicações e estes nomes revelariam claro como o dia que os adellos litterarios não teem de seu para trazerem á praça nem a mais somenos mercadoria.

Ha um fado antigo que pésa sobre este mesquinho Portugal, e que, segundo cremos, a experiencia de muitos seculos converteu n'um desses rifões, que representam e resumem a sabedoria do povo. Tudo quanto é rapinavel e rapinado tem entre nós uma denominação caracteristica: chama-se-lhe *roupa de francezes;* porque os successos da nossa historia nos hão bem á nossa custa provado que no meio daquella nação, aliás generosa e honesta, ha muitos homens promptos sempre a lançar mão de tudo o que podem tirar sem resistencia e converte-lo em substancia propria. Os saltos dos normandos e lotharingios nas costas do Minho e da Beira durante o seculo 12.º; as depredações de Duguesclin e dos seus homens d'armas, a soldo dos reis de Castella, no fim do 14.º; as piratarias dos armadores da Bretanha e Normandia que no 16.º infestavam os nossos mares da Europa e da Africa; o sacco do Rio de Janeiro nos primeiros annos do 18.º; a invasão do principio do 19.º, em que ficaram as igrejas de Portugal sem um lampadario, sem uma custodia, sem um vaso sagrado; todos estes factos sanctificaram o rifão, e levaram até a ultima evidencia que sobre nós pesava o fatal destino, symbolisado na phrase popular.

Quando, porem, parecia que já neste pobre e humilhado paiz não haveria que roubar, acha o genio inventor de algum ou d'alguns francezes, que nem o fructo do pouco ou muito estudo, do muito ou pouco talento — propriedade sagrada entre todas as propriedades — se nos devia deixar. Depois de nos devorarem as mais remotas e menos legitimas riquezas de qualquer povo, as colonias e conquistas, espoliaram-nos dos bens mais domesticos, mais queridos, mais respeitaveis — os instrumentos do nosso culto; e como estas eram as ultimas raias do mundo material, ultrapassando-as, vieram ainda buscar-nos as tão tenues faculdades da intelligencia.

Mas, se, relativamente a Portugal, este proceder é o de salteadores covardes, relativamente ao Brasil é, alem disso, insultuoso e calumniador. Não seria o engenho brazileiro capaz de produzir obras d'arte ou de sciencia? Ahi estão as publicações americanas — verdadeiramente americanas — que respondam por nós. O jornal do Instituto Historico, o da Sociedade auxiliadora da Industria, o fazem cabalmente. Estas publicações e muitas outras, periodicas e não periodicas, dão testemunho de que tambem no grande imperio da America meridional ha sciencia grande e profunda, ha lettras, ha engenho. Se os especuladores da imprensa pertendem empregar-se no commercio das lettras, convoquem os filhos do Brasil, que podem e sabem, tão bem como os de Portugal, preencher honrosamente o ministerio de escriptores, e recompensem o seu trabalho, como se pratica por toda a parte; como se pratica entre nós. Então o seu commerçio será honestamente proveitoso para elles, util para as lettras brasileiras, e glorioso para o Brasil, em vez de ser uma calumnia affrontosa contra a nação que os acolheu, e um roubo insolente contra as emprezas typographicas da Europa, e contra os interesses dos homens da sciencia e da arte, nascidos alem do Atlantico.

Queremos nós com isto negar a qualquer editor de uma publicação periodica a faculdade de transcrever um ou outro artigo das publicações analogas, feitas em Portugal, um ou outro trecho dos livros portuguezes? Não por certo: tal pertenção seria absurda. Ha cousas que pela materia ou pela forma podem interessar os leitores do Brasil, e nesse caso, postoque os livros e periodicos de Portugal não sejam raros no Novo-Mundo, será um serviço feito á illustração nacional o dar a tal escripto a maior publicidade possivel: — sê-lo-hia até á gloria de seu auctor. Mas nisto ha discernimento e escolha; não ha o que se pratica hoje; não se misturam estupidamente diamantes com velorios, ouro com lentejoulas: cita-se o titulo da publicação, ou o nome do auctor que se copia. Similhante procedimento é o dos homens honestos, o contrario ou é inclassificavel ou pertence-lhe incontestavelmente a qualificação que acima lhe demos.

Que esse individuo, ou individuos, que se dizem membros de uma nação illustre, aprendam do proprio paiz onde vivem, e de cuja hospitalidade abusam, a respeitar a propriedade alheia. Quando os editores dos jornaes brasileiros mais graves e profundos, julgam dever dar nas columnas delles logar a composições portuguezas, jámais se esquecem dos deveres do homem probo, e escrupulosamente indicam as fontes a que recorreram. Os que talvez no seu orgulho acreditaram ter levado ao Brasil a diffusão das luzes encerrada nos seus caixões de typo, podem ahi receber lições — se acaso a sua comprehensão tanto alcança — de verdadeira illustração, e o que máis é, de verdadeira honestidade.

Appelamos para o bom juizo dos brasileiros, para a opinião publica, para aquelles que por mais de um titulo são nossos irmãos — os litteratos do imperio. Trata-se não só de nós, não só dos interesses de Portugal; trata-se igualmente do Brasil, da sua gloria, do futuro dos seus escriptores. — A questão da propriedade litteraria é hoje uma gravissima questão da velha Europa: a immoralidade internacional neste objecto capitalissimo é um dos cancros que a devoram. Não consintam os brasileiros que este ou aquelle estrangeiro possa innocular livremente n'um povo virgem um virus que corroe as nossas sociedades decadentes. Em Portugal isto só produz damnos individuaes: no Brasil produzirá um damno commum. Nós podemos dizer-lhe: *Res vestra agitur*.

Agora que os cirzidores d'alheios farrapos transcrevam como seu este artigo.

A. Herculano».

Herculano verberava, pois, o *latrocinio literario*, puro e simples, facto que nada tem de comum com a questão da *propriedade literaria*, tal qual ela surgiu em **1851**, quando da Convenção com França, negociada por Garrett, e pelo Grande Escritor com tanta veemencia censurada. Em **1843**, os directores de dois jornaes literarios insurgiam-se contra o facto de varios livreiros franceses, estabelecidos no Brasil, roubarem quanto a imprensa de Portugal produzia, com a agravante de ocultarem a indicação ou a proveniencia dos roubos e o nome dos pobres espoliados. Em **1851**, o publicista negava a existencia a uma especie de *propriedade*, a que se pretendia dar foros de *direito*; pretenção contra a qual ele lavrava o seu muito energico protesto, declarando-se adversario irreductivel de semelhante doutrina, como depois o confirmava na discussão do Codigo Civil, onde, conforme vimos, declarou votar contra a sua inclusão naquele repositorio da jurisprudencia patria.

Que acontece após? Extingue-se o Grande Escritor, e requere Manuel Pinheiro Chagas ao imperante brasileiro uma lei de propriedade literaria que

acautele naquele país os interesses da literatura portuguesa, sem saber, talvez, que D. Pedro II se jactara de se ter pronunciado contra a famosa doutrina, muito antes que Herculano o fizesse[1]. Chega ao Brasil a famosa carta, e um jornal fluminense, a *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, em sua ancia de aplaudir a muito brilhante, mas menos solida argumentação do fecundo escritor, descobre que a Pinheiro Chagas escapara um dos mais convincentes argumentos com que poderia acabar de derruir «o castello de cartas» (*sic*) da argumentação de Herculano.

Segundo a *Gazeta de Noticias*, o grande escritor, pronunciando-se contra a doutrina da *Propriedade Literaria*, demonstrara mais uma vez ter caido em uma das suas muitas contradições, pois que não só *a defendera* no *Panorama*, como aproveitara a lei que a regulava, dispondo em seu testamento da propriedade dos seus escritos.

Publicou-se, pois, no *Commercio de Portugal*, datada de 22 de dezembro de 1879, uma extensa carta, em que se provou ao jornal incriminador brasileiro:

1.º Que Herculano, longe de defender no *Panorama* a doutrina da propriedade literaria, não fizera mais que verberar o *roubo* que praticavam no Brasil os livreiros franceses, estigmatizando-o vigorosamente;

2.º Que o Grande Escritor, sendo adverso á doutrina que se preconizava, do mesmo modo que sustentara com desassombro uma opinião pessoal no seio da comissão revisora do projecto de codigo civil, confirmando anos depois as opiniões manifestadas na *Carta* ao visconde de Almeida Garrett, dera um solene testemunho de acatamento á lei, logo que em lei tal doutrina se convertera, testando em favor de amigos seus a propriedade de alguns de seus escritos.

Perguntava-se, em remate, na aludida carta onde estava, em taes termos, a contradição em que se pretendia ter caido o venerando testador de Vale de Lobos?

Taes foram os ultimos ecos d'esta celebre questão. Os piratas literarios do Brasil, caindo em si, e sinceramente arrependidos de suas malfeitorias, tomaram com resolução outro expediente: — amaciaram os processos; fizeram-se contrafeitores das edições portuguesas. Neste caminho já vimos que nem o proprio Herculano escapou, apesar de ter a opinião que já registamos a pag. 481 d'esta tentativa bibliografica[2].

Na dissidencia que se estabelecera entre estes dois grandes vultos da nossa literatura moderna, o que mais doeu a Garrett, foi o artigo por Herculano publicado no jornal *O Paiz* logo que se divulgou o teor da Convenção negociada

---

[1] Excerpto do chamado Testamento Politico de D. Pedro de Alcantara, ex Imperador do Brasil, datado de Cannes, a 23 de abril de 1891, e transcrito do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, no *Commercio de Portugal* de 16 de junho do mesmo ano.

> «..... ....
> ....
> Estudei com cuidado o que era relativo á moeda corrente, e s› prendia á questão dos bancos. Quanto á legislação sobre privilegios, oppuz-me aos que se ligam á propriedade litteraria, sustentando assim as opiniões de Alexandre Herculano, antes que elle as tivesse manifestado».

Quere dizer: desde antes de 1851 já havia neste mundo uma pessoa, falando português, tão *heretica* em materia de *direito* (?) *de propriedade litteraria*, como veiu a declarar-se Alexandre Herculano.

Tal pessoa fôra o segundo imperador do Brasil, e foi a este que Manuel Pinheiro Chagas intentou, falecido já o autor da *Carta* ao visconde de Almeida Garrett, converter á oposta doutrina, preconizando-lhe um tratado de propiedade literaria com Portugal.

[2] A *Carta* de Pinheiro Chagas foi objecto de uma outra *Carta* a este escritor, redigida e publicada por João Pedro da Costa Basto (*Livraria Bertrand*, 1879). Nela se transcreve o que Vorepierre imprimiu em seu *Dictionnaire français illustré*, artigo *Propriedade Intellectual*, e é absolutamente contrario ao pretendido *direito de propriedade literaria*. A refutação das alegações de Pinheiro Chagas resultou completa e irrespondivel.

com França[1]. Do facto ficou testemunho na carta que o negociador português escreveu a Herculano, acusando-lhe a recepção de outra com que este acompanhara um exemplar que lhe enviou do seu Protesto contra aquela negociação. Na carta de Garrett a Herculano, que está presente, declara aquele que o que «sinceramente confessa o feriu, foi o artigo do Paiz», e dá os motivos, que são, em verdade, atendiveis. Apesar, porem, da frieza de relações em que ambos ficaram, Herculano, logo que se divulgou o perigo de vida em que se achava o Grande Poeta, e que devia terminar-lhe a existencia, foi visitá-lo. Gomes de Amorila deixou narrada a comovente visita, e comemorado o alvoroço e prazer que em causou ao ilustre doente, no III tomo das suas *Memorias Biographicas de Garrett*, a pag. 632.

A *Carta* ao visconde de Almeida Garrett que se intitula *Da Propriedade Litteraria e da recente convenção com França*, apareceu anunciada no *Diario do Governo*, n.º 300, de 20 de dezembro de 1851. Custava o mesmo preço de todos os opusculos que a firma Bertrand, editora, vendia, saidos da pena do Autor, no seu estabelecimento «aos Martyres»; — custava 80 réis.

O Autor fez de tal escrito, como já vimos, a materia de um dos volumes dos seus *Opusculos*, acrescentando-lhe um Apendice que tambem deixamos registado.

Questão dos cereaes. — 1856.

Carta publicada na *Revolução de Setembro* de 23 de março de 1856, suscitada pela leitura de um artigo de Antonio Rodrigues Sampaio, acêrca «da ultima reunião agricola», inserido em o numero do dia 18 do referido mês. O Autor desejava fazer rectificações áquele artigo, em que havia «allusões a muitas pessoas, mas principalmente a mim».

Conta a seguir como fora levado, por convite de Sampaio, apoiado pela assembleia, a falar nessa e em outras sessões, e como Sampaio, tendo começado por chamar manhosamente «*voz amiga*» a um artigo pelo Autor publicado na *Patria*[2], em que se preconizava como devendo ser aplicado a Portugal o sistema livre-cambista, refutou, apoiando os proteccionistas e dizendo-se tal, a proposta que Herculano apresentara, consubstanciando a sua doutrina no tocante ao assunto que se ventilava.

Esta carta é extensa, e aplica-se a responder ao artigo de Sampaio, analizando ponto por ponto o que naquela reunião se passara, e por conseguinte ás arguições d'aquele jornalista e deputado, pelo facto de Herculano ter abandonado a camara em 1841, e não ter, por conseguinte, votado contra os artigos da pauta que então se discutiam, contrarios ao proteccionismo que Herculano então advogava. O arguido lembra ai que o maior homem de Estado de Inglaterra, o fundador da liberdade comercial, Peel, foi proteccionista; era-o até na mesma data em que ele, arguido, o era tambem.

> «Pode-se perdoar, concluia do facto, a um homem obscuro, alheio á sciencia do governo, ter nessa epocha as idéas que ainda não tinha podido abandonar aquella aguia dos estadistas».

Interessante, não só por ser do escritor que a firmou, mas por se prender a uma questão de verdadeiro interesse nacional, visto como ai se defrontáram as

---

[1] É o que assinalamos a pag. 623, registando alguns dos artigos de Herculano naquele jornal insertos. Veio a lume em o n.º 79, correspondendo ao dia 23 de outubro.

[2] N.º 18, d'este mesmo ano.

duas escolas economicas; o «livre-cambio» e o «proteccionismo», esta carta, foi, a seguir á assinatura de Herculano, respondida por Sampaio, em um artigo não menos extenso do que extensa foi a carta que o provocou.

Quanto á passagem de Alexandre Herculano pelo parlamento, d'ela se ocupa com toda a individuação o Sr. Alberto Pimentel, em seu muito recomendavel livro: *Vinte Annos de Vida Litteraria* — Lisboa, 1908. (2.ª edição).

Questão dos Foraes.—1858.

No *Archivo Rural*, segundo a informação do compilador do tomo VII dos *Opusculos*, na «Advertencia» posta á frente do volume, publicou Herculano, datada de 10 de julho, ano supra, a carta dirigida ao fundador e redactor principal, Rodrigo de Moraes Soares, que tem por titulo:

Sobre a questão dos foraes.

É o ultimo dos assuntos reunidos naquele tomo.

Questão das Irmãs da Caridade — 1858.

A segunda das duas *Cartas* dirigidas a Manuel de Jesus Coelho, publicadas a pag. 180 e 181 do tomo I de *Cartas de Alexandre Herculano*, foi escrita ao destinatario antes da impressão do *Manifesto* de que damos noticia a pag. 636, e refere-se aos preparativos a que era preciso proceder, para se realizar a segunda sessão da Associação que se tratava de fundar.

É verdade que esta carta tem apenas por data: «5.ª fr.ª 58». Do conteudo, porem, do texto se vê que na projectada sessão haviam de ser aprovados os estatutos, os quaes em 25 de dezembro d'aquele ano não tinham ido ainda á aprovação do governo, achando-se, aliás, já nesse caso, como patenteia o texto da primeira das duas impressas cartas; (*Cartas*, e não «*Carta*», como os coleccionadores do volume epigrafaram).

Portanto, o simples confronto dos dois textos nos certifica estar trocada no aludido volume a disposição dos escritos epistolograficos de que se trata. No primeiro, comunicando o Autor ao destinatario que estará pronto o *Manifesto* até o fim do ano, recomenda-lhe, entre outras providencias que lembra, a aprovação dos estatutos pelo governo. No segundo trata-se da reunião da assembleia que ainda havia de os discutir. Havemos de ver adeante outro caso mais flagrante, neste mesmo I volume das *Cartas de Alexandre Herculano*, da pouca atenção que se prestou á sequencia epistolar que muito cumpria ter em vista numa publicação d'esta ordem.

Por estas duas cartas se pode ajuizar da parte importante que Herculano tomou na iniciativa da nascente e para logo gorada Associação, e por elas se pode avaliar tambem a ancia com que Aquele que as escreveu desejaria ir esquecer-se no retiro da solidão campestre, a sós com mais uma desilusão, do fracasso d'aquela tentativa de protesto contra a influencia do jesuitismo que dominava já a politica portuguesa, á qual tão indiferente se mostrou a população da capital..

Questão do Casamento Civil. — 1865-1866.

Uma vez conhecidas em fins do ano de 1865, as resoluções da comissão revisora do projecto de codigo civil, acêrca do casamento, considerado como *con-*

trato, e divulgada, sem ser posta á venda, a carta do duque de Saldanha ao presidente do ministerio, de 7 de novembro d'aquele ano, apareceu no *Jornal do Commercio*, com a data do 1.º de dezembro seguinte, a primeira das quatro *Cartas* que Herculano fez inserir naquela folha, e se acham descritas, bem como as *separatas* correspondentes, no tomo II do *Suplemento* d'este *Dicionario*, de pag. 182 a 184. Para este, pois, remetemos o leitor estudioso que queira haver noticia do grande numero de publicações que no resto d'aquele ano e no seguinte vieram a lume entre nós, e até no Rio de Janeiro, escrito do madeirense P. Patricio Moniz,

Foi na emergencia em que Herculano ia publicar no *Jornal do Commercio* a 3.ª das suas *Cartas* a D. Antonio da Costa, que visconde de Seabra saiu a publico editando as «*Duas palavras sobre o casamento*», a que já em outro artigo nos referimos. Por isso o futuro autor dos *Estudos ácerca do casamento civil* rematou a sua 3.ª *Carta*, escrevendo este tão conceituoso quão delicado fecho, no qual, como aliás não escapará ao leitor atento, ia já adeantado um arremesso ao contendor inconsiderado:

> «A voz, para mim imperiosa, do nobre visconde de Seabra tenho de despedir-me dos opusculos do Sr. D. Antonio. Faço-o com magua e saudade. Resta-me o linitivo de crer que, havendo tanta affinidade entre os argumentos e doutrinas dos dois illustres escriptores, terei de encontrar-me com esses opusculos, a cujo tracto cortez começava a affeiçoar-me, no novo campo a que sou chamado pela consideração que devo ao primeiro jurisconsulto, não direi do paiz, onde talvez haja outros que o egualem, mas da nossa aristocracia titular».

Acabava, portanto, a discussão sentimentalista, e ia começar a questão jurisprudente.

A Suppressão das Conferencias do Casino. — 1871.

Em 16 de maio de 1871 veiu a lume o programa de uma serie de «Conferencias democraticas», que se realizariam no *Casino* (edificio do largo da Abegoaria). Era assinado por Antero do Quental, Jaime Batalha Reis, Soromenho (Augusto Pereira do Vabo Anhaia Galego), Oliveira Martins (Joaquim Pedro de), Manuel de Arriaga, Teofilo Braga, Salomão Saragga, Augusto Fuschini, Germano Vieira de Meireles, Eça de Queiroz (José Maria de), Guilherme de Azevedo e Francisco Adolfo Coelho.

Inaugurou estas Conferencias, em 27 do sobredito mês, Antero do Quental, seguindo-se-lhe Augusto Soromenho, Eça de Queiroz e Francisco Adolfo Coelho. Eram passados vinte dias após a primeira conferencia, quando a autoridade policial proibiu as dos seguintes oradores [1].

Fôra o discurso de Antero do Quental pronunciado em a noite de 27 de maio do referido ano. Imprimiu-se, sendo editor o malogrado José Fontana, que ofereceu um exemplar a Alexandre Herculano, pedindo-lhe lhe dissesse o que lhe parecia. O Ilustre Consultado respondeu com a celebre *Carta* que foi divulgada sob a epigrafe posta a este artigo, e por seu Autor incluida entre os assuntos constantes do tomo I dos seus *Opusculos*, onde é o ultimo.

Rafael Bordalo Pinheiro tomou estas Conferencias, e a ordem policial que as fez cessar, para assunto de uma das suas mais chistosas caricaturas, a 7.ª, da colecção «*A Berlinda*».

---

[1] A proibição respondeu Antero na *Carta ao Ex.mo Sr. Antonio José de Avila, Marquês de Avila, presidente do conselho de ministros*, publicada sem data, nem logar de impressão.

Questão da Emigração — 1873-1875.

As XI *Cartas* por Herculano dirigidas a Carlos Bento da Silva, acêrca d'esta questão, suscitadas, como anda sabido, pelo questionario que devia servir de assunto a certos debates na Associação agricola d'esta capital, foram publicadas originariamente na *Revista Agricola*, tendo a 1.ª a data «dezembro de 1873», e a 11.ª a de «16 de março de 1875». Todas foram escritas em Vale de Lobos.

O Sr. Paulo de Moraes fez transcrever estas *Cartas*, da 3.ª em deante, nas colunas do *Jornal do Commercio*, aparecendo aí esta 3.ª em o n.º 6251, referente ao dia 8 de setembro de 1874, antecedida de um breve artigo apresentatorio. Depois foi acompanhando em varios outros numeros da predita folha com diversos artigos criticos o teor das *Cartas* que iam sendo publicadas.

Desde que o primeiro de taes artigos apareceu, respondeu-lhe Herculano, dirigindo-se sempre a Carlos Bento, muito benevola e cortezmente, e assim foi seguindo a discussão.

Por mofina, porem, esta azedou-se, por causa da «imprudencia» confessada pelo contraditor do Solitario de Vale de Lobos, como vimos no lugar competente[1], por ele cometida, classificando Herculano *«cartista da ultima hora»*. O Autor da *Voz do Propheta* sentiu-se do agravo, e deu por finda a discussão. Pela sua parte, o Sr. Paulo de Moraes fez seguir a transcrição da 11.ª e ultima *Carta sobre a Emigração* de um artigo, em que, estranhando a resolução tomada pelo seu antagonista, e insistindo, não obstante a declaração d'este de o não continuar a ler, em versar a materia, proseguiu dando ao seu escrito um tom pouco favoravel á vereda da reconciliação, apesar das duas linhas conciliatorias do fecho do predito artigo. (*Jornal do Commercio*, n.º 6424, de 7 de abril de 1875).

Havia tempos que Herculano passava atormentado por um padecimento antigo que pouco depois do terminar abrupto d'esta questão tivera, na aparencia, doloroso termo pela expulsão de um grande calculo vesical. Como o facto e suas molestas consequencias eram geralmente ignorados, muitos de seus correspondentes estranhavam a falta de resposta a repetidas cartas a que a doença do ilustre paciente não permitira atender.

Entre os que tinham porque doer-se do silencio persistente do enfermo agricultor de Vale de Lobos, contava-se a distinta escritora D. Guiomar Torrezão. Uma carta de Herculano, ainda mal convalescente, e já em vesperas de novo ataque, mais violento que o primeiro, e que d'esta vez lhe poz em perigo a existencia, datada de 22 de maio d'aquele ano de mau signo, lhe deu a conhecer os tristes motivos do silencio, interrompido em meio das dores que continuavam na região afectada, e tornavam ao enfermo «repugnante e violento qualquer trabalho de espirito, e ás vezes, o que é peior, os proprios movimentos do corpo».

E acrescentava Herculano:

> «Quasi que fiquei grato ao Paulo de Moraes pelas injurias que me libertaram de uma discussão que só podia ir escrevendo interrompidamente e ás meias duzias de linhas»[2].

Tal era a desagradavel impressão que persistia no espirito do Grande Escritor, acêrca d'esse episodio incidental que viera atravessar-se no caminho por ele tão brilhante quão doutamente começado a percorrer, e que desviando-o do objectivo a que respondiam as suas avisadas reflexões e experientes pontos de

---

[1] Carta *verdadeira*, até agora inedita, do Sr. Paulo de Moraes a Alexandre Herculano, a pag. 656 d'esta tentativa.

[2] Na colecção publicada pela irmã da distinta escritora, a que por vezes nos temos referido.

vista, acabava por impedir irremediavelmente a conclusão d'aquele formoso livro cujos capitulos os seus testamenteiros e legatarios reuniram no IV tomo dos *Opusculos*, sob o titulo generico *A Emigração*.

Proximamente um ano transcorrido, divulgava-se em Lisboa a noticia da grave doença que em Vale de Lobos acometera Alexandre Herculano. Haviam-se desvanecido de ambos os lados os impetos da paixão. Ao contrito testemunho de arrependimento, prestado pelo ofensor em tão decisoria ocasião, respondeu o ofendido com as linhas nobilissimas da resposta que para aqui trasladamos da 2.ª edição do tomo IV dos *Opusculos*, como o melhor fecho que poderiamos dar a esta noticia.

Diz assim:

Val-de-Lobos, 16 de março de 1876.

«Ill.mo e Ex.mo Sr. Paulo de Moraes

Ha dois dias apenas que me levanto da cama, e ainda estou assaz fraco para escrever com difficuldade; mas a carta de V. Ex.ª datada de hontem obriga-me a fazê-lo. As minhas noites não são excessivamente boas, mas esta seria a peior se o não fizesse desde já.

Ambos nós somos peninsulares, e o peninsular não pode discutir muito tempo sem paixão. Ambos nós peccamos; mas eu pequei mais porque tinha obrigação de ter o sangue menos ardente. O debate ia tomando uma direcção má. Era triste. Cortei-o. Resta concluir com o poeta romano: *veniam petimus damusque vicissim.*

Esteja V. Ex.ª certo de que tudo isso foi um aguaceiro que passou, e que V. Ex.ª nada perdeu nem da minha amizade, nem da minha estima, e que sempre me achará prompto a servi-lo, no pouco que posso servir, como bom amigo.

Desejava ser mais largo: não o permitte o estado de um velho que a doença e o facultativo martyrizaram durante cinco dias.

Sou, como o tenho sido ha annos,

De V. Ex.ª

respeitador amigo e obrig.mo

A. Herculano»[1].

Temos conhecimento da seguinte publicação:

«*Carta do Sr. Alexandre Herculano respondendo á Sociedade Real da Agricultura em Lisboa, annotada com observações pelo Dr. José Rodrigues de Mattos, medico pela Universidade de Coimbra, Official da Ordem da Torre e Espada, e residente no Rio de Janeiro. — Lisboa — Typographia Universal de Thomas Quintino Antunes, Impressor da Casa Real — Rua dos Calafates, 110. — 1874*».

É acompanhada de um comentario em dez Notas, datado do «Rio de Janeiro, 20 de abril de 1874» e saira publicada, segundo se depreende de uma noticia que a precede, no jornal brasileiro *A Reforma*, n.º 73, de 3 de abril do supradito ano, tendo por titulo «*Alexandre Herculano e a Emigração para o Brazil*». No Proemio com que era acompanhada esta publicação, por demais, a nosso ver, extemporanea e, em todo o caso, menos bem orientada, quanto á apreciação do

---

[1] Esta carta fôra, como se viu a pag. 656, publicada no *Jornal do Commercio*, de 29 de junho de 1881.

modo porque Herculano se exprime, congratula-se o articulista por Herculano «*advogar* a emigração para o Brazil, em contrario do que fazem em Portugal escritores *pigmeus*, procurando deprimir o Brazil, e escrevendo contra nós de um modo cruel e insensato».

Por sua parte, o Dr. Mattos escreve em Nota 8:

> «O Sr. Alexandre Herculano no genero de litterstura que brilhantemente tem cultivado, é a primeira e mais fertil capacidade illustrada de Portugal; como homem de reconhecido merecimento pelas suas virtudes e pela sua sabedoria eu lhe dedico e dedicarei sempre os maiores respeitos e affectos benevolos em tudo quanto um homem de honra se presa em dedicar a outro homem do mais reconhecido e apreciado merecimento. Não quizera ter lido ou sabido da carta que estou notando. O Sr. Herculano não tem sentimentos mais generosos, do que eu protesto sacrificar a todo o transe em defeza do seu e meu paiz; em honra do nome portuguez, no interesse dos meus compatriotas».

Após este *introito*, prosegue o menos bem orientado facultativo:

> «É falso o conceito do Sr. A. Herculano, quando assevera que a *tyrannia da extrema miseria* embrutece todas as faculdades da alma nas classes dos trabalhadores do campo e das aldeias».

Gera pasmo semelhante alegação! Todos nós podemos verificar que na *Carta I* das da *Emigração* que o Dr. Matos transcreve integralmente, não ha nem uma só palavra que faça presumir semelhante asseveração, qual ele atribue a Herculano! Não é menos certo, comtudo que é d'essa gratuita afirmativa que o Dr. Matos se serve para chegar á seguinte retumbante conclusão:

> «esta affirmativa de *miseria* está desmentida nos factos da grandiosa exportação de cereaes, gado, vinhos, laãs, oleos e artefactos!»

E aqui está para que Herculano gastou a sua magnifica prosa e pôs patente a sua experiencia, o seu saber e a sua sempre boa vontade de ser util á terra que lhe chamou filho[1]!

Cartas politicas — Assuntos pessoaes[2]

Carta ao Presidente da Camara Municipal do Porto, Manuel Pereira Guimarães. — 1836.

Esta *Carta*, na qual Herculano dá a demissão do lugar de 2.º bibliotecario da Biblioteca Municipal d'aquela cidade, já viera pela primeira vez á imprensa

---

[1] Ha d'esta *Carta* um exemplar na Biblioteca Municipal do Porto.

[2] D'estas e das especies seguintes se escolhem as mais notaveis, não podendo nós empreender a tarefa de compendiar quantas cartas de todos os generos teem vindo a publico, do punho de Herculano, desde que se pensou em celebrar-lhe o Centenario. Vejam-se, entanto, não só o I volume de *Cartas* do nosso Autor, aqui citado, mas o II, que acaba de vir a lume.

na biografia do Grande Historiador, estampada no *Almanaque Luso-Brazileiro, para o ano de 1877*. Depois, a publicou de novo o autor do artigo «*Araujo*», no vol. I do *Dicionario Universal Portuguez*, editor Zeferino (1882). Ainda veiu impressa no jornal *Nova Alvorada*, de Vila Nova de Famalicão, n.º 11 de 1 de fevereiro de 1894. Por ultimo, apareceu no tomo I das *Cartas de Alexandre Herculano*, a pag. 178. Aqui, porem, tambem esta carta devera ter tido a precedencia, já pela data (17 de setembro de 1836), já pela pessoa a quem era dirigida, á que se lhe antepôs, conforme claramente está indicando a comparação de um com outro texto.

Carta a Manoel da Silva Passos. — 1836.

Insiste Herculano perante o ministro do reino, pela demissão que ainda lhe não fôra dada de 2.º bibliotecario da biblioteca supra mencionada.

Conforme acima se diz, lê-se esta carta no tomo I de *Cartas de Alexandre Herculano*, a pag. 176, devendo ter sido estampada, consoante ao que mandava a cronologia e a logica, a pag. 178, pois que, alem do assunto, esta carta está datada de *19 de outubro de 1836*; isto é, trinta e dois dias depois da primeira.

Na transcrição a que nos estamos referindo notam-se duas faltas de atenção que se tornam reparadas. Não se duvida que Herculano escrevesse «Manuel», isto é, *u*, em vez de o. Na epigrafe, porem, d'esta carta devera o transcritor ter feito imprimir «Carta a Passos Manoel», visto como é assim que se lê em toda a diplomatica d'este ministro o seu baptismal, e portanto como ele o ortografava. Sem ir mais longe, está a prova na assinatura a pag. 117 do vol. VIII do *Archivo Historico Portuguez*, onde se estampa o melhor da carta por Manoel Passos escrita a Herculano, dada a lume pelo general Sr. Brito Rebelo. Passos escrevia o seu nome proprio como Francisco Manoel do Nascimento e outros autores da melhor nota, incluindo o proprio Bocage, que, posto ortografasse em breve o baptismal, deixou no anagrama «*Elmano*» a prova de que empregaria *o* e não *u*, se por extenso assinasse. Deve pois ser: «*Liceu Passos Manoel*», se assim se pretende homenagear a memoria do referendario do decreto de 15 de novembro de 1836.

A outra falta de atenção que notamos é a que se denunciou na transcrição do fecho d'esta mesma carta, na qual o inatento copista atribue a Alexandre Herculano a invertida construção de uma frase que o lidimo Escritor jamais fixaria no papel.

Remata Herculano a sua pungente missiva ao ministro setembrista escrevendo:

«A Providencia *se não* esqueça de V. Ex.ª, etc.».

Na transcrição a que nos estamos referindo lê-se, porem:

«A Providencia *não se* esqueça de V. Ex.ª, etc.».

É calunia literaria esta que se não deve deixar passar sem reparo.

A carta de que se trata pode ler-se em sua integra a pag. 185 do presente volume, onde nosso prezado companheiro Brito Aranha muito a proposito a fez inserir, transcrita do jornal portuense *O Tripeiro*. Sem que a oportunidade do nosso reparo careça de ser demonstrada, tão evidente é o desconcerto, perto se proporciona o desengano.

Resposta ás Censuras de Vilhena Saldanha. — 1846.

Nesta Carta ao Redactor da *Revista Universal Lisbonense*, publicada em o n.º 43 do tomo V, datada de «Ajuda, 8 de abril de 1846» defende Herculano al-

gumas asserções contidas no I volume da sua *Historia de Portugal*, rebatendo um artigo critico d'esta obra, publicado, em 2 do referido mês, em o n.º 41 da sobredita *Revista*, firmado «D. S. M. de Vilhena Saldanha».

Aproveita-se esta ocasião para advertir aos estudiosos que houverem de manusear a presente obra que não tendo o seu sempre lembrado autor tido noticia do apelido ultimo d'este escritor, registou-lhe apenas o penultimo; — *Vilhena*, não tendo podido advertir que «D. S. M. de Vilhena Saldanha» é o mesmo autor de quem ele declara não lhe constar «que haja publicado algum escripto em separado», além da circunstancia que o levou a incluir «D. Sancho Manuel de Vilhena» em seu *Dicionario*, tomo VII, pag. 197.

Carta á Academia Real das Sciencias. — Explica Herculano a razão porque mantem a resolução que tomara de se demitir do cargo de vice-presidente d'aquela douta corporação, apesar das instancias d'ela para que não persistisse em seu proposito, transmitidas pela comissão que para tal fim fôra nomeada.

Esta carta tem a data de 30 de abril de 1856, e foi transcrita por copia na *Conta dirigida ao Ministerio do Reino pela Segunda Classe* da sobredita Academia, *sobre o estado dos trabalhos relativos á publicação dos Monumentos Historicos de Portugal e sobre a suspensão delles. — Lisboa — Na Typographia da Academia — 1856.*

Foi incluida por seu Autor no tomo II dos *Opusculos*, onde é a 4.ª das composições nele impressas.

Carta ao Jornal do Commercio, datada de «Ajuda, 31 de dezembro de 1856».

Nesta carta repele Alexandre Herculano a malevola insinuação de que se achasse despeitado por que não houvesse nele recaido a nomeação para Guarda-mor da Torre do Tombo, e indigita como acto de justiça do ministro a nomeação para o cargo do antigo oficial-maior d'aquele Instituto, a quem o Governo, aliás, tratava oficialmente por guarda-mor interino, o venerando José Manuel Severo Aureliano Basto.

É, no tomo I de *Cartas de Alexandre Herculano*, a ultima.

Carta aos Eleitores do Circulo eleitoral de Cintra — 1858.

Saiu no *Jornal do Commercio*, n.º 1399, correspondente ao dia 23 de maio de 1858. D'ela se tiraram *separatas*, impressas na tipografia do mesmo jornal, «Rua da Cruz de Páo, n.º 14. — 1858».

Era precedida dest'outra carta dirigida ao redactor d'aquela folha:

> «*Sr. redactor.* — Tendo estado ausente no campo alguns dias por negocios particulares, achei, voltando a Lisboa, retardada no correio a communicação official da minha eleição de deputado pelo circulo 26.
>
> Resolvido a não acceitar aquella honrosa missão era do meu dever dar immediata rasão de mim a quem assim me dera uma prova de apreço. Tardei talvez; mas a culpa foi involuntaria. Da sua amisade espero que dando quanto antes logar no seu jornal á inclusa carta, me ajude a remir do modo possivel a minha falta.
>
> Ajuda, 22 de maio de 1858.
>
> *A. Herculano*».

Comentando com tal qual agrura a Carta a que a precedente se referia, fez Frederico Augusto Pereira de Moraes inserir no n.º 1406 do mesmo periodico (1 de junho de 1858), uma carta anonima, datada da «Aldêa dos Sacotes, no concelho de Cintra, 28 de maio de 1858», de que Inocencio Francisco da Silva, no artigo que lhe dedica neste *Dicionario*, (tomo III, pag. 98 e 99) o declara autor. Moraes fôra por muitos anos, e ainda sob informação do diligente bibliografo, delegado do M. P. naquela pitoresca vila, vindo a falecer (*Dicionario Bibliografico*, tomo II do *Suplemento*, pag. 398) na Tabua, para onde fôra nomeado juiz de direito, em novembro de 1869, no estado de quasi total cegueira.

Esta carta foi transcrita no jornal *O Primeiro de Janeiro*, n.º 154, do Porto, referido ao dia 18 de junho de 1888, vesperas da trasladação dos restos mortaes do Grande Escritor da Azoia para o claustro dos Jeronimos. Foi precedida de um primoroso artigo de fundo, áquele proposito.

Seu Autor a reeditara, inserindo-a no tomo II dos *Opusculos*, onde tem o 6.º lugar[1].

Acerca da recusa da Grã-Cruz de Santiago. — 1862.

Carta publicada no *Jornal do Commercio* de 7 de dezembro de 1862, explicando os motivos porque recusara a aceitação d'esta venera a el-rei D. Luis.

Alguns d'eles foram transcritos no livro «*Paginas Intimas no Primeiro Centenario de Alexandre Herculano*, Lisboa, 1910, a pag. 22.

Acerca da aplicação da pena de morte ao soldado Antonio Coelho. — 1874.

Carta publicada no *Jornal do Comercio* de 6 de novembro de 1874, contestando a atoarda de ter *conferenciado* com o rei D. Fernando, sobre a aplicação da pena de morte ao soldado Antonio Coelho.

Nesta carta escreveu Herculano o seguinte periodo, com que a fecha:

> «O direito publico d'estes reinos consagrou, entre outros, dois poderes: o poder da justiça e o poder da clemencia. Acima de ambos só poz a responsabilidade perante Deus.
>
> Não me coube a mim exercer nenhum d'elles, nem me cabe limital-os ou dirigil-os. Tentar por qualquer modo, com qualquer intuito, e em qualquer sentido, actuar pela compulsão moral sobre um ou sobre outro, affigura-se-me um attentado contra as instituições do paiz.
>
> Pode haver quem sinceramente pense de diverso modo: respeito as convicções alheias, mas permitta-se-me ser consequente commigo.
>
> Sou, etc.
>
> *A. Herculano*».

Apesar da grande isenção e exemplar imparcialidade que este período afirma, parece-nos, comtudo, que não ha-de ser dificil a quem ler a parte d'esta carta

---

[1] Doellinger, no *Elogio historico*, por nós já mais de uma vez citado, capitula esta *Carta* de «memoravel e muito instructiva, pelo esboço claro da situação do paiz».

que se refere ao caso triste a que ela alude, descortinar o que se estava passando nesta ocasião no intimo compassivo e bom d'aquele que a escreveu, sabendo-se, demais, que o punho que a assinou era o de um dos maiores adversarios que a pena de morte ainda aí teve entre nós.

Cartas literarias — Publicas

Revue Lusitanienne — Tome Premier — Première Année — 1 juillet — 5ème Livraison — Directeur — Ortaire Fournier — Lisbonne, au Bureau de la Revue Lusitanienne — Rue de Loureto (sic), 56 et chez tous les principaux libraires — 1852.

Foi nesta *Revista*, fasciculo e ano indicados, que Alexandre Herculano começou a publicação da sua magnifica monografia epistolografica, redigida em francês, tal qual o director da *Revue* advertiu em nota, a pag. 363, onde a aludida monografia começa:

Portraits et Caractères. — Mousinho da Silveira.

Em 1851 era chanceler da legação francesa em Lisboa M. Ortaire Fournier, membro da Sociedade dos Homens de Letras de Paris, ao qual a revolução de 1848 confiara aquele posto.

Consumado o golpe de Estado de 2 de dezembro do ano seguinte, M. Ortaire Fournier, que se conservara fiel á divisa da revolução: — *Liberdade, Igualdade, Fraternidade* —, sabendo d'aquele facto, e das tristes consequencias que se lhe seguiram, não hesitou em tornar publico o seu protesto contra a insurreição do Principe Presidente. O facto, que tanto honrava as convicções politicas do patriota, quanto o punha á mercê das inevitaveis represalias do novo Cesar, implicou para ele, como era bem natural, a destituição do cargo, seguida da proscrição e do exilio, como imediato corolario.

Resolveu então o ex-chanceler da legação francesa esperar os acontecimentos no país onde servira a sua patria, e lançar mão dos unicos, ainda que bem precarios recursos, de que podia dispor, para viver; — os que lhe ministraria, acaso, a sua antiga situação de homem de letras.

Eis, pois, como nasceu a *Revue Lusitanienne*, cujo 1.º fasciculo apareceu em Lisboa no 1.º de maio de 1852, e cuja efemera existencia não foi alem de 5 de novembro, do ano sobredito, apesar do concurso que lhe ministraram os literatos portugueses mais em evidencia d'aquela epoca. Ficou constando de dois tomos, dos quaes, o I saido dos prelos da Imprensa Nacional, o II, bem como dois fasciculos de um incompleto tomo III, da Imprensa Andrade & C.ª — Calçada de Santo André, 5 a 56. — Ao todo, 14 fasciculos, tendo cada qual dos dois tomos a respectiva *Taboada das Materias.*

Manuel Bernardes Branco, dando noticia, no tomo I do seu *Portugal e os Estrangeiros*, de M. Ortaire Fournier, e da *Revista* de que foi fundador, e que tantos serviços prestou á literatura portuguesa do seu tempo, deixou escapar «*Fourrier*», por *Fournier*, e não mencionou os dois fasciculos ultimos d'aquela publicação.

Alem dos escritos de Herculano citados no texto, a *Revista* publicou, traduzidas, produções de Garrett e de Rebelo da Silva; artigos de Mendes Leal, escritos de Casal Ribeiro e Lobo de Avila, futuro conde de Valbom, critica teatral de Lopes de Mendonça e Luis de Vasconcelos, assim como a tradução do proprio Director da *Revista* do *Naufragio de Sepulveda*, de Jeronimo Corte Real, etc.

M. Ortaire Fournier traduziu tambem, em colaboração com seu amigo Desaules, *Os Lusiadas*, de Camões, edição de Paris, por Béthune & Plon, 1841, in 8.º de IV-LXVII-385-1. Noticia biografica e critica acêrca de Camões, por Ferdinand Denis, e tradução de algumas poesias do Grande Epico.

Aludimos ha pouco ao concurso por literatos portugueses prestado a M. Ortaire Fournier.

Na «Advertencia» posta á frente do tomo II, escrevia, com efeito, o ex-chanceler do consulado de França em Lisboa:

> «... déjà de nobles cœurs d'illustres intelligences ont répondu à nôtre appel fraternel; de sympathiques encouragements sont venus nous trouver.
>
> Merci, Herculano! Merci Mendes Leal! Merci Rebello da Silva, Casal Ribeiro, Lopes de Mendonça! Merci vous tous qui nous avez tendu une main amie et qui du riche trésor de vos pensées avez libéralement laissé tomber quelques diamants dans nôtre humble escarcelle! Seulement rappelez-vous qu'à qui donne si bien on demande toujours».

Herculano deve, em verdade, ter simpatizado com o infeliz homem de letras. Como ele, o laureado autor da *Historia de Portugal* procedera, em anos passados, de maneira analoga. Fournier, verberando a defecção do Presidente da Republica Francesa, jogara o seu futuro num acto de independencia, de que não ignorava as consequencias. Herculano, convidado a prestar juramento á Constituição de 1822, em sua qualidade de bibliotecario da Biblioteca Municipal Portuense, após o movimento de 10 de setembro de 1836, negou-se ao acto, e deu a demissão do emprego, «sacrificando assim o pão á voz da consciencia», como, escreveu o seu biografo[1]. As duas victimas de um igual despotismo compreendiam-se; Herculano não detestou menos Napoleão III, do que Fournier o execrou.

Foi pois na *Revue Lusitanienne* que Alexandre Herculano, não só por simpatia pelo infortunio imerecido, como para se desempenhar da promessa feita ao tão distinto quão pouco afortunado ex-chanceler francês, começou a publicar, sob a forma epistolografica, o seu monumental estudo acerca do grande legislador da Revolução Liberal, o infatigavel demolidor que se chamou José Xavier Mousinho da Silveira.

É um tanto acidentada, entretanto, a historia d'este escrito.

Começou ele no alto da pag. 363, como já notamos, sob o titulo generico «*Portraits et Caractères*», e o sub-titulo «*Mousinho da Silveira*», terminando em pag. 371, com a chamada d'este revolucionario ministro aos conselhos de D. Pedro. Não prosseguiu, porem, em nenhum dos subsequentes numeros, apesar de ter Herculano oferecido ao director da *Revista* um outro estudo, que foi por este traduzido e publicado, como em seu lugar registámos.

Só passados quatro anos apareceu a continuação e fim d'aquele belo trabalho no primeiro volume da *Revista Peninsular* (1855), reimprimindo-se tambem a parte que já viera a lume. D'esta fez o Autor o capitulo I, dividindo o resto em mais dois capitulos, epigrafando o estudo, e dando-lhe o titulo porque ficou definitivamente conhecido: — «*Mousinho da Silveira ou La Revolution Portugaise — 1856*». Como muito mais de metade do trabalho já não podia ser conhecido d'aquele para quem fôra começado, o Autor suprimiu-lhe o apelido, continuando, porem, para manter a logica da narrativa, a empregar a formula «*mon cher F.*». Foi assim que tudo passou para o II tomo dos *Opusculos*, onde tem o 5.º lugar.

Da composição da *Revista Peninsular* tiraram-se *separatas*, com o conhecido retrato litografico do Autor, em capas de papel pergaminho, cercadura dourada e titulos em tinta verde, para brindes a pessoas amigas. O exemplar que pertenceu ao Dr. Vicente Ferrer Neto Paiva foi adquirido por aquele infatigavel bibliofilo, e nosso sempre lembrado amigo, que se chamou Anibal Fernandes Tomás.

---

[1] *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para 1879*, pag. 9.

Quasi ao tempo em que o estudo ia entrar em composição na *Revista Peninsular*, onde pode ler-se entre pag. 210 e 224, do já lembrado 1.º volume, saía de pag. 7 a 16 a tradução castelhana da parte que já tinha vindo a lume na *Revue Lusitanienne*; tradução que supomos dever-se ao considerado politico e homem de letras espanhol, Don Sinibaldo de Mas, que versou na mesma *Revista*, com mão de mestre a famosa questão do *Milagre de Ourique*.

Ácerca do Poema «Paquita», de Raymundo Antonio de Bulhão Pato.

Carta em resposta a outra do autor, agradecendo-lhe a oferta do poema. É datada de «Ajuda, 20 de março de 1856». Na carta de Herculano ha a seguinte profetica predição:

> «Os godos, os francos, os vandalos, os gépidas, os hunos, as mil tribus que foram a mão de Deus no génesis da civilização modérna, são hoje as mil seitas que negam, não só as tradições das antigas monarchias, mas tambem os dogmas da vida civil; que negam a propriedade, a familia, a liberdade individual; a jerarchia, e por consequencia a civilisação e o progresso consubstanciados com esses dogmas; são as facções da democracia exclusiva, ambiciosa, saturada d'inveja e d'odios encruecidos por longas oppressões, por desprezos injustos; são as escolas dissolventes, que repudiando o passado, se aggridem mutuamente, mas que se unem debaixo de um estandarte unico, apenas sôa a hora de combater as classes civilisadas e corrompidas; é o vulgo que, do fôro onde tumultua, ora pensa que governa pela voz dos tribunos, ora applaude a tyrannia do primeiro soldado que o acaso ou o crime coroaram [1].
>
> Atravez de quinze seculos, duas barbarias, uma na historia, outra na actualidade, soltam unisonas o mesmo grito de exterminio. Para quem reflecte é facil antever a aproximação d'um novo génesis social num futuro mais ou menos remoto».

Esta *Carta*, precedida da que o autor do poema escrevera a Herculano, oferecendo-lhe o primeiro canto, datada de 5 de maio de 1856, apareceu em o n.º 1 do volume II da *Revista Peninsular*, do ano sobredito, datada de 20 d'aquele mês e ano. A seguir a ela, imprimiu-se o predito primeiro canto de *Paquita*.

Na 1.ª edição que o autor levou a efeito da primeira parte do seu poema, em 1866, foram reimpressas ambas as cartas como introdução. No *Diario Illustrado* de 12 de fevereiro de 1894, vindo a lume a segunda parte, se publicaram tambem alguns trechos da *Carta* de Herculano.

Almanach das Senhoras para 1874.

Foi neste *Almanaque* publicada a chistosa carta a que Antonio de Serpa se referiu, no livro *Alexandre Herculano e o seu tempo* — Lisboa, 1881 [2], dirigida á

---

[1] Alusão transparentissima ao golpe de Estado de 2 de dezembro de 1852, e suas consequencias.
[2] Nota A do texto de pag. 10. A referencia encontra-se a pag. 226.

editora D. Guiomar Torrezão, que principia: «Ha-de haver quinze a vinte annos (nisto de datas estou uma lastima)».

Esta carta foi transcrita a pag. 31 dos «*Trechos Litterarios de Alexandre Herculano*», dados a publico pela irmã da distinta escritora, D. Felismina Torrezão, em 1910.

Cartas literarias — Particulares

Carta a Oliveira Martins, ácerca do seu opusculo a respeito do «Romanceiro e Cancioneiro Português», de Teofilo Braga. — 1869.

Apesar de ter o destinatario dado a publico esta carta nas colunas do *Reporter* de 28 de junho de 1888 [1], cortando-lhe o primeiro periodo, em obsequio a uma natural e bem entendida modestia, os editores do tomo I de *Cartas de A. Herculano* não a incluiram na serie das que áquele seu correspondente escreveu o Solitario de Vale de Lobos, publicada de pag. 199 a 240 do aludido volume, e de que Oliveira Martins tambem deu varios trechos a seguir, e por ordem cronologica.

Note-se que em 1897 imprimiu o Sr. Joaquim de Araujo, em Genova, esta carta inteira [2], isto é, com o nome do Sr. Dr. Teofilo Braga, duas vezes suprimido na transcrição Oliveira Martins, e bem assim o periodo que se segue ás reticencias postas após as palavras «e o resultado ahi temos». Ainda assim, faltou nesta integra o pequeno periodo que se lê na edição *Reporter*: — «Aqui tem V. a verdade da minha apotheose» que se segue ao outro igual pequeno periodo fechado: — «Hoje não passo de um homem vulgar».

Aproveitamos o ensejo para reparar a inexactidão por nós cometida a pag. 410, nota [1], atribuindo o destino da carta de Herculano, de que no texto citamos uma frase, a Antero de Quental, em vez de a Oliveira Martins, como deviamos ter escrito.

Historia de Portugal, segundo o Plano de Ferdinand Deniz. — 1871.

Carta, datada de «Val-de-Lobos, 28 de agosto de 1871», e dirigida ao editor d'esta publicação, que vinha a lume sob a direcção de M. Pinheiro Chagas, declarando que «a impressão geral que lhe (ao sinatario) ficara da obra, nas passagens que examinara, lhe foi sobradamente favoravel».

Esta carta foi divulgada pelos jornaes do tempo.

Symmicta Lusitana (A). — 1873 ou 1874?

Por obsequiosa comunicação do Sr. José Basto, apareceu no *Archivo Historico Portuguez*, vol. I, n.º 11, novembro, 1903, uma carta de Herculano, dirigida a João Pedro da Costa Basto, crê-se indutivamente que por 1873 ou 1874, pois se não acha datada, explicando-lhe, ao que se entende, a solicitação sua, como nascera, o que é, e o estado em que ficou, por ocasião da ida de D. João VI para o Brasil, ou quando do seu regresso a Portugal, a celebre Colecção da Biblioteca da Ajuda, que tem o titulo d'esta epigrafe.

---

[1] Dia em que se efectuou a trasladação dos restos mortaes do Grande Historiador da Azoia para os Jeronimos.

[2] «*Bibliographio Antheriano — Resposta aos Srs. Delfim Gomes e José Pereira de Sampaio*».

Cartas beneficentes — Publicas

As Freiras de Lorvão. — 1853. — «A Antonio de Serpa Pimentel».

Esta carta, publicada no *Periodico dos Pobres* (jornal do Porto), referente ao dia 6 de agosto de 1853, foi transcrita integralmente, e segundo informa o autor d'este *Dicionario*, na 2.ª serie da *Lysia Poetica*, nota W, publicação editorada no Rio de Janeiro, de 1857 a 1860, e nos termos constantes do artigo 858 da letra L.

Seu Autor a incluiu entre as materias que formam o tomo I dos *Opusculos*, onde tem o 5.º lugar.

Os Inundados de Vallada. — 1876.

Carta ao sr. conde de Casal Ribeiro. (*Escrito postumo*). É datada de Vale de Lobos, 17 de dezembro de 1876, e apareceu no jornal «*A Renascença — Orgão dos trabalhos da geração moderna*». Publicação mensal. Director, Joaquim de Araujo, Porto. Imprensa Portuguesa. Janeiro, 1878. Fasciculo I.

Como facil é deduzir do titulo, Herculano tomou a resolução de escrever ao seu velho amigo, em favor dos de Vallada, cujo dique se tinha arrombado, com as cheias d'aquele ano, achando-se os moradores d'aquela laboriosa vila, por tal facto, a braços com as desastrosas consequencias de semelhante transtorno.

Nesta carta ha o seguinte periodo:

> «Espero que V. Ex.ª queira entender-se com o meu antigo amigo João de Andrade Corvo, a quem tambem escrevo sobre o assumpto».

Efectivamente, no *Mundo Economico*, n.º 2, referente a Fevereiro de 1903, foi publicada a carta de data igual á antecedente, dirigida a Corvo, então ministro das obras publicas.

Cumpre lembrar que no *Diario da Camara dos Pares*, do ano de 1884 aparece transcrita, a pag. 705, a maior parte da primeira das duas cartas objecto d'este artigo, por ter o seu ilustre destinatario conde de Casal Ribeiro feito leitura dos principaes periodos d'ela áquela alta assembleia politica da nação.

Cartas beneficentes — Particulares

Por motivos atendiveis suprimimos esta divisão, na qual, aliás, por sua natureza intima, poucos exemplares se conhecerão de caracter acentuadamente literario.

Cartas particulares — Recomendatorias

Cartas (duas), sem data, a Antonio José de Avila, então ministro da fazenda. Na primeira recomenda o padre José de Oliveira Berardo, para ser provido em um canonicato (chantre) da Sé de Vizeu, lugar que mui constrangido

requerera. Na segunda, comentando acremente o facto de ter o governo despachado para a Sé de Lisboa o ex-xabregano José Inacio Roquete [1], e esquecido o virtuoso e liberal padre Berardo, pede a Avila que obtenha do ministro dos ecclesiasticos lhe mande entregar o requerimento e documentos d'este sacerdote, habilitando assim a ele, Herculano, a reparar do modo possivel o mal que ao requerente causara, contribuindo, como solicitador, «para curvar a nobre e grande alma daquelle honrado velho aos pés do governo».

Não faltam igualmente nesta divisão os exemplares a assinalar. Em qualquer dos dois volumes de *Cartas* do nosso Autor vindos a lume poderão nossos leitores encontrar alguns. Com os que se conhecem dispersos se avolumaria certamente esta resenha, que por motivos imperiosos, somos, todavia, obrigados a encurtar.

Por esta mesma razão, suprimimos as duas ultimas divisões d'esta 4.ª especie, não deixando, comtudo, de assinalar a *Carta* por Herculano escrita a seus futuros editores, os honrados Irmãos Bertrand, em data de 4 de abril de 1845 (aniversario natalicio da Rainha Senhora D. Maria II), propondo-lhes o tomarem e edição da *Historia de Portugal*, cujo 1.º volume se achava pronto a dar á imprensa, bem como o «entregar-lhes tudo quanto publicar», sob condições iguaes ás que propunha para a impressão da *Historia*, que são modelo admiravel de singeleza, desinteresse pessoal e confiança naqueles a quem se dirigia.

Esta *Carta* pode ler-se no tomo I do *Boletim da Sociedade de Bibliophilos Barbosa Machado*, a pag. 40, e pertence a preciosa colecção do Sr. D. José Pessanha, nosso consocio e primoroso amigo.

Cartas familiares, etc.

É inumera a quantidade de *Cartas* d'esta especie, da pena de Alexandre Herculano, trazidas a lume durante e após o *Centenario* do Grande Historiador. Os mesmos ponderosos motivos supervenientes que nos obrigam a não utilizar com a desejada proficuidade as nossas notas a tal respeito, nos constrangem a reduzir esta 5.ª divisão ao citar dos dois volumes de *Cartas*, a que já nos temos referido, onde muitas d'esta especie já foram recolhidas.

Não a fecharemos, todavia, sem, á semelhança do que acima praticamos, notando a *Carta* de Herculano aos Irmãos Bertrand, lembrar a que o malogrado Antonio Francisco Barata publicou, entre as 8 da colecção Filipe de Soure, em sua *Homenagem da Cidade de Evora a Alexandre Herculano* — 1910. É a 7.ª da predita excelente colecção; e não tem data.

Estas duas *Cartas*, a escrita aos Irmãos Bertrand, e a dirigida ao conselheiro Joaquim Filipe de Soure, a que nos estamos referindo, consideramo-las, com efeito, como que as duas balisas entre as quaes se manifesta o caracter todo inteiro do Ilustre Solitario de Vale de Lobos.

Acolá, a singela modestia do homem de letras, já tão vantajosamente conhecido, admirado e respeitado entre seus compatriotas, entregando o monumento da sua futura gloria, como historiador da patria nacionalidade, nas mãos honradas dos dois prototipos do comercio de livros português, com a confiança, o

---

[1] Não lhe declara o nome, mas o retrato que d'ele faz é a fotografia mais perfeita que se possa exigir do afrancesado autor do «*Codigo do Bom Tom*». Esta carta é verdadeiramente notavel. É a exautoração completa do ex-frade e do ministro que nomeou o recomendado da reacção jesuitica, esquecendo o reprobo liberal.

desprendimento pessoal e o testemunho aí implicito, de quanto respeitava os que tanto estimaria quisessem ser seus futuros e constantes editores. Aqui, uma verdadeira auto-biografia; a «repugnancia invencivel ao ruido do mundo», a «especie de mania pela solidão rural» brigando contra a perspectiva de uma viagem pela Europa, cheia de apresentações solenes, cortada de visitas inevitaveis e inevitavelmente obrigadas a retribuição, «falando de letras, de livros, das cousas que mais me seccam», conspirando-se tudo para resistir ao amavel convite do seu grande amigo — este sim! que o mostrou ser até muito alem da Morte! — para irem ambos arejar-se, divertir-se, *gosar* por essa Europa fora ... *Gosar!* Gosar, quem se contentava de ver as suas «tres faias» de Vale de Lobos, para ter maior prazer, do que o que lhe poderiam dar «todos os muzeus, monumentos, praças, theatros, bibliothecas da Europa!» — Que iria Ele lá fazer, que iria Ele lá ver, «se não achava lá as suas tres faias?!».

Aditamentos e correcções

Por se terem extraviado as notas relativas aos dois seguintes artigos, e só na revisão final se ter atentado nesta falta, aqui as damos agora:

O Panorama. — 1844. — Vol. VIII:
Fevereiro, 10. — N.º 111. — Bibliografia. — *Anna de Geierstein, ou a donzella do nevoeiro — Novella de Walter Scott*, traduzida pelo Sr. A. J. Ramalho e Sousa. 4 volumes, 8.º Tipografia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

Elogia esta nova tradução do laborioso vulgarizador da obra romantica do autor de *Ivanhoe, Quintino Durward e Kenilworth*, declarando não poder acreditar que após taes, tão esmeradas e conscienciosas versões, quaes as tem dado a lume este notavel cultor da puresa do idioma nacional, e competente sabedor do idioma inglês, haja ainda entre nós quem confesse não conhecer as obras de Sir Walter Scott, nada tendo perdido a originalidade dos seus escritos, ao tomar carta de naturalização em Portugal, pela tradução do vernaculo Ramalho e Sousa.

Conta, após, o enredo do romance, parecendo-lhe que nenhum dos ideados pela brilhante imaginacão do celebre autor escocês é mais, do que *Anna de Geierstein*, proprio para atrair a atenção dos leitores, aos quaes desafogadamente recomenda as belesas d'esta novela.

Setembro, 21. — N.º 143. — Bibliografia. — *Elementos de Direito Natural ou de Philosophia do Direito por V. Ferrer Neto de* (sic) *Paiva.* — Coimbra, 1844. 1 vol. 8.º

Recorda o que havia um ano tinha escrito, acêrca da Universidade e dos membros respeitaveis do seu corpo docente: — «A resposta que a Universidade tem dado, e *ha-de continuar a dar*, aos detractores injustos d'ela, são as prelecções dos seus professores; os seus compendios e livros [1]».

Sobre este tema se baseia o elogio de Herculano ao novo livro do profundo catedratico, citando a opinião de Silvestre Pinheiro Ferreira, emitida no *Pantologo*, e tomando d'aqui pretexto para continuar a pronunciar-se contra os que — — já neste tempo! — bramiam contra o secular Instituto de D. Diniz, clamando

---

[1] Veja-se, a pag. 580—581, o artigo acêrca do *Curso de Direito Natural*, do mesmo autor.

Matae-a! Matae-a! O que, servindo de lição para o presente, nos leva a repetir: *Nihil sub sole novum* ...

A tal respeito, continuamos a repetir o que já aqui deixamos escrito: opiniões de Herculano, pelo que respeita à conservação da Universidade de Coimbra, e mantença de suas tão seculares quão nobres tradições, regalias e bem merecidos encomios, parecem escritas hontem, e aplicadas como correctivo ao vento de insania que produziu os tristes resultados a que todos compungidamente temos assistido, como consequencia da guerra de morte votada ao secular Instituto por quem não compreendeu o alcance do raio que desencadeou.

Entre as *Cartas particulares* do nosso Autor uma aparece, que não tendo cunho literario, não é fora de proposito lembrar, por se ligar a um episodio da sua missão academica. Referimo-nos á *Carta* que foi publicada no opusculo de Ariosto Silva, VII da «*Bibliotheca dos Assumptos Notaveis*», editado no Porto em 1910. É dirigida ao distinto pintor portuense e habil daguerrotipista, João Baptista Ribeiro, escrita no Porto, e datada da «Hospedaria do Paraizo, 27 de setembro».

Nela lhe pede o sinatario um dos dois exemplares do retrato em daguerrotipo que lhe tirara, preferindo o retratado o que o representa sentado a uma mesa, «que ficou mais carregado em tinta».

Esta carta foi estampada no referido opusculo em fototipia, acompanhada da reproducção pelo mesmo processo, do retrato referido. No texto declara-se ignorar-se o ano em que tal carta foi escrita. — É o de 1854, pois que a 29 do predito mês de setembro entrou a barra de Lisboa o vapor português *Cysne,* procedente d'aquela cidade[1], que deve ter trazido a seu bordo o ilustre Historiador, de regresso da 2.ª das suas excursões ás provincias do norte, em comissão da Academia Real das Sciencias.

Deduz-se o facto das proprias frases com que principia esta *Carta:* — «Amanhã ás 7 horas parto no *Cysne* para Lisboa, etc.». No 2.º dos Itinerarios impressos no *Almanaque de Lembranças para 1879* pelo biografo Rodrigues Cordeiro, marca-se a viagem por mar do Porto para Lisboa, nos ultimos dias de setembro, mas sem designação do dia da chegada. «Ocultava-o, explica o diligente biografo, de proposito para não incomodar amigos e fugir a demonstrações».

Tres colecções de *Cartas* de Alexandre Herculano estão, que saibamos, perdidas. Duas, pelo menos, inteiramente aniquiladas. D'estas são: — as que pelo Grande Historiador foram escritas a Antonio da Silva Tulio, as quaes este homem de letras nos disse, pouco depois do passamento de Herculano, ter rasgado todas, e as que pertencerem ao desditoso Costa Goodolphim, e foram destruidas por uma subita inundação no gabinete de trabalho do operoso escritor, salvandose apenas a que este ligara ao seu exemplar de *Eurico*, e foi por nós publicada no *Archivo Historico Portuguez*, vol. VIII, pag. 153. Tendo-se, ao que nos constou, feirado a livraria do distinto economista, algum tempo a seguir após o seu falecimento, quem sabe para onde foi parar o preciso volume, e em que mãos ele terá ido cair!

---

[1] *Diario do Governo*, n.º 230, de 30 de setembro de 1854. — «*Registo do Porto de Lisboa*».

Resta a terceira colecção. É a que pertencia ao visconde de Seabra. O eminente jurisconsulto fôra dos intimos da mocidade de Herculano. Como Manoel Passos, tratavam-se de «*tu*» com o Autor do *Eurico* e do *Monge de Cister*, conforme se vê das cartas dadas a lume pelo general Sr. Brito Rebelo, no volume do *Archivo Historico* supra citado. A colecção de Seabra era volumosa. Vimo-la nas mãos de Monsenhor Pinto de Campos, quando este, regressando de Mogofores, de onde a trouxera, no-la veiu mostrar. O distinto sacerdote pernambucano faleceu no Hotel de Bragança, vindo a esta capital um seu parente e herdeiro recolher-lhe o espolio. Levou para o Brasil os preciosos autografos, ou foram estes aniquilados em Lisboa? Pergunta é esta a que não podemos responder.

Na Parte das Poesias do nosso Autor, em romances e artigos, a pag. 475 d'esta tentativa bibliografica, escapou mencionar as trovas e voltas do moço do monte, Galeote Estevens, a pag. 155-156, do tomo I de *Monge de Cister*, edição de 1848. São mais 17 versos a acrescentar á totalidade dos 4:966 originaes do *Quadro* de pag. 497.

Por mal advertida colocação de notas, diz-se no artigo «*Biographia Litteraria*», a pag. 523, que acaba nele «a pratica seguida por Herculano de formar em *oens* o plural dos nomes acabados em *ão*».

Esta observação devia ter seguido, não neste artigo, mas no que se epigrafa «*Cortes Portuguezas*», na pagina seguinte, a materia que o compõe, pois que é neste, e não naquele, que de facto acabou a sobredita pratica, como é facil de verificar, texto á vista.

Temos chegado ao termo da carreira que nos propusemos percorrer, não como desejavamos, mas como foi possivel á nossa pouquidade, agravado tudo com o incompleto final que, ao cabo de tres anos de incessante labor, se nos tornou forçoso dar á nossa mais que modesta tentativa bibliografica.

De todas as nossas faltas, de todos os nossos erros, que não deixam de abundar, decerto, por todas estas paginas em fora, dada a nossa confessada incompetencia, pedimos desculpa a todos os leitores pacientes. Infelizmente, é só quando chegados ao termo do nosso escopo, que olhando com tristeza o caminho percorrido, percebemos quanto cabedal nos faltava para a pretenciosa empreza, e de quanta indulgencia, a mais da ordinaria no espirito generoso de quem nos ler, careceriamos, para uma absolvição a que está já agora reduzido todo nosso unico fito. Tanto é certo que, do que pretendemos, do que fizemos bem pouco resta para o pessoal contentamento! E ainda mal! Que neste desconsolado desengano derradeiro, o que mais nos doe de tudo, é o pouco bem servida que ficou a veneranda memoria, pessoal e literaria, do nosso querido extinto; d'Aquele que foi objecto a estas talvez por demais ambiciosas paginas, e se chamou: — **Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo.**

Taboa alfabetica e cronologica
de todos os artigos compreendidos na segunda parte d'este tomo,
referidos ás diversas composições, em verso (originaes e traducções) e em prosa,
devidas á pena de

ALEXANDRE HERCULANO

com a indicaçao das paginas onde se encontrem

Erratas d'esta segunda parte

Pag.	Linhas	Lapsos	Emendas
353	46	1846	1844
432	29	1830	1838
439	50	281	282
452	6	foi	é
543	Nota [2]	*Dictionary Dates*	*Dictionary of Dates*
582	4	A primeira	A segunda
667	8	Amorila	Amorim
667	9	em	ela

As letras que faltam na nota [2], de pag. 357, e cairam na maquina, diziam juntas:

desempenhou do.

A pag. 371, nota [1], caiu o f no vocabulo:

feliz.

Na transcrição da carta da Marquesa d'Alorna, a pag. 388, faltou comar-lhe o fim.

Alguns lapsos mais se poderão notar, mas sendo tão compreensiveis os vocabulos que lhes foram objecto, o leitor indulgente por si proprio os remediará.

Algumas das obras de Brito Aranha

1. *O casamento e a mortalha no céo se talha.* Conto original. Lisboa, 1853.

2. *Uma tradição religiosa.* Lenda de Emilio Castelar. Lisboa, 1856. 8.º

3. *A galera do senhor de Vivonne.* Por Amedée de Bast. Romance. Lisboa, 1857. 8.º

4. *Viva o papa!* Opusculo politico. Tradução. Lisboa, 1857.

5. *O imperador, Roma e o rei de Italia.* Opusculo politico. Tradução. Lisboa, 1861. 8.º

6 e 7. *Lendas, tradições e contos hespanhoes.* Lisboa, 1862. 8.º 2 tomos.

É um florilegio hespanhol, em que entram formosas composições de Goizueta (poeta das provincias vascongadas), Trueba e Alarcon (os mais estimados e populares contistas de Espanha); Sagrera e Pravia e D. Maria del Pinar.

8. *O papa e o congresso.* Versão de um opusculo politico atribuido a alto personagem francês nas suas divergencias com a curia romana. D'ele se fizeram muitas edições em varios idiomas por instancias do governo francês. Lisboa, 1859. 8.º

9. *Os jesuitas em 1860.* Lisboa, 1861. 8.º

10. *Os jesuitas e lazaristas.* 2.ª edição, acrescentada. Lisboa, 1861. 8.º de 200 pag.

A extracção d'este notabilissimo opusculo vertido do francês e anotado foi rapida e tão extraordinaria no meio português que poucos meses depois se fez a segunda impressão, duplicando-se a tiragem e acrescentando-se-lhe alguns esclarecimentos indispensaveis, historicos, a proposito da gravissima questão das congregações religiosas no ensino, que naquella epoca se ventilava com desusada energia e audacia, entre os elementos verdadeiramente liberaes em Portugal, entrando em controversias vigorosas e vibrantes nas quaes figuravam em fileiras cerradas escritores e oradores de envergadura. A segunda edição tambem se exauriu em pouco tempo e teve a recomendá-la a noticia de que fôra condemnada pelos jesuitas em Roma.

11. *Glorificação da imprensa.* (Homenagem a Victor Hugo). Lisboa, 1862. 8.º

Edição do autor. Tiragem limitada para brindes. Não se expôs á venda.

12. *Guia do parocho no exercicio do seu ministerio,* etc. (Com apendice: duas orações de Massilon). Lisboa, 1856. 8.º

A esta edição seguiram-se outras pelo mesmo editor A. M. Pereira, mas com as quaes o compilador nada teve por se lhe haver dado outra orientação.

13. *O bom senso e o bom gosto. Humilde parecer.* Com uma carta do grande poeta A. F. de Castilho. Lisboa, 1866. 8.º

Pertence á serie da extensa e afamada controversia literaria que tem a denominação de «*Bom senso e bom gosto*», na qual entraram a maioria dos escritores que então figuravam na republica das boas letras, tanto no periodismo quotidiano como fora dessa acção intelectual.

14. *Glorificação do actor.* Lisboa, 1864. 8.º

Edição de conta do autor para brindes. Fôra dedicada ao grande actor Tasso, gloria da scena portuguesa. Não entrou no mercado.

15. *Leituras moraes, instructivas e populares, para as escolas primarias.*

Esta obra teve 8 edições sucessivas com aprovação oficial e foi adoptada em grande numero de escolas assim no continente como nas ilhas e no ultramar. As tiragens foram de milhares de exemplares.

16. *Primeiro livro da infancia.* Parte I e II.

Tem-se igualmente feito d'este livrinho infantil varias edições.

Em duas exposições, em Antuerpia e em Paris, recebeu premios nas respectivas secções de instrucção publica.

17. *Memorias historico-estatisticas de algumas villas e povoações de Portugal.* Com documentos ineditos e prefacio do illustre e benemerito academico e bibliografo Inocencio da Silva, fundador do *Diccionario bi-bibliographico portuguez.* Lisboa, 1871. 8.º

Grosso volume de quasi 350 pag., contendo as seguintes mui interessantes monograias:

I. *Povoa de Varzim.*
II. *Louzã.*
III. *Marinha Grande.*
IV. *Peso da Regoa.*
V. *Mossamedes.*
VI. *Vista Alegre.*

Alguns exemplares com o retrato do autor.

18. *Ás armas pela França!* Scena dramatica dedicada a Victor Hugo e representada com aplausos unanimes, repetidas vezes, no teatro do Gymnasio. Tem adjunta a tradução em francês com o vigoroso himno *A Marselhesa.* Lisboa, 1871. 8.º

19. *Lagrimas e saudades.* Duas paiavras ao sr. Theophilo Ottoni acêrca de Rebelo da Silva, com o retrato d'este egregio estadista, poeta e orador. Lisboa, 1872. 8.º

20. *Compendio de chorographia do Brazil para uso das escolas primarias.* Lisboa, 1872. 8.º

21. *Emilia dos Anjos.* Esboço biografico-critico com o retrato d'esta atriz. Lisboa, 1874. 8.º

Tiragem limitada para brindes. Não entrou no mercado.

22. *Esboços e recordações.* Lisboa, 1875. 8.º

Contém notas descritivas de varias localidades nacionaes e biograficas de cidadãos ilustres.

23. *Camões e os Lusiadas. 1580–1880. Idéa da resurreição da patria.* Discurso na sessão solemne na Associação dos melhoramentos das classes laboriosas. 1880. 8.º

24. *Gravura de madeira em Portugal.* (Importantissima colecção de gravuras em varios generos do afamado professor de gravura da escola de belas-artes de Lisboa, João Pedroso, com artigos descritivos do autor). 4.º

25. *Processos celebres do Marquez de Pombal. Factos curiosos e escandalosos da sua epoca.* Lisboa, 1882. 8.º

Saiu anonimo. A edição, de mais de 1:000 exemplares, extraiu-se em pouco mais de um mês, o que não sucede muitas vezes no mercado dos livros portugueses. Camilo Castelo Branco, que não conheceu o autor, nem pessoa alguma lhe desvendou o nome obscuro, elogiou este trabalho num dos seus livros historicos.

26. *Exposição agricola de 1884 na tapada da Ajuda. Instrucção agricola. Bibliographia.* Lisboa, 1884. 8.º

Não entrou no mercado. O autor foi premiado nesta exposição.

27. *Subsidio para a historia do jornalismo nas provincias ultramarinas.* Lisboa, 1885. 8.º Com gravuras.

Publicação da Sociedade de Geografia de Lisboa. Não entrou no mercado.

28. *Mendes Leal. Memorias politicas e litterarias.* Lisboa, 1887. 8.º Com o retrato do ilustre estadista, poeta e escritor. Constitue um volume da colecção do «*Brinde*» do *Diario de Noticias.*

29. *Contos de Trueba.* Com prefacio do Conde de Valenças (Dr. Luis Jardim). Lisboa, 1889. 8.º

30. *Rapport de la section portugaise. (1.er congrès international de la presse 1894. Anvers).* Lisboa, 1894. 8.º Com a colaboração do Dr. Magalhães Lima.

Não entrou no mercado.

31. *A imprensa em Portugal nos seculos* XV *e* XVI. *As Ordenações de El-Rei D. Manuel I.* Lisboa, 1898. 8.º Com estampas fac-similes.

Não entrou no mercado.

32. *Bibliographie des ouvrages portugais pour servir à l'étude des villes, des villages, des institutions, des mœurs et coutumes, etc., du Portugal, Açores, Madère et possessions d'outremer.* Lisbonne, 1900. 8.º gr.

Impressa por conta do governo português para a exposição universal de Paris e lá abundantemente distribuida ás pessoas que visitavam a secção portuguesa.

Não entrou no mercado, nem o autor recebeu qualquer renumeração pelo seu trabalho.

33. *Mouvement de la presse périodique en Portugal de 1896 a 1900.* Lisbonne, 1900. 8.º gr.

Ibidem.

34. *Resenha succinta ou guia do que se contém nos volumes de miscellaneas apresentados na exposição do Rio de Janeiro como bagagem de um jornalista.* Colecção unica. Lisboa, 1908. 8.º

Não entrou no mercado. O expositor foi premiado com medalha de prata.

35, 36 e 37. *Factos e homens do meu tempo. Memorias de um jornalista.* Com retratos e fac-similes. Lisboa, 1907-1908. 8.º 3 tomos.

Nesta obra ha muitos apontamentos apreciaveis e notas de factos contemporaneos não divulgados na imprensa diaria, ou mal averiguados, ou ineditos. Entre os homens notaveis e ilustres, que figuram nesta colecção, já lisonjeiramente apreciada pelos entendidos, cuja opinião conscienciosa tem valor e peso, contam-se: *Alexandre Herculano, Victor Hugo, Teixeira de Vasconcellos, dr. José Carlos Rodrigues, Antonio Rodrigues Sampaio, Manuel de Jesus Coelho, Barão de Marajó, Manuel Pinheiro Chagas, Santos Valente, Tito de Carvalho, Manuela Rey, Urbano de Castro* e outros.

O tomo II d'estas *Memorias* só trata, com esclarecimentos não conhecidos ou imperfeitamento divulgados, de dois dos mais emiuentes homens que deram clarões assombrosos e impagaveis na historia literaria de Portugal e da França no seculo XIX.

38 a 49. *Diccionario bio-bibliographico portuguez. Estudos applicaveis a Portugal e ao Brazil.*

Nesta importantissima serie de estudos bio-bibliograficos (continuação dos do erudito e benemerito bibliofilo e bibliografo Inocencio Francisco da Silva, por contracto celebrado com as formalidades legaes com o governo português

em 1879 ou 1880, haverá uns 33 longos annos, consumidos em pesquisas e estudos, que é impossivel rememorar), pertencem a Brito Aranha os tomos já publicados, x a xxi (doze tomos com cerca de 6:000 pag. e grande numero de estampas, fac-similes copiados de obras muito raras, existentes nas bibliotecas nacionaes de Lisboa e Evora, e nas de alguns particulares. Esse numero de paginas será o equivalente, noutro tipo e noutro formato, a cêrca de 43 tomos.

O tomo xxi é dividido em duas partes: na primeira trata principalmente o autor da vida do egregio historiador e publicista e da celebração do centenario do seu nascimento com interessantes documentos elucidativos; e a segunda, por acordo com o erudito escritor e critico, Sr. Gomes de Brito, que tinha amplos e importantes estudos acêrca da monumental obra de Alexandre Herculano, incluiram-se esses estudos ineditos, e julgamos que o leitor nos agradecerá ter aproveitado esta oportunidade para os divulgar, tal é o alto valor que Brito Aranha lhes deu e que serão devida e justamente apreciados. Assim se enriqueceu o tomo presente que virá a ser um dos mais notaveis da colecção.

50 e 51. *A obra monumental de Camões. Estudos bio-bibliographicos.* Lisboa, 1881-1889. 8.° gr. 2 tomos com mais de 800 paginas, estampas e fac-similes.

52. *O Marquez de Pombal e o seu centenario.* Lisboa, 1907. 8.° gr. de 226 pag. Com estampas.

Tanto a *Obra monumental de Camões* como o *Marquez de Pombal e o seu centenario* (n.os 49, 50 e 51) constituem a tiragem separada dos estudos incluidos no *Diccionario bio-bibliographico.* Tiveram tiragem limitada em papel superior e por isso não é facil encontrarem-se no mercado da livraria.

53. *Contos e narrativas.* 1909. 8.° Entrou em uma das colecções da livraria editora A. M. Pereira.

54. *Nota ácerca das invasões francesas em Portugal,* etc. Lisboa, 1909. 8.° gr. Com retratos e estampas.

Impressa por conta da Academia das Sciencias de Lisboa.

55. *Antes e depois da batalha do Bussaco. Factos e homens dessa epoca memoravel.* Lisboa, 1911. 8.° Com o retrato do general Wellington, copia de gravura antiga. Com documentos ineditos.

Separata do *Boletim* da 2.ª classe da Academia das sciencias de Lisboa. Tambem não foi posta á venda.

56. *Christovão Colombo.* Comunicação á Academia das Sciencias de Lisboa acêrca da sua naturalidade com uma carta do academico Sr. Prospero Peragala. Lisboa. Não entrou no mercado.

57. *Christovão Colombo.* Segunda comunicação á mesma agremiação scientifica. Idem.

58. *Instituto historico e geografico do Brasil.* Idem.

59. *Gabriel Pereira.* Notas bio-bibliograficas com uma carta do Sr. Gomes de Brito. Idem. Com gravuras.

Além d'estes tem mais para imprimir:

60. *Diccionario bio-bibliographico,* tomo xxii (em preparação adeantada).

61. *Quadros da vida portuguesa antigos e modernos.* (Servirão de ampliação ás *Memorias,* das quaes o autor já publicou cinco volumes como se registam acima).

62. *A mulher nas diversas relações na familia e na sociedade* (segundo os estudos de um abalisado publicista).

63. *Additamento á* «Nota ácerca das invasões francezas», publicada em 1909, com documentos novos e interessantes.

Afóra um sem numero de artigos ou trechos que poderia aproveitar em mais alguns volumes.

COLOCAÇÃO DAS ESTAMPAS